

THOMAS PYNCHON

ARCO-ÍRIS DA GRAVIDADE



BERTRAND EDITORA

THOMAS PYNCHON

é o autor de culto de livros como *V*, *O Leilão do Lote 49* e *Mason & Dixon*. Considerado uma das vozes mais influentes da actualidade, conquistou um National Book Award com *Arco-Íris da Gravidade* e é invariavelmente apontado como um dos favoritos ao Prémio Nobel.

«Pynchon é como uma daquelas partículas atómicas de grande energia que nunca se vêem, mas cuja existência é inferida pelo rasto que vão deixando atrás de si.»

Revista *Time*

De Thomas Pynchon na Bertrand:

V.

Vício Intrínseco

«Um dos 100 melhores romances de sempre.»

Times

«A maior obra pós-moderna do século XX.»

Guido Almansi

«Uma Mad Comic metafísica, fenomenológica

e tecnológica.»

Revista *Time*

«*Arco-Iris da Gravidade* é de uma densidade esmagadora e de uma elaboração compulsiva, é tolo, obsceno, engraçado, pastoral, histórico, filosófico, poético, monótono, inspirado, tenebroso, frio, empolgado, desolado e maldito.»

New York Times

«A escala da sua obra ajudou-nos a localizar a nossa ficção não apenas em pequenos cantos anónimos, humanos e essenciais, como também lá fora, no panorama de uma imaginação elevada e dos sonhos colectivos.»

Don DeLillo

Vencedor do National Book Award e finalista do Prémio Pulitzer, que na altura não lhe foi atribuído porque o júri o considerou um livro «obsceno», *Arco-Iris da Gravidade* é um épico pós-moderno. A sua narrativa alargada, enciclopédica, e a fina análise do impacto da tecnologia na sociedade tornaram-no um livro de culto e a grande obra representativa da segunda metade do século XX.



Ficção Contemporânea

ISBN 978-972-25-2512-1

9 789722 525121

ARCO-ÍRIS DA GRAVIDADE

THOMAS PYNCHON

ARCO-ÍRIS DA GRAVIDADE

Tradução de
JORGE PEREIRINHA PIRES



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2012

Título original: *Gravity's Rainbow*

Autor: Thomas Pynchon

© 1973, Thomas Pynchon

Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa,
excepto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1

1500-499 Lisboa

Telefone: 21 762 60 00

Fax: 21 762 61 50

Correio electrónico: editora@bertrand.pt

www.bertrandeditora.pt

Design da capa: Vera Braga

Imagens da capa: Getty Images e Shutterstock Images

Revisão: Rosa Amorim

A pedido do tradutor, o presente texto
não segue o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Execução gráfica: Bloco Gráfico, Lda.

Unidade Industrial da Maia

1.ª edição: outubro de 2012

Depósito legal n.º 347 412/12

ISBN: 978-972-25-2512-1

Para Richard Fariña

PARA ALÉM DO ZERO

A Natureza não conhece extinção; conhece somente transformação. Tudo o que a ciência me ensinou, e continua a ensinar-me, fortalece a minha crença na continuidade da nossa existência espiritual após a morte.

— WERNHER VON BRAUN

□ □ □ □ □ □

Uma berraria vem através do céu. Já aconteceu antes, mas nada há que a compare com agora.

É tarde demais. A Evacuação continua a decorrer, mas é tudo teatro. Não há luzes dentro dos vagões. Não há luz em lado algum. Acima dele vigas de elevador tão velhas quanto uma rainha de ferro, e vidro algures muito no alto que deixaria passar a luz do dia. Mas é de noite. Ele receia o modo como o vidro cairá — dentro em pouco — será um espectáculo: a queda de um palácio de cristal. Mas caindo em escuridão total, sem uma centelha de luz, somente grande derrocada invisível.

Dentro da carruagem, que está construída em diversos níveis, ele senta-se em escuridão aveludada, sem nada para fumar, sentindo metal próximo e distante roçar-se e conectar-se, vapor soltando-se em baforadas, uma vibração na estrutura da carruagem, um pairar, uma inquietação, os outros todos comprimidos em redor, débeis, ovelhas de segunda, todos sem sorte e sem tempo: bêbedos, velhos veteranos ainda em choque devido a artilharia obsoleta há 20 anos, vigaristas em traje citadino, enjeitados, mulheres exaustas com mais filhos do que os que parecem poder pertencer a alguém, amontoados entre o resto das coisas a transportar para a salvação. Apenas os rostos mais próximos são minimamente visíveis, e mesmo assim somente como imagens meio prateadas numa mira, rostos VIP manchados de verde recordados por detrás de janelas à prova de bala que se deslocam velozmente pela cidade...

Começaram a mover-se. Seguem em fila, saindo da estação principal, saindo do centro urbano, e começam a avançar para partes

mais antigas e mais desoladas da cidade. Será este o caminho da saída? Rostos viram-se para as janelas, mas ninguém se atreve a perguntar, não em voz alta. Cai chuva. Não, não se trata de um desembaraçamento de, mas de um progressivo *embaraçamento em* — eles passam sob arcadas, entradas secretas de betão apodrecido que pareciam meios meandros de uma passagem inferior... certos suportes de madeira enegrecida desfilaram vagarosamente lá por cima, e começaram os cheiros a carvão de dias distantes no passado, cheiros de Invernos de nafta, de Domingos em que não passava trânsito algum, do coralíneo e misteriosamente vital crescimento, contornando as curvas cegas e saindo dos solitários ramais, um cheiro azedo à ausência de material rolante, a ferrugem maturada, desenvolvendo-se brilhante e profundamente através daqueles dias de esvaziamento, especialmente pela alvorada, com sombras azuis selando-lhe a passagem, para tentar trazer os eventos até ao Zero Absoluto... e quanto mais fundo vão mais pobre é... ruinosas cidades secretas de pobres, lugares cujos nomes ele jamais ouviu... as paredes abatem-se, os telhados tornam-se mais raros e as oportunidades de luz também. A via, que deveria desembocar numa artéria mais ampla, em vez disso tem vindo a tornar-se mais estreita, mais sinuosa, com esquinas cada vez mais apertadas até que de repente, cedo demais, eles estão sob o arco final: os travões bloqueiam e saltitam terrivelmente. É um julgamento do qual não há apelo.

A caravana deteve-se. É o fim da linha. Todos os evacuados são mandados sair. Movem-se lentamente, mas sem resistência. Aqueles que os conduzem usam cocardas da cor do chumbo, e não falam. É um qualquer vasto, muito antigo e escuro hotel, uma férrea extensão dos carris e dos transbordos que os trouxeram até aqui... Luzes globulares, pintadas de verde-escuro, pendem sob as extravagantes vigas de ferro, não iluminadas há séculos... a multidão move-se sem murmúrios nem tosses ao longo de corredores tão rectos e funcionais quanto os de um armazém... superfícies de veludo negro contêm o movimento: o cheiro é de madeira antiga, de alas remotas vazias durante todo este tempo e agora reabertas para acomodarem o afluxo de almas, de frio estuque em que todos os ratos morreram, somente os fantasmas deles, imóveis como pinturas rupestres, teimoso

e luminosamente fixados nas paredes... os evacuados são levados em lotes, por elevador — um movente andaime de madeira aberto por todos os lados, içado por velhas cordas alcatroadas e polés de ferro forjado cujos raios são em forma de Ss. Em cada piso castanho, passageiros entram e saem... milhares desses silenciosos quartos sem luz...

Alguns esperam sozinhos, alguns partilham os seus quartos invisíveis com outros. Invisíveis, sim, que importa o mobiliário, neste estado das coisas? Sob os pés estala o mais velho pó da cidade, últimas cristalizações de tudo o que a cidade negou, ameaçou, mentiu aos seus filhos. Cada um tem ouvido uma voz, uma voz que ele julgava falar apenas para si, dizer: «Tu não acreditavas realmente que irias ser salvo. Então, agora já todos sabemos quem somos. Ninguém alguma vez se daria ao trabalho de te salvar a ti, velho amigo...»

Não há saída. Ficar e esperar, ficar quieto e calado. A berraria mantém-se no céu. Quando chegar, chegará no escuro, ou trará a sua própria luz? A luz chegará antes ou depois?

Mas já há luz. Há quanto tempo há luz? Durante tudo isto, a luz coou-se até lá dentro, a par do frio ar matinal que agora passa pelos mamilos dele: começou a revelar um sortido de vagabundos bêbedos, alguns em uniforme e outros não, empunhando garrafas vazias ou quase-vazias, aqui dobrados sobre uma cadeira, ali enroscados junto a uma lareira fria, ou esparramados em vários divãs, tapetes por aspirar e chaises longues pelos diversos níveis da enorme sala, ressonando e assobiando em muitos ritmos, em coro auto-renovado, enquanto a luz de Londres, luz invernosa e elástica, cresce entre os rostos das janelas com pinázios, cresce entre os estratos do fumo da noite passada que ainda pende, desvanecido, das enceradas traves do tecto. Todos estes horizontais aqui, estes camaradas de armas, parecem tão rosados quanto um grupo de campónios holandeses sonhando com a sua certa ressurreição nos próximos minutos.

O nome dele é Capitão Geoffrey («Pirata») Prentice. Está embrulhado numa espessa manta, um xadrez de laranja, ferrugem, e escarlata. Sente que o seu crânio é feito de metal.

Por cima dele, três metros e meio mais acima, o Teddy Bloat está prestes a cair da galeria dos trovadores, tendo optado por sucumbir

no exacto local onde alguém num grandioso paroxismo, algumas semanas antes, arrancara a pontapé dois dos balaústres de ébano. Agora, no seu estupor, o Bloat tem vindo a avançar aos poucos através da abertura, cabeça, braços, e torso, até tudo o que o mantém lá em cima ser um copo de champanhe vazio que ele traz no bolso da anca, e que ali ficou preso de alguma maneira —

Neste momento o Pirata conseguiu sentar-se na sua estreita cama de solteiro, e pestanejar em redor. Que terrível. Que coisa tão terrível... por cima dele, ouve tecido a rasgar-se. O Executivo de Operações Especiais treinou-o para respostas rápidas. Salta para fora do seu catre e dá-lhe um pontapé, fazendo-o deslizar sobre os seus rodízios na direcção do Bloat. O Bloat, caindo a pique, acerta em cheio a meia-nau com um grande arpejo das molas da cama. Uma das pernas quebra-se. «Bom dia», observa o Pirata. O Bloat sorri brevemente e regressa ao sono, enroscando-se bem na manta do Pirata.

O Bloat é um dos co-inquilinos do local, uma moradia erigida no século passado, não longe do Aterro de Chelsea, por Corydon Throsp, um conhecido dos Rossettis que usava batas de cabeleireiro e gostava de cultivar plantas farmacêuticas no alto do telhado (tradição que o jovem Osbie Feel reviveu ultimamente), algumas das quais suficientemente robustas para resistirem a nevoeiros e a geadas, mas na sua maioria regressando, enquanto fragmentos de alcalóides peculiares, à terra do alto do telhado, junto com o esterco de um trio de premiadas porcas malhadas do Wessex ali aquarteladas pelo sucessor do Throsp, e com folhas mortas caídas das muitas árvores decorativas transplantadas para o telhado por inquilinos posteriores, e com a ocasional refeição intragável para ali lançada ou vomitada por este ou aquele epicurista sensível — tudo isso misturado, por fim, pelas navalhas das estações, num empaste, com trinta centímetros de altura, de um inacreditável solo negro no qual tudo poderia crescer, e desde logo bananas. O Pirata, levado ao desespero pela escassez de bananas durante a guerra, decidira construir uma estufa de vidro no telhado, e persuadira um amigo que voava na rota Rio-Ascension-Fort-Lamy a trazer-lhe um ou dois rebentos de bananeira, a troco de uma câmara alemã, caso o Pirata deparasse com alguma na sua próxima missão em pára-quedas.

O Pirata tornou-se famoso pelo seu Pequeno-Almoço de Banana. Juntavam-se ali colegas de messe vindos de toda a Inglaterra, até alguns que eram alérgicos ou plenamente hostis a bananas, só para verem — pois a política das bactérias, a viscosidade de anéis e correntes do solo em tramas cujas malhas somente Deus distinguirá, viram o fruto prosperar com frequência até comprimentos de meio metro, sim é espantoso mas é verdade.

O Pirata está no lavabo a mijar em pé, sem uma ideia na sua cabeça. Envolve-se depois num roupão de lã que ele veste às avessas de maneira a manter escondido o seu bolso dos cigarros, não que isso funcione muito bem, e contornando os corpos quentes dos amigos caminha até às portas da varanda, esgueira-se para o frio do exterior, geme quando este lhe atinge a obturação do dente, sobe uma escada em espiral que vai dar ao jardim do telhado e fica ali em pé um pouco, olhando o rio. O sol continua abaixo do horizonte. O dia promete chuva, mas por agora o ar está invulgarmente claro. A grande central eléctrica, e mais atrás a do gás, destacam-se com nitidez: cristais gerados na proveta da manhã, chaminés, respiradouros, torres, canalizações, nodosas emissões de vapor e de fumo...

«Hhahh», o Pirata num urro sem voz vendo o seu hálito fugir por cima dos parapeitos, «hhaahhh!» Telhados dançam na manhã. As suas bananas gigantes em cachos, amarelo radiante, verde húmido. Os seus companheiros lá em baixo sonham babosamente com um Pequeno-Almoço de Banana. Este dia tão límpido não deveria ser pior que qualquer outro —

Será? Ao longe a oriente, ao fundo do céu rosado, algo acabou de faiscar, muito intensamente. Uma nova estrela, nada de menos notável. Ele encosta-se ao parapeito para olhar. O ponto brilhante já se transformou numa curta linha branca vertical. Deve ser algures por cima do Mar do Norte... pelo menos a essa distância... campos de gelo por baixo e uma fria réstia de sol...

O que é? Nunca acontece nada como isto. Mas o Pirata sabe o que é, afinal. Viu-o num filme, ainda há quinze dias... é um rastro de vapor. Agora já subiu mais a grossura de um dedo. Mas não é de um avião. Os aviões não são lançados verticalmente. Esta é a nova, e ainda Muito Secreta, bomba-foguete Alemã.

«Vem aí correio.» Terá ele sussurrado isso, ou somente o pensou? Aperta o cinto desfiado do seu roupão. Bom, julga-se que o alcance dessas coisas seja superior a 300 quilómetros. Ora não se consegue ver um rastro de vapor a 300 quilómetros, não é.

Oh. Oh, sim: ao longo da curva da Terra, mais a oriente, o sol lá por cima, acabado de se erguer sobre a Holanda, está a atingir o escape do foguete, gotas e cristais, fazendo-os reluzir distintamente do outro lado do mar...

A linha branca, abruptamente, interrompeu a sua ascensão. Deve ser o corte de alimentação, o fim da queima, qual é a palavra deles... Brennschluss. Nós não temos nenhuma. Ou então está classificada. O fundo da linha, a estrela original, já começou a desvanecer-se em rubra aurora. Mas o foguete estará aqui antes que o Pirata veja o dia nascer.

O rastro, em desagregação, ligeiramente torcido em duas ou três direcções, paira no céu. Já o foguete, tornado balística pura, subiu mais alto. Mas agora invisível.

Não deveria ele ir fazendo qualquer coisa... ir para a sala de operações em Stanmore, eles devem apanhá-lo no radar do Canal — não: não há tempo, realmente. Menos de cinco minutos desde Haia até aqui (o tempo que demora a ir a pé até à loja de chá da esquina... para a luz vinda do sol chegar ao planeta do amor... não há tempo nenhum). Correr para a rua? Avisar os outros?

Colher bananas. Ele arrasta os pés entre adubo negro ao entrar na estufa. Sente estar quase a cagar-se. O míssil, a noventa quilómetros de altura, deverá estar a chegar ao pico da sua trajectória agora... a iniciar a sua descida... *agora...*

A armação do tecto é trespassada pela luz do dia, painéis leitosos irradiam benficialmente para baixo. Como poderia haver um Inverno — mesmo este — suficientemente cinzento para envelhecer este ferro que é capaz de cantar ao vento, ou enevoar estas janelas que se abrem para uma outra estação, ainda que falsamente preservada?

O Pirata olha para o seu relógio. Nada se regista. Os poros do rosto dele estão a formigar. Esvaziando o seu espírito — um truque de Comando — penetra no húmido calor do seu bananal, começa

a escolher as mais maduras e as melhores, levantando a saia do roupaõ para as deixar cair dentro desta. Autorizando-se a contar bananas apenas, movendo-se de pernas nuas entre os pendentes cachos, entre estes lustres amarelos, esta aurora tropical...

Sai de novo para o Inverno. O rasto de vapor desapareceu inteiramente do céu. O suor do Pirata assenta-lhe na pele quase tão frio como gelo.

Demora algum tempo a acender um cigarro. Não ouvirá a coisa chegar. Ela viaja mais depressa do que a velocidade do som. A primeira notícia que dela se tem é o rebentamento. Depois, caso ainda por ali estejamos, ouve-se o som dela a chegar.

E se ela acertasse *exactamente* — ah, não — durante uma fracção de segundo deveria sentir-se a própria ponta, com aquela massa terrível por cima, atingir o alto do crânio...

O Pirata levanta os ombros, carregando as suas bananas pela es cada em forma de saca-rolhas abaixo.



Atravessando um pátio de azulejos azuis, entrando por uma porta para a cozinha. Rotina: ligar à corrente a máquina misturadora americana ganhada a um Ianque no Verão passado, um jogo de póquer qualquer, apostas na mesa, um aquartelamento para oficiais solteiros algures no norte, já nem se lembra agora... Cortar várias bananas aos bocados. Fazer café no pote. Tirar lata de leite do frigorífico. Pôr as ‘nanas em puré no leite. Óptimo. *Hei-de rebocar todos os estômagos corroídos pela bebida em Inglaterra...* Um pouco de margarina, ainda cheira bem, derreter na sertã. Descascar mais bananas, cortá-las ao comprido. A margarina já fervilha, deitar para lá os pedaços compridos. Acender forno *whoomp* um dia destes ainda rebenta com todos nós oh, ha, ha, sim. As bananas inteiras descascadas vão para o grelhador logo que este aqueça. Encontrar a alteia...

Entra aos tropeções o Teddy Bloat com a manta do Pirata por cima da cabeça, escorrega numa casca de banana e cai de cu. «Matei-me», murmura ele.

«Os Alemães hão-de fazer isso por ti. Adivinha o que eu vi do telhado.»

«A tal V-2 vem a caminho?»

«O A4, sim.»

«Vi-o pela janela. Há uns dez minutos. Parecia esquisito, não era. Desde então não ouvi nada, talvez tu tenhas ouvido. Deve ter caído antes. No meio do mar ou qualquer coisa assim.»

«Dez minutos?» Tentando ler o tempo no seu relógio.

«Pelo menos.» O Bloat está sentado no chão, compondo a casca de banana numa lapela do pijama como botoeira.

O Pirata vai até ao telefone e afinal liga para Stanmore. Tem de passar pela habitualmente longa, longa rotina, mas sabe que já deixou de acreditar no foguete que viu. Deus sacudiu-o por si, para fora do seu céu sem ar, como a uma banana de aço. «Daqui é o Prentice, será que vocês apanharam algum pip vindo da Holanda há uns momentos. Aha. Aha. Sim, nós *vimo-lo*.» Isto podia arruinar o gosto de um homem pelo nascer do sol. Ele desliga. «Perderam-no por cima da costa. Chamam-lhe um Brennschluss prematuro.»

«Anima-te», o Teddy rastejando de volta para o catre esquecendo. «Hão-de vir mais.»

O bom e velho Bloat, sempre com palavras positivas. O Pirata durante alguns segundos ali, à espera de falar com Stanmore, estava a pensar, o Perigo acabou, o Pequeno-Almoço de Banana está salvo. Mas é só um adiamento. Pois claro. Virão deveras outros, cada um deles com a mesma probabilidade de lhe acertar em cima. Ninguém em nenhum dos lados da frente sabe ao certo quantos mais. Temo-nos de parar de olhar para o céu?

O Osbie Feel posta-se na galeria dos trovadores, segurando uma das maiores bananas do Pirata de maneira que ela se projecte pela bragUILHA das suas calças de pijama às riscas — afagando com a sua outra mão a grande curva amarelenta em tercinas sobre um fundo de 4/4 na direcção do tecto, saúda a alvorada com o seguinte:

Está na hora de levantar o cu da terra,
(toma uma bana-na)

Escovar os dentes e começar a caminhar para a guerra.
Diz adeus com a mão ao ensonado chão,
Deixa-te desses sonhos com um beijo, pois é,
Diz à Miss Grable lá atrás que não serás capaz,

Antes do Dia V-E, oh,
Tudo será excelente na Rua da Roupa à Civil
(toma uma bana-na)
Vinho espumoso e raparigas de encantos mil —
Mas com'inda há um ou dois alemães para combater,
Mostra-nos um sorriso que seja radioso a valer,
E a seguir, já te dissemos qu'é o qu'está na berra —
Tira mas é o raio desse cu da terra!

Há uma segunda estrofe, mas antes que ele consiga iniciá-la devidamente, o pavoneante Osbie é derrubado e intensamente sovado, em parte com a sua própria banana robusta, por Bartley Gobbitch, DeCoverley Pox, e Maurice («Saxofone») Reed, entre outros. Na cozinha, marshmallows do mercado negro deslizam lânguidos na calda que está sobre o fogão de duas bocas do Pirata, e logo começam a borbulhar espessamente. O café está a ferver. Sobre o letreiro de madeira de um pub, intrepidamente arrebatado, num assalto às primeiras horas da manhã, por um ébrio Bartley Gobbitch, no qual ainda sobrevive em entalhe a legenda NARCEJA E MASTRO, o Teddy Bloat está a cortar bananas com uma grande faca isósceles, debaixo de cuja lâmina nervosa o Pirata deita com uma mão a polpa amarela para dentro de uma massa de bolo resiliente com ovos frescos de galinha, pelos quais o Osbie Feel trocou igual número de bolas de golfe, sendo estas ainda mais raras neste Inverno do que os ovos a sério, a outra mão misturando lá a fruta, sem vigor excessivo, com um batedor de arame, enquanto o carrancudo Osbie em pessoa, chupando com frequência numa garrafa de meio quartilho de leite cheia de Vat 69 e água, cuida das bananas na sertã e no grelhador. Perto da saída para o pátio azul, o DeCoverley Pox e o Joquin Stick estão de pé junto a um modelo feito em betão e à escala do Jungfrau, que durante os anos vinte algum entusiasta passara um esmerado ano modelando e moldando até descobrir que aquilo era demasiado grande para passar por qualquer porta, batendo nas encostas da famosa montanha com uns sacos de água quente feitos de borracha cor-de-rosa cheios de cubos de gelo, sendo a ideia pulverizar o gelo para os frappés de banana do Pirata. Com as suas barbas crescidas durante a noite, os cabelos desgrenhados, os olhos raiados de sangue, os miasmas de mau hálito,

o DeCoverley e o Joquin são deuses devastados instigando um glaciar indolente.

Noutro ponto da moradia, outros companheiros de bebida libertam-se das mantas (um soltando vento da sua, sonhando com um pára-quedas), mijam nas bacias da casa de banho, olham para si próprios com consternação em côncavos espelhos de barbear, atiram água sem qualquer objectivo em vista para cabeças em que o cabelo vai rareando, apertam-se dentro dos seus cinturões, engraxam o calçado contra a chuva mais ao fim do dia com uns músculos da mão já fartos disso, cantam trechos de canções populares cujas melodias nem sempre sabem, deitam-se, acreditando-se mais quentes, em todas as manchas de nova luz do sol que entrem pelos pinápios, começam hesitadamente a falar do serviço como modo de amenizar aquilo que terão de estar a fazer daí a menos de uma hora, ensaboam pescoços e rostos, bocejam, enfiam o dedo no nariz, rebuscam armários ou estantes à procura do bicho que não sem provocação e muito condicionamento anterior os mordeu na noite passada.

Cresce agora entre todas as divisões, substituindo o antigo fumo, álcool e suor da noite, o frágil, musáceo odor do Pequeno-Almoço: florido, permeante, surpreendente, mais do que da cor da luz invernal, passando a predominar não tanto através de alguma bruta pungência ou volume quanto pela alta imbricação do enredamento das suas moléculas, partilhando o segredo de conjurado pelo qual — embora não seja com grande frequência que se diz com tamanha clareza à Morte para se ir foder — as vivas cadeias genéticas provam ser até suficientemente labirínticas para preservarem um qualquer rosto humano ao longo de dez ou vinte gerações... pelo que a mesma assertão-através-da-estrutura permite que a fragrância a banana desta manhã de guerra serpeie, se reapodere, prevaleça. Haverá alguma razão para não abrir todas as janelas, e soltar o terno manto de aroma sobre toda a Chelsea? Como um feitiço, contra objectos cadentes...

Com um barulho de cadeiras, caixotes de munições virados ao contrário, bancos, e otomanas, a turma do Pirata junta-se nas margens da grande mesa de refeitório, uma ilha setentrional a um ou dois bons trópicos de distância das gélidas fantasias medievais do Corydon Throsp, cujo espiralado grão escuro das suas altitudes de

nogueira está agora coroado com omeletas de banana, sanduíches de banana, bananas na frigideira, bananas esmagadas e moldadas na forma de um rampante leão Britânico, misturadas com ovos na massa das tostas à Francesa, espremidas por um tubo de pasteleiro sobre as trémulas e cremosas alturas de um manjar branco de banana de maneira a escrever as palavras *C'est magnifique, mais ce n'est pas la guerre* (atribuídas a um observador francês durante a Carga da Brigada Ligiera) de que o Pirata se apropriou como sua divisa... altas galhetas de pálida calda de banana para despejar gota a gota sobre filhós de banana, uma gigantesca panela esmaltada onde bananas cortadas têm vindo a fermentar desde o Verão com mel bravo e passas de uva moscatel, de dentro da qual, nesta invernosa manhã, se tiram agora espumosos canecos de hidromel de banana... croissants de banana e kreplach de banana, e banana com farinha de aveia e compota de banana e pão de banana, e bananas flamejadas num brandy antigo trazido pelo Pirata no ano passado de uma adega nos Pirenéus que também continha um transmissor de rádio clandestino...

O telefonema, quando chega, abre facilmente caminho através da sala, das ressacas, da indolência, do barulho de pratos, das conversas de serviço, dos risos amargos, como um rude duplo peido de metal, e o Pirata sabe que tem de ser para si. O Bloat, que está mais perto, atende, garfada de *bananes glacées* elegantemente suspensa no ar. O Pirata emborca um último caneco de hidromel, sente-o descer valvulando pela sua garganta abaixo como se já fosse tempo, tempo na sua tranquilidade estival, engole-o.

«O teu patrão.»

«Não é justo», queixa-se o Pirata, «inda nem sequer fiz as minhas flexões matinais.»

A voz, que ele só por uma vez ouviu anteriormente — no ano passado, durante uma reunião, mãos e rosto enegrecidos, anónimo entre uma dúzia de outros ouvintes — diz agora ao Pirata que há uma mensagem a si dirigida, à espera em Greenwich.

«Chegou até cá de uma maneira basto deliciosa», a voz aguda e taciturna, «nenhum dos meus amigos é assim tão esperto. Toda a minha correspondência chega por correio. Venha cá buscá-la, está bem, Prentice.» O auscultador atinge o seu berço com uma pancada

violenta, a ligação é interrompida, e agora o Pirata sabe onde aterrou o foguete desta manhã, e porque não houve explosão. Vinha aí correio, deveras. Ele olha através dos pilares de luz do sol, para os outros lá ao fundo do refeitório, chafurdando na sua plenitude de bananas, os espessos palatais da fome deles perdidos algures naquela extensão de manhã entre os outros e si mesmo. Cento e cinquenta quilómetros disso, tão repentinamente. A solidão, mesmo entre as malhas desta guerra, pode quando assim o quer apoderar-se dele pelas tripas e tocá-lo, como agora, possessivamente. O Pirata está de novo num outro lado de uma janela, vendo estranhos tomando o pequeno-almoço.

É levado de carro para fora dali, para longe, rumo a oriente por cima da Ponte Vauxhall num amolgado Lagonda verde conduzido pelo seu ordenança, um tal Cabo Wayne. A manhã parece tornar-se mais fria à medida que o sol se ergue. Nuvens começam a juntar-se afinal. Uma equipa de sapadores americanos espalha-se pelo meio da estrada, a caminho de limparem uma qualquer ruína nas proximidades, cantando:

Está...

Mais frio qu'o mamilo na mama duma bruxa ruim!

Mais frio qu'um balde de merda de pinguim!

Mais frio qu'os pêlos no cu de um urso polar!

Mais frio qu'o gelo dum copo de champanhe a transbordar!

Não, eles estão a fingir serem narodniks, mas *eu sei*, eles são de Iasi, do Codreanu, homens *dele*, homens da Liga, eles... eles matam por ele — têm um *juramento!* Eles tentam matar-me... Magiares da Transilvânia, eles sabem *feitiços...* à noite sussurram... Bom, hrrump, heh, heh, aí vem a Condição do Pirata atacá-lo sorrateiramente uma vez mais, quando ele menos o espera como é costume — já agora pode mencionar-se aqui que muito daquilo a que os dossiers chamam Pirata Prentice é um estranho talento para — bom, para entrar dentro das fantasias dos outros: ser capaz, na verdade, de tomar a seu cargo o fardo de *geri-las*, neste caso as de um exilado realista Romeno que poderá vir a ser necessário num futuro muito próximo.

É um dom que a Firma achou invulgarmente útil: nesta época os líderes mentalmente sãos e outras figuras históricas são indispensáveis. Que melhor modo haverá de lhes recolher e sangrar toda a ansiedade em excesso do que arranjar alguém que se encarregue de lhes governar os exaustivos devaneiozinhos por eles... que viva nas mesmas mansas luzes verdes dos seus refúgios tropicais, nas brisas que lhes atravessam as cabanas, que lhes beba as bebidas em copos altos, trocando de assento para ficar de frente para as entradas dos seus espaços públicos, não deixando que a inocência deles sofra mais do que já sofreu... que lhes arranje as ereções, na iminência de pensamentos que os médicos sentem ser inapropriados... temer tudo, tudo o que eles não podem dar-se ao luxo de temer... lembrando as palavras de P. M. S. Blackett: «Não se pode conduzir uma guerra com ataques de emoção.» Limita-te a trautear a cançoneta parva que te ensinaram, e tenta não fazer merda:

Sim — eu sou — o —
 Sujeito que tem as fan-tasias d'ou-tras pessoas,
 Sofrendo tud'o qu'elas dev'riam sofrer de desatinos —
 Não interessa se a Miúda está ao meu colo já —
 Se o Kruppingham-Jones está atrasado para o chá,
 Não posso sequer perguntar por quem é que os sinos...

[Agora por cima de imensas tubas e trombones em íntima harmonia]

Nunca parece impor-tar que haja peeeeirogo,
 O p'rigo é um telhado donde caí sem redenção —
 Um dia partirei — p'ra não mais voltar em xeque,
 Esquece a cerveja que me deves, Jack,
 Mija só na minha campa e se-gue co'a diversão!

Ele pôr-se-á então efectivamente a *pular* para a frente e para trás, de joelhos levantados e fazendo girar uma bengala com a cara, o nariz, a cartola do W. C. Fields e tudo, pelo seu castão, e seguramente capaz de magia, enquanto a banda toca um segundo estribilho. A acompanhar haverá uma fantasmagoria, das autênticas, correndo em direcção ao ecrã, por cima das cabeças das audiências, em pequenos carris de elegante recorte vitoriano que se assemelhem ao perfil de um cavaleiro de xadrez concebido de um modo caprichoso mas não vulgar — depois correndo para fora dele outra vez, entrando

e saindo, as imagens mudando frequentemente de escala tão rapidamente, tão imprevisivelmente, que de vez em quando se fica apto a combinar um pouco de verde-lima com o nosso rosa, como se costuma dizer. As cenas são pontos altos da carreira do Pirata enquanto fantasista-substituto, e remontam a quando ele transportava consigo, para onde quer que fosse, a marca da Loucura Juvenil crescendo num ponto inequivocamente Mongolóide, mesmo no meio da sua cabeça. Ele sabia há algum tempo que certos episódios por si sonhados não poderiam ser seus. Isso não se devia a qualquer rigorosa análise de conteúdo diurna, mas somente a que ele o *sabia*. Mas chegou então o dia em que conheceu, pela primeira vez, o verdadeiro dono de um sonho que ele, o Pirata, tivera: era junto a um bebedouro num parque, uma muito comprida e aprumada fila de bancos, uma sensação do mar logo a seguir a uma cenográfica orla de pequenos ciprestes, nos carreiros pedra cinzenta britada que parecia tão fofo para nela se dormir como a aba de um chapéu fedora, e lá vem aquele vadio desabotoado e baboso, aquele que receamos sempre encontrar, que pára e observa duas Escuteiras tentando ajustar a pressão da água do bebedouro. Elas debruçam-se, sem se aperceberem, as impertinentes queridas, das fatais faixas das cuecas de algodão branco assim exibidas, dos refegos de gordura infantil nas nadegazinhas que são um golpe para o Cérebro Genital, por mais toldado que esteja. O vadio riu-se e apontou, tornou a olhar para o Pirata então e disse algo de extraordinário: «Eh? As Escuteiras começam a bombear água... *o teu som será a chiante noite...* eh?» olhando directamente para mais ninguém senão o Pirata agora, sem mais fingimentos... Bom, o Pirata havia sonhado essas mesmas palavras, duas manhãs antes, pouco antes de acordar, elas tinham feito parte da habitual lista de prémios numa Competição que se tornara concorrida e perigosa, a partir de uma qualquer intervenção interior de ruas de carvão... ele não se lembrava lá muito bem... completamente assustado então, respondera-lhe: «Vá-se embora, senão chamo um polícia.»

Isso resolveu-lhe o seu problema imediato. Mas mais tarde ou mais cedo chegaria o tempo em que alguém mais descobriria o dom dele, alguém para quem isso fosse importante — ele tinha a sua própria fantasia continuada, mais parecia um melodrama do Eugène Sue,

na qual seria raptado por uma organização de dacoitas ou de Sicilianos, e usado para propósitos indizíveis.

Em 1935 ele tivera o seu primeiro episódio *fora* de qualquer condição de sonho conhecido — foi durante o seu Período Kipling, brutos encarapinhados até onde a vista alcançava, dracunculiase e leishmaniose grassando entre as tropas, nada de cerveja durante um mês, um ser sem fios encravado por outros Poderes que seriam amos desses horrendos negros, sabe Deus porquê, e todo o folclore inutilizado, nenhum Cary Grant sempre a pregar partidas deitando remédio para elefantes nas poncheiras que por ali houvesse... nem sequer um Árabe Com Um Grande Nariz Oleoso sobre o qual se pudesse cantar, como naquele clássico melancólico que todo o soldado britânico já ouviu... não admira que numas quatro da tarde pejadas de moscas, de olhos abertos, entre o cheiro de cascas de melão a apodrecer, à septuagésima sétima milionésima repetição do único disco de Gramofone que havia no posto avançado, Sandy MacPherson tocando no seu órgão «O Render da Guarda», o que haveria de ter-se desenvolvido ali para o Pirata senão um sumptuoso episódio Oriental: saltando indolentemente e bem por cima da vedação e dando uma escapadela até à vila, ao Bairro Proibido. Para ali se esbarrar com uma orgia organizada por um Messias que ninguém reconheceu devidamente ainda, e se ficar a saber, quando os olhares se cruzaram, que somos o João Baptista dele, o Nathan de Gaza dele, que nos cabe a nós convencê-lo da sua natureza divina, proclamá-lo aos outros, amá-lo tanto profanamente como em Nome daquilo que ele é... não poderia ser uma fantasia de mais ninguém senão do H. A. Loaf. Existe pelo menos um Loaf em cada unidade militar, é o Loaf que está sempre a esquecer-se de que as pessoas da fé Muçulmana não gostam muito que lhes tirem o retrato na rua... é o Loaf que nos pede emprestada a camisa fica sem cigarros encontra no nosso bolso o cigarro ilícito e o acende em pleno meio-dia dentro da cantina, por onde daí a pouco ele anda a cambalear com um sorriso incerto, tratando o sargento-mor da secção dos boinas-vermelhas pelo seu nome próprio. Portanto é claro que quando o Pirata comete o erro de verificar a fantasia com o Loaf, não tarda mesmo nada que as altas patentes fiquem a saber dela também. Lá vai aquilo para o dossier,

e a Firma, na infatigável busca de aptidões negociais por parte d'Eles, acabará por convocá-lo sob a alçada de Whitehall, para o observar nos seus transes entre os campos de baeta azul e o terrível jogo da papelada, os olhos dele virados para o interior da sua cabeça lendo grafitos, glípticos grafitos antigos nas suas próprias órbitas...

Nas primeiras vezes nada se destacou. As fantasias eram O.K. mas não pertenciam a ninguém importante. Porém a Firma é paciente, estando Eles tão empenhados no Longo Curso. Por fim, numa noite londrina mesmo à Sherlock Holmes, o inequívoco cheiro a gás chegou ao Pirata vindo do candeeiro de uma rua escura, e a partir do nevoeiro mais adiante materializou-se uma forma gigantesca, orgânica. Cautelosamente, avançando pé ante pé os sapatos pretos, o Pirata aproximou-se da coisa. Ela começou a deslizar em frente na direcção dele, tão vagarosa como um caracol sobre as pedras da calçada, deixando atrás de si uma qualquer viscosidade luzidia de rastro sobre a rua que não poderia ser do nevoeiro. No espaço entre ambos havia um ponto intermédio a que o Pirata, sendo um pouco mais rápido, chegou primeiro. Saltou para trás, horrorizado, para trás desse ponto que atravessara — mas tais reconhecimentos não são reversíveis. *Era uma Adenóide gigante.* Pelo menos tão grande quanto a catedral de São Paulo, e crescendo a cada hora. Londres, porventura toda a Inglaterra, estavam em perigo mortal!

Esse monstro linfático bloqueara outrora a distinta faringe de Lord Blatherard Osmo, que ao tempo ocupava a pasta de Novi Pa-zar no Foreign Office, uma obscura penitência pelo anterior século de política Britânica sobre a Questão Oriental, pois desse obscuro sanjaque dependera em tempos todo o destino da Europa:

Ninguém sabe-onde, ele está-no-mapa,
Quem pensaria, que ele viria-a-ser-etapa?
Cada montenegrino, e sérvio também,
À espera de algo, que brote do além — oh querida
Faz a minha mala, e escova o meu fato,
E acende o meu charuto dum tamanho sem par —
Se quiseres meu endereço presente, é
Naquele Ex-pre-sso do Oriente,
Até ao san-jaque de No-vi Pa-zar!

Um coro de raparigas assaz núbeis atrevidamente adornadas com barretes hussardos e botas até ao joelho dança aqui um pouco enquanto num outro posto Lord Blatherard Osmo passa a ser *assimilado* pela sua própria Adenóide em crescimento, uma horrível transformação de plasma celular cuja explicação está muito para além da medicina Eduardiana... daí a pouco, há cartolas espalhadas pelo chão dos largos de Mayfair, perfume barato a pairar sem dono entre as lumes dos pubs do East End enquanto a Adenóide continua no seu alvoroço, não engolindo as vítimas dela ao acaso, não, a demoníaca Adenóide tem um *designio*, ela escolhe apenas certas personalidades que lhe sejam úteis — há uma nova eleição, uma nova preterição à solta aqui por Inglaterra que lança o Home Office em histéricos e dolorosos episódios de indecisão... ninguém sabe *o que fazer*... faz-se uma indiferente tentativa de evacuar Londres, acumulam-se fætontes negros num compacto cortejo de formigas sobre as pontes de ferro, estacionam-se balões de observação no céu, «Apanhei-a na Charneca de Hampstead, está sentada a *respirar*, assim... para dentro, e para fora...» «Há por lá algum tipo de *som*?» «Sim, é horrível... como um estupendo *nariz* a aspirar o ranho... espera, agora está a... começar de... oh, *não*... oh, meu Deus, nem consigo descrevê-lo, é tão animalesc —» o cabo é cortado, a transmissão acaba, o balão sobe para o azul-esverdeado da aurora. Vêm equipas desde o Laboratório Cavendish, para encordoarem a Charneca com enormes magnetos, terminais de arco eléctrico, painéis de controlo em ferro negro cheios de manómetros e de manivelas, o Exército aparece em equipamento de combate completo com bombas cheias do gás letal mais recente — a Adenóide é rebentada, atingida por choques eléctricos, envenenada, muda de cor e de forma aqui e ali, surgem uns amarelos nódulos de gordura no cimo das árvores... perante as lâmpadas de potássio das câmaras da Imprensa, um medonho pseudópode verde rasteja na direcção do cordão e subitamente *sshlop!* elimina por completo um posto de observação com um dilúvio de um nojento muco alaranjado no qual os infelizes homens são *digeridos* — não a gritarem mas na verdade a rirem-se, *divertindo-se* com aquilo...

A missão do Pirata/Osmo é estabelecer ligação com a Adenóide. A situação é agora estável, a Adenóide ocupa toda a área de St. James, os edifícios históricos desapareceram, os escritórios governamentais foram transferidos, mas tão dispersados que a comunicação entre eles é altamente incerta — os carteiros estão a ser arrebatados às suas rondas por rugosos tentáculos da Adenóide de um bege fluorescente, os cabos do telégrafo estão prontos a ir abaixo logo que a Adenóide o deseje. Todas as manhãs Lorde Blatherard Osmo tem de pôr o seu chapéu de coco, e de levar a sua pasta até à Adenóide para efectuar a sua *démarche* quotidiana. Isso está a consumir-lhe tanto tempo que ele começou a desleixar-se com Novi Pazar, e o F.O. está preocupado. No equilíbrio de poder dos anos trinta o pensamento ainda tinha bastante força, todos os diplomatas padeciam de Balcanose, espiões com híbridos nomes estrangeiros escondiam-se em todas as estações da rectaguarda Otomana, mensagens codificadas numa dúzia de línguas eslavas eram tatuadas em lábios superiores sobre os quais os operacionais deixavam depois crescer bigodes, que só poderiam ser rapados por oficiais de criptografia autorizados e a pele seguidamente reconstituída por cima das mensagens pelos cirurgiões plásticos da Firma... os lábios deles eram palimpsestos de carne secreta, cicatrizados e anormalmente brancos, pelos quais todos eles se conheciam uns aos outros.

Novi Pazar, em todo o caso, continuava a ser uma *croix mystique* na palma da Europa, e o F.O. decidiu finalmente pedir ajuda à Firma. A Firma conhecia o homem indicado.

Todos os dias, durante 2½ anos, o Pirata saiu à rua para ir visitar a Adenóide de St. James. Isso quase o levou à loucura. Embora conseguisse desenvolver uma linguagem através da qual ele e a Adenóide conseguiam comunicar, infelizmente não estava nasalmente equipado para proferir os sons como devia ser, e aquilo veio a ser uma ocupação horrenda. Enquanto eles os dois fungavam para trás e para diante, alienistas em fatos pretos de sete botões, admiradores do Dr. Freud para os quais a Adenóide claramente não tinha uso algum, empoleiravam-se nuns escadotes encostados ao abominável flanco pardacento dela, dando-lhe pazadas da nova droga maravilhosa, a cocaína — trazendo *baldes* cheios dessa substância branca, passados

à mão, pelos escadotes acima para com ela untarem a latejante criatura-glândula, e a enfiarem nas germinativas toxinas que fervilhavam sordidamente no interior das criptas dela, sem quaisquer efeitos visíveis (porém quem saberá o que sentia aquela *Adenoíde*, eh?).

Mas Lorde Blatherard Osmo conseguiu por fim dedicar todo o seu tempo a Novi Pazar. No início de 1939, descobriram-no misteriosamente sufocado dentro de uma banheira cheia de pudim de tapioca, em casa de uma Certa Viscondessa. Alguns viram nisso a mão da Firma. Passaram-se meses, começou a Segunda Guerra Mundial, passaram-se anos, nada se ouviu dizer de Novi Pazar. O Pirata Pren-tice salvara a Europa do Armagedão dos Balcãs com que os velhos haviam sonhado, entontecidos nos seus leitos com a grandeza deste — embora não da Segunda Guerra Mundial, é claro. Mas por essa altura, a Firma só concedia ao Pirata pequenas doses homeopáticas de paz, o mínimo que bastava para ele manter as suas defesas, mas não o suficiente para que ela o envenenasse.



Teddy Bloat está na sua hora de almoço, mas o almoço de hoje será, chiça, uma húmida sanduíche de banana dentro de papel ence-rado, que ele traz dentro da sua elegante sacola em pele de canguru e misturada com as necessidades avulsas — câmara-espia em minia-tura, boião de cera para o bigode, lata de Meloids de alcaçuz, mentol e cápsico para uma Voz Aveludada, óculos de sol por prescrição com aros dourados ao estilo do General MacArthur, um par de esco-vas de cabelo prateadas tendo cada uma delas a forma da flamejante espada do SHAEF, que a Mãe dissera ao Garrard para lhe arranjar e que ele considera requintadas.

O objectivo dele neste gotejante meio-dia invernal é uma mora-dia citadina em pedra cinzenta, nem suficientemente grande nem su-ficientemente histórica para figurar em guia algum, recolhida para longe das vistas de Grosvenor Square, um pouco fora das rotas e corredores oficiais da guerra em toda a capital. Quando as máqui-nas de escrever por acaso se calam (às 8:20 e noutras horas míticas), e não há voos de bombardeiros Americanos no céu, e o trânsito mo-torizado não é muito intenso na Oxford Street, conseguem ouvir-se

aves de Inverno chilreando no exterior, atarefando-se junto aos comedouros que as raparigas instalaram.

As lajes estão escorregadias com bruma. Está-se no escuro, duro, meio do dia, da avidez de tabaco, da dor de cabeça, do estômago azedo, um milhão de burocratas estão planeando diligentemente a morte e alguns deles até o sabem, por esta hora muitos vão já na segunda ou terceira caneca ou copo alto, o que produz uma certa aura desesperada aqui. Mas o Bloat, passando pela entrada de sacos de areia (provisórias pirâmides erigidas para obsequiar a prole de curiosos deuses pois claro), não sente isso nem um pouco: está demasiado ocupado a rever as desculpas plausíveis para o caso de ser apanhado, não que ele o queira, sabem...

A rapariga do balcão de atendimento, uma bem-disposta funcionária do Serviço Territorial Auxiliar, com óculos e balão de pastilha elástica a rebentar, faz-lhe sinal para que suba as escadas. Desanimados assistentes com roupas de lã a caminho de reuniões de gabinete, de sanitários, de uma ou duas horas de bebida a sério, fazem-lhe um aceno de cabeça, sem realmente o verem, é uma cara bem conhecida, com'é qu'ele se chama pá, malta de Oxford não é, aquele tenente trabalha ao fundo do corredor na ACHTUNG...

A velha casa foi subdividida pelos fabricantes de pardieiros da guerra. ACHTUNG significa Câmara de Compensação Aliada, Unidades Técnicas, Norte da Alemanha. É uma coelheira de papel e fumo estagnado, neste momento quase deserta, as suas negras máquinas de escrever erguidas como lápides de sepultura. O chão é de linóleo imundo, não há janelas: a luz eléctrica é amarela, reles, impiedosa. O Bloat olha para o gabinete atribuído ao seu velho amigo do Colégio de Jesus, o Tenente Oliver («Lérido») Mucker-Maffick. Não está por lá ninguém. O Lérido e o Ianque estão ambos a almoçar. Ainda bem. Saca-se então da velha câmara, ajusta-se o candeeiro flexível, e agora é apontar o reflector como deve ser...

Deve haver cubículos destes em todo o Teatro de Operações Europeu: somente aquelas três míseras paredes de aglomerado num tom coçado sem um tecto que seja seu. O Lérido partilha-o com um colega americano, o Tenente Tyrone Slothrop. As secretárias deles estão em ângulo recto, de modo que não há contacto visual a menos

que alguém se torça uns 90°. A Secretária do Lérido está arrumada, a do Slothrop é uma confusão medonha. Não foi limpa até à sua superfície original de madeira desde 1942. As coisas foram ficando mais ou menos por camadas, sobre uma base de esmegma burocrático que se escoa continuamente para o fundo, feito de milhões de minúsculas espiras de borrachas vermelhas e castanhas, aparas de lápis, manchas ressequidas de chá ou de café, vestígios de açúcar e de Leite da Casa, muita cinza de cigarro, finíssimos detritos negros recolhidos e projectados pelas fitas da máquina de escrever, cola de bibliotecário em decomposição, aspirinas partidas reduzidas a pó. Há depois um amontoado de molas para papel, pedras para isqueiro Zippo, elásticos, agrafos, pontas de cigarro e maços de cigarros amachucados, fósforos soltos, alfinetes, molhos de canetas, cotos de lápis de todas as cores incluindo o difícil heliotropo e o ocre puro, colheres de café em madeira, Escorregadios Losangos Peitorais de Ulmeiro da Thayer enviados pela mãe do Slothrop, Nalline, do Massachusetts, pedaços de fita, de cordel, de giz... por cima disso uma camada de memorandos esquecidos, cadernetas castanhas de racionamento já vazias, números de telefone, cartas por responder, esfarapadas folhas de papel químico, os gatafunhados acordes de ukulele para uma dúzia de canções incluindo «Johnny Americano Achou Uma Rosa na Irlanda» («Ele tem de facto uns arranjos muito animados», relata o Lérido, «é uma espécie de George Formby americano, caso se possa imaginar tal coisa», mas o Bloat achou preferível não o fazer), um frasco vazio de tônico capilar Kreml, peças soltas de diferentes quebra-cabeças mostrando partes do ambarino olho esquerdo de um Weimaraner, as dobras de veludo verde de um vestido, nervuras de azul-ardósia numa nuvem distante, o nimbo alaranjado de uma explosão (talvez de um pôr-do-sol), rebites na pele de uma Fortaleza Voadora, o róseo interior da coxa de uma *pin-up* a fazer beicinho... alguns antigos Resumos Semanais de Inteligência do G-2, uma corda de ukulele partida e encaracolada, caixas de estrelas de papel gomado em muitas cores, peças de uma lanterna, em cima de uma lata de graxa da Nugget na qual o Slothrop estuda de vez em quando o seu difuso reflexo no latão, uma quantidade de livros de referência trazidos da biblioteca da ACHTUNG que fica ao fundo do corredor — um dicionário de alemão técnico, um *Manual Especial*

ou *Mapa Urbano* do F.O. — e normalmente, a menos que tenha sido fanado ou deitado fora, um *News of the World* algures por ali também — o Slothrop é um leitor fiel.

Pregado à parede junto da secretaria do Slothrop está um mapa de Londres, que o Bloat se atarefa agora a fotografar com a sua minúscula câmara. A sacola está aberta, e o cubículo começa a encher-se com o cheiro a bananas maduras. Deveria ele acender um paivante para abafar isso? o ar aqui não é propriamente agitado, eles irão saber que esteve alguém cá dentro. Bastam-lhe quatro exposições, clique zipeti clique, veja-se só como ele se tornou eficiente nisto — se alguém entrar basta deixar cair a máquina para dentro do saco onde a sanduíche de banana lhe amortecerá a queda, o som revelador e os impactos nocivos ao mesmo tempo.

É pena que quem financia esta pequena cabriola não pague película a cores. O Bloat põe-se a pensar se isso não faria uma certa diferença, embora não conheça ninguém a quem o possa perguntar. As estrelas coladas no mapa do Slothrop cobrem todo o espectro disponível, começando pela prateada (com o rótulo «Darlene») que partilha uma constelação com a Gladys, verde, e a Katharine, dourada, e à medida que o olhar se alarga com a Alice, a Delores, a Shirley, um par de Sallys — na sua maioria em vermelhos e azuis por aqui — um aglomerado junto de Tower Hill, uma densidade de violeta na zona de Covent Garden, um caudal nebular prosseguindo para Mayfair, o Soho, daí para Wembley e subindo até à Charneca de Hampstead — em todas as direcções se espalha esse firmamento luzidio, multicor, que aqui e ali se descola, Carolinas, Marias, Annes, Susans, Elizabeths.

Mas talvez as cores sejam apenas fortuitas, não codificadas. Talvez as raparigas nem sequer sejam reais. Pelo que disse o Lérido, após semanas de perguntas casuais (*nós sabemos que ele é teu colega de escola mas é muito arriscado trazê-lo para aqui*), o Bloat só é capaz de reportar que o Slothrop começou a trabalhar neste mapa no Outono passado, mais ou menos quando começou a sair para ir ver os desastres das bombas-foguete para a ACHTUNG — tendo evidentemente tempo, nas suas viagens entre locais de morte, para se dedicar à caça das raparigas. Se há alguma razão para lá pôr as estrelas de papel de poucos em poucos dias o homem não a explicou — não parece ser para

publicidade, o Lépido é o único que alguma vez passa os olhos pelo mapa e isso é mais no espírito de um amigável antropólogo — «Uma espécie qualquer de inofensivo passatempo Ianque», diz ele ao seu amigo Bloat. «Talvez seja para saber por onde andam todas elas. De facto ele tem uma vida social deveras complicada», passando logo a seguir para a história com a Lorraine e a Judy, o Charles o polícia homossexual e o piano no camião de mudanças, ou da bizarra festa de máscaras envolvendo a Gloria e sua núbil mãe, uma aposta de uma libra no jogo Blackpool-Preston North End, uma versão atrevida do «Noite Feliz», e um providencial nevoeiro. Mas nem humas dessas patranhas, para efeitos daqueles a quem o Bloat reporta, são na verdade muito esclarecedoras...

Bom. Ele já terminou. Sacola fechada, candeeiro apagado e posto de novo no seu lugar. Talvez haja tempo para apanhar o Lépido no Narceja e Mastro, tempo para uma caneca em camaradagem. Ele torna a atravessar o labirinto de aglomerado, sob a débil luz amarela, contra uma corrente de raparigas que chegam de galochas calçadas, o distante Bloat que não sorri, aqui não há tempo para namoricos comprehendem, ele ainda tem de ir fazer a sua entrega diária...



O vento rodou para sudoeste, e o barómetro está a descer. O começo da tarde já está tão escuro como o anoitecer, sob as nuvens de chuva que se acumulam. Tyrone Slothrop também vai ser apanhado por ela. Hoje foi uma longa e idiótica corrida até à longitude zero, com o habitual nada para mostrar. Este devia ter sido mais um rebentamento aéreo prematuro, os pedaços de foguete em chamas chovendo por quilómetros em redor, na sua maioria para dentro do rio, somente um dos pedaços com alguma forma que se lhe visse e esse bem cercado, quando o Slothrop lá chegara, pela segurança mais apertada que ele vira até aí, e a menos amistosa. Boinas moles e desbotadas contra as nuvens cor de ardósia, as Stens Mark III em posição de automático, bigodes com a largura da boca cobrindo uns lábios superiores enormes, desprovidos de humor — nenhuma hipótese de um tenente Americano dar uma olhada, hoje não.

A ACHTUNG, em todo o caso, é o parente pobre da inteligência aliada. Pelo menos desta vez o Slothrop não está sozinho, ele teve o frio conforto de ver o seu homólogo da Inteligência Técnica, e pouco depois disso até o chefe da secção do homem, que veio intrrometer-se na cena dentro de um Wolseley Wasp de 1937, serem ambos mandados para trás também. Ha! Nenhum deles retribuindo o amigável cumprimento do Slothrop. Que pena, amigos. Mas o astuto Tyrone deixa-se ficar por ali, a distribuir Lucky Strikes, por tempo suficiente para ao menos descobrir o que sucedeu com aquele Golpe de Má Sorte, ali.

O que aquilo é, é um cilindro de grafite, com uns quinze centímetros de comprimento e uns cinco de diâmetro, onde somente alguns flocos de tinta verde-tropa não foram consumidos pelas chamas. Único pedaço que sobreviveu ao rebentamento. Estava evidentemente destinado a isso. Parece haver papéis escondidos lá dentro. O sargento-mor queimou a mão ao pegar nele e foi ouvido a berrar *Oh foda-se*, causando risos entre os de menor pré. Toda a gente estava para ali à espera de um Capitão Prentice do Executivo de Operações Especiais (*esses sacanas maldispostos são demorados em tudo*), que daí a pouco comparece no local. O Slothrop conseguevê-lo — cara queimada pelo vento, um gajo grande e mau. O Prentice pega no cilindro, vai-se embora de carro, e é tudo.

Nesse caso, reconhece o Slothrop, a ACHTUNG poderá, algo penosamente, submeter o seu quinquagésimo milionésimo pedido interno ao tal E.O.E., solicitando um qualquer relatório sobre o conteúdo do cilindro, e, como habitualmente, ser ignorada. Não faz mal, ele não fica ressentido. O E.O.E. ignora toda a gente, e toda a gente ignora a ACHTUNG. E-e o que importa isso, de qualquer modo? É o último foguete dele durante uns tempos. Com sorte, para sempre.

Hoje de manhã estavam no seu cesto de ENTRADA ordens para que fosse em serviço temporário a um hospital qualquer para os lados do East End. Nenhuma explicação para além da anexada cópia a papel químico de um bilhete enviado à ACHTUNG solicitando o destacamento dele «como parte do Programa de Testes do E.G.P.» Testes? O E.G.P. é o Executivo de Guerra Política, ele foi verificar

isso. Mais alguma daquela merda Multifásica do Minnesota, sem dúvida. Mas sempre se variará desta rotina da caça aos foguetes, que começa a ficar um bocadinho velha.

Em tempos o Slothrop preocupava-se. A sério. Ele pensa que se preocupava, em todo o caso. Muitas das coisas anteriores a 1944 começam agora a perder nitidez. Apenas se lembra do primeiro Blitz como um longo período de boa sorte. Nada que a Luftwaffe deixasse cair chegava perto de si. Mas neste último Verão eles tinham começado com aquelas bombas zumbidoras. Ia-se a andar pela rua, estava-se na cama a passar pelas brasas e de repente lá vem aquele barulho de peido por cima dos telhados — se ele continuar, aumentando de intensidade e sobrevoando ora isso é óptimo, nesse caso outra pessoa qualquer que se preocupe... mas se o motor se calar, cuidado aí Jackson — ele iniciou o seu mergulho, soltando o combustível à ré, para longe da combustão do motor, e tu tens 10 segundos para te enfiares debaixo de qualquer coisa. Bom, na verdade não era assim muito mau. Ao fim de uns tempos uma pessoa ajustava-se — dava por si a fazer pequenas apostas, um xelim ou dois, com o Lépido Mucker-Maffick na secretaria do lado, sobre quando cairia o próximo patusco...

Mas depois no final de Setembro vieram os foguetes. Os cabrões dos foguetes. Ninguém se podia ajustar àqueles sacanas. De maneira nenhuma. Pela primeira vez, ele surpreendera-se ao descobrir que estava realmente assustado. Começara a beber mais, a dormir menos, a fumar sem parar, sentindo de certo modo que fora tomado por parvo. Cristo, não era *assim* que a coisa devia continuar...

«Ouça cá, Slothrop, você já tem um na boca —»

«Nervoso», Slothrop a acender mesmo assim.

«Bom, não são *meus*», alega o Lépido.

«Dois de cada vez, vê?» apontando-os para baixo como se fossem uns colmilhos de livro aos quadradinhos. Os tenentes olham um para o outro entre as sombras da cerveja, com o dia em progressão do lado de fora das altas e frias janelas do Narcea e Mastro, e o Lépido prestes a rir-se ou a fungar oh meu Deus do outro lado do Atlântico de madeira da mesa deles.

Muitos Atlânticos houve ao longo destes três anos, freqüentemente mais agrestes do que aquele que William, o primeiro Slothrop

transatlântico, cruzara muitos antepassados atrás. Barbaridades de traje e de fala, lapsos de comportamento — numa noite horrível o Slothrop embriagado, convidado do Lérido no Ateneu Júnior, fê-los expulsar a ambos simulando um ataque com o bico de uma coruja empalhada à jugular do DeCoverley Pox enquanto o Pox, forçado a defender-se sobre uma mesa de bilhar, tentava enfiar uma bola branca pela garganta do Slothrop abaiixo. Esse tipo de coisa sucede com consternadora frequência: porém a gentileza é navio suficientemente robusto para tais oceanos, o Lérido sempre para ali a corar ou a sorrir e o Slothrop surpreendido pelo modo como, quando isso realmente contava, o Lérido nunca o deixara ficar mal.

Ele sabe que pode dizer o que lhe passar pela cabeça. Não tem muito que ver com o relato amoroso de hoje sobre a Norma (pernas com refegos à subdebutante de Cedar Rapids), a Marjorie (alta, elegante, uma constituição digna das coristas do Windmill) e os estranhos eventos da noite de sábado no Clube Frick Frack do Soho, um antro de má fama com holofotes móveis em muitos tons de pastel, letreiros a dizer NÃO ENTRAR e PROIBIDO DANÇAR O JITTERBUG lá afixados para satisfazer os muitos tipos de polícias, militares e civis, seja o que for que «civil» signifique hoje em dia, que espreitam lá para dentro de tempos a tempos, e onde contra todas as probabilidades, por meio de um qualquer horrendo plano secreto, o Slothrop, que ia lá ter com uma, entra e quem vê ele senão *as duas*, alinhadas em fila, o ângulo deliberadamente só para si, por cima do ombro de lá azul de um maquinista de 3.^a classe, por baixo do descoberto e adorável sovaco de uma rapariga bailando o Lindy Hop balouçante e afectada, pele tingida de lavanda pela iluminação inconstante ali mesmo, e então, a paranóia a alastrar, os dois rostos começando a virar-se na direcção dele...

Ambas as jovens senhoras são por acaso estrelas prateadas no mapa do Slothrop. Ele deve ter-se sentido prateado de ambas as vezes — brilhante, tilintante. As estrelas que lá cola são coloridas somente de acordo com o que ele sente naquele dia, progredindo de azul para dourado. Nunca classificar nenhuma — como pode ele? Ninguém vê o mapa senão o Lérido e, Cristo, *todas* elas são bonitas... em folha ou flor por esta invernosa cidade, em lojas de chá, nas filas

com babushkas e encasacadas, suspirando, espirrando, pernas algodoadas sobre as pedras do passeio, pedindo boleia, dactilografando ou enchendo de penteados viçosos lápis amarelos, ele encontra-as — damas, boazonas, mamudas em camisola de lã — sim talvez seja um pouco obsessivo mas... «Eu sei que há tanto amor e alegria selvagem no mundo», pregava Thomas Hooker, «quanto há Tomilho selvagem, e outras ervas; mas nós teríamos amor de jardim, e alegria de jardim, plantados pelo próprio Deus.» Como cresce o jardim do Slothrop. Prolifera de clematites, de malmequeres, de arrudas — e por toda a parte, roxos e amarelos como borbulhas, uma prevalência de amores-perfeitos.

Ele gosta de lhes falar dos pirilampos. As raparigas Inglesas não sabem nada de pirilampos, o que é praticamente tudo o que Slothrop sabe ao certo acerca das raparigas Inglesas.

O mapa efectivamente intriga o Lérido. Não se pode explicá-lo com a habitual fanfarronice dos americanos acerca dos seus engates, a não ser como reflexo de um membro de uma fraternidade num vácuo, um reflexo que o Slothrop não consegue evitar, ladrande para dentro de um laboratório vazio, para um ninho de minhocas de ecoantes corredores, muito após a necessidade ter desaparecido e os irmãos terem partido para a Segunda Guerra Mundial e suas oportunidades de morte. Na verdade o Slothrop não gosta de falar sobre as suas raparigas: o Lérido tem de levá-lo a isso com diplomacia, mesmo agora. Ao princípio o Slothrop, exóticamente cavalheiresco, não falava de todo, até ter descoberto quão tímido era o Lérido. Ocorre-lhe então que o Lérido andava a querer um arranjinho. Mais ou menos ao mesmo tempo, o Lérido começara a ver a extensão do isolamento do Slothrop. Ele parecia não ter mais ninguém em Londres, além de uma multidão de raparigas que raramente tornava a ver, com quem falar de *qualquer coisa*.

Apesar disso o Slothrop actualiza o seu mapa todos os dias, com uma conscienciosidade de bobo. Quanto muito, aquilo celebra um fluxo, uma passagem a partir da qual — entre as súbitas demolições vindas do céu, misteriosas encomendas saídas dos negros labores de noites que para ele próprio são apenas vãs — ele pode guardar um momento aqui ou ali, os dias tornando-se de novo mais frios, geada

pela manhã, a sensação dos seios da Jennifer dentro da fria lá da camisola apalpados para aquecer um pouco num corredor de fumo de carvão cujo desânimo diurno ele jamais conhecerá... chávena de Borvıl um pouco abaixo da fervura queimando-lhe o joelho nu enquanto Irene, nua como ele num bloco de vítreas luz do sol, pega nas preciosas meias de nylon uma a uma para encontrar um par que não tenha malhas caídas, cada uma delas relampejando com a luz que passa através das latadas invernais lá fora... um par de nasaladas vozes de raparigas americanas cantando a partir das espiras de um qualquer disco através da agulha torta da vitrola da mãe da Allison... enroscando-se para ficar mais quente, cortinas de ocultamento em todas as janelas, nenhuma luz senão a do morrão do último cigarro deles, um pirilampo inglês, balouçando-se segundo o capricho dela numa escrita cursiva que deixa um leve rastro, palavras que ele não consegue ler...

«O que aconteceu?» Silêncio do Slothrop. «As suas duas Wrens... quando o viram...» então ele repara que o Slothrop, em vez de prosseguir com a sua história, se entregou às tremuras. A bem dizer, já está a tremer há algum tempo. Aqui dentro está frio, mas não tão frio assim. «Slothrop —»

«Não sei. Jesus.» É interessante, porém. É uma sensação estranhíssima. Ele não consegue parar. Vira para cima a gola do seu blusão Ike, enfia as mãos dentro das mangas, e deixa-se ficar assim por um bocado.

Daí a pouco, após uma pausa, cigarro em movimento. «Elas não se ouvem quando vêm.»

O Lérido sabe quem são «elas». Os olhos dele desviam-se. Há silêncio por um instante.

«Claro que não, elas são mais rápidas que o som.»

«Sim mas — não é isso», as palavras vão irrompendo entre os latelos das tremuras — «as do outro tipo, aquelas V-1s, essas podem ouvir-se. Não é? Talvez se tenha uma hipótese de lhes sair do caminho. Mas estas coisas explodem primeiro, e-e *depois* é que se ouvem a chegar. A não ser que, se já estivermos mortos, *não* as ouvimos.»

«É o mesmo na infantaria. Você sabe disso. Nunca se ouve aquela que nos acerta.»

«Uh, mas —»

«Pense naquilo como uma bala muito grande, Slothrop. Com aletas.»

«Jesus», dentes chocalhando, «você é um grande consolo.»

O Lérido, debruçando-se ansiosamente entre o cheiro a lúpulo e a treva acastanhada, agora mais preocupado com as tremuras do Slothrop do que com qualquer um dos seus próprios espectros, não deixou de estabelecer canais de que ele por acaso tem conhecimento para tentar esconjurar aquilo. «Vamos lá ver se conseguimos levá-lo aos locais atingidos por algumas delas...»

«Para quê? Vá lá, ó Lérido, os sítios estão completamente destruídos. Não estão?»

«Não sei. Duvido que os alemães saibam sequer. Mas é a melhor oportunidade que teremos de ganhar vantagem sobre aquela gente da I.T. Não é verdade.»

Foi assim que o Slothrop se pôs a investigar «incidentes» com a bomba V. Consequências. Todas as manhãs — ao princípio — alguém da Defesa Civil remetia à ACHTUNG uma lista dos alvos do dia anterior. Acabaria por chegar ao Slothrop em último lugar, ele destacaria o seu talão gatafunhado a lápis, iria requisitar o mesmo idoso Humber ao parque automóvel, e fazer as suas rondas, um São Jorge atrás do já ocorrido, saindo à rua para ir procurar os detritos da Besta, fragmentos de material Alemão que não existiriam, redigindo vagos sumários nos seus cadernos — terapia laboral. À medida que as informações chegadas à ACHTUNG se tornaram mais céleres, muitas vezes ele chegava lá a tempo de auxiliar as equipas de busca — seguindo inquietos e musculados cães da RAF para dentro do cheiro a estuque, da fuga de gás, das inclinadas e compridas lascas de madeira e dos travejamentos descaídos, das cariátides deitadas de borco e sem nariz, da ferrugem já nos pregos e na superfície exposta das rosas, do empoeirado gesto da mão do Nada sobre o papel de parede salpicado de pavões abrindo os seus leques ao fundo dos amplos relvados para casas georgianas de antanho, para seguros bosques de azinheiras... entre os pedidos de silêncio que iam dar aos locais onde uma qualquer mão exposta ou cintilação de pele os aguardava, fosse um sobrevivente ou uma baixa. Quando não podia ajudar ele mantinha-se à parte, rezando, de início, convencionalmente a Deus, pela

primeira vez desde o outro Blitz, para que a vida triunfasse. Mas havia demasiados a morrerem, e presentemente, não vendo sentido nisso, parara.

Ontem fora por acaso um bom dia. Tinham encontrado uma criança, viva, uma menina, meio sufocada por baixo de um abrigo Morrison. À espera da maca, o Slothrop pegara-lhe na mãozita, que ficara roxa com o frio. Ladravam cães na rua. Quando abrira os olhos e o vira, as primeiras palavras dela tinham sido: «Tens pastilha elástica, amigo?» Ali entalada durante dois dias, sem pastilha elástica — tudo o que ele tinha para lhe dar era um Escorregadio de Ulmeiro da Thayer. Sentira-se um idiota. Antes de a levarem dali ela puxara para si a mão dele para lha beijar em todo o caso, a boca e a bochecha dela frias como geada à luz dos archotes, a cidade em torno deles de súbito uma grande geleira desolada, cheirando a bafio e sem surpresas nenhumas dentro de si nunca mais. Altura em que ela sorriu, muito debilmente, e ele soube que era daquilo que tinha estado à espera, ena, um sorriso à Shirley Temple, como se isso cancelasse exactamente tudo aquilo de que a haviam encontrado rodeada. Que raio de maluqueira. Ele está pendurado ao fundo da avalanche do seu sangue, 300 anos de Ianques do pântano ocidental, e o melhor que consegue é uma espécie de nervosas tréguas com a Providência deles. Uma *détente*. Cada uma das ruínas que ele todos os dias vai ver é um sermão sobre a vaidade. Que ele não encontre, à medida que as semanas vão passando, nenhum fragmento de qualquer foguete, ensina a que ponto é indivisível o acto da morte... O Progresso de Slothrop: Londres a secular cidade instrói-o: ao virar de qualquer esquina ele poderá encontrar-se dentro de uma parábola.

Tornou-se obcecado com a ideia de um foguete que tenha o nome dele lá escrito — se eles estão mesmo apostados em lhe acertarem (o «Eles» comprehende possibilidades muito muito para além da Alemanha Nazi) essa é a maneira mais segura, não lhes custa nada pintarem o nome dele *em cada um, não é?*

«Sim, bom, isso pode ser útil», o Lérido olhando para ele com um ar esquisito, «não é, especialmente em combate para, você sabe, *fingir* qualquer coisa assim. Muito útil. Chame-lhe «paranóia de operacional» ou algo assim. Mas —»

«Quem é que está a fingir?» acendendo um cigarro, abanando a madeixa da testa por entre o fumo, «ora bolas, ó Lépido, ouça, eu não quero transtorná-lo mas... quero dizer já passei de prazo há quatro anos, essa é que é essa, pode acontecer *a qualquer instante*, no próximo segundo, não é, de repente só... merda... só zero, só nada... e...»

Não é nada que ele consiga ver ou tocar — súbitos gases, uma violência pelo ar e nenhum vestígio depois... uma Palavra, proferida sem qualquer aviso ao nosso ouvido, e depois silêncio para sempre. Para além da sua invisibilidade, para além da queda do martelo e das trompas do destino, eis aqui o seu vero horror, escarninho, prometendo-lhe a morte com uma confiança precisa e Alemã, silenciando com risos todas os serenos pudores do Lépido... não, nada de bala com aletas, Ás... não a Palavra, aquela Palavra que rasga o dia...

Era noite de sexta-feira, em Setembro último, acabado de sair do serviço, dirigindo-se para a estação do Metropolitano na Bond Street, a cabeça dele no fim-de-semana que aí vinha e nas suas duas Wrens, aquela Norma e aquela Marjorie, cada uma das quais ele tinha de impedir que soubesse da outra, mesmo quando ele ia a enfiar o seu dedo no nariz, de repente no céu, quilómetros para trás das suas costas e pelo rio acima *mementomori* um estalo agudo e uma pesada explosão, a ecoar mesmo por trás, quase como um fragor de trovão. Mas não exactamente. Segundos depois, desta vez vindo da sua frente, tornou a acontecer: alto e nítido, por toda a cidade. Ajustes de tiro. Não era uma bomba zunidora, não era aquela da Luftwaffe. «Também não foi nenhum trovão», intrigou-se ele, em voz alta.

«O raio dalguma conduta de gás», uma senhora com uma lancheira, os olhos inchados pelo dia, dando-lhe uma cotovelada nas costas quando por ele passou.

«Não, são os Alemães», a amiga dela com umas encaracoladas madeixas louras por baixo de um lenço axadrezado procedendo aí a uma qualquer récita monstruosa, levantando as mãos para Slothrop, «que vêm *apanhá-lo*, o que eles mais *adoram* são os Americanos gordos e roliços —» daí a um instante ela está a estender a mão para lhe beliscar a bochecha e lha esticar para trás e para diante.

«Olá, jeitosa», disse o Slothrop. O nome dela era Cynthia. Ele conseguiu ficar com um número de telefone antes de ela se despedir com um ta-ta, levada de novo pelas multidões da hora de ponta.

Era uma daquelas grandes tardes de ferro em Londres: o sol amarelo sendo importunado por mil chaminés respirando, rastejando para o alto sem vergonha. Este fumo é mais do que respiração do dia, mais do que força escura — é uma presença imperial que vive e se move. Pessoas atravessavam ruas e praças, indo para toda a parte. Autocarros iam avançando, centenas deles, pelos longos viadutos de betão manchados por anos de uso impiedoso e prazer nenhum, num tom de cinzento brumoso, de negro oleoso, de chumbo vermelho e alumínio pálido, entre montes de sucata que chegavam tão alto quanto prédios de apartamentos, descendo por umas íngremes curvas laterais para estradas apinhadas de comboios militares, outros autocarros altos e camiões com toldos de lona, bicicletas e carros, toda a gente aqui com diferentes destinos e inícios, todos a fluírem, de vez em quando à boleia, por cima de tudo isso a enorme ruína gasosa do sol entre os respiradouros industriais, os balões de barragem, os cabos eléctricos e as chaminés tão castanhas como a envelhecida madeira de interiores, um castanho cada vez mais profundo, aproximando-se do negro através de um instante — porventura a verdadeira ocasião do crepúsculo — que é vinho para vós, vinho e conforto.

O Momento era o das 6:43:16 no Duplo Horário de Verão Britânico: o céu, batido como o tambor da Morte, ainda a ressoar, e a pi-cha do Slothrop — o quê? sim olhai por dentro das suas cuecas de GI há um serpenteante *tesão* a agitar-se, pronto a saltar — ora valha-me Deus de onde veio *isso*?

Há na história dele, e provavelmente, Deus lhe valha, no seu dossier, uma sensibilidade peculiar ao que é revelado no céu. (Mas um *tesão*?)

No velho xisto de uma lápide tumular no adro da igreja Congregacional lá da terra, em Mingeborough, Massachusetts, a mão de Deus emerge de uma nuvem, as bordas da figura aqui e ali erodidas por 200 anos de labor dos cinzéis de fogo e gelo das estações, e a inscrição onde se lê:

*Em Memória de Conftant
Slothrop, que faleceu a 4 de Março
do ano 1766, aos 29
anos de idade.*

*A Morte é uma dívida que à natureza se deve,
Que eu paguei, como vós tendes de o fazer.*

Constant vira, e não apenas com o seu coração, aquela mão de pedra apontando para fora das nuvens seculares, apontando directamente para ele, seus contornos traçados numa luz insuportável, por cima do sussurro do rio dele e das encostas dos seus longos e azuis Montes Berkshire, tal como a veria seu filho Variable Slothrop, e na verdade todos os de sangue Slothrop de uma forma ou doutra, as nove ou dez gerações que para lá remontavam, para lá remetiam: cada um deles, excepto o primeiro dos Williams, deitados sob folhas caídas, lisimáquias de cor menta e púrpura, gélidas sombras de ulmeiros e salgueiros sobre o cemitério à beira do pântano num longo declive de podridão, de barrella, de assimilação com a terra, as pedras mostrando anjos de redondo rosto com os narizes compridos de cães, cabeças de morte com dentes e fundos olhos, emblemas Maçónicos, urnas floridas, leves salgueiros erectos e quebrados, ampulhetas exauridas, rostos solares prestes a nascerem ou a porem-se com os olhos espreitando o seu horizonte à maneira do Kiltroy, e versos memoriais que iam do franco e honesto, como para Constant Slothrop, à saltitante métrica do *Star Spangled Banner* para Dona Elizabeth, esposa do Tenente Isaiah Slothrop (f. 1812):

Adieu meus queridos amigos, a esta cova vim parar
Aonde me trouxe a Morte Insaciável que me arrebatou.
Até que Cristo renasca para todos os seus filhos salvar,
Fico deitada, como a Palavra Dele nas Escrituras me ensinou.
Marca, Leitor, meu grito! Verga teus pensamentos ao Céu sem temer,
E no meio da prosperidade, sabe que hás-de morrer.
Enquanto o grande Tear de Deus labora na escuridão do alto com fragor,
E as nossas provas cá em baixo são somente fios do Seu Amor.

Até ao avô do corrente Slothrop, Frederick (f. 1933), que com típico sarcasmo e astúcia fora buscar o seu epítafio a Emily Dickinson, sem lhe atribuir crédito por isso:

Porque eu não podia parar pela Morte
Ele gentilmente parou por mim

Cada um deles por seu turno pagando o que devia à natureza e deixando o excesso ao próximo elo na cadeia do nome. Começaram como negociantes de peles, cordovaneiros, salgadores e defumadores de toucinho, passaram ao fabrico de vidro, tornaram-se membros do Conselho Municipal, fabricantes de curtumes, cabouqueiros de mármore. O terreno, quilómetros em redor, tornou-se necrópole, cinzenta do pó do mármore, pó que eram os hálitos, os fantasmas, de todos aqueles falsos monumentos atenienses construídos em todos os outros locais da República. Sempre noutros locais. O dinheiro a escapar-se através de carteiras de acções mais intrincadas do que qualquer genealogia: o que ficava lá no Berkshire ia para florestas de lenha cuja decrescente extensão verde eram hectares rapidamente convertidos em papel — papel higiénico, papel para notas de banco, papel de jornal — um meio ou recinto para a merda, o dinheiro, e a Palavra. Eles não eram aristocratas, nenhum Slothrop conseguira alguma vez entrar para o Registo Social ou para o Somerset Club — prosseguiam o seu empreendimento em silêncio, assimilados na vida à dinâmica que os cercava por inteiro como na morte o seriam pela terra do adro da igreja. A merda, o dinheiro, e a Palavra, as três verdades Americanas, que alimentavam a mobilidade Americana, reclamaram os Slothrops, afivelaram-nos para sempre ao destino do país.

Mas eles não prosperaram... tudo o que fizeram foi persistir — embora tudo tenha começado a azedar por aquela época em que Emily Dickinson, nunca muito longe, andava a escrever

Ruína é obra do demónio, formal
Consecutiva e lenta —
Falhar num instante homem algum o fez,
Escorregar é a lei da queda,

mesmo assim eles aguentavam-se. A tradição, para outros, era clara, toda a gente o sabia — abre uma mina, trabalha, tira tudo o que podes enquanto houver e a seguir vai para oeste, há lá muito mais. Mas

devido a uma qualquer raciocinada inércia os Slothropes ficaram no leste, no Berkshire, perversos — junto das pedreiras alagadas e das encostas despidas de árvores que eles haviam deixado como confissões assinadas em toda aquela terra de bruxas com cor de colmo velho e a desfazer-se. Os lucros a afrouxar, a família sempre a multiplicar-se. Os juros de vários fundos numerados continuavam a ser transformados, por bancos familiares lá em Boston a cada segunda ou terceira geração, em mais um outro fundo, num longo rallentando, numa série infinita que pouco perceptivelmente, termo a termo, ia morrendo... mas nunca chegando inteiramente ao zero...

A Depressão, quando chegou, ratificou o que já vinha em andamento. O Slothrop crescerá numa desolação do alto do monte com negócios a falirem, cercas à volta das propriedades dos amplamente ricos, meio míticos aldeões de Nova Iorque caindo agora de novo na vastidão verde ou na morte de palha, todas as janelas de cristal quebradas uma a uma, Harrymans e Whitneys já abalados, relvados a transformarem-se em feno, e os outonos já não uma época para fox-trots nas lonjuras, limusinas e candeeiros, mas somente os costumeiros grilos outra vez, as maçãs outra vez, as matutinas geadas para mandar embora os colibris, o vento de leste, a chuva de Outubro: somente certezas invernais.

Em 1931, ano do Incêndio do Grande Hotel Aspinwall, o jovem Tyrone estava de visita à sua tia e tio em Lenox. Foi em Abril, mas por um segundo ou dois enquanto ele estava a despertar no quarto estranho e na algazarra dos pés de primos pequenos e grandes ao fundo das escadas, pensou no Inverno, por tantas vezes ter sido acordado assim, nesta hora do sono, pelo Papá, ou o Hogan, levado lá fora aos trambolhões ainda a pestanejar para o frio através de uma capa de sonhos para ir ver as Luzes do Norte.

Elas deixavam-no completamente acagaçado. Estariam as radiosas cortinas prestes a abrir-se de par em par? O que teriam os fantasmas do Norte, no seu esplendor, para lhe mostrar?

Mas essa era uma noite primaveril, e o céu estava de um vermelho tempestuoso, de um cor-de-laranja quente, as sirenes uivando nos vales desde Pittsfield, Lenox, e Lee — os vizinhos em pé nos seus alpendres para contemplarem lá no alto a chuva de centelhas

que tombava sobre a encosta da montanha... «Parece uma chuva de meteoros», diziam eles, «Parecem cinzas do Quatro de Julho...» era 1931, e eram essas as comparações. As brasas continuaram a cair durante cinco horas enquanto os miúdos dormitavam e os crescidos começaram a beber café e a contar histórias de incêndios de outros anos.

Mas que Luzes eram estas? Que fantasmas no comando? E suponhamos, no momento seguinte, que toda ela, a noite completa, *ficava* fora de controlo e as cortinas se abriam para nos mostrar um Inverno que ninguém adivinhou...

6:43:16 DHVB — *agora mesmo no céu* há aqui o mesmo revelar, prestes a irromper, o rosto dele a aprofundar-se com a luz que de lá vem, tudo prestes a arremeter para fora dali e ele a perder-se, tal como a região dele sempre proclamara... esguios campanários de igrejas equilibrados por todas estas outonais encostas acima e abaixo, foguetes brancos prestes a disparar, a meros segundos do final da contagem, róseas janelas absorvendo a luz de domingo, elevando e lavando os rostos acima da característica graça dos púlpitos, jurando que é mesmo assim que acontece — *sim a grande mão brilhante saindo para fora da nuvem...*



Na parede, num ornamentado objecto de enegrecido bronze, arde um jacto de gás, laminar e cantando de mansinho — ajustado àquilo a que os cientistas do último século chamavam uma «chama sensível»: invisível na base, ao sair do seu orifício, desaparecendo em ascensão numa suave luz azul que paira vários centímetros mais acima, um pequeno e cintilante cone capaz de responder às mais delicadas alterações da pressão do ar na sala. Regista os visitantes quando estes entram e saem, cada um tão curioso e tão civil como se na mesa redonda houvesse algum jogo de azar. O círculo de pessoas sentadas não é de todo distraído ou incomodado. Nada das vossas mãos brancas ou luminosas trompetas por aqui.

Oficiais dos Camerons em calças de pano da parada, grevas azuis, kilts regulamentares, entram por ali conversando com Americanos alistados... há homens do clero, da Guarda Nacional ou do

Corpo de Bombeiros acabados de sair do serviço, dobras de roupas de lã pejadas de cheiro a fumo, todos ambicionando uma hora de sono e com aspecto disso... antigas damas Eduardianas em crepe da China, gente das Índias Ocidentais franzindo suavemente as vogais em torno de cadeias menos flexíveis de consoantes Russo-Judaicas... Na sua maioria patinam em tangente ao círculo sagrado, alguns ficam, alguns tornam a partir para outras salas, todos sem interromperem o esguio médium que está sentado mais perto da chama sensível de costas para a parede, caracóis castanho-arruivados tão cerrados como um barrete, testa alta e lisa, lábios escuros movendo-se ora sem esforço, ora em dor:

«Uma vez trans-seccionado para o reino de Dominus Blicero, Roland descobriu que todos os sinais se haviam voltado contra si... Luzes que ele estudara tão bem quanto um de vós, posição e movimento, juntavam-se agora ali no extremo oposto, todas em dança... dança irrelevante. Nada do tradicional progresso de Blicero, não algo de novo... de estranho... Roland também ganhou consciência do vento, de um modo que a mortalidade dele jamais lhe permitira. Achou isso tão... tão alegre, que a seta tem de se desviar para lá. O vento estivera a soprar o ano inteiro, ano após ano, mas Roland sentira apenas o vento secular... quer ele dizer, apenas o seu vento pessoal. Porem... Selena, o vento, o vento está em toda a parte...»

Aqui o médium interrompe-se, fica em silêncio algum tempo... um gemido... um momento calado, desesperado. «Selena, Selena. Foste-te embora, então?»

«Não, meu querido», as faces dela salpicadas com lágrimas anteriores, «estou a ouvir.»

«É o controlo. Todas estas coisas derivam de uma dificuldade: o controlo. Pela primeira vez estava *por dentro*, comprehedes. O controlo é posto lá dentro. Já não é preciso sofrer passivamente sob «forças exteriores» — para virar para qualquer vento. Como se...

«Um mercado já não tivesse de ser governado pela Mão Invisível, mas pudesse agora *criar-se a si mesmo* — à sua própria lógica, ímpeto, estilo, a partir de *dentro*. Pôr-se o controlo lá dentro era ratificar o que de facto já sucedera — que se havia dispensado Deus. Mas havia-se assumido uma maior, e mais nociva, ilusão. A ilusão do controlo. De que A podia fazer B. Mas isso era falso. Completamente.

Ninguém pode *fazer*. As coisas simplesmente acontecem, A e B são irreais, são nomes para partes que deveriam ser inseparáveis...»

«Mais disparates Ouspenskianos», sussurra uma senhora que por ali passa de braço dado com um trabalhador das docas. Odores a combustível Diesel e a Sous le Vent misturam-se quando eles passam. Jessica Swanlake, uma jovem rapariga rosada com uniforme de soldado do STA, ao notar o perfume de antes da guerra, levanta os olhos, hmm, para o vestido que ela imagina custar cerca de 15 guinéus e sabe-se lá quantos mais cupões, provavelmente do Harrods *e faria melhor por mim*, disso também ela está certa. A senhora, olhando subitamente para trás por cima do seu ombro, sorri oh, sim? Esta agora, será que ela ouviu? Num sítio *destes* quase de certeza.

Jessica tem estado em pé junto da mesa da sessão com uma mão cheia de dardos distraidamente arrancados da placa na parede, a cabeça dela vergada, pálida nuca e vértebra superior visíveis acima da gola de lã castanha e entre alguns dos seus mais claros cabelos castanhos, que lhe caem em ambos os lados das faces. Gargantas e peitos de patente aquecem ao sangue dela, estremecem na concha da sua mão. Ela própria, afagando-lhes as cruzes emplumadas, roçando pontas de dedos, parece haver tombado num transe pouco profundo...

Lá fora, rolando do leste, chega o abafado fragor de mais uma bomba-foguete. As janelas chocalham, o soalho estremece. A chama sensível procura abrigo, as sombras sobre a mesa começam a dançar, escurecendo até à sala seguinte — depois ela salta para o alto, as sombras tornam a recolher-se, um bom meio metro, e desaparece completamente. O gás continua a silvar na penumbra da sala. O Milton Gloaming, que alcançou nota máxima no exame de bacharelato em Cambridge há dez anos, abandona a sua estenografia para se levantar e ir fechar o gás.

Parece ser agora este o momento adequado para que a Jessica lance um dardo: um único dardo. Cabelo a balouçar, peitos saltitando maravilhosamente sob cada pesada lapela de lã. Uma sibilação do ar, pumba: mesmo entre as pegajosas fibras, mesmo em cheio no centro. O Milton Gloaming alça uma sobrancelha. O espírito dele, sempre a reunir correspondências, julga ter encontrado uma nova.

O médium, agora irritável, começou a ressurgir do seu transe. Ninguém faz ideia do que estará a acontecer no outro lado. Esta sessão, como qualquer outra, não necessita apenas do seu ameno círculo aqui e secular, mas também de um básico pacto quadripartido que não deveria ser, em elo algum, quebrado: Roland Feldspath (o espírito), Peter Sachsa (o controlo), Carroll Eventyr (o médium), Selena (a esposa e sobrevivente). Algures, por entre a exaustão, o redirecccionamento, as irrupções de ruído branco lá fora no éter, tal arranjo começou agora a dissolver-se. Relaxamento, cadeiras a guincharem, suspiros e pigarreios... O Milton Gloaming debate-se com o seu caderno, fecha-o abruptamente.

Logo a Jessica deambula na sua direcção. Não há sinais do Roger e ela não está certa de que ele queira que ela vá procurá-lo, e o Gloaming, embora tímido, não é tão horrendo como alguns dos outros amigos do Roger...

«O Roger diz que você agora vai contar todas essas palavras que copiou e fazer um gráfico com elas, ou qualquer coisa assim», alegremente para impedir qualquer comentário sobre o incidente do dardo, que ela preferiria evitar. «Você faz isso só com as sessões?»

«Textos automáticos», o Gloaming que fica nervoso com as raparigas faz uma careta, um gesto de cabeça, «um ou dois episódios com o tabuleiro Ouija, sim sim... nós a-andamos a tentar desenvolver um vocabulário de curvas — certas patologias, certas formas características que se vêem —»

«Não estou certa de que —»

«Bom. Lembre-se do Princípio do Mínimo Esforço de Zipf: se traçarmos a frequência de uma palavra $P_{sub}n$ contra a sua ordem de classificação n em eixos logarítmicos», palrando para o silêncio dela, até para o seu gracioso espanto, «deveríamos evidentemente obter algo como uma linha recta... porém temos dados que sugerem que as curvas para certas — condições, bom são na verdade muito diferentes — os esquizofrénicos por exemplo tendem a ser um pouco achatados na parte superior e depois progressivamente mais inclinados — uma espécie de curva em arco... Creio que com este fulano, este Roland, estamos a topar com um paranoíco clássico —»

«Ha.» *Essa* é uma palavra que ela conhece. «Julgo que o vi ficar mais animado ali quando ele disse “voltado contra”.»

«“Contra”, “oposto”, sim você ficaria espantada com a frequência dessa.»

«Qual é a palavra *mais* frequente?» pergunta a Jessica. «A sua número um.»

«A mesma que sempre foi nestes assuntos», responde o estatístico, como se toda a gente o soubesse: «morte.»

Um idoso guarda-portão dos ataques aéreos, cerimonioso e delicado como organdi, põe-se em bicos de pés para reacender a chama sensível.

«Já agora, ah, para onde foi o seu louco e jovem cavalheiro?»

«O Roger está com o Capitão Prentice.» Acenando vagamente. «O habitual Exercício do Microfilme Misterioso.» Sendo levado a cabo numa qualquer sala distante, do outro lado de um jogo de coroa-e-âncora com o qual a sorte tem muito pouco que ver, ondas de fumo e de tagarelice, o Falkman e Seu Bando de Apaches falando baixo por cima da BBC, grossas canecas de cerveja e esguios copos de sherry, chuva invernal nas janelas. Tempo de ficar em casa, registos do gás, xailes contra a noite fria, no aconchego com a nossa garota ou patroa ou, aqui na casa Snoxall, em boa companhia. Há aqui um abrigo — talvez um autêntico nó de tranquilidade entre os vários espalhados por todo este longo período de guerra, onde eles se reúnem para objectivos não inteiramente de interesse marcial.

O Pirata Prentice sente um pouco disto, obliquamente, a bem dizer por meio de um nervosismo de classe: ostenta o seu sorriso entre estas pessoas daqui como uma falange. Aprendeu isso nos filmes — é o exacto sorriso malicioso irlandês que o Dennis Morgan faz ao baixar os olhos para o fumo negro vomitando de cada ratito amarelo com dentes tortos que ele abate a tiro.

É-lhe tão útil quanto o é para a Firma — a qual, bem sabido é, usará qualquer um, traidores, assassinos, pervertidos, Negros, mulheres até, para conseguir o que Eles queiram. Poderão não ter ficado muito certos da utilidade do Pirata ao princípio, mas mais tarde, à medida que aquilo se desenvolveu, Eles passaram a ter grande certeza, deveras.

«Major-General, o senhor não pode efectivamente dar o seu apoio a isto.»

«Temo-lo sob observação vinte e quatro horas por dia. Ele não vai com certeza sair fisicamente das instalações.»

«Então ele tem um confederado. Seja lá como for — hipnose, drogas, não sei — eles estão a chegar ao homem dele e a tranquilizá-lo. Por amor de Deus, a seguir você vai andar a consultar horóscopos.»

«O Hitler faz isso.»

«O Hitler é um homem inspirado. Mas você e eu somos empregados, lembre-se...»

Após esse primeiro surto de interesse, o número de clientes atribuídos ao Pirata esmoreceu um pouco. De momento ele ocupa-se do que considera ser uma confortável carga de casos. Mas não é isso que realmente quer. Eles não irão compreender, os maníacos bem-educados do E.O.E. *ab muito bem*, Capitão fazendo barulho com os relatórios de situação, arrastando botas, ecos saindo de óculos do Governo *muito bem e porque não fazê-lo efectivamente para nós numa altura qualquer lá no Clube...*

O Pirata quer a confiança d'Eles, o cheiro a bom-uísque-e-Latakia-curado do áspero amor d'Eles. Quer compreensão por parte dos *seus*, não destes teóricos maricas e enguiços racionalizados aqui da casa Snoxall tão dedicados à Ciência, tão terrivelmente tolerantes que este (ele lamenta-o com todo o seu coração) poderá ser o único lugar ao alcance do império da guerra que ele menos sente como um estranho...

«Não é de todo claro», tem estado a dizer Roger Mexico, «o que têm eles em mente, de todo que não, a Lei da Bruxaria tem mais de 200 anos, é uma relíquia de uma era inteiramente diferente, de um outro modo de pensar. De repente aqui estamos nós, 1944, sendo atingidos por convicções à direita e à esquerda. O nosso Sr. Eventyr», movendo-se para o médium que está no outro lado da sala a conversar com o jovem Gavin Trefoil, «pode ser atacado a qualquer momento — irrompendo pelas janelas, arrastando perigos embora Eventyr tenha ido lá para Scrubs fingindo-exercer-ou-usar-uma-espécie-de-conjuração-para-fazer-os-espíritos-de-pessoas-falecidas-estarem-presentes-de-facto-no-local-onde-ele-então-estava-e-que-tais-espíritos-estavam-a-comunicar-com-pessoas-vivas-então-e-ali-presentes meu Deus que *disparate* fascista tão imbecil...»

«Cuidado, Mexico, você está a perder a velha objectividade outra vez — um homem de ciência não deveria querer fazer isso, não é verdade. Muito pouco científico, não é.»

«Burro. Você está do lado *deles*. Não o sentiu hoje à noite, a entrar pela porta? É um grande atoleiro de paranóia.»

«É mesmo esse o meu talento», o Pirata sabendo ao falar que é demasiado abrupto tenta corrigir o instante com: «Não sei se estarei verdadeiramente à altura do tipo de coisa *múltipla*...»

«Ah. Prentice.» Nenhuma sobrancelha ou lábio fora do seu lugar. Ah.

«Desta vez você devia ir até lá para que o nosso Dr. Groast verificasse isso no seu EEG.»

«Oh, se eu estiver pela cidade», vagamente. Há aqui um problema de segurança. A conversa à toa afunda navios e ele não consegue ter certezas, nem sequer a respeito do Mexico. Há demasiados círculos para a presente operação, interiores e exteriores. As listas de distribuição vão ficando mais estreitas à medida que avançamos de um anel para outro em direcção ao olho do boi, as Instruções para Destruir abrangem gradualmente cada pedaço de papel, memorando inútil, fita de máquina de escrever.

A sua melhor conjectura é a de que Mexico só de vez em quando apoie a última mania da Firma, conhecida como Operação Asa Negra, de um modo estatístico — analisando os dados da moral-alheia que possam chegar, por exemplo — mas algures nas margens do empreendimento, já que na verdade o Pirata se acha ali hoje à noite, servindo de intermediário a Mexico e ao seu próprio colega de quarto Teddy Bloat.

Ele sabe que o Bloat vai a qualquer lado e microfilma qualquer coisa, que depois transfere, através do Pirata, para o jovem Mexico. E daí, depreende ele, segue para «A Visitação Branca», que alberga uma agência de recepção conhecida como PISCES — Esquemas de Inteligência Psicológica para Acelerar a Rendição. Não é inteiramente claro de quem é a rendição.

O Pirata põe-se a pensar se Mexico não estará metido em mais um dos mil evasivos esquemas de vigilância intra-Aliados que brotaram por toda a Londres desde que os Americanos, e uma dúzia de

governos no exílio, se mudaram para cá. Nos quais o Alemão curiosamente se desvanece em irrelevância. Toda a gente a olhar por cima do ombro, Franceses Livres planeando a vingança sobre os traidores de Vichy, comunistas de Lublin assestando cuidadosamente a mira aos ministros-sombra de Varsóvia, gregos do ELAS perseguindo realistas, irrepatriáveis sonhadores de todas as línguas esperando por meio da vontade, dos punhos, da oração, trazer de novo reis, repúblicas, pretendentes, anarquismos estivais que pereceram antes de chegarem as primeiras colheitas... alguns morrendo desditosamente, sem nome, sob as superfícies de gelo-e-neve de crateras de bombas lá para o East End onde não seriam encontrados antes da Primavera, alguns cronicamente ébrios ou opiodos para suportarem os reveses do dia, a maioria de algum modo perdendo, perdendo as almas que tinham, cada vez menos capazes de confiar, apanhados pela infindável tagarelice do jogo, a sua autocritica quotidiana, as suas exigências de atenção total... e qual estrangeiro é, exactamente, o que o Pirata tem em mente senão aquele lascarim apátrida do outro lado do seu espelho, aquele mais pobre de todos os exilados...

Bom: ele supõe que Eles tenham atraído o Mexico para algum exercício Bizantino, que provavelmente terá que ver com os Americanos. Porventura com os Russos. «A Visitação Branca», estando dedicada à guerra psicológica, alberga alguns de cada, um Behaviorista aqui, um Pavloviano ali. Isso não diz respeito ao Pirata. Mas ele nota que com cada entrega de filme, cresce o entusiasmo do Roger. Pouco saudável, pouco saudável: ele tem a sensação de estar a testemunhar uma viciação. Sente que o seu amigo, o seu provisório amigo do tempo da guerra, está a ser usado para algo não inteiramente decente.

Que pode ele fazer? Se o Mexico quisesse falar disso poderia encontrar uma maneira, com ou sem segurança. A relutância dele não é a do Pirata quanto à maquinaria da Operação Asa Negra. Parece-se mais com vergonha. Não se desviou hoje à noite o rosto do Mexico, quando ele pegou no envelope? olhos atingindo os cantos da sala em velocidade máxima, um reflexo de cliente de pornografia... hmm. Conhecendo o Bloat, talvez seja isso, jovem senhora visitando moço bem colocado, diversas poses — mais salutar do que qualquer coisa que esta guerra já tenha fotografado... vida, ao menos...

Lá está a rapariga do Mexico, que acaba de entrar na sala. Ele detecta-a imediatamente, a claridade ao redor dela, a ausência de fumo e de ruído... estará ele a ver auras agora? Ela avista o Roger e sorri, os olhos dela enormes... pestanas escuras, nenhuma maquilhagem ou nenhuma que o Pirata consiga ver, o cabelo dela penteado num rolo que lhe cai sobre os ombros — que raio está ela a fazer numa bateria mista de AA? Deveria estar numa cantina da NAAFI, a encher chá-venas de café. Ele é subitamente, decrepito e burro, tomado por uma dor na sua pele, um simples amor por aqueles dois que nada pede senão a segurança de ambos, e que ele sempre conseguirá descrever como outra coisa qualquer — «preocupação», sabeis como é, «afeição...»

Em 1936, o Pirata («um Abril do T. S. Eliot» chamara-lhe ela, embora fosse numa época mais fria do ano) estava apaixonado pela esposa de um executivo. Ela era uma rapariga desempenada, magra e despachada, chamada Scorpia Mossmoon. O marido dela, Clive, era um especialista em plásticos, que a partir de Cambridge trabalhava para a Imperial Chemicals. O Pirata, soldado de carreira, andava a ter um ou dois anos de relapso ou de estroinice lá fora na vida civil.

Ganhara essa sensação, estacionado a leste do Suez, em sítios como o Bahrein, bebendo cerveja aguada com o suor que de si próprio caía no perpétuo fedor a petróleo em rama vindo de Muharraq, confinado ao quartel após o pôr-do-sol — em todo o caso a taxa das venéreas era de 98% — uma bronzeada e esfarrapada unidade da força que preservava o Xeque e o dinheiro do petróleo contra qualquer ameaça vinda de leste do Canal Inglês, cheio de tesão, endoidecido pela comichão dos piolhos e das alergias ao calor (a masturbação em tais condições é uma tortura requintada), sempre com uma bebedeira amarga — mesmo assim ressumara até ao Pirata uma obscura suspeita de que a vida estava a ultrapassá-lo.

A incrível Scorpia a preto-e-branco confirmara não poucas das Piráticas fantasias acerca do fascinante mundo real Inglês de sedosas barrigas de pernas do qual ele se sentira tão afastado. Juntaram-se quando Clive tinha ido para fora em missão de resolução de problemas para a ICI no, onde haveria de ser, Bahrein. A simetria disso ajudou o Pirata a descontrair-se um pouco a respeito do assunto.

Iam a festas como uns estranhos, embora ela nunca tenha aprendido a armar-se contra a inesperada visão dele do outro lado duma sala (tentando integrar-se, como se não fosse o empregado de alguém). Ela achava-o comovente na sua ignorância de tudo — das festas, do amor, do dinheiro — sentia-se mundanamente e desesperadamente interessada por esse momento de rapazice entre os modos imperializados e rígidos dele (ele tinha 33), a pré-Austeridade dele, na qual Scorpia figurava como a sua Derradeira Paixoneta — embora ela própria fosse demasiado nova para saber *isso*, para saber, como o Pirata, do que fala *realmente* a letra de «Dançando às Escuras»...

Ele terá o escrúpulo de nunca lho dizer. Mas há ocasiões em que é uma agonia não se rojar aos pés dela, sabendo que ela não deixará o Clive, gritando *tu és a minha última oportunidade... se não podes ser tu então não há mais tempo...* Não deseja ele, contra toda a esperança, que pudesse abandonar o pobre horário do Homem Ocidental... mas como é que um homem... por onde há-de ele começar, aos 33 anos de idade... «Mas é *isso mesmo*», ter-se-ia ela rido, não tanto incomodada (ela *ter-se-ia rido*) como divertida pela irrealidade do problema — também ela perdida na maníaca orla dele, sempre ao *ataque*, tão cativante, a penetrá-la (pois mais do que quando ele se vinha para uma flanela do Exército no Golfo Pérsico havia agora um colarinho de urtigas de amor *nele*, na picha dele), demasiado insaciável para que ela não cedesse à insanidade daquilo, mas demasiado insano para realmente se pensar nele como alguma traição ao Clive...

Infernalmente conveniente para ela, em todo o caso. O Roger Mexico anda agora a passar praticamente pelo mesmo com a Jessica, sendo o Outro Fulano neste caso conhecido como Beaver. O Pirata já reparou mas nunca falou disso ao Mexico. Sim ele está à espera, para ver se com o Roger aquilo acabará da mesma maneira, uma parte dele, nunca tão contente quanto com o espectáculo do infortúnio de outrem, a torcer para que o Beaver e tudo o que ele, tal como o Clive, representa venha a ganhar. Mas uma outra parte — um eu alternativo? — uma que ele não pode apressar-se a chamar «decente» — *parece* efectivamente querer para o Roger aquilo que o próprio Pirata perdeu...

«Tu és *mesmo* um pirata», sussurrara-lhe ela no último dia — nenhum deles sabia que era o último dia — «tu vieste e levaste-me contigo no teu navio pirata. Uma rapariga de boas famílias e com as repressões habituais. Violaste-me. E eu sou a Puta Vermelha dos Altos Mares...» Um jogo adorável. O Pirata gostava que ela se tivesse lembrado daquilo mais cedo. Fodendo enquanto a luz do último (já o último) dia se escoava da tarde para o crepúsculo, horas a foder, demasiado apaixonados por aquilo para se desatrelarem, eles repararam como o quarto emprestado balouçou suavemente, o tecto desceu obsequiosamente uns trinta centímetros, os candeeiros chocalharam nos seus suportes, uma qualquer fracção do tráfego à beira do Tâmisa fornecia gritos salgados por cima das águas, e sinos náuticos...

Mas por detrás do céu-mar que ia baixando lá ao fundo, os sabujos do Governo andavam no rasto — aproximando-se cada vez mais, aí vêm os cortadores, os cortadores e os esguios hermafroditas da lei, agentes que, sendo velhos operários, se contentarão com o regresso dela a salvo, não insistirão na execução ou na captura dele. A lógica deles é sadia: dêem-lhe uma ferida suficientemente má que ele há-de voltar, voltar aos costumes deste velho ovo cozido de mundo e horários, da noite dos ciclos à noite dos compromissos...

Ele deixou-a na Estação de Waterloo. Estava lá uma multidão engalanada, para ver a Companhia de Anões Maravilhosos de Fred Roper partir para uma feira imperial em Joanesburgo, na África do Sul. Anões com as suas escuras roupas de Inverno, vestidinhos re-quintados e sobretudos cintados com alfinetes, corriam por toda a estação, tragando os seus chocolates bon voyage e alinhando-se para fotografias de noticiário. O rosto branco-talco de Scorpia, através da última janela, por entre o último portão, foi um golpe no coração dele. Uma saraivada de risinhos e de votos de boa sorte ergueu-se a partir dos Anões Maravilhosos e seus admiradores. Bom, pensou o Pirata, acho que vou voltar para o Exército...



Agora dirigem-se para leste, o Roger espreitando por cima do volante, corcovado à maneira de Drácula dentro da sua Burberry,

a Jessica com milhões de luzentes gotículas ainda agarradas em estreita rede aos seus cabelos e às mangas de lã castanha. Eles querem estar juntos, na cama, em repouso, no amor, e em vez disso hoje à noite dirigem-se para leste e para sul do Tamisa a fim de se encontrarem com um certo vivissecionista da primeira ordem antes que no relógio de S. Félix soe a badalada da uma. E quando os ratos se põem a fugir, quem sabe hoje à noite do que fugiram eles de vez?

O rosto dela contra a janela enevoada pela condensação transformou-se em mais uma obscuridade, mais um truque de luz do Inverno. Por detrás dela, a fractura branca da chuva passa. «Porque é que ele sai à rua e vai prender todos os seus cães em pessoa? Ele é um administrador, não é? Não devia contratar um rapaz ou algo assim?»

«Nós chamamos-lhe “pessoal”», responde Roger, «e eu não sei porque é que o Pointsman faz o que quer que ele faça, ele é um Pavloviano, amor. É um membro da Real Sociedade. O que posso eu saber acerca de pessoas dessas? São tão difíceis como aquela gente lá na casa Snoxall.»

Hoje à noite eles os dois estão ambos rabugentos, torcidos como lâminas de vidro impropriamente temperado, prontos a reagirem de chofre a qualquer toque indefinido numa lamuriosa matriz de tensões —

«Pobre Roger, pobre cordeirinho, ele está a ter uma guerra horrível.»

«Está bem», a cabeça dele a abanar, um fumegante b ou p que se recusa a explodir, «ahh, tu és tão esperta não és», o furioso Roger, com as mãos fora do volante para ajudar as palavras a saírem, os limpá-pára-brisas continuando a soltar os seus cliques, «tu conseguiste disparar de vez em quando contra a ocasional bomba zumbidora que vinha a voar, tu e o namorado o velho amiguinho Nutria —»

«*Beaver.*»

«Exactamente, e todo esse magnífico espírito pelo qual vocês são tão justamente célebres, mas ultimamente vocês não têm abatido muitos foguetes não é, haha!» contorcendo o seu mais desdenhoso sorrido franzido contra um nariz e uns olhos enrugados, «não mais do que eu, não mais do que o Pointsman, bom quem é que isso torna mais puro do que outra pessoa *por estes* dias, eh meu amor?» saltitando para cima e para baixo no assento de couro.

Agora a mão dela está a estender-se, quase a tocar no ombro dele. Ela apoia a face no seu próprio braço, o cabelo a soltar-se-lhe, sonolentamente, observando-o. Não se pode ter uma discussão decente com ela. Como ele já o tentou. Ela usa os seus silêncios como umas mãos afagantes para o distrair e aquietar os recantos de quartos, as cobertas de cama, os tamos de mesa deles — espaços acidentais... Mesmo no cinema a verem aquele horrendo *Going My Way*, no dia em que se conheceram, ele notara-lhe todos os brancos dispersos nas mãos desenluvadas, pudera sentir na sua pele cada espasmo dos azeitonados, dos ambarinos, daqueles olhos dela com cor de café. Ele já gastou galões de diluente a acender o seu fiel Zippo, aquela mecha calcinada, onde a virilidade deu lugar à frugalidade, rationada até um pequeno coto, a chama azul brilhando pelas margens na escuridão, nos muitos tipos de escuridão, só para ver o que está a acontecer com o rosto dela. Cada nova chama, um novo rosto.

E houve os momentos, ultimamente mais desses também — instantes em que cara-a-cara não havia maneira de se dizer qual deles é qual. Ambos sentindo ao mesmo tempo a mesma misteriosa confusão... algo como olhar-se para um espelho de surpresa mas... mais que isso, a sensação de estarem efectivamente unidos... quando após — quem sabe? dois minutos, uma semana? eles compreendem, de novo separados, o que se passou, que Roger e Jessica foram fundidos numa criatura conjunta sem consciência de si mesma... Numa vida que ele amaldiçou, uma e outra vez, devido à sua necessidade de se acreditar tanto no transobservável, eis a primeira, a primeiríssima magia autêntica: dados de que ele não pode livrar-se pela discussão.

Foi aquilo a que Hollywood gosta de chamar um «encontro giro», no impecável cenário setecentista do centro urbano de Tunbridge Wells, o Roger conduzindo o Jaguar de colecção até Londres, a Jessica à beira da estrada debatendo-se gracilmente com uma bicicleta aviariada, lúgubre saia de lã do STA pendurada numa das pontas do guiador, nada regulamentar cueca negra e coxas de pérola clara acima das meias de caqui, bom —

«Ouve cá amor», travões a fundo com grande guincho, «não estamos nos bastidores do velho Windmill nem nada disso, sabes.»

Ela sabia. «Hmm», uma madeixa a cair para fazer cócegas no nariz dela e lhe pôr um pouco mais do que o ácido habitual na resposta, «andam a deixar rapazinhos vir para sítios destes, eu não sabia.»

«Bom», tendo agora aprendido a conviver com as observações a respeito do seu aspecto, «também ninguém chamou ainda pelas Escaleiras, não é.»

«Eu tenho vinte anos.»

«Hurra, isso qualifica-te para uma viagem, neste Jaguar que aqui estás a ver, mesmo até Londres.»

«Mas eu vou na outra direcção. Quase até Battle.»

«Oh, é viagem de ida e volta evidentemente.»

Sacudindo o cabelo de novo para fora da cara, «Será que a tua mãe sabe que andas por aí assim.»

«A minha mãe é a guerra», declara o Roger Mexico, esticando-se para abrir a porta.

«Isso é uma coisa muito esquisita para se dizer», um sapatinho enlameado a ponderar sobre o estribo.

«Anda lá, amor, estás a impedir a missão, deixa a máquina onde ela está, traz a saia quando entrares, eu não quereria cometer algum acto indizível aqui nas ruas de Tunbridge Wells —»

Momento esse em que o foguete cai. Giro, giro. Um baque, um cavo rufar de tambor. Suficientemente distante na direcção da cidade para ser seguro, mas suficientemente próximo e clamoroso para enviá-la através dos cento e cinquenta quilómetros entre ela e o estranho: num longo arrastamento, bailarino, o seu maravilhoso traseiro redondo a virar-se para se acomodar no outro assento, o cabelo num momentâneo leque, mão compondo a saia cor de tropa por baixo tão graciosa quanto uma asa, tudo com o rebentamento ainda a reverberar.

Ele julga conseguir ver um qualquer coisa solene e deformado, mais fundo ou alterando-se mais rapidamente que as nuvens, erguendo-se em direcção a norte. Irá ela encostar-se agora gaiatamente a ele, pedindo-lhe que a proteja? Ele nem sequer acreditava que ela entrasse no carro, com foguete ou sem foguete, e em conformidade engrena agora o Jaguar do Pointsman em marcha-atrás e não em primeira, sim, recua por cima da bicicleta, transformando-a num grande molho de ferros que não servem para mais nada senão sucata.

«Estou nas tuas mãos», grita ela. «*Inteiramente.*»

«Hmm», o Roger lá encontra por fim a sua mudança, dançando entre os pedais, rrrn, rosna, abala para Londres. Mas a Jessica não está nas mãos dele.

E a guerra, bom, ela é a mãe do Roger, ela foi coada para todas as suaves, as vulneráveis inclusões de esperança e elogio disseminadas, sob o fulgor da mica, através do eu mineral, de lápide tumular, do Roger, lavou tudo aquilo enquanto ia gemendo na sua maré cinzenta. Faz agora seis anos, sempre à vista, sempre onde ele conseguevê-la. Ele esqueceu-se do seu primeiro cadáver, ou de quando pela primeira vez viu alguém vivo morrer. É há todo esse tempo que aquilo dura. Na maior parte da vida dele, ao que parece. A cidade que ele visita hoje em dia é a antecâmara da Morte: onde toda a papelada está pronta, os contratos assinados, os dias contados. Nada da grandiosa, ajardinada, aventurosa capital conhecida na sua infância. Ele tornou-se o Obstinado Rapaz da «Visitação Branca», a aranha que vai compondo a sua teia de números. É um segredo conhecido que ele não se dá com o resto da sua secção. Como pode fazê-lo? Todos eles são talentos desenfreados — clarividentes e mágicos loucos, telecinéticos, viajantes astrais, coletores de luz. Roger é somente um estatístico. Nunca teve um sonho profético, nunca enviou ou recebeu uma mensagem telepática, nunca tocou directamente o Outro Mundo. Se algo estiver por lá isso será demonstrado nos dados experimentais não é, nos números... mas é o mais próximo ou o mais nítido a que ele alguma vez chegará. É de admirar que ele seja um pouco rude com a Secção Psi, toda aquela gente que é definitivamente de 3 sigmas e anda de um lado para o outro no corredor da cave dele? Jesus Cristo, não o seréis vós?

Aquela clara necessidade deles, tão patente, exaspera-o... Também é a necessidade *dele*, pronto. Mas como se haverá alguma vez de colocar algo de «psíquico» numa base científica com a nossa mortalidade sempre a aguilhoar-nos, do lado de fora dos cálculos de chi-quadrado, entre as viragens dos cartões de Zener e os silêncios que pontuam os densos, árduos, balbuciamentos do médium? Nos seus momentos de maior amenidade ele pensa que continuar a tentar o torna bravo. Mas na maior parte do tempo amaldiçoa-se por não

trabalhar no controlo de incêndios, ou nos gráficos de Taxas de Morte Padronizadas Por Tonelada para os grupos de bombardeiros... *qualquer coisa* menos esta desagradecida intrusão nos assuntos da invulnerável Morte...

Aproximaram-se de um brilho por cima dos telhados. Veículos do Serviço de Bombeiros passam por eles em aceleração, progredindo na mesma direcção. É uma opressiva região de ruas de tijolos e de paredes silenciosas.

Roger trava para que uma multidão de sapadores, bombeiros, vizinhos com casacões escuros por cima de alvos trajes de noite, velhinhos que nos seus pensamentos nocturnos têm um lugar especial para o Serviço de Bombeiros *não por favor você não vai usar essa grande Mangueira em mim... oh não... mas nem sequer vai tirar essas horrendas botas de borracha... simsim é isso —*

Soldados postados de poucos em poucos metros, um cordão solto, imóvel, um pouco sobrenatural. A Batalha da Grã-Bretanha difficilmente foi tão formal. Mas estas novas bombas robôs trazem consigo oportunidades de terror público que ninguém sondou. Jessica repara num Packard cor de carvão ao fundo de uma rua lateral, cheio de civis em fato escuro. Os seus colarinhos brancos rígidos entre as sombras.

«Quem são eles?»

Ele encolhe os ombros: «eles» é o que basta. «Não é gente amigável.»

«Olha quem fala.» Mas o sorriso deles é antigo, habitual. Houve um tempo em que o trabalho dele a deixou um pouco doida: adoráveis caderninhos acerca das bombas voadoras, que doçura... E o suspiro irritado dele: Jess não me imagines um frio e fanático homem de ciência...

O calor embate nos rostos deles, um amarelo que faz mal à vista quando os caudais são projectados para o lume. Uma escada enganchada na beira do telhado oscila com as violentas correntes de ar. Lá no alto, recortadas contra o céu, figuras em impermeável reúnem-se, agitam braços, movem-se conjuntamente para transmitir as ordens. Meio quarteirão mais abaixo, holofotes iluminam os trabalhos de socorro nos destroços chamuscados e molhados. A partir das bombas

dos atrelados e das unidades pesadas, mangueiras de lona engordam com a pressão, junções celeremente apertadas despedindo estrelas de borrifos frios, penetrantemente frios, que têm cintilações amarelas quando o lume se eleva. Por um rádio algures chega uma voz de mulher, uma serena rapariga do Yorkshire, que despacha outras unidades para outras partes da cidade.

Outrora o Roger e a Jessica poderiam ter parado. Mas eles são ambos alunos da Batalha da Grã-Bretanha, ambos foram destacados para as primeiras manhãs negras e os gritos de piedade, a muda inércia das pedras e das traves, a profunda escassez de piedade nesses dias... Quando já se puxou a nossa enésima vítima ou parte de uma vítima para fora do enésimo montão de entulho, disse-lhe ele certa vez, zangado, cansado, isso deixou de ser tão pessoal... o valor de n poderá ser diferente para cada um de nós, mas lamento: mais cedo ou mais tarde...

E para além da exaustão com isso também há isto. Se eles não abandonaram inteiramente o estado de guerra, pelo menos encontraram as primícias de uma gentil retirada... nunca houve espaço ou tempo para falar disso, nem porventura necessidade — mas ambos sabem, claramente, que estão melhor juntos, no aconchego, do que lá entre o papel, os incêndios, o caqui, o aço da Frente Interna. Que, na verdade, a Frente Interna é algo de ficção e de mentira, concebida, não com grande subtileza, para os manter afastados, para subverter o amor em favor do trabalho, da abstracção, da dor requerida, da amarga morte.

Encontraram uma casa na zona interditada, sob a barragem de balões a sul de Londres. O município, evacuado em '40, continua «regulado» — continua na lista do Ministério. O Roger e a Jessica ocupam o local ilegalmente, num desafio que nunca conseguem afeirar a menos que sejam apanhados. A Jessica trouxe uma velha boneca, conchas marinhas, a mala da tia cheia de cuecas rendadas e meias de seda. O Roger conseguiu espantar algumas galinhas para se aninharem na garagem vazia. Todas as vezes que se encontram aqui, um deles lembra-se sempre de trazer uma ou duas flores frescas. As noites são repletas de explosões e de transportes motorizados, e de vento que lhes traz por cima das dunas um último laivo do mar. O dia começa

com uma caneca quente e um cigarro sobre uma mesinha com uma perna fraca que o Roger reparou, provisoriamente, com cordel castanho. Nunca há muita conversa mas toques e olhares, sorrisos conjuntos, pragas pela despedida. É marginal, faminto, gélido — na maior parte das vezes estão demasiado paranóicos para arriscarem um lume — mas é algo que eles querem manter, a tal ponto que para o manterem eles assumirão mais do que a propaganda alguma vez lhes pediu. Estão apaixonados. Que se foda a guerra.



A presa desta noite, cujo nome será Vladimir (ou Ilya, Sergei, Nikolai, dependendo do capricho do doutor), esgueira-se cuidadosamente em direcção à entrada da adega. Esta reentrância deverá levar a algo mais fundo e seguro. Ele tem a memória, ou o reflexo, de fugir para escuridão semelhante de um setter irlandês que cheira a fumo de carvão e atacará à vista... certa vez de um grupo de crianças, recentemente de uma súbita rajada de luzruído, uma queda de pedras que o apanhou no quarto traseiro esquerdo (ainda em carne viva, ainda a precisar de ser lambido). Mas a ameaça desta noite é algo de novo: não tão violento, em vez disso uma sistemática acção furtiva a que ele não está habituado. A vida por aqui é mais directa.

Está a chover. O vento quase nem estremece. Traz-lhe um cheiro que ele acha estranho, nunca tendo estado perto de um laboratório na sua vida.

O cheiro é a éter, que emana do Sr. Edward W. A. Pointsman, Membro do Real Colégio de Cirurgiões. Enquanto o cão desaparece por detrás dos quebrados resquícios de uma parede, mesmo quando a ponta da sua cauda deixa de ser vista a abanar, o doutor enfia o pé na alva garganta de uma retrete ali à espera e que ele, tão concentrando na sua presa, não viu. Debruça-se sobre ela, acanhadamente, libertando a bacia dos detritos que a rodeiam, murmurando imprecações contra todos os descuidados, não se referindo a si mesmo, em particular, mas aos proprietários deste apartamento arruinado (caso não tenham sido mortos pelo rebentamento) ou a quem se tivesse esquecido de resgatar esta bacia, que parece, na verdade, estar ali muito bem entalada...

O Sr. Pointsman arrasta a sua perna até uma escadaria em caracol despedaçada, balouça-a silenciosamente, de modo a não assustar o cão, contra a metade inferior de um pilar de escada em carvalho fumado. A bacia limita-se a fazer barulho, a madeira estremece. Gozando com ele — muito bem. Senta-se nuns degraus que ascendem para céu aberto e tenta puxar o raio da coisa para fora do seu pé. Não quer sair. Ouve o cão invisível, leves estalidos das unhas das patas, alcançar o santuário da adega. E ele nem sequer consegue chegar ao interior da retrete para desatar a merda da *bota*...

Pondo a viseira do seu gorro Balaclava aconchegada e coceguenta mesmo por baixo do nariz, resolvido a não ceder ao pânico, o Sr. Pointsman põe-se em pé, tem de esperar que o sangue se escoe, ressurja, ressalte para cima e para baixo dos seus milhões de ramos na noite chuviscosa, se filtre até ao equilíbrio — e a seguir coxeando, chocalhando, enceta o regresso até ao carro para pedir ajuda ao jovem Mexico, que se lembrou, espera ele, de trazer a lanterna eléctrica...

O Roger e a Jessica encontraram-no um pouco antes, escondido ao fundo de uma rua de casas enfileiradas. A bomba V cuja mutilação ele andava a percorrer deitara abaixo quatro moradias no outro dia, exactamente quatro, tão precisa quanto uma cirurgia. Há o doce odor a madeiras de construção abatidas antes do seu tempo, a cinzas atapetadas pela chuva. Esticam-se cordas, uma sentinela recosta-se em silêncio contra a porta de uma casa intacta ao lado do local onde começa o entulho. Se ele e o doutor trocaram alguma palavra, nenhum deles dá sinais disso agora. A Jessica vê dois olhos de nenhuma cor particular espreitando pela viseira de um gorro integral, e lembra-se de um cavaleiro medieval usando um elmo. Que criatura virá ele aqui combater esta noite pelo seu rei? O entulho aguarda-o, em montes encostados às quebradas paredes das traseiras numa obstrução, numa obra a céu aberto de ripas asnadas sem sentido — soalhos, mobília, vidros, pedaços de estuque, longos pedaços de papel de parede, barrotes quebrados e estilhaçados: o ninho demoradamente concluído de uma mulher qualquer, transformado outra vez em palhas separadas, atiradas de novo a este vento e a esta treva. Lá entre os destroços pisca uma coluna de cama em latão; e enrolado

nela está o sutiã de alguém, uma alva confecção, de antes da guerra, em renda e cetim, que ali ficou emaranhada... Por um instante, numa vertigem que ela não consegue controlar, toda a piedade acumulada no seu coração vai para aquilo, como iria para um pequeno animal abandonado e esquecido. O Roger tem a mala do carro aberta. Os dois homens estão a vistoriá-la, tirando de lá um grande saco de lona, frasco de éter, rede, assobio para cão. Ela sabe que não deve chorar: que os olhos vagos na janela de cortinas tricotadas não procurarão sua Besta mais diligentemente pelas lágrimas dela. Mas aquela pobre coisinha ali perdida... esperando à noite e à chuva pela sua dona, pelo quarto que há-de tornar a juntar-se ao seu redor...

A noite, cheia de fina chuva, cheira a cão molhado. O Pointsman parece ter estado noutro sítio por um bocado. «Perdi o juízo. Devia estar aninhado noutro sítio qualquer com o Beaver neste preciso instante, vendo-o acender o seu Cachimbo, e em vez disso estou para aqui com este *assistente* ou lá o que é, este espiritualista, estatístico, mas o que é você afinal —»

«Aninhado?» Roger tem uma tendência para gritar. «*Aninhado?*»

«Mexico.» É o doutor, suspirando, retrete no pé e gorro de tricô todo torto.

«Ouça cá, isso não lhe dificulta o andar? cá por mim diria que sim... venha cá, primeiro passe isso pela porta, assim, e, ah, óptimo», depois tornando a fechar a porta à volta do tornozelo do Pointsman, a bacia ocupando agora o assento do Roger, o Roger meio apoiado no regaço da Jessica, «agora puxe, com a força toda que tiver.»

Pensando *miúdo pedante e asno galhofeiro* o doutor inclina-se para trás na perna que tem livre, grunhindo, a bacia oscilando para trás e para diante. Roger segura a porta e espreita atentamente para o sítio onde o pé desapareceu. «Se nós tivéssemos um pouco de Vaselina, podíamos — qualquer coisa que escorregasse. Espere! Não saia daí, Pointsman, não se mexa, já vamos resolver isto....» Debaixo do carro, moço impulsivo, à procura do tampão do berço da cambota quando o Pointsman consegue dizer, «Não há *tempo*, Mexico, ele vai fugir, ele vai fugir.»

«Tem toda a razão.» Novamente em pé tirando desajeitadamente uma lanterna do bolso do seu blusão. «Eu escorraço-o de lá, você fica à espera com a rede. Tem a certeza de que se consegue mexer

bem? Era uma chatice que você caísse para aí quando ele viesse a sair cá para fora.»

«Tenha dó», o Pointsman arrastando o pé atrás de si ao voltar para o meio dos destroços. «Não o assuste, Mexico, isto não é o Quénia nem nada disso, precisamos dele tão perto do normativo, sabe, quanto possível.»

Normativo? *Normativo?*

«Roger», diz o Roger, fazendo-lhe comprido-curto-comprido com a lanterna.

«Jessica», murmura a Jessica, caminhando em bicos de pés atrás deles.

«Vem cá, meu lindo», incita o Roger. «Há aqui um belo frasco de éter para ti», abrindo o frasco, agitando-o à entrada da adega, acendendo depois o seu foco. O cão olha para cima a partir de um velho carrinho de bebé enferrujado, abocanhando negras sombras, língua pendente, completo cepticismo no seu rosto. «Ora, mas é a Sra. Nussbaum!» grita Roger, tal como ouviu o Fred Allen fazer, nas noites de quarta-feira pela BBC.

«Talvez extiveches à espera da *Lessie*?» responde o cão.

Roger consegue cheirar fumos de éter com bastante vigor enquanto inicia a sua cautelosa descida. «*Anda lá pá*, isto acaba-se num instante sem tu dares por isso. O Pointsman só quer contar as velhas gotas de saliva, é isso. Quer fazer-te uma incisãozita na bochecha, um belo tubo de vidro, nada que seja preocupante, não é? Toca uma campainha de vez em quando. É o excitante mundo do laboratório, tu vais adorar.» O éter parece estar a afectá-lo. Tenta tapar o frasco: dá um passo, o pé enfia-se num buraco. Inclinando-se para um lado, procura qualquer coisa que o ampare. A tampa torna a cair do frasco e para sempre entre os destroços ao fundo da casa esmagada. Lá de cima o Pointsman grita, «A esponja, Mexico, você esqueceu-se da *esponja*!» e lá vem uma redonda e pálida colecção de buracos, saltitando para dentro e para fora da luz da lanterna. «Sujeito divertido», Roger tentando apanhá-la com ambas as mãos, espalhando éter pelas imediações com liberalidade. Localiza por fim a esponja com o foco da sua lanterna, o cão olhando do carrinho com certa confusão.

«Hahl!» vertendo o éter para ensopar a esponja e esta ir ficando subtilmente fria nas suas mãos até o frasco se esvaziar. Pegando na esponja húmida entre dois dedos ele avança aos tropeções na direcção do cão, erguendo o foco por debaixo do queixo para alumiar a cara de vampiro que julga estar a fazer. «Momento — da verdade!» Investe. O cão salta para o lado em ângulo, passando rapidamente pelo Roger em direcção à entrada enquanto o Roger continua a avançar com a sua esponja, de cabeça contra o carrinho, que se abate sob o peso dele. Difusamente ouve o doutor lá em cima lamuriar-se, «Ele vai fugir. Mexico, veja se se apressa.»

«Despache-se.» O Roger, empunhando a esponja, liberta-se do veículo infantil, tirando-o de si como se fosse uma camisa, com aquilo que lhe parece ser uma agilidade não pouco atlética.

«Mexico-o-o», num queixume.

«Está bem», O Roger trepando como consegue pelo entulho da adega acima até voltar de novo ao exterior, onde vê o doutor acercando-se do cão, rede estendida e aberta. A chuva cai persistentemente sobre este quadro. O Roger avança em círculo de modo a efectuar com o Pointsman um movimento de tenaz contra o animal, o qual parou agora com as patas plantadas e os dentes à mostra perto de um dos pedaços de parede das traseiras que ainda está de pé. A Jessica espera a meio caminho desta, mãos enfiadas nos bolsos, fumando, olhando.

«Ouçam lá», brada a sentinela, «vocês aí. Seus idiotas. Afastem-se desse pedaço de parede, não há nada a segurá-lo.»

«Você têm cigarros?» pergunta a Jessica.

«Ele vai saltar», grita o Roger.

«Por amor de Deus, Mexico, agora calma.» Testando cada passo, eles sobem a ladeira por cima do delicado equilíbrio da ruína. É um sistema de alavancas que pode precipitá-los em colapso mortal a qualquer momento. Abeiram-se da sua presa, que ora escrutina o doutor, ora o Roger, com rápidos sacões da cabeça. Rosna experimentalmente, a cauda embatendo em ritmo firme contra os dois lados do canto em que eles o encravaram.

Quando o Roger, que empunha a luz, se desloca para a rectaguarda, o cão, um qualquer circuito nele, lembra-se da outra luz que veio

lá de trás em dias recentes — a luz que se seguiu ao grande rebentamento tão agitado seguidamente por dor e frio. Luz vinda de trás assinala morte / homens com redes prestes a saltar podem evitar-se —

«Esponja», grita o doutor. O Roger atira-se sobre o cão, que já abalou na direcção do Pointsman e a seguir para o meio da rua enquanto o Pointsman, gemendo, abana desesperadamente o seu pé dentro da retrete, falha, o ímpeto fá-lo dar uma volta completa, rede levantada como uma antena de radar. O Roger, nariz cheio de éter, não consegue controlar a sua investida — enquanto o doutor torna a girar de novo o Roger choca contra ele, a retrete assesta no Roger um doloroso impacto na perna. Os dois homens caem, emaranhados na rede que agora os cobre. Chiam traves quebradas, desmoronam-se pedaços de estuque ensopados pela chuva. Por cima deles a parede desapoiada começa a oscilar.

«Saiam já daí», berra a sentinela. Mas os esforços do par por baixo da rede para dali se afastarem só abanam a parede mais violentamente.

«Estamos feitos», estremece o doutor. O Roger procura-lhe os olhos para ver se ele fala a sério mas a abertura do gorro balaclava somente contém agora uma alva orelha e madeixa de cabelo.

«Rebole», sugere o Roger. Arranjam maneira de rebolar alguns metros para a rua, e nesse instante já a parede se desmoronou, na outra direcção. Conseguem regressar para junto da Jessica sem causarem mais nenhum danos.

«Ele fugiu pela rua abaixo», refere ela, ajudando-os a saírem da rede.

«Não faz mal», suspira o doutor. «Não faz diferença nenhuma.»

«Ah, mas a noite ainda é jovem», vindo do Roger.

«Não, não. Esqueça isso.»

«As coisas que se fazem por um cão, não é.»

Estão de novo a caminho, o Roger ao volante, a Jessica entre eles, retrete do lado de fora da porta entreaberta, antes que venha a resposta. «Talvez seja um sinal. Talvez eu devesse dedicar-me a outras coisas.»

O Roger dá-lhe uma rápida olhadela. Silêncio, Mexico. Tenta não pensar no que *isso* significa. Afinal de contas ele não é nosso superior, ambos reportam ao velho brigadeiro da «Visitação Branca» em,

tanto quanto ele sabe, pé de igualdade. Mas por vezes — o Roger torna a olhar através do escuro busto de lá da Jessica para a cabeça de tricô, o nariz e os olhos expostos — ele pensa que o doutor pretende mais do que a sua boa vontade, a sua colaboração. Mas querer-o *a ele*. Do mesmo modo que se quer um belo espécime de cão...

Porque está ele aqui, então, assistindo a mais um rapto de cão? Que estranho alberga ele em si tão louco —

«Volta para lá hoje à noite, doutor? A menina precisa de uma boleia.»

«Não volto, fico em casa. Mas você pode levar o carro para lá. Tenho de falar com o Dr. Spectro.»

Estão agora a aproximar-se de um extenso improviso de tijolos, uma paráfrase Vitoriana daquilo que outrora, há muito, resultou em catedrais Góticas — mas que, no seu próprio tempo, não brotara de qualquer necessidade de ascender pelo fabrico de confusões adequadas até um qualquer Deus apical, mas antes num desarranjo de objectivo, uma dúvida quanto ao efectivo locus de Deus (ou, em alguns, quanto à sua própria existência), a partir de uma cruel rede de momentos sensuais que não podiam ser transcendidos e assim vergaram as intenções dos construtores não a um qualquer zénite, mas de novo ao medo, à mera fuga, numa direcção qualquer, aquilo que o fumo industrial, o excremento das ruas, as coelheiras sem janelas, as indiferentes florestas de couro das correias de transmissão, os fluidos e pacientes estados sombrios dos ratos e das moscas, iam dizendo acerca das hipóteses de clemência nesse ano. O torvo aglomerado de tijolos é conhecido como Hospital de Santa Verónica da Imagem Verdadeira para Doenças Colónicas e Respiratórias, e um dos seus residentes é um tal Dr. Kevin Spectro, neurologista e casual Pavloviano.

Spectro é um dos sete originais proprietários do Livro, e caso se pergunte ao Sr. Pointsman que Livro, ele limitar-se-á a sorrir para nós. Ele roda, o misterioso Livro, entre os seus co-proprietários num ritmo semanal, e esta, presume Roger, é a semana em que o Spectro pode ser visitado a qualquer hora. Outros, nas semanas do Pointsman, vieram do mesmo modo até à «Visitação Branca» durante a noite, Roger ouviu-lhes os zelosos, conspiratórios sussurros nos

corredores, o vivo rumor de todos os sapatos deles, como calçado de baile sobre mármore, destruindo o repouso a uma pessoa, recusando-se sempre a esmorecer com a distância, a voz e a passada do Pointsman sempre distintas das demais. Como irá ela soar agora com uma retrete?

O Roger e a Jessica deixam o doutor numa entrada lateral, na qual ele se funde, não deixando nada senão chuva caindo dos declives e serifas de uma legenda ilegível sobre o lintel.

Viram para sul. As luzes do painel de instrumentos brilham calorosamente. Holofotes esquadrinham o céu chuvoso. A esguia máquina estremece sobre as estradas. A Jessica resvala para o sono, o assento de couro chia enquanto ela se enrosca. Os limpa-pára-brisas sacodem a chuva numa rítmica e brilhante urdidura. Passa das duas, e é tempo de ir para casa.



Dentro do hospital de Sta. Verónica eles sentam-se juntos, mesmo à saída da enfermaria de neuroses de guerra, nestas noites habituais. O autoclave ferve o seu belo amontoado de ossos de aço. Escapa-se vapor para o brilho do candeeiro de haste flexível, de vez em quando tornando-se muito luzidio, e as sombras dos gestos dos homens, afiados como facas, poderão passar entre ele em investidas muito rápidas. Mas ambos os rostos estão normalmente reservados, recolhidos bem para trás, no ânulo da noite.

Da escuridão da enfermaria, uma gaveta entreaberta de um arquivo de dores onde cada cama é um ficheiro, vêm gritos, soaram gritos, como de metal frio. O Kevin Spectro pegará na sua seringa e espetá-la-á uma dúzia de vezes hoje à noite, no escuro, para sedar a Raposa (o termo genérico dele para qualquer paciente — corra-se três vezes à volta do edifício sem pensar numa raposa e poder-se-á curar qualquer coisa). Em todas as vezes o Pointsman ficará sentado à espera que a conversa deles seja retomada, contente por repousar esses momentos na semiobscuridade, as esbatidas letras em folha dourada brilhando das lombadas dos livros, a fragrante messe

do café cercada por baratas, a chuva invernal no algeroz do lado de fora da janela...

«*Tu* não estás com melhor aspecto.»

«Ah, é o sacana do velho outra vez, deitou-me abaixo. Esta luta, Spectro, a cada *dia*, eu não...» baixando um trejeito de lábios para os seus óculos que ele está a limpar à camisa, «há mais no raio do Pudding do que aquilo que eu consigo *ver*, ele está sempre a sair-se com as suas... pequenas surpresas senis...»

«É da idade dele. A sério.»

«Oh, com *isso* posso eu lidar. Mas ele é tão— é tão *sacana*, ele *nunca* dorme, ele *conspira* —»

«Não é senilidade, não, eu referia-me à posição a partir da qual ele trabalha. Pointsman? Tu ainda não tens exactamente as mesmas prioridades dele, pois não? Não podes correr os riscos que ele corre. Já trataste gente daquela idade, conheces com certeza aquela estranha... *presunção*...»

A Raposa do próprio Pointsman está à espera, lá pela cidade, um troféu de guerra. Aqui dentro o minúsculo espaço de gabinete é a caverna de um oráculo: vapor a deambular, gritos sibilinos chegando do meio da escuridão... Ab-reacções do Senhor da Noite...

«Não gosto disso, Pointsman. Já que perguntaste.»

«Porque não.» Silêncio. «Não é ético?»

«Tem lá dó, e *isto* é ético?» erguendo então um braço para a saída que conduz à enfermaria, quase uma saudação Fascista. «Não, estou só a tentar pensar em maneiras de o justificar, experimentalmente. Não consigo. É apenas um homem.»

«É o Slothrop. Tu sabes o que ele é. Até o Mexico pensa... oh, o habitual. Precognição. Psicocinese. Eles têm os seus problemas, *essa* gente... Mas suponhamos que *tu* tinhas a possibilidade de estudar um caso verdadeiramente clássico de... uma patologia qualquer, um mecanismo perfeito...»

Certa noite o Spectro perguntara: «Se ele não tivesse sido um dos sujeitos do Laszlo Jamf, terias assim tanto interesse por ele?»

«Claro que teria.»

«Hmm.»

Imaginemos um míssil que só é ouvido a aproximar-se *após* ter explodido. A reversão! Um pedaço de tempo habilidosamente recorrido... alguns metros de filme postos a rodar em retrocesso... a explosão do foguete, caído mais depressa que o som — depois crescendo *para fora dela* o rumor da sua própria queda, a vir ter com aquilo que já está morto e em chamas... um fantasma no céu...

Pavlov estava fascinado com «ideias do oposto». Chamemos-lhe um agregado de células, algures no córtex do cérebro. Ajudando a distinguir o prazer da dor, a luz da treva, a dominação da submissão... Mas quando, de alguma maneira — esfomeai-os, traumatizai-os, dai-lhes choques eléctricos, castrai-os, enviai-os para uma das fases transmarginais, para além das fronteiras dos seus eus da vigília, para além das fases «equivalente» e «paradoxal» — se enfraquece essa ideia do oposto, e de repente aqui está o paciente paranóico que queria ser amo, e porém se sente agora um escravo... que seria amado, mas sofre a indiferença do seu mundo, e, «Creio eu», escrevia Pavlov a Janet, «é precisamente a fase *ultraparadoxal* que constitui a base do enfraquecimento da ideia do oposto nos nossos pacientes.» Os nossos loucos, os nossos paranóicos, maníacos, esquizóides, moralmente imbecis —

Spectro abana a cabeça. «Estás a pôr a resposta antes do estímulo.»

«De todo que não. Pensa nisso. Ele anda lá por fora, e consegue sentir-lhos a chegar, com dias de avanço. Mas é um reflexo. Um reflexo a algo que está no ar *agora mesmo*. Algo que nós estamos demasiado grosseiramente equipados para sentir — mas o *Slotbrop* consegue.»

«Mas isso torna-o extra-sensorial.»

«Porque não dizer «uma pista sensorial à qual nós não estamos a prestar atenção». Algo que sempre esteve ali, algo que poderíamos estar a ver mas ninguém vê. Muitas vezes, nas nossas experiências... Creio que M. K. Petrova foi a primeira a observá-lo... uma das mulheres, muito ao princípio do jogo a bem dizer... o mero acto de trazer o cão *para dentro do laboratório* — especialmente no nosso trabalho experimental da neurose... a primeira visão da bancada de testes, do técnico, uma sombra fugidia, o toque de uma corrente de ar, alguma pista que talvez jamais venhamos a definir seria o suficiente para o enviar para lá, para o tornar transmarginal.

«Portanto, o Slothrop. Concebivelmente. Lá pelo meio da cidade, só aquela ambiência — suponhamos que consideramos a própria guerra como um *laboratório*? quando a V-2 acerta, comprehedes, primeiro o rebentamento, depois o som dela a cair... a ordem normal dos estímulos invertida dessa maneira... pelo que ele poderia dobrar uma esquina particular, entrar numa certa rua, e por nenhuma razão óbvia sentir subitamente...»

Entra o silêncio, esculpido por sonhos falados, por vozes de dor das vítimas das bombas-foguete na porta ao lado, filhos do Senhor da Noite, vozes suspensas no estagnante ar medicinal da enfermaria. Orando ao seu Amo: mais cedo ou mais tarde uma ab-reacção, para cada um, por toda esta gelada e atribulada cidade...

... enquanto uma vez mais o chão é um gigantesco elevador que te impele sem aviso em direcção ao tecto — agora repetido enquanto as paredes são atiradas para trás, chovem tijolos e argamassa, a tua súbita paralisia enquanto a morte vem envolver e atordoar *não sei patrão, dev' ter perdid'os sentidos q'ando voltei a mim ela tinha desap'recido 'stava tud'a arder à volta a minha cabeça 'stava cheia de fumo...* e a visão do teu sangue a esguichar do flácido coto de artéria, as lousas do telhado cheias de neve caindo sobre metade da tua cama, o beijo de cinema nunca concluído, estavas imobilizado e a olhar para um amachucado maço de cigarros durante duas horas com dores, ouvias os gritos deles vindos das filas de ambos os lados mas não te conseguíamos mexer... a súbita luz a encher a sala, o horrível silêncio, mais brilhante do que qualquer manhã através de cobertores transformados em gaze sem sombras nenhumas, só uma indizível alvorada às duas horas... e...

... esse salto transmarginal, essa rendição. Onde as ideias do oposto se juntaram, e perderam a sua oposição. (E é realmente à explosão do foguete que o Slothrop está atento, ou será exactamente *essa despolarização*, essa confusão «neurótica» que preenche hoje à noite as enfermarias?) Quantas vezes mais até serem eliminadas essas iterações que se derramam, revivendo o rebentamento, receando abandonar isso por tal abandono ser tão final *como é que eu sei Doutor se alguma vez regressarei?*, e a resposta *confie em nós*, depois do foguete, é tão oca, mera

fantochada — confiar em vós? — e ambos o sabem... O Spectro sente-se uma autêntica fraude mas prossegue... somente porque a dor continua a ser real...

E aqueles que efectivamente o abandonam por fim: de cada catarse erguem-se novas crianças, sem dor, sem ego durante uma pulsação do Entretanto... ardósia apagada, novo escrito prestes a começar, mão e giz pairando na escuridão invernal sobre estes pobres palimpsestos humanos que tremem debaixo das suas mantas governamentais, drogados, afogando-se em lágrimas e ranho de uma mágoa tão real, arrancada de tão fundo que até surpreende, parece mais do que deles...

Como o Pointsman as cobiça, às bonitas crianças. Aquelas desanimadas cuecas dele estão a abarrotar de necessidade sem humor algum, mundana, de lhes usar a inocência, de nelas escrever novas palavras de sua lavra, os seus sonhos castanhos de Realpolitik, alguma próstata psíquica sempre em dorido amor prometida, ah somente insinuada até agora... quão sedutoramente elas se alinhgam deitadas nas suas armações de camas de ferro, nos seus virginais lençóis, aqueles amores tão naturalmente eróticos...

Estação Central de Autocarros de Santa Verónica, a encruzilhada deles (recentemente chegados a este falso parqué, negro de carvão raspado de pastilha elástica, lustrosidades de vômito nocturno, amarelo-pálido, claro como os fluidos dos deuses, desperdícios de jornais ou de panfletos de propaganda que ninguém leu em pedaços rasgados com forma de foice, velhos macacos de nariz, fuligem negra que é debilmente soprada para o interior quando as portas se abrem...).

Já esperaste nestes locais até ao princípio das manhãs, sincronizado com a alvura do interior, conheces o horário das Chegadas de cor, de cor e salteado. E de onde essas crianças fugiram, e que, nesta cidade, não há ninguém que venha recebê-las. Impressiona-las com a tua gentileza. Nunca decidiste ao certo se elas conseguem ver através do teu vácuo. Não olharão por enquanto para os teus olhos, as esguias pernas delas nunca estão quietas, as meias tricotadas descaem (todos os elásticos foram para a guerra), mas de um modo encantador: pequenos calcanhares batem irrequietos contra os sacos de lona, as desfiadas valises sob o banco de madeira. Altifalantes no tecto reportam partidas e chegadas em Inglês, depois nas outras línguas, as

dos exilados. A criança desta noite teve uma longa viagem até aqui, não dormiu. Os olhos dela estão vermelhos, o vestido amarrrotado. O casaco dela tem servido de almofada. Sentes-lhe a exaustão, sentes a impossível vastidão de toda a província adormecida nas costas dela, e de momento és realmente altruísta, assexuado... pensando somente como abrigá-la, tu és o Auxílio do Viajante.

Atrás de ti, ao longo da noite, longas filas de homens em uniforme afastam-se vagarosamente, pontapeando pelo caminho os sacos dos ausentes sem licença, na sua maioria em silêncio, rumo a portas de saída pintadas de bege, mas com bordas manchadas num tom mais castanho em curvas-de-sino de despedidas pela geração de mãos. Portas que só de vez em quando se abrem deixam entrar o ar frio, levam para o exterior um certo contingente de homens, e tornam a fechar-se. Um motorista, ou um escrivão, está junto à porta verificando bilhetes, passes, formulários de licenças militares. Um a um os homens saem para esse rectângulo perfeitamente negro de noite e desaparecem. Vão-se, a guerra leva-os, o homem de trás já a apresentar o seu bilhete. Lá fora rugem motores: mas menos como transporte do que como um qualquer tipo de máquina estacionária, frequências muito baixas de terramoto chegando misturadas com o frio — de certa maneira intimando que lá fora a tua cegueira, após estes brilhantes interiores, será como um golpe súbito... Soldados, marinheiros, fuzileiros, homens da aviação. Um a um, vão-se. Os que por acaso estejam a fumar poderão demorar mais um instante, débil brasinha balouçando num arco alaranjado uma vez, duas vezes — não mais. Tu sentas-te, meio virado para os observares, a tua suja e sonolenta querida começa a queixar-se, e não vale a pena — como podem os teus desejos caber dentro desta mesma moldura branca com tantas, tão intermináveis, partidas? Mil crianças estão a arrastar-se para fora daquelas portas hoje à noite, mas só em raras noites entrará uma sequer, lá em casa na tua espermática cama de molas, o vento por cima da fábrica de gás, cheiros mais próximos de bolor em borras de café molhadas, merda de gato, camisolões decorados com buracos amontoados a um canto, num qualquer accidental gesto, escamoteação ou abraço. Esta muda fila invariável... milhares a irem-se embora... só a partícula desgarrada e anómala, por acidente, vogando contra a corrente principal...

Porém apesar de toda a sua agonia tudo o que o Pointsman conquistará, daí a pouco, é um polvo — sim um gigantesco polvo de filme de terror chamado Grigori: cinzento, viscoso, nunca quieto, tremecendo em câmara lenta no seu improvisado curro junto ao pontão de Ick Regis... um vento terrível nesse dia a vir do Canal, o Pointsman com o seu gorro Balaclava, olhos a gelarem, o Dr. Porkyevitch com gola do casacão levantada e gorro de pelo enfiado até às orelhas, os hálitos deles fedendo ao peixe de algumas horas antes, e que raio pode o Pointsman fazer com este animal?

Já, por si mesma, a resposta está a crescer, num instante uma in-característica gota de blástula, no seguinte dobrando-se, começando a diferenciar-se...

Uma das coisas que o Spectro disse nessa noite — foi seguramente nessa noite — foi: «Só me ponho a imaginar se tu sentirias o mesmo sem todos esses cães à tua volta. Se os teus sujeitos sempre tivessem sido humanos.»

«Devias oferecer-me um ou dois, então, em vez de — estás a falar a sério? — polvos gigantes.» Os doutores examinam-se um ao outro mais de perto.

«Imagino o que farias tu.»

«Também eu.»

«Leva o polvo.» Quer ele dizer «esquece o Slothrop»? Um momento de grande intensidade.

Mas então o Pointsman ri a bem conhecida risada que lhe prestou serviço de alabardeiro numa profissão onde com demasiada frequência se cai em impasses. «Dizem-me *sempre* para levar animais.» É que alguns anos antes um colega — agora desaparecido — lhe disse que ele seria mais humano, mais caloroso, se tivesse um cão ao qual chamassem seu, fora do laboratório. Pointsman tentara — Deus sabe que ele tentara — era um springer spaniel chamado Gloucester, animal assaz agradável, supunha ele, mas a tentativa durara menos de um mês. O que finalmente o irritara para além de toda a tolerância fora que o cão não sabia como reverter o seu comportamento. Conseguiu abrir portas à chuva e aos insectos primaveris, mas não fechá-las... derrubar o lixo, vomitar no chão, mas não limpá-lo — como poderia *alguém* viver com tal criatura?

«Os polvos», diz o Spectro num tom de lisonja, «são dóceis sob cirurgia. Conseguem sobreviver a remoções maciças de tecido cerebral. A resposta incondicionada deles à presa é *muito* fiável — mostra-se-lhes um caranguejo, ZÁS! lá salta o velho tentáculo, para o envenenar e jantar lá em casa. E, Pointsman, eles *não ladram*.»

«Oh, mas. Não... tanques, bombas, filtros, comida especial... isso pode ser óptimo lá em Cambridge, com aquela gente, mas aqui são todos uns unhas-de-fome, é o raio da ofensiva do Rundstedt, tem de ser... O E.G.P. agora não financia nada a não ser que isso tenha algum ganho táctico, imediatamente — na semana passada, sabes como é, se não for antes. Não, um polvo é demasiado elaborado, nem mesmo o Pudding iria aceitar isso, não nem sequer o velho ilusões-de-grandeza em pessoa.»

«Não há limite para as coisas que se pode ensinar-lhes.»

«Spectro, tu não és o diabo.» Olhando mais de perto, «Ou és? Sabes que estamos apostados em estímulos seguros, todo o fulcro desse esquema do Slothrop *tem* de ser auditivo, a *reversão* é auditiva... Já vi um ou dois cérebros de polvo no meu tempo, amigo, e não julgues que não reparei naqueles grandes lobos ópticos a sobressair. Eh? Tu estás a tentar impingir-me uma criatura visual. O que é que há para ver quando o raio daquelas coisas vêm por aí abaixo?»

«O brilho.»

«Eh?»

«Uma bola vermelha incandescente. Caindo como um meteoro.»

«Disparate.»

«O Gwenhidwy viu uma na outra noite, por cima de Deptford.»

«O que eu quero», o Pointsman agora inclinado para a radiância central do candeeiro, o seu rosto branco mais vulnerável que a sua voz, sussurrando por cima do ardente pináculo de uma hipodérmica colocada de pé sobre a secretária, «o que eu realmente preciso, não é um cão, não é um polvo, mas uma das tuas belas Raposas. *Raios partam*. Uma, pequena, *Raposa*.»



Algo anda em perseguição pela cidade de Fumo — recolhendo esbeltas raparigas, louras e macias como bonecas, às mãos-cheias.

Os lastimosos gritos delas... os abonecados e lastimosos gritos delas... o rosto de uma está subitamente muito perto, e *abaixo!* sobre os olhos pasmados vêm pálpebras de cor creme com hirtas pestanas, que se fecham com fragor, a longa reverberação dos contrapesos de chumbo ressoa no interior da cabeça dela enquanto as pálpebras da própria Jessica se abrem agora num ápice. Ela vem à superfície a tempo de ouvir os últimos ecos rebentando no seguimento da explosão, austeros e penetrantes, um som invernal... O Roger também desperta brevemente, murmura algo como «Loucura do caralho», e cabeceando regressa ao sono.

Ela estica-se, mãozinha cega roçando o tiquetaqueante relógio, a coçada barriga de feltro do seu panda Michael, uma garrafa de leite vazia contendo rebentos escarlates dos eufórbios de um jardim que fica a um quilómetro e meio ao fundo da estrada: estica-se para onde os cigarros dela deveriam estar mas não estão. Agora já meio saída das cobertas, ela suspende, entre os dois mundos, uma tensão alva, atlética, neste quarto frio. Oh, enfim... deixa-o dentro da quente cova deles, move-se tremendo vuuhvuuh na granulosa escuridão sobre tábuas de soalho retesadas pela invernalia, escorregadias como gelo para os seus pés descalços.

Os cigarros dela estão no chão da saleta, caídos entre almofadas diante da lareira. As roupas do Roger estão espalhadas por toda a parte. Entre baforadas de cigarro, piscando um olho devido ao fumo, ela faz arrumações, dobrando as calças dele, pendurando-lhe a camisa. Depois vagueia até à janela, ergue a cortina de ocultamento, tenta olhar lá para fora através da geada que se acumulou nas vidraças, para a neve que tem rastos de raposas, coelhos, cães há muito perdidos, e aves invernais, mas não de humanos. Canais de neve vazios serpeiam rumo às árvores e à vila cujo nome eles ainda não conhecem. Ela esconde os cigarros dentro da concha da mão, não se arriscando a mostrar um lume apesar de a extinção de luzes ter sido abolida há semanas e semanas, já faz parte de um outro tempo e mundo. Camiões de carga tardios lançam-se para norte e para sul pela noite, e aviões enchem o céu até serem sorvidos a leste por um qualquer tipo de sossego.

Poderiam eles ter-se contentado com hotéis, formulários AR-E, serem revistados em busca de câmaras e binóculos? Esta casa, vila, arcos cruzados de Roger e Jessica são tão vulneráveis, às armas Alemãs e aos regulamentos Britânicos... aqui não se *sente* perigo, mas ela deseja que houvesse outros por ali, e que aquilo pudesse realmente ser uma aldeia, a aldeia dela. Os holofotes poderiam ficar, para iluminarem a noite, e os balões de barragem para povoarem gorda e amigavelmente o amanhecer — tudo, até as explosões nas distâncias poderiam ficar desde que não tivessem objectivo algum... desde que ninguém tivesse de morrer... não poderia ser assim? somente excitação, som e luz, um temporal aproximando-se no Verão (viver-se num mundo em que *isso* fosse a excitação do dia...), somente gentis trovões?

A Jessica flutuou para fora de si mesma, subiu para se observar observando a noite, para pairar numa brancura de calças largas e ombros enchumaçados, de polimento acetinado nas anoitecentes superfícies dela. Até qualquer coisa cair aqui, suficientemente perto para importar, eles têm de facto a sua segurança: os seus matagais de hastas azul-prateadas que quando escurece se esticam para tocar ou varrer nuvens, as massas verde-acastanhadas de uniforme, nos finais de tarde, pedra, olhos nas distâncias, levados em comboio para as frentes, para elevados destinos que têm, estranhamente, tão pouco que ver com eles os dois aqui... não sabes que está a haver uma guerra, ó anormal? sim mas — aqui está a Jessica com o pijama usado da sua irmã, e o Roger a dormir sem nada que seja, mas onde *está a guerra?*

Até isso os tocar. Até algo cair. Um gatafunho dará tempo de chegar a local seguro, um foguete cairá antes que o ouçam chegar. Bíblico, porventura, assustador como um velho conto de fadas nortenho, mas não A Guerra, não a grande contenda entre bem e mal que a telefonia relata todos os dias. E nenhuma razão para não, bom, continuar simplesmente...

O Roger tentou explicar-lhe as estatísticas da bomba V: a diferença entre a distribuição, do ponto de vista de um anjo, sobre o mapa de Inglaterra, e as hipóteses deles, vistas cá de baixo. Ela quase entendeu:

quase comprehende a equação de Poisson dele, mas não consegue porém pôr os dois a par — pôr o seu forçadamente calmo dia-a-dia a par dos puros números, e mantê-los ambos em vista. Há sempre peças a escorregar para dentro e para fora.

«Porque é que a tua equação é só para anjos, Roger? Porque não podemos nós fazer qualquer coisa, cá em baixo? Não poderia haver uma equação para nós também, algo que nos ajudasse a encontrar um sítio mais seguro?»

«Porque estou eu rodeado», hoje o habitual ser comprehensivo dele, «de iletrados estatísticos? Não há maneira, amor, não enquanto a densidade média de ataques for constante. O Pointsman nem sequer comprehende isso.»

Os foguetes *estão* a distribuir-se por Londres tal como a equação de Poisson prevê nos compêndios. À medida que os dados continuam a chegar, o Roger parece cada vez mais um profeta. O pessoal da Secção Psi olha para ele nos corredores. Não é precognição, ele quer fazer um anúncio na cafetaria ou algo assim... alguma vez fingir qualquera coisa que não sou? tudo o que eu ando a fazer é enfiar números numa equação bem conhecida, podem ir ver aos livros e fazê-lo vós próprios...

O pequeno gabinete dele é agora dominado por um reluzente mapa, uma janela para uma paisagem diferente da do Sussex invernal, nomes escritos e uma teia de ruas, um fantasma de Londres em tinta, traçado a régua em 576 quadrados, cada um deles um quarto de quilómetro quadrado. Os ataques de foguetes são representados por círculos vermelhos. A equação de Poisson dirá, para uma quantidade total de impactos escolhida arbitrariamente, quantos dos quadrados não receberão nenhum, quantos receberão um, dois, três, e assim por diante.

Um frasco de Erlenmeyer borbulha no anel. Luz azul começa a chocalhar, reenovelando-se entre o fluxo que fermenta dentro do vidro. Antigos e delapidados livros de estudo e papéis matemáticos estão espalhados pela secretária e pelo chão. Um retrato da Jessica espreita algures por baixo do velho Whittaker e Watson do Roger. O encanecente Pavloviano, a encaminhar-se com o seu porte retesado, delgado como uma agulha, pelas manhãs para o seu laboratório,

onde estão à espera cães com as faces abertas, gotas cor de prata invernal brotando de cada metódica fístula em carne viva para encher o copo de papel de cera ou o tubo graduado, detém-se junto à porta aberta do Mexico. Para além desta o ar está azul dos cigarros fumados e refumados como beatas ao fim dos gélidos turnos das manhãs negras, uma atmosfera viciada e abominável. Mas ele tem de entrar, tem de enfrentar a habitual chávena matinal.

Ambos sabem como deve parecer estranha a ligação deles. Se alguma vez existiu um anti-Pointsman, esse homem é o Roger Mexico. Não tanto, admite o doutor, pela investigação psíquica. O jovem estatístico é dedicado ao número e ao método, não aos batimentos na mesa ou ao pensamento fantasioso. Mas no domínio do zero para o um, do não-algo para o algo, o Pointsman somente pode possuir o zero e o um. Não pode, como o Mexico, sobreviver num qualquer lugar entre eles. Tal como o seu mestre I. P. Pavlov antes de si, ele imagina o córtex do cérebro como um mosaico de minúsculos elementos que se ligam e desligam. Alguns estão sempre em luzente excitação, outros obscuramente inibidos. Os contornos, brilhantes e escuros, estão sempre a mudar. Mas a cada ponto só se permitem esses dois estados: acordado ou adormecido. Um ou zero. «Soma», «transição», «irradiação», «concentração», «indução recíproca» — toda a mecânica cerebral Pavloviana — assumem a presença desses pontos biestáveis. Mas ao Mexico pertence o domínio *entre* zero e um — o meio que o Pointsman excluiu da sua persuasão — as probabilidades. Uma hipótese de 0,37 de que, quando ele parar a sua contagem, um dado quadrado do seu mapa tenha sofrido apenas um impacto, uma de 0,17 de que ele venha a sofrer dois...

«Você não pode... *dizer*», o Pointsman oferecendo ao Mexico um dos seus Kyprinos Orients, que ele guarda em secretos bolsos para cigarros cosidos no interior de todas as suas batas de laboratório, «a partir desse seu mapa, para que locais seria mais seguro ir, quais estariam mais a salvo de um ataque?»

«Não.»

«Mas certamente que —»

«Cada quadrado tem a mesma probabilidade de voltar a ser atingido. Os impactos não estão a concentrar-se. A densidade média é constante.»

Nada no mapa diz o contrário. Apenas uma clássica distribuição de Poisson, que se coa devida e serenamente entre os quadrados exactamente como deveria... crescendo até à sua forma prevista...

«Mas há quadrados que já *tiveram* diversos impactos, quero eu dizer —»

«Lamento. Essa é a Falácia de Monte Carlo. Não importa quantos tenham caído dentro de um quadrado em particular, as probabilidades continuam a ser as mesmas que sempre foram. Cada impacto é independente de todos os outros. As bombas não são cães. Não há ligação. Não há memória. Não há condicionamento.»

Bela coisa para se dizer a um Pavloviano. Será da habitual insensibilidade pedante do Mexico, ou saberá ele o que diz? Se não há nada a ligar os ataques de foguetes — nenhum arco reflexo, nenhuma Lei da Indução Negativa... então... Ele vai ter com o Mexico todas as manhãs como se fosse a uma dolorosa cirurgia. Cada vez mais assombrado pelo ar de menino do coro, pelas brincadeiras de colegial. Mas é uma visita que ele tem de fazer. Como pode o Mexico brincar, com tamanho à vontade, com estes símbolos de acaso e de pavor? Inocente como uma criança, talvez sem consciência — talvez — de que com a sua brincadeira ele arruina os elegantes aposentos da história, ameaça a própria ideia de causa e efeito. E se toda a *geração* do Mexico se tiver transformado nisto? Será o Pós-Guerra não mais do que «eventos», de um momento recém-criado para o seguinte? Sem ligações? Será isso o fim da história?

«Os Romanos», o Roger e o Reverendo Dr. Paul de la Nuit estavam numa noite a beber juntos, ou estava o vigário, «os antigos padres romanos punham um crivo na estrada, e depois ficavam à espera para verem quais os caules de ervas que subiam através dos buracos.»

Roger viu imediatamente a ligação. «Estou para aqui a pensar», rebuscando bolso atrás de bolso, porque é que eles nunca servem para nenhum raio de — ah, cá está, «se isso seguisse uma de Poisson... vamos lá ver...»

«Mexico.» Inclinando-se para a frente, definitivamente hostil. «Eles usavam os caules que cresciam entre os buracos para curarem

os doentes. O crivo era para eles um artigo muito sagrado. O que fará você com o crivo que instalou sobre Londres? Como usará você as coisas que crescem na sua rede de morte?»

«Não estou a entendê-lo.» É só uma equação...

O Roger quer realmente que as outras pessoas saibam do que está ele a falar. A Jessica comprehende isso. Quando não sabem, o rosto dele torna-se muitas vezes pálido e enevoado, como por detrás do vidro enfarruscado da janela de uma carruagem de comboio enquanto se baixam umas barreiras vagamente prateadas, os espaços vêm separá-lo a ele muito mais, adelgaçando-lhe mais ainda a solidão. Ela soube-o no primeiro dia deles, ele a debruçar-se para abrir a porta do Jaguar e tão certo de que ela nunca iria entrar. Ela vira-lhe a solidão: no rosto, entre as suas vermelhas mãos de unhas roídas...

«Bom, não é justo.»

«É eminentemente justo», o Roger agora cínico, parecendo muito novo, pensa ela. «Toda a gente é igual. As hipóteses de se ser atingido são as mesmas. Igual aos olhos do foguete.»

Ao que ela lhe atira o seu olhar à Fay Wray, olhos tão esbugalhados quanto consegue, boca vermelha prestes a abrir-se num grito, até que ele tem de se rir. «Oh, pára com isso.»

«Por vezes...» mas o que quer ela dizer? Que ele tem de ser sempre amável, a precisar dela e nunca, como agora, o pairante querubim estatístico que nunca foi inteiramente ao inferno mas fala como se fosse um dos mais caídos...

«Nihilismo barato» é o nome que o Capitão Prentice dá a isso. Foi num dia junto ao lago gelado nas proximidades da «Visitação Branca», o Roger para ali a chupar pingentes de gelo, deitado de costas e abanando os braços para fazer anjos na neve, por diversão.

«Quer dizer que ele não tem pago...», olhando para o alto, para o alto, o rosto do Pirata queimado pelo vento a parecer acabar no céu, o cabelo dela interpondo-se finalmente no caminho dos olhos cinzentos e reservados dele. Era amigo do Roger, não estava a brincar nem a rebaixar, não sabia nada, adivinhou ela, dessas guerras de sapatos de baile — e de qualquer modo nem precisava, pois ela já estava, um namorico terrível... bom, nada de sério, mas aqueles olhos para dentro dos quais ela nunca conseguia olhar eram de cair para o lado, completamente espantosos, a sério.

«Quanto mais V-2 houver por lá à espera de serem disparadas para cá», disse o Capitão Prentice, «melhores as hipóteses de que ele apanhe uma, como é óbvio. Claro que não se pode dizer que ele não ande a pagar um mínimo. Mas todos nós andamos.»

«Bom», o Roger abanando a cabeça quando ela lhe contou isso mais tarde, pensando nisso, «é a maldita insanidade Calvinista outra vez. Pagamento. Porque têm eles de pôr sempre a coisa em termos de troca? O que quer o Prentice, outro tipo de Proposta Beveridge ou algo assim? Atribuir a cada qual um Quociente de Amargura! óptimo — diante da Comissão de Avaliação, uns tantos pontos por se ser judeu, se estar num campo de concentração, não se ter membros ou órgãos vitais, por se perder uma esposa, uma amante, um amigo íntimo —»

«Eu sabia que tu ias ficar zangado», murmurou ela.

«Não estou zangado. Não. Ele tem razão. É barato. Pronto, mas então o que quer ele —» aproximando-se agora furtivamente desta saletazinha atulhada e obscura, paredes decoradas com rígidos retratos de cães de cobro apontados em campos que jamais existiram a não ser em certas fantasias sobre a morte, prados mais dourados à medida que lhes vai envelhecendo o óleo de linhaça, cada vez mais outonais, necropolíticos, do que as esperanças anteriores à guerra — para um fim de toda a mudança, para uma longa tarde estatística e a perdiz para sempre a levantar voo de forma difusa, as paisagens levando os seus plúmbeos e oblíquos montes roxos até ao pálido céu, o bom cão alertado pelo odor eterno, a explosão sobre a cabeça dele sempre prestes a chegar — essas esperanças ali tão pacientemente, tão indefesamente, que o Roger nem nos seus maiores momentos de nihilismo barato se resolveu a tirar dali os quadros, a virá-los para o papel de parede — «mas o que é que vocês esperam de mim, trabalhando todos os dias entre doidos furiosos», a Jessica a suspirar *oh meu Deus*, a dobrar as suas bonitas pernas para cima da cadeira, «eles crêem na sobrevivência após a morte, na comunicação de espírito a espírito, na profetização, na clarividência, na teleportação — eles acreditam, Jess! e — e —» algo lhe bloqueia o discurso. Ela esquece-se do seu aborrecimento, levanta-se do gordo cadeirão com pano às vírgulas para o abraçar, e *como sabe ela*, dentro da saia quentes coxas e púbis aproximando-se para aquecerem e erguerem a picha dele,

perdendo o que lhe resta de batom na camisa dele, músculos, toques, peles confundidas, elevadas, ensanguentadas — sabe tão exactamente o que o Roger queria dizer?

De espírito a espírito, hoje à noite acordada a altas horas junto à janela enquanto ele dorme, acendendo mais um precioso cigarro na brasa do último, enchendo-se de uma necessidade de gritar por conseguir ver tão nitidamente os seus próprios limites, ela sabe que jamais conseguirá protegê-lo tanto quanto deve — do que poderá vir do céu, do que ele não conseguiu confessar naquele dia (rangentes caminhos de neve, arcadas das árvores vergadas e barbadadas pelo gelo... o vento deitou abaixo cristais de neve: criaturas roxas e alaranjadas florescendo nas longas pestanas dela), e do Sr. Pointsman, e das coisas deste... da sua... uma frialdade sempre que ela o encontra. Neutralidade de cientista. Mãoz que — ela estremece. Há agora hipóteses para formas inimigas saindo da neve e da imobilidade. Ela deixa cair a cortina de ocultamento. Mãoz que tanto poderiam torturar pessoas como cães e nunca lhes sentirem a dor...

Uns passos furtivos de raposas, uma cobardia de cachorros são o trânsito que hoje à noite sussurra nos pátios e nas vielas. Um motociclo que segue pela estrada principal, rosmando pretensiosamente como um avião de combate, passa para além da aldeia, a caminho de Londres. Os grandes balões vogam pelo céu, inchados como pérolas, e o ar está tão quieto que o breve nevão da manhã de hoje ainda pende dos cabos de aço, a brancura contorce-se como um palito de hortelã-pimenta por centenas de metros de noite abaixo. E as pessoas que poderiam estar a dormir nas casas vazias daqui, pessoas arrasadas, algumas já para sempre... sonharão elas com cidades que à noite refulgem de candeeiros por todos os lados, com Natais vistos novamente pelo ângulo das crianças e não dos carneiros amontoados e tão vulneráveis na sua encosta nua, tão descorados pela horrível radiância da Estrela? ou com canções tão divertidas, tão amorosas ou verdadeiras, que elas nem se lembram de acordar... sonhos de tempo de paz...

«Como era? Antes da guerra?» Ela sabe que nessa altura estava viva, uma criança, mas não é isso que ela quer dizer. Telefonia, Variações de Frank Bridge cheias de estática, uma escova de cabelo para o cérebro emaranhado a chegar pelo Serviço Nacional da BBC,

garrafa de Montrachet, um presente do Pirata, a arrefecer na janela da cozinha.

«Ora bem», na sua rouca voz de velho miserável, mão entrevada a estender-se para apalpar o peito dela da maneira mais desagradável que ele conhece, «miúda, isso depende de *qual* a guerra a que te *referes*», e aí vem, ugh, ugh, baba a acumular-se ao canto do lábio inferior dele e a descair cada vez mais num fio prateado, ele é tão esperto, treinou todos estes nojentos —

«Não sejas ridículo, estou a falar a sério, Roger. Eu não me lembro.» Vê covinhas surgindo-lhe em ambos os lados da boca enquanto ele pensa nisso, sorrindo para ela de uma maneira estranha. *Há-de ser assim quando eu tiver trinta...* visão de diversas crianças, um jardim, uma janela, vozes *Mamã, o que é...* pepinos e cebolas castanhas sobre uma tábuia de cozinha, ramos de cenouras bravas salpicando de amarelo brilhante uma profunda extensão de relvado muito verde, e a voz dele —

«Do que *eu* me lembro é que era uma parvoíce. Uma parvoíce completamente irresistível. Não acontecia nada. Oh, o Eduardo VIII abdicou. Apaixonou-se pela —»

«Isso já eu sei, também leio as revistas. Mas *como* é que era?»

«Era só... era só uma parvoíce tremenda, nada mais. A preocupamo-nos com coisas que não — Jess, a sério que não consegues lembrar-te?»

Jogos, bibes, raparigas amigas, um gato preto do beco que tinha pezinhos brancos, férias com a família toda ao pé do mar, água salgada, peixe frito, passeios de burro, tafetá cor de pêssego, um rapaz chamado Robin...

«Nada que tenha mesmo desaparecido, que eu nunca mais consiga encontrar outra vez.»

«Oh. Ao passo que as *minhas* memórias —»

«Sim?» Ambos sorriem.

«Uma pessoa tomava imensa aspirina. Uma pessoa bebia ou estava bêbeda na maior parte do tempo. Uma pessoa preocupava-se em saber se os seus fatos de salão lhe assentavam bem. Uma pessoa desprezava as classes superiores mas tentava desesperadamente comportar-se como elas...»

«E uma pessoa gritava wee, wee, wee, pelo caminho fora —» a Jessica a não conter uma gargalhada enquanto ele lhe procura o ponto do flanco suado onde sabe que ela não suporta que lhe façam cócegas. Ela encolhe-se, esquiva-se, foge-lhe da frente enquanto ele passa por si a rebolar, indo de encontro às costas do sofá mas conseguindo uma bela recuperação, e agora já ela está cheia de cócegas por todo o lado, ele pode agarrar-lhe um tornozelo, um cotovelo —

Mas um foguete caiu de repente. Uma explosão terrível ali muito perto do outro lado da aldeia: todo o tecido do ar, do tempo, se altera — o caixilho da janela é projectado para dentro, ressaltando com um ranger de madeira para tornar a cair enquanto toda a casa estremece ainda.

Os corações deles batem ruidosamente. Os tímpanos retesados pela pressão excessiva retinem de dor. O comboio invisível corre para longe passando perto do cimo do telhado...

Sentam-se tão quietos quanto os cães pintados agora, em silêncio, estranhamente incapazes de se tocarem. A morte entrou pela porta da despensa: está ali de pé a olhá-los, férrea e paciente, com um olhar que diz *tenta fazer-me cócegas a mim*.

□ □ □ □ □ □

(1)

DT Enfermaria Ab-reacção
Hospital de Sta. Verónica
Bonechapel Gate, E1
Londres, Inglaterra
Inverno, 1944

Ao Miúdo de Kenosha
Posta Restante
Kenosha, Wisconsin, E.U.A.

Caro Senhor:
Tê-lo-ei incomodado, *alguma vez que fosse*, por qualquer coisa, na sua vida?

Sinceramente seu,
Ten. Tyrone Slothrop

 Posta Restante
 Kenosha, Wisc. E.U.A.

alguns dias depois

Tyrone Slothrop, Esc.
 DT Enfermaria Ab-reacção
 Hospital de Sta. Verónica
 Bonechapel Gate, E1
 Londres, Inglaterra

Caro Sr. Slothrop:
 Jamais o fez.

O Miúdo de Kenosha

(2) Moço espertalhaço: Ui, eu fiz todas aquelas danças d'antigamente, fiz o «Charleston», e-e o «Big Apple» também!

Velho veterano do sapateado: Aposto que nunca fizeste o «Kenosha», miúdo!

(2.1) M. E.: Bolas, eu fiz aquelas danças todas, fiz o «Castle Walk», e também fiz o «Lindy»!

V.V.S.: Aposto que nunca fizeste o «Miúdo de Kenosha».

(3) Funcionário subalterno: Bom, ele tem andado a evitar-me, e eu pensei que pudesse ser por causa do Caso Slothrop. Se ele de algum modo me considerasse responsável —

Superior (com altivez): Tu! nunca o Miúdo de Kenosha pensou por algum instante que *tu*...

(3.1) Superior (com incredulidade): Tu? Nunca! O Miúdo de Kenosha pensou por algum instante que *tu*...?

(4) E no termo do grandioso dia em que ele nos deu em letras de fogo no céu todas as palavras de que alguma vez necessitaremos, palavras de que hoje em dia desfrutamos, e com as quais enchemos nossos dicionários, a modesta voz do pequeno Tyrone Slothrop, celebrada desde então na tradição e na canção, lá ousou filtrar-se até à atenção do Miúdo: «Tu nunca fizeste “o”, Miúdo de Kenoshal!»

Essas alterações no texto «Tu nunca fizeste o Miúdo de Kenosha» estão a ocupar a consciência do Slothrop enquanto o doutor se debruça da alvura lá de cima para o acordar e dar início à sessão. A agulha penetra sem dor na veia mesmo ao lado da covinha no re côncavo do seu cotovelo: 10% de Amital de Sódio, um cc de cada vez, à medida das necessidades.

(5) Talvez tenhas conseguido filar o Philadelphia, rachar o Rochester, jogar com o Joliet. Mas tu nunca fizeste o Kenosha miúdo.

(6) (O dia da Ascensão e sacrifício. Acatado na nação inteira. Gorduras a mirrarem, sangue a escorrer e a queimar-se num castanho salgado...) Tu fizeste o reco de Charlottesville, confirma-se, o potro de Forest Hills, confirma-se. (Agora a desvanecer-se...) O cordeiro de Laredo. Confirma-se. Oh-oh. Espera. O que é isto, Slothrop? Tu nunca fizeste o Kenosha miúdo. Vê se acordas, Slothrop.

Tenho tesão no meu punho,
Não fiques triste,
Re-alista-te —
Vê — s'acordas, Slothrop!

Jackson, deixa de seres maroto,
Dá-me só o meu «pato roto!»
Vê — s'acordas, Slothrop!

Ninguém aqui me ama ou entende,
Procuram outro sítio para lá m'enviarem... de repente...

Drena-m'a cabeça e escuta-m'o cérebro sem peias,
 Espeta-me ess'agulha na veia,
 Slothrop, vê s'accordas!

PISCES: Hoje queremos falar um pouco mais sobre Boston, Slothrop. Você lembra-se de que na última vez falámos sobre os Negros, em Roxbury. Sabemos agora que isso não é lá muito confortável para si, mas faça um esforço, se não se importa. Ora — onde está você, Slothrop? Consegue ver alguma coisa?

Slothrop: Bom, não, *ver exactamente* não...

Entrando de rompante no metropolitano elevado, somente em Boston, aço e um sudário de carvão por cima dos tijolos antigos —

O ri-tmo apanhou-me,
 Oh miúda, esse balouçar, balouçar, balouçar!
 Pois é o ritmo apanhou-me
 Só por pensar que o grande-mundo-sabe-cantar,
 Ora eu nunca nunca o ouvi, que som tão chique,
 Mesmo ao virar da esquina-na, Ba-sin Street,
 E agora qu'o ritmo m'apanhou, miudagem vamos
 Balouçar, balouçar, balouçar,
 Vá lá... miudagem, vamos... balouçar!

Rostos negros, toalhas de mesa brancas, reluzentes *facas muito afiadas* alinhadas ao lado dos pratos... fumos de tabaco e de «erva» ricamente misturados, vermelhidão dos olhos e acre como vinho, vócēses agora vão fumar um ‘cadito aqui desta merda qu'inté põe a mexer as pregas todas do meu cérebro! deixa-mas logo todas lisas, essa é qu'é essa!

PISCES: Você disse «essa é qu'é essa», Slothrop?

Slothrop: Vá lá malta... não tornem isto tão...

Estudantes universitários brancos, gritando pedidos ao «combo» que está sobre o palco. Vozes de escola preparatória do leste, pronunciando *otário* com uma certa esfincterização dos lábios que faz aquilo sair como *oitáuio*... cambaleiam, fazem banzé. Aspidistras,

gigantescos filodendros, grandes folhas verdes e palmeiras da selva ficam a pender para a obscuridade... dois empregados de balcão, um muito louro Índio do Oeste, fonzino, com bigode, e o seu colega preto como uma mão dentro de uma luva de noite, movem-se interminavelmente em frente ao fundo, ao oceânico espelho que engole a maior parte da sala em sombras de metal... as cem garrafas contêm a sua luz por breves instantes antes de ela fluir para o espelho... mesmo quando alguém se verga para acender um cigarro, a chama só se reflecte ali como um escuro, alaranjado crepúsculo. O Slothrop nem sequer consegue ver a sua própria cara branca. Uma mulher volta-se para o fitar de uma mesa. Os olhos dela dizem-lhe, nesse instante, o que ele é. A harmónica que ele traz no bolso reverte para inércia de latão. Um peso. Um acessório em voga. Mas ele leva-a consigo para onde quer que vá.

Ao cima das escadas, no lavabo masculino do Roseland Ballroom ele deixa-se cair de joelhos sobre uma sanita, vomitando cerveja, hambúrgueres, batatas fritas, salada do chefe com molho à francesa, meia garrafa de Moxie, pastilhas para a digestão, uma barra de chocolate Clark, meio quilo de amendoins salgados, e a cereja do coquetel de uma qualquer rapariga de Radcliff. Sem nenhum aviso, enquanto as lágrimas lhe brotam dos olhos, PLOP faz a harmónica dentro da, *aagghh*, da imunda *sanita!* Logo lhe sobem umas bolhinhas pelos luzidios flancos, pelas superfícies de madeira castanha, algumas envernizadas outras já gastas pelos lábios, essas finas sementes prateadas a desfazerem-se enquanto a harmónica desce para a cerviz de pedra branca e para a noite inferior... Um dia o Exército dos Estados Unidos há-de dar-lhe camisas cujos bolsos ele pode abotoar. Mas nestes dias anteriores à guerra ele somente pode confiar na goma da sua alvíssima camisa de peitilho para fazer com que o bolso fique suficientemente colado para impedir que os objectos... Mas não, não, tolo, a harmónica já caiu, lembras-te? as palhetas mais graves cantam por um instante ao embaterem na porcelana (está a chover contra uma janela algures, e lá fora em cima da cobertura metálica de um respiradouro do telhado: fria chuva de Boston) depois extinguem-se na água raiada pelos últimos resquícios da bile acastanhada

do seu vômito. Não se pode chamá-la atrás. Ou ele deixa ir a harmónica, as suas prateadas oportunidades de canção, ou tem de segui-la.

Segui-la? Red, o moço Negro que é engraxador, está à espera junto ao seu empoeirado assento de couro. Os negros de todo o desolado Roxbury estão à espera. Segui-la? «Cherokee» sobe num lamento da pista de dança lá em baixo, por cima do prato de choque, do contrabaixo, dos mil pares de pés onde as inconstantes luzes rosadas sugerem não uns pálidos rapazes de Harvard e suas namoradas, mas um montão de peles-vermelhas muito aperaltados. A canção que está a tocar é mais uma mentira acerca dos crimes brancos. Mas foram mais os músicos que chafurdaram no canal para «Cherokee» do que os que conseguiram passar de uma ponta a outra. Todas aquelas longas, longas notas... o que querem eles, aquele tempo todo para fazerem qualquer coisa lá dentro? será um ardil dos espíritos Índios? Já em Nova Iorque, se conduzir depressa talvez ainda chegue a tempo da última actuação — na Sétima Avenida, entre as ruas 139 e 140, hoje à noite, o «*Yardbird*» Parker está a descobrir como pode ele usar as notas mais agudas destes mesmos acordes para decompor a melodia em *tenham* dó o que é aquilo a merda de uma metralhadora ou qualquer coisa assim ena pá ele deve estar completamente *doido* fusas e semifusas digam lá isso muito (fuzasesemifuzas) depressa com voz de criancinha se conseguirem topar *aquilo* que está a sair da Dan Wall's Chili House e a ir pela rua abaix — merda, a ir todos os tipos de ruas (a viagem dele, em '39, já bem lançada: lá no fundo dos mais afirmativos solos dele apita já o indolente, divertido trauteio do velho Senhor Morte do caralho em pessoa) a ir pelos ares fora, para os concertos de sociedade, qualquer dia tão longe quanto o que sai de altifalantes escondidos nos elevadores da cidade e em todos os mercados, o pássaro dele está a cantar, para contradizer as cantigas de embalar do Homem, para subverter a ébria lavadura das intermináveis, lânguidas cordas gravadas com demasiada saturação... Por isso tal profecia, até aqui na chuvosa Massachusetts Avenue, começa hoje em dia a resolver-se no «Cherokee», com os saxes lá em baixo entrando agora numas merdas, oh mesmo muito esquisitas...

Se o Slothrop seguir a harmónica pela retrete abaixo terá de ir de cabeça para a frente, o que não é bom, porque o deixa de rabo virado para cima, indefeso, e com Negros ali por perto isso é mesmo

o que um gajo não quer, ele virado de borco para uma escuridão fétida e desconhecida e uns dedos castanhos, fortes e seguros, de repente a desapertarem-lhe o cinto, a desabotoarem-lhe a bragUILHA, umas mãos fortes a afastarem-lhe as pernas — e ele sente o frio ar do desinfectante nas suas coxas enquanto as cuecas lhe são baixadas também, agora, com os coloridos engodos para percas e moscas para trutas que nelas há. Ele esforça-se por se enfiar mais no buraco da retrete enquanto de um modo difuso, pela água malcheirosa acima, chega o som de todo um escuro bando de Negros que entra em alegré gritaria para o quarto do homem branco, convergindo sobre o pobre Slothrop que se contorce, tagarelando ao modo como eles costumam fazê-lo em cantoria, «Passa-me aí o talco, Malcolm!» E a voz que responde não é outra senão a do Red, o moço engraxador que já pôs a brilhar os sapatos pretos de couro ao Slothrop uma dúzia de vezes ali ajoelhado sempre pr'ali a dar c'o pano mais rápido qu'a banda... ora o Red, o muito alto, magrinho, extravagantemente pencudo e ruivo moço Negro das engraxadelas que tem sido apenas o «Red» para toda a malta de Harvard — «Ouve lá ó Red, ainda tens alguma daquelas camisas-de-vénus aí na gaveta?» «Tens para aí mais algum número de telefone que me dê sorte, Red?» — esse negro cujo verdadeiro nome chega agora finalmente aos ouvidos do Slothrop meio enfiado pela retrete abaixo — enquanto um dedo grosso com um bocado de geleia ou creme muito escorregadio lhe desce agora pela racha em direcção ao olho do cu, e pelo caminho lhe deixa os pêlos penteados como linhas topográficas mapeando o rio de um vale — *o verdadeiro nome é Malcolm*, e todas as pichas pretas o conhecem, ao Malcolm, conhecem-no desde sempre — o Malcolm Ruivo o Impensável Niilista diz, «Ora bolas, este gajo é *todo* olho do cu, não é?» Chiça, Slothrop, mas que posição tu havias de arranjar! Embora ele tenha conseguido agora enfiar-se suficientemente para baixo de modo que somente as pernas lhe ficam de fora e as suas nádegas palpitem e se rebolam logo abaixo da linha de água como pálidas abóbadadas de gelo. Da água saem borrifos, tão frios quanto a chuva lá fora, pelas paredes da retrete branca acima. «Agarrem mas é o gajo antes qu'ele fujal» «Sim siôrl» Mãos distantes agarram-no pelas pernas e pelos tornozelos, arrancam-lhe as ligas e puxam-lhe as peúgas

de losangos que a Mãe lhe tricotou para ele levar para Harvard, mas estas isolam-no tão bem, ou ele já progrediu agora tanto até ao fundo da retrete, que mal lhes consegue sentir as mãos...

A seguir já se desenvencilhou deles, deixou lá em cima o último toque dos Negros e está livre, fugidio como um peixe, com o seu olho do cu virgem intacto. Ora alguns poderiam dizer ena, graças a Deus por *isso*, e outros resmungariam um pouco, oh chiça, mas o Slothrop não diz grande coisa porque não *sentiu* grande coisa. E-e ainda não há sinais da sua harmónica perdida. A luz aqui em baixo é cinzento-escura e bastante débil. Há já algum tempo que ele tomou consciência da merda, elaboradamente incrustada nos lados deste túnel de cerâmica (ou, nesta altura, de ferro) em que ele está: merda que nada consegue tirar dali, misturada com minerais da água dura numa deliberada aglomeração de lapas castanhas que lhe entravam o caminho, padrões espessos de sentido, anúncios da Burma-Shave do mundo das retretes, nojentas e peganhentas, crípticas e glípticas, tais formas avultam e desfilam suavemente enquanto ele continua a descer a longa e enevoada linha de detritos, os sons de «Cherokee» pulsando ainda muito tenuemente lá em cima, acompanhando-o até ao mar. Ele descobre que consegue identificar certos traços de merda como pertencendo definitivamente a este ou aquele sujeito de Harvard que ele conhece. Alguma dela também deve evidentemente ser merda de Negro, mas toda ela parece igual. Olha, lá está aquele «Comilão» Biddle, deve ter sido na noite em que fomos todos comer chop suey no Fu's Folly em Cambridge porque há por aqui rebentos de soja num sítio qualquer e até uns laivos daquele molho de ameixa brava... esta agora, certos sentidos parecem ficar *de facto* mais apurados... ena... o Fu's Folly, ora bolas, isso foi há meses. E-e lá está o Dumpster Villard, nessa noite ele estava com prisão de ventre, não era — é uma merda preta tão ruim como resina que um dia se há-de clarificar para sempre em âmbar escuro. Nos seus bruscos, relutantes toques na parede (que dizem o invés da sua própria coesão) ele consegue, agora misteriosamente sensível à merda, ler velhas agonias no interior do pobre Dumpster, que tentara o suicídio no semestre anterior: as equações diferenciais que não se urdiriam para ele em elegância alguma, a mãe com o chapéu inclinado para diante e os joelhos

de seda debruçada por cima da mesa do Slothrop no Sidney's Great Yellow Grille para terminar em lugar dele a sua garrafa de cerveja Canadiana, as miúdas do Radcliff que lhe fugiam, os profissionais negros que o Malcolm lhe indicara e lhe serviam crueldade erótica a troco de cada dólar, tanta quanto ele pudesse pagar. Ou, caso o cheque da Mãe se atrasasse, somente gastar. Seguindo pela corrente acima, o baixo-relevo do Dumpster perdido entre a luz cinzenta pois agora o Slothrop vai a passar pelo sinal do Will Stonybloke, do J. Peter Pitt, do Jack Kennedy, o filho do embaixador — esta agora, mas afinal onde raio está esse tal *Jack* hoje à noite? Se alguém pudesse ter salvado essa harmónica, aposto que teria sido o Jack. O Slothrop admira-o à distância — ele é atlético, e amável, e um dos sujeitos mais estimados na classe do Slothrop. Mas de facto aquela história é um bocado pateta. O Jack... poderia o Jack tê-la impedido de cair, violado de algum modo a gravidade? Aqui, nesta passagem para o Atlântico, odores de sal, erva, podridão chegam até ele tenuemente como o som da rebentação, sim parece que o Jack poderia tê-lo feito. A bem das melodias ainda por tocar, milhões de possíveis linhas de blues, notas a serem torcidas das frequências oficiais, torceduras que o Slothrop na verdade não tem fôlego para fazer... por enquanto não mas qualquer dia... bom pelo menos se (quando...) ele encontrar o instrumento este há-de estar bem molhado, será muito mais fácil de tocar. Um pensamento esperançoso para uma pessoa levar consigo pela pia abaixo.

Pela pia abaixo, olha pr'a mim,
Que coisa doida de se fazer!
Mas que ninguém venha mijar aqui,
Yippy dippy dippy dêê...

Preciso instante esse em que lá vem esta atroz vaga pelo cano abaixo, ruído a creser como uma maré, uma compacta frente de onda de merda, vômito, papel higiênico e cagalhos num espantoso mosaico, precipitando-se sobre o assustado Slothrop como um comboio dos transportes públicos metropolitanos sobre a sua desafortunada vítima. Não há para onde fugir. Paralisado, ele fica a olhar por

cima do seu ombro. Um muro a erguer-se que arrasta atrás de si longas gavinhas de papel cheio de merda, a onda de choque já em cima dele — *GAAHHH!* ele tenta um débil salto de rã mesmo no último instante mas já o cilindro de detritos o arrastou, tão escuro como fria gelatina de carne ao longo da parte superior da sua espinha dorsal, o papel a estalar, a enrolar-se nos lábios dele, nas narinas dele, agora tudo perdido e a feder a merda enquanto ele tem de continuar a debater-se para tirar microcagalhões das suas pestanas, é pior do que ser torpedeado pelos Japs! o líquido castanho seguindo a toda a velocidade, deixando-o a ele indefeso... parece que ele tem andado aos trambolhões — embora não haja maneira de o dizer entre a escuridão desta tempestade de merda, não há referências visuais... de tempos a tempos ele há-de roçar por arbustos, ou talvez pequenas árvores lanosas. Ocorre-lhe que não sentiu o toque de uma parede dura desde que começou a andar aos trambolhões, caso seja mesmo isso que ele está a fazer.

A dada altura o crepúsculo castanho que o rodeia começou a iluminar-se. Como a alvorada. Pouco a pouco a vertigem abandona-o. Os últimos molhos de papel com merda, a meia distância lá atrás no lodo, ficam... tristes, dissolvem-se, vão-se. Uma luz fantástica cresce para ele, uma luz aquosa e marmórea que ele espera que não dure muito devido ao que ela parece prometer mostrar. Mas vivem «contactos» nestas regiões de detritos. Pessoas que ele conhece. Dentro das conchas de velhas, do que parecem ser bem ordenadas ruínas de alvenaria, cela após cela desgastada, muitas delas sem tecto. Ardem lumes de lenha em negras lareiras, pinga água em enferrujadas latas de feijões-de-lima com tamanho institucional, e o vapor sobe pelas chaminés pouco estanques. E eles sentam-se sobre as lajes gastas, transaccionando qualquer... ele não consegue defini-la ao certo... qualquer coisa vagamente religiosa... Os quartos de dormir estão completamente mobilados, com luzes que volteiam e cintilam, veludo pendurado das paredes e do tecto. Até à última e ignorada conta azul cheia de pó por baixo do rádio Capehart, à última aranha ressequida e às complexas pregas do pêlo da carpete, a complexidade dessa morada espanta-o. É um lugar para abrigo do desastre. Não necessariamente as descargas da Retrete — essas só ocorrem aqui como

uma espécie de perturbação inferida, por detrás deste céu antigo, na sua corroída uniformidade de tom — mas algo mais investiu terrivelmente *contra* este território, algo que o pobre Slothrop ensopado não consegue ver nem ouvir... como se houvesse um Pearl Harbor todas as manhãs, desabando invisivelmente do céu... Ele tem papel higiênico no cabelo e um espesso cagalhotozito alojado no interior da sua narina direita. Ugh, ugh. O declínio e queda operam silenciosamente nesta paisagem. Nenhum sol, nenhuma lua, apenas uma longa e macia sinusóide da luz. É um cagalhoto de Negro, isso sabe ele — tão teimoso como um macaco do nariz no Inverno quando ele procura retirá-lo. As unhas dele fazem sangue. Ele posta-se do lado de fora de todos os quartos e espaços comunais, do lado de fora na sua própria manhã de alto deserto, um falcão castanho-avermelhado, dois, pendurados numa corrente de ar para observarem o horizonte. Está frio. O vento sopra. Ele somente consegue sentir o seu isolamento. Querem-no lá dentro, mas não pode ir ter com eles. Algo o impede: uma vez no interior, seria como proceder a uma espécie de juramento de sangue. Nunca mais o soltariam. Não há garantias nenhumas de que não viessem a pedir-lhe para fazer qualquer coisa... qualquer coisa tão...

Agora cada pedra solta, cada pedaço de lata, cavaco de madeira, bocado de restolho ou de pano se move para cima e para baixo: erguendo-se três metros e tornando a cair depois para embater no pavimento com uma sonora pancada. A luz é espessa e verde-água. Pelas ruas abaixo, detritos erguem-se e caem em uníssono, como se à mercê de alguma onda profunda, regular. É difícil ver a qualquer distância entre a dança vertical. O rufo de tambor no pavimento prolonga-se por onze batidas, falha a décima segunda, reinicia o ciclo... é o ritmo de uma qualquer melodia tradicional Americana... As ruas estão completamente vazias de pessoas. É alvorada ou crepúsculo. Partes dos detritos que são metálicas brilham com uma firme, quase azul persistência.

Ora não se lembram do Malcolm Ruivo lá em cima,
O miúdo que tem Lixívia Red Devil na crina...

Eis agora aqui o Crutchfield ou Crouchfield, o homem do oeste. Não o «arquetípico» homem do oeste, mas o *único*. Compreende, só havia um. Só houve um Índio que alguma vez o combatesse. Só uma luta, uma vitória, uma derrota. E só um presidente, e um assassino, e uma eleição. Verdade. Só um de cada de tudo. Tinha pensado em solipsismo, e imaginado que a estrutura fosse povoada — ao teu nível — por apenas, terrivelmente, um. Nenhuma contagem em quaisquer outros níveis. Mas ela revela não ser assim tão solitária. Esparsa, sim, mas bastante melhor do que solitária. Um de cada de tudo não é muito mau. Meia Arca é melhor do que nenhuma. Este Crutchfield aqui está bronzeado pelo sol, o vento e a poeira — contra as ripas profundamente castanhas do celeiro ou da parede do estábulo ele é madeira com um grão e acabamento diferentes. Está bem-humorado, solidamente recortado contra a roxa encosta da montanha e meio a olhar para o sol. A sombra dele é levada tensa e grosseiramente lá para trás através da rede de madeiros no interior do estábulo — traves, madeiras de pinho, postes de estrebaria, bebedouro sobre uma armação em cavalete, barrotes, ripas de madeira no tecto pelas quais entra o sol: ofuscantemente empíreo mesmo nesta hora de fim de dia. Há alguém tocando uma gaita-de-beiços atrás de um anexo exterior — algum gigantesco glutão musical cuja boca suga acordes de cinco notas que seguem a melodia de

VALE DO RIO VERMEI.HO

Diz-se que por esta pia abaixo estás a ser descarregado —
Porque não te animas e descansas à maneira?
É que a retrête nã vai daí pr'a mais sítio nenhum
E a merda que por aqui há é mêmô porreira.

Oh, é mesmo o Rio Vermelho, se não acreditam perguntam ao «Ruivo», onde quer que ele esteja (eu digo-vos o que quer dizer o Vermelho, seus amiguinhos do olho do cu do FDR, eles querem levar tudo, as mulheres têm todas pêlos nas pernas, dêem-lhes tudo senão eles rebentam aquilo com ferro negro à volta a meio da noite

sangrando para cima de Polacos com bonés cinzentos saloios pretos do Oklahoma pois especialmente os pretos...)

Bom, voltando aqui, o sociozinho do Crutchfield acabou de sair do celeiro. O sociozinho que ele tem de momento, isto é. O Crutchfield deixou uma fiada de sociozinhos com o coração desfeito por toda esta vasta planície alcalina. Um choninhas no Dakota do Sul,

Um chulozito em San Berdoo
Um chinezito fugiu do caminho-de-ferro
Tinha o cu tão amarelo como o Fu-Manchu!
Um com esquentamento e um com papeira,
Um com lepra ter-minal, é como vês
Aleijou o pé direito, aleijou o pé esquerdo,
Aleijou ambos os pés e isso faz três!
Ora um mariquinhas, até uma fufa rapazinha,
Um pretinho, um judeuzinho,
Um Pele-Vermelha com um búfalo,
E um caçador de búfalos do Novo México...

E assim por diante, e assim por diante, um de cada de tudo, ele é o Branco da Grande Picha da *terre mauvais*, este Crouchfield, fá-lo com ambos os sexos e todos os animais excepto as cascavéis (a bem dizer, «cascavel», visto só haver uma), mas ultimamente parece que tem andado com umas fantasias acerca dessa *cascavel*, também! Aquelas dentolas a fazerem cócegas no prepúcio... a pálida boca escancarada, e o horrendo júbilo nos olhos em forma de crescente... O seu sociozinho do momento é o Whappo, um moço mulato norueguês, que tem um fetiche pela parafernália cavalar, gosta de ser fustigado com o chicote de couro nas salas onde se recolhem as selas que cheiram a suor e a couro nas quais eles se passeiam, o que faz hoje três semanas, imenso tempo de duração para um sociozinho. O Whappo usa safões em pele de gazela importada que o Crutchfield lhe comprou em Eagle Pass a um jogador de faro com o vício do láudano que andava eternamente a atravessar o grande Rio, rumo à alva fornalha do México selvagem. O Whappo também usa um lenço com as regulamentares tonalidades magenta e verde (diz-se que Crutchfield tem um armário cheio de lenços de seda desses lá em casa no «Rancho

Peligroso» e nunca sai a cavalo para o terreno rochoso e para os caminhos à beira-rio sem uma ou duas dúzias deles enfiadas nos seus alforges. Isso deve querer dizer que a regra do um-de-cada se aplica apenas a formas de vida, como os sociozinhos, e não a objectos, como os lenços). E o Whappo remata isso com um alto e reluzente chapéu de ópera em seda Japonesa. Na verdade o Whappo está todo janota hoje à tarde, quando sai vagarosamente do celeiro.

«Ah, Crutchfield», abanando uma mão, «que simpático da tua parte teres aparecido.»

«Tu sabias que eu ia aparecer, meu malandrete», merda aquele Whappo é cá uma peça. Sempre a espicaçar o seu mestre na esperança de levar com uma ou duas fustigadelas de couro naquelas morenas nádegas afro-escandinavas, que combinam a redondeza calipígia observada entre as raças do Continente Negro com a retesada e nobre musculatura do vigoroso Olaf, nosso louro primo do Norte. Mas desta vez Crutchfield limita-se a virar costas para olhar as montanhas distantes. O Whappo amua. O chapéu alto dele reflecte o holocausto que aí vem. O que o homem branco não tem de pronunciar, ainda que casualmente, é qualquer coisa como «O Toro Rojo há-de aparecer por aí a cavalo hoje à noite.» Ambos os sócios sabem *isso*. O vento, que lhes traz aquele cheiro típico de Índio, deveria ser o bastante para qualquer um. Oh meu Deus vai haver tiroteio e sangrento como o inferno. O vento há-de estar a soprar com tanta força que o sangue ficará colado ao lado norte das árvores. O pele-vermelha há-de trazer um cão consigo, o único cão índio que há em todas estas planícies de cinzas — o cachorro há-de misturar-se com o Whappozinho e acabará pendurado no gancho da banca de um açougueiro montada na suja praça lá de Los Madres, de olhos bem abertos, o pelo tinhoso ainda intacto, pulgas pretas saltitando contra o cimento e a pedra da parede da igreja iluminada pelo sol do outro lado da praça, sangue escurecido e formando crostas na lesão do pescoço onde os dentes do Whappo lhe romperam a jugular (e talvez alguns tendões, pois a cabeça pende para um dos lados). O gancho entra pelas costas, entre duas vértebras. Senhoras mexicanas chuçam o cão morto, e ele balouça relutantemente nos matinais odores do mercado a *platanos* para fritar, cenouras-bebés das doces vindas do Vale do

Rio Vermelho, espezinhadas verduras cruas de muitos tipos, coentros cujo cheiro parece de um almíscar animalesco, robustas cebolas brancas, ananazes fermentando ao sol, prestes a rebentarem, grandes prateleiras com sortidos de cogumelos da montanha. O Slothrop move-se entre as caixas e as roupas penduradas, invisível, entre cavalos e cães, porcos, milicianos em uniformes castanhos, mulheres Índias com bebés enfiados em xailes, criados das casas de pastéis lá mais acima na encosta — a plaza está a fervilhar de vida, e o Slothrop está intrigado. Não deveria haver apenas um de cada?

R. Sim.

P. Então uma rapariga índia...

R. Uma índia *pura*. Uma *mestiza*. Uma *criolla*. Depois: um Yaqui. Um Navaho. Um Apache —

P. Espere aí, mas ao princípio só havia um índio. Aquele que o Crutchfield matou.

R. Sim.

Veja isso como um problema de optimização. O país só pode dar melhor apoio a um de cada.

P. Então e quanto aos outros todos? Boston. Londres. Os que vivem nas cidades. Essas pessoas são reais, ou quê?

R. Umas são reais, e outras não.

P. Bom e as que são reais são necessárias? ou desnecessárias?

R. Depende do que você tenha em mente.

P. Merda, eu não tenho nada em mente.

R. Nós temos.

Por um momento, dez mil cadáveres amontoados por baixo da neve nas Ardenas assumem o soalheiro aspecto Disneyficado de bebés numerados sob cobertores de lã branca, à espera de serem enviados para progenitores abençoados em sítios como Newton Upper Falls. Isso só dura um momento. Depois por um outro momento parece que todos os sinos de Natal da criação estão prestes a unir-se em coro — que todos os seus casuísticos repiques estarão, só desta vez, coordenados, em harmonia, presentes com notícias de explícito conforto, verosímil júbilo.

Mas já de seguida para a encosta de Roxbury. A neve acumula-se nos arcos, nas linhas entrecruzadas das solas de borracha preta dele.

Os seus Ar'tics retinem sempre que ele mexe os pés. Nas trevas dessa pociiga a neve tem o aspecto da fuligem num negativo... flui para dentro e para fora da noite... As superfícies de tijolo à luz do dia (ele somente as vê muito ao início da alvorada, cheio de dores por dentro das suas galochas, subindo e descendo o Monte em busca de táxis) são corrosão em chamas, densa, profunda, atacada pelas geadas uma e outra vez: historiada de uma maneira que ele não notara na Beacon Street...

Nas sombras, preto e branco sustido num padrão de panda sobre o rosto dele, cada uma das regiões uma excrescência ou massa de tecido cicatrizado, espera o contacto que ele viajou até aqui para ver. O rosto é tão débil quanto o de um cão de guarda, e o dono deste encolhe muitas vezes os ombros.

Slothrop: Onde está ele? Porque não veio ele? Quem é você?

Voz: O Miúdo foi preso. E tu conheces-me, Slothrop. Lembras-te? Sou o Nunca.

Slothrop (espreitando): *Tu*, Nunca? (Uma pausa.) E o Miúdo de Kenosha?

□ □ □ □ □ □

«Kryptosam» é uma forma proprietária de tirosina estabilizada, desenvolvida pela IG Farben enquanto parte de um contrato de pesquisa com o OKW. Está incluído um agente de activação que, na presença de um componente do fluido seminal até à data (1934) não identificado, promove a conversão da tirosina em melanina, ou pigmento cutâneo. Na ausência de fluido seminal, o «Kryptosam» permanece invisível. Nenhum outro reagente, entre os que estão disponíveis aos operacionais em campo, alterará o «Kryptosam» para melanina visível. Sugere-se, nas aplicações criptográficas, que seja incluído com a mensagem um estímulo adequado capaz de produzir tumescência e ejaculação com fiabilidade. Um conhecimento completo do perfil psicossexual do destinatário pareceria ser de inestimável auxílio.

— PROF. DR. LASZLO JAMP,
«Kryptosam» (brochura publicitária),
Agfa, Berlim, 1934

O desenho, em grosso papel creme sob a inscrição de letras pretas GEHEIME KOMMANDOSACHE, é feito a pena e tinta, muito finamente texturado, algo semelhante ao estilo do Von Bayros ou do Beardsley. A mulher é igualzinha à Scorpia Mossmoon. A sala é uma acerca da qual eles falaram mas nunca viram, uma sala em que teriam gostado de viver um dia, com uma piscina afundada, uma tenda de seda cujos drapeados pendem do tecto — um cenário do De Mille a bem dizer, raparigas esguias e oleadas a servirem, uma sugestão de luz de meados do dia a vir do alto, a Scorpia espojada entre gordas almofadas vestida exactamente com o espartilho de renda Belga, as meias escu ras e os sapatos com que ele fantasiava muito frequentemente mas nunca —

Não, claro que ele nunca lho dissera. Ele nunca dissera a ninguém. Como todo o moço que crescesse em Inglaterra, ele estava condicionado a sentir tesão na presença de certos fetiches, e seguidamente condicionado para sentir vergonha dos seus novos reflexos. Poderia haver, algures, um dossier, poderiam Eles (Eles?) ter conseguido de alguma maneira monitorizar tudo o que ele vira e lera desde a puberdade... de que *outro* modo poderiam Eles saber?

«Chiu», sussurra ela. Os dedos dela roçam levemente pelas suas longas coxas azeitonadas, os seios expostos avultam-se para fora da parte superior do seu traje. A cara dela está voltada para o tecto, mas os olhos estão virados para os do Pirata, longos, estreitados de cío, dois pontos de luz cintilando entre as espessas pestanas... «Vou deixá-lo. Viemos para aqui viver. Nunca pararemos de fazer amor. Eu pertenço-te, já sei isso há muito tempo...» A língua dela estende-se sobre os pequenos dentes aguçados. A sua rata peluda está no centro de toda a luz, e ele tem na boca um gosto que voltaria a sentir...

Bom, o Pirata quase nem consegue, mal tira a picha para fora das calças já está a esporrar-se para cima de tudo quanto é sítio. Salvou -se esperma suficiente, porém, para esfregar sobre o fragmento em branco incluído na imagem. Lentamente então, uma revelação entre a nacarina película do seu sémen, num Negro-acastanhado, surge a mensagem dele: disposta numa simples transposição Niilista cujas palavras-chave ele quase consegue adivinhar. Faz a maior parte daquilo na sua cabeça. Há um tempo dado, um local, um pedido de

ajuda. Ele queima a mensagem, caída até si de mais alto que a atmosfera da Terra, resgatada ao meridiano primordial da Terra, guarda a imagem, hmm, e lava as mãos. Dói-lhe a próstata. Há nisto mais do que ele consegue ver. Não dispõe de nenhum recurso, de nenhum apelo: tem de ir até lá e trazer de novo o operacional. A mensagem equivale a uma ordem vindia dos mais altos níveis.

De muito longe, por entre a chuva, chega o estrondo do rebentamento de mais um foguete Alemão. O terceiro de hoje. Eles caçam no céu como Wuotan e o seu louco exército.

As mãos robóticas do próprio Pirata começam a rebuscar gavetas e pastas à procura dos comprovativos e impressos necessários. Esta noite não se dorme. Provavelmente nem há possibilidade de se tomar uma chávena ou um cigarro pelo caminho. Porquê?



Na Alemanha, à medida que o fim se aproxima de nós, nas incessantes paredes lê-se WAS TUST DU FÜR DIE FRONT, FÜR DEN SIEG? WAS HAST DU HEUTE FÜR DEUTSCHLAND GETAN? Na «Visitação Branca» lê-se gelo nas paredes. Grafitos de gelo do dia sem sol, que recobrem os escuros tijolos cor de sangue e terracota como se a casa deva ser preservada das intempéries numa qualquer pele transparente de plástico de museu, um documento arquitectural, um antiquado aparato cujo uso foi esquecido. Gelo de variada espessura, ondulado, difuso, uma lenda a ser decifrada pelos senhores do Inverno, Glaciaristas da região, e debatida nos seus jornais. No cimo do monte, na direcção do mar, a neve acumula-se como luz em todas as arestas expostas ao vento da antiga Abadia, cujo telhado foi tomado há muito por maníaco capricho de Henrique VIII, cujas paredes ali foram deixadas permanecerem e mitigarem com nichos de janela já sem santos o vento salgado, que sopra enquanto as estações reformam o chão relvado em grandes remoinhos, de verde para louro, para neve. Da casa palaciana para baixo no seu ressentido e crepuscular recôncavo a única vista é esta: a Abadia ou então gentis e amplamente mosqueadas ladeiras das terras altas. Negada a visão do mar, embora em

certos dias e marés se consiga cheirá-la, toda a nossa vil ancestralidade. Em 1925 Reg Le Froyd, um internado na «Visitação Branca», escapou-se — correu pela parte de cima da vila até se postar vacilante à beira do penhasco, cabelo e roupa do hospital flutuando ao vento, os ondulantes quilómetros da costa meridional, giz pálido, pontões e passeios públicos desvanecendo-se à direita e à esquerda numa bruma de salmoura. Atrás dele veio um Guarda Stuggles, à cabeça de uma multidão curiosa. «Não salte!» grita o guarda.

«Nunca pensei em tal», o Le Froyd continuando a olhar para o mar.

«Então o que está você a fazer aí. Eh?»

«Queria olhar para o mar», explica o Le Froyd. «Nunca o tinha visto. Eu sou, sabe, aparentado, pelo sangue, com o mar.»

«Oh *ayø*», o manhoso Stuggles abeirando-se dele entretanto, «então veio visitar os seus parentes não foi, mas que bem.»

«Consigo ouvir o Senhor do Mar», grita o Le Froyd, maravilhado.

«Homessa, e como se chama ele?» Eles os dois de cara molhada, gritando para o vento.

«Oh, eu sei lá», berra o Le Froyd, «qual haveria de ser um bom nome?»

«Bert», sugere o guarda, tentando recordar se é a mão direita que agarra o braço esquerdo acima do cotovelo ou se é a mão esquerda que agarra...

Le Froyd vira-se, e pela primeira vez vê o homem, e a multidão. Os olhos dele arredondam-se e amenizam-se. «Bert é óptimo», diz ele, e dá um passo atrás para o vazio.

Isso foi tudo o que as gentes de Ick Regis tiveram da «Visitação Branca» em jeito de alívio — dos Verões de ficar a olhar para a rósea ou tisnada pelo sol sobreafluência de Brighton, o Flotsam and Jetsam transformando cada dia da história da telefonia em canção, pores-do-sol na esplanada, aberturas de lentes sempre a mudarem para a luz do mar, ora mais animada, ora aquietada em todo o céu, aspirinas para o sono — só o salto do Le Froyd, esse único entretenimento, até ao eclodir desta guerra.

Aquando da derrota da Polónia, caravanas motorizadas ministeriais eram subitamente observadas a todas as horas da noite, chegando à «Visitação Branca», silenciosas como corvetas, escapes bem abafados — maquinaria negra sem cromados que brilhava caso houvesse luz das estrelas, e fora isso desfrutava a camuflagem de um rosto prestes a ser recordado, mas pelo acto da memória que se desvanece muito longe... Depois aquando da queda de Paris, foi montada uma estação de transmissão de rádio no penhasco, antenas apontadas para o Continente, elas próprias fortemente guardadas e os seus cabos misteriosamente recuados por cima das dunas até à casa patrulhada noite e dia por cães especialmente enganados, presos, esfomeados em saltos reflexos para matarem, perante qualquer aproximação humana. Teria um dos Muito Altos ido mais alto — ou seja, amalucado? Estaria o Nossa Lado a procurar desmoralizar a Besta Alemã emitindo para ela ocasionais pensamentos dos doidos, designando para ela, também na tradição do Guarda Stuggles naquele famoso dia, o profundo, o raramente visto? A resposta é sim, a todas essas, e a mais.

Perguntai lá na «Visitação Branca» pelo plano magistral do eloquente Myron Grunton da BBC, cuja voz de caramelo derretido tem brotado desde há anos para fora do desfiado pano cor de ferrugem dos altifalantes da telefonia e para dentro dos sonhos Ingleses, velhas cabeças brumosas, crianças nas margens da atenção... Ele teve de andar sempre a adiar o seu plano, ao início apenas uma voz solitária, carente dos dados de que realmente necessitava, sem apoio, tentando atingir a alma Alemã com tudo o que tivesse à mão, interrogatórios de prisioneiros de guerra, Manuais do Foreign Office, os irmãos Grimm, memórias turísticas da sua própria lavra (jovens e insônes relampejos da era do Dawes, vinhedos iluminados pelo sol e muito verdes desafiando as encostas viradas a sul dos vales do Reno, à noite nos fumosos e piores cabarés da capital longos suspensórios de folhos que pareciam fiadas de cravos, meias de seda cada uma delas realçada numa demorada e fina encruzilhada de luz...). Mas por fim vieram os Americanos, bem como o arranjo conhecido como SHAEF, e uma espantosa quantidade de dinheiro.

O esquema chama-se Operação Asa Negra. Mas que construção tão cuidadosa, demorou cinco anos a fazer. Ninguém poderia reclamá-la inteiramente como sua, nem sequer o Grunton. Fora o General Eisenhower quem definira as orientações de controlo, a ideia da «estratégia de verdade». Algo de «real», o Ike insistia nisso: um gancho no esburacado muro de execuções da guerra em que se pudesse pendurar a história. O Pirata Prentice do E.O.E. foi quem trouxe a primeira inteligência efectiva de que havia de facto na Alemanha autênticos Africanos, Hereros, ex-coloniais do Sudoeste de África, de algum modo activos no programa de armas secretas. O Myron Grunton, inspirado, produzira no ar certa noite e completamente *ad lib* a passagem que viera a transformar-se na primeira directiva da Asa Negra: «A Alemanha tratou outrora os seus africanos como um austero mas terno padrasto, castigando-os sempre que necessário, muitas vezes com a morte. Lembra-se? Mas isso foi muito longe lá no Südwest, e desde então decorreu uma geração. Agora o Herero vive em casa do padrasto. Talvez você, que me está a ouvir, o tenha visto. Ele agora fica acordado após a hora do recolher, e observa o seu padrasto enquanto este dorme, invisível, protegido pela noite que é da sua própria cor. O que estão a pensar todos eles? Onde estão os Hereros hoje à noite? Que estão eles a *fazer*, neste instante, os vossos filhos escuros e secretos?» E a Asa Negra até descobriu um americano, um tal Tenente Slothrop, disposto a submeter-se a uma leve narcose para ajudar a esclarecer os problemas raciais no seu próprio país. Uma dimensão adicional inestimável. Perto do fim, à medida que começavam a chegar mais dados da moral estrangeira — Ianques especializados em sondagens com pranchetas e novas botas ou galochas que chiavam visitando ruínas libertadas e amolecidas pela neve para erradicarem as trufas da verdade criada, como conjecturavam os antigos, durante a tempestade, no instante em que rebenta o relâmpago — um contacto na PWD Americana conseguiu fazer cópias à socapa e disponibilizá-las à «Visitação Branca». Ninguém sabe ao certo quem sugeriu o nome «Schwarzkommando». O Myron Grunton havia favorecido «Wütende Heer», aquela companhia de espíritos que percorria as charnecas do céu em furiosa caça, com o grande Wuotan à sua cabeça — mas o Myron concordou que isso

era sobretudo um mito nortenho. A eficácia na Baviera poderia ser menos que óptima.

Todos eles falam de eficácia, uma heresia americana, talvez excessivamente na «Visitação Branca». O mais sonoro de todos, normalmente, é o Sr. Pointsman, muitas vezes usando como munição estatísticas que lhe são fornecidas pelo Roger Mexico. Aquando do desembarque na Normandia, a época de desespero do Pointsman estava a assolá-lo. Acabou por compreender que o grande movimento da tenaz continental iria ser, afinal, um sucesso. Que esta guerra, este Estado do qual ele viera a sentir-se um cidadão, iria ser adiado e reconstituído como uma paz — e que, profissionalmente falando, ele pouco ou nada iria tirar disso. Com financiamento disponível para todos os géneros de radares, torpedos mágicos, aeronaves e mísseis, onde estava o Pointsman no esquema das coisas? Ele tivera um momento de intendência, só isso: as suas Instalações de Investigação de Ab-reacção (IIA), que de início lhe lograram uma dúzia de subordinados, treinador de cães vindo do palco de variedades, um ou dois estudantes de veterinária, até um prémio dos grandes, o refugiado Dr. Porkyevitch, que trabalhara com o próprio Pavlov no Instituto Koltushy, antes dos julgamentos das purgas. No seu conjunto a equipa do IIA recebe, numera, pesa, classifica por temperamento Hipocrático, engaiola, e presentemente faz experiências com cerca de uma dúzia de novos cães por semana. E há os colegas de uma pessoa, co-proprietários do Livro, todos agora — todos os que restaram dos sete originais — trabalhando em hospitais que lidam com os que trazem fadiga de batalha e estado de choque do outro lado do Canal, e com os entusiasmados pelas bombas e os foguetes do lado de cá. Eles conseguem assistir a mais ab-reacções, durante estes dias de pesado bombardeamento com as V, do que os doutores de antanho estavam aptos a ver em diversas vidas, e conseguem sugerir linhas de investigação sempre novas. O E.G.P. concede umas avaras migalhas de dinheiro, papel desesperado que se insinua pela grade corporativa abaixo, o suficiente para aguentar a coisa, o suficiente para que o IIA continue a ser uma colónia na guerra metropolitana, mas não o suficiente para se afirmar como nação... Os estatísticos do Mexico

fazem-lhe tabelas de gotas de saliva, pesos corporais, voltagens, níveis de som, frequências de metrónomo, dosagens de brometo, número de nervos aferentes cortados, percentagens de tecido cerebral removido, datas e horas de insensibilização, surdez, cegueira, castração. O apoio vem até da Secção Psi, uma colónia *dégradé* e dócil, sem quaisquer aspirações seculares que seja.

O velho Brigadeiro Pudding pode viver muito bem com a sua quadrilha espiritualista, ele próprio tem tendências nessa direcção. Mas o Ned Pointsman, com os seus constantes esquemas para andar atrás de mais dinheiro — o Pudding só pode ficar a olhar também para o homem, tentar ser cortês. Não tão alto quanto o seu pai, certamente não muito bem-parecido. O pai era Oficial Médico no regimento do Thunder Prodd, levou com uns estilhaços na anca em Polygon Wood, ficara calado durante sete horas antes que eles, sem uma palavra de antemão, naquela lama, naquele cheiro horrível, em, sim Polygon Wood... ou seria — quem *era* aquele fulano de cabelo ruivo que dormia de chapéu? ahhh, lembra-te lá. Ora Polygon Wood... mas está a esvoaçar para longe. Árvores caídas, mortas, cinzento liso, rodopianteveiodeárvorecomofumogelado... ruivo... Thunder... não vale a pena, raios não vale mesmo a pena, já se foi, mais uma que se foi, mais uma, oh valha-me...

A idade do velho Brigadeiro é incerta, embora deva andar pelos 80 — reactivado em 1940, colocado num novo espaço não apenas de batalha — onde a frente a cada dia ou hora muda como um laço corredio, como as margens iluminadas a dourado da consciência (talvez, embora não se devesse ser demasiado sinistro aqui, *exactamente como elas...* é melhor, então, «como um laço corredio») — mas também do próprio estado de Guerra, da sua própria estrutura. Pudding dá por si a pensar, por vezes em voz alta e na presença dos subordinados, que inimigo lhe terá aversão suficiente para o destacar para a Guerra Política. É suposto que uma pessoa opere em concertação — porém com demasiada frequência em espantosa dissonância — com outras áreas designadas da Guerra, colónias daquela Cidade Mãe mapeada sempre que o empreendimento é a morte sistemática: o E.G.P. abrange o Ministério da Informação, o Serviço Europeu da BBC, o Executivo de Operações Especiais, o Ministério da Guerra

Económica, e o Departamento de Inteligência Política do F.O. na Casa Fitzmaurice. Entre outros. Quando os Americanos vieram, o seu OSS, OWI, e Departamento de Acção Psicológica do Exército também tiveram de ser coordenados com os de cá. Pouco depois lá surgiu o núcleo de ligação, a Divisão de Acção Psicológica (PWD) do SHAEF, que reporta directamente a Eisenhower, e para aguentar tudo aquilo um Conselho de Coordenação da Propaganda em Londres, que não tem qualquer poder real.

Quem pode achar o seu caminho por entre este viçoso labirinto de iniciais, setas sólidas e tracejadas, caixas pequenas e grandes, nomes impressos e memorizados? Não o Ernest Pudding — isso é para os Sujeitos Novos com as suas anteninhas verdes estendidas para as emanações de poder utilizáveis, versados na política Americana (que sabem a diferença entre os homens do *New Deal* do OWI e os republicanos endinheirados e vindos do Leste que estão por detrás do OSS), que compilam cerebrais dossiers sobre latências, fraquezas, hábitos de tomar chá, zonas erógenas de todos, todos os que um dia possam vir a ser úteis.

O Ernest Pudding foi educado de maneira a acreditar numa Cadeia de Comando literal, tal como os clérigos de séculos anteriores acreditavam na Cadeia do Ser. As geometrias mais recentes confundem-no. O seu maior triunfo no campo de batalha veio em 1917, na gaseada imundície armagedónica da Saliência de Ypres, onde conquistou uma reentrância de terra de ninguém de 40 metros de profundidade quando muito, com uma perda de somente 70% da sua unidade. Fora aposentado por volta do início da Grande Depressão — fora sentar-se no estúdio de uma casa vazia no Devon, rodeado de fotos de velhos camaradas, cujos olhares nunca se cruzavam exactamente com os de uma pessoa, para ali se apegar a um pouco de análise combinatoria, esse passatempo favorito dos oficiais reformados do Exército, com uma devoção extremamente intensa.

Ocorreu-lhe concentrar o seu passatempo no equilíbrio de poder Europeu, devido a cuja longa patologia ele outrora laborara, profundamente, perdida toda a esperança de despertar, no pesadelo da Flandres. Deu início a uma obra gigantesca intitulada *Coisas Que Podem Suceder na Política Europeia*. Que começava, evidentemente, por

Inglaterra. «Primeiro», escreveu ele, «Bereshith, como se costumava dizer: o Ramsay MacDonald pode morrer.» Na altura em que começou a passar em revista os alinhamentos partidários resultantes e as possíveis permutações de cargos governamentais, o Ramsay MacDonald morrera. «Nunca hei-de conseguir», dava ele por si murmurando no início de cada dia de trabalho — «está tudo a alterar-se debaixo de mim. Oh, aleivoso — muito aleivoso.»

Quando aquilo se alterara ao ponto de caírem bombas Alemãs em Inglaterra, o Brigadeiro Pudding desistiu da sua obsessão e tornou a voluntariar os seus serviços ao seu país. Se nesse tempo soubesse que aquilo significaria «A Visitação Branca»... não que ele estivesse a contar com uma missão de combate, sabem, mas não havia uma menção qualquer a trabalho de inteligência? Em vez disso ele deparara com um desusado hospital para loucos, alguns lunáticos exemplares, uma enorme matilha de cães roubados, cliques de espiritualistas, artistas de *vaudeville*, técnicos de telefonia, Couéistas, Ouspenskianos, Skinneristas, entusiastas da lobotomia, zelotas do Dale Carnegie, todos eles exilados pelo eclodir da guerra dos esquemas com animais e das manias condenadas, caso a paz se houvesse prolongado, a diversos graus de fracasso — mas as esperanças deles *agora* concentradas no Brigadeiro Pudding e nas possibilidades de financiamento: mais esperança do que a Pré-guerra, essa província subdesenvolvida, alguma vez oferecera. O Pudding apenas conseguia responder adoptando um estilo muito Velho Testamento com toda a gente, incluindo os cães, e mantendo-se secretamente confundido e magoado por aquilo que imaginava como traição altamente instalada entre o Pessoal.

A luz da neve entra por janelas altas, com muitas vidraças, um dia escuro, uma luz que somente arde aqui e além entre os edifícios castanhos. Subalternos encriptam, sujeitos vendados debitam adivinhas do baralho de Zener para microfones ocultos: «Ondas... Ondas... Cruz... Estrela...» Enquanto alguém da Secção Psi os regista a partir de um altifalante lá em baixo na fria cave. Secretárias em xales de lã e galochas de borracha estremecem com o frio invernal que é inalado pelas muitas frestas da casa de doidos, as máquinas de escrever delas tagarelando tanto quanto os seus dentes. Maud Chilkes,

que vista por trás se parece bastante com a fotografia que Cecil Beaton fez da Margot Asquith, está sentada a sonhar com um bolo e uma chávena de chá.

Na ala do IIA, os cães roubados dormem, arranham, recordam obscuros odores dos humanos que poderão tê-los amado, escutam sem salivarem os osciladores e metrónomos do Ned Pointsman. As cortinas cerradas somente deixam entrar ténues passagens da luz vinha do exterior. Movem-se técnicos por detrás da espessa janela de observação, mas as batas deles, esverdeadas e submarinas através dos vidros, agitam-se com mais vagar, menos vivacidade... Apoderou-se daquilo um torpor, ou um sentido obscurécimento. O metrónomo a 80 por segundo começa a soltar ecos de madeira, e o Cão Vanya, preso em cima da bancada de testes, começa a salivar. Todos os outros sons são severamente abafados: as traves que sustentam o laboratório escondidas em compartimentos cheios de areia, sacos de areia, palha, uniformes de homens mortos ocupando os espaços entre paredes sem janelas... onde os tarados do campo se sentam, franzindo o sobrolho, cheirando óxido nitroso, soltando risinhos, chorando perante um acorde em Mi maior que se modula num Sol sustenido menor, agora são desertos cúbicos, salas de areia, mantendo a soberania do metrónomo aqui no laboratório, por detrás das portas de ferro, hermeticamente fechadas.

O dreno da glândula submaxilar do Cão Vanya foi-lhe há muito enfiado pelo fundo do queixo por meio de uma incisão e suturado na sua posição, transportando a saliva para o exterior até ao funil de recolha, ali fixado com o tradicional Cimento Pavloviano cor-de-laranja com resina, óxido de ferro e cera de abelha. O vácuo traz a secreção por umas luzentas tubagens de modo a desalojar uma coluna de rubro óleo iluminado, que se desloca para a direita ao longo de uma escala assinalada em «gotas» — uma unidade arbitrária, provavelmente não a mesma das gotas efectivamente caídas, as de 1905, de Sampetersburgo. Mas o número de gotas, para este laboratório e para o Cão Vanya e o metrónomo a 80, é previsível da cada vez.

Agora que ele passou à fase «equivalente», a primeira das fases transmarginais, uma membrana, que quase nem se nota, estica-se entre o Cão Vanya e o exterior. O interior e o exterior mantêm-se tal

como eram, mas o *interface* — o córtex do cérebro do Cão Vanya — está a mudar, numa variedade de maneiras, e essa é a coisa verdadeiramente peculiar destes eventos transmarginais. Agora já não importa o volume a que soa o metrónomo. Um estímulo mais forte já não obtém uma resposta mais forte. Flui ou cai a mesma quantidade de gotas. O homem vem e leva o metrónomo para o canto mais distante desta sala abafada. É colocado dentro de uma caixa, por baixo de uma almofada que tem a legenda *Memórias de Brighton* cosida à máquina, mas as gotas não se desprendem... depois vertido por um microfone e um amplificador de modo que cada tique encha a sala como um grito, mas as gotas não aumentam. De cada vez, a saliva transparente empurra a linha vermelha só até à mesma marca, à mesma quantidade de gotas...

O Webley Silvernail e o Rollo Groast põem-se a percorrer furtivamente os corredores, entrando à socapa nos gabinetes das pessoas para verem se haverá algumas beatas de cigarro fumáveis que possam ser surripiadas. A maior parte dos gabinetes está agora vazia: todo o pessoal que tem paciência ou masoquismo para isso está a passar por um bocadito de ritual com o trémulo Brigadeiro.

«Aquele velho *não*, tem *vergonha* nenhuma», o Géza Rózsavölgyi, um outro refugiado (e violentamente anti-Soviético, o que cria uma certa tensão com a IIA) abanando as suas mãos na direcção do Brigadeiro Pudding com gaio desespero, o cadenciado ceceio de cigano Húngaro ressoando como pandeiretas por toda a sala, provocando, de uma maneira ou doutra, toda a gente aqui excepto o próprio idoso Brigadeiro, o qual continua a palrar do púlpito do que outrora foi uma capela privada, durante o lado maníaco do século XVIII, e serve agora de plataforma de lançamento às «Súmulas Semanais», uma muito espantosa descarga de observações senis, paranóia de gabineite, mexericos a respeito da Guerra que poderão ou não incluir violações de segurança, reminiscências da Flandres... as caixas de carvão do céu descendo sobre nós com um bramido... a barragem de artilharia tão láctea e luminosa na noite do seu aniversário... as superfícies molhadas no interior das crateras das bombas por quilómetros a fio reflectindo um lúgubre céu outonal... o que Haig, com toda a riqueza da sua perspicácia, em tempos dissera na messe sobre a recusa

de combater do Tenente Sassoon... os artilheiros na Primavera, com as suas esvoaçantes capas verdes... as beiras das estradas com pobres cavalos a apodrecerem pouco antes do alvorecer cor de alperce... os doze raios de uma peça de artilharia abandonada — um relógio de lama, um zodíaco de lama, atravancado e incrustado enquanto postava ao sol os seus muitos matizes de castanho. A lama da Flandres acumulava-se nas texturas coalhadas e levemente gelatinosas de merda humana, léguas de merda empilhada, atravessada por passadiços, cruzada por trincheiras e esburacada por projécteis em todas as direcções, nem sequer o pobre cepo enegrecido de uma árvore — e o velho palrador imbecil tenta aqui abanar o púlpito de madeira de cerejeira, como se essa tivesse sido a pior parte de todo o horror de Passchendaele, essa ausência de interesse vertical... Lá continua ele, a palrar, a palrar, receitas para preparar beterrabas num cento de maneiras saborosas, ou improbabilidades tão cucurbitáceas quanto a Cabaça Surpresa de Ernest Pudding — sim, há algo de sádico em receitas que tenham «Surpresa» no seu título, um sujeito que tem fome o que quer é *comer* sabem, e não ser Surpreendido a bem dizer, o que ele quer é trincar a (suspiro) velha batata, e ter razoável certeza de que não há nada lá dentro *a não ser* batata comprehendem, e não com certeza uma noz-moscada lá metida como «Surpresa!», uma qualquer pasta mal amassada toda avermelhada com *romãs* ou qualquer coisa desse género... bom mas este é somente o tipo de piada duvidosa que o Brigadeiro Pudding adora debitar: como ele está *risonho*, enquanto os incautos convivas do jantar começam a cortar à faca o seu bem conhecido Sapo-no-Buraco, pelo meio daquela honesta massa do Yorkshire até encontrarem — *ugh!* que é isto? um *rissol* de beterraba? um *rissol* de beterraba *como recheio?* ou hoje talvez um adorável puré de salicórnias, a cheirar ao mar (que ele adquire uma vez por semana ao mesmo gordo filho do peixeiro que pedala a sua bicicleta, esbaforido, pelo penhasco de giz branco acima) — nenhum desses estranhos, estranhos rissóis vegetais se assemelha a qualquer «Sapo» vulgar, mas antes às criaturas depravadas e semi-sencientes com que a Malta Nova da Kings Road tem os seus Casos nos versos dos limericks — o Pudding tem *milhares* de receitas dessas e nenhuma vergonha em partilhar qualquer uma delas com as pessoas da PISCES, bem como, mais para o fim do solilóquio semanal, uma ou

duas linhas, oito compassos, de «Gostavas Mais de Ser um Coronel com uma Águia no Ombro, ou um Soldado com uma Galinha no Joelho?» e depois talvez uma demorada recitação de todas as suas dificuldades de financiamento, todas, desde muito antes da emergência sequer do grupo da Casa Electra... disputas epistolares que ele tem levado a cabo no *The Times* com críticas ao Haig...

E todos eles ficam ali *sentados*, diante daquelas janelas muito altas, escurecidas, cruzadas a chumbo, concedendo-lhe as suas tolices, as pessoas dos cães escondidas a um canto, trocando bilhetes e inclinando-se para segredarem (eles conspiraram, eles conspiraram, a dormirem ou em pé eles nunca descansam), a gente da Secção Psi do lado completamente oposto da sala — como se tivéssemos aqui um parlamento de algum tipo... há anos que toda a gente ocupa o seu próprio ângulo e lugar cativo para assistir aos delírios do avermelhado Brigadeiro Pudding com as suas manchas de pele hepáticas — com todas as restantes persuações-no-exílio espalhadas entre essas duas alas: o equilíbrio de poder, caso existisse algum poder na «Visitação Branca».

O Dr. Rózsavölgyi sente que poderia muito bem ser assim, caso os sujeitos «jogassem bem os seus trunfos». A única questão agora é sobreviver — até ao horrendo interface do Dia V-E, até ao brilhante e novo Pós-guerra com sentidos e memórias intactos. Não se pode permitir que a PISCES seja abatida com o resto da manada aos berros. Tem de surgir, e depressa raios, com capacidade para os agregar numa falange, um ponto concentrado de luz, um qualquer líder ou programa suficientemente poderoso para os fazer durar por saber-se lá quantos mais anos de Pós-guerra. O Dr. Rózsavölgyi tende a preferir um programa poderoso a um líder poderoso. Talvez por estarmos em 1945. Acreditava-se em geral naqueles tempos que por detrás da Guerra — toda a morte, selvajaria, e destruição — estava o princípio do Führer. Mas se as personalidades pudesssem ser substituídas por abstracções de poder, se as técnicas desenvolvidas pelas corporações pudesssem ser postas em prática, não poderiam as nações viver racionalmente? Uma das mais acarinhadas esperanças do Pós-guerra: que não houvesse espaço para uma doença terrível como

o carisma... que a sua racionalização fosse prosseguida enquanto tínhamos tempo e meios...

Não é isso que está realmente em jogo para o Dr. Rózsavölgyi aqui neste último esquema, centrado na figura do Tenente Slothrop? Todos os testes psicológicos no dossier do sujeito, que remontam até aos seus tempos de universidade, indicam uma personalidade enferma. O «Rosie» bate com a sua mão na pasta de documentos para maior ênfase. A mesa da equipa estremece. «Por exemplo; o seu *Inventário de Personalidade Multifásica*, do Minnesota, é tremendo-mente assimétrico, sempre a favor do psico-pático, e, do *insalubre*.»

Mas o Reverendo Dr. Paul de la Nuit não gosta do IPMM. «Rosie, há escalas para aferir traços interpessoais?» Nariz de falcão a sondar, a sondar, olhos baixados com política timidez, «Valores humanos? Verdade, honestidade, amor? Haverá — perdoe-me esta insistência especial — alguma escala religiosa, por acaso?»

Nem pensar, padre: o IPMM foi desenvolvido por volta de 1943. Em plena Guerra. O Estudo de Valores de Allport e Vernon, o Inventário Bernreuter tal como revisto por Flanagan em '35 — testes de antes da Guerra — parecem a Paul de la Nuit mais humanos. Tudo o que o IPMM parece testar é se um homem será um bom ou mau soldado.

«Os soldados têm grande procura hoje em dia, Reverendo Doctor», murmura o Sr. Pointsman.

«Espero apenas que não ponhamos demasiada ênfase nas pontuações IPMM dele. Isso parece-me muito limitado. Omite vastas áreas da personalidade humana.»

«Precisa-mente por isso», salta o Rózsavölgyi, «estamos agora a propor, fazer, ao Slothrop um tipo completa-mente diferente, de teste. Andamos agora a conceber para ele, um chamado, teste “projec-tivo”. O exemplo mais familiar do tipo, é o borrão de tinta de Rorschach. A teoria de base, é, que quando lhe é dado um estímulo desestruturado, uma qualquer mancha in-forme de experiéncia, o sujeito, procurará impor, estrutura nela. O modo como, ele procurar estruturar essa mancha, reflectirá as suas necessidades, as suas esperanças — fornecer-nos-á, pistas, para os sonhos e fantasias dele, para as mais

profundas *re-giões da sua mente.*» Sobrancelhas ao ritmo de um quilómetro e meio por minuto, gestos de mão extraordinariamente fluidos e graciosos, assemelhando-se — muito provavelmente é deliberado, e quem poderá censurar o Rosie por tentar lucrar com isso — aos do seu mais famoso compatriota, embora hajam os inevitáveis maus efeitos secundários: pessoal que jura tê-lo visto a arrastar-se de cabeça para baixo pela fachada norte da «Visitação Branca», por exemplo. «Estamos pois *re-almente*, deveras, de *acor-do*, Reverendo Doutor. Um teste, como o IPMM, não é, a este respeito, adequado. É um, estímulo *estru-turado*. O su-jeito pode *fal-sear*, conscientemente, ou reprimir, *in-conscientemente*. Mas com a técnica projec-tiva, nada do que ele possa fazer, cons-cientemente ou não, nos poderá im-pedir, de desco-brirmos o que queremos, saber. Quem, manda so-mos nós. Ele, está *inde-feso.*»

«Devo dizer que não parece a sua chávena de chá, Pointsman», sorri o Dr. Aaron Throwster. «Os seus estímulos são mais do tipo estruturado, não são?»

«Digamos que eu encontro um certo fascínio despudorado.»

«Digamos que não. Não me diga que você vai manter a sua bela mão Pavloviana completamente fora disto.»

«Bom, completamente não, Throwster, não. Já que você levantou o assunto. Por acaso nós *também* andamos a pensar num estímulo muito estruturado. A bem dizer, o mesmo que despertou o nosso interesse desde o início. Queremos expor o Slothrop ao foguete Ale-mão...»

Lá em cima, nos moldes de estuque do tecto, abundam versões Metodistas do reino de Cristo: leões aninharam-se ao lado de cordeiros, frutos derramam-se copiosa e imparavelmente para os braços e ao redor dos pés de cavalheiros e senhoras, zagalas e leiteiras. Ninguém tem uma expressão inteiramente correcta. As pequenas criaturas olham de esguelha, as bestas mais ferozes têm um olhar drogado ou sedado, e nenhum dos humanos efectua qualquer contacto visual que seja. Os tectos da «Visitação Branca» não são também a única coisa errática que há no local. É uma «loucura» clássica, efectivamente. A despensa foi concebida como um harém das Arábias em miniatura, por razões que hoje em dia apenas poderemos supor, cheia de

sedas, talhas, e buracos para espreitar. Uma das bibliotecas serviu, durante algum tempo, como chiqueiro, o soalho rebaixado um metro e substituído por lama até às bordas para que uns gigantescos porcos malhados do Gloucestershire ali folgassem, grunhessem, e arrefecessem os seus Verões, olhassem para as prateleiras de livros em boca-xim e pensassem se eles seriam boa comida. A excentricidade dos *Whigs* é levada nesta casa aos extremos mais doentios. As divisões são triangulares, esféricas, muradas de modo a tornarem-se labirínticas. Retratos, estudos em curiosidade genética, olham-nos pasmados e trocistas a partir de todos os pontos de vantagem. As casas de banho contêm frescos de Clive e os seus elefantes espezinhando os franceses em Plassy, fontes que mostram Salomé com a cabeça de João (água a sair-lhe das orelhas, do nariz, e da boca), mosaicos de chão em que foram axadrezadas diferentes versões do Homo Mons-trosus, uma interessante preocupação da época — ciclópes, girafas humanóides, centauros repetidos em todas as direcções. Por toda a parte há arcadas, grutas, arranjos florais de estuque, paredes das quais pendem veludos ou brocados desfiados. Despontam varandas em locais improváveis, encimadas por gárgulas cujas presas já causaram feridas feias na cabeça de não poucos recém-chegados. Mesmo com as piores chuvadas, os monstros somente conseguem babar-se — os algerozes que os alimentam não são reparados há séculos, es-correm à toa por cima das telhas e por baixo das caleiras, passando por pilas estaladas, Cupidos pendentes, terracota à mostra em todos os andares, bem como miradouros, juntas em estilo rústico, colunas pseudo-italianas, altaneiros minaretes, chaminés tortas e abauladas — à distância não há dois observadores, não importa quão próximos eles estejam, que vejam exactamente o mesmo edifício naquela orgia de auto-expressão, acrescentada por cada um dos proprietários que se sucederam, até à presente requisição de Guerra. Árvores em topiaria bordejam a alameda numa certa extensão até darem lugar a larícios e ulmeiros: patos, garrafas, caracóis, anjos, e praticantes de corta-mato vão diminuindo ao longo da estrada empedrada até ao seu fulvo silêncio, até às sombras sob o túnel das árvores suspirantes. O homem de sentinela, uma figura escura com cílias brancas, está postado em posição de ombro-arma sob os vossos

candeeiros dissimulados, e tendes de parar para ele. Os cães, engendrados e fatais, estão a olhar para vós dos bosques. Presentemente, enquanto a noite vai chegando, alguns amargos flocos de neve começam a cair.



Se não te portas bem tornamos a enviar-te para o Dr. Jamf!
Quando Jamf o condicionou *a ele*, deitou fora o estímulo.
Parece que o Dr. Jamf passou por cá hoje para ver a sua coisinha, não foi?

— Neil Nosepicker, *Livro dos 50 000 Insultos*,
§6.72, «Horrenda Prole»,
The Nayland Smith Press,
Cambridge (Mass.), 1933

- PUDDING: Mas isto não é —
POINTSMAN: Como?
PUDDING: Isto não é tudo muito miserável, Pointsman? Andar-se a bulir com a mente de um outro homem dessa maneira?
POINTSMAN: Brigadeiro, nós estamos apenas a dar seguimento a uma longa linha de experimentação e inquérito. A Universidade de Harvard, o Exército dos E.U.A? Dificilmente são instituições miseráveis.
PUDDING: Não podemos, Pointsman, é animalesco.
POINTSMAN: Mas os americanos já andaram a tratar dele! não vê? Não é como se estivéssemos a corromper uma virgem ou algo assim —
PUDDING: Temos de fazê-lo por os americanos o fazerem? Deveremos permitir que eles nos corrompam a *nós*?

Por volta de 1920, o Dr. Laszlo Jamf opinou que se Watson e Rayner podiam condicionar com sucesso o seu «Infante Alberto» a um horror reflexo de tudo o que tivesse pelo, até à própria mãe dele com uma estola de peles, então decerto que Jamf poderia fazer

o mesmo com o seu Infante Tyrone, e o reflexo sexual do bebé. O Jamf estava nesse ano em Harvard, onde viera em visita desde Darmstadt. Foi na parte inicial da sua carreira, antes de passar à química orgânica (para ser uma mudança de campo tão fiel quanto a célebre troca do próprio Kekulé da arquitectura para a química, um século antes). Para a experiência teve uma magra bolsa do Conselho Nacional de Investigação (ao abrigo de um continuado programa de estudo psicológico do CNI que começara durante a Guerra Mundial, quando foram necessários métodos para seleccionar oficiais e classificar os recrutados). O minguado financiamento poderá ter sido o motivo por que o Jamf, para reflexo do seu alvo, escolheu um tesão infantil. Medir secreções, como fizera Pavlov, teria implicado cirurgia. Medir o «medo», o reflexo escolhido por Watson, teria introduzido demasiada subjectividade (o que é o medo? Quanto é «muito»? Quem decide, quando ele é detectado-no-terreno, e não há tempo para passar pelo longo e demorado processo de o comparar com a Tabela do Medo?). A instrumentação simplesmente não estava disponível naquele tempo. O melhor que ele poderia ter conseguido era o «detector de mentiras» com três variáveis de Larson-Keebler, mas nessa época este ainda era apenas experimental.

Mas um tesão, isso ou está lá, ou não está. Binário, elegante. A tarefa de o observar até pode ser desempenhada por um *estudante*.

Estímulo incondicionado = afagar o pénis com uma bola de algodão anti-séptico.

Resposta incondicionada = tesão.

Estímulo condicionado = x .

Resposta condicionada = tesão sempre que x está presente, afagá-lo deixa de ser necessário, tudo o que é preciso é esse x .

Uh, x ? bom, o que é x ? Ora, é o famoso «Estímulo Mistério» que fascinou gerações de estudantes de psicologia comportamental, é o que é. A mediana revista humorística do campus traz por ano 2,66 centímetros de coluna sobre o tema, que ironicamente é a exacta extensão média reportada pelo Jamf para a erecção do Infante T.

Ora vulgarmente, segundo a tradição nestas matérias, o sacaninha teria sido des-condicionado. O Jamf teria, em termos Pavlovianos, «extinguido» o reflexo de tesão por si construído, antes de deixar

o bebé ir-se embora. Muito provavelmente fê-lo. Mas como disse o próprio Ivan Petrovich, «Não apenas temos de falar de extinção parcial ou completa de um reflexo condicionado, como temos também de compreender que a extinção poderá prosseguir *para além* do ponto de redução de um reflexo a zero. Não podemos por conseguinte avaliar o grau de extinção *somente* pela magnitude do reflexo ou sua ausência, visto poder haver ainda *uma extinção silenciosa para além do zero.*» Os itálicos são do Sr. Pointsman.

Pode um reflexo condicionado sobreviver num homem, adormecido, durante 20 ou 30 anos? Tê-lo-á o Dr. Jamf extinguido somente até zero — esperou até que o infante mostrasse zero tesões na presença do estímulo *x*, e depois parou? Terá ele esquecido — ou ignorado — a «silenciosa extinção para além do zero»? Se a ignorou, por quê? Terá o Conselho Nacional de Investigação algo a dizer acerca disso?

Quando o Slothrop foi descoberto, em finais de 1944, pela «Visitação Branca» — embora muitos sempre o tivessem conhecido como o famoso Infante Tyrone — tal como o Novo Mundo, diferentes pessoas julgaram ter descoberto diferentes coisas.

O Roger Mexico pensa que é uma singularidade estatística. Mas ele sente os fundamentos dessa disciplina estremecerem um pouco agora, mais fundo do que a singularidade deveria chegar. Singular, singular, singular — pense-se na palavra: uma tão alva finalidade naquele último remate com um volteio de língua. Ela implica ir-se para além do ponto em que a língua pára — para além do zero — e penetrar no outro domínio. É claro que não se vai para além. Mas comprehende-se, intelectualmente, que era assim que *deveríamos* estar a mover-nos.

O Rollo Groast pensa que é precognição. «O Slothrop é capaz de prever quando cairá um foguete num determinado sítio. A sua sobrevivência até à data prova que ele agiu com informação antecipada, e evitou a área no período em que o foguete deveria cair.» O Dr. Groast não sabe ao certo como, nem mesmo se, o sexo tem algo que ver com isso.

Mas Edwin Treacle, esse que é o mais Freudiano dos investigadores psíquicos, pensa que o dom do Slothrop é a psicocinese. O Slothrop está, com a força da sua mente, a *causar* que os foguetes caiam

onde eles caem. Pode não estar a arrojá-los fisicamente pelo céu: mas talvez esteja a interferir com os sinais eléctricos no interior do sistema de orientação do foguete. Seja como for que ele o faça, o sexo entra *efectivamente* na teoria do Dr. Treacle. «Ele necessita subconscientemente de abolir todos os traços do Outro sexual, o qual ele simboliza no seu mapa, muito significativamente, como uma *estrela*, esse emblema sádico-anal do sucesso escolar que permeia tanta da educação elementar na América...»

É o mapa que os assusta a todos, o mapa que o Slothrop tem andado a manter sobre as suas raparigas. As estrelas recaem numa distribuição de Poisson, tal como os impactos de foguetes no mapa do Blitz Robô feito pelo Roger Mexico.

Mas, bom, é um pouco mais do que distribuição. Também sucede que os dois padrões são idênticos. Eles assemelham-se quadrado a quadrado. Os diapositivos que o Teddy Bloat tem andado a fazer do mapa do Slothrop foram projectados sobre os do Roger, e as duas imagens, as estrelas das raparigas e os círculos dos impactos de foguetes, demonstraram coincidir.

Utilmente, o Slothrop datou a maior parte das suas estrelas. Uma estrela vem sempre *antes* do seu correspondente impacto de foguete. O impacto pode chegar tão depressa quanto dois dias, ou tão devagar quanto dez. A demora média é de cerca de $4\frac{1}{2}$ dias.

Suponhamos, argumenta o Pointsman, que o estímulo \times do Jamf era um qualquer ruído muito alto, como na experiência de Watson-Rayner. Suponhamos que, no caso do Slothrop, o reflexo do tesão não foi completamente extinto. Nesse caso ele deveria ficar com tesão perante qualquer ruído alto que fosse precedido pelo mesmo tipo de sinistra acumulação que ele tivesse encontrado no laboratório do Jamf — como ainda hoje os cães encontram no laboratório do próprio Pointsman. Isso aponta para a V-1: qualquer barulhito suficientemente próximo para o sobressaltar deveria dar-lhe uma ereção: o som do motor a zunir cada vez mais alto, depois a paragem do motor e o silêncio, o suspense a acumular-se — seguidamente a explosão. Boing, um entesamento. Mas oh, não. Em vez disso o Slothrop só tem ereções quando esta sequência acontece *no inverso*. Primeiro a explosão, depois o som da aproximação: a V-2.

Mas o estímulo, de alguma maneira, *deve* ser o foguete, alguma aparição precursora, algum duplo do foguete presente para o Slothrop na percentagem de sorrisos num autocarro, ciclos menstruais sendo operados de alguma maneira misteriosa — o que *leva* as pequenas concubinas a fazê-lo de graça? Haverá flutuações no mercado sexual, na pornografia ou nas prostitutas, porventura ligadas às cotações da própria Bolsa de Valores, acerca das quais nós os que levamos uma vida limpa nada sabemos? Será que as notícias da frente afectam o ardor entre as bonitas coxas delas, será que o desejo cresce na proporção directa ou inversa da autêntica oportunidade de morte súbita — raios, qual a pista, mesmo diante dos nossos olhos, que não temos a subtileza ou o discernimento de ver?...

Mas se está no ar, ali mesmo, agora mesmo, então os foguetes derivam dela, 100% das vezes. Sem excepções. Quando a encontrarmos, teremos demonstrado uma vez mais a pétreia determinância de tudo, de cada alma. Pouco e precioso espaço haverá para qualquer esperança que seja. Já se vê quão importante seria uma descoberta dessas.

Passam agora caminhando pelas nevadas gaiolas do canil, o Pointsman com luvas de Glastonbury e abafo britânico de cor fulva, o Mexico trazendo um cachecol que a Jessica ultimamente lhe tricotou e projecta em direcção à terra uma escarlate língua de dragão — este dia é até agora o mais frio do Inverno, 3,8 graus de geada. Até aos penhascos, rostos a gelarem, até à praia deserta. Ondas que vêm, que vão e deixam grandes crescentes de gelo tão fino como pele e ofuscante sob aquela débil luz solar. As botas dos dois homens rangem sobre a areia ou os seixos. O próprio fundo do ano. Hoje conseguem ouvir os canhões na Flandres, que vêm do outro lado do Canal com o vento. As ruínas da Abadia erguem-se em cinzento e cristal no alto da falésia.

Na noite passada, na casa à beira da vila onde não se pode ir, a Jessica, a aconchegar-se, a boiar, pouco antes de o sono os levar, sussurrara, «Roger... e quanto às raparigas?» Fora tudo o que ela dissera. Mas isso deixara Roger bem acordado. E fatigado como ele estava, ficara de olho aberto por mais uma hora, a pensar nas raparigas.

Agora, sabendo que não deveria insistir nisso, «Pointsman, e se o Edwin Treacle tiver razão? Em como é a PC. E se o Slothrop —

nem sequer conscientemente — andar a *fazer* com que eles caiam onde caem?»

«Bom. Nesse caso vocês teriam conseguido qualquer coisa, não era.»

«Mas... *porque* haveria ele. Se andam a cair onde quer que ele tenha estado —»

«Talvez ele deteste as mulheres.»

«Estou a falar a sério.»

«Mexico. Você está mesmo preocupado?»

«Não sei. Talvez eu andasse a pensar se isso poderia ligar-se, de alguma maneira, à sua fase ultraparadossal. Talvez... Quero saber do que anda você realmente à procura.»

Por cima deles pulsa agora uma esquadilha de B-17s, hoje com destino a qualquer sítio invulgar, muito fora dos habituais corredores de voo. Por detrás dessas Fortalezas as faces inferiores das frias nuvens são azuis, e as suas fofas vagas estão raiadas de azul — fora disso tingidas de um rosa ou roxo esbatido... As asas e os estabilizadores estão disfarçados por baixo num tom cinzento-escuro. As sombras envolvem de mansinho as curvas da fuselagem ou carlinga. Hélices emergem do encapsulado negrume no interior das capotas, não se lhes vendo os esteios, a luz do céu tingindo todas as superfícies vulneráveis com um cinzento lúgubre e uniforme. Os aviões vão zumbindo, com imponência, lá no alto do céu zero, que larga geada enquanto aumenta, juncando o céu em fundo com alvas esteiras de gelo, a cor deles combinando-se com certos graus de nuvem, todas as pequenas janelas e aberturas na fofa treva, o nariz de perspex a reluzir eternamente torcido e a jorrar nuvem e sol. Por dentro é de obsidiana negra.

O Pointsman tem estado a falar da paranóia e da «ideia de opositor». Escrevinhou no Livro pontos de exclamação e é bem verdade por todas as margens da carta aberta do Pavlov à Janet sobre os *sentiments d'emprise*, e do Capítulo LV, «Uma Tentativa de Interpretação Fisiológica das Obsessões e da Paranóia» — ele não consegue evitar essa pequena rudeza, embora o acordo entre os sete proprietários não fosse o de marcar O Livro — era demasiado valioso para esse tipo de coisa, eles tiveram de participar com um guinéu cada um. Fora-lhe vendido à socapa, no escuro, durante um ataque da Luftwaffe

(a maior parte dos exemplares existentes fora destruída no seu armazém logo ao princípio da Batalha da Grã-Bretanha). O Pointsman nem sequer chegara a ver a cara do vendedor, o homem desaparecera na rouca alvorada audível do tudo-bem, deixando o doutor e O Livro, o maço mudo já a aquecer, a humedecer na sua mão crispada... sim poderia ter sido uma rara obra de erotismo, certamente que aquele rude aspecto manual dos tipos... as cruezas no fraseado, como se a estranha tradução do Dr. Horsley Gantt fosse em cifra, o texto simples enumerando vergonhosos deleites, criminosos arrebatamentos... E quanto da bonita vítima a debater-se entre os seus nós vê o Ned Pointsman em cada cão que visita a sua bancada de testes... e não serão o escarpelo e a sonda tão decorativos, enquanto finas extensões, quanto o chicote e a cana?

Sem dúvida que o volume precedente do Livro — as primeiras quarenta e uma Palestras — chegara até ele aos 28 de idade como um mandato da Vénus submontana a que ele não podia resistir: abandonar Harley Street a troco de uma jornada cada vez mais desviante, prosseguindo deliciosamente, por um labirinto de trabalhos de reflexos condicionados em que só agora, treze anos mais adiante, ele começa a fechar novamente o círculo, tropeçando em velhas evidências de já haver cruzado anteriormente aquele caminho, confrontando-se aqui e além com consequências do seu mais juvenil e total abraço... Mas ela avisara-o — não avisara? ele alguma vez lhe prestava ouvidos? — do pagamento deferido, no seu importe total. Vénus e Ariadne! Ela parecia valer qualquer preço, parecendo o labirinto, naqueles tempos, demasiado intrincado para *elos* — os chulos crepusculares que efectuaram o arranjo entre uma versão dele próprio, um cripto-pointsman, e o seu destino... demasiado variado, pensava ele então, para que alguma vez o encontrassem lá. Mas agora ele sabe. Demasiado metido naquilo, preferindo não o enfrentar por enquanto, sabe que eles se limitam a aguardar, pétreos e seguros — esses agentes do Sindicato a que também ela tem de pagar — aguardam na câmara central, enquanto ele se aproxima... São donos de tudo: da Ariadne, do Minotauro, até, teme o Pointsman, dele próprio. Vislumbrá-os de vez em quando hoje em dia, nus, atletas postados e arfantes na câmara, terríveis pénis erguidos tão minerais como os seus

olhos, que reluzem de geada ou de flocos de mica, mas não de lascívia, nem por ele. É só um trabalho que eles têm...

«Pierre Janet — por vezes o homem falava como um místico Oriental. Não tinha nenhuma compreensão real dos opositos. «O acto de ferir e o acto de ser ferido conjugam-se no comportamento da ferida inteira.» Falante e falado, mestre e escravo, virgem e sedutor, cada par muito convenientemente acasalado e inseparável — O último refúgio do incorrigivelmente preguiçoso, Mexico, é precisamente esse género de tretas do yang-yin. Desse modo uma pessoa evita toda a sorte de desagradável trabalho de laboratório, mas o que é que se *disse*?»

«Eu não quero entrar numa discussão religiosa consigo», a ausência de sono tornou hoje o Mexico mais rabugento do que é habitual, «mas ponho-me a pensar se as pessoas também não serão um pouco — bom, teimosas, a respeito das virtudes da análise. Quero dizer, quando você já desmontou tudo, óptimo, serei o primeiro a aplaudir a sua industriosidade. Mas para além de imensos bocados e peças espalhados por ali, o que disse *você*?»

Também não é o tipo de discussão que o Pointsman aprecie. Mas ele lança um olhar vivo a este jovem anarquista com o seu cachecol vermelho. «Pavlov acreditava que o ideal, o fito para o qual todos nós nos esforçamos na ciência, é a verdadeira explicação mecânica. Ele era suficientemente realista para não esperar isso durante a sua vida. Nem em várias vidas mais. Mas a esperança dele era a de uma longa cadeia de aproximações cada vez melhores. Em última análise a fé dele assentava numa base puramente fisiológica para a vida da psique. Não há efeito sem causa, e um claro encadeamento de ligações.»

«Não é o meu forte, claro», o Mexico desejando honestamente não ofender o homem, mas francamente, «mas há um sentimento de que essa causa-e-efeito poderá já ter sido levada tão longe quanto há-de ir. De que para que a ciência prossiga de todo, ela tem de procurar um conjunto menos estreito, menos... estéril de assumpções. A próxima grande inovação poderá chegar quando tivermos a coragem de nos desfazermos por inteiro da causa-e-efeito, e enveredarmos por um outro ângulo qualquer.»

«Não — não é «desfazermos». Regredirmos. Você tem 30 anos, homem. Não há «outros ângulos». Só se pode ir para a frente — *para o meio da coisa* — ou para trás.»

O Mexico vê o vento repuxar as abas do casaco do Pointsman. Uma gaivota passa a gritar voando de lado ao longo da berma gelada. Os penhascos de giz erguem-se por cima, frios e serenos como a morte. Os primeiros bárbaros da Europa que se aventuraram suficientemente perto desta costa viram estas barreiras brancas por entre a bruma, e souberam então para onde os seus mortos haviam sido levados.

O Pointsman virou-se agora, e... oh, meu Deus. Ele está a sorrir. Há algo de tão antigo na sua assumpção de fraternidade que — não agora, mas daqui a alguns meses, com a Primavera a prevalecer e a Guerra na Europa terminada — Roger lembrar-se-á do sorriso — aquilo há-de perseguí-lo — como o olhar mais malvado que ele alguma vez recebeu de um rosto humano.

Interromperam a sua caminhada. O Roger olha de novo para o homem. O Anti-Mexico. Eles próprios «ideias de oposto», mas em que córtex, em que hemisfério invernal? Que ruinoso mosaico, exposto do lado de fora ao Desperdício... do lado de fora da cidade de abrigo... somente legível aos que que viajam pelo exterior... olhos postos na distância... bárbaros... viajantes...

«Ambos temos o Slothrop», foi o que o Pointsman acabou de dizer.

«Pointsman — o que espera você tirar disto? Para além da glória, quero eu dizer.»

«Não mais do que Pavlov. Uma base fisiológica para o que parece ser um comportamento muito invulgar. Não me interessa em qual das suas categorias da S.I.P. ele se possa encaixar — estranhamente nenhum de vós sugeriu sequer a telepatia: talvez ele esteja sintonizado com alguém do lado de lá, alguém que tenha conhecimento antecipado do calendário dos disparos Alemães. Eh? E não me interessa que aquilo seja alguma terrível vingança Freudiana contra a mãe dele por tentar castrá-lo ou qualquer coisa assim. Eu não sou grandioso, Mexico. Sou modesto, metódico —»

«Humilde.»

«Impus a mim mesmo limitações nisto. Apenas disponho da reversão dos sons do foguete para prosseguir... da história clínica do condicionamento sexual dele, *talvez* a estímulos auditivos, e do que *parece* ser uma reversão da causa-e-efeito. Não estou tão pronto quanto você a desfazer-me da causa-e-efeito, mas se ela tiver de ser modificada — então seja.»

«Mas você anda *atrás* de quê?»

«Você viu o IPMM dele. A Escala F dele? Falsificações, processos de pensamento distorcido... As pontuações demonstram-no claramente: ele é psicopaticamente desviante, obsessivo, um paranóico latente — bom, Pavlov acreditava que as obsessões e as ilusões paranóicas resultavam de certas — chamemos-lhe células, neurónios, no mosaico do cérebro, sendo excitadas ao nível em que, por meio de indução recíproca, toda a área em redor se torna inibida. Um ponto brilhante, luzente, rodeado de escuridão. Escuridão que, de certo modo, foi convocada por ele. Isolado, esse ponto brilhante, talvez até ao fim da vida do paciente, de todas as outras ideias, sensações, autocríticas que lhe pudesse temperar a chama, restaurar-lhe de novo a normalidade. Ele chamou-lhe um «ponto de inércia patológica». Andamos agora a trabalhar com um cão... ele passou pela fase «equivalente», em que qualquer estímulo, forte ou fraco, suscita exactamente a mesma quantidade de gotas de saliva... e daí passou à fase «paradoxal» — estímulos fortes suscitam respostas fracas e vice-versa. Ontem fizemos com que ele se tornasse ultraparadoxal. Que fosse para além. Quando ligamos o metrônomo que costumava significar comida — que outrora fazia o Cão Vanya babar-se como uma fonte — ele agora afasta-se. Quando desligamos o metrônomo, oh *então* ele vira-se para este, cheira-o, tenta lambê-lo, mordê-lo — procura, no silêncio, o estímulo que não está lá. Pavlov pensava que todas as doenças da mente poderiam, finalmente, ser explicadas pela fase ultraparadoxal, os pontos patologicamente inertes no córtex, a confusão das ideias de oposto. Faleceu quando estava no limiar de pôr essas coisas numa base experimental. Mas eu estou vivo. Tenho o financiamento, e o tempo, e a vontade. O Slothrop é um forte imperturbável. Não será fácil enviá-lo para qualquer uma das três fases. Poderemos ter de acabar por pô-lo a passar fome, aterrorizá-lo, não

sei... não era preciso chegar-se a isso. Mas hei-de encontrar-lhe os pontos de inércia, hei-de descobrir o que são eles ainda que tenha de lhe abrir o raio da cabeça, e como estão eles isolados, e porventura resolver o mistério de saber porque caem os foguetes como caem — embora eu admita que isso foi mais um suborno para conseguir o seu apoio.»

«Porquê?» Um pouco de nervoso, aí, Mexico? «Porque precisa você de mim?»

«Não sei. Mas preciso.»

«*Você* é que é um obcecado.»

«Mexico.» Ali postado muito quieto, a metade da sua cara voltada para o mar parecendo ter envelhecido cinquenta anos nesse instante, vendo por três vezes a maré deixar para trás a sua estéril película de gelo. «Ajude-me.»

Eu não posso ajudar ninguém, pensa o Roger. Porque está ele tão tentado? É perigoso e perverso. Ele de facto quer ajudar, sente pelo Slothrop o mesmo medo irreal que a Jessica. *E quanto às raparigas?* Poderá ser da sua solidão na Secção Psi, numa persuasão que ele não pode partilhar do fundo do coração, nem abandonar por inteiro... a fé deles, mesmo do Gloaming que nunca sorri, em que deve haver mais, para além dos sentidos, para além da morte, para além das Probabilidades que são tudo aquilo em que Roger tem de acreditar... *Oh Jessie*, a cara dele contra as nuas, adormecidas, intrincadamente ossudas e nervosas costas dela, *eu nisto estou fora do meu elemento...*

A meio caminho entre a água e as rudes ervas marinhas, uma longa extensão de canos e de arame farpado retine ao vento. O negro rendado é sustido por longos apoios oblíquos, lanças apontadas para o mar. Um ar abandonado e matemático: despojado até aos vectores de força que o mantêm onde está, redobrado em certos pontos com uma fila por detrás doutra, movendo-se enquanto o Pointsman e o Mexico começam a mover-se de novo, retrocedendo num espesso franzido, repetidas perpendiculares em paralaxe contra repetidas diagonais, e os emaranhados de arame por baixo interferindo mais ao acaso. Ao longe, onde ela se curva para a bruma, aquela obra a céu aberto torna-se cinzenta. Após o nevão da noite passada, cada linha de negro rabisco estava orlada de branco. Mas hoje o vento e a areia

expuseram de novo o ferro negro, salgado, revelando, em certos sítios, breves veios de ferrugem... noutros, o gelo e a luz do sol transformam a construção em linhas de energia de um branco eléctrico.

Mais acima, passando pelas minas antipessoal enterradas e pelos postes antitanque de betão corroído, enfiado numa casamata coberta de redes e torrões de relva, a meia altura da falésia, o jovem Dr. Bleagh e a sua enfermeira Ivy estão a descansar após uma difícil lobotomia. Os bem esfregados e adestrados dedos dele metem-se por baixo das alças de suspensão dela, puxam para diante, soltam-se com um súbito e grande estalido e ho-ho-ho do Bleigh enquanto ela salta e se ri também, tentando não muito esforçadamente esquivar-se-lhe. Estão deitados numa cama de velhas e desbotadas cartas náuticas, manuais de manutenção, sacos de areia rebentados e areia derramada, paus de fósforo queimados e pontas de cortiça desfeitas de cigarros há muito decompostos que serviram de conforto às noites de '41 e à súbita palpitação do coração com qualquer vislumbre de uma luz no mar. «Tu és doido», sussurra ela. «Sou um lúbrico», sorri ele, e torna a fazer-lhe estalar o cinto de ligas, rapaz-e-fisga.

Nas terras altas uma linha de blocos cilíndricos para mutilar os silenciosos Tigres Reais que agora nunca arrastarão as suas lagartas como outros tantos bolos brancos sobre o prado acastanhado, entre as poças de neve e as pálidas ervas verde-lima. No meio de um pequeno lago o homem negro veio de Londres, está a patinar no gelo, tão improvável quanto um Zuavo, levantando bem os seus patins, digníssimo, como se tivesse nascido para eles e o gelo e não para o deserto. Há criancinhas da vila espalhadas diante dele, suficientemente perto para que as bochechas lhes sejam zurzidas por curvas esteiras de gelo em pó sempre que ele faz uma viragem. Até ele sorrir não se atrevem a falar, só acompanham, fixam, namoram, querendo o sorriso, temendo-o, querendo-o... Ele tem um rosto mágico, um rosto que conhecem. Da margem, o Myron Grunton e o Edwin Treacle, ambos fumando sem cessar, matutando na Operação Asa Negra e na credibilidade do Schwarzkommando, observam o seu Negro mágico, o seu protótipo, nenhum deles disposto a arriscar-se no gelo, a pular ao jeito dos Fens ou em qualquer outro estilo, diante dessas crianças.

O Inverno está em suspenso — todo o céu é uma gélida, luminosa gelatina. Lá em baixo na praia, o Pointsman pesca um rolo de papel higiénico, com cada folha carimbada PROPRIEDADE DO GOVERNO DE S.M., do interior de um bolso para assoar o nariz. Roger de vez em quando enfia os cabelos de novo para dentro do boné. Nenhum deles fala. Portanto, eles os dois: caminhando devagar, mãos entrando e saindo dos bolsos, as figuras deles diminuindo, fulvas e cinzentas e uma nota de escarlate, de contornos muito nítidos, as pegadas atrás deles um longo e gélido processo de estrelas exauridas, o céu cerrado reflectido na lustrosa praia quase branca... Perdemos-los. Ninguém ouviu aquelas primeiras conversas — não resta sequer uma vã amostra. Continuaram a andar até aquele Inverno os esconder e parecia que o próprio Canal iria congelar, e que ninguém, nenhum de nós, alguma vez conseguiria tornar a encontrá-los completamente. As pegadas deles encheram-se de gelo, e pouco tempo depois foram levadas para o mar.



Em silêncio, escondida dela, a câmara segue-a enquanto ela se move deliberadamente para nenhures com longas pernas pelos apartamentos fora, uma amplidão adolescente e um encurvamento dos ombros, o cabelo dela não rudemente Holandês de todo, mas apanhado em cima como está na moda com uma antiga e deslustrada coroa de prata, a nova permanente que ela ontem fez deixando-lhe o seu muito louro cabelo imobilizado no alto de cem vórtices, reluzindo entre a escura filigrana. Abertura máxima das lentes hoje à tarde, luz adicional de tungsténio instalada, neste dia mais chuvoso da memória recente, explosões de foguetes lá longe ao sul e ao leste agora e depois a visitarem a moradia, abanando não as luminosas janelas mas somente as portas, em demorados estremecimentos tri-e quadripartidos, como pobres espíritos, desesperados por companhia, pedindo que os deixem entrar, só por um instante, um toque...

Ela está sozinha na casa, para além do secreto operador da câmara e do Osbie Feel, que está lá para a cozinha, a fazer qualquer coisa misteriosa com uns cogumelos colhidos no alto do telhado. Têm

umas luzidias corolas vermelho-alaranjadas com salientes manchas de um véu cinzento-esbranquiçado. De vez em quando a geometria da inquietude dela leva-a a espreitar por uma porta aberta para a arrapazada labuta dele com o *Amanita muscaria* (pois é este peculiar parente do venenoso Anjo Destruidor que reclama a atenção do Obbie, ou do que nele passa por atenção) — atira-lhe um sorriso que ela pretende que seja amistoso mas que ao Obbie parece terrivelmente mundano, sofisticado, malvado. Sendo ela a primeira rapariga holandesa com quem ele jamais falou, sente-se surpreendido ao descobrir saltos altos em vez de tamancos de madeira, de facto um pouco tolo até ao vê-la tão aprumada e (imagina ele) em estilo Continental, ao intelecto por detrás dos olhos de louras pestanas ou dos óculos escuros que ela afecta no meio da rua, por detrás dos vestígios de gordura infantil, das covinhas recôncavas em ambos os lados da boca dela. (Vendo-se de perto a pele dela, embora quase perfeita, nota-se que está levemente empoeirada e avermelhada, as pestanas um pouco escurecidas, as sobrancelhas redesenhasadas por uma questão de dois ou três folículos vazios...)

O que *poderá* o jovem Osbie ter em mente? Ele está a raspar cuidadosamente o interior de cada corola de cogumelo cor de dióspiro e a fazer picadinho com os restos. Elfos desapossados andam a correr pelo telhado, balbuciantes. Ele tem agora um crescente monte de fungos cintzeno-alaranjados, que passa a verter às mãos-cheias para dentro de um tacho de água fervente. Uma anterior fornada está a repousar em cima do forno, reduzida a uma espessa papa coberta de espuma amarela, que o Osbie agora remove e reduz ainda mais a puré na máquina misturadora do Pirata. A seguir espalha a pasta fungóide sobre um tabuleiro de lata para biscoitos. Abre o forno, retira com umas pegas de amianto um outro tabuleiro coberto de um escuro pó já cozido, e substitui-o por aquele que acabou de preparar. Com almofariz e pilão pulveriza a substância e despeja-a para dentro de uma velha lata de biscoitos da Huntley & Palmers, reservando apenas o suficiente para enrolar com destreza numa mortalha Rizla de sabor a alcaçuz, acender, e lhe inalar o fumo.

Mas sucede ela ter espreitado para lá no preciso instante em que o Osbie abria o ecoante forno. A câmara não regista qualquer alteração no rosto dela, mas porque permanece ela agora tão imóvel junto

à porta? como se o quadro devesse ser interrompido e prolongado num tal demorado momento de ouro fresco e polido, inocência microscopicamente disfarçada, o cotovelo dela ligeiramente dobrado, a mão apoiada contra a parede, dedos abertos em leque sobre o pálido papel cor-de-laranja como se ela estivesse a tocar a sua própria pele, um toque meditabundo... Lá fora, a longa chuva em silicónica e glacial descida embate, desolada, vagarosamente corrosiva contra as janelas medievais, obstruindo como fumo a margem distante do rio. Esta cidade, em todos os seus quilómetros furados por bombas: esta vítima inexaurivelmente enredada... pele das reluzentes telhas, tijolo enfarruscado e alagado no alto de cada janela escura ou iluminada, cada uma de um milhão de aberturas vulneráveis à treva deste dia invernal. A chuva lava, ensopa, enche os algerozes que cantam, a cidade recebe-a, erguendo-se, num perpétuo encolher de ombros... Com um guincho e um estrondo de metal o forno é fechado outra vez, mas para Katje ele jamais se fechará. Ela já hoje posou por demasia-das vezes diante dos espelhos, sabe que o seu cabelo e maquilhagem estão perfeitos, admira o vestido que lhe trouxeram da Harvey Nicholls, um crepe fino que lhe pende dos ombros enhumaçados até um ponto profundo entre os seus seios, de um rico tom de cacau que neste país é conhecido como «escarumba», metros e metros dessa deliciosa seda enrolada e cruzada, cingida com alguma folga na cintura, suaves pregas caindo-lhe até aos joelhos. O operador de câmara está contente com o inesperado efeito de tanto crepe em folhos, particularmente quando Katje passa diante de uma janela e a luz da chuva que de lá vem transforma tudo aquilo por algumas breves exposições em vidro fosco, saturado de carvão, antigo e gasto pelas intempéries, vestido, rosto, cabelo, mãos, esguios tornozelos tudo transformado em vidro e vítreo, para o ponderado instante do celulóide — o translúcido guardião de uma chuva sacudida o dia inteiro por explosões de foguetes próximas e distantes, lá ao fundo, escuro e arruinado por detrás dela o terreno que, na passagem dos fotogramas, a define.

Nas imagens que ela vê ao espelho Katje também sente um prazer de operadora de câmara, mas sabe o que ele não pode saber: que no interior de si mesma, por dentro da superfície *soignée* de tecido

transparente e células mortas, ela é corrupção e cinzas, ela de uma maneira que nenhum deles pode adivinhar pertence cruelmente ao Forno... ao *Der Kinderofen*... recordando agora os dentes dele, compridos, terríveis, raiados de sujidade castanha e luzidia quando ele profere tais palavras, os dentes amarelos do Capitão Blicero, a rede de fendas manchadas, e de novo no seu hálito nocturno, no escuro forno de si próprio, sempre os enroscados sussurros de decadênci... Ela recorda os dentes dele antes de qualquer outra feição, os dentes eram o que beneficiava mais directamente do Forno: daquilo que está planeado para ela, e para Gottfried. Ele nunca o proferira claramente como ameaça, nem sequer se dirigira directamente a nenhum deles, mas antes aos convidados da noite por entre as treinadas coxas de seda dela, ou ao longo da dócil espinha do Gottfried («o eixo Roma-Berlim», chamara-lhe ele na noite em que veio o Italiano e todos eles ficaram na cama redonda, o Capitão Blicero enfiado no olho do cu do Gottfried que ficara virado para cima e o Italiano ao mesmo tempo na bonita boca dele) Katje apenas passiva, atada e amordaçada e com umas pestanas falsas, servindo hoje à noite de almofada humana aos encanecentes e perfumados caracóis do Italiano (odor a rosas e a gordura prestes a tornar-se rançosa)... cada elocução uma flor fechada, capaz de exfoliação e de infinita revelação (ela pensa numa função matemática que para si se expandirá como um botão florido numa série de potências *sem qualquer termo geral*, interminavelmente, obscuramente, embora nunca completamente de surpresa)... a frase dele *Padre Ignacio* a patentear-se em inquisidor Espanhol, batas pretas, nariz castanho arqueado, o sufocante cheiro a incenso + confessor/verdugo + Katje e Gottfried ambos de joelhos, lado a lado no escuro confessionário + crianças vindas das velhas Märchen ajoelhadas, os joelhos frios e a doerem-lhes, diante do Forno, segredando a este os segredos que não podem contar a mais ninguém + a paranóia das bruxas do Capitão Blicero, suspeitando deles os dois, de Katje apesar das suas credenciais do NSB + o Forno como ouvinte/vingador + Katje ajoelhada diante de Blicero com um riquíssimo vestido, veludo negro e saltos à Cubana, o pénis dele esmagado e escondido por baixo de uma coquilha de couro cor de carne, por cima da qual ele usa uma cona falsa e uma pintelheira de zibelina ambas

feitas à mão em Berlim pela célebre Mme. Ophir, os lábios fingidos e o luzidio clítoris arroxeados moldados em — a Madame fora abjecta, alegando carências — borracha sintética e Mipolam, o novo cloreto de polivinil... minúsculas lâminas de aço inoxidável cintilam devido a uma rósea humidade idêntica à natural, centenas delas, contra as quais Katje, ajoelhada, é obrigada a cortar os seus lábios e língua, e seguidamente a deixar abstractos beijos de sangue ao longo do áureo traseiro sem gesso do seu «irmão» Gottfried. Irmão de jogo, de escravatura... ela nunca o tinha visto antes de vir para a casa requisitada perto das zonas de disparo, escondida entre os bosques e coutadas desta colonizada península de pequenas quintas e propriedades que se estende para leste da cidade régia, entre duas extensões de pólder, em direcção a Wassenaar — porém o rosto dele, naquela primeira vez, visto sob a luz outonal através da grande janela ocidental da sala de estar, ajoelhado e nu a não ser por uma coleira de cão com pregos, masturbando-se metronomicamente, às ordens berradas pelo Capitão Blicero, toda a pele trigueira dele manchada pela tarde num luminoso cor-de-laranja sintético que ela nunca antes associara com pele, o pénis dele um monólito de sangue, a sua boca espessamente arfante audível no silêncio atapetado, o rosto dele erguido para nenhum dos presentes, mas como se para algo que estivesse no tecto, ou no céu que os tectos poderão representar na visão dele, já que na maior parte do tempo parece andar de olhos em baixo — o rosto dele, a ascender, a estreitar-se, a vir-se, está tão perto daquilo que ela toda a sua vida viu nos espelhos, do seu próprio olhar estudado de manequim, que ela perde o fôlego, sente por um momento a acelerada percussão do seu coração, antes de voltar um tal olhar para Blicero. Ele está deliciado. «Talvez», diz-lhe ele, «eu te corte o cabelo.» Sorri para Gottfried. «Talvez deixe crescer o dele.» A humilhação seria boa para o rapaz todas as manhãs no quartel, colocado com a sua bateria perto do Schußstelle 3, onde outrora galopavam cavalos perante os frenéticos, os derrotados entusiastas do hipismo da antiga paz — faltando uma e outra vez às formaturas mas protegido da disciplina do Exército pelo seu Capitão. Em vez disso, entre disparos, de dia ou de noite, com falta de sono, a horas estranhas, sofrendo a própria «Hexeszüchtigung» do Capitão. Mas

terá Blicero cortado também o cabelo dela? Ela agora não consegue lembrar-se. Sabe que usou os uniformes de Gottfried uma ou duas vezes (enfiando o seu cabelo, sim, para dentro do barrete de campanha dele), passando facilmente por um duplo dele, passando essas noites «na gaiola», segundo as regras instituídas por Blicero, enquanto Gottfried tem de usar as meias de seda dela, o avental rendado e a touca dela, todos os seus cetins e fitas de organdi. Mas seguidamente ele tem de voltar sempre para dentro da gaiola. É assim que sucede. O Capitão deles não permite dúvidas sobre qual deles, irmão ou irmã, é na verdade serviçal, e qual é o ganso da engorda.

Até que ponto leva ela o jogo a sério? Num país conquistado, no nosso próprio país conquistado, é melhor, acredita ela, entrar-se numa qualquer versão formal, racionalizada, daquilo que, lá fora, procede dia e noite sem forma nem limite decente, as execuções sumárias, os acotovelamentos, espancamentos, subterfúgios, paranóia, vergonha... embora isso nunca seja discutido abertamente entre eles, pareceria que Katje, Gottfried, e o Capitão Blicero concordaram nesta forma Nortenha e antiga, uma que todos eles conhecem e com a qual se sentem confortáveis — as crianças perdidas, a bruxa dos bosques dentro da casa comedível, o cativeiro, a engorda, o Forno — passará a ser essa a rotina que os preserva, o seu abrigo, contra o que lá fora nenhum deles consegue suportar — a Guerra, o absoluto domínio do acaso, a lastimosa contingência deles aqui, no meio dela....

Não se está a salvo, nem sequer lá dentro, na casa... quase todos os dias há um foguete que falha a ignição. No final de Outubro, não longe desta propriedade, um deles caiu e explodiu, matando 12 da equipagem de terra, quebrando as janelas por centenas de metros em redor, incluindo a janela ocidental da sala de estar em que Katje vira pela primeira vez o seu áureo irmão de jogo. O boato oficial declara que somente havia rebentado combustível e oxidante. Mas o Capitão Blicero, com um trémulo — ela tem de dizer niilístico — prazer, disse que a carga de Amatol da ogiva também explodira, fazendo deles tanto alvo quanto local de lançamento... Que todos eles estavam condenados. A casa está a oeste da pista de corridas de Duindigt, na direcção completamente oposta à de Londres, mas nenhum rumo está isento — muitas vezes os foguetes, dementes, viram ao acaso,

guinchando terrivelmente no céu, voltam-se ao contrário e caem cada um de acordo com a sua loucura tão inatingível e, teme-se, incurável. Quando há tempo para isso, os donos deles destroem-nos, por rádio, a meio da convulsão. Entre os lançamentos de foguetes há ataques aéreos dos Ingleses. Os Spitfires vêm a rugir rasando o negro mar pela hora da ceia, os holofotes no céu a vacilarem, o zumbido das sirenes fica a pairar no céu muito acima dos húmidos bancos de ferro nos parques, os canhões da AA atroam, ao calhar, e as bombas caem na mata, no polder, entre apartamentos que se julga aboletarem tropas dos foguetes.

Isso acrescenta ao jogo um sobretom, que lhe altera ligeiramente o timbre. É ela que, num qualquer momento futuro indefinido, tem de empurrar a Bruxa para dentro do Forno destinado a Gottfried. Por isso o Capitão tem de considerar a hipótese real de ela ser uma espia Britânica, ou membro do submundo Holandês. Mau grado todos os esforços Alemães, os dados de inteligência continuam a chegar da Holanda até ao Comando de Bombardeiros da RAF em torrente contínua, falando de instalações, de rotas de abastecimento, de quais os maciços de árvores verde-escuras que poderão esconder uma plataforma A4 — dados que mudam de hora a hora, tão móveis são os foguetes e os seus equipamentos de apoio. Mas os Spitfires contentar-se-ão com uma central eléctrica, um abastecimento de oxigénio líquido, o aboletamento de um comandante de bateria... isso é que é intrigante. Sentirá a Katje a sua obrigação cancelada por um dia chamar os caças-bombardeiros ingleses sobre esta mesma casa, a prisão do jogo dela, embora isso signifique a morte? O Capitão Blicer não consegue ter a certeza. Até certo ponto ele acha essa agonia deliciosa. Certamente que o cadastro dela junto da gente do Mussert é impecável, atribui-se-lhe crédito por farejar pelo menos três famílias de criptoíudeus, frequenta as reuniões obedientemente, trabalha numa estância de repouso da Luftwaffe perto de Scheveningen, onde os superiores dela a acham eficiente e alegre, nunca fugindo às suas obrigações. Nem, como tantos deles, recorre ao fanatismo partidário para disfarçar uma falta de capacidade. Talvez seja essa a única sombra de aviso: o empenhamento dela não é emocional. Ela parece ter razões para estar no Partido. Uma mulher com alguma formação em

matemática, e com razões... «Queres a Mudança», disse Rilke, «Oh, sé inspirado pela Chama!» Ao loureiro, ao rouxinol, ao vento... querendo-o, ser-se arrebatado, abraçar, cair para a chama que cresce até preencher todos os sentidos e... não amar porque já não era possível agir... mas estar desamparadamente numa condição de amor...

Mas não a Katje: nada de mergulhos à maneira de uma traça. Ele tem de concluir que secretamente ela receia a Mudança, optando em vez disso por rever apenas trivialmente o que menos importa, ornamentos e roupas, não indo para além do travestismo político, não somente com as roupas do Gottfried, mas até com o tradicional uniforme masoquista, o traje de criada francesa tão inadequado às altas e longas pernas dela, ao seu ar louro, aos seus curiosos ombros que parecem asas — ela só joga a isto por... joga com o jogo.

Ele nada pode fazer. Entre o moribundo Reich, com as ordens a caducarem em impotência de papel ele precisa tanto dela, precisa do Gottfried, das ataduras e dos látegos de couro, reais nas suas mãos que ainda sentem, dos gritos dela, dos vergões vermelhos nas nádegas do rapaz, das bocas deles, do pénis, dedos das mãos e dos pés dele — ao longo da invernia esses são seguros, pode-se confiar neles — ele não poderá apresentar-vos razão nenhuma mas no fundo do seu coração confia, talvez somente, por agora, na forma, isto fora de todas as *Märchen und Sagen*, confia em que esta casa encantada na floresta será preservada, que nenhuma bomba poderá alguma vez cair ali por acidente, só por traição, só se a Katje for realmente uma apontadora dos Ingleses e lhes disser — e sabe que ela não poderá fazê-lo: que por meio de uma qualquer magia, abaixo da óssea ressonância de quaisquer palavras, um ataque Britânico é a única forma proibida de todos os possíveis impulsos vindos de trás, rumo ao ferro do Forno e ao Verão final. Ele há-de chegar, há-de chegar, o seu Destino... não dessa maneira — mas há-de chegar... *Und nicht einmal sein Schritt klingt aus dem tonlosen Los...* De toda a poesia de Rilke é esta Décima Elegia que ele mais adora, consegue sentir a amarga cerveja da Ânsia começar a picar-lhe atrás dos olhos e dos seios nasais quando recorda alguma passagem da... a juventude recém-falecida, abraçando-lhe o seu Lamento, a sua última ligação, deixando agora até o toque marginalmente humano dela para sempre,

trepando sozinha, terminalmente sozinha, cada vez mais para cima rumo às montanhas da Dor primordial, com as constelações espatosamente alheias lá no alto... *E nem por uma vez os passos dele se afastam do insondável Destino...* É ele, Blicero, quem trepa a montanha, tem vindo a trepá-la há quase 20 anos, muito antes de haver abraçado a chama do Reich, desde o Südwest... sozinho. Não importa qual fosse a carne que ali houvesse para apaziguar a Bruxa, canibal, e feiticeira, os fluorescentes aprestos de dor — sozinho, sozinho. Ele nem sequer conhece a Bruxa, não consegue entender a a fome que o/a define, fica apenas, em ocasiões de debilidade, espantado por isso coexistir no mesmo corpo que ele. Um atleta e a sua especialidade, consciências separadas... O Jovem Rauhandel pelo menos assim dissera... quantos mais anos até voltar a paz... O Blicero observara o seu jovem amigo (já nessa altura tão patentemente, tão pateticamente condenado a uma qualquer forma de Frente Ocidental) dentro de um bar, no meio da rua, trajando um qualquer fato justo ou desajeitado, uns quaisquer sapatos frágeis, reagir com toda a graça ao futebol que os brincalhões ao reconhecerem-no fizeram saltar de nenhures — os imortais desempenhos! aquele pontapé de improviso tão inacreditavelmente alto, tão perfeitamente parabólico, a bola a voar quilómetros até passar exactamente entre as duas altas, fálicas e eléctricas colunas do cinema da Ufa na Friedrichstrasse... o controlo de cabeça que ele era capaz de manter ao longo de vários quarteirões, horas a fio, os pés articulados como poesia... Porém ele somente conseguia abanar a cabeça, pretendendo ser um bom moço sempre que lho perguntavam, mas na verdade incapaz de dizer — «É... acontece... os músculos é que o fazem —» depois recordando as palavras de um antigo treinador — «é muscular», sorrindo de um jeito muito bonito e já, pelo acto, recrutado, já carne para canhão, a pálida luz do bar cruzando-lhe a curta penugem do cabelo cortado à escovinha — «são os reflexos, compreendem... Não sou eu... São só os reflexos». Quando começou aquilo a mudar para o Blicero, entre esses dias, da lascívia para o simples dó, tão estúpido quanto o espanto do Rauhandel com o seu próprio talento? Ele já viu tantos desses Rauhandels, especialmente desde '39, albergando os mesmos misteriosos convivas, forasteiros, muitas vezes não mais bizarros do que um

dom para estarem sempre onde não estavam os projécteis... será que algum *deles*, desse material em bruto, «quer a Mudança»? Sabê-lo-ão eles ao menos? Ele duvida disso... Os reflexos deles estão apenas a ser usados, às centenas de milhares de cada vez, por outros — pelas traças reais que a Chama inspirou. O Blicero já perdeu, há anos, toda a sua inocência sobre esta questão. Por isso o Destino dele é o Forno: enquanto as crianças extraviadas, que nunca souberam, que de nada mudam senão de uniformes e de cartões de identidade, hão-de sobreviver e prosperar muito para além dos gases e cinzas dele, da sua partida pela chaminé. Portanto, portanto. Um Wandervogel nas montanhas da Dor. Já dura há demasiado tempo, ele escolheu o jogo por nada mais senão o tipo de fim que ele lhe trará, nicht war? demasiado velho hoje em dia, as gripes demorando mais a passar, o estômago todo o dia em agonia com demasiada frequência, os olhos mensuravelmente mais cegos a cada exame, demasiado «realista» para preferir uma morte de herói ou mesmo de soldado. Ele agora só quer estar fora do Inverno, dentro da quentura, da escuridão, do abrigo de aço do Forno, a porta atrás dele num rectângulo progressivamente mais estreito de luz de cozinha que se fecha com estrondo, para sempre. O resto são preliminares.

Contudo ele preocupa-se, mais do que deveria e intrigado por tal, com as crianças — com os motivos delas. Supõe que seja a sua liberdade que elas procuram, com tanta ânsia quanto ele o Forno, e essa perversidade assombra-o e deprime-o... regressa uma e outra vez à desolação e à insensível imagem daquilo que era uma casa na floresta, agora reduzida a migalhas e nódoas de açúcar, o negro e indomito Forno sendo tudo o que resta, e as duas crianças, o pico de doce energia já para trás delas, a fome a começar de novo, deambulando para uma verde vacuidade de árvores... Para onde irão elas, onde resguardarão as noites? A imprevidência das crianças... e o paradoxo civil deste Pequeno Estado delas, que tem por base o mesmo Forno que há-de destruí-lo...

Mas todo o vero deus tem de ser tão organizador quanto destruidor. Educado numa ambiência cristã, isso fora-lhe difícil de ver até à sua viagem ao Südwest: até à sua própria conquista Africana. Entre

os desgastantes lumes do Kalahari, sob o amplo manto do céu costeiro, fogo e água, ele aprendera. O rapaz Herero, há muito atormentado pelos missionários para um temor aos pecados Cristãos, fantasmas de chacais, poderosas hienas Europeias, perseguindo-o, procurando alimentar-se da alma dele, do precioso verme que vivia ao longo da sua espinha dorsal, que tentavam agora enjaular os antigos deuses dele, enredá-los em palavras, oferecê-los ao desbarato, selvagens, paralisados, àquele branco erudito que parecia tão apaixonado pela linguagem. Transportando junto com o seu equipamento um exemplar das *Elegias de Duíno*, acabadas de sair do prelo quando ele embarcara para o Südwest, uma prenda da Mãe à beira do barco, o cheiro da tinta fresca a entontecer-lhe as noites enquanto o velho cargueiro cruzava trópico após trópico... até as constelações, como as novas estrelas da Terra da Dor, se haverem tornado todas elas desconhecidas e as estações da terra se inverterem... e ele desembarcara num barco de madeira com alta proa que 20 anos antes trouxera até ali tropas de calças azuis desde o ancoradouro de ferro para esmagarem o grande Levantamento dos Hereros. Para descobrir, lá no interior, no alto de uma extensão de entrecortadas montanhas entre o Namibe e o Kalahari, o seu próprio fiel nativo, a sua flor da noite.

Um intransponível ermo de rocha acometido pelo sol... quilómetros de desfiladeiros retorcidos em direcção a nenhures, em cujo fundo se acumulava areia branca que se tornava de um frio, majestoso azul à medida que as tardes se alongavam... *Nós fazer Ndjambi Karunga agora, omuhona...* um murmúrio, do outro lado dos ardentes ramos de espinheiro onde o Alemão conjura o afastamento das energias presentes fora da luz do lume com o seu delgado livro. Ele levanta os olhos assustado. O rapaz quer foder, mas está a usar o nome Herero de Deus. Um extraordinário arrepião domina o homem branco. Ele acredita, tal como a Sociedade Missionária Renana que corrompeu este rapaz, na blasfémia. Especialmente aqui no meio do deserto, onde perigos que ele não consegue designar nem sequer nas cidades, nem sequer à luz do dia, se reúnem, asas dobradas, nádegas roçando a areia fria, à espera... Hoje à noite ele sente a potência de cada palavra: as palavras estão apenas a uma piscadela de olho de distância das coisas que elas representam. O risco de enrabar o rapaz sob

a ressonância do sagrado Nome enche-o insanamente de lascívia, lascívia à face — na máscara — de instantânea retaliação vinda de fora do lume... mas para o rapaz Ndjambi Karunga é o que sucede quando eles copulam, só isso: Deus é criador e destruidor, sol e trevas, todos os conjuntos de opositos reunidos, incluindo preto e branco, macho e fêmea... e ele torna-se, na sua inocência, filho de Ndjambi Karunga (tal como todo o seu pretérito clã, incessantemente, para além da própria história deste) aqui por baixo do suor, das costelas, dos músculos abdominais, da picha Europeia (mantendo-se os músculos do rapaz ferozmente tensos durante o que parecem ser horas, como se ele tencionasse matar, mas nem uma palavra, somente as longas, clónicas, espessas porções de noite que passam sobre os corpos deles).

O que entendi eu dele? O Capitão Blicero sabe que neste momento o Africano está a meio caminho do outro lado da Alemanha, no meio do Harz, e que, caso o Forno se feche atrás de si neste Inverno, então eles já disseram auf Wiedersehen pela última vez. Senta-se, de barriga cheia, glândulas recheadas de mal-estar, debruçado sobre a consola, dentro do carro de controlo de lançamento pintado com camuflagem. Os sargentos dos painéis de motor e de manobra saíram para fumar cigarros — ele está sozinho nos controlos. Lá fora, através do periscópio sujo, um nevoeiro informe solta-se da brillante zona de gelo que cinge o empinado e umbroso foguete, onde os tanques de oxigénio líquido estão a ser atestados. As árvores estão muito próximas: lá no alto mal se vê céu suficiente para a ascensão do foguete. A Bodenplatte — placa de betão montada sobre faixas de aço — está colocada dentro de um espaço definido por três árvores, marcadas de modo a triangularem o rumo exacto, 260°, para Londres. O símbolo usado é uma rude mandala, um círculo vermelho com uma grossa cruz negra no interior, reconhecível como a antiga roda solar da qual diz a tradição haver sido quebrada a suástica pelos primeiros Cristãos, para disfarçarem o seu símbolo interdito. Dois pregos estão cravados na árvore no centro da cruz. Ao lado de uma das marcas pintadas, a mais ocidental, alguém riscou na casca com a ponta de uma baioneta as palavras IN HOC SIGNO VINCES. Ninguém na bateria admitirá tal acto. Talvez seja obra da Resistência.

Mas não foi ordenada a sua remoção. Cotos de árvore pálidos e amarelados cintilam em redor da Bodenplatte, lascas frescas e serradura misturam-se com as mais antigas folhas caídas. O odor, quase infantil, profundo, é confundido por petróleo e álcool. Há ameaças de chuva, talvez, hoje, neve. As equipagens movem-se nervosamente em cinzento e verde. Lustrosos cabos negros de borracha desaparecem sinuosamente na floresta para ligarem o equipamento terrestre aos 380 volts da rede eléctrica holandesa. *Erwartung...*

Por qualquer motivo ele acha ser-lhe mais difícil hoje em dia recordar. Aquilo que está enquadrado, esborratado pela sujidade, nos prismas, no ritual, na iteração diária pelo interior destes triângulos recentemente abertos nas florestas, passou a dominar aquilo que costumava ser o fortuito deambular da memória, a sua inocente recolha de imagens. O tempo de folga dele, com a Katje e o Gottfried, tornou-se mais curto e mais precioso à medida que se acelera o ritmo dos disparos. Embora o rapaz esteja na unidade do Blicero, o capitão quase nem o vê quando estão em serviço — um relampejo de ouro auxiliando os agrimensores a mediarem os quilómetros até à estação de transmissão, o brilho de sarjeta do cabelo dele ao vento, desaparecendo entre árvores... Como é estranhamente oposto ao Africano — um negativo a cores, amarelo e azul. O Capitão, num qualquer extravasamento sentimental, numa qualquer precognição, deu ao seu rapaz Africano o nome «Enzian», o da montanhosa encosta de Rilke com gencianas de Nôrdicas cores, trazida até aos vales como uma palavra pura:

Bringt doch der Wanderer auch vom Hange des Bergrands nicht eine Hand voll Erde ins Tal, die alle unsägliche, sondern ein erworbenes Wort, reines, den gelben und blaun Enzian.

«Omuhona... Olha para mim. Sou vermelho, e castanho... *preto*, omuhona...»

«Liebchen, esta é a outra metade da terra. Na Alemanha tu serias amarelo e azul.» Metafísica do espelho. Auto-enfeitiçado pelo que ele imaginava elegância, as suas simetrias livrescas... E contudo porquê falar tão inutilmente à árida montanha, ao calor do dia, à flor selvagem da qual ele bebia, tão interminavelmente... porquê perder *essas*

palavras na miragem, no sol amarelo e nas gélidas sombras azuis das ravinas, a menos que fosse vaticínio, para além de toda a síndrome de pré-desastre, para além do terror de contemplar a sua meia-idade ainda que de soslaio, por mais impossível que fosse a possibilidade de algum «contanto que» — o *para além* era algo de palpitar, bulicioso, para sempre lá em baixo, para sempre diante das palavras dele, algo portanto que conseguia ver um tempo por vir terrível, *pelo menos* tão terrível quanto este Inverno e a forma que a Guerra ganhou agora, uma forma que torna inevitável a forma de uma última peça do quebra-cabeças: este jogo-do-Forno com o jovem de cabelos amarelos e olhos azuis e a silenciosa doppelgänger Katje (quem era a homóloga *dela* no Südwest? qual a rapariga negra que ele nunca vira, sempre escondida no sol ofuscante, na rouca e fuliginosa passagem dos comboios à noite, uma constelação de estrelas negras a que ninguém, nenhum anti-Rilke, dera nome...) — mas 1944 era já demasiado tarde para que qualquer uma dessas coisas fosse importante. Aquelas simetrias eram um luxo do pré-guerra. Não lhe restava nada para vaticinar.

Muito menos a súbita retirada dela do jogo. A única variação que ele não fornecera, talvez por efectivamente também nunca ter visto a rapariga negra. Talvez a rapariga negra seja um génio de metassoluções — virando o tabuleiro de xadrez, alvejando o árbitro. Mas após o acto de ferir, partir, o que sucederá ao pequeno estado do Forno? Não poderá ser reparado? Talvez uma nova forma, uma que seja mais apropriada... o arqueiro e o seu filho, e a seta na maçã... sim e a própria Guerra enquanto rei tirano... ainda pode ser resgatado não é, remendado, redistribuem-se os papéis, não é preciso sair à pressa lá para fora onde...

Gottfried, na gaiola, vê-a safar-se das suas amarras e partir. Louro e delgado, o pêlo das pernas dele somente visível à luz do sol e então como uma fina, imponderável rede de ouro, as pestanas dele já a franzirem-se com estranhas assinaturas jovens/velhas, floreados, os olhos um azul raramente encontrado que em certos dias, em sincronia com o tempo, é demasiado para estas amendoadas franjas e bordas superiores, se escoa, sangra dali para iluminar todo o rosto do rapaz, azul virginal, azul de afogado, azul tão insaciavelmente trazido para os muros caiados das ruas mediterrânicas que serenamente

percorríamos de bicicleta nos meios-dias da antiga paz... Ele não pode impedi-la. Se o Capitão perguntar, ele conta-lhe o que viu. Gottfried já a viu escapar-se anteriormente, e há rumores — de que ela anda com a Resistência, de que está apaixonada por um piloto de Stuka que conheceu em Scheveningen... Mas ela também tem de amar o Capitão Blicero. Gottfried intitula-se um observador passivo. Esperou que a sua presente idade, e o édito de recrutamento, o apanhasssem, com um terror impudente como o de ver-se a aproximação de uma curva que se pretenda fazer pela primeira vez em derrapagem controlada, *apanha-me*, ganhando velocidade até ao derradeiro momento possível, *apanha-me* a única oração das suas boas-noites. O perigo de que pensa precisar ainda é ficcional para ele: naquilo que ele namora e provoca, a morte não é uma consequência real, o herói sai sempre a andar do centro da explosão, de cara enfarruscada mas sorridente — a explosão é ruído e mudança, e busca de abrigo. Gottfried ainda não viu um cadáver, não de perto. De vez em quando dizem-lhe lá da terra que morreram amigos, já viu longos e frouxos sacos de lona sendo carregados à mão pelas distâncias até ao venenoso interior pardacento dos camiões, e a luz dos faróis cortando a bruma... mas quando os foguetes falham, e tentam cair sobre quem os disparou, e uma dúzia de vós se comprime contra o solo, corpos estreitados nas fendas das trincheiras à espera que toda aquela lã fedendo a suor e tensa de riso se aguente, tu só pensas — Mas que história para contar na messe, para escrever à Mutti... Estes foguetes são os seus animais de estimação, escassamente domesticados, muitas vezes problemáticos, capazes até de reverterem. Ele adora-os do mesmo modo que teria adorado cavalos, ou tanques Tigre, caso fosse prestar serviço para outro lado qualquer.

Aqui ele sente-se *apanhado*, verdadeiramente à vontade. Sem a Guerra o que poderia ter almejado? Mas ser parte *desta* aventura... *Se não és capaz de cantar o Siegfried pelo menos podes carregar uma lança*. Em que encosta de montanha, de que rosto bronzeado e adorado ouvira ele isso? Tudo o que recorda é aquela brancura lá no alto, os prados malhados povoados de nuvens... Agora está a aprender um ofício, tratar dos foguetes, e quando a Guerra acabar há-de estudar para ser engenheiro. Entende que o Blicero morrerá ou partirá, e que ele terá

de sair da gaiola. Mas relaciona isso com o fim da Guerra, não com o Forno. Sabe, como toda a gente, que as crianças cativeiras são sempre libertadas no momento de máximo perigo. A foda, o salgado comprimento do fatigado e muitas vezes impotente pénis do Capitão penetrando-lhe na boca submissa, os pungentes castigos, o rosto dele reflectido no acto de beijar as botas do Capitão, o brilho delas mosqueado, corroído por massa consistente, óleo, álcool derramado nos abastecimentos, escurecendo-lhe o rosto até aquele que ele não consegue reconhecer — essas coisas são necessárias, elas tornam específico o seu cativeiro, que de outro modo dificilmente seria diferente do sufoco do Exército, da repressão do Exército. Tem vergonha de gostar tanto delas — a palavra *puta*, dita agora num certo tom de voz, provoca-lhe uma erecção que ele não consegue contrariar — receoso de que, se não efectivamente julgado e danado, tenha enlouquecido. Toda a bateria conhece o arranjo: embora eles continuem a obedecer ao Capitão está ali, nas caras deles, sente-se-lhes nas tremuras ao longo das medições com a fita métrica de aço, nos estorvos do tabuleiro da messe, nas cotoveladas na sua manga direita sempre que o pelotão dele troca de roupa. Por estes dias ele sonha frequentemente com uma mulher muito pálida que o quer, que nunca fala — mas a absoluta confiança nos olhos dela... a sua horrenda certeza de que ela, uma celebridade que toda a gente reconhece ao vê-la, o conhece e não tem motivo para lhe dirigir a palavra para além daquele olhar que ela tem no rosto, fá-lo acordar vibrante a meio das noites, o rosto exausto do Capitão a poucos centímetros de distância do outro lado da seda de prata amarrrotada, olhos débeis fitando os seus, patilhas contra as quais ele subitamente tem de esfregar as suas faces, soluçante, tentando contar como ela era, como ela *olhara para ele...*

O Capitão já a viu, claro. Quem o não fez? A ideia que ele tem de consolo é dizer à criança, «Ela é real. Tu não tens voto na matéria. Tens de compreender que ela te quer ter. Não vale a pena pores-te para aí acordado aos gritos, e a incomodares-me desta maneira.»

«Mas se ela voltar —»

«Sujeita-te, Gottfried. *Desiste de tudo.* Vê onde ela te leva. Pensa na primeira vez que eu te fodi. Como tu eras apertado. Até perceberes

que eu me queria vir lá dentro. O teu olhinho do cu até floresceu. Não tinhas nada, nessa altura nem sequer a inocência da tua boca, a perder...»

Mas o rapaz continua a chorar. A Katje não vem ajudá-lo. Talvez ela esteja a dormir. Ele nunca sabe. Quer ser amigo dela, mas quase nunca falam. Ela é fria, misteriosa, ele tem ciúmes dela em certas ocasiões e noutras — normalmente quando quer fodê-la e devido a qualquer artimanha do Capitão não o consegue — nessas ocasiões ele pensa que a ama desesperadamente. Diferentemente do Capitão, ele nunca viu nela a irmã leal que virá libertá-lo da gaiola. Sonha com *essa* libertação, mas enquanto obscuro Processo exterior que virá a acontecer, independentemente do que qualquer um deles possa querer. Quer ela vá ou fique. Por isso, quando a Katje abandona o jogo de vez, ele fica calado.

O Blicero roga-lhe pragas. Atira uma encóspia a um precioso Ter-Borch. Caem bombas a ocidente no Haagsche Bosch. Sopra o vento, encrespando os lagos ornamentais lá fora. Os carros de serviço afastam-se a roncar, descendo a longa estrada ladeada de faias. A meia-lua brilha entre nuvens brumosas, a sua metade mais escura cor de carne envelhecida. O Blicero dá ordens para que todos desçam para o abrigo, uma adega cheia de gin em painéis de barro castanho, cai-xotes de madeira abertos com bolbos de anémona. O cabrão pôs a bateria dele no centro das atenções dos Britânicos, o ataque pode vir a qualquer momento! Todos ficam por ali sentados bebendo oude genever e descascando queijos. Contando histórias, a maior parte delas divertidas, de antes da Guerra. Ao alvorecer, todos estão bêbedos e adormecidos. Pedaços de cera espalhados pelo chão como folhas. Não vieram nenhuns Spitfires. Mas ao final dessa manhã o Schußstelle 3 é deslocado, e a casa requisitada é abandonada. E ela foi-se embora. Transpôs as linhas dos Ingleses, no saliente em que a grande aventura aérea fica atolada durante o Inverno, levando as botas do Gottfried e um velho vestido, em seda ondeada preta, pela altura do tornozelo, um número acima do seu, desajeitado. O último disfarce dela. Daqui em diante ela será Katje. A única dúvida que mantém é para com o Capitão Prentice. Os outros — Piet, Wim, o Tambor, o Índio — todos eles a abandonaram. Deram-na por morta. Ou então isto é o aviso dela de que —

«Desculpa, não, nós precisamos da bala», o rosto de Wim nas sombras que o olhar dela não consegue compensar, sussurrando com acrimónia por baixo do cais de Scheveningen, o entrecortado rumor dos passos da multidão sobre a madeira lá por cima, «de toda a maldita bala que consigamos arranjar. Precisamos do silêncio. Não podíamos dispensar um homem que se fosse livrar do corpo. Já gastei cinco minutos contigo...» por isso ele dominará a última reunião deles com pormenores técnicos que ela já não pode partilhar. Quando ela olha ao seu redor, ele já se foi, num silêncio de guerrilha, e ela não tem maneira de conciliar isso com a sensação dele no ano anterior durante algum tempo por baixo da fresca chenille, nos tempos em que ele ainda não tinha tantos músculos, nem as cicatrizes do ombro e da anca — um florescimento tardio, um homem neutral finalmente levado para lá das suas estribelhas, mas ela amara-o antes disso... deve ter amado...

Agora ela nada vale para eles. Andavam atrás do Schußstelle 3. Ela deu-lhes tudo o resto, mas continuou a encontrar razões para não indicar o local dos foguetes do Capitão, e presentemente já há demasiadas dúvidas acerca da validade dessas razões. É verdade que o destacamento era deslocado com grande frequência. Mas ela não podia estar colocada mais perto do centro de decisões: era o seu próprio rosto inexpressivo de criada que se inclinava entre os schnapps e os charutos deles, os mapas com manchas de café estendidos por cima das mesas baixas, os papéis de cor creme com carimbos tão roxos quanto a carne magoada. Wim e os outros investiram tempo e vidas — três famílias de Judeus enviadas para leste — muito embora esperava lá, ela mais do que compensou isso, não foi, nos meses passados em Scheveningen? Eles eram uns miúdos, neuróticos, solitários, pilotos e tripulações todos eles adorando tagarelar, e ela transmitira sabe-se lá quantas resmas de papéis químicos de Muito Secreto para o lado de lá do Mar do Norte, não foi, números dos esquadros, paragens para abastecimento, técnicas de recobro da rotação e raio de viragem, especificações de potência, canais de rádio, sectores, padrões de tráfego — não foi? Que mais querem eles? Ela pergunta isso seriamente, como se houvesse um autêntico factor de conversão entre informação e vidas. Bom, é estranho dizê-lo, mas

há. Está assente no Manual, arquivado no Departamento de Guerra. Não esqueçamos que o verdadeiro negócio da Guerra é comprar e vender. O homicídio e a violência são à disposição, e podem ser confiados a não-profissionais. A natureza maciça da morte em tempo de guerra é útil de muitas maneiras. Ela serve como espectáculo, como diversão em relação às verdadeiras movimentações da Guerra. Ela fornece material em bruto a ser registado na História, para que as crianças possam aprender a História enquanto sequências de violência, batalha após batalha, e estarem mais preparadas para o mundo dos adultos. O melhor de tudo, é a morte maciça ser um estímulo para que as pessoas simplesmente vulgares, a gentinha, tente apoderar-se de uma fatia desse Bolo enquanto ele ainda está por ali para ser abocanhado. A verdadeira guerra é uma celebração dos mercados. Mercados orgânicos, cuidadosamente chamados «negros» pelos profissionais, despontam em toda a parte. Os títulos, a Esterlina, os Reichsmarks continuam a mover-se, com a severidade do ballet clássico, dentro das suas anti-sépticas câmaras de mármore. Mas cá fora, aqui entre o povo, passam a existir moedas de troca mais autênticas. Por isso, os Judeus são negociáveis. Tão negociáveis quanto cigarros, cona, ou barras de chocolate da Hershey. Os Judeus também transportam um elemento de culpa, de futura chantagem, que funciona, pois claro, a favor dos profissionais. Por isso aqui a Katje está a berrar para um silêncio, um Mar do Norte de esperanças, e o Pirata Prentice, que a conhece de apressadas reuniões — em praças cidadinas que conseguem ter ar de quartel e serem claustrofóbicas, sob escuros odores a madeira macia de escadas tão íngremes como escadotes, numa traíneira junto a um molhe oleoso e a uns ambarinos olhos de gato espreitando para baixo, num bloco de velhos apartamentos com chuva a cair no quintal e uma antiga e volumosa Schwarzlose desmontada para lhe verificar ligações e bomba de óleo e espalhada pelo quarto poeirento — que de cada vez a viu como um rosto pertencente a outros que ele conhece melhor, na margem de cada empreendimento, agora, confrontado com este rosto fora de contexto, um céu enorme todo nuvens marinhas em plena marcha, altas e roliças, atrás dela, detecta perigo na solidão dela, comprehende que jamais lhe ouviu o nome, não antes do encontro junto ao moinho conhecido como «O Anjo»...

Elá conta-lhe porque está sozinha — mais ou menos — porque já não pode mais regressar, e a cara dela está alhures, pintada em tela, pendurada junto de outros sobreviventes na casa lá de Duindigt, testemunhando apenas o jogo-do-Forno — os séculos desfilando como as nuvens arroxeadas, sombreando uma camada infinitesimal de verniz entre si mesma e o Pirata, para lhe garantir o escudo de serenidade de que ela carece, de irrelevância clássica...

«Mas para onde irá você?» Eles os dois de mãos nos bolsos, cachecóis bem apertados, as pedras que a água deixou para trás luzindo em negro à espera como se escrevessem num sonho, prestes a fazerem sentido ali impressas ao longo da praia, cada fragmento tão espetosamente nítido e porém...

«Não sei. Qual haveria de ser um bom lugar?»

«“A Visitação Branca”», sugeriu o Pirata.

«“A Visitação Branca” é óptimo», disse ela, e penetrou no vazio...

«Osbie, será que eu endoideci?» uma noite nevosa, cinco bombas-foguete desde o meio-dia, tremendo de frio na cozinha, tarde e à luz da vela, Osbie Feel o idiota-sábio da casa tão enfiado hoje à noite num encontro com noz-moscada que a pergunta parece assaz adequada, a pálida Jungfrau de cimento agachada, fleumática e presume-se que aninhada num recanto escuro.

«Pois claro, pois claro», diz Osbie com uma fluida passagem de dedos e de pulso baseada no modo como o Bela Lugosi manejara um certo copo de vinho drogado para um qualquer tolo protagonista juvenil no *White Zombie*, o primeiro filme que Osbie alguma vez vira e em certo sentido o último, classificado na sua Lista dos Melhores de Sempre a par de *Son of Frankenstein*, *Freaks*, *Flying Down to Rio* e talvez *Dumbo*, que ele fora ver a Oxford Street na noite passada mas a meio da projecção vira, em vez de uma pena mágica, o impávido rosto verde e magenta do Sr. Ernest Bevin apegado ao rechonchudo tronco do elefante bebé com pestanas compridas, e decidira que seria prudente efectuar as suas despedidas. «Não», já que o Pirata entretanto comprehendeu mal seja o que for que o Osbie tinha dito, «não é «pois claro que endoideceste, Prentice», não era de todo isso...»

«Que era então», pergunta o Pirata, após o lapso do Osbie ter ultrapassado a marca do minuto.

«Ah?», diz o Osbie.

O Pirata está a arrepender-se, é o que é. Está sempre a lembrar-se de que a Katje agora evita qualquer menção à casa na floresta. Ela espreitou-a por dentro, e por fora, mas os cristalinos mantos da verdade fizeram difractar todas as suas palavras audíveis — muitas vezes em lágrimas — e ele não consegue entender inteiramente o que está a ser dito, muito menos inferi-lo para o próprio cristal radiante. Na verdade, porque saiu ela do Schußstelle 3? Nunca nos diz porquê. Mas de vez em quando, quem participa de um jogo, na bonança ou na crise, lembra-se de que aquilo, afinal, é tudo a fingir — e fica então incapaz de prosseguir no mesmo espírito... Também não tem de ser nada de súbito, espectacular — pode chegar devagarinho — e independentemente da pontuação, da quantidade de espectadores, dos seus desejos colectivos, das penalizações que eles ou as Ligas vengham a impor-lhe, o jogador, ao despertar deliberadamente, talvez com o mesmo duro encolher de ombros e a mesma passada de jovem isolada da Katje, dirá *que se foda* e sairá do jogo, sairá ali mesmo...

«Está bem», ele continua sozinho, o Osbie está perdido num entorpecido sorriso de drogado, detectando a fêmea madura de pele cor de neve dos Alpes ao canto, ele e o pico gelado lá em cima e a noite azul... «então é um lapso de carácter, um capricho. Como ter de acartar com o raio da Mendoza». Todas as *outras* pessoas da Firma andam com uma Sten, sabem. A Mendoza pesa três vezes mais, ultimamente não há ninguém que tenha sequer *visto* algumas balas de 7 mm para Mauser mexicana, nem na Estrada de Portobello: não tem a grandiosa Simplicidade de Garagem nem a velocidade de tiro e ainda assim ele ama-a (sim, hoje em dia aquilo é muito provavelmente amor) «estás a perceber, é uma questão de intercâmbio, n'é verdade», a nostalgia do seu coice seco ao jeito da Lewis, e ser-se capaz de lhe levantar o cano num segundo (já tentaram abrir o cano a uma Sten?), e dispor-se de um percutor de dupla ponta no caso de uma delas se quebrar... «Será que eu vou deixar que o peso extra faça diferença? É o meu *capricho*, o peso é-me indiferente, caso contrário não teria trazido a rapariga de lá, não é.»

«Eu não sou responsabilidade sua.» Uma estátua em veludo *façonné* cor de vinho do pescoço até aos punhos e peitos do pé, e há quanto tempo, cavalheiros, está ela a observar das sombras?

«Oh», o Pirata a fazer-se tímido, «mas olhe que é, sabe.»

«O casal feliz!» ruge o Osbie subitamente, tomado mais uma pitada de noz-moscada como se fosse rapé, os olhos rebolando-lhe até ficarem tão brancos quanto a montanha em miniatura. Enquanto espirra agora sonoramente pela cozinha fora, parece-lhe incrível que disponha destas duas pessoas dentro do mesmo campo de visão. O rosto do Pirata a toldar-se com embaraço, o da Katje impassível, meio banhado pela luz que vem da sala ao lado, meio imerso nas sombras de ardósia.

«Então havia de tê-la deixado por lá?» e quando ela se limita a comprimir a sua boca, impaciente, «ou você pensa que alguém daqui tinha essa dívida para consigo de ir lá buscá-la?»

«Não.» Isso atingiu-a. O Pirata só perguntou porque começou a suspeitar, sombriamente, de Alguns Dos De Lá. Mas para a Katje uma dívida tem de ser eliminada. O antigo e intratável vício dela — quer cruzar os mares, para ligar países entre os quais não haja qualquer taxa de câmbio possível. Os antepassados dela cantavam, em Neerlandês Medieval,

ic heb u liever dan ên everswîn,
al waert van finen goude ghewracht,

o amor é incomensurável com o ouro, o velo de ouro, ainda que neste caso o porco de ouro. Mas em meados do século XVII já não havia mais porcos de ouro, somente de carne mortal como a de Frans van der Groov, um outro antepassado, que partiu para a Maurícia com um barco cheio desses porcos vivos e perdeu treze anos acartando o seu haakbus entre as florestas de ébano, deambulando pelos pântanos e os escorrimientos de lava, matando sistematicamente os dodós nativos por motivos que ele não conseguia explicar. Os porcos Holandeses encarregavam-se dos ovos e das aves mais jovens. Frans assestava cuidadosamente alguns grãos nos pais a 10 ou 20 metros, a arma apoiada sobre o seu gancho, apertando lentamente o gatilho,

olho focado naquela mofenta feiura enquanto aproximava a mecha, embebida em vinho, sustida nas mandíbulas da serpentina, que pendia em rubra florescência para o chão, o calor daquilo no seu rosto *como se fosse a minha pequena luminária*, escrevera ele para casa a Hendrik o irmão mais velho, *a que governa meu Signo...* pondo à mostra o pó-de-rastilho que ele mantivera protegido com a outra mão — súbito e fugaz brilho, através do ouvido da arma, e o alto estampido ecoando nas íngremes rochas, o coice a esmagar a coronha contra o ombro dele (a pele aí ficara primeiramente esfolada, cheia de bolhas, e depois calejara, após o primeiro Verão). E o pássaro, estúpido e desajeitado, nunca tencionava voar ou correr a qualquer velocidade — para que *prestashopam* eles? — agora até incapaz de localizar o seu assassino, roto, jorrando sangue, morrendo roufenhamente...

Em casa, o irmão folheou as cartas, algumas enrugadas, algumas manchadas pelo mar ou descoloridas, que abrangiam anos, todas entregues ao mesmo tempo — compreendendo muito pouco daquilo, somente ansioso por passar o dia, como habitualmente, nos jardins e na estufa com as suas tulipas (uma loucura dominante na época), especialmente uma nova variedade que tinha o nome da sua actual amante: vermelho cor-de-sangue, finamente tatuadas a roxo... «Todos os recém-chegados trazem o novo snaphaan... mas eu mante-nho-me com o meu velho e grosseiro arcabuz... não mereceria eu uma arma desajeitada para uma presa tão desajeitada?» Mas Frans não se abeirou mais a dizer o que o mantinha lá longe entre os ciclones invernais, as abafadas vestes do uniforme antigo esticadas para baixo com pesos de chumbo, tisnado pelo sol, barbudo e imundo — a menos que chovesse ou que ele estivesse nas terras altas onde as crateras dos velhos vulcões recolhiam água da chuva tão azul quanto o céu numa oferenda vertical.

Deixava os dodós a apodrecerem, não suportava comer-lhes a carne. Normalmente, caçava sozinho. Mas muitas vezes, ao fim de meses disso, o isolamento começava a alterá-lo, a alterar-lhe as percepções — as denteadas montanhas refulgindo em plena luz do dia enquanto ele mirava o interior de bizarros açafrões, jorrantes índigos, o céu a casa de vidro dele, a ilha inteira a sua tulipomania. As vozes — ele insone, estrelas meridionais demasiado densas para constelações que se agregavam em rostos e criaturas de fábula menos

prováveis que o dodó — proferiam as palavras de seres dormentes, em cantoria, juntas, em coro. Os ritmos e timbres eram Holandeses, mas não faziam sentido quando se estava acordado. A não ser por ele pensar que elas estavam a avisá-lo... a repreendê-lo, furiosas por ele não conseguir entendê-las. Uma vez ficou o dia inteiro sentado a olhar para um único ovo branco de dodó numa pequena crista de relva. O local era demasiado remoto para que algum porco em busca de forragem o tivesse encontrado. Ele esperou por uma arranhadela, uma primeira racha que procurasse dividir-lhe a alva superfície: uma emergência. O cânhamo estava entre os dentes da serpente de aço, pronto a ser aceso, pronto a descer, sol para o mar de pólvora negra, e destruir o infante, ovo de luz para ovo de escuridão, logo ao seu primeiro minuto de espantada visão, de humidade arrefecida por estes comércios do sudeste... A cada hora ele mirava a ponta do cano. Foi então, caso alguma vez isso tenha ocorrido, que ele poderá ter visto como a arma estabelecia um eixo tão potente quanto o da Terra entre ele próprio e a sua vítima, ainda unida, dentro do ovo, à cadeia ancestral, que não deveria ser quebrada por mais do que a sua pestanejadela de luz do mundo. Ali estavam eles, o ovo silencioso e o Holandês louco, e o arcabuz que os ligava para sempre, enquadados, brilhantemente imóveis como em qualquer Vermeer. Só o sol se movia: descendo finalmente do zénite por detrás das ameias das montanhas até ao oceano Índico, à noite de breu. O ovo, sem um estremecimento, ainda por abrir. Deveria ter rebentado com ele ali mesmo onde estava: compreendeu que o pássaro romperia antes da alvorada. Mas concluíra-se um ciclo. Pôs-se em pé, joelhos e articulações da anca em agonia, cabeça a ressoar com instruções dos seus faladores dormentes sempre a zunirem, a sobreporém-se, com urgência, e foi-se embora a coxear, com a peça em ombro-arma do lado direito.

Quando a solidão começava a levá-lo para situações como essa, ele muitas vezes regressava a um povoado e juntava-se a uma partida de caça. Uma histeria ébria, universitária, dominava todos eles, durante aquelas razias nocturnas em que não tardavam a disparar contra qualquer coisa, copas de árvores, nuvens, demoníacos morcegos coriáceos berrando para além do que se podia ouvir. Ventos alísios

soprando pela encosta acima para lhes arrefecerem os suores da noite, céu iluminado em semicarmim por um vulcão, rugidos sob os pés deles tão cavos quanto as vozes dos morcegos eram agudas, todos esses homens estavam apanhados no espectro intermédio, encurralados entre as frequências das suas próprias vozes e palavras.

Tal furiosa hoste era de fracassados, fazendo-se passar por uma raça escolhida por Deus. A colónia, o empreendimento, estava a morrer — como as árvores de ébano que eles iam arrancando da ilha, como a pobre espécie que estavam a remover totalmente da face da terra. Em 1681, o *Didus ineptus* já teria desaparecido, em 1710 sucederia o mesmo a todos os colonos da Maurícia. A empresa aí conduzida terá durado cerca de uma vida humana.

Para alguns, isso fazia sentido. Eles viam os cambaleantes pássaros como malfeitos ao ponto da intervenção Satânica, tão feios que davam azo a argumentos contra uma Criação divina. Seria a Maurícia algum primeiro escorramento de veneno através dos protectores diques da Terra? Os cristãos têm de o estancar ali, ou perecerem num segundo Dilúvio, desta vez libertado não por Deus mas pelo Inimigo. O acto de enfiarem as cargas nos seus mosquetes tornou-se para estes homens um acto de devoção, cujo simbolismo eles entendiam.

Mas se eles haviam sido escolhidos para virem para a Maurícia, porque haviam eles sido também escolhidos para fracassarem, e partirem? Isso é uma escolha, ou é um descuido? São eles Eleitos, ou são eles Preteridos, e tão condenados quanto os dodós?

Frans não podia saber que à excepção de mais alguns outros na ilha da Reunião, aqueles eram os únicos dodós da Criação, e que ele andava a ajudar a exterminar uma raça. Mas por vezes a escala e o frenesi da caça chegavam a atormentar-lhe o coração. «Se a espécie não fosse uma tal perversão», escreveu ele, «poderia ser proveitosa-mente administrada de modo a alimentar a nossa geração. Não me disponho a odiá-los tão violentamente quanto o fazem alguns daqui. Mas o que pode agora mitigar esta chacina? É tarde demais... Talvez um bico mais donairoso, uma plumagem mais cheia, uma capacidade para voar, ainda que breve... pormenores de Desígnio. Ou, caso não houvéssemos encontrado senão selvagens nesta ilha, o aspecto do pássaro poderia não nos ter parecido mais estranho que o do peru

selvagem da América do Norte. Infelizmente, a tragédia deles é serem a forma de Vida dominante na Maurícia, mas incapaz de falar.»

Era isso, ali mesmo. Nenhuma linguagem significava nenhuma possibilidade de os incluir naquilo a que os seus rotundos invasores louros como linho chamavam Salvação. Mas Frans, no decurso de luzes matinais mais solitárias que as da maioria, não pôde impedir-se de finalmente testemunhar um milagre: um Dom de Fala... uma Conversão dos Dodós. Enfileirados aos milhares na costa, com um luminoso perfil de recife na água por detrás deles, o rugido desta como único som na manhã, vulcões em repouso, o vento suspenso, um outonal nascer do Sol dispensando uma luz vítreia e profunda sobre todos eles... vieram dos seus ninhos e viveiros, de junto a riachos que brotam das bocas dos túneis de lava, das ilhas mais pequenas que bóiam como destroços ao largo da costa norte, das súbitas cascatas e das devastadas florestas tropicais onde as lâminas dos machados enferrujam e as rudes caleiras de água apodrecem e desabam com o vento, das suas manhãs molhadas à sombra dos cepos da montanha eles vieram bamboleando-se em desajeitada peregrinação até esta assembleia: para serem santificados, acolhidos... *Por quanto sejam criaturas de Deus, e tenham o dom do discurso racional, reconhecendo que somente na Palavra d'Ele se poderá encontrar vida eterna...* Todos eles são irmãos agora, eles e os humanos que costumavam caçá-los, irmãos em Cristo, o pequeno bebé em cuja proximidade eles sonham agora sentar-se, empoleirando-se no estábulo dele, as penas em paz, vigiando-o a ele e ao seu formoso rosto durante a noite inteira...

É a forma mais pura de aventura Europeia. Para que foi tudo aquilo, os mares assassinos, os gangrenosos invernos e as primaveras de fome, a nossa fundamental perseguição dos infieis, meias-noites a lutar com a Besta, nosso suor tornado gelo e nossas lágrimas páldos flocos de neve, senão para momentos como este: os pequenos convertidos a virem de onde a vista não alcança, tão humildes, tão confiantes — como há-de algum papo tolher-se de medo, algum covarde grito ser oferecido na presença da nossa lâmina, da nossa necessária lâmina? Santificados agora eles irão alimentar-nos, santificados os seus restos e excrementos fertilizarão as nossas colheitas. Falámos-lhes de «Salvação»? Referíamo-nos a morar para sempre na

Cidade? Vida perpétua? Um paraíso terrestre restaurado, a ilha deles sendo-lhes devolvida tal como costumava ser? Provavelmente. Pensando o tempo todo nos irmãozinhos incluídos entre as nossas próprias bênçãos. Efectivamente, se eles nos salvam da fome neste mundo, então no outro, no reino de Cristo, as nossas salvações deverão ser, em igual medida, inextricáveis. Caso contrário os dodós seriam somente o que parecem ser à luz ilusória do mundo — somente a nossa presa. Deus não poderia ser tão cruel.

Frans pode olhar para ambas as versões, o milagre e a caça de mais anos do que ele consegue recordar agora, como possibilidades iguais, reais. Em ambas os dodós morrem, no fim de contas. Mas quanto à fé... ele apenas consegue acreditar na realidade de aço da arma de fogo que transporta consigo. «Ele sabia que um snaphaan pedia menos, que o seu cão, pederneira e aço lhe ofereciam uma ignição mais certa — mas sentia uma nostalgia pelo haakbus... não se incomodava com o peso extra, era o capricho *dele...*»

O Pirata e o Osbie Feel estão debruçados no parapeito do seu telhado, um magnífico crepúsculo por cima e para além dos meandros do rio, a serpente imperial, multidões de fábricas, apartamentos, parques, fumarentos pináculos e espiões, céu incandescente projectando-se cá para baixo sobre os quilómetros de profundas ruas e o tropel de telhados e o sinuoso rio Tamisa uma drástica mancha de cor-de-laranja queimado para lembrar a qualquer visitante a sua mortal transitoriedade aqui, para selar ou esvaziar todas as portas e janelas à vista dos olhos dele que apenas procuram um pouco de companhia, uma ou duas palavras na rua antes que ele suba para o forte cheiro a sabão do quarto alugado e os quadrados de coralíneo crepúsculo sobre as tábuas do soalho — uma luz antiga, ensimesmada, combustível consumido no bem medido holocausto invernal, as formas mais distantes entre os fios ou lençóis de fumo agora perfeitas ruínas de si mesmas em cinzas, janelas mais próximas, um instante atingidas pelo sol, não reflectindo de todo mas contendo a mesma luz destruidora, este intenso enfraquecimento em que já não há qualquer promessa de retorno, luz que enferruja os carros governamentais parados juntos aos passeios, enverniza os últimos rostos que passam apressadamente pelas lojas ao frio como se uma vasta sirene

tivesse finalmente soado, luz que transforma muitas ruas em gélidos canais intransitados, e que se enche com os estorninhos de Londres, convergindo aos milhões para brumosos pedestais de pedra, para praças que se esvaziam e um grande sono colectivo. Voam em anéis, anéis concéntricos, nos ecrãs de radar. Os operadores chamam-lhes «anjos».

«Ele anda atrás de ti», o Osbie fumando um cigarro de Amanita.

«Sim», o Pirata compondo as beiras do jardim no telhado, irritável ao crepúsculo, «mas essa é a última coisa em que eu quero acreditar. A outra já foi suficientemente má...»

«O que achas tu dela, então.»

«Alguém poderá usá-la, creio eu», tendo decidido isso ontem na Estação de Charing Cross quando ela partira para «A Visitação Branca». «Um dividendo imprevisto, para alguém.»

«Sabes em que andam eles a pensar, por lá?»

Somente que andam a matutar em qualquer coisa que envolve um polvo gigante. Mas ninguém aqui em Londres a conhece com alguma precisão. Até na «Visitação Branca» há de súbito muitas idas e vindas, e uma pantanosa ambiguidade quanto aos motivos. O Myron Grunton é notado lançando olhares sem camaradagem alguma ao Roger Mexico. O Zuavo regressou à sua unidade no norte de África, de novo sob a Cruz de Lorena, tudo aquilo que o Alemão pudesse achar sinistro na negrura dele já registado em filme, já dele extirpado com falinhas-mansas ou coerção por nada menos do que Gerhardt von Göll, outrora um íntimo e ainda hoje um émulo de Lang, Pabst, Lubitsch, ultimamente mais metido nos assuntos de uma quantidade de governos no exílio, flutuações das taxas de câmbio, instauração e desinstauração de uma espantosa rede de operações de mercado que se abrem, que se fecham ao longo do continente em polvorosa, mesmo enquanto o assobio dos tiroteios percorre as ruas para cima e para baixo e as tempestades de fogo varrem o oxigénio para o alto do céu e os fregueses tombam asfixiados como insectos na presença do Flit... mas o comércio não lhe desfez o Toque de von Göll: hoje em dia ele tornou-se mais sensível que nunca. Nestes primeiros ímpetos o homem negro move-se num uniforme das SS, entre as imitações em ripas e lona dos foguetes e Meillerwagen (sempre disparados do meio dos pinheiros, do meio da neve, de ângulos distantes

que não denunciam a localização dos Ingleses), os outros nuns plausíveis rostos negros, recrutados para o dia, a equipa toda a gracejar, o Sr. Pointsman, o Mexico, o Edwin Treacle, e o Rollo Groast, o cirurgião residente do IIA Aaron Throwster, todos fingindo ser os negros foguetistas do fictício Schwarzkommando — até o Myron Grunton num papel em que não fala, um indistinto figurante tal como o resto deles. A duração do filme é de três minutos e 25 segundos, e há doze planos. Será envelhecido, ganhará alguns fungos e ferrótipos, e transportado para a Holanda, para se tornar parte dos «restos» de um fingido local de disparo de foguetes no Rijkswijsche Bosch. A resistência Holandesa «atacará» então esse local, causando imensa comoção, falsificando rodados de camiões e pormenorizando os detritos da partida apressada. O interior de um camião do Exército será esventrado por coquetéis Molotov: entre cinzas, roupas chamuscadas, garrafas de gin enegrecidas e ligeiramente derretidas, serão encontrados fragmentos de documentos do Schwarzkommando cuidadosamente forjados, e uma bobina de filme, do qual apenas se conseguirão ver três minutos e 25 segundos. Von Göll, de cara séria, proclama ser aquele o seu melhor trabalho.

«Com efeito, do modo como as coisas se iriam desenvolver» escreve o célebre crítico cinematográfico Mitchell Prettyplace, «não se pode discutir muito contra a estimativa dele, embora por razões amplamente diversas das que Von Göll poderia ter dado ou até antevisto a partir da sua peculiar posição.»

Na «Visitação Branca», devido ao financiamento errático, somente existe um único projector de filme. Todos os dias, por volta do meio-dia, após o pessoal da Operação Asa Negra ter visto as suas fraudulentas tropas Africanas dos foguetes, o Webley Silvermail vem buscar o projector e levá-lo de novo lá para baixo, para os gélidos corredores de madeira puída da ala da IIA, para a divisão interior onde o polvo Grigori ressuma taciturnamente no seu tanque. Noutras divisões os cães ganem, ladram de dor com estridência, gemem por um estímulo que não vem, nunca virá, e a neve continua a rodopiar, invisíveis agulhas de tatuagem contra as vidraças sem nervuras atrás das persianas verdes. A bobina é enrolada, as luzes são apagadas,

a atenção do Grigori é dirigida para o ecrã, onde uma imagem já caminha. A câmara segue-a enquanto ela se move deliberadamente para nenhures com longas pernas pelos aposentos fora, uma amplidão adolescente e um encurvamento dos ombros, o cabelo dela não rudemente Holandês de todo, mas apanhado em cima como está na moda com uma antiga e deslustrada coroa de prata...

□ □ □ □ □ □

Era de manhã muito cedo. Ele saiu sozinho aos tropeções para uma rua de tijolos molhados. A sul os balões de barragem, surfistas na rebentação matutina, reluziam, róseos e perlíferos, no alvorecer.

Puseram outra vez o Slothrop à solta, ele anda de novo na rua, merda, a última oportunidade de um Secção 8 e já deu cabo dela...

Porque não o mantiveram eles naquela enfermaria de doidos durante o tempo que haviam dito que o fariam — não deveriam ser algumas semanas? Nenhuma explicação — apenas um «Cheerio!» e o impresso cor de casca de cebola a enviá-lo de novo para a tal ACHTUNG. O Miúdo de Kenosha, e aquele Crouchfield o Homem-do-oeste mais o seu parceiro Whappo foram o mundo todo para ele durante estes últimos dias... havia ainda problemas a resolver, aventuras ainda por completar, coerções e amplos negócios por efectuar a mando da combinação feita com a velha para lhe pôr o porco dentro de casa por cima da couceira. Mas agora, rudemente, aqui está aquela Londres outra vez.

Mas algo está diferente... algo... foi *alterado*... eu cá não quero ser chato, minha gente, mas — bom, ele por exemplo quase poderia jurar que anda a ser seguido, ou pelo menos vigiado. Alguns dos vigias são muitos manhosos, mas há outros que ele consegue detectar, sem problema. Ao fazer ontem as compras de Natal naquele Woolworth's, ele apercebeu-se de um certo par de olhos cintilantes na secção dos brinquedos, do outro lado de um monte de aviões de caça em madeira de balsa e de umas Enfields em tamanho infantil. Uns laivos de constância naquilo que surge no espelho retrovisor do seu Humber, nenhuma cor ou modelo que ele consiga determinar mas *algo* sempre presente dentro daquela moldurinha, levou-o a começar

a verificar os outros carros sempre que sai de manhã em serviço. As coisas em cima da secretaria dele na ACHTUNG parecem não estar onde estavam. As raparigas arranjaram desculpas para faltarem aos encontros. Ele sente estar a ser separado aos poucos da vida que vivia antes de ser levado para Sta. Verónica. Até durante os filmes há sempre alguém atrás de si tendo o cuidado de não falar, não amarratar papéis, não se rir muito alto: o Slothrop já foi ver filmes suficientes para conseguir detectar uma anomalia dessas logo de imediato.

O cubículo nas imediações de Grosvenor Square começa a parecer cada vez mais uma armadilha. Ele passa o seu tempo, muitas vezes dias inteiros, percorrendo o East End, respirando o fétido ar do Thameside, procurando locais onde os seguidores pudessesem não o seguir.

Um dia, quando está a entrar numa rua estreita toda em antigas paredes de tijolo e ladeada de vendedores ambulantes, ouve chamar pelo seu nome — e hubba hubba mas atão qu'é isto, ali vem ela pois então, cabelo louro a cair-lhe em novelos, sapatos brancos de cunha chocalhando sobre as pedras da calçada, uma adorável estampa com farda de enfermeira, e o nome dela, uh, bom, ah — Darlene. Bolas, é Darlene. Ela trabalha no hospital de Sta. Verónica, mora ali perto em casa de uma tal Sra. Quoad, uma senhora que enviuvou há muito e desde então sofre de uma série de doenças antiquadas — clorose, tinha, frieiras, erupções purpúricas, abcessos purulentos e inchaços nos ouvidos, ultimamente um toque de escorbuto. Por isso, tendo saído em busca de limas para a sua senhoria, começando o fruto a saltitar e a derramar-se do cesto de palha dela e a rebolar em amarelos e verdes pela rua abaixo, a jovem Darlene vem a correr com sua touca de enfermeira, seus seios como suaves pára-choques para este encontro no pardo mar citadino.

«Tu voltaste! Ah Tyrone, tu *voltaste*, uma lágrima ou duas, eles os dois baixados a recolherem os citrinos, o vestido de caqui engomado a fazer barulho, até a ocasional fungadela do não pouco sentimental nariz do Slothrop.

«Sou eu amor...»

As marcas de pneus na neve suja tornaram-se cor de pérola, pérola madura. Gaivotas vogam vagarosamente recortadas contra as altas paredes de tijolos sem janelas do bairro.

A casa da Sra. Quoad está ao cimo de três escuros lanços de escadas, com a cúpula da distante catedral de São Paulo a avistar-se do lado de fora da janela da cozinha entre o fumo de certas tardes, e a senhora propriamente dita minúscula num róseo cadeirão de pelúcia da sala de estar ao lado da telefonía, ouvindo a Banda de Acordeões de Primo Scala. Ela parece bastante saudável. Sobre a mesa, porém, está o seu amarrrotado lenço de *chiffon*: esparsas manchas de sangue dentro e fora das suas convoluções como um padrão floral.

«Você esteve cá quando eu tive aquela horrível sezão quotidiana», lembra ela ao Slothrop, «no dia em que fizemos o chá de absinto», pois claro, agora até o próprio gosto disso, elevando-se nele desde as solas dos pés, o arrebata. Eles estão a reunir-se de novo... deve ser fora da sua memória... interiores frescos e asseados, rapariga e mulher, independentes da sua estenografia de estrelas... tantas raparigas de rostos esbatidos, ventosas bordas de canal, casas de uma só divisão, despedidas na paragem do autocarro, como há-de ele lembrar-se? mas esta sala continuou a clarificar-se: parte de quem ele foi no interior dela permaneceu gentilmente, guardou-se quiescente durante estes meses fora da sua cabeça, distribuído entre as granulosas sombras, os sebentos e vaporosos frascos de ervas, rebuçados, especiarias, todos os romances de Compton Mackenzie na prateleira, vítreos ambrótipos do seu falecido marido Austin espanados pela noite dentro de molduras douradas sobre a prateleira da lareira onde na última vez as margaridas do Dia de S. Miguel saudavam em alvoroço a partir de uma pequena jarra de Sèvres que ela e o Austin haviam encontrado juntos num certo sábado de há muito numa loja da Wardour Street...

«Ele era a minha boa saúde», diz ela muitas vezes. «Desde que ele se finou tive de transformar-me numa completa bruxa, por pura autodefesa.» Da cozinha vem o odor de limas acabadas de cortar e de espremer. Darlene entra e sai da sala, procurando diferentes espécies botânicas, perguntando onde foi parar a toalha dos queijos, «Tyrone, alcança-me aí esse — não ao lado disso, o frasco alto, obrigado amor» — de volta para a cozinha com um ranger de goma, um fulgor de cor-de-rosa. «Eu sou a única que tem memória por aqui», suspira a Sra. Quoad. «Nós ajudamo-nos uma à outra, comprehende.» Ela

tira de trás da sua camuflagem de cretonne uma grande taça de doces. «*Ora então*», sorrindo para Slothrop. «Olhe estes: geleias de vinho. São de antes da guerra.»

«Já me lembro de si — aquela que tinha uma cunha no Ministério dos Abastecimentos!», mas ele sabe, desde a última vez, que nenhum galanteio poderá ajudá-lo agora. Após essa visita ele escreverá para casa à Nalline: «Os Ingleses são um pouco esquisitos em relação ao gosto das coisas, Mãe. Não são como nós. Poderá ser do clima. Eles procuram coisas com que nós jamais sonharíamos. Ena pá, por vezes até é de nos dar a volta às tripas. Noutro dia comi uma daquelas coisas a que eles chamam «geleias de vinho». Aquilo é a ideia que eles têm dos *caramelos*, Mãe! Bastava arranjar-se uma maneira de dar alguns deles ao tal Hitler, qu'eu até aposto qu'a guerra acabava já amanhã! Agora ele dá por si a verificar uma vez mais aqueles avermelhados objectos de gelatina, abanando a cabeça, espera ele que amigavelmente, para a Sra. Quoad. Os nomes de diferentes vinhos estão neles inscritos em baixo-relevo.

«E também só têm um toque de mentol», a Sra. Quoad enfiando um deles na sua boca. «Delicioso.»

O Slothrop escolhe por fim um que diz Lafitte Rothschild e atira-o para dentro da sua cremalheira. «Oh sim. Sim. Mmm. É óptimo.»

«Se você quiser uma coisa *mesmo* peculiar experimente o Bernkastler Doktor. Oh! Não foi você que me trouxe aquelas adoráveis coisinhas americanas de ulmeiro, que escorregam e sabem a ácer com um toque de sassafrás —»

«Escorregadios de ulmeiro. Bolas lamento imenso, acabaram-se-me ontem.»

Darlene entra com um bule fumegante e três chávenas em cima de um tabuleiro. «O que é isso?» O Slothrop aqui com alguma celeridade.

«Olha que nem vais querer saber, Tyrone.»

«Exactamente», após o primeiro sorvo, desejando ter usado mais sumo de lima ou algo com que ela pudesse ter afogado o sabor básico, que é favorosamente amargo. Esta gente é mesmo doida. Nada de açúcar, naturalmente. Ele estende a mão para a taça dos rebuçados, tira de lá um caramelo de alcaçuz preto, às riscas. Parece normal. Mas quando está mesmo a mordê-lo, Darlene lança para ele,

e para o caramelo, um olhar peculiar, grande sentido da oportunidade o desta miúda, diz, «Oh, eu julgava que já não tínhamos mais *des-ses* —» um jovial *déesses* à ingénua do Gilbert & Sullivan — «*bá anos*», momento esse em que o Slothrop está a encontrar-lhe o líquido e es-corrente núcleo, que sabe a maionese e a cascas de laranja.

«Você ficou com a última das minhas Surpresas de Marmelada!» brada a Sra. Quoad, tendo agora com uma velocidade de conjurado produzido um confeito de verde-pastel com forma de ovo, revestido por todos os lados com salpicos cor de lavanda. «Só por causa disso não lhe vou dar nenhum dos meus maravilhosos cremes de ruibarbo.» E lá vai para dentro da boca dela, aquilo tudo.

«Para mim tanto faz», o Slothrop, pensando no que quererá ele dizer com isso, sorvendo o chá de ervas para remover o gosto do rebuçado de maionese — ups, mas isso foi um erro, não foi, cá está a boca dele a encher-se novamente com aquela terrível desolação alcalóide, que lhe alastrá até ao palato em que se entranha. A Darlene, pura compaixão à Nightingale, está a estender-lhe um rebuçado vermelho e duro, moldado como uma framboesa estilizada... mm, que muito estranhamente até sabe a framboesa, embora não ajude a afastar aquele amargo. Impacientemente, ele morde-o, e durante o acto sabe, idiota do caralho, que lhe deram a volta mais uma vez, lá começa a verter-se sobre a sua língua a mais medonha concentração cristalina de Jesus deve ser puro ácido nítrico, «Oh credo isso é mesmo amargo», quase incapaz de proferir as palavras por estar tão contraído, exactamente o tipo de coisa que o Hop Harrigan costumava fazer para que o Tank Tinker parasse de tocar a sua ocarina, já nessa altura um truque mesquinho e duplamente repreensível vindo de uma velhinha que supostamente era uma das nossas Aliadas, merda ele nem sequer consegue *ver* aquilo subiu-lhe pelo nariz e seja lá o que for não se dissolve, continua a torturar-lhe a língua encarquilhada e a estalar como vidro moído entre os seus molares. A Sra. Quoad está entre-tanto atarefada a saborear, pedaço a delicado pedaço, um *petit four* de cereja e quinino. Sorri para os jovens do outro lado da taça dos doces. O Slothrop, esquecendo-se, torna a estender a mão para o seu chá. Agora não há maneira graciosa de sair disto. A Darlene foi buscar mais dois ou três frascos de rebuçados ao alto da prateleira, e agora ele começa a mergulhar, como numa viagem ao centro de um qualquer

planeta pequeno e hostil, num enorme *chomp* de bombom através do manto de chocolate até um fondant com forte sabor a eucalipto, finalmente até um núcleo de uma espécie de rija goma-arábica de uva. Com a unha tira um pedaço dela de entre os dentes e contempla-a por uns instantes. Tem uma cor arroxeadas.

«Agora é que você está a perceber a ideia!» a Sra. Quoad a acenar-lhe com um marmóreo conglomerado de raiz de gengibre, caramelo de manteiga, e semente de anis, «está a ver, é que também de apreciar o aspecto deles. Porque é que os Americanos são tão impulsivos?»

«Bom», murmurante, «normalmente não temos nada de mais complicado que as barras de chocolate da Hershey, percebe...»

«Oh, experimenta *este*», grita Darlene, pondo a mão na sua garganta e inclinando-se contra ele.

«Bolas, deve ser mesmo demais», pegando duvidosamente naquela acastanhada novidade com mau aspecto, uma perfeita réplica a um quarto da escala de uma granada de mão tipo Mills, com alavanca, cavilha, e tudo, que integrava uma série de rebuçados patrióticos lançados antes de o açúcar se tornar tão escasso, e que também inclui, repara ele, espreitando para dentro do frasco, um cartucho .455 Webley em caramelo verde com listas cor-de-rosa, uma bomba terramoto de seis toneladas feita de uma qualquer gelatina azul com laivos prateados, e uma bazuca de alcaçuz.

«Então vá lá», a Darlene pegando efectivamente na mão dele que tem o rebuçado e tentando enfiar-lho na boca.

«Estava só, sabes como é, a olhar para ele, como sugeriu a Sra. Quoad.»

«E apertá-lo não vale, Tyrone.»

Sob o seu brilho de tamarindo, a bomba Mills acaba por se revelar um suculento nougat temperado com pepsina, recheado de picantes bagas de cubeba caramelizadas, e com saboroso núcleo de goma canforada. É indizivelmente horrendo. A cabeça do Slothrop começa a andar à roda com os vapores da cânfora, os olhos dele a vaguear, a língua dele é um desesperado holocausto. Cubeba? Ele costumava fumar dessa merda. «Envenenado...» consegue ele coaxar.

«Mostre alguma genica», aconselha a Sra. Quoad.

«Sim», a Darlene entre lençóis de caramelo amaciados pela língua, «não sabes que está a haver uma guerra? Anda cá amor, abre a boca.»

Entre as lágrimas ele não consegue ver muito bem, mas consegue ouvir a Sra. Quoad do outro lado da mesa a fazer «Yum, yum, yum», e a Darlene a gargalhar. É enorme e fofo, como um confeito de alteia, mas de certo modo — a menos que algo esteja agora muito errado no cérebro dele — sabe a gin. «O qu'é 'sto», inquire ele com voz pastosa.

«Alteia com gin», diz a Sra. Quoad.

«Aahh...»

«Oh isso não é nada, tome lá um *destes* —» os dentes dele, nalgum reflexo perverso, trincando agora uma rija e azeda casca de uva-espím até um húmido e jorrante dissabor de, ele espera que seja tapioca, uns pedacinhos glutinosos de qualquer coisa toda saturada com pó de cravo-da-índia.

«Mais chá?» sugere Darlene. O Slothrop está a tossir violentamente, por ter inalado algum desse recheio de cravinho.

«Tosse malvada», a Sra. Quoad oferecendo uma lata do menos credível dos xaropes ingleses para a tosse, o Meggezone. «Darlene, o chá está óptimo, até já sinto o meu escorbuto a ir-se embora, a sério que sinto.»

O Meggezone é como ser-se atingido na cabeça com um Alpe Suíço. Pingentes de mentol começam imediatamente a crescer no céu-da-boca do Slothrop. Ursos polares procuram agarrar-se com as unhas aos enregelados agregados de alvéolos dos seus pulmões. Respirar faz-lhe doer demasiado os dentes, até através do nariz, até, gravata desapertada, com o nariz enfiado pela gola da sua camisola interior verde-azeitona. Os vapores do benjoim infiltram-se no seu cérebro. A cabeça dele flutua num halo de gelo.

Uma hora depois ainda o Meggezone ali paira, um fantasma de menta no ar. O Slothrop está deitado com a Darlene, o Nojento Exercício dos Caramelos Ingleses já é coisa do passado, as virilhas dele agora encostadas ao quente traseiro dela. O único caramelo que ele

não chegara a provar — aquele que a Sra. Quoad guardara — era o Fogo do Paraíso, aquele famoso confeito de elevado preço e proteico sabor — «ameixa salgada» para um, «cereja artificial» para outro... «violetas açucaradas»... «molho do Worcestershire»... «melaço com especiarias»... uma quantidade de descrições dessas, positivas, tersas — nunca excedendo as duas palavras em comprimento — que se assemelhavam às descrições de venenos e gases debilitantes encontradas nos manuais de instrução, sendo porventura «beringela doce-amarga» a mais comprida até à data. O Fogo do Paraíso está hoje operacionalmente extinto, e em 1945 dificilmente pode ser encontrado: certamente não entre as soalheiras lojas e as luzidias montras da Bond Street ou da monótona Belgravia. Mas de vez em quando há-de aparecer um, em locais que normalmente comerciam outra mercadoria que não doces: em repouso, novamente dentro de grandes frascos de vidro velados pelos dias, ao lado de objectos com ele parecidos, por vezes só um caramelo para um frasco inteiro, quase escondido nas turmalinas ambientes em ouro Alemão, dedeiras esculpidas em ébano do século passado, cavilhas, peças de válvulas, materiais diversos de obscuros instrumentos musicais, componentes electrónicos de resina e cobre que a Guerra, na sua glutonice, na sua imparável avidez, ainda não descobriu e tornou a lamber para a sua treva... Lugares onde os motores nunca chegam suficientemente perto para serem ruidosos, e há árvores lá fora ao longo da rua. Quartos interiores e rostos mais idosos revelando-se sob a luz que cai por uma clarabóia, mais amarelada, mais perto do fim do ano...

À caça do outro lado do zero entre a vigília e o sono, a sua picha meio flácida ainda dentro dela, as pernas inertes de ambos dobradas no mesmo ângulo... O quarto de dormir aprofunda-se em água e frescura. Algures o sol está a pôr-se. Só há luz suficiente para ver as sardas mais escuras nas costas dela. Na saleta a Sra. Quoad sonha que está de regresso aos jardins de Bournemouth, entre os rododendros, e uma súbita chuva, o Austin a gritar *Toque na garganta dela, Majestade. Toque!* e o Yrjö — um pretendente mas vero rei, pois um muito duvidoso ramo da família usurpara o trono em 1878 durante as intrigas por causa da Bessarábia — o Yrjö com uma antiquada casaca

comprida de galões dourados a brilharem-lhe nas mangas, debruçando-se para ela à chuva para a curar para sempre do Mal do Rei, exatamente parecido com o ar que ele tinha na rotogravura, a sua adorável Hrisoula um ou dois passos mais atrás por gentileza, aguardando muito séria, ao redor deles a chuva a desabar, a alva e descalça mão do Rei vergando-se como uma borboleta para tocar o recôncavo da garganta da Sra. Quoad, o milagroso toque, devagarinho... toque...

O relâmpago —

E o Slothrop está a bocejar «Que horas são?» e a Darlene vem a nadar do sono até à tona. Quando, sem aviso algum, o quarto se enche de meio-dia, de ofuscante alvura, cada cabelo a brotar da nuca dela tão nítido como se fosse dia, enquanto a concussão os acomete, sacudindo o edifício pelo seu pobre esqueleto, fazendo bater as portadas das janelas, tudo transformado no entrânçado branco e preto dos cartões de condolências. Lá no alto, com atraso, a fúria do foguete vem inchada, elevada por ali abaixo, direita ao ressoante silêncio. Lá fora têm-se partido vidros, em longos e dissonantes címbalos pela rua acima. O soalho torceu-se como um tapete sacudido, e a cama com ele. O pénis do Slothrop postou-se erecto, até lhe dói. À Darlene, subitamente desperta, coração a palpitar-lhe muito depressa, palmas e dedos com dores de medo, este tesão pareceu fazer razoavelmente parte da luz branca, do ruidoso rebentamento. Quando a explosão já esmoreceu para um forte tremeluzir vermelho nas sombras, ela pôs-se a pensar... neles os dois juntos... mas agora estão a foder, e o que interessa isso, mas por amor de Deus porque não há-de esta estúpida Blitz servir para alguma coisa?

E quem é aquele, entre a fresta da sombra alaranjada, respirando com cautela? A observar? E onde, guardadores de mapas, especialistas em vigilância, diríeis vós que cairá o próximo?



O primeiríssimo toque: ele tem estado a dizer qualquer coisa má, um pouco da habitual auto-recriminação do Mexico — ah tu não me conheces eu na verdade sou um grande sacana — «Não», ela pusera os seus dedos nos lábios dele, «não digas isso....» Enquanto ela estava

de mão estendida, ele sem pensar agarrou-lhe o pulso, afastou-lhe a mão, pura defesa — mas continuou a segurá-la, pelo pulso. Estavam olhos-nos-olhos, e nenhum deles os desviava. O Roger levou a mão dela aos seus lábios e beijou-lha então, sempre a fitá-la nos olhos. Uma pausa, o coração dele em fortes pancadas contra a frente do seu peito... «Oh...» o som a jorrar de dentro dela, e ela a vir abraçá-lo, completamente entregue, aberta, estremecendo enquanto eles se abraçavam. Ela contou-lhe que mais tarde que assim que ele lhe agarrou o pulso naquela noite, ela veio-se. E da primeira vez que ele lhe tocou na cona, que apertou a tenra cona da Jessica por cima das cuecas dela, a tremura começou outra vez no alto das coxas dela, a crescer, a dominá-la. Veio-se por duas vezes antes que o caralho estivesse oficialmente enfiado na cona, e isso é importante para eles os dois embora nenhum deles tenha entendido porquê, ao certo.

Quando isso acontece, porém, a luz fica sempre muito vermelha para eles.

Uma vez encontraram-se numa loja de chá: ela levava uma camisola vermelha com mangas curtas, e os seus braços expostos reluziam-lhe em vermelho nos flancos. Não tinha qualquer maquilhagem, a primeira vez que ele a vira assim. Ao encaminharem-se para o carro, ela pega na mão dele e coloca-a, por um momento, ao de leve entre as suas pernas em movimento. O coração do Roger põe-se em pé, e vem-se. É mesmo isso que parece. Por ali acima de jorro até ao nível da pele num V em torno da sua linha central, inundando-lhe os mamilos... é amor, é espantoso. Mesmo quando ela não está ali, após um sonho, perante um rosto na rua que poderia contra toda a probabilidade ser o da Jessica, o Roger nunca consegue controlá-lo, está dominado por aquilo.

Sobre o Beaver, ou o Jeremy, como ele é conhecido pela sua mãe, o Roger tenta não pensar mais do que tem de ser. Claro que agoniza a respeito de questões técnicas. Ela não pode de modo algum — será que pode? — andar a Fazer As Mesmas Coisas com o Jeremy. Será que o Jeremy alguma vez lhe beijou a cona, por exemplo? Poderia efectivamente aquele *pedante* — será que ela estende a mão à volta enquanto eles estão a foder e-e enfa um dedo travesso, a rosa Ingleza dele, no olho do cu do *Jeremy*? Pára, pára com isso (mas será que

ela lhe chupa a picha? Alguma vez ele teve o seu rosto habitualmente insolente entre as adoráveis nádegas dela?) não vale a pena, por aqui é tempo de folia juvenil e tu estás melhor lá no Tivoli vendo a Maria Montez e o Jon Hall, ou procurando leopardos ou pecaris no Zoológico de Regents Park, e pensando se irá chover antes das 4:30.

O tempo que o Roger e a Jessica passaram juntos, todo somado, ainda só chega a umas horas. E todas as palavras por eles proferidas a menos que a média num memorando do SHAEF. E não há modo algum, pela primeira vez na sua carreira, de o estatístico conseguir fazer com que tais números signifiquem qualquer coisa.

Juntos eles são um longo interface de pele, de suor a escorrer, tão próximos quanto músculos e ossos se possam comprimir, quase nenhuma palavra para além do nome dela, ou do dele.

Separados é apesar de todo o diálogo de cinema mudo deles, guões que inventam para brincarem sozinhos durante as noites com o Bofors a ribombar contra o céu dela, com o vento dele a zunir entre as dobras de arame farpado lá em baixo ao longo da praia. O Hotel Mayfair. «Nós *somos* deveras o da propulsão a jacto não somos, somente meia hora atrasados.»

«Bom», Wrens e raparigas da NAAFI, jovens viúvas adornadas de jóias que passam olhando de soslaio, «tenho a certeza de que *tu* deves ter dado bom uso ao tempo.»

«Tempo suficiente para diversos encargos», responde ele, olhando elaboradamente para o seu relógio, usado ao estilo da Segunda Guerra Mundial no lado interior do pulso, «e até *agora*, devo dizer, uma ou duas gravidezes confirmadas, quando não efectivamente —»

«Ah», ela dá um jovial salto (mas para cima, não para diante), «*isso faz-me lembrar...*»

«Yaaahhh!» Roger retrocedendo a dançar até um vaso de plantas, entre os cadenciados saxofones de Roland Peachey e sua Orquestra tocando «There, I Said It Again», e agachando-se.

«Portanto é *isso* que tu tens em mente. Caso mente seja a palavra que eu pretendo.»

Eles confundem toda a gente. Parecem tão inocentes. As pessoas querem imediatamente protegê-los: censurando-se de maneira a não

falarem de morte, negócios, duplicitade quando o Roger e a Jessica estão ali. É só carências, canções e namorados, filmes e blusas...

Com o seu cabelo puxado para cima das orelhas, o seu suave queixo de perfil, ela parece ter apenas 9 ou 10, sozinha junto às janelas, pestanejando para o sol, virando a cabeça para o leve cobertor, vindo-se em lágrimas, rosto infantil a enrugar-se e a avermelhar-se prestes a chorar, fazendo *oh, oh...*

Uma noite no escuro refúgio de colcha-e-frio da cama deles, ele próprio cabeceando e acordando, lambeu a Jessica até adormecer. Quando ela lhe sentiu os primeiros hálitos quentes tocando-lhe os lábios da vulva, estremeceu e berrou como uma gata. Duas ou três notas, pareceu, que soaram juntas, roucas, espetrais, sopradas com os flocos de neve recordados do cair da noite. Árvores lá fora coando o vento, fora da vista dela os camiões sempre a correrem pelas ruas e estradas abaixo, por detrás das casas, do outro lado dos canais ou do rio, para além do singelo parque. Oh e os cães e gatos que iam passear-se na neve fina...

«... as imagens, bom as cenas, continuam a vir até cá, Roger. Por si próprias, quero dizer não sou eu que as *fago...*» Um brilhante enxame delas está agora a passar, recortando-se contra o baixo brilho isotónico do tecto. Ele e ela estão deitados e respiram de boca para cima. A picha mole dele pende-lhe pela coxa, a que está mais para baixo, mais perto da Jessica. O quarto nocturno lança um suspiro, sim Lança, um Suspiro — quarto cómico à moda antiga, oh eu cá não tenho emenda, quem nasce brincalhão nunca muda, namoriscando através da moldura do espelho com algo às riscas verdes, de calças largas, e folhos — entretanto porém, é mesmo bizarro, a maior parte dos quartos hoje em dia cantam, sabes, e também se diz que «respiram», sim até *aguardam em emudecida expectativa* e essa deveria ser a assaz sinistra tradição aqui, compridas e esguias criaturas, perfume intenso e capas em quartos assaltados pela meia-noite, trespassados por escadas em espiral, pérgulas de pétalas azuis, uma ambiência em que ninguém, por mais provocado ou fora de alcance que esteja, minha querida menina, jamais, Lança, um Suspiro. Não se faz.

Mas ouça. Oh, *esta* menina. Guingão axadrezado. Sobrancelhas desiguais, crescendo à toa. Veludo vermelho. Certa vez num atrevimento, ela despiu a sua blusa, enquanto ia de carro pela estrada principal perto de Lower Beeding.

«Meu Deus ela ficou louca, mas o que é isto, porque é que elas vêm todas ter *comigo?*»

«Bom, ah, ah», Jessica fazendo voltar a gravata da sua blusa do Exército como uma *stripper*, «tu uh, dizias que eu tinha medo e não era capaz. Não dizias. Chamaste-me “cobardemente, cobardemente pudica” ou qualquer coisa assim, p’lo que me lembro —» Nada de sutiã é claro, ela nunca usa um.

«Ouve lá», olhando de lado, «sabes que podes ser presa? Nem sequer estou a pensar em *tô*, a acabar de lhe ocorrer, ali, «*eu* é que vou preso!»

«Eles vão deitar as culpas para cima de ti, la, la.» Dentes inferiores a projectarem-se num sorriso de menina má. «Eu sou só um inocente cordeirinho e este —» deitando um bracinho para fora, reflectindo a luz nos louros pêlos do seu antebraço, os pequenos peitos dela saltitando em liberdade, «este Roger-o-devasso! este aqui, esta besta horrível! obriga-me a fazer coisas, daquelas degradantes...»

Entretanto, o mais gigantesco camião que Roger alguma vez viu na sua *vida* manobrou com um estremecimento de aço para mais perto, e agora não somente o condutor, mas também vários — bom, aquilo que parecem ser uns horrendos... *anões*, com uns estranhos uniformes de opereta na verdade, dalguma espécie de governo da Europa Central no exílio, todos eles de algum modo encavalitados na altíssima cabina, todos eles estão a olhar cá para baixo, acotovelando-se como leitões junto a uma porca para se posicionarem, de olhos esbugalhados, morenos, baba a cair-lhes da boca, para assimilarem o espectáculo da sua Jessica Swanlake de peitos escandalosamente expostos e dele próprio a procurar desesperadamente abrandar e colocar-se atrás do camião — só que agora, atrás de Roger, apertando-o, com efeito, a uma velocidade idêntica à do camião, apareceu, oh merda é *mesmo*, um carro da polícia militar. Ele não pode abrandar, e se acelerar, isso para eles irá tornar-se *mesmo* suspeito...

«Uh, Jessie, por favor veste-te, mm, está bem amor?» Fingindo procurar o seu pente que está, como de costume, perdido, o suspeito é conhecido como um notório ctenófilo...

O condutor do enorme, e ruidoso, camião tenta agora despertar a atenção do Roger, os outros anões apinhados nas janelas a chamar, «Hey! Hey!» e a emitirem oleosas, guturais risadas. O líder deles fala inglês com uma qualquer desagradável, e indescritivelmente má pronúncia Europeia. Muitas piscadelas de olhos e gestos agora também por lá: «Siiinhor! Oi, du! Aspera um binuto, eh?» Mais risos. Roger vê no espelho retrovisor caras de chuis ingleses rosadas de rectidão, insígnias vermelhas a debruçarem-se, a balouçarem, a conferenciarem, virando-se abruptamente de vez em quando para observarem o casal que vai no Jaguar ali à frente e está a agir tão — «O que estão eles a fazer, Prigsbury, você consegue distinguir?»

«Parece ser um homem e uma mulher, senhor.»

«Asno.» E lá se saca dos binóculos pretos.

Entre a chuva... depois entre vidro sonhado, esverdeado pelo anoitecer. E ela própria numa cadeira, com boné à moda antiga, olhando para oeste sobre a varanda da Terra, de um vermelho infernal nas suas bordas, e mais além nas nuvens castanhas e douradas...

Depois, subitamente, noite: A desocupada cadeira de balouço iluminada e contemplando o azul de giz ali por perto — será o luar, ou outra luz qualquer vinda do céu? só a cadeira rija, agora desocupada, na noite muito clara, e esta luz fria a vir do alto...

As imagens, florescendo, entram e saem, algumas adoráveis, outras simplesmente horríveis... mas ela está aconchegada aqui dentro com o seu cordeiro, o seu Roger, e como ela adora a linha do pescoço dele de repente tão — ora ei-la mesmo ali, a parte de trás da cabeça irregular dele como a de um rapaz de dez anos. Ela beija para cima e para baixo a acre e salgada extensão de pele que tanto a arrebatou, a arrebatou iluminada pela noite ao longo deste alto feixe de tendões, beija-o como se os beijos fossem a própria respiração a fluir, e interminável.

Certa manhã — já não a via há umas duas semanas — ele acordou na sua cela de eremita da «Visitação Branca» com tesão, pestanas comichosas e um longo e pálido cabelo castanho emaranhado na sua boca. Não era um dos seus cabelos. Não era de ninguém em quem ele pudesse pensar senão da Jessica. Mas não podia ser — ele não a tinha visto. Fungou um par de vezes, depois espirrou. A manhã desenvolveu-se do lado de fora da janela. Doía-lhe o canino direito. Desenrolou o longo cabelo, orlado de saliva, de tártaro dentário, penugem matinal do hálito, e contemplou-o. Como surgira ele ali? Estranhíssimo, meu caro. Um pouco do je ne sais quoi de sinistre, efectivamente. Teve de ir mijar. Quando arrastava os pés até ao lavabo, com a sua pardacenta flanelha governamental desmazeladamente enfiada por dentro do cordão do pijama, ocorreu-lhe: e se isto for alguma fábula de fantasmal vingança cor de malva vinda da viragem-do-século e este cabelo aqui for um qualquer Primeiro Passo... Oh, paranoia? Devíeis tê-lo visto a percorrer todas as combinações enquanto andava de um lado para o outro fazendo coisas de lavabo entre os cambaleantes, peidantes, barbeantes, acutilantes, espirrantes e ranhosos reclusos da Secção Psi. Só ao fim de estar algum tempo no meio daquilo é que ele começou a pensar na Jessica — na segurança dela. O solícito Roger. E se, se ela tivesse morrido durante a noite, um acidente nas revistas... sendo este cabelo a única despedida que o fantasmal amor dela conseguira repelir para o lado de cá, para o único que alguma vez fora importante... Um estatístico-aranhíaco: os olhos dele tinham-se efectivamente enchido de lágrimas antes da Ideia Seguinte — *ob.* Enapá. Pára lá com isso, ó enguiço, e anda cá ouvir *isto*. Ficou ali, meio debruçado, por cima do lavatório, paralisado, pondo a sua preocupação com a Jessica em Suspensão por algum tempo, querendo muito olhar para trás por cima do seu ombro, mesmo para o, o velho espelho, sabem, para ver o que andavam eles a fazer, mas demasiado imobilizado para se atrever a isso sequer... *ora...* oh sim uma muito soberba possibilidade havia feito cama no cérebro dele, e aqui está ela. E se todos eles estão, todos estes anormais da Secção Psi que por aqui andam, unidos contra si em segredo? O.K.? Sim: suponhamos que eles conseguem ver o interior do

nosso espírito! e-e que tal — e se for *hipnotismo?* Eh? Jesus: a seguir toda uma quantidade de *outras coisas* ocultas tais como: projecção astral, controlo cerebral (nada de oculto *nisso*), maldições secretas para impotência, furúnculos, loucura, yaaahhh — *poções!* (enquanto ele por fim se endireita e nos olhos da sua mente regressa ao seu gabinete olha agora, *muito cautelosamente*, a messe do café, oh *meu Deus...*), unidade-psíquica-com-a-Agência-de-Controlo tal que o Roger fosse ele e ele o Roger, sim sim uma quantidade de noções dessas a deambularem-lhe aqui pelo espírito, e nenhuma delas realmente agradável, aliás — especialmente dentro desta latrina do serviço, com a cara do Gavin Trefoil hoje de manhã colorida de um brilhante magenta, uma flor de cravo-da-índia cintilando ao vento, o Ronald Cherrycocke a escarrar um fleuma finamente marmoreado de âmbar para dentro do lavatório — mas o que é tudo isto, quem *são todas estas pessoas...* Anormais! *Anoormaais!* Ele está cercado! andaram por ali noite e dia durante a guerra inteira a bulirem-lhe com o cérebro, telepatas, feiticeiros, operadores Satânicos de todas as descrições a sintonizarem *tudo* — até quando ele e a Jessica estão na cama a *foder* —

Vê se te aguentas meu velho, entra em pânico se tiver de ser mas mais tarde, aqui não... As débeis lâmpadas do sanitário aprofundam os milhares de antigas nódoas de água e sabão agregadas nos espelhos como um entretecimento de nuvens, de pele e fumo quando por lá passa a cabeça dele girando, limão e bege, aqui dentro negro de fumo de óleo e castanho crepuscular, muito esparsamente esboçada, é essa a textura...

Manhã adorável, Segunda Guerra Mundial. Tudo o que ele consegue manter diante do seu espírito são as palavras *Quero ser transferido*, como que a zumbirem atónicamente no espelho, sim senhor tenho de apresentar já um pedido por escrito. Ofereço-me como voluntário para o serviço na Alemanha é isso que eu vou fazer. Dum de dum, de dum. Pois foi, ainda na quarta-feira apareceu um anúncio na secção de classificados do *Nazis nas Notícias*, ensanduichado entre uma filial dos Trabalhistas no Merseyside que andava à procura de um publicista, e uma agência publicitária londrina com posições a abrirem de imediato após a desmobilização, diziam eles. Esse anúncio no meio fora colocado por algum ramo do G-5-por-vir, para tentar reunir alguns peritos em «re-educação». Uma matéria vital, vital. Ensinar

à Besta Alemã a Magna Carta, o desportivismo, esse tipo de coisas, eh? Lá para o meio de alguma neurótica aldeia da Baviera como as dos relógios de caco, lobi-elfos saindo a correr das florestas durante a noite para deixarem bilhetinhos subversivos nas portas e janelas — «Qualquer coisa!» Roger regressando aos apalpões até aos seus estreitos aposentos, «qualquer coisa é melhor que isto...»

Era mau a esse ponto. Ele sabia que se sentiria mais à vontade na louca Alemanha com o Inimigo do que ali na Secção Psi. A época do ano torna aquilo ainda pior. Natal. Buueeeaaaagghh, agarrado à sua barriga. Somente a Jessica tornava aquilo humano ou tolerável. A Jessica...

Foi dominado então, durante meio minuto, tremendo e bocejando na sua longa roupa interior, macia, quase invisível na clausura da alvorada de Dezembro, entre tantas agudas arestas de livros, maços de papéis e duplicados, cartas e mapas (e o principal destes, póstulas vermelhas sobre a pura pele branca da dona Londres, avistando toda a... *espera...* doença na pele... *será* que ela transporta a infecção fatal dentro de si? estarão os locais predestinados, e será que o voo do foguete deriva efectivamente da predestinada erupção *latente na cidade...* mas ele não aguenta aquilo, tal como não comprehende a obsessão do Pointsman com a reversão dos estímulos sonoros e por favor, por favor não podemos pôr isso de parte por um bocado...), visitado, não sabendo até aquilo ter passado com que clareza via ele a metade honesta da sua vida que a Jessica era agora, com que fanatismo a mãe dele que era a Guerra deveria reprovar a beleza dela, a jovial indiferença dela às instituições-de-morte em que ele acreditava ainda não há muito tempo — a inabalável esperança dela (embora ela detestasse fazer planos), o seu exílio da infância (embora ela recusasse sempre apegar-se às memórias)...

A vida dele estivera presa ao passado. Ele vira-se a si mesmo como um ponto numa onda em movimento, propagando-se através da estéril história — um passado conhecido, um futuro projectável. Mas a Jessica era a rebentação da onda. Subitamente havia uma praia, a imprevisível... vida nova. Passado e futuro paravam na praia: era assim que ele o havia determinado. Mas queria acreditar nisso também, do mesmo modo que a amava, para além de todas as palavras — acreditar que por pior que fossem os tempos, nada estava fixo, tudo

podia ser alterado e ela poderia sempre negar o escuro mar nas costas dele, amá-lo até que desaparecesse. E (egoistamente) que a partir de uma juventude sombria, firmemente ancorada na Morte — vinda para a viagem da Morte — ele poderia, com ela, achar o seu caminho para a vida e para a alegria. Jamais lho dissera, evitava dizê-lo a si mesmo, mas era essa a medida da sua fé, enquanto este sétimo Natal da Guerra vinha a rodopiar em mais um assalto ao magro e trémulo flanco dele...

Ela tropeça enquanto anda às voltas pelo dormitório, pedindo a outras raparigas para puxar umas fumaças dos Woodbines já rançosos, estojos para reparar meias de nylon, piadas de guerra ditas com alegria de pardal que passam por simpatia. Hoje à noite ela estará com o Jeremy, o seu tenente, mas quer estar com o Roger. Só que, a bem dizer, não quer. Ou quer? Ela não se lembra de alguma vez ter estado tão confusa. Quando está com o Roger é tudo amor, mas a qualquer distância — qualquer que seja, Jack — descobre que ele a deprime e até a assusta. Porquê? Quando está por cima dele durante as noites bravias cavalgando no eixo dela o caralho dele para cima e para baixo, tentando ela própria ficar suficientemente hirta para não se transformar em cremosa cera de vela e se deixar cair derretida sobre as cobertas quando se vem só há espaço para o Roger, *Roger, oh amor* até que o fôlego se lhe acabe. Mas fora da cama, ao andar ao falar, a amargura dele, a treva dele, calam mais fundo do que a Guerra, a invernia: ele detesta tanto a Inglaterra, detesta «o Sistema», não pára de se queixar, diz que há-de emigrar quando a Guerra chegar ao fim, fica dentro da sua cínica cave de papel detestando-se a si mesmo... e será que ela *quer* tirá-lo de lá, realmente? Não será mais seguro com o Jeremy? Ela tenta não ceder a tal pergunta com muita frequência, mas aí está. Três anos com o Jeremy. Mais valia casarem-se. Três anos já deveriam contar para qualquer coisa. Todos os dias, pequenos pontos e remendos. Ela já vestiu os roupões de banho do velho Beaver, fez-lhe o chá e o café, procurou-lhe o olhar do outro lado de parques de estacionamento de camiões, salas de recreação e chuvosos lamaçais quando todos os malignos, sombrios prejuízos

do dia podiam ser salvos por esse único olhar — familiar, pleno de confiança, numa época em que a palavra é invocada por bizarria ou leve risada. E dar cabo de tudo isso? três anos? por este errático e egocêntrico — *rapaz*, a bem dizer. Bolas, parece que ele já passou dos trinta, é anos mais velho do que ela. Ele deveria ter aprendido *qualquer coisa*, com certeza? Um homem de experiência?

O pior de tudo é que ela não tem ninguém com quem falar. A política desta bateria mista, o incesto profissional, as doenças obsessões com quem disse o quê a quem na Primavera de 1942 por amor de Deus, do lado de fora de Grafty Green, no Kent, ou noutro sítio qualquer, e quem deveria ter respondido o quê mas não respondeu e em vez disso o contou a uma outra pessoa qualquer provocando ódios que se mantiveram maravilhosamente acesos até ao presente dia — seis anos de difamação, ambição e histeria fazem com que confidenciar algo a alguém daqui seja um acto de puro masoquismo.

«Miúda que desfalece, Jess?» a Maggie Dunkirk a passar por ali, alisando as suas luvas. No Tannoy uma banda de swing da BBC está a tocar música de Natal ardente sincopada.

«Tens um cigarro que eu não te pague, Mag?» hoje em dia já é bastante automático, não te parece, Jess?

Bom — «Isto aqui estava a parecer-me era um raio dum filme da Garbo, e não a habitual fome de nicotina, desculpa enganei-me outra vez, ta-ta...»

Oh vê se te pões a andar daqui. «Estava a pensar nas minhas compras de Natal.»

«No que vais dar ao Beaver portanto.»

Concentrando-se em prender as suas meias ao cinto de ligas, o par mais antigo, em-cima-à-frente-em-baixo-atrás, agitando-as mnemonicamente com suavidade entre os seus dedos, o frouxo elástico em branco-de-lavandaria sendo esticado fino e agora tangente à gentil curva frontal da coxa dela, as molas de pressão reluzindo prateados por baixo ou por detrás das suas unhas envernizadas a vermelho, passando como fontes distantes atrás de rubras árvores em topiária, Jessica responde, «Oh. Mm. Um Cachimbo, julgo eu...»

Perto da bateria dela certa noite, seguindo de carro rumo a Algures no Kent, o Roger e a Jessica depararam com uma igreja, uma elevação entre as escuras terras altas, iluminada por candeeiros, brotando para fora da terra. Era noite de Domingo, e pouco antes das vésperas. Homens com capotes, com oleados, com boinas escuras esgueiravam-se pela entrada, aviadores Americanos vestidos de couro forrado com pêlo de ovelha, algumas mulheres com botas rangentes e uns casacos muito à moda com ombros largos, mas sem crianças, nem uma criança à vista, só gente crescida, marchando desde os seus campos de bombardeiros, barquinhas de balões, casamatas por cima da praia, através do portal Normando orlado de invernosos vinhedos. A Jessica disse, «Oh, lembro-me...» mas não prosseguiu. Ela estava a lembrar-se de outros Adventos e dos beirais tão carregados de neve quanto as ovelhas a partir da sua janela, e da Estrela pronta a ser colada de novo no céu.

O Roger encostou o carro à berma, e eles ficaram a ver os desfiados e taciturnos militares entrarem para as orações de vésperas. O vento cheirava a neve fresca.

«Devíamos ir para casa», disse ela, ao fim de um bocado, «já é tarde.»

«Podíamos ir lá dentro ver só por um instante.»

Bom, *isso* surpreendera-a, mas francamente, ao fim de semanas de acintosos comentários dele? O seu incômodo de descrente em relação aos outros da Secção Psi que ele julgava andarem a deixá-lo tão aparvalhado quanto eles o eram, e a Avareza dele a crescer à medida que iam diminuindo os dias de compras até ao Natal — «Tu não devias ser desses», dissera-lhe ela. Mas ela queria de facto entrar, a nostalgia pesava no nevoso céu dessa noite, a sua voz prestes a traí-la e a fugir para ir ter com as esperas cujas canções se conseguiam agora ouvir tão bem à distância, estes dias de Advento caindo um a um, as vozes a serem transportadas por cima das dunas geladas onde as minas enterradas eram tantas como as ameixas dentro de um pudim... muitas vezes por cima dos sons de neve a derreter-se, ventos que devem soprar não através dos ares do Natal mas através da substância do tempo traziam-lhe aquelas vozes infantis, a cantarem por seis pences, e se o seu coração não estava pronto para assumir por inteiro todas as tensões da sua mortalidade e da delas, pelo menos havia

o medo de que ela começava a perdê-las — de que num dado Inverno ela fosse a correr procurá-las, até ao portão em busca delas, corresse até às árvores lá do fundo mas em vão, as vozes delas a desvanecerem-se...

Calcorrearam as pisadas de todos os outros na neve, ela dando-lhe o braço gravemente, o vento a despentear-lhe madeixas de cabelo, os saltos escorregando-lhe uma vez no gelo. «Para ouvir a música», explicou ele.

O improvisado coro dessa noite era inteiramente masculino, ombros com dragonas visíveis abaixo das amplas golas das casacas brancas, e muitos rostos quase igualmente brancos com a exaustão de campos ensopados e enlameados, rondas nocturnas, cabos retesados pelos nervosos balões que caçavam o sol entre as nuvens, tendas cujas luzes interiores tinham um brilho nuclear ao pôr-do-sol, como almas, entre as paredes de ripas, transformando a lona em fina gaze, enquanto o vento ali percutia. Havia porém um rosto negro, o do contratenor, um cabo Jamaicano, tirado da sua quente ilha para isto — de cantar a sua infância pelos fumarentos salões de rum da High Holborn Street onde os marinheiros lançavam enormes petardos vermelhos, um quarto dum pau de dinamite pá, por cima das portas de vaivém e corriam para o outro lado da rua a rirem-se, ou vinham a sair de lá com umas raparigas de saias curtas, raparigas da ilha, raparigas Chinesas e Francesas... cascas de limão esmagadas nas sargentas das ruas perfumavam o princípio das manhãs em que ele costumava cantar, Oh viram por aí a minha querida Lola, com uma forma semelhante à de uma garrafa de Coca-Cola, marinheiros correndo para cima e para baixo nas sombras castanhas dos becos, lenços de pescoço e pernas das calças a esvoaçar, e as raparigas a sussurrarem umas para as outras e a rirem-se... todas as manhãs ele contava o meio bolso que enchera com moedas de todas as nações. A partir dos palmares de Kingston, as intricadas necessidades do Império Anglo-American (1939-1945) haviam-no trazido até esta fria igreja de ratos do campo, onde quase se ouvia um mar nortenho que ele mal vislumbrara durante a travessia, até uma oração de completas, esta noite com um programa de canções simples em inglês, e ocasionais incursões na polifonia: Thomas Tallis, Henry Purcell,

até uma macarrónica composição alemã do século xv, atribuída a Heinrich Suso:

In dulci jubilo
Nun singet und seid froh!
Unsers Herzens Wonne
Leit in *praesipio*,
Leuchtet vor die Sonne
Matris in gremio.
Alpha es et O.

Com a alta voz do homem negro a sobrepor-se às restantes, nada de falsete principal aqui mas completa, saída do honesto peito, uma voz de barítono cultivada durante anos de telheiros de madeira até alcançar este nível... ele estava a fazer as raparigas morenas começarem a gingar ali entre aqueles nervosos Protestantes, ao longo dos antigos caminhos que a música viera instalar, a Grande e a Pequena Anita, a Stiletto May, a Plonette que gosta dele entre as mamas e dessa maneira até o faz de graça — para nem falar do Latim, do Alemão? numa igreja Inglesa? Isto não são tanto heresias quanto consequências imperiais, tão necessárias como a presença do homem negro, de actos de surrealismo menor — os quais, tomados na missa, são um acto de suicídio, mas que na sua patologia, na sua versão desprovida de sonhos do real, o Império todos os dias comete aos milhares, completamente inconsciente daquilo que está a fazer... A pura voz de contratenor estava portanto a elevar-se, a abrir caminho para pôr a boiar o coração de Jessica e até o de Roger, adivinhou ela, atrevendo-se a uns olhares para o rosto dele de través e de baixo para cima entre os novelos castanhos do seu cabelo, durante as recitativas ou os responsos. Ele não estava com um ar niilista, nem nada que se parecesse. Estava...

Não, a Jessica nunca viu o rosto dele exactamente assim, à luz de umas poucas candeeiras a óleo penduradas, as chamas a rumorejarem e muito amarelas, na mais próxima as duas compridas dedadas do bedel num fino V-de-vitória feito de pólen ao redor da barriga do vidro, a pele do Roger com um rosado mais infantil, os olhos dele a brilharem mais do que aquilo que pudesse ser justificado somente

pela candeia — não é? ou será assim que ela quer que ele esteja? A igreja está tão fria quanto a noite lá fora. Há o cheiro a madeira húmida, a cerveja amarga nos hálitos destes profissionais, a fumo de vela e a cera derretida, a peidos abafados, a tônico capilar, ao próprio óleo que arde, dobrando os restantes odores de uma forma maternal, mais intimamente pertencente à Terra, aos estratos profundos, a outros tempos, e escuta... escuta: estas são as vésperas da Guerra, a hora canónica da Guerra, e a noite é real. Capotes negros recolhidos em conjunto, capuzes vazios cheios de sombras densas, de interior de igreja. Mais acima na costa as Wrens trabalham até tarde, no fundo de frias e esventradas conchas, os archotes azuis delas são estrelas recém-nascidas na maré da tarde. Bojos de chapa balouçam no céu, como grandes folhas de ferro, em cabos que rangem lascas de som. Em posição de descanso, a postos, as chamas dos archotes, suavizadas, enchem os redondos rostos de vidro dos manómetros com uma luz cor de alperce. Nos barracos dos assentadores de canos, congelados, fazendo barulho quando as ventanias entram pelos Estreitos, eis milhares de velhos e usados tubos de pasta dentífrica, muitas vezes empilhados até aos tectos, milhares de sombrias manhãs-de-homem tornadas toleráveis, transformadas em vapores de menta e erma canção que deixaram marcas brancas nos espelhos estanhados desde Harrow até Gravesend, milhares de crianças que amassaram espuma para fora das bocas tornadas fofos almofarizes, que facilmente perderam mil vezes outras tantas palavras entre as alvas bolhas — queixumes à hora de ir para a cama, tímidos anúncios de amor, notícias de gordos ou translúcidos, peludos ou gentis seres do país por baixo das cobertas — incontáveis momentos de alcaçuz ensaboados sendo cuspidos e levado para o esgoto e para o pardo estuário com sua vagarosa escuma, as bocas matinais a crescerem com o tabaco do dia e forradas a peixe, secas de medo, imundas de lassidão, inundadas por pensamentos de refeições impossíveis, contentando-se em vez disso com o refugo da semana em empadas de glândula, Leite da Casa, biscoitos partidos em metade dos pontos habituais, e não é o mentol uma invenção maravilhosa para tirar o que basta disso a cada manhã, levando-o até que ele se transforme nas enfarruscadas e desmesuradas bolhas num rijo e estagnante mosaico entre a nafta da linha de água, o intricado artesanato do alimento dos vazadouros,

a multiplicar-se para o mar, enquanto um a um esses velhos tubos de pasta dentífrica são esvaziados e devolvidos à Guerra, montões de metal tenuemente fragrante, fantasmas de hortelã-pimenta nas invernosas barracas, cada tubo enrugado ou lavrado pelas inconscientes mãos de Londres, rasurados por padrões de interferência, mão contra mão, agora à espera — é autêntica devolução — de serem derretidos para solda, para chapa, fundidos em moldes, rolamentos, calabretes, ignífugos forros ocultos que os filhos dessa outra encarnação doméstica nunca verão. Porém a continuidade, da carne aos metais aparentados, do lar ao mar ilimitado, persistiu. Não é a morte que separa estas encarnações, mas o papel: especialidades de papel, rotinas de papel. A Guerra, o Império, apressará tais barreiras entre as nossas vidas. A Guerra precisa de dividir dessa maneira, e de subdividir, embora a sua propaganda afirme sempre a unidade, a aliança, o esforço conjunto. A Guerra não parece querer uma consciência popular, nem sequer do tipo da que foi engendrada pelos Alemães, ein Volk ein Führer — ela quer uma máquina de muitas partes separadas, não uma união, mas uma complexidade... No entanto quem pode presumir dizer o *que* a Guerra quer, tão vasta e remota ela é... tão ausente. Talvez a Guerra nem sequer seja uma consciência — nem de todo uma vida, a bem dizer. Poderá haver apenas uma qualquer cruel e accidental semelhança com a vida. Na «Visitação Branca» há por lá desde há muito um tarado, sabes, que acredita que a Segunda Guerra Mundial é *ele*. Não recebe jornais, recusa-se a ouvir a telefonia, mas mesmo assim, no dia da invasão da Normandia sem se saber como a temperatura dele disparou para os 40º. Agora, enquanto as tenazes de leste e oeste prosseguem a sua demorada contracção reflexa, ele fala das trevas que lhe invadem o espírito, de um atrito do eu... A ofensiva de Rundstedt animou-o porém, deu-lhe um novo gosto pela vida — «Uma bela prenda de Natal», confessou ele ao residente da sua enfermaria, «é a estação do nascimento, dos novos começos.» Sempre que os foguetes caem — os que são audíveis — ele sorri, acaba por se passear pela enfermaria, lágrimas prestes a saltarem-lhe aos cantos dos seus jubilosos olhos, tomado por uma corada e alta tonicidade que não pode deixar de animar os outros pacientes. Tem os dias contados. Irá morrer no Dia V-E. Se ele não é de facto

a Guerra então é o seu filho-substituto, que vive à larga durante um certo termo mas ao chegar o dia ceremonial, cuidado. O verdadeiro rei somente morre uma morte fingida. Lembrem-se. Pode seleccionar-se uma qualquer quantidade de homens novos para morrerem em seu lugar enquanto o verdadeiro rei, velho sacana matreiro, continua. Surgirá ele por baixo da Estrela, em astuta genuflexão com os outros reis enquanto este solstício de Inverno se aproxima de nós? Trazendo até ao serralho dádivas de tungsténio, cordite, alta-octana? Levantará então a criança os olhos do seu terreiro de palha dourada, fitará os olhos do velho rei que agora se debruça longo e desfraldado por cima de si, se verga para presentear sua dádiva, cruzar-se-ão os olhares, e que mensagem, que possível saudação ou concórdia fluirá entre o rei e o príncipe infante? Está o bebé a sorrir, ou será apenas dos gases? O que quereis vós que seja?

O Advento sopra do mar, que esta noite ao pôr-do-sol brilhava verde e tão liso como um vidro rico em chumbo: sopra diariamente sobre nós, todo o céu lá em cima prenhe de santos e de esguias trompetas de arautos. Mais um ano de vestidos de casamento abandonados em pleno Inverno, nunca reclamados, agora pendurados em serenas filas de cetim, os seus alvos e amarrrotados véus começaram a amarelecer, enrugando-se ligeiramente só quando tu passas, espectador... visitante da cidade em todos os becos sem saída... Vislumbrando nos vestidos o teu próprio reflexo uma vez ou duas, a meio caminho da sombra, somente umas desbotadas cores de carne do outro lado da peau de soie, instando-te a ires até onde possas cheirar o primeiro horrível toque de bolor, que era realmente a ideia — cobrindo todos os vestígios do próprio cheiro dela, futura-noiva de classe média transpirando, refinados sabão e pó. Mas virgem no seu coração, nos seus anseios. Nada da vossa brillante ou cristalina estação Suíça por aqui, mas durante o dia escuramente encapelado com nuvens e a neve caindo sobre os campos como se fossem vestidos, vestidos de Inverno, de noite amena, uma respiração quase sem vento à tua volta. Nas estações da cidade os prisioneiros estão a regressar da Indochina, arrastando os pobres ossos que se lhes vêem, leves como sonhadores ou homens na lua, entre carrinhos de bebé em couro preto com cromados e que ressoam como tambores, cadeiras de criança em madeira loura cor-de-rosa e azul com riscados e já

bolorentos decalques florais, camas de armar e ursos com línguas de felpo vermelho, cobertores infantis que formam brilhantes nuvens pastel entre os cheiros a carvão e a vapor, os espaços de metal, entre os enfileirados, os deambulantes, os cautelosamente adormecidos, vindos às centenas para as férias, apesar dos avisos, da gravidade do Sr. Morrison, o túnel por baixo do rio que um foguete alemão pode agora trespassar, até mesmo agora enquanto se assentam tais palavras, as carências que poderão aguardá-los, os endereços urbanos que com certeza podem já não existir. Os olhos da Birmânia, de Tonkin, olham estas mulheres com seu cento de perseveranças — olham para fora de órbitas azuladas, entre dores de cabeça que nenhuns Alasils podem aliviar. Prisioneiros de guerra Italianos praguejam por baixo dos sacos de correio que agora ofegam, ecoam ao chegarem a cada hora, em sazonal ondulação, obstruindo os nevados carregamentos ferroviários como cogumelos, como se os comboios houvessem estado a noite inteira debaixo da terra, atravessando a terra dos mortos. Se esses Azeiteiros cantarem de vez em quando pode apostar-se que não será o «Giovinezza» mas provavelmente qualquer coisa do *Rigoletto* ou do *La Bohème* — na verdade os Correios estão a pensar publicar uma lista de Canções Inaceitáveis, com acordes de ukulele como auxílio para pronta identificação. As alegrias e as cançonetas deles, dessa gente, são genuínas até certo ponto — mas à medida que os dias se acumulam, que esta orgia de cumprimentos natalícios cresce diariamente para além dos limites da salubridade, sem qualquer restrição à vista antes do Boxing Day, contentam-se, eles próprios, em serem mais profissionalmente Italianos, rebolando o ocasional olho para as senhoras evacuadas, encontrando técnicas para equilibrar a saca com uma mão enquanto a outra se faz de «morta» — *cioé*, condicionalmente viva — onde as multidões se tornam mais densamente femininas, sem direcção... bom, isso é muito prometedor. A vida tem de continuar. Ambos os tipos de prisioneiros reconhecem isso, mas não há nenhuma *mano morto* para os Ingleses que regressam da CBI, nenhum salto da morte para a vida com a mera permissão de uma prestável anca ou coxa — nada de *brincadeiras*, por amor de Deus, com a morte e a vida! Eles não querem mais aventuras: só a velha patroa a labutar no velho fogão ou

a aquecer a velha cama, jogos de críquete no Inverno, eles querem a semi-independente sonolência dominical de folhas mortas num jardim ressequido. Se o admirável mundo novo também aparecesse por ali, uma espécie de sorte inesperada, ora bem que haveria tempo para certamente nos ajustarmos a isso... Mas eles querem esta semana o luxo de quase pós-guerra de se comprar um comboio eléctrico para o miúdo, tentando desse modo cada um deles iluminar o seu próprio conjunto de nédias carinhas aqui, calibrando-lhe a estranheza, todas elas fotografias bem conhecidas, trazidas agora à vida, oohs e aahs mas ainda não, aqui na estação não, nenhum dos movimentos mais necessários: a Guerra desviou-os, enterrou-os, a essas imprudentes e destruidoras sinalizações de amor. As crianças desembrulharam os brinquedos do ano passado e encontraram latas de carne em conserva reencarnadas, elas estão a par de que este pode ser o outro e, quem sabe, inevitável lado do jogo do Natal. Nos meses anteriores — Primaveras e Verões campestres — elas brincaram com autênticas latas de carne em conserva — tanques, caça-tanques, casamatas, couraçados abrindo-se em rosa-carne, amarelo e azul pelos poeirentos soalhos de arrecadações ou despensas, sob os catres ou divãs do seu exílio. Agora é de novo tempo. O bebé de gesso, o boi coberto de folha de ouro e as ovelhas de olhar humano estão de novo a tornar-se reais, a tinta adere à carne. Acreditar não é um preço que eles paguem — acontece por si só. Ele é o Novo Bebé. Na mágica noite anterior, os animais falarão, e o céu será de leite. Os avós, que todas as semanas esperaram que o Médico da Rádio perguntasse, O Que São Hemorróidas? O Que É Enfisema? O Que É Um Ataque Cardíaco? esperarão para além da insónia, cuidando de novo para que o anualmente impossível não ocorra, mas com algum mesquinho resíduo — esta é a encosta, o céu *pode* mostrar-nos uma luz — semelhante a uma emoção, um bom momento que se queria demais, não uma perda completa mas ainda assim muito aquém de um milagre... mantendo as suas encamisoladas e enxailadas vigílias, teatralmente amargas, mas com o resíduo lá dentro a passar por uma nova fermentação invernal todos os anos, de cada vez um pouco menos, mas sempre boa de se reviver nesta época... Agora todos nus, os luzentes

fatos e vestidos dos seus bons tempos de calcorrear os pubs há muito desfeitos em tiras para apertar os canos da água quente e os aquecedores dos senhorios, forasteiros, para manter as identidades das casas contra a invernia. A Guerra precisa de carvão. Eles deram os penúltimos passos, atenderam às certificações do Médico da Rádio quanto ao que eles sabiam nos seus corpos, e no Natal eles estão nus como gansos sob estes lázudos, tenebrosos, reles cueiros para velhos. Os relógios eléctricos deles estão adiantados, até o Big Ben se adiantará agora até que a nova Primavera surja, muito depressa, e mais ninguém parece compreender ou importar-se. A Guerra precisa de electricidade. É um jogo animado, o do Monopólio Eléctrico, entre as empresas de energia, a Comissão Central de Electricidade, e outras agências da Guerra, para manter o Tempo da Rede sincronizado com o Tempo Médio de Greenwich. À noite, nos mais profundos poços de betão da noite, dínamos cujas localizações estão classificadas giram mais depressa, e do mesmo modo, respondendo, os ponteiros do relógio ao lado daqueles velhos olhos insones — recuperando os seus minutos num guincho, zunindo cada vez mais agudo rumo à vertigem de uma sirene. É o Louco Carnaval da Noite. Há folgado por baixo das sombras do ponteiro dos minutos. Histeria nos pálidos mostradores entre os numerais. As empresas de energia falam de cargas, de escoamentos-de-guerra tão vastos que os relógios se atrasarão de novo a menos que esta marcha nocturna seja furtada, mas as cargas esperadas diariamente não ocorrem, e a Rede começa a correr cada vez mais depressa, e os velhos rostos viram-se para os mostradores dos relógios, pensando *conspiração*, e os números começam a redemoinhar em direcção à Natividade, uma violência, uma nova do coração que nos transformará a todos, nos mudará para sempre nas próprias raízes esquecidas de quem somos. Mas por cima do mar o nevoeiro hoje à noite ainda está serenamente rendilhado de pérola. Por cima da cidade as lâmpadas de arco estalam, fúriosas, em fumarento incêndio no alto das linhas centrais das ruas, demasiado cor de gelo para candeeiras, demasiado orladas de geada para holocausto... os altos autocarros vermelhos balouçam, todos os faróis por regulamento recentemente postos à mostra agora param,

cruzam, atravessam e ofuscaram, grandes punhados desfeitos de humidade passam a voar, desolados como as praias sob o nacarino nevoeiro, cujo arame farpado que nunca conheceu a picada interior da corrente, que somente jaz passivo, oxidando na noite, agora ondula como erva submarina, em laçadas, muito frio, afiado como o escorpião, toda a areia sem mácula ao longo de quilómetros para lá dos cruzadores abandonados nos últimos meses da paz que outrora folgara no velho mundo, vinhedos e olivais e noites de cachimbada folgando do outro lado da Guerra, agora desmantelados para enferrujarem eixos e juntas e cheirando por dentro à mesma salmoura que esta praia onde realmente não se pode andar, devido à Guerra. Do outro lado das dunas, para lá dos holofotes onde as aves migratórias no Outono entupiam as traves noite após noite, fatalmente retidas até caírem exaustas do céu, uma chuva de aves mortas, os adoradores das completas sentam-se na igreja sem aquecimento, tremendo, sem voz enquanto o coro pergunta: onde estão as alegrias? Onde se não aí onde os Anjos cantam novas canções e os sinos soam na corte do Rei. *Eia* — estranho suspiro com mil anos — *eia, wärn wir dal* se aí estivéssemos... Os homens fatigados e o seu negro líder de rebanho esticando-se até onde conseguem, tão longe das suas roupas de ovelhas quanto o ano os deixará afastarem-se. Vinde pois. Deixai a vossa guerra por um pedaço, guerra de papel ou de ferro, de petróleo ou carne, vinde cá com o vosso amor, vosso medo de perder, vossa exaustão com ele. Esteve convosco o dia inteiro, coagindo, importunando, reclamando vossa crença em tanta coisa que não é verdade. É isso que sois, esse rosto vagamente criminoso no vosso cartão de identificação, a alma dele arrebatada pela câmara governamental enquanto a guilhotina do obturador caía — ou talvez tenha ficado para trás com vosso coração, na Cantina dos Bastidores, onde estão a contar a receita da noite, as raparigas da NAAFI, as raparigas chamadas Eileen, retirando cuidadosamente para compartimentos refrigerados os gomosos órgãos vermelho-escuros com suas amarelladas guarnições de gordura — oh Linda anda cá sentir este, enfia o teu dedo aqui no ventrículo, não é de cair para o lado, ainda está a *mexer*... Toda a gente de quem não suspeitais está metida nisto, toda a gente menos vós: o capelão, o médico, vossa mãe que espera

pendurar aquela Estrela Dourada, a vária soprano de ontem à noite no programa do Serviço Nacional, não esqueçamos o Sr. Noel Coward tão elegante e esperto acerca da morte e da vida no além, a encher sessões no Duchess pelo quarto ano a fio, os moços de Hollywood dizendo-nos como tudo é magnífico por cá, como é divertido, o Walt Disney a fazer com que o elefante Dumbo se agarre àquela pena como outras tantas carcaças por baixo da neve hoje à noite entre os tanques pintados de branco, outras tantas mãos cada uma delas gelada em torno de uma Medalha Milagrosa, feliz peça de marfim usado, meio dólar com o soridente sol a espreitar por baixo da fina veste da Liberdade, agarrando-se, tosco, quando o de 88 caiu — pensais o quê, que é uma história para crianças? Não há nenhuma. As crianças foram sonhar para outro lado, mas o Império não tem lugar para sonhos e hoje à noite isto aqui é Só Para Adultos, aqui neste refúgio com as candeeiras a arderem lá no fundo, em exalação pré-Câmbrica, saborosa como culinária, pesada como fuligem. E 90 quilómetros mais acima os foguetes pendendo naquele incomensurável instante sobre o negro Mar do Norte antes da queda, sempre mais veloz, para calor alaranjado, estrela de Natal, em imparável mergulho para a Terra. Mais abaixo no céu também por lá andam as bombas voadoras, rugindo como o Adversário, procurando quem elas possam devorar. Hoje à noite é longa a caminhada até casa. Ouvi este anjo-a-fingir cantando, deixai que vossa comunhão seja ao menos de escuta, ainda que não hajam porta-vozes para as vossas exactas esperanças, o vosso exacto e mais negro terror, ouvi. Deve ter havido orações de vésperas aqui desde antes da notícia de Cristo. Decerto que há tanto tempo quanto tem havido noites tão más como esta — algo que suscite a possibilidade de outra noite que pudesse efectivamente, com amor e romperes de aurora, iluminar o caminho para casa, banir o Adversário, destruir as fronteiras entre nossas terras, nossos corpos, nossas histórias, todas falsas, sobre quem somos: por essa noite, deixando apenas o claro caminho para casa e a memória do infante que vistes, quase demasiado frágil, há demasiada merda nestas ruas, camelos e outras bestas passeiam-se pesadamente lá fora, cada casco é uma possibilidade de o eliminar, de torná-lo somente mais um Messias, e de certeza que já anda por ali alguém a aceitar apostas

sobre isso, enquanto aqui nesta vila os colaboradores Judeus andam a vender mexericos úteis à Inteligência Imperial, e as putas locais andam a manter contentes os invasores de prepúcio, cobrando aquilo que o tráfego conseguir suportar, tal como os estalajadeiros que ficam naturalmente deliciados com esta coisa dos registos, e lá na capital eles andam a pensar se deveriam, talvez, dar a toda a gente um *número*, pois, qualquer coisa que ajudasse a manter os Registos SPQR... e Herodes ou Hitler, amigos (os capelães que andam pelas Ardenas são machões, desvairados, grandes bebedores), que género de mundo é este («Esqueceu-se do Roosevelt, padre», dizem as vozes lá de trás, o bom padre nunca conseguevê-las, importunam-no, aqueles tentadores, até nos seus sonhos: «Wendell Wilkie!» «Então e o Churchill?» «O 'Arry Pollitt!») para que um bebé venha para aí inclinar aquelas Toledos até aos três quilos e quatrocentos gramas pensando que vai redimir a coisa, deviam era examinar-lhe a cabeça...

Mas a caminho de casa hoje à noite, tu desejas tê-lo trazido contigo, tê-lo abraçado um pouco. Só abraçado, muito perto do teu coração, a bochecha dele junto à concha do teu ombro, cheio de sono. Como se fosses tu que pudesses, de alguma maneira, salvá-lo. De momento sem te importares com o nome em que deverias estar registado. Seja como for, de momento já não és quem os Césares dizem que és.

*O Jesu parvule,
Nach dir ist mir so weh...*

Por isso este grupo de ocasião, estes exilados e miúdos entesoados, carrancudos civis recrutados na sua meia-idade, homens que engordam apesar da fome que têm, flatulentos devido a ela, pré-ulcerosos, roucos, de nariz a pingar, olhos vermelhos, garganta a doer, homens inchados de mijo que sofrem de dores de costas agudas e de ressaca o dia inteiro, rogando a morte aos oficiais que verdadeiramente odeiam, homens que já viste a pé e sem sorrirem pelas cidades mas esqueceste, homens que também não se lembram de ti, sabendo que deveriam estar a dormir um bocadito, e não a andarem cá por fora cantando para estranhos, dão-te esta oração de vésperas, que

agora se aproxima do seu clímax com o seu fragmento em crescendo de alguma escala antiga, vozes sobrepondo-se três e quatro vezes, subindo, ecoando, enchendo toda a nave da igreja — nenhum bebé de contrafação, nenhum anúncio do Reino, nem sequer uma tentativa de aquecer ou iluminar esta noite terrível, somente, raios nos partam, o nosso roufenho gritinho obrigatório, o nosso máximo alcance exterior — *graças a Deus!* — para tu levares contigo para a tua morada-de-guerra, a tua identidade-de-guerra, para lá das pegadas na neve e das marcas de pneus e por fim até ao caminho que tu tens de criar por ti mesmo, sozinho no escuro. Quer o queiras ou não, sejam quais forem os mares que cruzaste, o caminho para casa...



Fase paradoxal, quando estímulos fracos obtêm respostas fortes.... Quando acontecia isso? Num certo estádio inicial do sono: tu não tinhas ouvido os Mosquitos e os Lancasters hoje à noite a caminho da Alemanha, os motores deles arrombando o céu ao meio, sacudindo-o e rasgando-o, durante uma hora inteira, alguns tufos de nuvens invernais vogando por baixo do bojo em aço rebitado da noite, vibrando com a constância, o terror, de tantos bombardeiros a partirem. A tua própria forma imóvel, respirando pela boca, sozinha de cara para cima no estreito catre encostado à parede tão desprovida de imagens, de plantas, de mapas: *tão habitualmente vazia...* Os teus pés apontados para uma alta janela fendida no lado mais distante do quarto. Luz estelar, o firme som da largada dos bombardeiros, gélido ar a infiltrar-se. A mesa apinhada de livros com a lombada quebrada, colunas gatafunhadas encimadas por *Tempo / Estímulo / Secreção (30 segs) / Observações*, chávenas de chá, pires, lápis, canetas. Tu dormias, tu sonhavas: milhares de metros acima do teu rosto os bombardeiros de aço passavam, onda atrás de onda. Era dentro de casa, algum grande local de assembleia. Estavam reunidas muitas pessoas. Em dias recentes, a certas horas, uma redonda luz branca, muito intensa, começou a descair aos poucos numa linha recta pelos ares. Aqui, subitamente, ela aparece de novo, o seu curso tão linear como sempre, da direita para a esquerda. Mas desta vez não é constante —

em vez disso ilumina-se brilhantemente em curtos jorros ou tinidos. A aparição, desta vez, é tomada pelos presentes como um aviso — algo de errado, de drasticamente errado, com o dia... Ninguém sabia o que significava a luz redonda. Fora nomeada uma comissão, havia uma investigação em curso, a resposta estava tantalizantemente próxima — mas agora o comportamento da luz mudou... A assembleia dá por concluída a sessão. Ao veres a luz vir estrepitosa nesta direcção, tu começas a esperar algo de terrível — não exactamente um ataque aéreo mas algo próximo disso. Olhas rapidamente para um relógio. São seis em ponto, ponteiros perfeitamente estendidos para cima e para baixo, e tu comprehendes que as seis são a hora do aparecimento da luz. Sais a pé para a noite. É a rua diante da casa da tua infância: pedregosa, sulcada e rachada, água brilhando em poças. Segues caminho para a esquerda. (Normalmente nestes sonhos de casa tu preferes a paisagem à direita — amplos relvados nocturnos, dominados por antigos castanheiros, um outeiro, uma cerca de madeira, cavalos de olhar vago num campo, um cemitério...) A tua tarefa, nestes sonhos, é muitas vezes atravessar — por baixo das árvores, entre as sombras — antes que algo aconteça. Muitas vezes vais até ao campo de pousio mesmo por detrás do cemitério, cheio de silvas outonais e de coelhos, onde vivem os ciganos. Por vezes voas. Mas nunca consegues subir acima de uma certa altura. Podes sentir-te a ser atrasado, até inexoravelmente parares: não o intenso terror da queda, somente uma interdição, da qual não há apelo... e enquanto a paisagem começa a desvanecer-se... tu *sabes... que...*) Mas nesta noite, nestas seis em ponto da luz redonda, tu em vez disso foste para a esquerda. Contigo está uma rapariga identificada como tua esposa, embora nunca te tenhas casado, nunca a tenhas visto antes mas já a conheças há anos. Ela não fala. É logo a seguir a uma chuvada. Tudo cintila, as arestas são extremamente nítidas, a iluminação é baixa e muito pura. Pequenos molhos de flores brancas brotam onde quer que tu olhes. Tudo floresce. Detectas mais um vislumbre da luz redonda, que prossegue a descida do seu declive, um breve pestanejar que se acende e apaga. Apesar da aparente frescura, chuva recente, vida floral, a cena perturba-te. Tentas identificar um qualquer fresco odor que corresponda ao que estás a ver, mas não consegues. Tudo é silencioso, desprovido de odor. Devido ao comportamento da luz algo está

prestes a acontecer, e tu só podes esperar. A paisagem reluz. Humididade no pavimento. Compondo uma quente espécie de capuz em torno da parte de trás do teu pescoço e ombros, estás prestes a observar à tua esposa, «Esta é a altura mais sinistra da noite.» Mas há uma palavra melhor que «sinistra». Tu procura-la. É o nome de alguém. Está à espera por detrás do crepúsculo, da claridade, das flores brancas. Lá vem uma luz bater à porta.

Sentaste-te muito direito na cama, o teu coração palpitando de medo. Esperaste que aquilo se repetisse, e tomaste consciência dos muitos bombardeiros no céu. Outro batimento. Era o Thomas Gwenhidwy, que veio até cá desde Londres, com a notícia do pobre Spectro. Tu dormiste enquanto os ruidosos esquadrões atroavam sem descanso, mas o pequeno, relutante batimento do Gwenhidwy despertou-te. Algo de semelhante ao que acontece no córtex do Cão durante a fase «paradoxal».

Agora acumulam-se fantasmas por baixo das traves. Esticados entre nevosas chaminés cheias de fuligem, avultando sobre saguões, eles próprios demasiado ténues para som, agora secos para sempre nesta húmida borrasca, esticados e sem nunca se partirem, entrelaçados em vítreos entalhes de curvas Francesas sobre os telhados, ao longo das dunas de prata, escumantes onde o mar rebenta gelidamente até à praia. Eles reúnem-se, mais espessos à medida que os dias passam, fantasmas ingleses, tantos deles aos encontrões pela noite, memórias soltando-se para o Inverno, sementes que jamais ganharão raiz, tão perdidas, agora somente uma palavra de quando em quando, uma pista para os vivos — «Raposas», chama o Spectro, através de espaços astrais, a palavra destinada ao Sr. Pointsman que não está presente, que não será informado porque os poucos da Secção Psi que ali estão para a ouvirem obtêm crípticos destroços deste género sempre que se sentam — caso seja registada de todo ela irá parar ao projecto de contagem de palavras do Milton Gloaming — «Raposas», um eco a zumbir na tarde, o Carroll Eventyr, o médium residente da «Visitação Branca», caracóis pastosamente ajustados ao alto da cabeça, proferindo a palavra «Raposas», por uns lábios muito

vermelhos, finos... metade do hospital de Sta. Verónica destelhado pela manhã tal como a velha Abadia de Ick Regis, pulverizada como a neve, e o pobre Spectro apanhado, compartimento iluminado e escura enfermaria subsumidas na explosão e ele não chegando a ouvir a aproximação, o som tarde demais, após o rebentamento, o fantasma do foguete chamando os fantasmas que acabara de fazer. A seguir silêncio. Mais um «evento» para o Roger Mexico, um alfinete de cabeça redonda a ser espetado no mapa dele, um quadrado a graduar-se de dois para três impactos, ajudando a preencher a previsão dos três, que ultimamente ficara um pouco atrasada...

Um alfinete? nem sequer isso, um furo num papel que um dia será tirado dali, quando os foguetes tiverem parado de cair, ou quando o jovem estatístico optar por terminar a sua contagem, papel que será levado dali pelas mulheres-a-dias, rasgado, queimado... O Pointsman sozinho, espirrando irremediavelmente no seu mal iluminado gabinete, os latidos vindos dos canis agora monótonos e mitigados pelo frio, abanando a sua cabeça *não...* dentro de mim, na minha memória... mais do que um «evento»... a nossa mortalidade comum... estes dias trágicos... Mas agora ele está a tremer, autorizando-se a olhar para o outro lado do espaço do seu gabinete onde está o Livro, para se recordar que dos sete originais restam agora somente dois proprietários, ele próprio e o Thomas Gwenhidwy que anda a cuidar dos seus pobres para lá de Stepney. Os cinco fantasmas estão alinhados em clara escalada: o Pumm num acidente de jipe, o Easterling levado prematuramente por um ataque da Luftwaffe, o Dromond pela artilharia alemã no Shellfire Corner, o Lamplighter por uma bomba voadora, e o agora o Kevin Spectro... carro, bomba, canhão, V-1, e agora V-2, e o Pointsman não tem qualquer outra sensação senão a de terror, toda a pele lhe dói, devido à crescente sofisticação disto, devido à dialéctica que isto parece implicar...

«Ah, pois com certeza. A maldição da múmia, seu idiota. Cristo, Cristo, eu estou pronto para a Enfermaria D.»

Ora a Enfermaria D é o disfarce da «Visitação Branca», que ainda alberga alguns pacientes genuínos. Poucas das pessoas da PISCES se aproximam dela. O esqueleto da equipa de hospital normal tem a sua

própria cantina, sanitários, camaratas, gabinetes, que continuam a funcionar como durante a antiga paz, suportando a Outra Malta entre eles. Tal como, pela sua parte, o pessoal da PISCES suporta a loucura de jardim ou tempo de paz da Enfermaria D, só raramente encontrando oportunidade para trocar informação sobre terapias ou sintomas. Sim, seria de esperar uma maior ligação. A histeria, afinal, é a histeria, não é. Bom, não, vem a ver-se que não é. Como é que uma pessoa se sente legitimista e tranquila por muito tempo a respeito da transição? De conspirações tão amenas, tão domésticas, da serpente enroscada na chávena de chá, da paralisia da mão ou do afastamento do olhar perante palavras, *palavras* que poderiam assustar assim, até àquela espécie de coisa que o Spectro encontrava todos os dias na sua enfermaria, agora extinta... até àquilo que o Pointsman encontra nos Cães Piotr, Natasha, Nikolai, Sergei, Katinka — ou Pavel Sergevich, Varvara Nikolaevna, e a seguir os filhos deles, e — Quando aquilo pode ser lido tão claramente nos rostos dos físicos... O Gwenhidwy dentro da sua fofa barba nunca tão impassível quanto ele gostaria, o Spectro correndo com uma seringa para a sua Raposa, quando nada pode verdadeiramente impedir a Ab-reacção do Senhor da Noite a menos que a Blitz pare, os foguetes sejam desmantelados, todo o filme posto a rodar em retrocesso: da pele trigueira de novo para a chapa de aço para os porcos para a alva incandescência para o minério, para a Terra. Mas a realidade não é reversível. Cada flor de fogo, seguida pelo rebentamento e depois pelo som da chegada, é um arremedo (como pode ele não ser deliberado?) do processo reversível: com cada uma o Senhor legitima mais ainda o seu Estado, e nós que não podemos encontrá-lo, nem sequer para o vermos, acabamos por pensar na morte com uma frequência não maior, a bem dizer, do que antes... e, sem aviso algum de quando eles virão, e nenhuma maneira de os deitar abaixo, fingimos continuar a viver como nos tempos em que não havia Blitz. Quando de facto acontece, contentamo-nos em lhe chamar «acaso». Ou fomos persuadidos. Existem de facto níveis em que o acaso dificilmente é reconhecido de todo. Mas para empregados como o Roger Mexico isso é música, não desprovida da sua majestade, essa série de potências $N e^{-m} \left(1 + m + \frac{m^2}{2!} + \frac{m^3}{3!} + \dots + \frac{m^{n-1}}{(n-1)!}\right)$, termos

numerados segundo a queda de foguetes por quadrado, a dispensação de Poisson a determinar não apenas essas aniquilações a que homem algum pode escapar, mas também acidentes de cavalaria, contagens sanguíneas, decadência radioactiva, número de guerras por ano...

O Pointsman está de pé junto de uma janela, o vago reflexo do seu próprio rosto sacudido pela neve que se acumula lá fora no dia que escurece. De longe vem através das dunas um apito de comboio, tão granuloso quanto o nevoeiro tardio: um canto de galo — . — . — , um longo assobio, um outro canto, fogo à beira da linha, um foguete, outro foguete, nos bosques ou no vale...

Bom... Porque *não* renunciar ao Livro então Ned, desiste daquilo e é tudo, os dados obsoletos, os momentos isolados de poesia do Mestre, é só papel, tu não precisas disso, do Livro e da sua terrível maldição... antes que seja tarde demais... Sim, renega, prostra-te, oh fabuloso — mas diante de quem? Quem está à escuta? Mas ele tornou a voltar para a secretaria e pôs mesmo as suas mãos naquilo...

«Asno. *Asno* supersticioso.» Às voltas, de mãos vazias... estes episódios estão agora a surgir com maior frequênci. O declínio dele, a assolá-lo como o frio. Pumm, Easterling, Dromond, Lamplighter, Spectro... que deveria ele ter feito então, ido até à Secção Psi, pedido ao Eventyr que montasse uma sessão, para tentar apanhar ao menos um deles... talvez... sim... O que o impede? «Terei eu», sussurra ele contra a vidraça, os aspirados, os tardios plosivos a enevoarem o frio painel em leques de hálito, quente e desconsolado hálito, «tanto orgulho?» Uma pessoa não pode, *ele* não pode percorrer aquele corredor particular, não pode sequer sugerir, nem sequer ao Mexico, como sente a falta deles... embora mal conhecesse o Dromond, ou o Easterling... mas... sente a falta do Alan Lamplighter, que fazia apostas em qualquer coisa, sabem como é, cães, trovoadas, números de eléctricos, no vento de uma esquina e numa camisa a condizer, na distância a que chegaria um dado palerma, porventura... oh meu Deus... até aquele que lhe caiu em cima... o piano do Pumm em estilo

de arranjador e de barítono bêbedo, as aventuras dele entre as enfermeiras... o Spectro... Porque *não pode* ele perguntar? Quando há um cento de maneiras de o dizer...

Eu devia... deveria... Há, na história dele, tantos desses gestos por fazer, tantos «deveria» — deveria ter-se casado com ela, deixado o pai dela orientá-lo, deveria ter ficado em Harley Street, sido mais gentil, sorrido mais para os estranhos, retribuído até o sorriso da Maudie Chilkes hoje à tarde... porque não podia ele? Um raio de um tolo sorriso, porque não, o que o inibe, que voluta do mosaico? Olhos bonitos, de âmbar por detrás daqueles óculos governamentais... As mulheres evitam-no. Ele sabe de uma maneira geral o que é: ele é de arrepiar. Tem até consciência, normalmente, das ocasiões em que está a *ser* arrepiante — é uma certa disposição dos seus músculos faciais, uma tendência para suar... mas ele parece não conseguir *fazer* nada acerca disso, nem sequer consegue concentrar-se por tempo suficiente, elas distraem-no tanto — e logo a seguir ele sabe que está de novo a irradiar o velho arrepiamento... e a resposta delas a isso é previsível, põem-se a correr balbuciando gritos que só elas, e ele, podem ouvir. Oh mas como ele gostaria um dia de lhes dar algo que as *fizesse realmente gritar...*

Eis uma erecção a palpitar, ele irá masturbar-se outra vez para dormir hoje à noite. Uma constante sem alegria, uma instituição na sua vida. Mas a incitá-lo, pouco antes do brilhante pico, que imagens rodopiarão por ali? Ora, os torreões e águas azuis, as velas e os pincaros das igrejas de Estocolmo — o telegrama amarelo, o rosto de uma alta, sabedora e bela mulher voltado para ele a olhá-lo enquanto ele passa na limusina ceremonial, uma mulher que mais tarde, nada por acaso, o visitará na sua suite do Grand Hotel... nem *tudo* é mamilos empinados e cuequinhas de renda preta, sabem. Há entradas furtivas para quartos que cheiram a papel, votos satélites nesta ou naquela Comissão, as Cátedras, os Prémios... o que poderia comparar-se-lhe! *Mais tarde, quando fores mais velho, bás-de perceber,* diziam-lhe eles. Sim e sabe-o cada vez mais, cada ano de guerra é igual a uma dúzia dos de tempo de paz, ora esta, como eles tinham razão.

Como a sorte dele sempre soube, a sua sorte subcortical, bruta, o seu dom de sobrevivência enquanto outros e melhores homens são

arrebatados para a Morte, aqui está a porta, uma que ele tantas vezes imaginou em solitárias escovadelas de Teseu ao longo dos seus polidos corredores de anos: uma saída para fora do Pavlovianismo ortodoxo, que lhe mostra vistas de Norrmalm, Södermalm, do Parque dos Veados e da Cidade Velha...

Um a um eles vão sendo levados à sua volta: no pequeno círculo dos colegas dele a relação cresce vagarosamente até se tornar preponderante, mais fantasmas, mais a cada Inverno, e cada vez menos vivos... e com cada um, ele pensa sentir padrões do seu córtex a esclarecerem, acomodando-se para dormirem para sempre, partes de quem quer que ele seja agora perdendo toda a definição, revertendo para a estúpida química...

O Kevin Spectro não diferenciava tanto quanto ele entre Exterior e Interior. Ele via o córtex como um órgão de interface, mediando entre os dois, mas sendo *parte de ambos*. «Quando se vir como aquilo é realmente», perguntara ele certa vez, «como poderemos nós, algum de nós, estar separado?» Ele é o meu Pierre Janet, pensara o Pointsman...

Não tardará que, pela dialéctica do Livro, o Pointsman fique sozinho, caducando em isotropia num campo negro, até ao zero, esperando ser o último a ir... Haverá tempo? Ele *tem* de sobreviver... de tentar alcançar o Prémio, não para sua própria glória, não — mas para cumprir uma promessa, ao campo humano dos sete que ele outrora foi, aos que não conseguiram... Eis um retrato de tamanho médio, com ele iluminado por detrás, sozinho junto à alta janela do Grand Hotel, copo de uísque erguido para o brilhante sol subártico e *então à vossa saúde, companheiros, amanhã estaremos todos em cima daquele palco, o Ned Pointsman por acaso sobreviveu é só isso...* ATÉ ESTOCOLMO a bandeira e grito dele, e depois de Estocolmo uma névoa, um longo crepúsculo dourado...

Oh sim em tempos, sabem, ele acreditou mesmo num Minotauro que o esperava: costumava sonhar consigo próprio entrando de rompante no último quarto, de espada luzente a postos, berrando como um Comando, deixando por fim sair tudo aquilo — algum verdadeiramente maravilhoso pico de vida dentro de si pela primeira e última vez, enquanto o rosto se virava na sua direcção, antigo, cansado, não

vendo nenhuma da humanidade do Pointsman, somente pronto a assumi-lo em mais um há muito rotinizado encontrão do corno, raspar do casco (mas desta vez haveria luta, sangue de Minotauro daquela besta do caralho, gritos vindos de longe no interior dele próprio cuja masculinidade e violência o surpreendiam)... O sonho era este. Os cenários, o rosto, mudavam, pouco mais do que a estrutura sobrevivia à primeira chávena de café e comprimido liso e bege de Benzedrina. Poderia ser um vasto parque de estacionamento de camiões ao alvorecer, o pavimento lavado de fresco à mangueirada, mosqueado com manchas castanhas de gordura, os encapotados camiões verde-azeitona ali postados cada um com um segredo, cada um à espera... mas ele sabe que dentro de um deles... e por fim, vasculhando entre eles, acha-o, ao código de identificação impronunciável, trepa para a parte de trás, por baixo da lona, espera entre o pó e a luz acastanhada, até que entre o enfarruscado oblongo da janela da cabina um rosto, um rosto *que ele conhece* começa a virar-se... mas a estrutura subjacente é o rosto que se vira, o encontro dos olhares... perseguindo o Reichssieger Von Thanatz Alpdrucken, o mais elusivo dos mastins alemães, campeão Weimaraner de 1941, ostentando o número de linhagem 416 832 tatuado por dentro da sua orelha pelo meio de uma Alemanha Londrinizada, a sua forma de um cinzento hepático a recolher, pulando em crepusculares margens de canal pejadas de detritos de guerra, explosões de foguetes a falharem-nos de cada vez, a perseguição deles preservada, uma blindagem orlada de irrupções de fogo, o mapa de uma cidade sacrificial, de um córtex humano e canino, a cartilagem da orelha do cão ligeiramente torcida, o alto do crânio dele reflectindo brilhantemente as nuvens invernosas, até um abrigo revestido a aço enfiado quilómetros abaixo da cidade, uma ópera de intriga Balcânica, em cuja segurança hermética, entre cujos claustros de azuleia dissonância ocasionalmente reforçada ele é incapaz de escapar completamente devido ao modo como o Reichssieger persiste sempre, liderante, sereno, incancelável, e a cuja perseguição literal ele assim regressa, tem de regressar uma e outra vez num febril rondó, até estarem por fim numa qualquer encosta no termo de uma longa tarde de despachos do Armagedão, entre bancos escarlates de buganvílias, caminhos dourados onde se acumula o pó, pilares de fumo

muito distantes por cima da aranhenta cidade que eles atravessaram, vozes no ar falando da América do Sul reduzida a cinzas, o céu por cima de Nova Iorque cintilando roxo com o novo e mui soberano raio da morte, e é finalmente aqui que o cão cinzento pode virar-se e os olhos de âmbar olham para os do Ned Pointsman...

De cada vez, a cada viragem, o seu próprio sangue e coração são sacudidos, sovados, levados jubilosamente alto, e afinados pela gélida noctiluca, pelo clarão e a fusão da Thermite enquanto ele começa a expandir-se, uma luz irreprimível, enquanto as paredes da câmara ganham um luzimento de sangue, alaranjado, seguidamente branco e começam a escorregar, a fluir como cera, o que ali há de labirinto ruindo em anéis para o lado de fora, herói e horror, engenheiro e Ariadne consumidos, derretidos dentro da luz de si próprio, da louca explosão de si próprio...

Há anos. Sonhos de que ele mal se lembra. Os intermediários postaram-se há muito entre si próprio e a sua besta final. Negar-lhe-iam até a pequena perversidade de se apaixonar pela sua morte...

Mas agora com o Slothrop naquilo — súbito anjo, surpresa termodinâmica, seja ele o que for... irá aquilo mudar? Poderá o Pointsman vir a ter a sua oportunidade com o Minotauro afinal?

O Slothrop deve andar agora pela Riviera, quente, alimentado, bem fodido. Mas aqui por este final de Inverno inglês os cães, lançados de novo, continuam a percorrer as vielas e os becos, a cheirar os caixotes de lixo, a escorregar em tapetes de neve, a lutar, a fugir, estremecendo nas suas húmidas poças de azul-da-prússia... procurando evitar o que não pode ser cheirado ou visto, o que se anuncia com o rugido de um predador tão absoluto que eles se afundam na neve ganindo e rebolam de modo a oferecerem-Lhe as suas barrigas macias e abertas...

Terá o Pointsman renunciado a eles em favor de um sujeito humano ainda não testado? Não penseis que ele não tenha dúvidas quanto à validade deste esquema, pelo menos. Deixai que o Vigário de la Nuit se preocupe com a «justeza» disso, é ele o capelão do pessoal. Mas... e quanto aos cães? O Pointsman conhece-os. Ele escolheu-lhes habilmente as trancas das consciências. Não têm segredos. Ele pode

enlouquecê-los, e com brometos em doses adequadas pode trazê-los de volta. Mas o Slothrop...

O Pavloviano vai portanto estremecendo pelo seu gabinete, sentindo-se inquieto e velho. Deveria dormir mas não consegue. Tem de ser mais do que o simples condicionamento de uma criança, era uma vez. Como pode ele ser médico há tanto tempo e não ter desenvolvido reflexos para certas condições? Ele é que sabe: ele sabe que há mais. O Spectro morreu, e o Slothrop (*sentiments d'emprise*, meu velho, agora calma) estivera com a sua Darlene, a poucos quarteirões de Sta. Verónica, dois dias antes.

Quando um evento sucede a um outro com esta horrida regularidade, é claro que não se assume automaticamente que seja causa-e-efeito. Mas procura-se um qualquer mecanismo em que aquilo faça sentido. Sonda-se, concebe-se uma modesta experiência... Ele deve isso ao Spectro. Ainda que o Americano não seja legalmente um assassino, ele é doente. Deveria traçar-se-lhe a etiologia, achar-se-lhe o tratamento.

Há neste empreendimento, Pointsman sabe-o, um perigo de sedução. Devido à simetria... Ele já antes foi conduzido, sabem, no caminho ajardinado pela simetria: nos resultados de certos testes... ao assumir que um mecanismo deve implicar a sua imagem especular — «irradiação», por exemplo, e «indução recíproca»... e quem alguma vez dissera que alguma delas tinha de existir? Talvez seja assim também desta vez. Mas como isso o obceca, a simetria dessas duas armas secretas, no Exterior, lá no meio da Blitz, os sons da V-1 e da V-2, um deles o reverso do outro... Pavlov mostrara como as imagens especulares do Interior podiam ser confundidas. Ideias do oposto. Mas que nova patologia há agora no Exterior? Que doença nos eventos — na própria História — pode criar opostos simétricos como estas armas robóticas?

Sinais e sintomas. Teria o Spectro razão? Poderiam o Exterior e o Interior ser parte do mesmo campo? Ainda que para ser franco... para ser franco... o Pointsman deveria andar a procurar a resposta no interface... não deveria... no córtex do Tenente Slothrop. O homem irá sofrer — porventura, de alguma forma clínica, ser destruído — mas quantos outros sofrem hoje à noite em nome dele? Por amor de

Deus, a cada dia eles lá em Whitehall avaliam e aceitam riscos que fazem o dele, nisto, parecer quase trivial. Quase. Há qualquer coisa aqui, demasiado transparente e veloz para se conseguir determinar — a Secção Psi poderia falar de ectoplasmas — mas ele sabe que a ocasião nunca foi melhor, e que o exacto sujeito experimental está nas suas mãos. Tem de fechá-las agora, ou ficar condenado aos mesmos corredores de pedra, cujo término ele conhece. Mas tem de manter-se aberto — até à possibilidade de que o pessoal da Psi tenha razão. «Pode ser que tenhamos todos razão», aponta ele no seu diário hoje à noite, «pelo que poderá ser tudo o que especulámos, e mais ainda. Seja o que for que encontremos, não pode haver dúvida de que ele é, fisiologicamente, historicamente, um monstro. *Nunca podemos perder o controlo.* Pensar nele perdido no mundo dos homens, depois da guerra, enche-me de um profundo temor que não consigo extinguir...»



Cada vez mais, nestes dias de visita angélica e communiqué, o Carroll Eventyr sente-se uma vítima do seu bizarro talento. Como a Nora Dodson-Truck em tempos lhe chamou, a sua «esplêndida fraqueza.» Manifestou-se já tarde na vida: tinha ele 35 quando vinda do outro mundo, certa manhã junto ao Aterro, entre as pinceladas dos dois pastéis de um artista de rua, cor de salmão escurecendo-se em fulvo, e uma quantidade de descarnadas figuras humanas, andrajosas nas distâncias que se entretecia com os gradeamentos e o fumo do rio, de repente alguém estava a falar através do Eventyr, tão baixinho que a Nora quase nem percebera nada daquilo, nem sequer a identidade da alma que o tomara e usara. Nessa altura não. Parte daquilo era em alemão, de algumas palavras ela lembrava-se. Perguntaria ao seu marido, com o qual se iria encontrar nessa tarde lá para o Surrey — chegando tarde porém, todas as sombras, homens e mulheres, cães, chaminés, muito compridas e negras através do enorme relvado, e ela com uns laivos de ocre, quase nem se notando sob o sol tardio, que faziam uma forma de leque perto da borda do véu dela — era aquela cor que ela roubara da caixinha de madeira do pintor e com

destreza, virando-se suavemente, tocando somente com a ponta do sapato e o cremoso bloco de amarelo a esmigalhar-se na superfície, nunca saindo dele, desenhara uma grande estrela de cinco pontas no pavimento, logo a montante de uma pouco simpática representação do Lloyd George em heliotrópico e verde-mar: pegando no Eventyr pela mão para que se postasse dentro do pentágono central, gaivotas num grasnante diadema lá no alto, depois ela própria a entrar, com uns modos instintivos, maternais, os modos que ela usava com quem amasse. Ela desenhara o seu pentagrama nem sequer meio a brincar. Nunca se podia estar seguro, havia sempre mal...

Se ele a tivesse sentido, mesmo então, começando a retroceder... chamara o controlo do outro lado do Muro como modo de se aguentar? Ela estava a afundar-se na esteira dele, o olho social dele como luz à beira do anoitecer quando, durante porventura uns perigosos dez minutos, nada ajuda: põem-se os óculos e acendem-se os candeeiros, sentamo-nos junto à janela poente e mesmo assim continua a desaparecer, continua-se a perder a luz e talvez seja para sempre desta vez... uma boa altura do dia para aprender a rendição, aprender a minguar como a luz, ou como certa música. Essa rendição é o único dote dele. Após isso não se lembra de nada. Por vezes, raramente, poderá haver tantalizantes — não palavras, mas halos de sentido em torno das palavras que a boca dele evidentemente pronunciou, que apenas ficam para trás — caso fiquem — por um momento, como os sonhos, que não se podem conter nem revelar, e que, pouco depois, se vão embora. Ele esteve debaixo do EEG do Rollo Groast inúmeras vezes desde que pela primeira vez chegou à «Visitação Branca», e tudo tem uma normalidade de adulto a não ser por, oh uma ou duas vezes porventura há um pico desgarrado de 50 milivolts no lobo temporal, ora à esquerda ora à direita, na verdade sem padrão algum — na verdade uma espécie de controvérsia dos canais-de-Marte tem vindo a progredir durante estes anos entre os diferentes observadores — o Aaron Throwster jura ter visto formas de lentes ondas delta saindo do frontal esquerdo e suspeita de um tumor, no Verão passado o Edwin Treacle notou uma «mitigada alternância em pico-e-onda do *petit-mal*, curiosamente muito mais lenta do que as habituais três por segundo» — embora reconhecidamente

o Treacle tenha passado toda a noite anterior em Londres a debocchar com o Allan Lamplighter e a sua malta do jogo. Menos de uma semana depois a bomba zumbidora dera ao Lamplighter a sua oportunidade: de encontrar o Eventyr no outro lado e lhe provar que ele era o que outros haviam dito: um interface entre os mundos, um sensitivo. Lamplighter propusera apostas a 5-para-2. Mas até agora tem andado calado: nada nos moles discos de metal/acetato nem nas transcrições dactilografadas que não pudesse ser de uma dúzia de outras almas...

Lá vieram, a seu tempo, de tão longe quanto o instituto de Bristol para o mirarem, o medirem e sistematicamente duvidarem dos tarrantos da Secção Psi. Cá está o Ronald Cherrycoke, o notável psicométrista, olhos ligeiramente esvoaçantes, mãos a uns firmes dois centímetros e meio da caixa embrulhada em papel castanho na qual estão escondidas a bom recato certas lembranças do princípio da Guerra, uma gravata vermelho-escura, uma caneta de tinta permanente Schaeffer partida, um luzidio pince-nez de ouro branco, tudo isso pertencente a um Comandante de Grupo «Basher» St. Blaise, estacionado muito longe ao norte de Londres... quanto a este Cherrycoke, um moço de ar normal, talvez com algum peso a mais, começa agora a recitar com a sua guinchante pronúncia do Midland um sumário íntimo do Comandante de Grupo, as suas ansiedades a respeito da queda de cabelo, o seu entusiasmo com os desenhos animados do Pato Donald no cinema, um incidente durante o ataque a Lübeck que apenas ele e o seu Asa, agora falecido, haviam partilhado e concordado não reportar — nada que violasse a segurança: confirmado mais tarde, com efeito, pelo próprio St. Blaise sorrindo com a boca algo aberta bom quem está aqui a ser gozado sou eu e agora vão dizer-me como fizeram isso? De facto, como é que o Cherrycoke faz aquilo? Como fazem aquilo qualquer um deles? Como é que a Margaret Quartertone produz vozes em discos e gravadores de telefonia a quilómetros de distância sem falar nem tocar fisicamente no equipamento? E que oradores começam agora a reunir-se? Onde estão os grupos de cinco dígitos saindo daquilo que o Reverendo Dr. Paul de la Nuit, capelão e automatista de serviço, anda a escrever já há semanas, e que, sente-se isso sinistramente, ninguém lá em Londres sabe ao certo como descrever? O que significam os recentes sonhos de

fuga do Edwin Treacle, especialmente enquanto correlatos-no-tempo dos sonhos de queda da Nora Dodson-Truck? O que se acumula entre todos eles, que cada um ao seu modo bizarro pode testemunhar mas não em linguagem, nem sequer na língua franca dos gabinetes? Turbulências no éter, incertezas saídas dos ventos do karma. Aquelas almas do lado de lá do interface, aquelas a quem chamamos mortos, estão cada vez mais ansiosas e evasivas. Até o próprio controlador do Carroll Eventyr, o habitualmente sereno e sarcástico Peter Sachsa, aquele que o encontrara naquele dia de há muito junto ao Aterro e desde então — sempre que há mensagens a serem passadas para lá — até o Sachsa se tornou nervoso...

Ultimamente, como se tudo afinalasse pelo mesmo etéreo Décimo Programa, novas variedades de anormais tinham começado a aparecer pela «Visitação Branca», a todas as horas do dia e da noite, calados, a olharem, à espera de que tomassem conta deles, transportando máquinas de metal negro e vidro cor de pão de gengibre, perdidos em cerosos transes, aguardando hiperkineticamente somente a devida pergunta-chave para começarem a palrar 200 palavras por minuto acerca dos seus dotes especiais, terríveis. Um assalto. Que deveremos nós pensar do Gavin Trefoil, para cujo dom ainda nem sequer há um nome? (Rollo Groast quer chamar-lhe *autocromatismo*). O Gavin, o mais novo daqui, só com 17, consegue de alguma forma metabolizar como quer um dos seus aminoácidos, a tirosina. Isso produz melanina, que é o pigmento preto-acastanhado responsável pela cor da pele humana. O Gavin também consegue inibir tal metabolização ao — aparentemente — variar o nível de fenilalanina no seu sangue. Por isso ele consegue mudar a sua cor do mais atroz albino ao longo de um suave espectro até um muito profundo, arroxeadão, negro. Caso se concentre consegue manter isso, a um nível qualquer, durante semanas. Normalmente distrai-se, ou esquece-se, e regressa gradualmente ao seu estado de repouso, uma pálida compleição de ruivo sardento. Mas pode imaginar-se como ele foi útil ao Gerhardt von Göll durante a rodagem do filme do Schwarzkommando: ajudou a poupar literalmente horas de maquilhagem e de trabalho de iluminação, actuando como reflector variável. A melhor teoria de *como* é a do Rollo, mas é desesperadamente vaga — sabemos que as células

dérmicas que produzem a melanina — os melanócitos — fizeram outrora, em cada um de nós, num estádio primordial do desenvolvimento embrionário, parte do sistema nervoso central. Mas à medida que o embrião cresce, à medida que os tecidos começam a diferenciar-se, algumas dessas células nervosas afastam-se daquilo que virá a ser o SNC, e migram para fora até chegarem à pele, até se tornarem melanócitos. Conservam as suas formas originais ramificadas, o axónio e as dendrites da célula nervosa típica. Mas as dendrites são agora usadas para transportar não os sinais eléctricos mas o pigmento dérmico. O Rollo Groast acredita numa qualquer ligação, ainda por descobrir — alguma memória celular sobrevivente que, retrocolonial, ainda responda às mensagens do cérebro metropolitano. Mensagens que o jovem Trefoil poderá não conhecer conscientemente. «Faz parte», escreve o Rollo para casa ao idoso Dr. Groast no Lancashire, em elaborada vingança pelos contos de infância da Jenny Greenteeth à espera nos pântanos para o afogar, «parte de um antigo e clandestino drama ao qual o corpo humano somente serve como conjunto de muito alusivas, e frequentemente crípticas notas de programa — é como se o corpo que podemos medir fosse um fragmento desse programa encontrado lá fora na rua, ao pé de um magnífico teatro de pedra onde não podemos entrar. As convoluções da linguagem negaram-nos! o grande Palco, ainda mais escuro que o costumeiro negru-mê do Sr. Tyrone Guthrie... Dourados e espelhos, veludo vermelho, camada após camada de camarotes também eles todos na sombra, enquanto algures ao fundo daquele vasto proscénio, mais fundo que as geometrias por nós conhecidas, as vozes balbuciam segredos que nunca nos são transmitidos...»

— Tudo o que sai do SNC nós temos de arquivar aqui, comprehende. Acaba por ser um grande incómodo ao fim de uns tempos. A maior parte daquilo é completamente inútil. Mas nunca se sabe quando é que eles vão querer qualquer coisa. A meio da noite, ou durante a pior parte de um bombardeamento ultravioleta comprehende, isso para eles não faz diferença nenhuma.

— Alguma vez sai para ir dar uma volta... bom, até ao Nível Exterior?

(Uma longa pausa durante a qual a operacional mais velha fica a olhar muito abertamente, enquanto diversas alterações lhe percorrem as feições — divertimento, piedade, preocupação — até a mais nova tornar a falar.) De-desculpe, eu não queria ser —

— (Abruptamente.) Tenho de acabar por lho dizer, de uma maneira ou de outra, faz parte do relatório.

— Dizer-me o quê?

— Tal como mo disseram a mim em tempos. Nós vamos transmitindo, de uma geração à seguinte. (Não há assunto nenhum suficientemente plausível em que ela ache refúgio. Sentimos que para ela isto ainda não se tornou rotina. Agora por decência, ela tenta falar serenamente, ou mesmo baixinho). *Todos* nós vamos até ao Nível Exterior, jovem. Alguns imediatamente, outros só daí a um bocado. Mas mais tarde ou mais cedo toda a gente por aqui tem de se tornar Epidérmica. Sem excepções.

— Tem de —

— Lamento.

— Mas não será... Eu julgava que era apenas um — bom, um *mível*. Um sítio que se ia visitar. Não é...?

— Um cenário remoto, oh sim eu também — formações invulgares, uma espreitadela na Radiância Exterior. Mas somos todas *nós*, comprehende. Milhões de nós, transformadas em interface, em corno, e nada de sensação, e silêncio.

— Oh, meu Deus. (Uma pausa em que tenta absorver aquilo — depois, em pânico, repele-o:) Não — como pode você dizer uma coisa dessas — não se consegue sentir a *memória*? o puxão... nós estamos no exílio, temos casa! (Silêncio da parte da outra.) Aqui em baixo! Não lá em cima no interface. Aqui no SNC!

— (Baixinho.) Tem sido uma noção prevalecente. Centelhas caídas. Fragmentos de naves quebradas aquando da Criação. E um dia, de algum modo, antes do fim, uma reunião de volta a casa. Um mensageiro do Reino, chegando no último instante. Pois eu digo-lhe que não existe tal mensagem, nem tal casa — somente os milhões de últimos momentos... nada mais. A nossa história é um agregado de últimos momentos.

Ela atravessa a complexa sala densa com os seus flexíveis couros, teca esfregada com limão, ascendentes volutas de incenso, reluzente

equipamento óptico, desbotados tapetes da Ásia Central em ouro e escarlate, peças em ferro forjado que pendem com as costelas abertas, um longo, longo périplo pela ribalta, comendo uma laranja, gomo a ácido gomo, enquanto prossegue, o vestido de faille a esvoaçar lindamente, as elaboradas mangas deste caindo de ombros muito amplos até uns punhos compridos e justos com muitos botões todos num qualquer tom de terra que não tem nome — um verde de sebe, um castanho de barro, um toque de oxidação, um hálito do outonal — a luz dos candeeiros de rua penetra através de hastes de filodendro e de folhas digitadas detidas numa apreensão das últimas luzes que se coam do pôr-do-sol, tomba um tranquilo amarelo sobre as fiavelas talhadas em aço nos peitos dos pés dela e riscal-lhe os flancos e os altos saltos dos seus sapatos de cabedal, tão polidos que parecem não ter cor nenhuma para além dessa ténue luz citrina onde esta a toca, e eles recusam-na, como se fosse um beijo de masoquista. Entre os passos dela a tapeçaria relaxa-se na direcção do tecto, formas de solas e de saltos desaparecendo com visível vagar nas pilhas de lã. Uma única explosão de foguete vem ribombando através da cidade, desde muito longe a leste daqui, a leste-sudeste. A luz nos sapatos dela flui e suspende-se como o tráfego vespertino. Ela detém-se, recordando-se de algo: o traje militar a tremer, fios recheados de seda estremecendo aos apinhados milhares enquanto a fria luz resvala e *sai* tocando-lhes de novo as costas desprotegidas. Os cheiros a ardente almíscar e madeira de sândalo, a couro e a uísque derramado, ganham espessura na sala.

E ele — passivo como transe, permitindo à beleza dela: que nele penetre ou o evite, o que a ela mais lhe aprovou. Como há-de ele ser outro que não modesto receptor, preenchedor de silêncios? Todos os radii da sala são dela, aquoso celofane, rangente tangencial enquanto ela se vira sobre o eixo dos seus calcanhares, lancetando enquanto começa a retroceder no seu caminho. Poderá ele tê-la amado durante quase uma década? É incrível. Esta connoisseur de «esplêndidas fraquezas», governada não por qualquer lascivía ou até veleidade mas pelo vácuo: pela ausência de esperança humana. Ela é assustadora. Alguém lhe chamou uma niilista erótica... cada um deles, o Cherrycoke, o Paul de la Nuit, até, imaginaria ele, o jovem Trefoil,

até — foi o que ouviu — a Margaret Quartertone, cada um deles *usado* para a ideologia do Zero... para tornar a grande rejeição da Nora ainda mais espantosa. Pois... se ela efectivamente o ama: se todas as palavras dela, esta década de quartos e de conversas significaram alguma coisa... se ela o ama e mesmo assim lhe há-de negar, na pior das hipóteses do 5-para-2 negar-lhe o seu dom, negar-lhe o que está distribuído em cada célula dele... então...

Caso ela o ame. Ele é demasiado passivo, não tem coragem para se chegar à frente, como o Cherrycoke tentou fazer... Claro que o Cherrycoke é estranho. Ri-se com demasiada frequência. Também não a despropósito, mas *dirigido para* algo que ele julga que toda a gente consegue ver também. Todos nós a olhamos para um qualquer tendencioso filme de noticiário, o feixe do projector a cair num branco leitoso, pejado do fumo de sarças e charutos, Abdullas e Woodbines... os perfis iluminados do pessoal militar e das jovens senhoras são as beiras das nuvens: o masculino crepe de um boné do ultramar avançando para o interior do cinema obscurecido, o roliço brilho de uma perna de seda com a biqueira indolentemente enfiada entre dois assentos da fila da frente, os vivamente sombreados turbantes de veludo e as plumosas pestanas por baixo. Entre os débeis e lubrícios casais de hoje à noite, Ronald Cherrycoke está a rir-se e a envergar a sua solidão, quebradiça, que se racha com facilidade, que solta goma entre as fendas, uma estranha gabardina do plástico mais instável... De todos os esplêndidos seguidores que ela tem, é ele quem empreende as mais perigosas viagens ao vazio dela, procurando um coração a cujos ritmos *ele* apele. Isso deve espantá-la, à Nora-tão-desapiedada, o Cherrycoke ajoelhado, agitando-lhe as sedas, entre as mãos dele história antiga fluindo em correntes parasitas — cachecóis de lima, aqua, trânsito de lavanda, alfinetes, broches, escorpiões opalescentes (o signo em que ela nasceu) dentro de guarnições de ouro em trisqueis, fivelas de sapato, leques de nácar quebrados e programas teatrais, presilhas de suspensórios, peúgas escuras, esgalgadas, de antes da austeridade... nos desacostumados joelhos dele, mãos a nadarem, a virarem, procurando o passado dela em vestígios moleculares tão precários entre o fluxo dos objectos, o progresso através das mãos dele, ela deliciada em lançar as suas negações,

cobrindo os ataques dele (de perto, muitas vezes à última) com engenho como se fosse uma comédia de sala de estar...

É um jogo perigoso aquele que o Cherrycoke está a jogar aqui. Muitas vezes ele pensa que o puro volume de informação que lhe perpassa entre os dedos se saturará, o queimará... ela parece determinada a soterrá-lo com a história dela e a dor desta, e sua aresta, sempre acabada de talhar na pedra, cerceando as esperanças dele, todas as esperanças deles. Ele respeita-a: sabe que muito pouco disso é teatralidade feminina, realmente. Ela *virou* o seu rosto, por mais que uma vez, para a Radiância Exterior e simplesmente nada viu ali. E por isso cada vez levou um pouco mais do Zero para dentro dela. Acaba por resumir-se em coragem, na pior das hipóteses uma quantidade de autodelírio que vai sempre diminuindo: ele tem de admirar-lha, ainda que não consiga aceitar-lhe as vítreas dissipações, os apelos dela a um dia não de ira mas de derradeira indiferença... Tal como ela não consegue aceitar a verdade que ele conhece sobre si mesmo. Ele com efeito recebe emanações, impressões... o grito dentro da pedra... beijos excrementais invisivelmente cosidos ao colarinho de uma velha camisa... uma traição, um informador cuja culpa um dia enfermará em cancro da garganta, retinindo como a luz do dia através das fourchettes e arabescos de uma despedaçada luva italiana... O anjo do Basher St. Blaise, quilómetros para além da designação, erguendo-se acima de Lübeck naquele Domingo de Ramos com as cúpulas verde-veneno a seus pés, um obsessivo entrecruzar de azulejos vermelhos correndo para cima e para baixo de mil telhados bicudos enquanto os bombardeiros viravam e picavam, o Báltico já perdido num pálio de fumo incendiário lá atrás, aqui estava o Anjo: cristais de gelo arrebatados silvando das bordas traseiras de asas perigosamente fundas, abrindo-se enquanto eram deslocadas para novo abismo branco... Durante meio minuto o silêncio de rádio interrompido. Sendo o tráfego:

St. Blaise: Feira de Abortos Dois, *você viu aquilo*, escuto.

Asa: Daqui Feira de Abortos Dois — afirmativo.

St. Blaise: Óptimo.

Mais ninguém na missão parecia ter usado a comunicação rádio. Após o ataque, o St. Blaise fora inspecionar o equipamento dos que

haviam regressado à base e não descobrira nada de errado: todos os cristais em frequência, as fontes de energia tão lisas quanto seria de esperar — mas outros lembravam-se como, durante os escassos momentos que a visitação durara, até a estática desaparecera dos auscultadores. Alguns poderão ter ouvido uma alta cantoria, como um vento entre mastros, ovéns, painéis ou pratos de antenas das esquadras invernais lá em baixo no estaleiro... mas somente o Basher e o seu asa viram aquilo, passeando diante das ígneas léguas de rosto, os olhos, que se elevavam por milhas, desviando-se para acompanharem o voo deles, as íris vermelhas como brasas toldando-se de amarello em branco, enquanto eles largavam todas as suas bombas sem qualquer padrão particular, a mira Norden é uma complicação, gotas de suor no ar a toda volta daquele óculo que está sempre a girar, espantados pela inesperada necessidade de eles subirem, desistirem de um ataque à terra por um ataque ao céu...

O Comandante de Grupo St. Blaise não incluiu uma descrição desse anjo no seu relatório oficial, sendo a oficial da W.A.A.F. que o interrogou conhecida na base como o pior tipo de dragão literalista (ela remetera o Blowitt para a psiquiatria devido à sua Valquíria em arco-íris por cima de Peenemünde, e o Creephams devido aos cintilantes gremlins azuis que se espalhavam como aranhas pelas asas do seu Typhoon e caíam devagarinho para os bosques de Haia em pequenos pára-quedas da mesma cor). Mas, raios, aquilo não era uma nuvem. Oficiosamente, nos quinze dias que mediaram entre o incêndio de Lübeck e a ordem de Hitler para «ataques terroristas de natureza retaliatória» — referindo-se às armas V — a notícia do Anjo espalhou-se por ali. Embora o Comandante de Grupo se mostrasse relutante, o Ronald Cherrycoke foi autorizado a sondar certos objetos transportados no voo. Assim se revelara o Anjo.

O Carroll Eventyr tentou então chegar até ao Terence Overbaby, o asa do St. Blaise. Assaltado por um enxame de MEs e sem saída. Os sinais de entrada eram confusos. O Peter Sachsa intimara que havia na verdade muitas versões do Anjo que poderiam servir. O Overbaby não estava tão disponível quanto certos outros. Há problemas com os níveis, e com o Julgamento, no sentido do Tarot... Isto faz parte da tempestade que de vez em quando os arrasta a todos, em ambos

os lados da Morte. É desagradável. Pelo lado dele, o Eventyr tende a sentir-se inteiramente vitimizado, um pouco ressentido até. O Peter Sachsa, pelo seu, perde espantosamente as estribeiras e tomba na nostalgia pela vida, a velha paz, a decadência de Weimar que o mantinha nutrido e em movimento. Derrubado à força em 1930 por um golpe de um cacete policial durante uma acção de rua em Neukölln, ele recorda agora, sentimentalmente, noites de madeira escura e esfregada, fumo de charuto, senhoras em jade talhado, panne, attar de rosas-damasquinas, as mais recentes pinturas angulares em pastel nas paredes, as mais recentes drogas dentro das muitas gavetinhas da mesa. Mais do que qualquer mero «Kreis», na maior parte das noites floresciam mandalas inteiras: todos os graus da sociedade, todos os bairros da capital, de palmas para baixo naquele famoso verniz de sangue, tocando somente com os mindinhos. A mesa do Sachsa era como um profundo lago na floresta. Abaixo da superfície as coisas estavam a mexer, a deslizar, começando a erguer-se... O Walter Asch («Taurus») foi visitado certa noite por algo de tão invulgar que foram precisos três «Hieropons» (250 mg) para o trazer de volta, e mesmo assim ele mostrava-se relutante em dormir. Todos ficaram a observá-lo, em filas desiguais que pareciam formações atléticas, o Wimpe da IG que por acaso controlava a dosagem do Hieropon ao Sargner, um civil adstrito ao Estado-Maior, ladeado pelo Tenente Weissmann, recentemente regressado do Sudoeste Africano, e o ordenança Herero que ele trouxera consigo, a olharem, a olharem para todos eles, para tudo... enquanto atrás deles se moviam senhoras em sibilante serpentejar, lantejoulas e meias de alto albedo a cintilarem, maquilhagem a preto-e-branco em delicado alarme nasal, olhos abertos fazendo *oh...* Cada rosto que observava o Walter Asch era um palco de fantoches: cada um uma rotina separada.

... mostra boas mãos sim prostradas e pulsos consentâneos com depressão respiratória por relaxamento muscular...

... mesmo... mesmo... o meu próprio rosto branco no espelho
três três-e-meia quatro marcha das Horas relógio tiquetaque sala não
se pode entrar não não há luz que chegue não há que chegue não
aaahhh —

... teatro nada mas o Walter a sério olha para o ângulo esquisito da cabeça quer apanhar luz óptimo luz de fundo ponham um filtro amarelo...

(Uma pneumática rã de brinquedo salta para o alto de uma folha de lírio tremendo: abaixo da superfície há um terror... um cativeiro tardio... mas ele flutua agora sobre a cabeça daquilo que o levaria de volta... os olhos dele não podem ser lidos...)

... mba rara m'eroto ondyoze... bem mu munine m'oruroto ayo u n'omuinyo... (ainda mais atrás do que isto há um entrancado de fios ou cordame, uma teia gigantesca, uma torção de couro, de músculos no duro aperto de algo que vem para lutar quando a noite é profunda... e um sentido, também, de visitação pelos mortos, seguidamente uma doentia sensação de que eles não sejam tão amigáveis quanto pareciam ser... ele foi acordado, gritou, procurou explicação, mas ninguém alguma vez lhe disse algo em que ele pudesse acreditar. Os mortos falaram com ele, vieram e sentaram-se, partilharam do seu leite, contaram histórias de antepassados, ou de espíritos de outras partes da savana — pois do lado deles tempo e espaço não têm qualquer significado, tudo está junto).

«Há sociologias», o Edwin Treacle, o cabelo dele a ir para todas as direcções, tenta acender uma cachimbada de miseráveis sobras — folhas outonais, pedaços de cordel, pontas de cigarro, «para as quais ainda nem sequer começámos a olhar. A sociologia da nossa gente, por exemplo. A Secção Psi, a S.I.P., as velhinhos em Altrincham que tentam convocar o Diabo, todos os que estamos deste lado, compreendem, ainda somos apenas metade da história.»

«Cuidado com esse “nós”», o Roger Mexico, hoje distraído por um cento de coisas, ajustamentos de chi-ao-quadrado que se recusam a toda a transposição, manuais que não se encontram, a ausência da Jessica...

«Não faz sentido a menos que consideremos também aqueles que passaram para o outro lado. Nós transaccionamos com eles, não é? Por meio de especialistas como o Eventyr e os seus controlos no lado de lá. Mas todos juntos formamos uma única subcultura, uma comunidade psíquica, se quiserem.»

«Eu não quero», diz o Mexico secamente, «mas sim suponho que alguém deveria olhar para isso.»

«Há povos — estes Hereros por exemplo — que todos os dias comerceiam com os seus antepassados. Os mortos são tão reais quanto os vivos. Como se pode compreendê-los sem tratar ambos os lados da parede da morte com a mesma abordagem científica?»

E no entanto para o Eventyr não é a transacção social que o Treacle espera que seja. Não há memória pelo lado dele: nenhum registo pessoal. Ele tem de ler sobre isso nos apontamentos dos outros, ouvir discos. O que significa que ele tem de confiar nos outros. *Isso* é que é uma situação social complicada. Ele tem de basear a maior parte da sua vida na probidade de homens encarregados de agirem como interface entre o que ele supostamente é e ele próprio. Eventyr sabe como está próximo do Sachsa no outro lado, mas não se *recorda*, e foi educado como um Cristão, um Europeu Ocidental, que acredita na primazia do eu «consciente» e das memórias deste, encarando tudo o resto como anormal ou trivial, e por isso está perturbado, profundamente...

As transcrições são um documento sobre o Peter Sachsa bem como sobre as almas que ele põe em contacto. Descrevem, em certo detalhe, o seu obsessivo amor pela Leni Pökler, que era casada com um jovem engenheiro químico e também activa junto do K.P.D., viajando entre o 12.º Bairro e as sessões do Sachsa. Todas as noites em que ela vinha a ele apetecia-lhe chorar perante a visão do cativeiro dela. Nos esborriscados olhos dela havia claro ódio a uma vida que ela não largava: um marido que ela não amava, uma criança pela qual ela não aprendera a deixar de sentir-se culpada por não a amar o bastante.

O marido Franz tinha uma ligação, demasiado vaga para que o Sachsa a transmitisse, com a Manutenção do Exército, e por isso também havia barreiras ideológicas que nenhum deles encontrava energia suficiente para superar. Ela frequentava acções de rua, o Franz reportava à instalação de foguetes em Reinickendorf após embarcar o seu chá ao princípio da manhã numa sala cheia de mulheres que ele pensava estarem rabugentas e à espera de que ele se fosse embora: que traziam os seus molhos de folhetos, as suas mochilas recheadas de livros ou jornais políticos, filtrando-se entre os esquálidos pátios de Berlim ao alvorecer...



Estão trémulos e famintos. No Studentenheim não há aquecimento, não há muita luz, milhões de baratas. Um cheiro a couve, velha do segundo Reich, couve das avós, a fumo de toucinho que encontrou, ao longo dos anos, alguma *détente* com o ar que procura fazê-lo sucumbir, cheiros a longa doença e a ocupação terminal soltam-se das paredes em ruína. Uma das paredes está manchada de amarelo com detritos das canalizações partidas no andar de cima. A Leni senta-se no chão com quatro ou cinco outros, passando um escuro pedaço de pão. Num húmido ninho de *Die Faust Hoch*, edições antigas que ninguém irá ler, dorme Ilse a filha dela, respiração tão ténue que mal se vê. As pestanas dela fazem sombras enormes nas curvas superiores das suas bochechas.

Partiram para sempre desta vez. Esta sala servirá por mais um dia, talvez dois... depois disso a Leni não sabe. Trouxe uma valise para elas as duas. Saberá ele o que significa para uma mulher nascida sob o Caranguejo, uma mãe, ter todo o seu lar numa valise? Ela tem consigo alguns marcos, o Franz tem os seus foguetes de ir à lua para brincar. Acabou mesmo.

Tal como ela costumava sonhá-lo, iria ter directamente com o Peter Sachsa. Se ele não a acolhesse, pelo menos ajudá-la-ia a achar um emprego. Mas agora que ela realmente se separou do Franz... há qualquer coisa, alguma nefasta beligerância de signo-de-terra que se levanta no Peter de vez em quando... Ultimamente ela não tem certezas acerca das disposições dele. Ele anda a ser pressionado por níveis que ela adivinha serem mais altos que o habitual, e não anda a lidar bem com isso...

Mas as piores birras infantis do Peter sempre são melhores do que os mais tranquilos serões com o seu marido Peixes, nadando nos seus mares de fantasia, impulso de morte, misticismo de foguete — o Franz é mesmo do tipo que eles querem. Eles sabem como usar *isso*. Eles sabem como usar quase toda a gente. O que sucederá aos que eles não conseguem usar?

Rudi, Vanya, Rebecca, eis aqui uma fatia de vida de Berlim, mais uma obra-prima da Ufa, símbolo de Estudante da La Bohème, símbolo de Eslavo, símbolo de Judia, olhai para nós: a Revolução. Claro

que não há Revolução, nem sequer no Kinos, nenhum *Outubro Alemão*, não sob esta «República». A Revolução morreu — embora a Leni fosse ainda menina e não política — com Rosa Luxemburgo. O melhor que há para acreditar agora é uma Revolução-no-exílio-em residência, uma continuidade, sobrevivendo na lúgubre margem ao longo destes anos de Weimar, esperando o seu momento e a sua Luxemburgo reencarnada...

UM EXÉRCITO DE AMANTES PODE SER DERROTADO. Estas coisas aparecem nas paredes dos distritos Vermelhos no decurso da noite. Ninguém consegue detectar o autor ou pintor de nenhuma delas, o que leva a suspeitar que sejam um e o mesmo. É o que basta para nos fazer acreditar numa consciência-popular. Não são tanto palavras de ordem quanto textos, revelados numa ordem para ser pensada, expandida, traduzida em acção pelo povo...

«É verdade», agora o Vanya, «olhem para as formas de expressão capitalista. Pornografias: pornografias de amor, amor erótico, amor Cristão, o rapaz-e-seu-cão, pornografias de pores-do-sol, pornografias de matanças, e pornografias de dedução — *ahh*, aquele suspiro quando nós adivinhamos o assassino — todos esses romances, esses filmes e canções com que eles nos embalam, são aproximações, umas mais confortáveis que outras, ao tal Conforto Absoluto.» Uma pausa para permitir a Rudi um lesto e amargo sorriso. «O orgasmo auto-induzido.»

«Absoluto?» Rebecca adiantando-se sobre os seus joelhos nus para lhe estender o pão, húmido, a derreter-se do toque da boca molhada dela, «Duas pessoas são —»

«Duas pessoas é o que te dizem», Rudi não chega a sorrir inteiramente. Pelo meio da atenção dela, tristemente e não pela primeira vez por estes lados, passa a frase *supremacia masculina...* porque apreciam eles tanto a sua masturbação? «mas na natureza é praticamente desconhecido. A maior parte dela é solitária. Tu sabes isso.»

«Eu sei que há quem se venha ao mesmo tempo», é tudo o que ela diz. Embora nunca tenham feito amor ela diz-lhe aquilo como uma reprimenda. Mas ele afasta-se como nós fazemos dos que acabaram de efectuar um qualquer embaraçador apelo à fé não há maneira de levar aquilo mais adiante.

A Leni, do interior do seu tempo perdido com o Franz, sabe o suficiente sobre vir-se a sós. De início a passividade dele impedia-a de se vir de todo. Depois comprehendeu que podia inventar qualquer coisa para ocupar a liberdade que ele lhe concedia. Aquilo tornou-se mais confortável: ela conseguia sonhar tais ternuras entre eles (pouco tardou que andasse a sonhar também com outros homens) — mas tornou-se mais solitário. Porém as linhas dela não se vincarão suficientemente depressa, a boca dela não aprenderá a endurecer-se perante um rosto com que ela continua a surpreender-se, um rosto de criança devaneante, que a denuncia a quem o vir, exactamente o tipo de fraqueza amaciada pela gordura, desfocada, que leva os homens a lê-la como Menina Dependente — até no Peter Sachsa ela já viu esse olhar — e o sonho é o mesmo que ela foi encontrar enquanto o Franz resmungava no interior dos seus próprios negros desejos de dor, um sonho de brandura, luz, o criminoso coração dela redimido, não mais a necessidade de correr, de lutar, um homem chegando tranquilo como ela e forte, a rua tornando-se uma memória distante: exactamente aquele sonho que cá por fora ela menos pode conceder a si mesma. Ela sabe quem tem de personificar. Especialmente com a Ilse a observá-la mais. A Ilse não irá ser usada.

A Rebecca tem prosseguido uma discussão com o Vanya, meio namoriscada, o Vanya a tentar manter tudo aquilo em código intelectual, mas a Judia a reverter, uma e outra vez, para o corpóreo... tão sensual: os interiores das coxas dela, logo acima do joelho, macios como óleo, o retesamento de todos os músculos dela, o rosto alerta, a Judenschnautze a fazer negaças, a incitar, os vislumbres da língua contra os lábios grossos... como seria, ser-se levada para a cama por ela? Fazê-lo não apenas com uma outra mulher, mas com uma *Judia*... A escureza animal delas... os quartos traseiros transpirados, impelindo agressivamente na direcção da cara dela, cabelos negros escurcendo-se em fino crescente ao redor de cada nádega a partir da racha... a cara virada por cima de um ombro sorrindo em rude deleite... tudo de surpresa, na verdade, durante um momento de refúgio num pálido quarto amarelo, enquanto os homens percorriam os corredores lá fora com sorrisos drogados... «Não, com tanta força não. Devagarinho. Eu digo-te quando hás-de fazer com mais força...»

A pele trigueira da Leni, o seu ar de inocência, e o tom mais escuro da Judia, a crueza dela, contrastando com a delicadeza de pele e estrutura da Leni, ossos pélvicos esticando lisas teias de aranha pelas virilhas abaixo e ao redor da barriga, as duas mulheres a deslizarem, a rosnarem, a ofegarem... *Eu sei que há quem se venha ao mesmo tempo...* e a Leni a acordar sozinha — a Judia já lá por fora num qualquer outro quarto do lugar — nunca tendo conhecido o instante em que ela tombara no seu verdadeiro sonho de criança, uma suave alteração de estado que simplesmente não acontecia com o Franz... Por isso ela escovara e compusera com os dedos o seu cabelo para mostrar algo do que sentia acerca da clientela da noite e passeara-se até aos banhos, despida sem cuidar que olhos estavam postos nela e enfiou-se no calor corporal, no convencional perfume daquilo... De repente, entre uma gritaria e a humidade que poderia ter dificultado a concentração, ela viu, ali, no alto de uma das bancadas, olhando para ela cá em baixo... Sim era o Richard Hirsch, da Mausigstrasse, tantos anos atrás... ela soube de imediato que o seu rosto jamais parecera tão vulnerável — conseguiuvê-lo nos olhos dele...

Ao redor deles os outros chapinhavam, faziam amor, desempenhavam monólogos cómicos, talvez fossem amigos dele — sim não andava aquele Siggi ali a dar às pernas como uma rã, nós chamávamos-lhe «o Meia-Leca», não cresceu um centímetro desde então... desde que fugimos de casa ao longo do canal, tropeçámos e caímos sobre as pedras mais duras que há no mundo, e acordámos pelas manhãs para ver neve nos raios das rodas da carroça, vapor a sair pelo nariz do velho cavalo... «Leni. Leni.» O cabelo do Richard todo esticado para trás, o corpo dele dourado, debruçando-se para a retirar do vaporoso banho, para a sentar a seu lado.

«Pensava que tu tinhast...» ela está nervosa, não sabe como há-de dizer isto. «Alguém me disse que tu não tinhast voltado de França...» Ela fica a olhar para os seus joelhos.

«Nem sequer as raparigas francesas conseguiam ter-me mantido em França.» Ele ainda lá está: ela sente-o tentando olhar-lhe para os olhos: e ele fala com tanta simplicidade, está tão vivo, com certeza que as raparigas francesas devem ser mais coercivas do que as metralhadoras inglesas... ela sabe, cheia de pranto pela inocência dele, que

ele não pode ter estado com ninguém por lá, que as raparigas francesas ainda são para ele belas e remotas agentes do Amor...

Na Leni, agora, nada do seu longo emprego se nota, nada. Ela é a criança para a qual ele olhava do outro lado dos carreiros do parque, ou que encontrava arrastando os pés até casa pelos gassen sob aquela luz de crosta castanha, a cara dela, nesses tempos um pouco larga, virada para baixo, louras sobrancelhas franzidas, mala dos livros na mão, mãos nos bolsos do avental... algumas das pedras dos muros eram brancas como grude... ela poderá tê-lo visto chegar do outro lado, mas ele era mais velho, sempre com amigos...

Agora todos se tornam menos barulhentos ao redor deles, mais deferentes, tímidos até, felizes por Richard e Leni. «Mais vale tarde que nunca!» guincha o Siggi na sua acelerada voz de anão, pondo-se em bicos de pés para verter vinho de Maio em todos os copos deles. A Leni vai pentear de novo o seu cabelo e aclará-lo um pouco, e a Rebecca acompanha-a. Falam, pela primeira vez, de planos e futuros. Sem se tocarem, o Richard e ela apaixonaram-se, como então deveriam tê-lo feito. Entende-se que ele a levará dali consigo...

Antigos amigos do Gymnasium têm aparecido nos últimos dias, trazendo exóticas comidas e vinhos, novas drogas, muita franqueza e honestidade em assuntos sexuais. Ninguém se dá ao trabalho de se vestir. Mostram uns aos outros os seus corpos nus. Ninguém se sente ansioso, nem ameaçado pelo tamanho dos seus seios ou do seu pénis... Tudo é lindamente relaxante para todos. A Leni ensaia o seu novo nome, «Leni Hirsch», por vezes até quando está sentada com o Richard à mesa de um café pela manhã: «Leni Hirsch», e ele até se ri, embarracado, tenta olhar para outro lado mas não consegue fugir aos olhos dela e finalmente vira para ela em pleno o seu próprio olhar, ri-se alto, um riso de puro júbilo, e estende a mão, a palma da sua querida mão, para lhe segurar o rosto...

Num multinivelado fim de tarde de varandas, terraços, audiências agrupadas nos diferentes níveis, todos a olharem para baixo, na direcção de um centro comum, galerias de mulheres novas com folhas verdes à cintura, altas árvores perenes, relvados, águas correntes e solenidade nacional, o Presidente, a meio de pedir ao Bundestag, com a sua familiar voz obstruída e nasalada, uma gigantesca aprovação de guerra, interrompe-se subitamente: «Oh, que se foda...»

Fickt es, a frase que não tardará a ser imortal, ressoa no céu, ressoa sobre a terra, *Ja, fickt es!* «Vou mandar todos os soldados para casa. Vamos fechar as fábricas de armamento, vamos atirar todas as armas para o mar. Estou farto de guerra. Estou farto de acordar todas as manhãs com medo de que vá morrer.» Subitamente não é mais possível detestá-lo: ele é agora tão humano, tão mortal, como qualquer uma das pessoas. Haverá novas eleições. A Esquerda apresentará uma mulher cujo nome nunca é dado, mas toda a gente sabe que é a Rosa Luxemburgo. Os outros candidatos escolhidos serão tão inaptos ou incolores que ninguém votará neles. Haverá uma oportunidade para a Revolução. O Presidente prometeu.

Incrível júbilo nos banhos, entre os amigos. Verdadeiro júbilo: os eventos num processo dialéctico não podem suscitar esta explosão do coração. Toda a gente está em amor...

UM EXÉRCITO DE AMANTES PODE SER DERROTADO.

O Rudi e o Vanya passaram a discutir tácticas de rua. Algures há água que pinga. A rua entra por ali, faz-se sentir em toda a parte. A Leni conhece-a, detesta-a. A impossibilidade de qualquer descanso... ter de confiar em estranhos que podem andar a trabalhar para a polícia, se não agora então um pouco depois, quando a rua se tornou para eles mais desolada do que conseguem suportar... Ela gostava de conhecer maneiras de a manter longe da sua filha, mas para isso pode já ser tarde demais. O Franz — o Franz nunca andou muito na rua. Sempre uma desculpa qualquer. Preocupado com a segurança, em ser apanhado numa imagem fortuita por algum dos fotógrafos vestidos de cabedal, que andarão sempre pelas margens da acção. Ou terá sido, «O que faremos com a Ilse? E se houver violência?» Se houver violência, o que faremos com o Franz?

Ela tentou explicar-lhe o nível que se alcança, a pés juntos, quando perdemos o medo, quando o perdemos de todo, penetrámos no momento, deslizando perfeitamente nas espiras deste, cinzento-metálico mas suave como látex, e agora as figuras estão a dançar, cada uma delas pré-coreografada exactamente onde está, o vislumbre de joelhos sob o vestido cor de pérola quando a rapariga da babushka se inclina para pegar numa pedra da calçada, o homem do paletó preto e camisola castanha sem mangas agarrado pelos polícias um

em cada braço, tentando manter a cabeça levantada, mostrando os seus dentes, o liberal mais idoso com o sobretudo bege encardido, a recuar para se desviar das oscilações de um manifestante, olhando para trás por cima da sua lapela como-se-atreve ou olhe-lá-*eu-não*, os óculos dele repletos do brilho do céu invernal. Há o momento, e as suas possibilidades.

Ela até tentara, com o pouco cálculo que conseguira aprender, explicá-lo ao Franz como Δt tendendo para zero, tendendo eternamente, as fatias do tempo tornando-se cada vez mais finas, uma sucessão de salas cada uma delas com paredes cada vez mais prateadas, transparentes, enquanto a pura luz do zero se aproxima...

Mas ele abanou a cabeça. «Não é o mesmo, Leni. O importante é levar-se uma função ao seu limite. Δt é apenas uma conveniência, para que isso possa acontecer.»

Ele tem, tinha, essa maneira de remover toda a excitação das coisas com poucas palavras. Nem sequer palavras bem escolhidas: ele é assim por instinto. Quando iam ver filmes ele adormecia. Adormeceu durante os *Nibelungen*. Perdeu Átila o Huno vindo impetuosamente do Leste para dizimar os Burgúndios. O Franz adorava filmes mas era assim que ele os via, cabeceando enquanto adormecia e acordava. «Tu és o homem da causa-e-efeito», berrara ela. Como é que ele ligava os fragmentos que via enquanto os seus olhos estavam abertos?

Ele era o homem da causa-e-efeito: implicava com a astrologia dela sem piedade, dizendo-lhe aquilo em que ela devia acreditar, e a seguir negando-lho. «Marés, interferência rádio, e muito pouco mais. Não há maneira de as mudanças de lá produzirem mudanças aqui.»

«Não é produzir», tentava ela, «não é causa. Anda tudo junto. Em paralelo, não em série. Metáfora. Sinais e sintomas. Cartografando diferentes sistemas de coordenadas, não sei...» Ela não sabia, tudo o que ela andava a tentar fazer era atingir.

Mas ele disse: «Tenta conceber qualquer coisa dessa maneira e fazê-la funcionar.»

Foram ver o *Die Frau im Mond*. Franz estava divertido, condescendente. Implicou com pormenores técnicos. Conhecia algumas das pessoas que tinham trabalhado nos efeitos especiais. A Leni viu um sonho de voo. Um de muitos possíveis. O voo autêntico e os sonhos

de voo andam a par. Ambos fazem parte do mesmo movimento. Não é A antes de B, mas todos juntos...

Poderia algo com ele ter durado? Se o lobo Judeu Pflaumbaum não tivesse ateado o archote à sua própria fábrica de tintas junto ao canal, o Franz poderia ter laborado os dias deles sempre dedicado ao impossível esquema do Judeu para desenvolver tinta padronizada, dissolvendo cristal atrás de paciente cristal, controlando as temperaturas com obsessivo cuidado para que ao arrefecer o amorfo turbilhão pudesse, desta vez pudesse, subitamente mudar, fixar-se em faixas, pintinhas, xadrez, estrelas de David — em vez de encontrar ao início de certa manhã uma vastidão enegrecida, latas de tinta explodidas em grandes estouros de carmim e verde-garrafa, cheiros a madeira ardida e a nafta, o Pflaumbaum a torcer as mãos oy, oy, oy, aquele vil hipócrita. Tudo por causa do seguro.

Por isso o Franz e a Leni andaram com muita fome durante uns tempos, com a Ilse crescendo na barriga dela a cada dia. Os trabalhos que apareciam eram servis e o que rendiam mal interessava. Aquilo andava a dar cabo dele. Encontrou então o seu velho amigo da T.H. Munich numa noite em que saiu até aos pantanosos subúrbios.

Tinha andado fora de casa todo o dia, o marido proletário, colando cartazes que anunciamavam uma qualquer feliz fantasia cinematográfica de Max Schlepzig, enquanto a Leni ficava deitada e grávida, obrigada a virar-se quando a dor nas suas costas se tornava forte demais, dentro do seu caixote do lixo mobilado no último dos Hinterhöfe do prédio de apartamentos. Já fazia escuro há muito e bastante frio quando o balde de cola dele ficou vazio e os anúncios todos colados para se poder mijar neles, rasgá-los, pintar-lhes suásticas por cima. (Pode ter sido um filme de quota. Pode ter havido um erro de impressão. Mas quando ele chegou ao teatro na data que estava impressa no cartaz, encontrou o sítio às escuras, pedaços de estuque sujando o chão do átrio, e um barulho terrível lá muito ao fundo do teatro, o som de uma equipa de demolição a não ser por não haver vozes, nem sequer qualquer luz que ele conseguisse avistar lá atrás... chamou, mas o barulho limitou-se a prosseguir, um alto ranger das entranhas por detrás do alpendre eléctrico, que ele reparou então estar em branco...) Deambulara, cansadíssimo, quilómetros para norte

em direcção a Reinickendorf, um bairro de pequenas fábricas, chapas enferrujadas nos telhados, bordéis, barracas, expansões de tijolo na noite e no desuso, oficinas de reparação onde a água nas barricas para arrefecer o trabalho se mostrava estagnante e coberta de espuma. Somente um tremeluzir de luzes. Vazio, ervas nos lotes, ninguém nas ruas: uma vizinhança onde o vidro se parte todas as noites. Deve ter sido o vento que estava a levá-lo por uma estrada de terra abaixo, passando pela velha guarnição do exército de que a polícia local se apoderara, entre as cabanas e as bancadas de ferramentas até uma vedação de arame com um portão. Encontrou o portão aberto, empurrou-o e entrou. Ganhara consciência de um som, algures mais adiante. Num Verão antes da Guerra Mundial, ele tinha ido de férias até Schaffhausen com os seus pais, e tinham apanhado o eléctrico até às Quedas do Reno. Desceram umas escadas e foram ter a um pequeno pavilhão de madeira com um telhado em bico — à volta deles havia nuvens, arco-íris, gotas de fogo. E o rumor da cascata. Ele agarrou-se às mãos de ambos, suspenso na fria nuvem de borrifos com a Mutti e o Papi, praticamente incapaz de ver lá em cima as árvores que se apegavam à beira da cascata num borrão verde e húmido, ou os pequenos barcos turísticos lá em baixo que chegavam quase até ao sítio onde a catarata se despenhava no Reno. Mas agora, no centro invernal de Reinickendorf, ele estava só, de mãos vazias, tropeçando em lama congelada pelo meio de um velho depósito de munições onde haviam crescido videiros e salgueiros, inchando na escuridão em montes, afundando-se em pântanos. Aquartelamentos de betão e fortificações de 12 metros de altura avolumavam-se a meia distância enquanto o som por detrás delas, o som de uma cascata, se tornava mais intenso, chamando da sua memória. Eram esses os tipos de retornados que encontravam Franz, não pessoas mas formas de energia, abstracções...

Através de uma fresta no peitoril ele viu então um minúsculo ovo prateado, com uma chama, pura e constante, a sair-lhe por baixo, iluminando as formas de homens com fatos, camisolões, sobretudos, a olharem de fortins ou trincheiras. Era um foguete, no seu suporte: um teste estático.

O som começou a mudar, a interromper-se de vez em quando. Isso não pareceu de mau agouro a Franz no seu deslumbramento, somente diferente. Mas a luz tornou-se mais brilhante, e as figuras da assistência começaram subitamente a procurar abrigo enquanto o foguete soltava agora um crepitante rugido, um longo estampido, vozes a gritarem *baixem-se* e ele atirara-se ao chão ao mesmo tempo que a tal coisa prateada rebentava, um estouro terrível, metal a zunir pelos ares onde ele havia estado, o Franz abraçado ao chão, campainhas nos ouvidos, nenhuma sensação nem do frio sequer, de momento nenhuma maneira de saber se ele ainda estaria dentro do seu corpo...

Aproximaram-se pés a correr. Ele olhou para cima e viu o Kurt Mondaugen. Aquele vento toda a noite, porventura todo o ano, havia-os reunido. Foi nisso que ele passou a acreditar, que fora o vento. A maior parte da gordura de menino estava agora substituída por músculo, o cabelo dele estava a rarear, a compleição dele mais escura do que algo que Franz tivesse visto pela rua naquele Inverno, escura até nas dobras de betão da sombra e nas chamas do combustível de foguete espalhado, mas era com certeza o Mondaugen, passados sete ou oito anos eles reconheceram-se um ao outro nesse instante. Tinham vivido na mesma ventosa mansarda da Liebigstrasse em Munique. (Franz vira então no endereço um afortunado augúrio, pois Justus von Liebig fora um dos seus heróis, um herói da química. Mais tarde, como confirmação, o seu curso de teoria dos polímeros fora leccionado pelo Professor Doutor Laszlo Jamf, que era o mais recente na verdadeira sucessão, de Liebig a August Wilhelm von Hoffman, a Herbert Ganister e a Laszlo Jamf, uma cadeia directa, causa-e-efeito.) Tinham viajado no mesmo chocalhante Schnellbahnwagen com os seus três braços de contacto frágeis como pernas de insectos chiando ao longo dos cabos aéreos até à T.H.: o Mondaugen frequentara engenharia eléctrica. Após se graduar abalara para o Sudoeste de África, num qualquer projecto de investigação rádio. Tinham-se correspondido durante uns tempos, depois pararam.

A reunião deles prosseguiu até muito tarde, numa cervejaria do Reinickendorf, estudantes aos gritos entre os bebedores da classe trabalhadora, um jubilante e grandioso post mortem do teste do foguete — escrevinhando em guardanapos de papel encharcados, todos

a falarem ao mesmo tempo em redor da mesa atafulhada de copos, a discutirem entre o fluxo de calor do fumo e do ruído, impulso específico, fluxo propulsor...

«Foi um fracasso», o Franz a urdir sob a lámpada eléctrica deles às três ou quatro da manhã, um sorriso frouxo no seu rosto, «falhou, Leni, mas eles só falam de sucesso! Vinte quilos de impulso e somente por alguns segundos, mas *nunca ninguém o fizera antes*. Eu nem acreditava Leni eu vi qualquer coisa que, que nunca ninguém viu antes...»

Ele queria acusá-la, imaginou ela, de o condicionar ao desespero. Mas ela só queria que ele crescesse. Que tipo de idiotia Wandervögel é essa de andar a correr toda a noite num charco intitulando-vos a Sociedade para a Navegação Espacial?

A Leni cresceu em Lübeck, numa fileira de casas kleinbürger ao lado do Trave. Árvores fofas, dispostas a espaços regulares ao longo de toda a margem ribeirinha da rua empedrada dela, arqueavam seus longos ramos sobre a água. Da janela do seu quarto ela conseguia avistar os coruchéus gémeos do Dom erguendo-se sobre o topo das casas. A sua fétida existência de pátio-das-traseiras em Berlim era apenas uma câmara de descompressão — *devia ser*. A sua saída daquele agitado estrangulamento à Biedermeier, as suas dívidas empenhadas em tempos melhores, após a Revolução.

O Franz, a brincar, muitas vezes chamava-lhe a sua «Lenine». Nunca havia dúvida sobre quem era activo, quem era passivo — mesmo assim ela esperara que ele crescesse e superasse isso. Ela falou com psiquiatras, sabe como é o macho alemão na puberdade. Deitados de costas nos prados e nas montanhas, a olharem para o céu, a masturbarem-se, a ansiarem. O Destino espera, uma escuridão latente na textura do vento estival. O Destino traír-te-á, aniquilará os teus ideais, entregar-te-á ao mesmo detestável Bürgerlichkeit que o teu pai, chupando o seu cachimbo nos passeios de domingo após a igreja ao longo das casas à beira-rio — vestir-te-á o uniforme pardo de mais um homem de família, e sem um queixume tu cumprirás a tua pena, voarás da dor para o dever, da alegria para o trabalho, do empenhamento para a neutralidade. Tudo isto te faz o Destino.

O Franz amava-a neuroticamente, masoquisticamente, ele pertencia-lhe a ela e acreditava que ela o levaria às costas, até um sítio onde

o Destino não conseguisse alcançá-lo. Como se fosse gravidade. Ele havia semi acordado certa noite enfiando a cabeça no sovaco dela e murmurando, «As tuas asas... oh, Leni, as tuas asas...»

Mas as asas dela só conseguem transportar-lhe o seu próprio peso, e espera ela que o da Ilse, durante uns tempos. O Franz é um peso morto. Ele que procure voar para fora da Raketenflugplatz, onde vai para ser usado pelos militares e pelos cartéis. Ele que voe até à lua defunta se quiser...

A Ilse está acordada, e a chorar. Não houve comida o dia todo. Deviam tentar ir a casa do Peter afinal. Ele há-de ter leite. A Rebecca estende o que sobrou da côdea que ela tem estado a comer. «Achas que ela gosta disto?»

Não há muito do Judeu nela. Porque é que metade dos Esquerdistas que conhece são Judeus? Recorda imediatamente a si mesma que Marx também o era. Uma afinidade racial para com os livros, a teoria, um amor rabínico à discussão em voz alta... Ela dá a côdea à sua filha, pega nela.

«Se ele vier cá, diz-lhe que não me viste.»

Chegam a casa do Peter Sachsa bem depois de escurecer. Ela depara com uma sessão prestes a começar. Tem imediatamente consciência do seu casaco desbotado e do vestido de algodão (a bainha está demasiado subida), dos sapatos cambados e empoeirados pela cidade, da sua falta de jóias. Mais reflexos de classe média... vestígios, espera ela. Mas a maior parte das mulheres são velhas. As outras são *demasiado* deslumbrantes. Hmm. Os homens parecem mais afluentes do que é habitual. Leni detecta uma suástica de prata na lapela aqui e ali. Os vinhos sobre as mesas são das grandes colheitas de '20 e de '21. Schloss Vollrads, Zeltinger, Piesporter — é uma Ocasião.

O objectivo desta noite é entrar em contacto com o falecido ministro dos Negócios Estrangeiros Wakter Rathenau. No Gymnasium, a Leni cantava com as outras crianças a encantadora cantiga de rua anti-Semita desses tempos:

Knallt ab den Juden Rathenau,
Die gottverdammte Judensau...

Após ele ser assassinado ela não cantou nada durante semanas, certa de que, se a cantiga não provocara aquilo, fora pelo menos uma profecia, um feitiço...

Há mensagens específicas hoje à noite. Perguntas para o antigo ministro. Está em curso um amável processo de selecção. Razões de segurança. Somente certos convidados são autorizados a entrar na sala de estar do Peter. Os preteridos ficam do lado de fora, trocando mexericos, mostrando as gengivas devido à tensão, mexendo as suas mãos... O grande escândalo em torno da IG Farben esta semana é a infeliz subsidiária Spottbilligfilm AG, cuja administração inteira está prestes a ser demitida por ter enviado ao aprovisionamento de armamento do OKW uma proposta de concepção de um novo raio enviado pelos ares que podia deixar populações inteiras, num raio de dez quilómetros, completamente cegas. Uma comissão de revisão da IG detectara o esquema a tempo. Pobre Spottbilligfilm. Escapara à mente colectiva deles o que tal arma poderia fazer ao mercado das tinturas após a próxima guerra. A mentalidade Götterdämmerung de novo. A arma fora conhecida como L-5227, onde L significa luz, mais um cómico eufemismo alemão, tal como o A nas designações dos foguetes que significa agregado, ou a própria IG, Interessengemeinschaft, uma associação de interesses... e quanto ao caso do envenenamento com o catalista em Praga — seria verdade que as Equipas do Grupo VI b da Comissão de Instrumentalidade para o Anormal tinham sido levadas de avião para leste em situação de emergência, e que é um envenenamento complexo, tanto de selénio como de telúrio... os nomes dos venenos tornam mais sóbria a conversação, como uma menção ao cancro...

A elite que se sentará hoje à noite provém do meio corporativo Nazi, entre os quais a Leni reconhece quem senão o Generaldirektor Smaragd, de um ramo da IG que andara interessado, durante uns tempos, no marido dela. Mas depois abruptamente não houvera mais contacto. Teria sido misterioso, um pouco sinistro, a não ser por naqueles tempos a culpa de tudo se poder atribuir razoavelmente à economia...

Entre o ajuntamento os olhos dela encontram os de Peter. «Deixe-i-o», sussurra ela, com um aceno de cabeça, enquanto ele aperta mãos.

«Podes deixar a Ilse a dormir num dos quartos. Podemos falar mais tarde?» Esta noite os olhos dele têm definitivamente um ar de fauno. Irá ele aceitar que ela não é *sua*, tal como não pertencia ao Franz?

«Sim, claro. O que se passa?»

Ele funga, querendo significar *não me disseram*. Estão a usá-lo — têm-no usado, vários deles, desde há dez anos. Mas ele nunca sabe como, a não ser por raro acidente, uma alusão, uma intercepção de sorrisos. Um espelho distorcido e perenemente enevoado, os sorrisos dos clientes...

Porque querem eles o Rathenau hoje à noite? O que murmurou verdadeiramente César ao seu protegido enquanto caía? Et tu, Brute, a mentira oficial, é mais ou menos o que se esperaria obter deles — diz exactamente nada. O momento do assassinato é o momento em que o poder e a ignorância do poder se juntam, com a Morte por validador. Quando um fala com o outro então não é para passar o tempo do dia com et-tu-Brute. O que passa é uma verdade tão terrível que a história — quanto muito uma conspiração, nem sempre entre cavalheiros, para defraudar — jamais a admitirá. A verdade será reprimida ou em eras de particular elegância será disfarçada como outra coisa qualquer. O que terá o Rathenau, passado o momento, há anos já numa nova existência do outro lado, a dizer sobre a velha dispensação? Provavelmente nada tão incrível quanto o que ele poderia ter dito logo que o choque lhe abalara os nervos mortais, logo que o Anjo acometera...

Mas eles hão-de ver. O Rathenau — segundo as histórias — fora profeta e arquitecto do estado cartelizado. A partir daquilo que começara como um minúsculo gabinete no Departamento de Guerra em Berlim, ele coordenara a economia da Alemanha durante a Guerra Mundial, controlando abastecimentos, quotas e preços, cortando a direito e demolindo as barreiras de secretismo e de propriedade que separavam firma de firma — um Bismarck corporativo, perante cujo poder nenhum livro de contas era demasiado privilegiado, nenhum acordo demasiado clandestino. O seu pai Emil Rathenau fundara

a AEG, a Companhia Eléctrica Geral da Alemanha, mas o jovem Walter era mais do que outro herdeiro industrial — ele era um filósofo com uma visão do Estado do pós-guerra. Ele via a guerra em progresso como uma revolução mundial, a partir da qual não se ergueria nem o comunismo Vermelho nem uma Direita irrefreada, mas uma estrutura racional em que o negócio seria a verda, a legítima autoridade — uma estrutura baseada, não surpreendentemente, naquela que ele engendrara na Alemanha para levar a cabo a Guerra Mundial.

Por isso a versão oficial. Assaz grandiosa. Mas o Generaldirektor Smaragd e os colegas não estão aqui para que lhes digam aquilo em que até as massas acreditam. Quase poderia parecer — caso se fosse suficientemente paranóico — haver aqui uma colaboração, entre ambos os lados do Muro, matéria e espírito. O *que* sabem eles que os impotentes não sabem? Que terrível estrutura por detrás das aparências de diversidade e de empresa?

Humor de cadasfalso. Um raio dum jogo de salão. Smaragd não consegue acreditar realmente em nada disto, Smaragd o técnico e gerente. Ele pode querer apenas sinais, presságios, confirmações daquilo que já está em ser, algo com que se possa gracejar entre o Herrenklub — «Até temos a bênção do Judeu!» Seja o que for que passe esta noite através do médium eles hão-de pervertê-lo, hão-de editá-lo, numa bênção. É desprezo de uma rara ordem.

A Leni encontra um sofá num canto pacato de uma sala cheia de marfim Chinês e pendentes de seda, deita-se nele, uma perna pendurada, e tenta relaxar. O Franz estará agora a chegar a casa vindo do campo dos foguetes, a pestanejar por baixo da lâmpada enquanto a Frau Silberschlag da porta ao lado lhe entrega a última mensagem da Leni. Mensagens hoje à noite, transportadas pelas luzes de Berlim... de néon, incandescentes, estelares... mensagens que se urdem numa rede de informação a que ninguém pode escapar...

«O caminho está desimpedido», uma voz movendo os lábios de Sachsa e a rígida garganta branca. «Vós estais constrangidos, por aí, a segui-lo no tempo, um passo de cada vez. Mas aqui é possível ver-se a forma inteira de uma vez — não para mim, ainda não cheghei a esse ponto — mas muitos conhecem-na como uma presença nítida... “forma” não é realmente a palavra correcta... Permitam-me que

seja franco convosco. É-me cada vez mais difícil pôr-me no vosso lugar. Os problemas que possais estar a ter, mesmo os de implicação global, parecem a muitos de nós aqui meras e triviais excursões laterais. Vós ides por uma estrada serpenteante e difícil, que haveis concebido para ser ampla e direita, uma Autobahn em que possais viajar à vontade. Servirá para mim de alguma coisa dizer-vos que tudo o que credes real é ilusão? Não sei se ireis ouvi-lo, ou ignorá-lo. Vós só quereis saber do vosso caminho, da vossa Autobahn.

«Muito bem. Cor de malva: isso está no padrão. A invenção do malva, a chegada ao vosso nível da cor de malva. Está a ouvir, Generaldirektor?»

«Estou a ouvir, Herr Rathenau», responde o Smaragd da IG Farben.

«Púrpura tíria, alizarina e anil, há aqui outras tinturas de alcatrão, mas a importante é o malva. William Perkin descobriu-a em Inglaterra, mas foi treinado por Hofmann, que foi treinado por Liebig. Há uma sucessão envolvida. Se ela é kármica é somente num sentido muito limitado... um outro inglês, Herbert Ganister, e a geração de químicos que ele treinou... Depois a descoberta da Oneirina. Pergunte ao seu homem Wimpe. Ele é que é o especialista em benzilisoquinolinas ciclizadas. Olhe para os efeitos clínicos da droga. Eu não sei. Parece que você poderia olhar nessa direcção. Ela converge com a linha malva-Perkin-Ganister. Mas tudo o que eu tenho é a molécula, o esboço... A Metoneirina, como sulfato. Não na Alemanha, mas nos Estados Unidos. Há uma ligação com os Estados Unidos. Uma ligação com a Rússia. Porque é que você pensa que o Von Maltzan e eu vimos o tratado de Rapallo de ponta a ponta? Era necessário movermo-nos para leste. O Wimpe pode falar-lhe disso. O Wimpe, o V-Mann estava sempre por lá. Porque pensa você que nós queríamos tanto que o Krupp lhes vendesse maquinaria agrícola? Isso também fazia parte do processo. Na altura eu não o entendia tão claramente como agora. Mas sabia o que tinha de fazer.

«Considere carvão e aço. Há um local onde eles se encontram. O interface entre o carvão e o aço é o alcatrão. Imagine carvão, lá no fundo da terra, muito preto, sem luz, a própria substância da morte. Antigo como a morte, pré-histórico, espécies *que não voltaremos a ver*.

Tornando-se mais antigas, mais pretas, mais profundas, em camadas de noite perpétua. Por cima do solo, o aço rola fogoso, brilhante. Mas para fazer aço, os alcatrões, mais negros e mais pesados, têm de ser tirados do carvão original. Excremento da terra, expurgado para o enobrecimento do aço luzidio. Transmitido.

«Nós pensámos nisto como um processo industrial. Era mais. Fomos além dos alcatrões. Mil moléculas diferentes aguardavam no esterco pretérito. Este é o sinal da revelação. Do desvendamento. Este é um dos sentidos do malva, a primeira nova cor da Terra, que salta para a luz da Terra dos sepulcrais quilómetros e evos lá de baixo. Há o outro sentido... a sucessão... ainda não consigo ver até aí...

«Mas isto é tudo a personificação da vida. O movimento real não é da morte para qualquer renascimento. É da morte para a morte-transfigurada. O melhor que se pode fazer é polimerizar algumas moléculas mortas. Mas polimerização não é ressurreição. Estou a falar da sua IG, Generaldirektor.»

«*A nossa IG, julgaria eu*», responde o Smaragd com mais do que o habitual gelo e rigidez.

«Isso é você que tem de resolver. Se preferir chamar a isto uma liaison, faça-o. Estou aqui pelo tempo que precisar de mim. Não tem de ouvir. Você pensa que preferiria ouvir falar daquilo a que chama “vida”: do crescente e orgânico Kartell. Mas é só mais uma ilusão. Um robô muito esperto. Quanto mais dinâmico ele lhe parecer, mais profundo e morto, na realidade, se torna. Olhe para as chaminés das fábricas, como elas proliferam, espalhando os desperdícios do desperdício original sobre cada vez maiores massas de cidade. Estruturalmente, elas são mais fortes em compressão. Uma chaminé delas pode sobreviver a qualquer explosão — até à onda de choque de uma das novas bombas cósmicas» — algum murmúrio ao redor da mesa perante isto — «como todos vós deveis saber. A persistência, portanto, de estruturas que favorecem a morte. Morte convertida em mais morte. Aperfeiçoando o seu reino, tal como o carvão enterrado se torna mais denso, e recoberto de mais estratos — época por cima de época, cidade por cima de cidade arruinada. Este é o signo da Morte o personificador.

«Estes signos são reais. Eles são também sintomas de um processo. O processo segue a mesma forma, a mesma estrutura. Para apreendê-la seguireis os signos. Toda a conversa de causa e efeito é história secular, e a história secular é uma táctica de diversão. Que vos é útil a vós, cavalheiros, mas já o não é a nós aqui. Se quereis a verdade — eu sei que presumo — tendes de olhar para a tecnologia destes assuntos. Até para os núcleos de certas moléculas — são elas afinal que ditam as temperaturas, as pressões, as velocidades de fluxo, os custos, os proveitos, as formas das torres...

«Tendes de fazer duas perguntas. Primeiro, qual é a verdadeira natureza da síntese? E depois: qual é a verdadeira natureza do controlo?

«Pensais que sabeis, apegais-vos às vossas crenças. Mas mais tarde ou mais cedo tereis de abandoná-las...»

Um silêncio, que se prolonga. Há alguma movimentação nos assentos ao redor da mesa, mas os conjuntos de dedos mindinhos continuam em contacto.

«Herr Rathenau? Pode dizer-me uma coisa?» É o Heinz Rippenstoss, o irreprimível brincalhão nazi que anda sempre na gandaia. Os que estão sentados começam a tirar-se, e o Peter Sachsa a regressar ao seu quarto. «Deus é mesmo Judeu?»



Pumm, Easterling, Dromond, Lamplighter, Spectro são estrelas na árvore festiva do doutor. Brilhando sobre esta mais santa das noites. Cada uma delas é uma fria anunciação de becos sem saída, sóis que se recusarão a pôr-se em pé, mas fugirão para sul, sempre para sul, entregando-nos ao norte-sem-fim. Mas o Kevin Spectro é a mais brilhante, a mais distante de todas. E as multidões apinharam-se em Knightsbridge, e zumbem os cânticos da telefonia, e o Metropolitano é um tumulto, mas o Pointsman está completamente só. Mas tem o seu presente de Natal, fa la la, ele não terá de contentar-se este ano com nenhum cãozito feito com uma lata de carne rapazes, ele tem o seu próprio milagre e criança humana, que cresceu até à idade adulta mas que transporta, algures no córtex Slothropiano agora um

pouco da própria infância da Psicologia, sim pura história, inerte, enquistada, inabalada pelo jazz, a depressão, a guerra — o que sobreviveu, se quisermos, de um pedaço do falecido Dr. Jamf em pessoa, para além da morte, para além do reconhecimento da, da velha câmara central sabem...

Ele não tem ninguém a quem pedir, ninguém a quem contar. Meu coração, sente ele, meu coração enche-se agora de tanta virilidade e esperança... As notícias vindas da Riviera são esplêndidas. As experiências *aqui* começam a correr bem para variar. Graças a uma qualquer obscura imbricação, a uma apropriação geral ou fundo remanescente algures, o Brigadeiro Pudding até aumentou o financiamento à IIA. Sentirá também ele o poder do Pointsman? Andará ele a adquirir certas garantias?

Em momentos ocasionais do dia o Pointsman, fascinado, descobre-se a si mesmo com um pénis erecto. Começa a fazer anedotas, anedotas de Pavloviano Inglês, quase todas elas dependendo de um infeliz acidente: o *cortex* latino traduz-se em Inglês como «casca de árvore» [cortiça], para nem se falar da bem conhecida e humorística relação entre cães e árvores (essas são já bastante más, e a maior parte das pessoas da PISCES têm o bom senso de as evitarem, mas são deslumbrantes ditos espírituosos comparadas com as piadas *mais* em voga, como a extraordinária «O que exclamou o Cockney ao vaqueiro vindo de San Antonio?»). A dada altura durante a anual Festa de Natal da PISCES, o Pointsman é conduzido pela Maudie Chilkes até uma arrecadação cheia de beladona, gaze, tubos de laboratório, e odor a borracha cirúrgica, onde num ápice ela já se baixou sobre os seus joelhos vermelhos, a desabotoar-lhe as calças, enquanto ele, confundido, valha-me Deus, lhe afaga o cabelo, desprendendo-lhe desajeitadamente boa parte deste da sua fita cor de vinho — eis o que isto é, uma autêntica, habilidosa e carmesim, quente «visitinha» de menina-escrava com meias e gritinhos sim ali mesmo entre aqueles corredores clínicos e descorados pela invernia, enquanto o gramofone distante toca música de rumba, baixos, caixas de madeira, fatigadas e arquejantes camadas de cadências de cordas tropicais ouvindo-se enquanto toda a gente dança lá ao fundo nos soalhos atapetados, e a velha casca Palaciana, concha de mil aposentos, cede,

ressoa, deslocando tensões ao longo de paredes e traves... a atrevida Maud, isto é incrível, enfiando a rósea picha Pavloviana até onde esta consegue chegar, do queixo à clavícula tão vertical como uma engolidora de espadas, soltando-a de cada vez com um pequeno som de sufoco de senhora, vapores de uísque do caro erguendo-se como flores, e as mãos dela a agararem-lhe o lasso cós de lã das calças, franzindo-lho, desfranzindo-lho — está a acontecer tão depressa que o Pointsman só oscila, pestaneja um pouco ebriamente sabem como é, pensando se estará a sonhar ou se encontrou a mistura perfeita, tenta recordar-se, sulfato de anfetamina, 5 mg q 6 h, na noite passada só-dio amobarbital 0,2 Gm, ao deitar, hoje de manhã pequeno-almoço sortido cápsulas de vitaminas, uma onça de álcool, digamos, por hora, durante as últimas... quantos cecês será isso e oh, Jesus estou a vir-me. Estarei? sim... bom... e a Maud, a querida Maudie, a engolir, não perde nem uma gota... sorrindo serenamente, por fim desimpeditida, ela repõe o gavião desentesado no seu frio ninho de celibatário mas deixa-se ficar ajoelhada um pouco mais na arrecadação deste momento, o momento ventoso e iluminado a luz branca, alguma peça de Ernesto Lecuona, «Siboney» porventura, chegando agora até eles ao longo de corredores tão compridos quanto as vias marítimas até aos verdes baixios, às ameias de pedras com limos, e às noites de palmeiras de Cuba... uma pose Vitoriana, a bochecha dela encostada à perna dele, a mão dele com as veias em relevo apoiada na cara dela. Mas ninguém os viu, então ou alguma vez, e no Inverno que se seguiu, aqui e ali, o olhar dela cruzar-se-á com o dele e ela começará a ficar tão vermelha como os seus joelhos, ela virá a esta divisão perito do laboratório uma ou duas vezes talvez, mas por qualquer motivo eles jamais voltarão a ter isto, estes súbitos trópicos na respiração contida da guerra e do Dezembro Inglês, este momento de perfeita paz...

Ninguém a quem contar. A Maud sabe que algo anda no ar é claro, as finanças da PISCES passam-lhe pelas mãos, nada lhe escapa. Mas ele *não pode* contar-lhe... ou não tudo, não os *termos exactos da sua esperança*, ele nunca, nem para si próprio... está lá adiante no escuro, definido inversamente, pelo horror, por modos em que todas as esperanças poderão vir ainda a ser derrotadas e ele a encontrar somente

a sua morte, aquela anedota estúpida, e vazia, no fim deste Progresso Pavloviano.

Ora também o Thomas Gwenhidwy sente a mudança fibrilando no rosto e na passada do seu colega. Gordo, barba de Pai Natal prematuramente branca, um recrutado, desgrenhado homem do espectáculo, representando a todo o instante, tentando falar uma dupla linguagem, ao mesmo tempo provinciana comicidade Galesa e dura verdade talhada em diamante, ouça-se o que se quiser. A voz cantada dele é incrível, nos seus tempos vagos ele passeia-se pelas redes de arame das pistas dos aviões de caça em busca de aviões maiores — pois adora ensaiar a parte do baixo de «Diadema» enquanto as Fortalezas Voadoras levantam voo acelerando a fundo, e mesmo assim consegue-se ouvi-lo, puro e fazendo ressoar os ossos acima dos bombardeiros, chega-se a ouvi-lo em Stoke Poges, compreendem. Certa vez uma senhora até escreveu ao *Times* de Luton Hoo, no Bedfordshire, perguntando quem era o homem com aquela adorável voz profunda que cantava «Diadema». Uma tal Sra. Snade. O Gwenhidwy gosta imenso de beber, sobretudo destilados, misturados em grandes e estranhas mistelas de cientista louco com caldo de carne, granadina, xarope para a tosse, amargas e eructantes infusões de solidéu azul, raiz de valeriana, matricária e manjerona, na verdade tudo o que esteja à mão. O dele é o vigoroso estilo alcoólico celebrado nas lendas e nas canções nacionais. Descende directamente do Galês em *Henrique V* que andava por lá forçando as pessoas a comer-lhe o Alho-porro. Nada dos vossos bebedores sedentários contudo. O Pointsman nunca viu o Gwenhidwy perder o pé ou ficar parado — ele não pára de se atarefar arfando-e-balouçando arredem seus ordinários entre aquelas longas filas de rostos doentes ou moribundos, e até o Pointsman notou áspero amor nos gestos menores, alterações na respiração e na voz. Eles são negros, Índios, Judeus Asquenazes falando dialectos que jamais se ouviram em Harley Street: foram bombardeados, congelados, esfomeados, pobemente abrigados, e os rostos deles, até os das crianças, todos possuem alguma antiga intimidade com a dor e o revés que espanta o Pointsman, o qual está mais polarizado em catálogos vindos do West End com gentis sinais e sintomas, anorexias e prisões de ventre com origem na cabeça para as

quais o Galês pouca paciência poderia ter. Nas enfermarias do Gwenhidwy certas Taxas Metabólicas Basais chegam a não passar dos — 35, — 40. As linhas brancas ganham espessura do outro lado dos fantasmas de ossos em raios X, raspaduras acinzentadas colhidas debaixo das línguas florescem sob o velho microscópio preto e rugoso dele em nuvens de invasores Vincentescos, pequenos e daninhos colmilhos retalhando e procurando ulcerar o tecido empobrecido em vitaminas do qual eles vieram. Um domínio completamente diferente, compreendem.

«Eu não sei, pá — não, não sei», tirando em câmara lenta um gordo braço da sua capa cor de ouriço-cacheiro, lá no hospital, enquanto eles caminham entre a neve que cai — para o Pointsman uma clara separação, monges aqui e catedral ali, soldados e guarnição — mas não assim para o Gwenhidwy, parte do qual permanece mais atrás, refém. As ruas estão vazias, é dia de Natal, eles vão subindo o monte até aos aposentos de Gwenhidwy enquanto as serenas cortinas de neve continuam a cair entre eles próprios e as perfuradas paredes da instituição marchando em pétreia paralaxe rumo a uma treva branca. «Como eles *persistem*. Os pobres, os pretos. E os Judeus! Os Galeses, os Galeses em tempos também eram Judeus? uma das Tribos Perdidas de Israel, uma tribo negra, que se aventurou pela terra, pelos séculos? oh uma jornada incrível. Até terem finalmente chegado a Gales, está a ver.»

«Gales...»

«Ficaram por lá, e tornaram-se os Cymri. E se formos todos Judeus, está a ver? todos espalhados como sementes? ainda a esvoaçarmos para fora do punho primordial desde há tanto tempo. Pá, eu cá acredito nisso.»

«Claro que acredita, Gwenhidwy.»

«Então não somos? O que é que você acha?»

«Não sei. Hoje não me sinto Judeu.»

«O que eu queria dizer era a esvoaçarmos dali para fora?» O que ele quer dizer é sozinhos e separados para sempre. O Pointsman sabe o que ele quer dizer. Por isso, de surpresa, algo em si é tocado. Ele sente agora a neve do Natal nos vincos das suas botas, o frio amargo tentando entrar. O flanco em lã castanha de Gwenhidwy desloca-se

nas margens da sua visão, um bolso de cor, uma reticência contra a alvura deste dia. A esvoaçar para fora. A esvoaçar... O Gwenhidwy, um milhão de pontos de gelo tombando obliquamente sobre a encapada imensidão dele, parecendo tão improvável de extinção que agora, a partir do sítio onde tem estado, regressa o mesmo desviante temor ébrio e trepidante, a Maldição do Livro, e eis aqui alguém que ele quer, verdadeiramente, de todo o seu mesquinho coração, ver preservado... embora sempre tenha sido demasiado tímido, ou orgulhoso, para jamais sorrir ao Gwenhidwy sem alguma espécie de discurso que explicasse e cancelasse tal sorriso...

Cães correm ladrando perante a aproximação deles. Recebem o Olhar Profissional do Pointsman. O Gwenhidwy está a trautear «Aberystwyth». Sai lá de dentro Estelle a filha do guarda-portão com um ou dois trémulos miúdos aos pés e uma garrafa Natalícia de algo que é acre mas muito aconchegante dentro da peitaça cerca de um minuto após ser engolido. Odores a fumo de carvão, mijo, lixo, as couves-com-batatas da noite passada, enchem os corredores. O Gwenhidwy está a beber da garrafa, prosseguindo uma contínua conversa de engage com a Estelle e entrando num rápido jogo de apanhada com o Arch o mais novo dela ao redor das amplas ancas em pele de carneiro da mãe dele que está sempre a tentar assestar-lhe uma palmada mas ele é rápido demais.

O Gwenhidwy sopra num gasómetro que ficou todo gelado, demasiado entupido para aceitar moedas. Tempo horrível. Ele contorna-o, roga-lhe pragas, vergando-se como um amante do ecrã, as asas da capa dele estendendo-se para envolver — o Gwenhidwy, irradiando como um sol...

Do lado de fora das janelas da sala de estar há uma fila de choupos nus e cor de tropa, um canal, um nevado parque ferroviário, e por detrás deste uma longa e denteada pilha de restos de carvão, ainda fumegando de uma bomba V ontem. As volutas de fumo são levadas de lado, encaracoladas, quebradas e devolvidas à terra pela neve que cai.

«É a mais próxima até agora», Gwenhidwy junto à chaleira, o acre odor de um fósforo de enxofre no ar. Após um momento, ainda vigilante sobre o queimador de gás, «Pointsman, você quer ouvir algo verdadeiramente paranóico?»

«Também você?»

«Você consultou algum mapa de Londres ultimamente? Toda esta grande praga me-te-órica das armas V, está a ser despejada para *aqui*, comprehende. Não lá para cima de Whitehall, onde deveria ser, mas para cima de mim, e eu acho isso bes-tial?»

«Que raio de coisa tão pouco patriótica para se dizer.»

«Oh», escarrando e cuspindo para o lavatório, «você não quer acreditar. Porque haveria de fazê-lo? Você é daquela gente de Harley Street, valha-me o bom Jesus Cristo.»

Com o Gwenhidwy é um jogo antigo, ser-se membro do Real Colégio é algo que o atormenta. Algum vento desacostumado ou termoclina no céu está a trazer-lhes o cavo zunido coral dos bombardeiros americanos: o branco Gymnafa Ganu da Morte. Uma locomotiva em manobra arrasta-se silenciosamente sobre a teia de linhas por baixo.

«Elas andam a cair numa distribuição de Poisson», diz o Pointsman em voz baixa, como se isso estivesse aberto a discussão.

«Sem dúvida pá, sem dúvida — excelente ponto. Mas sempre na merda do *East End*, está a ver.» O Arch, ou alguém, desenhou um Gwenhidwy castanho, cor-de-laranja e azul carregando uma mala de médico num liso horizonte com uma verde fábrica de gás. A mala está cheia de garrafas de gin, Gwenhidwy está a sorrir, um pisco está a espreitar para fora do ninho entre a barba dele, e o céu é azul e o sol amarelo. «Mas já alguma vez pensou porquê? Cá está o Paranóico da Cidade. Durante todos estes longos séculos, a crescer pelos campos? como uma criatura inteligente. Um actor, um *mimo* fantástico, Pointsman! A simular todas as forças correctas? a eco-nómica, a demográfica? oh sim, até a casu-ística, está a ver.»

«Que quer dizer isso do “está a ver”? Eu *não estou a ver*.» Contra a janela, iluminada em fundo pela tarde branca, o rosto do Pointsman é invisível excepto num minúsculo e luzidio crescente que lhe reluz em cada um dos globos oculares. Deveria ele procurar atrás de si o fecho da janela? Mas então o lázudo galês enlouqueceu de todo?

«Você não os vê a *ele*», vapor em cerrado brocado começa a sair pela boca do cisne manchada de aço, «aos pretos e aos Judeus, na escuridão deles. Não consegue. Não lhes ouve o silêncio. Você habituou-se muito à conversa, e à luz.»

«Aos latidos, pelo menos.»

«Nada vem parar ao meu hos-pital a não ser fra-cassos, está a ver.» Olhando para ele com um sorriso fixo, de doido-alcoólico. «Que posso eu curar? Só os posso mandar de volta, lá para fora outra vez? De volta *àquilo*? Mais valia que a Europa estivesse aqui, o com-bate, dava-se-lhes umas talas e umas drogas para todos eles ficarem numa condição mí-nima e se poder prosseguir a matan-ça?»

«Ouça, você não sabe que está a decorrer uma guerra?» É assim que o Pointsman recebe, com a sua chávena, um terrível olhar carrancudo. Na verdade, ele espera com tais irrelevâncias parvas desencorajar o Gwenhidwy de continuar a falar no seu Paranóico da Cidade. o Pointsman preferiria falar das vítimas dos foguetes admitidas hoje lá em baixo no hospital. Mas isto é exorcismo pá, é o poeta tornando a cantar o silêncio, adjurando os cavaleiros brancos, e o Gwenhidwy sabe, tal como o Pointsman não pode sabê-lo, que faz parte do plano do dia sentarem-se dentro desta mesquinha sala e gritarem para uma tal surdez: que o sr. Pointsman deve representar-te exactamente tal como é — estilizado, irritável, incompreensivo...

«Em certas cidades os ricos vivem no alto dos montes, e os pobres andam cá por baixo. Noutras os ricos ocupam a costa, enquanto os pobres têm de viver no interior. Ora em Londres, haverá uma gra-duação de infortúnio? que aumenta à medida que o rio se alarga para o mar. Estou só a per-guntar, porquê? Será por causa do trânsito marítimo? Estará nos padrões de utilização do terreno, especialmente dos que estão relacionados com a Era Industrial? Será um caso de an-tigo tabu tribal, que sobrevive ao longo de todas as gerações Inglesas? Não. A verdadeira razão é a Ameaça Vinda Do Leste, está a ver. E do Sul: do conjunto da Eu-ropa, certamente. As pessoas daqui estavam *destinadas a serem abatidas primeiro*. Somos descartáveis: os que estamos no West End, e a norte do rio não o são. Oh, eu não estou a dizer que a Ameaça tenha esta ou aquela forma específica. Política, não. Se o Paranóico da Cidade sonha, isso não é acessível para nós. Talvez a Ci-dade sonhasse com uma outra, cidade i-nimiga, que viesse a flu-tuar pelo mar para invadir o es-tuário... ou com ondas de escuridão... ondas de fogo... Talvez com ser engolida de novo, pelo imenso, o si-lencioso Continente-Mãe? Isso não me diz respeito

a mim, os sonhos da cidade... Mas e se a Ci-dade fosse um neo-plasma a crescer, ao longo dos séculos, sempre a modifícarse, para ir exactamente ao encontro da mutável forma dos seus piores, mais se-cretos receios? Os peões andrajosos, o desgraçado bis-po e o co-barde cavaleiro, todos nós os condenados, nós os irreversivelmente perdidos, somos deixados para ali, expostos e expec-tantes. Já se sabia, não o negue — sabia-se, Pointsman! que a frente na Europa um dia se deveria desenvolver desta maneira? deslocar-se para leste, tornar necessários os foguetes, e sabia-se como, e onde, não chegariam os foguetes. Perguntou ao seu amigo Mexico? olhou para as densidades do mapa dele? leste, leste, e a sul do rio também, onde vive toda a bicharada, são esses que estão a levar com o lado mais grosso do pau, meu amigo.»

«Você tem razão, Gwenhidwy», judicioso, sorvendo o seu chá, «isso é muito paranóico.»

«É verdade.» Ele sacou agora da garrafa festiva de Vat 69, e está prestes a servir-lhes um cálice para brindarem.

«Aos bebés.» Sorrindo, completamente desvairado.

«Bebés, Gwenhidwy?»

«Ah. E não tenho eu vindo a fazer o meu próprio mapa? Ta-belas com da-dos vindos das enfermarias da maternidade. Os be-bés nascidos durante esta Blitz também seguem uma distribuição de Poisson, está a ver.»

«Bom — então à estranheza de tudo isso. Pobres desgraçaditos.»

Mais tarde, perto do crepúsculo, várias enormes baratas-de-água, de um castanho-avermelhado muito escuro, emergem como elfos dos lambris de madeira, e vão abrindo caminho em direcção à despensa — as baratas grávidas também, com translúcidas baratas bebés a bordejá-las como se fossem a escolta de um comboio. À noite, nos muito tardios silêncios entre bombardeiros, fogo das antiaéreas e foguetes que caem, elas conseguem ouvir-se, tão sonoras como ratos, a mastigarem entre os sacos de papel do Gwenhidwy, deixando para trás rastos e pegadas de merda que tem a cor de si próprias. Não parecem apreciar grandemente as coisas moles, frutos, vegetais, e outras assim, é mais às sólidas lentilhas e feijões que elas se dedicam, coisas que possam ser roídas, papel e barreiras de estuque, duros interfaces que possam ser trespassados, pois elas são agentes de

unificação, estais a ver. Baratas do Natal. Elas estavam lá no fundo da palha da manjedoura em Belém, tropeçavam, trepavam, caíam reluzindo de vermelho entre um dourado molho de palha que lhes deveria parecer estender-se ao longo de quilómetros por ali acima e por ali abaixo — um comestível mundo de apartamentos, agora e então roído de modo a romper um qualquer misterioso molho de vectores que faria as baratas da vizinhança passarem por vós aos trambolhões enquanto vós vos agarráveis com todas as vossas pernas àquele constante tremor de palhas douradas. Um mundo tranquilo: a temperatura e a humidade mantendo-se quase constantes, o ciclo do dia atenuado até uma cómoda réstia de luz, de ouro para ouro antigo para sombras, e voltando de novo ao início. O choro do infante chegava até vós, porventura, como irrupções de energia vindas da distância invisível, quase nem sentida, frequentemente ignorada. O vosso salvador, estais a ver...

□ □ □ □ □ □

Dentro do aquário redondo, os dois peixinhos dourados estão a fazer um signo de Peixes, cada um deles com a cabeça virada para a cauda do outro e muito imóveis. A Penelope entra e espreita o mundo deles. Há um pequeno cenário afundado: galeão, um mergulhador de porcelana com fato de mergulho, bonitas pedras e conchas que ela e as suas irmãs trouxeram do mar.

A Tia Jessica e o Tio Roger estão na cozinha, abraçando-se e beijando-se. A Elizabeth está a arreliar a Claire no corredor. A mãe delas está na casa de banho. Sooty a gata dorme numa cadeira, uma negra nuvem de trovoada a caminho de outra coisa qualquer, a qual sucede agora parecer-se com uma gata. É feriado, Boxing Day. A noite está muito sossegada. A última bomba-foguete foi há uma hora, algures a sul. A Claire recebeu um papão, a Penelope uma camisola, a Elizabeth um vestido que há-de vir a servir à Penelope.

A pantomima que o Roger levou todas elas a verem hoje à tarde era *Hansel e Gretel*. A Claire abalou de imediato por baixo das cadeiras onde outros se andavam a mover por secretos caminhos, um vislumbre de entrânçado ou de colarinho branco aqui e além entre os altos

e atentos tios uniformizados, as costas das cadeiras cobertas pelos casacões. Em palco Hansel, que deveria ser um rapaz mas era na realidade uma rapariga alta com meias justas e uma bata, encolhido dentro da gaiola. A velha e divertida Bruxa espumava pela boca e trepava ao cenário. E a bonita Gretel esperava junto ao Forno pela sua oportunidade...

Então os Alemães deixaram cair um foguete mesmo ao fundo da rua do teatro. Alguns dos bebés mais pequenos começaram a chorar. Tinham-se assustado. A Gretel, que estava a ganhar balanço com a sua vassoura para acertar mesmo em cheio no rabo da Bruxa, parou: pousou a vassoura, no silêncio que se fez avançou até às luzes da ribalta, e cantou:

Oh, não deixes que ela te apanhe,
Há-de apanhar-te se to permitirem, mas há
Algo que eu aposto nem consegues ver —
É grande e mau e está mesmo ali,
À espera de enfiar suas pegajosas garras em ti!
Oh, o merceeiro quer ter hoje um arco-íris,
E o varredor apertar a gravata...
E tudo segue a par da mesma alegre canção,
Com um rosto de hortelã-pimenta no céu!

«Agora todos juntos», disse ela sorrindo, e fazendo efectivamente com que a audiência, até o Roger, cantasse:

Com um rosto de hortelã-pimenta no cé-éu,
E um velho sonho mirrado no teu coração,
Serás atingido por um bocado do pitéu,
Com a pantomima prestes a começar então!
Oh, o Tommy dorme hoje à noite numa cama de neve,
E os Jerries estão a aprender a voar em escarcéu —
Poderemos voar até à lua, mais alto que o meio-dia sobre a rua,
Na nossa casa de politeno no céu...

Bela casa de politeno no céu,
Belos alfinetes de platina na tua mão —
Oh a tua mãe é uma grande metralhadora gorda,

E teu pai um rapaz muito calhorda...

(Sussurrado e sincopado):

Oh, o ge-rente chu-pa um cachimbo de espi-ga, de milho,

E os ban-queiros, co-mem as suas, esposas,

Todo o mundo está em confusão, enquanto a orquestra toca então,
Por isso virem os vossos bolsos e vejam vossa surpresa gostosa —

Virem os vossos bolsos e vejam vossa surpre-sa gostosa,

Não estava ali ninguém sob o xaile!

E as lámpadas ao címo da escada estão a apagar-se,

É o período logo a seguir ao baile...

Oh as palmeiras sussurram lá pela praia,

E o nadador-salvador tem um suspiro a ocorrer,

E as vozes que ouvis no tím-pano, Rapaz e Rapariga do Ano,

São de crianças que aprendem a morrer...

A cadeira do pai da Penelope, a um canto, junto à mesa do candeiro, está vazia. Está agora de frente para ela. Consegue ver-lhe o xaile de crochê estendido sobre as costas, muitos nós de cinzento, castanho-amarelado, preto, e castanho-escuro, com espantosa claridade. No padrão, ou em frente a ele, algo se agita: de início não mais do que refracção, como se houvesse uma fonte de calor directamente em frente da cadeira vazia.

«Não», sussurra ela em voz alta. «Não quero. Tu não és ele. Não sei quem és mas não és o meu pai. Vai-te embora.»

Os braços e as pernas daquilo estão silenciosos e rígidos. Ela contempla-o.

Só quero visitar-te.

«Tu queres é possuir-me.»

As possessões demoníacas não são desconhecidas nesta casa. Será isto realmente o Keith, o pai dela? levado quando ela tinha metade da sua presente idade, e regressado agora não como o homem que ela conheceu, mas somente a casca — com a tenra e carnuda lesma da alma que sorri e ama, que sente a sua imortalidade, ou apodrecida ou sendo espicada pelos bicos das agulhas da morte-pelo-governo — um processo pelo qual as almas vivas se transformam renitentemente nos demónios conhecidos da sequência principal da magia Ocidental como os Qlippoth, Cascas dos Mortos... É também o que

a presente dispensação faz com frequência a homens e mulheres decentes inteiramente do lado de cá do túmulo. Em nenhum dos processos há qualquer dignidade, ou qualquer piedade. Mães e pais são condicionados a morrerem deliberadamente em certas maneiras preferidas: dando a si mesmos cancros e ataques cardíacos, entrando em acidentes rodoviários, partindo para irem combater na Guerra — deixando as suas crianças sozinhas na floresta. Dir-vos-ão sempre que os pais foram «levados», mas os pais só partem — é isso que realmente acontece. Todos os pais se cobrem uns aos outros, é tudo. Talvez seja melhor ainda ter esta presença, que torna a sala tão seca como vidro, a deslizar para dentro e para fora de um velho cadeirão, do que um pai que ainda não morreu, um homem que amamos e ao qual temos de ver isso acontecer...

Na cozinha, a água da chaleira agita-se, chia em direcção ao ponto de fervura, e lá fora sopra o vento. Alhures, numa outra rua, uma telha escorrega e cai. Roger pegou nas mãos de Jessica para lhas aquecer contra o seu peito, sentindo-lhas, geladas, através da sua camisola e camisa, dobradas contra si. Ela porém mantém-se à distância, tremendo. Ele quer aquecê-la toda, não somente as extremidades cómicas, quere-o para além de toda a esperança razoável. O coração dele estremece como a chaleira fervente.

Começou a revelar-se: a facilidade com que ela poderia ir. Pela primeira vez ele comprehende porque é isto o mesmo que a mortalidade, e porque chorará ele quando ela partir. Está a aprender a reconhecer as vezes em que nada realmente a detém a não ser os seus braços magrinhos, de 20 flexões... Se ela partir, então deixará de importar como caem os foguetes. Mas a coincidência de mapas, raparigas, e impactos de foguetes penetrou nele silenciosamente, silenciosamente como gelo, e as moléculas de Quisling organizaram-se em entrancados modos de o congelar. Se ele pudesse estar mais com ela... se aquilo acontecesse quando eles estivessem juntos — num outro tempo que poderia ter parecido romântico, mas numa cultura de morte, certas situações estão mais de acordo com a música do que outras — mas eles estão tão apartados...

Se os foguetes não a apanharem ainda há o tenente dela. O raio do Beaver/Jeremy é a Guerra, ele é cada asserção que a merda da

Guerra alguma vez fez — de que nós andamos aqui para o trabalho e para o governo, para a austeridade: e de que estes terão prioridade sobre o amor, os sonhos, o espírito, os sentidos e as outras banalidades de segunda classe que se encontram entre as desocupadas e descuidadas horas do dia... Raios os partam, eles estão errados. São loucos. Jeremy levá-la-á como o Anjo em pessoa, no seu triste anda-lá proferido ao jeito de um fuinha, e Roger será esquecido, um maníaco divertido, mas sem qualquer lugar no racionalizado ritual de poder que há-de ser a próxima paz. Ela aceitará as ordens do seu marido, ela tornar-se-á uma burocrata doméstica, uma parceira júnior, e recordará o Roger, caso o faça, como um erro que ela graças a Deus não cometeu... Oh, ele sente chegar-lhe um ataque de raiva — como raio poderá ele sobreviver sem ela? Ela é o calor Britânico que lhe protege os arqueados ombros, e o invernoso pardal que ele guarda entre as suas mãos. Ela é a mais profunda inocência dele em espaços de ramos e feno antes de aos desejos ter sido dado um nome distinto para avisar que eles poderiam não se realizar, e a sua ágil e Parisiense filha da alegria, sob o espelho eterno, renegando os perfumes, camurça nos sovacos, tudo isso é fácil demais, para seu empobrecimento e mais digno amor.

Tu vais de sonho a sonho dentro de mim. Tu tens passagem para a minha última esquina andrajosa, e aí, entre os destroços, encontraste vida. Já não sei ao certo quais de todas as palavras, imagens, sonhos ou fantasmas são «teus» e quais são «meus». Já não se pode distinguir. Estamos ambos a ser alguém novo agora, alguém incrível...

O acto de fé dele. Na rua as crianças estão a cantar:

Escutai, cantam os anjos da anunciação:
A Sra. Simpson deu ao nosso Rei um beliscão...

Por cima da lareira Kim, o filho da Sooty, um Siamês de olhos vesgos assustadoramente gordo, está à espera de fazer a única coisa que ele gosta de fazer hoje em dia. Para além de comer, dormir ou foder a principal obsessão dele é saltar, ou atirar-se, para cima da sua mãe, e ficar ali deitado a rir-se enquanto ela corre aos gritos pela sala fora.

A Nancy, a irmã da Jessica, sai a correr da retrete para interromper aquilo que está a tornar-se uma discussão de larga escala entre a Elizabeth e a Claire. A Jessica sai de ao pé do Roger para ir assoar o nariz. O som é tão familiar para ele quanto uma canção de passarinho, ip-ip-ip-ip NGUNNGG enquanto o lenço de mão esvoaça... «Oh, mas que chatice», diz ela, «acho que apanhei um resfriado.»

Tu apanhaste a Guerra. Está a infectar-te e eu não sei como mantê-la à distância. Oh, Jess. Jessica. Não me deixes...

*UN PERM' AU CASINO
HERMANN GOERING*

Você terá o protagonista mais alto e mais moreno de Hollywood.

— MERIAN C. COOPER a FAY WRAY

□ □ □ □ □ □

Nas ruas desta manhã já há um tropel, próximo e distante, de pés de civis com solas de madeira. Lá em cima no vento está um bando de gaivotas, deslizando, com facilidade, de um lado para outro, asas estendidas e imóveis, de vez em quando um pequeno encolhimento, somente a fim de ganhar elevação para este entrançar, desentrançar, branco e vagaroso baralhar das cartas de faraó por dedos invisíveis... O primeiro vislumbre de ontem, ao vir pela esplanada durante a tarde, foi sombrio: o mar em tons cinzentos sob nuvens cinzentas, o Casino Hermann Goering achulado e branco e as palmeiras em negra serrilha, quase nem se mexendo... Mas hoje de manhã as árvores agora ao sol voltaram a ser verdes. À esquerda, ao longe, os arcos do antigo aqueduto a desmoronarem-se, um amarelo seco, lá ao fundo ao longo do *Cap*, as casas e vivendas ali cozidas e tornadas quentes ferrugens, gentis corrosões através de todas as cores da Terra, do cru e pálido ao profundamente brunido.

O sol, ainda não muito alto, apanhará um pássaro pelas pontas das suas asas, transformando ali brilhantemente as penas em anéis de gelo esculpido. O Slothrop range os dentes para o bando de pássaros lá no alto, estremecendo cá em baixo na sua varanda em miniatura, lume eléctrico ao fundo do quarto que mal lhe alcança a parte de trás das pernas. Colocaram-no no alto da branca fachada marítima, num quarto só para ele. O Lérido Mucker-Maffick e o seu amigo Teddy Bloat estão a partilhar um outro ao fundo do corredor. Ele volta a enfiar as mãos nos punhos canelados de uma camisola, cruza os braços, observa a deslumbrante manhã estrangeira, os fantasmas do

seu hábito indo para ela, sentindo o primeiro calor do sol, querendo um primeiro cigarro — e perversamente ele espera por um súbito ruído para iniciar o seu dia, um primeiro foguete. Sempre ciente de que está na esteira de uma grande guerra que foi para norte, e que as únicas explosões por estes lados terão de ser de rolhas de champaña, motores de lustrosos Hispano-Suizas, a ocasional bofetada amorosa, espera-se... Nada de Londres? Nada de Blitz? Poderá ele habituar-se a isso? Claro, e por essa altura já será tempo de regressar.

«Bom, ele está acordado.» O Bloat de uniforme, esgueirando-se para dentro do quarto a chupar um cachimbo fumegante, o Lérido por detrás dele com um fato de salão às riscas. «Acordou pela alvorada, para proceder ao reconhecimento da praia em busca de uma ou duas mamzelles que estejam sozinhas, sem dúvida...»

«Não conseguia dormir», o Slothrop bocejante tornando a entrar no quarto, pássaros vogando na luz do sol atrás dele.

«Nem nós», do Lérido. «Deve demorar anos a ajustar.»

«Meu Deus», o Bloat insistindo deveras no entusiasmo forçado hoje de manhã, apontando teatralmente para a enorme cama, deixando-se cair em cima dela, ressaltando vigorosamente. «Eles devem ter sido avisados a seu respeito, Slothrop! Luxo! A nós deram-nos uma arrecadação qualquer que não é usada, sabe.»

«Ouça lá, o que anda você a contar-lhe?» O Slothrop vasculha o aposento à procura de cigarros. «Mas eu sou algum Van Johnson ou quê?»

«Só que, em matéria de», o Lérido atirando o seu maço verde de Cravens da varanda, «raparigas, sabe como é —»

«Sendo os Ingleses bastante reservados», explica o Bloat, saltitando para maior ênfase.

«Oh, doidos furiosos», murmura o Slothrop, dirigindo-se para o seu sanitário privativo, «fui invadido por um bando daqueles da secção 8, essa é que é essa...» Fica de pé satisfeito, mijando sem mãos, acendendo o cigarro, mas meditando um pouco naquele Bloat. Supostamente é um velho amigo do Lérido. Atira o fósforo para a retrete, um breve silvo: há no entanto qualquer coisa no modo como ele fala com o Slothrop, com uns ares superiores? talvez seja nervoso...

«Vocês estão a contar *comigo* para vos arranjar par?» berra ele por cima do rumor da descarga do autoclismo, «eu pensava que logo que vocês passavam aquele Canal, e punham pés naquela França, todos vocês se tornavam uns Valentinos.»

«Ouvi dizer que havia uma certa tradição antes da guerra», o Lépido agora pendurado com ar queixoso na entrada da porta, «mas o Bloat e eu somos membros da Nova Geração, *nós* temos de depender dos conhecimentos dos Ianques...»

Ao que o Bloat salta da cama e procura esclarecer Slothrop com uma canção:

O INGLÊS É MUITO TÍMIDO (FOX-TROT)

(*Bloat*): O Inglês é muito tímido,
Não é nada Ca-sa-no-va,
Quando se trata de mulher no-va,
Os A-mericanos vão à frente —

(*Lépido*): Sabem, é que ao Inglês tende a faltar
Aquela inquietude transatlântica,
Que as mulheres acham tão romântica,
Embora francamente eu não veja porquê...

(*Bloat*): O polígamo Ianque com raparigas a cada canto
Dá ao Inglês ataques de pândega e tiques,

(*Lépido*): Embora secretamente fique tolhido em reverente espanto,
Como uma espécie de e-ró-ti-co Clausewitz...

(*Bloat*): Se ao menos se pudesse aliar
O saber Americano de alcova
Ao Britânico aspecto, oh com tal nova
Aquelhas beldades haviam de desfalecer e suspirar
Embora tu e eu saibamos que o Inglês é muito tímido.

«Bom vocês vieram mesmo parar ao sítio certo», diz o Slothrop assentindo com a cabeça, convencido. «Mas não esperem que seja eu a tratar disso por vós.»

«Só a aproximação inicial», diz o Bloat.

«Moi», o Lérido pôs-se entretanto a berrar da varanda para baixo, «moi Lérido, sabem. Lérido.»

«Lérido», responde um débil coro feminino lá fora e lá em baixo.

«J'ai deux amis, aussi, por estranha coincidência. Par un bizarre coincidence, ou qualquer coisa assim, oui?»

O Slothrop, neste ponto a barbear-se, vem até cá fora com o espumoso pincel de barba na mão para ver o que está a acontecer, e colide com o Bloat, que se apressa a ir espreitar lá para baixo por cima da dragona esquerda do seu compatriota para três bonitos rostos de raparigas, virados para cima, cada um deles envolto na aura de pálha de um gigantesco chapéu-de-sol, sorrisos todos eles fascinantes, olhos misteriosos como o mar atrás deles.

«Quero dizer où», inquire Bloat, «où, sabem como é, déjeuner?»

«Fico contente por ter podido dar-vos uma ajuda», murmura o Slothrop, ensaboando o Lérido entre as omoplatas.

«Mas venham connosco», as raparigas estão a chamar por cima das ondas, duas delas erguendo um enorme cesto de vime para fora do qual se debruçam esguias garrafas verdes com vinho e pães de crosta dura que por baixo do pano branco ainda soltam pequenas réstias de calor trazendo odores a castanhas glaceadas e a outros elementos mais ténues, «venham — sur la plage...»

«Eu vou só», diz o Bloat já meio de fora da porta, «fazer-lhes companhia, até que vocês...»

«Sur la plage», o Lérido algo sonhador, pestanejando ao sol, sorrindo lá para baixo aos votos de bom-dia deles tornados realidade, «oh, até parece uma pintura. Qualquer coisa de um Impressionista. Um Fauve. Cheio de luz...»

O Slothrop vai tirando hamamélis das suas mãos com alguns piparotes. O cheiro no quarto traz um momento de Sábados no Berkshire — garrafas de tónicos cor de ameixa e de âmbar, espirais de papel repletas de moscas sendo agitadas pela ventoinha do tecto, esgares de dor por causa das tesouras rombas... Desenvencilhando-se da sua camisola, cigarro aceso na boca, fumo a sair-lhe pelo pescoço como um vulcão, «Ouça posso pedir-lhe um dos seus —»

«Você já tem o maço», brada Lérido — «Valha-me Deus, mas que coisa é essa?»

«Qual coisa?» O rosto do Slothrop nada senão inocente enquanto ele veste e começa a abotoar o objecto em questão.

«Você está a brincar, com certeza. As meninas estão à espera, Slothrop, vista lá qualquer coisa civilizada, seja simpático —»

«Estou pronto», o Slothrop já a caminho e passando pelo espelho para pentear o seu cabelo com a habitual poupa desportiva à Bing Crosby.

«Você não deve estar à espera que nós vejamos *vistos* com —»

«Foi o meu irmão Hogan que me enviou», dá-lhe a saber o Slothrop, «no meu aniversário, do Pacífico. Está a ver aí nas costas? por baixo dos sujeitos que estão aí dentro dessa canoa com brandais, à esquerda dessas flores de hibisco, onde diz RECORDAÇÃO DE HONOLULU? Isto é um artigo autêntico, Mucker-Maffick, não é nenhuma imitação barata.»

«Bom Deus», resmunga o Lérido, seguindo-o com um ar desolado para fora do quarto, protegendo os seus olhos da camisa, que brilha ligeiramente na obscuridade do corredor. «Ao menos enfie-a para dentro das calças e cubra-a com qualquer coisa. Tome lá, eu até lhe empresto este casaco de Norfolk...» Um sacrifício deveras: o casaco vem de um estabelecimento em Savile Row cujos gabinetes de provas estão efectivamente decorados com fotografias de todas as veneráveis ovelhas — algumas em nobres poses no alto de penhascos, outras em melancólicos e attenuados retratos mais aproximados — às quais fora tosquida a lã cor de nevoeiro prateado.

«Deve ter sido tecida naquele arame farpado», é a opinião do Slothrop, «qual a rapariga que se quereria aproximar de uma coisa dessas?»

«Ah, mas, mas haveria alguma mulher no seu perfeito juízo que quisesse estar a menos de quinze quilómetros dessa-dessa camisa horrível, eh?»

«Espere aí!» A partir de um sítio qualquer o Slothrop produz agora um garrido e vistoso lenço amarelo, verde e cor-de-laranja, e entre os resmungos de horror do Lérido ajeita-o no bolso do casaco do seu amigo de maneira que ele deixe à mostra três pontas. «Aí está!» soridente, «é a isso que se chama *como deve ser!*»

Emergem para a luz do sol. Gaivotas começam a berrar, a fatiota do Slothrop refulge e ganha uma resplandecente vida própria. O Lérido

estreita os olhos e fecha-os. Quando os abre, todas as raparigas estão abraçadas ao Slothrop, afagando-lhe a camisa, brincando-lhe com as pontas do colarinho, arrulhando em francês.

«Naturalmente.» O Lérido pega no cesto. «Pois claro.»

As raparigas são bailarinas. O gerente do Casino Hermann Goering, um tal César Flebótomo, trouxe para ali um corpo de baile completo logo que os libertadores chegaram, embora ainda não tivesse tido tempo para mudar o nome do sítio durante a ocupação. Ninguém por lá parece importar-se com isso, um agradável mosaico de minúsculas e perfeitas conchas marinhas, milhares delas encastradas no estuque, roxas, rosadas e castanhas, a substituir uma enorme secção do telhado (as telhas antigas ainda estão empilhadas ao lado do Casino), montado há dois anos como terapia recreativa por um esquadrão de Messerschmitts em licença, num tipo de letra alemão suficientemente ampliado para ser visto do ar, que era o que eles tinham em mente. O sol agora ainda está demasiado baixo para tocar as palavras em algo mais do que uma mera separação do seu fundo, pelo que elas ficam a pairar suprimidas, já sem qualquer relação com os homens, a dor nas mãos deles, as bolhas que se tornaram negras ao sol com as infecções e o sangue — minguando somente enquanto o grupo caminha agora entre lençóis e almofadas do hotel, espalhados na encosta da praia para secarem, finas rugas orladas de azul que se evaporarão logo que o sol subir, seis pares de pés pisando destroços nunca removidos, uma velha ficha de jogo meio descorada pelo sol, translúcidos ossos de gaivotas, uma camisola interior acastanhada, das da Wehrmacht, rasgada e suja com massa consistente...

Caminham ao longo da praia, a espantosa camisa do Slothrop, o lenço do Lérido, os vestidos das raparigas, garrafas verdes todas a dançar, toda a gente a falar ao mesmo tempo, língua franca de rapaz-e-rapariga, as raparigas cochichando imenso umas para as outras com olhares de esguelha para os seus acompanhantes. Isto deveria ser bom para um pouco de, heh, heh, lá começa aqui a paranóia, alguma coisa que animasse para ajudar a enfrentar o que certamente acontecerá mais ao fim do dia. Mas não é. A manhã está demasiado boa para isso. Chegam à praia ondinhas, que rebentam em forma de crosta de tarte ao longo de uma curva de seixos escuros, mais ao largo espumando entre as rochas negras que despontam ao longo do

Cap. No meio do mar tremeluzem as faixas gémeas das velas de um barco sendo sugadas pelo sol e pela distância, na direcção de Antibes, a embarcação a bolinar gradualmente, uma casca de noz entre ondas baixas cujo toque e turbulento silvo nos encolamentos o Slothrop consegue sentir nesta manhã, lembrando-se dos Comets e Hamptons de antes da guerra avistados da praia em Cape Cod, entre odores a terra, a algas secando, óleo de fritura que durara o verão inteiro, a sensação da areia nas queimaduras do sol, os bicos aguçados das ervas das dunas sob os pés descalços... Mais perto da margem vai a passar um *pédalo* cheio de soldados e raparigas — balouçam-se, salpicam-se, espojam-se nas cadeiras de repouso às riscas verdes e brancas que estão à ré. À beira da água andam criancinhas a correr, aos gritos, rindo-se daquele modo rouco, inevitavelmente excitado da criançada. Lá em cima na esplanada está um casal idoso sentado num banco, azul e branco com um pára-sol de cor creme, um traje matutino, uma âncora para o dia...

Chegam até às primeiras rochas, encontrando aí uma enseada parcialmente resguardada do resto da praia, e do Casino lá no alto. O pequeno-almoço é vinho, pão, sorrisos, sol a difundir-se entre o fino coador dos longos cabelos das bailarinas, oscilantes, saltitantes, nunca quietos, um deslumbramento de violeta, canela, açafrão, esmeralda... Por um momento pode-se deixar de pensar no mundo, as formas sólidas começam a fracturar-se, o quente miolo do pão à espera das pontas dos nossos dedos, o vinho floral em demorada, descontraída passagem fluindo até lá abaixo em torno da raiz da nossa língua...

O Bloat intromete-se. «Ouça cá, Slothrop, ela também é sua amiga?»

Hmm? o que está a acontecer... ela, o quê? Cá está o Bloat sentado, enfatizado, a gesticular para as rochas e para uma poça deixada pela maré ali perto...

«Você está a receber “aquele olhar”, meu velho.»

Bom... ela deve ter saído do mar. A esta distância, uns 20 metros, ela é apenas uma figura desfocada com um vestido de bombazina preta que lhe chega aos joelhos, as pernas nuas compridas e estreitas, um curto capuz de luzidio cabelo louro mantendo-lhe o rosto na sombra, erguendo-se em vírgulas para lhe roçar as faces. Ela está a olhar para o Slothrop, de facto. Ele sorri, a modos que lhe acena. Ela

continua ali especada, a brisa a comprimir-lhe as mangas. Ele vira-se para trás para tirar a rolha a uma garrafa de vinho, e o pop que esta faz chega como uma nota de graça para um grito de uma das bailarinas. O Lérido já está meio em pé, o Bloat a abrir a boca na direcção da rapariga, as danseuses imobilizadas em reflexos de defesa, cabelo a esvoaçar, vestidos torcidos, coxas à mostra —

Grande merda está a *mexer-se* — um polvo? Sim é o cabrão do maior polvo que o Slothrop alguma vez viu fora dos filmes, Jackson, e ele acabou de sair das águas e enroscou-se a meio caminho de uma das rochas pretas. Agora, lançando um olhar maligno à rapariga, ele estende um longo tentáculo cheio de ventosas, enrola-o à volta do pescoço dela enquanto toda a gente está a ver, um outro à volta da cintura dela e começa a arrastá-la, enquanto ela se debate, de novo para dentro do mar.

O Slothrop está em pé, garrafa na mão, passando a correr pelo Lérido que fez um hesitante passo de dança, mãos apalpando os bolsos do fato de salão em busca de armas que não estão lá, cada vez mais do polvo se revela à medida que ele se aproxima e ena este é mesmo dos *grandes*, raios o partam — resvala até conseguir parar ao lado dele, um pé dentro da poça da maré, e começa a assestar com a garrafa de vinho na cabeça do polvo. Caranguejos-eremita escorregam lutando pela vida ao redor do seu pé. A rapariga, já meio dentro de água, está a tentar gritar, mas o tentáculo, viscoso e gelado, mal lhe permite sequer respirar. Ela estende uma mão, uma mão de menina com macios nós dos dedos e a bracelete de aço de identificação de um homem no pulso, e agarra-se à camisa Hawaiana do Slothrop, começa a apertá-la aí com mais força, e quem haveria de saber que entre as últimas coisas dela estariam garotas do hula com rostos vulgares, ukuleles, e surfistas todos eles com cores de livro-de-quadrinhos... *oh Deus Deus por favor*, a garrafa batendo humidamente uma e outra vez em carne de polvo, não vale a pena foda-se, o polvo olha para o Slothrop, triunfante, enquanto este, na presença da morte certa, não consegue parar de olhar para a mão dela, o pano franzindo-se em tangentes ao terror dela, um botão da camisa já preso só por um último fio — ele vê o nome na bracelete, letras prateadas e gravadas cada uma delas nítida mas não fazendo sentido para ele diante do paro e viscoso aperto que continua a estreitar-se, líquido, mais forte do

que ele e ela juntos, tolhendo a pobre mão que seu cruel tétano está a separar da Terra —

«Slothrop!» Cá está o Bloat a três metros de distância oferecendo-lhe um grande caranguejo.

«Qu'é isso foda-se...» Talvez se ele quebrasse a garrafa na pedra, apunhalasse o sacana entre os olhos —

«Ele tem fome, vai atrás do caranguejo. *Não o mate, Slothrop.* Pague lá, por amor de Deus—» e lá vem ele a rodopiar pelo ar, pernas centrifugamente esticadas para fora: o trémulo Slothrop deixa cair a garrafa pouco antes de o caranguejo lhe tombar na palma da outra mão. Uma recepção limpa. Imediatamente, entre os dedos dela e a sua camisa, sente o reflexo pela comida.

«O.K.» O tremente Slothrop agita o caranguejo para o polvo. «Tá na hora da paparoca, amigo.» Avança mais um tentáculo. A sua rugosa viscosidade toca-lhe no pulso. O Slothrop atira o caranguejo para a praia alguns metros mais adiante, e olhem-me só para isto, o tal polvo vai mesmo atrás dele: arrastando a rapariga e o Slothrop cambaleante durante um bocado, soltando-a depois. O Slothrop torna a pegar rapidamente no caranguejo, erguendo-o no ar para que o polvo o veja, e começa a dançar para afastar a criatura dali para fora, pela praia, com a baba a escorrer-lhe do bico, olhos postos no caranguejo.

Durante o breve tempo em que estão juntos o Slothrop forma a impressão de que este polvo não está em boa saúde mental, porém onde está a sua base de comparação? Mas há uma louca exuberância, como com os objectos inanimados que caem das mesas abaixo quando nós estamos sensíveis ao ruído e à nossa própria falta de jeito e não queremos que eles caiam, uma espécie de wham! ha-ha tu ouviste isto? lá está *outra vez*, WHAM! a cada movimento do cefalópode, do qual Slothrop fica contente por se escapar quando finalmente lança o caranguejo como se fosse um disco, com toda a sua força, para o meio do mar, e o polvo, com um ávido mergulho e gorgolhar, se lança em sua perseguição, e dentro em pouco desaparece.

A frágil rapariga está deitada na praia, aspirando grandes golfadas de ar, rodeada agora pelos outros. Uma das bailarinas está a apoiá-la nos seus braços e a falar, com érres e nasais ainda Franceses, numa

linguagem que o Slothrop, avançando até uma distância em que a ouça, não consegue situar ao certo.

O Lérido sorri e faz uma pequena continência. «Muito bem!» aplaude o Teddy Bloat. «Não gostaria de ter sido eu a tentar isso!»

«Porque não? Você tinha aquele caranguejo. Ouuuça — onde é que você *arranjou* aquele caranguejo?»

«Achei-o», responde o Bloat com cara séria. O Slothrop fica a olhar para este passarão mas não obtém contacto visual. Mas qu'ê que s'está pr'aqui a passar foda-se?

«O melhor é eu beber mais um pouco desse vinho», conclui o Slothrop. Bebe pela garrafa. O ar sobe aos borbotões em esferas assimétricas por dentro do vidro verde. A rapariga olha-o. Ele pára para respirar e sorri.

«Obrigado, tenente.» Nem um tremor na voz, e a pronúncia é Teutónica. Ele consegue ver-lhe o rosto agora, suave nariz de corça, olhos atrás de pestanas louras cheios de verde ácido. Uma daquelas bocas europeias de lábios finos. «Eu já quase tinha parado de respirar.»

«Uh — você não é Alemã.»

Ela abanando a cabeça que não, enfaticamente, «Holandesa.»

«E tem estado aqui —»

Os olhos dela vão para alhures, ela estica-se, tira-lhe a garrafa da mão. Está a olhar para o mar, onde desapareceu o polvo. «Eles são muito ópticos, não são. Eu não sabia. Ele *viu-me*. A mim. Eu não pareço um caranguejo.»

«Acho que não. Você é uma rapariga com um aspecto muito jeitoso.» Ao fundo, o deliciado Bloat dá uma cotovelada ao Lérido. Aquela inquietude transatlântica. O Slothrop pega no pulso dela, não vê problema algum em ler agora a tal bracelete de identificação. Diz KATJE BORGESIUS. Sente a pulsação dela latejando. Será que ela o conhece de algum sítio? é estranho. Uma mistura de reconhecimento e súbita astúcia no rosto dela...

É portanto aqui, agrupadas na praia com estranhos, que as vozes começam a ganhar um toque de metal, cada palavra uma palmada de ríjas arestas, e a luz, embora tão brilhante como antes, é menos capaz de iluminar... é um reflexo Puritano de procurar outras ordens por

detrás do visível, também conhecido por paranóia, a infiltrar-se. Pálidas linhas de força zunem no ar marinho... pactos jurados em quartos que desde então foram bombardeados até ficarem como nas plantas, não de todo por acidente de guerra, sugerem-se a si mesmos. Oh, aquilo não foi nenhum caranguejo «achado», Ás — nem o polvo nem a rapariga foram por acaso, uh-uh. Estrutura e detalhe chegam depois, mas a conivência em seu redor ele sente-a agora instantaneamente, no seu âmago.

Todos eles ficam um pouco mais na praia, a acabar o pequeno-almoço. Mas o dia simples, pássaros e luz do sol, raparigas e vinho, já se esgueirou para longe do Slothrop. O Lérido está a ficar bêbedo, mais descontraído e divertido à medida que as garrafas se esvaziam. Já marcou não apenas a rapariga em que primeiramente havia posto os olhos, mas também aquela com que o Slothrop estaria agora mesmo a ter falinhas-mansas se o tal polvo não tivesse aparecido. Ele é um mensageiro do inocente passado pré-polvo do Slothrop. O Bloat, por outro lado, está sentado e perfeitamente sóbrio, bigode por despentear, uniforme regulamentar, observando o Slothrop de perto. A sua companheira Ghislaine, pequena e esguia, pernas de manequim, cabelo comprido penteado para trás das orelhas que lhe cai pelas costas abaixo, desloca o seu redondo traseiro sobre a areia, escrevendo comentários marginais ao redor do texto do Bloat. O Slothrop, o qual acredita que as mulheres, tal como os Marcianos, têm antenas que os homens não têm, mantém-se de olho nela. Ela somente o fita por uma vez, e os olhos dela tornam-se mais largos e crípticos. Ele estava capaz de jurar que ela sabe qualquer coisa. No regresso até ao Casino, enquanto sacodem os sapatos, e o cesto cheio dos restos da manhã, consegue trocar uma palavra com ela.

«Isto é que foi um piquenique, nessay-pah?»

Surgem covinhas nos cantos da boca dela. «Você já sabia do polvo durante este tempo todo? Julguei que sim por ser tão parecido com uma dança — vocês todas.»

«Não. Honestamente, eu não sabia. Quer dizer que você pensou que tivesse sido alguma partida, ou uma coisa assim?»

«Pequeno Tyrone», sussurra ela repentinamente, pegando no braço dele com um grande sorriso falso para os restantes. Pequeno? Ele

tem o dobro do tamanho dela. «Por favor — tenha muito cuidado...» É tudo. Ele tem a Katje na outra mão, dois mafarricos, contrários, um de cada lado. A praia está agora vazia à excepção de cinquenta gaivotas cinzentas que estão pousadas olhando para a água. Alvos montes de cúmulos dispõem-se sobre o mar, superfícies rígidas, infladas por querubins — agitam-se as folhas das palmeiras, pela esplanada abaixo. A Ghislaine separa-se deles, regressa lá abaixo à praia, para recolher o afectado Bloat. A Katje aperta o braço do Slothrop e diz-lhe precisamente aquilo que ele quer ouvir por esta altura: «Talvez, afinal, *estivéssemos destinados a conhecemo-nos...*»

□ □ □ □ □ □

Visto do mar, o Casino é a esta hora um flamejante bijou no horizonte: o seu revestimento de palmeiras já se ensombra na luz que esmorece. Começam a aprofundar-se os castanhos-amarelados destas pequenas montanhas serrilhadas, mar com a cor do fofô interior de uma azeitona preta, moradias brancas, empoleirados châteaux inteiros e arruinados, verdes outonais de mato e pinheiros solitários, todos a aprofundarem-se na paisagem nocturna neles latente o dia todo. Acendem-se fogueiras na praia. Um débil balbuciar de vozes inglesas, e até ocasionais canções, estende-se sobre as águas até ao sítio onde o Dr. Porkyevitch está de pé no convés. Lá em baixo, o Polvo Grigori, tendo-se refastelado com carne de caranguejo, dá cabriolas de contentamento no seu recinto especial. O raio de alcance do farol no promontório passa por eles, enquanto pequenas embarcações de pesca se dirigem para o mar. Grischa, pequeno amigo, tu efectuaste o teu último truque durante uns tempos... Haverá alguma esperança de um maior apoio por Pointsman, agora que o Porkyevitch e o Seu Fabuloso Polvo cumpriram a parte deles?

Ele desistiu há muito de pôr em causa as ordens — até de pôr em causa o seu exílio. As provas que o ligavam à conspiração de Bukarine, cujos pormenores ele jamais ouviu, poderiam até certo ponto ser verdadeiras — o Bloco Trotskista poderia ter sabido dele, por reputação, tê-lo usado de maneiras para sempre secretas... *para sempre secretas*: há formas de inocência, ele sabe-o, incapazes de conceberem o que isso significa, muito menos aceitá-lo como ele fez. Pois

aquilo poderia, afinal, ser somente mais um episódio de algum enorme drama patológico dos de Estaline. Pelo menos ele tinha a fisiologia, alguma coisa fora do Partido... aqueles que não tinham mais do que o partido, que haviam construído inteiramente as suas vidas tendo-o por base, apenas para serem purgados, têm de passar por algo de muito semelhante à morte... e nunca dar nada por certo, nunca ter a precisão do laboratório... tem sido a sua sanidade, como Deus sabe, desde há vinte anos. Ao menos eles nunca podem —

Não, não fariam isso, nunca houve um caso... a menos que tenha sido abafado, nunca se iria ler nada acerca disso nos jornais evidentemente —

Será que o Pointsman —

Ele poderia. Sim.

Grischa, Grischa! Tornou-se verdade. Em nós tão rapidamente: cidades estrangeiras, comediantes com chapéus amachucados, raparigas do cancan, fontanários de fogo, uma ruidosa orquestra no fosso... Grischa, com as bandeiras de todas as nações aninhadas nos teus braços... marisco fresco, um pirozhok morno, copos de chá quente ao fim do dia, entre actuações... aprende a esquecer a Rússia, a achar conforto nos mesquinhos e falsificados pedaços dela com que toparmos...

Agora, o céu estica-se para admitir uma única e primeira estrela. Mas o Porkyevitch não pede desejo algum. Por princípio. Os sinais de chegada não lhe interessam, nem sequer os sinais de partida... Enquanto o motor do barco segue com toda a força avante, a esteira deles começa a erguer-se, rósea de crepúsculo, até encobrir o Casino branco na costa.

A electricidade está ligada hoje à noite, o Casino de novo na rede energética Francesa. Lustres pejados de agulhas de cristal cintilam lá por cima, e candeeiros mais suaves brilham entre os jardins lá fora. Ao entrar para jantar com o Lérido e as bailarinas, o Slothrop é levado a uma paragem de olhos em alvo pela visão da Katje Borgesius, cabelo numa daquelas tiaras de esmeraldas, o resto dela aparelhado num longo vestido Medici de veludo verde-mar. Está acompanhada por um general de duas estrelas e um brigadeiro.

«As patentes têm os seus privilégios», canta o Lérido, arrastando uma sarcástica passada militar ao longo do tapete, «*oh*, as patentes têm deveras os seus privilégios.»

«Você está a ver se me irrita», sorri o Slothrop, «mas não está a dar resultado.»

«Bem vejo.» O sorriso dele gela. «Oh não, Slothrop, por favor, não, vamos entrar para jantar —»

«Bom, eu sei que vamos entrar para jantar —»

«Não, isto é muito embarrador, você tem de despir isso.»

«Você gosta? É autenticamente pintada à mão! Veja! Belas mães, huh?»

«É a Gravata da Escola de Wormwood Scrubs.»

Na sala de jantar principal eles unem-se a uma grande ida e vinda de empregados de mesa, oficiais e damas. O Slothrop, jovem bailarina pela mão, apanhado pela correnteza, consegue finalmente encaixar-se com ela num par de assentos que acabaram de vagar: para encontrar a seu lado quem senão a Katje como sua parceira do lado esquerdo. Ele incha as suas bochechas, cruza os olhos, escova industrialmente o seu cabelo com as mãos, altura essa em que já chegou a sopa, a qual ele ataca como se desarmasse uma bomba. A Katje está a ignorá-lo, falando em vez disso muito seriamente para diante do seu general com um qualquer coronel tirocinado sobre a profissão que este tinha antes da guerra, gerente de um campo de golfe na Cornualha. Buracos e obstáculos. Dava a uma pessoa um gosto pelo terreno. Mas ele gostava sobretudo de estar por lá à noite, quando os texugos saíam das tocas para brincar...

Pela altura em que o peixe já chegou e partiu, algo de engraçado está a acontecer. O joelho da Katje parece estar a roçar-se pelo do Slothrop, com aveludada quentura, por baixo da mesa.

Booomm, opina o Slothrop, olhem para isto: vou empregar algum do tal *subterfúgio*, quero dizer eu sempre estou na tal Europa, não estou? Ergue o seu copo de vinho e anuncia, «A Balada do Lérido Mucker-Maffick.» Levantam-se aplausos, o envergonhado Lérido tenta não sorrir. É uma canção que toda a gente conhece: um dos Escoceses avança pela sala fora em direcção ao grande piano, César Flebótomo, enroscando o seu fino bigode numa ponta de sabre, esgueira-se por detrás de uma palmeira envasada para aumentar um

pouco mais as luzes, espeta de lá a cabeça piscando o olho, e sibila para o seu maître d'hôtel. Gargareja-se com vinho, limpam-se as gargantas e boa parte da companhia começa a cantar

A BALADA DO LÉPIDO MUCKER-MAFFICK

Oh, o gin italiano é a praga de uma mãe,
E a cerveja de França é um séptico,
Beber Bourbon em Espanha é a solitária patranha
Do santo e do epiléptico.
A pingaça já alimentou muita carreta
Nas montanhas onde o alambique é fraterno —
É fermentada mistela numa venenosa panela,
E malhada com as marretas do Inferno!

(Refrão): Oh — o Lérido já se embebedou em muitos lugares
Daqui até à Ilha do Mais Extremo Friso,
E caso ele diga não a virar o canjirão,
Que eu morra com um encanecido sorriso!

Há o que parece ser um cento de — mas mais provavelmente somente dois — Galeses a cantarem, tenor do sul e baixo do norte do país, compreendeis, pelo que toda a conversação seja ela sub rosa ou não é efectivamente abafada. Exactamente o que o Slothrop pretende. Inclina-se na direcção da Katje.

«Vai ter ao meu quarto», sussurra ela, «306, depois da meia-noite.»
«Combinado.» E o Slothrop já está de novo empertigado para se voltar a unir a eles logo ao primeiro compasso:

Ele foi ossificado em oceanos de grogue,
No fojo da baleia que anovela —

Já correu mar qual anchova desde Durban até Dover,
Co' quatro magros linhos como vela.
Pois na bruma de Londres ou no sol do Saara,
Ou na gelada Zermatt tão altaneira
Carregado até dizer não à linha de flutuação
Ele sempre esteve pronto pr'andar na bebedeira!

Sim, o Lérido já se embebedou em muitos lugares... &c.

Após o jantar o Slothrop faz sinal ao Lérido. As bailarinas deles vão de braço dado até aos salões marmóreos em que os cubículos das retretes estão equipados com uma rede de tubos de comunicação em bronze, inteiramente acústica, para facilitar a conversação de cubículo-a-cubículo. O Slothrop e o Lérido dirigem-se para o bar mais próximo.

«Ouça», o Slothrop falando para o seu copo alto, fazendo ressaltar as palavras nos cubos de gelo para que elas produzam o calafrio adequado, «ou eu estou para aqui a ficar com alguma psicose, ou então anda a passar-se qualquer coisa de estranho, não é?»

O Lérido, que está a fingir um ar descontraído, pára de trautear «Podem Fazer-se Muitas Coisas à Beira-Mar Que Não Se Fazem na Cidade» para inquirir, «Ah, sim, você acha mesmo isso?»

«Vá lá, aquele polvo.»

«É uma espécie que se encontra com grande vulgaridade nas costas do Mediterrâneo. Embora normalmente não seja tão grande — é o *tamanho* dele que o incomoda? Mas os Americanos não *gostam* —»

«Lérido, aquilo não foi nenhum acidente. Você ouviu aquele Bloat? «Não o mate!» Ele trazia um caranguejo *consigo*, talvez dentro daquela sacola, já preparado como engodo para levar o bicho dali. E para onde foi ele hoje à noite, já agora?»

«Julgo que esteja lá pela praia. Bebe-se muito.»

«Ele bebe muito?»

«Não.»

«Ouça, você é amigo dele —»

O Lérido geme. «Meu Deus, Slothrop, *eu* não sei. Também sou seu amigo, mas há sempre, como você sabe, um elemento de paranoia Slothropiana com que temos de lidar...»

«Paranoia o tanas. Há aí qualquer coisa, qu-que eu bem sei!»

O Lérido mastiga gelo, olhos postos na varinha de vidro da bebida, rasga um pequeno guardanapo transformando-o em tempestade de neve, todos os tipos de habilidades de bar, ele é um veterano. Mas por fim, numa voz branda, «Bom, ele tem recebido mensagens em código.»

«Ha!»

«Vi uma entre as coisas dele hoje à tarde. Foi só de relance. Não tentei olhar mais de perto. Ele está com o Quartel-General Supremo, afinal — suponho que possa ser isso.»

«Não, não é isso. Agora quanto a *isto* —» e o Slothrop fala-lhe do seu encontro à meia-noite com a Katje. Por um momento eles quase poderiam estar de volta ao gabinete na ACHTUNG, e os foguetes a caírem, e chá em copos de papel, e tudo bem outra vez...

«Você vai?»

«Não deveria ir? Você pensa que ela seja perigosa?»

«Eu penso que ela é encantadora. Se não tivesse de me preocupar com a Françoise, para nem falar da Yvonne, fazia uma corrida consigo até à porta dela.»

«Mas?»

Mas o relógio por cima do bar só dá um estalido, a seguir um outro, engrenando o tempo minuto a minuto rumo ao passado deles.

«Ou o que você tem é contagioso», começa o Lérido, «ou então eles também andam de olho em mim.»

Olham um para o outro. O Slothrop lembra-se que para além do Lérido ele está completamente sozinho aqui. «Conte-me.»

«Gostava de poder. Ele está mudado — mas eu não poderia darg-lhe a si a mais pequena prova. Foi desde... não sei. O Outono. Ele já não fala de política. Meu Deus, nós costumávamos ter umas — Ele também não discute os seus planos para quando for desmobilizado, era uma coisa que costumava fazer o tempo todo. Julguei que a Blitz pudesse tê-lo abalado... mas desde ontem, creio que deve ser mais. Raios, isto entristece-me.»

«O que aconteceu?»

«Oh. Uma espécie de — não uma ameaça. Ou não uma séria. Eu referi, por brincadeira, que estava entusiasmado pela sua Katje. E o Bloat tornou-se muito frio, e disse, “Eu se fosse a si mantinha-me longe dessa.” Tentou disfarçar aquilo com uma gargalhada, como se também andasse de olho nela. Mas não era isso. Eu-eu já não tenho a confiança dele. Estou — sinto que só lhe sou útil de uma maneira que não consigo perceber. Sendo tolerado enquanto ele me puder

usar. A velha ligação da Universidade. Não sei se você alguma vez sentiu isso em Harvard... de tempos a tempos lá em Oxford, eu acabei por sentir uma *estrutura* peculiar que ninguém admitia — que se estendia muito para além da Turl Street, para além da Cornmarket em acordos contratuais, procurações, contas por acertar... uma pessoa nunca sabia quem, nem quando, nem como seria que tentariam cobrá-las... mas eu achava-a ali latente, mesmo à beira daquilo que eu lá andava *realmente* a fazer, sabe...»

«Claro. Naquela América, essa é logo a primeira coisa que nos dizem. Harvard está lá por outros motivos. A parte «educativa» daquilo é só uma espécie de fachada.»

«Nós por cá somos muito inocentes, comprehende.»

«Alguns de vós, talvez. Lamento isso do Bloat.»

«Eu continuo a esperar que seja outra coisa.»

«Pode ser. Mas o que fazemos nós agora?»

«Oh eu diria que — compra o seu encontro, tenha cuidado. Mantenha-me ao corrente. Talvez amanhã eu tenha uma aventura ou outra para lhe contar a si, para variar. E se precisar de ajuda», dentes cintilando, rosto enrubescedo um pouco, «bom, eu ajudo-o.»

«Obrigado, Lérido.» Jesus, um aliado britânico. A Yvonne e a Françoise espreitam lá para dentro, atraindo-os lá para fora. A caminho da Himmler-Spielsaal e do chemin-de-fer até à meia-noite. O Slothrop fica a par, o Lérido perde, e as raparigas ganham. Não há sinais do Bloat, embora dezenas de oficiais andem a entrar e a sair da sala, castanhos e distantes como rotogravuras, ao longo do serão. Também não há sinais da Ghislaine, a rapariga dele. O Slothrop pergunta. A Yvonne encolhe os ombros: «Anda com o vosso amigo? Quem sabe?» O longo cabelo da Ghislaine e os braços bronzeados, o seu rosto de seis anos de idade num sorriso... Se vier a dar-se o caso de ela saber alguma coisa, estará ela a salvo?

Às 11:59 o Slothrop vira-se para o Lérido, faz um aceno de cabeça às duas raparigas, tenta gracejar libidinosamente, e dá ao seu amigo um rápido e afectuoso soco no ombro. Uma vez, ainda na escola preparatória, pouco antes de o enviar para o meio de um jogo, o treinador de futebol do jovem Slothrop socara-o desse mesmo modo, dando-lhe confiança durante pelo menos cinquenta segundos, até ele

ser espalmado contra o chão por uma quantidade de rapazes da Choate vestidos de vermelho, cada um deles com os instintos e a massa de um rinoceronte assassino.

«Boa sorte», diz o Lérido, com sinceridade, mão já a estender-se para o doce fundo de chiffon da Yvonne. Minutos de dúvida, sim sim... O Slothrop ascendendo lances de escadas atapetadas a vermelho (Bem-vindo Senhor Slothrop Bem-vindo À Nossa Estrutura Esperamos Que Aprecie A Sua Estadia Por Cá), ninfas de malaquite e sátiros paralisados durante a perseguição, sempre verdes, nos silenciosos patamares, subindo na direcção de uma única lâmpada acesa lá no alto...

À porta dela ele detém-se por tempo suficiente para compor o seu cabelo. Agora ela veste uma peliça branca, pejada de lantejoulas, ombros enchumaçados, bordas de alvas plumas de avestruz na gola e nos punhos. A tiara desapareceu: na electricidade o cabelo dela é novo nevão. Mas lá dentro arde uma única vela perfumada, e a suite está banhada em luar. Ela serve brandy em antigos copos de balão, e quando ele estende a mão, os dedos deles tocam-se. «Não sabia que eras tão tarada pelo tal golfe!» O suave, romântico Slothrop.

«Ele era simpático. Eu estava a ser simpática com ele», um olho a modos que alçado, testa enrugada. O Slothrop pensa se terá a bragUILHA aberta.

«E a ignorar-me. Porquê?» Bela jogada essa, Slothrop — mas ela apenas se evapora diante da pergunta, re-forma-se numa outra parte do quarto...

«Eu estou a ignorar-te?» Ela está na sua janela, o mar lá em baixo e por detrás dela, o mar da meia-noite, as suas ondulações individuais impossíveis de seguir a esta distância, todas integradas na pairante imobilidade de uma pintura antiga vista no outro lado da galeria deserta em que tu esperas na sombra, esquecendo porque aqui estás, assustado pelo nível de iluminação, que vem da mesma branqueada cicatriz de lua que hoje à noite varre o mar...

«Não sei. Mas divertes-te imenso.»

«Talvez seja o que eu devo fazer.»

«Como em “Talvez estivéssemos destinados a conhecermos-nos”?»

«Oh, tu pensas que eu sou mais do que sou», deslizando para um sofá, enfiando uma perna por baixo de si.

«Eu sei. Tu és uma leiteira holandesa ou qualquer coisa assim. Tens um armário cheio daqueles aventais engomados e-e de tamanhos de madeira, não é?»

«Vai ver.» Os condimentados odores da vela estendem-se como nervos através do quarto.

«O.K, eu vou!» Ele abre o armário dela, e no luar reflectido pelo espelho encontra um populoso labirinto de cetins, tafetás, cambraiás, e ponjés, golas e enfeites em pêlo escuro, botões, faixas, adornos, suaves, confusos, sistemas de túneis femininos que devem estender-se por quilómetros — ele podia perder-se dentro de um meio minuto... rendas cintilam, ilhós pestanejam, uma estola de crepe roça o rosto dele... Aha! espera aí, o odor operacional aqui é a tetracloreto de carbono, Jackson, e este guarda-roupa aqui é sobretudo de adereços. «Bem. Muito finaço.»

«Se isso é um cumprimento, obrigada.»

Que me agradeçam Eles a mim, miúda. «Um Americanismo.»

«És o primeiro Americano que eu conheço.»

«Hmm. Então tu deves ter saído através da tal Arnhem, não é?»

«Credo, tu és rápido», o tom dela avisando-o de que não insista mais nisso. Ele suspira, passando a unha do dedo pela orla do copo de balão. No quarto às escuras, com o paralisado e silencioso mar nas suas costas, ele tenta cantar:

CEDO DEMAIS PARA SABER (FOX-TROT)

É ainda cedo demais,
Não é como se trocássemos beijos e uis,
Ou perseguíssemos a lua mais,
Na calada da meia-noite, quando a dança diminui,
Em amanheceres discretos,
Sobre relvados secretos...

Cedo demais para saber
Se toda aquele arfante paleio
O suspiro que acabou de acontecer
Foi mais que casual anseio

Condenado a tornar-se espuma
Entre a pardacenta bruma...

Como se pode dizer,
O que podemos ver?
O amor faz seus feitiços às escondidas,
Sem te pedir que decidias...

Quem pode então dizer
Se o jubiloso amor é só o início,
Ou se o dia ao romper
Se tornou anoitecer, quando a Terra iniciou seu rodízio?
Querida, pode ser —
É CEDO DEMAIS PARA SABER.

Sabendo o que se espera de si, ela aguarda com um ar vâpido até ele acabar, as dolentes melodias dos instrumentos de sopro ficam a pairar por um instante no ar, depois estende uma mão, dissolven-do-se em direcção a ele enquanto ele vacila em câmara lenta rumo à boca dela, penas a deslizarem, mangas a enrolarem-se, elevando braços nus finamente rendilhados pelo luar que o contornam e lhe sobem pelas costas, a viscosa língua dela tão nervosa quanto uma traça, as mãos dele raspando em lantejoulas... depois os seios dela espalham-se contra ele enquanto os braços e as mãos dela se dobram por detrás de si para encontrarem um fecho de correr, fazerem-no abrir-se com um esgar ao longo da sua espinha...

A pele da Katje é mais branca do que o traje branco de onde ela emerge. Renascida... pela janela ele quase consegue avistar o local até onde o polvo se arrastou desde as rochas. Ela caminha como uma bailarina em bicos de pés, coxas longas e curvilíneas, o Slothrop a abrir cinto, botões, atacadores e tirando um pé de cada vez, enapá enapá, mas o luar somente torna mais alvas as costas dela, e continua a haver um lado mais obscuro, o lado ventral dela, o rosto dela, que ele já não consegue ver, uma terrível e bestial alteração a surgir no focinho e na mandíbula inferior, pupilas negras crescendo de modo a cobrirem todo o espaço ocular até que os brancos tenham desaparecido e haja somente o rubro reflexo animal quando a luz vem incidir *não há modo de se dizer quando a luz* —

Elá atirou-se para a funda cama, puxando-o a ele também, para baixo, para bordados acetinados, seráficos e florais, virando-se de imediato para acolher a erecção dele na sua forquilha estendida, numa única vibração em que a noite se está a afinar... enquanto fodem ela estremece, corpo em estroboscopia quilómetros abaixo dele nuns tons de creme e azul nocturno, todos os sons suprimidos, olhos em crescentes por detrás das pestanas douradas, brincos de azeviche, compridos, octaédricos, balouçando-se sem um som, embatendo nas faces dela, negra saraivada, o rosto dele impassível por cima dela, cheio de cuidadosa técnica — será por ela? ou ligado à Colusão Slothropiana acerca da qual a informaram — ela irá movê-lo, ela não será montada por uma casca de plástico... a respiração dela tornou-se agora mais rouca, no limiar do som... pensando que ela poderá estar prestes a vir-se ele estende uma mão para o cabelo dela, tenta immobilizar-lhe a cabeça, precisando de lhe ver o rosto: isto é de súbito uma luta, viciosa e real — ela não quer mostrar-lhe a cara — e a partir de nenhures ela começa a vir-se, e o Slothrop faz o mesmo.

Por qualquer razão agora, ela que nunca se ri transformou-se na superfície superior de um fundo, crescente balão de riso. Quando mais tarde estiver quase a adormecer, ela segredará também, «Risos», rindo-se de novo.

Ele quererá dizer-lhe, «Oh, Eles deixam-te», mas pensando bem talvez Eles não a deixem. Mas a Katje para a qual ele está a falar já se foi, e seguidamente os próprios olhos dele se fecharam.

Como um foguete cujas válvulas, sob controlo remoto, se abrem e fecham em momentos preestabelecidos, o Slothrop, num certo nível da sua reentrada no sono, pára de respirar pelo nariz e começa a respirar pela boca. Isto depressa se transforma em ressonos que se diz já terem abalado portadas de janelas, posto estores a balouçar e lustres em violenta tintinabulação, é bem verdaa-aade... Ao primeiro desses esta noite, a Katje acorda e bate-lhe na cabeça com uma almofada.

«Nada disso.»

«Hmm.»

«Eu tenho o sono leve. Sempre que tu ressonares, bato-te com isto», agitando a almofada.

E também não está a brincar. A rotina de ressonar, levar com a almofada, acordar, dizer hmm, tornar a adormecer, prolonga-se até de manhã. «Vá lá», finalmente, «pára com isso.»

«Tu respiras pela boca!» berra ela. Ele pega na sua própria almofada e atira-lha. Ela baixa-se, rebola, deita-se no chão escondida atrás da almofada dela, recuando até ao aparador onde estão as bebidas. Ele não percebe o que ela tem em mente até ela lhe lançar a sua almofada e pegar na garrafa da água de Seltz.

A quê, *A Garrafa da Água de Seltz*? Mas que merda é esta, agora? Que outros adereços interessantes pensaram Eles plantar, e de que outros reflexos Americanos andam Eles atrás? Onde estão as tais *tartes de creme de banana*, eh?

Ele suspende duas almofadas e observa-a. «Mais um passo», diz ela a rir-se. O Slothrop mergulha e agarra-a pelo rabo ao que ela lhe acerta com a garrafa da água de Seltz, pois claro. A almofada rebenta contra uma esquina de mármore, o luar no quarto é abafado com penas e logo a seguir com os esvoaçantes borrifos dos jactos de água de Seltz. Slothrop continua a tentar apanhar a garrafa. A escorregadia rapariga encolhe-se e foge, esconde-se atrás de uma cadeira. O Slothrop tira o decantador de brandy de cima do aparador, destapa-o, e atira por duas vezes um claro, ambarino, pseudópode borriço de um lado do quarto para o outro que entra e sai do luar para se ir derramar no pescoço dela, entre os seus seios de negros bicos, pelos flancos dela abaixo. «Sacana», acertando novamente nele com a água de Seltzer. As penas que caem prendem-se à pele deles enquanto correm pelo quarto, o sarapintado corpo dela sempre em retirada, que nesta luz, mesmo de perto, muitas vezes é quase impossível ver. O Slothrop está sempre a cair por cima da mobília. «Ena pá, quando eu te puser as mãos em *cima!*» Momento esse em que ela abre a porta para a sala de estar, se esgueira para lá, torna a fechá-la de modo que o Slothrop esbarre contra ela, ressalte, diga merda, abra a porta para encontrá-la a agitar uma grande toalha de mesa damasquina na direcção dele.

«O que é isto», inquire o Slothrop.

«Magial» grita ela, e atira o pano de mesa para cima dele, as dobras precisamente vincadas propagando-se tão rapidamente como fai-lhas num cristal, rubramente através dos ares. «Olha só, como eu faço desaparecer um tenente Americano.»

«Deixa-te de brincadeiras», o Slothrop a esbracejar tentando encontrar de novo a saída. «Como posso eu olhar para alguma coisa se estou aqui dentro.» Ele não consegue encontrar as bordas em sítio algum e sente um certo pânico.

«A ideia é essa», subitamente lá dentro, ao lado dele, lábios nos seus mamilos, mãos flutuando entre os pêlos que ele tem na parte de trás do pescoço, puxando-o lentamente para a fofa tapeçaria, «Meu pequeno *chickadee*.»

«Onde é que tu viste esse, hã? Lembras-te quando ele vai para a cama c-com aquela *cabra*?»

«Oh, nem queiras saber...» Desta vez é uma rapidinha coordenada e bem-disposta, ambos algo sonolentos, cobertos de pegajosas penas... após se virem ficam deitados muito juntos, demasiado liquefeitos para se mexerem, mm, damasco e pêlo, isto aqui dentro é tão confortável e vermelho como um útero... Enrolado com os pés dela entre os seus, picha aninhada na quente cúspide entre as nádegas dela, o Slothrop tentando honestar respirar pelo seu nariz, tombam no sono.

O Slothrop acorda com luz matinal a sair daquele Mediterrâneo, filtrada através de uma palmeira do lado de fora da janela, depois avermelhada pelo pano de mesa, pássaros, água a correr lá em cima. Durante um minuto permanece deitado até acordar, sem ressaca, pertencendo ainda de um modo nada Slothropiano a um qualquer proliferante ciclo de partida e retorno. A Katje está deitada, lesta e quente, numa forma de S contra o S dele, começando a agitar-se.

Vindo do quarto ao lado ele ouve o inconfundível som da fivela de um cinto do Exército. «Alguém», observa ele, apercebendo-se disso rapidamente, «deve estar a roubar-me as calças.» Tropel de passos pela carpete, perto da cabeça dele. O Slothrop consegue ouvir os seus trocos caindo-lhe dos bolsos. «Ladrão!», brada ele, o que acorda a Katje, a qual se vira para o envolver nos seus braços. O Slothrop, conseguindo agora localizar a bainha que não conseguira encontrar na noite passada, escapa-se precipitadamente de baixo do pano de mesa mesmo a tempo de ver um grande pé num sapato de dois tons, café e anil, desaparecer pela porta fora. Corre até ao quarto de dormir,

descobre que tudo o mais que ele tinha para vestir desapareceu também, incluindo os sapatos e a roupa interior.

«A minha roupa!» correndo de novo cá para fora e passando pela Katje que agora emerge do damasco e tenta agarrar-lhe os pés. O Slothrop abre a porta para trás, corre pelo corredor fora, recorda-se de que está para ali *nu*, detecta um carrinho de lavandaria e tira deste um lençol de cama em cetim roxo, com o qual se envolve numa espécie de toga. Das escadas vem um relincho e o toc-toc de solas de crepe. «Ahal!» grita o Slothrop carregando pelo corredor fora. O escorregadio lençol não quer continuar onde está. Abre-se, desliza, fica-lhe debaixo dos pés. Subindo os degraus aos dois de cada vez, somente para encontrar no cimo um outro corredor, igualmente vazio. Onde está toda a gente?

Ao fundo do corredor, uma pequena cabeça surge numa esquina, uma pequena mão aparece e mostra ao Slothrop ao pequeno dedo médio esticado. Uma risada desagradável chega até este uma fração de segundo depois, altura em que já está a correr para lá. Nas escadas, ouve passos a descerem. O Grande Papagaio Roxo desce a correr três lances de escadas rogando pragas, sai por uma porta e vai ter a um pequeno terraço, mesmo a tempo de ver alguém saltar por cima de uma balaustrada de pedra e desaparecer na metade superior de uma espessa árvore, que cresce de algures lá em baixo. «Finalmente emboscado!» grita o Slothrop.

Primeiro tem de se chegar à árvore, depois trepa-se por ela tão facilmente como por uma escada. Uma vez lá dentro, rodeado pela pungente luz da folhagem, o Slothrop não consegue ver mais longe que algumas ramadas. A árvore está porém a abanar, pelo que ele julga que o ladrão esteja ali por perto. Continua a trepar industriosa-mente, o lençol a ficar preso e a rasgar-se, a pele espetada pela caruma, raspada pela casca. Doem-lhe os pés. Está prestes a ficar sem fôlego. Gradualmente o cone de luz verde estreita-se, torna-se mais brilhante. Perto do topo, o Slothrop nota um golpe de serra ou algo enfiado no meio do tronco, mas não pára para ponderar o que poderia significar isso antes de ter alcançado o topo da árvore propriamente dito e ficar agarrado ali a balouçar-se, a apreciar a bela vista do porto e do promontório, o mar azul como uma pintura, as cristas

brancas, a tempestade a acumular-se no horizonte, o alto das cabeças das pessoas movendo-se de um lado para outro lá em baixo. Ena. Ao fundo do tronco ouve o ruído da madeira começando a estalar, e sente a vibração aqui no seu esguio poleiro.

«Oh, ouça...» Aquele *manhoso*. Ele trepou pela árvore *abaixo*, e não acima! Agora está lá em baixo, a ver! Eles sabiam que o Slothrop optaria por subir, e não descer — estavam mesmo a contar com o raio *desse reflexo Americano*, numa perseguição o tipo mau vai sempre para cima — porquê para cima? e eles serraram o tronco quase de lado a lado, e-e agora —

Eles? *Eles?*

«Bom», opina o Slothrop, «o melhor é eu, uh...» Mais ou menos por essa altura a ponta da árvore racha-se, e com um grande rumor e tumulto, um corrupio de ramadas escuras e de carumas que o quebram em diversos milhares de aguçadas peças em queda, lá vem o Slothrop por ali abaixo, ressaltando de ramo em ramo, tentando segurar o lençol roxo por cima da sua cabeça para fazer de pára-quedas. Oof. Nnhh. A meio da descida, por altura do terraço ou algo assim, ele por acaso olha para baixo, e ali observa muitos oficiais superiores em uniforme e roliças senhoras com alvos vestidos de cambraia e chapéus floridos. Estão a jogar cróquete. Parece que o Slothrop irá aterrinar algures no meio deles. Ele fecha os olhos e tenta imaginar uma ilha tropical, um quarto seguro, onde isto não possa estar a acontecer. Abre-os praticamente quando embate no solo. No silêncio, antes de ele conseguir sequer registar dor, chega o sonoro *thock* de madeira a embater em madeira. Uma brilhante bola amarela às riscas passa a rolar a dois centímetros do nariz do Slothrop e sai da vista, seguida um segundo mais tarde por um clamor de felicitações, senhoras entusiásticas, passos a encaminharem-se na sua direcção. Parece que ele, unnnhh, deu um bocadito cabo das costas, mas em todo o caso agora não lhe apetece muito mexer-se. Pouco depois o céu é obscurecido pelos rostos de um qualquer General e do Teddy Bloat, que olham com curiosidade para baixo.

«É o Slothrop», diz o Bloat, «e está vestido com um lençol roxo.»

«Mas o que é isto meu rapaz», inquire o General, «roupa de teatro, eh?» Junta-se a ele um par de senhoras olhando vivamente, ou porventura através de, Slothrop.

«Com quem está a falar, General?»

«Aquele maçador da toga», responde o General, «que está deitado entre mim e o meu próximo aro.»

«Ora que extraordinário, Rowena», virando-se para a companheira dela, «você *vê* algum “maçador de toga”?»

«Meu Deus não, Jewel», responde a jovial Rowena. «*Por mim* creio que o General esteve a *beber*.» As senhoras começam a gargalhar.

«Se o General *tomassee todas* as suas decisões neste estado», a Jewel procurando ganhar fôlego, «até devia, devia haver *chucrute na Strand!*» As duas guincham, muito alto, durante uma desagradável extensão de tempo.

«E o seu nome seria *Brunhilde*», os dois rostos agora feitos uma rosa estrangulada, «em vez de — de Jewel!» Estão agarradas uma à outra em risco de vida. O Slothrop levanta os olhos para esse espetáculo, agora aumentado por um elenco de dúzias.

«Bo-o-o-omm, estão a ver, é que alguém me surripiou a roupa toda, e eu ia mesmo a caminho de me queixar à gerência —»

«Mas em vez disso decidiu vestir um lençol roxo e trepar a uma árvore», diz o General aquiescendo com a cabeça. «Bom — atrevo-me a dizer que lhe arranjaremos qualquer coisa. Bloat, você é praticamente do tamanho deste homem, não é?»

«Oh», martelo de cróquete ao ombro, numa pose como as dos cartazes de reclame a Kilgour ou Curtis, sorrindo para o Slothrop, «eu tenho um uniforme sobresselente para aí. Venha lá, Slothrop, você está bem, não está. Não partiu nada.»

«Yaagghh.» Envolto no seu lençol em farripas, ajudado a levantar-se pelos solícitos jogadores de cróquete, o Slothrop vai coxeando atrás do Bloat, sai do relvado e entra no Casino. Param primeiro no quarto do Slothrop. Ele encontra-o acabado de limpar, perfeitamente vazio, pronto para novos hóspedes. «Eh lá...» Abanando as gavetas tão vazias quanto tambores: cada artigo de roupa que ele possui desapareceu, incluindo a sua camisa havaiana. Ora o caralho. A remungar, ele vasculha a escrivaninha. Vazia. Armários vazios. Papéis da licença, de identificação, tudo, levado. Os músculos das suas costas palpitam de dor. «Mas o que é isto, Ás?» indo verificar de novo

o número da porta, agora tudo só para confirmar. Ele sabe. A camisa do Hogan é o que mais o incomoda.

«Primeiro vista qualquer coisa respeitável», o tom de voz do Bloat cheio de revulsão de mestre-escola. Entram dois subalternos que deixam cair as suas bagagens. Páram arregalando os olhos para o Slothrop. «Ouve cá pá, tu estás no teatro de operações errado», grita um. «Vê se mostras mais respeito», diz o outro já na galhofa, «é o Lawrence da Arábia!»

«Merda», diz o Slothrop. Nem sequer consegue alçar o seu braço, quanto mais projectá-lo para a frente. Prosseguem até ao quarto do Bloat, onde compõem um uniforme.

«Diga-me cá», ocorre ao Slothrop, «por onde anda aquele Mucker-Maffick hoje de manhã?»

«Não faço ideia, realmente. Andará com a rapariga dele. Ou raparigas. Por onde andou *você*?»

Mas o Slothrop está a olhar em redor, um cada vez mais contraído medo rectal a dominá-lo agora tardiamente, pESCOÇO e rosto orlando-se-lhe de uma vaga de suor, tentando encontrar neste quarto que o Lérido partilha com o Bloat algum vestígio do seu amigo. Hirsuto casaco de Norfolk, fato às riscas, qualquer coisa...

Nada. «Aquele Lérido mudou-se daqui para fora, ou quê?»

«Pode ter-se mudado para ao pé da Françoise ou da Como-é-que-se-chama. Até pode ter voltado mais cedo para Londres, eu não tenho nenhum arquivo a respeito dele, não sou o gabinete das pessoas desaparecidas.»

«Você é amigo dele...» O Bloat, com um insolente encolher de ombros, pela primeira vez desde que se conheceram, fita agora o Slothrop nos olhos. «Não é? O que é você?»

A resposta está no olhar do Bloat, o quarto mal iluminado torna-se racionalizado, nada há nele de férias, somente uniformes de Savile Row, escovas de cabelo prateadas e navalha de barba dispostas em ângulos rectos, um luzidio espigão numa base octogonal a empalar um centímetro de impressos em tom pastel, com todas as arestas perfeitamente alinhadas... um pedaço de Whitehall na Riviera.

O Slothrop afasta os seus olhos. «A ver se consigo encontrá-lo», murmura ele, em retirada pela porta fora, uniforme enfolado no rabo

e justo demais na cintura. Vive a coisa com'a sentes pá, vais andar com ela uns tempos...

Começa pelo bar onde conversaram na noite anterior. Está vazio à exceção de um coronel com um grande bigode retorcido, de chapéu posto, rigidamente sentado diante de qualquer coisa que é grande, borbulhante, opaca, e guarnevida com um crisântemo branco. «Lá em Sandhurst não o ensinaram a fazer continência?» grita este oficial. O Slothrop, hesitando só por um momento, faz-lhe a continência. «O raio da Unidade de Formação de Oficiais Cadetes deve estar cheia de Nazis.» Não se avista o empregado do bar. Não se lembra do que — «Bom?»

«A bem dizer, o que eu sou é, aah, é americano, pedi este uniforme emprestado, e bom eu andava à procura de um tal Tenente Mucker-Maffick...»

«Você é o quê?» ruge o coronel, arrancando folhas do crisântemo com os seus dentes. «Mas que género de maluqueira Nazi é essa, eh?»

«Bom, muito obrigado», o Slothrop a recuar para a saída da sala, tornando a fazer continência.

«Isto é incrível!» o eco que o segue pelos corredores até à Himmler-Spielsaal. «É Nazil!»

Deserta na quietude do meio-dia, eis aqui ressonantes extensões de mogno, de baeta verde, pendentes voltas de veludo vermelho escuro. Rodos de madeira para recolher dinheiro, muito usados, jazem inanimados sobre as mesas. Pequenos sinos prateados com cabos de ébano estão virados de boca para baixo sobre o envernizado acastanhado. Ao redor das mesas, cadeiras de estilo Império estão alinhadas com precisão e sem jogadores. Mas algumas são mais altas que as restantes. Essas já não são sinais exteriores e visíveis de um jogo de sorte. Há aqui um outro empreendimento, mais real que esse, menos misericordioso, e sistematicamente ocultado de gente como o Slothrop. Quem se senta nas cadeiras mais altas? Terão Eles nomes? O que haverá nas suaves superfícies de baeta d'Eles?

Uma luz cor de bronze coa-se do alto. A grande sala está forrada de murais: deuses e deusas pneumáticos, zagalas e pastorais em tons pastel, folhagem brumosa, lenços esvoaçantes... De toda a parte escorrem

retorcidos festões dourados — dos ornatos, dos lustres, dos pilares, dos caixilhos das janelas... o soalho riscado brilha sob a clarabóia... Do tecto, até a pouco mais de um metro dos tamos das mesas, pendem longas correntes, com ganchos nas pontas. O que se pendura naqueles ganchos?

Durante um minuto, o Slothrop, no seu uniforme inglês, fica aqui a sós com a parafernália de uma ordem de cuja presença entre os vulgares despojos da vigília ele só ultimamente começou a suspeitar.

Poderá ter havido, por um instante, uma qualquer figura dourada, vagamente assemelhada a uma raiz ou a um homem começando a formar-se entre as sombras castanhas e vistosamente cremen e a luz daqui. Mas o Slothrop não se deixa afugentar com tanta facilidade. Em breve, e com desagrado, ocorrer-lhe-á que tudo o que há nesta sala anda realmente a ser usado para algo diferente. Significando coisas para Eles que nunca significaram para nós. Nunca. Duas ordens de ser, que parecem idênticas...mas, mas...

Oh, O MUNDO ACOLÁ, é
Tão difícil de explicar!
Como um sonho, na nossa cabeça, a perder-se sem parar!
Dançando como um doido naquela Enfer-maria Proibida,
À espera que a luz comece a ficar tremida — bem,
Quem disse que não podíamos mexer-nos assim,
Quem disse a cada um para não tentar um jeito seu?
Se tu des-co-brires-que-há-algu-ma-dor,
Podes sem-pre-vol-tar-atrás-sem-temor, porque
Nunca chegas-re-almen-te-a-dizer, a-deus!

Porquê aqui? Porque haveriam as multicoloridas bordas daquilo que está quase em cima dele de ser sussurrantemente mais intensas aqui nesta sala amplamente codificada? digamos porque é que entrar aqui haveria de ser quase o mesmo do que entrar na Proibida propriamente dita — eis aqui as mesmas salas compridas, salas de antiga paralisia e maligna destilaria, de condensações e resíduos que receámos cheirar provenientes de corrupções esquecidas, salas cheias de erectas estátuas de penas cinzentas com asas abertas, rostos indistintos em pó — salas cheias de pó que nuclará as formas de quem habita junto aos cantos ou mais no interior, que lhes assentará sobre as

lapelas negras e formais, que se refinará para lhes adocicar os alvos rostos, alvos peitilhos das camisas, gemas e vestidos, alvas mãos que se movem com demasiada rapidez para serem vistas... que jogo distribuem Eles? Que passes são esses, tão indistintos, tão antigos e perfeitos?

«Vão-se foder», sussurra o Slothrop. É a única praga que ele conhece, e uma que é praticamente para todo-o-serviço. O sussurro dele é difundido pelos milhares de minúsculas superfícies rococó. Talvez ele se esgueire até ali hoje à noite — não de noite não — mas noutra ocasião qualquer, com um balde e uma trincha, pinte VÃO-SE FODER num balão a sair da boca de uma daquelas pequenas pastoras rosadas que para ali estão...

Torna a sair de lá, às arrecuas pela porta, como se metade, a sua metade ventral, estivesse a ser acometida por régia radiância: retirando-se mas ainda assim defrontando a Presença temida e desejada.

Lá fora, ele desce em direcção ao cais, entre gente que se diverte, pássaros brancos em voo picado, uma incessante queda de merda de gaivota. Enquanto eu caminho pelo Buá-debulonhe com um ar independente... Fazendo continência a todos os que estejam de uniforme, transformando isso num reflexo, não te metas em mais trabalhos, tenta ser invisível... de cada vez levantando um pouco mais estupidamente o seu braço de lado. As nuvens começam agora a erguer-se velozmente, a partir do mar. Cá por fora, também não há sinais do Lépido.

Fantasmas de pescadores, vidraceiros, mercadores de peles, pregadores renegados, patriarcas do alto dos montes e políticos dos vales começam a despenhar-se em retrocedente avalanche desde o Slothrop aqui, até 1630 quando o Governador Winthrop chegou à América no *Arbella*, navio-almirante de uma grande frota Puritana nesse ano, na qual o primeiro Slothrop americano tinha sido cozinheiro da messe ou qualquer coisa assim — lá vai o tal *Arbella* e toda a sua armada, numa formação que navega à vela e em retrocesso, o vento a chupá-los novamente para leste, as criaturas debruçadas das margens do desconhecido a *chuparem para dentro* as suas bochechas, ficando com os olhos cada vez mais vesgos devido ao esforço, para concavidades negras e fundas à mercê de dentes que já não são

os lácteos molares de querubins, enquanto os navios antigos se afastam do Porto de Boston, tornando a atravessar o Atlântico cujas correntes e ondulações vão fluindo e alteando às avessas... uma redenção de todos os cozinheiros de messe que alguma vez escorregaram e caíram quando o convés teve uma movimentação inesperada, o guisado da noite sendo recolhido das tábuas e do indignado calçado dos mais eleitos, tornando a entrar de jorro na vasilha de estanho enquanto o próprio serviçal cambaleia até tornar a ficar direito e o vômito em que ele escorregou esguicha de novo para dentro da boca que o derramou... Presto, só com um passe de mágica! Tyrone Slothrop é outra vez Inglês! Mas não parece ser exactamente redenção o que *estes Eles* têm em mente...

Ele está num amplo passeio público de pavimento empedrado, orlado de palmeiras que agora ganham um granuloso tom de negro enquanto nuvens começam a cobrir o sol. O Lérido também não está na praia — nem nenhuma das raparigas. O Slothrop senta-se num muro baixo, pés a balouçar, vendo a frente, cor de ardósia, um roxo lamacento, avançar desde o mar em camadas, em impulsos. Ao redor dele o ar está a arrefecer. Ele treme. O que estão Eles a fazer?

Regressa ao Casino quando grandes e globulares gotas de chuva, espessas como mel, começam a esparramar-se em gigantescos asteriscos sobre o pavimento, convidando-o a olhar para a parte de baixo do texto do dia, onde as notas de rodapé explicarão tudo. Ele não está prestes a olhar. Nunca ninguém disse que um dia tem de ser manobrado nalguma espécie de sentido ao fim do dia. Limita-se a correr. A chuva aumenta em húmido crescendo. As passadas dele levantam finas flores de água, cada uma delas pairando por um segundo atrás da fuga dele. É uma fuga. Entra salpicado, sarapintado com chuva, dá início a uma busca frenética pelo grande Casino inerte, começando de novo pelo mesmo bar enfumarado, e com vapores de pinga, prosseguindo através do pequeno teatro, onde hoje à noite será apresentada uma versão abreviada de *L'Inutil Precauzione* (aquela ópera imaginária com que Rosina procura iludir o seu guardião em *O Barbeiro de Sevilha*), até chegar aos bastidores onde as raparigas, uma macieza de raparigas, mas não as três que o Slothrop mais quer ver, compõem cabelos, ajeitam ligas, colam pestanas, sorriem para

o Slothrop. Ningém viu Ghislaine, Françoise, Yvonne. Numa outra sala a orquestra ensaia uma animada tarantela de Rossini. Os sopros estão todos desafinados cerca de meio-tom. Slothrop comprehende de imediato estar rodeado por mulheres que viveram boa parte das suas vidas em guerra e sob ocupação, e para as quais todos os dias houve pessoas que deixaram de ser vistas... sim, em um ou dois pares de olhos ele encontra uma piedade antiga e Europeia, um olhar que aprenderá a conhecer, muito antes de perder a sua inocência e se transformar num deles...

Por isso vagueia, entre as brilhantes e povoadas salas de jogo, a sala de jantar e os seus mais pequenos satélites privados, destruindo tête-à-têtes, colidindo com criados, encontrando somente estranhos onde quer que olhe. *E se você precisar de ajuda, bom, eu ajudo-o...* Vozes, música, baralhos de cartas tudo se torna mais sonoro, mais opressivo, até ele ficar de novo a olhar para a Himmler-Spielsaal, agora apinhada, jóias a faiscarem, cabedal a luzir, rodas de roleta rodopiando em torvelinho — é aqui que a saturação o atinge, são todos estes jogos em curso, é demais, são jogos a mais: a voz obsessiva, nasalada, de um croupier que ele não consegue ver — messieurs, mesdames, les jeux sont faits — está subitamente a falar directamente com ele desde a Enfermaria Proibida, e acerca do que o Slothrop tem estado a jogar contra a Casa invisível, talvez pela sua alma afinal, o dia inteiro — aterrado ele vira-se, vira-se para sair de novo para a chuva onde as luzes eléctricas do Casino, em pleno holocausto, estão a reflectir-se nas espelhadas pedras da calçada. De gola levantada, o boné do Bloat enfiado até às orelhas, dizendo *merda* a cada poucos minutos, tremendo, com as costas a doer-lhe daquela queda da árvore, ele segue aos tropeções entre a chuva. Pensa que poderá começar a chorar. Como é que tudo isto se virou contra ele tão depressa? Os seus velhos e novos amigos, cada pedaço de papel e de roupa que o ligavam ao que ele fora, tinham acabado, foda-se, de desaparecer. Como pode ele encarar isso com alguma graça? Só muito mais tarde, exausto, fungante, frio e miserável na sua prisão de ensopada lã do Exército, é que ele pensa na Katje.

Regressa ao Casino perto da meia-noite, a hora dela, arrastando os pés pelas escadas acima e deixando atrás de si pegadas molhadas,

tão ruidoso quanto uma máquina de lavar roupa — pára à porta dela, chuva a salpicar a alcatifa, com medo até de bater à porta. Terá ela sido levada também? Quem está à espera atrás da porta e que maquinaria trouxeram Eles consigo? Mas ela ouviu-o, e abre com um sorriso cheio de covinhas que o repreende por estar tão molhado. «Tyrone, tive saudades tuas.»

Ele encolhe os ombros, convulsivo, indefeso, salpicando-os a ambos. «É o único sítio onde eu sabia vir ter.» O sorriso dela desfranze-se lentamente. Ele penetra então animadamente o limiar, sem saber ao certo se será de porta ou de janela alta, para as profundezas do quarto dela.



Bons dias de boa e antiga lascívia, estores matinais abrindo-se para o mar, ventos a chegarem com o forte roçar das folhas das palmeiras, a arfante irrupção para a superfície e para o sol dos golfinhos no meio do porto.

«Oh», resmunga a Katje, algures por baixo de uma pilha das cambraiás e brocados deles, «Slothrop, seu *porco*.»

«Oink, oink, oink», diz o Slothrop alegremente. O brilho do mar dança no tecto, saem volutas de fumo dos cigarros do mercado negro. Dadas as precisões da luz nestas manhãs, há formas de graça que podem encontrar-se na ascensão do fumo, meandro, voluta, delicado atenuamento até à claridade...

A certas horas o azul do porto será reflectido na fachada marítima caiada de branco, e as altas janelas serão novamente tapadas com os estores. Imagens de ondas tremeluzirão ali numa rede luminosa. Por essa altura o Slothrop estará de pé, em uniforme Britânico, a engolir croissants e café, já atarefado com um curso de aperfeiçoamento em Alemão técnico, ou a tentar resolver a teoria das trajectórias estáveis das setas, ou a seguir quase com a ponta do seu nariz algum esquema de circuitos Alemães cujas resistências parecem molas, e as molas parecem resistências — «Mas que merda tão esquisita», logo que ele começa a entender aquilo, «porque é que eles se põem a trocar as coisas desta maneira? Estão a tentar camuflá-las, ou quê?»

«Lembre-se das suas antigas runas Alemãs», sugere Sir Stephen Dodson-Truck, que é da Divisão de Informação Política do Foreign Office e fala 33 línguas, incluindo Inglês com uma forte pronúncia Oxoniana.

«As minhas quê?»

«Oh», lábios a comprimirem-se, uma espécie de náusea cerebral aqui, «aquele símbolo em forma de mola que até é muito semelhante à runa em Nórdico Antigo para «S», *sól*, que significa «sob». Em Alto Alemão Antigo o nome dele é *sigil*.»

«Maneira engraçada de desenhar aquele *sob*», é o que parece ao Slothrop.

«Deveras. Os Godos, muito antes, tinham usado um círculo com um ponto no centro. Esta linha quebrada data evidentemente de uma época de descontinuidades, porventura de fragmentações tribais, alienação — tudo o que for análogo, num sentido social, ao desenvolvimento de um ego independente pela criança de muito tenra idade, está a ver...»

Bom, não, o Slothrop não está a ver, não exactamente. Ele ouve este tipo de coisa ao Dodson-Truck quase de cada vez que eles se encontram. O homem materializou-se certo dia, no meio da praia com um fato preto, ombros salpicados de caspa do cabelo cor de cenoura que lhe vai rareando, surgindo à vista recortado contra a fachada branca do Casino, que estremecia por cima dele enquanto ele se aproximava. O Slothrop estava a ler um livro aos quadradinhos do Homem-plástico. A Katje dormitava ao sol, de cara para cima. Mas quando os passos dele lhe chegaram aos ouvidos, ela virou-se sobre um cotovelo para lhe acenar um olá. O nobre prantou-se em toda a sua extensão, Atitude 8.11, Torpor, Estudante Universitário. «Portanto é este o Tenente Slothrop.»

O Homem-plástico de quatro cores esgueira-se para fora do buraco de uma fechadura, dobra uma esquina e sobe pela canalização que vai dar a uma pia no laboratório do louco cientista nazi, de cuja torneira a cabeça do Plas agora, olhos de carapaça branca e queixada nada plástica, está a acabar de emergir. «Pois. Quem é você, Ás?»

Sir Stephen apresenta-se, sardas inflamadas pelo sol, fitando com curiosidade o livro aos quadradinhos. «Depreendo que isso não seja material de estudo.»

«Ele está autorizado?»

«Está autorizado», a Katje sorrindo/encolhendo os ombros para Dodson-Truck.

«A descansar um pouco daquele controlo rádio da Telefunken. Daquele “Hawaii I”. Você sabe alguma coisa acerca disso?»

«Só o suficiente para me pôr a pensar onde terão ido buscar o nome.»

«O nome?»

«Há uma poesia nisso, uma poesia de engenheiro... faz lembrar *Havarie* — média, comprehende — têm-se certamente os dois lobos, não é, simétricos em relação ao azimute previsto para o foguete... e também *hauen* — bater em alguém com um sachô ou com um pau...» aqui já embarcado numa viagem que é só dele, sorrindo para ninguém em particular, introduzindo a popular expressão em tempo de guerra *ab-hauen*, técnica de jogo do pau, humor camponês, comédia fálica que remonta aos antigos Gregos... O primeiro impulso do Slothrop é regressar ao que aquele Plas está a fazer, mas algo que há no homem, apesar da sua óbvia pertença à conjura, leva-o a continuar a ouvir... uma inocência, talvez uma tentativa de ser amigável no único modo de que ele dispõe, partilhar o que o motiva e faz correr, um amor pela Palavra.

«Bom, pode ser só propaganda do Eixo. Qualquer coisa que tenha que ver lá com Pearl Harbor.»

Sir Stephen considera isso, parecendo agradado. Será que Eles o escolheram por causa de todos aqueles Puritanos atacados pelas palavras que pendem da árvore genealógica dos Slothrop? Estariam Eles a tentar seduzir-lhe agora o seu cérebro, o seu olho para a leitura também? Há alturas em que o Slothrop consegue efectivamente descobrir um mecanismo de embraiagem entre si e o motor encastrado em ferro d'Eles lá muito no cimo de uma cadeia de poder cuja forma e desígnio ele tem de adivinhar, uma embraiagem que ele pode soltar, sentindo então toda a inércia de movimento, o seu real desamparo... o que não é exactamente desagradável, também. Coisa estranha. Ele está quase certo de que seja o que for que Eles queiram, isso não implicará pôr em risco a sua vida, nem sequer muito do seu conforto.

Mas não consegue encaixar nada daquilo num padrão, não há maneira de ligar alguém como o Dodson-Truck a alguém como a Katje...

Sedutora-e-vítima, muito bem, esse jogo não é assim tão mau. Finge-se muito pouco. Ele não a censura: o verdadeiro inimigo está algures lá naquela Londres, e isto é o trabalho dela. Ela pode ser versátil, alegre, e terna, e ele antes quer estar aqui no quente com ela do que andar a gelar por lá outra vez debaixo da Blitz. Mas de vez em quando... demasiado insubstancial para se poder determiná-lo, aparece no rosto dela um olhar, algo que ela não controla, que o deprime, com que ele até já sonhou e assim encontrou ali amplificado para honesto susto: a terrível possibilidade de que também ela pudesse ter sido defraudada. Tão vítima quanto ele o é — um olhar infeliz, indescritivelmente *desprovido de futuro...*

Uma tarde pardacenta onde senão no interior da Himmler-Spiel-saal, onde haveria de ser, ele surpreende-a sozinha junto a uma mesa de roleta. Está de pé, cabeça vergada, ancas graciosamente desniveladas, fazendo de croupier. Uma funcionária da Casa. Veste uma alva blusa de camponesa e uma saia de corpete em cetim com riças de todas as cores, que tremeluzem por baixo da clarabóia. A tatuagem da bola, contra os raios em movimento, causa uma longa e áspera ressonância neste espaço dos murais. Ela só se vira quando tem o Slothrop a seu lado. Há na sua respiração um tremor grave e vagarosamente latejante: ela entreabre os estores do coração dele, desvendando-lhe breves vislumbres de um país outonal que ele somente suspeitou, somente receou, fora dele, dentro dela...

«Ouve Katje...» Esticando um braço, enganchando um dedo num dos raios para parar a roda. A bola cai num compartimento cujo número eles nunca vêem. Ver-se o número é supostamente o que mais interessa. Mas no jogo por detrás do jogo, o que interessa não é isso.

Ela abana a cabeça. Ele comprehende que é qualquer coisa lá na Holanda, antes de Arnhem — uma impedânci永久emente ligada ao circuito de si próprios. Em quantos ouvidos cheirando a Palmolive e a Camay já ele trauteou canções, canções de fora-da-pista-de-bowling, canções de atrás-do-cartaz-da-Moxie, canções de

é-sábado-à-noite-abre-aí-mais-uma, todas elas dizendo, querida, não interessa por onde andaste, não vamos viver no passado, o agora é tudo o que existe...

Isso por lá era óptimo. Mas não aqui, batendo no ombro desnudo dela, espreitando-lhe a obscuridade Europeia, fascinado com isso, ele próprio com o seu cabelo liso dificilmente penteável e o rosto barbeado sem uma ruga como uma casta intrusão na Himmler-Spiel-saal inteiramente povoada de perplexidades de forma do Barroco Alemão (um sacramento de mãos em cada última volta que cada mão tem de produzir, devido ao que a mão fora, tivera de se tornar, para que tudo resultasse exactamente desta maneira... todo o frio, o trauma, a carne em despedida que alguma vez a tocou...). Na sala de jogo de retorcidos dourados os movimentos secretos dele esclarecem-se-lhe, alguns. As probabilidades que Eles aqui jogaram pertencem ao passado, somente ao passado. As d'Eles nunca foram probabilidades, mas frequências já *observadas*. É o passado que faz aqui exigências. Sussurra-lhes, persegue-as, e, escarnecedo desagradavelmente, espicaça as suas vítimas.

Quando Eles escolhiam números, vermelho, preto, ímpar, par, que sentido davam Eles a isso? Que Roda punham Eles em movimento?

Num quarto de antigamente, do princípio da vida do Slothrop, um quarto que agora lhe é interdito, está algo muito mau. Algo que lhe fizeram, e poderá ser que a Katje saiba o quê. Não encontrou ele, no «olhar desprovido de futuro» dela, uma qualquer ligação ao seu próprio passado, algo que os relaciona tão intimamente como amantes? Ele vê-a de pé ao fundo de uma passagem na vida dela, sem qualquer próximo passo a efectuar — ela fez todas as suas apostas, agora tem apenas o tédio de ser atirada de um quarto para outro, uma sequência de quartos numerados cujos números não interessam, até que a inércia a conduza ao último. É tudo.

O ingênuo Slothrop nunca pensou que a vida de alguém pudesse acabar assim. Nada de tão inóspito. Mas agora isso já se tornou muito menos estranho para ele — tem andado a aconchegar-se à desagradável possibilidade de que exactamente um tal Controlo possa já ter sido colocado sobre si.

A Enfermaria Proibida. Oh, a mão de uma terrível croupier é aquele toque nas mangas dos seus sonhos: tudo daquilo que parecera ser fortuito ou casuístico na vida dele, descobre-se ter estado sob um qualquer Controlo, o tempo todo, tal como uma fixa roda de roleta — onde somente os destinos são importantes, a atenção está nas estatísticas a longo prazo, não nos indivíduos: e onde a Casa continua, evidentemente, sempre a obter lucro...

«Tu estavas em Londres», irá ela sussurrar daí a pouco, virando-se de novo para a sua roda e tornando a girá-la, rosto desviado, fazendo rodopiar feminilmente o fio cor de noite do seu passado, «quando eles vinham a descer. Eu estava em 's Gravenhage» — fricativas suspiradas, o nome proferido com uma demora de exilada — «quando eles iam a subir. Entre tu e eu não há apenas uma trajectória de foguetes, mas também uma vida. Acabarás por compreender que entre os dois pontos, naqueles cinco minutos, *aquilo* vive uma vida inteira. Ainda nem sequer tomaste conhecimento dos dados do nosso lado sobre o perfil de voo, os visíveis ou rastreáveis. Para além deles há muito mais, imensa coisa que nenhum de nós conhece...»

Mas é uma curva que cada um deles sente, inequivocamente. É a parábola. Eles devem ter adivinhado, por uma ou duas vezes — adivinhado e recusado acreditar — que tudo, sempre, colectivamente, se estivera a mover em direcção àquela forma purificada latente no céu, aquela forma sem surpresa, sem segundas oportunidades, sem regresso. Eles porém movem-se ternamente sob ela, guardados para as suas más notícias a preto-e-branco certamente como se fosse o Arco-Íris, e eles seus filhos...

Enquanto a frente da Guerra se afasta deles, e o Casino se transforma cada vez mais numa área de rectaguarda, à medida que a água se torna mais poluída e os preços sobem, também o pessoal que para ali vem de licença se torna mais barulhento e mais dedicado à pura parvoíce — nada há neles do estilo do Lérido, do seu hábito de dançar arrastando os pés quando está bêbedo, da sua fingida afectação e timidez, impulsos decentes para conspirar, ainda que marginalmente, sempre que possível, contra o poder e a indiferença... Não houve uma palavra a respeito dele. O Slothrop sente-lhe a falta, não somente como um aliado, mas como uma presença, uma amabilidade. Continua a acreditar, aqui na sua licença Francesa, e à sua vontade, que

a interferência seja temporária e de papel, uma questão de mensagens encaminhadas e de ordens canceladas, um aborrecimento que há-de acabar quando acabar a Guerra, tão bem Eles deram cabo das relvadas pradarias do seu cérebro, ali lavrando e colhendo, e subsidiando-o para que ele não cultivasse nada de seu...

Nenhuma carta de Londres, nem sequer notícias da ACHTUNG. Tudo sumido. O Teddy Bloat certo dia simplesmente desapareceu: outros conspiradores, como um grupo de coristas, aparecerão e desaparecerão por detrás de Katje e de Sir Stephen, dançando, todos com idênticos Sorrisos Corporativos, cuja multiplicação de reluzentes cremalheiras se destina a ofuscá-lo, pensam eles, a distraí-lo do que lhe estão a retirar, a sua identificação, o seu dossier do serviço, o seu passado. Bom, foda-se... sabem como é. Ele deixa que isso aconteça. Está mais interessado, e por vezes um pouco ansioso, naquilo que eles parecem estar a acrescentar. A certo ponto, aparentemente por capricho, embora como há-de uma pessoa ter a certeza, Slothrop decide deixar crescer um bigode. O último bigode que ele teve foi aos 13 anos de idade, encomendou àquela Johnson Smith todo o Conjunto de Bigodes, 20 formas diferentes do Fu Manchu ao Groucho Marx. Eram feitos de cartão preto, com uns ganchos que se prendiam no nariz. Ao fim de um tempo o ranho ensopava esses ganchos, e eles ficavam frouxos, e o bigode caía.

«De que género?» quer a Katje saber, logo que este se torna visível.

«Sujeito Mau», diz o Slothrop. O que significa, explica ele, apardo, estreito, e próprio de vilão.

«Não, isso vai dar-te uma atitude negativa. Porque não deixas crescer em vez disso um bigode à sujeito bom?»

«Mas os sujeitos bons não têm —»

«Ah não? Então e o Wyatt Earp?»

Ao que poderia ter-se avançado a objecção de que o Wyatt não era assim tão bom quanto isso. Mas isto aqui continua a estar na era do Stuart Lake, antes de os revisionistas se terem instalado, e o Slothrop acredita nesse Wyatt, pois claro. Certo dia um tal General Wivern, do Quadro Técnico do SHAEF, entre lá e vê-o. «As pontas descaem», observa ele.

«Também as do Wyatt descaíam», explica o Slothrop.

«Também as do John Wilkes Booth descaíam», responde o general. «Eh?»

O Slothrop pondera. «Ele era um sujeito mau.»

«Precisamente. Porque é que você não lhe torce as pontas *para cima?*»

«Você quer dizer à Inglesa. Bom, eu já tentei isso. Deve ser do clima ou qualquer coisa, mas o velho espanador está sempre a descair outra vez, e-e eu tenho de lhe morder aquelas *pontas*. É realmente aborrecido.»

«É nojento», diz o Wivern. «Na próxima vez que eu por cá passar trago-lhe uma cera para isso. Fazem-na com um gosto amargo para desencorajar, ah, os que lhes mordem as pontas, sabe.»

Portanto enquanto o bigode se põe, o Slothrop põe cera no bigode. Todos os dias há qualquer coisa nova como essa. A Katje está sempre lá, enfiada por Eles na sua cama como níqueis debaixo da almofada pelo seu caduco Americanismo, inocentes incisivos e molares adorados pela Mamã deixados num ruidoso rastro por estes dias lá no Casino. Por qualquer estranho motivo ele dá por si cheio de tesão logo a seguir às sessões de estudo. Hmm, isso é peculiar. Não há nada de especialmente erótico em ler-se uns manuais traduzidos apressadamente do Alemão — mimeografados com intermitências, alguns deles até resgatados pela resistência polaca às latrinas das instalações de treino em Blizna, manchados com merda e mijo genuinamente SS... ou em memorizar factores de conversão, polegadas em centímetros, cavalos-potência em Pferdestärke, desenhando de memória esquemas e linhas isométricas do imbricado labirinto de combustível, oxidante, vapor, linhas de peróxido e de permanganato, válvulas, ventiladores, câmaras — o que há de sexual nisso? mesmo assim ele sai de cada aula com grandes tesões, uma pressão tremenda por dentro... faz parte da tal insanidade temporária, conclui ele, e vai à procura da Katje, mãos para se passearem nas suas costas e meias de seda guinchando contra os ossos da sua bacia...

Durante as aulas ele muitas vezes olha lá para o fundo e apanha Sir Stephen Dodson-Truck consultando um cronómetro e tomando notas. Chiça. Ele põe-se a pensar o que será tudo aquilo. Nunca lhe ocorre que possa ter que ver com essas misteriosas erecções. A personalidade do homem foi escolhida — ou concebida — para afastar

suspeitas antes que estas pudessem ter oportunidade de ganhar balanço. A luz do sol invernal embatendo-lhe em metade do rosto como uma enxaqueca, dobras ao fundo das calças um pouco desfeitas, molhadas e arenosas porque ele se levanta todas as manhãs às seis para ir caminhar pela praia, Sir Stephen torna perfeitamente acessível o seu disfarce, quando não a sua função na conspiração. Pois tudo o que o Slothrop sabe é que ele é agrónomo, cirurgião craniano, oboísta de concerto — naquela Londres viam-se todos os níveis de comando a fervilhar destes génios multidimensionais. Mas tal como na Katje, paira no bem informado zelo do Dodson-Truck uma inequívoca aura do empregado e do perdedor...

Um dia o Slothrop tem uma oportunidade de verificar isso. Parece que o Dodson-Truck é um fanático de xadrez. No bar lá de baixo em certa tarde ele acaba por perguntar ao Slothrop se este joga.

«Não», mentindo, «nem sequer às damas.»

«Raios. Até agora mal tive tempo para um bom jogo.»

«Mas eu conheço um jogo», haverá algo do Lépido que se tenha abrigado lá dentro durante todo este tempo? «um jogo de beber, que se chama Príncipe, talvez tenham sido os Ingleses que o inventaram, porque vocês é que têm príncipes, não é? e nós não, não que isso tenha algo de errado comprehende, mas toda a gente tira um número, e-e começa-se por dizer que o Príncipe de Gales perdeu a casaca, isto sem ofensa, os números seguem ao redor da mesa no sentido do relógio, e o número dois encontrou-a, no sentido do relógio a partir desse Príncipe, ou até doutro número qualquer que queira chamar, ele, ou seja o Príncipe, seis ou outro qualquer, está a ver, primeiro es-colhe-se um Príncipe, é ele que começa, depois o tal número dois, ou quem esse Príncipe chamou, mas primeiro ele diz, o Príncipe, Gales, casaca, o senhor dois, após dizer isso sobre como o tal Príncipe de Gales perdeu a casaca, e o número dois responde, eu não, senhor —»

«Sim sim mas —» lançando ao Slothrop um olhar estranhíssimo, «o que eu quero dizer é que não tenho grande certeza de estar a ver, comprehende, o motivo disso tudo. Como é que uma pessoa *ganha*?»

Ha! Como é que uma pessoa ganha, pois é. «Não se ganha», acalmando-se, pensando no Lépido, uma pequena contraconspiração improvisada aqui, «perde-se. Um a um. Ganha quem *ficar de pé*»

«Isso parece assaz negativo.»

«Garçon.» As bebidas aqui são sempre por conta da casa para o Slothrop — Eles tratam da despesa, imagina ele. «Traga daquele champanhe! Quero que continue a trazê-lo, e que sempre que ele se nos acabar, você vá buscar mais, compreendez?» Uma quantidade de subalternos de boca aberta, ao ouvirem a palavra mágica, aproximam-se e ocupam assentos enquanto o Slothrop explica as regras.

«Não estou certo de —» começa a dizer o Dodson-Truck.

«Tretas. Vá lá, faz-lhe bem sair dessa rotina do xadrez.»

«Pois é, pois é», concordam os outros.

O Dodson-Truck fica na sua cadeira, um pouco tenso.

«Copos maiores», grita o Slothrop ao criado. «Traga daquelas *caneças de cerveja* que ali estão! Isso! Essas é que são óptimas.» O criado abre uma garrafa gigante de Veuve Clicquot Brut, e serve toda a gente.

«Bom, o Príncipe de Gales», começa Slothrop, «perdeu a sua casaca, e o número três encontrou-lha. Gales, casaca, três senhor!»

«Eu não, senhor», responde o Dodson-Truck, num tom algo defensivo.

«Quem, senhor?»

«Cinco, senhor.»

«Diga lá?» inquire o Cinco, um Escocês em calças de parada, com um olhar astuto.

«Você fodeu isto tudo», ordena principescamente o Slothrop, «portanto agora tem de beber. Até ao fundo, e nada de parar para respirar ou isso.»

E lá vai. O Slothrop perde a posição de Príncipe para o Quatro, e todos os números mudam. O Escocês é o primeiro a cair, cometendo erros primeiro deliberados mas daí a pouco inevitáveis. As garrafas gigantes vêm e vão-se, gordas, verdes, a despedaçada cobertura cinzenta dos gargalos devolvendo ao bar a sua radiância eléctrica. As rolhas tornam-se mais direitas, menos em forma de cogumelo, as datas de *dégorgement* começam a entrar mais nos anos da guerra enquanto a companhia fica mais embriagada. O Escocês rebolou a rir-se da sua cadeira abaixou, mantendo-se em ambulatório durante uns três metros, onde fica a dormir encostado a uma planta envasada.

Logo um outro oficial subalterno se senta sorridente no lugar dele. A notícia causou osmose no resto do Casino, e há agora um ajuntamento de sujeitos a darem palpites reunidos em torno da mesa, à espera das baixas. Traz-se gelo em blocos gigantes, rachados por dentro como fetos, respirando brancura nas suas faces, que são quebrados a martelo e estilhaçados no interior de um grande alguidar branco para a procissão de garrafas que são trazidas lá de baixo da adega agora por turnos. Depressa se torna necessário que os atarefados empregados empilhem canecas vazias em pirâmides e as enchem desde o alto ao jeito de fonte, com as cascatas borbulhantes suscitando aplausos entre a multidão. Claro que um brincalhão qualquer estende a mão e puxa uma das canecas do fundo, pondo todo aquele arranjo a balouçar, toda a gente aos pulos para salvarem o que puderem antes que tudo aquilo desabe, se estilhaçe, ensopando uniformes e sapatos — para poder ser montado mais uma vez. O jogo passou a ser o do Príncipe Rotativo, em que cada número chamado se torna imediatamente Príncipe, e todos os números se alteram correspondentemente. Mas desta vez é impossível dizer-se quem está a cometer erros e quem não está. Surgem discussões. Metade da sala está a cantar uma canção vulgar:

CANÇÃO VULGAR

Na noite passada espetei a Rainha da Transilvânia,
Hoje à noite vou espetar a Rainha da Borgonha, sim —
Ando a raiar o Estado da Esquizofre-nia,
Mas a Rainha é tão boa para mim...
É champanhe cor-de-rosa e caviar ao des-jejum,
Um pouco de Chateaubriand c' o meu chá de jasmim —
Só em panatelas de dez xelins agora puxo uma fumaça,
Rio-me tanto qu'o mundo até parece uma chalaça,
Chamem-me o que quiserem, rapazes, mas arredem a populaça
De quem espetou a be-la Rainha da Transil-vâââ-nii-aaa!

A cabeça do Slothrop é um balão, que não se ergue verticalmente mas horizontalmente, constantemente através da sala, enquanto continua no mesmo sítio. Cada célula cerebral tornou-se uma bolha: ele foi transmutado em uvas pretas Épernay, frescas sombras, nobres

cuvées. Olha para Sir Stephen Dodson-Truck, que está milagrosamente de pé embora com um olhar vítreo. Aha, pois é, era suposto estar pr'aqui a contraconspirar, sim sim uh, ora... ele dedica-se a observar uma outra fonte piramidal, desta vez de Taittinger doce sem data no rótulo. Criados e funcionários das mesas de jogo fora de serviço sentam-se como pássaros ao longo do balcão, olhando. O ruído no local é inacreditável. Um Galês com um acordeão põe-se de pé em cima de uma mesa a tocar «Lady of Spain», em Dó Maior, abrindo e fechando aquela caixa de fole como um maníaco. O fumo que paira é espesso e redemoinhante. Brilham cachimbos entre a névoa. Pelo menos três combates a soco estão em progresso. O jogo do Príncipe já é difícil de localizar. Há raparigas apinhadas à porta, gracejando e apontando. A luz da sala passou a ser de um castanho-de-uso dada a proliferação de uniformes. O Slothrop, agarrado à sua caneca, esforça-se por se pôr em pé, rodopia uma vez, cai com estrépito num improvisado jogo de dados. Graça, aconselha ele a si próprio: graça... Uns estroínas pegam nele pelos sovacos e pelos bolsos de trás, e atiram-no na direcção de Sir Stephen Dodson-Truck. Prossegue o seu caminho até à parte de baixo de uma mesa, caindo-lhe por cima um ou dois tenentes entretanto, através da ocasional poça de espumante entornado, do ocasional charco de vômito, até encontrar o que imagina serem as dobras cheias de areia das calças de Dodson-Truck.

«Ouça», ficando emaranhado entre as pernas de uma cadeira, torcendo a cabeça para localizar a cara do Dodson-Truck, orlada pelo halo de um candeeiro donde pendem franjinhas. «Você consegue andar?»

Baixando cuidadosamente os olhos dele para o Slothrop, «A bem dizer, não tenho a certeza de conseguir estar em pé...» Gastam algum tempo na tarefa de libertar o Slothrop da cadeira, de seguidamente se levantarem, o que não é isento de complicações — localizar a porta, dirigirem-se para ela... Cambaleando, amparando-se um ao outro, eles abrem alas entre uma turba que brande garrafas, com olhar gázeo, desabotoada, ruidosa, que tem rostos brancos e aperta a barriga, passam entre a ágil e perfumada audiência de raparigas à saída, todas docemente inebriadas, uma câmara de descompressão antes do exterior.

«Grande merda.» É este tipo de pôr-do-sol que já dificilmente se vê, um pôr-do-sol bravio à século XIX, alguns dos quais ficaram descritos, aproximadamente, em tela, paisagens do Oeste Americano por artistas de que nunca ninguém ouviu falar, quando a terra era ainda livre e o olhar inocente, e a presença do Criador muito mais directa. Aqui ele fulmina agora o Mediterrâneo, alto e solitário, este anacronismo num vermelho primário, no mais puro amarelo que pode ser encontrado em algum lado hoje, uma pureza a pedir para ser poluída... é claro que o Império se dirigiu para o poente, que outra direcção havia senão a daqueles crepúsculos virginais para penetrar e conspurcar?

Mas lá no horizonte, lá próximo da lustrosa margem do mundo, quem são aqueles visitantes em pé... aquelas figuras de túnica — porventura, a esta distância, com centenas de quilómetros de altura — os rostos delas, serenos, desprendidos, como o do Buda, dobrando-se sobre o mar, impassíveis, deveras, como o Anjo que pairava sobre Lübeck durante o ataque de Domingo de Ramos, que naquele dia não viera para destruir nem para proteger, mas para testemunhar um jogo de sedução. Fora o penúltimo passo que Londres tomara antes da submissão dela, antes daquela ligação que a seu tempo a traria até à erupção e às cicatrizes da arrasadora praga anotada no mapa do Roger Mexico, latente neste amor que ela partilha com o nocturno rodo do Senhor Morte... porque enviar a RAF num ataque terrorista contra a civil Lübeck fora o inequívoco olhar demorado que dizia *despachem-se e fodam-me*, que trouxera os foguetes em força e berraria, os A4s, que iriam ser disparados de qualquer modo, um pouco mais cedo em vez disso...

De que vieram esta noite à procura os vigilantes da margem do mundo? que se aprofundam agora, seres monumentais, estóicos, a caminho da escória, a caminho de cinza da cor em que a noite se estabilizará, esta noite... o que há de suficientemente grandioso para testemunhar? somente aqui o Slothrop, e Sir Stephen, que o acompanha todo contente, cruzando sombra após longa sombra em forma de grade de cadeia lançada pelos altos troncos das palmeiras que bordejam a esplanada. Os espaços entre as sombras são agora varridos por um vermelho crepuscular muito quente, sobre a granulosa praia

cor de chocolate. Parece não haver nada a acontecer em momento algum. Nenhum trânsito a murmurar nas vias circulares, nenhuns milliards de francs sendo brandidos por causa de uma mulher ou de uma entente de nações em nenhuma das mesas lá dentro. Somente o choro algo formal de Sir Stephen, agora com um joelho apoiado na areia ainda quente do dia: suaves e estrangulados gritos de desespero contidos, testemunhando assim toda a repressão por ele sempre sofrida que até o Slothrop consegue sentir, na sua própria garganta, guinadas de dor em simpatia para com o esforço que aquilo está claramente a custar ao homem...

«Oh sim, sim sabe, eu, eu, eu não posso. Não. Pensei que você soubesse — mas porque haveriam eles de lhe dizer? Todos *eles* sabem. Eu sou o bobo do gabinete. As pessoas até sabem. A Nora tem sido a queridinha do pessoal da psíquica há anos e anos. Isso sempre é bom para se ter alguma menção no *News of the World* —

«Oh! Pois! A Nora— essa é aquela dama que foi apanhada da outra vez com o miúdo que-que *consegue mudar de cor*, não é? Ena! Pois claro, essa Nora Dodson-Truck! Eu sabia que o seu nome me era familiar —»

Mas Sir Stephen continuou: «... tive um filho, sim nós ficámos completos com um filho sensível, um rapaz mais ou menos da sua idade. O Frank... julgo que o enviaram para a Indochina. São muito bem educados quando eu pergunto, muito bem educados mas, não me deixam descobrir onde ele está... Eles são bons rapazes lá na Casa Fitzmaurice, Slothrop. Têm boas intenções. Tem sido, na maior parte tem sido culpa minha... eu amava mesmo a Nora. Amava. Mas havia outras coisas... Coisas importantes. Eu acreditava que o eram. Ainda acredito. Tem de ser. Entretanto ela, você sabe como é... elas ficam assim. Você sabe como elas são, com exigências, sempre a tentarem a-arrastar-nos para a cama. Eu não conseguia», a abanar a cabeça, o cabelo dele agora incandescente neste ocasião, «não conseguia. Tinha subido muito alto. A um outro ramo. Não conseguia descer cá para baixo para ao pé dela. Ela-ela até se poderia ter contentado com um, até um *toque* de vez em quando... Ouça, Slothrop, a sua rapariga, a sua Katje, e-ela é mesmo *adorável*, sabe.»

«Sei.»

«E-eles pensam que eu já não me *importo*. “Você pode observar sem paixão.” Sacanas... Não, não era isso que eu queria dizer... Slothrop, nós todos somos uns homens muito mecânicos. No desempenho da nossa função. É tudo o que somos. Ouça — como pensa você que eu me *sinto*? Quando você vai ter com ela depois de cada aula. Eu sou um *homem* impotente — tudo o que posso ansiar é um livro, Slothrop. Um relatório para escrever...»

«Ouça, Ás...»

«Não se irrite. Eu sou inofensivo. Se quiser bata-me, eu vou ao chão e torno a levantar-me. Olhe.» Ele demonstra. «Eu preocupo-me com vocês, vocês os dois. Preocupo-me, acredite que sim, Slothrop.»

«O.K. Diga-me o que é que se passa.»

«Eu *preocupo-me!*»

«Óptimo, óptimo...»

«A minha “função” é observá-lo a si. É essa a minha função. Você gosta da minha função? Gosta dela? A sua “função”... é, aprender a conhecer o foguete, centímetro a centímetro. Eu tenho... de enviar uma relação diária dos seus progressos. E isso é tudo o que eu sei.»

Mas isso não é tudo. Ele está a reter qualquer coisa, qualquer coisa lá no fundo, e o tolo do Slothrop está demasiado bêbedo para o perceber com algum tipo de estilo. «Eu e a Katje também? Você anda a espreitar pelo buraco da fechadura?»

Com o nariz entupido, «Que diferença faz? Sou o homem perfeito para isso. Perfeito. Em metade do tempo nem sequer me consigo masturbar... nenhum jacto nojento que lhes vá sujar os relatórios, sabe. Não iam querer uma coisa dessas. Somente um neutro, somente um olho que regista... Eles são tão cruéis. A bem dizer, julgo que eles nem sequer sabem... Nem sequer são sádicos... São apenas *uma ausência total de paixão...*»

O Slothrop pousa uma mão no ombro dele. O enchimento do casaco desloca-se e desliza sobre o quente osso que tem por baixo. Ele não sabe o que dizer, o que fazer: por si, sente-se vazio, e quer dormir... Mas Sir Stephen está de joelhos, ou praticamente, abeirando-se tremulamente disso, para contar ao Slothrop um terrível segredo, uma confidênciatal fatal que diz respeito a:

O PÉNIS QUE ELE PENSAVA SER SEU

- (tenor principal): «Era o pénis, que ele pensava, ser seu —
Um grande divertido e masculino caduceu...
De cabeça robusta e encarnado,
Levantando-se da cama onde estava deitado,
Onde todas as meninas brincavam ao Telefone —
Te-le-fone...
- (baixo):
- (vozes interiores): Mas Eles entraram pelo furo na noite esburacado,
(baixo): E com sua conversa da vista foi afastado —
(vozes interiores): Afastado...
(tenor): Agora ele suspira sempre só,
Com um gemido de meter dó,
Pelo pé-nis que ele pensa-va, ser, seeee!
(vozes interiores): Pensava, ser, seu!

As figuras lá no mar têm estado a assistir, tornando-se agora ainda mais ventosas e remotas à medida que a luz esfria e se extingue... Elas são tão difíceis de alcançar — difíceis de apreender. O Carroll Eventyr, tentando confirmar o anjo de Lübeck, ficara a saber a que ponto era difícil — tanto ele como o seu controlador Peter Sachsa, patinhando no atoleiro entre os mundos. Mais tarde, em Londres, viera a visita daquele que era o mais ubíquo dos agentes duplos, Sammy Hilbert-Spaess, que toda a gente julgara estar em Estocolmo, ou seria no Paraguai?

«Então ouça», o gentil rosto escombróide a examinar Eventyr, tão lesto quanto um prato de antena para controlo de incêndios e menos clemente ainda, «eu pensei que —»

«Você pensou que devia confirmar a sua presença.»

«E também é telepata, meu Deus ele é espantoso, não é.» Mas aqueles olhos de peixe não desistem. É uma sala bastante despida, o endereço ao fundo do Beco de Gallaho normalmente reservado para transacções monetárias. Convocaram o Eventyr para ir até lá desde «A Visitação Branca». Em Londres também sabem como desenhar pentagramas, e bradar encantamentos, como chamar exactamente aqueles que eles pretendem... O tampo da mesa está juncado

de copos, manchados, esbranquiçados, vazios ou contendo resíduos de bebidas retintamente castanhas e vermelhas, com cinzeiros e com restos de flores artificiais que aqui o velho Sammy tem estado a desfolhar, a descascar, torcendo-as em misteriosas curvas e nós. O fumo dos comboios entra por uma janela parcialmente aberta. Uma das paredes da sala, embora vazia, foi erodida, ao longo dos anos, por sombras de operacionais, tal como certos espelhos em locais públicos de restauração o foram pelas imagens dos clientes: uma superfície que acumula carácter, como um velho rosto...

«Mas então não se chega propriamente a *falar* com ele», ah, o Sammy é mesmo bom nisto, de mansinho, «quero dizer não é um daqueles telegrafistas que a meio da noite se põem a conversar um bocado...»

«Não. Não.» O Eventyr compreendendo agora que eles têm andado a ver transcrições de tudo o que chega através do Peter Sachsa — que aquilo que o próprio Eventyr chega a ler já está censurado. E que já pode ter sido assim desde há algum tempo... Portanto descontrai, torna-te passivo, observa a forma que se desenvolve a partir da fala do Sammy, uma forma que na realidade o Eventyr já conhece, tal como nós ao resolver acrósticos — foi chamado a Londres, mas eles não estão a pedir para serem postos em contacto com ninguém, portanto é no próprio Sachsa que estão interessados, e o objectivo desta reunião não é dar alguma incumbência ao Eventyr, mas avisá-lo. Pôr-lhe uma parte da sua vida oculta sob interdição. Fragmentos, tons de voz, escolhas de fraseado chegam agora em voo conjunto: «... deve ter sido um grande choque para ele quando se viu por lá... eu tinha de me preocupar com um ou dois dos meus Zaxas... para vos manter fora da rua ao menos... ver como estão vocês a aguentar-se, o velho Zaxa também é claro, tem de se filtrar dos dados as personalidades que vocês vêem, para nós é mais fácil dessa maneira...»

Fora da rua? Toda a gente sabe como morreu o Sachsa. Mas ninguém sabe porque andava ele ali naquele dia, o que levou àquilo. E o que o Sammy está aqui a dizer ao Eventyr é: *Não faça perguntas.*

Então eles também tentarão chegar à Nora? Se há aqui analogias, se o Eventyr, de alguma maneira, põe o Peter Sachsa no mapa, então será que a Nora Dodson-Truck se transformará na mulher que o Sachsa

amava, a Leni Pökler? Será que a interdição se estende à voz rouca e às mãos firmes da Nora, e irá o Eventyr ser mantido, enquanto isso durar, talvez pelo resto da sua vida, sob alguma forma muito sofisticada de prisão domiciliária, por crimes que jamais lhe serão comunicados?

A Nora continua a levar a cabo a sua Aventura, a sua «Ideologia do Zero», firme entre os pedregosos cabelos dos últimos guardiões brancos na última queda em direcção ao negro, ao radiante... Mas onde estará a Leni agora? Para onde terá ela partido, transportando a sua filha, e os seus sonhos que nunca hão-de crescer? Ou nós não a queríamos perder — ou foi uma elipse nos nossos cuidados, naquilo que alguns de nós jurarão até ser o nosso amor, ou alguém a levou, deliberadamente, por razões que são mantidas secretas, e a morte do Sachsa também faz parte disso. Ela arrebatou com as suas asas uma outra vida — não a do marido Franz, que sonhava com isso, rezava exactamente por um tal arrebatamento mas em vez disso está a ser guardado para algo bastante diverso — a do Peter Sachsa, que era passivo de uma maneira diferente... haverá algum erro? Será que Eles nunca cometem erros, ou... porque está ele aqui correndo com ela para o próprio fim dela (tal como o Eventyr foi efectivamente sugado pela furiosa esteira da Nora) o corpo dela obstruindo da visão dele tudo o que está adiante, a rapariga esguia tornada estranhamente de carvalho, ampla, maternal... tudo o que ele tem para se manter são os despojos do tempo deles vindo de trás por ambos os lados, contorcendo-se em longas hélices, rumo ao poeirento invisível onde uma última réstia de luz do sol pousa nas pedras do caminho... Sim: por mais ridículo que seja, ele continua a representar a fantasia de Franz Pökler por este, aqui aninhado nas costas dela, muito pequeno, sendo *levado*: levado para diante num vento etéreo cujo cheiro... não *não aquele cheiro* que encontrara pela última vez pouco antes do seu nascimento... o vazio muito antes do que ele deveria recordar... o que significa, caso aqui esteja de novo... então... *então...*

Estão a ser empurrados para trás por um cordão policial. O Peter Sachsa está encravado no interior deste, tentando manter o seu equilíbrio, sem fuga possível... O rosto da Leni move-se, inquieto, contra a janela do Voador de Hamburgo, estradas de betão, pedestais, torres

industriais do Mark desaparecendo a cento e cinquenta quilómetros por hora como cenário perfeito, acastanhado, difuso, qualquer erro mínimo, nas agulhas, na via a esta velocidade e eles estão feitos... a saia dela está repuxada atrás, as faces posteriores das coxas dela, nuas e avermelhadas pelo assento do comboio, viram-se para ele... sim... na iminência do desastre, sim, seja quem for que esteja a ver sim... «Leni, onde estás?» Ela estava a seu lado ainda nem há dez segundos. Eles tinham combinado anteriormente tentar ficar juntos. Mas há por aqui duas espécies de movimento — tão frequentemente quanto as ocasionais deslocações de estranhos, através de uma nítida linha de conflito da Força, unirão pessoas que assim continuarão por algum tempo, num amor que até poderá fazer a opressão parecer um fracasso, também o amor, aqui na rua, pode ser centrifugamente apartado de novo: rostos vistos pela última vez aqui, palavras proféradas futilmente, por cima do ombro, tomando por garantido que ela lá esteja, já últimas palavras — «O Walter vai trazer vinho hoje à noite? É que eu esqueci-me —» é uma piada privada, esse esquecimento dele, envolvido numa qualquer confusão adolescente, agora também desesperadamente apaixonado pela menina, a Ilse. Ela é o seu refúgio da sociedade, das festas, dos clientes... muitas vezes ela é a sua sanidade. Ele gosta de se sentar um bocadinho todas as noites junto à cama dela, ao fim da noite, vendo-a dormir, de rabo virado para o ar e cara na almofada... a pureza, a *justeza* daquilo... Mas a mãe dela, no seu próprio sono, range com frequência os dentes nessas noites, faz caretas, fala numa língua que ele não pode admitir que pudesse, nalgum tempo ou lugar, conhecer e falar fluentemente. Só nesta última semana... o que sabe ele de política? mas consegue ver que ela transpôs um limiar, encontrou um ramo do tempo, onde ele talvez não seja capaz de a seguir —

«Tu és mãe dela... e se te prenderem, o que lhe acontece a ela?»

«Isso é o que eles — o Peter, tu não vês, eles *querem* uma grande teta inchada com uma qualquer desculpa atrofiada para um humano, que lhe ande por lá a balir entre as sombras. Como posso eu ser *humana* para ela? Não *mãe* dela. “Mãe” é uma categoria da função pública, as Mães trabalham para *Eles!* Eles são os polícias da alma...» o rosto dela obscurecido, Judaizado pelas palavras que ela profere,

não por o serem em voz alta mas por ela as dizer com intenção, e por ela ter razão. Contra a fé dela, o Sachsa consegue ver os baixios da sua própria vida, a estagnação de banheira daquelas soirées onde durante anos nem sequer os rostos mudaram... demasiados anos tépidos...

«Mas eu amo-te...» ela penteia-lhe o cabelo para trás desde a testa suada dele, estão deitados por baixo de uma janela através da qual as luzes da rua e dos anúncios brilham constantemente, pousando nas peles deles, nos contornos e sombras delas, com espectros mais frios que os da Lua dos astrólogos... «Tu não tens de ser nada que não sejas, Peter. Eu não estaria aqui se não amasse quem tu és...»

Terá sido ela que o atraiu para a rua, ter-lhe-á causado a morte? Na visão que ele tem do outro lado, não. No amor, as palavras podem ser interpretadas de muitas maneiras, só isso. Mas com efeito sente que foi enviado até lá, por alguma razão particular...

E a Ilse, a seduzi-lo com os seus olhos escuros. Ela sabe dizer o nome dele, mas muitas vezes, para o provocar, não o diz, ou chama-lhe *Mamã*.

«Não-não, isso é a Mamã. Eu sou o Peter. Lembras-te? Peter.»

«Mamã.»

A Leni limita-se a olhar, um sorriso contido entre os lábios dela quase, ele tem de dizê-lo, presunçoso, permitindo que a confusão dos nomes caia, instale reverberações masculinas que ela não pode ignorar. Se ela não o quer a andar pela rua, porque se limita ela a manter o seu silêncio em tais momentos?

«Eu só estava contente por ela não me chamar Mamã *a mim*», pensava a Leni explicar-lhe. Mas isso está demasiado próximo da ideologia, não é nada com que ele possa sentir-se confortável por enquanto. Ele não sabe como escutar conversa daquela enquanto mais do que umas palavras de ordem reunidas: não aprendeu a ouvir com espírito revolucionário, nunca terá, a bem dizer, tempo suficiente para ganhar um espírito revolucionário a partir do inóspito amor camaradeiro dos outros, não, agora não há tempo para isso, nem para nada a não ser mais um fôlego, o áspero fôlego de um homem que vai tendo medo na rua, nem sequer tempo suficiente para que ele perca o seu medo da maneira honrada pelo tempo, não, porque aí vem

o Schutzmann Jöche, cacete já a ganhar balanço lá atrás, a secção de cabeça comunista pondo-se estupidamente à mostra para si, tão inconsciente dele e do seu poder... o primeiro golpe em cheio do Schutzmann no dia todo... oh, a noção de tempo dele é perfeita, sente-a no braço e no bastão já não pendente ao lado dele mas agora esticado para trás numa curva muscular, no cimo do seu balanço, pico de energia potencial... lá em baixo aquela veia cinzenta na têmpora do homem, frágil como pergaminho, a salientar-se com tanta nitidez, já a palpitar com a sua penúltima pulsação... e, MERDA! Oh — *que* —

Que bonito!

Durante a noite, Sir Stephen desaparece do Casino.

Mas não antes de dizer ao Slothrop que as erecções deste são do maior interesse para a Casa Fitzmaurice.

Depois pela manhã a Katje entra por ali dentro mais doida do que uma galinha molhada, para contar ao Slothrop que Sir Stephen se foi embora. Subitamente toda a gente está a contar coisas ao Slothrop, e ele ainda mal acordou. A chuva embate nas persianas e nas janelas. Manhãs de segunda-feira, estômagos indispostos, despedidas... ele pestaneja para o mar brumoso, o horizonte coberto de cinzento, as palmeiras cintilando à chuva, pesadas e molhadas e muito verdes. Poderá suceder que o champanhe ainda esteja com ele — durante dez extraordinários segundos não há nada no seu campo de visão senão mero amor por aquilo que ele está a ver.

Então, perversamente consciente de tal, vira costas a isso, regressa ao quarto. Está na altura de brincar com a Katje, agora...

O rosto dela está tão pálido quanto o seu cabelo. Uma bruxa-da-chuva. A aba do chapéu produz-lhe um chique halo de verde-creme ao redor da cara.

«Bom, então ele foi-se embora.» Um entusiasmo desta ordem poderá funcionar de modo a provocá-la. «Isso é mesmo mau. Por outro lado — talvez seja bom.»

«Não te preocupes com ele. O que é que tu sabes, Slothrop?»

«Que quer isso dizer, não te preocupes com ele? O que é que tu fazes, mandas as pessoas embora?»

«Queres descobrir?»

Ele fica de pé a torcer o seu bigode. «Conta-me.»

«Grande sacana. Tu sabotaste tudo, com a tua esperteza do jogo da bebida à estudantezinho universitário.»

«De tudo o quê, Katje?»

«O que te contou ele?» Ela aproxima-se mais um passo. O Slothrop observa-lhe as mãos, pensando nos instrutores de judo do exército que já viu. Ocorre-lhe que está nu e também, hmm, parece estar para aqui a ficar com tesão, atenção a isso, Slothrop. E ninguém por aqui para o notar, nem para especular porquê...

«De certeza não me contou que tu sabias alguma coisa desse tal *judo*. Devem ter-to ensinado lá na *Holanda*, huh? Claro — são as pequenas coisas», cantando numas infantis tercinas descendentes, «que nos denunciam, sabes...»

«Aahh —» exasperada ela precipita-se, dirige-lhe um golpe à cabeça que ele consegue evitar — mergulha sob o braço dela, pega nela à maneira de um bombeiro, atira-a para cima da cama e lança-se para lá atrás dela. Ela espeta um bicudo salto de sapato na picha dele, que era o que deveria ter feito logo de início. A noção de tempo dela, com efeito, está drasticamente desajustada ao longo de tudo isto, caso contrário por esta altura já deveria ter dado cabo do Slothrop... poderá suceder que ela queira que o pé lhe falhe, raspando apenas pelo Slothrop enquanto este agora guina para um lado, a agarra pelos cabelos e lhe torce um braço atrás das costas, empurrando-a, de cara para baixo, contra a cama. A saia dela subiu-lhe acima do rabo, as coxas dela contorcendo-se por baixo dele, o pénis dele em espantosa erecção.

«Ouve lá, minha puta, não me faças perder a paciência contigo, olha que eu não tenho problema nenhum em bater nas mulheres, sou o Cagney da Riviera Francesa, de modo que toma cuidado.»

«Eu mato-te —»

«O quê — para sabotares tudo?»

A Katje vira a cabeça e crava-lhe os dentes no antebraço, mesmo junto ao cotovelo onde costumavam entrar as agulhas do Pentothal. «Ai, merda —» ele solta o braço que tem estado a torcer, puxa-lhe para baixo a roupa interior, pega nela por uma anca e penetra-a por detrás, estendendo a mão para lhe beliscar os mamilos, lhe arrepanhar

o clítoris, lhe roçar as suas unhas pelo interior das coxas, este aqui é o Senhor Técnica, não que isso tenha alguma importância, eles estão ambos prestes a virem-se — primeiro a Katje, gritando para a almofada, o Slothrop um ou dois segundos depois. Fica deitado por cima dela, a transpirar, a respirar fundo, vendo a cara dela virada a $\frac{3}{4}$, nem sequer um perfil, mas o terrível Rosto Que Não É Rosto, tornado demasiado abstracto, inatingível: a ranhura da órbita ocular, mas nunca o olho instável, somente a curva anónima da face, a convexidade da boca, uma máscara sem nariz da Outra Ordem do Ser, do ser da Katje — o não-rosto sem vida que é o único rosto dela que ele realmente conhece, ou alguma vez recordará.

«Ouve, Katje», é só o que ele diz.

«Mm.» Mas só há de novo a antiga e residual amargura dela, e, afinal, eles não estão destinados a serem amantes em pára-quedas de seda iluminada pelo sol, que caiam devagarinho, de mão dada, em qualquer prado ou lugar calmo. Surpreendidos?

Ela afastou-se, soltando a picha dele no quarto frio. «Como é aquilo em Londres, Slothrop? Quando os foguetes caem?»

«O quê?» Depois de foder ele normalmente gosta de ficar para ali deitado, só a fumar um cigarro, a pensar em comida, «Uh, não se sabe que aquilo está ali antes de ali estar. Chiça, só *depois* de lá estar. Se não te acertou, então estás O.K. até vir o próximo. Se ouvires a explosão, sabes que deves estar viva.»

«É assim que se sabe que estamos vivos.»

«Pois é.» Ela senta-se, puxando as cuecas para cima e a saia outra vez para baixo, vai até ao espelho, começa a recompor o seu cabelo. «Vamos lá ouvir as temperaturas das camadas-limite. Enquanto te vestes.»

«A temperatura da camada-limite T sub e, o que é isto? sobe exponencialmente até ao Brennschluss, um alcance de cerca de 100 quilómetros, e-e depois há um extremo abrupto, 1200 graus, que a seguir desce um pouco, mínimo de 1050, até se sair da atmosfera, depois há uma outra subida para 1080 graus. Mantém-se bastante estável até à reentrada», blablabla. A música de transição aqui, onde reluzem xilofones, baseia-se num velho tema predilecto que comentará, irónica mas gentilmente, aquilo que vai transpirando — uma

melodia como «School Days, School Days», ou «Come, Josephine, in My Flying Machine», ou até «There'll Be a HOT TIME in The Old Town Tonite!» basta escolher a que se queira — retardando e fundindo num alpendre envidraçado lá em baixo, o Slothrop e a Katje em tête-à-tête, sozinhos para além de uma quantidade de músicos que a um canto resmungam e abanam as suas cabeças, combinando como hão-de fazer com que César Flebótomo lhes pague para variar. Mau concerto, mau concerto... A chuva bate contra os vidros, os limoeiros e as murtas lá fora agitam-se ao vento. Entre croissants, compota de morango, manteiga autêntica, café autêntico, ela fá-lo passar em revista o perfil de voo em termos de temperatura das paredes e coeficientes de transferência de calor de Nusselt, computando-os na sua cabeça a partir dos números de Reynolds que ela lhe vai dando... equações de movimento, de amortecimento, momentos de restauro... métodos de computação do Brennschluss pela IG e métodos rádio... equações, transformações...

«Agora os ângulos de expansão do jacto. Eu dou-te uma altitude, e tu dizes-me o ângulo.»

«Katje, porque não me dizes tu o ângulo a *mim*?»

A ela agradava-lhe, outrora, pensar num pavão, fazendo a corte, abrindo a sua cauda... via-o nas cores que se moviam na chama enquanto ele se erguia da plataforma, escarlate, laranja, verde iridescente... eram os Alemães, as tropas SS até, que chamavam ao foguete *Der Pfau*. «*Pfau Zwei.*» Em ascensão, programado num ritual de amor... em Brennschluss está cumprido — a contrapartida puramente feminina do Foguete, o ponto zero no centro do alvo dele, submeteu-se. Tudo o resto acontecerá de acordo com as leis da balística. O Foguete não tem escolha quanto a isso. Algo mais passou a dominar. Algo para além do que foi concebido nele.

A Katje entendeu o grande arco fechado como uma clara alusão a certos desejos secretos que governam o planeta e ela própria, e Àqueles que a usam — sobre o seu pico e descendo, mergulhando, queimando, rumo a um orgasmo terminal... que certamente não é nada que ela possa contar ao Slothrop.

Sentam-se ouvindo as bátegas de chuva que vem quase misturada com neve. O Inverno acumula-se, respira, aprofunda-se. Uma bola de roleta começa a chocalhar, algures numa outra sala. Ela está

a fugir. Porquê? Ter-se-á ele aproximado demais outra vez? Ele tenta recordar se ela sempre precisou de falar deste modo, em golpes às arrecuas, ressaltando primeiro antes de conseguir tocar nele. Bela altura para começar a fazer perguntas. Ele está a contra-conspirar no escuro, enfiando o pé-de-cabra em portas ao acaso, sem saber o que sairá de lá...

Basalto negro irrompe para fora do mar. Uma capa vaporosa paita sobre o promontório e os seus châteaux, transformando tudo aquilo num postal granuloso e antigo. Ele toca na mão dela, passa-lhe os dedos pelo braço nu, avançando...

«Hmm?»

«Anda lá para cima», diz o Slothrop.

Ela poderá ter hesitado, mas tão brevemente que ele nem reparou: «Do que temos nós estado a falar este tempo todo?»

«Daquele foguete A4.»

Ela fita-o durante um longo momento. Ele pensa de início que ela está prestes a rir-se para si. Depois parece que ela irá chorar. Ele não comprehende. «Oh, Slothrop. Não. Tu não me queres. O que eles procuram talvez me queira, mas *tu* não. Não mais do que o A4 quer Londres. Mas não creio que eles saibam... de outros eus... o teu ou o do Foguete... não. Não mais do que tu. Se não consegues entender isso agora, ao menos lembra-te. É tudo o que posso fazer por ti.»

Toram a subir até ao quarto dela: caralho, cona, a chuva de Segunda-feira nas janelas... O Slothrop passa o resto da manhã e o princípio da tarde a estudar os Professores Schiller sobre o arrefecimento regenerativo, Wagner sobre as equações de combustão, Pauer e Beck sobre os gases de escape e a eficiência da queima. E uma pornografia de diagramas. Ao meio-dia a chuva pára. A Katje saiu para ir tratar dos seus assuntos. O Slothrop passa algumas horas lá em baixo no bar, criados que detectam o olhar dele sorriem-lhe, levantando garrafas de champanhe, mostrando-lhas em tom convidativo — «Não merci, non...» Ele está a tentar memorizar os gráficos organizacionais da tal Peenemünde.

Quando a luz começa a derramar-se do céu carregado, ele e a Katje andam lá por fora a passear, uma caminhada de final-do-dia pela

esplanada. A mão dela está descalça e gelada na dele, o estreito casaco preto que ela traz fá-la mais alta, os longos silêncios dela ajudam-na a desvanecer-se para ele quase em nevoeiro... Param, encostam-se a um parapeito, ele a olhar para o mar em pleno Inverno, ela para o cego e gélido Casino postado atrás deles. Nuvens incolores vão passando, interminavelmente, no céu.

«Estava a pensar naquela vez em que me atirei a ti. Naquela tarde.» Ele não se resolve a ser mais específico em voz alta, mas ela sabe que se refere à Himmler-Spielsaal.

Ela olhou em redor com vivacidade: «Também eu.»

Os hálitos deles rompem-se em fantasmas que vão para o mar. Ela traz hoje o cabelo penteado ao alto e composto num rolo, as suas louras sobrancelhas, depiladas em forma de asas, enegrecidas, olhos orlados de negro, somente com algumas pestanas mais exteriores falfhadas e mantidas louras. Luz de nuvens vem banhar o rosto dela, retirando-lhe cor, deixando pouco mais do que um retrato formal, do tipo que poderia aparecer num passaporte...

«E-e tu estavas tão distante então... Eu não conseguia alcançar-te...»

Então. Algo que se assemelha a piedade assoma ao rosto dela e torna a partir. Mas o seu sussurro é letal e brilhante como um súbito telegrama: «Talvez venhas a descobrir. Talvez numa das cidades bombardeadas deles, junto a um dos rios ou florestas deles, até num dia à chuva, venha a ocorrer-te. Hás-de lembrar-te da Himmler-Spielsaal e da saia que eu usava... a memória dançará para ti, e poderás até fazer com que a minha voz diga o que eu não podia dizer então. Nem agora.» Oh o que é aquilo que ela sorri aqui para ele, somente por aquele segundo? que já se foi. Regressa à máscara sem sorte, sem futuro — o estado de repouso do rosto dela, preferido, mais fácil...

Estão de pé entre negros e encaracolados esqueletos de bancos de ferro, na curva vazia desta esplanada, edificada com muito maior declive do que a vigília alguma vez necessitará: vertiginoso, tentando despejá-los para o mar e livrar-se disto. O dia ficou mais frio. Nenhum deles consegue manter-se em equilíbrio por muito tempo, a cada poucos segundos um ou outro tem de encontrar novo sítio para os pés. Ele estende o braço e levanta a gola ao casaco dela, segura-lhe

então as faces nas palmas das suas mãos... estará a tentar trazer de novo a cor da carne? Ele baixa o olhar, tentando ver os olhos dela, e fica intrigado ao encontrar lágrimas que começam a encher-lhe cada um, ensopando-lhe as pestanas, o rímel a sangrar de lá em retorcidos fios negros... pedras translúcidas, tremendo nos seus engastes...

Ondas quebram-se e arrastam as pedras da praia. O porto ficou salpicado de cristas brancas, tão brilhantes que não podem estar a adquirir a sua luz neste céu monótono. Lá está ele outra vez, aquele Outro Mundo de aspecto idêntico — irá ele ter de se preocupar com *isso*, agora? Mas que raio de — olha para aquelas *árvores* — cada uma das longas ramadas a pender, ferida, entontecida, em laboriosa ponta-seca contra o céu, cada uma delas *tão perfeitamente colocada...*

Ela moveu as suas coxas e as pontas das suas ancas mais para cima para tocarem nele, por dentro do seu casaco — ainda poderia ser, afinal, para ajudar a trazê-lo de volta — o hálito dela um cachecol branco, o rastro das lágrimas dela, iluminado pelo Inverno, gelo. Ela sente-se quente. Mas não é suficiente. Nunca foi — não, ele comprehende isso muito bem, há muito que ela anda a querer ir-se embora. Apertados devido ao vento que as cristas brancas implicam, ou à inclinação do pavimento, eles abraçam-se. Ele beija-lhe os olhos, sente o seu caralho começar a encher-se de novo com a boa velha, a má velha — a velha, em todo o caso — lascívia.

No meio do mar um único clarinete começa a tocar, uma melodia divertida à qual se juntam guitarras e bandolins ao fim de poucos compassos. Pássaros amontoam-se com olhos luzidios na praia. O coração da Katje anima-se, um pouco, com o som. O Slothrop ainda não tem os reflexos dos Europeus para os clarinetes, ele ainda pensa no Benny Goodman e não em palhaços ou circos — mas espera aí... isto que se está a ouvir não são *kazoos*? São pois, *montes* de kazoos! Uma *Banda de Kazoos!*

Ao fim dessa noite, de novo no seu quarto, ela enverga uma bata vermelha de seda pesada. Duas velas altas ardem a uma distância indefinida atrás dela. Ele sente a mudança. Após fazerem amor ela fica deitada e apoiada num cotovelo a olhar para ele, a respirar fundo, mamilos escuros erguendo-se com a maré, tal como as bóias fazem

no branco mar. Mas formou-se uma pátina nos olhos dela: ele nem lhe consegue ver a costumeira retirada, nesta última vez, obscura, graciosa, até ao canto de um qualquer quarto interior...

«Katje.»

«Sshh», raspando sonhadoras unhas pela manhã abaixo, sobre a Côte d'Azur em direcção a Itália. O Slothrop quer cantar, decide fazê-lo, mas depois não consegue pensar em nada que funcionasse. Estende um braço, sem molhar os seus dedos apaga as velas. Ela beija onde dói. Dói mais ainda. Ele adormece nos braços dela. Quando acorda ela desapareceu, completamente, a maior parte das roupas que ela nunca vestiu continuam no armário, bolhas e um pouco de cera nos dedos dele, e um cigarro, apagado antes do seu tempo num exasperado anzol... Ela nunca desperdiçava cigarros. Deve ter ficado sentada, a fumar, olhando para ele enquanto dormia... até qualquer coisa, ele jamais lhe perguntará o quê, a ter impelido, tornando impossível ficar até ao fim do cigarro. Ele endireita-o, termina-o, não faz sentido desperdiçar paivantes não é, com uma guerra em curso...

□ □ □ □ □ □

«Vulgarmente no nosso comportamento, reagimos não de um modo simples, mas complexo, em adequação aos conteúdos sempre presentes no nosso ambiente. Nos idosos», Pavlov fazia esta palestra aos 83 anos, «a questão é inteiramente diferente. Ao concentrarmo-nos num dos estímulos nós excluímos por indução negativa outros estímulos colaterais e simultâneos porque frequentemente eles não se adaptam às circunstâncias, não são reacções complementares no cenário dado.»

Portanto [Pointsman nunca mostra estas suas excursões a ninguém], ao estender a mão para uma qualquer flor sobre a minha mesa,
Sei que o fresco mosaico do meu quarto
Inicia a sua lenta, inibitória dissolução
Em torno da florescência, do estímulo, da necessidade
Que arde com mais brilho, enquanto o brilho, rapidamente sugado
Dos objectos em redor, se concentra agora

(Porém menos do que ofuscante), se foca na chama.
Enquanto ali ainda, no hipnótico fim de dia do quarto,
Se acoitam os outros — os livros, os instrumentos,
As roupas do velhote, uma velha bengala de *gorodki*,
Agora lustrosa mas com as presenças deles. Os espíritos deles,
Ou memórias que eu guardei de onde eles estavam,
São cancelados, para este momento, pela chama:
A estender-se para a flor frágil e expectante...
E assim, um deles — caneta, ou copo vazio —
É derrubado do local onde estava, talvez para rebolar
Para além das fronteiras vazias da memória...
Isto porém, sejamos claros, não é nenhuma «distracção senil»,
Mas que concentra, tal como os homens mais novos
Conseguem fácil e risonhamente iludir, o mundo deles
Apresentando muito mais do que uma perda mediana —
E por aqui, oitenta e três, o córtex frouxo,
Processos excitatórios reduzidos a cinzas
Pelos dedos torcedores, calejados, da Inibição,
Sempre que meu quarto começa a tornar-se difuso eu sinto
Ter espreitado as práticas de extinção das luzes numa qualquer cidade
(Tal como deverão surgir, caso a Alemanha mantenha
Aquele caminho para a loucura). Cada luz, pestanejando antes de se apa-
gar...
Excepto por fim um luzidio, teimoso florescimento
Que os Guardas não conseguem extinguir. Ou não desta vez.

As reuniões semanais na «Visitação Branca» foram praticamente abandonadas. Por estes dias já quase ninguém vê o velho Brigadeiro. Há provas de uma insegurança orçamental que começa a filtrar-se entre os corredores e recantos incrustados de querubins das instalações da PISCES.

«O velho está é com medo», brada o Myron Grunton, ele próprio não muito estável hoje em dia. O grupo do Slothrop está reunido para o seu encontro regular na ala do IIA. «Ele vai dar cabo do esquema todo, basta que tenha uma noite má...»

Um certo grau de pânico bem nutrido pode ser observado entre os presentes. Ao fundo, andam assistentes de laboratório a limpar

merda de cão e a calibrar instrumentos. Ratazanas e ratos, brancos e pretos e nalguns tons de cinzento, correm nos seus rodízios dentro de um cento de gaiolas.

O Pointsman é o único aqui a manter a sua calma. Parece imperturbável e forte. As suas batas de laboratório começaram ultimamente a assumir uma serenidade de Savile Row, cintura suprimida, aberturas bojudas, material mais requintado, lapelas com recortes algo vistosos. Neste tempo de secura e pousio, ele jorra afluência. Quando os uivos se acalmaram finalmente, ele fala, num tom apaziguador: «Não há perigo.»

«Não há perigo?» berra o Aaron Throwster, e todos eles começam de novo a murmurar e a rosnar.

«O Slothrop anulou o Dodson-Truck e a rapariga num dial»

«Tudo aquilo se está a desfazer, Pointsman!»

Desde que Sir Stephen regressou, a Casa Fitzmaurice deixou de fazer parte do esquema, e tem havido inquéritos embaraçantes vindos do Duncan Sandys —»

«Esse é genro do Primeiro-ministro, Pointsman, isso não é bom, não é bom!»

«Já começámos a entrar em défice —»

«Há financiamento», SE forem capazes de manter a calma, «disponível, e não tardará a chegar... certamente antes que venhamos a ter problemas sérios. Sir Stephen, longe de ter sido “anulado”, está a trabalhar muito contente na Casa Fitzmaurice, e sente-se ali Em Casa se algum de vós o quiser confirmar. Miss Borgesius continua activa no programa, e o Sr. Duncan Sandys está a ter respostas a todas as suas perguntas. Mas o melhor de tudo, é que nós *temos* orçamento praticamente até meados do ano fiscal de '46 antes que algum défice comece a levantar a sua cabeça.»

«São outra vez as suas Partes Interessadas?» diz Rollo Groast.

«Ah, eu reparei que o Clive Mossmoon da Imperial Chemicals se fechou consigo anteontem», menciona agora o Edwin Treacle. «O Clive e eu fizemos juntos um ou dois cursos de química orgânica lá em Manchester. A ICI é um dos nossos, ah, patrocinadores, Pointsman?»

«Não», suavemente, «o Mossmoon, na verdade, trabalha hoje em dia a partir da Malet Street. Receio que não andássemos a tratar de

nada mais sinistro do que um pouco de coordenação de rotina por causa deste assunto do Schwarzkommando.»

«O tanas é que andavam. Por acaso sei que o Clive está na ICI, a dirigir uma espécie de pesquisa em polímeros.»

Olham um para o outro. Um deles está a mentir, ou a fingir, ou estão ambos, ou todos os anteriores. Mas em todo o caso o Pointsman tem uma ligeira vantagem. Ao encarar com firmeza a extinção deste programa, ele ganhou uma grande porção de Sabedoria: a de que se há uma força vital a obrar na Natureza, não há ainda nada de tão análogo numa burocracia. Nada de tão místico. Tudo se resume, como deve ser, aos desejos de homens individuais. Oh, e de mulheres também evidentemente, benditas sejam as cabecinhas ocas delas. Mas a sobrevivência depende de se terem desejos suficientemente fortes — de se conhecer o Sistema melhor que um outro fulano, e se saber usá-lo. É trabalho, não mais que isso, e não há espaço para quaisquer ansiedades extra-humanas — elas apenas enfraquecem, efeminizam a vontade: um homem ou cede a elas, ou luta por vencer, und so weiter. «De facto espero que a ICI *venha a* financiar parte disto», sorri o Pointsman.

«Fraca desculpa, fraca desculpa», murmura o mais jovem Dr. Groast.

«O que importa isso?» brada o Aaron Throwster. «Se o velho ficar maldisposto na altura errada toda esta fantochada poderá ser atingida.»

«O Brigadeiro Pudding não voltará atrás em nada daquilo a que se comprometeu», o Pointsman muito firme, calmo, «fizemos certas combinações com ele. Os pormenores não são importantes.»

Nunca o são, nestas reuniões dele. O Treacle foi confortavelmente desviado para a Questão do Mossmoon, as lamentações laterais do Rollo Groast nunca chegam a transformar-se numa séria oposição, e são úteis para mostrar uma aparência de discussão aberta, tal como os episódios de histeria do Throwster o são para distrair os outros... Por isso o ajuntamento dispersa-se, os conspiradores dirigem-se para o café, as esposas, o uísque, o sono, a indiferença. O Webley Silvermail fica para trás a arrumar o seu equipamento audiovisual e a pilhar os cinzeiros. Ao Cão Vanya, de momento regressado a um vulgar estado de espírito quando não de rins (os quais ao fim

de certo tempo são vulneráveis à terapia do brometo), foi concedido um curto intervalo fora da bancada de testes, e ele vai agora farejar para junto da gaiola do Rato Ilya. Ilya encosta o focinho ao arame galvanizado, e ficam os dois assim parados, focinho com focinho, vida e vida... O Silvernail, fumando uma beata em forma de anzol, puxando um projector de 16 mm, sai do IIA através de uma longa fila de gaiolas, onde rodas de exercício pulsam sob as luzes fluorescentes. Cuidado aí malta, lá vem o carcereiro. Ah, ele é porreiro Looie, é um tipo normal. Os outros riem-se. Atão o qu'é qu'ele anda a fazer pr'aqui, huh? As longas luzes brancas crepitam lá no alto. Assistentes vestidos de cinzento conversam, fumam, demoram-se em várias rotinas. Atenção aí, Lefty, parece que desta vez te vêm buscar. Olhem lá, ri-se o Rato Alexei, quando ele pegar em mim, vou-me *cagar*, mesmo na mão dele! É melhor não, já sabes o qu'é qu'aconteceu ao Slug, não sabes? *Fritaram-no* quando ele fez isso, pá, na p'imeira vez em qu'ele fodeu tudo na corrida pr'aquele labirinto. Cem volts. Disseram que tinha sido um «acidente». Pois... é *claro* que foi!

De lá de cima, num ângulo de câmara Alemão, ocorre ao Webley Silvernail, também este laboratório aqui é um labirinto, ora n'é verdade... os behavioristas correm por estas coxias de mesas e de consolas tal como os ratos e as rataزانas. Para eles o reforço não é um pedaço de comida, mas uma experiência bem-sucedida. Mas quem observa de lá de cima, quem anota as respostas *deles*? Quem ouve os pequenos animais nas gaiolas enquanto eles acasalam, ou amamentam, ou comunicam através das quadrilhas cinzentas, ou, como agora, começam a cantar... saem dos seus recintos, na verdade, crescidos até ao tamanho do Webley Silvernail (embora nenhuma das pessoas do laboratório pareça reparar nisso) para com ele dançarem ao longo das coxias e dos aparelhos de metal, com congas e uma enérgica orquestra tropical a encetarem o muito popular ritmo e melodia de:

PAVLOVIA (BEGUINE)

Era Primavera em Pavlovia-a-a,
Eu estava perdido, num labirinto...

Aromas de Lysol perfumavam o ar,
 Havia já dias que te andava a procurar.
 Encontrei-te, num beco sem saída,
 Tal como eu a desnortear —
 Tocámos narizes, e de repente
 Meu coração aprendeu a voar!

Assim, juntos, encontrámos o caminho,
 Partilhámos um ou outro pedacinho...
 Como se fosse de noite num qualquer café,
 Nada mais querendo senão tu, ao pé...

O Outono chegou, a Pavlovia-a-a,
 Mais uma vez, estou pesaroso —
 Encontrando mágoa em milivolts,
 Voltando aos neurónios e ao osso.
 E penso nos nossos momentos então,
 Sem nunca saber teu nome com desafogo —
 Nada mais resta em Pavlovia,
 A não ser o labirinto, e o jogo...

Dançam em meadas que se entrecruzam. As ratazanas e ratos formam círculos, enrolam e distendem as suas caudas para formarem padrões de crisântemos e de erupções solares, todos eles acabando por se agregar na forma de um único rato gigante, em cujo olho Silvernail posa com um sorriso, braços levantados ao alto num V, sustendo a última nota da canção, tal como o coro de roedores gigantes e a orquestra. Um dos clássicos folhetos de propaganda da Divisão de Guerra Psicológica dos últimos dias incita o Volksgrenadier: SETZT V-2 EIN!, com uma nota de rodapé, explicando que «V-2» significa levantar ambos os braços em «honrosa rendição» — mais humor de cadafalso — e ensinando, foneticamente, a dizer «ei ssör-render». O V de Webley estará aqui pela vitória, ou pela ssörrender?

Eles tiveram o seu momento de liberdade. O Webley foi somente uma estrela convidada. Agora há que voltar às gaiolas e às formas racionalizadas de morte — morte ao serviço daquela única espécie amaldiçoada com o conhecimento de que irá morrer... «Eu libertava-vos, se soubesse como. Mas cá por fora não há liberdade. Todos os

animais, as plantas, os minerais, até outros tipos de homens, andam a ser partidos e remontados todos os dias, para preservar uns poucos da elite, que são os mais sonoros ao teorizarem sobre a liberdade, mas os menos livres de todos. Nem sequer vos posso dar a esperança de que algum dia venha a ser diferente — de que Eles saiam de lá, e esqueçam a morte, e se desfaçam do elaborado terror da tecnologia d'Eles, e parem de usar todas as outras formas de vida sem piedade para manterem aquilo que assombra os homens num nível tolerável — e em vez disso estejam como vós, simplesmente aqui, simplesmente vivos...» A estrela convidada retira-se pelo fundo dos corredores.

As luzes, todas menos um laivo, estão apagadas na «Visitação Branca». Hoje à noite o céu é azul profundo, azul como um sobretudo da Marinha, e as nuvens nele são espantosamente brancas. O vento é penetrante e frio. O velho Brigadeiro Pudding, a tremer, esgueirase dos seus aposentos pelas escadas das traseiras, por um caminho que só ele conhece, através do laranjal vazio à luz das estrelas, seguindo por uma galeria onde pendem rendas com janotas, cavalos, senhoras com ovos cozidos a fazer de olhos, saindo por uma pequena sobreloja (ponto de *máximo perigo...*) e entrando numa arrecadação de lenha, cujas pilhas de lixo e casuísticas trevas, mesmo a esta distância da infância dele, são boas para um arrepião, tornando a sair e descendo uns degraus de metal, cantando, espera ele que baixinho, para ganhar coragem:

Lava-me nessa água que brilha
Em que lavas tua imunda filha,
E ficarei mais branco que as alvas paredes caiadas...

chegando finalmente à Ala D, onde persistem os doidos dos anos '30. O assistente nocturno está a dormir por baixo do *Daily Herald*. É um sujeito de aspecto rude, e tem estado a ler o líder. Será isto uma indicação do que está por vir, nas próximas eleições? Ora esta...

Mas as ordens são para deixar passar o Brigadeiro. O velho avança em bicos de pés, respirando com esforço. Acumula-se-lhe muco ao fundo da garganta. Ele está na idade em que o muco é uma companhia diária, uma cultura de muco entre os velhos, muco em mil

manifestações, surgindo em coágulos completamente de surpresa sobre a toalha de mesa de um amigo, orlando-lhe as vias respiratórias de noite com duras constrições, o bastante para lhe escurecer os contornos dos sonhos e o fazer despertar, implorante...

Uma voz vinda de alguma cela demasiado distante para que possamos localizá-la entoa: «Eu sou o bendito Metatron. Sou guardador do Segredo. Sou guardião do Trono...» Aqui dentro, os mais perturbantes excessos dos Whigs foram eliminados a escopro ou pintados por cima. Não vale a pena incomodar os internados. Tudo é tons neutros, suaves panos, estampas Impressionistas nas paredes. Somente o chão de mármore foi deixado, e sob as lâmpadas ele reluz como água. O velho Pudding tem de negociar meia dúzia de gabinetes ou antecâmara antes de chegar ao seu destino. Ainda nem passaram quinze dias, mas há nisto qualquer coisa de ritual, de iteração. Cada quarto conterá um único dissabor para ele: um teste que ele tem de superar. Põe-se a pensar se não terá sido o Pointsman a montá-los também. Pois claro, pois claro que deve tê-lo feito... como é que aquele jovem sacana veio a descobrir? Será que tenho andado a falar durante o meu sono? Será que eles andaram a entrar por ali durante a noite com os soros da verdade deles para — e logo aquando da clara emergência desse pensamento, eis o primeiro teste para ele hoje à noite. No primeiro quarto: um equipamento hipodérmico foi deixado em cima de uma mesa. Muito claro e brilhante, com o resto do quarto ligeiramente desfocado. Sim manhãs em que me senti terrivelmente grogue, não conseguia acordar, depois dos sonhos — seriam sonhos? Eu estava a falar... Mas é tudo quanto ele recorda, de falar enquanto mais alguém estava por lá a ouvir... Está a tremer de medo, e o seu rosto mais branco que a cal.

Na segunda antecâmara há uma lata vermelha vazia que serviu para guardar café. O nome da marca é Savarin. Ele comprehende que ela quer dizer «Severin». Oh, o imundo, o troçante patife... Mas isto não são tanto uns malignos trocadilhos contra um predestinado sofredor quanto uma magia simpática, uma repetição aqui e além de alguma forma prevalecente (tal como, por exemplo, nenhum homem da demolição em seu perfeito juízo ao lavar a louça dessa noite lavará uma colher entre duas canecas, ou mesmo entre um copo e um

prato, por medo do Tremor que isso implica... pois é a lingueta de um interruptor de vibração que ele realmente segura, equilibrada entre os seus dois contactos fatais, em dedos doridos por lhe ter sido tão subitamente lembrado)... No terceiro, a gaveta de um arquivador foi deixada aberta, uma pilha de relatos de casos parcialmente visíveis, e um exemplar aberto do Kraft-Ebbing. No quarto, uma caveira humana. A excitação dele cresce. No quinto, uma cana de Malaca. Andei em mais guerras pela Inglaterra do que aquelas que consigo recordar... não terei pago o suficiente? Arrisquei tudo por eles, uma e outra vez... Porque têm eles de atormentar um velho? Na sexta câmara, pendurado do alto, está um tommy despedaçado no alto da Cumeeira do Lençol Branco, uniforme de campanha queimado com buracos de Maxim orlados de negro como os olhos da Cléo de Mérode, o olho esquerdo dele levado por um tiro, o cadáver começando a cheirar mal... não... não! um sobretudo, o velho casacão de alguém só isso, deixado num gancho na parede... mas não conseguia ele *cheirá-lo?* Agora entra gás mostarda por ali, para o cérebro dele com um zumbido fatal como fazem os sonhos quando os não queremos, ou quando estamos a sufocar. Uma metralhadora do lado alemão canta *dum diddy da da*, uma arma inglesa responde *dum dum*, e a noite estreita-se cingindo-se-lhe em torno do corpo, mesmo antes da Hora H...

Na sétima cela, os nós dos seus dedos débeis contra a escura madeira de carvalho, ele bate à porta. A fechadura, remotamente, electricamente comandada, abre-se de súbito arrastando uma margem de eco. Ele entra, e a porta fecha-se atrás de si. A cela está em semiobscuridade, apenas com uma vela perfumada ardendo lá ao fundo num canto que parece a quilómetros de distância. Ela espera-o numa alta cadeira Adam, branco corpo e negro uniforme-da-noite. Ele cai de joelhos.

«Domina Nocturna... reluzente mãe e último amor... teu servo Ernest Pudding apresenta-se, tal como foi ordenado.»

Nestes anos de guerra, o centro do rosto de uma mulher é a boca dela. O batom, entre estas raparigas duras e com demasiada frequência frívolas, prevalece como o sangue. Os olhos foram abandonados às intempéries e às lágrimas: por estes dias, com tanta morte escondida no céu, lá por baixo do mar, entre os borrões e as manchas das

fotografias de reconhecimento, os olhos da maioria das mulheres são meramente funcionais. Mas o Pudding vem de um tempo diferente, e o Pointsman também levou em consideração esse pormenor. A dama do Brigadeiro passou uma hora diante do seu espelho de vaidades com rímel, risco, sombra, e lápis, loções e rouges, escovas e pinças, consultando de tempos a tempos um álbum de folhas soltas repleto de fotografias das beldades reinantes há trinta ou quarenta anos, para que o seu reino nestas noites possa ser autêntico quando não — aquilo tanto é para o estado de espírito dela como para o dele — legítimo. O seu cabelo louro está enfiado e preso por baixo de uma espessa peruka preta. Quando ela se senta de cabeça baixa, esquecendo a postura régia, o cabelo cai-lhe para diante, por cima dos ombros, por baixo dos seios. Está agora nua, à exceção de uma longa capa de zibelina e de umas botas pretas com saltos altos. A única jóia dela é um anel prateado com um rubi artificial, não facetado mas ainda no cristal original, um arrogante pingo de sangue, agora estendido, aguardando o beijo dele.

O bigode aparado dele eriça-se, tremendo, sobre os dedos dela. Ela afiou as suas unhas em longas pontas e poliu-as no mesmo vermelho do rubi dela. Do rubi deles. Nesta luz as unhas são quase pretas. «Basta. Prepara-te.»

Ela vê-o despir-se, medalhas chocalhando levemente, camisa engomada rumorejando. Quer desesperadamente um cigarro, mas as instruções que tem são para não fumar. Tenta manter as suas mãos quietas. «Em que estás a pensar, Pudding?»

«Na noite em que nos conhecemos.» A lama fedia. As antiaéreas ribombavam no escuro. Os seus homens, as pobres ovelhas dele, tinham levado com gás nessa manhã. Ele estava sozinho. Através do periscópio, por baixo de uma ogiva de fósforo que pendia do céu, via-a... e embora ele estivesse escondido, ela vira Pudding. O rosto dela estava pálido, vestia inteiramente de negro, estava postada na Terra de Ninguém, as metralhadoras varriam os seus projécteis ao redor dela, mas ela não precisava de protecção alguma. «Eles conheciam-te, Mestra. Eles eram teus.»

«Também tu o eras.»

«Tu chamaste-me, disseste, “Nunca hei-de-deixar-te. Tu pertences-me. Estaremos juntos, uma e outra vez, embora possam decorrer anos entretanto. E tu estarás sempre ao meu serviço.”»

Ele está de novo ajoelhado, nu como um bebé. A sua carne de velho move-se com grosso grão à luz da vela. Velhas cicatrizes e novos vergões agrupam-se aqui e além sobre a sua pele. O pénis dele posta-se em apresentar armas. Ela sorri. À ordem dela, ele rasteja para diante para lhe beijar as botas. Cheira-lhe a cera e a couro, e sente os dedos dos pés dela contraírem-se sob a língua dele, através da pele preta. Pelo canto do olho, sobre uma mesinha, consegue ver os restos da refeição que ela tomou ao princípio da noite, a borda de um prato, os gargalos de duas garrafas, água mineral, vinho francês....

«Agora está na hora da dor, Brigadeiro. Terás doze das melhores, caso a tua oferenda desta noite me agrade.»

Eis o pior momento dele. Ela já o recusou antes. As memórias que ele tem da Saliência a ela não lhe interessam. Ela não parece interessar-se tanto pela chacina em massa como pelo mito, e o terror pessoal... mas por favor... por favor deixai-a aceitar...

«Em Badajoz», sussurrando humildemente, «durante a guerra em Espanha... uma bandeira da Legião de Franco avançou sobre a cidade, cantando o seu hino regimental. Cantavam a noiva que haviam tomado. Eras tu, Mestra: eles-eles estavam a proclamar-te como sua noiva...»

Ela fica em silêncio por um pouco, fazendo-o esperar. Por fim, olhos fixos nos dele, ela sorri, a componente de mal naquilo de que ela descobriu ele precisar tomando conta de si mesma como de costume: «Sim... Muitos deles de facto tornaram-se meus noivos nesse dia», murmura ela, flectindo a luzidia cana. Parece haver um vento invernoso no quarto. A imagem dela ameaça desintegrar-se com um safanão em diferentes flocos de neve. Ele adora ouvi-la falar, é dela a voz que foi encontrá-lo nos aposentos despedaçados das aldeias da Flandres, ele sabe, ele reconhece-a pela pronúncia, das raparigas que envelheceram nos Países Baixos, cujas vozes passaram corrompidas de novas a velhas, de alegres a indiferentes, enquanto aquela guerra se arrastava, de uma estação para uma outra estação mais amarga ainda... «Trouxe os morenos corpos Espanhóis deles até ao meu. Eram

da cor do pó, e do crepúsculo, e das carnes grelhadas até uma textura perfeita... a maior parte deles eram muito novos. Um dia de estio, um dia de amor: um dos mais pungentes que jamais conheci. Obrigado. Terás a tua dor esta noite.»

É uma parte da rotina dela de que ele pode desfrutar, finalmente. Embora jamais tenha lido qualquer pornografia Britânica clássica, ela efectivamente sente-se, tão bem quanto um peixe, à vontade na corrente local. Seis nas nádegas, outras seis nos mamilos. Zás onde está agora a tal Cabaça Surpresa? Eh? Ela gosta da maneira como o sangue espirra para cruzar os vergões da noite passada. Muitas vezes é tudo o que ela consegue fazer para evitar gemer também a cada um dos grunhidos de dor dele, duas vozes numa dissonância que seria muito menos acidental do que soava... Em certas noites ela amordaçou-o com uma faixa ceremonial, atou-o com uma fourragère de borlas de ouro ou com o próprio cinturão dele. Mas hoje à noite ele está corcovado no chão a seus pés, com o cu murcho elevado para a cana, preso por nada mais do que a sua necessidade de dor, de algo real, de algo puro. Levaram-no para tão longe dos seus simples nervos. Enfiaram ilusões de papel e eufemismos militares entre ele e esta verdade, esta rara decência, este momento aos escrupulosos pés dela... não isto aqui não é culpa, é antes um espanto — por ele ter ouvido tantos anos de ministros, cientistas, doutores cada um deles com as suas mentiras especializadas para contar, quando ela aqui esteve o tempo todo, segura do seu domínio do débil corpo dele, do verdadeiro corpo dele: não disfarçado pelo uniforme, não atravancado por drogas que o afastem dos anúncios dela de vertigem, náusea e dor... Acima de tudo, dor. A mais clara poesia, a ternura de maior valor...

Ele consegue pôr-se de joelhos para beijar o instrumento. Ela posta-se agora por cima dele, pernas abertas, pélvis atirada para diante, capa de peles aberta nas suas ancas. Ele atreve-se a olhar-lhe a coña, aquele temível vórtice. Os pêlos púbicos dela foram tingidos de preto para a ocasião. Ele suspira, e deixa escapar um pequeno e vergonhoso grunhido.

«Ah... sim, eu sei.» Ela ri-se. «Pobre Brigadeiro mortal, eu sei. É o meu último mistério», afastando os seus lábios vaginais com as

unhas, «ora não se pode pedir a uma mulher que revele o seu último mistério, pois não?»

«Por favor...»

«Não. Esta noite não. Ajoelha-te aqui e recebe o que te dou.»

Apesar de si mesmo — já um reflexo — ele olha rapidamente para as garrafas em cima da mesa, os pratos, sujos com sucos de carne, Hollandaise, pedaços de cartilagem e de osso... A sombra dela cobre-lhe o rosto e a parte superior do torso, as botas de couro dela rangem suavemente enquanto coxas e músculos abdominais se movem, e então de repente ela começa a mijar. Ele abre a boca para colher o jacto, engasgando-se, tentando continuar a engolir, sentindo a urina quente escorrer-lhe pelos cantos da boca e pelo pescoço e ombros abaixo, submerso na sibilante tempestade. Quando ela termina ele limpa dos seus lábios as últimas gotas. Outras pendem, douradas e transparentes, dos luzidios pêlos da crica dela. O rosto dela, que se avista entre os seus seios nus, é suave como aço.

Ela vira-se. «Levanta-me a capa.» Ele obedece. «Tem cuidado. Não toques na minha pele.» No início deste jogo ela estava nervosa, com prisão de ventre, pensando se isto seria algo semelhante à impotência masculina. Mas o previdente Pointsman, antecipando isso, tem andado a incluir comprimidos de laxante nas suas refeições. Agora os intestinos dela gemem baixinho, e ela sente a merda começar a escapar-se para baixo e para fora. Ele ajoelha-se de braços levantados segurando a rica capa. Um cagalhão escuro aparece à saída da fresta, à saída da escuridão absoluta entre as alvas nádegas dela. Ele abre os seus joelhos, desajeitadamente, até conseguir sentir-lhe o couro das botas. Inclina-se para diante para rodear o cagalhão quente com os seus lábios, chupando-o ternamente, lambendo-lhe a parte de baixo... está a pensar, lamenta, não consegue evitá-lo, a pensar no pénis de um Negro, sim ele sabe que isso ab-roga parte das condições impostas, mas não será negada, essa imagem de um bruto africano que o faça comportar-se... O fedor a merda enche-lhe o nariz, colhendo-o, circundando. É o cheiro a Passchendaele, à Saliência. Misturado com a lama, e a putrefacção dos corpos, era o odor soberano do primeiro encontro deles, e o emblema dela. O cagalhão desliza-lhe para a boca, pela goela abaixo. Engasga-se,

mas cerra com bravura os seus dentes. Pão que somente teria flutuado em águas de porcelana algures, sem ser visto, sem ser provado — agora fermentado e cozido no amargo Forno intestinal até se tornar pão que conhecemos, pão que é leve como o conforto doméstico, secreto como a morte na cama... Os espasmos na garganta dele prosseguem. A dor é terrível. Com a língua ele esmaga a merda contra o céu da boca e começa a mastigar, agora espessamente, o único som que há no quarto...

Há outros dois cagalhões, mais pequenos, e quando ele comeu esses, merda residual para lamber no ânus dela. Ele reza para que ela deixe cair a capa sobre si, para que ele seja autorizado, naquela escravidão forrada a seda, a ficar mais algum tempo com a sua língua submissa enfiada no olho do cu dela. Mas ela afasta-se. A capa de peles evapora-se das mãos dele. É-lhe ordenado que se masturbe para ela. Ela observou o Capitão Blicero com o Gottfried, e aprendeu o estilo apropriado.

O Brigadeiro vem-se rapidamente. O rico odor do sémen enche o quarto como fumo.

«Agora vai-te.» Ele quer chorar. Mas já antes implorou, lhe ofereceu — absurdamente — a sua vida. As lágrimas brotam e escorrem-lhe dos olhos. Não consegue fitar os dela. «Agora tens a boca toda suja de merda. Talvez faça uma fotografia de ti assim. Para o caso de alguma vez te fartares de mim.»

«Não, não. Eu só me farto *daquilo*», abanando a cabeça dele para fora da Ala D de modo a abranger o resto da «Visitação Branca». «Estou tão farto...»

«Veste-te. Não te esqueças de limpar a boca. Eu mando-te chamar quando te quiser outra vez.»

Destroçar. De novo em uniforme, ele fecha a porta da cela e retoma o seu caminho até lá. O assistente nocturno continua a dormir. O ar frio atinge o Pudding como um golpe. Ele soluça, vergado, sozinho, face apoiada por um momento contra as ásperas paredes de pedra da casa Palaciana. Os seus aposentos habituais tornaram-se um local de exílio, e o seu verdadeiro lar é junto da Mestra da Noite, com as suas botas suaves e a sua ríspida voz estrangeira. Nada mais o espera senão uma malga de caldo ao fim da noite, papéis de rotina

para assinar, uma dose de penicilina que o Pointsman lhe ordenou que tomasse, para combater os efeitos da *E. coli*. Talvez, porém, amanhã à noite... talvez então. Não vê como poderá aguentar muito mais tempo. Mas talvez, naquelas horas pouco antes da alvorada...



A grande cúspide — verde equinócio e a virar, dos peixes sonhadores para o jovem carneiro, do sono aquático para o despertar do fogo, precipita-se sobre nós. Do outro lado da Frente Ocidental, no alto do Harz em Bleicheröde, o Wernher von Braun, ultimamente de braço aleijado dentro de um molde de gesso, prepara-se para celebrar o seu 33.^º aniversário. A artilharia troa durante a tarde. Os tanques russos levantam fantasmas de pó ao longe sobre as pastagens Alemanas. As cegonhas estão em casa, e apareceram as primeiras violetas.

Na «Visitação Branca», os dias ao longo daquele pedaço de giz da costa marítima são agora agradáveis e claros. As raparigas do escritório estão enfiadas em menos camisolas, e os seios tornam a espreitar por elas a visibilidade. Março chegou como um cordeiro. O Lloyd George está a morrer. Visitantes tresmalhados são agora vistos ao longo da praia ainda interdita, sentados entre obsoletas redes de postes e cabos de aço, calças enroladas até aos joelhos ou cabelos soltos, gélidos e cízentos dedos dos pés remexendo os seixos. Ali ao largo, por baixo de água, estendem-se quilómetros de canos secretos, petróleo pronto a ser libertado ao girar de uma válvula e a assar os invasores Alemanes que pertencem a sonhos já antigos... combustível à espera da ignição hipergólica que não virá agora senão como refúgio de algum burocrata-júnior ou insurreição de Maio do espírito, ao som bem animado do Bávaro feitor de melodias Carl Orff

O, O, O,
To-tus flore-o!
Iam amore virginali
Totus ardeo...

toda esta costa fortificada acesa, de Portsmouth a Dungeness, ardendo por amor à Primavera. Ardis para esse efeito surgem todos os

dias entre as cabeças mais vivazes na «Visitação Branca» — o Inverno dos cães, dos negros nevões de palavras inquestionáveis, está a acabar. Dentro em pouco estará atrás de nós. Mas logo que aí esteja, atrás de nós — continuará ele a emanar o seu frio encapuzado, por mais que os lumes ardam no mar?

No Casino Hermann Goering, passou a vigorar um novo regime. O General Wivern é agora o único rosto familiar, embora ele pareça ter sido despromovido. A imagem que o Slothrop tem da trama contra si cresceu. Anteriormente a conspiração era monolítica, omnipotente, nada que ele pudesse alguma vez tocar. Até àquele jogo da bebida, e àquela cena com aquela Katje, e a ambas as súbitas despedidas. Mas agora —

Provérbios para Paranóicos, 1: Talvez nunca chegues a tocar no Mestre, mas podes fazer cócegas às criaturas dele.

E depois, bom, ele começa ultimamente a orientar-se para um estado particular de consciência, não um sonho certamente, porventura aquilo a que antigamente se chamava um «devaneio», embora neste as cores sejam mais primárias do que os tons pastel... e em tais alturas parece que ele tocou, e continuou a tocar, por algum tempo, uma alma que conhecemos, uma voz que por mais de uma vez falou através do médium das instalações de investigação, Carroll Eventyr: o falecido Roland Feldspath outra vez, há muito nomeado perito em sistemas de controlo, equações de direcccionamento, situações de re-alimentação para esta e aquela Instituição Aeronáutica. Parece que, por motivos pessoais, o Roland continuou a pairar sobre este espaço Slothropiano, através da luz solar cuja energia ele quase nem sente e através dos temporais que lhe faziam comichão nas costas com a electricidade estática o Roland tem estado a sussurrar a oito quilómetros, os selvagens oito, estacionado como ele tem estado ao longo de uma das Últimas Parábolas — rotas de voo que nunca se devem tomar — trabalhando como um dos invisíveis Interditores da estratosfera, inapelavelmente burocratizado naquele lado como sempre esteve neste, ele mantém por lá os seus ganchos de carne astrais tão bem cravados quanto se poderia esperar, enrolado no «céu» tão tenso com todas as frustrações de tentar atingir o outro lado, com a impotência de certos sonhadores que tentam acordar ou falar e não

conseguem, que se debatem contra pesos e sondas de dor craniana que aparentemente não poderiam tolerar-se acordado, ele espera, não necessariamente pelas despropositadas entradas de tansos como aqui o Slothrop —

O Roland estremece. Será *este* o tal? Isto? que encabeçará a última passagem? Ora esta. Deus tenha piedade: que temporais, que monstros do Éter poderia este Slothrop alguma vez afugentar para alguém?

Bom, o Roland tem de tirar o melhor partido disso, é tudo. Se eles chegarem até aqui, tem de mostrar-lhes o que sabe sobre o Controlo. Essa é uma das missões secretas da sua morte. Os seus crípticos murmurários daquela noite na casa Snoxall acerca dos sistemas económicos não passam da quotidiana tagarelice de fundo das pessoas daqui, uma dada condição do ser. Pergunte-se aos Alemães em especial. Oh, é de facto uma história mesmo triste, o modo canhestro como a Schwärmerei deles pelo Controlo foi usada pelas pessoas que estavam no poder. O Sistemas Paranóicos da História (SPH), um periódico de curta duração dos anos 1920 cujas placas desapareceram todas elas misteriosamente, é claro, chegou mesmo a sugerir, em mais de um editorial, que toda a Inflação Alemã fora criada deliberadamente, somente para levar os jovens entusiastas da Tradição Cibernética a trabalharem no Controlo: afinal, uma economia em inflação, crescendo para o alto como um balão, a sua própria definição da superfície da Terra elevando-se em valor, sem controlo, variando com os dias, tendo falhado, humilhantemente, o sistema de retorno que deveria manter constante o valor do marco... Ganho de unidade em torno do arco, ganho de unidade, alteração zero, e silêncio, desse modo, para sempre, eram essas as rimas secretas da infância da Disciplina do Controlo — secretas e terríveis, como dizem as histórias escarlates. Oscilações divergentes de qualquer tipo eram quase a Pior Ameaça. Não se podiam embalar os balouços destes parques infantis acima de um certo ângulo da vertical. Depressa surgiram lutas, com uma lisura que não tardara a chegar. Os dias chuvosos nunca tiveram muitos relâmpagos ou trovões, somente um altivo tom de vidro pardo a acumular-se nas partes inferiores, uma monocromática visão superior de vales a abarrotarem de musgumentos matagais erguendo suas

raízes aos céus não inteiramente com maligna jovialidade (como alguma surpresa branca a que os elitistas lá de cima não prestassem atenção, não...), vales espessos com Outono, e na chuva um castanho atrofiante, solteirão, por detrás do ouro daquilo... chuva muito selectivamente mirrada a arreliar-te entre os lotes e nas ruas de trás, que vão ficando cada vez mais misteriosas e mal pavimentadas e mais profundamente entrelaçadas, cada lote dando lugar a um lote torto por sete vezes e amiúde mais, em torno de ângulos de sebe, entre caprichos do dia óptico até termos passado, febris, silenciosos, para fora da região de ruas propriamente dita e saído para o campo, para os retalhados prados escuros e para a madeira, o início da verdadeira floresta, onde um pouco do ordálio lá adiante começa a mostrar-se, e nossos corações a sentirem-se assustados... mas tal como nenhum balouço poderia ser impelido acima de uma certa altura, também, para além de um certo raio, a floresta não podia ser penetrada mais além. Estava lá sempre um limite a que se deveria chegar. Era tão fácil crescer sob tal dispensação. Tudo era tão salutar quanto podia sê-lo. Quase nunca se vislumbravam as bordas, muito menos elas eram namoradas ou se namorava com elas. Destruição, oh, e demónios — sim, incluindo o de Maxwell — estavam lá, no fundo dos bosques, saltitando com outras bestas entre os aterros da tua segurança...

Assim foi a terrível passagem do Foguete reduzida, literalmente, a termos burgueses, termos de uma equação tal como aquela elegante mistura de filosofia e equipamento, mudança abstracta e articulados pivôs de metais reais que descreve o movimento sob o aspecto do controlo de rotação:

$$\theta \frac{d^2\phi}{dt^2} + \delta^* \frac{d\phi}{dt} + \frac{\partial L}{\partial \alpha} (s_1 - s_2)\alpha = -\frac{\partial R}{\partial \beta} s_2 \beta,$$

preservando, possuindo, manobrando entre Cila e Caríbdis o caminho todo até ao Brennschluss. Se algum dos jovens engenheiros viu correspondência entre o profundo conservadorismo do Retorno e os tipos de vidas que passavam a levar *no próprio processo* de o acolherem, ela perdeu-se, ou disfarçou-se — nenhum deles estabeleceu a ligação,

pelo menos não enquanto viveram: foi preciso a morte para demonstrá-la a Ronald Feldspath, a morte com as suas muito boas possibilidades de ser Demasiado Tarde, e uma multidão de outras almas que se sentiam, mesmo agora, afins do Foguete, dirigindo-se rumo às luzes em pétreo azul do Vácuo sob um Controlo que não conseguem designar inteiramente... a iluminação cá fora é surpreendentemente branda, branda como vestes celestes, uma sensação de população e força invisível, fragmentos de «vozes», vislumbres de uma *outra ordem do ser...*

Posteriormente, o Slothrop ficaria não tanto com algum claro símbolo ou esquema dela quanto com algum sabor alcalino a lamento, uma irredutível *estrانheza*, uma auto-suficiência em que nada conseguiria penetrar...

Sim, a modos que *Alemães*, estes episódios aqui. Bom, por estes dias o Slothrop até sonha nessa linguagem. As pessoas têm andado a ensinar-lhe dialectos, Plattdeutsch para a zona que os Britânicos planeiam ocupar, Turíngio se por acaso os Russos não chegarem até Nordhausen, onde estão localizadas as oficinas centrais dos foguetes. A par dos professores de língua vêm peritos em artilharia, electrónica, e aerodinâmica, e um sujeito da Shell International Petroleum chamado Hilary Bounce, que lhe vai ensinar umas coisas sobre a propulsão.

Parece que no início de 1941, o Ministério Britânico dos Abastecimentos concedeu um contrato de investigação de £10 000 à Shell — queria que a Shell desenvolvesse um motor de foguete que funcionasse com algo mais do que cordite, a qual nesses tempos estava a ser usada para rebentar vários tipos de pessoas ao ritmo de montes e montes de toneladas por hora, e não podia ser gasta em foguetes. Uma equipa supervisionada por um tal Isaac Lubbock montou uma instalação de testes estáticos em Langhurst, perto de Horsham, e começou a fazer experiências com oxigénio líquido e combustível de aviação, tendo efectuado o seu primeiro teste bem-sucedido em Agosto de '42. O engenheiro Lubbock tirara dupla nota máxima em Cambridge, era o Pai da Investigação Britânica em Oxigénio Líquido, e o que ele não sabia acerca dessa matéria amarga não valia a pena saber-se. Por estes dias o assistente principal dele é o Sr. Geoffrey Gollin, e é a Gollin que Hilary Bounce reporta.

«Bom, eu cá também sou um homem da Esso», julga o Slothrop dever mencionar. «A minha antiga carripana bebia gasolina que se fartava, mas era gourmet. Sempre que eu usava da Shell tinha de despejar uma garrafa inteira daquele Bromo no depósito só para acalmar as tubagens do raio do Terraplane.»

«Na verdade», as sobrancelhas do Capitão Bounce, um homem da companhia a 110%, subindo e descendo com sinceridade para o ajudarem, «nós então só tratávamos do transporte e acondicionamento final das coisas. Nesses tempos, antes dos Japs e dos Nazis sabe, a produção e refinação estavam a cargo do escritório holandês, em Haia.»

O Slothrop, pobre simplório, está a lembrar-se da Katje, a Katje perdida, dizendo o nome da cidade dela, sussurrando palavras de amor holandesas enquanto eles se moviam agora por manhãs marítimas de uma outra era, uma outra dispensação... *Espera aí.* «Trata-se da Bataafsche Petroleum Maatschappij, N.V.?»

«Exacto.»

É também o negativo de uma fotografia de reconhecimento da cidade, castanho-escura, adornada com pontos de água, nunca há tempo para as deixar secar completamente —

«Vocês, moços, estarão *cientes* também andam a tentar ensinar-lhe Inglês Inglês, só Deus saberá porquê, e aquilo continua a soar à Cary Grant, «de que o Jerry — o velho Jerry, sabem — tem estado lá *nessa* tal Haia, a disparar o raio dos seus foguetes contra a tal Londres, e-e a *usar*, o... *edifício* central da Royal Dutch Shell, no Josef Israelplein se bem me lembro, para um transmissor de *orientação* por rádio? Mas que raio de merda é *essa*, meu velho?»

O Bounce olha para ele, retinindo a sua joalharia gástrica, sem saber o que pensar do Slothrop, ao certo.

«Quero dizer», o Slothrop entrando agora numa grande azáfama por causa de qualquer coisa que só o perturba a ele, obscuramente, nada que valha a pena pormo-nos a discutir, não é?, «você não acha um bocadinho estranho, vocês os moços da Shell a trabalharem no *vossos* motor a líquido lá do *vossos* lado do Canal sabe, e os moços *deles* a dispararem as malditas coisas *deles* para cima de vocês com a vossa própria... danada... torre de transmissão da Shell, está a ver.»

«Não, não creio que isso faça — onde quer você chegar? Claro que eles se devem ter limitado a escolher o edifício mais alto que conseguiram encontrar em linha recta entre os locais de lançamento deles e Londres.»

«Sim, e à *distância* correcta também, não se esqueça disso — exactamente a doze quilómetros *do* local de lançamento. Hâ? É exactamente disso que eu estou a falar.» Espera, oh espera. É *disso* que ele está a falar?

«Bom, eu nunca teria pensado nisso dessa maneira.»

Nem eu, Jackson. Oh, eu também não minha gente...

Hilary Bounce e o seu Sorriso Intrigado. Mais um inocente, um entusiasta de segunda categoria como Sir Stephen Dodson-Truck. Mas:

Provérbios para Paranóicos, 2: A inocência das criaturas está na proporção inversa da imoralidade do Mestre.

«Espero não ter dito nada de errado.»

«Porqu' é qu' é isso?»

«Você parece —» Bounce aspirando o que ele pretende que seja uma risadinha calorosa, «preocupado.»

Preocupado, pois é. Pelas mandíbulas e os dentes de uma qualquer Criatura, uma qualquer Presença tão grande que ninguém consegue vê-la — alil lá está o tal monstro de que eu vos falava. — Isso não é nenhum monstro, estúpido, são *nuvens!* — Não, não estás a *ver?* São os *pés dele* — Bom, Slothrop consegue sentir essa besta no céu: as suas garras e escamas visíveis estão a ser confundidas com nuvens e outras plausibilidades... ou então toda a gente combinou *chamar-lhes outros nomes* quando o Slothrop está a ouvir...

«É apenas uma “coincidência bizarra”, Slothrop.»

Ele aprenderá a ouvir aspas de citação no discurso dos outros. É uma espécie de reflexo livresco, talvez tenha uma predisposição genética — todos aqueles Slothrops anteriores acartando Bíblias pelo alto dos montes azuis como parte do seu equipamento, memorizando por capítulo e versículo as estruturas de Arcas, Templos, Tronos Visionários — todos os materiais e dimensões. Dados por detrás dos quais havia sempre, mais perto ou mais longe, a numinosa certeza de Deus.

Bom, que modo mais apropriado de o Tyrone Perceber Isso numa manhã fria do que este:

É uma cópia de uma lista Alemã de partes, tão deficientemente reproduzida que ele mal consegue ler as palavras — «Vorrichtung fur die Isolierung, 0011-5565/43», ora o que é isto? Ele conhece o número de cor, é o número do contrato original para o foguete A4 no seu conjunto. O que está a fazer um «dispositivo de isolamento» com o número de contrato do Agregado? E também uma classificação DE, a prioridade mais alta que há nos Nazis? Não é bom. Ou algum escriturário do OKW fodeu tudo, o que não seria a primeira vez, ou então ele simplesmente não conhecia o número, e pôs lá o do foguete por ser a coisa seguidamente mais importante. Requisição, parte e números de trabalho todos eles têm a mesma nota de referência, que remete o Slothrop para um Documento SG-1. A nota de referência da nota de referência diz «Geheime Kommandosache! Isto é um segredo de estado, no sentido do §35 R5138.»

«Ouça», ele saúda o General Wivern que está a espreitar pela porta, «gostava de deitar mão a uma cópia desse Documento SG-1.»

«Ah, ah», responde o General. «Isso também os nossos moços, imagino eu.»

«Deixe-se de brincadeiras.» Todos os elementos que a inteligência aliada tem sobre o A4, por mais classificados que sejam, são enfiados num funil secreto em Londres e vão ter à extravagante cela do Slothrop no Casino. Até agora não deixaram nada para trás.

«Slothrop, não há nenhuns documentos “SG”.»

O primeiro impulso é atirar com a lista das partes à cara do homem, mas hoje ele é o Ianque astuto que engana os casacas-vermelhas. «Oh. Bom, talvez eu tenha lido mal», lançando um olhar crédulo em torno do quarto pejado de papéis, «talvez fosse um “56” ou qualquer coisa assim, bolas estava mesmo *ali...*»

O General torna a ir-se embora. Deixando o Slothrop com um enigma, uma espécie de, bom não uma obsessão a bem dizer... ainda não... Diante da listagem das partes, agora na coluna dos Materiais, lá está o «Imipolex G». Oh, a sério. Dispositivo de isolamento feito de Imipolex G, eh? Ele revolve o quarto a pontapé procurando o seu

manual dos nomes comerciais Alemães. Nada que se assemelhe sequer a isso por ali... localiza seguidamente uma lista-mestra de materiais para o A4 e todo o seu equipamento de apoio, e claro que nesse também não há Imipolex G. Escamas e garras, e passos que mais ninguém parece ouvir...

«Algo de errado?» Hilary Bounce outra vez, com o nariz enfiado na porta.

«É por causa deste oxigénio líquido, preciso de mais alguns dados específicos de impulso, ali.»

«Específicos... você quer dizer impulsão específica?»

«Ups, impulsão, impulsão», o Inglês Inglês em seu auxílio, o Bounce divertido:

«Para LOX e álcool é cerca de 200. Que mais precisa você de saber?»

«Mas vocês não usavam petróleo em Langhurst?»

«Entre outras coisas, sim.»

«Bom é acerca dessas outras coisas. Você não sabe que está uma guerra em curso? Não pode ver-se como proprietário de coisas dessas.»

«Mas todos os nossos relatórios da empresa estão em Londres. Talvez da próxima vez que eu sair —»

«Merda para esta burocracia. Eu preciso disso *agora*, Capitão!» Ele tem andado a assumir que lhe atribuíram um acesso ilimitado à informação, e o Bounce confirma-o:

«Eu poderia pedi-lo pelo telétipo, suponho...»

«Ora *isso* é que é falar!» Telétipo? Sim, o Hilary Bounce tem a sua própria, privativa, Ligação ou Terminal de Telétipo da Rede Internacional da Shell, precisamente aquilo que o Slothrop ansiava ter, ali no quarto de hotel dele, ao fundo do guarda-fato por detrás de uma fila de uniformes da Alkit e das camisas engomadas. O Slothrop ameniza a sua entrada com o auxílio da sua amiga Michele, pois já reparou que o Bounce anda de olho nela. «Olá miúda», lá em cima num sótão de meias penduradas onde dormem as bailarinas, «gostavas que eu te arranjassem um encontro com um figurão do petróleo hoje à noite?» Há aqui um qualquer problema de linguagem, ela está a pensar em ser ligada com umas anilhas de metal a um bronco qualquer que escorre petróleo em rama, ângulo sexual que ela não tem a certeza de

apreciar, mas esclarecem logo isso, e daí a pouco a Michele está entusiasmada por ir dar conversa ao homem para longe do seu telétipo durante tempo suficiente para que o Slothrop entre em contacto com Londres e pergunte pelo Imipolex G. Com efeito, ela já de vez em quando notou o Capitão Bounce entre os seus admiradores nocturnos, reparando em particular numa insígnia ventral que o Slothrop também já viu: um anel de benzeno dourado com uma cruz estilizada no centro — o Prémio da IG Farben aos Contributos Meritórios para a Investigação em Sintéticos. O Bounce recebera aquele já em '32. A ligação industrial que isso sugere estava efectivamente adormecida no fundo do espírito do Slothrop quando surgira a Questão do Transmissor de Orientação do Foguete. De certo modo, chegou mesmo a inspirar a presente trama do telétipo. Quem a conheceria melhor do que uma organização como a Shell, sem nenhum país real, nenhum lado em guerra alguma, nenhum rosto ou herança específica: derivando em vez disso daquele Estrato global, muito profundamente entranhado, do qual realmente brotam todas as aparenças de propriedade corporativa?

Pronto. Ora esta noite há uma festa lá no *Cap*, chez Raoul de la Perlimpinpin, jovem herdeiro doidivanas do magnata de fogo-de-artifício de Limoges Georges («Poudre») de la Perlimpinpin — caso «festa» seja o termo para algo que tem durado sem parar desde que esta porção de França foi libertada. O Slothrop está autorizado — sob a vigilância habitual — a ir a casa do Raoul sempre que tenha disposição para isso. Está por lá uma turba leviana e indolente — vieram de todos os cantos da Europa Aliada, ligados por uma qualquer rede familiar, venérea, e por uma história de outras festas assim cuja complexidade a cabeça dele nunca foi inteiramente capaz de abranger. Aqui e ali desfilam rostos, velhos rostos Americanos de Harvard ou do SHAEF, nomes que ele perdeu — são retornados, talvez acidentais, talvez...

Foi para esta festa que a Michele atraiu o Hilary Bounce, e para a qual o Slothrop, logo que a sua resposta de Londres já começou a palrar, às claras, na máquina do Bounce, passa agora a aperaltar-se. Ele lerá a informação mais tarde. Cantando,

Com a minha cara a brilhar com'um microfone
E aaah pomada no meu cabelo,
Sou tão suave como, um cone de gelado, digamos,
Sou o Senhor Donairoso, tenho o selo...

e enroupado num verde fato Francês de corte pernicioso que tem subtis quadrados arroxeados, larga gravata florida que foi ganha na mesa do trente-et-quarante, sapatos castanhos e brancos em asa com cardas de golfe, e peúgas brancas, o Slothrop encima agora tudo isso com um chapéu fedora azul-nocturno com a aba alçada atrás e rebai-xada à frente e lá vai ele, saindo a sapatear pelo foyer do Casino Hermann Goering, com um ar distinto. Quando sai, um civil nervoso, disfarçado segundo a noção que o Serviço Secreto tem de um Apache, desencosta-se de um nicho na porte-cochere, e segue o táxi do Slothrop pela sinuosa e escura estrada que vai ter à festa do Raoul.



Sucede que anteriormente algum brincalhão tinha posto cem gramas de haxixe na Hollandaise. Tal notícia espalhou-se. Houve uma grande corrida aos brócolos. Os assados vão arrefecendo sobre as mesas do bufê que se estendem de um lado ao outro da sala. Um terço da companhia já está a dormir, a maioria no chão. É necessário ver onde se põe os pés entre os corpos para se chegar até onde qualquer coisa esteja a acontecer.

O que está a acontecer não é claro. Há os habituais grupinhos reunidos pelos jardins, comerciando. Não há muito espectáculo esta noite. Um triângulo homossexual ficou a zumbir entre beliscões e re-crimeira a bloquearem a porta da casa de banho. Jovens oficiais andam lá por fora a vomitar entre as zírias. Casais deambulam. Abundam raparigas, arqueadas em veludo, mangas transparentes, subalimentadas, de ombros largos e permanentes no cabelo, falando em meia dúzia de línguas, por vezes tão morenas quanto o sol daqui, noutras tão pálidas quanto o Vigário da Morte vindo de partes mais orientais da Guerra. Rapazolas ansiosos com cabelos de couro autêntico andam de um lado para o outro tentando

seduzir as senhoras, enquanto cabeças mais idosas sem cabelo algum sobre elas preferem aguardar, empregando um esforço mínimo, olhos e bocas pelas salas, falando de negócios entretanto. Um extremo do salon está ocupado por uma banda de dança e por um cantor emaciado com cabelo ondulado e olhos muito vermelhos, que canta:

JULIA (FOX-TROT)

Ju-lia,
 Achar-me-ás pe-cul-iar,
 Se eu te enganar,
 Para me dares — mais-um-beijinho?

Juul-iaaaaa,
 Em mais ninguém o amor assim bu-lia,
 Adorar-te-ia em tertúlia
 Se me des-ses mais-um-beijinho!

Ahh Juul-iaaaaa —
 Meu pobre coração fica em ab-ulia,
 Por mais ninguém se escapulia,
 Nem eu soltaria meus ais —
 E para mais —

Ju-lia,
 Eu gritaria aleluia,
 Se tivesse a minha Jul-iaa,
 Pa-ra-sem-pre junto a mim. ·

Uma melodia tipo Saxofonia e Park Lane, perfeita para certos estados de espírito. O Slothrop vê o Hilary Bounce, claramente uma vítima da Hollandaise alucinogénica, esparramado num grande pouf com a Michele, que tem estado a fazer-lhe festas no berloque da IG Farben durante as últimas duas ou três horas. O Slothrop acena-lhes, mas nenhum deles o vê.

Os da droga e os da bebida porfiam juntos sem vergonha no bufê e nas cozinhas, saqueando os armários, lambendo os fundos dos tachos. Uma festa de banhistas nus passa a caminho dos degraus que

vão dar lá abaixo à praia. O nosso anfitrião, o tal Raoul, passeia-se por ali com um alto chapéu de vaqueiro, camisa à Tom Mix e cinturão de seis-tiros com um cavalo Percheron pela rédea. O cavalo vai largando cagalhões sobre o tapete Bokhara, e também sobre o ocasional conviva supino. Tudo aquilo é disforme, sem foco algum até surgir um sarcástico floreado da banda, e aí vem o cliente mais matreiro que o Slothrop jamais viu fora de um filme do Frankenstein — envergando um zoot suit branco com enormes pregas e uma longa corrente de chaveiro dourada que balouça com reluzentes arcos quando ele atravessa a sala com um ar de gozo para toda a gente, algo apressado mas tomando tempo para apreciar caras e corpos, cabeça a andar de um lado para o outro, metódico, um pouco sinistro. Pára por fim diante do Slothrop, que está a preparar um Shirley Temple para si próprio.

«Tu.» Um dedo do tamanho de uma espiga de milho, a dois centímetros do nariz do Slothrop.

«Podes crer», o Slothrop a deixar cair uma cereja de marasquino em cima do tapete e a esmagá-la depois quando dá um passo atrás, «sou mesmo o homem. Claro. O que é? Qualquer coisa.»

«Vem.» Seguem lá para fora até uma mata de eucaliptos, onde o Jean-Claude Gongue, notório esclavagista branco de Marselha, está ocupado a escravizar brancamente. «Olha lá, tu», gritando para as árvores, «tu queres ser uma escrava branca, huh?» «Merda, não», responde uma qualquer rapariga invisível, «eu quero ser é uma escrava verde!» «Magental» grita alguém do alto de uma oliveira. «Vermelhão!» «Acho que vou passar a vender droga», diz o Jean-Claude.

«Olha», o amigo de Slothrop produzindo um envelope de papel kraft que até no escuro o Slothrop consegue perceber que está recheado de notas do Exército Americano com selo amarelo, «quero que me guardes isto, até eu te pedir de volta. Parece que o Italo vai chegar cá antes da Tamara, eu não sei ao certo qual deles —»

«A este ritmo, a Tamara ainda chega cá antes de hoje à noite», interpõe o Slothrop com uma voz de Groucho Marx.

«Não tentes minar a confiança que eu tenho em ti», aconselha o Grande. «Tu és o homem.»

«Está bem», o Slothrop a enfiar o envelope dentro do bolso. «Diz-me cá, onde é que arranjaste esse zoot suit que trazes vestido, foi ali?»

«Qual é o teu tamanho?»

«42, médio.»

«Vais ter um», e dizendo isso torna a abalar lá para dentro.

«E-e uma *corrente de chaveiro como deve ser!*» diz-lhe ainda o Slothrop.

Mas que raio se está a passar? Ele dá uma volta por ali fazendo uma ou outra pergunta. Sucedeu que o sujeito é o Blodgett Waxwing, bem conhecido fugitivo da Caserne Mortier em Paris, a pior cadeia do TOE. A especialidade do Waxwing é falsificar documentos de vários tipos — cartões de racionamento PX, passaportes, Soldbücher — enquanto também negoceia material do Exército como biscoite. Tem andado intermitentemente ausente sem licença desde a Ofensiva das Ardenas, e embora penda por isso uma condenação à morte sobre a sua cabeça continua a ir de noite às cantinas das bases Americanas para ver os filmes — desde que sejam westerns, ele adora aqueles calcadores de merda, o som dos cascos a sair por um altifalante de metal ao fundo de cem metros de barris de combustível e camiões de duas toneladas e meia em terra estrangeira põem-lhe o coração em rebuliço como se uma brisa houvesse soprado ali, tem alguns dos seus muito contactos que lhe arranjam um calendário completo de todos os filmes em exibição nos Teatros das vilas ocupadas, e diz-se que já levou um jipe de um general só para viajar lá até Poitiers ao fim do dia e ir ver uma bela fita antiga do Bob Steele ou do Johnny Mack Brown. O retrato dele poderá estar pendurado em lugar de destaque em todas as salas da guarda e poderá estar gravado nos cérebros de milhares de cabeças de giz, mas ele já viu *The Return of Jack Slade* vinte e sete vezes.

A história aqui hoje à noite é uma típica intriga romântica da Segunda Guerra Mundial, somente mais uma noite em casa do Raoul, envolvendo um futuro carregamento de ópio que será usado pela Tamara como garantia de um empréstimo concedido pelo Italo, que por seu turno está em dívida para com o Waxwing por causa de um tanque Sherman que o seu amigo Teophile está a tentar contrabandear para a Palestina mas precisa de arranjar alguns milhares de libras

para subornos do outro lado da fronteira, e por isso usou o tanque como penhor para pedir um empréstimo à Tamara, que vai usar parte do empréstimo por ela obtido junto do Italo para lhe pagar. Mas entretanto o negócio do ópio parece que não vai avante, porque não se sabe do intermediário há várias semanas, nem do dinheiro que Tamara lhe adiantou, e que ela obteve do Raoul de la Perlimpinpin através do Waxwing, que está agora a ser pressionado pelo Raoul por causa do dinheiro pois o Italo, decidindo que o tanque pertence agora à Tamara, apareceu na noite passada e levou-o para um Local Desconhecido como pagamento do seu empréstimo, levando dessa maneira o Raoul a entrar em pânico. Qualquer coisa assim.

O vigia de Slothrop está a ser alvo de propostas indecentes por dois dos homossexuais que andavam à bulha na casa de banho. O Bounce e a Michele não se vêem em lado algum, nem o tal Waxwing. O Raoul está a falar sinceramente com o seu cavalo. O Slothrop está a acabar de se instalar ao lado de uma rapariga com um vestido Worth de antes da guerra e um rosto como o da Alice de Tenniel, mesma testa, nariz, cabelo, quando lá de fora vem o mais medonho matraquear, resfolegar, ruídos de madeira a quebrar-se, raparigas saindo a correr aterrorizadas dos eucaliptos para entrarem na casa e logo atrás delas o que vem por ali aos tombos até às pálidas luzes do jardim senão — ora é o próprio tanque Sherman! faróis acesos como os olhos do King Kong, lagartas a cuspirem relvas e pedaços de lajedo enquanto aquilo vai manobrando e acaba por parar. O seu canhão de 75 mm gira até ficar apontado para o meio da sala através das portas envidraçadas. «Antoine!» uma rapariga nova a concentrar-se no gigantesco cano, «por amor de Deus, agora não...» Abre-se uma escotilha e a Tamara — o Slothrop conjectura: não era o Italo que devia ter o tanque? — uh — emerge de lá aos guinchos para denunciar Raoul, Waxwing, Italo, Teophile, e o intermediário do negócio do ópio. «Mas agora», grita ela, «vou apanhar-vos a todos! Um coup de foudre!» A escotilha fecha-se — ai, Jesus — ouve-se o som de um projétil de três polegadas sendo carregado para a culatra. Raparigas começam a gritar e procuram as saídas. Os da droga põem-se a olhar à volta, pestanejando, sorrindo, dizendo sim de uma variedade de maneiras. O Raoul tenta montar o seu cavalo e proceder à sua fuga,

mas falha a sela e desliza para o outro lado, caindo num alguidar de gelatina do mercado negro, com sabor a framboesa, e natas batidas por cima. «Ai, não...» o Slothrop, tendo-se já decidido a uma corrida para flanquear o tanque quando YYYBLAAANNNGGG! o canhão solta um enorme rugido, a chama entra um metro dentro da sala, a onda de choque leva os tímpanos até ao meio do cérebro, atirando toda a gente contra as paredes do fundo.

Um reposteiro pegou fogo. O Slothrop, tropeçando por cima dos convivas, não consegue ouvir nada, sabe que a cabeça lhe dói, continua a correr para o tanque pelo meio do fumo — salta para lá, vai abrir a escotilha e quase é atirado dali abaixo quando a Tamara salta para fora para tornar a gritar com toda a gente. Após uma luta que não deveria deixar de ter os seus momentos eróticos, pois a Tamara é uma miúda bem jeitosa com uns belos movimentos, o Slothrop consegue envolvê-la num anda-lá e arrastá-la do tanque para baixo. Mas apesar do barulho e tudo, olha — ele não parece ter uma erecção. Hmm. Este é um dado que Londres nunca recebeu, porque ninguém estava a ver.

Sucede que o projéctil, que não chegou a detonar, somente abriu buracos em diversas paredes, e demoliu uma grande pintura alegórica da Virtude e do Vício num acto antinatural. A Virtude tinha um daqueles sorrisos mortiços e distantes. O Vício estava a coçar a sua desgrenhada cabeça, um pouco espantado. O fogo do reposteiro foi apagado com champanhe. O Raoul está em lágrimas, grato pela sua vida, torcendo as mãos do Slothrop e beijando-lhe as bochechas, deixando um rastro de gelatina onde quer que toque. A Tamara é levada dali pelos guarda-costas do Raoul. O Slothrop acabou por se libertar e está a limpar a gelatina do seu fato quando sente um toque pesado no ombro.

«Tinhas razão. Tu és o homem.»

«Isto não é nada.» O Errol Flynn cofia o seu bigode. «Ainda não há muito tempo salvei uma dama de um polvo, e essa?»

«Com uma diferença», diz o Blodgett Waxwing. «Isto aconteceu realmente hoje à noite. Mas aquele polvo não.»

«Como sabes?»

«Eu sei muita coisa. Não tudo, mas algumas coisas que tu não sabes. Ouvi Slothrop — tu vais precisar de um amigo, e mais cedo do

que julgas. Não venhas aqui à vivenda — por essa altura deve ser demasiado arriscado — mas se conseguires chegar até Nice—» ele entrega-lhe um cartão de visita, gravado com um cavalo de xadrez e um endereço na Rue Rossini. «Vou levar o envelope outra vez. Aqui tens o teu fato. Obrigado, mano.» Foi-se. O talento dele é o de desaparecer quando quer. O zoot suit está numa caixa atada com uma fita roxa. O chaveiro também lá está. Ambos pertenceram a um miúdo que costumava viver na zona leste de Los Angeles, chamado Ricky Gutierrez. Durante os Motins do Zoot Suit em 1943, o jovem Gutierrez foi perseguido por um carro cheio de vigilantes anglófonos de Whittier, espancado enquanto a polícia de L.A. ficava a ver e a pedir conselhos, e depois preso por perturbar a paz. O juiz dava a escolher entre a cadeia e o Exército aos que usavam zoot suits. Gutierrez alistou-se, foi ferido em Saipan, desenvolveu gangrena, tiveram de lhe amputar o braço, está agora em casa, casado com uma rapariga que trabalha na cozinha de uma loja de tacos em San Gabriel, não consegue arranjar emprego algum para si, bebe muito durante o dia... Mas o seu velho zoot, e os de milhares de outros que foram presos nesse Verão, pendurados e vazios atrás de todas as portas da L.A. Mexicana, foram comprados e lá chegaram até aqui, ao mercado, conseguir-se um pequeno lucro não tem mal nenhum, pois não, eles tinham ficado para ali pendurados entre a fumarada e o cheiro a bebé, naqueles quartos com os estores puxados para baixo contra o sol que batia, dia após dia, nas palmeiras ressequidas e nos bueiros enlameados, dentro desses quartos cheios de moscas e vazios...



O Imipolex G provou ser nada de mais — nem menos — sinistro do que um novo plástico, um polímero aromático heterocíclico, desenvolvido em 1939, anos antes do seu tempo, por um tal L. Jamf para a IG Farben. É estável a altas temperaturas, como até 900 °C, combina a boa robustez com um baixo factor de perda de potência. Estruturalmente, é uma rígida cadeia de anéis aromáticos, hexágonos como aquele dourado que escorrega e bate por cima no umbigo do Hilary Bounce, alternando aqui e além com os chamados anéis heterocíclicos.

As origens do Imipolex G remontam às primeiras pesquisas feitas na Du Pont. A Plasticidade tem a sua grandiosa tradição e a sua corrente fundamental, que por acaso passa pela Du Pont e pelo seu famoso funcionário Carothers, conhecido como O Grande Sintesista. O estudo clássico dele sobre as grandes moléculas abrangeu toda a década dos anos vinte e trouxe-nos directamente até ao nylon, que não apenas é uma delícia para o fetichista e uma conveniência para o insurgente armado, como era também, nessa época e bem dentro do Sistema, um anúncio do cânone central da Plasticidade: o de que os químicos já não estariam mais à mercê da Natureza. Agora podiam decidir que propriedades queriam que uma molécula tivesse, e depois irem avante e construírem-na. Na Du Pont, o passo que se seguiu ao nylon foi o de introduzir anéis aromáticos na cadeia de poliamida. Não tardou que surgisse toda uma família de «polímeros aromáticos»: poliamidas aromáticas, policarbonatos, poliésteres, polissulfanos. A propriedade visada com maior frequência parecia ser a força — primeira entre a virtuosa tríade da Plasticidade que consistia em Força, Estabilidade e Brancura (*Kraft, Standfestigkeit, Weiß*): quantas vezes elas foram confundidas com grafitos nazis, e de facto quão comumente eram indistinguíveis nas paredes luzidias de chuva, enquanto os autocarros trocavam de mudança na rua seguinte, e os eléctricos soltavam a sua chiadeira de metal, e as pessoas andavam na sua maioria silenciosas à chuva, com o início da noite escurecido até à textura do fumo de um cachimbo, e os braços dos jovens transeuntes não dentro das mangas dos seus casacos mas algures lá no interior, como se albergassem anões, ou extaticamente afastados do horário para uma ligação táctil com forros ainda mais sedutores do que o novo nylon...). L. Jamf, entre outros, propôs então, logicamente, dialecticamente, que se pegasse nas secções aparentadas de poliamidas da nova cadeia, e *essas* fossem também dispostas em anéis, anéis gigantes «heterocíclicos», que alternassem com os anéis aromáticos. Esse princípio foi facilmente estendido a outras moléculas precursoras. Um monómero desejado de alto peso molecular podia ser sintetizado à medida, vergado ao seu anel heterocíclico, afivelado, e enfiado numa cadeia a par dos mais «naturais» anéis de benzeno ou aromáticos. Tais cadeias viriam a ser conhecidas como

«polímeros heterocíclicos aromáticos». Uma cadeia hipotética a que Jamf chegara, pouco antes da guerra, foi mais tarde modificada de modo a tornar-se no Imipolex G.

Nessa época Jamf trabalhava para uma organização suíça chamada Psychochemie AG, originalmente conhecida como a Corporação Química Grössli, uma subsidiária da Sandoz (onde, como sabe qualquer criança em idade escolar, o lendário Dr. Hoffman fez a sua importante descoberta). No início dos anos vinte, a Sandoz, a Ciba, e a Geigy haviam-se unido num cartel químico Suíço. Pouco tempo depois, a firma de Jamf foi também absorvida. Aparentemente, a maior parte dos contratos da Grössli haviam sido com a Sandoz, em todo o caso. Logo a partir de 1926 houve acordos verbais entre o cartel Suíço e a IG Farben. Quando os alemães instalaram na Suíça a sua empresa de fachada, a IG Chemie, dois anos depois, a maioria das ações da Grössli foi-lhes vendida, e a companhia reconstituída como Psychochemie AG. A patente do Imipolex G foi assim partilhada entre a IG e a Psychochemie. A Shell Oil entrou no negócio através de um acordo com a Imperial Chemicals datado de 1939. Por qualquer curioso motivo, virá o Slothrop a descobrir, nenhuns acordos entre a ICI e a IG parecem ter data posterior a '39. Segundo esse acordo do Imipolex, a ICI podia comercializar o novo plástico no interior da Commonwealth a troco de uma libra e de outras boas e valiosas considerações. O que é simpático. A Psychochemie AG continua por aí, continua a fazer negócio na mesma morada de antigamente da Schokoladestrasse, lá em Zurique, na Suíça.

O Slothrop faz girar a corrente do chaveiro do seu zoot suit, com alguma agitação. Algumas coisas são imediatamente óbvias. Há até mais a vir de lá para acutilá-lo do que ele pensara, mesmo nos seus transes mais paranóicos. O Imipolex G aparece num misterioso «dispositivo de isolamento» de um foguete que é disparado com a ajuda de um transmissor no telhado da sede da Shell Holandesa, que está co-licenciada para comercializar o Imipolex — um foguete cujo sistema de propulsão ostenta uma estranha semelhança com o que foi desenvolvido pela Shell Britânica mais ou menos na mesma altura... e ena, ena pá, ocorre agora mesmo ao Slothrop onde está a ser reunida toda a inteligência sobre o foguete — no gabinete de quem senão do

Sr. Duncan Sandys, genro do próprio Churchill, que trabalha a partir do Ministério dos Abastecimentos localizado onde senão na *Casa Shell Mex, por amor de Deus...*

O Slothrop encena aqui um brilhante ataque de Comandos, ao lado do seu fiel companheiro Blodgett Waxwing, à própria Casa Shell Mex — mesmo no coração da delegação do Foguete em Londres. Abatendo pelotões de forte segurança com a sua pequena Sten, afastando a pontapé núbeis e gritantes secretárias do WRAC (que outro modo há para reagir, mesmo fingido?), saqueando com selvajaria os ficheiros, lançando coquetéis Molotov, os Bobos do Zoot suit entram finalmente de roldão no último santuário com as suas calças bem puxadas até à parte de baixo dos sovacos, cheirando a cabelo chamuscado, sangue derramado, para encontrarem não o Sr. Duncan Sandys encolhido perante a integridade deles, nem a janela aberta, a fuga à cigano, as cartas da sorte espalhadas, nem sequer um teste de vontades com o grande Consórcio propriamente dito — mas somente uma sala assaz banal, máquinas empresariais dispostas nas paredes em redor a piscarem calmamente, ficheiros de cartões perfurados frágeis como rostos de açúcar, frágeis como as últimas paredes Alemãs de pé sem escoras após as bombas terem vindo e virem agora a rodopiar desde lá de cima, ameaçando serem arrastadas do céu para fora pela força do vento que levou para longe o fumo... O odor das armas de fogo está no ar, e não há uma única dama de escritório à vista. As máquinas tagarelam e apitam umas para as outras. É tempo de acalmar os frémitos, partilhar um cigarro pós-violência e pensar na fuga... lembra-te de como entrámos, de todas as voltas e curvas? Não. Não estavas a olhar. Qualquer uma destas portas te poderia conduzir a local seguro, mas poderá não haver tempo...

Mas Duncan Sandys é somente um nome, uma função nisto, «Até onde chegará?» nem sequer é o tipo correcto de pergunta a fazer, porque todos os diagramas de organização foram instaurados por Eles, os títulos e os nomes preenchidos por Eles, porque

Provérbios para Paranóicos, 3: Se eles te levarem a fazer as perguntas erradas, não têm de se preocupar com as respostas.

O Slothrop descobre que ficou parado diante da azulada lista de partes que dera início a tudo isto. *Até onde chegará... ahhh.* A pergunta traiçoeira não deve afinal aplicar-se às pessoas, mas ao *equipamento!*

Pestanejando, movendo cuidadosamente um dedo pelas colunas abaixo, o Slothrop descobre a Próxima Montagem Superior do tal Vorrichtung für die Isolierung.

«S-Gérat, 11/00 000.»

Se este número é o número de série de um foguete, como a forma dele indica, deverá ser um modelo especial — o Slothrop nem sequer ouviu falar de algum que tenha quatro zeros, quanto mais cinco... nem de nenhum S-Gérat, há um I — e um J-Gérat, estão na orientação... bom, o Documento SG-1, que supostamente não existe, deve abranger isso...

Fora da sala: indo para nenhum lugar em especial, movendo-se ao ritmo de um lento rufo nos músculos do seu estômago *ver o que acontece, estar a postos...* No restaurante do Casino, nem a mais pequena impedânciça para entrar, nenhuma queda de temperatura que seja perceptível à pele dele, o Slothrop senta-se a uma mesa onde alguém deixou o *Times* de Londres da passada terça-feira. Hmmm. Já não via nenhum destes há uns tempos... Desfolhando-o, dum, dum, de-doo, pois, a Guerra continua em curso, os Aliados aproximam-se de Berlim pelo oriente e pelo ocidente, os ovos em pó continuam a uma e treze a dúzia, «Oficiais Caídos», MacGregor, Mucker-Maffick, Whitestreet, Tributos Pessoais... *Meet Me in St. Louis* em exibição no Cinema Empire (lembra-se de aí ter feito o número do pénis-dentro-da-caixa-das-pipocas com uma tal Madelyn, que tinha menos de —) —

O Lérido... Oh merda não, não espera aí —

«Verdadeiro encanto... espírito humilde... força de carácter... fundamental asseio e bondade cristãos... todos nós adorávamos o Oliver... a sua coragem, coração gentil e infalível bom humor eram uma inspiração para todos nós... morreu bravamente em combate liderando uma galante tentativa para resgatar elementos da sua unidade que haviam sido isolados pela artilharia alemã...» E assinado pelo seu mais devoto camarada de armas, Theodore Bloat. *Major* Theodore Bloat agora —

Olhando para fora da janela, olhando para coisa nenhuma, segurando uma faca do talher com tanta força que talvez alguns ossos da mão dele se partam. Por vezes sucede isso aos leprosos. Quebra na

informação de retorno ao cérebro — não têm maneira de saber a força com que podem estar a cerrar o punho. Já se sabe como são esses leprosos. Bom —

Dez minutos depois, de novo lá em cima no seu quarto, ele está deitado de cara para baixo na cama, sentindo-se vazio. Não consegue chorar. Não consegue fazer *nada*.

Eles fizeram-no. Levaram o seu amigo para uma qualquer armadilha mortal, provavelmente deixaram-no fingir uma morte «honrosa»... e depois limitaram-se a *encerrar o ficheiro dele*...

Ocorrer-lhe-á mais tarde que talvez toda aquela história seja mentira. Eles podiam ter plantado aquilo com bastante facilidade no tal *Times* de Londres, não podiam? Deixaram ali o jornal para que o Slothrop o encontrasse? Mas quando ele vier a aperceber-se disso, já não haverá maneira de voltar atrás.

Ao meio-dia o Hilary Bounce chega a esfregar os olhos e ostentando um sorriso de comedor de merda. «Como foi a sua noite? A minha foi notável.»

«Fico contente por ouvir isso.» O Slothrop está a sorrir. *Tu também estás na minha lista, pá.* Este sorriso exige dele mais graça do que qualquer outra coisa na sua lânguida vida Americana lhe exigiu alguma vez, até agora. Graça que ele sempre imaginou faltar-lhe. Mas está a funcionar. Fica surpreendido, e tão grato que quase começa a chorar então. O melhor de tudo não é que o Bounce pareça enganado pelo sorriso, mas que o Slothrop sabe agora que aquilo voltará a funcionar para si...

Consegue pois chegar a Nice, após uma rápida fuga pela Corniche através das montanhas, traseira a derrapar e borracha guinchando suavemente junto aos abismos aquecidos pelo sol, os vigias todos deixados por lá na praia onde ele teve a presença de espírito suficiente para emprestar ao seu compincha Claude, assistente do chefe de cozinha, que é mais ou menos da mesma altura e envergadura, os seus calções de banho pseudotaitianos novinhos em folha, e enquanto todos eles ficavam a olhar para o tal Claude, achar um Citroën preto com as chaves lá dentro, não custou nada, minha gente — rolando para a vila com o seu zoot branco, óculos escuros, e um chapéu panamiano posto à banda como o do Sidney Greenstreet.

Ele não passa exactamente despercebido entre as multidões de militares e as mamzelles que já envergam vestidos estivais, mas larga o carro perto da Place Garibaldi, dirige-se para um bistro no lado antigo de Nice da La Porte Fausse e aproveita para um bolo e um café antes de se dispor a procurar o endereço que Waxwing lhe deu. É afinal o de um antigo hotel de quatro andares com bêbedos matutinos deitados pelos corredores, pálpebras que parecem minúsculos pães escovados por um último fulgor de sol poente, e poeira estival em imponentes evoluções por entre a luz fosca, descontração estival nas ruas lá fora, um estio de Abril enquanto o grande vórtice da deslocação da Europa para a Ásia desfila em intensa algazarra deixando todas as noites muitas almas apegadas por mais algum tempo às tranquilidades daqui, desta vizinhança do sorvedouro de Marselha, desta penúltima paragem do ciclone de papel que os torna a retirar da Alemanha, pelos vales ribeirinhos, começando a trazer também alguns de Antuérpia e dos portos nortenhos agora que o vórtice se vai tornando mais seguro, enquanto se instauram caminhos preferenciais... Para aguçar mais a coisa, aqui na Rue Rossini, chega até ao Slothrop a melhor sensação que o crepúsculo numa cidade estrangeira pode trazer: ali onde a luz do céu equilibra o candeeiro eléctrico da rua, pouco antes da primeira estrela, alguma promessa de eventos sem causa, surpresas, uma direcção em ângulos rectos para cada direcção que a vida dele conseguiu encontrar até agora.

Demasiado impaciente para esperar pela primeira estrela, o Slothrop entra no hotel. Os tapetes estão empoeirados, o sítio cheira a álcool e a lixívia. Marinheiros e raparigas vão desfilando, juntos e separados, enquanto o Slothrop anda paranóico de porta em porta procurando uma que possa ter algo para lhe dizer. Soam rádios nos pesados quartos de madeira. A escada não parece estar a prumo, mas *inclinada* num qualquer ângulo peculiar, e a luz que percorre as paredes é somente de duas cores: terra e folha. No último andar o Slothrop detecta finalmente uma velha e maternal femme de chambre que se dirige para um quarto transportando uma muda de lençóis, muito brancos na penumbra.

«Porque te foste embora», o triste sussurro ressoando como se através de um auscultador telefónico de um qualquer sítio muito

distante, «eles queriam ajudar-te. Eles não iam fazer nada de mal...» O cabelo dela está enrolado para o alto, em estilo George Washington, a toda a volta. Ela olha para o Slothrop a 45º, um olhar paciente, de jogador de xadrez num banco de jardim, muito amplo, arqueando ternamente nariz e olhos luzidios: está engomada, empertigada com firmeza, as biqueiras dos seus sapatos de couro ligeiramente reviradas para cima, calça umas peúgas às riscas vermelhas e brancas nuns pés enormes que lhe dão o aspecto de uma prestável criatura de um dos outros mundos, o tipo de elfo que não somente faria sapatos enquanto dormíssemos mas também varreria um pouco, teria o pote ao lume quando acordássemos, e talvez uma flor fresca junto à janela —

«Como diz?»

«Ainda há tempo.»

«Não está a compreender. Eles mataram um amigo meu.» Mas ver aquilo no *Times* daquela maneira, tão pública... como poderia algo daquilo ser real, suficientemente real para o convencer de que o Lépido não viria um dia a entrar pela porta, olá-malta e um sorriso envergonhado... olá, Lépido. Por onde andaste?

«Por onde andei *eu*, Slothrop? Essa é boa.» O sorriso dele a iluminar de novo o tempo, e o mundo inteiramente livre...

Ele mostra o cartão do Waxwing. A velha irrompe num espantoso sorriso, os dois dentes que lhe restam na boca cintilam sob as novas lâmpadas da noite. Indica-lhe com o polegar o alto das escadas e seguidamente faz-lhe ou o sinal do V-de-vitória ou algum feitiço dos campos distantes contra o mau-olhado que faz azedar o leite. Seja o que for, ela gargalha sarcasticamente.

Lá em cima há um telhado, com uma espécie de habitação no meio. Três homens novos com patilhas à Apache e uma mulher nova que ostenta uma matraca de couro entrancado estão sentados diante da entrada fumando um fino cigarro de odor ambíguo. «Você anda perdido, mon ami.»

«Uh, bom», pondo de novo à mostra o cartão do Waxwing.

«Ah, bien...» Rebola para um lado e ele penetra numa confusão de Borsalinos amarelo-canário, sapatos de livros aos quadradinhos com solas de cortiça e enormes biqueiras redondas, montes daquelas costuras de sela em cores contrastantes (como cor-de-laranja

sobre azul, e o eterno favorito, verde sobre magenta), prosaicos gru-nhidos de confortado incómodo vulgarmente ouvidos em sanitários públicos, tráfego telefónico dentro de nuvens de fumo de charuto. O Waxwing não está por lá, mas um colega interrompe uma ruidosa negociação logo que vê o cartão.

«Do que precisa?»

«Carte d'identité, passagem para Zurique, Suíça.»

«Amanhã.»

«Sítio para dormir.»

O homem estende-lhe a chave de um dos quartos lá de baixo.
«Tem algum dinheiro?»

«Não muito. Não sei quando poderei —»

Conta, olha de soslaio, desfolha, «Tome lá.»

«Uh...»

«Não faz mal, não é um empréstimo. Vem lá de cima. Agora, não vá lá para fora, não se embebede, mantenha-se longe das raparigas que trabalham aqui.»

«Aaa...»

«Até amanhã.» De volta ao negócio.

A noite do Slothrop passa com desconforto. Não há posição alguma em que ele consiga adormecer por mais de dez minutos. Os bichos investem contra o seu corpo em destacamentos de surtida aos quais não falta coordenação com o nível de vigília dele. Bêbedos vêm até à porta, bêbedos e retornados.

«Rone tens de me deixar entrar, é o Dumpster, Dumpster Villard.»

«Mas qu'é que —»

«Hoje à noite está mesmo mau. Desculpa. Eu não devia impor-me desta maneira, dou mais trabalho do que aquele que mereço... escuta... tenho frio... vim de muito longe...»

Uma batida brusca. «Dumpster —»

«Não, não, é o Murray Smile, andei contigo na recruta, companhia 84, lembras-te? Os nossos números de série só têm dois algarismos de diferença.»

«Eu tinha de deixar... deixar entrar o Dumpster... para onde foi ele? Eu estava a dormir?»

«Não lhes digas que eu estive aqui. Só vim cá dizer-te que não tens de voltar para lá.»

«A sério? Eles disseram que não fazia mal?»

«Não faz mal.»

«Pois, mas *eles* disseram que era assim?» Silêncio. «Alô? Murray?» Silêncio.

O vento está a soprar com muita força nas ferragens, e lá em baixo na rua um caixote de legumes balouça de uma ponta para outra, lenhoso, vazio, escuro. Devem ser quatro da manhã. «Tenho de voltar, merda estou atrasado...»

«Não.» Só um sussurro... Mas foi o «não» dela que ficou com ele.

«Quem ‘stá aí, Jenny? És tu, Jenny?»

«Sim sou eu. Oh amor estou tão contente por te ter encontrado.»

«Mas eu tenho de...» Será que Eles alguma vez a deixariam ir viver consigo lá no Casino...?»

«Não. Não posso.» Mas *o que se passa com a voz dela?*

«Jenny, disseram-me que o teu quarteirão foi atingido, alguém me disse, no dia a seguir ao Ano Novo... um foguete... e eu queria ir até lá e ver se tu estavas bem, mas... acontece que *não fui*... e depois Eles levaram-me para aquele Casino...»

«Não faz mal.»

«Mas não se eu —»

«Limita-te a não voltares para eles.»

E algures, peixes escuros escondendo-se em ângulos de refracção na corrente desta noite, estão a Katje e o Lérido, os dois visitantes que ele mais quer ver. Tenta flectir as vozes que vêm à sua porta, flecti-las como às notas de uma harmónica, mas isso não funciona. O que ele quer está demasiado fundo...

Pouco antes da alvorada as batidelas tornam-se muito altas, rijas como aço. Slothrop tem desta vez o bom senso de ficar calado.

«Vá lá, abra.»

«PM, abra.»

Vozes Americanas, vozes campestres, agudas e desapiedadas. Ele fica deitado e imóvel, a pensar se as molas da cama o denunciarão. Pois é possivelmente a primeira vez que ele está a ouvir a América tal como ela deve soar a um não-American. Mais tarde lembrar-se-á de

que aquilo que mais o surpreendeu foi o fanatismo, a confiança não apenas na força determinante mas na *Justeza* do que eles planeavam fazer... há muito lhe haviam dito para esperar este tipo de coisa dos Nazis, e especialmente dos Japs — *nós* éramos os que faziam sempre jogo limpo — mas este par do lado de fora da porta era agora tão desmoralizante quanto um plano aproximado do John Wayne (o ângulo a enfatizar o modo como os olhos dele eram tortos, engraçado nunca terdes reparado nisso antes) gritando «BANZAI!»

«Espera aí Ray, lá vai ele —»

«Hopper! Grande otário, volta já para aqui —»

«Vocês não me hão-de pôr num colete de forças nunca maaaais...»

A voz do Hopper desaparece ao virar da esquina enquanto os PMS partem em sua perseguição.

Amanhece em Slothrop, literalmente, através do estore amarelo-acastanhado da janela, a noção de que é este o seu primeiro dia no Exterior. A sua primeira manhã livre. Ele *não tem* de voltar para lá. Livre? O que é livre? Por fim adormece. Pouco antes do meio-dia uma mulher nova entra com uma chave-mestra e deixa-lhe os papéis. Ele é agora um correspondente de guerra inglês chamado Ian Scuffling.

«Esta é a morada de um dos nossos em Zurique. O Waxwing deseja-lhe boa sorte e pergunta porque demorou tanto tempo.»

«Então ele quer uma resposta?»

«Ele disse que você teria de pensar nisso.»

«O-o-o-lhe lá.» Ocorreu-lhe agora mesmo. «Porque é que todos vocês me ajudam desta maneira? Gratuitamente e tudo?»

«Quem sabe? Nós temos de seguir as regras. Deve haver uma regra em que você está, agora.»

«Uh...»

Mas ela já se foi embora. O Slothrop dá uma vista de olhos pelo sítio: à luz do dia é ruim e anónimo. Até as baratas devem sentir-se desconfortáveis aqui... Andará ele tão rapidamente lançado, como a Katje na sua roleta, lançado por uma engrenagem de quartos como este, para estar em cada um deles somente o tempo suficiente para ganhar fôlego ou desespero suficiente para passar ao seguinte, mas sem nunca poder agora voltar atrás, nunca mais? Nem sequer há

tempo para ficar a conhecer a Rue Rossini, que rostos berram das janelas, onde haverá um bom sítio para comer, qual o nome da canção que toda a gente anda a assobiar nestes prematuros dias estivais...

Uma semana depois ele está em Zurique, após um longo trajecto de comboio. Enquanto as criaturas de metal na sua solidão, dias de aconchegado e estável nevoeiro, passam as horas a mimar, a brincar às moléculas, imitando a síntese industrial enquanto estas são desfeitas, combinadas, emparelhadas e reemparelhadas, ele vai sonhando intermitentemente uma alucinação de Alpes, nevoeiros, abismos, túneis, intensíssimos esforços ao subir ladeiras impossíveis, badalos de vacas na escuridão, pela manhã verdes taludes, cheiro a pastagens molhadas, do lado de fora das janelas sempre uma equipa de barba por fazer a caminho de reparar algum trecho de via, longas esperas em entrepostos ferroviários cujos carris se estendem como as camadas de uma cebola cortada de ponta a ponta, sítios pardos e desolados, noites de apitos, atrelagens, choques, desvios, vacas olhando nas encostas da noite, comboios militares à espera nos cruzamentos enquanto o comboio passa resfolegando, nunca em lado algum um claro sentido de nacionalidade, nem sequer de partes beligerantes, somente a Guerra, uma única paisagem arruinada, na qual a «Suíça neutral» é uma convenção assaz enfadonha, observada com tanto sarcasmo quanto a «França libertada» ou a «Alemanha totalitária», a «Espanha Fascista», e outras...

A Guerra tem andado a reconfigurar o tempo e o espaço à sua própria imagem. Os carris correm agora em diferentes redes. O que parece ser destruição é na verdade a reconfiguração dos espaços ferroviários para outros propósitos, intenções de que ele, atravessando-os pela primeira vez, somente pode começar a sentir as margens...

Regista-se no Hotel Nimbus, numa rua obscura do Niederdorf ou região dos cabarés de Zurique. O quarto é num sótão, e chega-se a ele por escadote. Também há um escadote do lado de fora da janela, por isso ele acha que tudo deve estar O.K. Quando a noite chega ele sai à procura do representante local do Waxwing, encontra-o

mais adiante no Limmatquai, debaixo de uma ponte, em quartos cheios de relógios de pulso, relógios de parede e altímetros Suíços. É um russo chamado Semyavin. Lá fora apitam barcos no rio e no lago. Alguém no piso de cima está a ensaiar num piano: hesitantes, doces lieder. Semyavin verde aguardente de genciana em chávenas do chá que acabou de fazer. «A primeira coisa que você tem de compreender é a maneira como tudo aqui está especializado. Se for relógios, você vai a um café. Se for mulheres, vai a um outro. As peles estão subdivididas em Zibelina, Arminho, Marta, e Outras. A mesma coisa com as drogas: Estimulantes, Depressores, Psicomiméticos... Do que anda você à procura?»

«Uh, informação?» Bolas, esta coisa sabe mesmo a Moxie...

«Oh. Mais um.» Lançando ao Slothrop um olhar azedo. «A vida era mais simples antes da primeira guerra. Você não deve lembrar-se disso. Drogas, sexo, artigos de luxo. Nesses tempos o câmbio não passava de um biscate, e o termo «espionagem industrial» era desconhecido. Mas eu vi-a mudar — oh, como ela mudou. A inflação Alemanha, eu devia ter percebido nessa altura, zeros a fio daqui até Berlim. Eu tinha umas conversas severas comigo próprio. «Semyavin, isto é somente um lapso temporário longe da realidade. Uma pequena aberração, nada que deva preocupar-te. Age como sempre agiste — força de carácter, boa saúde mental. *Courage*, Semyavin! Não tarda que tudo volte ao normal». E sabe o que aconteceu?»

«Deixe-me cá adivinhar.»

Um trágico suspiro. «Informação. Que mal há nas drogas e nas mulheres? Será de admirar que o mundo ande louco, quando a informação passa a ser o único meio de troca autêntico?»

«Eu pensava que eram os cigarros.»

«Você sonha.» Ele saca de uma lista dos cafés e pontos de encontro em Zurique. Na categoria de Espionagem, Industrial, Slothrop encontra três. O Ultra, o Lichtspiel, e o Sträggeli. Ficam em ambas as margens do Limmat, e têm espaços amplos.

«Andar a pé», dobrando a lista dentro de um desmesurado bolso do zoot suit.

«Há-de tornar-se mais fácil. Um dia tudo será feito à máquina. Máquinas de informação. Você é a onda do futuro.»

Dá início a um período de trânsito entre os três estabelecimentos, sentando-se algumas horas com um café em cada um deles, comendo uma vez por dia, salsichão de Zurique e rösti nas Cozinhas do Povo... vendo multidões de homens de negócios em fatos azuis, esquiadores enegrecidos pelo sol que passaram todo aquele tempo descendo quilómetros de glaciar e de neve sem nada ouvirem de campanhas ou de política, nada lendo a não ser termómetros e cata-ventos, encontrando as suas atrocidades nas avalanches ou nos sé-racs lá do cimo, as suas vitórias nas camadas de bom pó... estrangeiros esfarrapados com casacos de couro manchados de óleo e calças de combate desfiadas, Sul-Americanos envoltos em casacos de peles e tremendo em plena luz do sol, idosos hipocondríacos que foram apanhados a repousar numas termas quaisquer quando a Guerra começou e desde então aqui ficaram, mulheres com longos vestidos pretos que não sorriem, homens com sobretudos sebentos que o fazem... e os doidos, vindos dos seus elegantes asilos em licença de fim-de-semana — oh, os casos mentais da Suíça: o Slothrop é conhecido deles, pois claro, entre todos os sombrios rostos e cores das ruas somente ele veste de branco, sapatos-zoot-e-chapéu, brancos como as montanhas de cemitério daqui... Ele é também o Novo Marco da Cidade. É-lhe difícil distinguir a primeira onda de espiões corporativos dos

TARADOS EM LICENÇA!

(A linha do Corpo de Baile está dividida não entre os convencionais Rapazes e Raparigas mas em Vigias e Doidos, sem distinção de sexo, embora todas as quatro possibilidades estejam representadas em palco. Muitos usam óculos de sol com lentes pretas e armações brancas, não tanto para andarem à moda como para sugerirem o ofuscamento da neve, o branco anti-séptico da Clínica, porventura até a treva do espírito. Mas todos parecem felizes, descontraídos, informais... nenhum sinal de repressão, nem sequer uma distinção no traje pelo que de início há alguma dificuldade em se dizer quem são os Vigias e os Doidos pois todos eles entram pelas alas dançando e cantando):

Cá estamos nós, gente — não tenham medo!
Ponham a vossa máscara, urdam o vosso segredo,

Nós só nos rimos e babamos, todos — *por cima* do trenó
Com'um grupo de anões felizes em folga de sol-e-dó!

Oh somos os TARADOS EM LICENÇA, e
Toda a preocupação nos é ligeira —
Nossos miolos estão na limpeza, nossas almas na Feira,
Só insanos de licença, longe de tudo o que é chato,
Tão tontos e afiados — como a biqueira do nosso sapato!
Olhem, estamos a passar o chapéu — p'las vossas caretas e lágrimas,
E os medos que pensáveis jamais irem embora —
Oh ouçam o que diz o tarado, a vida é boa e só dura um bocado,
Por isso abracem-na e beijem-na agora!
La-da-da, ya-ta ya-ta ta-ta &c... (continuam a trautear a canção durante o que segue):

Primeiro Doido (ou talvez Vigia): Tenho um óptimo negócio para ti aqui, Americano? Logo vi que sim, reconheço sempre uma cara lá da terra, ouuuve, gosto bastante desse teu fato, se fores até lá ao alto do glaciar ninguém será capaz de te ver! Bom sim ora, eu sei o que tu sentes a respeito destes vendedores de rua que estão sempre a aparecer, é o velho jogo das três cartas na borda do passeio [bamboleia-se pelo palco durante um bocado, para trás e para a frente, abanando o dedo no ar, cantando «Jogo das três cartas na-borda-do passeio», uma e outra vez no mesmo tom obsessivo, repetindo-o tantas vezes quantas as que conseguir aguentar] e topa-se logo que algo está errado, quando te prometem q'alquer cois'a troco de nada, não é? sim ora é muito estranho, essa é a principal objecção que os engenheiros e os cientistas sempre tiveram à ideia de [baixando a voz] movimento perpétuo ou como nós gostamos de lhe chamar Gestão da Entropia — toma, aí tens o nosso cartão — bom, claro, eles têm uma certa razão. Pelo menos *tinham* uma certa razão. Até agora...

Segundo Doido ou Vigia: Ora tu já ouviste falar do carburador dos oitenta-quilómetros-por-litro, da lâmina que nunca se embota, da sola de bota eterna, do comprimido de rabugem que te faz bem às glândulas, do motor que trabalha a areia, ornitópteros e robobópsteros — ouviste-me bem, tenho uma pêra feita de lã de aço — chiça, isso é uma boa bola, mas *toma lá* outra p'ra tua *tolda*! Estás pronto? É o Trinco-Relâmpago, A Porta Que Te Abre a *Til*

Slothrop: Acho que vou fazer agora a minha sesta...

Terceiro D. ou V.: Transfigurar o ar comum em diamantes pela Redução Cataclísmica do Dióxido de Carbo-o-o-o-o-no-o-o...

Se ele fosse sensível a respeito de tais coisas, tudo aquilo seria bastante insultuoso, nesta primeira onda. Ela passa, gesticulante, acusadora, implorante. O Slothrop consegue manter-se calmo. Há uma pausa — e depois lá entram os verdadeiros, devagar ao princípio mas que se vão juntando, juntando. Borracha sintética ou gasolina, calculadoras electrónicas, tinturas de anilina, acrílicos, perfumes (essências furtadas em ampolas dentro de estojos de amostras), hábitos sexuais de um cento de selectos membros da administração, plantas arquitectónicas, manuais de código, ligações e pagamentos, é só pedir, e eles arranjam.

Por fim, um dia no Sträggeli, o Slothrop comendo uma bratwurst e um pedaço de pão que ele tem vindo a acartar toda a manhã dentro de um saco de papel, vindo de lado nenhum aparece subitamente um tal Mario Schweitar num colete verde-rã, brotando simplesmente do ecoante relógio de cuco da Dâbliu Dâbliu Dois aqui, os infindáveis corredores escuros nas costas dele, com uma mudança de sorte para o Slothrop. «Pssst, Joe», começa ele, «ouça, ó senhor.»

«Eu não», responde o Slothrop com a boca cheia.

«Está interessado nalgum L.S.D.?»

«Isso quer dizer libras, xelins e tostões. Você está no café errado, Ás.»

«Julgo que estou no país errado», o Schweitar um pouco lamentoso. «Eu sou da Sandoz.»

«Aha, Sandoz!» brada o Slothrop, e puxa uma cadeira para o fulano.

Sucede que o Schweitar é de facto muito íntimo da Psychochemie AG, sendo um daqueles solucionadores de problemas que deambulam livremente ao redor do Cartel, trabalhando para eles numa base de per diem e espiando em paralelo.

«Bom», diz o Slothrop, «de facto eu bem gostaria de arranjar tudo o que eles tiverem sobre o L. Jamf, e-e sobre aquele Imipolex G.»

«Gaaah —»

«Desculpe?»

«Essa coisa. Esqueça isso. Nem sequer é o nosso ramo. Você alguma vez tentou desenvolver um polímero quando à sua volta só há gente do indol? Com a nossa parente gigante do norte a enviar-nos ultimatos todos os dias? O Imipolex G é o albatroz da companhia, Ianque. Eles têm vice-presidentes cuja única função é observarem o ritual de todos os domingos irem cuspir na sepultura do velho Jamf. Você não passou muito tempo com a gente do indol. Eles são muito elitistas. Vêem-se a si mesmos como o termo de uma longa dialéctica europeia, gerações de cereal atrofiado, ergotismo, bruxas em cabos de vassoura, orgias comunitárias, cantões perdidos lá pelas pregas da montanha que não conheceram um dia sem alucinações durante os últimos 500 anos — guardiões de uma tradição, aristocratas —»

«*Espere aí...*» O Jamf morto? «Você disse a *sepultura* do Jamf, foi?» Aquilo deveria fazer maior diferença para ele, mas se o homem nunca estivera realmente vivo então como poderia ele estar realmente —

«Lá no alto das montanhas, para os lados do Uetliberg.»

«Você alguma vez —»

«Quê?»

«Alguma vez se encontrou com ele?»

«Foi antes do meu tempo. Mas sei que há imensos dados acerca dele nos ficheiros classificados da Sandoz. Daria muito trabalho conseguir o que você quer...»

«Uh...»

«Quinhentos.»

«Quinhentos quê?»

Francos suíços. Slothrop já não tem 500 de nada, a não ser preocupações. O dinheiro de Nice já quase desapareceu. Ele dirige-se para casa do Semyavin, do outro lado do Gemüse-Brücke, decidindo que doravante irá a pé para todo o lado, mastigando a sua salsicha branca e pensando quando tornará a ver outra.

«A primeira coisa que você vai querer fazer», aconselha-o Semyavin, «é ir a uma loja de penhores e arranjar alguns francos com isso,

ah», apontando para o fato. Ai não, o fato não. Semyavin vai vascular um quarto das traseiras, volta de lá com um molho de roupas de trabalhador. «Você devia começar a pensar mais na sua visibilidade. Volte amanhã, verei que mais consigo arranjar.»

Com o zoot branco enrolado debaixo do braço, um menos visível Ian Scuffling volta lá para fora, pela tarde medieval do Niederdorf abaixo, paredes de pedra que agora se desenvolvem como pão a cozer sob o sol debilitado, enapá enapá ele agora até já consegue ver: isto aqui vai-se tornar mais um daqueles exercícios tipo Tamara/Italo, e a seguir ele há-de ficar tão metido naquilo que nunca mais de lá sai...

À entrada da sua rua, nos poços de sombra, repara num Rolls preto estacionado, motor a funcionar, com vidros tingidos e numa tarde tão escura que ele nem consegue ver-lhe o interior. Belo carro. O primeiro que ele vê desde há uns tempos, não deveria ser mais do que uma curiosidade, só que

Provérbios para Paranóicos, 4: *Tu escondes-te, eles procuram.*

Zunnggg! diddilung, diddila-ta-ta-ta, ya-ta-ta-ta a Abertura do Guilherme Tell aqui, lá no meio das sombras, espero que não estivesse ninguém a espreitar por aqueles vidros que só se vêem de um lado — zumba, zumba, esquivando-se pelas esquinas, escapulindo-se pelos becos abaixo, nenhum som de perseguição mas aquele é o motor mais silencioso que anda na estrada para além do tanque Tigre Real...

Esquece aquele Hotel Nimbus, conclui ele. Os seus pés começam já a incomodá-lo. Chega à Luisenstrasse e à loja de prego pouco antes da hora de fecho, e consegue cobrar algum, salsichão para um dia ou talvez dois, em troca do zoot. Adeus zoot.

Esta cidade de facto fecha cedo. Que faz o Slothrop hoje à noite para arranjar uma cama? Tem um momentâneo relapso de optimismo: enfia-se num restaurante e telefona para a recepção do Hotel Nimbus. «Ah sim», Inglês Inglês, «poderá possivelmente dizer-me se o fulano Britânico que tem estado à espera no foyer ainda lá está, sabe como é...»

Dai a um minuto aparece uma agradável, desajeitada voz com um está-lá. Oh, tão seráfica. O Slothrop amedronta-se, desliga, fica

a olhar para todas as pessoas que jantam e olham para ele — estragou tudo, estragou tudo, agora Eles sabem que ele sabe d'Eles. Existe a habitual possibilidade de que a sua paranóia esteja de novo desregulada, mas as coincidências andam a ser muitas. Além disso, ele agora conhece o som da calculada inocência d'Eles, faz parte do estilo d'Eles...

Outra vez pela cidade fora: bancos de precisão, igrejas, portadas góticas vão desfilando... ele agora tem de evitar o hotel e os três cafés, pois é, pois é... Os Zürchers permanentes em azul de princípio de noite passeiam-se. Azul como o crepúsculo da cidade, um azul que se aprofunda... Os espiões e os traficantes foram todos para dentro de casa. O sítio do Semyavin não conta, o círculo do Waxwing tem sido amável, não vale a pena trazer problemas para cima deles. Que peso terão os Visitantes nesta cidade? Poderá o Slothrop arriscar registar-se num outro hotel? Provavelmente não. Está a ficar frio. Um vento vem agora do lago.

Ele descobre que deambulou até ao Odeon, um dos grandes cafés do mundo, cuja especialidade não está listada em lado algum — na verdade nunca foi determinada. Lenine, Trotsky, James Joyce, o Dr. Einstein, todos eles se sentaram a estas mesas. Fosse o que fosse que todos *elos* tinham em comum: fosse o que fosse que eles vinham procurar a este sítio... talvez isso tivesse que ver com as pessoas de alguma maneira, com a mortalidade pedestre, incessante cruzamento de necessidades ou desesperos num fatídico pedaço de rua... dialécticas, matrizes, arquétipos, tudo isso tem de se ligar, de vez em quando, a algum daquele sangue proletário, aos odores corporais e à gritaria insensata sobre uma mesa, à batota e às derradeiras esperanças, ou então tudo é poeirenta Dracularidade, a antiga maldição do Ocidente...

O Slothrop descobre que ainda tem trocos que cheguem para o café. Vai sentar-se lá dentro, escolhendo um lugar que fique de frente para a entrada. Daí a quinze minutos já está a receber o sinal-de-espião de um moreno alienígena de cabelo encaracolado num fato verde a poucas mesas de distância. Mais um que fica de frente para a porta. Sobre a mesa dele está um velho jornal que parece escrito em Espanhol. Está aberto numa peculiar caricatura política de uma

fila de homens de meia-idade trajando vestidos e perucas, dentro de um posto policial onde um chui está a segurar um molho de branca... não, é um bebé, com uma etiqueta na fralda que diz LA REVOLUCIÓN... oh, todos eles estão a reclamar a pequena revolução como sendo sua, todos esses políticos discutindo como um bando de putativas mães, e de alguma maneira esta caricatura aqui deve ser uma espécie de pedra-de-toque, este sujeito do fato verde, que afinal é um Argentino chamado Francisco Squalidozzi, anda à procura de uma reacção... a passagem-chave situa-se mesmo no fim da linha em que o grande poeta argentino Leopoldo Lugones está a dizer, «Agora vou contar-vos, em verso, como eu a concebi livre da mácula do Pecado Original...» É a revolução Uriburu de 1930. O jornal tem quinze anos. Não há maneira de se dizer o que espera o Squalidozzi do Slothrop, mas o que ele obtém é pura ignorância. Isto parece ser aceitável, e dentro em pouco o Argentino descontraiu-se o suficiente para confidenciar que ele e uma dúzia de colegas, entre eles a excêntrica internacional Graciela Imago Portales, desviaram um submarino alemão dos mais antigos em Mar de Plata algumas semanas antes, e trouxeram-no agora através do Atlântico, para procurarem asilo político na Alemanha, logo que a Guerra termine por lá...

«Alemanha, diz você? Perdeu o tino? Aquilo por lá está uma balbúrdia, Jackson!»

«Nem de longe se compara à balbúrdia que deixámos lá na terra», responde-lhe o triste Argentino. Compridas linhas surgiram ao lado da boca dele, linhas aprendidas ao viver perto de milhares de cavalos, ao ver demasiados potros condenados à morte e pores-do-sol a sul de Rivadavia, onde começa o Sul autêntico... «Tem sido uma balbúrdia desde que os coronéis chegaram ao poder. Agora, com o Perón a caminho... a nossa última esperança era a Acción Argentina», *mas do que estará ele a falar, Jesus estou cheio de fome*, «...suprimiu-a um mês depois do golpe... agora está toda a gente à espera. Comparecem às ações de rua por hábito. Não há verdadeira esperança. Decidimos mexer-nos antes que o Perón acumulasse mais uma pasta. A da Guerra, muito provavelmente. Ele já tem os *descamisados*, o que também lhe dará o Exército está a ver... é só uma questão de tempo... podíamos ter ido para o Uruguai, esperado que ele lá fosse — é uma tradição.

Mas talvez ele fique no cargo por muito tempo. Montevideu está a abarrotar de exilados falhados, e de esperanças falhadas...»

«Pois, mas a Alemanha — esse é o último sítio para onde se quer ir.»

«*Pero ché, no sós argentino...*» Um demorado olhar para longe, ao longo das engendradas cicatrizes das avenidas Suíças, procurando o Sul de que ele partira. Não a mesma Argentina, Slothrop, em que aquele Bob Eberle viu erguerem-se brindes à Tangerina em todos os bares que por lá há, ora... O Squalidozzi quer dizer: *De todas as mágicas precipitações que brotam do gemente e enevoado alambique da Europa, nós somos as mais finas, as mais perigosas, as que mais convêm a usos seculares...* Tentámos exterminar os nossos Índios, tal como vós: queríamos a versão branca e fechada da realidade que tínhamos — mas mesmo no interior dos mais enfumardados labirintos, na mais distante densidade amontoada de varandas ou pátios e portões ao meio-dia, a terra nunca nos deixou esquecer.... Mas o que ele pergunta em voz alta é: «Ouça cá — você parece ter fome. Já comeu? Eu ia agora jantar. Quer dar-me a honra da sua companhia?»

No Kronenhalle encontram uma mesa no piso de cima. A azáfama da noite vai diminuindo. Salsichas e fondue: Slothrop está faminto.

«Nos tempos dos gaúchos, o meu país era uma folha de papel em branco. As pampas estendiam-se até onde os homens pudesse imaginar, inesgotáveis, sem barreiras. Onde o gaúcho pudesse chegar a cavalo, esse local pertencia-lhe. Mas Buenos Aires procurou a hegemonia sobre as províncias. Todas as neuroses a respeito da propriedade ganharam força, e começaram a infectar os campos. Ergueram-se vedações, e os gaúchos passaram a ser menos livres. É a nossa tragédia nacional. Andamos obcecados com a construção de labirintos, onde anteriormente havia planície e céu abertos. Para desenhar padrões cada vez mais complexos na folha em branco. Não suportamos aquela *abertura*: é um terror para nós. Veja o Borges. Veja os subúrbios de Buenos Aires. O tirano Rosas já morreu há um século, mas o culto dele floresce. Sob as ruas da cidade, os formigueiros de quartos e corredores, as vedações e as redes de caminho-de-ferro, o coração Argentino, na sua perversidade e culpa, anseia por um regresso a essa imperturbada serenidade primeva... a essa unidade anárquica de pampas e céu...»

«Mas-mas as medas de arame farpado», o Slothrop com a sua boca cheia daquela fondue, para ali a enfardá-la, «isso é *progresso* — vocês, vocês não podem ter campo aberto para sempre, vocês não podem impedir o caminho do progresso —» sim, ele vai mesmo continuar naquilo durante meia hora, citando filmes do oeste das sessões de sábado à tarde dos mais dedicados à Propriedade, a este estrangeiro que lhe está a pagar a refeição.

O Squalidozzi, interpretando aquilo como insanidade moderada em vez de malcriadez, limita-se a pestanejar uma ou duas vezes. «Em tempos vulgares», quer ele explicar, «o centro ganha sempre. O poder dele cresce com o tempo, e isso não pode ser invertido, não por meios vulgares. Descentralizar, regressar ao anarquismo, exige tempos extraordinários... esta Guerra — esta incrível Guerra — de momento já eliminou a proliferação dos pequenos estados que prevaleceu na Alemanha durante mil anos. Eliminou-a por completo. *Abriu-a*»

«Claro. Por quanto tempo?»

«Não há-de durar. Claro que não. Mas durante alguns meses... talvez haja paz pelo Outono — *discúlpeme*, pela Primavera, eu ainda não estou habituado ao vosso hemisfério — para um momento de Primavera, porventura...»

«Pois mas — que vai você fazer, apoderar-se de terra e tentar agarrar-se a ela? Eles vão correm logo consigo dali para fora, parceiro.»

«Não. Ficar com terra é construir mais vedações. Nós queremos deixá-la aberta. Queremos que cresça, que mude. Na abertura da Zona Alemã, a nossa esperança não tem limites.» Então, como se atingido na testa, um súbito olhar repentino, não para a porta, mas *para o alto do tecto* — «Tal como o nosso perigo.»

O submarino navega agora algures ao largo da Espanha, mantendo-se submerso na maior parte do dia, passando as noites à superfície para recarregar as baterias, aproximando-se furtivamente de vez em quando para se reabastecer. Squalidozzi não entra em grandes pormenores sobre esses meios de reabastecimento, mas há aparentemente ligações estabelecidas desde há muitos anos com o submundo dos Republicanos — uma comunidade de graça, um dom de persistência... Squalidozzi está agora em Zurique contactando governos

que pudessem estar dispostos, por variadíssimos motivos, a prestar assistência ao seu anarquismo-no-exílio. Tem de fazer chegar uma mensagem a Genebra amanhã: a partir daí é passada a palavra para Espanha e para o submarino. Mas há agentes Peronistas aqui em Zurique. Ele anda a ser vigiado. Não pode correr o risco de denunciar o contacto em Genebra.

«Eu posso dar-lhe uma ajuda», o Slothrop lambendo os dedos, «mas ando com falta de dinheiro e —»

Squalidozzi refere uma quantia que pagará o Mario Schweitar e manterá o Slothrop alimentado durante os próximos meses.

«Metade adiantado e ponho-me já a caminho.»

O Argentino entrega-lhe mensagem, moradas, dinheiro, e paga a conta. Combinam encontrar-se no Kronenhalle daí a três dias. «Boa sorte.»

«Para si também.»

Um último olhar triste do Squalidozzi sozinho na sua mesa. Uma madeixa da testa a ser composta, um esmorecimento da luz.

O avião é um DC-3 já estafado, escolhido pela sua afinidade com o luar, pela terna expressão do seu rosto com janelas, a sua escuridão interior e exterior. Ele acorda enroscado entre a carga, escuridão metálica, vibração do motor através dos seus ossos... luz vermelha filtrando-se muito debilmente através de uma antepara lá mais adiante. Ele arrasta-se até uma pequena janela e olha lá para fora. Alpes à luz da lua. Mas a modos que pequenos, porém, não tão espectaculares quanto ele imaginara. Oh, bom... Torna a recostar-se numa fofa cama de aparas de madeira, acendendo um dos do Squalidozzi com ponta de cortiça e a pensar, Bolas, nada mau, os gajos só têm de entrar para dentro do avião, vão até onde querem... porquê ficar por Genebra? Pois claro, então e — bom, a tal Espanha? não espera aí, esses são Fascistas. Ilhas do Mar do Sul! hmm. Cheias de Japs e de GIs. Bom a África é o Continente Negro, não há lá nada a não ser nativos, elefantes, e aquele Spencer Tracy...

«Não há sítio para onde ir, Slothrop, sítio nenhum.» A figura está enroscada contra um caixote, e a tremer. O Slothrop pisca os olhos entre aquela débil luz vermelha. É o bem conhecido rosto frontispício

do despreocupado aventureiro Richard Halliburton: mas estranhamente alterado. Pelas faces do homem abaiixo corre uma terrível irritação cutânea, em palimpsesto sobre marcas mais antigas de bexigas, em cuja simetria o Slothrop, caso tivesse um olhar de médico, poderia ter lido reacção a drogas. As calças de equitação do Richard Halliburton estão rasgadas e sujas, o seu cabelo luzidio agora oleoso e pendente. Parece estar a carpir em silêncio, vergado, um anjo caído, por cima de todos estes Alpes de segunda categoria, por cima de todos os esquiadores nocturnos lá muito em baixo, nas encostas, entrecruzando-se industrialmente, apurando e aperfeiçoando o seu ideal Fascista de Acção, Acção, Acção, outrora sua própria e luzidia razão de ser. Já não. Já não.

O Slothrop estica-se, apaga o cigarro no chão da aeronave. A facilidade com que estas alvas e angélicas aparas de madeira se podem incendiar. Fica aqui deitado neste barulhento e chocalhante avião, fica o mais quieto que possas, tolo dum raio, pois é eles enganaram-te — enganaram-te outra vez. O Richard Halliburton, o Lowell Thomas, os Rover e os Motor Boys, as biliosas pilhas de *National Geographic* lá no quarto do Hogan, todos eles lhe devem ter mentido, e não havia nessa época ninguém, nem sequer um fantasma colonial no sótão, que lhe dissesse outra coisa...

Impacto, derrapagem, rodopio, aterragem de chapão, os cabrões devem ter chumbado na escola de papagaios de papel, luz da pardalenta alvorada Suíça entrando pelas janelinhas e cada articulação, músculo e osso do Slothrop estão doridos. É hora de voltar à faina.

Ele sai do avião sem incidente, misturando-se com um bocejante, azedo bando de passageiros matutinos, agentes de entregas, trabalhadores do aeródromo. Cointrin ao princípio da manhã. Montes de verde espantoso a um lado, cidade castanha no outro. Os pavimentos estão escorregadios e molhados. As nuvens vogam vagarosamente no céu. O Mont Blanc diz olá, o lago diz olaré também, o Slothrop compra 20 cigarros e um jornal local, pede indicações, enfia-se num eléctrico que chega e com ar frio penetrando entre portas e janelas para o acordar vai rolando até à Cidade da Paz.

Tem de se encontrar com o seu contacto argentino no Café de l'Éclipse, bem longe das linhas do eléctrico, ao fundo de uma rua

empedrada e no meio de um pequeno largo rodeado por bancas de fruta e legumes cobertas com toldos beges, lojas, outros cafés, canteiros nas janelas, passeios lavados à mangueirada. Cães correm para dentro e para fora das vielas. O Slothrop senta-se com café, croissants e jornal. Presentemente o nublado esvai-se. O sol lança sombras sobre o largo quase até ao sítio onde ele está sentado com todas as suas antenas estendidas. Ninguém parece estar a olhar. Ele espera. As sombras retiram-se, o sol sobe e depois começa a cair, por fim aparece o homem dele, tal como descrito: fato de Buenos Aires em preto diurno, bigode, óculos com aros dourados, e assobiando um velho tango de Juan d'Arienzo. O Slothrop finge rebuscar todos os seus bolsos, puxa da nota estrangeira que o Squalidozzi lhe disse para usar: faz uma careta para esta, levanta-se, vai até lá.

Como no, señor, nenhum problema em trocar uma nota de 50 pesos — oferecendo um assento, pondo à mostra dinheiro, cadernos de apontamentos, cartões, não tarda que o tampo da mesa esteja pejado de bocados de papel que por fim tornam a ser enfiados nos bolsos de modo que o homem tenha a mensagem do Squalidozzi e o Slothrop tenha uma para levar de volta ao Squalidozzi. E é isso.

De regresso a Zurique no comboio da tarde, dormindo na maior parte do caminho. Sai em Schlieren, a uma ímpia hora escura, só para prevenir. Eles andam a vigiar a Bahnhof na cidade, apanha uma boleia até lá que o deixa na St. Peterhofstatt. O grande relógio desta domina-o a si e a hectares de ruas vazias com aquilo em que ele agora lê uma estúpida malignidade. Aquilo liga-se aos quadrângulos da Ivy League na sua distante juventude, torres de relógio tão mal iluminadas que as horas nunca se conseguiam ler, e a uma tentação, nunca tão grande como agora, de se render ao ano que escurece, de abraçar o que ele pode do terror autêntico à hora sem nome (a menos que seja... não... NÃO...): era vaidade, vaidade como a que os seus antepassados Puritanos haviam conhecido, ossos e coração atentos ao Nada, Nada por baixo dos saxofones universitários em doce junção, alvos casacos com batom nas lapelas, fumo dos nervosos Fatimas, odores a sabão de Castela soltando-se dos luzidios cabelos, e beijos de menta, e cravos orvalhados. Era procurada pouco antes da alvorada por folgazões mais novos que ele, arrastados para fora da cama,

vendados, Olá Reinhardt, levados lá para fora para o meio do frio outonal, sombras e folhas debaixo dos pés, e então o momento de dúvida, a possibilidade real de que eles sejam outra coisa — de que nada daquilo fosse real antes deste momento: somente um elaborado teatro para te enganar. Mas agora o ecrã ficou escuro, e não há absolutamente mais tempo nenhum. Os agentes andam finalmente aqui atrás de ti...

Que melhor local do que Zurique para encontrar de novo a vaidade? É o país da Reforma, a cidade do Zwingli, o homem ao fim da enciclopédia, e os memoriais de pedra estão por toda a parte. Espiões e grandes negócios, no seu elemento, movem-se incansavelmente entre as pedras sepulcrais. Ficai cientes de que há homens outrora novos, aqui nesta mesma cidade, rostos pelos quais o Slothrop costumava passar nos pátios, que em Harvard foram iniciados nos Mistérios Puritanos: que com inteiro zelo assumiram juramentos para respeitarem e agirem sempre em nome da *Vanitas*, do Vazio, que os governa... que agora de acordo com o plano de vida tal-e-tal vieram aqui para a Suíça trabalhar para o Allen Dulles e sua rede de «inteligência», que hoje em dia opera sob o título de «Gabinete de Serviços Estratégicos». Mas para os iniciados o OSS é também um acrônimo secreto: como um mantra para tempos de crise imediata eles foram ensinados a proferir intimamente *oss... oss*, o tardio, corrupto, termo Latino da Idade das Trevas para osso...

No dia seguinte, quando o Slothrop se encontra com o Mario Schweitar no Sträggeli para lhe entregar metade do seu soldo, pergunta também pela localização da sepultura de Jamf. E é aí que eles combinam fechar o negócio, lá em cima nas montanhas.

O Squalidozzi não aparece no Kronenhalle, nem no Odeon, nem em local algum onde o Slothrop venha a pensar procurá-lo nos dias seguintes. Os desaparecimentos, em Zurique, não são inéditos. Mas o Slothrop continuará a voltar lá, só para prevenir. A mensagem está em Espanhol, ele não consegue entender mais do que uma palavra ou duas, mas guardá-la-á consigo, poderá haver oportunidade de lha transmitir. E, bom, a persuasão anarquista atrai-o um pouco. Nos tempos em que o Shays andou a combater as tropas federais pelo Massachusetts, havia Reguladores Slothrop patrulhando o Berkshire

à cata dos rebeldes, usando galhos de abeto nos seus chapéus para se poderem diferenciar dos soldados do Governo. Os Federais enfiavam um farrapo de papel branco nos deles. Nesses tempos os Slothrop ainda não estavam tão envolvidos com o papel, e com a chacina de árvores por grosso. Eram ainda pela verdura viva, contra a brancura morta. Mais tarde perderam, ou comerciaram, o conhecimento do lado em que haviam estado. Aqui o Tyrone herdou a maior parte da suave ignorância deles a respeito do assunto.

Por detrás dele agora, sopra o vento pela cripta do Jamf. O Slothrop tem estado acampado aqui durante as últimas noites, quase sem dinheiro, à espera de uma palavra do Schweitar. Abrigado do vento, enroscado dentro de um par de cobertores do exército Suíço que ele conseguiu promover, tem conseguido dormir até. Mesmo por cima do Senhor Imipolex. Na primeira noite teve medo de adormecer, medo de uma visita do Jamf, cujo espírito de cientista Alemão estaria desgastado pela Morte até lhe restarem apenas os reflexos mais brutos, não se podendo apelar ao mudo e risonho mal do invólucro que restara... vozes chilreando com luar em redor da sua imagem, enquanto passo a passo ele, Aquilo, o Reprimido, se aproxima... *esperáumbocado* levantando-se para fora do sonho, de rosto nu, virando-se para as pedras tumulares estrangeiras, *o que era? o que era aquilo...* voltando outra vez, quase até lá, levantando-se outra vez... levantando-se, e voltando, dessa maneira, durante a maior parte do início da noite.

Não há visita alguma. Parece que o Jamf está meramente morto. O Slothrop acordou na manhã seguinte sentindo-se, apesar do estômago vazio e do pingo no nariz, melhor do que se sentia desde há meses. Parecia que ele havia superado um teste, não o teste de qualquer outra pessoa, mas um dos seus, para variar.

A cidade por baixo dele, agora banhada numa luz parcial, é uma necrópole de pináculos de igrejas e de cata-ventos, alvas torres de menagem de castelos, amplos edifícios com tectos de mansarda e janelas que cintilam aos milhares. Hoje de manhã as montanhas estão tão translúcidas como gelo. Quando o dia avançar elas serão azuleos montões de seda enrugada. O lago tem a lisura de um espelho mas as

montanhas e as casas reflectidas lá em baixo permanecem estranhamente desfocadas, com contornos finos e penteados como a chuva: um sonho da Atlântida, da Suggenthal. Aldeias de brincar, cidade desolada de alabastro pintado... O Slothrop resvala até cá abaixou pela fria curva de um carreiro de montanha, acumulando e deslocando bolas de neve soltas, não há muito para se fazer por estes lados a não ser fumar a última beata daquilo que tanto quanto ele sabe é o último Lucky Strike em toda a Suíça...

Pegadas pelo carreiro abaixou. Barulho de galochas. É o moço de entregas do Mario Schweitar, com um grande e gordo envelope. O Slothrop paga-lhe, crava-lhe um cigarro e alguns fósforos, e separam-se. Regressado à cripta o Slothrop torna a acender um pequeno monte de gravetos e galhos de pinheiro, aquece as mãos, e começa a desfolhar os dados. A ausência de Jamf cerca-o como um odor, o qual ele conhece mas não consegue designar ao certo, uma aura que ameaça tornar-se epiléptica a qualquer segundo. A informação está aqui — não tanta quanto ele queria (ai, quanto era isso?) mas mais do que esperava, sendo ele um daqueles Ianques práticos. Nas próximas semanas, naqueles poucos momentos em que lhe seja permitido chafurdar no seu passado, ele poderá até ter tempo para desejar que não tivesse lido nada daquilo...

□ □ □ □ □ □

O Sr. Pointsman decidiu passar o Pentecostes junto ao mar. Sentindo-se por estes dias um pouco megalomaníaco, nada de preoccupante na verdade, nunca é pior do que, oh porventura a impressão, enquanto passa velozmente ao longo dos corredores da «Visitação Branca», de que todos os outros parecem imobilizados em atitudes de inequívoco parkinsonismo, sendo ele próprio o único atento, e não entrevado, que resta. É novamente tempo de paz, não há espaço para os pombos em Trafalgar Square na Noite V-E, todas as pessoas das instalações nesse dia bêbedas e abraçando-se e beijando-se, a não ser a ala Blavatskiana da Secção Psi, que havia partido em peregrinação de Dia do Lótus Branco até ao número 19 da Avenue Road, em St. John's Wood.

Agora há outra vez tempo para férias. Embora o Pointsman sinta efectivamente uma certa obrigação de ir relaxar, também há, evidentemente, A Crise. Um líder tem de mostrar autodomínio, inclusivamente ao ponto de uma disposição para férias, a meio da Crise.

Não há agora notícias do Slothrop há quase um mês, desde que os desmazelados asnos da inteligência militar o perderam em Zurique. O Pointsman está um pouco escaldado com a Firma. A astuta estratégia dele parece ter falhado. Nas primeiras discussões com o Clive Mossmoon e os outros, parecera à prova de descuidos: deixar o Slothrop escapar do Casino Hermann Goering, e depois confiar no Serviço Secreto para o manter sob vigilância em lugar da PISCES. Uma jogada económica. A conta da vigilância é o mais agonizante espinho na coroa dos problemas de financiamento que ele parece condenado a suportar durante todo este projecto. O raio do financiamento vai ser a causa da sua ruína, se o Slothrop não o levar à loucura antes disso.

O Pointsman fez asneira. Nem sequer tem o consolo Tennysoniano de dizer que «algum» fez asneira. Não, foi ele e só ele quem autorizou a equipa anglo-americana de Harvey Speed e Floyd Perdoo a investigar uma amostra casuística das aventuras sexuais Slothropianas. Havia cabimento orçamental, e que mal poderia isso fazer? Eles lançaram-se àquilo praticamente *aos pulos*, obcecados como uns catraios, direitos à Poisson erótica. O mapa da Europa de Don Giovanni — 640 em Itália, 231 na Alemanha, 100 em França, 91 na Turquia *mas, mas, mas* — em Espanha! em Espanha, 1003! — é o mapa de Londres do Slothrop, e os dois perseguidores ficaram tão infectados com o gosto que por aqui prevalece pelos prazeres insensatos que presentemente andam a passar tardes inteiras sentados em jardins de restaurantes passando o tempo com saladas de crisântemos e tachadas de carneiro, ou brincando com o vendedor de fruta — «Ena Speed, olha, *meloas!* Já não via uma daquelas desde o Terceiro Período — ena, cheira esta, é óptima! Ouve cá, e que tal uma meloa, Speed? Huh? Vá lá.»

«Excelente ideia, Perdoo, excelente.»

«Aah... Oh, escolhe *aquela* que quiseres, está bem?»

«*Aquela?*»

«Pois. Esta aqui», virando-a para lha mostrar do mesmo modo que os rostos das raparigas ameaçadas são rudemente virados pelos vilões, «foi a que *eu* escolhi, estás a ver?»

«Mas mas eu pensei que nós íamos os dois —» gesticulando debilmente na direcção daquilo que ele ainda não consegue aceitar inteiramente como sendo a meloa do Perdoo, em cuja entalhada rede, como se entre as crateras da pálida lua, está agora emergindo deveras um rosto, o rosto de uma mulher cativa com os olhos apontados para baixo, as pálpebras mais acima tão suaves quanto tectos persas...

«Bom, não, eu normalmente aah—» isto é *embarracante* para o Perdoo, é como ser-se chamado a, a justificar ter-se comido uma maçã, ou ter-se até enfiado uma *uva* na boca — «quero dizer, bom, eu a modos que, como-as... inteiras, sabes», gargalhando naquela que ele espera ser uma maneira amigável, para indicar educadamente a *excentricidade* social desta discussão —

— mas a gargalhada é tomada no sentido errado pelo Speed: tomada como prova da instabilidade mental daquele americano anguloso de dentes ligeiramente tortos, que anda agora a dançar de alpendre em alpendre Inglês, esgalgado como um fantoche de rua ao vento. Abanando a cabeça, ele escolhe não obstante a sua própria meloa, comprehende que lhe coube a si pagar a conta, a qual é exorbitante, e segue aos pulos atrás do Perdoo, eles os dois aos pinotes, tra-la-la-la *pumba* direitos a mais um beco sem saída:

«Jenny? Não — não há aqui nenhuma Jenny...»

«Uma Jennifer, porventura? Genevieve?»

«Ginny» (poderia estar mal escrito), «Virginia?»

«Caso os cavalheiros andem à procura de um bom bocado —»

O sorriso dela, o seu avermelhado sorriso de um maníaco bons-dias-e-eu-quero-dizer-mesmo-*bons!*, é suficientemente amplo para os deter a ambos, estremecendo, rindo, aqui mesmo, e ela tem *idade* suficiente para ser Mãe deles — Mãe deles os dois, combinando as piores características da Sra. Perdoo e da Sra. Speed — na verdade ela está agora a transformar-se *nisso* mesmo, diante dos olhos deles. Estes devastados mares estão cheios de tentadoras — isto por aqui é mesmo aquoso e dissoluto. Enquanto os dois boquiabertos investigadores malcozidos são arrastados para a aura dela, que pestaneja

aqui em plena rua, reluzente com brilhos de hena, com martírios em seda artificial — antes da derradeira e vacilante rendição à demência dos arroxeados olhos dela, eles permitem-se, somente pela pecaminosa titilação disso, um último pensamento acerca do projecto que supostamente os trouxera até ali — o da Zona Episódica Slothropiana, Observações Históricas Semanais (SEZ WHO) — um pensamento que começa a derramar-se sob a forma de um palhaço, um vulgar palhaço mandrião salpicado de gracejos sem palavras sobre fluidos corporais, careca, uma espantosa cascata de pêlos nasais saindo-lhe por ambas as narinas os quais ele compôs em tranças e atou com laços de um verde-ácido — uma impetuosa rispidez saindo agora do outro lado dos sacos de areia e cortinas caídas, tentando recuperar o seu fôlego, impingir-lhes com um alto e desagradável guincho: «Não há Jenny. Não há Sally W. Não há Cybele. Não há Angela. Não há Catherine. Não há Lucy. Não há Gretchen. Quando vão vocês ver isso? Quando vão vocês ver isso?»

Também não há «Darlene». Essa foi a de ontem. Eles seguiram-lhe o nome até à residência de uma tal Sra. Quoad. Mas a espampancante jovem divorciada nunca, declarara ela, soubera sequer que havia crianças inglesas chamadas «Darlene». Ela lamentava imenso. A Sra. Quoad passava os seus dias em ociosidade num endereço de Mayfair com muito boa pedicura, e ambos os investigadores se sentiram aliviados por sair do bairro...

Quando vão vocês ver isso? O Pointsman vê-o imediatamente. Mas «vê-o» ao modo em que o veréis ao entrar no vosso quarto para serdes assaltados, a partir de um pedaço de penumbra no vosso tecto, por uma moreia gigantesca, com os dentes em perfeito e imbecil sorriso mortal, arfando, na sua queda sobre o vosso rosto exposto, um longo som humano que vós sabeis, horrivelmente, ser um *suspiro sexual...*

Isto para se dizer que o Pointsman evita a questão — tão reflexivamente quanto o faria a qualquer pesadelo. Caso este venha a revelar não ser uma fantasia mas *real*, bom...

«Os dados, até agora, estão incompletos.» Isso deveria ter destaque proeminente em todas as declarações. «Admitimos que os dados iniciais parecem demonstrar», lembra-te, *mostra sinceridade*, «uma

quantidade de casos em que os nomes no mapa do Slothrop não parecem dispor de correspondências no corpo de factos que conseguimos estabelecer ao longo da cronologia dele aqui em Londres. Estabelecer *até aqui*, isto é. Na sua maioria todos eles são primeiros nomes, compreendem, os, os Xs sem os Ys por assim dizer, filas sem colunas. Difícil saber-se quão longe de um «bastante longe» realmente se está.

«E se, num dia distante, vier a *provar-se* que muitas — ou mesmo a maior parte — das estrelas Slothropianas se referem a fantasias sexuais e não a eventos reais? Isso dificilmente invalidaria a nossa abordagem, tal como sucedeu com o jovem Sigmund Freud, na Viena de antigamente, confrontado com semelhante violação da probabilidade — todas aquelas histórias de o-Papá-violou-me, que pelas evidências poderão ter sido mentira, mas decerto eram a verdade *clínicamente*. Têm de compreender: nós, na PISCES, preocupamo-nos com uma versão clínica da verdade, definida muito estritamente. Não procuramos nenhuma agência mais ampla nisso.»

Até aqui, o fardo é somente do Pointsman. A solidão de um Führer: ele sente-se ganhar força nos raios desta negra companheira da sua estrela pública agora em ascensão... mas não quer partilhá-la, não ainda não...

As reuniões do pessoal, do seu pessoal, vão-se tornando cada vez piores ao ponto de se tornarem inúteis. Eles atolam-se em intermináveis discussões acerca de banalidades — se se há-de dar ou não outro nome à PISCES agora que a Rendição foi Acelerada, que cabeçalho adoptar nas cartas, caso se adopte algum. O representante da Casa Shell Mex, o Sr. Dennis Joint, pretende colocar o programa ao abrigo do Grupo de Operações de Projéctéis Especiais (GOPE), como complemento do esforço britânico para erradicação dos foguetes, a Operação Fogo Inverso, que está sediada em Cuxhaven junto ao Mar do Norte. Dia sim dia não surge uma nova tentativa, vinda de qualquer quadrante, para reconstituir ou até dissolver a PISCES. O Pointsman está ultimamente a achar muito mais fácil tombar num estado de espírito de l'état c'est moi — quem *mais* anda a fazer alguma coisa? *não é* ele quem tem aguentado tudo aquilo, muitas vezes sem nada mais do que a sua própria vontade crua...?

A Casa Shell Mex, naturalmente, está em frenesi com o desaparecimento do Slothrop. Eis por aí à solta um homem que sabe tudo o que é possível saber-se — não apenas sobre o A4, mas sobre o que a *Grã-Bretanha* sabe acerca do A4. Zurique fervilha de agentes soviéticos. E se eles já tiverem apanhado o Slothrop? Apoderaram-se de Peenemünde na Primavera, parece agora que lhes irão dar as instalações centrais dos foguetes em Nordhausen, outro dos negócios de Ialta... Pelo menos três agências, a VIAM, o TsAGI, e a NISO, além dos engenheiros que trabalham a partir de outros comissariados, estão agora mesmo na Alemanha ocupada pelos Soviéticos com listas de pessoal e equipamento que devem ser levados para leste. Dentro da esfera de influência do SHAEF, a Artilharia do Exército Americano, bem como uma chusma de equipas de investigação concorrentes, andam todas elas atarefadas a recolher tudo o que vêem. Já capturaram o Von Braun e 500 outros, e internaram-nos em Garmisch. E se *eles* se apoderam do Slothrop?

Também houve, agravando a Crise, defecções: o Rollo Groast novamente assumido na Sociedade de Investigação Psíquica, o Treacle montando um consultório, o Myron Grunton de novo uma personalidade radiofónica a tempo inteiro. O Mexico começou a tornar-se distante. A Borgesius continua a desempenhar os seus deveres nocturnos, mas com o Brigadeiro agora doente (aquele velho tolo ter-se-á esquecido de tomar os seus antibióticos? Terá de ser o Pointsman a fazer tudo?) ela começa a arreliar-se. Claro que o Géza Rózsavölgyi continua com o projecto. Um fanático. O Rózsavölgyi *nunca* se irá embora.

Portanto. Umas férias junto ao mar. Por razões políticas, o grupo é constituído por Pointsman, Mexico, a rapariga do Mexico, Dennis Joint, e Katje Borgesius. O Pointsman enverga sapatos com sola de corda, o seu chapéu de coco de antes da guerra, e um raro sorriso. As condições meteorológicas não são ideais. Nuvens cerradas, um vento que se tornará gelado a meio da tarde. Um cheiro a ozono solta-se dos carrinhos de choque a partir da pardacenta rede superior de aço ao longo do passeio público, a par dos odores aos mariscos nas bancas, e ao sal marinho. A praia de seixos está apinhada de famílias: pais descalços com fatos completos e altos colarinhos brancos, mães em blusas e saias estremunhadas ao saírem de um sono

canforado que durou a guerra inteira, miúdos correndo por toda a parte em fato de banho, fraldas, cueiros, calções, meias pelo joelho, chapéus de Eton. Há gelados, doces, Coca-Colas, amêijoas, ostras e camarões com sal e molho. As máquinas de pinball estremecem sob o manuseamento de soldados fanáticos e suas raparigas, arremessando-se num inglês corporal, praguejando, resmungando enquanto as brilhantes bolas tamborilam pelas corridas de obstáculos de madeira abaixo entre ka-chungs, luzes cintilantes, surdos ruídos das palhetas. Os burros zurraram e fazem merda, as crianças caminham por ela e os pais destas gritam. Homens afundam-se em cadeiras de lona às riscas falando de negócios, desporto, sexo, mas mais frequentemente de política. Um tocador de realejo faz soar a abertura de Rossini para *La Gazza Ladra* (a qual, como veremos mais tarde, em Berlim, assinala um ponto alto na música que todos ignoraram, preferindo Beethoven, o qual nunca foi além de declarações de intenção), e aqui sem a percussão de caixa nem a sonoridade dos metais a peça é inebriante, cheia de esperança, prometendo crepúsculos de lavanda, pavilhões de aço inoxidável e toda a gente finalmente elevada à aristocracia, e amor sem pagamento de qualquer espécie...

O plano do Pointsman para hoje era não falar do serviço, mas deixar que a conversação fluísse mais ou menos organicamente. Esperar que os outros se denunciassem a si mesmos. Mas há timidez, ou constrangimento, entre todos eles. A conversa é mínima. O Dennis Joint está a olhar para a Katje com um sorriso entesoado, de vez em quando com um olhar suspeitoso para o Roger Mexico. O Mexico entretanto tem os seus problemas com a Jessica — cada vez mais frequentes hoje em dia — e de momento eles os dois nem sequer olham um para o outro. A Katje Borgesius tem os seus olhos postos ao longe no mar, e não há modo de se dizer *o que* se está a passar com esta. De uma maneira indistinta, o Pointsman, embora não consiga ver que ela tenha alguma influência, continua a receá-la. Ainda há muita coisa que ele não sabe. Talvez o que mais o incomoda agora mesmo seja a ligação dela, caso exista, ao Pirata Prentice. O Prentice foi por diversas vezes à «Visitação Branca» fazer perguntas assaz penetrantes a respeito dela. Quando a PISCES abriu recentemente a sua nova delegação em Londres (que algum engracadinho, provavelmente aquele jovem imbecil do Webley Silvernail, já apelidou de «Décima Segunda

Casa») o Prentice começou a passar muito tempo por lá, namorando as secretárias, tentando dar uma espreitadela neste ou naquele ficheiro... O que anda aí? Que pós-vida encontrou a Firma, do lado de cá do Dia V-E? O que quer o Prentice... qual é o preço dele? Estará ele apaixonado aqui pela La Borgesius? Será possível para esta mulher um estado de amor? *Amor?* Oh, uma pessoa até tem vontade de gritar. Qual seria a ideia de amor dela...

«Mexico», o agarrando o braço do jovem estatístico.

«Eh?» o Roger interrompido a apreciar uma beldade algo parecida com a Rita Hayworth num floral fato de banhista de uma só peça com alças que fazem um X sobre as delgadas costas dela...

«Mexico, penso que estou a alucinar.»

«Oh, a sério? Pensa que está? O que vê você?»

«Mexico, eu vejo... eu vejo... Que quer você dizer, o que *vejo* eu, seu parolo? É o que eu estou a *ouvir*.»

«Bom, que está você a ouvir, então.» Um toque de impertinência no Roger agora.

«Agora mesmo estou a ouvi-lo *a si*, dizendo, “que está você a ouvir, então”. *E não gosto disso!*»

«Porque não.»

«Porque: sendo esta alucinação desagradável, acho que continuo a preferi-la *muito mais* do que ao som da sua voz.»

Ora este é um comportamento estranho em qualquer um, mas vindo do normalmente correcto Sr. Pointsman, é o que basta para deter esta companhia mutuamente paranóica ali mesmo. Nas imediações há uma Roda da Fortuna, com pacotes de Lucky Strike, bonecas e barras de chocolate enfiadas entre os seus raios.

«Ouça cá, o que acha você?» o louro, vigoroso Dennis Joint encosta à Katje um cotovelo tão amplo quanto um joelho. Na sua profissão ele aprendeu a fazer avaliações instantâneas daqueles com quem lida. Julga que aqui a velha Katje é uma bela moçoila, em busca de um pouco de diversão. Sim, aqui há material de liderança, em definitivo. «Ele não ficou de repente um pouco aluado?» Tentando manter a voz baixa, sorrindo vagamente em atlética paranóia na direcção do peculiar Pavloviano — não *directamente* para ele, compreendendo-se, o contacto visual poderia ser uma loucura suicidária dado o seu estado de espírito...

Entretanto, a Jessica entrou no seu número de Fay Wray. É uma espécie de paralisia protectora, idêntica à resposta que temos quando a moreia salta sobre nós desde o tecto. Mas esta é para o Punho do Macaco, para as luzes da Nova Iorque eléctrica cuja alvura entra no quarto que julgámos ser seguro, que jamais seria penetrado... para o encrespado pêlo preto, os tendões de carência, de amor trágico...

«Pois bem», como disse o crítico de cinema Mitchell Prettyplace no seu definitivo estudo do *King Kong* em 18 volumes, «sabem, ele amava-a *mesmo*, minha gente.» Seguindo esta tese, parece que Prettyplace não omitiu nada, sendo todos os planos, incluindo os eliminados, joeirados em busca da mais pequena amostra de simbolismo, biografias exaustivas de todos os que estiveram ligados ao filme, figurantes, assistentes, pessoal do laboratório... até entrevistas com os Kultores do *King Kong*, que para poderem candidatar-se a membros devem ter visto o filme pelo menos 100 vezes e estarem preparados para passarem um exame de admissão que dura 8 horas... E no entanto, e no entanto: há que considerar a Lei de Murphy, aquela impertinente reafirmação irlandesa e proletária do Teorema de Gödel — *quando já se tratou de tudo, quando nada pode correr mal, nem mesmo surpreender-nos... algo há-de fazê-lo*. Por isso as permutações e combinações do *Coisas Que Podem Suceder na Política Europeia* de Pudding para 1931, o ano do Teorema de Gödel, não atribuem a Hitler a menor probabilidade. Por isso, quando se estabelecem as leis da hereditariedade, hão-de nascer mutantes. Até uma peça de equipamento tão determinista quanto o foguete A4 começará a gerar espontaneamente itens como o «S-Gérat» que o Slothrop julga andar a demandar como a um graal. E por isso, também, a lenda do negro macaco fugido que nós abatemos como a Lúcifer do alto da maior erecção do mundo acabou, na plenitude do tempo, por gerar a sua própria prole, que agora mesmo anda a correr de um lado para outro no interior da Alemanha — o Schwarzkommando, que nem sequer o Mitchell Prettyplace podia antecipar.

Na PISCES crê-se de uma maneira geral que o Schwarzkommando foi convocado, ao modo em que os demónios podem ser reunidos, chamado à luz do dia e da terra pela agora defunta Operação Asa Negra. Podeis apostar que a Secção Psi andou a gracejar a respeito disso durante uns tempos. Quem poderia ter adivinhado que

haveria tropas *autenticamente* negras nos foguetes? Que uma história inventada para assustar o inimigo do ano passado viria a provar-se literalmente verdadeira — e agora sem maneira de tornar a enfiá-la na garrafa ou mesmo de inverter o feitiço: nunca ninguém conheceu o feitiço por inteiro — pessoas diferentes conheciam diferentes partes dele, *isso* é que é trabalho de equipa... Quando por fim lhes ocorre tornar a passar em revista a documentação que rodeia a Operação Asa Negra, tentar obter alguma noção de como tudo isto poderá ter acontecido, descobrirão, curiosamente, que certos documentos de importância crítica ou estão desaparecidos ou foram actualizados desde o final da Operação, e que é de todo impossível nesta data tardia reconstituir o feitiço, embora venha a haver a habitual especulação elegante e de má poética. Até a especulação inicial será cerceada e tranquilizada. Nada restará, por exemplo, das hesitantes descobertas do freudiano Edwin Treacle e sua gente, que perto do final até se acharam em conflito com a sua própria minoria, a ala psicanalítica da Secção Psi. Aquilo começou como uma busca de alguma base mensurável para a experiência comum de se ser assombrado pelos mortos. Ao fim de algum tempo os colegas começaram a entregar requerimentos solicitando a sua transferência para fora dali. Desafetos como «Isto aqui começa a parecer o Instituto Tavistock» começaram a ser murmurados de um lado para o outro nos corredores da cave. Revoltas palacianas, muitas delas concebidas em fulgores de paranóia ornamentalmente esplêndidos, trouxeram serralheiros e soldadores aos magotes, levaram a misteriosas carências de materiais de escritório, e até de água e de aquecimento... nenhuma das quais impediu o Treacle e a sua gente de prosseguirem num estado de espírito Freudiano, para nem dizer Junguiano. A notícia da real existência do Schwarzkommando chegou-lhes uma semana antes do Dia V-E. Os eventos individuais, quem realmente dissera o quê a quem, haviam-se perdido no frenesi de acusações, gritarias, esgotamentos nervosos, e áreas de mau gosto que se seguiram a isso. Alguém se lembra do Gavin Trefoil, rosto azul como Krishna, correndo entre as árvores em topiária completamente nu, e o Treacle perseguindo-o com um machado, berrando «*Macaco gigante?* Eu já *te* mostro um macaco gigante!»

Efectivamente ele viria a mostrar a criatura a muitos de nós, embora nós não olhássemos. Na sua inocência ele não via razão para que os colaboradores de um projecto do gabinete não devessem praticar a autocrítica com o mesmo rigor das células revolucionárias. Não tencionara ofender sensibilidades, somente mostrar aos outros, todos fulanos decentes, que os sentimentos deles a respeito do negrume estavam ligados aos sentimentos a respeito da merda, e os sentimentos a respeito da merda aos sentimentos a respeito da putrefacção e da morte. Parecia-lhe tão evidente... porque não queriam eles ouvir? Porque não queriam eles admitir que as suas repressões *tinham*, num sentido que a Europa nos últimos fatigados estádios da sua perversão da magia já perdeu, *tinham* encarnado homens reais e vivos, provavelmente (de acordo com a melhor inteligência) na posse de armas reais e vivas, tal como o falecido pai que jamais dormiu contigo, Penelope, regressa noite após noite à tua cama, tentando aconchegar-se atrás de ti... ou tal como a tua criança por nascer te desperta, chorando a meio da noite e tu sentes-lhe os lábios-fantasma em teu seio... eles são reais, eles estão vivos, enquanto tu finges gritar dentro do Punho do Macaco... mas olhando agora para a muito mais provável candidata, a Katje de cremosa pele sob a Roda da Fortuna, a qual está agora a preparar-se para abalar pela praia fora e até à relativa calma do sinuoso caminho-de-ferro. O Pointsman está a alucinar. Ele perdeu o controlo. O Pointsman teria supostamente controlo absoluto sobre a Katje. Onde é que isto a deixa a ela? Num controlo que está fora de controlo. Nem sequer lá entre o couro e a dor do gemütlich mundo do Capitão Blicero ela se sentiu tão aterrorizada como agora.

O Roger Mexico está a assumir aquilo pessoalmente, oh-quero-dizer, só a tentar ajudar...

O que o algo desconexo Sr. Pointsman tem estado a ouvir este tempo todo é uma voz, estranhamente familiar, uma voz que ele outrora imaginara que um rosto numa bem conhecida fotografia noticiosa teria:

«Eis o que tu tens de fazer. Agora precisas do Mexico, mais do que nunca. As tuas ansiedades invernais acerca do Fim da História parecem agora todas elas bem acomodadas para descansarem, são

parte da tua biografia agora como qualquer velho sonho mau. Mas como sempre diz Lord Acton, a História não é urdida por mãos inocentes. Aquela namorada do Mexico é uma ameaça a todo o teu empreendimento. Ele fará tudo para a manter. A fazer-lhe caretas e mesmo rogando-lhe pragas ela não obstante há-de atraí-lo para longe, para uma bruma civil na qual o irás perder e jamais o encontrarás — a menos que ajas já, Pointsman. A Operação Fogo Inverso anda agora a enviar raparigas do Serviço Territorial Auxiliar para a Zona. Raparigas dos foguetes: funções de secretariado e até cargos técnicos subalternos no campo de testes de Cuxhaven. Tu só tens de dar uma palavrinha ao Grupo de Observadores Especiais, através aqui do Dennis Joint, e a Jessica Swanlake sai do teu caminho. O Mexico poderá queixar-se por uns tempos, mas isso, com a orientação adequada, só lhe dará motivos para se Perder No Seu Trabalho, eh? Lembra-te das eloquentes palavras de Sir Dennis Nayland Smith ao jovem Alan Sterling, cuja noiva está nas garras do insidioso Adversário amarelo: "Já passei pelo tipo de lumes que agora te queimam, Sterling, e sempre achei que o trabalho era o melhor unguento para as queimaduras." E ambos sabemos o que Nayland Smith representa, mm? pois sabemos.»

«*Eu* sei», diz Pointsman, em voz alta, «mas a bem dizer não posso afirmar que *tu* o saibas, não é, se nem sequer sei quem tu *és*, estás a ver.»

Este estranho desabafo não tranquiliza os companheiros do Pointsman. Começam a afastar-se, com definitivo alarme. «Devíamos encontrar um médico», murmura o Dennis Joint, piscando o olho à Katje como um Groucho Marx louro com o cabelo cortado à escovinha. A Jessica, esquecendo o seu amuo, dá o braço ao Roger.

«Estás a ver, estás a ver», começa a voz outra vez, «ela sente que está a protegê-lo, *contra ti*. Quantas oportunidades é que alguém tem de *ser* uma síntese, Pointsman? Leste e Oeste, juntos no mesmo indivíduo? Tu podes não apenas ser o Nayland Smith, dando a um moço assustado íntegros conselhos sobre as virtudes do trabalho, como podes também, ao mesmo tempo, vir a ser o *Fu Manchu!* eh? aquele que tem a rapariga em seu poder! Que tal *isso*? Protagonista e antagonista num só. Eu aceitava já, se estivesse na tua situação.»

O Pointsman está prestes a retorquir algo como, «Mas *não* estás», só que vê o modo como todos os outros parecem estar a arregalar os olhos para si. «Oh, ah, ah», diz ele em vez disso. «Estava para aqui a falar com os meus botões. Uma pequena — uma espécie de — excentricidade, heh, heh.»

«Yang e Yin», sussurra a Voz, «Yang e Yin...»

NA ZONA

Toto, tenho a impressão de que já não estamos no Kansas...

— DOROTHY, chegando a Oz

□ □ □ □ □ □

Estamos seguramente para além dos dias dos Eis-Hiligen — São Pancrácio, São Servácio, São Bonifácio, die kalte Sophie... pairam em nuvens sobre os vinhedos, sagrados seres de gelo, prontos com um hálito, uma intenção, a arruinarem o ano com geada e frio. Em certos anos, especialmente anos de Guerra, eles são parcós em caridade, caprichosos, ufanos do seu poder: não inteiramente santos ou mesmo Cristãos. As orações de cultivadores, apanhadores e entusiastas do vinho devem chegar até eles, mas não se pode dizer como se sentem os santos do gelo — rude riso, incômodo pagão, quem comprehende esta rectaguarda que preserva o Inverno contra os revolucionários de Maio?

Eles encontraram os campos, este ano, em paz por alguns escassos dias. Já as vinhas começam a crescer de novo sobre dentes-de-dragão, Stukas caídos, tanques queimados. O sol aquece as encostas, os rios escorrem brilhantes como o vinho. Os santos refrearam-se. As noites têm sido amenas. A geada não veio. É a Primavera da paz. A colheita, garantindo Deus pelo menos cem dias de sol, será óptima.

Nordhausen atribui menos crédito aos santos do gelo do que as regiões vinícolas mais a sul, mas mesmo aqui a estação parece prometedora. A chuva sopra dispersando-se pela cidade quando o Slothrop chega lá ao princípio da manhã, pés descalços, cheios de bolhas e reboleiras, arrefecidos aqui na erva molhada. Há luz do sol no alto das montanhas. Os sapatos dele foram surripiados por algum desalojado

com dedos mais leves que os sonhos, num dos muitos comboios desde a fronteira Suíça, rolando algures pela Baviera profundamente adormecido. Fosse quem fosse aquilo deixou uma tulipa vermelha entre os dedos dos pés do Slothrop. Ele interpretou isso como um sinal. Uma lembrança da Katje.

Os sinais encontrá-lo-ão aqui na Zona, e os antepassados voltarão a afirmar-se. É como ir-se até à tal África Mais Negra para estudar lá os nativos, e descobrir-se que as exóticas superstições deles tomam conta de nós. Na verdade, é curioso, o Slothrop ainda na noite passada deu de caras com um Africano, o primeiro que ele alguma vez conheceu na sua vida. A discussão deles no cimo do vagão de mercadorias à luz da lua durou somente um minuto ou dois. Conversa de circunstância pela súbita partida em fundo do Major Duane Marvy por cima da antepara lateral e pela ladeira de cascalho abaixo até ao vale — bom, certamente não se disse então nada acerca de quaisquer crenças dos Hereros sobre os antepassados. Ele porém sente os seus, mais fortes agora à medida que as fronteiras vão ficando para trás e a Zona o envolve a ele, aos seus próprios WASPs afivelados em negro, que ouviam Deus clamando para eles em cada volta de uma folha ou em cada vaca perdida entre os pomares de maçãs no Outono...

Sinais da Katje, e a dobrar também. Numa noite ele sentou-se dentro da casa de brincar de uma criança numa herdade abandonada, alimentando um lume com os cabelos de uma boneca loura que tinha olhos de lápis-lazúli. Guardou esses olhos. Alguns dias mais tarde trocou-os por uma boleia e meia batata cozida. Cães ladravam ao longe, vento estival soprava nos videoiros. Ele estava numa das principais artérias da derradeira dissolução e retirada da Primavera. Algures ali perto, uma das unidades de foguetes do Major-General Kammler havia conjuntamente encontrado morte corporativa, deixando na sua estropiada raiva militar peças, módulos, secções da estrutura de voo, baterias a apodrecer, segredos de papel varridos pela chuva até tornarem a ser lama. O Slothrop segue-as. A qualquer pista pela qual valha a pena saltar-se para um comboio...

Os cabelos da boneca eram humanos. O cheiro deles a arderem é horrível. O Slothrop ouve movimento do outro lado do lume. Um

ruído de engrenagens — pega no seu cobertor, pronto a saltar pela moldura vazia da janela, esperando uma granada. Em vez disso um daqueles pequenos e vistosamente pintados brinquedos alemães, um orangotango sobre rodas vem até à luz do lume fazendo ki-ki-ki, es-pástico, cabeça a abanar, rosto num sorriso de idiota, mãos de aço a rasparem o chão. Rola quase até ao lume antes que se lhe acabe a corda, a cabeça balouçante imobilizando-se exactamente a meio para fitar o Slothrop.

Ele alimenta o lume com mais um tufo de cabelos dourados.
«B' noite.»

Riso, algures. Uma criança. Mas riso antigo.

«Sai cá para fora, eu não faço mal.»

Ao macaco segue-se um minúsculo corvo preto com bico vermelho, também sobre rodas, pulando, grasnando, abanando asas de metal.

«Porque estás a queimar o cabelo da minha boneca?»

«Bom, o cabelo não é mesmo dela, sabes.»

«O pai disse que era de uma Judia Russa.»

«Porque não vens até ao lume?»

«Faz-me mal aos olhos.» Dando novamente corda. Nada se mexe. Mas uma caixa de música começa a tocar. A melodia é menor e precisa. «Dança comigo.»

«Não consigo ver-te.»

«Aqui.» Fora da palidez do lume, uma minúscula flor de geada. Ele estica-se e consegue à justa encontrar-lhe a mão, agarrar-lhe a pequena cintura. Iniciam a sua imponente dança. Nem sequer percebe se é ele quem a conduz.

Nunca lhe chegou a ver o rosto. Ela parecia de gaze e organdi.

«Bonito vestido.»

«Usei-o na minha primeira comunhão.» Presentemente o lume apagou-se, deixando luz de estrelas e uma débil incandescência sobre uma qualquer vila a leste, através de janelas cujas portadas haviam desaparecido por inteiro. A caixa de música continuava a tocar, para além do tempo de duração, ao que parecia, de uma mola vulgar. Os pés deles moviam-se sobre enevoado, esmigalhado vidro antigo, sedas rasgadas, ossos de coelhos e gatos mortos. O caminho geométrico levou-os entre impantes, esgarçados panos de arrás, cheiro a pó

e um bestiário mais antigo que aquele junto ao lume... unicórnios, quimeras... e que vira ele adornando o pórtico de entrada de dimensão infantil? Cabeças de alhos? Espera — isso não servia para manter à distância os *vampiros*? Um ténue odor a alho atingiu-o exactamente então, uma invasão de sangue Balcânico no ar do seu norte, enquanto ele se voltava para ela para lhe perguntar se ela era mesmo Katje, a adorável pequena Rainha da Transilvânia. Mas a música havia chegado ao fim. Ela vaporizara-se para fora dos seus braços.

Bom aqui está ele resvalado para a Zona lá fora como uma prancheta sobre um tabuleiro Ouija, e o que surge no interior do círculo vazio do seu cérebro poderá dispor-se conjuntamente numa mensagem, poderão não se dispor, ele terá de ver. Mas consegue sentir uns dedos sensíveis, pousando com leveza mas seguros nos seus dias, e pensa neles como sendo os da Katje.

Ele ainda é o Ian Scuffling, correspondente de guerra (de paz?), embora de novo com uniforme britânico por estes dias, com imenso tempo nestes comboios para remoer no seu espírito a informação que o Mario Schweitar contrabandeara para ele lá atrás em Zurique. Há um gordo ficheiro sobre o Imipolex G, e aquilo parece apontar para Nordhausen. O engenheiro pelo lado do cliente no contrato do Imipolex era um tal Franz Pökler. Tinha vindo para Nordhausen no início de '44, quando o foguete ia entrar em produção maciça. Estava aboletado no Mittelwerke, um complexo fabril subterrâneo largamente governado pela SS. Nem uma palavra sobre para onde fora ele após a evacuação da fábrica em Fevereiro e Março. Mas o Ian Scuffling, repórter de primeira, irá decerto encontrar alguma pista lá em baixo no Mittelwerke.

O Slothrop sentou-se no balouçante vagão com trinta outras almas frias e esfarrapadas, olhos todos pupilas, lábios cravejados de chagas. Estavam a cantar, alguns deles. Muitos eram crianças. É uma canção de Desalojado, e o Slothrop ouvi-la-á muitas vezes lá pela Zona, nos acampamentos, pela estrada fora, numa dúzia de variações:

Se vires um comboio hoje à noite,
Recortado contra o céu, lá ao longe a avançar,
Deita-te no teu cobertor de lã,
Dorme, e deixa o comboio passar.

Comboios já nos chamaram, a cada meia-noite,
De uma lonjura que não se pode contar,
Comboios que passam por cidades vazias,
Comboios que não têm sítio onde ficar.

Ninguém conduz a locomotiva,
Ninguém tende à luz o açoite,
Os comboios nunca precisaram de condutores,
Os comboios pertencem à amarga noite.

As estações estão desertas,
Os carris estão limpos como espelhos:
O que lhes deixarmos, os comboios herdam,
Os comboios seguem, e nós ficamos velhos.

Deixa-os gritar como amantes enganados,
Deixa seus gritos encontrarem apenas ar.
Os comboios são feitos para a noite e a ruína.
Nós somos feitos para a canção, e o pecar.

Vão sendo passados cachimbos. O fumo pende das húmidas traves de madeira, é sugado por frestas para o fluxo da noite lá fora. Crianças arquejam no seu sono, bebés raquíticos choram... de vez em quando as mães trocam uma palavra. O Slothrop aninha-se dentro do seu infortúnio de papel.

O dossier da firma suíça sobre o L. (de Laszlo) Jamf listava todos os bens dele quando viera trabalhar para Zurique. Aparentemente ele tivera assento — enquanto cientista-representante — no conselho de directores da Corporação Química Grössli somente a partir de 1924. Entre títulos de acções e pedaços desta e daquela empresa lá na Alemanha — pedaços que seriam recolhidos num ou dois anos seguintes pelo polvo IG — havia o registo de uma transacção entre Jamf e o Sr. Lyle Bland, de Boston, no Massachusetts.

Mesmo em cheio, Jackson. Lyle Bland é um nome que ele conhece, com certeza. E um nome que também surge com frequência nos registos privados que o Jamf mantinha dos seus próprios negócios. Parece que o Bland, durante o início dos anos vinte, esteve fortemente envolvido com a operação do Hugo Stinnes na Alemanha.

O Stinnes, enquanto durou, foi o Wunderkind da finança Europeia. Baseado no Ruhr, onde os seus familiares haviam sido barões do carvão há várias gerações, o jovem Stinnes erigiu um bem dimensionado império de aço, gás, electricidade e hidráulica, carros eléctricos e carreiras de barcaças antes de ter 30 anos. Durante a Guerra Mundial trabalhou de perto com o Walter Rathenau, que controlava então toda a economia. Depois da guerra o Stinnes conseguiu juntar o conglomerado horizontal eléctrico da Siemens-Schuchert aos fornecimentos de carvão e ferro da Rheinelbe Union num supercartel que era simultaneamente horizontal e vertical, e comprar participação em praticamente tudo o resto — estaleiros, carreiras de vapores, hotéis, restaurantes, florestas, fábricas de celulose, jornais — enquanto especulando também com o câmbio, comprando dinheiro estrangeiro com marcos emprestados pelo Reichsbank, fazendo baixar a cotação do marco e pagando depois os empréstimos por uma fração da quantia original. Mais do que qualquer outro financeiro ele foi culpado pela Inflação. Esses eram os tempos em que se levavam carinhos de mão cheios de marcos para as compras diárias e eles eram usados como papel higiénico, partindo do princípio de que se tinha alguma coisa para cagar. As ligações estrangeiras do Stinnes eram no mundo inteiro — Brasil, Índias Ocidentais, Estados Unidos — homens de negócios como o Lyle Bland achavam irresistível a taxa de crescimento dele. A teoria em vigor na época era a de que o Stinnes andava a conspirar com o Krupp, o Thyssen, e outros para arruinar o marco e fazerem assim com que a Alemanha não pagasse as suas dívidas de guerra.

A ligação ao Bland era vaga. Os registos do Jamf referem que ele negociara contratos para fornecer toneladas de dinheiro privado conhecido como Notgeld ao Stinnes e seus colegas, bem como «notas Mefo» à República de Weimar — outro dos muitos expedientes contabilísticos do Hjalmar Schacht para manter os registos oficiais limpos de qualquer vestígio de aquisição do armamento banido ao abrigo dos termos de Versailles. Alguns desses contratos de notas bancárias foram adjudicados a uma certa fábrica de papel no Massachusetts, em cuja administração o Lyle Bland por acaso tinha assento.

O nome desse adjudicatário era a Companhia de Papel Slothrop.

Ele lê o seu nome sem grande surpresa. Aquilo pertence aqui, tal como os mais ínfimos detalhes durante o déjà vu. Em vez de alguma súbita incidência de luz (mesmo na forma de um ser humano: luz dourada e monitória), enquanto ele olha para estas oito marcas de tinta, passa por ali um desagradável episódio estomacal, um temor tangível quando o vômito começa a afirmar-se — a mesma vertigem que o dominou certo dia há muito tempo na Himmler-Spielsaal. Um saco de gás cerca-lhe a cabeça, como se de borracha, vasto, comprimindo-o por todos os lados, aquela sensação que nós conhecemos, sim, mas... Ele também está a ficar com tesão, por nenhum motivo imediato. E há de novo aquele *cheiro*, um cheiro anterior ao início da sua memória consciente, um cheiro fofo e químico, ameaçador, assombroso, não um cheiro que se encontrasse lá fora no mundo — é o hábito da *Enfermaria Proibida*... essência de todas as figuras imóveis que o aguardam lá dentro, desafiando-o a entrar e a encontrar um segredo ao qual não poderá sobreviver.

Certa vez, fora-lhe feito algo, num quarto, enquanto ele estava deitado e indefeso...

A erecção dele zune a uma certa distância, como um instrumento instalado, preso por Eles ao seu corpo enquanto marco colonial aqui no nosso cru e clamoroso mundo, mais uma delegação representado a branca Metropolis d'Eles muito longe...

Uma triste história, pois claro. O Slothrop, muito nervoso agora, continua a ler. Lyle Bland, eh? Bom, pois claro, isso faz sentido. Ele consegue lembrar-se indistintamente de por uma ou duas vezes ter visto o Tio Lyle. O homem costumava ir lá visitar o seu pai, afável, cabelo trigueiro, um aldrabão ao estilo regional do Jim Fisk. O Bland estava sempre a pegar no jovem Tyrone e a balouçá-lo a toda a volta pelos pés. Isso não fazia mal — na época o Slothrop não tinha qualquer empenho especial em saber qual era o lado de cima.

Pelo que aqui diz, ou o Bland vira chegar a queda do Stinnes antes da maioria das outras vítimas deste, ou andava apenas naturalmente nervoso. No início de '23 começou a vender os seus interesses nas operações do Stinnes. Uma dessas vendas foi feita através do

Laszlo Jamf à Corporação Química Grössli (mais tarde Psychochemie AG). Um dos bens transferidos nessa venda foi «todos os interesses no empreendimento Schwarzknabe. O vendedor concorda em prosseguir os deveres de vigilância até um tempo em que o operacional Schwindle possa ser rendido por um homólogo do comprador, cuja aceitabilidade será determinada pelo vendedor».

O manual de código do Jamf está por acaso no dossier. Parte da estrutura de personalidade do homem, afinal. «Schwindel» era o nome de código dele para o Hugo Stinnes. Sentido de humor sagaz, o do velho peido. Diante de «Schwarzknabe», agora, estão as iniciais «T.S.»

Bom, ora esta, acha o Slothrop, este devo ser eu, huh. Salvo a possibilidade remota de querer dizer Tanta Salada.

Listado como um débito «Schwarzknabe» está o que falta pagar de uma factura da Universidade de Harvard, que ascende a cerca de \$5000 incluindo os juros, «tal como acordado (oralmente) com Schwarzvater.»

«Schwarzvater» é o nome de código para «B.S.». O qual, salvo a possibilidade remota de querer dizer Boa Salada, parece ser o pai do próprio Slothrop, Broderick. O Brunopai Slothrop.

Bela maneira de descobrires que o teu pai fez há 20 anos um negócio com alguém para prover à tua educação. Pensando bem, o Slothrop nunca conseguira conciliar inteiramente os anúncios, ao longo de toda a Depressão, da iminente ruína familiar, com o conforto de que desfrutava em Harvard. Bom, mas então, qual *era* o negócio entre o pai dele e o Bland? Eu fui vendido, Jesus Cristo eu fui vendido à IG Farben como uma posta de carne. Vigilância? O Stinnes, como qualquer imperador industrial, tinha a sua própria empresa de sistemas de espionagem. Tal como a IG. Significará isso que o Slothrop tem estado sob a observação deles — t-talvez desde que *nasceu?* Yaahhh...

Os balões de medo novamente dentro do seu cérebro. Aquilo não se aquietava com um simples Foda-se... Um cheiro, um quarto proibido, ao fundo da sua memória. Ele não conseguevê-lo, não consegue discerni-lo. Não quer fazê-lo. Isso está aliado ao Pior Que Há.

Ele sabe o que o cheiro tem de ser: embora de acordo com estes papéis tivesse sido demasiado cedo para tal, embora ele nunca se tenha cruzado com nada disso entre as coordenadas diurnas da sua vida, mesmo assim, aqui em baixo, aqui atrás na quente escuridão, entre formas primevas onde relógios e calendários não significam grande coisa, ele sabe que aquilo que agora o assombra revelará ser o cheiro do Imipolex G.

Depois há este recente sonho que ele receia ter de novo. Ele estava no seu antigo quarto, lá em casa. Uma tarde estival de lilases e abelhas, e ar quente entrando por uma janela aberta. O Slothrop havia encontrado um dicionário muito antigo de Alemão técnico. O qual caíra e se abrira numa certa página salpicada de tipos em negrito. Ao ler a página até ao fundo, ele acabava por chegar a JAMF. A definição diria: Eu. Ele acordava pedindo Àquilo que *não* — mas mesmo depois de acordar, estava certo, continuaria certo, de que Aquilo poderia visitá-lo de novo, sempre que Aquilo quisesse. Talvez vós conheçais esse sonho também. Talvez Aquilo vos haja intimado a jamais proferirdes o seu nome. Se assim foi, sabeis como o Slothrop deve estar a sentir-se agora.

O que ele faz é pôr-se de pé cambaleando, até à porta do vagão de mercadorias, o que é subir de posto. Puxa a porta para trás, esgueira-se lá para fora — acção, acção — e sobe uma escada até ao tejadilho. A meio metro da sua cara, paira no ar esta dupla fileira de dentes luzidios. Mesmo o que ele precisava. É o Major Marvy da Manutenção Militar do Exército americano, líder dos Manos do Marvy, a equipa técnica de inteligência mais malvada que há por todo o raio desta Zona, ó senhor. O Slothrop pode tratá-lo por Duane, se quiser. «Boogie, boogie, boogie! Apanhámos todos aqueles coelhos *da selva* qu'estão ali atrás no *vagão seguinte!* Meeeer-daa!»

«Espere aí», diz o Slothrop, «eu acho que estive a dormir ou qualquer coisa assim.» Os pés dele estão frios. Este Marvy é mesmo gordo. Calças enfiadas dentro das luzidias botas de combate, rolo de gordura pendendo sobre um cinto em que ele guarda os óculos de sol e o .45, armações de massa, cabelo esticado para trás, olhos como válvulas de segurança que se esbugalham para nós sempre que — como agora — a pressão no interior da sua cabeça se torna muito elevada.

O Marvy apanhou boleia num P-47 desde Paris até Kassel, juntou-se a este comboio aqui a oeste de Heiligenstadt. Está a caminho do Mittelwerke, tal como o Ian Scuffling. Tem de se coordenar com umas pessoas do Projecto Hermes da General Electric. Deixam-no mesmo nervoso, aqueles pretos ali ao lado. «Ouça, isso para vocês devia ser uma boa história. Avisem as pessoas lá na terra.»

«Eles são GIs?»

«Merda não. São Krauts. Do sudoeste africano. Uns qualquer-coisa. Quer você dizer que não sabe disso? Vá lá. Ora. A inteligência dos Anglos não parece lá muito inteligente, ahah, sem ofensa comprehende. Eu julguei que todo o mundo soubesse.» Segue-se uma tétrica história — que parece qualquer coisa inventada pelo SHAEF, já que a imaginação menos que frívola do Goebbels não vai além dos Redutos Alpinos e outros que tais — do esquema do Hitler para instaurar um império Nazi na África negra, que derrocou após o Velho Tripas e Sangue ter entregado ao Rommel o cu dele lá no deserto. «“Tome lá o seu cu, General.” “Ach du lieber! Mein Arsch! YAH-ahahah...”» agarrando comicamente os fundilhos das suas largas calças. Bom, os quadros negros já não tinham futuro em África, permaneceram na Alemanha enquanto governo-no-exílio sem ao menos um reconhecimento oficial, foram parar de algum modo ao ramo de manutenção do Exército Alemão, e não tardou que aprendessem a ser técnicos de foguetes. Agora andavam simplesmente à solta. Desenfreados. Não haviam sido internados como prisioneiros de guerra, pelo que sabe o Marvy, nem sequer foram desarmados. «Já não bastava termos de nos preocupar com os Russos, os franciús, os anglos — ui, desculpe lá, amigo. Agora não só temos pretos, como pretos *krauts*. Bom, Jesus. No Dia V-E praticamente em todo o sítio que havia um foguete, havia um preto. Nunca baterias só com escrumbas, comprehenda. Nem mesmo os krauts podiam ser *tão* toscos! Uma bateria, são 81 homens, *mais* todo o apoio, o controlo de lançamentos, energia, combustíveis, a supervisão — ó compincha, isso ia ser um arraial de pretos todos no mesmo sítio. Mas ainda andarão eles para aí todos espalhados, como andavam? Se você descobrir, tem uma *cacha*, amigo. Por que s'eles agora se juntarem, oh isso vai ser uma *ca-a-a-arga* de trabalhos! Há pelo menos duas dúzias dentro

daquele vagão — mesmo ali em baixo, veja. E-e eles estão *a caminho de Nordhausen*, pá!» um dedo gordo a embater-lhe no peito com cada palavra, «hã? O qu’é que você pensa que eles têm em mente? Sabe o que eu penso? Eles têm um *plano*. Pois. Eu acho que são os foguetes. Não me pergunte como, é qualquer coisa que eu sinto aqui, no meu coração. E-e sabe, isso é *terrivelmente* perigoso. Não se pode confiar *neles* — Com *foguetes*? Eles são uma raça acriançada. Os cérebros são mais pequenos.»

«Mas a nossa paciência», sugere agora uma calma voz vinda das trevas, «a nossa paciência é enorme, embora porventura não ilimitada.» Dizendo isso, um alto Africano com barba imperial completa avança e agarra o gordo Americano, que tem tempo para soltar um curto berro antes de ser corporalmente atirado borda fora. O Slothrop e o Africano vêem o Major ficar a saltitar pelo talude atrás deles, braços e pernas voando, perdendo-se de vista. Abetos povoam os montes. Um luar em crescente ergueu-se sobre um cume agreste.

O homem apresenta-se-lhe em inglês, como o Oberst Enzian, do Schwarzkommando. Pede-lhe desculpa pela sua manifestação de mau génio, nota a faixa no braço do Slothrop, recusa uma entrevista antes que o Slothrop possa dizer uma palavra. «Não há história nenhuma. Nós somos Desalojados, como todos os outros.»

«O Major parecia preocupado por vocês se dirigirem para Nordhausen.»

«Para muitos será um incómodo, bem sei. Mesmo assim, não é tão problemático como —» Perscruta o Slothrop. «Hmm. Você é mesmo correspondente de guerra?»

«Não.»

«Um agente livre, diria eu.»

«Não sei se serei assim tão livre, ó Oberst.»

«Mas você é livre. Todos o somos. Vai ver. Não tardará muito.» Ele recua ao longo da espinha do vagão de mercadorias, acenando-lhe uma amistosa despedida alemã. «Não tardará muito...»

O Slothrop senta-se no tejadilho, esfregando os seus pés descalços. Um amigo? Um bom augúrio? *Soldados negros dos foguetes?* Que merda de bizarria é esta?

Ah, bom dia malta, vamos lá começar
Com um estouro, adeus à
Dâ-bliu Dâ-bliu Do-o-o-is!
A luta está a acabar e agora é só farrar
E eu venho cá trazer-te o sol, pois —
Ouve lá Germano Alamano, pára co'a bulha e co'a trolha
Não sabes que vamos a casa p'ra lá ficar —
Não, nunca há uma cara feia, aqui na Foguetória e Pacóvia Aldeia,
Onde cada dia é um belo dia —
(Pára co'as queixas, Gretchen!)
Vão até lá e passem um belo diiii-aaa!

Nordhausen pela manhã: o prado é uma salada verde, viçosa de gotas de chuva. Tudo está fresco, lavado. O Harz ergue-se em todo o redor, encostas escuras barbadadas até ao cimo com espruces, abetos e larícios. Casas de altas empenas, lençóis de água reflectindo o céu, ruas enlameadas, GIs Americanos e Russos entrando e saindo pelas portas das tabernas e dos economatos improvisados, toda a gente de arma à cinta. Veigas e cotos de árvores cortadas lá em cima nas ladeiras da montanha alagam-se de luz mosqueada enquanto as nuvens de chuva são levadas pelo vento sobre a Turíngia. Há castelos empoleirados por cima da vila, vogando dentro e fora de farrapos de nuvens. Velhos cavalos com enfarruscados joelhos ossudos, pernas curtas e grande peito, puxam carradas de barris, pescoços retesados por duplas cangas presas uma à outra, pesadas ferraduras atirando flores de lama a cada passo molhado, desde as vinhas até às tabernas.

O Slothrop deambula por uma parte da vila que não tem telhados. Pessoas idosas vestidas de negro esvoaçam como morcegos entre as paredes. As lojas e as habitações daqui foram há muito saqueadas pelos trabalhadores forçados libertados do campo de Dora. Muitos desses *paneleiros* ainda andam por aí, com cestas e insígnias do 175 à mostra, lançando olhares húmidos da entrada das casas. Através da montra sem vidraças de uma loja de vestidos, na obscuridade por detrás de um boneco de gesso jazendo calvo e estatelado, braços erguidos para o céu, mãos encurvadas para ramalhetes ou copos de coquetel que jamais tornarão a empunhar, o Slothrop ouve uma rapariga a cantar. Acompanhando-se a si mesma com balalaika. Uma daquelas tristes melodias de som parisiense em 3/4:

O amor nunca fenece,
Nunca morre de certeza,
Há sempre qualquer lembrança
Que nos traz triste surpresa.

Foste para longe de mim,
Uma rosa ficou cá em baixo —
Presa no meu Livro de Horas,
É a rosa que aqui acho...

Embora seja outro ano,
Embora outra a homilia,
Sob a rosa há uma lágrima que seca,
Sob a minha árvore de tília...

O amor nunca fenece,
Não se for bem verdadeiro,
Pode regressar, de noite, de dia,
Terno e verde, novo e faceiro
Como as folhas da árvore de tília, amor,
que eu te deixei por inteiro.

O nome dela acaba por ser Geli Tripping, e a balalaika pertence a um oficial da inteligência Soviética chamado Tchitcherine. De certo modo, a Geli também o faz — a tempo parcial, em todo o caso. Parece que esse Tchitcherine mantém um harém, uma rapariga em cada vila de foguetes da Zona. Pois, mais um maníaco dos foguetes, o Slothrop sente-se um turista.

A Geli fala do seu rapaz. Sentam-se os dois no destelhado quarto dela bebendo um vinho claro conhecido por estes lados como Nordhäuser Schattensaft. No alto, pássaros negros com bicos amarelos rendam o céu, volteando à luz do sol a partir dos seus ninhos no cimo dos castelos da montanha e cá em baixo nas ruínas da cidade. Ao longe, talvez junto ao mercado, um comboio de camiões tem todos os seus motores em ponto morto, o odor dos escapes a derramar-se sobre o labirinto de paredes, nas quais se acumula musgo, escorre água, baratas procuram ganhar vantagem, paredes que confundem o som dos motores de modo que este pareça vir de todas as direcções.

Ela é magra, um pouco desajeitada, muito nova. Em lugar algum dos olhos dela há qualquer sinal de corrosão — poderia ter passado toda a sua Guerra abrigada sob um tecto e a bom recato, tranquila, brincando com pequenos animais da floresta num sítio qualquer da rectaguarda. A sua canção, ela admite-o, suspirando, é sobretudo uma ilusão pela qual anseia. «Quando ele está por fora, está por fora. Quando tu entraste quase pensei que eras o Tchitcherine.»

«Não. Só um esforçado farejador de notícias, é tudo. Nem foguetes, nem haréns.»

«É uma combinação», diz-lhe ela. «Isto por aqui está muito desorganizado. Têm de se fazer combinações. Virás a descobrir.» Virá deveras — ele descobrirá milhares de combinações, a troco de calor, amor, comida, simples movimento ao longo das estradas, pistas e canais. Até o G-5, vivendo a sua fantasia de ser agora o único governo na Alemanha, é somente uma combinação para se ser vitorioso, só isso. Nem mais nem menos real do que todos aqueles outros tão privados, silenciosos, e perdidos para a História. O Slothrop, embora não o saiba ainda, é um estado tão apropriadamente constituído como qualquer outro na Zona por estes dias. Não é paranóia. É assim que é simplesmente. Alianças temporárias, urdidas e desfeitas. Ele e a Geli concluem a sua combinação escondidos das ruas ocupadas por resquícios de paredes, numa velha cama de quatro colunas diante de um escuro tremó. Do lado de fora do telhado que não está lá ele consegue ver uma longa montanha coberta de árvores em ascensão. Vinho no hálito dela, ninhos de penugem nas covas dos braços dela, coxas com a elasticidade de uns rebentos ao vento. Mal a penetrou ainda quando ela se vem, uma fantasia sobre o Tchitcherine em progressão, clara e comoventemente, no rosto dela. Isso irrita o Slothrop, mas não impede que ele próprio se venha.

A parvoíce começa imediatamente na detumescência, perguntas divertidas como, que tipo de aviso circulou por aí para manter toda a gente longe da Geli menos eu? Ou, será que algo em mim lhe faz lembrar o Tchitcherine, e se assim for, *o quê?* E, digam-me cá, por onde anda esse Tchitcherine agora mesmo? Adormece, é despertado

pelos lábios, dedos dela, orvalhadas pernas deslizando ao longo das suas. O sol cruza a secção de céu que é a deles, é eclipsado por um peito, é reflectido nos olhos infantis dela... depois nuvens, chuva para a qual ela levanta um encerado verde com umas lantejoulas que lá pregou, em jeito de dossel... a chuva escorre pelas lantejoulas, sonora e fria. Noite. Ela serve-lhe couve cozida com uma velha colher de família que ostenta um brasão. Bebem mais vinho daquele. As sombras têm suave verdete. A chuva parou. Algures a miudagem anda a pontapear uma botija de gás vazia por cima do empedrado.

Algo surge do céu a bater asas: garras arranham o topo do dossel. «O que é aquilo?» meio acordado e ela ficou outra vez com as cobertas, vá lá Geli...

«O meu mocho», diz a Geli. «O Wernher. Há uma barra de chocolate na gaveta de cima do chiffonier, Liebchen, importas-te de lha dares a comér?»

Liebchen deveras. Saindo aos tropeções da cama, vertical pela primeira vez no dia todo, o Slothrop desembrulha um Baby Ruth, pigarreia para aclarar a garganta, decide não lhe perguntar como é que ela o arranjou porque ele sabe, e atira a coisa para cima do dossel ao tal Wernher. Daí a pouco, novamente os dois deitados, ouvem amendoins a estalar, e um bico a entrechocar-se.

«Barras de chocolate», resmunga o Slothrop. «Mas qual é o problema dele? Tu não sabes que ele devia andar aí por fora à procura de comida, ratos vivos ou outra merda qualquer? Tu transformaste-o num mocho doméstico.»

«Tu também és muito preguiçoso.» Dedos de bebé insinuando-se-lhe nas costelas.

«Bom — eu aposto — pára com isso — eu aposto que o tal Tchitcherine não tem de sair da cama para ir dar de comer àquele mocho.»

Ela esfria, a mão detém-se onde está. «Ele adora o Tchitcherine. Nunca vem cá para ser alimentado, a menos que o Tchitcherine cá esteja.»

O Slothrop fica frio. Mais correctamente, gelado. «Uh, mas, tu não estás a querer dizer que o Tchitcherine esteja mesmo, uh...»

«Devia estar», suspirante.

«Oh. Quando?»

«Hoje de manhã. Está atrasado. Acontece.»

O Slothrop já saído da cama a meio de atravessar o quarto em bicos de pés, uma peúga calçada e outra entre os dentes, cabeça enfiada numa alça da camisola interior, fecho da braguilha encravado, a gritar *merda*.

«O meu bravo Inglês», diz ela numa voz arrastada.

«Porque é que tu não falaste disso antes, Geli, huh?»

«Oh, volta lá para aqui. Já é de noite, ele está com uma mulher num sítio qualquer. Não consegue dormir sozinho.»

«Espero que tu consigas.»

«Chiu. Anda cá. Não podes andar por aí sem nada nos pés. Eu dou-te um par de botas velhas dele e conto-te todos os seus segredos.»

«Segredos?» Atenção aí, Slothrop. «Porque quereria eu saber —»

«Tu não és um correspondente de guerra.»

«Porque é que toda a gente está sempre a dizer isso? Ninguém acredita em mim. Claro que sou um correspondente de guerra.» Apontando a braçadeira para ela. «Sabes ler? Diz “Correspondente de Guerra”. Até tenho um bigode, olha aqui, não tenho? igual ao daquele Ernest Hemingway.»

«Oh. Nesse caso imagino que afinal não andarias à procura do Foguete Número 00 000. Foi só uma ideia disparatada que eu tive. Desculpa.»

Ena pá, vou mesmo pirar-me *daqui*, diz o Slothrop para si mesmo, esta é a conversa de chantagista mais manhosa que eu já vi, rapaz. Quem mais estaria interessado no único foguete que não fazia parte dos 6000 que transportavam o dispositivo de Imipolex-G?

«E também não queres saber do Schwarzgerät para nada», ela a insistir. Ela a insistir.

«Do quê?»

«Também lhe chamam S-Gerät.»

A montagem superior seguinte, Slothrop, lembras-te? O Werner, lá no alto do dossel, está apiar. Um sinal para aquele Tchitchevina, sem dúvida.

Os paranóicos não são paranoides (Provérbio 5) por serem paranoides, mas por estarem sempre a colocar-se, os idiotas do caralho, deliberadamente em situações paranoides.

«Mas afinal o que é que», tirando elaboradamente a rolha a nova garrafa de Nordhäuser Schattensaft, *thoppp*, a melhor imitação do Cary Grant que ele consegue intimar com as entranhas tão apertadas, reabastecendo suavemente os copos, estendendo-lhe um a ela, «uma coisininha, tão doce, e jovem, como você, haveria de saber, sobre foguetes, *n'é verdade?*»

«Eu leio o correio do Vaslav», como se fosse uma pergunta idiota, que o é.

«Não devias andar a gabar-te disso assim com qualquer um. Se ele descobrir, dá cabo de ti.»

«Gosto de ti. Gosto da intriga. Gosto de fazer de conta.»

«Talvez gostes de arranjar sarilhos às pessoas.»

«Está bem.» Estendendo o lábio inferior.

«O.K., O.K., conta-me lá tudo. Mas não sei se o *Guardian* estará interessado. Os meus editores são gente um bocado antiquada, sabes.»

Pele de galinha surge-lhe nos pequenos seios ao léu. «Uma vez posei para um emblema do foguete. Talvez o tenhas visto. Uma bruxa nova e bonita escarranchada num A4. Transportando ao ombro a sua vassoura obsoleta. Fui votada a Querida do 3/Art. Abt. (mot) 485.»

«És uma bruxa a sério?»

«Penso que tenho tendências. Já foste até ao alto do Brocken?»

«A bem dizer, acabei de chegar à cidade.»

«Fui lá acima a todas as Walpurgisnacht desde que tive o meu primeiro período. Levo-te lá, se quiseres.»

«Fala-me lá disso, desse "Schwarzgerät".»

«Julguei que não estavas interessado.»

«Como posso saber se estou interessado ou não se nem sequer sei em *que* devo ou não estar interessado?»

«Tu deves ser um correspondente. Tens jeito para as palavras.»

Tchitcherine surge de rompante pela janela, um Nagant a cintilar-lhe no punho. Tchitcherine aterra num pára-quedas e derruba

o Slothrop com um golpe de judo. O Tchitcherine enfia um tanque Stalin até meio do quarto, e atinge o Slothrop com um projétil de 76 mm. Obrigado por o empatares, Liebchen, ele era um espião, bom, adeuzinho, eu cá vou para Peenemünde e para uma núbil meretriz polaca com mamas que parecem gelado de baunilha, depois falo contigo.

«Tenho de me ir embora, acho eu», diz o Slothrop, «a máquina de escrever precisa de uma fita nova, tenho de afiar os lápis, tu sabes como isto é —»

«Já te disse, ele não vem cá hoje à noite.»

«Porquê? Anda por aí atrás do tal *Schwarzgerät*, eh?»

«Não. Ele não ouviu a última. A mensagem veio ontem de Stettin.»

«Às claras, evidentemente.»

«Porque não?»

«Não podia ser muito importante.»

«Está à venda.»

«A mensagem?»

«O S-Gerät, seu chato. Um homem em Swinemünde pode ir buscá-lo. Meio milhão de francos suíços, se estiveres no mercado. Ele está à espera na Strand-Promenade, todos os dias até ao meio-dia. Há-de vestir um fato branco.»

Ah sim? «O Blodgett Waxwing.»

«Eu não disse o nome. Mas não creio que seja o Waxwing. Esse mantém-se mais perto do Mediterrâneo.»

«Tu sabes do que falas.»

«O Waxwing já é uma lenda na Zona. Tal como o Tchitcherine. Tal como tu, pelo que sei. Qual era o teu nome?»

«Cary Grant. Ge-li, Ge-li, Ge-li... Ouve, Swinemünde, isso é na zona soviética, não é.»

«Pareces um Alemão a falar. Esquece as fronteiras agora. Esquece as subdivisões. Não há nenhuma.»

«Há soldados.»

«É verdade.» Especada a olhar para ele. «Mas isso é diferente.»

«Oh.»

«Hás-de aprender. Foi tudo suspenso. O Vaslav chama-lhe um “interregno”. Tu só tens de te deixar levar por isso.»

«Vou deixar-me levar até lá agora mesmo, miúda. Obrigado pela informação, e uma mão no chapéu do Scuffling para ti —»

«Por favor fica.» Enroscada na cama, os olhos dela prestes a inundarem-se de lágrimas. Ai, merda, Slothrop meu tanso... mas ela é só uma miudinha... «Anda cá...»

Logo que ele lho põe lá dentro, porém, ela fica malévola e um pouco doida, arranhando-lhe pernas, ombros, e cu com umas unhas roídas tão afiadas como uma serra. O atencioso Slothrop está a tentar evitar vir-se até ela estar pronta quando de repente qualquer coisa pesada, com penas, e muitas pontas vem embater-lhe ao fundo das costas, ali ressalta fazendo-o soltar-se e afinal à Geli também ZONNGGG! eeeeeee... oh, ena pá. Batem asas e o Wernher — pois é ele — ascende para a escuridão.

«Raio do pássaro», grita o Slothrop, «se ele tenta fazer aquilo outra vez enfio-lhe um Baby Ruth pelo cu acima, pá —» é uma conspiração é uma conspiração é *condicionamento pavloviano!* ou qualquer coisa assim, «o Tchitcherine treinou-o para fazer aquilo, certo?»

«Errado! Eu treinei-o para fazer aquilo.» Ela está a sorri-lhe com tamanha felicidade de menina de quatro anos sem nada a esconder, que o Slothrop decide acreditar em tudo o que ela lhe está a contar.

«Tu és uma bruxa.» Paranóico que ele é, enrosca-se debaixo das cobertas com a feiticeira de pernas compridas, acende um cigarro, e apesar dos infindáveis Tchitcherines pulando sobre as paredes destelhadas com arsenais de desastre todos para ele, até cai adormecido, pouco depois, nos braços nus e abertos dela.



É uma alvorada de desenhos aos quadradinhos dominicais, céu muito azul com berrantes nuvens rosadas nele. A lama sobre o empedrado é tão escorregadia que reflecte a luz, de modo que se anda não em ruas mas numas longas postas raiadas de carne crua, jarrete de lobisomem, presunto da Besta. O Tchitcherine tem grandes pés. A Geli teve de enfiar pedaços de uma camisa velha dentro das biqueiras das botas dele para que estas servissem ao Slothrop. Evitando constantemente jipes, camiões de dez toneladas, russos a cavalo, ele finalmente apanha boleia de um primeiro-tenente americano com 18 anos de

idade num carro de serviço Mercedes cinzento com amolgadelas por todo ele. O Slothrop cofia bigodes, põe à vista a braçadeira, sentindo-se na defensiva. O sol já está quente. Há um cheiro a árvores persistentes nas montanhas. Este barra ao volante, adstrito à companhia de tanques que guarda o Mittelwerke, não pensa que o Slothrop venha a ter alguma dificuldade em entrar. Os ingleses do GOPE já lá foram e de lá voltaram. Agora mesmo o pessoal da Manutenção do Exército Americano anda atarefado a encaixotar e a expedir partes e ferramentas para uma centena de A4s. Uma grande trabalheira. «A tentar pôr tudo aquilo dali para fora antes que os Russos venham tomar conta.» Interregno. Todos os dias aparecem civis e burocratas, turistas de alto nível, para contemplarem e dizerem ena. «Acho que nunca ninguém os tinha visto tão grandes. Não sei o que é. Como que uma multidão burlesca. Não é para fazer nada, vimos só cá para ver. A maior parte deles traz câmaras. Reparei que você não. Temos umas para alugar no portão principal, se estiver interessado.»

Uma de muitas falcaturas. O cozinheiro James Amarello arranjou uma bela carretazita de sanduíches, consegue-se ouvi-lo pelos túneis a apregoar, «Venham buscá-las! Quentes e frias e a abarrotar de legumes!» E haverá gordura nos copos de metade daqueles vorazes tolos daí a cinco minutos. O Nick de Profundis, a grande esponja da companhia, surpreendeu toda a gente ao transformar-se, dentro da cabina telefónica destes espaços fabris aqui, num enérgico homem de negócios, que vende lembranças do A4: pequenos artigos que podem ser adaptados a chaveiros, molas de notas ou uma pregadeira para aquela rapariga especial lá da terra, queimadores em latão vindos das câmaras de combustão, esferas dos rolamentos dos servofreios, e esta semana o artigo em destaque parecem ser as bolotas dos diódos SA 100, engracadas valvulazinhas de mistura rapinadas das unidades Telefunken, e as ainda mais raras SA 102, que evidentemente atingem um preço mais elevado. E há o «Micro» Graham, que deixou crescer as suas patilhas e se acoita nos Stollen em que os crédulos visitantes se tresmalham: «Pssst.»

«Pssst?»

«Esqueça.»

«Bom você agora deixou-me curioso.»

«Achei que você parecia bom tipo. Está a fazer a visita completa?»

«Eu-eu só me afastei deles por um segundo. A sério, vou já voltar para lá...»

«Acha aquilo um pouco aborrecido?» O oleoso Micro avança sobre a sua presa. «Já pensou para si próprio: "O que aconteceu *realmente* aqui?"?»

O visitante que esteja pronto a despender somas extravagantes raramente fica desapontado. O Micro conhece as portas secretas das passagens rochosas que levavam até Dora, o campo prisional próximo do Mittelwerke. A cada membro do grupo é atribuída a sua lanterna eléctrica. Há uma instrução básica, apressada, do que se há-de fazer no caso de algum encontro com os mortos. «Lembrem-se de que eles aqui estiveram sempre na defensiva. Quando os Americanos libertaram Dora, os prisioneiros que ainda estavam vivos fizeram uma razia ao material — saquearam, comeram e beberam até caírem. Para outros, a Morte veio como o Exército Americano, e libertou-os espiritualmente. Estão portanto aptos a andarem agora em razia espiritual. Guardem os vossos pensamentos. Usem o equilíbrio natural do vosso espírito contra eles. Eles hão-de tentar apanhar-vos em desequilíbrio, lembrem-se.»

Uma atracção popular é o elegante guarda-fato de trajes espaciais Raumwaffe, desenhados pelo famoso costureiro militar Heini de Berlim. Não somente há ali apetrechos suficientemente encantadores para empolgarem até os juvenis protagonistas de uma opereta espacial, incluindo as estranhamente coloridas imagens televisivas que lhes tremeluzem nas unhas dos pés, como o Heini até pensou em sedas para os pequenos e divertidos Jockeys Espaciais (Raum-Jockeyer) com as suas chibatas eléctricas, que um dia andarão a zunir do lado de fora do clarão limítrofe da Raketen-Stadt, montando «cavalos» de meteorito polido todos eles com o mesmo rosto estilizado (uma imagem em alto-contraste do cavalo que vos segue, a ênfase nos seus olhos dementes, nos seus dentes, na treva sob os seus quartos traseiros...), com os gases propulsores bufando-lhes como peidos para fora das pontas das suas caudas — os juvenis protagonistas gargalham conjuntamente neste atrevido momento de sanitário, e lentamente,

naquilo que pouco mais é do que um suspiro de gravidade aqui, vão-se balanceando, cada um deles radiante numa exibição de plástico fluorescente, de regresso à Valsa, à estranhamente comunal Valsa do Futuro, um coral ligeiramente, inquietantemente granuloso e dissonante aqui implicado no rodopiante silêncio dos rostos, as omoplatas expostas de um jeito tão espacial-Vienense, tão exausto com o Amanhã...

A seguir vêm — os Elmos Espaciais! De início pode ficar-se assustado, ao notar que eles parecem ter sido moldados a partir de caveiras. Pelo menos a cúpula superior deste desagradável aparato de cabeça é certamente o crânio de alguma criatura antropóide construída em maior escala... Talvez os Titãs vivessem por baixo desta montanha, e os crânios deles fossem colhidos como cogumelos gigantescos... Os visores oculares estão equipados com lentes de quartzo. Podem encaixar-se lá filtros. O osso nasal e os dentes superiores foram substituídos por um aparato respiratório em metal, cheio de frestas e redes. Correspondendo à mandíbula há uma secção aparelhada, quase que um bragal facial, em ferro e ebonite, que talvez albergue uma unidade de rádio, projectando-se para diante com negra fatalidade. Por mais alguns marcos é-se autorizado a enfiar um desses elmos. Uma vez dentro *dessas* cavernas amarelas, espreitando agora para fora através de órbitas de densidade neutra, o som da nossa respiração silvando por cima e em torno dos espaços ósseos, aquilo que se pensava era que um espírito equilibrado de pouco vale. O comportamento em que o Schwarzkommando estava acantonado já não é uma divertido mostruário de selvagens nativos assumindo costumes do século XXI. As cabaças de leite parecem apenas ser feitas de um plástico qualquer. No local onde a tradição diz que Enzian teve a sua Iluminação, no decurso de um sonho húmido em que ele copulava com um esguio foguete branco, há escura mancha, milagrosamente ainda húmida, e um cheiro que se comprehende destinar-se a ser o do sémen — mas na realidade está mais próximo do do sabão, ou da lixívia. As pinturas das paredes perdem a sua intencional crueza primitiva e adquire primitiva espacialidade, profundidade e brilho — transformam-se, deveras, em dioramas sobre o tema «A Promessa da Viagem Espacial». Vivamente iluminada pela luz de

carboneto que silva e cheira ao mau hálito de alguém que nos é muito familiar, a visão impõe-se ao nosso olhar. Ao fim de poucos minutos torna-se possível discernir autêntico movimento por lá, mesmo nas imensas distâncias implicadas pela escala: sim, estamos agora a descer o último contraforte da nossa trajectória até ao interior da Raketen-Stadt, uma difícil noite de tempestade magnética atrás de nós, correntes eléctricas parasitárias fiscando ainda através de todo o nosso aço como gotas de chuva presas nas janelas dos veículos... sim, é uma Cidade: leguminosos «Chi-*fa*»s e «Olhem-me só para isto!»s perdem-se em ecos enquanto nos amontoamos à volta do brilho da janela neste subterrâneo salgado... Estranhamente, estas não são as simetrias que estamos programados para esperar, nem de todo as aletas, as arestas aerodinâmicas, os pilones, ou os meros sólidos geométricos da visão oficial — *isso* é para os enfaixados funcionários que andam lá atrás na Visita, nos Stollen numerados. Não, esta Cidade do Foguete, tão alvamente iluminada contra a serena obscuridade do espaço, foi montada deliberadamente Para Evitar a Simetria, Permitir a Complexidade, Introduzir o Terror (do Preâmbulo aos Artigos de Imaquinção) — mas os turistas têm de relacionar o aspecto daquilo com os das coisas que eles recordam dos seus tempos e planeta — até à garrafa de vinho quebrada na doca, às pinhas de coníferas correndo mais que a Morte desde há milénios, estradas de betão abandonadas há anos, penteados do final dos anos 1930, moléculas de indol, especialmente *indoles polimerizados*, como no Imipolex G —

Espera — qual deles estava a pensar isso? Monitores, resolvam o assunto, *rápido* —

Mas o alvo afasta-se. «Eles encarregam-se da sua própria segurança lá dentro», diz o jovem barra ao Slothrop, «nós só aqui estamos como Guarda de Superfície. A nossa responsabilidade termina no Stollen Número Zero, Energia e Luz. A bem dizer para nós é um trabalho bastante ameno.» A vida é boa, e ninguém anseia grandemente ser transferido para outro sítio. Há fräuleins para foder, cozinhar, e lavar a roupa suja. Ele pode encaminhar o Slothrop para chamarpe, peles, câmaras, cigarros... Não pode estar só interessado por foguetes, não é, isso é de doidos. Ele tem razão.

Um dos mais doces frutos da vitória, após dormir e rapinar, deve ser a possibilidade de ignorar os sinais de estacionamento proibido. Há Ps barrados dentro de círculos por toda a parte, pregados nas árvores, presos em barrotes, mas as principais entradas dos túneis estão razoavelmente bloqueadas por veículos quando o amachucado Mercedes lá chega. «Merda», berra o jovem tanquista, desliga o seu motor e deixa o Alemão mal estacionado em nenhum ângulo particular sobre o amplo amental de lama. Também deixa as chaves no carro, o Slothrop vai aprendendo a reparar em coisas dessas...

A entrada para o túnel tem a forma de uma parábola. O Toque de Albert Speer. Durante os anos 1930 alguéém dava grande importância às parábolas sabe-se lá porquê, e o Albert Speer tinha então a seu cargo a Nova Arquitectura Alemã, e mais tarde passou a ser Ministro das Munições, e principal cliente nominal dos A4. Esta parábola aqui foi por acaso inspiração de um discípulo do Speer chamado Etzel Ölsch. Ele notara esta forma de parábola nos viadutos da Autobahn, nos estádios desportivos u.s.w., e pensara que era a coisa mais contemporânea que jamais vira. Imagine-se o seu espanto ao descobrir que a parábola era também a forma do caminho pretendido para o foguete através do espaço. (O que ele na realidade disse foi, «Oh, isso é simpático.»). Fora a mãe dele que lhe dera um nome vindo de Átila o Huno, e nunca ninguém descobriu porquê. A parábola dele tem um grande vão, e os carris da ferrovia passam por baixo, aço rumo às sombras. Camuflagem de pano presa em travessas a encaracolar-se para trás nas bordas. A montanha continua a inclinar-se por ali acima, penedos despontando aqui e além entre os arbustos e as árvores.

O Slothrop apresenta o seu espantástico passe do SHAEF, assinado pelo Ike e mais autêntico ainda, pelo coronel que dirige a «Missão Especial V-2» americana a partir de Paris. Uma especialidade da casa à moda do Waxwing. A Companhia B do 47.º da Infantaria Blindada, 5.ª Divisão de Blindados, parece andar atrás de algo mais do que a segurança deste local. Um encolher de ombros diz ao Slothrop para seguir avante. Há muita descontração, falas arrastadas e humor campestre por estas bandas. Alguém deve ter andado a enfiar o dedo no nariz. Alguns dias mais tarde o Slothrop encontrará um pedaço

de ranho ressequido no cartão, um visto castanho e cristalino para Nordhausen.

Passando entre as torres de vigia encimadas de branco. Transformadores zumbem pela manhã primaveril. Algures chocalham correntes e é baixada uma comporta. Entre sulcos, pontos elevados, cristas de lama começam a secar ao sol, a aligeirarem-se e a desfazerem-se. Ali por perto intromete-se o ruidoso bocejo e espreguiçadela matutinos de um apito de comboio. Passa-se por um montão de brilhantes esferas de metal à luz do dia, com o cómico letreiro PER FAVOR NON APERTAR LA UNIDADE DI OXIGÉNIO, EH? há quanto tempo, há quanto tempo andam vocês a sfacimar este país... Passa-se por baixo da parábola e da alegoria, direito à montanha, a luz do sol foi-se, entra-se no frio, no escuro, nos longos ecos do Mittelwerke.

Há aquela não-muito-rara desordem de personalidade conhecida como Tannhäuserismo. Alguns de nós adoram ser levados para baixo de montanhas, e nem sempre com entesoadas expectativas — Vénus, Frau Holda, os deleites sexuais dela — não, muitos vêm, na verdade, pelos gnomos, as criaturas mais pequenas que nós, pelo modo sepulcral como o tempo se estende ao longo das nossas encauzadas passeatas cá em baixo, discretamente através de pátios que se prolongam por quilómetros, sem qualquer ansiedade por nos podermos perder... ninguém se põe a olhar, ninguém está à espera de nos julgar... fora do olhar público... até um Minnesinger precisa de ficar a sós... longos passeios de interior em dias enevoados... o conforto de um local fechado, onde toda a gente está em completo acordo com a Morte.

O Slothrop conhece este sítio. Não tanto dos mapas que ele teve de estudar no Casino quanto por o conhecer ao modo em que sabemos que *algum* está ali...

Os geradores das instalações continuam a fornecer energia. Raramente uma mera lámpada se apagará numa região de luz. Tal como a escuridão é minada e transportada de local em local como mármore, também a lámpada é o escopro que a retira da sua inércia, e se tornou um dos grandes ícones secretos da Humildade, as multidões que vão passando por Deus e pela História. Quando os prisioneiros

da Dora procederam à sua razia, as lâmpadas do estaleiro dos foguetes foram as primeiras a desaparecer: antes da comida, antes das delícias que haveriam de ser furtadas dos armários médicos e da farmácia do hospital no Stollen Número 1, essas imagens quebráveis, desligadas (na Alemanha a palavra para tomada eléctrica é também a palavra para Mãe — portanto, também órfãs de mãe) eram aquilo que os «libertados» tinham de levar...

O traçado básico da fábrica foi uma outra inspiração do Etzel Ölsch, uma inspiração Nazi como a parábola, mas uma vez mais também um símbolo que pertencia ao Foguete. Imaginem-se as letras SS, cada uma delas um pouco esticada no sentido do comprimento. Esses são os dois túneis principais, enfiados bem mais de um quilómetro e meio dentro da montanha. Ou imagine-se uma escada de mão provida de uma leve torcedura em S, deitada ao comprido: 44 Stollen ou túneis de cruzamento fazendo de travessas, ligando os dois principais. Várias dezenas de metros de montanha rochosa, no ponto mais fundo, pesando sobre tudo isso.

Mas a forma é mais do que um alongado SS. O aprendiz Hupla entra um dia a correr para contar ao arquitecto. «Mestre!» grita ele. «Mestre!» O Ölsch arranjou aposentos no Mittelwerke, isolados da fábrica ao fundo de algumas galerias privadas que não surgem em qualquer mapa do local. Ele anda a ficar dominado por uma ideia grandiosa do que deve ser a vida de um arquitecto por aqui, insistindo agora no título «Mestre» por parte de todos os seus ajudantes. Essa não é também a sua única excentricidade. Os últimos três desenhos que ele propôs ao Führer eram todos eles visualmente excelentes, em belíssimo estilo Nova Alemanha, só que nenhum dos edifícios se aguentará em pé. Parecem bastante normais, mas são concebidos para caírem, como os homens gordos na ópera caindo adormecidos no regaço de alguém, pouco após se encaixar o último rebite, se retirarem os últimos moldes à estátua alegórica recentemente colocada. Esse é que é o problema aqui do Ölsch com o «impulso de morte», como lhe chamam os ajudantezinhos: isso suscita muito falatório no comissariado durante as refeições, e atrás dos potes de café junto às pétreas e mal iluminadas docas de carregamento... Está-se agora bem para além do pôr-do-sol, cada secretária neste vão abobadado, quase

exterior, tem a sua própria luz incandescente acesa. Os gnomos estão ali sentados, à noite, tendo apenas os seus bolbos a luzir condicionalmente, precariamente... tudo poderia ficar às escuras com tanta facilidade, no próximo segundo... Cada gnomo trabalha diante do seu estirador. Ficaram a trabalhar até tarde. Há um prazo — não é claro se eles estão a fazer horas extraordinárias para o cumprirem, ou se já o ultrapassaram e estão ali por castigo. Regressado ao seu gabinete, o Etzel Ölsch pode ser ouvido a cantar. Canções de mau gosto, de baixa cervejaria. Agora está a acender um charuto. Tanto ele como o gnomo Aprendiz Hupla que acabou de entrar sabem que este é um charuto explosivo, colocado no seu humidificador como gesto revolucionário por pessoas desconhecidas mas tão desprovidas de poder que isso nem interessa — «Espere, Mestre, não acenda isso — Mestre, apague isso, por favor, é um *charuto explosivo!*»

«Prossiga, Hupla, com a inteligência que deu azo à sua entrada tão mal-educada.»

«Mas —»

«Hupla...» Bufando magistrais nuvens de fumo de charuto.

«É-é sobre a forma dos túneis aqui, Mestre.»

«Não se ponha com essas hesitações. Eu baseei o desenho no traço do duplo relâmpago, Hupla — o emblema SS.»

«Mas também é um duplo signo integral! Sabia disso?»

«Ah. Sim: Summe, Summe, como disse Leibniz. Bom, não será isso —»

BLAM.

Muito bem. Mas o génio do Etzel Ölsch era ser fatalmente receptivo ao imaginário associado ao Foguete. No espaço estático do arquitecto, ele poderia ter usado um duplo integral uma vez ou outra, no início da sua carreira, para achar volumes sob superfícies cujas equações eram conhecidas — massas, momentos, centros de gravidade. Mas há muitos anos que ele não tem de lidar com algo de tão básico. Hoje em dia a maior parte dos seus cálculos é em marcos e pfennigs, não em funções de idealísticos r e θ , de ingénuos x e y ... Mas no espaço dinâmico do Foguete vivo, o duplo integral tem um significado diferente. Integrar é aqui operar num ritmo de mudança para que o tempo seja eliminado: a mudança é imobilizada... «Metros

por segundo» será integrado em «metros». O veículo em movimento é imobilizado, no espaço, para se tornar arquitectura, e intemporal. Nunca foi lançado. Nunca há-de cair.

Na orientação, eis o que acontecia: um pequeno pêndulo era mantido centrado por um campo magnético. Durante o lançamento, vencendo os *gs*, o pêndulo balouçava à ré, descentrado. Havia uma bobina presa a ele. Quando a bobina se movia pelo campo magnético, afluía corrente eléctrica à bobina. Quando o pêndulo era puxado para *fora* do centro pela aceleração do lançamento, a corrente passava — quanto mais aceleração, mais passava. Por isso o Foguete, do seu lado do voo, sentia primeiro a aceleração. Os homens, que o rastreavam, sentiam primeiro a posição ou a distância. Para passar da distância à aceleração, o Foguete tinha de integrar por duas vezes — precisava de uma bobina móvel, transformadores, célula electrolítica, ponte de diódos, um tétrodo (uma grelha adicional para ir verificando o emparelhamento dos condensadores no interior do tubo), uma elaborada dança de precauções na concepção para chegar àquilo que os olhos humanos viam antes de tudo — a distância ao longo do trajecto de voo.

Lá estava outra vez aquela simetria invertida, aquela que escapara ao Pointsman, mas não à Katje. «Uma vida própria», dissera ela. O Slothrop lembra-se do relutante sorriso dela, da tarde mediterrânea, da retorcida casca saída de um tronco de eucalipto, no mesmo tom cor-de-rosa, naquela luz que esmorecia, que o das calças de oficial americano que o Slothrop usara em tempos, e o ácido, o pungente cheiro das folhas... A corrente, chegando à bobina, passava por uma ponte de Wheatstone e carregava um condensador. A carga era o tempo integral da corrente que afluía à bobina e à ponte. As versões avançadas deste chamado sistema de orientação «IG» integravam por duas vezes, de modo que a carga acumulada de um lado do condensador crescesse na proporção directa da distância a que o Foguete viajara. Antes do lançamento, o outro lado da célula fora carregado a um nível que representasse a distância até um ponto particular no meio do espaço. O Brennschluss exactamente aí faria o Foguete ir acertar 1000 metros a leste da Estação de Waterloo. No

instante em que a carga (B_{iL}) acumulada em voo igualasse a carga preestabelecida (A_{iL}) do outro lado, o condensador descarregava. Fechava-se um interruptor, era cortado o combustível, terminava a queima. O Foguete estava por sua conta.

Esse é um dos sentidos da forma dos túneis aqui em baixo no Mittelwerke. Um outro poderá ser a antiga runa que representa o teixo, ou a Morte. O duplo integral estava no subconsciente do Etzel Ölsch para o método de encontrar centros ocultos, inéncias desconhecidas, como se lhe tivessem sido deixados monólitos ao crepúsculo, deixados para trás por alguma ideia corrompida de «Civilização», na qual águias moldadas em betão estão a dez metros de altura aos cantos dos estádios em que o povo, uma ideia corrompida de «Povo», se vai reunindo, em que os pássaros não voam, em que centros imaginários lá muito ao fundo da sólida fatalidade de pedra são pensados não como «coração», «plexo», «consciência» (a voz que aqui fala torna-se mais irónica, mais próxima das lágrimas que não são inteiramente teatro, enquanto a lista prossegue...), «Santuário», «sonho de movimento», «quistos do presente eterno», ou «parda eminência da Gravidade entre os concílios da pedra viva». Não, como nenhum destes, mas em vez disso um ponto no espaço, um ponto suspenso preciso como o ponto em que a queima deve terminar, nunca lançado, que nunca cairá. E qual é a forma específica cujo centro de gravidade é o Ponto de Brennschluss? Não nos afomitemos a um número infinito de formas possíveis. Há só uma. Muito provavelmente é um interface entre uma ordem de coisas e uma outra. Há um ponto de Brennschluss para cada local de disparo. Eles ainda estão lá no alto, todos eles, uma constelação à espera de ter um 13.º signo do Zodíaco designado para si... mas estão tão perto da Terra que a partir de muitos sítios não podem ser vistos de todo, e a partir dos diferentes sítios no interior da zona em que podem ser vistos, formam padrões completamente distintos...

De duplo integral é também a forma dos amantes enroscados no sono, que é onde o Slothrop gostaria de estar agora — outra vez lá atrás com a Katje, ainda que perdido como se poderia sentir de novo, ainda que mais vulnerável do que agora — ainda que (pois continua honestamente a sentir saudades dela), preservado por acidente, em

modos que ele não pode deixar de ver, acidente de cuja muito mais fria honestidade cada amante somente tem o outro para o proteger... *Poderia* ele viver assim? Concordariam Eles alguma vez em permitir que ele e a Katje vivessem assim? Ele não teve nada a dizer a ninguém acerca dela. Não fora tanto o cavalheiresco reflexo que o levara a editar, a trocar nomes, a inserir fantasias nas patranhas que havia contado ao Lérido lá no gabinete da ACHTUNG, quanto o medo primitivo de ter uma alma capturada por uma semelhança de imagem ou por um nome... Quer preservar dela o que puder das diversas entropias d'Eles, das lisonjas d'Eles e do dinheiro d'Eles: talvez pense que se conseguir fazer tal coisa por ela também poderá fazê-la por si mesmo... embora isso esteja horrendamente próximo da nobreza para Slothrop e d'O Pénis Que Ele Julgava Ser Seu.

Nas condutas revestidas a metal que serpenteiam como uma espinha ao longo da cobertura, gême a ventilação da fábrica. De vez em quando parece soar a vozes. Tráfego vindo de algum local remoto. Não é como se elas estivessem a discutir o Slothrop *directamente*, compreenda-se. Mas ele gostava de conseguir ouvir melhor...

Lagos de luz, transportes de escuridão. O revestimento em betão do túnel deu lugar a pintura branca sobre nodosas e irregulares superfícies, com um ar tão falso quanto o do interior da caverna de um parque de diversões. As entradas para os túneis cruzados vão desfilando como gaitas afinadas com um sopro nos seus boca... em tempos os tornos guinchavam mesmo, os maquinistas jocosos faziam duelos com pequenas almotolias de latão esguichando óleo de corte... sangravam-se nós dos dedos contra rodas de engrenagens, os poros, gretas e sabugos eram apunhalados por finas lascas de aço... tubagens de aço especial e vidro contraíam-se tinindo no ar que parecia ser o do pinho do Inverno, e uma luz ambarina corria em falange entre os pequenos bolbos de néon. Outrora, tudo isso aconteceu. Cá em baixo no Mittelwerke é difícil viver-se o presente por muito tempo. A nostalgia que se sente não é nossa, mas é potente. Todos os objectos ficaram imóveis, afogados, enfraquecidos com noite, noite terminal. Rijas peles de óxidos, algumas só com uma molécula de espessura, envolvem as superfícies de metal, desbotam os reflexos humanos. Correias de transmissão de álcool polivinílico com cor de palha libertam os seus últimos vestígios de odor industrial. Embora

encontrado à deriva e assombrado, cheio de sinais da recente ocupação humana, este não é o lendário navio *Marie-Celeste* — não tem um rumo tão definido, estas pegadas sob os nossos pés fogem à vante e à ré para toda a aquietada Europa, e a nossa carne não sua nem se eriça aqui tanto pelos mistérios domésticos, o horror de sótão do O Que Poderia Ter Acontecido, quanto pelo conhecimento que temos do que provavelmente *aconteceu...* era sempre fácil, em locais abertos e solitários, ser-se visitado por um Pânico temor da imensidão, mas esses são os fanicos urbanos daqui, que vêm ter connosco quando estamos perdidos ou isolados dentro do modo como o tempo está a passar, quando não há mais nenhuma História, nenhuma cápsula de viajar no tempo a que se possa voltar, somente o atraso e a ausência que enchem um grande barracão ferroviário após a capital ter sido evacuada, e os primos da cidade do deus-cabra esperam por nós nas bordas da luz, tocando as melodias que sempre tocaram, mas agora mais audíveis, porque tudo o resto se foi embora ou se quedou silencioso... almas de andorinha, talhadas em acastanhado crepúsculo, erguem-se na direcção dos brancos tectos... existem unicamente na Zona, dão resposta à nova Incerteza. Os fantasmas costumavam ser aparências dos mortos ou espectros dos vivos. Mas aqui na Zona as categorias confundiram-se gravemente. O estatuto do nome que te falta, amor, e por agora a busca tornou-se ambígua e remota, mas isto é ainda mais do que a burocracia da ausência em massa — alguns continuam vivos, alguns morreram, mas muitos, muitos esqueceram a quais desses pertencem. As aparências deles não servirão. Cá em baixo só há invólucros deixados na luz, no escuro: imagens da Incerteza...

A humanidade pós-A4 está em movimento, martelando, e gritando entre os túneis. O Slothrop vislumbrará civis em caqui com insígnias, alinhamentos de capacetes com GE pintado a escantilhão, por vezes obtendo uma saudação, óculos a reluzirem sob uma lâmpada distante, na maior parte das vezes ignorado. Destacamentos militares de trabalho entram e saem em formatura queixando-se, carregando caixotes. O Slothrop tem fome e o James Amarelo não se avista em parte alguma. Mas ninguém cá em baixo irá sequer dizer-lhe olá, e muito menos alimentar, o independente Ian Scuffling. Não, espera,

ora bolas aí vem uma delegação de raparigas com batas de laboratório cor-de-rosa e justas que lhes ficam pelo alto das coxas nuas, trepando pelo túnel acima sobre uns modernos sapatos de cunha dourados «Ah, so reizend ist!» são muitas para abraçar de uma vez só, «Hübsch, was?» ora ora minhas senhoras uma de cada vez, elas estão a soltar risinhos e a procurarem pendurar em redor do pescoço dele luxuriantes grinaldas de porcas prateadas e juntas de manilhas, resistências escarlates e reluzentes condensadores amarelos enfiados como pequenos chouriços, restos de juntas, quilómetros de aparas de alumínio tão encaracoladas e luzidias como a cabeça da Shirley Temple — ouve lá Hogan podes ficar c'as tuas raparigas do hula — e para onde estão elas a levá-lo aqui? para um Stollen vazio, onde todas começam numa fabulosa orgia, que se prolonga por dias e dias, cheia de papoilas, teatro, cantigas, e continuações.

Quando se passa ao Stollen 20 e superiores, o tráfego torna-se mais denso. Esta era a parte dos A4 na fábrica, que o Foguete partilhava com as linhas de montagem da V-1 e dos turbopropulsores. A partir destes Stollen, os 20s, 30s, e 40s, os componentes do Foguete eram passados de modo entrecruzado para as duas principais linhas de montagem. Quando se anda mais para dentro, reconstitui-se o devir do Foguete: superalimentadores, secções centrais, peças do nariz, baterias, controlos, secções da cauda... muitas dessas secções da cauda ainda estão por aqui, empilhadas alternadamente com aletas para cima/aletas para baixo, fila a fila idênticas, superfícies metálicas com covinhas e ondulações. O Slothrop passa rapidamente por elas vendo lá a sua cara, vendo-a pular e deslizar, isto cá em baixo é uma grande casa de diversões subterrânea minha gente... Carretas vazias com pequenas rodas de metal estão acorrentadas umas às outras pelo túnel fora: transportam formas em ponta de seta com quatro lâminas apontadas para o céu — *oh*. Pois — os apoios em bico deviam encaixar dentro dos bocaís de expansão das câmaras de impulsão, pois claro aí vem uma série delas, umas coisas *enormes* tão altas como o Slothrop, uns As maiúsculos pintados a branco perto dos queimadores... Lá em cima as gordas e sinuosas tubagens orladas a branco estão a esconder-se, e as lâmpadas de aço já não soltam mais luz dos seus amolgados reflectores de capacete... pela linha central do túnel

abaixo corre a fileira de colunas do monta-cargas, esguias, cinzentas, os fios expostos trancados em ferrugem há muito instalada... sombras azuis varrem as gaiolas de peças sobresselentes, pousadas em sobrados e em traves que pendem de húmidas colunas de tijolos com o tamanho de uma chaminé... isolamento em lã de vidro pelo chão junto aos carris, amontoado como neve...

A montagem final decorria no Stollen 41. O túnel de cruzamento tem 15 metros de profundidade, para acomodar o Foguete concluído. Sons de pândega, de vozes distintamente desequilibradas, vêm num crescendo por ali acima, reverberando pelo betão. Há pessoal a voltar de novo cá para cima pelo túnel principal com um olhar vítreo e rubicundo nos seus rostos. O Slothrop pisca os olhos para o fundo desse longo poço, e distingue um ajuntamento de Americanos e Russos reunido em torno de um enorme barril de cerveja em madeira de carvalho. Um civil alemão de tamanho gnómico com um rubro bigode à Von Hindenburg está a distribuir steins daquilo que parece ser sobretudo espuma. Os paivantes da manutenção estremecem em quase todas as mangas. Os Americanos estão a cantar

LIMERICKS DO FOGUETE

Em tempos havia uma coisa chamada V-2,
Que nem era preciso saber pilotar, pois —
Era só carregar num botão,
P'ra ela se levantar do chão
E era só mortos, buracos e entulho depois.

A canção é conhecida universalmente entre os rapazes das fraternidades Americanas. Mas por qualquer motivo está aqui a ser cantada ao estilo das Tropas de Assalto Alemãs: as notas calando-se com brusquidão ao fim de cada verso, e depois uma pulsação de silêncio antes de se atacar o verso seguinte.

[Refrão] Ja, ja, ja, ja!
Na Prússia nunca lamberam pelúcia!
Quase nem há gatos que cheguem,

Há lixo e assim já chega,
Por isso, gira outra vez
Ao meu redor, Se vens da Rússia!

Há bêbedos pendurados em escadotes e tombados sobre passadiços. Os vapores da cerveja acumulam-se na longa caverna, entre pedaços de foguete pintados em verde-azeitona, alguns em pé, outros deitados de lado.

Havia um moço chamado Crockett,
Que teve um caso com um foguete.
Se os visses por aí a andar
Ficavas tentado a olhar,
Mas quem não experimentou, nem comente!

O Slothrop tem fome e sede. Apesar do claro e presente miasma de malignidade no Stollen 41, ele começa a procurar uma maneira de descer até lá e se calhar conseguir um bocado daquele almoço. Suce-de que a única maneira de se descer é por um cabo, preso a um guincho lá no alto. Um soldado gordo e parolo está instalado aos coman-dos, chupando numa garrafa de vinho. «Chega-te à frente, Jackson, eu arranjo-te uma boa boleia. Eles ensinaram-me a mexer nestas coi-sas na WPA.» Eriçando o seu bigode naquilo que ele imagina ser um lábio superior hirto, o Ian Scuffling trepa para lá, um pé enfiado num laço de corda, o outro pendendo livre. Um motor eléctrico gême, o Slothrop larga o último corrimão de aço e agarra-se ao cabo enquan-to 15 metros de espaço crepuscular surgem por baixo dele. Uh...

Rolando sobre o Stollen 41, cabeças agitando-se lá muito em bai-xo, espuma de cerveja surgindo como archotes nas sombras — subi-tamente o motor pára e ele está a cair como uma pedra. Oh foda-se, «Muito novo!» berra ele, a voz a sair-lhe outra vez tão aguda que até parece a de um adolescente na rádio, o que normalmente seria emba-raçoso, mas aí vem o chão de betão a correr para ele, consegue ver-lhe todas as marcas do encaixotamento, toda a areia de negros cris-tais da Turíngia sobre a qual ele será derramado — nem sequer um corpo ali por perto para ele se poder safar somente com múltiplas fracturas... Quando lhe restam apenas uns três metros, o soldado

aplica os travões. Um riso maníaco vindo lá de cima e lá de trás. O cabo, completamente retesado, canta sob a mão do Slothrop até este o soltar, cair, e ser gentilmente transportado de cabeça para baixo e pendurado pelos pés, para o meio dos folgazões ao redor da pipa de cerveja que, agora já habituados a esta forma de chegada, se limitam a prosseguir a sua cantoria:

Havia um moço chamado Hector,
Que gostava de um lançador-erector.
Mas os salpicos e o barulhão
Das abruptas quedas de pressão
Avariaram ao Hector o hidráulico conector.

Cada jovem Americano se põe em pé por sua vez (opcional), levantando o seu caneco, e cantando sobre as diferentes maneiras de O Fazer com o A4 ou o equipamento relativo a este. O Slothrop não sabe que estão a cantar para si, e os outros também não. Contempla aquela cena invertida com uma certa inquietude: com o seu cérebro a aproximar-se das fronteiras da vermelhidão, chega até ele a peculiar noção de que é o Lyle Bland quem está ali a segurá-lo pelo tornozelo. É assim transportado majestosamente para as orlas da festa. «Olhal» observa um moço de cabelo à escovinha, «é-é o Tarzan ou isso! Ha! Hal!» Meia dúzia de elementos da Manutenção, já tocados e num tumulto de boa disposição, agarram o Slothrop. Após muitos torções e empurrões, o pé é libertado do seu aro de arame. O guincho regressa a zunir por donde veio, até ao seu jocoso operador e ao próximo tolo que ele conseguir convencer a montar-se ali.

Havia um sujeito chamado Oliva,
Que teve um caso com uma ogiva.
A mulher dele foi-se embora
No dia seguinte porta fora —
Ela nunca fora muito permissiva.

Os Russos bebem imparavelmente e em silêncio, arrastando as botas no chão, fazendo caretas, tentando talvez traduzir estes limericks. Não é claro se os Americanos estão aqui por consentimento

dos Russos ou vice-versa. Alguém impinge ao Slothrop um invólucro de projétil, gelado, espuma a escorrer pelos lados. «Ena, não estávamos à espera de que os Ingleses viessem também. Isto é que é uma festa, huh? Fique por aí — ele demora só um minuto.»

«Mas quem.» Milhares daqueles luminosos vermes contorcem-se por todo o campo de visão do Slothrop, e o pé dele começa de novo a deixar de estar dormente. Oh, esta cerveja aqui está *fria*, fria e amarga do lúpulo, nem vale a pena respirar, gulp, até ela estar toda — hahhhh. O nariz dele ressurge imerso em espuma, o bigode branco e também orlado de borbulhas. De repente vem uma gritaria das margens da companhia. «Cá está ele, cá está ele!» «Dêem-lhe uma cerveja!» «Olá, Major, meninas, cavalheiro!»

Havia um técnico de tez albina
 Que teve um caso com uma turbina.
 Dizia «Tem muito mais chama
 Que uma mulher na cama,
 E gasta-se menos que com bebida final!»

«O que está a acontecer», inquire o Slothrop entre a espuma de uma outra cerveja que se materializou na sua mão.

«É o Major Marvy. Esta é a festa de despedida dele.» Os Manos do Marvy estão todos a cantar «Pois Ele É Bom Companheiro», agora. O que ninguém pode negar se souberem o que é bom para eles, eis a impressão que não se pode deixar de receber...

«Uh, para onde é que ele vai?»

«Embora.»

«Pensei que ele vinha cá ter com a tal GE.»

«Pois claro, quem é que tu pensas que vai pagar a conta disto tudo?»

O Marvy aqui sob a luz subterrânea é menos motivador ainda do que o era ao luar no cimo daquele vagão. As pregas de gordura, os olhos protuberantes e os reluzentes dentes estão aqui mais cinzentos, joeirados mais rudemente. Uma tira de fita adesiva colada atleticamente sobre o arco do nariz, e uma decoração roxa, amarela, e verde ao redor de um olho testemunham a sua rápida jornada pelo talude do caminho-de-ferro abaixo na outra noite. Está a apertar as mãos

de quem lhe deseja as boas-vindas, suscitando ternuras masculinas, prestando especial atenção aos russos — «Bom, *aposto que vocês* temperaram *isso* com um pouco de vodka! Hah?» passando a «Vlad, amigo, com'é que vão esses ossos!» Os Russos não parecem compreender, o que só lhes deixa o sorriso de colmillos, os olhos de ovo-da-Páscoa, de onde se possa tirar sentido. O Slothrop está meramente a fungar espuma para fora do seu nariz quando o Marvy põe os olhos nele e aqueles olhos se tornam verdadeiramente esbugalhados.

«Ali está ele», com um grande rugido, apontando para o Slothrop um dedo trémulo, «por Deus é o filhadaputa do anglo *agarrem-no, rapazes!*» *Agarrem-no, rapazes?* O Slothrop continuando aqui por um momento a mirar o dedo dele, iluminado com divertidos floreados e arabescos de querubínica gordura.

«Ouça, ouça, meu bom homem», começa o Ian Scuffling, altura em que rostos hostis começaram a acercar-se dele. Hmm... Oh, pois é, fugir — ele atira cerveja ao rosto que está mais perto, atira o invólucro de projéctil vazio a um outro, encontra uma abertura entre a multidão, enfia-se por ela e foge, por cima de floridos rostos de bêbedos adormecidos, abobadadas panças de caqui adornadas com manchas de vômito, pelo fundo corredor transversal fora, entre as peças do Foguete.

«Réveille seus cabeças de martelo», o Marvy está aos berros, «não deixem aquele cabrão ir-se embora!» Um sargento com cara de menino e cabelo grisalho, adormecido com uma pistola de lubrificação aninhada contra si, acorda a gritar, «Krauts!» solta um ensurdecedor jacto da sua arma directamente contra o barril de cerveja, que perde a sua metade inferior e lança uma grande golfada de líquido ambarino e espuma para cima dos Americanos que vão em perseguição, metade dos quais prontamente escorrega e cai de cu. O Slothrop atinge o outro extremo do Stollen com bom avanço, e continua a correr por uma escada acima que ali há, galgando dois degraus de cada vez. *Tiros* — estampidos terríveis nesta caixa de som. Ou os Manos do Marvy estão bêbedos demais, ou a escuridão está a salvá-lo. Chega ao cimo sem fôlego.

Agora no outro túnel principal, o Slothrop faz em passo de corrida o longo quilómetro e meio até ao exterior, tentando não pensar

se terá fôlego para tanto. Ainda nem percorreu 60 metros quando a vanguarda surge aos tombos no alto da escada atrás dele. Esconde-se naquilo que deve ser uma estufa de pintura, escorrega numa mancha de húmido verde da Wehrmacht, e vai ao chão, prosseguindo entre grandes manchas de preto, branco, e vermelho antes de ir repousar contra as botas de combate de um idoso em fato de tweed, com alvos bigodes de búfalo de água. «*Gruss Gott.*»

«Ouça, eu acho que aquela gente lá atrás me quer matar. Há algum sítio —»

O velho pisca o olho, indica ao Slothrop que atravesse o Stollen e siga até ao outro túnel principal. O Slothrop repara num fato-macaco com riscas de tinta, e pensa em apoderar-se dele. Passam por mais quatro Stollen, depois uma curva apertada à direita. É uma área de armazenamento de metal. «Olhe para isto.» O velho desce a longa oficina a rir-se entre prateleiras azuis de fita de aço enrolado a frio, montões de lingotes de alumínio, molhos de barras metálicas 3712, 1624, 723... «Isto vai ser mesmo *bom.*»

«Não é para *esse* lado, homem, é daí que eles estão a *vir.*» Mas este duende descomunal já se pôs a puxar o cabo de um guincho que há lá em cima até um alto fardo de barras de Monel. O Slothrop enfia-se naquele fato-macaco, puxa o seu penteado para baixo de modo a cobrir a testa, saca de um canivete e serra pedaços do bigode em ambos os lados.

«Você agora parece o Hitler. Agora é que eles vão *mesmo* querer matá-lo!» Humor alemão. Ele apresenta-se-lhe como sendo Glimpf, Professor de Matemática da Technische Hochschule, em Darmstadt, Conselheiro Científico do Governo Militar Aliado, o que demora um certo tempo. «Agora — trazemo-los para este lado.»

Estou nas mãos de um doido furioso — «Porque não nos escondemos só aqui, até eles se esquecerem do assunto?» Mas lá vêm agora uns ténues gritos pelo túnel acima: «Tudo desimpedido no 37 e no 38, malta!» «Está bem, matulão, vocês aí fiquem com os pares que nós ficamos com os ímpares.» Eles não vão esquecer o assunto, eles em vez disso estão a passar em revista os túneis todos. Estamos em tempo de paz, eles não podem dar tiros nas pessoas em tempo de paz... mas estão bêbedos... ena pá. O Slothrop está borrado de medo.

«O que fazemos?»

«Você é que deve ser o perito em Inglês idiomático. Diga qualquer coisa provocadora.»

O Slothrop espeta a sua cabeça para fora do longo túnel e berra, com a pronúncia mais inglesa de que é capaz, «O Major Marvy não presta!»

«Por aqui!» Sons de botas de GIs a galope, cardas a embaterem no betão e muito outro metal sinistro fazendo também snick... snick...

«Agora», diz radiante o turbulentó Glimpf, pondo o guincho em movimento.

Uma nova ideia ocorre ao Slothrop. Torna a pôr a cabeça de fora e berra «O Major Marvy chupa PRETOS!»

«Acho que devemos apressar-nos», diz Glimpf.

«Ui, pensei agora noutra muito boa sobre a mãe dele.» A folga tem vindo a desaparecer centímetro a centímetro da laçada de cabo entre o guincho e o fardo de barras, que Glimpf preparou para desabar sobre a entrada, se tudo correr bem quando os Americanos por lá aparecerem.

O Slothrop e o Glimpf escapulem-se pela saída oposta. Quando alcançam a primeira curva do túnel, todas as luzes se apagam. A ventilação continua a gemer. As vozes fantasmas no interior dela ganham confiança com a escuridão.

O molho de barras de Monel cai com grande estrondo. O Slothrop toca em parede de pedra, e usa então a parede para se orientar entre esta treva absoluta. O Glimpf continua algures no meio do túnel, nos carris. Não é que respire com dificuldade, mas *continua* a rir-se para si mesmo. Lá atrás ouvem-se os ocos tropeções dos perseguidores, mas ainda não há luz. Há uma suave estridência e um sonoro «Himmel» do velho professor. Os sons da gritaria tornaram-se mais altos e aí estão agora as primeiras lanternas, e é tempo de sair da banheira —

«O que está a acontecer? Por amor de Deus...»

«Venha cá.» O Glimpf colidiu com uma espécie de comboio em miniatura, cujos contornos se conseguem distinguir agora — foi outrora usado para mostrar a fábrica aos visitantes de Berlim. Trepam para bordo do tractor dianteiro, e o Glimpf mexe nuns interruptores.

Bom lá vamos nós, todos a bordo, as luzes devem ter sido tudo o que o Marvy cortou, há faíscas a chisparem lá atrás e agora até mesmo um ventinho. É bom estar em andamento.

Todos os nazizinhos estão a jogar bilhar ou então à macaca
 No Expre-sso do Mittel-werk!
 Todos os bobos Fascistas retorcem os seus bigodes
 Para onde vamos? Não adivinham?
 Rumo ao país que ao fundo dos carris está posto
 Nunca se ouviu falar de carências nem mesmo de imposto
 A Minnie e o Max vão viver tempos a seu gosto,
 No Expre-sso do Mittel-werk!

O Glimpf acendeu uma lanterna de cabeça. Nos túneis transversais que vão desfilando, há figuras em olhares de caqui. Os brancos dos olhos devolvem a luz por um instante antes de ficarem tremeluzindo à distância. Algumas pessoas acenam. Os gritos sofrem o efeito de Doppler e ficam *Hey-eyyy-y-y-y* como as buzinas de automóveis nas passagens de nível quando se regressa a casa de noite na linha do Boston e Maine... O Expresso vai rolando a bom ritmo. Vento húmido passa por eles num assobio. Na retrodispersão da lamparina, podem distinguir-se silhuetas de secções de ogivas, empilhadas sobre os dois pequenos vagões rasos que são puxados pelo motor. Os anões locais fogem e escondem-se ao longo da ferrovia, quase fora da luz. Pensam no pequeno comboio como sendo seu, e sentem-se magoados sempre que as pessoas crescidas vêm mandar nele. Alguns sentam-se sobre pilhas de caixotes, abanando as pernas. Alguns treinam o pino no escuro. Os olhos deles brilham em verdes e vermelhos. Alguns até se baloçam em cordas presas lá no alto, fingindo ataques Kamikaze a Glimpf e Slothrop, gritando «Banzai, banzai», antes de desaparecerem com uma gargalhada. É tudo a brincar. Eles são de facto um muito amigável —

Logo atrás, sonoros como megafones, em aglomerado coral:

Havia um sujeito chamado Slattery

«Oh, merda», diz o Slothrop.

Que gostava da giroscópica bateria.
Com os 50 volts da ficha,
O que lhe restou da picha
Estava molhado, imundo e fedia.

Ja, ja, ja, ja,
Na Prússia nunca lamberam pelúcia, u.s.w.

«Você consegue ir lá atrás e desatrelar aqueles vagões?» quer saber o Glimpf. «Acho que sim...» Mas ele parece ficar a pensar nisso durante horas. Entretanto:

Havia um moço chamado Procópio,
Que se encaixou num *osciloscópio*.
O cíclico traço
Do seu carnal abraço
Ia tão baixo que só se via ao telescópio.

«Engenheiros», murmura o Glimpf. O Slothrop consegue desatrelar os vagões e a locomotiva acelera. O vento está a desfazer todos os pendões Irlandeses, bicos de colarinho, botões de punho, fivelas, e cintos. Atrás deles há um tremendo choque e estrondo, e alguns gritos no escuro.

«Acha que aquilo os parou?»

Mesmo atrás deles, numa harmonia em quatro partes:

Havia um moço chamado Yuri,
Que fodeu o bocal até ao seu tubo de Venturi.
Tornou-se alvo de codícia
No local pela polícia
E passou um mau bocado com o júri.

«O.—K., seus brincalhões! Têm para aí o archote de fósforo?»
«Espera só um pouco, amigão!»

Somente com esse aviso, em ofuscante concussão quebra-se o Gelado Noctiluca, derrama-se através do túnel branco. Durante um ou dois minutos ninguém aqui consegue ver. Existe somente

o rumor da deslocação em diante, através de uma espantosa e perfeita brancura. Brancura sem calor, e cega inércia: o Slothrop sente uma *terrível familiaridade aqui*, um centro que ele tem andado a fintar, a evitar desde que se lembra — nunca alguma vez esteve tão perto como agora do verdadeiro ímpeto do seu tempo: faces e factos que povoaram a sua aprendizagem do foguete, camuflagem e distracção desvanecem-se para o momento branco, o vão e cego puxão nas suas mangas é *importante... por favor... olhe para nós...* mas já é demasiado tarde, é somente vento, somente cargas-g, e o sangue dos seus olhos começou a tocar a brancura de novo em marfim, em roçadelas de ouro e numa rede dê arestas para a rocha quebrada... e a mão que o levou dali torna a pô-lo no Mittelwerke —

«Whoo-wee! Ora *ali* está aquele otáriol!»

Para fora do clarão, facilmente ao *alcance* de um tiro de pistola, emerge uma pesada automotora a diesel, empurrando à sua frente os dois vagões que o Slothrop havia desatrelado, toda ela abarrotando de Americanos desgrenhados, inchados, olhos raiados de sangue, e num ápex, empoleirado de lado sobre os ombros deles, o Major Marvy em pessoa, envergando um gigantesco Stetson branco, e empunhando duas .45 automáticas.

O Slothrop agacha-se atrás de um objecto cilíndrico na traseira do tractor. O Marvy começa a disparar, à toa, inspirado pelo hediondo riso dos outros. O Slothrop por acaso repará agora que aquilo que ele escolheu para se esconder atrás, na verdade, parece ser uma outra ogiva. Se as cargas de Amatol ainda lá estiverem dentro — ouça cá, Professor, a onda de choque de uma bala .45 a esta distância poderia conseguir detonar esta ogiva aqui se atingisse o invólucro? me-mesmo que o detonador não estivesse armado? Bom, Tyrone, isso dependeria de muitas coisas: velocidade de saída, espessura e composição das paredes —

Contando pelo menos com um músculo do braço distendido e com uma hérnia, o Slothrop consegue inclinar e alijar a ogiva para o meio dos carris enquanto as balas de Marvy vão embatendo e ressoando por todo o túnel. Ela ressalta e acaba por repousar inclinada contra um dos carris. Óptimo.

O archote começou a esmorecer. As sombras estão a reocupar as bocas do Stollen. Os vagões à frente do Marvy atingem o obstáculo

com um sólido WHONK! dobrando-se para o alto num V invertido — os travões do diesel guincham em pânico *yi-i-i-i-ke* enquanto a grande locomotiva descarrila, gira, começa a inclinar-se, os Americanos agarrando-se freneticamente às suas pegas, uns aos outros, ao ar vazio. Então o Slothrop e o Glimpf estão a concluir a última curva do signo integral, e há mais um grande choque atrás deles, uma gritaria que se prolonga, ecoante, enquanto eles vêm agora a entrada lá ao fundo, a crescente parábola de verdes encostas de montanha, e a luz do sol...

«Você tinha carro quando veio para cá?» inquire o pestanejante Glimpf.

«O quê?» O Slothrop lembra-se das chaves ainda dentro daquele Mercedes. «Oh...»

O Glimpf abranda a travagem quando eles passam em ponto morto sob a parábola saindo para a luz do dia, e rola até parar de forma suave e respeitável. Fazem umas continências às sentinelas da Companhia B e vão logo rapinar o Mercedes, que continua no mesmo sítio em que o barra o deixou.

Já na estrada, o Glimpf indica por gestos o norte, observando a condução do Slothrop com um olhar de esgueira. Sobem sinuosamente para o Harz, entrando e saindo nas sombras da montanha, odores a pinheiro e a abeto envolvem-nos, guinchando ao efectuar as curvas e por vezes quase saindo fora da estrada. O Slothrop tem o dom inato de seleccionar a mudança errada para todas as ocasiões, e em todo o caso ele está nervoso, olho no retrovisor e na parte de trás da sua cabeça enxameado com carros de transporte de pessoal artilhados e com esquadrões de uivantes Thunderbolts. Ao contornarem uma curva fechada, usando toda a largura do pavimento para o fazerem — um truque manhoso das corridas de automóveis que ele por acaso sabe fazer — quase levam com um camião americano de duas toneladas e meia que vem a descer, as palavras *idiota do cara-lho* claramente visíveis na boca do condutor enquanto eles conseguem passar resvés, os corações a baterem-lhes ao fundo das gargantas, lama dos pneus do camião tombando para cima deles numa grande asa que sacode a carroçaria e cobre metade do pára-brisas.

O sol já passou bastante do seu zénite quando eles param, finalmente, sob uma abóbada florestal com um pequeno castelo delapidado no cimo, centenas de pombos, brancas lágrimas, escorrendo das suas ameias. O verde hábito dos bosques aguçou-se, tornou-se mais frio.

Trepam um sinuoso carreiro pejado de rochas, entre escuros abetos rumo ao castelo ensolarado, denteado e castanho por cima como um pedaço de pão deixado cá fora para todas as suas gerações de pássaros.

«É aqui que você vai ficar?»

«Eu costumava trabalhar aqui. Penso que o Zwitter ainda poderá estar por cá.» Não havia espaço suficiente no Mittelwerke para muitas das funções menores na montagem. Principalmente na dos sistemas de controlo. Por isso eles foram montados em cervejarias, lojas, escolas, castelos, herdades aqui em redor de Nordhausen, qualquer espaço interior de laboratório que o pessoal da orientação conseguisse encontrar. O colega do Glimpf, Zwitter, é da T. H. em Munique. «A habitual abordagem dos Bávaros à electrónica.» O Glimpf começa a fazer uma careta. «Ele é suportável, creio eu.» Sejam quais forem as misteriosas injustiças que derivem de uma abordagem bávara à electrónica, elas removem agora as pestanejadelas de Glimpf, e mantêm-no ocupado em acabrunhada introspecção pelo resto do caminho até lá acima.

Maciço arrulho líquido, amortecido por penugem branca, saúdamos quando eles penetram por uma entrada lateral do castelo. Os soalhos estão sujos e cobertos de garrafas e papéis rasgados. Alguns dos papéis estão carimbados a magenta com GEHEIME KOMMANDOSACHE. Pássaros entram e saem pelas janelas quebradas. Finos feixes de luz entram por fendas e erosões. As partículas de pó, agitadas pelas asas dos pássaros, nunca param de ondear por aqui. Das paredes pendem obscuros retratos de nobres com grandes penteados do tempo de Frederico o Grande, damas com faces lisas e rostos ovais em vestidos decotados cujos metros de seda se derramam no pó e nos batimentos de asas das salas nas trevas. Há merda de pombo por toda a parte.

Por contraste, o laboratório do Zwitter no piso superior está brilhantemente iluminado, bem arrumado, apinhado de balões de vidro,

bancadas de trabalho, luzes de muitas cores, caixas sarapintadas, pastas de arquivo verdes — o laboratório de um louco cientista Nazi! Homem-plástico, onde estás tu?

Há só o Zwitter: atarracado, cabelo escuro apartado ao meio, lentes dos óculos tão espessas como as janelas de uma batisfera, as fluorescentes hidras, enguias, e raias das equações de controlo nadando nos mares por detrás delas...

Mas quando elas vêm o Slothrop, há ali um imediato esclarecimento, e as vítreas barreiras são baixadas. Hmm, T.S., que é isto? Que gente é esta? O que sucedeu às maçãs nas bochechas do velho Glimpf? O que é que um perito Nazi em orientação está a fazer do lado de cá da vedação de Garmisch, com o seu laboratório intacto?

OH... há...
Nazis entre as madeiras,
Fascistas entre os barrotes,
Japoneses sorrindo com dentes tortos
Qu'ainda hão-d'ir-te aos fagotes.
Quando esta guerra acabar,
Vou estar contente outra vez,
Preparando-me pr'aqueles Russos
E pr'o assalto Número Três...

□ □ □ □ □ □

Nos dias em que os engenheiros brancos andavam a disputar os atributos do sistema de alimentação que haveria de vir a ser, um deles aproximou-se de Enzian de Bleicheröde e disse, «Não conseguimos chegar a acordo sobre a câmara de pressão. Os nossos cálculos demonstram que uma pressão operacional de 40 atü seria a mais desejável. Mas todos os dados de que dispomos agrupam-se em torno de um valor de somente uns 10 atü.»

«Então é evidente», respondeu o Nguarorerue, «que devem atender aos dados.»

«Mas esse não seria o valor mais perfeito ou mais eficiente», protestou o Alemão.

«Homem orgulhoso», disse o Nguarorerue. «Que são estes dados, senão revelação directa? De onde vêm eles, senão do Foguete

que há-de vir a ser? Como presumes tu comparar um número que somente derivaste no papel com um número que é do próprio Foguete? Evita o orgulho, e concebe um qualquer valor de compromisso»

— DE *Histórias do Schwarzkommando*,
COMPILADAS POR STEVE EDELMAN

Nas montanhas em redor de Nordhausen e Bleicheröde, ao fundo de poços de minas abandonadas, vive o Schwarzkommando. Por estes dias já não é uma maré militar: eles agora são um povo, os Hereros da Zona, em exílio por duas gerações do Sudoeste Africano. Os primeiros missionários Renanos começaram a trazê-los para a Metrópole, esse grande e enfadonho zoológico, como espécimes de uma raça possivelmente condenada. Foram gentilmente experimentados: expostos a catedrais, soirées wagnerianas, roupa interior do Jaeger, tentando levá-los a interessarem-se pelas suas almas. Outros foram trazidos para a Alemanha como serviçais, por soldados que tinham ido extinguir o grande levantamento Herero de 1904-1906. Mas foi somente após 1933 que a presente liderança aqui chegou, enquanto parte de um esquema — nunca abertamente admitido pelo partido Nazi — para instaurar juntas negras, estados-sombra para a eventual conquista das colónias britânicas e francesas na África negra, segundo o modelo do plano da Alemanha para o Magrebe. Por essa altura o Südwest era um protectorado administrado pela União Sul-Africana, mas o verdadeiro poder continuava a residir nas velhas famílias alemãs coloniais, e essas cooperaram.

Existem agora diversas comunidades subterrâneas perto de Nordhausen/Bleicheröde. Por estes lados são colectivamente conhecidas como Erdschweinhöhle. Isto é uma chalaça dos Hereros, bem amarga. Entre os Ovatjimba, os mais pobres dos Hereros, que não têm gado nem aldeias próprias, o totem animal era o Erdschwein ou oricterope. Foi dele que tiraram o seu nome, nunca lhe comiam a carne, extraíam o seu alimento da terra, tal como ele faz. Considerados proscritos, viviam na savana, ao ar livre. Era provável que nos cruzássemos com eles de noite, os lumes deles ardendo bravamente

contra o vento, fora do alcance das espingardas desde o caminho-de-ferro: parecia não haver outra força além dessa que lhes desse locus no meio daquela devastação. Sabia-se o que eles temiam — não o que eles queriam, ou o que os movia. E tínhamos negócios lá mais adiante, nas minas: por isso, presentemente, enquanto as crepitantes luzes iam ficando para trás, o mesmo sucedia a toda a posterior necessidade de se pensar neles...

Mas enquanto nos afastávamos balouçando, quem era a mulher sozinha na terra, plantada até à altura dos ombros na toca do orictero-pe, uma cabeça expectante enraizada no plano do deserto, com montanhas elevando-se lá ao longe atrás dela, sombriamente dobradas, muito ao longe na noite? Ela consegue sentir a incrível pressão, quilómetros de areia e barro horizontal, contra a sua barriga. Ao fundo do carreiro aguardam os luminosos fantasmas dos seus quatro filhos nascidos mortos, vermes gordos jazendo sem quaisquer oportunidades de conforto entre as cebolas selvagens, um a um, chorando por leite mais sagrado do que aquele que é provado e abençoado nas cabaças da aldeia. Em linha pretérita eles indicaram-lhe este sítio, para estar em contacto com o dom da Terra para a génesis. A mulher sente o poder penetrá-la por todas as portas: um rio entre as suas coxas, luz saltando-lhe pelas pontas dos dedos das mãos e dos pés. E tão seguro e nutritivo como o sono. É uma quentura. Quanto mais a luz do dia se desvanece, mais ela se submete — à escuridão, à descida da água desde o ar. Ela é uma semente na Terra. O sagrado orictero-pe cavou-lhe a sua cama.

Lá no Südwest, o Erdschweinhöhle era um poderoso símbolo de fertilidade e de vida. Mas aqui na Zona, o seu estatuto real não é tão claro.

No interior do Schwarzkmando há forças, no presente, que optaram pela esterilidade e a morte. A luta decorre na sua maior parte em silêncio, durante a noite, nas náuseas e cãibras de gravidezes ou abortos. Mas é luta política. Ninguém está mais perturbado com isso do que Enzian. Ele é aqui o Nguarorerue. A palavra não significa exactamente «líder», mas «aquele que foi posto à prova».

Enzian também é conhecido, embora não na sua cara, como Otyikondo, o Mestiço. O pai dele era um Europeu. Não que isso

o torne único entre os Erdschweinhöhlers daqui: também por lá há agora sangue Germânico, Eslavo e Cigano misturado. Ao longo desse par de gerações, movidos por acelerações desconhecidas nos dias anteriores ao Império, eles foram ganhando uma identidade que poucos conseguem ver como assumindo alguma vez uma forma final. O Foguete terá uma forma final, mas não o seu povo. Eanda e oruzo perderam a sua força por aqui — as linhagens de mãe e pai foram deixadas para trás, no Südwest. Muitos dos primeiros emigrantes até se haviam passado para a fé da Sociedade Missionária Renana muito após terem partido. Em cada povoado, quando o meio-dia projectava as sombras até junto dos donos delas, naquele momento de terror e de refúgio, o omuhona tirava do seu sagrado saco, alma após alma convertida, o cordão de couro ali conservado desde o nascimento do indivíduo, e desfazia o nó do nascimento. Desfeito, era mais uma alma morta para a tribo. Por isso hoje, nos Erdschweinhöhle, cada um dos Vazios transporta uma tira de couro sem nós: é um pedaço do antigo simbolismo que eles acharam útil.

Chamam-se a si próprios Otukungurua. Sim, velhas mãos de África, *deveria* ser «Omakungurua», mas eles têm sempre o cuidado — talvez seja menos saudável do que um cuidado — de destacar que *oma-* somente se aplica aos viventes e aos humanos. *Otu-* é para os inanimados e os ascendentes, e é assim que eles se imaginam. Revolucionários do Zero, tencionam prosseguir aquilo que teve início entre os Hereros após a rebelião de 1904 haver fracassado. Eles querem uma taxa de nascimentos negativa. O programa é o suicídio racial. Eles concluiriam o extermínio encetado pelos alemães em 1904.

Uma geração antes, a decrescente quantidade de nascimentos bem-sucedidos entre os Hereros era um tópico de interesse médico em toda a África austral. Os brancos olhavam para aquilo tão ansiosamente quanto o fariam perante um surto de peste bovina entre o gado. Quão provocador, ver-se a nossa população de súbditos a diminuir assim, ano após ano. O que é uma colónia sem os seus enfarruscados nativos? Qual é a graça se todos eles se vão pôr a morrer? Somente um grande pedaço de deserto, sem mais criadas, sem mais lavradores, sem mais trabalhadores para a construção ou para as minas — espera, espera aí um minuto, sim é o Karl Marx, aquele velho

manhoso e racista a palrar com os dentes cerrados e as sobrancelhas arqueadas tentando fazer crer que aquilo não passa de Mão-de-Obra Barata e Mercados Ultramarinos... Oh, não. As colónias são muito, muito mais. As colónias são as latrinas da alma Europeia, onde um sujeito pode deixar cair as calças e descontrair-se, apreciar o cheiro da sua própria merda. Onde ele pode cair sobre a sua delgada presa rugindo tão alto quanto lhe apetecer, e emborcar o sangue dela com franco júbilo. Eh? Onde ele pode apenas refastelar-se e ter cio e entregar-se a uma macieza, uma receptiva escuridão de membros, de cabelos tão encrespados quanto os pêlos dos seus próprios genitais proibidos. Onde a papoila, a cannabis e a coca crescem plenas e verdes, e não com as cores e estilo da morte, como a cravagem-do-centeio e o agárico, o míldio e os fungos nativos da Europa. A Europa Cristã sempre foi morte, Karl, morte e repressão. Lá para o meio das colónias, pode gozar-se a vida, a vida e a sensualidade sob todas as suas formas, sem causar mal nenhum à Metrópole, nada que conspurque aquelas catedrais, estátuas de mármore branco, nobres pensamentos... Nunca chega de lá notícia alguma. Os silêncios por estes lados são suficientemente vastos para absorverem qualquer comportamento, não importa quão imundo, quão animal ele se torne...

Alguns dos homens de medicina mais racionais atribuíram o declínio de nascimentos dos Herero a uma deficiência de Vitamina E na dieta — outros às escassas possibilidades de fertilização dado o peculiarmente longo e estreito útero da fêmea Herero. Mas por baixo de toda essa conversa razoável, dessa especulação científica, nenhum Afrikaner branco podia negar por inteiro aquilo que se sentia... Algo de sinistro se andava a mover pela savana: começava a olhar-lhes os rostos, especialmente os das mulheres, alinhados por detrás das vedações de espinhos, e sabia-o para além de toda a prova lógica: *havia* ali uma mente tribal em funcionamento, e ela optara por cometer suicídio... Intrigante. Talvez não tenhamos sido tão justos quanto poderíamos ter sido, talvez lhes tenhamos mesmo ficado com o gado e com as terras... e depois os campos de trabalho evidentemente, o arame farpado e as paliçadas... Talvez eles sintam que é um mundo em que já não querem viver. Típico deles, porém, desistirem, arrastaram-se para irem morrer longe... porque é que eles

nem sequer negoceiam? Poderíamos chegar a uma solução, uma solução *qualquer...*

Era uma escolha simples para os Hereros, entre dois tipos de morte: morte tribal, ou morte Cristã. A morte tribal fazia sentido. A morte Cristã não fazia sentido nenhum. Parecia ser um exercício de que eles não precisavam. Mas para os Europeus, aldrabados pelo seu próprio Jogo da Aldrabice do Bebé Jesus, o que eles testemunhavam entre estes Hereros era um mistério tão potente como o do cemitério dos elefantes, ou o da corrida dos lemingues para o mar.

Embora não o admitam, os Vazios agora exilados na Zona, europeizados em linguagem e pensamento, separados da antiga unidade tribal, acharam o porquê disso igualmente misterioso. Mas ativeram-se a ele, tal como uma mulher doente se atém a um amuleto. Não calcularam nenhuns ciclos, nenhuns regressos, estão apaixonados pelo fascínio do suicídio de um povo inteiro — a pose, o estoicismo, e a bravura. Estes Otukungurua são profetas da masturbação, especialistas em aborto e esterilização, promotores dos actos oral e anal, pedal e digital, sodomita e zoafilíaco — a abordagem deles e o jogo deles é o prazer: entregam-se ao spieling bem e sinceramente, e os Erdschweinhöhlers andam à escuta.

Os Vazios podem garantir um dia em que morrerá o último Herero da Zona, um zero final para uma história colectiva vivida em pleno. Tem encanto.

Não há nenhuma luta declarada pelo poder. É tudo sedução e contra-sedução, publicidade e pornografia, e a história dos Hereros da Zona anda a ser decidida na cama.

Vectores no subterrâneo da noite, todos tentando fugir de um centro, uma força, que parece ser o Foguete: uma qualquer imaqüinação, seja de jornada ou de destino, que é capaz de agregar violentos oponentes políticos juntando-os nos Erdschweinhöhle tal como agrupa combustível e oxidante na sua câmara de impulsão: bem medidos, à timoneiro, a bem da sua parábola programada.

Enzian senta-se hoje à noite sob a sua montanha, para trás dele mais um dia de esquemas, diligências, papelada recentemente inventada — formulários que ele consegue destruir ou dobrar, em estilo

japonês, antes que o dia chegue ao fim, como gazelas, orquídeas, falcões caçadores. À medida que o Foguete cresce rumo à sua forma e plenitude funcionais, também ele evolui, ele próprio, numa nova configuração. Sente-o. É mais uma coisa para se preocupar. Ao fim da noite passada, entre os diagramas, Christian e Mieczislav olharam para cima, sorriram abruptamente, e ficaram calados. Uma reverência transparente. Estudam os desenhos como se fossem de si próprio, e revelações. Isso não é lisonjeiro para ele.

O que Enzian quer criar não terá história. Nunca precisará de alterações na concepção. O tempo, tal como é conhecido pelas outras nações, definhará dentro deste novo tempo. Os Erdschweinhöhle não estarão presos, tal como o Foguete, ao tempo. As pessoas encontrarão de novo o Centro, o Centro sem tempo, a jornada sem histerese, onde cada partida é um regresso ao mesmo local, o único local...

Ele próprio encontrou assim uma estranha aproximação aos Vaziós: em particular com Josef Ombindi de Hannover. O Centro Eterno pode facilmente ser visto como o Zero Final. Nomes e métodos variam, mas o movimento em direcção à imobilidade é o mesmo. Isso levou a estranhas trocas de palavras entre os dois homens. «Sabes», os olhos de Ombindi rebolaram para o outro lado, olhando para uma imagem especular de Enzian que somente ele consegue ver, «há uma... bom, uma coisa em que normalmente não se pensa como erótica — mas na verdade é a coisa mais erótica que há.»

«A sério», sorri Enzian, sedutor. «Não imagino o que seja. Dá-me uma pista.»

«É um acto irrepetível.»

«Disparar um foguete?»

«Não, porque há sempre um outro foguete. Mas não há nada — bom, não interessa.»

«Ah! Nada que se possa lançar depois dele, era isso que tu ias dizer.»

«O melhor é eu dar-te outra pista.»

«Está bem.» Mas Enzian já adivinhou: está ali no modo como ele sustém o queixo e se prepara para se tirar...

«Inclui todos os Desvios num único acto.» O Enzian suspira, irritado, mas não o inquire sobre esse uso de «Desvios». Evocar o passado faz parte do jogo do Ombindi. «Homossexualidade, por exemplo.» Nenhuma melhoria. «Sadismo e masoquismo. Onanismo? Necrofilia...»

«Todos esses no mesmo acto?»

Todos esses, e mais. Ambos sabem agora que o que está em discussão é o acto do suicídio, que também inclui bestialidade («Pense como é doce», diz a frase promocional, «mostrar clemência, clemência sexual *àquele* animal ferido e gritante»), pedofilia («Diz-se em geral que mesmo à beira nos tornamos manifestamente mais novos»), lesbiano («Sim, pois enquanto o vento sopra através de todos os comportamentos que se esvaziam as duas mulheres-sombra podem finalmente sair furtivamente das suas câmaras na casca moribunda, chegadas à última margem cor de cinzas, para se encontrarem e abraçarem...»), coprofilia e urofilia («As convulsões finais...»), fetichismo («Uma ampla escolha de fetiches de morte, naturalmente...»). Naturalmente. Eles os dois sentam-se ali, passando um cigarro para trás e para diante, até só restar dele uma pequena beata. Será conversa vã, ou estará mesmo o Ombindi a tentar aqui aldrabrar o Enzian? O Enzian precisa de ter a certeza antes de se mover. Se ele de repente disser, «Isto é uma aldrabice, não é?» e afinal não for, bom — Mas a alternativa é tão *estranya*, que o Enzian está, de certo modo, a ser

VENDIDO AO SUICÍDIO

Bom, a mim não me importa as coisas que como,
Do boogie-woogie não suporto o assomo —
Mas estou vendido, ao, *suicídio!*

Podes guardar o Der Bingle, tu, e-
E o raio daquele «bu-bu-bu-boo»,
Porqu'eu estou vendido ao suicídio!

Oh! Não gosto muito de selos de racionamento,
Nem de Mâes que já tiveram o seu momento,
Mas estou vendido, ao, *suicídio!*

Também não gosto dos Cards ou dos Browns em fila,
Mijo para o país e mijo para a vila,

Mas estou V.A.S., sim bom na verdade isto continua, verso após verso, durante bastante tempo. Na sua versão completa representa uma assaz razoável renúncia às coisas do mundo. O problema disso é que segundo o Teorema de Gödel deverá haver por aí algum artigo que se omitiu da lista, e não é fácil pensar-se em tal artigo assim de repente, de modo que o que mais provavelmente se faz é recapitular tudo aquilo, corrigindo entretanto os erros e as inevitáveis repetições, e inserindo novos artigos que seguramente nos terão ocorrido, e — bom, é fácil ver-se que o «suicídio» do título poderia ter de ser adiado indefinidamente!

As conversas entre o Ombindi e o Enzian hoje em dia são portanto uma série de mensagens comerciais, com o Enzian não tanto a servir de alvo quanto de renitente comparsa, que fica à espera do resto da deixa, que poderá estar à escuta e talvez não.

«Ahh, estarei eu a ver a tua picha crescer, Nguarorerue?... não, não, talvez tu estejas só a pensar em alguém que amaste, algures, há muito tempo... lá no Südwest, eh?» Para permitir que o passado tribal se disperse, todas as memórias deveriam constar do registo público, não vale a pena preservar-se a história quando se está à espera daquele Zero Final... Cinicamente, porém, o Ombindi pregou isso em nome da antiga Unidade Tribal, e esse é efectivamente um ponto fraco da sua argumentação promocional — parece mal, parece que o Ombindi está a tentar fazer crer que a doença Cristã nunca nos toucou, quando toda a gente sabe que nos infectou a todos, a alguns de forma mortal. Sim é um pouco exagerado aqui por parte do Ombindi contemplar uma inocência da qual ele realmente só ouviu falar, em que não consegue acreditar por si mesmo — a agregada pureza dos opositos, a aldeia construída como uma mandala... Mesmo assim ele há-de professá-la e proclamá-la, como uma imagem de um cálice a intrometer-se na sala, radiante, embora os brincalhões ao redor da mesa estejam a enfiar Almofadinhas de Peidos no Assento Perigoso, sob o próprio cu descendente do buscador do cálice, e embora os próprios cálices por estes anos sejam feitos de plástico, a um tostão

a dúzia, um penny a grossa, ainda o Ombindi, por vezes tão auto-iludido como qualquer Cristão, elogia e vaticina aquela era de inocência em que ele não chegou a viver, uma das últimas bolsas de Unidade Pré-Cristã que restam no planeta: «O Tibete é um caso especial. O Tibete foi deliberadamente deixado de parte pelo Império *enquanto* território livre e neutro, uma Suíça para o espírito onde não há extração, e Alpes-Himalaias para puxar a alma para cima, e perigo suficientemente raro para se tolerar... A Suíça e o Tibete estão ligados ao longo de um dos *verdadeiros* meridianos da Terra, tão verdadeiro como os Chineses terem desenhado meridianos do corpo... Teremos de aprender esses novos mapas da Terra: e à medida que viajar pelo Interior se torne mais comum, à medida que os mapas crescerem mais uma dimensão, também nós teremos de...» E ele também fala do Gondwana, antes de os continentes se terem afastado, quando a Argentina estava encostada ao Südwest... as pessoas ouvem, e tornam a filtrar-se para a caverna e a cama e a cabaça familiar pela qual o leite, não benzido, é engolido em fria brancura, tão fria como o norte...

Portanto, entre estes dois, até um cumprimento de rotina não passa sem alguma carga de significado e a esperança de bombardear o espírito do outro. O Enzian sabe que está a ser usado pelo seu nome. O nome tem uma certa magia. Mas ele tem sido tão incapaz de tocar, tão neutro há tanto tempo... tudo fluiu para longe menos o nome, Enzian, um som para cântico. Espera que ele venha a ser suficientemente mágico para uma coisa, uma boa coisa quando chegar o tempo, por menos que falte até ao Centro... O que são estas persistências entre um povo, estas tradições e ofícios, senão armadilhas? os fetiches sexuais que a Cristandade sabe como agitar, para nos atrair até ela, destinados a recordarem-nos o mais precoce amor infantil... Poderá o seu nome, poderá «Enzian» quebrar o poder *deles*? Poderá o seu *nome* prevalecer?

O Erdschweinhöhle está numa das piores armadilhas de todas, uma dialéctica da palavra feita carne, carne que se move em direcção a outra coisa qualquer... O Enzian vê a armadilha claramente, mas não o modo de sair dela... Sentado agora entre um par de velas acabadas de acender, o seu blusão de campanha cinzento desapertado no colarinho, a barba confundindo-se ao fundo da sua escura garganta com

os pêlos pretos mais curtos, mais esparsos, que se frisam em remoinhos, limalha de ferro perto do pólo sul da sua maçã de Adão... pólo... eixo... eixo-árvore... Árvore... Omumborombanga... Mukuru... primeiro antepassado... Adão... ainda a suar, as mãos do dia de trabalho tornadas desgraciosas e dormentes, ele tem um minuto para divagar e recordar este período do dia lá no Südwest, em local elevado, participando do pôr-do-sol, ao ar livre vendo a bruma acumular-se, parte nevoeiro, parte poeira do gado que regressa aos kraals para ser mungido e dormir... a sua tribo acreditava há muito que cada pôr-do-sol é uma batalha. Ao norte, onde o sol se põe, vivem os guerreiros só com um braço, os que só têm uma perna e um olho, que combatem o sol todas as noites, que o lancetam mortalmente até que o sangue dele se derrame sobre o horizonte e o céu. Mas debaixo da terra, à noite, o sol nasce de novo, para regressar em cada alvorada, novo e o mesmo. Mas nós, os Hereros da Zona, debaixo da terra, por quanto tempo esperaremos nós neste norte, neste locus de morte? Será para renascer? ou teremos realmente sido enterrados pela última vez, enterrados de frente para norte como o resto dos nossos mortos, e como todo o gado sagrado alguma vez sacrificado pelos antepassados? O norte é a região da morte. Poderá não haver deuses, mas há um padrão: os nomes por si mesmos poderão ter magia, mas o *acto* de nomear, a elocução física, obedece ao padrão. Nordhausen significa moradias no norte. O Foguete tinha de ser produzido a partir de um local chamado Nordhausen. A cidade adjacente chamava-se Bleicheröde como uma validação, um pouco de redundância para que a mensagem não se perdesse. A história dos antigos Hereros é uma das mensagens perdidas. Ela começou em tempos míticos, quando a astuta lebre que tem ninho na Lua trouxe a morte para entre os homens, em vez da verdadeira mensagem da Lua. A verdadeira mensagem nunca veio. Talvez o Foguete esteja destinado a levarnos até lá um dia, e então a Lua nos conte por fim a sua verdade. Há aqueles entre os Erdschweinhöhle, os mais novos que somente conheceram a Europa atreita ao branco outono, que crêem ser a Lua o seu destino. Mas os mais velhos conseguem lembrar-se que a Lua, tal como Ndkambi Karunga, tanto é o que traz o mal como o seu vingador...

E o Enzian achou o nome Bleicheröde suficientemente próximo de «Blicker», a alcunha que os primeiros Alemães davam à Morte. Viam-na branca: branqueamento e palidez. O nome foi mais tarde latinizado para «Dominus Blicero». Weissmann, encantado, adoptou-o como seu nome de código SS. O Enzian estava por essa altura na Alemanha. O Weissmann trouxe o nome dele para casa e para o seu animal de estimação, não tanto para o exibir quanto para indicar ao Enzian mais um passo a ser tomado na direcção do Foguete, na direcção de um destino que ele não consegue ainda ver para além dessa sinistra criptografia da nomeação, um padrão esparso mas que não poderá ser negado à pressa, que grita e o faz avançar vacilantemente tão mal como há 20 anos...

Outrora ele não conseguia imaginar uma vida sem retorno. Antes de começarem as suas memórias conscientes, algo se apoderara dele, dentro e fora da aldeia circular da sua mãe lá para o meio do Kakau Veld, nas fronteiras da terra da morte, uma partida e um regresso... Contaram-lhe isso anos mais tarde. Pouco após ele ter nascido, a sua mãe trouxera-o de novo para a aldeia dela, desde Swakopmund. Em tempos vulgares ela teria sido banida. Tivera a criança fora do matrimónio, com um marinheiro russo cujo nome ela não queria pronunciar. Mas sob a invasão alemã, o protocolo era menos importante do que a entreajuda. Embora os assassinos de azul viessem repetidamente, sempre que isso sucedia, de algum modo, o Enzian era passado entre eles. É um mito de Herodes que os admiradores dele ainda gostam de evocar, para seu incômodo. Aprendera a andar havia ainda poucos meses quando sua mãe o levou com ela para se juntarem à grande caminhada de Samuel Maherero através do Kalahari.

Das histórias que se contam acerca desses anos, é esta a mais trágica. Os refugiados andavam pelo deserto há dias. Khama, rei dos Bechuanas, enviou guias, bois, carroças e água para os ajudar. Os que chegavam primeiro eram avisados de que só deviam beber a água aos poucos. Mas quando chegaram os retardatários, todos os outros estavam a dormir. Ninguém para os avisar. Mais uma mensagem perdida. Beberam até morrerem, centenas de almas. A mãe da Enzian estava entre elas. Ele caíra a dormir sob uma pele de vaca, exausto de

fome e de sede. Acordara entre os mortos. Diz-se que foi encontrado ali por um bando de Ovatjimba, recolhido e tratado. Deixaram-no à beira da aldeia da mãe, para nela entrar pelo seu pé. Eram nómadas, podiam ter tomado qualquer outra direcção naquele território desolado, mas levaram-no de regresso ao local de onde partira. Não encontrou quase ninguém que lá permanecesse. Muitos tinham ido para a caminhada, alguns haviam sido levados para a costa e arrebanhados em kraals, ou ido trabalhar no caminho-de-ferro que os Alemaes andavam a construir através do deserto. Muitos outros haviam morrido por comerem o gado que morrera de peste bovina.

Sem retorno. Sessenta por cento do povo Herero havia sido extermínado. Os restantes andavam a ser usados como animais. Enzian cresceu num mundo ocupado pelos brancos. Cativeiro, morte súbita, viagens só de ida eram as coisas vulgares de cada dia. Quando a pergunta lhe ocorreu, ele não conseguiu encontrar maneira de explicar a sua própria sobrevivência. Não conseguia acreditar em qualquer processo de selecção. Ndkambi Karunga e o Deus Cristão estavam demasiado distantes. Não havia diferença entre o comportamento de um deus e as operações do puro acaso. Weissmann, o europeu de quem ele se tornou protegido, sempre acreditou ter levado Enzian a afastar-se da religião. Mas os próprios deuses se haviam afastado: os deuses haviam abandonado o povo... Deixou Weissmann pensar o que ele queria. A sede daquele homem por culpa era tão insaciável quando a do deserto por água.

Passou-se agora muito tempo desde que os dois homens se viram. A última vez que falaram foi durante a mudança de Peenemünde aqui para baixo para o Mittelwerke. Weissmann está agora provavelmente morto. Mesmo no Südwest, há 20 anos, antes que o Enzian conseguisse sequer falar a língua dele, vira *isso*: um amor pela última explosão — a elevação e o grito cujo pico está para além do medo... Porque haveria o Weissmann de querer sobreviver à guerra? Ele teria com certeza encontrado algo de suficientemente esplêndido que se equipasse à sua sede. Para ele aquilo não poderia ter terminado racionalizado e submisso como o cento de escritórios envidraçados de que ele dispunha no circuito SS — localizado no tempo e no espaço de modo a falhar sempre por pouco a grandeza, somente para estar

no vácuo dela, para ser ligeiramente rebocado ao longo da sua corrente mas finalmente deixado de novo imobilizado entre algumas reluzentes lantejoulas da esteira. Bürgerlichkeit interpretado ao som de Wagner, os metais incertos e trocistas, as vozes das cordas entrando e saindo de fase...

Durante a noite aqui, ultimamente com grande frequência, Enzian despertará sem motivo algum. Era realmente Ele, o Jesus trespassado, que veio debruçar-se sobre ti? O corpo de sonho do marias branco, as pernas esguias e os suaves olhos dourados europeus... vislumbraste algum pedaço de picha cor de azeitona por baixo dos panos rasgados nas virilhas, querias esticar-te para lhe lamberes o suor na sua rude, lenhosa sujeição? Onde está ele, em que parte da nossa Zona hoje à noite, que seja condenado ao castão daquele nervoso bordão imperial...

Há poucas dessas ilhas de penugem e veludo em que ele possa deitar-se e continuar a sonhar, não nestas marmóreas passagens de poder. O Enzian tornou-se frio: não tanto um lume a esmorecer como um positivo avanço do frio, um gosto amargo que cresce sobre o palato das primeiras esperanças de amor... Isso começou quando o Weissmann o trouxe para a Europa: uma descoberta de que o amor, entre estes homens, uma vez passada a mera sensação e orgasmo daquilo, tinha que ver com tecnologias masculinas, com contratos, com ganhar e perder. Exigira, no seu próprio caso, que ele entrasse ao serviço do Foguete... Para além da simples erecção de metal, o Foguete era um sistema inteiro *que se obtinha, longe* da escuridão feminina, sustido contra as entropias da adorável mas desmiolada Mãe Natureza: essa fora a primeira coisa que ele havia sido obrigado por Weissmann a aprender, o seu primeiro passo rumo à cidadania na Zona. Foi levado a acreditar que se comprehendesse o Foguete, viria a compreender verdadeiramente a sua masculinidade...

«Eu costumava imaginar, de um qualquer modo ingénuo que agora já perdi, que toda a excitação desses dias estava a ser montada para mim, de alguma maneira, como um presente do Weissmann. Ele levara-me a transpor o seu limiar e a entrar em sua casa, e esta era a vida para que ele me queria trazer, estas másculas perseguições, devoção ao Líder, intriga política, rearmamento secreto em desobediente desafio às envelhecidas plutocracias que nos rodeavam... elas

iam ficando impotentes, mas nós éramos jovens e fortes... ser-se *tão* jovem e forte, numa tal época da vida de uma nação! Eu nem conseguia acreditar em tantos homens novos e louros, na maneira como o suor e o pó lhes assentavam nos corpos enquanto eles iam estendendo as Autobahns de dia para retinido dia: conduzíamos entre trompeteiros, pendões de seda impecavelmente talhados como fatos completos... todas as mulheres pareciam mover-se dóceis, sem cor... Eu pensava nelas em filas, todas de gatas, tendo as suas mamas munidas para selhas de reluzente aço...»

«Ele alguma vez teve ciúmes dos outros rapazes — daquilo que tu sentias por eles?»

«Oh. Nessa altura isso ainda era muito físico para mim. Mas ele já tinha passado para além dessa parte. Não. Não, penso que ele não se importava... Eu amava-o então. Não conseguia ver o interior dele, nem as coisas em que ele acreditava, mas queria fazê-lo. Se o Foguete era a vida dele, então eu pertenceria ao Foguete.»

«E nunca duvidaste dele? Ele não tinha decerto a mais ordenada das personalidades —»

«Ouve — eu nem sei como dizer isto... alguma vez foste Cristão?»

«Bom... a certa altura.»

«Alguma vez, na rua, viste um homem que tu soubeste, nesse instante, *dever* ser Jesus Cristo — não esperar que ele o fosse, ou detectar alguma semelhança — mas *sabê-lo*. O Redentor, regressado e caminhando entre o povo, tal como prometiam as histórias antigas... à medida que te aproximavas ias ganhando maior certeza — não conseguias de todo ver nada que contradisse essa estupefação inicial... aproximaste-te e passaste, aterrorizado por ele poder vir a falar contigo... os teus olhos firmaram-se... estava confirmado. E o mais terrível de tudo é que *ele sabia*. Ele via o interior da tua alma: todos os teus fingimentos deixavam de importar...»

«Então... aquilo que aconteceu, desde os teus primeiros dias na Europa, poderia ser descrito, na frase de Max Weber, quase como uma ‘rotinização do carisma’...»

«Outase», diz o Enzian, que é uma das muitas palavras Herero para merda, neste caso uma grande e recentemente largada bosta de vaca.

Andreas Orukambe está sentado diante de um aparelho transmissor/receptor verde-tropa, com um acabamento rugoso, no interior de uma alcova rochosa da sala. Um par de auscultadores de borracha cobre-lhe as orelhas. O Schwarzkommando usa a banda dos 50 cm — aquela em que operava o sistema de orientação Hawaii II do Foguete. Quem senão os maníacos do foguete se poria à escuta nos 53 cm? O Schwarzkommando pode ter a certeza, pelo menos, de que estão a ser monitorizados por todos os concorrentes na Zona. As transmissões dos Erdschweinhöhle começam cerca das 0300 e prolonga-se até à alvorada. Outras estações do Schwarzkommando emitem nos seus horários respectivos. O tráfego é em Herero, com uma palavra tomada de empréstimo ao Alemão aqui e além (o que é muito mau, visto tratar-se normalmente de termos técnicos, e pistas valiosas para quem estiver à escuta).

Andreas está agora no segundo turno da madrugada, sobretudo transcrevendo, respondendo quando tem de o fazer. Sintonizar qualquer transmissor é um convite à paranóia instantânea. Advém de lá um padrão de antenas, milhares de quilómetros quadrados cheios de inimigos instalados nos seus próprios acampamentos nocturnos na Zona, sem rosto, à escuta. Embora estejam em contacto uns com os outros — o Schwarzkommando tenta escutar tanto quanto possa — embora não possa haver qualquer ilusão a respeito dos planos que têm para o Schwarzkommando, mesmo assim eles mantêm-se à distância, esperando a altura óptima para avançarem e destruírem sem rastro... O Enzian acredita que eles esperarão até que o primeiro foguete Africano esteja inteiramente montado e pronto a ser disparado: aquilo terá melhor aspecto se eles avançarem contra uma ameaça real, equipamento real. Entretanto o Enzian tenta manter a segurança apertada. Aqui na base principal não há problema: a penetração por menos do que um regimento seria impossível. Mas lá mais para o meio da Zona, em cidades-foguete como Celle, Enschede, Hachenburg — eles por lá podem apanhar-nos um a um, primeiro uma campanha de desgaste, depois um ataque coordenado... deixando então somente esta metrópole, cercada, para a estrangular...

Talvez seja teatro, mas eles já não *parecem* ser Aliados... embora a história que inventaram para si mesmos nos leve a *esperar «rivalidades do pós-guerra»*, quando na verdade tudo aquilo poderá ser um

gigantesco cartel que tanto inclua vencedores como derrotados, num acordo amigável para partilhar o que há para ser partilhado... Mesmo assim, o Enzian jogou-os, aos desavindos necróforos, uns contra os outros... *parece* bastante genuíno... O Marvy deve estar agora junto dos Russos, e da General Electric também — atirá-lo do comboio abaixo naquela noite fez-nos ganhar — o quê? um dia ou dois, e até que ponto usámos bem esse tempo?

Tudo se resume a esta urdidura e a este desemaranhamento quotidiano, sucessos menores, derrotas menores. Milhares de pormenores, qualquer um dos quais transporta a possibilidade de um erro fatal. O Enzian gostaria de estar mais fora do processo do que está — ser capaz de ver para onde ele se dirige, de conhecer, em tempo real, cada afastamento do percurso da decisão, o que teria sido correcto e o que seria errado. Mas é o tempo *deles*, o espaço *deles*, e ele espera ainda, ingenuamente, resultados pelos quais a continuidade branca deixou de ansiar há séculos. Os pormenores — válvulas, ferramentas especiais que poderão existir ou não, ciúmes e conspirações dos Erdschweinhöhle, manuais operacionais perdidos, técnicos em fuga tanto do Leste como do Oeste, carências de alimentos, crianças doentes — rodopiam como o nevoeiro, cada partícula com a sua própria panóplia de forças e direcções... ele não pode tratar de todos ao mesmo tempo, se se demorar demasiado num deles corre o risco de perder outros... Mas não são apenas os pormenores. Ele tem a estranha sensação, em momentos de devaneio ou honesto desespero, de que está a proferir frases preparadas algures muito longe (não muito longe no espaço, mas nos níveis de poder), e de que as suas decisões não são de todo suas, mas os trejeitos de um actor que personifica um líder. Tem sonhado com ficar retido no impiedoso cometimento de algo do qual ele não pode acordar... muitas vezes está a bordo de um barco num largo rio, liderando uma rebelião que tem de falhar. Por razões de política, a rebelião está a ser autorizada a prosseguir por um bocado. Ele anda a ser perseguido, os seus dias estão repletos de escapadelas à justa que ele acha excitantes, fisicamente graciosas... e a própria Conspiração! ela tem uma beleza austera, intensa, é música, uma sinfonia do Norte, de uma viagem Ártica, para

além de promontórios de gelo muito verde, até aos pés dos iceberges, de joelhos sob o domínio dessa música incrível, lavada em mares tão azuis como corante azul, um Norte infindável, vasto território povoado por pessoas cuja antiga cultura e história estão muradas do resto do mundo por um grande silêncio... os nomes das penínsulas e mares deles, dos seus longos e poderosos rios, são desconhecidos lá em baixo no mundo temperado... é um retorno, esta viagem: ele envelheceu dentro do seu nome, a arrebatadora música da viagem é música que ele próprio escreveu, há tanto tempo que a esqueceu por completo... mas agora ela está a vir ter consigo outra vez...

«Sarilhos em Hamburgo —» Andreas está a escrevinhar, levantando um dos auscultadores para trás *guarda-pó* húmido de suor de maneira a poder estar em simultâneo nos dois lados da ligação. «Parece que devem ser outra vez os Desalojados. Tenho mau sinal. Está sempre a ir-se abaixo —»

Desde a rendição tem havido estas constantes escaramuças entre os civis Alemães e os prisioneiros estrangeiros libertados dos campos. Vilas ao norte foram tomadas pelos desalojados Polacos, Checos, Russos, que saquearam os arsenais e os celeiros e estão dispostos a defender o que de lá tiraram. Mas ninguém sabe o que sentir acerca do Schwarzkommando local. Alguns vêm apenas os pedaços rasgados de uniforme SS, e respondem a isso de uma maneira ou doutra — outros tomam-nos por Marroquinos ou Indianos que de algum modo vieram deambulando por cima das montanhas desde Itália. Os Alemães ainda se lembram da ocupação da Renânia 20 anos antes por unidades coloniais francesas, e dos cartazes que gritavam SCHWARZE BESATZUNG AM RHEIN! Mais uma dificuldade no padrão. Na semana passada em Hamburgo, foram abatidos a tiro dois Schwarzkommando. Outros foram severamente espancados. O governo militar Britânico enviou algumas tropas, mas só depois de a matança estar terminada. O principal interesse deles parecia ser instaurar um recolher obrigatório.

«É Onguruve..» Andreas passa-lhe os auscultadores e gira para desimpedir o caminho a Enzian.

«... não percebo se é a nós que eles querem, ou à refinaria de petróleo...» a voz aparece e desaparece entre crepitações, «... cem, talvez duzentos... outras tantas... — ingardas, paus, armas de mão —»

Bli-blip e uma irrupção de apitos, depois lá se sobrepõe uma voz familiar. «Eu posso levar uma dúzia de homens.»

«Hannover está a responder», murmura o Enzian, tentando mostrar-se divertido.

«Ou seja, o Josef Ombindi.» O Andreas não está divertido.

Agora Onguruve, pedindo ajuda, é neutro em relação à Questão dos Vazios, ou tenta sê-lo. Mas se o Ombindi conseguir levar uma força de auxílio até Hamburgo, poderá decidir ficar. Hannover, mesmo com a fábrica da Volkswagen por lá, é somente uma alpondra para ele. Hamburgo daria aos Vazios uma base mais poderosa, e poderia ser essa a oportunidade. O norte deveria ser o elemento nativo deles, em todo o caso...

«Terei de ir», passando de novo os auscultadores ao Andreas.
«Qual é o problema?»

«Podiam ser os Russos, a tentarem atrair-te lá para fora.»

«Não faz mal. Pára de te preocupares com o Tchitcherine. Não creio que ele ande aqui por cima.»

«Mas o teu Europeu disse —»

«Ele? Não sei até onde confiar nele. Lembra-te, eu efectivamente ouvi-o a conversar com o Marvy no comboio. Agora está com a rapariga do Tchitcherine em Nordhausen. Quero dizer, tu confiarias nele?»

«Mas se o Marvy anda agora a persegui-lo, isso poderia significar que ele vale qualquer coisa.»

«Se anda, de certeza que voltaremos a vê-lo.»

O Enzian pega no seu equipamento, toma dois Pervitins para o caminho, recorda ao Andreas um ou dois assuntos de serviço para amanhã, e galga as longas rampas de sal e de pedra até à superfície.

Lá fora, respira o ar perene do Harz. Nas antigas aldeias, seria a altura da tarde para a ordenha. A primeira estrela já se avista, oka-numaihi, a pequena bebedora do doce leite...

Mas esta deverá ser uma estrela diferente, uma estrela nortenha. Não há consolo algum. O que nos aconteceu? Se as escolhas nunca foram nossas, se os Hereros da Zona estão destinados a viver no seio do Anjo que tentou destruir-nos no Südwest... então: fomos ultrapassados, ou fomos escolhidos para algo mais terrível ainda?

O Enzian tem de estar em Hamburgo antes de mais uma acutilância do sol. A segurança nos comboios é incómoda, mas as sentinelas conhecem-no. Os longos comboios de mercadorias rolam para fora do Mittelwerke dia e noite, levando material do A4 para oeste aos Americanos, para norte aos Ingleses... e dentro em pouco, quando o novo mapa da ocupação entrar em efeito, para oriente aos Russos também... Nordhausen ficará sob administração russa e teremos então uma certa acção... dar-lhe-á isso alguma oportunidade com Tchitscherine? O Enzian nunca viu o homem, mas eles estão destinados a reunir-se. O Enzian é seu meio-irmão. Eles são da mesma carne.

O nervo ciático dele está agora a latejar. Demasiado tempo sentado. Vai coxeando, sozinho, cabeça ainda vergada devido aos tectos baixos lá no fundo entre os Erdschweinhöhle — quem sabe o que aguarda aqui fora a cabeça demasiado alteada? Pela estrada abaixo até à passagem de nível da ferrovia, alto e cinzento na crescente luminosidade estelar, o Enzian está a dirigir-se para o Norte...



Pouco antes da alvorada. Trinta metros mais abaixo passa um pálido lençol de nuvens, estendendo-se para oeste tão longe quanto eles conseguem ver. Aqui estão o Slothrop e a aprendiz de bruxa Geli Tripping, postados no alto do Brocken, o vero plexo do mal Alemão, trinta quilómetros a nor-noroeste do Mittelwerke, esperando que o sol nasça. Embora a Véspera do Dia de Maio tenha chegado e partido e este divertido casal tenha chegado com quase um mês de atraso, ainda restam relíquias do mais recente Sabbath Negro: Kriegerbier vazias, roupa interior rendada, cartuchos de carabina usados, bandeiras com Suásticas em cetim vermelho rasgado, agulhas de tatuagem e manchas de tinta azul — «Mas para que raio foi *isso*?» pôs-se a pensar o Slothrop.

«Para o beijo do diabo, evidentemente», a Geli a aconchegar-se ali ao sovaco dele num oh-tu-és-mesmo-tonto, e o Slothrop sentindo-se um pouco asqueroso e bota-de-elástico por não o saber. Mas no fundo ele não sabe quase nada acerca de bruxas, embora tenha havido, entre os seus antepassados, uma genuína Bruxa de Salem, uma

das últimas a juntar-se à multidão dos sus. per coll. que pendiam, vários deles através dos acasalamentos de séculos passados, da árvore familiar dos Slothrop. O nome dela era Amy Sprue, uma renegada da família que se tornara Antinomista aos 23 anos e correra como uma doida pela província do Berkshire, adiantando-se à Louca Sue Dunham em 200 anos, roubando bebés, montando vacas ao crepúsculo, sacrificando galinhas no alto da Montanha de Snodd. Muita má vontade por causa daquelas galinhas, como se poderá imaginar. As vacas e os bebés, fosse lá como fosse, voltavam sempre em bom estado. Amy Sprue não era, como a antagonista da jovem e saltitante Dorothy, uma bruxa má.

Ela foi para Rhode Island, em busca de belo asilo,
E pensando parar em Salem nesse caminho se mete,
Mas não lh'apreciaram o viso, nem lh'apreciaram o riso,
E nunca chegou a ver a Baía de Narragansett...

Prenderam-na por bruxaria e foi condenada à morte. Mais um dos parentes doidos do Slothrop. Quando alguma vez se falava dela em voz alta era com um encolher de ombros, já demasiado distante para verdadeiramente ser uma Desgraça da Família — antes uma curiosidade. Slothrop cresceu sem saber ao certo o que pensar dela. Nos anos trinta as bruxas não mereciam de certo grande consideração. Eram retratadas como umas megeras que nos chamavam queridinho, não propriamente gente saudável. Os filmes não o tinham preparado para esta versão Teutónica daqui. A nossa bruxa kraut, por exemplo, tem seis dedos em cada pé e nenhum pelo na sua cona. É esse o aspecto que as bruxas têm, em todo o caso, nos murais da escadaria dentro da antiga torre de transmissão Nazi aqui no cimo do Brocken, e os murais do governo não costumam ser sítios onde se vá procurar fantasia irresponsável, não é? Mas a Geli pensa que a cona sem pelos deriva das mulheres desenhadas por Von Bayros. «Ahah, tu não queres é rapar a tua» grasha o Slothrop. «Ah! Ah! Que rica bruxa!»

«Eu já te vou mostrar uma coisa», diz ela, e é por isso que eles estão agora acordados a esta hora ímpia, lado a lado, de mão dada,

muito quietos enquanto o sol começa a clarear o horizonte. «Agora vê», sussurra a Geli: «ali ao fundo.»

Enquanto a luz do sol lhes riscas as costas, chegando quase horizontal, elas começam a desenvolver-se sobre o banco de nuvens cor de pérola: duas sombras gigantescas, que abrangem quilómetros de terreno, para além de Clausthal-Zelterfeld, para além de Seesen e de Goslar, para o lado onde deveria estar o rio Leine, e chegando à região de Weser... «Ora esta», o Slothrop um bocadinho nervoso, «é o Espectro.» Também havia daquilo ao redor do Greylock lá nos Berkshires. Por estas partes é conhecido como o Brockengespenst.

Sombras de deuses. O Slothrop levanta um braço. Os dedos dele são cidades, os seus bíceps são uma província — é claro que ele levanta um braço. Não é isso que se espera dele? O braço-sombra arrasta arco-íris atrás de si enquanto se estende para leste de modo a agarrar Göttingen. Também não são sombras vulgares — são das *tridimensionais*, projectadas na alvorada alemã, sim e os Titãs *tinham* de viver nestas montanhas, ou debaixo delas... Uma escala impossivelmente desproporcionada. Nunca se ser levado por um rio. Nunca olhar para um horizonte e pensar que ele poderia prosseguir eternamente. Nenhuma árvore para trepar, nenhuma longa jornada a empreender... apenas restam as imagens profundas deles, invólucros aureolados deitadas de borco sobre os nevoeiros em que os homens se movem...

A Geli estica uma perna para diante tão direita como uma bailarina, e inclina a sua cabeça para o lado. O Slothrop ergue o seu dedo médio ao ocidente, o impetuoso dedo escurece cinco quilómetros de nuvem por segundo. A Geli agarra-se à picha do Slothrop. O Slothrop debruça-se para morder a mama da Geli. Eles são enormes, bailando na pista de todo o céu visível. Ele enfia a mão sob o vestido dela. Ela enrosca uma perna em torno de uma das dele. Os espectros debotam de vermelho para anil, irresistíveis, imensos, em todas as arestas. Por baixo daquelas nuvens tudo está tão quieto, e perdido, como a Atlântida.

Mas o Brockengespenstphänomen está confinado ao delgado interface da alvorada, e não tarda que as sombras tenham encolhido e regressado aos seus donos.

«Diz-me, aquele Tchitcherine alguma vez —»

«O Tchitcherine é muito atarefado, não tem tempo para isto.»

«Oh, e eu devo ser alguma espécie de molengão.»

«Tu és diferente.»

«Be-e-e-mm... ele *devia* ver isto.»

Ela olha-o com curiosidade, mas não pergunta porquê — os dentes dela detêm-se sobre o lábio inferior, e o *warum* (varoom, um som do Homem-plástico) fica a pairar encurrulado na sua boca. Ainda bem. O Slothrop não *sabe* porquê. Ele não tem uso para ninguém que se ponha a interrogá-lo. Na noite passada ele e a Geli tropeçaram num piquete do Schwarzkommando à porta de uma das entradas da velha mina. Os Hereros fizeram-lhe perguntas durante uma hora. Oh, estava só a dar uma volta por aí sabem como é, à procura de alguma curiosidade, aquilo a que nós chamamos «interesse humano», fascinante evidentemente, nós estamos sempre interessados naquilo que vocês andem a preparar... A Geli a abafar risinhos na escravidão. Eles já deviam conhecê-la. A *ela* não lhe perguntaram nada.

Quando ele referiu o assunto mais tarde, ela não sabia ao certo o que é isto entre o Tchitcherine e os Africanos, mas seja o que for está a ser levado a cabo com elevada paixão.

«É ódio, pois claro», disse ela. «Estúpido, estúpido. A guerra acabou. Não é política nem é foder-o-parceiro, é ódio puro, pessoal, à antiga.»

«Enzian?»

«Penso que sim.»

Encontraram o Brocken ocupado tanto por tropas Americanas como Russas. A montanha situava-se naquilo que viria a ser a fronteira da zona Soviética de ocupação. As ruínas de tijolo e estuque do transmissor de rádio e de um hotel turístico erguiam-se do lado de fora da luz da fogueira. Só um par de pelotões por aqui. Ninguém acima dos milicianos. Os oficiais estavam todos lá em baixo em Bad Harzburg, Halberstadt, qualquer sítio confortável, a embebedarem-se ou a foderem. Há um certo ambiente de ressentimento cá em cima no Brocken pois claro, mas os rapazes gostam da Geli e toleram o Slothrop, e o melhor de tudo, ninguém parece estar ligado à tal Manutenção.

É só uma segurança momentânea, porém. O Major Marvy anda a ranger os dentes pelo Harz, causando episódios cardíacos a milhares de canários, que caem das árvores em amarelos magotes com a barriga para cima enquanto ele continua a revolver tudo berrando *Apanhem-me* aquele cabrão daquele anglo não me interessa os homens que forem precisos quero um raio duma *divisão* estás a ouvir-me rapaz? É só uma questão de tempo até ele tornar a encontrar o rastro. Está desvairado. O Slothrop é um pouco parvo, mas não a esse ponto — isto é realmente pouco saudável, esta perseguição do Marvy. Será possível... pois, tal pensamento certamente já lhe ocorreu — que o Marvy esteja feito com aqueles do Rolls-Royce que tinham andado atrás dele em Zurique? Pode não haver limite para as conexões deles. O Marvy é amiguinho da GE, isso é dinheiro do Morgan, há dinheiro do Morgan em Harvard, e seguramente isso liga-se num sítio qualquer ao Lyle Bland... quem *são* eles, hã? porque querem eles o Slothrop? Ele sabe agora de certeza que Zwitter o louco cientista Nazi é um deles. E aquele velho e amável Professor Gimpf estava só lá em baixo no Mittelwerke à espera de recolher o Slothrop caso ele aparecesse. Jesus. Se quando anoiteceu o Slothrop não tivesse voltada à socapa para casa da Geli lá em baixo em Nordhausen, de certeza que por esta hora eles já o teriam encarcerado, talvez sovado, talvez matado.

Antes de voltarem a descer a montanha, conseguem cravar seis cigarros e algumas rações de combate às sentinelas. A Geli conhece um amigo de um amigo que está numa quinta no Goldene Aue, um entusiasta das viagens em balão chamado Schnorp, que está a caminho de Berlim.

«Mas eu não quero ir para Berlim.»

«Tu queres ir para onde não estiver o Marvy, Liebchen.»

O Schnorp está radiante, assaz ansioso por companhia, acabado de regressar de um economato local com os braços cheios de umas caixas brancas e chatas: mercadoria que tenciona levar para Berlim. «Não há problema», diz ele ao Slothrop, «não se preocupe. Já fiz esta viagem centenas de vezes. Ninguém se incomoda com um balão.»

Leva o Slothrop até às traseiras da casa, e aí no meio de um verde campo em declive está uma barquinha de vime ao lado de um grande monte de brilhante seda amarela e escarlate.

«Uma fuga verdadeiramente discreta», murmura o Slothrop. Apareceu um bando de miúdos que saíram a correr de um pomar de maceiras para os ajudarem a transportar até à barquinha uns jerricans de lata cheios de álcool destilado a partir de cereais. Todas as sombras estão a ser atiradas para o cimo do monte pelo céu da tarde. O vento sopra do ocidente. O Slothrop empresta ao Schnorp a chama do seu Zippo para pôr o queimador a funcionar enquanto os miúdos alisam as dobras dos panos do balão. O Schnorp aumenta a chama até ela se projectar de lado e com um rugido contínuo para a abertura do grande saco de seda. As crianças visíveis através da abertura desfazem-se em contorcidas ondas de calor. Lentamente o balão começa a expandir-se. «Lembra-te de mim», grita a Geli acima do ruído do queimador. «Até eu te ver outra vez...» O Slothrop trepa para a barquinha com o Schnorp. O balão ergue-se um pouco acima do solo e é colhido pelo vento. Começam a mover-se. A Geli e os miúdos seguraram a barquinha ao redor dos seus talabardões, o saco ainda não está inteiramente a pino mas aproxima-se disso rapidamente, arrastando-os a todos tão depressa quanto os pés deles se conseguem mover, gargalhando e incitando, pela ladeira acima. O Slothrop mantém-se fora do caminho o mais que pode, deixando o Schnorp ver se a chama está apontada para dentro do saco e se as linhas para a cesta estão desimpedidas. Por fim o saco ganha a vertical, cobrindo o sol, o interior dele torna-se um tumultuoso redemoinho de calor amarelo e escarlate. Um a um o pessoal de terra solta-se, dizendo adeus. A última a ir é a Geli no seu vestido branco, cabelo apanhado atrás das orelhas em trancinhas, o seu suave queixo e boca e grandes olhos sérios fitando os do Slothrop por tanto tempo quanto ela é capaz até ter de soltar-se. Ajoelha-se na relva, sopra-lhe um beijo. O Slothrop sente o seu coração, fora de controlo, inflar-se de amor e elevar-se tão depressa como um balão. Está a demorar-lhe mais, quanto mais tempo ele passa na Zona, lembrar-se de dizer *oh pára lá de ser tosco*. O que está este local a fazer ao seu cérebro?

Ganham altitude sobre um troço de abetos. A Geli e as crianças vão diminuindo até se tornarem pinzeladas de sombra sobre o verde relvado. Os montes afastam-se, achatam-se. Daí a pouco, olhando para trás, o Slothrop consegue ver Nordhausen: Catedral, Rathaus,

Igreja de São Brás... o quarteirão destelhado em que ele encontrara a Geli...

O Schnorp dá-lhe uma cotovelada e aponta. Ao fim de algum tempo o Slothrop consegue distinguir um comboio de quatro veículos verde-azeitona levantando pó em direcção à quinta com certa pressa. Os Manos do Marvy, pelo aspecto das coisas. E o Slothrop pendurado nesta berrante bola de praia. Bom, não faz mal —

«Eu trago má sorte», berra o Slothrop um pouco depois. Encontraram agora bom andamento rumo a nordeste, e aproximaram-se mais da chama de álcool, golas levantadas, com um gradiente que deverá ser de uns 50° entre o vento nas suas costas e o calor à frente deles. «Eu devia tê-lo avisado disso. Você nem sequer me conhece, e aqui vamos nós a voar para aquela zona Russa.»

O Schnorp, o cabelo dele esvoaçando como umas férias de feno, faz uma coisa melancolicamente Alemã com o seu lábio superior: «Não há zonas», diz ele, o que também é uma frase da Geli. «Não há zonas além da Zona.»

Não tarda que o Slothrop tenha começado a verificar estas caixas que o Schnorp trouxe consigo. Há uma dúzia delas, e cada uma contém uma funda e dourada tarte de custarda, as quais alcançarão um preço fantástico em Berlim. «Ena», grita o Slothrop, «esta agora. Com certeza estou a alucinar», e mais conversa como essa de entusiasmado assistente júnior.

«Você devia arranjar um cartão de economato.» Uma tentativa de venda.

«Neste momento nem sequer tenho dinheiro para o selo de rationamento de umas cuecas de formiga», responde o Slothrop, muito francamente.

«Bom, eu divido esta aqui consigo», conclui o Schnorp ao fim de um tempo, «porque estou a ficar com uma certa fome.»

«Enapá, enapá.»

Bom, o Slothrop está a mastigar aquela tarte! a gozar aquilo, lambendo a custarda das suas mãos, quando por acaso nota no céu, lá atrás para os lados de Nordhausen, um objecto esquisito e escuro, do tamanho de um ponto. «Uh —»

O Schnorp olha em redor, «Kot!» saca de um telescópio de latão e assesta-o reluzente sobre o talabardão. «Kot, kot — não tem marcas.» «Será que...»

A partir do ar tão azul que se pode pegar-lhe entre os dedos, esfregá-los, e ficar com eles azuis, vêem o ponto crescer devagarinho até se tornar um velho e ferrugento avião de reconhecimento. Daí a pouco conseguem ouvir-lhe o motor, roncando e babando-se. Então, enquanto o olham, ele adorna e inicia uma passagem.

Pelo vento que há entre eles, tenuemente, chega-lhes o canto das Fúrias:

Havia um moço chamado McGuire na bagagem
Que gostava do amplificador de arfagem.
Mas uma série de fugas
Deixou-o coberto de verrugas,
E pôs-lhe metade do quarto em torragem.

Ja, ja, ja, ja!
Na Prússia nunca lamberam pelúcia —

O avião passa zumbindo a um ou dois metros de distância, mostrando a sua barriga. É um monstro, prestes a dar à luz. Por uma pequena portinhola de acesso espreita um rosto vermelho com capacete de cabedal e óculos de voo. «Cabrão do anglo», a passar por eles, «espera aí que já te tratamos desse coirão.»

Sem pensar nisso, o Slothrop pegou numa tarte. «Vai-te foder.» Atira-a, um tiro perfeito, o avião vai a passar lentamente por eles e *blop* acerta em cheio na cara do Marvy. Isso. Mãoos enluvadas limpam aquela balbúrdia. Aparece a rosada língua do Major. A custarda escorre ao vento, gotículas amarelas tombam com longos arcos em direcção à terra. A escotilha fecha-se enquanto o avião de reconhecimento se afasta, abranda, os contorna e regressa. Schnorp e Slothrop pegam em tartes e aguardam.

«Não há capota a cobrir aquele motor», reparou o Slothrop, «por isso vamos apontar para lá.» Conseguem agora ver a face dorsal do avião, a sua cabina completamente lotada com soldados Americanos encharcados em cerveja, que cantam:

Havia um sujeito chamado Ritter, então,
 Que dormiu com um transmissor de orientação.
 Isso fez-lhe encolher a picha,
 Que quando lhe caiu parecia lixa,
 E assim se tornou um rezingão.

A cem metros e aproximando-se rapidamente. O Schnorp agarra o Slothrop pelo braço e aponta para estibordo. A Providência engendrou pôr no seu caminho uma grande e alva rampa de nuvens, e o vento está a levá-los com presteza até elas; a fervilhante criatura estende brancos tentáculos, dizendo-lhes depressa... depressa... e então eles estão lá dentro, dentro do seu húmido e gélido retiro...

«Agora eles vão ficar à espera.»

«Não», o Schnorp pondo no ouvido uma mão em concha, «eles pararam o motor. Estão cá dentro connosco.» O envolvente silêncio prolonga-se por um minuto ou dois, mas é claro:

Havia um sujeito chamado Schroeder,
 Que foi ao leme enrabar o servomotor.
 Cresceu-lhe ali um gadanho
 Na ponta do seu amanho,
 E foi logo contratar um promotor.

O Schnorp está a brincar com a chama, um nimbo rosa-pardo, procurando menor visibilidade, mas sem perder muita altitude. Flutuam no interior da sua própria esfera de luz descorada, sem coordenadas. Excrescências de granito projectam-se cegamente para o alto como punhos para o interior da nuvem, procurando encontrar o balão. O avião está algures, com seu próprio rumo e velocidade. Não há acção alguma que o balão possa empreender. As decisões binárias perderam aqui sentido. A nuvem acerca-se, sufocante. Condensa-se em gordas gotas por cima das tartes. De súbito, cáusticos e ressacados:

Havia um moço de Decatur, Illinois,
 Que dormiu com um gerador LOX, pois
 Os tomates e a peça
 Gelaram-lhe bem depressa,
 E o cu dele um pouco depois.

As cortinas de vapor recuam para revelarem os Americanos, em voo planado a bem menos de dez metros e somente um pouco mais depressa que o balão.

«Agora!», brada o Schnorp, lançando uma tarte sobre o motor exposto. A de Slothrop falha e espalma-se sobre o pára-brisas à frente do piloto. Por essa altura já o Schnorp começou a atirar sacos de lastro para o motor, deixando um deles enfiado entre dois dos cilindros. Os Americanos, colhidos de surpresa, procuram em confusão as suas armas de mão, granadas, metralhadoras, seja o que for que os tipos da Manutenção transportem consigo ao jeito de armamento leveiro. Mas já passaram vogando, e agora o nevoeiro torna a cerrar-se. Há alguns tiros.

«Merda, pá, se eles nos acertam no saco —»

«Chiu. Acho que acertámos no cabo do magneto de arranque.» Lá para o meio da nuvem pode ouvir-se o incómodo bramido de um motor que se recusa a pegar. As juntas guincham desesperadamente.

«Oh, foda-se!» Um grito abafado, ao longe. O gemido intermitente vai-se tornando mais débil até haver silêncio. O Schnorp está deitado de costas, comendo tarte, rindo-se amargamente. Metade do seu inventário foi lançado borda fora, e o Slothrop sente-se um pouco culpado.

«Não, não. Deixe de se preocupar. Isto é como num dos primeiros dias do sistema mercantil. Voltámos a isso outra vez. Uma segunda oportunidade. Os percursos são longos e arriscados. As perdas em trânsito fazem parte da vida. Você teve um vislumbre de como é o Ur-Markt.»

Quando as nuvens se afastam alguns minutos depois, eles acham-se a flutuar serenamente ao sol, capas a escorrerem, saco de gás ainda luzidio com a húmida nuvem. Não há qualquer sinal do avião do Marvy. O Schnorp ajusta a chama. Começam a subir.

Perto do pôr-do-sol, o Schnorp fica pensativo. «Olha. Consegue ver-se a borda dela. A esta latitude a sombra da Terra percorre a Alemanha a 975 quilómetros por hora, a velocidade de um avião a jacto.» O manto de nuvens quebrou-se em pequenas ilhotas de bruma cor

de camarão cozido. O balão continua a vogar, sobre um território cuja verdejante manta de retalhos o crepúsculo constrange agora ao negro: o fio de um pequeno riacho refulgindo no sol tardio, o intrincado e anguloso padrão de mais uma vila destelhada.

O crepúsculo é vermelho e amarelo, como o balão. No horizonte a amena esfera começa a torcer-se para baixo, um pêssego sobre um prato de porcelana. «Quanto mais para sul se vai», continua o Schnorp, «mais depressa a sombra passa, até se atingir o equador: mil e quinhentos quilómetros por hora. Fantástico. Ela ultrapassa a velocidade do som algures no sul de França — perto da latitude de Carcassonne.»

O vento está a levá-los consigo, para entre o norte e o nor-nordeste. «Sul de França», lembra-se então Slothrop. «Pois. Foi aí que eu ultrapassei a velocidade do som...»



A Zona está em pleno estio: encontram-se almas quiescentes por detrás dos pedaços de paredes, profundamente adormecidas e enroscadas no fundo de crateras de projécteis, fodendo ao ar livre sob os viadutos com as abas das pardacentas camisas alçadas, à deriva sonhando pelo meio dos campos. Sonhando com comida, oblívio, histórias alternativas...

Os silêncios aqui são retiradas do som, como a retirada da rebentaçao antes da vaga irresistível: o som escoa-se, por rampas de passagem acústica, para reunir, num outro local qualquer, uma grande onda de ruído. As vacas — grandes trapalhonas malhadas a preto e branco, agora atreladas aos arados por os cavalos alemães da Zona estarem praticamente extintos — arrastar-se-ão penosamente com rostos impávidos para dentro dos campos de minas, que voltarão a ser semeados no Inverno. Os medonhos rebentamentos vão ressoando sobre as terras de cultivo, cornos, peles e carne picada caem chovendo sobre tudo aquilo, e os badalos amolgados jazem pacatos entre os trevos. Os cavalos poderiam ter sabido manter-se à distância — mas os Alemães malbarataram os seus cavalos, dissiparam a raça, levando-os para o pior que havia, os enxames de aço, os reumáticos

atoleiros, as desabrigadas geadas invernais das nossas últimas Frentes. Alguns poderão ter encontrado segurança junto dos Russos, que ainda cuidam dos cavalos. Consegue-se ouvi-los muitas vezes à noite. As fogueiras dos acampamentos deles emitem raios a quilómetros desde a parte de trás das barracas de faia, por entre a bruma do verão nortenho que é quase seca, o bastante apenas para dar à luz da fogueira um gume de faca, uma dúzia de acordeões e concertinas todos eles tocando ao mesmo tempo acordes desafinados com um tinido das palhetas, e as canções cheias de lamentosos *stryehs* e *znyis* com vozes das raparigas auxiliares a destacarem-se entre todas. Os cavalos relincham e movem-se na erva sussurrante. Os homens e as mulheres são amáveis, desembaraçados, fanáticos — são os mais jubilosos dos sobreviventes da Zona.

Entrando e saindo em toda aquela carne vibrante move-se o louco necróforo Tchitcherine, que é mais metal do que qualquer outra coisa. Os dentes de aço pestanejam enquanto ele fala. Sob o seu penteado há uma placa prateada. Arames dourados serpeiam em tatuagem tridimensional por entre os finos destroços de cartilagem e osso dentro da articulação do seu joelho direito, a forma deles sempre sentida, um selo de dor feito à mão, e a condecoração de combate de que ele mais se orgulha, por ser invisível, e somente ele poder senti-la. Uma operação de quatro horas, e às escuras. Era a Frente Oriental: não havia sulfamidas, nem anestesia. Claro que ele está orgulhoso.

Marchou até aqui, com o seu coxejar tão permanente quanto ouro, vindo do frio, das campinas, do mistério. Oficialmente reporta ao TsAGI, que é o Instituto Central de Aero e Hidrodinâmica em Moscovo. As ordens dele referem inteligência técnica. Mas a sua verdadeira missão na Zona é privada, obsessiva, e não — assim lho disseram os seus superiores, numa variedade de maneiras delicadas — no interesse do povo. O Tchitcherine adivinha que isso, tomado à letra, poderá ser bastante verdade. Mas não está certo acerca dos interesses daqueles que o avisaram. Eles poderiam ter as suas próprias razões para quererem liquidar o Enzian apesar do que dizem. Os diferendos deles com o Tchitcherine poderão ser sobre a oportunidade, ou os motivos. Os motivos do Tchitcherine não são políticos. O pequeno

Estado que ele está a construir no vácuo Alemão baseia-se numa necessidade compulsiva que ele desistiu de tentar compreender, uma necessidade de aniquilar o Schwarzkommando e o seu mítico meio-irmão, Enzian. Ele provém da Estirpe Niílistas; há entre os seus antepassados uma imensa quantidade de atiradores de bombas e jubilantes assassinos. Ele não tem relação alguma com o Tchitcherine que negociou o Tratado de Rapallo com Walter Rathenau. Havia um operador de longo curso, um Menchevique tornado Bolchevique, no seu exílio e retorno acreditando num Estado que a todos eles sobrevivesse, onde alguém viria sentar-se à mesa no lugar dele tal como ele se acomodara ao de Trotsky — os convivas chegariam e partiriam mas os assentos haveriam de permanecer... bom, óptimo. Existe esse tipo de Estado. Mas por outro lado, existe este outro tipo, que é do Tchitcherine, um Estado mortal que não persistirá por mais tempo do que os indivíduos nele. Ele está ligado, em amor e em medo corporal, a estudantes que morreram sob as rodas de carruagens, a olhos traídos por noites sem sono e a braços que se abriram maniacamente à morte pelo poder absoluto. Inveja-lhes a solidão, a disposição deles para se adiantarem sozinhos, mesmo até ao lado de fora de uma estrutura militar, muitas vezes sem o apoio nem o amor de ninguém. A sua fiel rede de fráuleins ao redor da Zona é um compromisso: ele sabe que há demasiado conforto nisso, mesmo quando as informações adquiridas são boas. Mas os perceptíveis acasos do amor, do afecto, continuam a ser ligeiros demais para que ele os aceite, quando comparados com o que ele tem de fazer.

Durante os primeiros dias do Estaline, o Tchitcherine estava estacionado numa remota «esquina de urso» (*medvezhy ugolok*), lá para o meio do território dos Sete Rios. No Verão, os canais de irrigação suavam difusos rendilhados sobre o oásis verde. No Inverno, copos de chá pegajosos orlavam os parapeitos das janelas, os soldados jogavam à preferência e só iam lá fora para mijarem, ou para dispararem sobre lobos surpreendidos ao fundo da rua com uma recentemente reapetrechada versão da Mosin. Era uma terra de ebria nostalgia pelas cidades, silenciosos Quirguizes cavalgando, intermináveis tremores na terra... devido aos terramoto, ninguém construía acima do

primeiro andar, pelo que a vila parecia um filme do Oeste Selvagem: uma rua castanha e imunda, orlada de grandiosas fachadas com dois e três pisos falsos de altura.

Ele viera para dar aos homens das tribos daqui, deste local tão remoto, um alfabeto: entre eles era puramente discurso, gesto, toque, nem sequer uma caligrafia Árabe para substituir. O Tchitcherine coordenava-se com o centro local da Likbez, que integrava uma série deles conhecidos lá em Moscovo como os «džurts vermelhos». Quirguizes velhos e novos vinham das planícies, cheirando a cavalo, a leite azedo e a fumo de erva, e entravam lá para contemplarem ardósias repletas de marcas a giz. Os rígidos símbolos latinos eram quase igualmente estranhos aos quadros russos — a alta Galina com as suas desbotadas calças do Exército e as pardas camisas Cossacas... a Luba de cabelos frisados e suave rosto, dilecta amiga dela... O Vaslav Tchitcherine, o olhar político... todos agentes — embora nenhum deles pensasse nisso desse modo — a representarem o NAT (Novo Alfabeto Turco) num território invulgarmente estranho.

Nas manhãs após a messe, o Tchitcherine normalmente abalará até aos tais džurts vermelhos dali, a fim de ir espreitar a tal Galina que é professora — a qual apela ao que deverá ser uma ou outra ligação feminina na personalidade dele... bom... muitas vezes ele virá até cá fora para encontrar os seus céus matinais repletos de clarões de relâmpagos: tempestuosos, ofuscantes. Medonhos. O solo estremece um pouco abaixo da sua audição. Poderia ser o fim do mundo, se este não fosse um dia razoavelmente comum, para a Ásia Central. Pulsação após ampla pulsação celeste. Nuvens, algumas em muito nítido perfil, negras e entrecortadas, vogam em armadas rumo ao ártico asiático, sobre as vastas dessiatinas de ervas, de caules de verbasco, que ondeiam até perder de vista, verdes e cinzentas ao vento. Um vento espantoso. Mas ele está de pé na rua, no meio desta, a apertar as suas calças, bandas das lapelas açoitadas e a embaterem-lhe contra o peito, amaldiçoando o Exército, o Partido, a História — seja o que for que o pôs ali. Não virá a amar este céu ou planície, estas pessoas, os animais delas. Nem a olhar para trás, nem sequer para os piores acampamentos pantanosos da sua alma, para os desamparados encontros em Leninegrado com a certeza da sua morte, das mortes

dos camaradas, nunca guardar qualquer memória dos Sete Rios com a qual se possa abrigar. Nenhuma música ouvida, nenhuma jornada estival empreendida... nenhum cavalo visto a recortar-se contra a es-tepe na última luz do dia...

Certamente não para a Galina. A Galina nem sequer será uma «memória» propriamente dita. Ela já é mais como que a forma de um alfabeto, o procedimento para a desmontagem de uma Mosin — sim, como lembrar-se de suster o gatilho com o indicador da mão esquerda enquanto se remove o perno com a direita, um conjunto de precauções interligadas, parte de um processo entre os três exilados Galina/Luba/Tchitcherine que vai efectuando as suas alterações, a sua pequena dialéctica, até terminar, sem nada mais que a estrutura para recordar...

Os olhos dela escondem-se em sombras de ferro, as órbitas escurecidas como se por golpes muito precisos. O queixo dela é pequeno, quadrado, projectado para diante, os dentes inferiores mais aptos a mostrarem-se quando ela fala... Quase nunca sorri. Ossos do rosto fortemente curvados e soldados. A aura dela é pó de giz, sabão de lavandaria, suor. Com a desesperada Luba à beira, sempre, do quarto dela, da sua janela, um bonito falcão. Galina treinou-a — mas é somente Luba que voa, que conhece o mergulho de um verst, o choque das garras e o sangue, enquanto a sua delgada dona tem de ficar lá em baixo na sala de aula, enclausurada por palavras, derivações e padrões de geada das alvas palavras.

Pulsam luzes atrás das nuvens. O Tchitcherine segue a lama da rua até ao Centro, recebe um rubor da Luba, uma espécie de saudação prostrada e um floreado de esfregão por parte do cómico homem dos sete ofícios chinês Chu Piang, olhares ilegíveis de um ou dois alunos mais matutinos. O mestre-escola itinerante «nativo» Džaqyp Qulan levanta os olhos de um amontoado de cartas topográficas em tons pastel, teodolitos negros, atacadore de botas, juntas de tractor, tampões, esteios de união cheios de óleo, estojos de metal para mapas, cartuchos de 7,62 mm, migalhas e pedaços de lepeshka, prestes a pedir um cigarro que já saiu do bolso do Tchitcherine e vai a caminho.

Ele sorri obrigado. É o melhor que tem a fazer. Não está seguro das intenções do Tchitcherine, muito menos da amizade dos Russos.

O pai de Džaqyp Qulan foi morto durante a insurreição de 1916, tentando fugir às tropas de Kuropatkin pela fronteira para a China — um dos cerca de 100 Quirguizes em fuga massacrados certa noite ao lado de um esmorecido ribeiro cujo rastro de certa forma se poderia seguir rumo a norte até ao zero no cimo do mundo. Os colonos Russos, em pleno pânico de vigilante, cercaram e mataram os refugiados mais morenos com pás, ancinhos, velhas espingardas, toda a arma que tivessem à mão. Uma ocorrência banal em Semirechie nessa época, mesmo àquela distância da linha férrea. Eles caçaram Sarts, Cazaques, Quirguizes e Dunganos nesse terrível Verão como se fossem caça grossa. Faziam-se tabelas de pontuação diárias. Era uma competição de boa índole mas mais do que um jogo. Milhares de irrequietos nativos morderam o pó. Os nomes deles, até os seus números, perdidos para sempre. Cores de pele, modos de trajar tornaram-se causa razoável para prender, bater e matar. Até as vozes falantes — porque rumores de agentes Alemães e Turcos corriam por estas planícies, não sem a ajuda de Petrogrado. Esta insurreição nativa deveria ser obra dos estrangeiros, uma conspiração internacional para abrir uma nova frente na guerra. Mais paranóia ocidental, solidamente baseada no equilíbrio do poder Europeu. Como poderia haver razões Cazaques, Quirguizes — Orientais? Não estavam as nacionalidades felizes? Cinquenta anos de domínio russo não haviam trazido progresso? riqueza?

Bom, para já, sob a corrente dispensação em Moscovo, Džaqyp Qulan é filho de um mártir nacional. O Georgiano chegou ao poder, poder na Rússia, antigo e absoluto, proclamando Ser Gentil Para As Nacionalidades. Mas embora o velho e amável tirano faça o que pode, Džaqyp Qulan continua de algum modo tão «nativo» quanto antes, quotidianamente aferido por estes Russos quanto ao seu grau de inquietação. O seu rosto cor de canela, os seus olhos compridos e estreitos e as botas empoeiradas, onde vai ele nas suas viagens e o que realmente transpira dentro das solitárias tendas de abrigo Lá No Meio, entre os auls, no meio daquele vento, isso são mistérios que eles não se preocupam em penetrar ou tocar. Atiram-lhe amigáveis cigarros, constroem-lhe existências de papel, usam-no como um Falante Nativo Educado. É-lhe permitida a sua função e não se vai

mais longe do que isso... a não ser, de vez em quando, um olhar da Luba a sugerir falcoaria — peias, céu e terra, viagens... Ou vindo da Galina um silêncio onde poderia haver palavras...

Ela tornou-se aqui uma connoisseur de silêncios. Os grandes silêncios dos Sete Rios não foram ainda alfabetizados, e talvez nunca venham a sê-lo. Eles estão aptos a em qualquer altura entrarem num quarto, num coração, devolvendo ao giz e ao papel as sensatas alternativas Soviéticas para aqui trazidas pelos agentes da Likbez. São silêncios que o NAT não pode preencher, não pode liquidar, tão imensos e assustadores como os elementos nesta esquina de urso — à escala de uma Terra maior, de um planeta mais selvagem e mais distante do sol... Os ventos, os nevões e as ondas de calor urbanas da infância da Galina nunca foram tão vastos, tão impiedosos. Ela teve de vir até aqui para aprender qual era a sensação de um terramoto, e como resistir a uma tempestade de areia. Como seria voltar agora, voltar para uma cidade? Muitas vezes ela sonhará com algum elegante modelo de cartão, a cidade de um planeador de cidades, perfeitamente detalhada, tão minúscula que as solas das botas dela poderiam arrasar bairros inteiros só com um passo — ao mesmo tempo, ela é também uma habitante, lá em baixo no interior da pequena cidade, que desperta a altas horas da noite, pestanejando para a dolorosa luz do dia, esperando pela aniquilação, os golpes vindos do céu, tornada terrivelmente tensa pela espera, incapaz de designar seja o que for que se aproxima, sabendo — é demasiado horrível dizê-lo — que é ela própria, o seu eu de gigantona da Ásia Central, a tal Coisa Inominável que ela teme...

Estes altos, estes anjos Muçulmanos que obscurecem as estrelas... *O, wie spurlos zerträte ein Engel den Trostmarkt...* Ele é constante lá atrás, a ocidente, o meio-irmão Africano e os seus livros de poesia sulcados e juncados de letras Teutónicas em negro de madeira queimada — ele espera, enfarruscando as páginas uma a uma, lá do outro lado dos inúmeros versts de planície e de luz zonal que chega oblíqua quando os outonos deles por ali passam de novo a cada ano, que se inclina sobre a cernelha do planeta como um velho cavaleiro de circo, tenta despertar a atenção deles com nada mais do que o seu rosto público, e continua a falhar em cada destra, perfeita passagem ao redor do ringue.

Mas não terá o Džaqyp Qulan, de vez em quando — não muitas vezes — do outro lado da sala de aula de papel, ou de surpresa diante de janelas viradas para a grande verdura aberta, lançado ao Tchitcherine um certo olhar? Não dizia esse olhar, «Nada do que tu faças, nada do que ele faça, te ajudará na tua mortalidade»? E, «Vocês são irmãos. Juntos, separados, porquê deixar que isso importe tanto? Vive. Morre um dia, honradamente, torpemente — mas não pela mão do outro...» A luz de cada Outono comum continua a trazer o mesmo conselho gratuito, cada vez um pouco menos esperançoso. Mas nenhum dos irmãos consegue ouvir. O negro deve ter encontrado, algures na Alemanha, a sua própria versão do Džaqyp Qulan, algum nativo acriançado para o fitar a partir dos sonhos Alemães da vinda do anjo da Décima Elegia, batimentos de asas já nas margens da vigília, vindo pisar sem deixar rasto o branco mercado do seu próprio exílio... Virado para oriente, o rosto negro mantendo-se em vigia em qualquer talude invernal ou muro cor de terra feito de uma pedra de fino grão sobre as planas vastidões da Prússia, da Polónia, as léguas de prados à espera, tal como o Tchitcherine se torna agora todos os meses mais tenso e alisado pelo vento no seu flanco ocidental, vendo a História e a Geopolítica movê-lo seguramente para a confrontação enquanto as telefonias vão gritando mais alto, novas represas na noite estremecem ao toque com raiva hidroeléctrica, instalando-se, por cima dos desfiladeiros e das gargantas, os céus do dia se tornam espessos com milhares de dosséis em queda, brancos como as visões dos celestes džurts de homens ricos, jogando agora e ainda desajeitados, mas crescendo, cada padrão a alastrar, cada vez menos em jogo...

Rumo à ossatura do interior do território cavalgam o Tchitcherine e o seu fiel companheiro quirguize Džaqyp Qulan. O cavalo de Tchitcherine é uma versão dele próprio — um Appaloosa vindo dos Estados Unidos chamado Snake. O Snake costumava ser uma espécie de cavalo que vivia das mesadas. Há dois anos estava na Arábia Saudita, recebendo todos os meses um cheque de um simplório (ou, caso apreciemos sistemas paranóicos, de um horrendamente racional) homem do petróleo de Midland, no Texas, para se manter longe dos

circuitos de rodeos dos Estados Unidos, onde nesses tempos o famoso bronco saltitante Midnight andava a lançar rapazes a torto e a direito para cima das vedações batidas pelo sol. Mas aqui o Snake não é tão selvagem ao modo do Midnight quanto metódicamente homicida. Pior ainda, é imprevisível. Quando se vai montá-lo ele pode mostrar-se indiferente, ou tão dócil quanto uma donzela. Mas logo a seguir, sem qualquer aviso, tomado pelo derradeiro estertor de um grande suspiro, ele poderia matar-nos com a simplicidade do gesto de um casco, do sinuoso afundamento de uma cabeça para diante no exacto momento e ponto do terreno em que deixaríamos de viver. Não havia maneira de se saber: durante meses ele podia não dar problema nenhum. Até agora tem ignorado o Tchitcherine. Mas já por três vezes tentou o Džaqyp Qulan. Em duas delas a pura sorte preservou o Quirguize, e na terceira ele na verdade ficou pendurado e cavalgou o potro por muito tempo até obter um tipo razoável de obediência. Mas sempre que o Tchitcherine sobe até à reverberante paliçada do Snake na encosta, com os seus aprestos de couro e o seu pedaço de tapete cheio de cicatrizes para o lombo do cavalo ele leva a dúvida, a inconsolável possibilidade de que o Quirguize não o tenha verdadeiramente domado na última vez. De que o Snake esteja somente à espera do seu momento...

Vão cavalgando para longe da via-férrea: distanciando-se das zonas mais amáveis da Terra. Estrelas pretas e brancas explodem ao fundo da garupa e dos quadris do Appaloosa. No centro de cada uma dessas novas há um perfeito círculo de vácuo, de ausência de cor, ao qual os Quirguizes do meio-dia nas bermas das estradas lançaram olhares, e dele se desviaram sorrindo com uma viragem de cabeça para o horizonte lá atrás.

Estranhas, estranhas são as dinâmicas do petróleo e os modos dos homens do petróleo. O Snake assistiu a imensas mudanças desde a Arábia, a caminho do Tchitcherine, que poderá ser a sua outra metade — imensos ladrões de cavalos, duras cavalgadas, confiscos por este e aquele governo, fugas para territórios cada vez mais remotos. Desta vez, os faisões quirguizes espalhando-se agora ao som dos cascos, pássaros grandes como perus, pretos e brancos com manchas vermelho-sangue ao redor dos olhos, arrastando-se em busca das terras altas, o Snake está a sair para aquela que poderá ser a última

aventura de todas, mal se lembrando agora dos canos de água nos oásis cheios de fumo, dos homens barbados, das selas gravadas, nacaradas e lacadas, das rédeas de pele de cabra retorcida, das mulheres num segundo selim a ulularem com deleite para sopés de montes Caucasianos no escuro, arrebatadas pela lascívia, pelo temporal ao longo das faixas dos mais indistintos carreiros... somente rastos agora espalhados lá para trás numa esteira sobre estas pradarias terminais: sombras amortecendo e passando a repousar entre a rota dos faisões. Cresce o ímpeto enquanto os dois cavaleiros mergulham para diante. O cheiro das florestas na noite desaparece aos poucos. À espera, no meio da luz do sol que não é deles ainda, está o... O... À espera deles, a inimaginada criatura das alturas, e ardendo...

... ainda agora nos seus sonhos de crescida, à ansiosa Galina chega o cavaleiro alado, rubro Sagitário saído dos cartazes da infância da Revolução. Longe de algazarra, neve, ruas laceradas, ela acocora-se aqui no pó da Ásia com as suas nádegas arqueadas em direcção ao céu, aguardando o primeiro toque dele — *daquilo...* Cascos de aço, dentes, algum sibilante roçar de penas ao longo da espinha dela... o ressoante bronze de uma estátua equestre numa praça, e o rosto dela, comprimido contra a terra sísmica...

«Ele é um soldado», a Luba referindo-se simplesmente ao Tchitcherine, «e está longe de casa.» Colocado lá para o meio do Leste selvagem, e continuando sereno, impávido, e claramente sob qualquer maldição oficial. Os rumores são tão extravagantes quanto este território é apático. Na sala de recreação os cabos falam sobre uma mulher: uma extraordinária cortesã Soviética que usava camisolas de pelica branca e todas as manhãs rapava as suas pernas perfeitas até às virilhas. A Catarina que fodia cavalos, adornada de arminhos e brilhante, em versão actualizada. Os amantes dela iam desde ministros até gente como o Capitão Tchitcherine, naturalmente o seu mais autêntico. Enquanto neo-Potemkins sondavam o profundo Ártico por ela, lobos especializados e tecnocráticos erigindo povoados a partir da tundra, inteiras abstracções urbanas saídas do gelo e da neve, o ousado Tchitcherine estava de volta à capital, bem aconchegado na

dacha dela, onde brincavam ao pescador e ao peixe, ao terrorista e ao Estado, ao explorador e à margem do mundo verde-onda. Quando a atenção oficial se virou finalmente para eles, isso para o Tchitcherine não significou a morte, nem sequer o exílio — mas um desvanecer das possibilidades de carreira: sucedia ser assim que os vectores se orientavam, naqueles dias. A Ásia Central durante boa parte dos seus melhores anos, ou adido num sítio qualquer como a Costa Rica (bom — ele gostaria que *pudesse* ser a Costa Rica, um dia — uma libertação deste purgatório, para rebentações rumorejantes, verdes noites — que saudades ele tem do mar, como ele sonha com olhos escuros e líquidos como os seus, olhos coloniais, postados no alto de varandas de pedra apodrecida...).

Entretanto, um outro boato fala da ligação dele ao lendário Wimpe, o principal vendedor da Ostarzneikunde GmbH, uma subsidiária da IG. Como é do conhecimento comum que os representantes da IG no estrangeiro são na verdade espiões Alemães, que reportam a um gabinete em Berlim conhecido como «NW7», esta história acerca do Tchitcherine não é tão fácil de acreditar. Se ela fosse literalmente verdadeira, o Tchitcherine não estaria aqui — não há nenhuma maneira possível de a vida dele poder ter sido poupadada em favor deste sonambulismo entre as vilas de guarnição a leste.

Certamente que ele *poderia* ter conhecido o Wimpe. As vidas deles, durante algum tempo, foram bastante próximas no espaço e no tempo. O Wimpe era um Verbidungsmann ao estilo clássico, com sinais de um entusiasmo pouco sadio: encantador, elegante de um modo que chegava até nós em prateleiras ou terraços de vigor: amigáveis olhos cintzentos, vertical nariz granítico, boca que nunca tremia, queixo incapaz de fantasias... fatos escuros, imaculados cintos de couro e fivelas prateadas, sapatos de couro de cavalo que reluziam sob as clarabóias dos vestíbulos czaristas e sobre o betão soviético, sempre janota, normalmente correcto, informado e apaixonado a respeito da química orgânica, a sua especialidade, e, já foi sugerido, a sua fé.

«Pensem em xadrez», nos primeiros tempos em que ele andava pela capital, procurando uma comparação que os Russos pudessem aceitar, «um extravagante jogo de xadrez.» Passando a demonstrar,

caso a sua audiência estivesse receptiva (ele tinha reflexos de vendedor, sabia como orientar-se automaticamente entre frases de menor indiferença) como cada molécula tinha tantas possibilidades a ela abertas, possibilidades de enlaçamento, laços de diferentes forças, desde o carbono que era o mais versátil, a rainha, «a Catarina a Grande da tabela periódica», até aos pequenos hidrogénios numerosos que se moviam singelamente como os peões... e a bruta oposição do tabuleiro de xadrez que se submetia, neste jogo químico, às figuras de dança em três dimensões, «quatro, se quiserem», e uma ideia radicalmente diferente do que significava ganhar e perder... Schwärmerei, haviam murmurado os colegas dele lá na terra, encontrando desculpas para se dedicarem a outras conversas. Mas o Tchitcherine teria ficado. Tolo e romântico, ele teria continuado a escutar, incitando até o Alemão.

Como poderiam eles ter deixado de ser observados? Logo a seguir, enquanto o caso prosseguia ao seu modo reprimido e exangue, a cadeia de comando Soviética, solícita como qualquer família do século XIX, começaria a efectuar passos simples para manter aqueles dois afastados. Terapia conservadora. Ásia Central. Mas nas semanas de vaga e branda inteligência, antes que os observadores apreendessem bem o jeito das coisas... que caras e coroas tilintavam dentro dos escuros bolsos *dessa* indeterminação? Desde os seus primeiros dias enquanto homem de pormenores, a especialidade do Wimpe havia-se centrado nas benzilisoquinolinas ciclizadas. Sendo as de maior interesse os alcalóides do ópio e suas muitas variações. Isso. As divisões interiores do gabinete do Wimpe — uma suite num hotel mais antigo — estavam cheias de amostras, drogas Alemãs em espantosa profusão, Wimpe o djinn do Ocidente pegando nelas, ampola atrás de ampola, para o rosto do pequeno Tchitcherine pasmar: «Eumecon, uma solução de morfina a 2%... Dionine (adicionámos um grupo etil, aqui, à morfina, como vê)... Holopon e Nealpon, Pantopon e Omnopon, todos eles misturas de alcalóides de ópio enquanto cloridratos solúveis... e Glycopon, enquanto glicerofosfatos... Aqui está o Euodal — uma codeína com dois hidrogénios, um hidróxilo, um cloridrato» — gesticulando no ar em torno da base do seu pulso — «pendurados em diferentes partes da molécula.» Entre esses remédios

patenteados, o aparato e os pormenores eram metade do jogo — «Como os Franceses fazem com os vestidos deles, nicht wahr? uma fita aqui, uma bonita fivela ali, para ajudar a vender um conceito mais frugal... Ah, isto? Trivalin!» Uma das jóias da gama dele. «Morfina, e cafeína, e cocaína, todas em solução, tal como os valeratos. Valeriana, ja — raiz e rizoma: você poderá ter parentes mais velhos que há uns anos a tomavam como tônico para os nervos... um pouco de passamanaria, poderia dizer-se — uns enfeites sobre essas moléculas nuas.»

O que tinha o Tchitcherine a dizer? Estaria o Tchitcherine ali de todo? recostado no quarto sombrio enquanto os cabos do elevador chocavam e rangiam através das paredes, e lá em baixo na rua, demasiado raramente para que isso fosse importante, um droshky passava a chocalhar entre estalos de chicote sobre aquelas velhas pedras pretas? Ou enquanto a neve embatia nas janelas enfarruscadas? Quão longe, aos olhos daqueles que iriam enviá-lo para a Ásia Central, era demasiado longe: a mera presença dele nestes aposentos trar-lhe-ia automaticamente a morte... ou haveria ainda, mesmo neste estádio das coisas, folga suficiente para que ele pudesse dar resposta?

«Mas logo que já se tratou da dor... da simples dor... para além... abaixo daquele nível zero de sensação... Ouvi eu dizer...» Ouviu ele dizer. Não é maneira mais subtil de entrar no assunto, e o Wimpe deveria conhecer todas as maneiras normais de meter conversa que há. Alguns homens militares são somente bruscos, ao passo que outros são de um sangue tão temerário que nunca há o problema de «se retraírem» — é uma insanidade positiva, eles não apenas lançarão cavalo contra canhão, como liderarão a carga pessoalmente. É magnífico, mas não é a guerra. Esperem pela Frente Oriental. Com a sua primeira acção, o Tchitcherine terá conquistado a sua reputação de maníaco suicidário. Os comandantes de campo Alemães desde a Finlândia ao Mar Negro desenvolverão por ele um desagrado cavalheiresco. Ponderar-se-á seriamente se o homem tem algum sentido de decência militar que seja. Hão-de capturá-lo e perdê-lo, feri-lo, dá-lo por morto em combate, e ele continuará, cheio de ímpeto, um esquiador furioso sobre os pântanos invernais — não haverá nenhum ajustamento do vento, nenhuma alteração-no-terreno ao polimento

do cano ou à ogiva mortal das suas munições Parabellum que alguma vez o possa deitar abaiixo. Ele gosta, tal como Lenine, do *on s'engage, et puis, on voit* de Napoleão, e quanto ao ímpeto de se precipitar para diante, bom, o quarto de hotel daquele homem da IG poderá ter sido um dos seus primeiros ensaios. O Tchitcherine tem um jeito de se pôr a conviver com indesejáveis, inimigos sub rosa da ordem, retalhos contra-revolucionários de humanidade: ele não o planeia, aquilo acontece, ele é uma supermolécula gigante com imensas ligações disponíveis em qualquer momento dado, e na deriva das coisas... na dança das coisas... todavia... outras se lhe aferrolham, e assim é modificada a farmacologia do Tchitcherine, os seus efeitos secundários mais adiante revelados, não podem necessariamente ser calculados antes do tempo. Chu Piang, o factótum Chinês do džurt vermelho, sabe algo acerca disto. No primeiro dia em que Tchitcherine veio apresentar-se naquele sítio, Chu Piang soube — e tropeçou no seu esfregão, não tanto para distrair a atenção como para celebrar o encontro. O próprio Chu Piang tem uma ou duas ligações disponíveis. Ele é um monumento vivo ao sucesso da política de comércio Britânica durante o último século. Essa vigarice clássica continua a ser famosa, ainda hoje, pela fria pureza da sua execução: trazer ópio da Índia, introduzi-lo na China — olá Fong, isto aqui é ópio, ópio, este aqui é o Fong — ah, então, mim comei! — não-na-não, Fong, tu fumal, *fumal*, estás a ver? não tarda que o Fong venha à procura de mais e mais, portanto cria-se uma inflexível procura por aquela merda, faz-se com que a China a torne ilegal, depois leva-se a China a duas ou três guerras desastrosas por causa do direito dos nossos mercadores a venderem ópio, algo que por esta altura já estamos a descrever como sagrado. Ganhamos, a China perde. Fantástico. Sendo Chu Piang um monumento a tudo isso, hoje em dia caravanas inteiras de turistas vão até lá para o mirarem, normalmente enquanto ele está Sob A Influência... «Aqui têm minhas senhoras e meus senhores, como já poderão ter observado, a característica compleição cinzento-escura...» Todos eles se põem de pé espreitando-lhe o facies infundido pelos sonhos, homens atentos com grandes patilhas, seguindo matutinos chapéus cinza-pérola entre as mãos, as mulheres levantando suas saias para as afastarem do local em que horrendas

criaturas asiáticas estão ressumando microscopicamente através das velhas tábuas do sobrado, enquanto o guia da excursão lhes indica artigos de interesse com o seu ponteiro de metal, um instrumento notavelmente fino, a bem dizer mais fino que um florete, que muitas vezes se põe a reluzir muito mais rapidamente do que os olhos conseguem verdadeiramente acompanhar — «A Necessidade dele, como hão-de reparar, retém a sua forma sob toda a espécie de tensões. Nenhuma enfermidade corporal, nenhuma escassez de abastecimento parece afectá-la minimamente...» todos os plácidos, frívolos olhos deles seguindo-o tão mansamente quanto uns acordes de piano vindos de saleta suburbana... a inflexível Necessidade torna luminoso este ar estagnado: é um lingote que não tem preço, a partir do qual ainda poderão vir a cunhar-se soberanos, e rostos de grandes administradores a ser gravados e postos a significar. Valeu a pena a viagem, só para ver este brilho, valeu a pena a longa passagem de trenó, por cima da estepe gelada num enorme trenó coberto, grande como uma barcaça, todo ele ataviado com pão de gengibre Vitoriano — lá dentro há cobertas e níveis para cada classe de passageiros, salões de veludo, cozinhas bem providas, um jovem Dr. Maledetto que as senhoras adoram, um elegante menu que inclui tudo desde o *Mille-Feuilles* a la *Fondue de la Cervelle* até à *La Surprise du Vésuve*, salas de estar amplamente equipadas com estereópticos e uma biblioteca de diapositivos, lavabos em madeira de carvalho lustrada num vermelho profundo e talhada à mão em rostos de sereias, folhas de acanto, formas vespertinas e de jardim para lembrar ao circunstante o lar quando este mais precisa dele, quentes entranhas aqui tão terrivelmente equilibradas sobre a vertiginosa passagem do gelo e neve cristalinos, que também podem ser vistos do convés de observação, as transitórias vistas da palidez horizontal, os rolantes campos de neve da Ásia, sob céus de um metal de longe mais vil do que este que viemos observar...

Chu Piang também os observa a eles, enquanto chegam, olham, e partem. São figuras em sonhos. Divertem-no. Pertencem ao ópio: nunca vêm se for outra coisa qualquer. Ele tenta não fumar o haxixe cá fora, na verdade, não mais do que é exigido pela cortesia. Aquele

aos pedaços, resinoso e fantasmagórico do Turquistão, é óptimo para Russos, Quirguizes, e outros gostos bárbaros, mas Chu antes prefere as lágrimas da papoila em qualquer altura. Os sonhos são melhores, não tão geométricos, tão aptos a transformarem tudo — o ar, o céu — em tapetes Persas. Chu prefere situações, jornadas, comédia. Encontrar o mesmo apetite em Tchitcherine, esse atarracado emissário de Moscovo com olhos latinos, esse homem da remissão Soviética, é o que basta para fazer qualquer um tropeçar no seu esfregão, espuma de sabonária a escorrer pelo chão e o balde a ressoar como um gongo devido ao espanto. Em deleite!

Não tarda que estes dois desventurados delinquentes estejam a dirigir-se furtivamente para a orla da vila a fim de se encontrarem. É um escândalo local. Chu, a partir de algum recesso entre os imundos trapos e farrapos que lhe pendem do insalubre corpo amarelo, produz um repulsivo escarro negro da tal substância que cheira mal, embrulhado num pedaço rasgado a um velho *Enbeksi Qazaq* de 17 de Agosto do ano passado. O Tchitcherine traz o cachimbo — sendo do Ocidente é ele que tem a seu cargo a tecnologia da coisa — um pequeno utensílio calcinado e sórdido com repetições vermelhas e amarelas sobre britânia, comprado já usado por uma mão-cheia de kopecks no Bairro dos Leprosos de Bukhara, e sim, também já lindamente partido por essa altura. O temerário Capitão Tchitcherine. Os dois opiómanos atrás de um pedaço de parede em ruínas e inclinado desde o último terramoto. Passam por ali ocasionais cavaleiros, alguns reparando neles e alguns não, mas todos em silêncio. As estrelas lá no alto povoam o céu. Pelo interior do território, ventam ervas, e as ondas vão avançando, lentas como ovelhas. É um vento ameno, que transporta o último fumo do dia, os odores de manadas e jasmim, de água parada, pó a assentar... um vento que o Tchitcherine jamais recordará. Tal como não consegue agora ligar esta mistura bruta de quarenta alcaloides às moléculas cortadas, facetadas, polidas, e embaladas que o vendedor Wimpe lhe mostrou certa vez, uma a uma, e cujas histórias lhe contou...

«Oneirina, e Metoneirina. Variações relatadas por Laszlo Jamf no Jornal da ACS, há dois anos. O Jamf estava outra vez emprestado, desta vez como químico, aos Americanos, cujo Conselho Nacional

de Investigação dera início a um programa maciço para explorar a molécula da morfina e suas possibilidades — um Plano Decenal, que coincidia, muito estranhamente, com o estudo clássico das grandes moléculas que estava a ser levado a cabo pelo Carothers da Du Pont, o Grande Sintetista. Ligação? Claro que há uma. Mas nós não falamos disso. O CNI está a sintetizar novas moléculas todos os dias, a maioria delas a partir de pedaços da molécula da morfina. A Du Pont anda a associar grupos como os amidos em longas cadeias. Os dois programas parecem ser complementares, não parecem? O vício americano da repetição modular, combinado com o que porventura é a nossa busca básica: encontrar alguma coisa capaz de matar a dor intensa sem causar viciação.

«Os resultados não foram encorajadores. Parecemos estar confrontados com um dilema instaurado na Natureza, muito semelhante à situação de Heisenberg. Há um paralelismo quase completo entre a analgesia e a viciação. Quanto mais dor ela leva embora, mais a desejamos. Parece que não podemos ter uma propriedade sem a outra, tal como um físico de partículas não pode especificar a posição sem sofrer uma incerteza quanto à velocidade da partícula —»

«Eu poderia ter-lhe dito isso. Mas porquê —»

«*Porquê*. Meu caro capitão. *Porquê?*»

«O dinheiro, Wimpe. Deitar fundos pela pia abaixo numa busca tão inútil —»

Um toque de homem-para-homem então na sua dragona abotoada. Um sorriso de meia-idade cheio de Weltschmerz. «É uma troca, Tchitcherine», sussurra o vendedor. «Uma questão de equilíbrio de prioridades. O pessoal de investigação sai bastante barato, e até uma IG pode ser autorizada a sonhar, a ter esperança contra toda a esperança... Pense no que significaria encontrar-se uma tal droga — abolir racionalmente a dor, sem o custo extra da viciação. Um custo que é uma mais-valia — de certeza que há qualquer coisa no Marx e no Engels», acalmar o cliente, «para abranger isso. Uma procura como a “viciação”, nada tendo que ver com a dor autêntica, as necessidades económicas autênticas, não relacionada com a produção ou o trabalho... precisamos de menos desconhecidos desses, e não de mais. Nós sabemos como produzir dor autêntica. Guerras, obviamente...»

máquinas nas fábricas, acidentes industriais, automóveis criados para serem inseguros, venenos na comida, na água e até no ar — essas são quantidades directamente ligadas à economia. Conhecemos-las, e podemos controlá-las. Mas a “viciação”? Que sabemos nós disso? Nevoeiro e fantasmas. Não há sequer dois especialistas que concordem no modo de definir a palavra. “Compulsão”? Quem não é compelido? “Tolerância”? “Dependência”? Que significam elas? Tudo o que temos são as mil teorias académicas obscuras. Uma economia racional não pode depender de equívocos psicológicos. Nós *não* poderíamos *planear...*»

Que premonição começou a latejar no joelho direito do Tchitcherine? Que conversão directa entre a dor e o ouro?

«Você é mesmo tão mau, ou isso é só a fingir? Você anda mesmo a traficar dor?»

«Os médicos traficam dor e ninguém sonharia criticar-lhes o seu nobre apelo. Porém logo que o Verbindungsman estende a mão para o ferrolho no seu caso, todos vocês começam a gritar e a correr. Bom — não encontrará muitos viciados entre nós. A profissão médica está cheia deles, mas nós os vendedores acreditamos na dor autêntica, no alívio autêntico — somos cavaleiros ao serviço desse Ideal. Tudo isso deve ser real, para bem do nosso mercado. Caso contrário o meu empregador — e o nosso pequeno cartel químico é o modelo da própria estrutura das nações — acaba por se perder na ilusão e no sonho, e um dia desaparece no caos. E o seu empregador também.»

«O meu “empregador” é o Estado Soviético.»

«Sim?» O Wimpe disse efectivamente «é o modelo», e não «será». Surpreendente que eles tenham chegado até este ponto, caso na verdade o hajam feito — sendo de persuasões tão diferentes e tudo isso. O Wimpe, porém, sendo muito mais cínico, teria sido capaz de admitir maior parte da verdade antes de começar a sentir-se desconfortável. A paciência dele para com a versão Exército Vermelho da economia por parte do Tchitcherine poderá ter sido bastante abrangente. De facto eles despediram-se amigavelmente. Wimpe voltou a ser colocado nos Estados Unidos (na Chemnyco de Nova Iorque) pouco tempo após Hitler se tornar Chanceler. A ligação

a Tchitcherine, segundo os mexericos da guarnição, cessou então, para sempre.

Mas isto são boatos. Não se pode confiar na cronologia deles. Insinuam-se contradições. Perfeito para passar um inverno na Ásia Central, caso não sejais o Tchitcherine. Se *fordes* o Tchitcherine, no entanto, bom, isso deixa-vos numa posição mais peculiar. Pois é. Terreis de passar o Inverno com nada mais do que suspeitas paranóicas acerca do motivo pelo qual estais aqui...

É por causa do Enzian, tem de ser o maldito Enzian. O Tchitcherine já foi ao Krasnyy Arkhiv, já viu os registos, os diários e os assentos da épica, malfadada viagem do Almirante Rozhdestvenski, alguns ainda classificados mesmo ao fim de 20 anos. E agora ele sabe. E se tudo está nos arquivos, então Eles sabem, também. Meninas núbeis e vendedores de droga Alemães são motivos suficientes para se mandar um homem para o leste em qualquer período da história. Mas Eles não seriam quem são e nem estariam onde estão sem um toque de Dante nas suas noções de represália. A mera lei talionica pode ser óptima para tempo de guerra, mas a política entre guerras exige simetria e uma ideia mais elegante de justiça, mesmo ao ponto de a mascarar, algo decadentemente, como mercê. É mais complicado do que a execução em massa, mais difícil e menos satisfatório, mas existem arranjos que o Tchitcherine não consegue ver, tão vastos como a Europa, porventura como o mundo, que não podem ser muito incomodados, entre guerras...

Parece que em Dezembro de 1904 o Almirante Rozhdestvenski, comandando uma frota de 42 barcos de guerra russos, entrou a todo o vapor no porto de Lüderitzbucht, no Sudoeste Africano. Isso foi no auge da Guerra Russo-Japonesa. Rozhdestvenski ia a caminho do Pacífico, para render a outra frota russa, que estivera engarrafada durante meses em Port Arthur pelos Japoneses. Saindo do Báltico, contornando a Europa e a África, atravessando todo o Oceano Índico e rumando depois a norte ao longo da derradeira costa da Ásia, essa estaria entre as viagens marítimas mais espectaculares da história: sete meses e 18 000 milhas até um primeiro dia de Verão nas águas entre o Japão e a Coreia, onde um tal Almirante Togo, que ali ficara acoitado à espera, sairia vogando de trás da ilha de Tsushima e antes

do anoitecer daria cabo do canastro ao Rozhdestvenski. Somente quatro navios Russos chegariam a Vladivostoque — quase todos os restantes seriam afundados pelo matreiro Jap.

O pai do Tchitcherine era artilheiro no navio do Almirante, o *Suvorov*. A frota demorou-se em Lüderitzbucht por uma semana, tentando abastecer-se de carvão. Tempestades açoitaram o pequeno e apinhado porto. O *Suvorov* estava sempre a embater nos seus barcos carvoeiros, abrindo buracos nos costados, danificando muitos dos seus canhões de 12 libras. Sopram borrascas, o pegajoso pó do carvão redemoinhava e colava-se a qualquer coisa, humana e de aço. Os marinheiros trabalhavam sem parar, com holofotes montados no convés durante a noite, acartando sacas de carvão, meio cegos com aquele fulgor, trabalhando à pazada, suando, tossindo, resmungando. Alguns endoideceram, uns poucos tentaram o suicídio. O velho Tchitcherine, ao fim de dois dias daquilo, ausentou-se sem licença, e manteve-se por longe até tudo terminar. Encontrou uma rapariga Herero que havia perdido o marido na rebelião contra os Alemães. Não era nada que ele tivesse planeado ou sequer sonhado antes de ir para terra. Que sabia ele de África? Tinha uma esposa lá em Samptersburgo, e um filho que mal conseguia ainda rebolar. Até então Kronstadt era o mais longe de casa que ele havia estado. Apenas queria repousar dos turnos de trabalho, e pelo aspecto que aquilo tinha... por aquilo que o preto e branco do carvão e da lâmpada de arco estavam prestes a dizer... cor nenhuma, e a irrealdade a acompanhá-la — mas uma irrealdade *familiar*, que avisa Tudo Isto Está A Ser Encenado Para Ver O Que Eu Irei Fazer Pelo Que Eu Não Posso Dar Nenhum Passo Errado... no último dia da sua vida, com ferro Japonês caindo a assobiar sobre ele vindo de barcos que estão demasiado longe no meio da bruma para que os veja sequer, pensará nos rostos lentamente carbonizantes de homens que ele julgara conhecer, homens transformando-se em carvão, carvão antigo que rebrilhava, cada cristal, sob a rouca crepitação das candeeiras de Jablochkov, cada floco com um ar perfeito... uma conspiração de carbono, embora ele nunca a houvesse fraseado como «carbono», era do poder que ele se afastava, da sensação de demasiado poder insignificante, no curso errado... conseguia cheirar a Morte naquilo. Por

isso esperou até que o oficial de turno virasse costas para acender um cigarro, e então pôs-se simplesmente a andar — todos eles estavam demasiado negros, artificialmente negros, para que isso se notasse com facilidade — e encontrou em terra a honesta negrura de uma solene rapariga Herero, que a ele lhe pareceu um sopro de vida após longo confinamento, e ficou com ela na orla do plano e lamentoso povoado, perto da via-férrea, numa casa de uma só divisão feita com paus, pedaços de caixotes, caniços, lama. A chuva soprava. Os comboios berravam e arfavam. O homem e a mulher ficavam na cama e bebiam kari, que é fermentado a partir de batatas, ervilhas, e açúcar, e em Herero significa «a bebida da morte». Era quase Natal, e ele ofereceu-lhe uma medalha que havia ganho num qualquer exercício de artilharia há muito tempo no Báltico. Quando ele partiu, tinham aprendido os nomes um do outro e algumas palavras nas respectivas linguagens — medo, contente, dormir, amor... as primícias de uma nova língua, um patuá do qual talvez eles fossem os dois únicos falantes em todo o mundo.

Mas ele voltou para trás. O seu futuro estava com a frota do Báltico, era algo que nem ele nem a rapariga questionavam. A tempestade soprou para o largo, o nevoeiro cobriu o mar. O Tchitcherine foi-se embora a todo o vapor, encerrado no fundo de um escuro e fedorento compartimento abaixo da linha de água do *Suvorov*, bebendo a sua vodka natalícia e contando histórias sobre os bons tempos que passara num sítio que não balouçava, lá à beira do seco veld com algo de quente e terno em redor do seu pénis que não era o seu punho solitário. Já andava a descrevê-la como uma exaltada meretriz nativa. É a história mais antiga do mar. Enquanto a contava ele já não era Tchitcherine, mas uma multidão de um só rosto antes e depois, inteiramente perdida mas não inteiramente desafortunada. A rapariga poderia ter ficado postada nalgum promontório vendo os pardacentos couraçados dissolverem-se um a um na bruma do Atlântico Sul, mas mesmo que quisésseis incluir aqui alguns compassos da *Madame Butterfly*, o mais provável era que ela andasse por fora no engate, ou estivesse a dormir. Não iria ter uma vida fácil. O Tchitcherine deixara-a com um filho, nascido alguns meses após o artilheiro se ter afundado à vista das íngremes falésias e verdes florestas de Tsushima, ao início da noite de 27 de Maio.

Os Alemães registaram o nascimento e o nome do pai (ele deixa-
ra-o escrito para ela, como fazem os marinheiros — dera-lhe o seu
nome) nos arquivos centrais deles em Windhoek. Foi emitido um
passe de viagem para mãe e filho regressarem à sua aldeia tribal, pou-
co depois. Um censo do governo colonial para ver quantos nativos
haviam eles matado, levado a cabo logo após Enzian ter sido devol-
vido à mesma aldeia pelos Bosquímanos, refere a mãe como defunta,
mas o nome dela consta dos registos. Um visto datado de Dezembro
de 1926 para Enzian entrar na Alemanha, e posteriormente um pedi-
do de cidadania alemã, estão ambos arquivados em Berlim.

Muito houve que calcorrear para juntar todos esses pedaços de
papel. O Tchitcherine nada tinha ao início senão uma ou duas breves
palavras nos papéis do Almirantado. Mas isso fora nos tempos da
Feodora Alexandrevna, a da roupa interior em pelica, e a situação do
acesso era um pouco melhor para o Tchitcherine do que o é agora.
O Tratado de Rapallo também estava em vigor, pelo que havia uma
quantidade de linhas abertas até Berlim. Aquele estranho pedaço de
papel... nos seus momentos de mais doentia mania das grandezas
é bastante evidente para ele como é que o seu homónimo e o Judeu
assassinado montaram uma elaborada peça de teatro em Rapallo,
e que o verdadeiro e único propósito era revelar a Vaslav Tchitcherine
a existência de Enzian... a vida da guarnição lá a oriente, tal como
certas drogas, tornam estas coisas espantosamente evidentes...

Mas infelizmente, parece que o obsessivo é a sua ruína. O dos-
sier que Tchitcherine elaborou sobre Enzian (chegara mesmo a ver
o que a inteligência Soviética possuía então a respeito do Tenente
Weissman e das suas aventuras políticas no Südwest) foi reproduzido
por um qualquer apparatchik impaciente e incluído no dossier do
próprio Tchitcherine. E assim transpirou, não mais de um ou dois me-
ses depois, que alguém igualmente anónimo havia transferido as or-
dens de Tchitcherine para Baku, e lá foi ele com um ar torvo assistir
à primeira reunião plenária do VTsK NTA (Vsessoynznyy Tsen-
tral'nyy Komitett Novogo Tyurkskogo Alfavita), onde foi pronta-
mente remetido para o Comité ¶

¶ parece ser uma espécie de G, proferido como plosiva ovular.
A distinção entre ele e o G vulgar é algo que o Tchitcherine jamais

aprenderá a apreciar. Vem-se a descobrir que todas as Imputações a Letras Esquisitas foram reservadas para irresponsáveis como ele próprio. Shatsk, o notório fetichista de narizes de Leninegrado, que leva um lenço de mão em cetim negro para os congressos do Partido e sim, por mais de uma vez não conseguiu impedir-se de estender a mão e efectivamente *apertar* os narizes de oficiais poderosos, está ali — banido para o Comité θ, onde está sempre a esquecer-se de que θ, no NAT, é Ε, não o F Russo, atrasando assim o processo e semeando a confusão em todas as sessões de trabalho. Gasta a maior do seu tempo tentando arranjar um modo de ser transferido para o Comité N «Ou nem que fosse», chegando-se mais perto, respirando pesadamente, «apenas um simples, N, ou mesmo um M, já, chega-va...» O impetuoso e instável brincalhão Radnichny conseguiu o Comité ə, sendo ə um schwa ou *uh* neutro, onde se lançou num megalomaníaco projecto para substituir todas as vogais proferidas na Ásia Central — e porquê ficar por aí, porque não até uma consoante ou duas? com estes schwas aqui... nada de invulgar caso se considere o seu cadastro de imitações e falsas resoluções, e uma brilhante mas condenada conspiração para atingir Estaline na cara com uma tarte de gelatina de uva, na qual ele esteve implicado somente o bastante para ir parar a Baku em vez de a um sítio pior.

Naturalmente que o Tchitcherine gravita para esta turma de irredimíveis. Não tarda que, a menos que isso seja algum esquema do Radnichny para se infiltrar num campo petrolífero e disfarçar uma grua como pénis gigante, anda-se furtivamente pelos bairros Árabes da cidade, esperando com o infame traficante Ucraniano Bugnogorkov do glotal Comité K (sendo o K vulgar representado por Q, ao passo que o C é pronunciado com uma espécie de *tsh*) por um contacto de haxixe, ou repudiando os avanços nasais do Shatsk. Ocorre-lhe que esteja, na realidade, trancado numa qualquer enfermaria militar para doidos lá em Moscovo, e somente a alucinar esta sessão plenária. Ninguém aqui parece estar muito bom da cabeça.

O mais perturbador de tudo é a luta de poder para a qual ele foi sugado com um tal Igor Blobadjian, representante do partido no prestigiado Comité G. O Blobadjian anda fanaticamente a tentar roubar os 1s ao Comité do Tchitcherine, e mudá-los em Gs, usando

estrangeirismos como cunha de entrada. No sufocante comissariado batido pelo sol, os dois homens escar necem um do outro sobre travesas de zapekanka e de sopa de fruta Georgiana.

Há uma crise sobre que tipo de g usar na palavra «estenografia». Há uma grande ligação emocional a essa palavra por aqui. Certa manhã o Tchitcherine descobre que todos os lápis da sua sala de conferências desapareceram misteriosamente. Em retaliação, na noite seguinte ele e o Radnichny entram à socapa na sala de conferências do Blobadjian com serras de metal, ficheiros e maçaricos, e reformam o alfabeto na máquina de escrever dele. Há uma certa diversão pela manhã. O Blobadjian corre de um lado para o outro numa prolongada crise de gritaria. O Tchitcherine está na conferência, faz-se um ponto de ordem na sessão, CRASH! duas dezenas de linguistas e burocratas caem para trás de cu. O ruído ressoa durante dois minutos inteiros. O Tchitcherine, sentado de cu, nota que ao redor de toda a mesa foram serrados pedaços das pernas das cadeiras, ligados de novo com cera e envernizados por cima. Um trabalho profissional, deveras. Poderia o Radnichny ser um agente duplo? O tempo das brincadeiras despreocupadas já passou. O Tchitcherine tem de se lançar a isso sozinho. Penosamente, à luz coada da lanterna, quando as manipulações de letras estão mais aptas a produzir outros tipos de iluminações, o Tchitcherine translitera a sura inicial do sagrado Alcorão no NAT proposto, e faz com que ela circule entre os Arabistas da sessão, com o nome de Igor Blobadjian.

Isto é andar à procura de problemas, claro está. Estes Arabistas são um grupo verdadeiramente frenético. Têm andado a insistir apaixonadamente num Novo Alfabeto Turco feito de letras Árabes. Há trocas de socos pelos corredores com Cirilicistas não-reconstruídos, e murmúrios sobre uma campanha para boicotar, em todo o mundo Islâmico, qualquer alfabeto Latino. (A bem dizer ninguém se entusiasma realmente muito com um NAT Cirílico. Ainda há velhos albatrozes Czaristas pendurados no pescoço Soviético. Hoje em dia há uma forte resistência nativa na Ásia Central a tudo o que sugira Russificação, e isso chega a abranger o aspecto de uma linguagem impressa. As objecções a um alfabeto Árabe têm que ver com a ausência de símbolos para as vogais, e de uma estrita relação unívoca entre

sons e caracteres. Restou assim o Latim, por defeito. Mas os Arabistas não estão dispostos a desistir. Continuam a propor escritas Árabes reformadas — na sua maioria a partir do modelo daquela que foi ratificada em Bukhara em 1923 e usada com sucesso entre os uezbeques. Os vocálicos palatais e velares do Cazaque falado podem ser contornados pelo uso de marcas diacríticas.) E há um forte ângulo religioso em tudo isto. O uso de um alfabeto não-Árabe é sentido como pecado contra Deus — a maior parte dos povos turcos são, afinal, Islâmicos, e a escrita Árabe é a escrita do Islão, é a escrita em que a palavra de Alá desceu até nós na Noite do Poder, a escrita do Alcorão —

Do quê? Saberá o Tchitcherine o que está ele a fazer com esta sua falsificação? É mais do que blasfémia, é um convite à guerra santa. O Blobadjian, por consequência, é perseguido através do negro extremo de Baku por uma chusma de gritantes Arabistas que brandem cimitarras e sorriem horrendamente. As torres do petróleo erguem-se como sentinelas, descarnadas, no escuro. Corcundas, leprosos, hebefrénicos e amputados de todas as descrições puseram-se a espreitar para fora dos seus secretos espaços para assistirem à diversão. Recostam-se contra os ferrugentos flancos de metal do equipamento da refinaria, todo o seu céu comum num mosaico de cores primárias. Ocupam as câmaras, arcas e bolsas de vácuo administrativo deixadas após a Revolução, quando os emissários da Shell Holandesa foram convidados a partir, e os engenheiros Ingleses e Suecos voltaram todos para casa. Em Baku o período é agora de acalmia, de restrição. Todo o dinheiro do petróleo levado destes campos pelos Nobels foi para os Prémios Nobel. Novos poços andam a ser abertos noutros sítios, entre o Volga e os Urais. Aqui é tempo para retrospecção, para refinar a história recente que anda a ser bombeada cá para cima fétida e negra vindas de outros estratos do espírito da Terra...

«Aqui para dentro, Blobadjian — rápido.» Atrás dele e muito perto, os Arabistas vêm ululando, estridentes, impiedosos, entre as estrelas de um vermelho-alaranjado por cima das multidões de guias.

Slam. A última escotilha é trancada. «Espera — o que é isto?»

«Anda. Agora está na altura da tua viagem.»

«Mas eu não quero —»

«Tu não queres ser mais um infiel chacinado. Demasiado tarde, Blobadjian. Aqui vamos nós...»

A primeira coisa que ele aprende é como variar o seu índice de refracção. Pode escolher qualquer coisa entre transparente e opaco. Após o entusiasmo da experimentação ter abrandado, contenta-se com um pálido efeito de ónix, às riscas.

«Fica-te bem», murmuram os guias dele. «Agora apressa-te.»

«Não. Quero pagar ao Tchitcherine o que lhe é devido.»

«Demasiado tarde. Tu não fazes parte do que lhe é devido. Já não.»

«Mas ele —»

«Ele é um blasfemo. O Islão tem os seus próprios maquinismos para isso. Anjos e sanções, e cuidadoso interrogatório. Deixa-o. Ele tem de ir por outra via.»

Como é alfabética a natureza das moléculas. Ganha-se consciência disso aqui em baixo: encontram-se Comités sobre estrutura molecular que são muito semelhantes aos da sessão plenária do NAT. «Vede: como elas são retiradas do rude fluxo — formadas, limpas, rectificadas, tal como outrora redimistes as vossas letras à desregada, à mortal torrente da fala humana... Estas são as nossas letras, as nossas palavras: também elas podem ser moduladas, quebradas, reemparelhadas, redefinidas, co-polimerizadas umas com as outras em cadeias mundiais que virão à superfície de vez em quando entre longos silêncios moleculares, como as partes que se vêem numa tapeçaria.»

O Blobadjian acaba por ver que o Novo Alfabeto Turco é somente uma versão de um processo na verdade muito mais antigo — e menos consciente de si mesmo — do que ele alguma vez tivera motivo para sonhar. Aos poucos, a frenética competição entre I e G desvaneceu-se em triviais memórias de infância. Obscuras anedotas. Ele passou para além — outrora um azedo burocrata com um lábio superior tão claramente demarcado quanto o de um chimpanzé, ele agora é um aventureiro, bem lançado numa passagem só para si, por corrente subterrânea, sem qualquer ansiedade sobre onde poderá ela estar a levá-lo. Perdeu até, a uma distância infinita mais a montante,

o seu orgulho por sentir em tempos uma certa pena pelo Vaslav Tchitcherine, destinado a jamais ver as coisas que o Blobadjian está a ver...

E a impressão continua a marchar sem ele. Os rapazes do texto correm ao longo das filas de secretárias arrastando provas esborradas pelo ar. Os impressores nativos recebem cursos intensivos de especialistas trazidos de avião desde Tiflis sobre como compor aquele NAT. Cartazes impressos são postados nas cidades, em Samarcanda e Pishpek, Verney e Tashkent. Nos passeios e nos muros começam a aparecer as primeiras palavras de ordem impressas, os primeiros sinais de foda-se na Ásia Central, os primeiros sinais de matem-o-comissário-da-polícia (e alguém o faz! este alfabeto é mesmo fantástico!) e assim a magia que os xamãs, entre o vento, sempre conheceram, começa agora a operar de uma maneira política, e Džaqyp Qulan ouve na noite o fantasma do seu próprio pai linchado com uma áspera pena na mão, praticando os As e os Bs...



Mas agora mesmo, aí vêm o Tchitcherine e o Džaqyp Qulan cavalgando sobre uns montes baixos e descendo para a aldeia de que andavam à procura. As pessoas estão reunidas num círculo: houve festa durante o dia todo. Os lumes estão a esmorecer. No meio da multidão foi desimpedido um pequeno espaço, e duas jovens vozes podem ser ouvidas até mesmo a esta distância.

É um ajtys — um duelo cantado. O rapaz e a rapariga postam-se no centro da aldeia ostentando uma espécie de jogo fingido de bom-eu-a-modos-que-gosto-de-ti-ainda-que-haja-em-ti-uma-ou-duas-coisas-estranhas-por-exemplo enquanto a melodia brota com vivacidade do qobyz e da sombra tangidos e dedilhados. As pessoas riem-se dos versos bons. Tem de se estar muito atento para isto: trocam-se estrofes de quatro versos, o primeiro, o segundo, e o último têm de rimar embora os versos não precisem de ter qualquer comprimento especial, desde que permitam respirar. Mesmo assim, é difícil. Também se torna insultuoso. Há aldeias onde alguns parceiros não se falam

há anos após um ajtys. Quando o Tchitcherine e o Džaqyp Qulan chegam montados, a rapariga está a zombar do cavalo do seu oponente, que é só um pouco — nada de sério, mas a tender para o peso... bom, gordo, a bem dizer. *Realmente* gordo. E isso está a enervar o miúdo. Ele está irritado. Atira-lhe uma rápida acerca de ir buscar todos os seus amigos e demoli-la a ela e à família dela. Fica toda a gente a modos que hmm. Não há risos. Ela sorri, com firmeza, e canta:

Andaste a beber muito qumys,
Devo estar a ouvir as palavras do qumys —
Pois onde estavas tu na noite em que meu irmão
Veio procurar quem lhe roubara o qumys?

Oh-oh. O irmão que ela mencionou está a rir-se a bandeiras despregadas. O miúdo que canta não está tão contente.

«Isto pode durar um bom bocado.» O Džaqyp Qulan desmonta, e põe-se a endireitar as articulações dos seus joelhos. «É aquele, ali adiante.»

Um muito idoso aqyn — um cantor errante Cazaque — está sentado junto a um copo de qumys, adormecido junto ao lume.

«Tens a certeza de que ele vai —»

«Ele há-de cantar sobre isso. Já atravessou aquela terra a cavalo. Trairia a sua profissão se o não fizesse.»

Sentam-se e são-lhe passadas taças do fermentado leite de égua, com um pouco de carneiro, lepeshka, alguns morangos... O rapaz e a rapariga continuam a digladiar-se com as suas vozes — e o Tchitcherine comprehende, abruptamente, que daí a pouco alguém virá cá fora e começará a assentar parte daquilo no Novo Alfabeto Turco que ele ajudou a formar... e será assim que elas se perderão.

De vez em quando espreita o velho aqyn, que só parece estar a dormir. Na verdade ele irradia para os cantores uma espécie de orientação. É bondade. Aquilo consegue sentir-se tão inequivocavelmente como o calor das brasas.

Lentamente, vez a vez, os insultos do casal tornam-se mais gentis, mais engraçados. O que poderia ter sido um apocalipse da aldeia

passou agora a cooperação cómica, como entre um par de comediantes de vaudeville. Eles estão fora de si mesmos, desempenhando tudo aquilo para gáudio dos ouvintes. A rapariga tem a última palavra.

Ouvi-te falar em casamento?
 Por aqui houve um casamento —
 Este quente círculo de canção,
 Ruidoso, barulhento como um casamento...

E eu gosto de ti, ainda que haja uma ou duas coisas — Por breves momentos a festa ganha ímpeto. Os bêbedos gritam e as mulheres falam, e a miudagem corre para dentro e para fora das cabanas, e o vento ganhou alguma velocidade. Então o cantor errante começa a afinar a sua sombra, e o silêncio Asiático regressa.

«Vai apontar tudo?» pergunta o Džaqyp Qulan.
 «Em estenografia», responde o Tchitcherine, com o seu g um pouco glotal.

A CANÇÃO DO AQYN

Eu vim das beiras do mundo,
 Eu vim dos pulmões do vento,
 Com uma coisa que vi tão espantosa
 Nem Džambul poderia cantá-la.
 Com um medo em meu coração tão agudo
 Que cortará o mais forte dos metais.

Nas antigas lendas se fala
 De um tempo mais antigo que Qorqyt,
 Que tirou da madeira do Syrghaj —
 O primeiro qobyz, e a primeira canção —
 Diz-se que uma terra muito distante
 É o lugar da Luz Quirguize.

Num lugar onde se desconhecem as palavras,
 E os olhos brilham como candeias na noite,
 E o rosto de Deus é uma presença
 Atrás da máscara do céu —
 Na alta rocha negra do deserto,
 No tempo dos últimos dias.

Se o lugar não fosse tão distante,
E as palavras conhecidas, e ditas,
Então o Deus poderia ser um ícone de ouro,
Ou uma página num livro de papel.
Mas Aquilo vem como a Luz Quirguize —
Não há outro modo de conhecer Aquilo.

O rumor de Sua voz é surdez,
O fulgor de Sua luz é cegueira,
O chão do deserto ribomba,
E o Seu rosto não pode ser encarado,
E um homem não pode ser o mesmo,
Depois de ver a Luz Quirguize.

Pois eu vos digo que já A vi
Num lugar mais antigo que a escuridão,
Onde nem Alá consegue chegar.
Como vêem, minha barba é um campo de gelo,
Ando com um bordão para me amparar,
Mas esta luz deve tornar-nos crianças.

E agora não posso ir para longe,
Pois um bebé tem de aprender a andar.
E minhas palavras chegam-vos aos ouvidos
Como os sons sem sentido de um bebé.
Pois a Luz Quirguize tomou meus olhos,
Agora sinto a Terra inteira como um bebé.

É ao norte, a seis dias de viagem,
Pelos íngremes desfiladeiros pardos como a morte,
Depois pelo pedregoso deserto
Até à montanha cujo pico é um džurt branco.
E se tiverdes passado sem perigo,
O lugar da rocha negra vos encontrará.

Mas se não quiserdes nascer,
Ficai então com vosso rubro lume,
E ficai com vossa esposa, em vossa tenda,

E a Luz jamais vos achará,
E vosso coração ficará pesaroso com a idade,
E vossos olhos apenas se fecharão para dormir.

«Apanhei tudo», diz o Tchitcherine. «Vamos cavalgar, camarada.» Partem de novo, os lumes esmorecendo nas costas deles, os sons da música de cordas, da festa da aldeia, sendo presentemente engolidos por detrás do vento.

E lá vão para os desfiladeiros. Muito mais a norte, um alvo cimo de montanha pestaneja com a última luz do sol. Cá em baixo, já é noite umbrosa.

O Tchitcherine alcançará a Luz Quirguize, mas não o seu nascimento. Ele não é nenhum aqyn, e seu coração nunca esteve pronto. Vê-la-á pouco antes da alvorada. Passará então 12 horas, de cara para cima no deserto, uma cidade pré-histórica maior que a Babilónia deitada em abafado sonho mineral um quilómetro atrás dele, enquanto a sombra do alto rochedo, erguendo-se numa ponta, dança para oeste e para leste e o Džaqyp Qulan toma conta dele, ansioso como uma criança com um boneco, e a espuma ressequida orla os pescoços dos dois cavalos. Mas um dia, tal como as montanhas, tal como as jovens mulheres exiladas no seu certo amor, na sua inocência dele, tal como os terramotos matinais e o vento que leva as nuvens, uma purga, uma guerra, e milhões após milhões de almas que ficaram para trás de si, ele mal conseguirá recordar-se d'Elas.

Mas na Zona, escondido no interior da Zona estival, o Foguete está à espera. Ele voltará a ser atraído da mesma maneira...



Na semana passada, num sítio qualquer do sector Britânico, o Slothrop, tendo sido suficientemente idiota para beber de um lago ornamental no Tiergarten, ficou doente. Por estes dias todo o Berlinese sabe que deve fervor a água antes de a beber, embora alguns passem depois a infundi-la com diversas coisas para chá, como bolbos de tulipa, o que não é bom. Consta que o centro do bolbo é fatalmente venenoso. Mas eles continuam a fazê-lo. Outrora o Slothrop — ou Homem-Foguete, como ele não tardará a ser conhecido — pensou

que poderia preveni-los acerca de coisas como os bolbos de tulipa. Trazer-lhes um pouco do esclarecimento Americano. Mas fica muito desesperado com eles, movendo-se por detrás dos seus forros de dor Europeia: está sempre a empurrar gaze atrás de ondulante gaze mas continua sempre a haver aquela, a impenetrável...

Portanto ele ali está, sob as árvores em folha estival, em flor, muitas delas rebentadas na horizontal ou em lascas e estilhas — belo pó dos caminhos para cavaleiros erguendo-se por si mesmos sob os raios do sol, fantasmas de cavalos efectuando ainda as suas voltas matutinas pelo parque em tempo de paz. Toda a noite acordado e sedento, o Slothrop está deitado sobre a barriga e sorve ruidosamente água, só um velho cavaleiro errante aqui no buraco da água... Louco. Vómitos, cãibras, diarreia, e quem é ele para pregar sermões sobre os bolbos de tulipa? Consegue arrastar-se até uma adega vazia, do outro lado da rua em frente a uma igreja arruinada, enrosca-se e passa os dias seguintes febril, tremendo, gotejando merda que queima como ácido — perdido, a sós com aquele soberano punho de vilão Nazi dos filmes enganchado nas suas entranhas, ja — focê agora fai *cagarr*, ja? Pensando se alguma vez tornará a ver o Berkshire. Mæzinha, Mæzinha! A Guerra acabou, porque não posso eu agora ir para casa? Nalline, o reflexo da Estrela Dourada dela a iluminar-lhe as faces como um ranúnculo amarelo, faz um sorriso dengoso junto à janela e não quer responder...

Um período terrível. Alucinando Rolls-Royces e tacões de bota durante a noite, que vinham buscá-lo. No meio da rua mulheres com babushkas andam languidamente a cavar trincheiras para o cano de água em negro ferro que está amontoado ao longo da borda do passeio. Conversam durante o dia inteiro, turno após turno, até à noitinha. O Slothrop está deitado no espaço em que a luz do sol lhe visita a adega durante meia hora antes de partir para outras com malévolos charcos de quentura — desculpa, agora tenho de me ir embora, horário a cumprir, vemo-nos amanhã se não chover, heh heh...

Uma vez o Slothrop acorda ao som de um destacamento Americano que marcha pela rua abaixo, sendo a cadência contada por uma voz de Negro — *esquer' d'reito, esquer' d'reito, esquer' d'reito* Um dois Um dois... espécie de cançoneta popular Alemã com uma certa elevação do tom na palavra «direito» — o Slothrop consegue imaginar

o seu amaneirado solavanco de braço e cabeça para a esquerda quando apoia com força esse calcanhar, tal como o ensinam na Recruta... consegue ver o sorriso do homem. Por um minuto ele tem a ideia verdadeiramente desequilibrada de correr para o meio da rua e lhes pedir que o levem de volta, requerendo asilo político na América. Mas está demasiado enfraquecido. No seu estômago, no seu âmago. Fica deitado, ouvindo os passos e as vozes até estas lhe saírem do alcance, o som do seu país a desvanecer-se... A desvanecer-se como os fantasmas dos WASP, os Desalojados de antigamente que agora se arrastam desenraizados pelas estradas da sua memória, apinhados sobre os tejadilhos dos vagões do esquecimento, mochilas e pobres bolsos de refugiados cheios de folhetos que ninguém lera, em busca de um outro anfitrião: desistindo de vez aqui do Homem-Foguete. Algures entre o ardor na sua cabeça e o ardor no seu olho do cu, caso os dois possam ser convenientemente separados, e acertados pelo ritmo daquela cadênciça que se esvai, ele elabora uma fantasia em que Enzian, o Africano, torna a encontrá-lo — vem propor-lhe uma saída.

Porque parece já ter sido há uns bons tempos que eles efectivamente se encontraram de novo, junto aos caniços da margem de um paul a sul da capital. O barbudo, suado, fedorento Homem-Foguete em impaciente excursão até aos subúrbios, entre o seu povo: há bruma por cima do sol, e um nauseabundo odor a pântano pior ainda que o de Slothrop. Somente duas ou três horas de sono no último par de dias. Tropeça no Schwarzkommando, atarefado a dragar peças de foguete. Formações de escuros pássaros cruzam o céu. Os Africanos têm aspecto de guerrilheiros: pedaços aqui e ali de velhos uniformes da Wehrmacht e da SS, roupas civis em farrapos, somente uma insígnia em comum, usada onde se veja bem, um emblema em aço pintado a vermelho, branco e azul, assim:



Adaptada da insígnia que as tropas alemãs usavam no Sudoeste Africano quando lá foram em 1904 esmagar a Rebelião Herero —

era usada para prender metade da aba de um chapéu largo. Para os Hereros da Zona tornou-se algo de mais profundo, julga o Slothrop, talvez um pouco místico. Embora ele reconheça as letras — Klar, Entlüftung, Zündung, Vorstufe, Hauptstufe, as cinco posições do interruptor de lançamento no carro de controlo do A4 — não o dá a entender a Enzian.

Senta-se no alto de um monte comendo pão e salsichas. Crianças da vila passam por ali em todas as direcções. Alguém montou uma tenda do exército, alguém trouxe cerveja em barris. Uma banda improvisada, uma dúzia de metais em uniformes com borlas, e franjas douradas e vermelhas, toca trechos de *Die Meistersinger*. Fumo espesso voga no ar. Coros de bebedores à distância irrompem de tempos a tempos em risos ou numa canção. É uma apanha do Foguete: um festival novo neste país. Não tarda que a atenção das gentes desperte para a proximidade que existe entre o aniversário de Wernher von Braun e o Equinócio da Primavera, e o mesmo impulso alemão que outrora fez rolar pelas vilas barcos de flores e teatrais batalhas fingidas entre a jovem Primavera e o velho Inverno branco como a morte andará a erigir estranhas torres florais pelas clareiras e prados, e o jovem cientista-substituto andará às voltas com a velha Gravidade ou um outro bobo qualquer, e as crianças ficarão excitadas, e rir-se-ão...

O Schwarzkommando a esforçar-se enterrado na lama até aos joelhos, inteiramente empenhado no resgate, no momento. O A4 que eles se aprestam a pôr a descoberto foi usado na última batalha desesperada por Berlim — um disparo abortivo, uma ogiva que não explodiu. Em redor do seu túmulo eles andam a enfiar pranchas para escoramento, atirando a lama para trás em baldes e cascos de madeira ao longo de uma cadeia humana até ela ser despejada na margem, perto do sítio onde estão amontoadas as espingardas e o equipamento deles.

«Portanto o Marvy tinha razão. Eles não vos desarmaram.»

«Não sabiam onde nos encontrar. Nós fomos uma surpresa. Existem agora poderosas facções em Paris que não acreditam que nós existimos. E na maior parte do tempo nem eu tenho grande certeza disso.»

«Como assim?»

«Bom, eu penso que nós estamos aqui, mas apenas de um modo estatístico. Qualquer coisa como aquela rocha ali é quase 100% certo — aquilo sabe que está ali, tal como toda a gente sabe. Mas quanto a nós, as hipóteses de estarmos aqui mesmo agora mesmo são somente um pouco superiores à metade — a mais ligeira alteração nas probabilidades e nós desaparecemos — schnapp! de um momento para o outro.»

«Peculiar conversa essa, Oberst.»

«Não se você já tivesse estado onde nós estivemos. Há quarenta anos, no Südwest, fomos quase extermínados. Não havia razão. Consegue compreender isso? Não havia *razão*. Nem sequer pudemos achar conforto na Teoria da Vontade de Deus. Aqueles eram Alemães com nomes e folhas de serviço, homens de uniformes azuis que matavam desajeitadamente e não sem culpa. Missões de busca-e-aniquilação, todos os dias. Aquilo prosseguiu durante dois anos. As ordens vinham de um ser humano, de um escrupuloso carniceiro chamado Von Trotha. O polegar da misericórdia nunca chegava à balança dele.

«Há uma palavra que nós segredamos, um mantra para tempos que ameaçam ser maus. Mba-kayere. Talvez você venha a descobrir que isso funciona consigo. Mba-kayere. Significa «passei para além». Para aqueles de nós que sobreviveram a Von Trotha, também significa que aprendemos a postar-nos do lado de fora da nossa história e a observá-la, sem sentir grande coisa. Um pouco esquizóide. Um sentimento pela estatística do nosso ser. Uma das razões por que nos afeiçoámos tanto ao Foguete, creio eu, foi essa consciência aguda de quão contingente, tal como nós, podia ser o Agregado 4 — de como ele podia estar à mercê de pequenas coisas... pó que se infiltra num temporizador e interrompe um contacto eléctrico... uma película de gordura que nem se consegue ver, óleo do toque de uns dedos humanos, deixada no interior de uma válvula de oxigénio líquido, a qual se incendeia logo que este lá chega e se propaga depois a tudo aquilo — já vi isso acontecer... chuva que alaga os casquilhos dos servos ou que verte para um interruptor: corrosão, um curto-circuito, um sinal que perde o isolamento, o Brennschluss cedo demais,

e aquilo que estava vivo tornou a ser apenas um Agregado, um Agregado de pedaços de matéria morta, já não algo capaz de se mover, ou que tenha um Destino com uma forma — pare lá de fazer isso com as sobrancelhas, Scuffling. Se calhar tornei-me um pouco nativo por estes lados, é tudo. Se ficar na Zona por tempo suficiente, também você começará a ganhar ideias acerca do Destino.»

Um grito vindo do paul lá em baixo. Os pássaros erguem-se em redemoinho, redondos e negros, grãos de pimenta mal moída neste céu de bouillabaisse. Criancinhas vêm aos pulos até pararem, e a banda de metais cala-se a meio de um compasso. Enzian pôs-se em pé e desce a trote para onde os outros estão a reunir-se.

«Was ist los, meinen Sumpfmenschen?» Os outros, rindo-se, pegam em punhados de lama e começam a atirá-los ao seu Nguarorerue, que se agacha, se esconde, apanha ele próprio alguma daquela lama e começa a atirá-la de volta. Os Alemães na margem estão parados a piscar os olhos, polidamente horrorizados com aquela falta de disciplina.

Ao fundo do cercado de pranchas, um par de enlameados estabilizadores espreitam agora para fora do paul, com três metros e meio de lama entre eles. Enzian, manchado e pingante, o seu alvo sorriso precedendo-o em vários metros, salta por cima da margem e para dentro do buraco, e pega numa pá. O momento tornou-se rudemente ceremonial: Andreas e Christian dispuseram-se em cada um dos lados para o ajudarem a raspar e a cavar até ficarem expostos uns trinta centímetros de superfície da aleta. A Determinação do Número. O Nguarorerue agacha-se e limpa a lama, revelando parte de uma vírgula, um branco 2, e um 7.

«Outase.» E caras tristes nos outros.

Slothrop teve um palpite. «Você estava à espera do Fünffachnullpunkt», propõe ele a Enzian um pouco mais tarde, «do quíntuplo zero, não era? Haa-aaah!» Já percebi, já percebi —

Levantando as suas mãos ao alto, «É uma loucura. Não acredito que exista algum.»

«Probabilidade zero?»

«Penso que isso dependerá do número de pesquisadores. A sua gente anda atrás dele?»

«Não sei. Só ouvi falar disso por acaso. Não tenho gente nenhuma.»

«Schwarzgerät, Schwarzkommando. Scuffling: suponha que havia algures uma lista alfabetica, a lista de alguém, uma informação para algum ramo da inteligência, digamos. Um país qualquer, não interessa. Mas suponha que nessa lista, ambos os nomes, Negroinstrumento, Negrocomando, estavam por acaso lá, justapostos. Não mais que isso, uma coincidência alfabetica. Nós não teríamos de ser reais, nem tão-pouco aquilo, correcto?»

Os veios dos pauis estendem-se para longe, manchados de luz sob as nuvens leitosas. Sombras negativas tremeluzem brancura atrás das margens de tudo. «Bom, isto por aqui é bastante arrepiante, Oberst», diz o Slothrop. «Você não está a ajudar.»

O Enzian está a olhar para o rosto do Slothrop, com algo de semelhante a um sorriso por baixo da sua barba.

«Está bem. Então quem *anda* atrás daquilo?» Sendo enigmático, não querendo responder — andará este passarão a querer ser arreliado? «Aquele Major Marvy», opina o Slothrop, «e-e aquele Tchitcherine, também!»

Ah! Isso deu resultado. Tal como numa continência, num bater de botas, o rosto do Enzian assume perfeita neutralidade. «Far-me-ia o obséquio», começa ele, seguidamente contenta-se em mudar de assunto. «Você esteve lá em baixo no Mittelwerke. Como é que o pessoal do Marvy parecia estar a dar-se com os Russos?»

«Amigos do melhor, era o que parecia.»

«Tenho a sensação de que as Potências ocupantes devem ter acabado de chegar a acordo sobre uma frente popular contra o Schwarzkommando. Não sei quem vocês são, nem como estão dispostas as vossas linhas. Mas eles andam a tentar acabar connosco. Acabo de voltar de Hamburgo. Tivemos problemas. Deu-se àquilo o aspecto de um ataque de Desalojados, mas o governo militar Britânico esteve por detrás de tudo, e contou com a cooperação dos Russos.»

«Lamento. Poderei ajudar?»

«Não seja impaciente. Vamos todos esperar para ver. Tudo o que alguém sabe a seu respeito é que você está sempre a aparecer.»

Perto do crepúsculo, os pássaros negros descem, milhões deles, para pousarem nos ramos das árvores ali próximas. As árvores ficam pejadas de pássaros negros, os ramos como dendrites do Sistema Nervoso a engordarem, ao fundo do chilreante crepúsculo de nervos, em preparação para alguma mensagem importante...

Mais tarde em Berlim, lá em baixo na adega entre sonhos febris com merda a escorrer dele para fora às litradas por hora, demasiado fraco para almejar mais do que uns esboços de pontapés para as rata-zanas que correm com os olhos honestamente fixos em lugar nenhum, tentando fingir que não têm um novo e mais querido estatuto entre os Berlinenses, nos pontos mínimos da sua tabela de saúde mental, quando o sol se foi embora tão totalmente que bem poderia ser de vez, o estúpido coração indolente do Slothrop diz: O Schwarzgerät não é nenhum Graal, Ás, não é isso que significa o G do Imipolex G. E tu não és nenhum herói da cavalaria. O melhor com que te podes comparar é com o Tannhäuser, o Parvalhão Cantor — estiveste debaixo de uma montanha em Nordhausen, já foste visto a cantar uma ou ou duas cantigas com acompanhamento de ukulele, e não sentes que estás por aqui a ser sugado por um lodaçal de pecado, Slothrop? talvez não a mesma coisa a que William Slothrop, vomitando boa parte de 1630 por cima da amurada daquele *Arbella*, se referia quando falava em «pecado»... Mas o que tu fizeste foi pores-te na viagem de uma outra pessoa — alguma Frau Hollida, alguma Vénus nalguma montanha — fazendo o jogo dela, daquilo... tu sabes que de algum modo irredutível é um jogo maligno. Participas dele por não teres nada de melhor para fazer, mas isso não o torna bom. E onde está o Papa cujo bordão vai florescer para ti?

Na realidade, ele está também prestes a dar de caras com a sua Lisaura: alguém com quem ele estará algum tempo e depois tornará a deixar. O Minnesinger abandonou a pobre esposa dele ao suicídio. Aquilo a que o Slothrop entregará a Greta Erdmann não é tão nítido. Ao longo do Havel em Neubabelsberg ela espera, menos do que as imagens de si própria que sobrevivem numa indeterminada quantidade de fotos de promoção aqui e além pela Zona fora, e mesmo do outro lado do mar... Todos os amáveis técnicos que alguma vez lhe colocaram um gel magenta no seu projector principal foram para

a guerra ou morreram, e a ela nada resta senão a indiferente luz solar de Deus em toda a sua alvura e terror... Sobrancelhas depiladas até à largura de um traço a caneta, longo cabelo raiado de grisalho, mãos pesadas com anéis de todas as cores, opacidades e feiuras, vestindo os seus escuros fatos Chanel anteriores à guerra, sem chapéu, sem lenços de pescoço, sempre uma flor, ela é assombrada por sussurros nocturnos da Europa Central que sopram, como as cortinas de pele de Berlim, tanto mais fantasmagoricamente ao redor da sua beleza adiposa e arruinada quanto mais ela e o Slothrop se aproximam...

É assim que eles se encontram. Certa noite o Slothrop anda a rapanhar uma horta no parque. Milhares de pessoas vivendo ao ar livre. Contorna o lume deles, furtivamente — Tudo o que ele quer é uma mão-cheia de legumes aqui, uma cenoura ou mangel-wursel ali, só para se ir aguentando. Quando o avistam atiram-lhe pedras, madeiros, certa vez não há muito tempo uma velha granada de mão que não rebentou mas o fez borrar-se ali onde estava.

Hoje à noite ele anda a orbitar num sítio qualquer perto do Grosser Stern. A hora do recolher obrigatório passou há muito. Odores a fumo de madeira e a podridão pairam sobre a cidade. Entre pulverizadas cabeças de pétreos margraves e eletores, ao efectuar o reconhecimento de um bem provável canteiro de couves, de repente o Slothrop detecta o cheiro de um inequívoco não não pode ser sim é mesmo é um CHARRO! E-e ele está a arder algures aqui muito perto. O verde mesclado de ouro dos íngremes campos do Rif aqui, vapores florais resinosos e estivais, vão-lhe atraindo a fascinada narigueta através de arbustos e ervas emaranhadas, por baixo das árvores rebentadas e de seja o que for que se senta nos ramos destas.

Pois claro, na concavidade de um tronco virado ao contrário, longas raízes a orlarem a cena como um posto avançado de leprechauns, o Slothrop encontra um tal Emil («Säure») Bummer, outrora o mais notório larápio e drogado da República de Weimar, flanqueado por duas belas raparigas, que passam entre si uma alegre estrelinha cor-de-laranja. Aquele velho depravado. O Slothrop está em cima deles antes que o notem. O Bummer sorri, estende um braço, oferecendo o que resta daquilo que estavam a fumar ao Slothrop, que o recebe com longas unhas sujas. Enapá. Põe-se de cócoras.

«Was ist los?» diz o Säure. «Tivemos um carregamento de kif. Alá sorriu para nós, bom na verdade ele estava a sorrir para toda a gente, nós é que por acaso estávamos mesmo diante das suas vistas...» A alcunha dele, que significa «ácido» em Alemão, tivera origem nos anos vinte, quando ele andava sempre com uma garrafinha de schnapps que, caso ficasse em apuros, usava para enganar os outros levando-os a pensar que continha fumegante ácido nítrico. Saca agora de mais um gordo charro Marroquino. Acendem-no no fiel Zippo do Slothrop.

Trudi, a loura, e Magda, a maliciosa Bávara, passaram o dia a saquear um depósito de fatos de ópera Wagnerianos. Há um capacete bicudo com cornos, uma grande capa de veludo verde, umas calças de pele de gamo.

«Oouuuça», diz o Slothrop, «essa vestimenta parece muito *janota!*»
«São para si», diz a Magda sorrindo.

«Aaa... não. Você conseguia melhor negócio na Tauschzentrale...»

Mas o Säure insiste. «Nunca reparou que, quando se está de Cabeça Cheia a este ponto e se quer que alguém apareça, aparecem sempre?»

As raparigas estão a agitar a brasa do charro por ali, vendo o reflexo desta no luzidio capacete mudar formas, profundidades, graduações de cor... hmm. Ocorre aqui ao Slothrop que sem aqueles cornos em cima, ora este capacete pareceria mesmo a peça do nariz do Foguete. E se ele conseguisse encontrar alguns bocados triangulares de couro, arranjar maneira de os coser às botas do Tchitcherine... pois, e-e na parte de trás da capa pôr um grande, e escarlate, R maiúsculo — É um momento tão pregnante como quando o Tonto, após a lendária emboscada, tenta —

«Raketemensch!» grita o Säure, pegando no capacete e desatarraxando-lhe os cornos. Os nomes por si mesmos poderão ser vazios, mas o *acto de nomear...*

«Você teve a mesma ideia?» Oh, é estranho. O Säure abeira-se dele cuidadosamente e coloca o capacete na cabeça do Slothrop. Cerimonialmente, as raparigas ajeitam-lhe a capa sobre os ombros. Os grupos avançados de trolls já enviaram estafetas para trás a fim de informarem o seu povo.

«Óptimo. Agora escuta, Homem-Foguete, eu estou metido nuns sarilhos.»

«Hah?» O Slothrop tem estado a imaginar uma Moda do Homem-Foguete em larga escala, na qual as pessoas lhe trariam comida, vinho e donzelas numa dispensação a quatro cores em que há imensos pulos e se canta «La, la, la, la» e florescem bifes nestas tílias metralhadas, e caem perus assados aos trambolhões sobre Berlim como se fossem granizo, batatas-doces e-e alteia derretida, borbulhando para fora do chão...

«Você tem cigarros da tropa?» quer saber a Trudi. O Slothrop, ou Homem-Foguete, passa-lhe um meio maço amachucado.

O charro continua a circular: dardeja e fura através deste abrigo de raízes. Toda a gente se esquece do que estava a dizer. Há o cheiro a terra. Correm por ali insectos, arejando-se. A Magda acendeu para o Slothrop um dos cigarros deste, que a ele lhe sabe a batom de amora. Batom? Quem tem batom hoje em dia? *Em que* andam metidas todas estas pessoas, afinal?

Berlim está suficientemente escura para as estrelas, as estrelas costumeiras mas nunca tão claramente dispostas. É igualmente possível fazermos as nossas próprias constelações. «Oh», lembra-se o Säure, «é que tive um problema...»

«Estou mesmo cheio de fome», ocorre ao Slothrop.

A Trudi está a falar à Magda do seu namorado Gustav, que quer viver dentro do piano. «Só se lhe viam os pés a sair para fora, ele estava sempre a dizer, “Tu detestas-me, tu detestas este piano!”» Agora estão a gargalhar.

«Enquanto dedilhava as cordas», diz a Magda, «não é? Ele é *tão paranóico*.»

A Trudi tem umas grandes, e louras, pernas Prussianas. Minúsculos pêlos louros dançam para cima e para baixo sob a luz das estrelas, lá por baixo da saia e do traseiro dela, pelas sombras dos joelhos dela, em torno das covinhas por detrás deles, desta estrelada irrequieitude... O cepo ergue-se por cima deles e acolhe-os a todos, uma célu-la nervosa gigante, dendrites estendidas para a cidade, a noite. Sinais vindo de todas as direcções, e do tempo passado também, provavelmente, quando não do tempo por vir...

O Säure, que nunca é inteiramente capaz de interromper os negócios, rebola, põe-se em pé, agarrando-se a uma raiz até que a sua cabeça decida onde vai ela parar para descansar. A Magda, com o seu ouvido à entrada dele, está a bater no capacete do Homem-Foguete com um pau. Aquilo ressoa em acordes. As notas separadas também não estão devidamente afinadas: têm um som *muito estranho* em conjunto...

«Não sei que horas são», o Säure Bummer olhando em redor. «Nós não devíamos estar no Chicago Bar? Ou isso era na noite passada?»

«Esqueci-me», diz a Trudi a rir-se.

«Ouve, Kerl, eu tenho mesmo de falar com aquele Americano.»

«Querido Emil», sussurra Trudi, «não te preocipes. Ele há-de estar no Chicago.»

Decidem-se por um intrincado sistema de disfarce. O Säure dá ao Slothrop o seu casaco. A Trudi usa a capa verde. A Magda calça as botas do Slothrop, e ele vai em peúgas, levando os minúsculos sapatos dela dentro dos seus bolsos. Passam algum tempo reunindo artigos plausíveis, gravetos e verduras, para encherem o capacete, e o Säure leva isso. A Magda e a Trudi ajudam o Slothrop a enfiar-se nas calças de pele de gamo, ambas as raparigas baixadas sobre os seus belos joelhos, mãos acariciando as pernas e o rabo dele. Tal como o salão de baile na Catedral de São Patrício, também não há nenhum espaço desses aqui dentro destas calças, e o tesão do Slothrop, alargando-se, dói-lhe como os trovões.

«Para vocês está óptimo minha gente.» As raparigas estão a rir-se. O grandioso Slothrop vai coxeando atrás de todos eles, uma rede de clara malha obstrui-lhe agora toda a sua visão como chuva, mãos transformando-se em pedra, saindo do Tiergarten, passando pelo lodo atingido pelos projéctéis e pelos castanheiros, pelas ruas, ou pelo que serve como tal. Patrulhas de todas as nações estão sempre a surgir, e este insensato quarteto tem muitas vezes de se rojar ao solo, tentando não se rir demasiado. As peúgas do Slothrop estão ensopadas em orvalho. Tanques manobram nas ruas, cuspindo estrias paralelas de asfalto e pó de pedra. Trolls e dríades brincam nos espaços abertos. Em Maio passado foram bombardeados para fora das pontes, para fora das árvores rumo à libertação, e estão agora há muito

urbanizados. «Oh, aquele chato», dizem os trolls subdebutantes acerca daqueles que não estão tão bem informados, «ele já não sai da árvore por *nada*.» Estátuas mutiladas jazem sob sedação mineral: marmóreos torsos de burocratas cobertos por panos estão palidamente tombados nas sarjetas. Sim, hmm, aqui estamos nós no coração da baixa de Berlim, a sério, uh, um pouco, Jesus Cristo o que é *aquilo* —

«É melhor teres atenção», aconselha o Säure, «isto por aqui é como borracha.»

«O que é *aquilo*?»

Bom, o que *aquilo* é — é? o que quer dizer «é»? — é aquele King Kong, ou uma qualquer criatura intimamente aliada, agachada, que evidentemente está só a, a cagar, mesmo no meio da rua! e tudo! e-e a ser ignorada, por camião após camião de tropas russas com bonés bacanos e sorrisos desorientados, que lhe passam mesmo ao lado — «Eh lá!» quer gritar o Slothrop, «olhem lá pr'aquele *macaco* gigante! ou lá o que *aquilo* é. Vocês aí rapazes? Ouçam...» Mas não o faz, felizmente. Visto mais de perto, o monstro agachado é afinal o edifício do Reichstag, bombardeado, polvilho negro pulverizado pelo ar e pelo fogo em todas as curvas e projecções para o lado dos rebentamentos, riscado a giz nas suas ecoantes entranhas carbonizadas com iniciais em Cirílico, e muitos nomes de camaradas mortos em Maio.

Berlim prova estar cheia de truques destes. Há uma grande cromolithografia de Estaline que o Slothrop seria capaz de jurar ser uma rapariga com a qual ele costumava sair lá em Harvard, sendo o bigode e o cabelo meros incidentes de maquilhagem, *raios me partam* senão é aquela como é que se chama... mas antes que ele consiga efectivamente ouvir a balbuciante partitura de pequenas vozes — depressa, depressa, vão para os vossos lugares, ele está quase a virar a esquina — aqui, postos lado a lado no pavimento, estão dois enormes bocados de massa de pão posta a levedar sob panos limpos e brancos — ena, a fome com que toda a gente está: a mesma ideia atinge-os a todos ao mesmo tempo, ena! *Massa crua!* bocados de pão para aquele *monstro* lá atrás... oh não, pois era, *aquilo* era um edifício, o Reichstag, portanto isto não é pão... é agora claro que são corpos humanos, tirados de debaixo do entulho de hoje, cada um deles dentro do seu saco de peidos governamental cuidadosamente etiquetado. Mas fora

mais do que um erro óptico. Eles estão a inchar, estão transubstanciados, e quem sabe, com o Verão terminado e o famélico Inverno a chegar, do que viremos nós a alimentar-nos pelo Natal?

O que o notório Femina é para os círculos do tráfico de cigarros em Berlim, é o Chicago para os da droga. Mas enquanto o tráfico no Femina começa normalmente a decorrer cerca do meio-dia, aqui o Chicago só começa a mexer depois do recolher obrigatório às 10:00. O Slothrop, o Säure, a Trudi e a Magda chegam por uma entrada nas traseiras, saindo de um grande maciço de ruínas e trevas somente iluminadas aqui e ali, tal como o país em geral. No interior, oficiais médicos e soldados andam de cá para lá empunhando frascos de fofas substâncias brancas e cristalinas, pequenas pílulas cor-de-rosa, ampolas transparentes do tamanho de berlindes. Dinheiro da Ocupação e Reichsmarks confundem-se e agitam-se através da sala. Alguns dos traficantes são todos eles entusiasmo químico, outro são todos negócio. Fotos ampliadas do John Dillinger, sozinho ou posando ao lado da sua mãe, dos seus amigos, da sua metralhadora, decoram as paredes. As luzes e a discussão são mantidas a um nível baixo, para o caso de a polícia militar passar por ali.

Numa cadeira com costas de arame, grosseiras mãos peludas dedilhando baixinho uma guitarra, está sentado um marinheiro Americano com ar de orangotango. Em compasso de 3/4 e estilo saloio, ele está a cantar:

O SONHO DO DROGADO

Ontem à noite sonhei que estava frente
A um hookah fervilhando com aquilo no molho
Quando um djinn Árabe assim de repente
Salta para ali e pisca-me o olho.
«Estou aqui para atender teus desejos», ele me dizia,
Enquanto palavras eu não achava de sobra.
«Bom amigo», bradei eu, «o melhor que farias
Era arranjar-me alguma *drogas*!»
Com um largo sorriso ele pegou-me pela mão,
E voámos pelo céu com grande praxe
A primeira coisa que vi na terra onde me levou então
Foi uma inteira e sólida montanha de haxe!

Todas as árvores floriam rosados comprimidos,
Por onde passava o Rio do Romilar,
Até aos cogumelos mágicos bravos como o arco-íris,
Tão bonitos que até me apeteceu chorar.
As raparigas vieram dizer-nos olá, tão doces em câmara lenta,
Flores postas no cabelo a abanar,
Trazendo grandes mãos-cheias de cocaína em pó,
Toda a droga que tinham se dispunham a partilhar.
Andámos dias por ali, farrando e fumando,
Daquela Vermelha do Panamá que é boa à beça,
Debicando peiote e chá de noz-moscada,
E aqueles biscoitos que fazem bem à cabeça.
Ora eu podia ter ficado nesses bons tempos para sempre,
E estava mesmo a ver se me acomodava,
Mas sabem é que
o jinni afinal era um homem dos narcóticos
Que me prendeu ali mesmo onde eu estava.
E trouxe-me de volta, para este frio, frio mundo,
Agora onde quer que esteja vejo-me sempre preso assim...
E penso nos dias lá na Terra das Drogas
E ponho-me a pensar, haverá liberdade para mim?

O cantor é o Marinheiro Bodine, do contratorpedeiro Americano *John E. Badass*, e é ele o contacto que o Säure veio cá ver. O *Badass* está ancorado em Cuxhaven e o Bodine está mais ou menos ausente sem licença, tendo chegado a Berlim na noite de anteontem pela primeira vez desde as semanas iniciais da ocupação Americana. «As coisas estão mesmo más, pá», está ele a lamentar-se, «em Potsdam, eu nem conseguia acreditar naquilo. Lembras-te de como costumava ser a Wilhelmplatz? Relógios, vinho, jóias, câmaras, heroína, casacos de peles, tudo o que havia no mundo. Ninguém se *ralava* com isso, não era? Devias ver como está agora. Segurança dos Russos em tudo quanto é sítio. Clientes grandes e maus. Nem se conseguia chegar lá perto.»

«Não se dizia que estava a acontecer qualquer coisa por lá?» diz o Slothrop. Ele ouviu uns zunzuns. «Uma conferência ou outra merda qualquer?»

«Estão a decidir como vão cortar a Alemanha», diz o Säure. «As Potências todas. Deviam chamar os Alemães, Kerl, nós andamos a fazer *isso* há séculos.»

«Agora nem lá entra um mosquito, pá», o Marinheiro Bodine abanando a sua cabeça, enrolando destramente um charro só com uma mão numa mortalha que ele primeiramente rasgou, com impávida bravura, ao meio.

«Ah», sorri o Säure, pondo um braço por cima do Slothrop, «e se o Homem-Foguete conseguir?»

O Bodine lança uma olhadela, céptica. «O Homem-Foguete é esse?»

«Mais ou menos», diz o Slothrop, «mas não tenho a certeza de querer ir lá a essa tal Potsdam, para já....»

«Se tu soubesses!» grita o Bodine. «Ouve cá, Ás, neste preciso instante, a menos de 25 quilómetros, há seis *quilos!* de puro haxixe nepalês de primeira qualidade! Conseguí-o junto do meu amigo na CBI, traz os selos do governo e tudo, eu próprio os enterrei lá em Maio, tão bem que ninguém alguma vez os encontrará sem um mapa. Tu só precisas de voar até lá, ou lá o que é que tu fazes, é só ires lá e pegares naquilo.»

«É tudo.»

«Um quilo para ti», propõe o Säure.

«Eles podem cremá-lo juntamente comigo. Aqueles Russos todos podem pôr-se à porta do forno para encherem a cabeça.»

«Talvez», a mais decadente rapariga que o Slothrop jamais viu na vida, usando uma sombra anil fluorescente nos olhos e uma fita de cabedal preto a prender-lhe o cabelo, passa a deslizar por eles, «o belo Americano não seja um devoto da Barra de Chocolate Verde, mm?, ha-ha-ha....»

«Um milhão de marcos», suspira o Säure.

«Onde vão vocês arranjar —»

Erguendo um dedo élfico, aproximando-se mais, «Eu imprimo-o.»

Pois claro, ele imprime-o. Todos eles saem em magote do Chicago, quase um quilómetro pelo meio dos montes de entulho, por sinuosos caminhos invisíveis no escuro a todos menos Säure, chegando por fim a uma cave sem casa por cima que tem arquivadores,

uma cama, uma lamparina de óleo, um prelo. A Magda aninha-se mais perto do Slothrop, as suas mãos dançam sobre a erecção dele. A Trudi formou um inexplicável afecto pelo Bodine. O Säure começa a fazer girar a sua barulhenta roda, e com efeito saem folhas de Reichsmarks a flutuar para cima do suporte, milhares em cima de milhares. «Todas as placas são autênticas, e o papel também. O único pormenor que falta é uma ligeira ruga ao longo das bordas. Havia uma tipografia de carimbagem especial que ninguém conseguiu assaltar.»

«Uh», diz o Slothrop.

«Oh, vá lá», diz o Bodine, «ó Homem-Foguete, chiça. Tu já não queres é fazer mais nada.»

Ajudam a sacudir e a alinhar as folhas enquanto o Säure as corta com uma longa cizalha cintilante. Segurando um gordo molho de notas de 100, «Podias estar de volta amanhã. Não há trabalho que seja demasiado difícil para o Homem-Foguete.»

Um ou dois dias depois, ocorrerá ao Slothrop que o que ele deveria ter dito nesse ponto era, «Mas eu não era o Homem-Foguete, até há umas horas.» Só que agora ele está seduzido pela perspectiva de meio quilo de haxixe e um milhão de marcos quase reais. Nada de que uma pessoa se ponha a andar, ou a voar ou lá o que é, verdade? Por isso ele aceita uns milhares como avanço e passa o resto da noite com a rotunda e gemente Magda em cima da cama do Säure, enquanto a Trudi e o Bodine se divertem na banheira, e o Säure regressa a uma outra missão qualquer, pelo meio da imensidão das três da manhã que se comprime, oceânica, contra o balizado espaço interior deles...



O Säure para trás e para diante, olhos raiados de sangue e muito enervado, com um fumegante pote de chá. O Slothrop está sozinho na cama. O fato de Homem-Foguete repousa sobre uma mesa, ao lado do mapa do tesouro do Marinheiro Bodine — oh. Oh, pá. Será que o Slothrop vai mesmo ter de levar isto avante?

Lá fora, pássaros assobiam arpeggios pelos degraus acima, pela manhã fora. Camiões e jipes matraqueiam à distância. O Slothrop senta-se a beber chá e a tentar raspar o esperma ressequido das suas calças enquanto o Säure explica o plano. O pacote está enterrado por baixo de um arbusto ornamental à porta de uma vivenda no n.º 2 da Kaiserstrasse, em Neubabelsberg, a antiga capital do cinema da Alemanha. Fica do outro lado do Havel em frente a Potsdam. Parece prudente que ele se mantenha longe da Avus Autobahn. «Em vez disso tenta passar o posto de controlo a seguir a Zehlendorf. Sobe até Neubabelsberg pelo canal.»

«Como assim?»

«Não autorizam civis na Estrada VIP — olha, esta aqui, que atravessa o rio para Potsdam.»

«Ora esta. Então vou precisar de um barco.»

«Ah! Tu esperas improvisos por parte de um Alemão? Não, não, isso — isso é um *problema do Homem-Foguete!* ha-ha!»

«Unhhh.» Parece que a vivenda está de frente para o Griebnitz See. «Porque é que não hei-de chegar lá por este lado?»

«Vais ter de passar primeiro por baixo de uma série de pontes, se fizeres isso. Fortemente guardadas. Fogo oblíquo. Talvez — talvez até morteiros. Torna-se muito estreito em frente a Potsdam. Não vais ter hipótese.» Oh, o humor Alemão é uma *bela* maneira de começar a manhã. O Säure entrega ao Slothrop um cartão AGO, um bilhete de viagem, e um passe impresso em Inglês e Russo. «O homem que falsificou isto já entrou e saiu de Potsdam pelo meio deles uma dúzia de vezes desde que a Conferência começou. Só para se ver a confiança que ele tem nisto. Especialmente no passe bilingue, que é só para a Conferência. Mas tu não deves perder tempo por lá pasmado como um turista, a pedir autógrafos às celebridades —»

«Bom ouve cá ó Emil, se tens coisas dessas assim tão boas, porque *não vais lá tu?*»

«Não é a minha *especialidade*. Eu limito-me a negociar. Só tenho uma velha garrafa de ácido — e mesmo isso é a fingir. As aventuras de flibusteiro são para o *Homem-Foguete*.»

«Então o Bodine.»

«Ele já está de regresso a Cuxhaven. Ficará bem transtornado, quando voltar na próxima semana e descobrir que o Homem-Fogue-te, logo esse, mostrou a pena branca.»

«Oh.» Merda. O Slothrop fica um bocado a olhar para aquele mapa, depois tenta memorizá-lo. Guarda-o dentro das suas botas, a resmungar. Enrola o seu capacete na tal capa, e eles os dois, Aldrabão e aldrabado, põem-se a atravessar o sector Americano.

Rabos de égua agitam-se através do céu azul, mas cá em baixo o Berliner Luft está imóvel, com o inescapável odor a morte. Milhares de cadáveres tombados na Primavera continuam ainda por baixo destas montanhas de entulho, montanhas amarelas, vermelhas e amareladas e pálidas.

Onde está a cidade que o Slothrop costumava ver naqueles filmes noticiosos e naquela National Geographic? As parábolas não eram tudo o que a Nova Arquitectura Alemã procurava — havia os espaços — o necropolismo do alabastro branco sob o sol imoderado, destinado a ser repleto de colheitas humanas ondulando até se perderem de vista, desprovido de sentido sem elas. Se existe algo como a Cidade Sacramental, a cidade enquanto signo exterior e visível de doença ou saúde interior e espiritual, então poderá ter havido, mesmo aqui, alguma continuidade de sacramento, através da terrível superfície de Maio. A vacuidade de Berlim hoje de manhã é uma cartografia inversa da capital branca e geométrica anterior à destruição — os incultos e vastíssimos terrenos de entulho, o mesmo peso de betão demasiado incaracterístico... só que aqui tudo foi virado do avesso. As rectilíneas avenidas construídas para se poder marchar nelas são agora sinuosos carreiros entre as pilhas de detritos, agora com formas orgânicas, que obedecem, tal como os caminhos de cabras, às leis do menor desconforto. Os civis andam agora por fora, os uniformes por dentro. Lisas facetas de edifícios deram lugar a pedregosos interiores de betão despedaçado, todo o infundível rococó de cascalho logo atrás das cortinas. O interior é exterior. Quartos sem tecto abrem-se para o céu, quartos sem paredes inclinados para o mar de ruínas em proas, em cestos da gávea... Velhos com as suas latas rebuscando o terreno à cata de beatas gastam os pulmões aspirando-as. Anúncios para abrigo, roupa, os perdidos, os levados, outrora classificados, bürgerlich dobrados dentro de jornais que seriam lidos com

toda a tranquilidade em lacadas e graciosas saletas são agora colados com selos que têm a cara de Hitler em azul, cor-de-laranja, e amarelo, no meio do vento, quando o vento vem, colados em árvores, portadas, tapumes, bocados de muro — farrapos brancos e descoloridos, escrita de aranhiço, tremida, borrada, milhares que não são vistos, milhares que ficam por ler ou são soprados para longe. Nas refeições dominicais do Winterhilfe as pessoas sentavam-se no exterior por baixo das árvores invernais adornadas com suásticas, mas o exterior foi trazido para o interior e esse tipo de Domingo dura a semana inteira. O Inverno está a voltar outra vez. Toda a Berlim passa a luz do dia tentando fingir que o não é. As árvores com cicatrizes tornaram a ganhar folhas, pássaros bebés quebraram a casca e aprendem a voar, mas o Inverno está aqui por detrás do ar de Verão — a Terra virou-se enquanto dormia, e os trópicos inverteram-se.

Como se as paredes do Chicago tivessem sido trazidas para o exterior, há fotografias gigantescas afixadas na Friedrichstrasse — rostos mais altos que um homem. O Slothrop reconhece Churchill e Estalíne à primeira, mas não está certo de quem seja o outro. «Emil, quem é aquele tipo com óculos?»

«O presidente Americano. O senhor Truman.»

«Deixa-te de brincadeiras. O Truman é vice-presidente. O presidente é o Roosevelt.»

O Säure alça uma sobrancelha. «O Roosevelt morreu na Primavera. Pouco antes da rendição.»

Têm de abrir passagem por uma fila para o pão. Mulheres com casacos de pelúcia muito usados, miudinhos agarrados a bainhas desfiadas, homens com bonés e casacões assertoados, rostos idosos por barbear, testas tão brancas como a perna de uma enfermeira... Alguém tenta agarrar a capa do Slothrop, e há uma breve luta de puxões.

«Desculpa lá», propõe o Säure, quando voltam a ficar à vontade.

«Porque é que ninguém me avisou?» Slothrop andava na escola secundária quando o FDR estava a começar na Casa Branca. Broderick Slothrop professava odiar o homem, mas o jovem Tyrone achava que ele era valente, com aquela polio e tudo. Gostava da voz dele na rádio. Aliás numa ocasião quase chegara a vê-lo, em Pittsfield,

mas o Lloyd Nipple, o miúdo mais gordo de Mingeborough, estava à sua frente, e tudo o que o Slothrop conseguiu ver foram umas rodas e os pés de uns sujeitos de fato em cima de um estribo. Do Hoover já ouvira falar, vagamente — qualquer coisa que tinha que ver com bairros de barracas ou aspiradores — mas Roosevelt era o *seu* presidente, o único que ele conhecera. Parecia que ele continuava sempre a ser eleito, mandato após mandato, para sempre. Mas alguém decidira mudar isso. De modo que foi posto a dormir, o presidente do Slothrop, com sossego e asseio, enquanto o miúdo que outrora imaginara o seu rosto na camisola que cobria as omoplatas do Lloyd andava a passear-se na Riviera, ou num sítio qualquer da Suíça, apenas meio consciente de ele próprio se estar a extinguir...

«Disseram que foi um colapso», diz o Säure. A voz dele está a chegar de uma direcção deveras peculiar, digamos que directamente de baixo, como se a vasta necrópole começasse agora a prolongar-se para dentro, a afunilar-se e a estender-se num Corredor, que o Slothrop já conhece embora não pelo nome, uma deformação do espaço que se oculta no interior da vida dele, tão latente como uma doença hereditária. Um bando de médicos com umas máscaras que lhes cobrem tudo menos os olhos, olhos frroxos de gente crescida, movem-se a passo certo pela passagem abaixo em direcção ao sítio onde Roosevelt está deitado. Transportam lustrosas maletas pretas. Retine metal dentro do couro preto, retine como se fosse falar, como se um ventriloquo estivesse a fazer um truque, ajuda-me-a-sair-daqui... Fosse quem fosse, posando de capa negra em Ialta com os outros líderes, transmitiu lindamente a sensação das asas da Morte, ricas, suaves e negras como a capa invernal, preparou uma nação de basbaques para a partida do Roosevelt, um ser que Eles montaram, um ser que Eles viriam a desmontar...

Alguém aqui está a permitir astutamente paralaxe, escala, sombras que vão todas para o lado certo e se prolongam com o dia — mas não, o Säure não pode ser real, nem tão-pouco aqueles figurantes com roupas escuras que aguardam nas filas algum hipotético eléctrico, umas duas fatias de salsichão (claro, claro), a dúzia de miúdos meio nus que andam a correr para dentro e para fora deste prédio

queimado e tão espantosamente decorado — Eles com certeza tinham orçamento para isso, pois claro. Olha para esta desolação, tudo construído e depois escavacado até ficar em bocados, uns do tamanho de uma pessoa e outros reduzidos a pó (favor ordenar por Número de Calibre), enquanto aquela bem lembrada fragrância Meio-Dia em Berlim, essência de podridão humana, é soprada para o palco por uma mão, estendida e tão grande como um cavalo espojado ao fundo de um beco qualquer, calcando o seu pulverizador gigante...

(Pelo relógio do mercado negro do Säure, é quase meio-dia. Das 11 às 12 da manhã é a Hora Maligna, quando a mulher branca com a argola das chaves sai da sua montanha e pode aparecer diante de nós. Sede cuidadosos, portanto. Se não conseguirdes libertá-la de um feitiço que ela jamais específica, sereis punidos. Ela é a bela donzela que oferece a Flor-maravilha, e a feia velha de longos dentes que vos encontrou naquele sonho e nada disse. A Hora é dela.)

Negros P-38s voam ruidosamente em formação, em obra móvel contra o pálido céu. O Slothrop e o Säure encontram um café no passeio, bebem aguado vinho róseo, comem pão e algum queijo. Aquele manhoso velho drogado acende um «palito» de «chá» e ficam os dois sentados ao sol passando-o entre si, oferecendo uma baforada ao empregado de mesa, quem sabe a diferença? é assim que se tem de fumar nos exércitos também hoje em dia. Jipes, transportes de pessoal, e bicicletas vão desfilando. Raparigas com frescos vestidos estivais, alaranjados e verdes como gelados de fruta, entram por ali para se sentarem em mesas, sorrindo, sorrindo, aferindo continuamente a área para negócios matutinos.

De algum modo o Säure conseguiu pôr o Slothrop a falar do Foguete. Não é de todo a especialidade do Säure, evidentemente, embora ele tenha andado de ouvido à escuta. Se o querem, então aquilo tem um preço. «Nunca consegui ver o fascínio. Nós ouvíamos falar imenso dele na rádio. Era o nosso Espectáculo do Capitão Meia-Noite. Mas fomos ficando desiludidos. Queríamos acreditar, mas nada do que víamos nos dava assim grande fé. Cada vez menos já perto do fim. Tudo o que eu sei é que isso foi um desastre para o mercado da cocaína, Kerl.»

«Como assim?»

«Havia qualquer coisa nesse foguete que precisava de permanganato de potássio, não era?»

«A turbobomba.»

«Bom, sem esse Purpurstoff não se pode vender cocaína honestamente. Esquece a honestidade, já não havia *realidade* nenhuma. No Inverno passado não se conseguia encontrar um cc de permanganato no raio do Reich inteiro, Kerl. *Oh* tu devias ver as queimadelas que havia por aí. Amigos, comprehendes. Mas qual o amigo que nunca quis — em termos que sejamos capazes de reconhecer — *esfregar-nos uma tarte na cara?* eh?»

«Obrigado.» Espera aí. Ele estará a falar de *nós*? Estará ele a preparar-se para —

«Portanto», tendo continuado, «instalou-se sobre Berlim um gigantesco filme do Bucha e Estica, mudo, mudo... por causa da falta do permanganato. Não sei que outras economias poderão ter sido afectadas pelo A4. Isto não era um mero lançamento de tartes, não era mera anarquia num mercado, era irresponsabilidade química! Barro, talco, cimento, até, a perversidade chegou a esse nível, farinha! Leite em pó, desviado das barrigas das criancinhas de colo! Sucedâneos que eram ainda mais caros do que a cocaína — mas a ideia era que alguém ficasse de repente com o nariz cheio de leite, hahaha-hah!» calando-se aqui por um minuto, «e isso *compensou a perda!* Sem o permanganato não havia maneira de verificar nada ao certo. Um pouco de novocaina para deixar a língua dormente, qualquer coisa que lhe desse um gosto amargo, e conseguiam-se obter enormes lucros *a partir* do bicarbonato de sódio. O permanganato é a pedra de toque. Ao microscópio, deixa-se cair nele alguma da substância em causa, que se dissolve — depois vê-se como ela emerge da solução, como ela torna a cristalizar-se: a cocaína surgirá primeiro, nas bordas, depois o corte vegetal, a procaína, a lactose em todas as outras posições bem conhecidas — um alvo roxo, com o anel exterior a valer o máximo, e o centro a não valer nada. Um antialvo. Certamente não é a ideia que o A4 tem dele, eh, *Homem-Foguete*. Aquela tua maquinaria não era exactamente amiga dos drogados. Para que queres tu aquilo? O teu país vai usá-lo contra a Rússia?»

«Não quero. Que queres tu dizer com “o meu país”?»

«Desculpa. O que eu queria dizer é que parece que os Russos o querem mesmo muito. Houve contactos meus por toda a cidade que foram levados. Interrogados. Nenhum deles sabe mais acerca de foguetes do que eu. Mas o Tchitcherine julga que sabemos.»

«Enapá. Ele outra vez?»

«Sim ele está em Potsdam agora. Supostamente está. Montou quartel-general num dos antigos estúdios de cinema.»

«Óptimas notícias, Emil. Com a minha sorte...»

«O teu aspecto não é lá muito bom, Homem-Foguete.»

«Achas isso horrível? Experimenta isto!» e o Slothrop passa a perguntar se o Säure ouviu alguma coisa acerca do Schwarzgerät.

O Säure não grita exactamente *Aiyee!* e se põe a correr pela rua abaixo nem nada disso, mas efectivamente há uma certa válvula que guincha, e algo é reencaminhado por uma outra via. «Vou dizer-te uma coisa», abanando a cabeça e remexendo-se no seu assento, «vai falar com o der Springer. Ja, vocês os dois hão-de dar-se muito bem. Eu sou só um larápio aposentado, procurando passar as minhas últimas décadas da mesma maneira que o Sublime Rossini o fez: confortavelmente. Limita-te a não falares de todo sobre mim, O.K. Joe?»

«Bom, quem é esse der Springer, e onde poderei encontrá-lo, Emil?»

«Ele é o cavaleiro que salta perpetuamente —»

«Ena.»

«— sobre o tabuleiro de xadrez da Zona, é isso que ele é. Tal como o Homem-Foguete voa hoje por cima dos obstáculos.» Ri-se sordidamente. «Belo par. Como hei-de eu saber onde está ele? Poderá estar num sítio qualquer. Ele está em toda a parte.»

«Zorro? O Besouro Verde?»

«Da última vez que ouvi falar dele, há uma ou duas semanas, andava lá para norte no percurso Hanseático. Vocês hão-de encontrar-se. Não te preocupes.» O Säure põe-se abruptamente de pé para se ir embora, apertando mãos, passando ao Homem-Foguete um outro charro para mais tarde, ou para lhe dar sorte. «Tenho de ir ter com uns oficiais médicos. A felicidade de mil clientes está nos teus ombros, jovem. Vai ter a minha casa. Glück.»

A Hora Maligna efectuou portanto o seu feitiço. A palavra errada fora Schwarzgerät. Agora a montanha tornou a fechar-se com estrondo atrás do Slothrop, tão perto que quase lhe esmagava os calcanhares, e poderão muito bem vir a decorrer séculos até que aquela Mulher Branca apareça outra vez. Merda.

O nome no passe especial é «Max Schleipzig». O Slothrop, sentindo-se cheio de energia, decide fazer-se passar por artista de vaudeville. Um ilusionista. Teve uma boa aprendizagem com a Katje, o damasquino pano de mesa e o mágico corpo dela, uma cama para o salão dela, um cento de fantásticas soirées...

Passou Zehlendorf a meio da tarde, dentro da sua fatiota de Homem-Foguete, pronto para a travessia. As sentinelas Russas estão à espera sob uma arcada de madeira pintada de vermelho, brandindo Suomis ou Degtyarovs, metralhadoras descomunais com carregadores de tambor. Aí vem também agora um tanque Stalin, ronronando pesadamente, soldado com capacete de abas em pé sobre o engaste da peça de 76 mm a berrar para o aparelho de rádio... uh, bom... Do outro lado da arcada está um jipe Russo com um par de oficiais, um deles a falar muito seriamente para o microfone do *seu* aparelho de rádio, e o ar ali aviva-se com Russo falado à velocidade da luz tecendo uma teia para apanhar o Slothrop. Quem haveria de ser? Ele atira a sua capa para trás com um piscar de olhos, leva a mão ao capacete e sorri. Num floreado de conspirador já ele sacou do cartão, bilhete e passe bilingue, dizendo-lhes uma frase qualquer acerca de uma representação encomendada lá para a tal Postdam.

Uma das sentinelas pega no passe e enfia-se no seu quiosque para fazer um telefonema. Os outros ficam a olhar para as botas de Tchitcherine. Ninguém fala. O telefonema está a demorar um bocado. Couro surrado, barbas de um dia, maçãs do rosto ao sol. O Slothrop está a tentar pensar nalguns truques de cartas que consiga fazer, a modos que para quebrar o gelo, quando a sentinela espeta a sua cabeça cá para fora. «Stieflen, bitte.»

Botas? Porque quereriam eles as — *yaaabbb!* Botas, pois claro, sim. Já sabemos sem sombra de dúvida quem deverá estar do outro lado, não é verdade. O Slothrop consegue ouvir todas as partes de metal do homem a retinirem de contentamento. No enfumarado céu

de Berlim, algures à esquerda da Funkturm na sua lonjura de lã de aço, surge uma fotografia de página inteira na revista *Life*: é mesmo do Slothrop, ele traz o traje completo de Homem-Foguete, com aquilo que parece ser uma longa e hirta salsicha de muito largo diâmetro a ser-lhe enfiada na boca, tão forçadamente que os olhos dele estão um pouco vesgos, embora a mão ou agência que na verdade empunha a estupenda wiener não seja visível na foto. UM SARILHO PARA O HOMEM-FOGUETE, diz a legenda — «Mal acabou de sair do chão, a mais recente celebridade da Zona “amachuca-se”».

B-o-o-o-m, o Slothrop descalça as botas, a sentinela leva-as lá para dentro até junto do telefone — os outros encostam o Slothrop contra a arcada e revistam-no, não lhe encontrando nada a não ser o charro que o Säure lhe deu, o qual lhe expropriam. O Slothrop fica à espera em peúgas, tentando não antecipar nada. Olhando à volta em busca de abrigo, talvez. Nada. Campo de fogo desimpedido em 360 graus. Cheira a camada de asfalto fresco e a óleo de armas. O jipe, de um cristalino verdete, à espera: a estrada de regresso a Berlim, de momento, deserta... Providência, ó *Providência*, o que farias tu, ias tomar uma cerveja ou qualquer coisa assim?

De todo que não. As botas reaparecem, a soridente sentinela logo atrás delas. «Stimmt, Herr Schlepzig.» A que soa a ironia em Russo? Estes passarões são demasiado imperscrutáveis para o Slothrop. O Tchitcherine deveria ser suficientemente sabedor para não levantar suspeitas pedindo para ver aquelas botas. Ná, não podia ter sido ele que estava ao telefone. Isto foi provavelmente alguma busca de rotina pelo tal contrabando, só isso. O Slothrop está agora a ser tomado por aquilo a que o Livro das Mutações chama Loucura Juvenil. Faz rodopiar a sua verde capa mais algumas vezes, afasta um atarracado tropa Balcânico de uma das metralhadoras, e põe-se a andar, para sul. O jipe dos oficiais fica onde está. O tanque desapareceu.

Jubilee Jim, caminhando ao acaso por aí,
Deitando o olho às senhoras de Stockbridge até Lee —
Compra à tua miúda um broche para o belo vestido,
Fatiotas bem janotas só por um dólar sumido,
O melhor é irmos todos, a caminho do Jubi-lee!

Três quilómetros mais adiante, o Slothrop chega ao tal canal mencionado pelo Säure: segue por um carreiro até debaixo da ponte onde fica húmido e fresco por um minuto. Põe-se a andar pela margem, procurando um barco que possa rapinar. Raparigas com camisolas de alças e calções estão deitadas a apanhar sol, morenas e douradas, por toda esta ladeira relvada de sonho. A tarde de nuvens é sazonada em arestas amaciadas pelo vento, crianças ajoelhadas junto à água com canas de pesca, dois pássaros em perseguição por cima do canal vogando para cima e para baixo num arco até ao suspenso temporal de um topo de árvore, onde se sentam e começam a cantar. Com a distância a luz adquire uma lenta neblina de tom cru, a carne das raparigas já não branqueada pelo sol em zénite tornando agora a despertar suave e feminilmente para cores mais quentes, ténues sombras de músculos das coxas, retesados filamentos de células dérmicas dizendo toca... fica... O Slothrop continua a andar — passando por olhos que se abrem, sorrisos que irrompem como ternas alvoradas. Qual é o problema dele? Fica aí, claro. Mas o que o leva a continuar a andar?

Há alguns barcos, presos aos gradeamentos, mas sempre alguém com olho atento. Por fim ele chega a uma estreita barcaçazita de fundo chato, remos já encaixados e pronta a abalar, nada a não ser uma ladeira que serve de cobertura, um par de saltos altos, casaco masculino, grupo de árvores por perto. Portanto o Slothrop salta lá para dentro, e larga amarras. Vê se corres — um pouco maldoso aqui — *eu não posso, mas posso roubar-te o barco!* Ha!

Continua a remar até ao pôr-do-sol, descansando em longas estiradas, realmente não está em boa forma, a capa a sufocá-lo num cone de suor tão mau que por fim é obrigado a despi-la. Patos vagueiam a uma distância cautelosa, água escorrendo-lhes dos brilhantes bicos alaranjados. A superfície do canal enruga-se com o vento da noite, o crepúsculo nos olhos dele raiando a água em vermelho e ouro: cores reais. Para fora da água despontam destroços, chumbo e ferrugem vermelhos amadurecendo sob esta luz, amolgados cascos cinzentos, rebites a desfazerem-se, cablagens desconjuntadas apontando histéricos fios para todos os pontos da bússola, vibrando abaixo do limiar de qualquer audição com a brisa. Barcaças

vazias andam à deriva, perdidas e abandonadas. Uma cegonha passa a voar lá em cima, a caminho de casa, por baixo dele subitamente o pálido arco do viaduto da Avus lá adiante. Se continuar em frente o Slothrop estará de volta ao sector Americano. Atravessa obliquamente o canal, desembarcando na margem oposta, e ruma a sul, tentando evitar o posto de controlo Soviético que o mapa coloca alugares à sua direita. Movimento maciço ao crepúsculo: guarda Russa, a elite dos bonés verdes, marchando e cavalgando, rostos inexpressivos, em camiões, em selas. Consegue sentir-se a impedância no dia que se desvanece, no agrupamento, nas nervosas voltas de arame, Potsdam avisando mantém-te longe... mantém-te longe... Quanto mais perto se chega, mais denso o campo em redor daquela abscondida reunião internacional do outro lado do Havel. O Bodine tem razão: nem um mosquito consegue entrar. O Slothrop sabe isso, mas continua a vogar, procurando eixos de suspeita menos sensíveis, efectuando ziguezagues, dirigindo-se inocuamente para sul.

Invisível. Torna-se mais fácil de acreditar à medida que ele consegue prosseguir. Em tempos, numa Véspera de Solstício de Verão, entre a meia-noite e a uma, caíram-lhe sementes de fetos para dentro dos sapatos. Ele é o invisível moço, a criança trocada e couraçada. O amiguinho da Providência. A preocupação *deles* é com as formas de perigo que a Guerra lhes ensinou — fantasmas que podem agora estar condenados, alguns deles, a prosseguirem pelo resto das suas vidas. Para o Slothrop é óptimo, porém — é um conjunto de ameaças a que ele não pertence. Continuam por lá no espaço geográfico, a estabelecerem prazos e a autorizarem pessoal, e os únicos seres que podem violar o espaço deles estão seguramente presos e paralisados nos livros de quadradinhos. Pensam eles. Eles não sabem nada aqui do Homem-Foguete. Estão sempre a passar por ele e ele continua só, transformado numa mancha de noite por veludo e pele de gamo — se acaso o virem a imagem dele é imediatamente entendida como tendo saído das berças do cérebro onde continua exilado com outras criaturas da noite...

Daí a pouco ele torna a cortar à direita, a caminho do pôr-do-sol. Ainda há que atravessar aquela grande super auto-estrada. Alguns Alemães não conseguem voltar a casa há 10 ou 20 anos, por terem sido apanhados do lado errado de uma qualquer Autobahn quando

ela por ali passou. Agora nervoso e com pés de chumbo, o Slothrop abeira-se furtivamente do talude da Avus, ouvindo o tráfego que zume lá em cima. Cada condutor julga estar a controlar o seu veículo, cada um deles pensa ter um destino separado, mas o Slothrop sabe que não é assim. Os condutores andam por fora hoje à noite por Eles precisarem que estejam ali onde estão, formando uma barreira mortal. Isto por aqui é só Fritz von Opels amadores, o que promete uma corrida bem animada ao Slothrop — resmungando para dentro na direcção daquela famosa curva em S onde maníacos com capacetes brancos e óculos de protecção escuros outrora enfeitiçaram a sua maquinaria alisada ao vento contornando o talude de tijolo em guinchantes inclinações (olhos admirativos de coronéis em uniformes de gala, senhoras dos coronéis com chapéus fedora em estilo Garbo, todos a salvo no alto das suas brancas torres apesar de pertencerem à aventura do dia, cada um deles à espera que em si emerja a mesma violência-mãe lá de baixo...).

O Slothrop liberta os seus braços da capa, deixa um esguio Porsche cinzento passar a zumbir, e a seguir efectua a sua investida, o vermelho das luzes traseiras do automóvel luzindo-lhe ao fundo da perna de jusante, faróis de um camião do Exército em boa velocidade acertando-lhe agora na de montante e tocando a gruta de um globo ocular em azulado vaivém. Ele balança-se de lado enquanto corre, gritando, «*Hauptstufel!*» que é o grito de guerra do Homem-Foguete, ergue ambos os braços e o leque verde-mar do forro de seda da capa, ouve travões a funcionarem, continua a correr, atinge a alameda central num rebolão, galgando até ao meio dos arbustos enquanto o camião derrapa e pára. Vozes durante algum tempo. Dá ao Slothrop a oportunidade de recuperar o fôlego e desapertar a capa que se lhe enrolou ao pescoço. O camião finalmente reata a viagem. A metade sul da Avus está mais lenta hoje à noite, e ele consegue facilmente atravessá-la a correr, descendo até à margem e subindo de novo o monte até ao arvoredo. Hey! Salta largas auto-estradas de uma vez só!

Bom, Bodine, o teu mapa é perfeito aqui, a não ser por um pormenor sem importância que tu, uh, te esqueceste de mencionar, gostava de saber porque terá sido... Acontece que qualquer coisa como

umas 150 casas de Neubabelsberg foram requisitadas e isoladas como complexo para os delegados Aliados à Conferência de Potsdam, e o Alegre Marujo escondeu a tal droga *mesmo no meio dela*. Arame farpado, holofotes direccionalis, sirenes, segurança que já esqueceu como é sorrir. Graças a Deus, ou seja ao Säure Brummer, por este passe especial aqui. Os sinais impressos a stencil têm setas e dizem ALMIRANTADO, NEG. ESTRANG. DEPARTAMENTO DE ESTADO, CHEFIA DO ESTADO-MAIOR... Tudo aquilo está iluminado como se fosse alguma estreia de Hollywood. Muitas chegadas e partidas de civis em fatos, vestidos, smokings, entrando e saindo em limusinas BMW com bandeiras de todas as nações junto aos pára-brisas. Folhetos mimeografados enchem as calçadas e as sarjetas. Dentro das guaritas das sentinelas estão pilhas de câmaras confiscadas.

Eles aqui têm de lidar com uma estranha colecção daqueles tipos do mundo do espectáculo. Ninguém parece demasiado incomodado com o capacete, a capa, ou a máscara. Há ambíguos telefonemas com encolheres de ombros e a ocasional pergunta desinspirada, mas de facto eles deixam o Max Schlepzig passar. Um bando de homens da imprensa americana entra por ali dentro num charabã, empunhando garrafas de Moselle libertado, e oferecem-lhe boleia durante parte do caminho. Não tarda que tenham começado a discutir sobre que celebridade será ele. Uns pensam que ele é o Don Ameche, outros o Oliver Hardy. Celebridade? o que é isto? «Vá lá», diz o Slothrop, «vocês não estão é a reconhecer-me com esta fatiota. Eu sou o tal Errol Flynn.» Nem todos acreditam nisso, mas mesmo assim ele consegue distribuir uns autógrafos. Quando a companhia se separa, os farejadores de notícias estão a discutir as candidatas a Miss Rheingold 1946. Os advogados da Dorothy Hart são mais ruidosos, mas a Jill Darnley tem a maioria do seu lado. Tudo aquilo é uma conversa sem nexo para o Slothrop — decorrerão ainda meses até que ele depare com um anúncio de cerveja a exibir as seis beldades, e dê por si a aplaudir uma rapariga chamada Helen Riickert: uma loura com um apelido Holandês que lhe lembrará vagamente alguém...

A casa no n.º 2 da Kaiserstrasse está afeiçoada em Rústico da Alta Prússia e pintada com uma espécie de castanho de vômito, cor que a gélida iluminação não melhora. Está mais fortemente guardada

do que qualquer outra no complexo. Chiça, o Slothrop põe-se a pensar porque será. Depois vê o letreiro com o pseudónimo do sítio lá estampado.

«Oh, não. Não. Deixem-se de brincadeiras.» Durante uns momentos ele fica na rua a tremer e a rogar pragas àquele Marinheiro Bodine por este ser trapalhão, vilão, e agente da morte. O letreiro diz A CASA BRANCA. O Bodine trouxe-o direitinho até ao desconhecido janela de óculos que espreitou a Friedrichstrasse matinal — até ao rosto que em silenciosa dissolução veio substituir aquele que o Slothrop nunca viu e agora jamais verá.

As sentinelas de armas em bandoleira estão tão imóveis quanto ele. As dobras da sua capa tornaram-se agora de bronze corroído sob a luz das lâmpadas de arco. Por baixo da vivenda ouve-se água a correr. Começa a soar música lá dentro e oblitera o som. Um sarau. Não admira que ele tenha entrado com tanta facilidade. Estarão à espera deste mágico, deste conviva tardio? Esplendor, fama. Ele poderia entrar a correr e rojar-se aos pés de alguém, pedir uma amnistia. Acabando por arranjar um contrato para o resto da sua vida com uma cadeia de rádio, o-ou até um estúdio de cinema! A clemência é isso, não é? Ele vira-se, tentando dar ao gesto um ar casual, e põe-se a andar para fora da luz, procurando uma maneira de descer até àquela água.

A margem do Griebnitz See está escura, iluminada pelas estrelas, pejada de arame, cheia de sentinelas em trânsito. As luzes de Potsdam, amontoadas e espalhadas, cintilam do outro lado da água negra. O Slothrop tem de entrar nela até à altura do cu por algumas vezes para conseguir passar aquele arame, e espera que as sentinelas se juntem ao redor de um cigarro no termo do seu percurso antes de efectuar uma corrida, capa esvoaçante e ensopada, até lá acima à vivenda. O haxixe do Bodine está escondido de um dos lados da casa, sob um certo arbusto de zimbro. O Slothrop agacha-se e começa a escavar a terra com as mãos.

Lá dentro há mesmo grande festarola. Umas raparigas a cantarem o «Don't Sit Under The Apple Tree», e se não são as Andrew Sisters poderiam muito bem sê-lo. São acompanhadas por uma banda de dança com gigantesca secção de sopros. Risos, sons de vidros,

tagarelice multilingue, uma noite de dia de semana como as outras aqui na grande Conferência. O haxe está embrulhado em papel prateado dentro de um saco de marinheiro a desfazer-se. Cheira mesmo bem. Ai, chiça — porque haveria ele de se esquecer de trazer um cachimbo?

Na verdade, antes assim. Acima do Slothrop, ao nível dos olhos, há um terraço, e um renque de pessegueiros em leitoso florido. Quando ele se agacha, para alçar o saco, abrem-se umas portas envidraçadas e alguém sai até esse terraço para vir apanhar ar. O Slothrop immobiliza-se, pensando *invisível, invisível...* O som de passos aproxima-se, e por cima do parapeito debruça-se — bom, isto poderá parecer estranho, mas é o Mickey Rooney. O Slothrop reconhece-o assim que o vê, ao filho estouvado e sardento do Juiz Hardy, tridimensional, carne, em smoking e com cara de estarei-eu-a-ficar-doido. O Mickey Rooney olha para o Homem-Foguete com um saco de haxixe na mão, uma aparição molhada com capacete e capa. Com o nariz ao nível dos reluzentes sapatos pretos do Mickey Rooney, o Slothrop levanta os olhos para a sala iluminada lá ao fundo — vê alguém um pouco parecido com o Churchill, muitas damas com vestidos de noite tão decotados que até deste ângulo se conseguem ver mais mamas do que as que havia nos espectáculos dos Minskys... e talvez, talvez ele chegue mesmo a obter um vislumbre do tal Presidente Truman. Ele *sabe* que está a ver o Mickey Rooney, embora o Mickey Rooney, onde quer que vá, possa reprimir o facto de alguma vez ter visto o Slothrop. É um momento extraordinário. O Slothrop sente que deve dizer qualquer coisa, mas os seus centros de fala falharam-lhe de um modo drástico. De qualquer maneira, «Ena, você é o Mickey Rooney», parece desadequado. Por isso eles ficam absolutamente imóveis, a noite de vitória atroando em redor deles, e os grandes na eléctrica sala amarela prosseguindo absortos os seus esquemas.

O Slothrop é o primeiro a mexer-se: põe um dedo sobre a boca e desata a fugir, tornando a contornar a vivenda e a descer para a margem, deixando o Mickey Rooney com os cotovelos apoiados naquele parapeito, ainda a olhar.

Tornando a contornar o arame, evitando as sentinelas, perto da beira da água, balouçando o saco de marinheiro pelo seu cordão,

uma qualquer vaga ideia agora na sua cabeça acerca de encontrar um outro barco e se limitar somente a remar por aquele Havel acima — claro! Porque não? Só quando ele ouve conversa distante vindas de outra vivenda lhe ocorre que poderá estar a afastar-se para a parte Russa do complexo.

«Hmm», opina o Slothrop, «bom nesse caso o melhor é eu —»

Lá vem aquela salsicha outra vez. Formas somente a um passo de distância — poderiam ter acabado de sair da água. Ele rodopia, apercebe-se de uma cara larga e barbeada de fresco, cabelo penteado à leão todo esticado para trás, cintilantes dentes de aço, olhos negros e suaves como os daquela Carmen Miranda —

«Sim», nem o mais pequeno sotaque naquele sussurro dele em Inglês, «tu foste seguido durante o caminho todo.» Outros agarraram o Slothrop pelos braços. Ao cimo do esquerdo ele sente qualquer coisa penetrante, quase indolor, muito familiar. Antes que a sua garganta consiga agitar-se, já ele partiu, na Roda, agarrando-se aterrado ao cada vez mais diminuto ponto branco de si mesmo, no primeiro afluxo da anestesia, pairando acanhadamente sobre o fosso da Morte...

□ □ □ □ □ □

Uma noite amena, toda manchada de estrelas douradas, o tipo de noite lá das pampas acerca da qual Leopoldo Lugones gostava de escrever. O U-Boot balouça serenamente à superfície. Os únicos sons são os do chapinhar do «bode», que de vez em quando irrompem por baixo do convés, bombeando o fundo do porão, e do El Ñato que está lá atrás à popa com a sua guitarra, tocando tristes e milongas de Buenos Aires. Beláustegui está lá em baixo a trabalhar no gerador. Luz e Felipe estão a dormir.

Junto às peças de 20 mm, Graciela Imago Portales repousa melancolicamente. Nos seus tempos ela era a idiota urbana de B.A., não fazendo mal a ninguém, amiga de todos de uma ponta à outra do espectro, desde Cipriano Reyes, que interveio por ela certa vez, até à Acción Argentina, para a qual ela trabalhou antes de ser presa. Era particularmente preferida pelos literatos. Diz-se que Borges lhe dedicou um poema («El laberinto de tu incertidumbre/ Me trama com la disquietante luna...»).

Os tripulantes que se apoderaram deste U-Boot estão aqui tomados de todos os tipos de manias Argentinas. O El Ñato anda de um lado para o outro falando no seu calão gaúcho do século XIX — cigarros são «pitoss», beatas são «puchos», não é caña que ele bebe mas «la tacuara», e quando está bêbedo está «mamao». Por vezes Felipe tem de traduzir para ele. Felipe é um jovem e difícil poeta com uma quantidade de desagradáveis entusiasmos, entre eles noções românticas e irreais acerca dos gaúchos. Anda sempre de roda do El Ñato. Beláustegui, engenheiro de bordo em funções, é de Entre Ríos, e um positivista segundo a tradição regional. Também muito bom com a faca para um profeta da ciência, uma das razões por que o El Ñato ainda não se atirou ao ímpio Bolchevique Mesopotâmico. Isso é um engulho à solidariedade deles, mas no fundo é somente um dos vários. A luz está actualmente com o Felipe, embora seja supostamente a rapariga do Squalidozzi — após o Squalidozzi ter desaparecido na sua viagem a Zurique ela juntou-se com o poeta na base de uma pungente recitação do «Pavos Reales» de Lugones, durante uma noite reparadora ao largo de Matosinhos. Para esta tripulação, a nostalgia é como o enjoo marítimo: somente a esperança de vir a morrer disso os mantém vivos.

O Squalidozzi porém acabou por aparecer de novo, em Bremerhaven. Andara a ser perseguido ao longo do que restava da Alemanha pela Inteligência Militar Britânica, sem fazer ideia do motivo.

«Porque não foste até Genebra, e tentaste entrar em contacto connosco?»

«Não queria levá-los até ao Ibargüengoitia. Mandei outra pessoa.»

«Quem?» quis saber Beláustegui.

«Nem cheguei a saber o nome dele.» O Squalidozzi coçou a sua desgrenhada cabeça. «Talvez fosse uma coisa estúpida de se fazer.»

«Não houve mais nenhum contacto com ele?»

«Nenhum de todo.»

«Então hão-de estar de olho em nós», o Beláustegui taciturno. «Seja ele quem for, está queimado. És um belo avaliador de carácter.»

«Que querias tu que eu fizesse: levava-o a um psiquiatra primeiro? Avaliava as opções? Sentava-me por ali durante umas semanas a pensar nisso?»

«Ele tem razão», o El Ñato erguendo um grande punho. «As mulheres que façam as suas meditações, as suas análises. Um homem tem de ir sempre em frente, de olhar para a Vida mesmo de caras.»

«Tu és nojento», disse a Graciela Imago Portales. «Tu não és um homem, és um *cavalo suado*.»

«Obrigado», o El Ñato numa vénia, com toda a dignidade gaúcha.

Ninguém estava a gritar. A conversação dessa noite dentro daquele espaço de aço estava cheia de serenos *ss* amortecidos e de *ys* palatais, da peculiar, relutante agudeza do Espanhol Argentino, criado ao longo de anos de frustrações, autocensura, longos circunlóquios de evasão da verdade política — de levar o Estado a viver nos músculos da nossa língua, na húmida intimidade que está mesmo por dentro dos nossos lábios... pero ché, no sós argentino...

Na Baviera, o Squalidozzi andava aos tropeços pelos arredores de uma vila, com poucos minutos de avanço sobre um Rolls-Royce com uma sinistra cúpula no tejadilho, Perspex verde através do qual não se conseguia ver. Foi logo a seguir ao pôr-do-sol. De repente ouviu tiros, tropel de cascos, vozes nasaladas e metálicas em Inglês. Mas aquela singular vilória parecia deserta. Como poderia ser? Penetrou num labirinto de tijolos que fora em tempos uma fábrica de harmónicas. Salpicos de metal bem afinado jaziam inertes para sempre entre os desperdícios da fundição. Contra uma alta parede, que fora pintada de branco recentemente, rufaram as sombras de cavalos e seus cavaleiros. Sentados a verem, sobre bancadas de trabalho e caixotes, estavam uma dúzia de indivíduos que o Squalidozzi reconheceu de imediato como gangsters. Luziam pontas de charutos, e as meretrizes sussurravam para trás e para diante em Alemão. Os homens comiam salsichas, rasgando-lhes os invólucros com dentes brancos, bem tratados, que reluziam sob a luz do filme. Calçavam luvas Caligari que agora gozam de uma voga estival na Zona: brancas como osso, a não ser nas quatro linhas de violeta profundo que se estendem nas costas da luva desde o pulso até aos nós dos dedos. Todos trajavam fatos de cor quase tão clara quanto os dentes. Aquilo pareceu extravagante ao Squalidozzi, após Buenos Aires e Zurique. As mulheres cruzavam as pernas com frequência; estavam tensas como

víboras. No ar havia um cheiro herbal, um cheiro de folhas ardendo, que era estranho ao Argentino, o qual, com terminais saudades da sua terra, somente tinha o cheiro do mate acabado de fazer ao fim de um amargo dia na pista de corridas para se ligar a ela. Coroados cai-xilhos de janelas dominavam o pátio da fábrica em tijolo onde ar estival se movia brandamente. A luz do filme refulgia em azul sobre as janelas vazias como se fosse hálito tentando produzir uma nota. As imagens perderam a nitidez por vingança. «Yay!» berraram todos os dos zoot suits, luvas brancas saltitando para cima e para baixo. As bocas e os olhos deles estavam tão abertos como os das crianças.

A bobina chegou ao fim, mas o espaço continuou às escuras. Uma figura enorme num zoot suit branco pôs-se em pé, espreguiçou-se, e caminhou vagarosamente até ao sítio onde o Squalidozzi se agachara, aterrorizado.

«Andam atrás de ti, amigo?»

«Por favor —»

«Não, não. Vem daí. Vê isto connosco. É um do Bob Steele. Ele é um moço à maneira antiga. Tu aqui estás a salvo.» Já há dias, afinal, os gangsters sabiam que o Squalidozzi andava pela vizinhança: embora ele próprio lhes fosse invisível, conseguiram inferir o seu trajecto pelos movimentos da polícia, que o não era. O Blodgett Waxwing — pois era ele — usou a analogia de uma câmara de nuvens, e do rastro de vapor deixado por uma partícula de alta velocidade...

«Não comprehendo.»

«Eu também não tenho a certeza de o compreender, pá. Mas nós temos de andar de olho em tudo, e neste momento os sabichões andam todos apatetados com uma coisa qualquer que se chama “física nuclear”.»

Após o filme, o Squalidozzi foi apresentado ao Gerhardt von Göll, também conhecido pelo seu *nom de pègre*, «Der Springer.» Parece que o pessoal do Von Göll e o do Waxwing andavam no encalço de uma conferência negocial ambulante, que percorria as estradas da Zona em comboio, trocando de camiões e de autocarros com tanta frequência que nem havia tempo para se dormir a sério, só para sestas — a meio da noite, no meio de um campo, nunca se sabia quando, tinha de se desembarcar, trocar de veículos e abalar de novo por uma

outra estrada. Sem destino, sem itinerário fixo. A maior parte dos transportes era fornecida graças à perícia do veterano em serviços automóveis Edouard Sanktwolke, que conseguia fazer ligações diretas em qualquer coisa que andasse sobre rodas ou lagartas — até transportava consigo um estojo em ébano feito por encomenda cheio de braços de rotor, cada um deles no seu recesso de veludo, para cada marca, modelo e ano conhecidos, no caso de o proprietário do alvo lhe haver retirado essa parte vital.

O Squalidozzi e o Von Göll deram-se bem logo à primeira. Este realizador de cinema transformado em comerciante decidira financiar todos os seus futuros filmes com os seus próprios exorbitantes proveitos. «É a única maneira de garantir que tenho a montagem final, ¿verdad? Diz-me cá, Squalidozzi, és demasiado puro para isto? Ou será que o teu projecto anarquista apreciaria uma pequena ajuda?»

«Isso dependeria do que quisessem de nós.»

«Um filme, claro. O que gostarias tu de fazer? Que tal o *Martin Fierro*?»

Manter o cliente contente. Martin Fierro não é apenas sobre o herói gaúcho de um grande poema épico Argentino. No U-Boot ele é considerado um santo anarquista. O poema de Hernandez figura até agora no pensamento político Argentino desde há anos — todos tiveram a sua própria interpretação, citando-o com frequência tão veementemente quanto os políticos da Itália do século XIX costumavam fazê-lo com *I Promessi Sposi*. Isso remonta à antiga polaridade básica da Argentina: Buenos Aires vs. as províncias, ou, tal como o vê Felipe, governo central vs. anarquismo gaúcho, do qual ele se tornou o principal teórico. Tem um daqueles chapéus de aba redonda com umas borlas penduradas, começou a demorar-se pelas escotilhas, à espera de Graciela — «Boa noite, minha pomba. Não tens um beijo para o Bakunine Gaúcho?»

«Tu pareces mais o Marx Gaúcho», diz a Graciela em voz arrastada, e deixa o Felipe para ele regressar à adaptação em que anda a trabalhar para Von Göll, usando o exemplar de *Martin Fierro* que pertence ao El Ñato, e que há muito descambou em páginas soltas, e cheiros a cavalos, cujos nomes de cada um o El Ñato, chorosamente *mamao*, vos poderá dizer...

Uma planície ensombrada ao cair do sol. Uma planura enorme. O ângulo da câmara mantém-se em baixo. Gente a chegar, lentamente, sozinhos ou em pequenos grupos, abrindo caminho através da planície, até um povoado na margem de um pequeno ribeiro. Cavalos, gado, lumes contra a crescente escuridão. Ao longe, no horizonte, surge uma figura solitária a cavalo, e avança até lá, até lá chegar, enquanto os créditos começam a aparecer. A dado ponto vemos a guitarra que ele traz atravessada nas costas: é um payador, um cantor ambulante. Por fim desmonta e vai sentar-se com as pessoas junto ao lume. Após a refeição e uma rodada de caña ele estende a mão para a sua guitarra e começa a dedilhar as três cordas mais graves, a bordona, e a cantar:

Aquí me pongo a cantar
al compás de la vigüela,
que el hombre que lo desvela
una pena estrordinaria,
como la ave solitaria
con el cantar se consuela.

Portanto, enquanto o Gaúcho canta, a história dele vai-se desenrolando — uma montagem dos seus primeiros tempos na estância. Então vem o exército e recruta-o. Leva-o até à fronteira para matar Índios. É o período da campanha do General Roca para abrir as pampas exterminando as pessoas que lá vivem: transformando as aldeias em campos de trabalho, colocando mais partes do país sob o controlo de Buenos Aires. Martin Fierro está farto disso. Aquilo vai contra tudo o que ele sabe ser correcto. Deserta. Enviam um destacamento atrás dele, e ele convence o sargento que o comanda a passar-se para o seu lado. Fogem juntos através da fronteira, para viverem ao ar livre, para viverem com os Índios.

Essa é a Parte I. Sete anos depois, Hernandez escreveu um *Regresso de Martin Fierro*, no qual o Gaúcho se vende: torna a ser assimilado pela sociedade Cristã, desiste da sua liberdade a troco da espécie de Gesellschaft constitucional que por esses dias se anda a impingir em Buenos Aires. Uma conclusão muito moral, mas completamente oposta à primeira.

«Que hei-de eu fazer?» parece querer saber Von Göll. «As duas partes, ou apenas a Parte I?»

«Bom», começa Squalidozzi.

«Eu sei o que *tu* queres. Só que eu poderia conseguir melhor raio de acção com os dois filmes, caso o primeiro venha a ter bons resultados de bilheteira. Mas será que tem?»

«Claro que sim.»

«Uma coisa assim tão anti-social?»

«Mas é tudo aquilo em que acreditamos», protesta Squalidozzi.

«Mas até o mais livre dos Gaúchos acaba por se vender, sabes. As coisas são mesmo assim.»

Gerhardt von Göll é mesmo assim, em todo o caso. Graciela conhece o homem: há linhas de ligação, sinistras conexões de sangue e de invernia em Punta del Este, através da Anilinas Alemanas, o ramo da IG em Buenos Aires, que passam pela Spottbilligfilm AG em Berlim (outras subsidiária da IG), junto da qual Von Göll costumava obter descontos na maior parte da sua película, especialmente na peculiar e vagarosa «Emulsão J», inventada por Laszlo Jamf, que de algum modo conseguia, mesmo sob a vulgar luz do dia, tornar a pele humana transparente até uma profundidade de meio milímetro, revelando o rosto um pouco abaixo da superfície. Essa emulsão fora extensamente usada no imortal *Alldrücken* de Von Göll, e poderá até vir a figurar no *Martin Fierro*. A única parte do épico que deixou Von Göll verdadeiramente fascinado é um duelo cantado entre o gaúcho branco e o escuro El Moreno. Parece ser um interessante dispositivo de enquadramento. Com a Emulsão J ele poderia ir abaixo da cor da pele dos oponentes, efectuando dissoluções para trás e para diante entre a J e a película vulgar, como se estivesse a entrar e a sair de foco, ou em arrastamento — como ele adorava os arrastamentos! de um para o outro numa quantidade de astuciosas maneiras. Desde que descobriu que aquele Schwarzkommando está mesmo na Zona, conduzindo vidas reais, paracinematográficas, que nada têm que ver com ele ou com as falsas imagens do Schwarzkommando que ele mostrou no Inverno passado em Inglaterra à Operação Asa Negra, o Springer tem andado de cabeça à roda num controlado êxtase de

megalomania. Está convencido de que o seu filme os trouxe de algum modo à existência. «A minha missão é», anuncia ele a Squalidozzi, com a profunda humildade que somente um realizador Alemão é capaz de convocar, «plantar na Zona sementes de realidade. O momento histórico exige isso, e tudo o que eu posso fazer é servi-lo. As minhas imagens, de alguma maneira, foram escolhidas para a encarnaçāo. O que eu posso fazer pelo Schwarzkommando posso fazer pelo teu sonho de pampas e céu... Posso deitar abaixo as tuas vedações e os teus muros de labirinto, posso levar-te de volta ao Jardim de que mal te lembras...»

A loucura dele infectou claramente Squalidozzi, que acabou então por regressar ao U-Boot e infectar os outros. Aquilo parecia ser o que eles haviam esperado. «Africanos!» devaneou o habitualmente circunspecto Beláustegui numa reunião do pessoal. «E se for verdade? E se tivermos voltado mesmo, se tivermos voltado ao modo como tudo era antes de os continentes se terem afastado?»

«De volta ao Gondwana», sussurrou Felipe. «Quando o Rio de la Plata estava mesmo em frente ao Sudoeste Africano... e os refugiados mesozóicos apanharam o barco não para Montevideu, mas para Lüderitzbucht...»

O plano é chegar de alguma maneira à Charneca de Lüneburg e montar uma pequena estância. Von Göll irá lá ter com eles. Hoje à noite junto das peças de artilharia, Graciela Imago Portales sonha. Será Von Göll um compromisso que eles podem tolerar? Há piores fundações do que um filme. Será que as falsas aldeias do Príncipe Potemkin sobreviveram ao régio progresso de Catarina? Sobreviverá a alma do Gaúcho à mecânica de pô-la em luz e som? Ou surgirá ultimamente alguém, Von Göll ou um outro, para fazer uma Parte II, e desmontar o sonho?

Acima e para além dela desliza o Zodíaco, um arraial de hemisfério norte que ela nunca viu na Argentina, tão suavemente quanto um ponteiro das horas... De súbito há um prolongado ruído de estática a sair do sistema de som e Beláustegui está a berrar, «Der Aal! Der Aal!» A enguia, põe-se Graciela a pensar, a *enguia*? Oh, sim, o torpedo. Ah, o Beláustegui é tão mau como o El Ñato, ele sente a sua própria e estranha obrigação de continuar a falar em jargão de submarinista Alemão, isto aqui é mesmo e precisamente uma Torre de

Babel marítima — o *torpedo?* porque se pôs ele a gritar por causa do torpedo?

Pelo bom motivo de que o U-Boot acabou de surgir no ecrã de radar do U.S.S. — *John E. Badass* (sorri, U-Boot!), na qualidade de «doninha» ou ponto não identificado, e o *Badass*, em reflexo muscular de pós-guerra, está agora a aproximar-se em velocidade de flanqueamento. A recepção hoje à noite é perfeita, o retorno verde «tem um grão tão fino como a pele de um bebé», confirma Spyros («*Spider*») Telangiecstasis, Operador de Radar de 2.^a Classe. Tem-se visão desimpedida até aos Açores. É uma noite estival amena, fluorescente, no meio do mar. Mas o que é isto que agora surge no ecrã, movendo-se rapidamente, rasto após rastro, separado como pinta de luz do ponto original, minúscula mas inequívoca, a caminho do imóvel centro do rastreador, agora mais próxima —

«Bakerbakerbaker!», berra alguém lá em baixo no Sonar, em voz alta e assustada, através dos auscultadores. Isso significa torpedo hostil a caminho. As messes de café caem de pantanas, as réguas de cálculo e as divisórias deslizam sobre o tampo de vidro do rastreador que reconhece a morte enquanto a velha lata se inclina para virar de bordo num padrão de evasão que já estava obsoleto durante a administração Coolidge.

O pálido túnel de espuma do Der Aal irá interceptar o desesperado estrebuchar marítimo do *Badass* a meia-nau. O que intervém é a droga Oneirina, na forma de hidrocloreto. A máquina da qual ela emergiu é o pote de café que está na messe do *John E. Badass*. O brincalhão do Marinheiro Bodine — esse mesmo — semeou entre as borras desta noite uma dose massiva do célebre intoxicante de Laszlo Jamf, obtido durante a mais recente visita do Bodine a Berlim.

A propriedade da modulação do tempo que é tão característica da Oneirina foi uma das primeiras a serem descobertas pelos investigadores. «Experimenta-se», escreve Shetzline no seu estudo clássico, «num sentido subjectivo... uh... bom. Vejamos a coisa assim. É como enfiar-se umas cunhas de esponja prateada, *mesmo, no meio*, do vosso cérebro.» Portanto, lá entre o brando sinal de retorno que vem do mar esta noite, as duas rotas fatais intersectam-se no espaço, mas não no

tempo. Quase não no tempo, heh heh. Aquilo contra o qual Beláustegui disparou o seu torpedo era um velho navio abandonado e carbonizado pela ferrugem, transportado passivamente pelas correntes e pelos ventos, mas trazendo à noite algo da caveira: um anúncio de vacuidade metálica, de sombra, que assustou positivistas mais fortes ainda do que Beláustegui. E aquilo que passou ao reconhecimento visual a partir da pequena pinta acelerada no ecrã de radar do *Badass* acabou por ser um cadáver, de cor escura, porventura de um Norte-africano, que a equipagem do canhão de três polegadas na ré do contratorpedeiro passou meia hora a rebentar aos bocados enquanto o navio de guerra cintzento se esgueirava para distância segura, com medo da praga.

Ora que mar é este que haveis atravessado, ao certo, e que mar é esse em que haveis mergulhado por mais de uma vez até ao fundo, em estado de alerta, cheios de adrenalina, mas realmente apanhados, aturdidos sob as epistemologias dessas ameaças que vos deixaram paranóicos a um nível tão indigente, apanhados neste pote de aço, amolecendo numa papa desvitaminada dentro da sopa das vossas próprias palavras, do vosso árido fôlego submarino? Foi preciso o Caso Dreyfus para pôr os Sionistas cá fora e a obrar, finalmente: o que vos levará a vós para fora da vossa panela da sopa? Já terá acontecido? Terá sido o ataque e a livraçao desta noite? Ireis vós para a Charneca, e dareis início ao vosso povoamento, e esperareis ali pela vinda do vosso Director?



Sob um alto salgueiro ao lado de um canal, dentro de um jipe, à sombra, estão sentados Tchitcherine e o seu condutor Džabajev, um adolescente Cazaque amante das drogas, com borbulhas e um olhar permanentemente enfadado, que penteia o cabelo como o cantor Americano Frank Sinatra, e que está, de momento, a franzir a testa para uma fatia de haxixe e a dizer ao Tchitcherine, «Bom, devia ter ficado com mais do que isso, sabe.»

«Só fiquei com aquilo que a sua liberdade valia para ele», explica o Tchitcherine. «Onde está esse cachimbo, então?»

«Como é que *você* sabe o que vale para ele a sua liberdade? Sabe o que eu penso? Penso que você anda para aqui a ficar um bocadito entusiasmado com a Zona.» Este Džabajev, a bem dizer, é mais um parceiro do que um condutor, por isso goza de imunidade, até certo ponto, quando põe em causa o discernimento do Tchitcherine.

«Olha lá, ó saloio, tu foste lá ler a transcrição. Aquele homem é um solitário infeliz. Tem problemas. É mais útil por aí a correr pela Zona julgando que é livre, mas para ele era melhor estar internado num sítio qualquer. Nem sequer sabe o que é a liberdade dele, muito menos o valor que ela tem. Portanto quem faz o preço sou eu, e para já ele não tem importância.»

«Muito autoritário», zomba o jovem Džabajev. «Onde estão os fósforos?»

É triste, porém. Tchitcherine gosta do Slothrop. Sente que, em qualquer período normal da história, facilmente poderiam ser amigos. As pessoas que se vestem com fatiotas bizarras têm um *savoir-vivre* — para nem mencionar o género de desordem de personalidade — que ele admira. Quando era rapazinho, lá em Leninegrado, a mãe do Tchitcherine coceu à mão um fato para ele usar numa representação escolar. Tchitcherine era o lobo. Logo que colocou a cabeça, diante do espelho ao lado do ícone, reconheceu-se. Ele era o lobo.

A sessão de Amital de Sódio atravanca os recessos do cérebro do Tchitcherine como se aquela ressaca fosse sua. Fundo, fundo — mais do que a política, do que o sexo ou os terrores infantis... um mergulho no negrume nuclear... O negro está em toda a transcrição: a recorrente cor negra. Slothrop nunca mencionou Enzian pelo nome, nem o Schwarzkommando. Mas falou do Schwarzgerät. E também associou «schwarz-» a outros substantivos estranhos, nos fragmentos em Alemão que por lá apareceram. Negramulher, Negrofoguete, Negrosenso... Os novos designativos parecem ser feitos inconscientemente. Haverá uma raiz única, mais fundo do que alguém já sondou, a partir da qual as Negras-palavras do Slothrop somente parecem florescer separadamente? Ou será que através da linguagem ele apanhou a mania Alemã dos designativos, dividindo a Criação cada vez mais infimamente, analisando, instaurando nomes cada vez mais inapelavelmente

distantes daquilo que é nomeado, chegando mesmo a trazer para ali a matemática combinatória, associando substantivos já estabelecidos para obter outros novos, o jogo insanamente, interminavelmente aldrabão de um químico cujas moléculas são palavras...

Bom, o homem é um quebra-cabeças. Quando Geli Tripping primeiramente deu notícia da presença dele na Zona, o Tchitcherine somente ganhou interesse bastante para o manter rotineiramente debaixo de olho, tal como a imensos outros. O único aspecto estranho, que se tornou mais estranho à medida que a vigilância foi decorrendo, era que ele parecia estar só. Até à data, o Slothrop ainda não registou, catalogou, descobriu, ou libertou um único fragmento de equipamento ou inteligência do A4. Ele não reporta ao GOPE, nem ao CIOS, à BAFO, à IT, ou a qualquer outro homólogo Americano — na verdade, a nenhum gabinete Aliado. Porém, ele é um dos Fiéis: os necróforos que agora seguem industriosamente as rotas de retirada das baterias de A4 desde a Esquina da Holanda através de toda a Baixa Saxónia. Peregrinos ao longo das estradas do milagre, cada bocado e peça uma relíquia sagrada, cada parte do manual um versículo da Escritura.

Mas o equipamento vulgar não interessa ao Slothrop. Ele anda à espreita, a guardar-se para algo de absolutamente único. Será o Negrofoguete? Será o 00 000? Enzian anda em busca dele, e do misterioso Schwarzgerät. Há uma muito boa probabilidade de que o Slothrop, impelido pelo seu Negrofenómeno, respondendo às necessidades deste embora elas lhe sejam ocultadas, continue a regressar, ciclo após ciclo, até Enzian, até a missão ser resolvida, as partes resgatadas, o equipamento encontrado. É um forte palpitar: nada que o Tchitcherine alguma vez venha a pôr por escrito. Operacionalmente ele está tão sozinho quanto o Slothrop anda por aqui — reportando, se e quando, directamente ao comité especial de Malenkov na dependência do Conselho de Comissários do Povo (sendo a missão para o TsAGI mais ou menos um disfarce). Mas o Slothrop é o rapaz dele. Há-de ser seguido, com certeza. Caso o percam, ora, lá terão de o encontrar outra vez. Uma pena ele não poder ser pessoalmente motivado para ir apanhar o Enzian. Mas o Tchitcherine dificilmente

será tolo bastante para pensar que todos os Americanos sejam tão fáceis de explorar como o Major Marvy, com os reflexos *dele* a respeito da negrura...

É uma vergonha. Tchitcherine e Slothrop podiam ter fumado haxixe juntos, comparado apontamentos acerca da Geli e de outras raparigas das ruínas. Ele poderia ter cantado ao Americano as canções que a sua mãe lhe ensinara, cantigas de embalar de Kiev, luz de estrelas, amantes, brancas florescências, rouxinóis...

«Na próxima vez que encontrarmos esse Inglês», Džabajev olhando curiosamente para as suas mãos sobre o volante, «ou Americano, ou lá o que é ele, será que pode descobrir onde *arranjou* ele esta merda?»

«Toma nota disso», ordena Tchitcherine. Ambos começam a carejar desvairadamente ali, debaixo da árvore.

□ □ □ □ □ □

Slothrop volta a si em episódios que entram e saem do sono, comedidas e serenas trocas de palavras em Russo, mãos verificando a sua pulsação, as largas costas verdes de alguém que vai a sair do quarto... É um quarto branco, um cubo perfeito, embora durante algum tempo ele não consiga reconhecer cubos, paredes, estar deitado na horizontal, tudo o que seja demasiado espacial. Somente a certeza de que voltou a ser injectado com aquele Amital de Sódio. *Essa* sensação ele conhece.

Está num catre, ainda vestido à Homem-Foguete, capacete no chão mesmo ao lado do saco de marinheiro com o haxe — *ob-ob*. Embora isso lhe exija uma coragem sobre-humana à face das dúvidas sobre se conseguirá ou não realmente mover-se, consegue reboilar para o lado e verificar se a droga lá está. Um dos pacotes de papel prateado parece mais pequeno. Gasta uma ou duas horas ansiosas a desfazer o alto do embrulho até pôr à mostra, pois claro, um corte recente, verde-cru destacando-se no castanho lodoso do grande pedaço. Ressoam passos nas escadas metálicas lá de fora, e uma porta pesada desliza lá em baixo. Merda. Ele está deitado dentro do cubo branco, sentindo-se fraco, pés cruzados e mãos atrás da cabeça, não

lhe apetece especialmente ir a algum sítio... Adormece e sonha com pássaros, um apinhado bando de escrevedeiras-das-neves, que aumenta até parecer uma chuva de pássaros, entre a espessa neve que cai. É lá no Berkshire. Slothrop é pequeno, e está de mão dada com o pai. A chusma de pássaros volteia, num reboliço, sobe, de lado pelo meio do temporal, torna a descer, procurando comida. «Pobrezinhos», diz Slothrop, e sente o pai apertar-lhe a mão através das luvas de lã. Broderick sorri. «Eles estão bem. O coração deles bate muito, muito depressa. O sangue e as penas deles mantêm-nos quentes. Não te preocupes, filho. Não te preocupes...» Slothrop torna a acordar no quarto branco. O sossego. Ergue o rabo e faz uns débeis exercícios de bicicleta, depois fica deitado a dar palmadas na nova gordura que deverá ter-se acumulado sobre a sua barriga enquanto esteve sem sentidos. Há um reino invisível de gordura, um milhão de células-à-solta, e todas sabem quem ele é — logo que fica inconsciente, elas começam a dizer, cada uma delas, esgançando-se com uma agudas e horrendas vozes de pequeno Rato Mickey, ó malta! vênhama cá, vamos todas até ao Slothrop, aquele grande tanso não está a fazer nada além de estar ali deitado de cu, vamos lá, enapá! «TOMEM LÁ ISTO», murmura Slothrop, «e-e mais isto!»

Braços e pernas aparentemente a funcionar, ele põe-se em pé resmungando, coloca o capacete na cabeça, pega no saco de marinheiro e sai pela porta, a qual toda ela estremece, tal como as paredes, quando a abre. Aha! Apartamentos de lona. É um cenário de cinema. Slothrop dá por si num estúdio antigo e delapidado, escuro a não ser onde a amarela luz do sol entra por uns pequenos buracos lá no alto. Passadiços enferrujados, que rangem sob o seu peso, lâmpadas de Klieg enegrecidas e queimadas, a fina rede das teias de aranha transformada em trabalho gráfico pelos esguios feixes de sol... O pó acumulou-se aos cantos, e sobre os resquícios dos demais cenários: falsos gemütlich ninhos de amor, clubes nocturnos com paredes inclinadas e orlados de palmeiras, ameias Wagnerianas em *papier-maché*, pátios de prédios de habitação em contrastado preto-e-branco Expressionista, construídos em nenhuma escala humana, todos afunilados em perspectiva para as rígidas lentes que outrora os contemplaram aqui. Há realces pintados nos cenários, e isso perturba

Slothrop, que está sempre a deparar com aqueles ténues riscos amarelos, a olhar para cima com vivacidade, e depois à sua volta, procurando fontes de luz que nunca lá estiveram, ficando cada vez mais agitado enquanto vasculha a velha casca, as traves 15 metros mais acima quase perdidas nas sombras, tropeçando nos seus próprios ecos, espirrando devido à poeira que levanta. Os Russos de facto foram-se embora, mas o Slothrop não está aqui sozinho. Desce uma escada metálica através de um emaranhado de teias, aranhas zangadas e suas presas mortas, a ferrugem a estalar-lhe debaixo das solas, e, quando chega ao fundo, sente um súbito puxão na sua capa. Estando ainda um pouco aturdido por causa daquela injecção, apenas se retrai violentamente. É seguro por uma mão enluvada, a luzidia pele de gamo esticada sobre uns nós de dedos muito precisos. Uma mulher de negro vestido Parisiense, com uma íris roxa-e-amarela no seu peito. Embora amortecida pelo veludo, o Slothrop consegue sentir a tremura da mão dela. Contempla olhos suavemente orlados como que de cinza negra, os grãos separados de pó no rosto dela tão nítidos quanto os poros que o pó falhou ou dos quais foi levado por lágrimas. É assim que ele vem a conhecer Margherita Erdmann, a sua lareira estival sem luz, o seu salvo-conduto para as memórias do Inflationszeit manchadas de temor — a sua criança e a sua desamparada Lisaura.

Ela está de passagem por ali: mais uma dos milhões de desenraizados. Em busca da filha dela, Bianca, que vai para leste a caminho de Swinemünde, se os Russos e os Polacos a deixarem. Está em Neubabelsberg numa sentimental excursão — não via os antigos estúdios há anos. Durante os anos vinte, e trinta, trabalhou como atriz de cinema, em Templehof e em Staaken também, mas este local sempre foi o seu favorito. Aqui ela foi dirigida pelo grande Gerhardt von Göll ao longo de dezenas de filmes de terror vagamente pornográficos. «Eu soube que ele era um génio desde o início. Eu era apenas a sua criatura.» Nunca foi material para o estrelato, ela admite-o livremente, não era nenhuma Dietrich, nem uma vamp ao estilo da Brigitte Helm. Um toque daquilo que eles queriam, porém — eles (Slothrop: «Eles?» Erdmann: «Eu sei lá...») chamavam-lhe a Anti-Dietrich: não destruidora de homens, mas boneca — lânguida, exausta...

«Vi todos os nossos filmes», recorda ela, «alguns deles seis ou sete vezes. Eu nunca parecia *mexer-me*. Nem sequer a minha cara. Ach, aqueles longos, longos planos aproximados em gaze... podia ter sido o mesmo plano, uma e outra vez. Mesmo a fugir — eu tinha sempre de ser perseguida, por monstros, doidos, criminosos — eu continuava a ser tão —» braceletes reluzindo — «estólida, tão... monumental. Quando não estava a fugir, eu normalmente estava atada ou acorrentada a qualquer coisa. Venha. Eu mostro-lhe.» Guiando agora Slothrop até ao que resta de uma câmara de tortura, dentes de madeira em falta na roda do potro, cantaria de gesso esfolada e lascada, pó a levantar-se, archotes mortos frios e torcidos nas suas arandelas. Ela faz com que umas correntes em madeira, a maior parte da tinta prateada agora já gasta, escorreguem chocalhando pelos seus dedos de pele de gamo. «Isto foi um dos cenários para o *Alpdrücken*. Naqueles tempos, o Gerhardt ainda era a favor da iluminação exagerada.» Um cinzento-prateado deposita-se nas finas rugas das luvas dela quando sacode o pó ao potro, e se deita nele. «Assim», levantando os braços dela, insistindo em que ele lhe aperte as grilhetas de lata aos pulsos e tornozelos. «A luz vinha de cima e de baixo ao mesmo tempo, para que toda a gente tivesse duas sombras: a de Caim e a de Abel, dizia-nos o Gerhardt. Foi no auge do período simbolista dele. Posteriormente começou a usar luz mais natural, para filmar mais em exteriores.» Foram a Paris, a Viena. A Herrenchiemsee, nos Alpes Bávaros. Von Göll havia sonhado fazer um filme sobre Ludwig II. Isso quase o fizera entrar na lista negra. A moda de então era ser-se por Frederico. Era considerado antipatriótico dizer-se que um governante Alemão também podia ser louco. Mas o ouro, os espelhos, os quilómetros de ornamentos Barrocos deixavam o próprio Von Göll um pouco aparvalhado. Especialmente aqueles *longos corredores*... «Metafísica do corredor» é o que os Franceses chamam a essa condição. Quem já há muito esteja familiarizado com o corredor gargalhará gostosamente com as descrições de Von Göll, muito depois de ter ficado sem película, percorrendo ainda no seu carrinho aquelas vistas douradas com um sorriso pateta no rosto. Apesar do material ortocromático, o ardor daquilo sobrevivera a preto-e-branco, embora o filme nunca fosse divulgado, claro. *Das Würtend Reich*, como poderiam eles ficar impávidos com aquilo? Intermináveis negociações, homenzinhos garbosos com

alfinetes de lapela Nazis entrando em tropel por ali, interrompendo as filmagens, caminhando de rosto voltado para as paredes de vidro. Eles teriam aceitado qualquer coisa com «Reich», até «Königreich», mas o Von Göll não cedeu. Ele andava a pisar o risco. Para compensar, deu imediatamente início ao *Boa Sociedade*, que se diz ter deliciado Goebbels a tal ponto que ele o viu por três vezes, gargalhando e socando o braço do sujeito que estava a seu lado, o qual poderá ter sido Adolf Hitler. Margherita interpretava a lésbica no café, «aquela que tem o monóculo, que é chicoteada até à morte pelo travesti, lembra-se?» Pernas pesadas em meias de seda que agora brilham com um ar duro, maquinal, joelhos macios deslizando um contra o outro enquanto a memória se instala, excitando-a. Ao Slothrop também. Ela sorri para a retesada bragUILHA dele em pele de veado. «Ele era belo. Ia para ambos os lados, não importava. Você faz-me lembrar um pouco ele. Especialmente... essas botas... *Boa Sociedade* foi o nosso segundo filme, mas este», este? «*Alpdrücken*, foi o nosso primeiro. Penso que a Bianca é filha dele. Foi concebida enquanto estávamos a filmar isso. Ele interpretou o Grande Inquisidor que me torturava. Ah, nós éramos os Namorados do Reich — Greta Erdmann e Max Schlepzig, Maravilhosamente Juntos —»

«Max Schlepzig», repete Slothrop, esbugalhando os olhos, «deixe-se de brincadeiras. *Max Schlepzig?*»

«Não era o verdadeiro nome dele. Erdmann não era o meu. Mas tudo o que tivesse a Terra em si era politicamente seguro — Terra, Solo, Povo... um código. Que eles, olhando, sabiam como decifrar... O Max tinha um nome muito Judeu, Qualquercoisa-sky, e o Gerhardt achou mais prudente arranjar-lhe um novo.»

«Greta, alguém também achou prudente chamar-me *a mim* Max Schlepzig.» Ele mostra-lhe o passe que lhe fora entregue pelo Säure Brummer.

Ela olha-o, e depois para o Slothrop brevemente. Começou a tremer de novo. Alguma mistura de desejo e de medo. «Eu sabia.»

«Sabia o quê?»

Desviando o olhar, submissa. «Sabia que ele estava morto. Desapareceu em '38. Eles têm andado muito atarefados, não têm?»

Slothrop tem-se apercebido, na Zona, do suficiente sobre as psicoses Europeias do passaporte para querer confortá-la. «Isto é forjado. O nome é um pseudónimo escolhido ao acaso. O sujeito que o fez provavelmente lembrou-se do Schleipzig por causa de um dos filmes dele.»

«Ao acaso.» Um sorriso trágico, de actriz, primícias de um duplo queixo, um joelho alçado até onde estas pernas de ferro lho permitem. «Mais uma palavra de conto de fadas. A assinatura que tem no seu cartão é a do Max. Algures na casa da Stefania junto ao Vístula, tenho uma caixa de aço cheia de cartas dele. Não acha que eu conheço esse z Latino, cruzado ao jeito de engenheiro, a flor que ele fez com o g no fim? Você poderia vasculhar toda a Zona à procura do seu «falsário». Eles nunca permitirão que o encontre. Querem-no aqui mesmo, agora mesmo.»

Bom. O que sucede quando um paranóico encontra um paranóico? Um cruzamento de solipsismos. Claramente. Os dois padrões criam um terceiro: um moiré, um novo mundo de sombras fluentes, interferências... «Querem-me aqui? Para quê?»

«Para mim.» Sussurro saído de lábios escarlates, abertos, húmidos... Hmm. Bom, há este tesão, aqui. Ele senta-se no potro, debruça-se, beija-a, desapertando logo em seguida as suas calças e baixando-as o suficiente para que a picha fique solta e salte com uma leve oscilação para o fresco estúdio. «Ponha o seu capacete.»

«O.K.»

«É muito cruel?»

«Não sei.»

«Poderá ser? Por favor. Arranje qualquer coisa com que possa chicotear-me. Só um bocadinho. Só para aquecer.» Nostalgia. A dor de um regresso a casa. Ele rebusca entre adereços inquisitoriais, grillhões, prensas de dedos, arneses de couro, até encontrar um minúsculo flagelo, um chicote para anões da Floresta Negra, cujo laqueado punho negro tem lá gravada uma orgia em baixo-relevo, os látigos revestidos de veludo para magoarem mas sem fazer sangue. «Sim, isso é perfeito. Agora na parte de dentro das minhas coxas...»

Mas já alguém o educou. Alguma coisa... que sonha com Prussianos e invernia entre os prados deles, nas cursivas marcas de látigo

que aguardem na carne do céu deles tão lúgubre, tão incapaz de qualquer abrigo, aguardem ser convocadas... Não. Não — ele ainda diz «deles», mas sabe que não é assim. Os prados dele agora, o céu dele... a sua própria crueldade.

Todas as correntes e grilhetas de Margherita ressoam em carillão, a saia preta dela alçada até ao peito, meias retesadas em cúspides clássicas pelos esticadores do rígido cinto de ligas que ela usa por baixo. Como os pénis dos homens do Ocidente saltaram, durante um século, perante a visão deste ponto singular ao cimo de uma meia de senhora, desta transição de seda para pele nua e esticador! É fácil aos não-fetichistas zombar do condicionamento Pavloviano e ficarem-se por aí, mas todo o entusiasta de roupa interior que valha a sua risada insalubre vos poderá dizer que há muito mais aqui — há uma cosmologia: de nódulos e cúspides e pontos de osculação, beijos matemáticos... *singularidades!* Pensem em pináculos de catedral, minaretes sagrados, na compressão dos rodados de comboio sobre as agulhas enquanto se vê ficar para trás a via que não seguimos... picos de montanha erguendo-se rispidamente para o céu, como aqueles que se devem notar na cénica Berchtesgaden... os gumes de navalhas de aço, que sempre detêm potente mistério... espinhos de rosas que nos picam de surpresa... até, segundo o matemático russo Friedmann, o ponto infinitamente denso a partir do qual o presente Universo se expandiu... Em cada caso, a mudança de ponto para não-ponto transporta uma luminosidade e um enigma para os quais algo em nós tem de saltar e cantar, ou retirar-se assustado. Vendo o A4 apontado para o céu — pouco antes de se fechar o último interruptor de disparo — vendo aquele ponto singular no próprio cimo do Foguete, onde está o detonador... Implicarão todos esses pontos, tal como o do Foguete, uma aniquilação? O que é aquilo, detonando no céu por cima da catedral? abaixo do gume da navalha, sob a rosa?

E o que está à espera do Slothrop, que desagradável surpresa, acima do alto das meias da Greta aqui? que perdem subitamente uma malha, a pálida risca a correr-lhe pela coxa abaixo, por cima das complexidades do joelho e saindo de vista... O que espera para além desta lamúria e dos estalos dos látegos de veludo contra a pele dela, longas faixas vermelhas sobre o terreno branco, os gemidos dela,

a flor cor de aleijão que grita no peito dela, o chocalhar do equipamento que a mantém presa? Ele tenta não rasgar as meias à sua vítima, nem chicoteá-la demasiado perto da sua vulva retesada, que estremece, desprotegida, entre coxas escancaradas e tensas, entre movimentos de músculos eróticos, escravizada, «monumental» como qualquer memória prateada do corpo dela em película. Ela vem-se uma vez, a seguir talvez mais uma outra antes de o Slothrop pousar o flagelo e lhe trepar para cima, cobrindo-a com as asas da sua capa, o Schleipzig-substituto dela, a mais recente lembrança de Katje dele... e começam a foder, o velho potro falso rangendo por baixo deles, a Margherita a sussurrar *Meu Deus como tu me magoas* e *Ab, Max...* e mesmo quando o Slothrop está prestes a vir-se, o nome da filha dela: forçado através dos seus dentes perfeitos, uma clara extrusão de dor que não faz parte do jogo, ela grita, *Bianca...*



... sim, cabra — sim, cabrinha — pobre *cabra* indefesa estás a vir-te nem consegues conter-te agora vou chicotear-te outra vez até tu *sangares...* Toda a superfície frontal do Pökler assim, dos olhos aos joelhos: inundada com a imagem desta noite da deliciosa vítima presa ao seu potro da masmorra, enchendo o ecrã cinematográfico — planos aproximados do contorcido rosto dela, mamilos sob a bata de seda espantosamente erectos, transformando-lhe em mentiras os seus anúncios de dor — *cabra!* ela adora aquilo... e a Leni já não solene esposa, amargurada fonte de vigor, mas a Margherita Erdmann por baixo dele, ali em baixo para variar, enquanto o Pökler se afunda outra vez nela, outra vez, sim, cabra, sim...

Só mais tarde ele tentou determinar o tempo. Curiosidade perversa. Duas semanas desde o último período dela. Ele saíra naquela noite do teatro da Ufa na Friedrichstrasse com uma erecção, pensando, tal como toda a gente, somente em chegar a casa, foder alguém, fodê-la até obter uma certa submissão... Meu Deus, a Erdmann era bela. Quantos outros homens, saindo novamente a arrastar os pés para a Berlim da depressão, levavam a mesma imagem do *Alpdücken* até alguma baça e gorda amostra de noiva? Quantos filhos-sombra teriam pai graças à Erdmann naquela noite?

Nunca foi uma possibilidade real para o Pökler que a Leni pudesse ficar grávida. Mas quando pensava nisso, ele sabia que tinha de ser naquela noite, na noite do *Alpdücken*, que Ilse fora concebida. Eles já só fodiam muito raramente. Não era difícil de determinar. *Foi assim que aconteceu. Um filme. Que mais haveria de ser? Não foi isso que fizeram da minha filha, um filme?*

Esta noite ele está sentado junto ao seu lume de aparas de madeira na cave da Nikolaikirche, cujo topo parece uma cebola, a ouvir o mar. Pendem estrelas entre os espaços da grande Roda, para ele precárias como as velas e os cigarros de boa-noite. O frio acumula-se ao longo da costa. Fantasmas infantis — brancos assobios, lágrimas que nunca virão, alinharam o vento atrás da muralha. Remoinhos de papel crepe desbotado voam pelo chão, cobrindo os seus velhos sapatos. O pó, sob um luar recentemente parido, cintila como neve, e o Báltico arrasta-se como seu materno glaciar. O coração dele encolhe-se na sua rede escarlate, elástico, cheio de expectativa. Ele está à espera que a Ilse, a sua menina dos filmes, regresse a Zwölfkinder, tal como faz todos os verões por esta época.

Cegonhas dormem entre cavalos com duas e três pernas, maquinismos enferrujados e estilhaçada cobertura do carrossel, as cabeças delas estremecendo com as correntes de ar e a África amarela, delicadas cobras negras trinta metros mais abaixo vagueando sinuosamente à luz do sol sobre as rochas e as cavidades secas. Cristais de sal descomunais jazem ali empardecendo, acumulados nas fendas do pavimento, nas rugas do cão com olhos de prato em frente à sede do município, na barbicha da cabra que está em cima da ponte, na boca do troll lá em baixo. A porca Frieda busca novo sítio para se aninhar e se abrigar do vento. A bruxa de gesso, rede de arame à vista nos seus seios e ancas, debruça-se sobre o forno, o seu empurrão ao coroído Hansel em imobilização perpétua. Os olhos da Gretel ficaram muito abertos, sem jamais pestanejarem, as pestanas pejadas de cristais palpitando com os desembarques dos ventos guerrilheiros vindos do mar.

Se há música para isto são cordas ventosas e secções de sopros postadas de pé com luzidios peitilhos de camisas e laços negros ao longo de toda a praia, um organista de túnica junto ao quebra-mar

— também este quebrado, incrustado de marés — cujas palhetas e tubos reúnem e atribuem forma às ressoantes aparições daqui, às memórias da chama da vela, todas traço, partícula e onda, dos sessenta mil que passaram, já em lista para serem levados, uma ou duas vezes por estes lados. Alguma vez fostes de férias a Zwölfkinder? Haveis dado a mão a vosso pai enquanto viajáveis de comboio desde Lübeck, olhando para os vossos joelhos ou para as outras crianças, tal como vós entrancadas, engomadas, a cheirar a lixívia, a graxa de botas, a caramelo? Os trocos tilintaram na vossa bolsa enquanto giráveis ao redor da Roda, haveis escondido vosso rosto nas lapelas de lã dele ou pusestes-vos de joelhos sobre o assento, olhando por cima da água, tentando ver a Dinamarca? Tivestes medo quando o anão vos tentou abraçar, o vosso vestido fazia comichão durante a tarde quente, o que dissetes vós, o que haveis sentido quando os rapazes passaram a correr roubando os bonés uns aos outros e demasiado atarefados para vós?

Ela deve ter sido sempre uma menina na lista de alguém. Ele apenas evitava pensar nisso. Mas durante o tempo todo ela transportava o seu desaparecimento no rosto fatigado, no andar relutante, e se ele não tivesse precisado tanto da protecção dela poderia ter visto atempadamente quão pouco ela podia proteger alguma coisa, mesmo o modesto ninho deles. Não podia falar com ela — era como discutir com o seu próprio fantasma de há dez anos, o mesmo idealismo, a fúria adolescente — coisas que outrora o haviam fascinado — uma mulher com espírito! — mas que ele acabou por ver como provas da teimosia dela, e até, ele poderia jurá-lo, um certo desejo de ser efectivamente destruída...

Ela saía todas as vezes para o seu teatro de rua esperando não regressar, mas ele realmente nunca soube isso. Esquerdistas e Judeus pelas ruas, pois claro, barulhentos, desagradáveis de se ver, mas a polícia mantê-los-á orientados, ela não estará em perigo a menos que o queira estar... Mais tarde, após ela sair, ele ficou um pouco bêbedo certa manhã, um pouco sentimental, e saiu por fim, a sua primeira e última vez, esperando que de algum modo as pressões do Destino ou a hidrodinâmica das multidões pudessesem aproximar-lhos de novo. Encontrou uma rua cheia de uniformes castanhos e verdes, bastões,

couro, cartazes agitando-se com instabilidade em todos os modos menos o longitudinal, imensos civis em pânico. Um polícia procurou assestar-lhe um golpe, mas o Pökler esquivou-se e, em vez disso, ele acertou num velhote, algum velho barbudo Trotskista por reconstruir... viu os feixes de cabos de aço sob o revestimento de borracha preta, um sorriso miudinho na cara do polícia enquanto ele ganhava balanço, a sua mão livre agarrando-o pela lapela oposta num qualquer jeito feminino, a luva de cabedal da mão que empunhava o bastão desabotoada no pulso, e os olhos dele vacilando no último momento possível, como se o bastão compartilhasse os seus nervos e pudesse ferir-se contra o crânio do velho. Pökler conseguiu chegar à entrada de uma porta, doente de medo. Outros polícias vieram a correr como correm alguns bailarinos, cotovelos junto aos flancos, antebraços projectados para fora em ângulo. Usaram mangueiras de incêndio para dispersar a multidão, por fim. As mulheres escorregavam como bonecas sobre o liso empedrado e nos carris dos eléctricos, o espesso jorro colhendo-as pela barriga e pela cabeça, o seu bruto vector branco dominando-as. Qualquer uma delas poderia ter sido Leni. Pökler estremeceu na sua entrada de porta e assistiu àquilo. Não podia sair para a rua. Mais tarde pensou na textura daquilo, na rede de sulcos entre as pedras do pavimento. A única segurança que ali havia era à escala das formigas, descendo e correndo pelas ruas da Cidade das Formigas, solas de botas atroando lá em cima como negros trovões, vós e os vossos rastejantes vizinhos de trânsito todos silenciosos, aos encontrões, descendo as ruas cinzentas que escureciam... Pökler sabia como encontrar segurança dentro de portas entre as abcissas e as ordenadas dos gráficos: encontrando os pontos de que ele precisava não percorrendo a curva propriamente dita, não sobre pedras altas e vulnerabilidade, mas, em vez disso, traçando pacientemente os α s e β s, o P (atü), o W (m/seg), o Ti (°K), movendo-se sempre em seguros ângulos rectos ao longo das ténues linhas...

Quando ele começou a sonhar com o Foguete com certa frequência, por vezes não era de todo um foguete em sentido literal, mas uma rua que ele sabia estar num certo distrito da cidade, uma rua em certa área pequena da grelha que detinha algo de que ele julgava necessitar. As coordenadas eram claras no seu espírito, mas

a rua eludia-o. Ao longo dos anos, enquanto o Foguete se aproximava da sua completude, prestes a ficar operacional, as coordenadas mudaram do x e y Cartesianos do laboratório para o azimute polar e o alcance da arma tal como esta fosse instalada: certa vez ele ajoelhara-se no chão do lavabo da sua velha pensão em Munique, compreendendo que se se orientasse exactamente de frente para um certo rumo da bússola, a sua prece seria ouvida: ele estaria a salvo. Usava um roupão de brocado dourado e cor-de-laranja. Era a única luz que ali havia. Depois disso aventureara-se pela casa fora, sabendo que dormia gente em todos os quartos, mas experimentando uma sensação de deserção. Foi acender uma luz — mas no acto de ligar o interruptor comprehendeu que na realidade o aposento estava iluminado desde o início, ele tinha era acabado de apagar tudo...

O A4 finalmente operacional não o colhera de surpresa. O facto de ele se tornar verdadeiro não fora nenhum clímax. Isso nem sequer fora o mais importante.

«Eles estão a usar-te para matar gente», disse-lhe Leni, tão claramente quanto era capaz. «É a única função deles, e tu estás a ajudá-los.»

«Todos nós haveremos de *usá-lo*, um dia, para deixar a terra. Para transcender.»

Ela riu-se. «Transcender», vindo do Pökler?

«Um dia», tentando honestamente, «eles não terão de matar. As fronteiras não significarão nada. Todos nós teremos o espaço exterior...»

«*Oh*, tu és cego», cuspido-lhe isso tal como todos os dias lhe cuspiam para cima a cegueira dele, isso e «Kadavergehorsamkeit», uma bela palavra que ele já não conseguia imaginar em nenhuma outra voz senão a dela...

Mas na verdade ele não obedecia como um cadáver. Ele *era* político, até certo ponto — havia bastante política lá no campo dos foguetes. O Departamento de Armamento do Exército andava a mostrar um interesse cada vez mais vivo pelos foguetistas amadores do Verein für Raumschiffahrt, e o VfR começara recentemente a disponibilizar ao Exército os registos das suas experiências. As corporações e as universidades — dizia o Exército — não queriam arriscar

capital nem mão-de-obra no desenvolvimento de algo tão fantástico como um foguete. O Exército não se podia voltar para mais ninguém senão inventores privados e clubes como o VfR.

«Merda», disse Leni. «Eles estão todos metidos naquilo. Tu é que não consegues ver isso, essa é que é essa.»

Dentro da Sociedade, as posições estavam muito demarcadas. Sem dinheiro, o VfR ia sufocando — o Exército tinha o dinheiro, e já andava a financiá-los por vias indirectas. A escolha era entre construir o que o Exército queria — equipamento prático — ou avançar para a pobreza crónica, sonhando com expedições a Vénus.

«Onde pensas tu que o Exército vai arranjar o dinheiro?», perguntou Leni.

«Que interessa isso? Dinheiro é dinheiro.»

«*Não!*»

O Major Weissmann era uma das várias eminentes pardas em redor do campo de foguetes, capaz de falar, com todas as aparências de simpatia e razão, tanto ao pensador organizado como ao idealista maníaco. Todas as coisas para todos os homens, um tipo de militar inteiramente novo, parte vendedor, parte cientista. Pökler, o omnisciente, o inamovível, deveria saber que o que se passava nas reuniões do comité do VfR era o mesmo jogo que andava a ser jogado na violenta e desabrigada rua da Leni. Toda a sua formação havia encorajado um olhar atento às analogias — nas equações, nos modelos teóricos — apesar de ele persistir em pensar que o VfR era especial, preservado contra o tempo. E também soubera em primeira mão o que sucede aos sonhos sem dinheiro que os apoie. Por isso, dentro de pouco tempo, o Pökler descobriu que, ao recusar tomar partido, se tornara o melhor aliado do Weissmann. Os olhos do major alteravam-se sempre que olhava para o Pökler: o seu rosto ligeiramente afectado descontraía-se naquilo que o Pökler observara, em espelhos e montras ocasionais, no rosto de si mesmo quando estava com a Leni. O olhar vago de alguém que está a dar o outro por garantido. Weissmann estava tão certo do papel do Pökler quanto o Pökler estava do da Leni. Mas a Leni partiu por fim. Pökler poderá não ter tido a vontade.

Pensava em si mesmo como um homem prático. No campo dos foguetes, eles falavam de continentes, de cercos — vendo anos antes

do Estado-Maior a necessidade de uma arma que conseguisse entendimentos, que saltasse como um cavaleiro de xadrez por cima dos Panzers, da infantaria, da Luftwaffe até. Nações plutocráticas para oeste, comunistas para leste. Espaços, modelos, estratégias de jogo. Não muita paixão ou ideologia. Homens práticos. Enquanto os militares se regozijavam com vitórias ainda não alcançadas, os engenheiros de foguetes tinham de pensar não-fanaticamente, acerca dos reveses Alemães, da derrota Alemã — do desgaste da Luftwaffe e seu declínio de poder, das retiradas das frentes, da necessidade de armas com maior alcance... Mas outros tinham o dinheiro, outros davam as ordens — tentando sobrepor os apetites e questiúnculas deles a algo que tinha a sua própria vitalidade, a uma *technologique* que eles ainda nem tinham começado a entender. Desde que o Foguete estivesse em investigação e desenvolvimento, não havia necessidade de eles acreditarem nisso. Mais tarde, quando o A4 estivesse a ficar operacional, quando eles se deparassem com um autêntico foguete-em-devir, as lutas pelo poder começariam a sério. Pökler conseguia ver isso. Eles eram homens atléticos, desmiolados, sem visão, sem imaginação. Mas tinham poder, e era-lhe difícil não pensar neles como superiores, embora lhes devotasse um certo desprezo.

Mas a Leni enganara-se: ninguém estava a usá-lo. Pökler era uma extensão do Foguete, muito antes de este alguma vez ser construído. Ela encarregara-se disso. Quando o deixou, ele despedaçou-se. Caíram pedaços para o Hinterhof, pelos canos abaixo, levados pelo vento. Nem sequer conseguia ir ao cinema. Raramente saía depois do trabalho para ir tentar pescar bocados de carvão no Spree. Bebia cerveja e ficava sentado na sala fria, luz outonal a atingi-lo após depauperamentos e esbatimentos, vinda de nuvens cinzentas, refractada em muros de pátio e algerozes, através de cortinas enegrecidas e engorduradas, exangue de toda a esperança quando por fim chegava ao sítio onde ele estava sentado a tremer e a chorar. Chorou todos os dias, a qualquer hora do dia, durante um mês, até um dos seios nasais se lhe infectar. Foi para a cama e suou até que lhe passasse a febre. Depois mudou-se para Kummingsdorf, à saída de Berlim, para ajudar o seu amigo Mondaugen no campo dos foguetes.

Temperaturas, velocidades, pressões, configurações de aletas e de corpo, estabilidades e turbulências começaram a intrometer-se, a

substituir aquilo de que a Leni fugira. Havia florestas de pinheiros e abetos do lado de fora das janelas pela manhã, em vez de um pesaroso pátio citadino. Estaria ele a desistir do mundo, a entrar numa ordem monástica?

Certa noite lançou fogo a vinte páginas de cálculos. Os signos integrais voltaram como cobras encantadas, os *ds* comicamente encarracolados marchando como corcundas pela beira do lume até se tornarem ondas de cinza rendilhada. Mas esse foi o seu único relapso.

Ao início ele ajudou no grupo de propulsão. Ainda ninguém estava especializado. Isso veio depois, quando os gabinetes e as paranoias se instalaram, e os organogramas se tornaram visões planas de celas prisionais. Kurt Mondaugen, cuja área era a rádio-electrotecnia, podia arranjar soluções para os problemas de arrefecimento. Pökler deu por si a redesenhar instrumentação para medir as pressões locais. O que mais tarde foi bastante útil em Peenemünde, quando eles muitas vezes tinham de ligar cem tubos de medição a um modelo com não mais de 4 ou 5 centímetros de diâmetro. Pökler ajudou a resolver a solução Halbmodelle: bissecutar o modelo longitudinalmente e montá-lo com o lado liso na parede da câmara de testes, trazendo assim os tubos até todos os manômetros no exterior. Um habitante dos pardieiros Berlinenses, pensou ele, sabia como pensar por meias-rações... mas foi um raro momento de orgulho. Ninguém podia verdadeiramente reclamar crédito a 100% por qualquer ideia, era uma inteligência corporativa a funcionar, a especialização quase nem interessava, as barreiras de classe menos ainda. O espectro social ia do Von Braun, o aristocrata Prussiano, até gente como Pökler, que seria capaz de comer uma maçã no meio da rua — porém todos eles estavam igualmente à mercê do Foguete: não somente do perigo das explosões ou queda do equipamento, mas também do seu mutismo, do seu peso morto, do seu obstinado e palpável mistério...

Naqueles tempos, a maior parte do financiamento e da atenção iam para o grupo de propulsão. O problema era conseguir levantar alguma coisa do chão sem que ela explodisse. Houve desastres menores — os invólucros de alumínio do motor queimavam-se, os desenhos de alguns injectores desencadeavam combustão ressonante,

na qual o motor em chamas tentava desfazer-se aos bocados guinchando — e depois, em '34, um dos grandes. O Dr. Wahmke decidiu misturar peróxido e álcool *antes* da injecção na câmara de impulsão, para ver o que sucederia. A chama da ignição recuou pela conduta até ao tanque. O rebentamento demoliu a bancada de testes, matando o Dr. Wahmke e dois outros. Primeiro sangue, primeiro sacrifício.

Kurt Mondaugen interpretou isso como um sinal. Um daqueles místicos Alemães que cresceram lendo Hesse, Stefan George e Richard Wilhelm, prontos a aceitarem o Hitler na base da metafísica do Demian, ele parecia encarar o combustível e o oxidante como pares de opositos, princípios masculino e feminino unindo-se no ovo místico da câmara de combustão: criação e destruição, fogo e água, positivo químico e negativo químico —

«Valência», protestou o Pökler, «uma condição dos invólucros exteriores, nada mais.»

«Pensa nisso», disse o Mondaugen.

Também havia o Fahringer, um homem da aerodinâmica, que saía para os pinheirais em Peenemünde com o seu arco Zen e o seu rolo de palha comprimida para praticar a respiração, o empate e a perda, uma e outra vez. Isso parecia assaz rude num tempo em que os colegas dele andavam a endoidecer com aquilo a que chamavam «Folgsamkeitfaktor», um problema em fazer com que o longo eixo do Foguete seguisse a tangente, em todos os pontos, à sua trajectória. Para esse Fahringer, o Foguete era uma gorda seta Japonesa. Era necessário de algum modo tornarmo-nos um com o Foguete, trajectória e alvo — «não querê-lo, mas rendermo-nos, afastarmo-nos da função de disparador. O acto é indiviso. Sois ao mesmo tempo agressor e vítima, foguete e rota parabólica e...» Pökler nunca percebeu do que falava o homem. Mas o Mondaugen comprehendia. O Mondaugen era aqui o bodhisattva, regressado do exílio no Kalahari e da iluminação que por lá tivesse encontrado, regressado ao mundo dos homens e das nações para desempenhar um papel que ele escolhera deliberadamente, mas sem nunca explicar porquê. No Südwest, ele não mantivera qualquer diário, nunca escrevera cartas para casa. Tinha havido um levantamento dos Bondelswaartz em 1922, e tumulto

geral na região. Interrompidas as suas experiências de rádio, ele procurara refúgio, tal como alguns outros brancos, na moradia de um latifundiário local chamado Foppl. O local era um fortim, isolado em todos os lados por profundas ravinas. Após alguns meses de cerco e de deboche, «assolado por um profundo asco a tudo o que fosse Europeu», o Mondaugen saíra sozinho para o mato, acabara por ir viver com os Ovatjimba, o povo do oricterope, que eram os mais pobres dos Hereros. Eles aceitaram-no sem fazerem perguntas. Pensava em si mesmo, por lá e por cá, como um transmissor de rádio de um certo tipo, e acreditava que fosse o que fosse que estivesse a emitir ao tempo, pelo menos não era uma ameaça para eles. No seu elec-tromisticismo, o tríodo era tão básico quanto a cruz na Cristandade. Pensemos no ego, no eu que sofre uma história pessoal ligada ao tempo, como sendo a grelha. O Eu mais profundo e autêntico é o fluxo entre o cátodo e a placa. O fluxo constante, puro. Os sinais — dados sensoriais, sentimentos, memórias em transladação — são postos na grelha, e modulam o fluxo. Nós vivemos vidas que são formas ondulares alterando-se constantemente com o tempo, ora positivas, ora negativas. Somente em momentos de grande serenidade é possível encontrar-se o puro estado não-informativo de sinal zero.

«Em nome do cátodo, do ânodo e da santa grelha?» disse o Pökler.

«Sim, isso é bom», sorriu o Mondaugen.

O mais próximo do zero entre todos eles, porventura, era o Africano Enzian, o protegido do Major Weissmann. No Versuchsanstalt, por detrás das suas costas, ele era conhecido como o Monstro do Weissmann, provavelmente menos por racismo do que pela imagem que eles os dois ofereciam, o Enzian uns trinta centímetros mais alto do que o Weissmann, que ia ficando calvo, como um eruditão, levantando os olhos para o Africano através de lentes grossas como garrafas, dando de vez em quando um pulinho para lhe acompanhar a passada enquanto eles progrediam furtivamente sobre o asfalto e através dos laboratórios e gabinetes, o Enzian dominando todos os aposentos e paisagens daqueles primeiros tempos do Foguete... A memória mais nítida que o Pökler tem dele é a primeira, na sala de

testes em Kummingsdorf, rodeado de cores eléctricas — garrafas verdes de nitrogénio, um espesso emaranhado de canalizações vermelhas, amarelas e azuis, o rosto acobreado do próprio Enzian com o mesmo tipo de serenidade que de vez em quando perpassava para o do Mondaugen — vendo num dos espelhos a imagem de um motor de foguete por detrás da divisória de segurança: no ar bafiento daquela sala que crepitava com ansiedades de último minuto, avidez de nicotina, oração irrazoável, Enzian estava *em paz...*

Pökler mudou-se para Peenemünde em 1937, juntamente com 90 outros. Iam invadir a própria Gravidade, e tinha de se instalar uma testa-de-ponte. Nunca na sua vida, nem sequer enquanto operário em Berlim, o Pökler alguma vez trabalhara tanto. A vanguarda passou a Primavera e o Verão a converter uma pequena ilha, a Greifswalder Oie, numa estação de testes: trazendo de novo a estrada à superfície, estendendo cabos e linhas telefónicas, montando aquartelamentos, latrinas e abrigos de aprovisionamento, escavando casamatas, amassando betão, fazendo a interminável estiva de caixotes de ferramenta, sacos de cimento, bidões de combustível. Usaram um antigo barco de passageiros para transportes de carga entre o continente e a Oie. Pökler lembra-se da pelúcia vermelha já gasta e do verniz arranhado no interior das cabinas mal iluminadas, dos polimentos abandonados, do grito asmático do apito da barcaça, odores a suor, fumo de cigarro e combustível diesel, da tremura nos músculos dos braços e das pernas, das fatigadas anedotas, da exaustão já perto do final de cada dia, dos seus novos calos dourados pelo sol tardio...

O mar esteve sobretudo calmo e azul nesse Verão, mas no Outono o tempo mudou. A chuva veio do norte, a temperatura caiu a pique, o vento rasgou as tendas de aprovisionamento, ondas gigantes troavam a noite inteira. A água estava branca em cinquenta metros da costa para o largo. Vinham a voar em direcção a terra os salpicos largados pelas cristas das grandes vagas. Pökler, aboletado em casa de um pescador, chegava dos seus passeios nocturnos coberto por uma fina máscara de sal. A esposa de Lot. Que desastre se atrevera ele a contemplar atrás de si? Ele sabia.

Reverteu nessa estação até à infância, ao cão ferido. Durante esses passeios molhados e solitários, ele matutava na Leni: congemina-va cenários em que eles se haveriam de encontrar novamente, num qualquer ambiente elegante ou dramático — ministério, átrio teatral — duas ou três mulheres belas e ornadas de jóias penduradas nele, generais e industriais saltando para lhe acenderem os cigarros Americanos e escutarem as suas espontâneas soluções para problemas que a Leni só muito vagamente entenderia. A mais satisfatória dessas fantasias surgia quando o Pökler estava na casa de banho — batia com os pés, fanfarras sussurravam-lhe nos lábios enquanto ele sentia aquela agradável antecipação...

Mas o fardo do seu pobre eu Berlinense permanecia. Conversara com ele, escutara-o, sondara-o e, contudo, ele não queria dissolver-se nem partir, persistia, pedinte em todas as portadas da sua vida, suplicando silenciosamente com olhos, com mãos assaz seguras de seu culposo mester. Muita labuta em Peenemünde e boa companhia na stalagem de Herr Halliger na Oie — todos contando as horas até que o tempo estivesse bom para disparos — e o Pökler mais vulnerável do que nunca. As suas frias noites sem mulher, os jogos de cartas e de xadrez, as sessões a emborcar cerveja só entre homens, os pesadelos de que ele teve de emergir sozinho por não haver agora mais nenhuma mão que o abanasse até ele acordar, ninguém que o abraçasse quando as sombras atingiam o estore da janela — tudo isso veio ter consigo nesse Novembro, e talvez ele o tenha permitido. Um reflexo de protecção. Porque algo de assustador estava a acontecer. Porque por uma ou duas vezes, no fundo das pré-alvoradas de efedrina a cabecear ja, ja, stimmt, ja, por causa de um qualquer desenho que estavas a fazer não na mas *com a* tua cabeça e que sentias a balouçar, para além da tua visão periférica, a balouçar e quase em equilíbrio — ele ganhava consciência de uma deriva... uma qualquer assunção do Pökler nos cálculos, nos traçados, nos gráficos, e mesmo em todo o equipamento bruto que houvesse... de cada vez, logo que isso acontecia, ele entrava em pânico e retirava-se de novo para o reduto do Pökler desperto, coração aos pulos, mãos e pés doridos, o seu fôlego ofegando com um *hunh* proferido baixinho — Alguma coisa andava atrás dele, alguma coisa ali, entre o papel. O medo da extinção chamado Pökler soube que era o Foguete,

chamando-o a si. Embora ele também soubesse que nessa extinção poderia ficar livre da sua solidão e do seu fracasso, mesmo assim não estava inteiramente convencido... Por isso pôs-se à caça, tal como uma servo-válvula com ruído na admissão o faria, através do Zero, entre os dois desejos, identidade pessoal e salvação impessoal. Mondaugen viu tudo. Ele conseguia ver o íntimo do Pökler. Na sua compaixão, nada surpreendentemente, ele não tinha qualquer conselho gratuito para o seu amigo. Pökler teria de encontrar por si mesmo o caminho até ao seu sinal zero, ao seu verdadeiro rumo.

Em '38 as instalações de Peenemünde estavam a ganhar forma, e o Pökler mudou-se para o continente. Sem pouco mais para prosseguir do que o tratado de Stodda sobre turbinas a vapor e os prestáveis dados que de vez em quando vinham das universidades em Hannover, Darmstadt, Leipzig e Dresden, o grupo de propulsão andava a testar um motor de foguete com $\frac{1}{2}$ tonelada de impulsão, 10 atmosferas de pressão de combustão e 60 segundos de duração. Andavam a obter velocidades de exaustão de 1800 metros por segundo, mas o valor que ambicionavam alcançar era 2000. Chamavam-lhe o número mágico, e entendiam isso à letra. Tal como certos jogadores do mercado de ações sabem quando colocar as ordens de compra e venda, sentindo por instinto não os números impressos, mas os *ritmos de mudança*, sabendo por primeiros e segundos derivativos na sua pele quando entrar, ficar ou partir, também há reflexos de engenheiro afinados de modo a se saber sempre, em qualquer momento, aquilo que, dados os recursos, se poderá incorporar no equipamento funcional — o que será «factível». No dia em que se tornou factível uma exaustão de 2000 m/seg, o próprio A4 ficou subitamente ao alcance. O perigo residia então em se ser seduzido por aproximações que fossem demasiado sofisticadas. Ninguém estava imune. Praticamente não houve por ali um desenhador, incluindo o Pökler, que não propusesse pelo menos uma monstruosa grua, alguma cabeça de Górgona contorcendo-se com canos, tubos, complicados disparates para controlar as pressões, solenóides em cima de válvulas-piloto de válvulas auxiliares de válvulas de apoio — imprimiram-se centenas de páginas de nomenclatura de válvulas como apêndices a essas estranhas propostas, todas elas prometendo enormes diferenças de

pressão entre o interior da câmara e o bocal de saída — excelente, para quem não se preocupasse muito em manter aqueles milhões de partes móveis comportando-se conjuntamente com grande fiabilidade. Mas para se obter um motor funcional e fiável, um motor que os militares pudessem usar no terreno para matar gente, o verdadeiro problema de engenharia era agora o de manter as coisas tão simples quanto possível.

O modelo que correntemente andava a ser disparado era o A3, baptizado não com champanhe, mas com frascos de oxigénio líquido pelos técnicos brincalhões. A ênfase começara a derivar da propulsão para a orientação. Nos primeiros testes de voo, a telemetria era ainda primitiva. Os termómetros e barómetros estavam selados num compartimento à prova de água com uma câmara de filmar. Durante os voos, a câmara fotografava as agulhas oscilando nos mostradores. Após o voo, recuperava-se o filme, e passavam-se em revista os dados. Os engenheiros sentavam-se em redor olhando para os filmes dos mostradores. Entretanto, os Heinkels também andavam a deixar cair modelos do Foguete em ferro de 6000 metros de altitude. A queda era fotografada por cineteodolitos Askania montados em armações no terreno. Nos visionamentos quotidianos observavam-se as imagens a cerca de 900 metros de altitude, onde o modelo superava a velocidade do som. Tem havido esta estranha ligação entre o espírito Alemão e o rápido desfile de imagens sucessivas para falsear o movimento, desde há pelo menos dois séculos — desde que Leibniz, no processo de inventar o cálculo, utilizou a mesma abordagem para seccionar as trajectórias das balas de canhão através do ar. E agora o Pökler estava prestes a dar provas de que tais técnicas se haviam estendido, para além das imagens em película, às vidas humanas.

Ele regressara aos seus aposentos após o pôr-do-sol, demasiado cansado ou preocupado para ser grandemente afectado pela fornalha de cores dos jardins floridos, as alterações diárias ao horizonte aéreo da Estação, até pela ausência de ruído hoje nas bancadas de testes. Cheirou o oceano, e quase conseguiu imaginar-se como alguém que vive o ano inteiro numa estância à beira-mar, mas raramente vai à praia. De vez em quando, por cima de Peenemünde Ocidental, um

avião de combate levantava voo ou aterrava, os motores transformados pela distância num pacato ronronar. Palpitava uma brisa marítima tardia. Ele não teve outro aviso senão o do sorriso de um colega que vivia a alguns cubículos de distância e vinha a descer as escadas da caserna quando o Pökler ia a subi-las. Entrou no seu próprio cubículo e viu-a sentada em cima da cama, os dedos dos pés apontados para dentro ao lado de uma mala em tapeçaria florida, saia puxada acima dos joelhos e olhos ansiosamente, fatalmente, pousados nos dele.

«Herr Pökler? Eu sou a sua —»

«Ilse. Ilse...»

Ele deve ter pegado nela, beijou-a, baixou a cortina. Um reflexo qualquer. Ela trazia no cabelo uma fita de veludo castanho. Ele lembrava-se do cabelo dela como sendo mais claro, mais curto — mas é verdade que ele cresce, e escurece. Olhou de esguelha a cara dela, toda a sua vacuidade a ecoar. O vácuo da vida dele ameaçou quebrar-se num forte ímpeto de amor. Tentou mantê-lo com selos de suspeita, procurando semelhanças com o rosto que vira pela última vez vários anos antes por cima do ombro da mãe dela, olhos ainda inchados pelo sono e apontados para baixo ao longo das costas da Leni, no seu impermeável, a sair por uma porta que ele julgava ter fechado de vez — fingindo não encontrar semelhanças. Talvez fingindo. *Seria* realmente o mesmo rosto? Ele perdera tanto daquele rosto no decurso dos anos, aquela cara de criança, gorducha e desprovida de feições... Agora até tinha medo de abraçá-la, medo de que o seu coração rebentasse. Disse-lhe «Há quanto tempo estás à espera?»

«Desde a hora de almoço.» Ela tinha comido na cantina. O Major Weissmann trouxera-a no comboio desde Stettin, e tinham jogado xadrez. O Major Weissmann era um jogador vagaroso, e não tinham chegado a concluir o jogo. O Major Weissmann tinha-lhe comprado doces, e pedira-lhe para entregar os seus cumprimentos e um pedido de desculpas por não se poder demorar o suficiente para ver o Pökler —

Weissmann? Que era isto? Uma fúria pestanejante, hesitante cresceu em Pökler. Eles deviam saber de tudo — durante todo este tempo. A vida dele tinha tão poucos segredos quanto este mesquinho cubículo, com a sua cama, a cómoda e a luz de leitura.

Portanto, para se interpor entre ele e esse impossível regresso, ele tinha a sua fúria — para o preservar do amor a que não podia realmente arriscar-se. Podia contentar-se em interrogar a filha. A vergonha que ele sentia era aceitável, a vergonha e a frieza. Mas ela deve ter percebido isso, pois agora sentava-se muito quieta, a não ser pelo nervosismo dos pés, a voz dela tão sumida que ele perdia partes das suas respostas.

Tinham-na enviado até ali desde um local nas montanhas, onde fazia frio até no Verão — rodeado de arame farpado e de brilhantes luzes cobertas que ficavam acesas toda a noite. Não havia rapazes — somente raparigas, mães, senhoras de idade que viviam em camaratas, empilhadas em beliches, muitas vezes duas em cada um. A Leni estava bem. Por vezes um homem de uniforme preto vinha até à camarata e a Mutti ia-se embora com ele, e ficava por lá vários dias. Quando voltava não queria falar, nem sequer abraçar Ilse como costumava fazer. Às vezes chorava, e pedia a Ilse que a deixasse sozinha. Ilse saía dali e ia brincar com a Johanna e a Lilli por baixo da camarata do lado. Tinham arranjado um esconderijo ali no meio da terra, recheado de bonecas, chapéus, vestidos, sapatos, garrafas antigas, revistas com imagens, tudo encontrado perto do arame farpado, a pilha do tesouro, era o que elas lhe chamavam, um enorme vazadouro de refugo que estava sempre a fumar, dia e noite: conseguia-se ver-lhe o brilho vermelho pela janela a partir da parte de cima do beliche onde ela dormia com a Lilli, nas noites em que a Leni estava fora...

Mas o Pökler mal a ouvia, ele dispunha do único dado com algum valor: o de que ela estava num sítio qualquer definido, com uma localização no mapa e autoridades que poderiam ser contactadas. Conseguiria ele encontrá-la de novo? Louco. Conseguiria ele de algum modo negociar a libertação dela? Algum homem, algum Vermelho, deveria tê-la metido nisto...

Kurt Mondaugen era o único em que ele podia confiar, embora o Pökler já soubesse antes de eles falarem que o papel escolhido pelo Mondaugen o impediria de lhe prestar auxílio. «Chamam-lhes campos de reeducação. São geridos pela SS. Eu podia falar ao Weissmann, mas talvez não desse resultado.»

Ele conhecia o Weissmann no Südwest. Havia partilhado os meses de cerco dentro da moradia do Foppl: o Weissmann era uma das pessoas que tinham levado o Mondaugen, por fim, a ir viver no mato longe dali. Mas tinham reatado relações aqui, entre os foguetes, fosse por motivos de homem santo que andara a apanhar sol e que não cabiam ao Pökler entender ou porque alguma ligação mais profunda sempre ali estivera...

Puseram-se de pé no telhado de um dos edifícios da montagem, a Oie ao fundo da água a nove quilómetros de distância e claramente visível, o que significava uma mudança no tempo para o dia seguinte. Estava a ser martelado aço algures ao sol, martelado em cadências, purificadas como a canção de algum pássaro. A azul Peenemünde tremecia ao redor deles em todas as direcções, um sonho de massas de betão e aço reflectindo o calor do meio-dia. O ar enrugava-se como camuflagem. Por detrás dele, algo mais parecia prosseguir em segredo. A qualquer momento, a ilusão em que eles se apoiavam haveria de dissolver-se e eles cairiam para a terra. Pökler ficou a olhar por cima dos paúis, sentindo-se desamparado. «Tenho de fazer qualquer coisa. Não tenho?»

«Não. Tens de esperar.»

«Não está certo, Mondaugen.»

«Não.»

«E a Ilse? Vai ter de regressar?»

«Não sei. Mas agora está aqui.»

Por isso, como era habitual, o Pökler optou pelo silêncio. Tivesse ele optado por outra coisa, anteriormente, enquanto havia tempo, e todos eles se poderiam ter salvo. Saído até do país. Agora, tarde demais, quando ele finalmente queria agir, já não havia nada sobre o qual se pudesse agir.

Bom, para ser franco, ele não perdeu muito tempo a matutar nas neutralidades passadas. Não estava muito certo de haver conseguido ultrapassá-las, em todo o caso.

Fizeram caminhadas, ele e a Ilse, junto à tempestuosa margem — deram de comer aos patos, exploraram as florestas de pinheiros. Permitiram-se até assistir a um lançamento. Era uma mensagem para ele, mas só mais tarde comprehendeu o que ela significava. Significava

que não havia qualquer violação de segurança: *não havia niguém a quem ela pudesse contar que tivesse importância*. O ruído do Foguete atroou na direcção deles. Pela primeira vez então, ela chegou-se mais perto e abraçou-se a ele. Ele sentiu que estava a abraçá-la a ela. O motor parou cedo demais, e o Foguete estampou-se algures por cima de Peenemünde Ocidental, no território da Luftwaffe. O imundo pilar de fumo atraiu até si os gritantes carros de bombeiros e os camiões de trabalhadores em extravagante desfile. Ela respirou fundo e apertou a mão dele. «Foste tu que o fizeste fazer aquilo, Papi?»

«Não, aquilo não devia acontecer. Devia ter voado numa grande curva», fazendo gestos com a mão, a parábola vinda de trás e abrangendo as bancadas de testes, os edifícios do complexo, juntando-os a todos tal como as cruzes que os padres fazem no ar esquartejam e dividem as pasmadas congregações atrás deles...

«Para onde é que ele vai?»

«Para onde nós lhe dissermos.»

«Eu posso voar nele um dia? Eu cabia lá dentro, não cabia?»

Ela fazia perguntas impossíveis. «Um dia», disse-lhe Pökler. «Talvez um dia até à Lua.»

«À Lua...» como se ele lhe fosse contar uma história. Quando não surgia nenhuma, ela inventava uma. O engenheiro do cubículo ao lado tinha um mapa da Lua pregado na sua parede de aglomerado, e ela passava horas a estudá-lo, a decidir onde queria viver. Passando sobre os brilhantes raios de Kepler, a rugosa solidão das Terras Altas do Sul, as vistas espectaculares em Copérnico e Eratóstenes, ela escolheu uma pequena cratera no Mar da Tranquilidade chamada Maskelyne B. Iria construir uma casa mesmo na crista, a Mutti e ela e o Pökler, montanhas douradas por umas das janelas e o amplo mar pela outra. E a Terra verde e azul no céu...

Deveria ele ter-lhe dito o que eram na verdade os «mares» da Lua? ter-lhe dito que não havia nada que se respirasse? A sua ignorância assustava-o, a sua inépcia enquanto pai... Noites no cubículo, com a Ilse enroscada a poucos metros de distância num catre de lona do exército, um pequeno esquilo cinzento debaixo do seu cobertor, ele pusera-se a pensar se para ela não seria melhor ficar sob a tutela

do Reich. Tinha ouvido dizer que havia campos, mas não vira nisso nada de sinistro: aceitara a palavra dada pelo Governo, «re-educação.» *Fiz uma grande confusão com isto tudo... eles têm lá gente qualificada... pessoal treinado... eles sabem do que uma criança precisa...* olhos erguidos para a difusão eléctrica deste lado de Peenemünde que lhe cartografava a sua quota de prioridades no tecto, sonhos abandonados, favor aos olhos dos mestres fantasistas em Berlim, enquanto por vezes a Ilse lhe sussurrava histórias de embalar acerca da lua em que ela iria viver, até ele se haver transferido silenciosamente para um mundo que não era este afinal: um mapa sem quaisquer fronteiras nacionais, inseguro e entusiasmante, no qual o voo era tão natural como respirar — mas eu vou cair... não, erguia-se, olhava para baixo, nada a temer, desta vez é bom... sim, em voo firme, está a funcionar... sim...

Pökler poderá estar somente a testemunhar hoje à noite — ou poderá realmente ser parte disso. Não lhe mostraram ainda o que é. Olhai para isto. Está prestes a ser expedido, para Friedrich August Kekulé von Stradonitz, o sonho dele de 1865, o grande Sonho que revolucionou a química e tornou possível a IG. Para que o material correcto possa achar o seu caminho até ao sonhador correcto, toda a gente, tudo o que estiver envolvido deve ocupar o seu lugar exacto no padrão. Foi simpático por parte de Jung dar-nos a ideia de um fundo comum ancestral em que toda a gente partilha o mesmo material dos sonhos. Mas como será que cada um de nós é visitado enquanto indivíduo, cada um por exactamente e apenas aquilo de que precisa? Não implica isso um caminho alternativo de algum tipo? uma burocracia? Porque não haveria a IG de ir a sessões espíritas? Eles deveriam sentir-se inteiramente à vontade com as burocracias do outro lado. Aqui o sonho de Kekulé está sendo agora expedido para além de pontos que poderão fazer arco através do silêncio, em vistosa relutância a viverem no interior do momento em movimento, uma luz imperfeita, humana, para aqui a interferir com as solenes decisões binárias destes agentes, que estão agora a permitir que a Serpente cósmica, no esplendor violáceo das suas escamas, fulgor que em definitivo *não* é humano, passe — sem sentimento, sem admiração (após se passar algum tempo lá dentro — seja o que for que *isso*

significa por estas partes — um desses arquétipos começa a parecer-se muito com um outro qualquer, oh ouvem-se estes recém-contratados, a multidão em fatos de linho riscado que chega no primeiro dia, «Bolas! Ena — isso é-a Árvore da Criação! Huh? É mesmo! Chi-ça!» mas rapidamente se acalmam, colhem os reflexos para a Tendência a Ficar de Boca Aberta, já se sabe que a autocrítica é uma técnica espantosa, não deveria funcionar mas funciona... Pronto, eis a súmula do problema de Kekulé. Começou por se tornar arquitecto, em vez disso acabou por ser um dos Atlantes da química, a maior parte da ala orgânica desse útil edifício assenta para sempre sobre a cabeça dele — não apenas sob o aspecto da IG, mas do Mundo, partindo do princípio de que haja alguma distinção observável, heh, heh... Uma vez mais isso foi por influência de Liebig, o grande professor de química em cuja rua que tem seu nome o Pökler viveu enquanto frequentava a T. H. Liebig estava na Universidade de Giessen quando Kekulé nela entrou como estudante. Ele inspirou o jovem a mudar de ramo. Kekulé trouxe assim para a química o imaginário de um arquitecto. Foi uma alteração crítica. O próprio Liebig parece ter ocupado o papel de uma comporta, ou de um demónio separador, tal como o seu mais jovem contemporâneo Clerk Maxwell em tempos propusera, que ajudasse a concentrar energia numa sala favorita da Criação à custa de tudo o resto (testemunhos posteriores vieram sugerir que o Clerk Maxwell concebera o seu Demónio não tanto como uma conveniência para a discussão de uma ideia termodinâmica quanto como uma parábola acerca da *efectiva existência* de pessoal como o Liebig... poderemos obter uma indicação do ponto a que a repressão chegara por esse tempo, do grau a que o Clerk Maxwell se sentia obrigado a codificar os seus avisos... com efeito, alguns teóricos, normalmente aqueles que encontram significado sinistro até por detrás do célebre «São horas de ir para casa, James, tu começas a divertir-te» da Sra. Clerk Maxwell, avançaram a sugestão extrema de que as próprias Equações de Campo contêm uma sinistra advertência — citam como evidência a perturbante intimidade das Equações com o comportamento do circuito de integração dupla no sistema de orientação do foguete A4, a mesma dupla soma de intensidades de corrente que levou o arquitecto Etzel Olsch a desenhar para o arquitecto Albert Speer uma fábrica subterrânea em Nordhausen com

precisamente essa forma simbólica...). O jovem ex-arquitecto Kekulé pôs-se a procurar entre as moléculas do tempo as formas ocultas que ele sabia estarem lá, formas em que ele não gostava de pensar como estruturas físicas reais, mas como «fórmulas racionais», as quais mostravam as relações que decorriam nas «metamorfoses», o peculiar modo novecentista de ele dizer «reacções químicas.» Mas conseguia visualizá-las. Ele *via* as quatro ligações de carbono, dispostas num tetraedro — ele *mostrou* como os átomos de carbono se podiam ligar, uns aos outros, em longas cadeias... Mas ficou perplexo quando chegou ao benzeno. Sabia haver ali seis átomos de carbono com um de hidrogénio ligado a cada um — mas não conseguiu ver-lhes a forma. Não antes do sonho: antes de ser levado a vê-la para que outros pudessem ser seduzidos pela sua beleza física e começassem a pensar nela como um esboço, uma base para novos compostos, novos arranjos, para que viesse a haver um campo de química aromática que se aliasse ao poder secular, e encontrasse novos métodos de síntese, para que houvesse uma indústria de tinturaria alemã que viesse a transformar-se na IG...

Kekulé sonha a Grande Serpente prendendo a sua própria cauda na boca, a sonhadora Serpente que rodeia o Mundo. Mas a mesquinhez, o cinismo com que esse sonho irá ser usado. A Serpente que anuncia, «O Mundo é uma coisa fechada, cíclica, ressoante, eternamente retornante», irá ser entregue a um sistema cujo único fito é *violar* o Ciclo. Tirar sem dar nada em troca, exigindo que a «produtividade» e os «ganhos» continuem a aumentar com o tempo, retirando o Sistema do resto do Mundo essas vastas quantidades de energia para manter a sua minúscula e desesperada fracção a exibir um proveniente: e não somente a maior parte da humanidade — a maior parte do Mundo, animal, vegetal e mineral, é reduzido a refugo pelo processo. O Sistema poderá ou não compreender que está somente a comprar tempo. E que o tempo é desde logo um recurso artificial, sem valor para ninguém ou nada a não ser o Sistema, o qual mais tarde ou mais cedo se abaterá para a sua morte, quando a sua dependência da energia se tornar superior ao que o resto do Mundo consegue fornecer, arrastando consigo almas inocentes ao longo de toda a cadeia da vida. Viver dentro do Sistema é como viajar pelo país num autocarro

conduzido por um maníaco com tendência suicida... embora ele seja bastante amigável, está sempre a lançar piadas pelo altifalante, «Bom dia minha gente, é Heidelberg isto onde estamos a chegar agora, já conhecem o velho refrão, "Perdi o meu coração em Heidelberg", bom eu cá tenho um amigo que perdeu aqui as duas *orelhas!* Não me interpretem mal, a cidade é realmente muito simpática, as pessoas são calorosas e maravilhosas — quando não andam em duelos. Agora a sério, tratam-vos optimamente, só não vos dão a chave da cidade, dão-vos o malho para abrir o barril» u.s.w. Por vós desfilam, numa paisagem campestre cuja luz está sempre a mudar — castelos, penedos, luas de diferentes formas e cores vão e vêm. Há paragens a estranhas horas das manhãs, por razões que não são anunciadas: podeis sair para vos espreguiçardes em pátios iluminados com tons de lima onde os velhos se sentam à volta da mesa por baixo de enormes eucaliptos que podeis cheirar à noite, misturando os velhos baralhos sebentos e gastos, lançando espadas e copas e trunfos mais elevados no tremor da luz enquanto por detrás deles o autocarro continua em ponto morto, à espera — *os passageiros deverão agora retomar os seus lugares* e por mais que gostásseis de ficar, aqui mesmo, aprender o jogo, encontrar a vossa velhice em torno desta serena mesa, não vale a pena: ele está à espera atrás da porta do autocarro com o seu uniforme engomado, Senhor da Noite ele está a verificar vossos bilhetes, vossa identificação e títulos de viagem, e são as batutas do cometimento que dominam hoje à noite... enquanto ele vos saúda com um aceno de cabeça ao passardes, captais um vislumbre do rosto dele, do seu olhar insano, comprometido e lembrais-vos então, durante alguns terríveis batimentos cardíacos, de que é claro que aquilo acabará para todos vós em sangue, em choque, sem dignidade — mas entretanto há esta viagem para se estar... por cima do vosso próprio assento, onde deveria estar uma placa publicitária, está em vez disso uma citação de Rilke: «Uma vez, somente uma vez...» Um dos lemas favoritos d'Eles. Nenhum retorno, nenhuma salvação, nenhum Ciclo — não foi esse o significado que Eles, nem Kekulé o brilhante empregado d'Eles, atribuíram à Serpente. Não: o que a Serpente significa é — ora vamos lá ver isto — que os seis átomos de carbono do benzeno estão de facto apertados ao redor de um

anel fechado, *tal como aquela cobra que tem a cauda metida na boca, TOPAM?* «O Anel aromático que hoje em dia conhecemos», o antigo professor do Pökler, Laszlo Jamf, neste ponto do spiel a retirar do seu bolso do relógio um hexágono dourado com a cruz Alemã estilizada no centro, uma medalha de honra da IG Farben, gracejando, no seu adorável jeito de velho peido, que gosta de pensar na cruz não tanto como Alemã mas como representando a tetravalência do carbono — «mas quem», erguendo as suas mãos abertas a cada batida, como um regente de orquestra, «quem, enviou, o *Sonho?*» Nunca fica claro até que ponto é retórica alguma das perguntas do Jamf. «Quem enviou esta nova serpente para o nosso ruinoso jardim, já demasiado conspurcado, demasiado povoadão para se qualificar como algum locus de inocência — a menos que a inocência seja na nossa era a neutra, a silenciosa passagem para as maquinarias da indiferença — algo a que a tal Serpente de Kekulé chegara — não para destruir, mas para nos definir a perda de... haviam-nos sido dadas certas moléculas, certas combinações e não outras... usávamos o que encontrávamos na Natureza, sem fazer perguntas, vergonhosamente porventura — mas a Serpente segredou, “*Elas podem ser alteradas, e novas moléculas montadas a partir dos restos das dadas...*” Alguém sabe dizer-me que mais nos segredou ela? Vamos lá — quem é que sabe? Você. Diga-me lá, *Pökler* —»

O seu nome caiu sobre ele como o ribombar de um trovão, e evidentemente não era o Prof. Dr. Jamf afinal, mas um colega ao fundo do corredor que tinha a seu cargo o despertar nessa manhã. Ilse estava a escovar o cabelo, e a sorrir para ele.

O seu trabalho diurno começara a correr melhor. Os outros estavam menos distantes, e mais aptos a olharem-no nos olhos. Tinham conhecido a Ilse, e ficado encantados. Se ele lhes viu algo mais nos rostos, ignorou-o.

Então certa noite ele regressou da Oie, um pouco bêbedo, um pouco ansioso-exultante por causa de um disparo no dia seguinte, e encontrou o cubículo dele vazio. Ilse, o seu saco florido, as roupas que ela habitualmente deixava estendidas sobre o catre, tudo isso desaparecera. Não restava mais do que uma miserável folha de papel de cálculo (que o Pökler achava tão útil para submeter o terror das curvas

exponenciais ao linear, ao seguro), do mesmo tipo em que ela desenhara as suas imagens da Casa na Lua. «Papi, eles querem-me de volta. Talvez me deixem voltar a ver-te. Espero que sim. Gosto muito de ti. Ilse.»

Kurt Mondaugen encontrou o Pökler deitado sobre o catre respirando o que ele imaginava serem os odores do cabelo dela na almofada. Durante um tempo ficou então um pouco doido, falava em matar o Weissmann, sabotar o programa de foguetes, abandonar o seu cargo e procurar refúgio em Inglaterra... Mondaugen sentou-se, e ouviu tudo aquilo, tocou no Pökler uma ou outra vez, fumou o seu cachimbo, até que por fim, às duas ou três da manhã, já o Pökler explicara uma série de opções irreais, gritara, amaldiçoara, abrira um buraco no cubículo do seu vizinho, através do qual ouviu o homem continuar a resonar absorto. Então, já recomposto num vexado elitismo de engenheiro — «Eles são loucos, nem sequer sabem o que é o seno e o co-seno e querem-mo dizer a *mim*» — ele concordou, tinha de esperar, e deixá-los fazer o que eles fizessem...

«Se eu arranjar uma reunião com o Weissmann», sugeriu efectivamente Mondaugen, «conseguirás ser gracioso? calmo?»

«Não. Com ele não... Ainda não.»

«Quando achares que estás pronto, diz-me. *Quando* estiveres pronto, saberás como lidar com o assunto.» Será que ele se permitira uma entoação de comando? Deve ter visto a que ponto o Pökler precisava de ser comandado por alguém. Leni aprendera a submeter o marido com o rosto, sabia que frases cruéis ele esperava da sua boca, de que tons de voz ele precisava... quando ela o deixou, deixou um servo desempregado que iria com o primeiro amo que o chamasse, somente uma

VÍTIMA NUM VÁCUO!

Nur... ein... Op-fer!

Sehr ins Vakuum

(«Ninguém quer tirar partido de mim?»)

Wird niemand ausnut-zen mich, auch?

(«Apenas um escravo sem ninguém que o escravize»,)

Nur ein Sklave, ohne Her-rin (*ya-ta ta-ta*)

(«E-e afinal quem quer ser, livre?»)
Wer zum Teufel die Freiheit, braucht?

(Agora todos juntos, todos vós, os masoquistas que para aí estais, especialmente aqueles de vós que não têm parceiro hoje à noite, a sós com aquelas fantasias que parecem nunca se chegar a realizar — quero apenas que se juntem aqui aos vossos irmãos e irmãs, dai a saber uns aos outros que estais vivos e sois sinceros, tentai romper os silêncios, tentai dar a mão e estabelecer contacto...)

Aah, as luzes de sódio não brilham tanto, em Berlim,
Vou aos bares mais queridos, mas ninguém está lá por fim!
Oh, antes queria estar às cegas
Numa qualquer tragédia Grega,
Do que ser uma VÍTIMA NUM VÁCUO hoje à noi-te!

Passaram-se dias, muito semelhantes uns aos outros para o Pökler. Idênticos mergulhos matinais numa rotina agora tão enfadonha como o Inverno. Ele aprendeu a manter uma calma exterior, pelo menos. Aprendeu a sentir o cumular, o movimento em direcção à guerra que é único nos programas de armamento. Ao início ele simula depressão ou ansiedade inespecífica. Poderão haver espasmos do esófago e sonhos irrecuperáveis. Descobres que andas a escrever apontamentos para ti próprio, logo ao acordar: garantias calmas, razoáveis para o gritante caso mental que está lá dentro — 1. É uma combinação. 1.1 É uma quantidade escalar. 1.2 Os seus aspectos negativos estão distribuídos isotropicamente. 2. Não é uma conspiração. 2.1 Não é um vector. 2.11 Não está dirigido a ninguém. 2.12 Não está dirigido a *mim...* u.s.w. O café começa a ter um gosto cada vez mais metálico. Cada prazo a cumprir é agora uma crise, cada uma mais intensa do que a anterior. Por detrás deste emprego-como-qualquer-outro-emprego parece residir algo de vazio, algo de terminal, algo que se vai aproximando, a cada dia, da manifestação... («O novo planeta Plutão», sussurrara ela há muito tempo, deitada na escuridão odorífera, o seu longo lábio superior à Asta Nielsen tão corcovado nessa noite como a lua que a governava, «Plutão está agora no meu signo, tolhido nas garras dele. Move-se devagar, muito

devagar e muito longe... mas há-de rebentar. É a torva fénix que cria o seu próprio holocausto... *ressurreição deliberada*. Encenada. Controlada. Sem graça, sem intervenções de Deus. Alguns chamam-lhe o planeta do Nacional Socialismo, o Brunhübner e essa gente, que agora andam todos a querer agradar ao Hitler. Eles não sabem que estão a dizer a *verdade literal*... Estás acordado? Franz...»)

À medida que a guerra se aproximava, o jogo das prioridades e das politiquices foi-se tornando mais sincero, Exército vs. Luftwaffe, Departamento de Armamento vs. Ministério das Munições, a SS vendo satisfeitas as suas aspirações, vs. as de toda a gente, e até um descontentamento em lume brando que ao longo dos anos seguintes viria a crescer até se transformar numa revolta palaciana contra Von Braun, devido à juventude dele e a uma quantidade de testes fracassados — embora, como os céus bem sabiam, houvesse sempre bastantes desses, eles eram o material bruto de toda a política das estações de testes... Em geral, porém, os resultados dos testes tornaram-se cada vez mais esperançosos. Era impossível não se pensar no Foguete sem se pensar no *Schicksal*, no crescimento para uma forma predestinada e talvez um pouco do outro mundo. As equipas lançaram uma série não-controlada de A5s, trazendo alguns deles até ao solo em pára-quedas, que atingiram uma altitude de sete quilómetros e meio e quase a velocidade do som. Embora o pessoal da orientação ainda tivesse um longo caminho a percorrer, por essa altura eles tinham mudado para pás de hélice feitas em grafite, reduziram as oscilações de rota aos cinco graus ou perto disso, e ficaram sensivelmente mais contentes com a estabilidade do Foguete.

A certo ponto durante o Inverno, o Pökler acabou por sentir que seria capaz de aguentar uma reunião com o Weissmann. Encontrou o homem da SS em guarda por detrás de uns óculos que pareciam escudos Wagnerianos, pronto para máximos inaceitáveis — fúria, acusação, um momento de violência de gabinete. Foi como conhecer um estranho. Eles não se falavam desde os dias de Kummingsdorf, do antigo Raketenflugplatz. Nesse quarto de hora em Peenemünde, o Pökler sorriu mais do que o fizera no ano anterior: falou da sua admiração pelo trabalho de Poehlmann na concepção de um sistema de arrefecimento para a propulsão.

«E quanto aos pontos de calor?» perguntou Weissmann. Era uma pergunta razoável, mas também uma *intimidade*.

Ocorreu ao Pökler que o homem não se ralava nada com problemas de aquecimento. Isto era um jogo, tal como o Mondaugen avisara — tão ritualizado como o jiu-jitsu. «Temos densidades de fluxo de calor», o Pökler sentindo-se como habitualmente se sentia quando cantava, «da ordem dos três milhões kcal/m²h.ºC. O arrefecimento regenerativo é de momento a melhor solução interina, mas o Poehlmann tem uma nova abordagem» — mostrando-lha com giz e ardósia, tentando os modos profissionais — «ele acha que se usarmos uma película de álcool no *interior* da câmara, poderemos reduzir a transferência de calor numa quantidade considerável.»

«Irão injectá-lo.»

«Correcto.»

«Quanto combustível irá isso desviar? Como irá afectar a eficiência do motor?»

Pökler tinha os números. «Neste momento, a injecção é um pesadelo de canalizador, mas tal como estão os calendários de entrega —»

«E quanto aos dois estádios do processo de combustão?»

«Dá-nos mais volume, melhor turbulência, mas também há uma queda de pressão não-isotrópica, que faz diminuir a nossa eficácia... Andamos a tentar uma quantidade de abordagens. Se pudéssemos contar com melhor financiamento —»

«Ah. Não é o meu departamento. Também nós gostaríamos de ter um orçamento mais generoso.» Ambos se riram então, cavalheiros cientistas sob uma avara burocracia, sofrendo juntos.

Pökler compreendeu que estivera a negociar pela sua filha e pela Leni: que as perguntas e respostas não eram exactamente código para outra coisa qualquer, mas uma espécie de avaliação do Pökler em pessoa. Esperava-se que ele se comportasse de um certo modo — não apenas desempenhando um papel, mas vivendo-o. Quaisquer desvios para o ciúme, a metafísica, a incerteza seriam detectados imediatamente: ele seria corrigido e reencaminhado, ou deixado cair. No decurso do Inverno e da Primavera, as sessões com o Weissmann tornaram-se rotina. Pökler acomodou-se ao seu novo disfarce —

Adolescente Virtuoso Precocemente Envelhecido — descobrindo com frequência que na verdade conseguia dominá-lo, até-lo por mais tempo aos livros de referência e aos dados dos disparos, dirigindo-lhe frases que jamais poderia ter planeado antecipadamente: linguagem gentil, erudita, obcecada pelo foguete, que o surpreendeu.

No final de Agosto, teve a sua segunda visita. Deveria ter sido «Ilse regressou», mas o Pökler não tinha a certeza. Tal como antes, ela apareceu sozinha, sem se fazer anunciar — correu para ele, beijou-o, chamou-lhe Papi. Mas...

Mas o cabelo dela, para começar, estava definitivamente castanho-escuro, e com um corte diferente. Os olhos dela estavam mais compridos, dispostos diferentemente, a compleição dela menos clara. Parecia ter crescido uns trinta centímetros. Mas naquela idade, elas crescem de um dia para o outro, não é? Caso fosse «aquela idade...» Mesmo enquanto o Pökler a beijava, começou o perverso murmurio. Será a mesma? Ter-te-ão enviado uma criança diferente? Porque não a examinaste melhor na última vez, Pökler?

Desta vez perguntou-lhe por quanto tempo a iriam deixar ficar.

«Eles hão-de dizer-me. E eu tentarei manter-te a par.» E haveria tempo para ele se recalibrar do seu pequeno esquilo que sonhava viver na Lua para esta morena criatura do Sul, com longas pernas, cujo embaraço e necessidade de um pai eram tão comoventes, tão claras mesmo para o Pökler, neste segundo (ou seria o primeiro, ou o terceiro?) encontro deles?

Quase não havia notícias da Leni. Elas tinham sido separadas, disse Ilse, durante o Inverno. Ela ouvira o boato de que a mãe fora transferida para um campo diferente. Portanto, portanto. Mostra um peão, esconde a rainha: o Weissmann, querendo ver como reagiria o Pökler. Desta vez ele tinha ido longe demais: Pökler apertou os atacadores dos sapatos e, com bastante calma, foi à procura do homem da SS, encurralou-o no seu gabinete, denunciou-o diante de um painel de amáveis, obscuras figuras governamentais, atingindo o discurso o seu eloquente clímax enquanto ele lançava o tabuleiro de xadrez e as peças todas ao pestanejante rosto arrogante do Weissmann... Pökler é impetuoso, sim, um rebelde — mas, Generaldirektor, é do tipo de ardor e honestidade dele que nós *precisamos* —

A criança viera subitamente aos seus braços, para tornar a beijá-lo. Gratuitamente. Pökler esqueceu as suas atribulações e apertou-a contra o seu coração durante muito tempo, sem dizer nada...

Mas nessa noite no cubículo, ela somente a respirar — sem desejos lunares este ano — desde o seu catre, ele estava acordado a pensar, uma filha uma impostora? mesma filha duas vezes? duas impostoras? Começando a imaginar as condições para uma terceira visita, uma quarta... Weissmann, os que estavam por detrás dele, tinham milhares de crianças destas ao seu dispor. À medida que os anos passavam, que elas se tornavam mais núbeis, acabaria Pökler por se apaixonar por alguma — alcançaria ela desse modo a fileira do rei tornando-se uma rainha-substituta da perdida, da esquecida Leni? O Oponente sabia que a suspeita do Pökler seria sempre mais forte do que quaisquer temores a respeito do incesto real... Eles podiam inventar novas regras, para complicarem o jogo indefinidamente. Como poderia um homem tão vazio quanto o Pökler se sentia nessa noite ser alguma vez suficientemente flexível para isso?

Kot — era ridículo — não a vira ele passar sob todos os ângulos nos antigos aposentos citadinos deles? Transportada, adormecida, chorando, gatinhando, rindo, faminta. Muitas vezes voltara para casa demasiado cansado para conseguir chegar à cama, e ficara deitado no chão com a cabeça por baixo da solitária mesa de madeira, enroscado, moído, pensando se conseguiria ao menos dormir. Na primeira vez que a Ilse reparou nisso, gatinhou até lá e sentou-se a olhar para ele durante muito tempo. Nunca o vira imóvel, horizontal, com os olhos fechados... Ele estava quase a dormir. Ilse debruçara-se e mordera-lhe a perna, tal como mordia côdeas de pão, cigarros, sapatos, tudo o que pudesse ser comida. — Eu sou o teu pai. — Tu és inerte e comestível. Pökler soltou um grito e rebolou para longe. Ilse começou a chorar. Ele estava demasiado cansado para querer pensar em disciplina. Foi Leni quem finalmente a acalmou.

Ele conhecera todos os choros da Ilse, as suas primeiras tentativas com palavras, as cores da merda dela, os sons e as formas que lhe traziam tranquilidade. Deveria saber se esta criança era sua ou não. Mas não sabia. Demasiadas coisas aconteceram entretanto. Demasiada história e demasiados sonhos...

Na manhã seguinte, o líder do seu grupo entregou ao Pökler uma autorização de licença, e um cheque salarial com um bónus para férias. Sem restrições de viagem, mas com um limite temporal de duas semanas. Tradução: Irás regressar? Emalou algumas coisas e meteu-as no comboio para Stettin. Os barracões e edifícios do complexo, os monólitos de betão e as torres de aço que eram o mapa da vida dele flamejaram para trás, obscurecendo-se em grandes pedaços arroxeados, isolados uns dos outros através do terreno pantanoso, afastando-se em paralaxe. Atrever-se-ia ele a não regressar? Conseguiria ele pensar com tamanha antecipação?

Deixara o destino deles a cargo da Ilse. Ela escolheu Zwölfkinder. Era o fim do Verão, quase no fim do tempo de paz. As crianças sabiam o que aí vinha. Brincando aos refugiados, elas povoavam as carruagens do comboio, mais caladas, mais solenes do que o Pökler esperara. Ele teve de continuar a debater-se com um impulso para começar a palrar sempre que os olhos da Ilse se desviavam da janela para os seus. Via a mesma coisa nos olhos de todas: era um estranho para elas, e para ela, que se ia tornando mais estranho, e não conhecia maneira de inverter isso...

Num Estado corporativo, tem de arranjar-se lugar para a inocência, e seus muitos usos. Ao desenvolver uma versão oficial da inocência, a cultura da infância provou não ter preço. Jogos, contos de fadas, lendas da história, toda a parafernálio do faz-de-conta pode ser adaptada e corporizada até num espaço físico, tal como em Zwölfkinder. Ao longo dos anos, aquilo tornara-se uma estância para crianças, quase umas termas. Caso se fosse adulto, não se conseguia penetrar os limites da cidade sem uma criança como acompanhante. Havia uma criança presidindo ao município, um conselho municipal com doze delas. Crianças apanhavam os papéis, cascas de fruta e garrafas deixados na rua, crianças orientavam-nos em visitas guiadas através do Tierpark, do Esconderijo dos Nibelungos, aconselhando-nos silêncio durante a impressionante reconstituição da elevação de Bismarck, no equinócio da Primavera de 1871, a príncipe e chanceler imperial... crianças-polícias repreendiam-nos caso nos encontrassem sozinhos, sem a nossa criança por companhia. Quem verdadeiramente fazia negócio na vila — não poderiam ser crianças — estava bem escondido.

Um final de Verão, um florescimento tardio, retrospectivo... Voavam pássaros por toda a parte, o mar aquecia, o sol continuava a brilhar até aos serões. Crianças ocasionais pegavam-nos por engano na manga da camisa, e vinham a reboque durante alguns minutos até descobrirem que não éramos o adulto delas, e seguidamente abalavam dali com sorrisos acanhados. A Montanha de Vidro cintilava rosas e brancos sob o sol quente, o rei elfo e sua rainha efectuavam um desfile real sempre ao meio-dia com um esplêndido séquito de duendes e fadas, distribuindo bolos, gelados e guloseimas. Em cada cruzamento ou praça, tocavam bandas — marchas, danças populares, jazz animado, Hugo Wolf. As crianças jorravam por ali como confeitos. Nos bebedouros, onde água gaseificada brotava entre os colmilhos de bocas de dragões, de leões e de tigres selvagens, as crianças aguardavam em fila, cada uma pelo seu momento de perigo, meio inclinadas para a sombra, para o cheiro a cimento fresco e a água antiga, para a boca da besta, para beberem. No céu, girava a alta roda gigante. Desde Peenemünde tinham andado 280 quilómetros, o que viria a ser, por coincidência, o alcance operacional do A4.

Entre tudo o que ali havia para escolher, Roda, mitos, animais da selva, palhaços, a Ilse foi andando até ao Panorama Antárctico. Dois ou três rapazes pouco mais velhos que ela deambulavam através da imitação de imensidade, enfaixados em peles de foca, construindo mamoas e plantando bandeiras na humidade de Agosto. Olhar para eles fez o Pökler suar. Alguns «cães de trenó» estavam deitados sofrendo à sombra do sastrugi de papier-machê encardido, sobre uma neve de gesso que começara a estalar. Um projector oculto lançava imagens da aurora num pano branco. Meia dúzia de pinguins empalhados também pontuavam a paisagem.

«Portanto — tu queres ir viver no Pólo Sul. Desististe assim tão facilmente» — *Kot* — idiota, isso foi um deslize — «da Lua?» Até então ele tinha sido bom no contra-interrogatório. Não podia dar-se ao luxo de saber quem ela era. Na falsa Antártida, ignorando o que a havia atraído até ali, desassossegado e escorrendo suor, aguardou a resposta dela.

Ela, ou Eles, fizeram-lhe a vontade. «Oh», com um encolher de ombros, «quem quer ir viver para a Lua?» Nunca mais voltaram ao assunto.

Regressados ao hotel, foi-lhes entregue a chave por um recepcionista de oito anos, foram levados num elevador guinchante por uma criança de uniforme, até um quarto ainda aquecido pelo calor do dia. Ela fechou a porta, tirou o chapéu e lançou-o para cima da cama dela. Pökler deixou-se cair sobre a sua própria cama. Ela aproximou-se para lhe descalçar os sapatos.

«Papi», desapertando-lhe os atacadores com gravidade, «posso dormir ao pé de ti hoje à noite?» Uma das mãos dela viera pousar-lhe suavemente ao fundo da perna nua. Os olhares deles encontraram-se por meio segundo. Uma série de incertezas mudou então de posição para o Pökler e começou a fazer sentido. Para vergonha dele, o seu primeiro sentimento foi de orgulho. Ele não sabia que era tão vital para o programa. Mesmo neste momento inicial, estava a ver aquilo pelo lado d'Eles — todas as subtilezas entram no dossier, jogador, fetichista de pés ou adepto de futebol, tudo isso é importante, tudo isso pode ser usado. Neste momento, temos de mantê-los satisfeitos, ou de, pelo menos, neutralizarmos os foci de infelicidade deles. Você poderá não entender o que é realmente o trabalho deles, pelo menos ao nível dos dados, mas no fundo você é um administrador, um líder, a sua função é obter resultados... O Pökler, agora, mencionou uma «filha.» Sim, sim, nós sabemos que é nojento, uma pessoa nunca sabe o que têm eles por lá trancado juntamente com aquelas equações, mas agora todos nós temos de pôr de lado os nossos juízos, após a guerra haverá tempo de voltarmos aos Pöklers e aos seus imundos segredinhos...

Deu-lhe uma palmada no alto da cabeça com a sua mão aberta, um golpe sonoro e terrível. Isso aplacou a ira dele. Depois, antes que ela pudesse chorar ou falar, já ele a havia arrastado para cima da cama, para o seu lado, as atabalhoadas mãozinhas dela já nos botões das suas calças, o vestido branco dela já levantado acima da cintura. Ela não trouxera nada por baixo, nada durante o dia inteiro... *como eu te quis*, sussurrou ela enquanto o arado paterno abria caminho no rego filial... e após horas de espantoso incesto, eles vestiram-se em silêncio e esgueiraram-se rumo à borda da mais ténue alvorada cor de carne, tudo aquilo de que jamais haveriam de precisar dentro do saco florido

dela, passando por crianças adormecidas condenadas ao fim do Verão, passando por monitores e guardas de passagem de nível, chegando por fim lá em baixo à água e aos barcos de pesca, a um paternal velho lobo-do-mar que tinha um boné de capitão com galão entrancado, o qual lhes deu as boas-vindas a bordo e os acomodou por baixo do convés, onde ela se enroscou ao fundo do beliche quando se puseram a caminho e o chupou durante horas enquanto o motor martelava, até o Capitão gritar, «Venham cá acima, para verem a vossa nova terra!» Cinzenta e verde, através da bruma, era a Dinamarca. «Sim, aqueles ali são um povo livre. Boa sorte para vocês os dois!» Eles os três, ali em cima do convés, ficaram a abraçar-se...

Não. O que o Pökler fez foi optar por acreditar que ela queria conforto naquela noite, queria não estar sozinha. Apesar do jogo d'Eles, da palpável malignidade d'Eles, embora ele não tivesse mais razões para confiar na Ilse do que confiava n'Eles, por um acto não de fé, não de coragem, mas de conservação, ele optou por acreditar isso. Mesmo em tempo de paz, com recursos ilimitados, ele não poderia ter provado a identidade dela, não para além do gume de tolerância zero de que o seu olhar de precisão carecia. Os anos que a Ilse teria passado entre Berlim e Peenemünde estavam tão desesperadamente emaranhados, por toda a Alemanha, que não se poderia estabelecer seguramente nenhuma cadeia real de acontecimentos, nem mesmo o palpite do Pökler de que, algures no desmedido cérebro de papel do Estado, lhe havia sido atribuída e devidamente reservada a ele uma perversidade específica. Para cada agência governamental, o Partido Nazi montava um duplicado. Os comités separavam-se, fundiam-se, geravam-se espontaneamente, desapareciam. Ninguém mostrava a um homem o seu dossier —

A bem dizer, nem sequer era claro para ele que efectuara uma escolha. Mas foi naqueles murmurantes momentos dentro do quarto cheirando a dia estival, cuja luz ninguém acendera ainda, com o redondo chapéu de palha dela uma frágil lua sobre a coberta da cama, luzes da Roda derramando lentamente verde e vermelho uma e outra vez lá fora no escuro e um grupo de rapazes em idade escolar cantando

na rua um refrão anterior ao tempo deles, ao vendido e cruelmente manejado tempo deles — Juch-heieras-sa! o tempo-tempo-ra! — que pelo menos o tabuleiro e as peças e os padrões se tornaram todos claros para ele e o Pökler soube que, enquanto jogasse, isto teria de ser a Ilse — verdadeiramente sua filha, tão verdadeiramente quanto ele era capaz de fazê-la. Foi o autêntico momento de concepção, no qual, com anos de atraso, se tornou pai dela.

Durante o resto da licença, passearam-se por Zwölfkinder, sempre de mão dada. Lanternas balouçando nas trombas de cabeças de elefantes ao cimo de altos pilares iluminavam-lhes o caminho... sobre pontes aranhentas a partir das quais se viam lá em baixo onças, mācacos, hienas... ao longo da via-férrea em miniatura, entre as corroídas pernas de tubos de dinossauros em rede de aço, descendo até ao trecho de deserto Africano, onde exactamente a cada duas horas os traiçoeiros nativos atacavam um acampamento dos bravos homens do General Von Trotha fardados de azul, todos os papéis desempenhados por rapazes exuberantes, e uma das grandes preferências patrióticas com crianças de todas as idades... no alto da Roda gigante tão nua, tão despida de graça, somente ali para aquela clara missão: levantar e assustar...

Na última noite deles — embora ele não o soubesse, pois levá-la-iam tão abrupta e invisivelmente como antes — puseram-se outra vez a olhar para os pinguins empalhados e a falsa neve e, ao redor deles, a aurora artificial tremeluzia.

«No próximo ano», apertando a mão dela, «voltamos cá, se tu quiseres.»

«Oh sim. Todos os anos, Papi.»

No dia seguinte ela desapareceu, levada de novo para a guerra que aí vinha, deixando o Pökler sozinho num país de crianças, para regressar a Peenemünde afinal, sozinho...

Assim tem sido nos seis anos desde então decorridos. Uma filha por ano, cada uma delas cerca de um ano mais velha, de cada vez recomeçando quase desde o início. A única continuidade tem sido o nome dela, e Zwölfkinder, e o amor do Pökler — amor algo semelhante à persistência da visão, pois Eles usaram-na para criarem para

ele a imagem em movimento de uma filha, mostrando-lhe somente estes enquadramentos estivais dela, deixando que seja ele a construir a ilusão de uma única filha... que importaria a escala do tempo, um 24 avos de segundo ou um ano (não mais, pensou o engenheiro, do que num túnel de vento, ou num oscilógrafo cujo tambor rolante se pudesse adiantar ou atrasar como se quisesse...)?

Fora do túnel de vento de Peenemünde, o Pökler veio postar-se à noite, junto à grande esfera, 12 metros de altura, ouvindo as grandes bombas a trabalharem enquanto evacuam o ar da grande esfera, cinco minutos de crescente vácuo — depois um terrível soluço: 20 segundos de fluxo supersónico... depois a queda do taipal, e as bombas começando de novo... ele tem ouvido, e entendido, que aquilo implica o ciclo de amor entaipado dele próprio, cada vez mais vazio ao longo do ano a troco de duas semanas em Agosto, engendradas com o mesmo cuidado. Ele tem sorrido, bebido e brindado, e trocado anedotas de caserna com o Major Weissmann, embora, durante o tempo todo, por detrás da música e da galhofa, conseguisse ouvir a carne de peças movidas na escuridão e na invernia através dos pantanais e das cadeias montanhosas do tabuleiro... observando tiragem após tiragem dos resultados do Halbmodelle saídos do túnel de vento, mostrando como a força líquida normal se distribuiria ao longo da extensão do Foguete, em centenas de diferentes números de Mach — visto o verdadeiro perfil do Foguete deformado e travestido, um foguete de cera, corcovado como um golfinho ao redor do calibre 2, vergado sobre a cauda que foi depois esticada, impossivelmente, num ponto alto com uma ombreira mais baixa na sua ré — e visto como o seu próprio rosto poderia ser representado graficamente, não em luz, mas em forças líquidas que agissem sobre ele a partir do fluxo do Reich e da coerção e amor em que ele se movia... e sabido que ele há-de sofrer a mesma degradação, já que a morte deformará o rosto em caveira...

Em '43, como estava de férias em Zwölfkinder, o Pökler perdeu o ataque aéreo Britânico a Peenemünde. Ao regressar à estação, logo que avistou as casernas dos «trabalhadores estrangeiros» em Trasse-nheide arrasadas e destruídas, corpos sendo ainda retirados de entre

os destroços, teve início uma terrível suspeita, que não podia ser suprimida. Weissmann andava a *poupá-lo* para qualquer coisa: um destino único. De algum modo, o homem soubera do bombardeamento Britânico nessa noite, soubera dele ainda em '39 e, por isso, arranjara a tradição de uma licença em Agosto, ano após ano, mas tudo isso visando proteger o Pökler de uma noite má. Não inteiramente equilibrado... um pouco paranoíco, sim, sim... mas a ideia ronronava no seu cérebro, e ele sentia que se ia transformando em pedra.

Brotava fumo da terra, caíam árvores queimadas, enquanto ele assistia, a não mais de um fôlego em direcção ao mar. Terra em pó erguia-se a cada passo, tornando as roupas brancas, os rostos, máscaras de poeira. Quanto mais ao cimo da península, menos danos. Um estranho gradiente de morte e destroços, de sul para norte, no qual os mais pobres e mais indefesos ficavam pior — tal como, na verdade, o gradiente haveria de correr de leste para oeste, em Londres, um ano mais tarde, quando os foguetes começassem a cair. A maior parte das baixas ocorrera entre os «trabalhadores estrangeiros», um eufemismo para os prisioneiros civis trazidos desde países sob ocupação Alema. O túnel de vento e a casa das medições estavam incólumes, os trabalhos de pré-produção apenas minimamente danificados. Os colegas do Pökler estavam à porta dos Alojamentos dos Cientistas, que haviam sido atingidos — fantasmas movendo-se entre nevoeiro matinal, não queimados ainda, lavando-se em baldes de cerveja por a água continuar cortada. Olharam para Pökler, sem conseguirem, bastantes deles, manter a acusação longe dos seus rostos.

«Gostava de poder ter perdido isto.»

«O Dr. Thiel morreu.»

«Como foi a terra das fadas, Pökler?»

«Desculpem», disse ele. A culpa não era sua. Os outros ficaram em silêncio: alguns a olharem, outros ainda em estado de choque por causa da noite.

O Mondaugen apareceu então. «Estamos exaustos. Poderás vir comigo até à Pré-produção? Tem de se separar imensa coisa, precisamos de ajuda.» Arrastaram os pés até lá, cada um deles na sua nuvem de pó. «Foi terrível», disse o Mondaugen. «Todos nós temos estado sob uma certa tensão.»

«Ouvindo-os falar até parecia que *eu* é que fiz isto.»

«Sentes-te culpado por não ter estado cá?»

«Estou a pensar porque é que não estava cá. É tudo.»

«Porque estavas em *Zwölfkinder*», retorquiu o iluminado. «Não inventes complicações.»

Ele tentou não o fazer. A função do Weissmann era essa, não era, o Weissmann é que era o sádico, ele é que tinha a responsabilidade de inventar novas variações de jogo, crescendo rumo a uma crueldade máxima em que o Pökler seria reduzido a nervos e veias e tendões, cada derradeira convolução do cérebro esbatida na radiância de negras velas, nenhum sítio onde se abrigar, inteiramente na posse do seu amo... o momento em que ele é definido para si mesmo por fim... Era isso que o Pökler conseguia sentir agora à espera, uma sala que ele nunca vira, uma cerimónia que ele não conseguia memorizar antecipadamente...

Houve falsos alarmes. Pökler quase o confirmou certa vez durante o Inverno, durante a série de testes em Blizna. Tinham-se mudado mais para leste até à Polónia, para dispararem sobre o terreno. Os tiros de Peenemünde eram todos para o mar, e não houvera maneira de observar a reentrada do A4. Blizna era quase exclusivamente um projecto da SS: parte do empreendimento imperial do Maj.-Gen. Kammler. Nessa altura, o Foguete estava atormentado por um problema de detonação em voo na sua fase terminal — o veículo rebentava antes de atingir o alvo. Toda a gente tinha uma ideia. Poderia ser excesso de pressão no tanque do oxigénio líquido. Talvez, como, ao descer, o Foguete pesava menos 10 toneladas de combustível e oxidante, a alteração do centro de gravidade estivesse a torná-lo instável. Ou talvez o isolamento do tanque de álcool tivesse defeito, permitindo de alguma maneira que o combustível residual fosse queimado durante a reentrada. Era essa a razão do Pökler para estar ali. Por essa altura, ele já não estava no grupo de propulsão, nem sequer a trabalhar como desenhador — estava no gabinete dos Materiais, a dar despacho à obtenção de vários plásticos para isolamento, absorção de choques, juntas — coisas excitantes. As encomendas para Blizna eram demasiado estranhas para serem obra do Weissmann: no dia em que o Pökler se foi sentar no meio dos prados Polacos no preciso sítio em que o Foguete deveria acertar, teve a certeza.

Centeio verde e colinas baixas ao longo de quilómetros a toda a volta: o Pökler estava junto a uma pequena trincheira, na área de alvos de Sarnaki, apontando os binóculos a sul na direcção de Blizna como toda a gente: à espera. Erwartung no centro das atenções, com o centeio há pouco despontado a ondular, a sua penugem mais macia a ser escovada pelo vento... olhando para esses campos, ao longo de milhas-Foguete de espaço matinal: os muitos matizes de verde florestal, casas brancas e castanhas de herdades Polacas, escuros meandros de rios apanhando o sol nas suas curvas... e no preciso centro cá em baixo, no sagrado X, o Pökler, crucificado, invisível à primeira vista, mas daí a um momento... *agora* começando a resolver-se enquanto o Outono ganha ímpeto —

Mas como pode ele crer na realidade daquilo lá em cima? Os insetos zumbem, o sol está quase quente, ele pode contemplar a terra vermelha e milhões de caules ondulantes, e cair quase num ligeiro transe: em mangas de camisa, com os seus joelhos ossudos apontados para cima, o casaco do fato cinzento com rugas acumuladas desde a última engomadela, há anos, enrolado debaixo do seu rabo para absorver o orvalho. Os outros com quem ele veio andam para aqui espalhados pelo Terreno Zero, joviais ranúnculos Nazis — binóculos pendurados ao pescoço nuns arreios cor de xisto, a equipa dos Askania atarefada com o seu equipamento e um dos homens de ligação da SS (o Weissmann não está cá) sempre a olhar para o relógio, depois para o céu, depois para o relógio, o cristal a tornar-se, em breves relampejos intermitentes, um nacarado círculo que prende um ao outro a hora e o céu lanoso.

Pökler arranca uma encanecente barba de 48 horas, morde lábios muito gretados, como se tivesse passado a maior parte do final do Inverno no exterior: tem um ar invernal. Ao redor dos seus olhos, ao longo dos anos, cresceu um ruinoso sistema de capilares rebentados, sombras, dobras, pés de galinha, um terreno que agora se agregou nos olhos simples, directos, dos seus tempos de mais jovem e mais pobre... não. Havia algo neles, mesmo então, algo que outros viam e sabiam poder usar, e descobriam como. Algo que escapava ao Pökler. Passara boa parte da sua vida a olhar para espelhos. Realmente deveria lembrar-se...

A detonação, caso ocorra, estará ao alcance da vista. As abstracções, a matemática, os modelos são óptimos, mas, quando se está de mãos naquilo e toda a gente grita por um remédio, o que se faz é isto: vamos sentar-nos exactamente no alvo, com umas indiferentes trincheiras baixas por abrigo, e observa-se aquilo na silenciosa flor de fogo dos seus últimos segundos, e vê-se o que se verá. As hipóteses são astronomicamente contra um impacto perfeito, evidentemente, por isso é que o sítio mais seguro para se estar é o centro da zona-alvo. Os foguetes devem comportar-se como projécteis de artilharia, dispersam-se sobre o ponto visado numa gigantesca elipse — a Elipse da Incerteza. Mas o Pökler, embora confiasse tanto como qualquer outro cientista na incerteza, não está a sentir-se muito seguro aqui. Afinal é o tremente esfíncter do seu próprio rabo que está centrado mesmo em cima do Terreno Zero. E nisto há mais do que balística. Há o Weissmann. Qualquer quantidade de químicos e de pessoal dos materiais sabe tanto acerca de isolamento quanto o Pökler... porque haveria ele de ser escolhido, a menos que... algures no seu cérebro dois foci juntam-se agora e tornam-se um... elipse zero... um ponto único... uma ogiva armada, carregada em segredo, casamatas especiais para todos os outros... sim é isso que ele quer... todas as tolerâncias na orientação cooperando rumo a um tiro perfeito, mesmo em cima do Pökler... ah, Weissmann, o teu final de jogo carece de fineza... — mas nunca houve espectadores e juízes, nunca em todo este tempo, e quem alguma vez disse que o fim não poderia ser tão brutal assim? A paranóia acometeu o Pökler, inundou-o até às têmperas e ao escalpe. Poderá ter-se cagado, não sabe dizer. A pulsação dele lateja-lhe no pescoço. Doem-lhe as mãos e os pés. Os louros executores vestidos de preto continuam a olhar. As suas insígnias de metal cintilam. As colinas baixas estendem-se sob os primeiros alvores do sol. Todos os óculos de campo apontam para sul. O Agregado está a caminho, nada pode ser mudado. Mais ninguém aqui se preocupa com os penetrais do momento, ou últimos mistérios: houve demasiados anos racionais. As pilhas de papel ganharam demasiada espessura e distância. Pökler não consegue reconciliar, não propriamente, o seu sonho do perfeitamente vitimizado com a necessidade em si inculcada de resolver o assunto — nem ver como poderiam eles ser um e o

mesmo. O A4, afinal, tem de sair para o campo muito cedo, esta taxa de insucesso *tem* de ser reduzida, e portanto aqueles que vieram estão aqui, e se houver uma falha massiva da visão esta manhã no prado Polaco, se ninguém, nem sequer o mais paranóico, conseguir ver absolutamente nada para além dos Requisitos instituídos, certamente não é único deste tempo, deste lugar, onde os olhos assestados contra os binóculos negros somente procuram que a «relutante virgem» do dia — como os espirituosos foguetistas chamaram aos seus problemáticos foguetes — se faça anunciar... para notar onde, da proa à ré, poderá estar a deficiência, a forma de um rastro de vapor, o som do rebentamento, tudo o que possa ajudar...

Em Sarnaki, de acordo com os registos, o foguete desceu nesse dia com a habitual explosão dupla, uma faixa de alva condensação no céu azul: mais um rebentamento prematuro. Caíram fragmentos de aço, a trinta metros de distância do ponto Zero, tombando sobre o centeio como granizo. Pökler viu a explosão, não mais do que qualquer outro. Não tornou a ser enviado para lá. As pessoas da SS viram-no pôr-se em pé, e espreguiçar-se, e sair dali vagarosamente com os outros. Weissmann teria o seu relatório. Novas variedades de tortura viriam a caminho.

Mas dentro da vida do Pökler, em registo algum senão a sua alma, a sua pobre e perturbada alma Alemã, a base temporal alargou-se, e abrandou: o Foguete Perfeito continua lá por cima, ainda a descer. Ele continua à espera — mesmo agora, sozinho em Zwölfkinder à espera da «Ilse», do regresso deste Verão e, com este, de uma explosão que o colherá de surpresa...

Na Primavera, quando os ventos de Peenemünde haviam rodado para sudoeste, e as primeiras aves estavam de volta, o Pökler foi transferido para a fábrica subterrânea em Nordhausen, no Harz. O trabalho em Peenemünde, após o ataque Britânico, começara a diminuir. O plano — mais uma vez de Kammler — era agora dispersar os testes e a produção por toda a Alemanha, para impedir um outro e possivelmente fatal ataque Aliado. Os deveres de Pökler no Mittelwerke eram rotineiros: materiais, aquisição. Dormia num beliche ao lado de uma parede de pedra dinamitada pintada de branco, com uma lâmpada por cima da cabeça que ficava acesa toda a noite. Ele sonhava

que a lâmpada era um representante do Weissmann, uma criatura cujo luzidio filamento era a sua alma. Tinham longos diálogos sonhados de cuja substância o Pökler nunca conseguia lembrar-se. A lâmpada explicava-lhe o ardil em pormenor — era mais grandioso e arrebatador do que o Pökler alguma vez poderia ter imaginado, em muitas noites parecia ser puramente música, a consciência dele movendo-se através da paisagem sonora ao seu alcance, cumpridora, complacente, ainda precariamente salva, mas não por muito mais tempo.

Na altura havia rumores de uma desavença crescente entre o Weissmann e o «monstro» dele, Enzian. O Schwarzkommando apartara-se então da estrutura da SS, tal como a própria SS o fizera do Exército Alemão. O poder deles residia agora não num armamento absoluto, mas na informação e na perícia. Pökler ficou contente por ouvir dizer que o Weissmann andava com os seus problemas, mas sem saber como usar isso para obter alguma vantagem. Já tinham chegado as suas ordens para se apresentar em Nordhausen, quando teve um fogacho de desespero. Ficaria então o jogo adiado? Poderia nunca mais tornar a ver a Ilse. Mas chegara uma nota de serviço, dizendo-lhe que se apresentasse ao Weissmann no gabinete deste.

O cabelo nas têmporas do Weissmann estava grisalho e descomposto. Pökler viu que ele tinha uma das hastas dos óculos presa com uma mola de papel. A sua secretária era um amontoado de documentos, relatórios, livros de referência. Foi uma surpresavê-lo com um aspecto menos diabólico do que tão atormentado como qualquer funcionário civil sob pressão. Os olhos dele estavam apontados na direcção do Pökler, mas as lentes distorciam-nos.

«Você comprehende que esta transferência para Nordhausen é voluntária.»

Pökler comprehendeu, com alívio e dois segundos de amor autêntico pelo seu protector, que o jogo continuava em curso. «Será algo de novo.»

«Sim?» Em parte um desafio, mas em parte interessado também.

«Produção. Por aqui temos andado muito envolvidos com o lado da investigação-e-desenvolvimento. Para nós, não é tanto uma arma quanto um «laboratório voador», como disse uma vez o Dr. Thiel —»

«Sente a falta do Dr. Thiel?»

«Sim. Ele não estava na minha secção. Eu não o conhecia bem.»

«Uma vergonha ele ter sido apanhado no ataque. Todos nós nos movemos numa Elipse de Incerteza, não é verdade?»

Pökler permitiu-se deitar uma olhadela à secretária atravancada, suficientemente rápida para ser interpretada como nervosismo ou como uma resposta — Weissmann, de facto parece que tu tens mesmo a tua própria Elipse — «Oh, eu normalmente nem tenho tempo para preocupações. Ao menos o Mittelwerke é subterrâneo.»

«As posições tácticas não o serão.»

«Você acha que eu poderia ser enviado —»

Weissmann encolheu os ombros e obsequiou Pökler com um grande sorriso falso. «Meu caro Pökler, como pode alguém prever para onde irá você? Logo veremos como tudo se desenvolve.»

Mais tarde, na Zona, com a sua culpa a tornar-se uma coisa sensual, fazendo-lhe comichão nos olhos e nas membranas como uma alergia, viria a parecer ao Pökler que não poderia, mesmo naquele dia no gabinete do Weissmann, ter ignorado a verdade. Que conhecera a verdade com os seus sentidos, mas permitira que todas as evidências fossem mal catalogadas de forma a não o incomodarem. Soubera tudo, mas abstivera-se do único acto que poderia havê-lo redimido. Deveria ter esganado o Weissmann ali onde ele estava, enrugamentos na garganta magrinha e a maçã de Adão deslizando sob as palmas das mãos do Pökler, os óculos grossos caindo enquanto os débeis olhinhos se esbugalhavam indefesos na direcção de quem os obscurécia pela última vez...

Pökler ajudara com a sua própria cegueira. Ele sabia de Nordhausen, e do campo de Dora: ele podia *ver* — os corpos famintos, os olhos dos prisioneiros estrangeiros sendo levados a marchar para o trabalho às quatro da manhã entre o frio gélico e as trevas, milhares arrastando os pés dentro dos seus uniformes às riscas. Também soubera, desde sempre, que a Ilse estava a viver num campo de reeducação. Mas foi somente em Agosto, quando a licença chegou como habitualmente no seu envelope de papel kraft em branco, e o Pökler viajou para norte através dos pardacentos quilómetros de uma Alemanha que ele já não reconhecia, bombardeada e ardida, as aldeias

em tempo de guerra e a chuva de arroxeados calor, e a encontrou finalmente à espera no átrio do hotel em Zwölfkinder com a mesma treva nos seus olhos (como lhe passara isso desapercebido até agora? umas órbitas de dor tão marejadas de lágrimas) que ele conseguiu por fim juntar ambos os dados. Durante meses, enquanto o pai dela, do outro lado do arame ou dos muros, efectuava o seu diligente trabalho de encomenda, ela estivera presa somente a poucos metros dele, espancada, talvez violada... Se ele tem de amaldiçoar o Weissmann, então tem de amaldiçoar-se a si mesmo também. A crueldade do Weissmann não dispunha de menores recursos que as habilidades de engenheiro do Pökler, o dom de Dédalo que lhe permitia colocar tanto labirinto quanto o necessário entre ele próprio e as inconveniências de ter alguém ao seu cuidado. Tinham-lhe vendido conveniência, imensa conveniência, toda a crédito, e agora Eles andavam a cobrar-lha.

Tentando, um pouco tarde para isso, abrir-se à dor que deveria ter sentido, interrogou-a agora. Sabia ela o nome do campo em que estava? Sim, Ilse confirmou — ou disseram-lhe que respondesse — que era Dora. Na noite anterior à sua partida para vir até aqui tinha assistido a um enforcamento. A noite era a hora dos enforcamentos. Queria ele ouvir falar disso? Queria ele ouvir falar disso...

Ela estava com muita fome. Passaram os primeiros dias a comer, tudo o que havia à venda em Zwölfkinder. Havia menos do que no ano anterior, e era muito mais caro. Mas o enclave de inocência continuava a gozar de alta prioridade, pelo que havia alguma coisa.

Não havia tantas crianças este ano, porém. O engenheiro e a menina tinham o local praticamente só para si. A Roda e a maior parte das outras atracções estavam paradas. Falta de petróleo, informou-os um guarda-criança. Voos da Luftwaffe rugiam lá no alto. Quase todas as noites berravam as sirenas, e eles viam os holofotes acenderem-se em Wismar e em Lübeck, e por vezes ouviam as bombas. O que fazia o Pökler neste mundo de sonho, nesta mentira? O seu país aguardava ser esmagado entre invasores de leste e oeste: lá em Nordhausen, a histeria ganhara proporções épicas, à medida que os primeiros foguetes ficavam prestes a irem para o campo, prestes a cumprirem profecias de engenheiros tão antigas quanto o tempo de paz.

Porque é que, neste momento crítico, tinham deixado sair o Pökler? Quem mais teria hoje em dia autorizações de licença? E o que estava a «Ilse» a fazer ali, ela não devia ser já demasiado crescida para histórias de fadas? os novos seios dela agora tão visíveis por baixo do vestido, os seus olhos praticamente tão vazios errando sem verdadeiro interesse na direcção de rapazes ocasionais destinados às Volkssturm, rapazes mais velhos, já não interessados nela. Sonhavam com as suas ordens, com colossais explosões e morte — caso olhassem para ela era de esguelha, dissimuladamente... *o Pai dela há-de domá-la... os dentes dela há-de morder o poste...* um dia hei-de ter uma manada delas só para mim... mas primeiro tenho de encontrar o meu Capitão... algures lá pela Guerra... primeiro têm de me tirar deste sitiozinho...

Quem era aquele, que por lá passou então — quem era o rapaz delgado que volteou no caminho dela, tão louro, tão branco que era quase invisível na quente bruma que veio instalar-se sobre Zwölfkinder? Ela tê-lo-á visto, e tê-lo-á distinguido da sua segunda sombra? Ela fora concebida por o pai dela ter visto um filme chamado *Alpdrücken* certa noite e ter ficado com tesão. Pökler, no seu entesado pasmar, perdera o sagaz simbolismo Gnóstico do Director no esquema de iluminação das duas sombras, a de Caim e a de Abel. Mas Ilse, alguma Ilse, persistira para além da sua mãe cinematográfica, para além do termo do filme, tal como as sombras de sombras. Na Zona, tudo se moverá segundo a Antiga Dispensação, no interior da luz e do espaço dos Cainistas: não a partir de qualquer precioso Göllerei, mas porque a Dupla Luz sempre lá esteve, fora de todo o filme, e aquele pouco importante e irrequieto cineasta fora nessa época o único que por acaso reparara nela e a usara, embora na profunda ignorância, então e agora, daquilo que estava a mostrar a uma nação de espectadores... Portanto, naquele Verão, a Ilse passou por ali, demasiado fixada nalgum meio-dia interior sem sombras para atentar na intersecção, ou se preocupar com isso.

Ela e o Pökler mal falavam desta vez: foram as férias mais mudas que passaram juntos. Ela caminhava a cismar, de cabeça baixa, o cabelo a cobrir-lhe o rosto, pernas morenas pontapeando detritos que o destacamento de limpeza, dada a falta de mão-de-obra, não houvera recolhido. Seria da época na vida dela, ou estaria ela ressentida por

ter de acatar ordens para passar tempo com um monótono e envelhecido engenheiro num sítio para o qual ela já tinha demasiada idade desde há anos?

«Tu não queres mesmo estar aqui, pois não? Estavam sentados junto a um ribeiro poluído, atirando pão aos patos. O estômago do Pökler estava indisposto com o ersatz de café e a carne estragada. Doía-lhe a cabeça.

«É aqui ou no campo», o rosto dela teimosamente desviado. «Na verdade não quero estar em sítio nenhum. Tanto me faz.»

«Ilse.»

«Tu gostas de estar aqui? Queres voltar para debaixo da tua montanha? Queres falar com os elfos, Franz?»

«Não, eu não *gosto* do sítio onde estou» — *Franz?* — «mas eu tenho, tenho o meu trabalho...»

«Sim. Eu também. O meu trabalho é estar prisioneira. Sou uma reclusa profissional. Sei como conseguir favores, a quem roubar, como informar, como —»

A qualquer instante ela iria dizê-lo... «Por favor — *pára com isso Ilse* —» desta vez, o Pökler ficou histérico e deu-lhe mesmo uma bofetada. Os patos, surpreendidos com o estrondo repentino deram meia-volta e afastaram-se dali a bambolejar-se. Ilse olhou-o de novo, sem lágrimas, olhos sala após sala amarrados às sombras de uma velha casa anterior à guerra por onde ele poderia vaguear durante anos, ouvindo vozes e encontrando portas, dando caça a si mesmo, a vida dele tal como poderia ter sido... Não suportava a indiferença por parte dela. À beira de perder o controlo, Pökler cometeu então o seu acto de coragem. Desistiu do jogo.

«Se tu não quiseres voltar no próximo ano», apesar de «próximo ano» significar tão pouco por essa altura na Alemanha, «não tens de vir. Seria melhor que não viesses.»

Ela soube de imediato o que ele fizera. Puxou um joelho para cima, apoiou ali a sua testa, e pensou. «Eu vou voltar», disse ela muito baixinho.

«Tu?»

«Sim. A sério.»

Ele, então, soltou tudo, todos os controlos. Virou-se para o vento do seu longo isolamento, estremecendo terrivelmente. Chorou.

Ela pegou-lhe nas mãos. Os patos flutuantes assistiram. O mar arrefeceu sob o sol brumoso. Um acordeão tocou algures no meio da vila. Atrás das arruinadas estátuas míticas, crianças sentenciosas gritaram umas para as outras. O Verão terminou.

Regressado ao Mittelwerke, ele tentou, e continuou a tentar, entrar no campo de Dora e procurar a Ilse. Já não se preocupava mais com o Weissmann. Os guardas SS eram sempre corteses, compreensivos, impossíveis de ultrapassar.

A carga de trabalho era agora inacreditável. Pökler dormia menos de duas horas por dia. Por baixo da montanha, as notícias da guerra só chegavam como rumores e carências. A filosofia de aquisição fora «triangular» — três origens possíveis para a mesma parte, no caso de uma delas ser destruída. Dependendo do que não tinha vindo de algum lado, ou do atraso com que chegava, sabia-se que fábricas haviam sido bombardeadas, que ligações ferroviárias, eliminadas. Perto do fim tinha de se tentar fabricar localmente muitos dos componentes.

Quando o Pökler teve tempo para pensar, confrontou-se com o crescente enigma do silêncio do Weissmann. Para o provocar, ou à memória dele, o Pökler deu-se ao trabalho de ir falar com oficiais do destacamento de segurança do Major Förschner, à procura de notícias. Nenhum deles respondeu ao Pökler com algo mais do que incômodo. Tinham ouvido rumores de que o Weissmann já não estava ali mas na Holanda, a comandar a sua própria bateria de foguetes. Enzian deixara de ser visto, tal como muitas figuras destacadas do Schwarzkommando. Pökler ganhou cada vez mais certeza de que desta vez o jogo terminara mesmo, que a guerra os havia apanhado a todos, atribuído novas prioridades de vida-ou-morte e não mais vagar para atormentar um engenheiro menor. Conseguiu descontrair-se um pouco, mover-se pela rotina diária, esperar pelo fim, permitir-se até esperar que os milhares em Dora não tardassem a ficar livres, entre eles a Ilse, uma qualquer Ilse aceitável...

Mas na Primavera, ele tornou a ver o Weissmann. Despertou de um sonho de uma gentil Zwölfkinder que também era Nordhausen, uma cidade de elfos que produzia foguetes lunares de brincar, e ali estava o rosto do Weissmann à beira do seu beliche, a olhar para ele. Parecia ter envelhecido dez anos, e o Pökler quase nem o reconheceu.

«Não há muito tempo», sussurrou o Weissmann. «Venha comigo.»

Moveram-se pela branca, insone azáfama dos túneis. Weissmann caminhando lenta e empertigadamente, ambos os homens em silêncio. Num dos espaços de escritório, meia dúzia de outros estavam à espera, bem como alguns SS e SD. «Já obtivemos autorização dos seus grupos», disse o Weissmann, «para podermos pô-lo a trabalhar num projecto especial. Este será da mais alta segurança possível. Você ficará aboletado separadamente, comerá separadamente e não falará com ninguém que não esteja presente nesta sala.» Todos eles olharam em redor para verem quem poderia ser. Ninguém que conhecessem. Tornaram a olhar para o Weissmann.

Ele queria uma modificação feita num foguete, somente num. O seu número de série tinha sido removido, e cinco zeros pintados nele. Pökler soube imediatamente que era para isto que o Weissmann andara a guardá-lo: este iria ser o seu «destino especial.» Aquilo não fazia sentido para si: tinha de desenvolver um encaixe de plástico, de uma certa dimensão, com determinadas propriedades isolantes, para a secção de propulsão do foguete. O engenheiro de propulsão era o mais atarefado no projecto, reencaminhando condutas de vapor e de combustível, reacomodando o equipamento. Fosse o que fosse o novo aparelho, ninguém o via. De acordo com os boatos, estava a ser produzido noutro sítio, e tinha por alcunha o Schwarzgerät, devido ao elevado secretismo que o rodeava. Até o peso era classificado. Concluíram aquilo dentro de duas semanas, e o «Vorrichtung für die Isolierung» estava a caminho do campo. Pökler reportou ao seu supervisor habitual, e a rotina continuou como dantes. Nunca mais voltou a ver o Weissmann.

Na primeira semana de Abril, com unidades Americanas supostamente prestes a chegarem a qualquer momento, a maioria dos engenheiros estavam a fazer as malas, recolhendo endereços de colegas de trabalho, bebendo brindes de despedida, vagueando pelos espaços que iam ficando vazios. Havia no ar um sentimento de fim de curso. Era difícil não assobiar o «*Gaudeteamus igitur*». Subitamente, a enclausurada vida dele estava prestes a chegar a um fim.

Um jovem guarda SS, um dos últimos a partirem, encontrou o Pökler na cafetaria empoeirada, entregou-lhe um envelope e partiu

sem dizer uma palavra. Era o habitual impresso de autorização de licença, agora suplantado pela morte iminente do Governo — e uma autorização de viagem até Zwölfkinder. Onde deveriam estar as datas, alguém escrevera, quase ilegivelmente, «após o termo das hostilidades.» Na parte de trás, pelo mesmo punho (o do Weissmann?), uma nota para o Pökler. *Ela foi libertada. Virá ter consigo aqui.* Compreendeu que isto era o pagamento pelo trabalho de readaptação que ele fizera no 00 000. Há quando tempo andava o Weissmann a conservá-lo deliberadamente no gelo, tudo isso para que ele dispusesse de um homem dos plásticos no qual pudesse confiar, quando chegasse a altura?

No último dia, o Pökler caminhou até ao extremo sul dos túneis principais. Havia camiões por toda a parte, todos com os motores a trabalhar, despedidas no ar primaveril, altas árvores iluminadas pelo sol na verdura das encostas da montanha. O Obersturmbannführer não estava no seu posto quando o Pökler foi a Dora. Não ia à procura da Ilse, ou não propriamente. Poderá ter sentido que devia procurar, finalmente. Não estava preparado. Não sabia. Tinha os dados, sim, mas não sabia, com sentidos ou coração...

Os odores a merda, morte, suor, doença, míldio, mijos, a respiração de Dora, envolveram-no enquanto ele lá estava, olhando para os corpos nus que iam sendo levados para fora agora que a América estava tão perto, para serem empilhados diante dos crematórios, os pénis dos homens pendurados, os dedos dos pés todos brancos e redondos como pérolas... cada rosto tão perfeito, tão individual, os lábios esticados para trás em sorrisos mortais, toda uma assistência silenciosa apanhada pela frase de remate da anedota... e os vivos, amontoados aos dez sobre um colchão de palha, os mais fracos chorando, tossindo, abatidos... Todos os vácuos dele, os seus labirintos, haviam sido do outro lado disto. Enquanto ele vivia, e fazia marcas no papel, este reino invisível havia prosseguido, entre as trevas do exterior... todo este tempo... Pökler vomitou. Chorou um pouco. Os muros não se dissolveram — nenhum muro de prisão jamais o fez, não com lágrimas, não com essa descoberta, em cada enxerga, em cada cela, de que os rostos são rostos que ele afinal conhece, e aos quais quer tão bem quanto a si mesmo, e não pode, portanto, deixar

que eles regressem àquele silêncio... Mas o que poderá ele alguma vez fazer acerca disso? Como poderá ele alguma vez mantê-los? A impotência, rotação especular da mágoa, actua terrivelmente sobre ele como fugidio bater do coração, e já quase sem oportunidades que lhe restem para a boa raiva, ou para se virar...

Onde estava mais escuro e cheirava pior, o Pökler encontrou uma mulher deitada, uma mulher ao acaso. Ficou sentado durante meia hora segurando-lhe a esquálida mão. Ela respirava. Antes de se ir embora, tirou a sua aliança de casamento em ouro e enfiou-a no fino dedo da mulher, fechando-lhe a mão para impedir que de lá caísse. Se ela vivesse, a aliança valeria algumas refeições, ou um cobertor, ou uma noite ao abrigo, ou uma boleia para casa...



De novo em Berlim, com uma terrível trovoada soprando sobre a cidade. Margherita trouxe Slothrop para uma raquítica casa de madeira perto do Spree, no sector Russo. Um tanque Königstiger queimado guarda a entrada, a sua pintura chamuscada, lagartas mutiladas e soltas das engrenagens, o seu monstruoso 88 defunto e em ângulo baixo de modo a apontar para o rio cinzento, sibilante e espiculado com a chuva.

Lá dentro há morcegos aninhados nas vigas, restos de camas com um odor bolorento, vidros partidos e merda de morcego sobre o soalho de madeira exposto, janelas entaipadas até ao cimo excepto onde servem de ventilação ao fogão porque a chaminé caiu. Sobre uma cadeira de balouço está um casaco de pele de toupeira, uma nuvem acastanhada. Tinta de um artista de há muito ainda continua visível sobre o chão em enrugadas manchas de envelhecidos tons de magenta, açafrão, azul de aço, deformações inversas de pinturas cujo paradeiro se desconhece. A um canto pende um espelho envernizado, pássaros e flores pintados a branco ao redor da sua moldura, reflectindo Margherita e Slothrop e a chuva do lado de fora da porta aberta. Parte do tecto, rebentado quando o Tigre Real faleceu, está agora coberta com ensopados e manchados cartazes de cartão, todos da mesma figura escondida pelo chapéu de aba larga, com a sua legenda DER FEIND HÖRT ZU. Pinga água através de meia dúzia de sitios.

Greta acende um candeeiro de querosene. Este aquece a luz da chuva com uma mão cheia de amarelo. Slothrop constrói um lume no fogão enquanto Margherita se agacha debaixo da casa, onde afinal há um grande depósito de batatas. Chiça, o Slothrop não vê uma batata há meses. Também há cebolas numa saca, e até vinho. Ela cozinha, e sentam-se ali os dois a debicar essas batatas. Mais tarde, sem parafernália nem conversa, fodem-se um ao outro até adormecerem. Mas algumas horas depois, Slothrop acorda e fica ali deitado a pensar para onde vai.

Bom, vai à procura daquele Säure Bummer, logo que esta chuva o permita, para entregar ao homem o haxixe dele. Mas e depois? Slothrop e o S-Gerät e o mistério Jamf/Imipolex têm vindo a tornar-se estranhos. Realmente já há algum tempo que não pensa neles. Hmm, quando é que *foi* isso? No dia em que ele se sentou com o Säure no café, a fumar aquele charro... oh, isso foi anteontem, não foi? A chuva pinga, entranhando-se no chão, e Slothrop percebe que está a perder o tino. Se há algo de consolador — de religioso, se quisermos — na paranóia, também há a antiparanóia, onde nada se liga a nada, uma condição que poucos de nós conseguem suportar por muito tempo. Bom, neste momento, o Slothrop sente-se a deslizar para a parte antiparanóica do seu ciclo, sente toda a cidade ao seu redor tornar a ficar destelhada, vulnerável, descentrada como ele está, e agora só restam imagens de papelão do Inimigo à Escuta entre ele e o céu molhado.

Ou Eles o puseram aqui por algum motivo, ou ele está apenas aqui. Não sabe ao certo se não preferiria, efectivamente, antes ter esse *motivo*...

A chuva abranda à meia-noite. Ele deixa Margherita para se aventurar furtivamente pela cidade fria com os seus cinco quilos, tendo guardado para si mesmo aquele que o Tchitcherine espoliara. Tropas Russas estão a cantar nos seus aboletamentos. A dor salgada da música de acordeão vai chorando nas traseiras destes. Materializam-se bêbedos, alegres e mijando nas estrias centrais das vielas empedradas. A lama ocupa algumas ruas como carne. Crateras de projéctéis cheias de água da chuva até às bordas, reluzindo sob as luzes da equipa de trabalho do turno da noite que anda a limpar destroços.

Cadeira Biedermeier despedaçada, bota desemparelhada, armação de óculos em aço, coleira de cão (olhos nas beiras do sinuoso caminho em busca de sinal, de clarão), rolha de vinho, vassoura em estilhas, bicicleta sem uma roda, exemplares descartados do *Tägliche Rundschau*, maçaneta de porta em calcedónia tingida de azul há muito com ferrocianeto ferroso, teclas de piano espalhadas (todas brancas, uma oitava em Si para ser exacto — ou em H, na nomenclatura alemã — as notas do rejeitado modo Locriano), o olho negro e ambarino de algum animal empalhado... A noite espargida. Cães, assustados e tremulos, correm por detrás de paredes cujos cimos são tão irregulares como gráficos de febre. Durante um minuto, uma fuga de gás torce-se algures para os cheiros de morte e de pós-chuva. Fileiras de enegrecidos caixilhos de janelas erguem-se pelas empenas de edifícios de apartamentos esventrados. Pedaços de betão pendem de hastes de reforço em ferro que se curvam como esparguete negro, enormes meadas meneando-se ameaçadoramente acima da cabeça com o mais pequeno encosto que nelas se dê ao passar... O Custódio da Noite de liso rosto paira atrás de olhos e sorriso neutros, espiralado e pálido por cima da cidade, trauteando as suas roucas canções de embalar. Homens novos passaram a Inflação assim, sozinhos na rua, sem sítio onde irem para saírem dos invernos negros. Raparigas ficavam acordadas até tarde em varandins ou sentadas nos bancos de jardim à luz dos candeeiros junto aos rios, à espera de negócio, mas os homens novos tinham de continuar a andar, ignorados, arqueando os ombros enchumaçados, o dinheiro sem relação nenhuma com algo que se pudesse comprar, inchando, cancro de papel nas carteiras deles...

O Chicago Bar está a ser guardado do lado de fora por dois descendentes deles, uns miúdos com fatos à George Raft, muitos tamanhos acima, demasiados para que eles alguma vez cresçam até os ocuparem. Um está sempre a tossir, em descontrolados espasmos moribundos. O outro lambe os lábios e fita Slothrop. Pistoleiros. Quando ele menciona o nome do Säure Bummer, juntam-se os dois à frente da porta, abanando as cabeças. «Ouçam, eu tenho de lhe entregar uma encomenda.»

«Não sei quem é.»

«Posso deixar recado?»

«Ele não está cá.» O tossidor faz uma investida. Slothrop desvia-se para o lado, faz-lhe uma rápida verónica com a sua capa, estende o pé e passa uma rasteira ao miúdo, que fica deitado no chão a rogar pragas, todo emaranhado no seu longo chaveiro, enquanto o parceiro dele se põe a rebuscar entre as esvoaçantes abas da sua jaqueta à cata daquilo que o Slothrop conjectura ser uma arma de mão, pelo que, a esse, o Slothrop dá-lhe um pontapé nos tomates, e berrando «Fickt nicht mit dem Raketemensch!» para que eles se lembrem, uma espécie de hiyo Silver daqui, foge para as sombras, entre as pilhas de madeiros, pedras e terra.

Segue um carreiro que ele pensa ser aquele por onde o Säure o levou na outra noite — está sempre a perdê-lo, deambulando por labirintos sem janelas, emaranhados de arame farpado postos de férias pelas tempestades mortais de Maio passado, seguidamente por um metralhado e esburacado parque de camionagem cuja saída ele não consegue achar durante meia hora, uma ondulada extensão de borracha, massa lubrificante, aço e gasolina derramada, peças de veículos apontando para o céu ou para a terra tal e qual como num ferro-velho Americano em tempo de paz, fundidas nuns estranhos, acastanhados rostos de *Saturday Evening Post*, só que não são tão afáveis mas completamente sinistros... sim é mesmo o *Saturday Evening Post*, de facto: são as caras dos mensageiros de tricórnio que vêm do lado de lá dos longos chuços, lá em baixo para além dos elmos, lendas do Berkshire, viajantes perdidos na orla do Anoitecer. Vêm com uma mensagem. Perdem as rugas, porém, se continuarmos a olhar. Ali-sam-se numas máscaras intemporais que dizem o seu inteiro significado, todo ele trazido ali à superfície.

Demora uma hora a encontrar a cave do Säure. Mas está escura, e está vazia. Slothrop entra nela, acende a luz. Parece ter havido uma rusga ou uma guerra de quadrilhas: prelo de impressão desaparecido, roupas espalhadas por todo o lado, e já agora umas roupas muito estranhas, há, por exemplo, um fato de vime, um fato de vime amarelo a bem dizer, articulado ao longo dos sovacos, cotovelos, joelhos e virilhas... oh, hmm, bom, o Slothrop efectua aqui a sua própria busca rápida, procurando no interior de sapatos, não realmente sapatos, alguns deles, mas luvas-de-pé com *dedeiras* individuais, não, porém, cosidas mas *moldadas* a partir de alguma desagradável e variegada resina

como aquela de que são feitas as bolas de bowling... atrás dos pedaços de papel de parede que estão a descascar-se, por cima do estore enrolado, entre os sombreados de um ou dois Reichsmarks falsos que os assaltantes deixaram cair — quinze minutos disso, sem encontrar nada... e o objecto branco em cima da mesa a olhar para ele desde as suas expectantes sombras o tempo todo. Sente o olhar daquilo antes de finalmente o detectar: uma peça de xadrez com uns cinco centímetros de altura. Um cavaleiro branco, feito a partir de plástico — e-e espera só até que o Slothrop descubra que *tipo* de plástico é, pá!

É uma caveira de cavalo: as órbitas oculares estão profundamente encovadas na base. No interior de uma delas está uma mortalha de cigarro finamente enrolada com uma mensagem do Säure. «Rakete-mensch! Der Springer pediu-me que te desse isto, o símbolo dele. Guarda-o — com isto ele há-de reconhecer-te. Estou na Jacobistrasse 12, 3^{er} Hof, número 7. Tal como D'Antes, Mim. Eu?» Ora o «Tal como D'Antes» era a velha assinatura do John Dillinger. Toda a gente na Zona anda a usá-lo neste Verão. Isso indica às pessoas o que sentimos acerca de certas coisas...

Säure incluiu um mapa mostrando como se chegar até onde ele está. É muito lá para trás no sector Britânico. Resmungando, o Slothrop torna a abrir caminho lá por fora entre a lama e o início da manhã. Nas imediações da Porta de Brandemburgo, começa a cair de novo um ligeiro chuvisco. Ainda há pedaços da Porta espalhados pela rua — inclinados para o céu chuvoso e picados pelos projécteis, o silêncio deles é colossal, desvairado enquanto ele por ali passa contornando-os, a Quadriga reluzindo como carvão, impetuosa e imóvel, está-se no século xxx e o ferrabrés Homem-Foguete acabou de aterrar aqui para visitar as ruínas, os vestígios de uma antiga ordem Europeia no alto deserto...

A Jacobistrasse e a maior parte do bairro dela, uns casebres, sobreviveram intactos aos combates de rua, tal como a sua escuridão interior, uma alvenaria de sombras que persistirão quer o sol esteja em cima ou em baixo. O número 12 é um quarteirão inteiro de prédios que datam de antes da Inflação, cinco ou seis andares e uma mansarda, cinco ou seis Hinterhöfe aninhados uns dentro dos outros

— caixas de presentes oferecidos por um brincalhão, nada no centro a não ser um último pátio oco que cheira à mesma comida, lixo e mi-jó desde há décadas. Ha, ha!

Slothrop encaminha-se para a primeira arcada. A luz da rua lança para diante o seu manto de sombra numa sucessão de arcos desses, cada um deles rotulado com um nome em tinta esbatida, Erster-Hof, Zweiter-Hof, Dritter-Hof u.s.w., com forma semelhante à da entrada para o Mittelwerke, parabólica, mas mais como uma boca e goela aberta, juntas de cartilagem recolhidas à espera, à espera de engolirem... por cima da boca, dois olhos quadrados, brancos de organdi, íris negras como pez, fitando-o desde o alto... aquilo ri-se como se tem rido desde há anos sem parar, uma risada chorosa e percussiva, como porcelana pesada rebolando ou chocando dentro de água no lava-louças. Um risinho desmiolado, sou só eu e esta minha geometria antiga, não vale a pena ficarem nervosos por isso, entrem lá... Mas a dor, os vinte, vinte e cinco anos de dor paralisada lá ao fundo daquela comprida garganta... velha pária, passiva, agora viciada na sobrevivência, à espera que os anos decorram, à espera que simplórios tão vulneráveis como aqui o Slothrop venham expor-se a ela, rindo e chorando e tudo isso em silêncio... está a soltar-se tinta da Cara, queimada, adoentada, morrendo desde há muito e como pode o Slothrop simplesmente caminhar para o interior de uma garganta tão esquizóide? Ora, porque é isso que o tutelar e potente Estúdio pretende dele, *natürlich*: o Slothrop é esta noite a personagem juvenil: o que o manteve em movimento durante a noite inteira, a ele e aos outros, os solitários Berlinenses que só saem à rua nestas horas evacuadas, pertencendo e indo para sítio nenhum, é a inexplicada necessidade de Eles manterem alguma população marginal nestes locais desfalecidos e preteridos, certamente por razões económicas, muito embora, quem sabe, talvez por razões emocionais também...

Säure também anda em movimento, embora por dentro, perambulando os seus sonhos. Parece uma grande sala, escura, cheia de fumo de tabaco e de kif, arestas de gesso desfeitas nos sítios em que as paredes foram derrubadas, enxergas de palha pelo chão, numa delas um casal partilhando um cigarro tardio, sereno, alguém ressonando

numa outra... luzidio grande piano de concerto Bösendorfer Imperial, sobre o qual Trudi, vestindo apenas uma camisa militar, se encosta, uma musa desesperada, pernas nuas compridas e esticadas, «*Por favor volta para a cama Gustav, daqui a pouco há luz.*» A única resposta é um impertinente acorde nas cordas mais graves. Säure está ao lado dele, assaz imóvel, uma criança mirrada, rosto desde há muito trabalhado por saltos de janelas de segundo andar, «primeiras esfregas» sob punhos enluvados e mulherengos de sargentos nas esquadras de polícia, luz dourada nas tardes passadas no hipódromo de Karlshorst, luz negra dos pavimentos das avenidas à noite finamente enrugada como couro estendido sobre as pedras, luz branca de vestidos de cetim, de copos empilhados e reluzentes diante de espelhos de bar, Us em tipo Helvetica nas entradas das estações do metropolitano apontados em suave magnetismo ao céu para que este traga cá a baixo anjos de exaltação, de lânguida rendição — um rosto que no sonho é formidavelmente velho, abandonado à história da sua cidade...

Os olhos dele abrem-se — por um instante, o Slothrop é somente umbrosas pregas verdes, capacete em destaque, valores de luz que têm ainda de ser assimilados. Vem depois o doce sorriso cabeceante, está tudo O.K., ja, olá Homem-Foguete, was ist los? Embora o velho drogado irregenerado não tenha amabilidade suficiente para se impedir de abrir logo o saco de marinheiro e lhe espreitar o interior, olhos como dois buracos de mijo num banco de neve, para ver o que ele tem.

«Pensei que estavas no xilindró ou coisa assim.»

Lá se saca de um pequeno cachimbo Marroquino e Säure começa a amassar uma gorda migalha daquele haxixe, trauteando a popular rumba

Uma coisinha de Marrocos
Tem de se tornar em flo-cos,

«Oh. Bom, o Springer denunciou a nossa operação de contrafachão. Uma espécie de comichãozita temporária, comprehendes.»

«Não. Julgava que vocês eram grandes amigos.»

«Nem por isso. E ele move-se em órbitas mais altas.» É uma coisa muito complicada que tem que ver com o facto de as notas Americanas com selo amarelo serem descontinuadas no teatro Mediterrânico, com a relutância das forças Aliadas daqui em aceitarem Reichsmarks. Springer também tem um problema de saldo-de-pagamentos, e tem andado a especular fortemente com as Esterlinas, e...

«Mas», diz o Slothrop, «mas, aah, onde é que está o meu milhão de marcos, então, Emil?»

Säure chupa a chama amarela acesa na beira da taça. «Foi para onde a videira-virgem serpeia.» Exactamente aquilo que o Jubille Jim Fisk dissera à comissão do Congresso que andava a investigar o esquema dele e do Jay Gould para monopolizar o ouro em 1869. Aquelas palavras são uma recordação do Berkshire. Sem nada mais que isso para prosseguir, ocorre ao Slothrop que o Säure não poderá de todo estar do lado dos Maus. Sejam Eles quem forem, o jogo d'Elles tem sido extinguir, e não recordar.

«Bom, eu posso vender à onça aquilo que tenho», considera o Slothrop. «Por notas da ocupação. Isso é estável, não é?»

«Tu não estás zangado. Realmente não estás.»

«O Homem-Foguete está acima de toda essa merda, Emil.»

«Tenho uma surpresa para ti. Posso arranjar-te o Schwarzgerät que tu querias.»

«Tu?»

«O Springer. Pedi-lhe isso por ti.»

«Deixa-te de brincadeiras. A sério? Chiça, isso é mesmo porreiro da tua parte! Como poderei eu —»

«Dez mil libras esterlinas.»

Slothrop solta todo o fumo que tem nos pulmões. «Obrigado, Emil...» Conta ao Säure o encontro com o Tchitcherine, e também como avistou aquele Mickey Rooney.

«Homem-Foguete! Homem do Espaço! Bem vindo ao nosso planeta virgem. Só queremos que nos deixem ter alguma paz por aqui, O.K.? Se nos matarem, não nos comam. Se nos comerem, não digiram. Deixem-nos sair de novo pela outra ponta, como diamantes entre merda de contrabandistas...»

«Olha» — lembrando-se agora do conselho que aquela Geli lhe dera há muito tempo em Nordhausen — «o teu amigo Springer disse-te que andaria nestes dias por Swinemünde, ou outro sítio assim?»

«Só me disse o preço do teu instrumento, Rak. Metade do dinheiro em avanço. Ele disse que localizá-lo lhe iria custar pelo menos isso.»

«Portanto, não sabe onde aquilo está. Merda, ele pode andar só a manter-nos a todos em suspenso, a entreter-nos, à espera de que alguém seja suficientemente parvo para lhe adiantar algum dinheiro.»

«Normalmente ele cumpre. Não tiveste nenhum problema, pois não, com aquele passe que ele forjou?»

«Yaaahhh —.» Oh. Oh, ena, aha, sim tenho andado para te perguntar por este pequeno assunto do Max Schleipzig aqui — «Pois então.» Mas entretanto a Trudi deixou o Gustav no piano e vem agora sentar-se e esfregar as bochechas contra a penugem das calças do Slothrop, mimosas pernas nuas murmurando conjuntamente, cabelo a derramar-se, camisa meio desabotoada, e a dado ponto o Säure rebolou para o outro lado e adormeceu a resmungar. Trudi e Slothrop retiram-se para um colchão muito afastado do Bösendorfer. Slothrop recosta-se nele suspirando, tira o capacete e deixa que a grande, doce e saftig Trudi faça dele o que quiser. Doem-lhe as articulações devido à chuva e às deambulações pela cidade, está meio atordoado, a Trudi está a beijá-lo e a dar-lhe um espantoso conforto, esta casa aqui está aberta, não há sentidos nem órgãos preferidos, todos eles estão igualmente em jogo... porque, possivelmente pela primeira vez na sua vida, o Slothrop não se sente obrigado a ter tesão, o que não faz mal, pois isso parece estar a acontecer-lhe menos com o pénis e mais com o... oh tende dó, isto é embaraçante mas... bom, o nariz dele parece efectivamente estar a ficar erecto, o muco começa a fluir-lhe sim temos aqui um tesão nasal e a Trudi certamente reparou nisso pois claro, como poderia ela deixar de fazê-lo... enquanto ela passa os seus lábios pelo escorrente ranho e enfia uma jarda de tórrida língua por uma das narinas dele acima... ele consegue sentir-lhe cada rósea papila enquanto ela penetra cada vez mais fundo, afastando agora as paredes vestibulares e os pêlos do nariz para acomodar a sua cabeça, seguidamente os ombros e... bom, ela está meio enfiada

lá dentro, já agora poderia — puxando para cima os seus joelhos, gatinhando e agarrando-se aos pêlos com mãos e pés, ela consegue postar-se finalmente dentro do grande salão vermelho que está assaz agradavelmente iluminado, sem paredes ou tecto que ela consiga verdadeiramente distinguir para além de um atenuamento do cor-de-rosa nuns tons de casca de molusco e de Primavera em todas as direcções...

Tombam adormecidos na sala pejada de roncos, com acordes a saírem baixinho do piano, e o tropel dos milhões de pernas da chuva lá fora nos pátios. Quando Slothrop acorda é no auge da Hora Maligna, Trudi está num outro quarto qualquer a chocalhar canecas de café com o Gustav, um gato malhado persegue moscas junto à janela suja. Lá ao fundo, junto ao Spree, a Mulher Branca está à espera do Slothrop. Ele não está especialmente disposto a partir. Trudi e Gustav entram com café e meio charro, e todos ficam por ali sentados a tagarelar.

Gustav é compositor. Há meses que ele mantém um acalorado debate com o Säure sobre quem é melhor, Beethoven ou Rossini. Säure é por Rossini. «Eu não sou tanto por Beethoven qua Beethoven», argumenta Gustav, «mas porquanto ele representa a dialéctica Alemã, a incorporação de mais e mais notas na escala, culminando na democracia dodecafónica, onde todas as notas são ouvidas em pé de igualdade. Beethoven foi um dos arquitectos da liberdade musical — submeteu-se às exigências da história, apesar da sua surdez. Enquanto Rossini já se reformara aos 36 anos de idade, entregando-se às mulheres e engordando, Beethoven foi vivendo uma vida recheada de tragédia e de grandeza.»

«E então?» é a costumeira resposta do Säure a essa. «O que preferias tu fazer? A questão é que», interrompendo o grito habitualmente indignado do Gustav, «uma pessoa sente-se *bem* a ouvir Rossini. Tudo o que apetece fazer quando se ouve Beethoven é sair para a rua e invadir a Polónia. Ode à Alegria deveras. O homem nem sequer tinha sentido de humor. Digo-te uma coisa», sacudindo o seu velho punho magrinho, «há mais do Sublime na parte do rufo de caixa em *La Gazza Ladra* do que em toda a Nona Sinfonia. Com Rossini, o que interessa é que os amantes acabam sempre por juntar-se,

o isolamento é superado, e quer se goste ou não, esse é o único grande movimento centrípeto do Mundo. Apesar das maquinações da cobiça, da mesquinhez e do abuso de poder, *o amor ocorre*. Toda a merda é transmutada em ouro. Os muros são rompidos, as varandas são escaladas — ouve!» Era uma noite do princípio de Maio, e estava em curso o bombardeamento final de Berlim. Säure teve de gritar o mais que podia. «A rapariga Italiana está em Argel, o Barbeiro junto à bacia, a pega anda a roubar tudo o que vê! O Mundo avança conjuntamente...»

Nesta manhã chuvosa, no sossego, parece que a Dialéctica Alemã do Gustav chegou ao seu termo. Ele acabou de receber a notícia, vinda desde Viena através de um qualquer circuito de músicos, de que Anton Webern morreu. «Abatido a tiro em Maio, pelos Americanos. Sem sentido, accidental caso se acredite em acidentes — um qualquer cozinheiro da messe vindo da Carolina do Norte, um qualquer recruta tardio com um .45 que mal sabia usar, chegado tarde demais para a Segunda Guerra Mundial, mas não para o Webern. A desculpa para lhe assaltarem a casa foi que o irmão do Webern andava no mercado negro. Quem não anda? Você sabe que tipo de mito irá *isso* produzir daqui a mil anos? Os jovens bárbaros que vieram assassinar o Último Europeu, postado no distante extremo daquilo que vinha decorrendo desde Bach, uma expansão da polimorfa perversidade da música até todas as notas serem verdadeiramente iguais por fim... Onde restava ir após o Webern? Foi o momento da máxima liberdade. Tudo isso tinha de vir abaixo. Mais um Götterdämmerung —»

«Jovem tolo», o Säure chega agora em algazarra vindo lá de fora de Berlim, arrastando uma fronha de almofada cheia de floridas corolas vindas do tal Norte de África. Ele está um destroço — olhos vermelhos e encovados, braços com gordura de bebé completamente desprovidos de pêlos, bragUILHA aberta e metade dos botões desta desaparecidos, cabelo branco e camisa azul ambos manchados de uma qualquer horrível espuma verde. «Cai numa cratera de bomba. Venham cá, depressa, enrolem um bocado disto.»

«Que queres tu dizer com isso do “jovem tolo”», inquire Gustav.

«Refiro-me a ti e às tuas correntes musicais», brada o Säure. «Terá finalmente acabado? Ou precisaremos de começar da capo com o Carl Orff?»

«Nunca pensei nisso», diz o Gustav, e, por um momento, torna-se evidente que o Säure também já ouviu falar do Webern, e está a tentar animar Gustav ao seu modo clandestino.

«Qual é o problema do *Rossini*?» berra o Säure, enquanto acende. «*Eh?*»

«Ugh», grita Gustav, «ugh, ugh, Rossini», e lá estão eles naquilo outra vez, «sua miserável antiguidade. Porque é que já ninguém vai a concertos? Julgas que é por causa da guerra? Oh não, eu digo-te porque é, velhote — porque os salões estão cheios de gente como tu! A *abarrotar!* Meio adormecidos, a abanarem a cabeça e a sorrirem, peidando-se por entre as dentaduras, escarrando e cuspindo para sacos de papel, congeminando ardis cada vez mais engenhosos contra os seus filhos — não somente os deles próprios, mas os filhos *das outras pessoas* também! por ali sentados, no concerto, com todos aqueles outros velhos patifes de cabeça branca como a neve, em fundo somente um belo murmúrio de arquejos, arrotos, regurgitações intestinais, comichões, chupadelas, coaxos, uma ópera inteira apinhada deles até às galerias lá de cima, eles andam a tremer pelas coxias, pendurados no alto dos camarotes mais elevados, e sabes tu o que estão *todos eles a ouvir*, Säure? eh? Estão a ouvir Rossini! Ali sentados a babarem-se ao som de alguma rapsódia de melodiazinhas previsíveis, a inclinarem-se para diante com os cotovelos apoiados em cima dos joelhos e a murmurarem, «Vamos lá, vamos lá então ó Rossini, livremo-nos de toda esta fanfarra pretensiosa, passemos às *melodias mesmo boas!*» Um comportamento tão desavergonhado quanto comer-se um boião inteiro de manteiga de amendoim de uma vez só. Lá vem a animada tarantella *Tancredi*, e eles põem-se a bater os pés delicados, fazem saltar as dentaduras e batem com as bengalas — «Ah, ah! *assim mesmo* é que él!»

«É uma *grande* melodia», responde-lhe o Säure gritando. «Fuma mais um destes que eu toco-a para ti aqui no Bösendorfer.»

Para acompanhamento dessa tarantella, que é realmente uma boa melodia, a Magda entrou vinda da chuva matinal, e está agora a enrolar charros para todos. Passa um ao Säure, para que o acenda. Ele pára de

tocar e mira-o durante muito tempo. Cabeceando com ar aprovador de vez em quando, sorrindo ou franzindo a testa.

Gustav tende a escarnecer, mas o Säure realmente revela-se um adepto da difícil arte da papiromancia, a capacidade de profetizar por meio da contemplação do modo como as pessoas enrolam charros — a forma, o padrão da lambidela, as pregas e dobras ou ausência destas no papel. «Não tardarás a apaixonar-te», diz o Säure, «estás a ver, esta linha aqui.»

«É comprida, não é? Isso quer dizer que —»

«Extensão é normalmente intensidade. E não tempo.»

«Curto mas doce», suspira a Magda. «Fabelhaft, was?» Trudi aproxima-se para a abraçar. Fazem o número do Mutt e do Jeff, a Trudi com saltos é uns trinta centímetros mais alta. Elas sabem o aspecto que aquilo dá, e viajam juntas pela cidade sempre que podem, a fim de intervirem, nem que seja por um minuto, nos espíritos das pessoas.

«Que achas tu desta merda?» diz o Säure.

«*Hübsch*», concede o Gustav. «Um nadinha *stabilig*, e porventura a infinitesimal sugestão de um *Bodengeschmack* por detrás do seu *Körper*, que é reconhecidamente *süffig*.»

«Eu preferia ter dito *spritzig*», discorda o Säure, caso se trate de veras disso. «Em geral, mais *bukettreich* do que as colheitas do ano passado, não dirias?»

«Oh, para uma erva do Alto Atlas tem, sem dúvida, a sua *Arte*. Certamente poderá ser descrita como *kernig*, até — como tantas vezes se pode dizer daquela qualidade *sauber* prevalecente na região do Oued Nfis — autenticamente *pikant*.»

«Na verdade, tendo a suspeitar de uma origem algures ao longo da encosta sul do Jebel Sarho», diz o Säure — «nota o *Spiel*, algo *glatt* e *blumig*, até a sugestão de uma *Fülle* na sua *würzig* audácia —»

«Não não não, *Fülle* é um exagero, a El Abid Esmeralda que tivemos no mês passado tinha *Fülle*. Mas esta é obviamente mais *zart* do que isso.»

A verdade é que estão os dois tão atordoados que nenhum deles sabe do que está a falar, e ainda bem, pois nesta altura há umas horríveis pancadas na porta e imensos *achtungs* do outro lado. Slothrop grita e dirige-se para a janela, sai para o telhado e sobe, descendo por

um cano galvanizado até ao próximo pátio que tem saída para a rua. Pelo quarto do Säure dentro irrompe a bófia. A polícia de Berlim apoiada por PMs Americanos com estatuto de conselheiros.

«Você há-de mostrar-me os seus papéis!» berra o líder da rusga.

Säure sorri e pega num pacote de Zig-Zags, acabadas de chegar de Paris.

Vinte minutos depois, algures no sector Americano, Slothrop está a passar por um cabaré onde cabeças de giz com rostos inexpressivos descansam à porta e lá dentro, e um rádio ou fonógrafo toca algures uma rapsódia do Irving Berlin. Slothrop arqueia os ombros paranoicamente pela rua abaixo, cá está o «God Bless America», e-e o «This Is the Army, Mister Jones», e no país dele aquilo são as versões da Canção de Horst Wessel, embora seja o Gustav lá atrás na Jacobistrasse quem vocifera (dele ninguém fará um Anton Webern) para um pestanejante tenente-coronel Americano, «Uma parábola! Uma armadilha! Vocês por lá nunca foram imunes ao simplório arco sinfónico Alemão, da tónica à dominante, e novamente para a tónica. Grandeza! Gesellschaft!»

«Teutónica?» diz o coronel. «Dominante? A guerra já acabou, amigo. Que conversa é essa?»

Vinda dos ensopados campos do Mark, chega uma fria ventania com chuvisco. Cavalaria russa está a atravessar a Kurfürstendamm, conduzindo para o matadouro uma manada de vacas mugentes e enlameadas, pestanas orladas com a fina chuva. No sector Soviético, raparigas com espingardas cruzadas sobre os saltitantes peitos cobertos de lá estão a orientar o trânsito com garridas flâmulas cor-de-laranja. Escavadoras roncam, camiões esforçam-se por deitar abaixo paredes vacilantes, e a miudagem aplaude cada húmido desmoronamento. Serviços de chá em prata tilintam em terraços frondosos onde a água pinga, criados em esguias casacas pretas rodam e inclinam as suas cabeças. Passa uma vitória aberta largando salpicos, dois oficiais Russos cobertos de medalhas lá sentados com as respetivas senhoras em vestidos de seda e grandes chapéus de abas pendentes arrastando fitas no vento. No rio, patos com cabeças verdes reluzindo vogam entre as ondas causadas pela passagem de um outro. Fumo de lenha brota do amolgado tubo da casa de Margherite. Da porta para dentro,

a primeira coisa que o Slothrop vê é um sapato de salto alto vir a voar direito à sua cabeça. Esgueira-se do caminho dele a tempo. Margherita está ajoelhada na cama, a respirar muito depressa, fitando-o. «Tu deixaste-me.»

«Tive de ir fazer uns serviços.» Ele vasculha as latas tapadas numa prateleira por cima do fogão, encontra folhas secas de trevo para fazer chá.

«Mas deixaste-me sozinha.» O cabelo dela difunde-se numa nuvem cinzenta-negra em redor do seu rosto. Está tomada por ventos interiores que ele nunca sentiu.

«Foi só por um bocadinho. Queres chá?» Indo lá fora com uma lata vazia.

«O que é um bocadinho? Por amor de Deus, tu não estiveste sozinho?»

«Claro.» Tirando água de um barril de chuva do lado de fora da porta. Ela deita-se, a tremer, o seu rosto contraindo-se, indefeso.

Slothrop põe a lata ao lume para que ferva. «Tu estavas a dormir tão bem. Isto aqui não é seguro? É isso que queres dizer?»

«Seguro.» Uma terrível risada. Quem lhe dera que ela não fizesse aquilo. A água começou a chiar. «Tu sabes o que eles me estavam a fazer? O que me andavam a pôr em cima do peito? Os *nomes que me andavam a chamar?*»

«Quem, Greta?»

«Quando te foste embora eu acordei. Chamei por ti, mas não voltaste. Quando eles tiveram a certeza de que te tinhas ido embora, entraram...»

«Porque não tentaste ficar acordada?»

«*Eu estava acordada!*» A luz do sol, acesa, irrompe por ali. Perante aquela áspera iluminação, ela desvia o seu rosto.

Enquanto ele faz chá, ela senta-se na cama, rogando-lhe pragas em Alemão e Italiano, numa voz sempre à beira de se destroçar. Ele estende-lhe uma chávena. Ela atira-lha da mão abixo.

«Olha, vê se tens calma, está bem?» Ele senta-se ao lado dela e sopra o seu chá. A chávena que ela recusou continuou de borco onde está. A mancha escura infiltra-se nas tábuas do sobrado. Trevo distante ergue-se, dispersa-se: um fantasma... Ao fim de algum tempo ela pega-lhe na mão.

«Desculpa ter-te deixado sozinha.»

Ela começa a chorar.

E chora o dia inteiro. Slothrop adormece, está sempre a acordar com os soluços dela, e a senti-la, sempre em contacto, alguma parte dela, alguma parte dele... Num sonho desta época, o pai dele veio procurá-lo. Slothrop tem andado a deambular ao anoitecer junto do Mungahannock, perto de uma velha fábrica de papel em ruínas, abandonada nos anos noventa. Uma garça-real ergue-se em silhueta contra um alaranjado luminoso e moribundo. «Filho», uma cadente torre de palavras a desmoronar-se e sobre elas próprias, «o presidente morreu há três meses.» Slothrop põe-se em pé e lança-lhe improários. «Porque não me disseste? Ó Pai, eu adorava-o. Tu só querias vender-me à IG. Tu vendeste-me.» Os olhos do velho enchem-se de lágrimas. «Oh, filho...» tentando pegar-lhe na mão. Mas o céu está escuro, a garça-real foi-se, o esqueleto vazio da fábrica e o aumento da escuridão no rio estão a dizer *é tempo de partir...* depois também o pai dele partiu, sem tempo para dizer adeus, embora fique o rosto dele, do Broderick que o vendeu, muito após ter despertado, bem como a tristeza que o Slothrop trouxe para aquilo, parvo miúdo desbocado. Margherita está debruçada sobre ele, limpando-lhe as lágrimas do rosto com as pontas das suas unhas. As unhas são muito afiadas, e param com frequência ao aproximarem-se dos olhos dele.

«Tenho medo», segreda ela. «De tudo. Da minha cara no espelho — quando eu era criança, diziam-me para não olhar muitas vezes para o espelho porque podia ver o Diabo por detrás do vidro... e...» espreitando o espelho orlado de flores brancas atrás deles, «temos de tapá-lo, por favor, será que podemos tapá-lo... era ali que eles... *especialmente de noite* —»

«Isso é fácil.» Ele move-se de maneira a colocar tanto dos corpos deles em contacto quanto lhe é possível. Ela agarra-o. O tremor é forte, e talvez não possa ser acalmado: ao fim de certo tempo, Slothrop começou a tremer também, em fase. «Por favor, tem lá calma.» Seja o que for que a possuiu precisa de contacto, de beber contacto insaciavelmente.

A profundidade disso assusta-o. Sente-se responsável pela segurança dela, e muitas vezes encurrulado. De início ficam juntos dias

a fio, até ele ter de sair para comerciar, ou forragear. Não dorme muito. Dá por si contando-lhe mentiras por reflexo — «Não faz mal», «Não tens nada com que te preocupar.» Por vezes consegue ficar sozinho junto ao rio, pescando com um pedaço de fio e um dos ganchos de cabelo dela. Conseguem um peixe por dia, dois em dias felizes. São peixes patetas, hoje em dia qualquer coisa que nade em águas Berlinenses tem de ser a última escolha para qualquer um. Quando Greta grita no seu sono por mais tempo do que ele consegue ouvir, tem de acordá-la. Tentarão falar, ou fornicular, embora ele tenha cada vez menos disposição, e isso deixa-a pior, porque sente que ele está a rejeitá-la, como efectivamente está. As flagelações confortam-na até certo ponto, e a ele dão-lhe descanso. Por vezes, ele está demasiado cansado até para isso. Ela está sempre a provocá-lo. Certa noite ele põe diante dela um peixe grelhado, uma insalubre pardelha amarela com danos cerebrais. Ela não consegue comer, vai ficar doente.

«Tens de comer.»

Ele move a cabeça para o lado, primeiro para um lado, depois para o outro.

«Ena pá, mas que história tão triste, ouve lá minha cabra, tu não és a única que alguma vez sofreu — tens andado aí *por fora* ultimamente?»

«Claro que sim. Estou sempre a esquecer-me de *como tu* deves ter sofrido.»

«*Merda* vocês os Alemães são tarados, *todos* vocês pensam que o mundo está contra vós.»

«Eu não sou Alemã», só para lembrar, «sou Lombarda.»

«Fica muito perto, querida.»

Com um silvo, narinas escancaradas, ela pega na mesinha e atira-a para longe, pratos, talheres, peixe a voar *ploff* contra a parede onde começa a escorregar em direcção ao sobrado, ainda, mesmo na morte, a obter sempre os piores destinos. Sentam-se nas suas duas cadeiras direitas, um metro e meio de espaço perigosamente vazio entre eles. É o quente, romântico Verão de '45 e, com ou sem rendição, a cultura da morte ainda prevalece: aquilo a que a Avó chamava «um crime passionnal» tornou-se, na ausência de grande paixão por alguma

coisa hoje em dia, a técnica preferida na resolução das disputas interpessoais.

«Limpa isso.»

Ela tira uma pálida unha de polegar roída de um dos seus dentes de cima e ri-se, aquela deliciosa risada da Erdmann. Slothrop, a abanar, está prestes a dizer-lhe, «Tu não sabes como estás perto —» Então, por acaso, acaba por obter um vislumbre da cara dela. Evidentemente que ela sabe como está perto. «O.K., O.K.» Espalha a roupa interior dela pelo quarto até encontrar o cinto de ligas preto de que anda à procura. As molas metálicas das presilhas causam uns escuros vergõezinhos encurvados sobre as desvanecidas marcas dos anteriores aleijões nas nádegas e coxas dela. Ele tem de fazer sangue antes que ela vá limpar o peixe. Depois de terminar, ela ajoelha-se e beija as botas dele. Não é exactamente o enredo que ela queria, mas está muito perto, querida.

A cada dia que passa mais perto está, e ele tem medo. Nunca viu nada assim. Quando ele sai para ir à cidade, ela pede para ser amarrada com as suas meias às colunas da cama, à maneira de uma estrela. Por vezes ela sai de casa, e fica fora durante dias, regressando ao lar com histórias de PMs negros lhe terem batido com os bastões, de a terem enrabado, de como ela gostou daquilo, esperando desenendar alguma reacção racial/sexual, qualquer coisa um pouco bizarra, um pouco diferente...

Seja o que for que ela tem, ele está a ficar contaminado. Lá por fora, entre as ruínas, ele vê agora escuridão nas bordas de todas as formas quebradas, *surgindo por detrás delas*. A luz aninha-se no cabelo de Margherita como pombas negras. Ele olhará as suas mãos de giz e, ao longo das fronteiras de cada dedo, haverá escuridão a escoar-se e a pular. No céu acima da Alexanderplatz, ele já viu a mandala KEZVH do Oberst Enzian, e o rosto de Tchitcherine em mais de um floco de neve fortuito. Sobre a fachada do Titaniapalast, em néon vermelho por entre a bruma numa certa noite, ele leu MORRE, SLOTHROP. Num domingo em que fora a Wannsee, uma armada de velas todas apontados do mesmo modo, paciente, sonhadoramente para o vento, passando eternamente em destaque sobre a outra margem,

uma multidão de criancinhas com chapéus de soldados dobrados a partir de velhos mapas militares conspirou para afogá-lo e sacrificá-lo. Somente escapou por haver murmurado *Haupstufé* três vezes.

A casa junto ao rio é um redil que funciona como suspensão primaveril para o dia e o clima, permitindo somente amena circulação da luz e do calor, até ao anoitecer, que pela manhã se erguem de novo até ao pico do meio-dia mas inteiramente amortecidos numa gentil oscilação desde o terramoto do dia que corre lá fora.

Quando Greta ouve tiros nas ruas cada vez mais distantes, ela pensará nos palcos cinematográficos do início da sua carreira e interpretará as explosões como deixas para que os titânicos cenários dos seus sonhos sejam suavemente obstruídos por mil figurantes: dóceis, arrebanhados por tiros de espingarda, subindo e descendo, dispostos em padrões que combinarião com as ideias que o Director tem do pitoresco — um rio de rostos, maquilhados com lábios amarelos e brancos devido às limitações da película da época, transpiradas migrações amarelas repetidas uma e outra vez, fugindo de nada, escapando para nenhures...

Agora é início da manhã. O hálico do Slothrop está branco no ar. Ele acabou de sair de um sonho. A Parte I de um poema, com xilogravuras a acompanharem o texto — uma mulher está a assistir a uma mostra canina que é também, de certa maneira, um serviço de garanhões. Ela trouxe a sua Pequinesa, uma fêmea com um nome doentiamente engracado, Mimsy ou Goo-Goo ou qualquer coisa parecida, até aqui para ser tratada. Está a passar o tempo num cenário de jardim, com algumas outras senhoras da classe média tal como ela, quando desde algum cercado ali perto lhe chega o som da sua cadelha, a vir-se. O som mantém-se por muito mais tempo do que parece apropriado e, de súbito, ela comprehende que o som é a sua própria voz, esse interminável grito de prazer canino. As outras, educadamente, estão a fingir não reparar. Ela sente vergonha, mas nada pode fazer, levada agora por uma necessidade de sair e ir à procura de outras espécies animais para foder. Chupa o pénis a um rafeiro multicolorido que tentou montá-la no meio da rua. Num campo baldio junto a

uma cerca de arame farpado, lumes invernais nas nuvens, um alto cavalo obriga-a a ajoelhar-se, passivamente, e beijar-lhe os cascos. Gatos e arminhos, hienas e coelhos, fodem-na dentro de automóveis, perdida à noite nas florestas, à beira de um poço de água no deserto.

Quando a Parte II começa, ela acabou de descobrir que está grávida. O seu marido, um estúpido, bonacheirão vendedor de portas de rede, faz um acordo com ela: o que ela lhe promete nunca é dito, mas, em troca, daí a nove meses, ele levá-la-á onde ela quer ir. É portanto assim que, no termo do período dela, ele está no meio de um rio, um rio Americano, num barco a remos, puxando-os, transportando-a numa jornada. A cor principal desta secção é o violeta.

A Parte III encontra-a no fundo do rio. Ela afogou-se. Mas todas as formas de vida lhe enchem o útero. «Usando-a como sereia» (frase 7), elas transportam-na por essas verdes profundidades ribeirinhas. «Foi lá abaixo, e tornou a sair./ O velho Squalidozzi, lavrador das profundezas,/ Ao fim da sementeira desse dia/ Avista a verde barreira dela entre as ervas» (frases 10-13), e trá-la de novo para cima. Ele é uma figura de Neptuno classicamente barbuda com um rosto sereno e idoso. Do corpo dela brota agora um fluxo de diferentes criaturas, polvos, renas, cangurus, «Quem poderá designar toda a vida/ Saída do útero dela nesse dia?» O Squalidozzi somente consegue captar um vislumbre desse espantoso derrame enquanto a transporta de novo para a superfície. Lá em cima, é um ameno e verde lago ou lagoa batido pelo sol, com erva nas margens, ensombradas por salgueiros. Insectos zunem e pairam por ali. A cor principal é agora o verde. «E ali enquanto irrompia para o sol/ O cadáver dela encontrou sono na água/ E nas profundezas estivais/ As criaturas seguiram caminho/ Cada uma até ao seu devido amor/ No auge da tarde/ Enquanto o pacífico rio seguia...»

Este sonho não quer deixá-lo. Ele morde o seu anzol, acocora-se junto à margem, atira a sua linha para o Spree. Pouco depois, acende um cigarro da tropa, e fica então imóvel durante muito tempo, enquanto o nevoeiro se move branco entre as casas ribeirinhas, e lá em

cima os aviões de guerra vão a zumbir para um invisível alhures, e os cães correm ladrando pelas vielas.



Quando vazio de pessoas, o interior é cinzento-aço. Quando apinhado, é verde, um confortável verde-ácido. A luz do sol entra por postigos na mais alta das anteparas (o *Rücksichtslos* marca aqui um ângulo permanente de 23.^o27'), e lavatórios de aço estão alinhados nas anteparas mais baixas. Ao fundo de cada sublatrina há messes de café com máquinas para espreitar cenas bizarras que funcionam por manivela. Encontram-se todas as mulheres mais velhas, menos fascinantes, com um ar menos Teutónico, nas máquinas dos recrutados. As mais bem providas e mais racialmente exemplares vão para as dos oficiais, *natürlich*. É uma amostra do tal fanatismo Nazi.

O *Rücksichtslos* propriamente dito emana de um outro tipo de fanatismo: o do especialista. Esta embarcação aqui é uma Retretenave, um triunfo da mania Alemã para subdividir. «Se a casa for orgânica», argumentavam os astutos advogados iniciais da Retretenave, «a família vive na casa, a família é orgânica, a casa é um sinal-exterior-e-visível, compreendem», não acreditando numa palavra daquilo por detrás dos seus óculos escuros e por baixo dos seus grisalhos cortes à escovinha, Maquiavélicos e juvenis, ainda não inteiramente amadurecidos para a paranóia, «se o sanitário faz parte da casa — *a casa é orgânica!* ha-hah», cantando, repreendendo, apontando o rústico engenheiro de rosto louro, cabelo apartado ao meio e esticado para trás, na verdade corado e a olhar para os joelhos entre as bem-dispostas dentaduras sorridentes dos seus colegas tecnólogos por ter estado prestes a esquecer-se desse ponto (O Albert Speer, em pessoa, num fato cinzento com uma mancha de giz na manga, lá ao fundo encostado à parede com as mãos na anca e parecendo-se notavelmente com aquele actor vaqueiro Americano, o Henry Fonda, já se esqueceu de que a casa é orgânica, e ninguém aponta para *ele*, as patentes têm os seus privilégios). «Sendo assim, a Retretenave está para a Kriegsmarine como o sanitário está para a casa. Porque a Marinha é orgânica, todos nós sabemos *isso*, ha-hah!» [Riso de General, ou talvez de Almirante.] O *Rücksichtslos* estava destinado a ser o porta-bandeira

de toda uma Geschwader de Retretenaves. Mas as quotas do aço foram claramente desviadas da Marinha para o programa do foguete A4. Sim, de facto isso parece invulgar, mas era o Degenkolb que estava então à cabeça do Comité de Foguetes, lembrai-vos, e tinha tanto o poder como a vontade de cortar a direito através de todos os ramos do serviço. Por isso, o *Rücksichtslos* é um exemplar único, ó colecionadores de velhos navios de guerra, e caso estejais no mercado, melhor será que vos apresseis, pois a GE já cá veio deitar-lhe uma olhadela. Uma sorte os Bolcheviques não o terem apanhado, huh, Charles? O Charles, entretanto, vai fazendo na sua prancheta aquilo que parecem ser estudosos apontamentos, mas na verdade são observações da cena em curso como *Eles estão todos a olhar para mim*, ou *O Tenente Rinsch anda a conspirar para me matar*, e evidentemente o sempre fiável *Ele também é um deles e numa destas noites hei-de apanhá-lo*, bom, agora o colega do Charles que aqui está, o Steve, esqueceu-se dos Russos, e interrompeu a sua inspecção a uma válvula de escoamento para olhar bem de perto o tal *Charles*, não se pode escolher a nossa equipa de investigação, não quando se acaba de sair da escola e aqui estou eu, no olho do cu de nenhures, não muito mais do que um moço de recados para isto — ele é o quê, maricas? Que sou *eu*? Que quer a GE que eu seja? Será isto alguma obscura forma de castigo em companhia, ou até, valha-me Deus, de *exílio* permanente? Eu sou um homem de carreira, eles podem manter-me por aqui durante 20 anos se quiserem, e nunca ninguém há-de saber, eles hão-de continuar a orçamentar tudo como despesas gerais. A Sheila! Como é que eu vou contar à Sheila? Estamos noivos. Aqui está a fotografia dela (cabelo ondulado como os alterosos mares e caindo ao estilo da Rita Hayworth, olhos que se a fotografia fosse a cores teriam pestanas amarelas com bordas cor-de-rosa, e uma boca que parece um pão de cachorro-quente num anúncio de estrada). Saí com ela até ao Buf-falo Bayou,

À procura de alguma diversão —
Um grande e velho mosquito do Bayou, oh
Deviam ver o que ele fez então!
Pôs a cabeça de fora, por baixo do vestido dela,

Fez um sorrisinho e, bom, apreciou a flanela.
Houve logo agitação no Buf-falo Bayou,
Mosco não sejas tosco, vai para baixo.
Va-mos-lá!

Ya ta, ta-ta, ya ta-ta, ta-ta
À procura de alguma diversão,
Tod'a gente!

Oh vocês sabem como é, quando se é novo e vigoroso [«Tod'a gente», neste caso, uma Retretenave cheia de moços de Schenectady com reluzentes óculos de massa e sapatos continua a cantar por detrás deste recitativo] e um bom miúdo que até frequenta a igreja, de facto é muito lamentável ser-se subitamente atacado por um bando desses mosquitos do Texas, é uma coisa que pode fazer-nos andar 20 anos para trás. Ora, há rapazes tal e qual como vós a vaguearem por aí, podereis ter visto um deles hoje na rua sem que vos apercebêsses disso, com o siso de uma criança, só por aqueles mosquitos o terem apanhado e cometido o seu indizível acto. E nós já deitámos insecticidas, e-e bombardeámos os bayous com citronela, e não valeu de nada, minha gente. Eles reproduzem-se mais depressa do que nós conseguimos matá-los, e será que nós vamos meter o rabo entre as pernas e deixá-los *ficar* lá pelo Buffalo Bayou onde a minha namorada Sheila teve de olhar para o abominável comportamento daqueles — coisos, vamos nós permitir sequer que eles *existam?*

— E,
Houve logo agitação no Buf-falo Bayou,
Mosco não sejas tosco, vai para baixo.
Hubba hubba —
Mosco não sejas tosco, vai para baixo!

Bom, não se pode deixar de pensar qual será aqui realmente o mais paranóico dos dois. O Steve tem de facto muito descaramento para andar a difamar o Charles dessa maneira. Entre os hilariantes grafitos dos matemáticos visitantes,

$$\int \frac{1}{(\text{cabina})} d(\text{cabina}) = \log \text{cabina} + c = \text{casa flutuante},$$

esse tipo de coisas, eles vão dando cotoveladas um ao outro enquanto percorrem agora a estreita latrina em forma de salsicha, dois homens novos/velhos, os pés deles deixam de se ouvir e param de ressoar no inclinado convés de aço, as formas deles tornam-se mais transparentes com a distância até ser impossível continuar-se a vê-los. Somente o compartimento vazio aqui, as alavancas em forma de S nas máquinas de espreitar, as fileiras de espelhos directamente opostos, reflectindo-se uns aos outros, quadro após quadro, até lá atrás numa curva de muito amplo raio. Até ao fim deste segmento de curva é considerado parte do espaço do *Rücksichtslos*. O que faz dele um navio bastante bojudo. Que transporta consigo o seu direito-de-passagem. «Moral da tripulação», segredaram as raposas nas reuniões do Ministério, «superstições de marinheiros. Espelhos à meia-noite em ponto. Nós sabemos, não é?»

As latrinas dos oficiais, por contraste, são revestidas a veludo vermelho. A decoração segue o Manual de Segurança de 1930. Ou seja, em todas as paredes, fotografitadas, estão imagens de Desastres Horríveis na História Naval Alemã. Colisões, explosões de paióis, afundamentos de submarinos, aquilo que é preciso quando se é um oficial e se está a tentar cagar. As Raposas têm andado atarefadas. Os oficiais do comando ficam com suítes inteiras, chuveiro privado ou banheira de imersão, manicure (voluntárias da BDM, sobretudo), banho de vapor, mesa de massagem. Em compensação, porém, todos os tabiques, e a cobertura, estão ocupados por enormes fotografias de Hitler em várias formas de actuação. O papel higiénico! O papel higiénico está coberto quadrado após quadrado com caricaturas de Churchill, Eisenhower, Roosevelt, Chiang Kai-shek, até há um Caricaturista Destacado sempre de prevenção para ilustrar papel em branco a pedido daqueles connoisseurs que andam sempre em busca do inabitual. Wagner e Hugo Wolf estavam colados nos altifalantes por cima do equipamento rádio. Os cigarros eram gratuitos. A vida era boa a bordo da Retretenave *Rücksichtslos*, enquanto esta fazia

a sua carreira de Swinemünde para Helgoland, para qualquer local em que fosse necessária, camuflada em tons de cinzento, ao estilo da viragem do século com umas proas vistosamente sombreadas a projectarem-se desde meia-nau, de modo a não se poder dizer para que lado estava ela apontada. A guarnição do navio na verdade vivia com cada homem dentro do seu compartimento, cada um com sua própria chave e armário, pin-ups e prateleiras de biblioteca decorando as partições... e até havia espelhos pelos quais se via através de um dos lados, pelo que se podia estar ali sentado à vontade, pénis pendurado em direcção à gelada água do mar da nossa sanitá, ouvindo-se o nosso Receptor do Povo VE-301, e ver-se a azáfama da tarde, o atarefado ressoar de pés e de conversas, jogos de cartas dentro dos sanitários colectivos, traficantes entronizados em porcelana real recebendo os visitantes, alguns deles fazendo fila no exterior do compartimento (filas pacatas, dedicadas ao negócio, algo semelhantes às filas nos bancos), advogados de sanitário dispensando conselhos, todos os tipos de visitantes indo e vindo, as tripulações de submarinos a quererem entrar, olhos nervosamente torcidos a cada um ou dois segundos para a cobertura, marinheiros de contratorpedeiro a divertirem-se nas caleiras (caleiras *gigantescas!* dispostas ao longo de todo o vau do navio, e até, diz a lenda, chegavam ao espaço dos espelhos, suficientemente grandes para sentarem lado a lado 40 ou 50 olhos do cuderidos, enquanto um constante rio de água salgada em tumulto bramia por baixo), pegando fogo a maços de papel higiénico, era o que eles gostavam especialmente de fazer, pondo-os a soltar chamas amarelas pela água acima e cacarejando de satisfação enquanto um a um os que estavam sentados pela fila abaixo iam saltando para fora dos buracos a gritar e a levar as mãos aos seus cus queimados e inalando o cheiro a pêlos púbicos chamuscados. Não que a própria tripulação da Retretenave se dispensasse de pregar uma partida de vez em quando. Quem poderá esquecer o tempo em que os mecânicos de bordo Höpmann e Kreuss, no auge da Epidemia da Ptomaína de 1943, canalizaram aquelas linhas de esgoto para o sistema de ventilação do camarote do oficial executivo? O exec, sendo um velho marujo da Retretenave, riu-se bem-humoradamente da arguta partida e transferiu o Höpmann e o Kreuss para o serviço num quebra-gelos, onde os dois Escatotécnicos Fedelhos ficaram a erigir monólitos

de gelo e de neve com vaga forma de cagalhões por todo o Ártico. De vez em quando, um desses aparece numa massa de gelo à deriva para sul com espectral grandeza, suscitando a admiração de todos.

Um bom navio, uma boa tripulação, Feliz Natal e mãos à obra. Horst Achtfaden, ultimamente da Elektromechanische Werke, Karlshagen (mais um nome para encobrir a estação de testes em Peenemünde), de facto não tem tempo para a nostalgia naval. Com os espiões técnicos de três ou quatro nações no seu encalço, ele teve a desastrosa sorte de haver sido escolhido pelo Schwarzkommando, que, tanto quanto ele sabe, constitui agora uma nação própria. Internaram-no na Latrina. Já viu a voluptuosa Gerda a sua Boa de Peles efectuarem o mesmo número 178 vezes (ele fez malandrice na caixa das moedas e descobriu uma maneira de não ter de as usar) desde que o puseram aqui, e a emoção foi-se. Que querem eles? Porque ocupam eles um navio abandonado no meio do Canal de Kiel? Porque não *fazem* os Britânicos qualquer coisa a respeito disto?

Vê a coisa do seguinte modo, Achtfaden. Esta Retretenave aqui é um túnel de vento e não mais que isso. Se a análise do tensor for suficientemente boa para a turbulência, deverá ser suficientemente boa para a história. Deverão haver nós, pontos críticos... deverão haver superderivativas do congestionado e insaciável fluxo que possam ser igualadas a zero e encontrados esses pontos críticos... 1904 foi um deles — 1904 foi quando o Almirante Rozhdestvenski levou a sua frota até ao outro lado do mundo para socorrer Port Arthur, o que pôs o teu presente captor Enzian no planeta, foi no ano em que os Alemães quase exterminaram os Hereros, o que deu ao Enzian algumas ideias peculiares acerca da sobrevivência, foi nesse ano que os Americanos da Alimentação e Drogas tiraram a cocaína da Coca-Cola, o que nos deu uma geração de Ianques alcoólicos e orientados para a morte, idealmente equipados para combaterem na Segunda Guerra Mundial, e foi nesse ano que Ludwig Prandtl propôs a camada limite, o que realmente fez a aerodinâmica começar a dar frutos e te pôs aqui, agora. 1904, Achtfaden. Ha, ha! *Essa* há-de ser uma piada melhor para ti do que qualquer olho do cu chamuscado, pois então. A *ti* faz-te muito bem. Não podes nadar contra a corrente, pelo menos no presente estado das coisas, tudo o que podes fazer

é prenderes-lhe um número e *sofrer*, Horst, amigo. Ou, se conseguires afastar-te da Gerda e a sua Boa de Peles, eis uma ideia — encontra um coeficiente não-dimensional para ti próprio. Isto onde estás é um túnel de vento, lembras-te? Tu és um homem da aerodinâmica. Portanto —

Coeficiente, ja, ja... Achtfaden deixa-se cair desconsoladamente sobre a sanitá escarlate e venereamente doentia que está lá mesmo ao fundo da fila. De coeficientes percebe ele. Uma vez em Aachen, durante uns tempos, ele e os seus colegas puderam ficar de pé na torre de observação dianteira: olhar para o país dos bárbaros pela minúscula janela de Hermann e Wieselsberger. Terríveis compressões, sombras de diamantes contorcendo-se como cobras. Por vezes, a mordidela era maior do que o próprio modelo — a própria necessidade de medir interferia com as observações. Isso deveria desde logo ter-lhes servido como pista. Ninguém escrevia então acerca do fluxo supersónico. Aquilo estava rodeado por mito, e por um terror puro, primitivo. O Professor Wagner de Darmstadt previu que, a velocidades superiores a Mach 5, o ar se liquefaria. Caso as frequências de arfagem e balanço calhassem ser iguais, a ressonância causaria violentas oscilações ao projéctil. Ele entraria em espiral para a destruição. «Movimento lunar», era o que lhe chamávamos. «Lápis de Bingen» era o que chamávamos aos rastos helicoidais de vapor no céu. Aterrorizados. As sombras do Schlieren dançavam. Em Peenemünde, a secção de teste media 40x40 cm, mais ou menos o tamanho da página de um tabloide. «Eles não rezam apenas pelo seu pão de cada dia», dissera Stresemann, «mas também pela sua ilusão de cada dia.» Nós, olhando pelo espesso vidro, tínhamos o nosso Choque Diário — o único jornal lido por muitos de nós.

Tu entras — acabado de chegar à vila, aqui no centro da baixa de Peenemünde, olá, com'é qu'a gente se diverte por aqui? acartando a tua valise provinciana com algumas camisas, um exemplar do *Handbuch*, talvez o *Lehrbuch der Ballistik* de Cranz. Memorizaste Ackermann, Busemann, Von Kármán e Moore, algumas comunicações ao Congresso Volta. Mas o terror não se vai embora. Isto é mais rápido do que o *som*, do que as palavras por ela proferidas desde o outro lado do quarto tão cheio de sol, a banda de jazz na rádio quando tu não conseguias dormir, os roucos *Heils* entre os pálidos geradores

e vindos das galerias superiores apinhadas de executivos... os Gomeros assobiando desde as altas ravinas (terríveis descidas, escarpas, assobiando para o fundo do precipício na direcção de uma aldeia de brincar que fica séculos, quilómetros mais abaixo...) enquanto te sentavas sozinho ao balcão do navio KdF, longe das danças de mastro sobre o convés branco, dos corpos bronzeados cheios de cerveja e de canção, panças em fato de banho, e tu ouvias Ur-Espanhol, assobiado e não falado, vindo das montanhas ao redor de Chipude... Gomera foi o último pedaço de terra em que Colombo tocou antes da América. Tê-los-á ouvido também ele, nessa última noite? Teriam alguma mensagem para ele? Um aviso? Conseguiria ele compreender os prescientes cabreiros na escuridão, entre o azevinho e a faia das Canárias, tingidas de um verde-mortiço pelo último crepúsculo da Europa?

Na aerodinâmica, como de início apenas se tem a coisa no papel, usam-se coeficientes sem dimensões: rácios disto com aquilo — centímetros, gramas, segundos, todos eles se neutralizando mutuamente em boa ordem acima e abaixo. Isso permite que se usem modelos, se arranje um fluxo de ar para medir aquilo em que estivermos interessados e se transponham os resultados do túnel de vento para a escala real, sem chocar com demasiados incógnitos, porque tais coeficientes são bons para *todas* as dimensões. Tradicionalmente têm o nome de pessoas — Reynolds, Prandtl, Péclét, Nusselt, Mach — e a pergunta aqui é, que tal um número de Achtfaden? Quais são as probabilidades disso?

Não são boas. Os parâmetros reproduzem-se como os mosquitos no bayou, mais rapidamente do que ele consegue eliminá-los. Avidez, compromisso, dinheiro, paranóia, memória, conforto, culpa. A culpa recebe porém um sinal de menos ao redor de Achtfaden, embora ela ande a tornar-se uma boa mercadoria na Zona. Homens remissionários vindos de todo o mundo não tardarão a chegar a Heidelberg, para se licenciarem em culpa. Haverá bares e clubes nocturnos para atender especialmente os entusiastas da culpa. Os campos de extermínio serão transformados em atracções turísticas, estrangeiros com câmaras começarão a surgir aos magotes, comichosos e tremulos de culpa. Uma pena — não aqui para o Achtfaden, que encolhe os ombros para todas as suas réplicas de espelho-para-espelho

que se prolongam para bombordo e estibordo — ele somente ter trabalhado com aquilo até ao ponto em que o ar era demasiado fino para fazer diferença. O que aquilo fazia depois disso já não era da sua responsabilidade. Perguntem ao Weichensteller, perguntem ao Flaum e ao Fibel — eles é que eram as pessoas da reentrada. Perguntem à secção de orientação, eles é que apontavam para onde ele ia...

«Não acha um pouco esquizóide», agora em voz alta para todas as frentes e costas de Achtfaden, «quebrar-se um perfil de voo em segmentos de responsabilidade? Era meia bala, meia seta. *Aquilo* exigia isso, nós não. Portanto. Talvez você usasse uma espingarda, um rádio, uma máquina de escrever. Certas máquinas de escrever em Whitehall, no Pentágono, mataram mais civis do que o nosso pequeno A4 jamais poderia almejar vir a conseguir. Ou você está absolutamente sozinho, a sós com a sua própria morte, ou toma parte num empreendimento mais vasto, e partilha as mortes dos outros. Não somos todos nós um? O que escolhe você», agora o Fahringer, zumbente e monótono entre os filtros da memória, «a carreta pequena, ou a grande?» o louco Fahringer, o único do clube de Peenemünde que se recusou a usar no chapéu o distintivo exclusivo da pena de pavão por não conseguir resolver-se a matar, que ao anoitecer podia ser visto na praia sentado na posição do lótus a olhar para o sol poente, e que foi o primeiro em Peenemünde a cair para a SS, levado num certo meio-dia pelo nevoeiro, a sua bata de laboratório uma bandeira de rendição, seguidamente obscurecida pelos negros uniformes, o couro e metal da sua escolta. Deixando para trás alguns paus de incenso, um exemplar do *Chinesische Blätter für Wissenschaft und Kunst*, retratos de uma esposa e filhos que todos desconheciam... era Peenemünde a sua montanha, a sua cela e o seu jejum? Teria *ele* encontrado um modo de se livrar da culpa, da culpa em voga?

«*Atmen... atman...* não apenas respirar, mas também a alma, a ressonância de Deus...» uma das poucas vezes que o Achtfaden se lembra de conversar com ele a sós, directamente, «*atmen* é um verbo genuinamente Ariano. Agora fale-me da velocidade do jacto de exaustão.»

«Que quer você saber? 1950 metros por segundo.»

«Diga-me como varia ela.»

«Permanece quase constante, ao longo da queima.»

«E contudo a velocidade relativa do ar muda drasticamente, não é? De Zero até Mach 6. Você não percebe o que está a acontecer?»

«Não, Fahringer.»

«O Foguete a criar o seu próprio vento... não há vento sem os dois, Foguete e atmosfera... mas dentro do tubo de Venturi, a respiração — respiração furiosa e abrasadora — flui sempre na mesma direcção invariável... você realmente não está a ver?»

Coisas sem nexo. Ou então um *koan* que o Achtfaden não está equipado para dominar, um enigma transcendente que poderia levá-lo a algum momento de luz... quase tão bom como:

— Qual é a coisa que voa?

— Los!

Erguendo-se da Wasserkuppe, rios Ullster e Haune descendo ao redor dela em formas cartográficas, vales verdejantes e montanhas, os quatro que ele deixou para trás recolhendo as medas de cordão branco, somente um deles levantando os olhos, protegendo-os do sol com uma mão em pala — o Bert Fibel? mas que importa o nome, desde este ponto de vantagem? Achtfaden põe-se a procurar a trovoada — *por baixo, através do trovão* ao som de uma música marcial tocando dentro da sua cabeça — que não tardará a acumular-se em pardacentas escarpas do lado direito, os lampejos dos relâmpagos acometendo todas as montanhas em azul, a carlinga brevemente repleta com a luz... mesmo na borda. Ali mesmo, no interface, o ar estará a erguer-se. Segues a borda do temporal, com um outro sentido — o sentido-de-voo, localizado em nenhures, que te enche todos os nervos... enquanto te mantiveres sempre na borda entre as belas terras baixas e a loucura de Donar, ele não te faltará, seja o que for que voe, esse impulso que nos leva para diante — *será* liberdade? Ninguém reconhecerá a servidão que a gravidade é antes de alcançar o interface do trovão?

Não há tempo para resolver enigmas. Aí vem o Schwarzkommando. Achtfaden perdeu demasiado tempo com a lasciva Gerda, com as memórias. Aí vêm eles em algazarra descendo as escadas, conversa rápida num ugabuga que ele nem sequer entende, isto aqui é um deserto linguístico, e ele tem medo. Que querem eles? Porque

não o deixam em paz — já têm a sua vitória, que querem eles do pobre Achtfaden?

Querem o Schwarzgerät. Quando Enzian efectivamente pronuncia a palavra em voz alta, já ela é redundante. Estava ali no porte dele, na linha da sua boca. Os outros apoiam-no, espingardas às costas, meia dúzia de rostos Africanos, povoando os espelhos com a sua negritude, os seus olhos vermelhos-brancos-e-azuis com salientes veias.

«Eu só estava destacado para uma parte daquilo. Era trivial. A sério.»

«A aerodinâmica não é trivial», o Enzian calmo, sem sorrir.

«Havia outros da secção do Gessner. Desenho mecânico. Eu trabalhava sempre a partir da oficina do Prof. Dr. Kurzweg.»

«Quem eram os outros?»

«Não me lembro.»

«Portanto.»

«Não me bata. Porque haveria eu de esconder alguma coisa? É a verdade. Eles mantinham-nos separados. Eu não conhecia ninguém em Nordhausen. Só alguns da secção em que eu trabalhava. Juro. Todas as pessoas do S-Gerät eram uns estranhos para mim. Até àquele primeiro dia em que nos encontrámos todos com o Major Weissmann, eu nunca tinha visto nenhum deles. Ninguém usava nomes verdadeiros. Davam-nos uns nomes de código. Personagens de um filme, disse alguém. As outras pessoas da aerodinâmica eram o “Spörri” e o “Hawasch”. A mim chamavam-me “Wenk”.»

«Qual era a sua função?»

«Controlo do peso. Tudo o que eles queriam de mim era a alteração no CG para um dispositivo de um dado peso. O peso estava classificado como muito secreto. Quarenta e tal quilos. 45? 46?»

«Números da estação», atira Andreas por cima do ombro do Enzian.

«Não me lembro. Eu estava na secção da cauda. Lembro-me de que o peso era assimétrico ao longo do eixo longitudinal. Junto à Aleta III. Essa era a aleta usada para o controlo de guinagem —»

«Nós sabemos isso.»

«Teriam de falar com o “Spörri” ou o “Hawasch”. Devem ter sido eles que resolveram esse problema. Falem com a Orientação.»
Porque disse eu —

«Porque disse você isso?»

«Não, não, não era essa *a minha função*, só isso, orientação, ogiva, propulsão... perguntem-lhes. Perguntem aos outros.»

«Você ia dizer outra coisa. Quem trabalhava na orientação?»

«Já lhe disse, eu não sabia nenhuns nomes deles.» A cafetaria coberta de pó nos últimos dias. A maquinaria nas salas adjacentes, que outrora martelava os tímpanos tão impiedosamente quanto um cincel a frio dia e noite, está calada. Os numerais Romanos dos mostradores dos relógios fitam-nos desde as paredes dos vãos, entre as vidraças das janelas. Fichas de telefone em cordões de borracha preta pendem dos suportes elevados, cada uma das ligações pendurada sobre a sua secretária, todas as secretárias perfeitamente vazias, cobertas com pó de sal que foi caindo do tecto, não há telefones para ligar, não há mais palavras para dizer... O rosto do amigo dele do outro lado da mesa, o rosto macilento e insone agora demasiado pontiagudo, demasiado desprovido de lábios, que outrora vomitara cerveja para cima das botas de caminhada de Achtfaden, agora sussurrando, «Eu não podia ir com o Von Braun... não para os Americanos, tudo iria continuar como estava... Eu quero é que aquilo acabe realmente, só isso... adeus, "Wenk".»

«Atirem-no para as condutas de esgoto», sugere o Andreas. Eles são todos tão negros, tão seguros...

Eu devo ser o último... por esta altura já alguém o apanhou de certeza... que podem estes Africanos fazer com um nome... poderiam tê-lo conseguido junto de qualquer um...

«Ele era um amigo. Conhecemos-nos antes da guerra, em Darmstadt.»

«Nós não vamos fazer-lhe mal. Nem vamos fazer-lhe mal a si. Queremos o S-Gerät.»

«Närrisch. Klaus Närrisch.» Um novo parâmetro para o seu autocoeficiente agora: traição.

Quando sai do *Rücksichtslos*, o Achtfaden consegue ouvir atrás de si, metálica, emitida desde um outro mundo, entrecortada por estatíca, uma voz radiofónica. «Oberst Enzian. M'okamanga. M'okamanga. M'okamanga.» Há urgência e gravidade na palavra. Ele posta-se ao lado do canal, entre os destroços de metal e os homens idosos no

crepúsculo, aguardando uma direcção para ir. Mas onde está agora a voz eléctrica que alguma vez chamará por ele?



Fizeram-se ao largo numa lancha ao longo do Canal Spree-Oder, rumando finalmente a Peenemünde, o Slothrop para ver a que o levaria o novelo da Geli Tripping em termos de Schwarzgerät, a Margherita para ir ao encontro de um iate cheio de refugiados do regime de Lublin, entre os quais deveria estar a sua filha Bianca. Partes do canal continuam bloqueadas — durante a noite, podem ouvir-se equipas de demolição Russas rebentando os destroços com TNT — mas o Slothrop e a Greta, quais sonhadores, conseguem intimar calado suficiente para que a embarcação ultrapasse tudo o que a Guerra lhes deixou no caminho. De vez em quando chove. O céu começará a enevoar-se perto do meio-dia, tornando-se da cor de cimento fresco — depois vento, a aguçar-se, mais frio, depois chuva, que deve estar com frequência à beira da saraiva, soprando de frente contra eles pelo canal. Abrigam-se sob encerados, entre fardos e barris, cheiros a alcatrão, madeira e palha. Quando as noites estão claras, noites de mirones e de rãs, as faixas de estrelas e as sombras à beira do canal tornarão irrequietos os olhos dos viajantes. Salgueiros alinharam-se nas margens. Pela meia-noite erguem-se espiras de nevoeiro que chegam mesmo a obscurecer o brilho do cachimbo do barqueiro, muito acima, ou abaixo, do sonhador comboio. Estas noites, fragrantes e granuladas como fumo de cachimbo, são tranquilas e boas para dormir. A loucura de Berlim ficou para trás, Greta parece menos receosa, talvez tudo o que eles precisassem fosse de estarem em andamento...

Mas certa tarde, escorregando pelo longo e ameno declive do Oder rumo ao Mar Báltico, eles avistam uma pequena vila balnear vermelha e branca, varrida em largos borrões pela Guerra, e ela agarra-se ao braço do Slothrop.

«Já estive aqui...»

«Ah sim?»

«Pouco antes da invasão da Polónia... estive aqui com o Sigmund... nas termas...»

Em terra, atrás de gruas e gradeamentos de aço, erguem-se fachadas daquilo que foram restaurantes, pequenas fábricas, hotéis, agora queimadas, sem janelas, pulverizadas com a sua própria substância. O nome da vila é Bad Karma. A chuva do princípio do dia riscou as paredes, os pináculos de entulho e as vielas grosseiramente calcetadas. Crianças e velhos postam-se na margem esperando recolher cabos e puxar os barcos para lá. Negros bolinhos de fumo flutuam para fora da chaminé de um alvo vapor ribeirinho. Há serralheiros a martelar no interior do seu casco. Greta fica a olhar para ele. Uma pulsação torna-se-lhe visível na garganta. Ela abana a cabeça. «Pensei que fosse o barco da Bianca, mas não é.»

Abeirando-se do cais, guinam para a margem, agarrando-se a uma escada de ferro presa às velhas pedras por cavilhas enferrujadas, cada uma delas manchando a muralha mais abaixo com um húmido leque em tom de terra-de-siena. No casaco da Margherita, uma gardénia rosada começou a abanar. Não é o vento. Ela está sempre a dizer, «Tenho de ver...»

Há velhos encostados a corrimões, fumando cachimbos, observando Greta ou olhando para o rio. Usam roupas pardacentas, calças de largos fundilhos, chapéus de aba larga com copas arredondadas. O largo do mercado está movimentado e asseado: os carris do eléctrico reluzem, há um cheiro a mangueiradas recentes. Nas ruínas lila-ses sangram a sua cor, o seu excedente de vida para fora das pedras e tijolos quebrados.

À excepção de algumas figuras de preto, sentadas ao sol, as Termas propriamente ditas estão desertas. Margherita está por esta altura tão severamente assombrada como sempre estava em Berlim. Slothrop segue-a, com o seu aparato de Homem-Foguete, sentindo-se sobrecarregado. O Sprudelhof é limitado num dos lados por uma arcada cor de areia: colunas de areia e sombras castanhas. Uma faixa mesmo em frente está plantada com ciprestes. Há fontanários saltando em imensas bacias de pedra: jactos com 6 metros de altura, cujas sombras no liso pavimento do pátio são espessas e nervosas.

Mas quem é aquela, postada tão rigidamente junto à fonte central? E porque se transformou a Margherita em pedra? O sol escondeu-se, há outros a olharem, mas até o Slothrop está agora a ericar-se

nas suas costas e flancos, cada arrepió crescendo sobre um outro que se desvanece, subindo-lhe de cada um dos lados do queixo... a mulher traz vestido um casaco preto, um lenço de crepe cobre-lhe o cabelo, a carne das pernas grossas mostra-se através das meias negras e é quase roxa, ela está meramente debruçada sobre as águas com grande fixidez e a olhá-las enquanto eles tentam aproximar-se... mas o *sorriso*... ao fundo de dez metros de pátio varrido, o sorriso a ganhar confiança no rosto muito branco, todo o mal-estar de uma Europa morta e desaparecida ali reunido nuns olhos tão pretos quanto a roupa dela, pretos e sem luz. *Ela conhece-os.* Greta virou-se, e tenta esconder o rosto no ombro do Slothrop. «Junto ao poço», estará ela a sussurrar isto?, «ao pôr-do-sol, aquela mulher de preto...»

«Vá lá. Não faz mal.» De novo a conversa de Berlim. «Ela é uma das doentes daqui.» Idiota, idiota — antes que a possa impedir, já ela se afastou, algum sereno, terrível grito ao fundo da sua garganta, e virou-se e começou a correr, uma desesperada tatuagem de saltos altos por cima do empedrado, em direcção aos sombrios arcos da Kurhaus.

«Eh lá», o Slothrop, sentindo-se maledisposto, aborda a mulher de preto. «Qual é a ideia, minha senhora?»

Mas o rosto dela agora já se alterou, é somente o rosto de mais uma mulher das ruínas, uma das que ele teria ignorado, não lhe prestando atenção. Ela sorri, de facto, mas da maneira forçada e comercial que ele já conhece. «Zigaretten, bitte?» Ele dá-lhe uma beata comprida que tem andado a poupar, e vai à procura da Margherita.

Encontra a arcada vazia. Todas as portas da Kurhaus estão fechadas. Lá por cima passa uma clarabóia de painéis amarelos, muitos deles caídos. Ao fundo do corredor cambaleiam difusas manchas de sol vespertino, cheias de pó de argamassa. Trepa um lanço de escadas interrompido que acaba no céu. Ocasionais pedaços de pedra estorvam o caminho. Do patamar até ao topo, as Termas estendem-se para distâncias campestres: árvores elegantes, nuvens de cemitério, o rio azul. Greta não está à vista. Mais tarde, ele descobrirá para onde fora ela. Por essa altura, já eles estarão a bordo do *Anubis*, e isso somente o fará sentir-se mais desamparado.

Continua a procurá-la até a escuridão tombar e ele ter voltado para junto do rio. Senta-se num café ao ar livre que tem uma fiada de

luzes amarelas, bebendo cerveja, comendo spaetzle e sopa, esperando. Quando ela se materializa é num tímido aparecimento gradual, tal como Gerhardt von Göll lhe deve ter feito uma ou outra vez, não é tanto ela que se move como o próprio ponto de vista do Slothrop que se abeira do silencioso plano aproximado dela presentemente estabilizado diante dele, que acaba a sua cerveja, cravando um cigarro. Não somente ela evita o tema da mulher junto ao fontanário, como poderá ter perdido de todo a memória.

«Fui lá acima ao observatório», é o que ela por fim tem a dizer, «para ver o fundo do rio. Ela vem aí. Vi o barco em que ela vem. Está só a um quilómetro de distância.»

«Qual delas é agora?»

«Bianca, a minha filha, e os meus amigos. Julguei que eles tivessem chegado há muito a Swinemünde. Mas hoje em dia já ninguém cumpre os horários...»

Tal e qual, após mais duas amargas canecas de café de bolota e um outro cigarro, aí vem um alegre arraial de luzes, vermelhas, verdes e brancas, pelo rio abaixo, com o ténue arfar de um acordeão, o baque de um contrabaixo, e o som de mulheres rindo. Slothrop e Greta descem até ao cais e, por entre a bruma que agora começou a soltar-se do rio, conseguem distinguir um iate oceânico, quase da cor da bruma, um dourado e alado chacal por baixo do gurupés, os conveses corridos apinhados de tagarellice opulenta em vestido de noite. Várias pessoas avistaram a Margherita. Ela acena, e eles apontam para ela ou acenam-lhe também, e chamam o seu nome. É uma aldeia em movimento: tem andado todo o Verão a velejar por estas terras baixas, tal como fizeram os navios Vikings há mil anos, embora passivamente, sem saquear: procurando uma escapatória que ainda não definiu claramente.

O barco abeira-se do cais, a tripulação faz descer uma escada de acesso. A meio dela, já passageiros sorridentes estendem mãos enluvadas e aneladas à Margherita.

«Também vens?»

«Uh... Bom, será que devo ir?»

Ela encolhe os ombros e vira-lhe costas, desce cuidadosamente do patamar para bordo, saia esticada e luzidia por um momento à luz

amarela que vem do café. Slothrop estremece, apresta-se a segui-la — no último instante algum brincalhão puxa a escada e o barco afasta-se. Slothrop grita, perde o equilíbrio e cai ao rio. De cabeça para a frente: o capacete de Homem-Foguete está a impeli-lo directamente para baixo. Livra-se dele e vem à tona, seios nasais a arder e visão toldada, o navio branco a afastar-se, embora a espuma das hélices esteja a mover-se na sua direcção, começando a sugar-lhe a capa, pelo que tem de livrar-se dela, também. Nada de costas para longe e depois cautelosamente em torno da abóbada de almeida, onde está inscrito a negro: ANUBIS *Swinoujście*, tentanto manter-se longe daquelas hélices. Do outro lado, avista um pedaço de cabo pendurado, e consegue chegar até lá e agarrar-se. A banda que está no convés vai tocando polkas. Três senhoras bêbedas com tiaras e gargantilhas de pérolas estão a descansar junto aos cabos de salvação, vendo o Slothrop esforçar-se por subir a corda. «Vamos cortá-la», berra uma delas, «para o vermos *cair* outra vez!» «Sim, vamos!» concordam as companheiras dela. Jesus Cristo. Uma delas produziu um enorme cutelo de carne, que está efectivamente a levantar-se, entre muitas risadas enérgicas, quando por essa altura alguém agarra um tornozelo do Slothrop. Ele olha para baixo, vê esticarem-se para fora de uma escotilha dois pulsos esguios com prata e safiras, iluminados por dentro como gelo, e o rio oleoso a correr lá por baixo.

«Para aqui.» Uma voz de rapariga. Ele desliza para baixo enquanto ela lhe agarra os pés, até ficar sentado na escotilha. Lá de cima, vem o som de uma forte pancada, a corda cai e as senhoras entram em histeria. Slothrop contorce-se até chegar ao interior, a água é espremida, cai na parte de cima de um beliche ao lado de uma rapariga talvez com 18 anos, num longo vestido de lantejoulas, com um cabelo louro ao ponto da pura alvura, e as primeiras maçãs de rosto que o Slothrop se lembra de alguma vez lhe terem causado tesão só de olhá-las. Alguma coisa aconteceu certamente ao cérebro dele por estas partes, pois claro...

«Uh —»

«Mmm.» Entreolham-se enquanto ele continua a pingar água por todo o lado. O nome dela, vem a saber-se, é Stefania Procalowska. O marido dela, Antoni, é o proprietário aqui do *Anubis*.

Bom, o marido, está bem. «Olhe para isto», diz o Slothrop, «estou todo ensopado.»

«Já reparei. Alguém há-de ter um fato de noite que lhe sirva. Enxugue-se, eu vou ver o que consigo arranjar. Pode usar o lavabo se quiser, está tudo aí.»

Ele despe o resto da fatiota de Homem-Foguete, toma um duche, usando um sabonete de limão e verbena no qual encontra alguns alvos pêlos púbicos da Stefania, e está a barbear-se quando ela regressa com umas roupas secas para si.

«Portanto, você está com a Margherita.»

«Não estou muito certo desse “com”. Ela encontrou a tal filha dela?»

«Oh com certeza — já andam as duas de roda do Karel. Este mês ele anda a fazer de produtor de cinema. Já se sabe como é o Karel. E claro que o que *ela* quer acima de tudo é pôr a Bianca nos filmes.»

«Uh...»

Stefania encolhe muitas vezes os ombros, e todas as lantejoulas dançam. «A Margherita quer que ela tenha uma carreira legítima. É da culpa. Ela nunca sentiu que a sua própria carreira fosse mais do que uma sequência de filmes obscenos. Suponho que você saiba como é que ela ficou grávida da Bianca.»

«O Max Schleipzig, ou qualquer coisa assim.»

«Ou qualquer coisa assim, pois foi. Nunca viu o *Alpdrücken?* Naquela cena, após o Grande Inquisidor terminar o seu trabalho, os homens-chacais vêm violentar e desmembrar a baronesa cativa. O Von Göll deixou as câmaras ligadas ao longo de toda a acção. O material foi eliminado das cópias para exibição, evidentemente, mas acabou por ir parar à coleção privada do Goebbels. Eu já vi — é assustador. Todos os homens em cena usam um capuz preto, ou uma máscara de animal... lá em Bydgoszcz tornou-se um divertido jogo de salão espacular sobre quem seria o pai da criança. Uma pessoa tem de passar o tempo. Mostravam o filme e faziam perguntas à Bianca, e ela tinha de responder sim ou não.»

«Pois.» Slothrop passa a banhar o seu rosto com uma loção.

«Oh, a Margherita já a tinha corrompido muito antes de ela vir ficar connosco. Não me surpreenderia que a pequena Bianca dormisse hoje à noite com o Karel. Faz parte da entrada no negócio, não é? Claro que terá de ser tudo um negócio — é o mínimo que uma mãe pode fazer. O problema da Margherita foi ela sempre ter gostado muito daquilo, de estar acorrentada naquelas salas de tortura. Não conseguia desfrutar de mais nenhuma maneira. Você verá. Ela e o Thanatz. E aquilo que o Thanatz trouxer na mala dele.»

«O Thanatz.»

«Ah, ela não lhe contou.» Rindo-se. «Miklos Thanatz, o marido dela. De vez em quando juntam-se. Perto do final da guerra tinham um pequeno espectáculo ambulante para os rapazes da frente — um casal de lésbicas, um cão, uma arca com fatos e acessórios de couro, uma pequena banda. Entretinham as tropas SS. Campos de concentração... o circuito do arame farpado, você sabe como é. E mais tarde, na Holanda, pelas bases de foguetes. Esta é a primeira vez que eles estão juntos desde a rendição, de modo que no seu lugar eu não contaria estar muito com ela...»

«Oh, pois, bom, eu não sabia disso.» Bases de foguetes? A mão da Providência insinua-se entre as estrelas, mostrando ao Slothrop o dedo médio.

«Enquanto andavam por lá, deixaram a Bianca connosco, em Bydgoszcz. Ela tem os seus momentos de mau génio, mas é realmente uma criança encantadora. Nunca brinquei ao jogo do pai com ela. Duvido que ela tenha um pai. Foi partenogénese, ela é pura Margherita, se é que pura é a palavra que eu pretendo.»

As roupas para a noite assentam-lhe na perfeição. Stefania leva Slothrop por uma escada acima, da qual saem para o convés. O *Anubis* desloca-se agora entre a paisagem iluminada pelas estrelas, o horizonte de vez em quando interrompido por silhuetas de um moinho, medas de feno, uma fileira de abrigos para porcos, alguma fiada de árvores disposta sobre uma colina baixa por causa do vento... Há navios que podemos sonhar cruzando terríveis rápidos, afrontando as correntes... o nosso desejo é vento e motor...

«Antoni.» Ela trouxe o Slothrop até junto de uma figura enorme com farda de campo da cavalaria Polaca e imensos dentes maníacos.

«Americano?» sacudindo a mão do Slothrop. «Bravo. Você quase completa o conjunto. Somos agora o navio de todas as nações. Até temos um Japonês a bordo. Um antigo homem de ligação em Berlim que não conseguiu sair através da Rússia. Poderá encontrar um bar no convés de cima. Tudo o que por aí andar em movimento» — apertando Stefania contra si — «excepto esta, é boa caça.»

Slothrop cumprimenta-o, conclui que eles gostariam de ficar a sós e encontra a escada para o bar. O bar está enfeitado com grinaldas festivas de flores e lâmpadas, e apinhado com dezenas de conivas elegantemente aprumados, que agora mesmo, acompanhados pela banda, se puseram a entoar esta sincopada canção:

BEM-VINDO A BORDO!

Bem-vindo a bordo, ena, a orgia é ple-na
 Aqui, meu amigo, onde você veio parar assim —
 Nem nos lembramos como isto começou,
 Mas só há uma maneira de ela chegar ao fim!
 O comportamento é bestial, nada tem de Marie-Celestial,
 Mas você lidará bem com o assalto,
 Caso se livre de todos os seus pro-blemas.
 E falar histericamente alto!

Temos mães, com seus a-mantes,
 Roubando bra-guilhas, às suas fi-lhas,
 Grandes erec-ções, predilec-ções
 Que você julgaria nem poder haver,
 Portanto não se preocupe, dê-se a conhecer,
 E suba a bordo do *Titanic*, as coisas hão-de ficar mesmo em despike,
 Todos entrarão em pânico quando se bater naquele *iceberg* submerso,
 Marotos e barulhentos, e muito ao jeito de uma Walpurgisnacht,
 Assim a festa chegará ao fim consigo,
 Por isso — bem-vindo a bordo, bem-vindo a bordo, meu amigol

Bom há para aqui casais gemendo juntos dentro dos salva-vidas, um bêbedo ficou a dormir no toldo que está por cima da cabeça do Slothrop, uns sujeitos gordos com luvas brancas e magnólias cor-de-rosa no cabelo estão a dançar barriga-a-barriga e a murmurar juntos

em Vénedo. Mãos apalpam por dentro de vestidos de cetim. Serviçais com peles morenas e olhos de coelha circulam com tabuleiros nos quais se poderá provavelmente encontrar todo o tipo de substâncias e de parafernália. A banda está a tocar uma rapsódia de fox-trots americanos. O Barão de Mallakastra verte um sinistro pó branco no uísque com soda de Mme. Sztup. É tal e qual a mesma merda que estava a decorrer em casa do Raoul de la Perlimpinpin, e, tanto quanto o Slothrop sabe, até é a mesma festa.

Vislumbra a Margherita e a sua filha, mas há em redor delas uma densidade de participantes na orgia que o mantém à distância. Como sabe que é vulnerável, mais do que deveria sê-lo, a meninas pequenas e bonitas, acha que é melhor assim, porque aquela Bianca é um espanto, de facto: 11 ou 12 anos, morena e adorável, trajando um vestido de chiffon vermelho, meias de seda e sapatos de salto alto, o cabelo dela apanhado ao alto num jeito elaborado e impecável e entretecido com uma fiada de pérolas para mostrar pendentes brincos de cristal cintilando-lhe nos seus minúsculos lóbulos... socorro, socorro. Porque é que estas coisas estão sempre a desabar em cima dele? Até já consegue ver o obituário na revista *Time* — Falecido, Homem-Foguete, à beira dos 30, na Zona, de lascívia.

A mulher que tentou atirar o Slothrop lá para baixo com o cutelo está agora sentada sobre uma abita, a segurar meio litro de um líquido qualquer que já se infiltrou na orquídea que o guarnece e começou a escurecê-la. Ela está a contar a toda a gente uma história sobre a Margherita. O seu cabelo foi penteado ou composto de uma maneira que o torna parecido com um certo corte de peça de carne. A bebida do Slothrop, uísque nominalmente Irlandês com água, chega até si e ele aproxima-se para escutar.

«... o Neptuno dela está aflito. Qual dos nossos o não está? perguntarão alguns. Ah. Mas enquanto residentes *deste* planeta, normalmente. Greta viveu, na maior parte do tempo, *em* Neptuno — a aflição dela era mais directa, mais pura, mais limpa, do que aquela que conhecemos por cá.

«Descobriu a Oneirina um dia quando o entreposto dela em Inglaterra, o contacto habitual para a Clorodina, falhou. À beira do Támis, os gerânios de luz flutuavam no céu demasiado lentamente para se poder contar — luz de latão, pele bronzeada e suave luz cor de

pêssego, flores estilizadas sendo arrastadas mais e mais entre as nuvens, para se finarem aqui, se regenerarem ali — enquanto isso sucedia à luz do dia, ele caiu. Uma queda das horas, menos extravagante que a de Lúcifer, mas fazendo do mesmo modo parte de um padrão deliberado. Greta estava destinada a encontrar a Oneirina. Cada enredo traz a assinatura disso. Alguns são de Deus, outros disfarçados como sendo de Deus. Trata-se de um tipo muito avançado de falsificação. Mas, apesar disso, tem em si a mesma maldade e mortalidade que um cheque falsificado. Só que é mais complexa. Os membros têm nomes, como os Arcanjos. Mais ou menos comuns, nomes humanamente atribuídos cuja segurança pode ser quebrada, e os nomes aprendidos. Mas esses nomes não são mágicos. Isso é o mais importante, é isso que faz a diferença. Ditos em voz alta, ainda que com a mais pura das intenções mágicas, *eles não funcionam*.

«Portanto ele caiu em desgraça. Portanto não havia Clorodina. Portanto ele por acaso conheceu o V-Mann Wimpe na rua, em Berlim, sob o telheiro de um teatro cujas sencientes lâmpadas poderão ter presenciado, um pitoresco arraial de figurantes, testemunhas de graves e históricos encontros. Portanto ela tinha chegado à Oneirina, e o rosto do afliito planeta natal dela foi recomposto nesse instante.»

Oneirina Jamf Imipolex A4...

«Aquela cabra estúpida», observa uma voz junto a Slothrop, «cada vez conta aquilo pior.»

«Como assim?», o Slothrop olha ao seu redor e descobre o Miklos Thanatz, barba plena, sobrolhos, estendendo-se em bico como os bordos de saída das asas dos falcões, bebendo absinto por uma stein de recordação na qual, em cores tornadas sinistras pelas luzes carnavalescas do convés, a esquelética e soridente Morte está prestes a surpreender dois amantes na cama.

Não tem qualquer dificuldade em conduzi-lo até ao tema do Foguete — «Eu penso no A4», diz ele, «como um menino Jesus, com infindáveis comités de Herodes apostados em destruí-lo na infância — Prussianos, alguns dos quais no seu íntimo continuavam a sentir que a artilharia é uma inovação perigosa. Se você tivesse andado por lá... logo ao primeiro minuto, como viu, você tornou-se dócil sob

o seu... aquilo possuía mesmo um carisma à Max Weber... alguma jubilante — e profundamente irracional — força que a burocracia do Estado jamais poderia rotinizar, contra a qual não poderia prevalecer... resistiram àquilo, mas também permitiram que acontecesse. Não conseguimos imaginar que alguém escolha um papel daqueles. Mas todos os anos, sem se saber como, eles crescem em quantidade.»

Mas é da digressão com os foguetistas do General Kammler que o Slothrop, perversamente, quer — quer? — ouvir falar, «Bom eu estive lá em Nordhausen, claro, vi os bocados e as peças. Mas nunca um A4 completamente montado. Isso devia ser qualquer coisa, huh?»

Thanatz está a estender a sua caneca para tornar a enchê-la. O criado, impávido, faz escorrer água por uma colher para tornar o absinto de um verde leitoso enquanto o Thanatz lhe acaricia as nádegas, e seguidamente se afasta. Não é claro que o Thanatz tenha estado a pensar na sua resposta. «Sim, alimentado, vivo, pronto para o disparo... quinze metros de altura, tremendo... e a seguir o rugido fantástico, viril. Os nossos ouvidos quase rebentam. Cruel, rijo, enfiando-se nas pregas de azul virginal do céu, meu amigo. Oh, tão fálico. Não acha?»

«Uh...»

«Hmm, ja, você ter-se-ia dado bem com eles lá nas baterias, eles estavam sedados, como você. Mais estudiosos do que os sujeitos da infantaria ou dos Panzer, meticulosos ao ponto do fanatismo. Oh, com notáveis excepções, é certo. Uma pessoa vive para as notáveis excepções... Havia um rapaz.» Reminiscências de bêbedo? Estará ele a inventar isto? «Chamava-se Gottfried. Na paz de Deus, que eu espero que ele tenha encontrado. Para nós não tenho tal esperança. Somos pesados na balança e descobertos em falta, e o Magarefe sempre teve o Seu dedo no fiel... você acha que eu estou cansado. Também eu o pensava, até àquela terrível semana. Foi um tempo de dissolução, em retirada através dos Niedersächsisch campos de petróleo. Compreendi então que não passava de uma criança com a fralda molhada. O comandante da bateria tornara-se um maníaco sempre aos berros. Chamava a si mesmo «Blícer». Tinha começado a falar do modo em que o capitão do *Wozzeck* canta, a voz dele irrompendo bruscamente para os mais agudos registos da histeria. As coisas estavam a desmoronar-se, e ele reverteu para alguma versão ancestral de

si mesmo, berrava para o céu, sentava-se horas a fio em rígido transe, com os olhos virados para dentro da sua cabeça. Irrompendo sem qualquer aviso naquela ímpia coloratura. Ovais brancas e vazias, os olhos de uma estátua, com a chuva cinzenta por detrás deles. Ele tinha partido em 1945, ligado os seus nervos de novo à terra pré-Cristã através da qual fugíamos, rumo à Urstoff da Alemanha primitiva, a mais pobre e mais assustada criatura de Deus. Ao longo das gerações talvez você e eu nos tenhamos tornado tão Cristianizados, tão debilitados pela Gesellschaft e pela nossa obrigação para com o seu celebrado «Contrato», o qual jamais existiu, que nós, até nós, ficamos consternados por reversões desse tipo. Mas no fundo, a partir do seu silêncio, a Urstoff desperta, e canta... e no último dia... é vergonhoso... ao longo daquele terrível último dia, eu tive uma ereção... não me julgue... foi algo que não pude controlar... *tudo* estava descontrolado —»

Mais ou menos por esta altura são interrompidos por Margherita e Bianca, brincando à mãe de palco e à filha relutante. Sussurros ao líder da banda, foliões agrupando-se com entusiasmo ao redor de uma clareira onde a Bianca está agora a fazer beicinho, o seu vestidinho vermelho subido até meio das esguias coxas, com a combinação de renda preta a espreitar por baixo da bainha, de certeza que vai ser qualquer coisa de sofisticado, urbano, e malvado, mas que está ela a fazer com o dedo posto de lado numa bochecha encovada assim — momento esse em que chega o intróito da banda, e a saliva de pré-vômito começa a jorrar para a boca do Slothrop, a par de uma horrível dúvida no seu cérebro sobre como irá ele conseguir aguentar-se ao longo dos próximos minutos.

Não somente a canção dela é «On The Good Ship Lollipop», como ela está também a começar agora, sem réstia de vergonha, a *grunhi-la*, mimando na perfeição a jovem Shirley Temple — cada tensa inflexão de leitoa, cada volta dos caracóis, sorriso despropositado, e tropeçante sapatear... os seus delicados braços nus começaram a tornar-se mais rechonchudos, o vestido dela mais curto — estará alguém a brincar com as luzes? Mas as pregas de assexuada gordura infantil não lhe mudaram os olhos: continuam como estavam, trocistas, escuros, dela própria...

Muitos aplausos e alcoólicos bravos quando aquilo finalmente acaba. O Thanatz abstém-se, cabeça paternal balouçando, grandes sobrancelhas contraídas. «Ela nunca chega a ser mulher se isto continuar assim...»

«E *agora*, liebling», a Margherita com um raro, e algo fingido, sorriso, «iremos ouvir “Animal Crackers in My Soup”!

«“Super Animais na Minha Racha”», brada um humorista entre a multidão.

«Não», resmunga a criança.

«Bianca —»

«Grande cabra», salto de agulha a ressoar sobre o convés metálico. É a fingir. «Não me humilhaste ainda o suficiente?»

«Ainda não», precipitando-se sobre a filha, agarrando-a pelo cabelo e sacudindo-a. A menina caiu de joelhos, debatendo-se, tentando fugir.

«Oh, que delícia», grita a senhora do cutelo, «a Greta vai castigá-la.»

«Era o que *eu* gostaria de fazer», murmura uma admirável rapariga mulata com um vestido sem alças, abrindo caminho para ver, batendo na bochecha do Slothrop com a sua boquilha incrustada de jóias enquanto ancas de cetim sussurram junto à coxa dele. Alguém forneceu à Margherita uma régua de aço e uma cadeira Império em ébano. Ela puxa Bianca para cima do seu regaço, levantando vestido e combinação, baixando cuecas de renda branca. Belas nádegas de menina erguem-se como luas. A tenra fenda contrai-se e relaxa, alças de suspensão torcem-se e esticam-se enquanto a Bianca esperneia, meias de seda chiam uma contra a outra, eróticas e audíveis agora que o grupo caiu em silêncio e encontrou o meio do tacto, mãos estendendo-se para seios e braguilhas, maçãs-de-adão a saltitarem, línguas lambendo lábios... onde está a velha masoquista e memorável que o Slothrop conhecera em Berlim? É como se a Greta estivesse agora a soltar toda a dor que tem vindo a acumular ao longo das últimas semanas sobre o traseiro nu da sua filha, a pele tão finamente granulada que alvas marcas de centímetros e numerais são deixadas em imagem especular nas riscas vermelhas a cada açoite, cruzando-se, construindo uma assimétrica matriz de dor na carne da Bianca.

Escorrem-lhe lágrimas pelo rosto invertido e avermelhado abaixo, misturando-se com o rímel, pingando sobre as pálidas superfícies de pele de lagarto dos sapatos da sua mãe... o cabelo dela desprendeu-se e derrama-se sobre o convés, escuro, salpicado com a fiada de pequeninas pérolas. A rapariga mulata recuou contra o Slothrop, estendendo a mão para trás para lhe acariciar a ereção, que não tem nada entre si e o exterior a não ser as folgadas pregas das calças do smoking de alguém. Toda a gente está mais ou menos excitada, o Thanatz está sentado em cima do bar com o seu pénis ainda por desembainhar sendo abocanhado por um dos Vénedos de luvas brancas. Dois dos criados ajoelham-se no convés lambendo a sumarenta genitália de uma loura com um vestido de veludo cor de vinho, que entretanto vai lambendo ardente mente os altos e lustrosos saltos franceses de uma senhora idosa em organza cor de limão que se ocupa a apertar umas algemas de prata forradas a feltro aos pulsos do seu acompanhante, um major da artilharia Jugoslava em uniforme de gala, ajoelhado com nariz e língua bem enfiados entre as magoadas nádegas de uma bailarina com longas pernas vinda de Paris, que levanta para ele a sua saia de seda com dóceis pontas de dedos enquanto o seu companheiro, um alto divorciado Suíço com um corpete de couro muito justo e negras botas Russas, desfaz a parte de cima do vestido da amiga dela e começa a surzir-lhe habilmente os seios nus com os caules de meia dúzia de rosas, tão vermelhas quanto as gotas de sangue que despontam e não tardam a pingar-lhe dos seios erectos para caírem na boca ávida de um outro Vénedo que está a ser masturbado por um banqueiro Holandês aposentado sentado no convés, sapatos e peúgas agora mesmo removidos por duas adoráveis meninas de escola, irmãs gémeas na verdade, com idênticos vestidos de gaze florida, com cada um dos dedos grandes do pé do banqueiro agora inseridos num macio regozinho enquanto elas se deitam para diante por cima das pernas dele beijando-lhe a barriga hirsuta, os belos traseiros gémeos arqueados para receberem nas suas aberturas anais os carinhos dos dois criados que ultimamente estavam, se bem vos lembrais, a abocanhar a tal loura sumarenta com o tal vestido de veludo lá mais atrás no rio Oder...

Quanto ao Slothrop, ele acaba por vir-se entre as redondas e estremecentes mamas de uma rapariga Vienense com um cabelo da cor do pelo de uma leoa e olhos esmeraldinos com espessas pestanas, o esperma dele brotando para o recôncavo da garganta arqueada dela e entre todos os diamantes da sua gargantilha, brilhando intemporalmente por entre a névoa do sémen dele — e ele *sente*, pelo menos, como que toda a gente a vir-se ao mesmo tempo, mas como poderia isso ser? Efectivamente, repara que a única pessoa não conectada, para além de Antoni e Stefania, parece ser o homem de ligação Japonês, que tem estado sentado sozinho, no convés de cima, a ver. Sem se masturbar nem nada, só a ver, a ver o rio, a noite... bom, eles são mesmo imperscrutáveis, como se sabe, esses Japoneses.

Há uma retirada geral dos orifícios ao fim de um bocado, retoma-se a bebida, as drogas e a tagarelice, e muitos começam a ir-se embora para dormirem um pouco. Aqui e além demora-se um casal ou um trio. O tocador de um saxofone tenor afinado em Dó tem a campânula do seu instrumento encaixada entre as coxas escancardadas de uma bonita matrona com óculos de sol, sim óculos de sol à noite, esta companhia a que o Slothrop veio parar de facto é mesmo degenerada — o saxofonista vai tocando o «Chattanooga Choo Choo», e aquelas vibrações estão a deixá-la doida. Uma rapariga com um enorme dildo de vidro dentro do qual há piranhas bebés nadando num qualquer líquido decadente cor de lavanda diverte-se entre as nádegas de um encorpado travesti com meias de renda e um casaco de zibelina tingida. Uma condessa Montenegrina está a ser fodida simultaneamente no penteado e no umbigo por um par de octogenários que vestem somente umas botas altas até ao joelho e vão mantendo uma qualquer discussão técnica naquilo que parece ser Latim eclesiástico.

O sol ainda está a horas de distância, ao fundo da vasta e ilegível estepe Russa. O nevoeiro acerca-se, e os motores abrandam. Passam destroços a deslizar sob a quilha do navio branco. Cadáveres primaveris colhidos pelos destroços volteiam e afastam-se enquanto o *Anubis* lhes passa por cima. Sob o gurupés, o chacal dourado, único ser a bordo que consegue ver através do nevoeiro, olha em frente, para o fundo do rio, na direcção de Swinemünde.



Aqui o Slothrop tem estado a sonhar com Llandudno, onde passou em tempos um chuvoso período de licença a beber cerveja amarga na cama com a filha do patrão de um rebocador. Foi também lá que o Lewis Carroll escreveu aquele *Alice no País das Maravilhas*. Por isso, puseram uma estátua do Coelho Branco em Llandudno. O Coelho Branco tem estado a conversar com o Slothrop, uma conversa séria e crucial, mas quando emerge para a vigília, ele perde tudo aquilo, como de costume. Fica deitado a olhar para tubos e calhas ali por cima, esquinas revestidas a amianto, canos, tirantes, tanques, quadros de distribuição, manilhas, juntas, volantes de válvulas e todos os seus matagais de sombras. O barulho é infernal. A luz do sol coa-se pelas escotilhas, o que deve querer dizer que é manhã. Num canto da sua visão, ele capta agora um alvoroço de vermelho.

«Não podes contar à Margherita. Por favor.» A tal Bianca. Cabelo até às ancas, bochechas esborratadas, olhos quentes. «Ela matava-me.»

«Que horas são?»

«O sol já nasceu há horas. Porque queres saber?»

Porque quer ele saber. Hmm. Talvez volte a adormecer, aqui. «A tua mãe está zangada contigo, ou algo assim?»

«Oh, ela perdeu o juízo, ainda há pouco me acusou de ter um caso com o Thanatz. *Loucura*, é claro que somos bons amigos, mas não passa disso... se ela me prestasse alguma atenção saberia disso.»

«Ela estava era a prestar atenção a esse teu rabo, miúda.»

«Oh, nem me fales disso», levantando o vestido dela, virando-se de maneira a também conseguir ver o Slothrop por cima de um ombro. «Ainda sinto aquilo. Ela deixou marcas?»

«Bom, vais ter de te chegar mais perto.»

Ela aproxima-se mais dele, sorrindo, pés em pontas a cada passo. «Estive a ver-te dormir. Tu és muito bonito, sabes. A mãe também disse que és cruel.»

«Olha para isto.» Ele inclina-se para lhe morder gentilmente uma bochecha do rabo. Ela contorce-se, mas não se afasta.

«Mm. Isto aqui tem um fecho, será que poderias...» Ela encolhe os ombros, rodopia enquanto ele lhe abre o fecho, o tafetá vermelho

cai para o chão e claro que há um ou dois vergões começando a surgir no traseiro dela, o qual tem uma forma perfeita, liso como um creme. Pequena como ela é, foi ainda enfaixada num pequenino corpete negro, que lhe comprime agora o peito até ao diâmetro de uma garrafa de brandy e lhe empurra os seios de pré-subdebutante tornando-os uns pequenos crescentes brancos. Presilhas de cetim, adornadas com intrincados bordados pornográficos, percorrem-lhe cada coxa para segurar meias com uns topes de renda escura de Alençon. As nuas faces posteriores das pernas dela roçam devagarinho pela cara do Slothrop. Ele começa agora a dar-lhe mordidelas gigantescas, à entusiasta de cu, enquanto estende a mão à volta para lhe brincar com os lábios da cona e o clítoris, os pezinhos da Bianca agitando-se em nervosa dança e unhas escarlates cravando-se afiadas como agulhas sob os topes das suas meias e nas suas pernas enquanto ele continua a plantar chupões, nébulas vermelhas pelos espaços sensíveis dela. Ela cheira a sabonete, flores, suor, cona. Os seus longos cabelos caem ao nível dos olhos do Slothrop, finos e negros, as pontas soltas sussurrando-lhe ao fundo das alvas costas enquanto entram e saem da invisibilidade, como chuva... ela virou-se, e põe-se de joelhos para lhe abrir as calças vincadas. Inclinando-se, pondo o cabelo atrás das orelhas, a menina mete a cabeça do caralho do Slothrop na sua boca carmesim. Os olhos dela reluzem entre pálpebras que são fetos, mãos de roedor bebé percorrem o corpo dele desabotoando, acariciando. Uma criança tão esbelta: a garganta dela engolindo, tolhida num gemido enquanto ele lhe agarra o cabelo, lho torce... ela topou-o logo. Sabe exactamente quando retirar a boca e se pôr de pé, chinelos parisienses de salto alto plantados de cada lado dele, balouçante, cabelo ondeando suavemente para diante de maneira a enquadrar-lhe o rosto, repetido no corpete que lhe enquadrava sombriamente a elevação púbica e a barriga. Erguendo os braços nus, a pequena Bianca levanta os seus longos cabelos, soergue a sua pequena cabeça de maneira a que a cabeleira lhe tombe pelas costas, dedos com pontas de agulha descendo então vagarosamente, fazendo-o esperar, pelo cetim abaiixo, por todos os luzidios colchetes e rendas, até às coxas dela. Então o rosto dela, arredondado pela gordura infantil, enorme olhos toldados de noite baixam-se em investida

enquanto ela se ajoelha, conduz o pénis dele para dentro de si e o acomoda com vagar, excruciente até ele a encher, a encher por completo...

Ora qualquer coisa, oh, a modos que *esquisita* sucede aqui. Não que o Slothrop tenha realmente consciência disso agora, enquanto aquilo prossegue — mas mais tarde, ocorrer-lhe-á que tinha — até poderá parecer estranho, mas ele estava de alguma maneira, a bem dizer, bom, *dentro do seu caralho*. Caso se consiga imaginar tal coisa. Sim, inteiramente dentro do órgão metropolitano, todo o restante tecido colonial esquecido e entregue a si próprio, os braços e as pernas dele ao que parece *entretecidos* entre vasilhas e condutas, o seu esperma rugindo cada vez mais alto, aprontando-se para a erupção, algures por baixo dos pés dele... luz de cona castanho-avermelhada e vespertina atinge-o num único raio através da abertura no alto, reflectida entre os sucos transparentes que escorrem ao seu redor. Está cercado. Tudo está prestes a vir-se, a vir-se incrivelmente, e ele está aqui desamparado neste explosivo *empreendimento*... rubra carne a ecoar... uma extraordinária sensação de *esperar que brote*...

Ela galopa, a bonita cavaleira dele, rosto virado para o alto, saltitando para cima e para baixo, músculos ao cimo das coxas retesados como cabos, peitos de bebé saindo-lhe pelo cimo do corpete... Slothrop puxa Bianca para si pelos mamilos e morde-lhe cada um deles com muita força. Pondo-lhe os braços ao redor do pescoço, abraçando-o, ela começa a vir-se, e ele faz o mesmo, o dilúvio deles arrebatando-o então à sua expectativa, saindo pelo olho no alto da torre e para dentro dela com uma singular detonação de tacto. Anunciando o vazio, o que poderia ser senão a régia voz do próprio Agregado?

Algures na imobilidade de ambos estão o coração dela, aos saltos, um chapim no meio da neve, o cabelo dela, envolvendo e abrigando os rostos dos dois, pequena língua nas têmporas e olhos dele uma e outra vez, pernas de seda esfregando-se-lhe nos flancos, o couro frio dos sapatos dela encostado às suas pernas e artelhos, omoplatas erguendo-se como asas sempre que ela lhe toca. O que aconteceu ali atrás? Slothrop acha que é capaz de chorar.

Têm estado abraçados um ao outro. Ela tem estado a falar de irem esconder-se.

«Claro. Mas teremos de desembarcar um dia, em Swinemünde, num sítio qualquer.»

«Não. Podemos fugir. Eu sou uma criança, sei como me esconder. Também posso esconder-te a ti.»

Ele sabe que sim. Ele sabe. Aqui, agora, por baixo da maquilhagem e da roupa interior extravagante, ela *existe*, amor, invisibilidade... Para o Slothrop, esta é uma descoberta de monta.

Mas os braços dela ao redor do seu pescoço evadem-se agora, apreensivos. Por bons motivos. Claro que ele ficará durante algum tempo, mas por fim há-de ir-se embora, e devido a isso ele virá a ser contado, afinal, entre os perdidos da Zona. O bordão do Papa ficará estéril para sempre, tal como o caralho do Slothrop que não floresce.

Portanto quando ele se liberta, é de um modo extravagante. Cria uma burocracia da partida, inoculações contra o esquecimento, visitos de saída carimbados com amorosos chupões... mas voltar atrás é algo de que já se esqueceu. Compõe o seu laço de pescoço, escova as lapelas de cetim do seu casaco, abotoa as calças, novamente no uniforme do dia, vira-lhe as costas e abala pela escada acima. O último instante em que os olhos de ambos estiveram em contacto já está para trás dele...

Sozinha, ajoelhada sobre o aço pintado, tal como a sua mãe, ela sabe como o horror virá quando a tarde estiver mais brilhante. E tal como a Margherita, ela tem as suas piores visões a preto-e-branco. A cada dia se sente mais à beira de qualquer coisa. Sonha frequentemente com a mesma jornada: um trajecto de comboio, entre duas cidades bem conhecidas, iluminado por aquele franzido nacarado que se usa nos filmes para sugerir chuva do lado de fora de uma janela. Numa carruagem-cama, ditando a sua história. Sente-se finalmente capaz de contar um horror pessoal, de o contar claramente de um modo que possa ser partilhado pelos outros. Isso poderá impedir que ele a faça passar-se para o lado de lá, para a salgada e prateada obscuridade que se vai fechando com apreciável vagar nos flancos do seu espírito... quando ainda andava a deixar crescer a sua franja, nos quartos escuros o seu cabelo descomposto, junto aos olhos, avultava como uma presença... Nas arruinadas torres dela, os sinos tocam agora para trás e para diante com o vento. Cordas desfiadas

pendem ou estalam onde os capuzes castanhos dela já não deslizam sobre a pedra. O vento dela afasta até o pó. É uma antiga luz do dia: tardia, e fria. Horror na hora mais brilhante da tarde... velas no mar demasiado pequenas e distantes para importarem... água demasiado metálica e fria...

O olhar dela agora — este intensificado arresto — já quebrou em Slothrop o seu coração que vê: quebrou-o e quebrou-o, esse mesmo olhar oscilou enquanto ele passou de carro por ali, impelido rumo a crepúsculos de musgo e colónia em desagregação, de bombas de gasolina com cilindros magrinhos e nebulosos, de anúncios de lata à Moxie cor de genciana e agridoce como o gosto que eles iam para ali traficar junto às desgastadas paredes dos celeiros, procurou sabe-se lá quantas Últimas Vezes no espelho retrovisor, todas elas demasiado dentro do metal e da combustão, concedendo aos alvos do dia mais realidade do que algo que pudesse surgir de surpresa, pela Lei de Murphy, onde a salvação pudesse estar... Perdido, uma e outra vez, passando pela pobre Becket do dique rebentado e afogada, subindo e descendo as encostas acastanhadas pelos sulcos, as medidas de feno enferrujando durante a tarde, o céu cinzento-roxo, tão escuro como pastilha elástica mastigada, a bruma começando a fazer fiapos esbranquiçados no ar, baixando para a terra, meio centímetro, um centímetro... ela olhou-o uma vez, claro que ele ainda se lembra, desde o fundo do balcão do vagão-restaurante, fumo do grelhador pegando-se às janelas tão paciente quanto graxa de sapatos contra a chuva para a mão cheia de gente indiscreta, arqueada e axadrezada que estava lá dentro, a sair da vitrola um rápido fulgor no balido de um trombone, uma secção de sopros, plantando notas de vaivém precisamente no ritmo entre o silencioso ponto médio e a batida seguinte, fazendo-as saltitar *pah* (hm) *pah* (hm) *pah* com tanta precisão no ritmo que vós sabéis que estava à frente mas *sentíeis* que estava atrás, vós ambos, em ambas as pontas do balcão, conseguíeis sentir-lo, sentíeis a vossa era entregue a um novo tipo de tempo que vos poderá ter autorizado a perder o resto, as expectativas sem graça dos homens idosos que viam, numa indiferença de bifocal e de muco, viam-vos ir para dentro do fosso dançando o lindy-hop aos milhões, tantos milhões quantos fossem necessários... Claro que o Slothrop

a perdeu, e continuou a perdê-la — era uma exigência Americana — do lado de fora das janelas do autocarro Greyhound, passando para cantaria biselada, envolta por verdes e ulmeiros até se tornar uma falha da percepção, ou, num sentido mais sinistro, se quiserdes (costumáveis saber o que significam estas palavras), ela passou adiante, imperturbada, demasiado ligada a Eles, nenhuma hipótese de uma bege aparição estival à beira da estrada *dela...*

Deixando o Slothrop com os seus reflexos citadinos e as peúgas da equipa de Harvard — sendo ambos por acaso umas grilhetas de aros vermelhos, ferros de livro aos quadradinhos (embora o livro aos quadradinhos praticamente nem tivesse divulgação, encontrado por acaso perto do anoitecer por uma barcaça de draga num banco de areia do Berkshire. O nome do herói — ou ser — era Sundial. A ele — ou àquilo — os quadrados nunca o cercavam por muito tempo. O Sundial, entrando por ali a brilhar, saindo dali a brilhar, vinha «do outro lado do vento», que os leitores entendiam como «do outro lado de um fluxo qualquer, uma película mais ou menos vertical: uma parede em movimento constante» — do lado de lá havia um mundo diferente, onde o Sundial tratava de assuntos que eles jamais conseguiram compreender).

Distantes, sim tais coisas são bastante distantes. Claro que são. Próximo demais começa a doer trazê-las de volta. Mas há esta obsessão de Eurídice, este *trazer de lá outra vez...* embora fosse muito mais fácil deixá-la por lá, em fétidas sopas de carboneto e canários mortos e sair dali e ter bem-estar suficiente para procurar apenas um razoável fac-símile — «Porquê trazê-la de volta? Porquê tentar? É somente a diferença entre a tampa de pacote autêntica e aquela que se arranja para Eles.» Não. Como pode ele acreditar em tal coisa? É nisso que Eles querem que acredite, mas como pode ele? Não há diferença entre uma tampa de pacote e a imagem daquilo, pois claro, toda a economia deles se baseia *nisso...* mas ela deve ser mais do que uma imagem, um produto, uma promessa de pagamento...

De todos os putativos pais dela — Max Schleipzig e os figurantes mascarados de um lado do filme em movimento, Franz Pökler e certamente outros pares de mãos ocupadas entre o tecido das calças, naquela Noite do *Alpdrücken*, do outro — Bianca está mais perto,

neste último momento possível aqui entre dois convés por detrás do voraz chacal, mais perto de ti que vieste em ofuscante cor, mandriando a sós no teu assento, nunca sendo ameaçado por qualquer linha de torre ou diagonal durante a noite inteira, tu cuja interdição do alvo e aquático amor da mãe dela é absoluta, tu, sozinho, dizendo *Claro que os conheço*, posto de parte, dizendo *contem comigo* com um risinho, incapaz, pensando *provavelmente alguma rameira...* Ela favorece-te, sobretudo. Nunca chegarás avê-la. Por isso alguém tem de te dizer.



A meio da escada, o Slothrop é surpreendido por uma brilhante dentadura, que reluz a partir de uma escura escotilha. «Estive a ver. Espero que não se importe.» Parece ser aquele Nip outra vez, o qual se apresenta agora como Alferes Morituri, da Marinha Imperial Japonesa.

«Pois é, eu...» porque está o Slothrop a arrastar a fala desta maneira? «já o tinha visto a olhar... ontem à noite também, cavalheiro...»

«Você pensa que eu sou um voyeur. Pensa sim. Mas não é isso. Não há excitação nenhuma, quero eu dizer. É que quando fico a ver as pessoas, sinto-me menos só.»

«Ora porra, ó Alferes... porqu'é que você não... se junta? Eles andam sempre à procura de... companhia.»

«Oh, nem pensar», sorrindo um daqueles grandes sorrisos poliédricos dos Japs, como eles costumam fazer, «assim eu sentir-me-ia *mais* sozinho.»

Mesas e cadeiras foram dispostas sob uns toldos com listas laranjas e vermelhas na coberta da popa. Slothrop e Morituri têm o local quase só para si, à excepção de umas raparigas em fatos de banho de duas peças que vieram cá fora apanhar algum sol antes que ele se vá embora. Cúmulo-nimbos levantam-se mais adiante. Ouvem-se os trovões à distância. O ar está a acordar.

Um camareiro traz café, natas, papas de aveia e laranjas frescas. Slothrop olha para as papas, com um ar duvidoso. «Eu fico com isso», o Alferes Morituri agarrando a tigela.

«Oh, claro.» Slothrop reparáa agora como este Nip tem também um largo bigode em forma de guiaador. «Aha, aha. Estou a entendê-lo. Um fã de papas de aveia! Que vergonha. Um Anglófilo latente — pois é, você até está a corar.» Apontando e gritando ha, ha, ha.

«Você já me topou. Sim, sim. Há seis anos que eu estou no lado errado.»

«Alguma vez tentou escapar?»

«E descobrir como são vocês verdadeiramente? Oh, safá. E se depois o ófilo passasse a ser ófobo? Para onde iria eu?» Ele solta um risinho, cospe um caroço de laranja por cima da amurada. Parece que teve algumas semanas de treino lá na Formosa, na escola dos Kamikazes, mas puseram-no de lá para fora. Nunca ninguém lhe disse porquê, ao certo. Qualquer coisa que tinha que ver com a atitude dele. «O que eu não tinha era uma boa atitude», suspira ele. «De modo que me enviaram para aqui outra vez, através da Rússia e da Suíça. Desta vez com o Ministério da Propaganda.» Passava a maior parte do dia sentado a ver filmagens dos Aliados para averiguar o que se poderia sacar de lá e montar em filmes noticiosos de modo a dar bom aspecto ao Eixo e mau aspecto ao outro lado. «Tudo o que eu conheço acerca da Grã-Bretanha vem desse material em bruto.»

«Parece que os filmes Alemães deformaram outras perspectivas por aqui também.»

«Você refere-se à Margherita. Sabe uma coisa, foi assim que nós nos conhecemos! Um amigo comum na Ufa. Eu estava de férias em Bad Karma — pouco antes da invasão da Polónia. Na pequena vila em que você se juntou a nós. Eram umas termas. Vi-o cair à água. Depois trepou para bordo. Também vi a Margherita avê-lo a si. Por favor, não se ofenda, Slothrop, mas seria melhor que se mantivesse longe dela por agora.»

«Não me ofendo de todo. Eu sei que anda por aí alguma coisa arrepiante.» Ele fala a Morituri do incidente no Sprudelhof, e do modo como a Margherita fugiu da aparição vestida de negro.

O Alferes vai-lhe dizendo que sim com a cabeça, carrancudo, torcendo metade do seu bigode para cima de modo a este apontar em forma de sabre para um olho. «Ela não lhe contou o que aconteceu aqui? Chiça, Jack, era melhor que você soubesse...»

A HISTÓRIA DO ALFERES MORITURI

As guerras têm uma maneira de se sobrepor aos dias que as antecederam. Quando se olha para trás, há muito ruído e gravidade. Mas nós estamos condicionados para esquecer. Para que a guerra possa ter maior importância, sim, mas no entanto... não é a maquinaria oculta mais fácil de se ver nos dias que conduzem ao evento? Há arranjos, coisas a serem despachadas... e muitas vezes as bordas podem ser levantadas, brevemente, e nós vemos coisas que não deveríamos ver...

Tentaram convencer a Margherita a não ir para Hollywood. Ela foi, e fracassou. Rollo estava lá quando ela voltou, para impedir que sucedesse o pior. Durante um mês ele confiscou objectos aguçados, manteve-a no rés-do-chão e longe de produtos químicos, o que significa que ela não dormia muito. Caía para o lado e acordava histérica. Com medo de ir dormir. Medo de ficar sem saber como regressar.

Rollo não tinha um espírito incisivo. Era bem-intencionado, mas, ao fim de um mês com ela, descobriu que já não aguentava mais. Na verdade, surpreendeu toda a gente que ele aguentasse tanto tempo. Greta foi confiada ao Sigmund, pouco melhor, mas talvez não pior.

O problema com o Sigmund era o local onde ele na ocasião viajava, uma deformidade ventosa e guarnecidida de ameias por cima de um pequeno e frio lago nos Alpes Bávaros. Partes dela deveriam remontar à queda de Roma. Foi para aí que o Sigmund a levou.

Ela arranjara algures a ideia de que era em parte Judia. Por essa época, as coisas na Alemanha, como toda a gente sabe, estavam muito más. Margherita andava aterrorizada por vir a ser «descoberta». Ouvia a Gestapo em cada baforada de ar que entrasse, por entre as mil e uma frestas da delapidação. Sigmund passava noites inteiras tentando convencê-la do contrário. Não teve melhor sucesso do que Rollo. Foi por volta desse tempo que começaram os sintomas dela.

Por mais psicogénicas que fossem essas dores, tiques, urticárias e náuseas, o sofrimento dela era real. Vieram acupuncturistas em Zeppelin desde Berlim, aparecendo a meio da noite com pequenos

estojos de veludo cheios de agulhas douradas. Analistas Vienenses, homens santos Indianos, Baptistas da América entravam e saíam em tropel do castelo de Sigmund, hipnotistas de palco e *curanderos* Colombianos dormiam sobre o tapete em frente à lareira. Nada funcionava. Sigmund foi ficando mais assustado e, dentro em pouco, tão pronto a alucinar quanto Margherita. Provavelmente, foi ela quem sugeriu Bad Karma. Nesse Verão, o sítio gozava de boa reputação devido à sua lama, lama quente e oleosa com vestígios de rádio, negra retinta, borbulhando suavemente. Ah. Quem já esteve doente daquela maneira poderá imaginar a esperança dela. Aquela lama curaria tudo.

Onde estava alguém nesse Verão anterior à Guerra? Sonhando. As termas nesse Verão, o Verão em que o Alferes Morituri veio para Bad Karma, estavam apinhadas de sonâmbulos. Nada para ele fazer na Embaixada. Sugeriram-lhe umas férias até Setembro. Ele deveria ter percebido que algo andava a preparar-se, mas limitara-se a ir de férias para Bad Karma — passara os dias bebendo Pilsener Urquelle no café junto ao lago do Parque do Pavilhão. Era um estrangeiro, em metade do tempo bêbedo, parvamente bêbedo de cerveja, e mal falava a língua deles. Mas o que ele via deveria estar a ocorrer em toda a Alemanha. Um frenesi premeditado.

Margherita e Sigmund moviam-se ao longo dos mesmos caminhos sombreados pelas magnólias, sentavam-se em cadeiras de armar para ouvirem concertos de música patriótica... quando chovia enervavam-se com jogos de cartas numa das salas públicas da sua Kurhaus. À noite viam o fogo-de-artifício — fontanários, foguetes que espumavam faíscas, amarelados rebentamentos de estrelas bem acima da Polónia. A estação onírica deles... Não havia ninguém em todos os sanatórios que lesse alguma coisa nos padrões feitos pelas lareiras. Eram somente luzes joviais, nervosas como as fantasias que cintilavam de olho para olho, arrastando-se sobre a pele como as penas de avestruz de 50 anos antes.

Quando terá Sigmund primeiramente notado as ausências dela, ou quando se tornaram estas para si mais do que rotina? Ela oferecia-lhe sempre histórias plausíveis: uma consulta médica, um encontro fortuito com um velho amigo, uma tontura nos banhos de lama, enquanto o tempo ia correndo. Poderá ter sido esse sono inabitual

que o fez suspeitar por fim, devido ao que a insónia dela o havia feito passar no Sul. As histórias acerca de crianças nos jornais locais não poderiam ter causado qualquer impressão, não nesse tempo. Sigmund somente lia os títulos, e mesmo esses raramente, para preencher um momento desocupado.

Morituri via-os com frequência. Encontravam-se e faziam uma vénia, trocavam Heil Hitlers, e ao Alferes eram concedidos alguns minutos para praticar o seu Alemão. À excepção dos empregados de mesa e de balcão, eram as únicas pessoas com quem ele falava. Junto aos campos de ténis, esperando em fila na sala de bombagem por baixo da fresca colunata, num *corso* aquático, uma batalha de flores, uma festa Veneziana, Sigmund e Margherita quase não mudavam, ele com o seu — Morituri pensava naquilo como o seu sorriso Americano, ao redor da haste de âmbar do seu cachimbo apagado... a cabeça dele como um carnudo ornamento de Natal... há quanto tempo fora isso... ela com os seus óculos de sol amarelos e chapéus à Garbo. As flores eram tudo o que mudava no dia-a-dia dela: glórias-da-manhã, rebentos de amendoeira, dedaleiras. Morituri começou a ansiar por esses encontros quotidianos. A sua mulher e filhas do outro lado do mundo, ele próprio exilado num país que o confundia e oprimia. Precisava da passeante civilidade dos visitantes do zoológico, das palavras do roteiro. Sabe que se deixava ficar a olhar, sempre cheio de curiosidade. Com a sua destreza Europeia, todos eles o fascinavam: as velhinhas de plumas brancas nas cadeiras de repouso ao ar livre, os veteranos da Grande Guerra, quais serenos hipopótamos em imersão nas banheiras de aço, os efeminados secretários deles tagarelando com estridência de macacos do outro lado da Sprudelstrasse, enquanto ao fundo dos arcos de tílias e castanheiros se podia ouvir o interminável rumor do dióxido de carbono na borbulhante fonte, brotando da solução em grandes esferas estremecentes... mas Sigmund e Margherita fascinavam-no acima de tudo. «Eles pareciam tão estrangeiros quanto eu. Todos nós temos antenas, não é verdade, sintonizadas para reconhecerem os nossos semelhantes...»

Certa manhã, por acidente, encontrou Sigmund, sozinho, uma estátua de tweed com a sua bengala em frente ao Inalatório, com o ar de quem andava perdido, sem verdadeiramente um local para ir,

nem vontade. Sem premeditação, começaram então a falar. Saíram dali passado pouco tempo, passeando entre as multidões de estrangeiros doentes, enquanto Sigmund falava dos seus problemas com Greta, da fantasia Judia dela, das suas ausências. No dia anterior, tinha-a apanhado a dizer uma mentira. Ela chegara muito tarde. As mãos dela estavam tomadas de um fino tremor que não parava. Ele começara a reparar em coisas. Nos sapatos dela, salpicados de lama preta a secar. Numa costura do vestido dela alargada, quase rasgada, embora ela andasse a perder peso. Mas não tivera coragem para a confrontar com isso.

Morituri, que andara a ler os jornais, para quem a conexão brotara como um monstro das dóceis efervescências da Trinkhalle, mas que não dispunha das palavras, Alemãs ou outras, para contar ao Sigmund, Morituri, o Alferes da Cerveja, começou então a segui-la. Ela nunca olhava para trás, mas sabia que ele estava lá. No baile semanal da Kursaal ele sentiu, pela primeira vez, uma reticência entre todos eles. Margherita, olhos que estava acostumado a ver cobertos por óculos de sol e agora despidos, luzindo terrivelmente, nunca desvia o olhar de cima dele. A Kur-Orchestra tocava trechos de *A Viúva Alegre* e de *Segredos de Suzana*, música fora de moda e, no entanto, quando pedaços dela encontraram Morituri anos mais tarde na rua, através da rádio, nunca deixaram de lhe trazer de volta o tácito gosto daquela noite, eles os três à beira de um abismo que ninguém conseguia sondar... alguma última retoma dos anos trinta Europeus que ele jamais conhecera... que são também para ele uma sala particular, um salão na tarde: raparigas esguias com vestidos, rímel ao redor dos olhos, os homens com rostos barbeados e muitos lisos, polidos como os das estrelas de cinema... não opereta mas música de dança aqui, sofisticada, tranquilizante, um pouco «moderna», mergulhando elegantemente nas linhas melódicas actualizadas... uma sala no piso superior, com a luz do sol em fim de tarde a entrar, tapeçarias fundas, vozes nada dizendo de pesado ou de complexo, sorrisos informados e condescendentes. Ele fora despertado nessa manhã num leito fofo, anseia por uma noite num cabaré dançando ao som de populares canções de amor tocadas num estilo assim amaneirado e refinado. O salão em que passou a tarde, com as suas lágrimas contidas,

o seu fumo, a sua cuidadosa paixão, foi uma estação intermédia entre a confortável manhã e a confortável noite: foi a Europa, foi o fumarento, citadino temor da morte, e o mais perigoso foram os escrutinadores olhos da Margherita, aquele encontro perdido na Kursaal, olhos negros entre aquele amontoado de jóias e de cabeceantes generais idosos, no tumulto da Brodelbrunnen lá fora, preenchendo os serenos espaços na música enquanto a maquinaria não tardava a encher o céu.

Na noite seguinte, o Morituri foi atrás dela pela última vez. Descendo os caminhos gastos, sob as costumeiras árvores, passando pelo lago dos peixes dourados Alemães que lhe faziam lembrar a sua terra, atravessando os campos de golfe, os últimos homens de bigodes brancos do dia esforçando-se por saírem de armadilhas e obstáculos, os seus assistentes postados com alegórica atenção no luzimento do crepúsculo, o feixe dos tacos em silhueta Fascista... O crepúsculo abateu-se sobre Bad Karma nessa noite pálido e violento: o horizonte era um desastre Bíblico. Greta vestira-se inteiramente de negro, um chapéu com véu cobrindo-lhe a maior parte do cabelo, bolsa pendendo de uma longa correia sobre um ombro. Enquanto as escolhas de um destino se limitavam a uma só, enquanto Morituri deparava com ardis que a noite começara a estender-lhe, a profecia preencheu-o como o vento do rio: onde estivera ela durante as suas ausências, como tinham as crianças daqueles títulos —

Haviam chegado à beira da lama negra: aquela presença subterrânea, velha como a Terra, parcialmente enclausurada lá nas Termas e num nome dado a... A oferenda iria ser um rapaz, que por ali se demorara após todos os outros se irem embora. O cabelo dele era neve fria. Morituri somente conseguiu ouvir fragmentos do que eles disseram. O rapaz não teve medo dela ao princípio. Poderia não a ter reconhecido dos seus sonhos. Teria sido a sua única esperança. Mas eles haviam tornado isso impossível, os capatazes Alemães dele. Morituri ficou por ali com o seu uniforme, à espera, desabotoando a jaqueta para que se pudesse mover, embora não o quisesse. De certo todos eles estavam a repetir esta imperfeita encenação a partir de uma ocasião anterior...

A voz dela iniciou a sua ascensão, e o rapaz a sua tremura. «Tu estás exilado há muito tempo.» Foi uma sonora palmada no crepúsculo. «Anda para casa, comigo», gritava ela, «volta para a tua gente.» Agora ele estava a tentar escapar-se-lhe, mas a mão dela, a enluvada mão dela, a garra dela havia-se projectado e segurara-o por um braço. «Judeuzinho de merda. Não tentes fugir de mim.»

«Não...» mas erguendo-se mesmo no fim, numa provocante interrogação.

«Tu também sabes quem eu sou. O meu lar é a forma da Luz», agora burlesca, em cerrado dialecto Ídiche, teatral e falsa, «Eu percorri toda a Diáspora em busca das crianças perdidas. Eu sou Israel. Eu sou a Shekhinah, rainha, filha, noiva e mãe de Deus. E vou levarte de volta, meu fragmento de vasilha quebrada, ainda que tenha de te arrastar pela tua nojenta pilinha circuncidada —»

«Não...»

Por isso, o Alferes Morituri cometeu então o único acto de heroísmo conhecido da sua carreira. Nem sequer consta do ficheiro dele. Ela apanhou o rapaz que se debatia, uma luva atarefada entre as pernas dele. Morituri correu para diante. Por um momento, eles os três oscilaram, conjuntamente. Pardacenta estatuária Nazi: o seu nome poderia ter sido «A Família». Nada da imobilidade Grega: não, eles *moviam-se*. A imortalidade não era o mais importante. Era isso que os tornava diferentes. Nenhuma sobrevivência, para além do que os sentidos tiravam dali — nenhum legado. Condenados como a aventura de D'Annunzio em Fiume, como o próprio Reich, como as pobres criaturas das quais o rapaz agora se soltou e fugiu para o meio da noite.

Margherita deixou-se cair à beira da grande lagoa sem luz. Morituri ajoelhou-se junto dela enquanto ela chorava. Foi terrível. Aquilo que o levara até ali, aquilo que compreendera e avançara tão automaticamente, tombara agora de novo no sono. O seu condicionamento, o seu eu verbal, graduado e uniformizado tornou a ser dominante. Ajoelhou-se tremendo, mais receoso do que alguma vez estivera na sua vida. Foi ela quem os conduziu de novo até às Termas.

Ela e Sigmund deixaram Bad Karma nessa noite. O rapaz poderia ter estado demasiado assustado, a luz demasiado ténue, o próprio

Morituri poderia ter fortes protectores, pois Deus sabe que ele estava bem visível ali — mas não apareceu polícia nenhum. «Nem sequer me ocorreu ir chamá-los. No meu íntimo, eu sabia que ela havia assassinado. Você poderá condenar-me por isso. Mas eu vi aquilo a que iria entregá-la, e acabava por ser a mesma coisa, em custódia oficial ou não, está a ver.» O dia seguinte era 1 de Setembro. Já não havia modo de as crianças desaparecerem misteriosamente.

A manhã tornou-se escura. A chuva cospe para debaixo do toldo. A tigela de papas de aveia ficou afinal intacta diante de Morituri. Slothrop está a suar, fitando os luzidios restos de uma laranja. «Ouça», ocorreu ao ágil cérebro dele, «e quanto à Bianca, então? Estará ela a salvo com aquela Greta, que acha você?»

Cofiando o seu grande bigode, «Que quer você dizer? Está a perguntar “Poderá ela ser salva?”»

«Oh. Ora, ora, velho Jap, saia lá dessa —»

«Olhe lá, do que poderá *você* salvá-la?» Os olhos dele estão a esquadrinhar o Slothrop e a arredá-lo do seu conforto. A chuva ressoa agora sobre os toldos, derramando-se em transparentes rendilhados pelas beiras destes.

«Mas espere um minuto. Oh, merda, aquela *mujer* de ontem, lá no tal Sprudelhof —»

«Sim. Lembre-se de que a Greta também o viu sair do rio. Agora pense em todo o folclore acerca da radioactividade que existe entre estas pessoas — estes viajantes de termas em termas, de estação em estação. É uma mercê. São as águas santas de Lourdes. Essa misteriosa radiação que é capaz de curar tanta coisa — poderá isso ser a cura *derradeira*?»

«Uh...»

«Eu vi a cara dela enquanto você subia a bordo. Eu estive com ela à beira de uma noite radioactiva. Sei o que ela viu desta vez. Uma daquelas crianças — preservada, alimentada pela lama, pelo rádio, tornando-se mais alta e mais forte enquanto devagar, viscosa e lentamente, as correntes o transportavam sob a terra, ano após ano, até que por fim, chegado à idade adulta, ele veio até ao rio, saiu da negra

radiância dela própria para a encontrar de novo, à Shekhinah, noiva, rainha, filha. E mãe. Maternal como a lama protectora e luzindo como a pecheblenda —»

Quase directamente por cima deles, o trovão rompe-se subitamente num ofuscante ovo de som. Algures no interior do estampido, o Slothrop murmurou, «Deixe-se de brincadeiras.»

«Você vai correr o risco de descobrir?»

Quem é este, oh *claro* que é um alferes Japonês, que me olha dessa maneira. Mas onde estão os braços da Bianca, a indefesa boca dela... «Bom dentro de um dia ou dois estaremos em Swinemünde, não é?» falando para impedir que ele o faça — então levanta-te da mesa, meu otário —

«Todos nós iremos continuar em movimento, só isso. No fim não importa.»

«Olhe lá, você tem miúdos, como pode dizer uma coisa dessas? É só isso que você quer, “continuar em movimento”?»

«Quero ver a guerra terminar no Pacífico para poder voltar a casa. Já que pergunta. Agora é a estação das chuvas para as ameixas, a Bai-u, quando todas as ameixas estão a amadurecer. Só quero estar com a Michiko e as nossas meninas, e logo que lá esteja, nunca mais sairei de Hiroxima. Julgo que você gostaria daquilo por lá. É uma cidade em Honshu, no Mar Interior, muito bonita, de um tamanho perfeito, suficientemente grande para a excitação citadina, suficientemente pequena para a serenidade de que um homem precisa. Mas estas pessoas não estão a regressar, elas estão a abandonar as suas casas, percebe —»

Mas um dos nós que prendem o toldo cheio de chuva à sua armação acabou por ceder, cordão branco desatando-se rapidamente, ficando a sacudir-se à chuva. O toldo descai, despejando água da chuva para cima de Slothrop e Morituri, e eles fogem para baixo do convés.

Acabam por separar-se numa multidão de estroínas acabados de levantar. Agora quase não há mais nada na cabeça do Slothrop senão chegar até Bianca. No fundo da escada, entre uma quantidade de rostos vazios, ele detecta Stefania em casaco branco de lã e calças, fitando-o. Demora cinco minutos a abrir caminho até junto dela, altura em que é apanhado por um brandy Alexander, um chapéu festivo,

um letreiro colado às suas costas instando quem o ler, em dialecto da Baixa Pomerânia, a pontapear o Slothrop, manchas de batom em três tons de magenta, e um negro maduro Italiano que já alguéém acendeu solicitamente.

«Você pode parecer a alma da convivialidade», diz-lhe a Stefania saudando-o, «mas a mim não me engana. Por baixo dessa máscara alegre está a cara de um Jonas.»

«Você quer dizer, uh, o, uh —»

«Estou a referir-me à Margherita. Ela trancou-se dentro da cabeça dela. Histérica. Ninguém consegue tirá-la de lá.»

«E você portanto está a olhar para mim. Que tal o Thanatz?»

«O Thanatz desapareceu, tal como a Bianca.»

«Oh, merda.»

«A Margherita pensa que você fez o que quis com ela.»

«Eu cá não.» Ele recapitula rapidamente a história do Alferes Morituri. Parte do élan, da resiliência dela, desaparecem. Ela rói uma unha.

«Sim, houve rumores. O Sigmund, antes de desaparecer, contou o suficiente para excitar as pessoas, mas nunca nada de específico. Era o estilo dele. Ouça, Slothrop. Você acha que a Bianca corre algum perigo?»

«Vou tentar descobrir.» Ele é interrompido aqui por um lesto pontapé no cu.

«Você tem mesmo pouca sorte», grasma uma voz atrás dele. «Eu sou a única pessoa a bordo que lê o Baixo Pomerânia.»

«Você tem mesmo pouca sorte», confirma a Stefania com um aceno de cabeça.

«Eu só queria uma viagem gratuita até Swinemünde.»

Mas como diz a Stefania, «Viagem gratuita só há uma. Entretanto, comece a tratar da tarifa desta. Vá ver a Margherita.»

«Você quer que *eu* vá — deixe-se disso.»

«Não queremos que aconteça nada.»

Uma das Ordens de Serviço a bordo desta embarcação. Nada acontecerá. Bom, o Slothrop enfia educadamente o resto do seu charuto entre os dentes de Mme. Procalowska e deixa-a tirando bafudas dele, punhos enfiados nos bolsos do seu casaco de lã.

Bianca não está na sala das máquinas. Ele move-se sob as lâmpadas tremeluzentes, entre massas revestidas a amiante, queimando-se uma ou duas vezes em sítios onde falta isolamento, olhando para pálidos recessos, sombras, pensando no seu próprio isolamento aqui. Nada a não ser maquinaria, ruído. Dirige-se para a escada. Uma amostra de vermelho aguarda-o... não, somente o vestido dela, com um ensopado vestígio do sémen dele ainda na bainha... esta pesada humidade manteve-o ali. Ele agacha-se, com a peça de vestuário na mão, cheirando o cheiro dela. Eu sou uma criança, sei como esconder-me, e posso esconder-te a ti. «Bianca», chama ele, «Bianca, sai daí.»

Reunidos junto à porta para a latrina, ele depara com um sortido de mandriões e bêbedos da classe alta bloqueando a passagem a parte de uma confusão de garrafas e copos, e um círculo sentado de habituados à cocaína, pássaros de cristal levantando voo rumo a florestas de pêlos nasais desde a ponta de uma adaga em ouro e rubi. Slothrop abre caminho entre eles, encosta-se à porta e chama o nome de Margherita.

«Vai-te embora.»

«Tu não tens de sair. Deixa-me só entrar.»

«Eu sei quem tu és.»

«Por favor.»

«Eles são muito espertos, mandaram-te a ti para te fazeres passar pelo pobre Max. Mas isso agora não vai funcionar.»

«Eu já não quero nada com Eles. Juro. Preciso de ti, Greta.» Tretas. Para quê?

«Então Eles hão-de matar-te. Vai-te embora.»

«Eu sei onde está a Bianca.»

«Que fizeste tu com ela?»

«Foi só — deixas-me entrar?» Após um minuto inteiro de silêncio, ela deixa. Um ou dois folgazões tentam entrar também, mas ele bate com a porta e torna a trancá-la. Greta não tem nada vestido além de uma camisa negra. Madeixas de cabelos pretos encaracolam-se no cimo das suas coxas. O rosto dela está branco, velho, tenso.

«Onde está ela?»

«Escondida.»

«De mim?»

«D'Eles.»

Um rápido olhar para ele. Demasiados espelhos, navalhas, tesouros, luzes. Demasiada brancura. «Mas *tu* és um d'Eles.»

«Pára com isso, tu sabes que não sou.»

«És sim. Tu saíste para fora do rio.»

«Bom, isso foi por ter caído *nele*, Greta.»

«Então Eles fizeram-te cair.»

Ele vê-a brincar, nervosa, com madeixas dos seus cabelos. O *Anubis* começou a balançar um pouco, mas o enjojo que nele se levanta é por causa da sua cabeça, não do estômago. Enquanto ela começa a falar, a náusea começa a preencher-lo: uma luzidia, negra e lamacenta maré de náusea...



Aos homens sempre fora fácil virem dizer-lhe quem ela deveria ser. Outras raparigas da sua geração cresceram perguntando, «Quem sou eu?» Para elas, essa era uma pergunta cheia de dor e porfia. Para Gretel, quase nem chegava a ser uma pergunta. Ela tinha mais identidades do que aquelas com que conseguia lidar. Algumas dessas Gretels não foram além da superfície mais rudimentar — outras são mais profundas. Muitas têm dotes incríveis, antigravidade, sonhos de profecia... imagens cromáticas rodeiam os rostos delas, reluzindo no ar: a própria luz é na verdade chorosas lágrimas, chorando deste modo estilizado, enquanto ela é transportada através das cidades mecânicas, das paredes de meteorito que pendem no meio do ar, cada recôncavo e encaixe vazios como um osso, e a fraquejante sombra que luz negro em todo o seu redor... ou é mantida em contemplantes posturas, longos vestidos, debrum e símbolo alquímico, véus caindo de gorros de couro acolchoados concentricamente como o capacete de um corredor de bicicleta, com crepitante torre e hélice de obsidiana, com correias de transmissão e rolamentos, com estranhas passagens para naves aéreas que avançam sob arcadas, solenemente, desfilando persianas e gigantescas aletas na bruma da cidade...

Em *Weisse Sandwüste von Neumexiko* ela interpretava uma vaqueira. A primeira coisa que lhe perguntaram foi, «Sabes montar a cavalo?» «Claro que sim», respondeu ela. Nunca na vida chegara mais perto de um cavalo do que em valetas à beira da estrada em tempo de guerra, mas precisava do trabalho. Quando chegou o momento de subir para a sela, nem sequer lhe ocorreu ter medo da besta comprimida entre as suas coxas. Era um cavalo Americano chamado Snake. Treinado ou não, poderia ter fugido dali com ela, poderia até matá-la. Mas eles encheram o ecrã com cabriolas do fogo de Sagitário, a Gretel e aquele colt, e o sorriso dela nunca mais se recolheu.

Eis um dos véus que ela deixou cair, uma fina espuma branca, um cáustico resíduo de uma noite recente em Berlim. «Enquanto estavas a dormir, saí de casa. Fui para o meio da rua, sem os meus sapatos. Encontrei um cadáver. Um homem. Barba cinzenta com uma semana e um velho fato cinzento...» Estava deitado sem se mexer e muito branco atrás de uma parede. Ela deitara-se ao lado dele e passara-lhe os braços por cima. Havia geada. O corpo rebolara na direcção dela e as rugas tinham ficado congeladas no tecido. Ela sentiu o rosto hirsuto dele esfregar-se na sua bochecha. O cheiro não era pior que o da carne fria tirada da geleira. Ficara ali deitada, abraçada a ele, até de manhã.

«Conta-me como é na tua terra.» O que a despertara? Botas na rua, uma matutina escavadora a vapor. Ela quase nem consegue ouvir os seus fatigados murmurários.

O cadáver responde: «Vivemos muito longe por baixo da lama preta. Dias de viagem.» Embora ela não lhe conseguisse mexer os braços tão facilmente quanto os de uma boneca, conseguia fazê-lo dizer e pensar exactamente o que ela queria.

Por um instante também ela se pôs a pensar — não propriamente por palavras — se seria assim que o próprio espírito ameno dela se poderia sentir, sob os dedos d'Aqueles que...

«Mm, isto cá em baixo é aconchegado. De vez em quando, conseguimos aperceber-nos de alguma coisa d'Eles — um rumor distante, a implícita silhueta de alguma explosão, conduzida até aqui através da terra lá de cima... mas nada, nunca, *demasiado perto*. É tão

escuro que as coisas reluzem. Temos voo. Não há sexo. Mas há fantasias, e até muitas daquelas que costumávamos associar ao sexo — com as quais outrora lhe modulávamos a energia...»

No papel da tonta debutante Lotte Lüstig, ela achou-se no meio de uma inundação, disfarçada como mulher da limpeza, descendo pelo rio abaixo dentro de uma banheira com o abastado estroina Max Schlepzig. O sonho de qualquer rapariga. O título do filme era *Jugend Herauf!* (um despreocupado trocadilho, evidentemente, com a então popular frase «Juden heraus!»). Na verdade, todas as cenas da banheira foram feitas com trucagem — ela nunca chegou mesmo a ir para o meio do rio na banheira com o Max, tudo isso foi feito com duplos e, na montagem final, sobrevive apenas como um plano longo e muito difuso. As figuras estão escurecidas e deformadas, parecem macacos, e a qualidade da luz é peculiar, como se toda a cena tivesse sido gravada num metal escuro como o chumbo. A dupla de Greta era na verdade um acrobata Italiano chamado Blazzo com uma comprida peruca loura. Mantiveram um romance durante algum tempo. Mas a Greta não queria ir para a cama com ele, a menos que ele usasse aquela *peruca!*

Pelo rio fora a chuva fustiga: pode agora ouvir-se a aproximação dos rápidos, ainda impossíveis de ver, mas reais, e inevitáveis. E ambos os duplos experimentam agora um estranho, coceguento receio de que talvez estejam realmente perdidos, e de que não haja câmara nenhuma na margem por detrás da fina e pardacenta cardadura dos salgueiros... toda a equipa, homens do som, assistentes de cena, iluminadores, já partiu... ou nem sequer chegou... e o que foi que as correntes acabaram de fazer embater na nossa barquinha alva como a neve? e que pancada foi aquela, tão rígida e tão surda?

Bianca é normalmente prateada, ou de cor nenhuma: milhares de vezes tomada, coada através do vidro, torcida para dentro e para fora dos extravasantemente violáceos interfaces de Duplas e Triplas Protars, Schneider Angulons, Voigtländer Collinears, Steinheil Orthostigmats, das Gundlach Turner-Reichs de 1895. Para Greta é a alma

da sua filha em cada uma das vezes, uma alma inexaurível... Este lenço de filha única, preso à altura da cintura, sempre exposto e vulnerável ao vento. Dizer-se que ela é uma extensão do ego de sua mãe é evidentemente dar azo ao mais amargo sarcasmo. Mas, de vez em quando, é possível que Greta veja Bianca noutras crianças, tão espectral quanto uma dupla exposição... claramente sim muito claramente em Gottfried, o jovem bicho de estimação e protegido do Capitão Blicero.

«Baixa-me as alças por um momento. Está suficientemente escuro? Olha. O Thanatz disse que eram luminosas. Que conhecia cada uma delas de cor. Hoje estão muito brancas, não estão» Hmm. Compridas e brancas, como teias de aranha. Também as tenho no rabo. Na parte de dentro das minhas coxas...» Muitas vezes, a seguir, após o sangue ter parado e ele ter lá posto o álcool, Thanatz sentava-se com ela deitada em cima dos seus joelhos, e lia-lhe as cicatrizes que ela tinha nas costas, tal como uma cigana lê a palma de uma mão. Cicatriz da vida, cicatriz do coração. Croix mystique. Que fortunas e fantasias! Ele ficava tão exaltado, depois das chibatadas. Tão arrebatado pela ideia de que eles *haveriam* de vencer, de escapar. Caía adormecido antes que o furor e a esperança o tivessem abandonado por completo. Ela amava-o mais nesses momentos, mesmo antes de dormir, com a sua face dorsal em brasa, a cabecinha dele pesando-lhe sobre o peito, enquanto o tecido cicatrizado se formava silenciosamente nela, célula a célula, durante a noite. Sentia-se quase segura...

De cada vez que o látego batia, a cada ataque, na sua incapacidade de escapar, vinha até ela uma única visão, uma apenas, por cada pico de dor. O Olho no topo da pirâmide. A cidade sacrificial, com figuras em túnicas cor de ferrugem. A mulher escura esperando ao fundo da rua. O rosto encapuzado da lamentosa Dinamarca, debruçando-se por cima da Alemanha. Os carvões cor de cereja caindo através da noite. Bianca com um fato de dançarina Espanhola, afagando o cano de uma arma...

Junto a um dos postos de foguetes, nos pinheirais, Thanatz e Gretel encontraram uma velha estrada que já ninguém usava mais. Bocados do pavimento avistavam-se aqui e além entre o verde matagal. Parecia que se eles seguissem a estrada chegariam a alguma vila, a uma estação ou entreposto... não era de todo claro o que acabariam por encontrar. Mas o sítio deveria estar abandonado há muito.

Deram as mãos. Thanatz trazia um velho casaco de camurça verde, com remendos nas mangas. Gretel trazia o seu casaco de pêlo de camelo e um lenço de cabeça branco. Em certos sítios, a caruma dos pinheiros caíra sobre a antiga via, e era tão espessa que silenciava os passos deles.

Chegaram a um desmoronamento onde alguns anos antes a estrada havia sido levada. A gravilha estava salpicada pela ravina abaixo em direcção a um rio que eles ouviam mas não conseguiam ver. Um velho automóvel, um Hannomag Storm, ali pendurado, de focinho para baixo, uma das portas aberta à força. A casca de metal em tons de cinzento e lavanda fora tão descarnada como o esqueleto de um veado. Algures nestes bosques estava a presença que fizera isso. Contornaram o destroço, receosos de se aproximarem demasiado dos vidros estilhaçados, da dura mortalidade nas sombras do assento dianteiro.

Podiam avistar-se restos de casas, lá atrás entre as árvores. Havia agora uma retirada da luz, embora continuasse a ser antes do meio-dia, e a floresta não se tornasse aqui mais densa. No meio da estrada, surgiram cagalhões gigantes, frescos, retorcidos como pedaços de corda — escuros e enovelados. O que poderia tê-los deixado ali?

Nesse mesmo instante, tanto ela como Thanatz compreenderam que andavam agora há horas entre as ruínas de uma grande cidade, não umas ruínas antigas, mas aluídas durante a vida deles. Mais adiante, o caminho encurvava-se, para as árvores. Mas algo se postava agora entre eles e o que estivesse do outro lado da curva: invisível, impalpável... algum *monitor*. Dizendo «Nem mais um passo em frente. Acabou. Nem mais um. Agora voltem para trás.»

Era impossível avançarem mais na direcção daquilo. Estavam ambos aterrorizados. Viraram-se, sentindo-o nas suas costas, e foram-se embora rapidamente.

Regressados ao Schußstelle encontraram o Blicero na sua loucura final. Os troncos da pequena e fria clareira estavam descascados, sanguando gotas de goma devido aos disparos de foguetes.

«Ele podia ter-nos escorraçado. Blicero era uma divindade local. Nem sequer teria necessitado de um pedaço de papel. Mas ele quis que todos nós ficássemos. Deu-nos o melhor que havia, camas, comida, bebidas, drogas. Algo estava a ser planeado, envovia o moço Gottfried, isso era tão inequívoco como o cheiro a resina, logo ao princípio daquelas manhãs azuis e brumosas. Mas o Blicero não nos dizia nada.

«Mudámo-nos para a Charneca. Havia campos de petróleo, e terra enegrecida. Os *Jabos* voavam lá por cima em forma de diamante, dando-nos caça. Blicero cresceria, passara a ser um outro animal... um lobisomem... mas sem lhe restar humanidade nenhuma nos olhos: isso havia-se desvanecido, dia após dia, e fora substituído por sulcos cinzentos, veias vermelhas em padrões que não eram humanos. *Ilhas*: ilhas coaguladas no mar. Por vezes até as linhas topográficas, aninhadas num ponto comum. «É o mapa da minha Ur-Heimat», imagine-se um guincho tão pacato que é quase um sussurro, «o Reino de Lorde Blicero. Uma terra branca.» Tive um súbito entendimento: ele estava agora a ver o mundo em *regiões míticas*: elas tinham os seus mapas, autênticas montanhas, rios e cores. Não era pela Alemanha que ele se deslocava. Era pelo seu próprio espaço. Mas estava a *levar-nos* consigo! A minha cona inchou-se de sangue com o perigo, as possibilidades da nossa aniquilação, sem deliciosamente nunca se saber quando viria esta por o espaço e o tempo serem os do Blicero... Ele não recuou pelas estradas, ele não atravessou pontes ou terras baixas. Vogámos pela Baixa Saxónia, de ilha em ilha. Cada local de disparo era uma outra ilha, num mar branco. Cada ilha tinha o seu pico no centro... seria a posição do próprio Foguete? o momento da largada? Uma Odisseia Alemã. Qual seria a última, a ilha-lar?

«Esqueço-me sempre de perguntar ao Thanatz o que aconteceu ao Gottfried. O Thanatz foi autorizado a ficar com a bateria. Mas eu

fui levada dali: transportada num Hispano-Suiza com o próprio Blicero, através do pardacento ambiente de uma instalação petroquímica que durante dias nos havia espreitado como uma roda no nosso horizonte, torres negras e irregulares ao longe, agrupadas, uma chama que estava sempre a arder no alto de uma chaminé. Era o Castelo: Blicero olhou para lá, prestes a falar, e eu disse, «O Castelo.» A boca sorriu fugazmente, mas ausente: os enrugados olhos de lobo haviam partido para além até desses momentos domésticos de telepatia, segundo para o seu norte animal, para uma persistência na áspera borda da morte que eu nem consigo imaginar, células ríjas com a mais ínfima cintilação possível no seu interior, alimentadas por nada senão gelo, ou menos que isso. Ele chamava-me Katje. «Verás que o teu pequeno truque não voltará a resultar. Agora não, Katje.» Eu não estava assustada. Era loucura que eu conseguia compreender, ou então o alucinar do muito antigo. A cegonha de prata voou de asas apontadas para baixo na direcção do nosso vento, fronte em baixo e pernas para trás, nó occipital Prussiano na traseira: nas suas luzidias superfícies apareceram então negros remoinhos de limusinas e carros de serviço no caminho privado do edifício administrativo. Vi um avião leveiro, de dois lugares, ao fundo do parque de estacionamento. Os rostos dos homens que estavam lá dentro pareciam familiares. Eu conhecia-os dos filmes, o poder e a gravidade estavam lá — eram homens importantes, mas apenas reconheci um: o Generaldirektor Smaragd, de Leverkusen. Um homem idoso que usava bengala, um notório espiritualista antes da Guerra e, ao que parecia, ainda agora. «Greta», disse ele sorrindo, agarrando a minha mão. «Ah, estamos todos cá.» Mas os encantadores modos dele não eram partilhados por nenhum dos outros. Todos tinham estado à espera de Blicero. Um encontro de nobres no Castelo. Foram para a sala da administração. Eu fiquei com um assistente chamado Drophne, testa alta, cabelo a ficar grisalho, sempre a remexer o seu laço de pescoço. Tinha visto todos os meus filmes. Fomos para o meio da maquinaria. Através das janelas da sala da administração vi-os numa mesa de reuniões redonda, com qualquer coisa no centro. Era cinzenta, de plástico, brilhava, a luz movia-se sobre as suas superfícies. «O que é aquilo?» perguntei eu, muito sedutoramente, ao Drophne. Ele levou-me para onde

os outros não nos pudessem ouvir. «Penso que é para o F-Gerät», sussurrou-me ele.»

«*F?*» diz o Slothrop, «F-Gerät, tens a certeza disso?»

«Uma letra qualquer.»

«*S?*»

«Está bem, S. Eles são umas crianças no limiar da linguagem com essas palavras que inventam. A mim pareceu-me um ectoplasma — qualquer coisa que eles tivessem forçado, pela conjunção das suas vontades, a materializar-se sobre a mesa. Ninguém estava a mexer os lábios. Era uma sessão. Compreendi então que o Blicero me havia trazido para além de uma fronteira. Havia-me injectado por fim no seu espaço nativo sem um tremor de dor. Eu estava livre. Juntaram-se homens atrás de mim no corredor, bloqueando o caminho de volta. A mão do Drophne suava sobre a minha manga. Ele era um especialista em plásticos. Batendo com a unha numa grande e clara máscara Africana, espetando a orelha — “Consegue ouvir? O verdadeiro som do Poliestireno...” e a entrar em êxtases para mim por causa de um pesado cálice de metilmetacrilato, uma réplica do Sangraal... Estávamos junto à torre de um reactor. Havia no ar um forte cheiro a diluente. Bastões transparentes de um plástico qualquer saíam sibilantes por um extrusor ao fundo da torre, para canais de arrefecimento, daí para um cortador. O calor na sala era pesado. Pensei em algo de muito profundo, negro e viscoso, que alimentava esta fábrica. Lá fora ouvi motores. Estavam todos eles de partida? Porque estava eu aqui? Serpentes de plástico enroscavam-se interminavelmente à direita e à esquerda. As erecções da minha escolta tentavam esgueirar-se pelas aberturas das roupas deles. Eu podia fazer o que quisesse. Negro radiante e profundo. Ajoelhei-me e comecei a desabotoar as calças do Drophne. Mas dois outros pegaram em mim pelos braços e arrastaram-me para uma área de armazenamento. Seguiram-se outros, ou entraram por outras portas. Grandes cortinas de estireno ou vinil, em todas as cores, opacas e transparentes, pendiam fila após fila desde lá de cima. Brilhavam como as auroras boreais. Senti que algures para além deles havia uma assistência, à espera que algo se iniciasse. Drophne e os outros estenderam-me num colchão de plástico insuflável. Ao redor, observei uma clara desagregação do ar, ou da

luz. Alguém disse «butadieno», e eu ouvi «beleza morrendo»... O plástico restolhava e estalava à nossa volta, cercando-nos, em fantasmática brancura. Levaram as minhas roupas e vestiram-me um traje exótico feito de um qualquer polímero preto, muito justo na cintura, aberto nas virilhas. Senti-o vivo em mim. “Esqueça o cabedal, esqueça o cetim”, estremeceu o Drophne. “Isto é Imipolex, o material do futuro.” Não consigo descrever o perfume daquilo, ou a sua sensação — a luxúria. Logo que aquilo lhes tocou, os meus mamilos incharam e pediram para ser mordidos. Quis sentir aquilo de encontro à minha cona. Nada que eu alguma vez tenha usado, antes ou depois, me excitou tanto como o Imipolex. Eles prometeram-me sutiãs, camisas, meias, vestidos feitos do mesmo material. O Drophne tinha atado um gigantesco pénis de Imipolex por cima do seu. Esfreguei a minha cara nele, era tão delicioso... Havia um abismo entre os meus pés. Coisas, memórias, já não havia mais maneira de as distinguir, começaram a desabar em tropel pela minha cabeça. Uma torrente. Eu estava a evacuar tudo aquilo, para o interior de algum vazio... a partir do meu vértice, encaracoladas, fluíam alucinações vivamente coloridas... brinquedos, frases engraçadas de diálogos, objets d'art... eu estava a deixar ir tudo isso. Sem me apegar a nada. Seria isto “submissão”, então — desfazer-me de tudo aquilo?

«Não sei por quanto tempo me mantiveram ali. Adormeci, acordei. Apareciam e desapareciam homens. O tempo perdera significado. Certa manhã estava do lado de fora da fábrica, nua, à chuva. Nada crescia ali. Algo fora depositado num grande leque que se estendia por quilómetros. Uma espécie de desperdício de alcatrão. Tive de voltar a pé até ao local de disparo. Todos se tinham ido embora. O Thanatz deixara um bilhete, pedindo-me que tentasse ir ter a Swinemünde. Devia ter acontecido alguma coisa ao local. Havia um silêncio naquela clareira que eu só por uma vez havia sentido anteriormente. Uma vez, no México. No ano em que estive na América. Estávamos no meio da selva. Fomos dar a um lanço de degraus de pedra, cobertos de trepadeiras, fungos, séculos de decadência. Os outros treparam até ao cimo, mas eu não consegui. Foi tal como naquele dia com o Thanatz, no pinheiral. Senti um silêncio à minha espera, lá em cima. Não à espera deles, só de mim... o meu próprio silêncio pessoal...»



Sobre a ponte do *Anubis*, o temporal arranha sonoramente os vidros, grandes patas molhadas caindo ao acaso desde o meio da noite *whap!* a forma viva somente visível para a aresta em arco-íris do som — é preciso um certo tipo de maníaco, no mínimo um oficial da cavalaria Polaca, para se postar nesta pose por detrás de uma tão fina e quebradiça separação, e fitar cada golpe em pleno na sua musculardade. Atrás do Procalowski, o balanceiro do clinómetro anda para trás e para diante com as oscilações do navio dele: um pêndulo num sonho. A luz da trovoada tornou-lhe negras as linhas do rosto, negras como os seus olhos, negras como o gorro de lã tão rígida e salgadamente enfiado de través sobre as rugas da testa dele. A luz aglomera-se, clara, funda, na face do equipamento de rádio... espalha-se suavemente em leque a partir do mostrador da bitácula... derrama escotilhas no branco rio. Inexplicavelmente, a tarde tem vindo a durar mais do que devia. A luz do dia tem vindo a declinar há demasiadas horas. Começaram agora a cintilar corpos santos nas enxárcias. O temporal sacode cordas e cabos, a enevoada noite torna-se branca e sonora, em enormes espasmos. Procalowski fuma um charuto e estuda cartas da Oder Haff.

Toda esta luz. Estarão os vigias Russos a observar desde a margem, esperando à chuva? Estará este braço da passagem sendo guardado a lápis de marcação, X após obediente X, através de algum campo de plástico Russo, dentro do qual teias de aranha branqueiam as janelas Alemãs em que ninguém precisa de se postar, onde a erva de fósforo se enruga nos ecrãs e o jogo que sentimos através do manípulo nos dentes invisíveis é a diferença entre acertar e falhar... Vaslav — esse ponto que aí vês será ao menos um navio? Na Zona, hoje em dia, há interminável simulação — ondas postadas na água, grandes pássaros-sondas, tão bem conhecidos que até têm alcunhas entre os operadores, balões caprichosos, destroços de outros teatros de guerra (bidões Brasileiros, caixotes de uísque rotulados para Fort-Lamy), observadores de outras galáxias, episódios de fumo, momentos de alto albedo — os nossos verdadeiros alvos são difíceis de encontrar. Há por aqui demasiada confusão para a maioria dos substitutos

e dos recrutados tardiamente. Somente as mãos de mais antigo alcance conseguem manter uma noção do apropriado: pelos turnos das suas Durações, num nervosismo verde-eléctrico pelo que deverá ter parecido, de início, uma eternidade, elas acabaram por compreender a distribuição... aprenderam uma clemência visual.

Quão provável é o *Anubis* neste estuário hoje à noite? O horário dele caducou, elegante, inevitavelmente: deveria ter chegado a Swinemünde semanas antes, mas o Vístula estava sob interdição Soviética para o navio branco. Os Russos até tiveram um guarda postado a bordo durante um tempo, até as senhoras Anubianas os haverem entretido por tempo suficiente para se recolherem um a um todos os cabos — e assim começara a última e longa retoma da terra natal Polaca, através destes prados de água do norte, mensagens rádio seguindo-os às claras num dia e em código no dia seguinte, uma situação prematura e informe, estremecendo entre o silêncio do verdugo e o Grande Momento. Há agora razões internacionais em prol de um Caso Anubis, e também razões contra, e as discussões prosseguem, demasiado remotas para se perceberem, e as ordens são alteradas de hora a hora.

Arfando e rolando furiosamente, o *Anubis* segue rumo ao norte. Relâmpagos tremeluzem por todo o horizonte, e trovões que recordam aos militares a bordo o ribombar anunciando batalhas às quais eles não estão agora certos de haverem sobrevivido ou de as sonharem ainda, podendo ainda despertar para elas e morrer... Os convés corridos brilham lustrosos e expostos. O lixo da festa entope os escaudouros. Fumo fétido e espesso é exsudado pela escotilha da cozinha para a chuva. O salão foi preparado para o bacará, e estão a ser exibidos filmes obscenos na sala da caldeira. O segundo turno da noite está prestes a chegar. O navio branco acomoda-se, como a alma de uma lamparina de querosene acabada de acender, à sua rotina nocturna.

Convivas cambaleiam à proa e à ré, trajes de noite decorados com dardos de vômito. Há senhoras estendidas à chuva, mamilos erectos e arfantes por baixo da seda ensopada. Criados escorregam pelos convés com salvas de Dramamine e bicarbonato. A bolsante aristocracia dobra-se pelas cordas de segurança abaixo. Aí vem agora

o Slothrop, descendo uma escada até ao convés principal, contundido pelo bamboleio de alternados cabos do portaló, sentindo nenhum deles com grande intensidade. Perdeu a Bianca. Tem andado a vasculhar o navio de uma ponta à outra repetidamente, tão pouco a encontra a ela como ao seu motivo para a deixar nessa manhã.

É importante, mas até que ponto? Agora que a Margherita chorou para ele, sobre a lira sem cordas e o amargo abismo de uma latrina de navio, os últimos dias que ela passara com o Blicero, ele sabe tão bem quanto precisa sabê-lo que o S-Gerät tem afinal andado a seguir-lo a si, isso e a pálida ubiquidade plástica do Laszlo Jamf. Que se ele tem sido procurador e procurado, bom, também é atiçado, e atiça. A questão do Imipolex foi plantada nele por alguém, lá no Casino Hermann Goering, na esperança de que ela viesse a florescer numa plena *Imipoléctica* dotada da sua própria potência na Zona — mas Eles sabiam que o Slothrop saltaria para isso a pé juntos. Parecem existir umas necessidades do sub-Slothrop que Eles conhecem, e ele não: isso é desde logo humilhante, mas agora há também a pergunta mais incômoda ainda, *Do que preciso eu a tal ponto?*

Ainda há um mês, caso lhe dessem um ou dois dias de paz, ele poderia ter encontrado maneira de regressar àquela tarde de Setembro, ao caralho rijo dentro das calças saltitando como uma varinha de vedor a tentar apontar o que estava pairando lá em cima no céu para toda a gente. Ser-se vedor de Foguetes é um dom, e ele tinha-o, sofria disso, tentando encher o seu corpo até aos poros e folículos com vibrante lubridade... penetrar, ser preenchido... ir à caça de alguém... ser mostrado... começar a gritar... abrir braços pernas boca cu olhos narinas sem qualquer esperança de clemência na intenção daquilo que está à espera no céu mais pálido que o mal iluminado Jesus comercial...

Mas hoje em dia, um qualquer tipo de espaço a que ele não consegue resistir abriu-se por detrás do Slothrop, pontes que poderiam ser de retorno estão agora abatidas de vez. Ele vai ficando menos ansioso quanto a trair os que confiaram em si. Sente as obrigações com menos imediatez. Há, na verdade, uma perda geral de emoção, um entorpecimento que deveria alarmá-lo, mas que ele verdadeiramente não consegue...

Não consegue...

Transmissões russas saem crepitando do rádio do navio, e a estática bufa como lençóis de chuva. Começaram a aparecer luzes na margem. Procalowski acciona um interruptor geral e apaga todas as luzes do *Anubis*. Ver-se-ão fogos-de-santelmo brotando por instantes de remates cruzados, de pontas aguçadas, flutuando brancos como denunciantes pelas antenas e estais.

O navio branco, camuflado no temporal, desfilará em silêncio pela grande ruína de Stettin. A chuva abrandará por um momento para virar a bombordo e revelar alguns últimos guindastes quebrados e armazéns calcinados tão molhados e luzidios que quase se conseguem cheirar, e um início de paul que se consegue mesmo cheirar, onde não vive ninguém. E depois a margem tornará a ser tão invisível quanto a do mar aberto. A Oder Haff tornar-se-á mais vasta ao redor do *Anubis*. Não sairão nenhuns barcos-patrulha hoje à noite. As cristas brancas virão embater nele saídas das trevas, e quebrar-se ao alto por cima da proa, e a água salgada escorrerá da boca do chocal dourado... O Conde Wafna cambaleia à popa com nada a não ser o seu branco laço de pescoço, mãos cheias de fichas vermelhas, brancas e azuis que se espalham e ressaltam sobre o convés, e que ele nunca virá a trocar por dinheiro... a Condessa Bibescue sonhando junto ao castelo da proa com a Bucareste de há quatro anos, o terror de Janeiro, a Guarda de Ferro na rádio berrando *Viva a Morte*, e os corpos de Judeus e Esquerdistas pendurados nos ganchos dos matadouros da cidade, pingando para cima de tábuas que cheiram a carne e a couro, tendo os seus seios chupados por um rapaz de 6 ou 7 anos com um fato de veludo à Fauntleroy, os cabelos molhados deles fluindo agora de um modo tão indistinguível quanto os seus gemidos, desaparecerão no interior de uma súbita brancura que explode sobre a proa... e as malhas desfiadas nas meias, e os vestidos de seda sobre cuecas de rayon fazem enxameantes franzidos... tesões afrouxam sem aviso, botões de osso estremecem de terror... as luzes voltarão a ser acesas e o convés a tornar-se um espelho ofuscante... e não muito tempo após isso, o Slothrop julgará vê-la, julgará ter encontrado a Bianca de novo — pestanas pretas fechadas e coladas e rosto a

escorrer chuva, ele vê-la-á perder o equilíbrio no escorregadio convés, quando o *Anubis* inicia uma dura guinada para bombordo, e mesmo nesse estádio das coisas — mesmo à distância a que ele está — precipitar-se-á para ela sem pensar muito, ele próprio escorregará enquanto ela desaparece por baixo das brancas cordas de segurança e se vai, cambaleará para tentar voltar atrás mas será atingido demasiado cedo nos rins e será lançado com toda a facilidade pela borda fora e é adiós ao *Anubis* e a toda a sua gritante carga Fascista, já não há mais navio, nem sequer céu negro enquanto a chuva lhe leva agora para baixo os seus olhos cadentes em rápidas alfinetadas, e ele embate, sem um pedido de ajuda, somente um resignado e lacrimoso *oh foda-se*, lágrimas que nada acrescentarão à agitada e branca desolação que esta noite passa por ser a Oder Haff...

□ □ □ □ □ □

As vozes são Alemãs. Isto aqui parece uma sumaca de pesca, por qualquer motivo desprovida de redes e de aladores. Carga empilhada no convés. Um moço de rosto rosado está a espreitar o Slothrop desde meia-nau, balouçando para diante, empinando-se para trás. «Ele vem em fato de noite», gritando para a cabina do piloto. «Isso será bom ou mau? Você não está com o governo militar, pois não?»

«Jesus, miúdo, estou a afogar-me. Se quiseres, eu preencho um *impresso*.» Bom, isto é um Olá Parceiro à Alemã. O moço estende uma mão rosada cuja palma está incrustada de lapas, e iça-o lá para cima, orelhas geladas, ranho salgado a sair-lhe do nariz, pingando para um convés de madeira que fede a gerações de peixe e tem luzidias cicatrizes de carga mais sólida. O barco retoma a sua marcha com um tremendo ímpeto de aceleração. Slothrop cai e rebola humidamente até à popa. Atrás deles, uma grande cauda de galo espuma ereta contra a chuva. Um riso maníaco chega até à popa vindo da cabina do piloto. «Ouve lá mas quem, ou o quê, está ao comando desta embarcação, aqui?»

«A minha mãe», diz o rapaz agachando-se ao lado dele com um ar apológetico e impotente. «O terror dos altos mares.»

Esta senhora de maçãs do rosto salientes é Frau Gnab, e o miúdo dela chama-se Otto. Quando ela se sente afectuosa chama-lhe

«o silencioso Otto», algo a que ela acha muita graça, mas que lhe determina a idade. Quando o Slothrop despe o smoking e o pendura a secar, embrulhando-se num velho cobertor da tropa, mãe e filho contam-lhe como traficam artigos do mercado negro em toda a costa do Báltico. Quem mais andaria por fora hoje à noite, durante uma tempestade? Ele tem cara de ser gente de confiança, o Slothrop, as pessoas contam-lhe tudo. Neste momento, parece que eles rumam a Swinemünde para irem buscar uma carga que amanhã levarão até à costa de Usedom.

«Você conhece um homem de fato branco», citando a Geli Tripping de algumas eras atrás, «que costuma estar na Strand-Promenade lá em Swinemünde todos os dias por volta do meio-dia?»

Frau Gnabt toma uma pitada de rapé, e sorri. «Toda a gente o conhece. Ele é o cavaleiro branco do mercado negro, tal como eu sou a rainha do comércio costeiro.»

«Der Springer, não é?»

«Nem mais.»

Nem mais. No fundo do bolso das suas calças, o Slothrop transporta ainda aquela peça de xadrez que o velho Säure Bummer lhe deu. Com ela será reconhecido pelo Springer. Slothrop adormece na cabina de pilotagem, por umas duas ou três horas, durante as quais a Bianca se vem aconchegar debaixo do cobertor com ele. «Agora estás mesmo na tal Europa», diz-lhe ela sorrindo, apertando-o. «Oh meu Deus», vai dizendo o Slothrop, a voz dele exactamente como a da Shirley Temple, completamente descontrolado. Claro que é embarrador. Acorda com a luz do sol, gaivotas a berrar, cheiro a fuelóleo número 2, o estrondo de pipas de vinho descendo por ruidosas pranchas até à margem. Estão atracados em Swinemünde, junto a uns restos de armazéns descaídos e há muito carbonizados. Frau Gnabt está a supervisionar uma descarga qualquer. Otto tem uma lata cheia de autentíssimo Bohnenkaffee já a assentar. «O primeiro que eu bebo desde há uns tempos», o Slothrop queimando a língua.

«Mercado negro», ronrona o Silencioso Otto. «Belo negócio para se estar.»

«Estive nisso durante uns tempos...» Oh, sim, e deixou o que restava daquele haxixe do Bodine, não foi, várias onças na verdade, lá

no *Anubis*, isso é que foi uma grande esperteza. Olha para o açucareiro chega-te ao pasteleiro com o grande, e mau, bolo de chocolate do Diabo —

«Bela manhã», observa Otto.

Slothrop torna a vestir o smoking, enrugado e encolhido e quase seco, e desembarca com Otto para ir procurar o Der Springer. Parece que foi o Springer quem fretou a viagem de hoje pela costa acima. Slothrop continua a olhar para ver se localiza o *Anubis*, mas não o avista em lado algum. Nas distâncias, guindastes de cavalete amontoam-se, esqueléticos, presidindo à desolação que tombou sobre este porto tão subitamente. O assalto Russo na Primavera complicou os planos aqui. O navio branco poderá estar escondido atrás de algum daqueles montes de destroços do estaleiro. Siam daí, saiam daí...

O temporal foi soprado para longe, a brisa hoje é amena e o céu estende-se lá em cima num perfeito padrão de interferência, azul e cinzento de cavala. Algures há máquinas militares fixando-se com fragor. Homens e mulheres gritam perto e longe em Russo. Otto e Slothrop esquivam-se a eles através de vielas ladeadas pelos restos de casas meio construídas em madeira, projectadas para fora piso a piso, prestes a encontrarem-se no topo após séculos de imperceptível vacilação. Homens com gorros rematados a negro estão sentados em alpendres, olhando-lhes para as mãos em busca de cigarros. numa pequena praça, estão montadas bancas de mercado, armações de madeira e lonas antigas, manchadas, estremecendo quando a brisa passa por elas. Soldados Russos encostam-se a postes ou bancos de jardim conversando com raparigas vestidas com dirndl's e meias brancas até ao joelho, todas quase tão imóveis como estátuas. Carroças do mercado estão desatreladas com as lanças apontadas para o chão e as caixas cobertas de serapilheira, palha e restos de produtos. Cães farejam entre os negativos das lagartas dos tanques na lama. Dois homens com antigos uniformes azul-escuros vão trabalhando com mangueira e vassoura, limpando lixo e pó de pedra com água salgada bombeada a partir do porto. Duas meninas brincam à apanhada correndo ao redor de um garrido quiosque vermelho coberto de cromolitografias de Estaline. Operários com bonés de cabedal, pestanejantes, rostos matutinos, pedalam até às docas com lancheiras penduradas nos guiadores. Pombos e gaivotas disputam

migalhas nas sarjetas. Mulheres com sacos de rede vazios passam apressadas e tão ligeiras quanto fantasmas. Uma solitária árvore nova da rua canta com uma chusma de pássaros que não se conseguem ver.

Tal como disse Geli, no meio do passeio público atravancado de lixo, pontapeando pedras, olhando a água, olhos varrendo ociosamente a praia à cata do ocasional relógio ou armação de óculos em ouro, esperando quem vier a aparecer, está O Homem. Cerca de 50 anos, olhos frouxos e de cor neutra, cabelo espesso nos lados da cabeça e esticado para trás.

Slothrop mostra o cavalo de plástico. Der Springer sorri e faz uma vénia.

«Gerhardt von Göll, ao seu dispor.» Trocam um aperto de mão, embora a do Slothrop esteja a formigar de um modo desagradável.

Gritam gaivotas, ondas alisam-se na praia. «Uh», diz o Slothrop, «estou para aqui com uns problemas de audição, você vai ter de — disse-me Gerhardt von quê?» Este céu de cavala começou a parecer-se menos com seda franzida, e mais com um tabuleiro de xadrez. «Julgo que temos uma amiga em comum. Bom, aquela Margherita Erdmann. Estive com ela na noite passada. Pois é...»

«Ela devia estar morta.» Ele dá o braço ao Slothrop, e todos começam a caminhar ao longo da esplanada.

«B-bom você devia ser realizador de cinema.»

«A mesma coisa», acendendo cigarros Americanos para todos. «Os mesmos problemas de controlo. Mas mais intensos. Tal como para certos ouvidos musicais, a dissonância é na realidade uma forma mais elevada de consonância. Já sabe do Anton Webern? Muito triste.»

«Foi um engano. Ele era inocente.»

«Ah. Pois claro que era. Mas os enganos também fazem parte disto — tudo se encaixa. Uma pessoa *vê como* isto se encaixa, ja? aprende padrões, ajusta-se a ritmos, um dia já não se é mais actor, mas agora livre, do outro lado da câmara. Nenhuma chamada dramática ao escritório central — apenas acordar um dia, e saber que Rainha, Bispo e Rei não passam de esplêndidos aleijados, e que os peões, mesmo os que conseguem chegar à última fila, estão condenados a

arrastarem-se em duas dimensões, e abaixo disso nunca se erguerão ou descerão — não: *o voo só foi concedido ao Springer!»*

«É assim mesmo, Springer», diz Otto.

Quatro soldados Russos em deambulação saem de um talude de arruinadas fachadas de hotel, rindo-se ao longo da esplanada, descendo a muralha até à água onde ficam a atirar pedras lisas, a pontapéar ondas, cantando uns para os outros. Não é vila de grande liberdade, Swinemünde. Slothrop põe Von Göll ao corrente da Margherita, tentando não se tornar pessoal. Mas alguma da sua ansiedade a respeito de Bianca deverá ter transparecido. Von Göll abana-lhe o braço, um tio ternurento. «Vá lá. Eu se fosse a si não me preocupava. A Bianca é uma miúda esperta, e a mãe dela não é propriamente uma deusa destruidora.»

«Você é um consolo, Springer.»

O Báltico, num irrequieto cinzento da Wehrmacht, sussurra ao longo da praia. Von Göll sugere um invisível Tirolês às velhinhos vestidas de preto que vieram apanhar sol aos pares. Otto põe-se a perseguir gaivotas, mãos estendidas diante de si em estilo de filme mudo procurando estrangular, mas falhando sempre o seu pássaro. Pouco depois, junta-se a eles um fulano com um nariz grumoso, de ombros caídos, suíças alaranjadas e grisalhas por cortar há uma semana, e gabardina de couro num tamanho acima do seu sem quaisquer calças por baixo. O nome dele é Närrisch — o mesmo Klaus Närrisch que o Horst Achtfaden, o homem da aerodinâmica, indicou ao Schwarzkommando, o próprio. Segura pelo pescoço um peru morto e ainda não depenado. Enquanto abrem caminho por entre grandes e pequenos pedaços de Swinemünde e da batalha por ela na Primavera passada, as pessoas da vila começam a sair das ruínas, e a vaguearem perto do flanco do Von Göll que está voltado para terra, todos de olho naquela ave morta. O Springer leva a mão ao interior do seu casaco branco, tira-a de lá com um .45 do Exército Americano, e faz uma casual demonstração da verificação do seu funcionamento. Os seguidores dele prontamente se reduzem a metade.

«Hoje estão com mais fome», observa Närrisch.

«É verdade», responde o Springer, «mas hoje são menos.»

«Ena», ocorre ao Slothrop, «isso é uma coisa merdosa de se dizer.»

Springer encolhe os ombros. «Seja compassivo. Mas não invente fantasias acerca deles. Despreze-me, exalte-os, mas lembre-se, nós definimo-nos uns aos outros. Elite e preteridos, nós movemo-nos num desígnio cósmico de trevas e luz, e com toda a humildade, eu sou um dos poucos capazes de o compreenderem *in toto*. Considere portanto honestamente, meu jovem, de que lado preferiria estar. Enquanto eles sofrem em sombras perpétuas, há... sempre —»

DIAS RADIOSOS (FOX-TROT)

— dias radiosos para o mercado ne-gro,
 Aquela prata e ouro fazem-nos brilhar!
 Do Mar de Coral ao, céu, azul, Báltico,
 O dinheiro é o fundamental, que tudo torna peristáltico — como um
 Farol a piscar, há uma etiqueta de preço a espreitar
 Para fora de cada decote di-vinal —
 Seja ela verde ou escar-late, nem que a Mãe seja uma pega, o
 Bom Deus incluiu-a no desígnio total...
 E-e são dias radiosos para, o mercado, mercado ne(e)gro,
 Porque a prata e o ouro fazem-nos briii-iiilhar!

Närrisch e Otto participam aqui numa harmonia a três vozes, enquanto os ociosos e os esfomeados de Swinemünde continuam a olhar, de rostos tão brancos como paciente gado. Mas os corpos deles estão somente implícitos: cabides de arame para fatos e vestidos de antes da guerra, demasiado antigos, demasiado lustrosos com o sebo, com a passagem.

Saindo da esplanada, detêm-se numa esquina enquanto um destacamento de infantaria Russa e cavaleiros passa a marchar. «Bolas, eles não param de chegar», nota Otto. «Onde é o circo?»

«Mais acima na costa, miúdo», diz o Närrisch.

«O que há mais acima na costa», inquire o Slothrop.

«*Cuidado*», avisa o Närrisch, «ele é um espião.»

«Não me chame «miúdo»», rosna o Otto.

«Espião o tanas», diz o Slothrop.

«Ele é fixe», Springer dá-lhes umas palminhas no ombro a todos, é o Herr Gemütlich daqui, «o mundo tem andado atrás dele

desde há uns tempos. Nem sequer está armado.» Para o Slothrop: «Se quiser pode vir connosco, pela costa acima. Poderá ser interessante para si.» Mas Slothrop não é nenhum papalvo. Ele nota como toda a gente está agora a lançar-lhe uns olhares esquisitos, incluindo o tal Springer.

Entre a carga a levar para mais acima na costa estão seis coristas, que usam penas e lantejoulas por baixo de velhos casacos de pano para pouparem espaço na bagagem, uma pequena banda de fosso em diferentes graus de torpor alcoólico, muitos muitos caixotes de vodka, e uma trupe de chimpanzés amestrados. A mãe náutica e pirata de Otto tem um desses chimpanzés encurralado dentro da sua cabina de pilotagem, onde estão no meio daquilo, a Frau com os insultos dela, o chimpanzé estendendo a mão de vez em quando para tentar acertar-lhe com a sua flácida casca de banana. O ulceroso empresário G. M. B. Haftung está a tentar captar as atenções do Otto. Ele tem uma tradição de fazer sempre os seus apelos ao pessoal errado. «É o Wolfgang que está lá dentro! Ele mata-a!» O Wolfgang é o chimpanzé premiado dele, um pouco instável, faz uma razoável imitação de Hitler, mas a atenção dele tem curta duração.

«Bom», vagamente, «o melhor é ele ter cuidado com a minha Mãe.»

Enquadra aquí pelo seu losango de escotilha, torna-se muito mais claro o quanto extensivamente esta velha tem andado por aí à solta: está inclinada, a cantarolar, grande e doce sorriso tão desdentado quanto pode sê-lo, só para o tal Wolfgang, *arrulhando* para ele: «Deine Matter...»

«Ouça, *ela* nunca viu nenhuma criatura dessas anteriormente», o Slothrop virando-se para o Otto, surpreendendo o moço com um rosto pleno de, chamemos-lhe amigável homicídio, «pois não —»

«Ach, ela é fantástica. Ela sabe por instinto — *exactamente como* insultar *qualquer um*. Não importa quem, animal, vegetal — certa vez até a vi insultar uma *rocha*.»

«Ah, essa agora —»

«A sério! Ja. Um gigantesco maciço de detritos felsíticos, no ano passado, ao largo da costa da Dinamarca, ela criticou-lhe a sua»,

prestes a cair num daqueles risos desconsolados de que nos afastamos com cautela, «a sua *estrutura cristalina*, durante vinte minutos. Incrível.»

As coristas já abriram um dos caixotes de vodka. Haftung, penteadando um cabelo que cresce somente em memória no alto da sua cabeça, precipita-se para gritar com elas. Rapazes e raparigas, de todas as idades, andrajosos e magros, arrastam-se sobre a prancha, estivando. Recortando-se no céu limpo, chimpanzés balouçam-se nas vergas e na antena, acima deles gaivotas pairam e olham. Levanta-se vento, daqui a pouco uma crista branca aqui e além começará a voltar no meio do porto. Cada criança transporta um fardo ou caixa de diferente forma, cor e tamanho. O Springer mantém-se por ali, pincel-nez colocado diante de olhos cor de ágata, verificando o seu inventário num livro encadernado em marroquim verde, caracóis em molho de alho, uma grossa... três caixotes de conhaque... bolas de ténis, duas dúzias... uma Victrola... filme, *Pierre Feliz Fica Amok*, três bobinas... binóculos, sessenta... relógios de pulso... u.s.w., uma marca de verificado para cada criança.

Daí a pouco tudo foi acondicionado por baixo do convés, os chimpanzés adormecem, os músicos acordam, as raparigas rodeiam o Haftung e chamam-lhe nomes, e beliscam-lhe as bochechas. Otto abre caminho pela amurada, recolhendo os cabos enquanto as crianças os vão soltando. Quando o último é atirado, a sua alça em pleno ar enquadrando ainda uma vista em forma de lágrima da esventrada Swinemünde, Frau Gnabb, sentindo o afastamento da terra através dos seus pés, deita mãos à obra da maneira habitual, quase perdendo um chimpanzé por cima do castelo da popa e deixando a meia dúzia de beldades do Haftung estateladas num cativante emaranhado de pernas, traseiros e peitos.

As contracorrentes puxam o barco enquanto ele avança para o cada vez mais largo funil do Swine, rumo ao mar. Entre os pontões, onde sai espuma entre brechas bombardeadas debaixo de água na Primavera *cuidado*, Frau Gnabb, sem mudança de expressão, faz girar por inteiro a sua roda do leme, acelera a fundo direita ao barco de carreira para Sassnitz *whoosh* desvia-se dele mesmo a tempo, gargalhando para os passageiros que se afastam titubeantes da amurada, fitando-a pasmados. «Por favor, Mãe», o silencioso Otto queixando-se

à janela da cabina de pilotagem. Em resposta, a boa mulher começa a bramar uma sanguinária

CANTIGA MARÍTIMA

Sou a Rainha Pirata da Rota do Báltico, e ninguém me vai lixar —
Quem o tentou tornou-se caveiras e ossos, e está no fundo do mar.

E os peixinhos como mensageiros saem-lhes dos olhos a todo
o momento,
Cantando, «Não tentem foder a Sangrenta Gnab e seu desesperado
empreendimento!»

Hei-de escangalhar um navio de guerra, hei-de massacrar uma corveta,
Despachei cem almas para o inferno quando me deu na veneta —
Já vi o Holandês Voador, sempre que nos cruzamos ele brada no seu
lamento,
«Oh, ponham-me longe da Sangrenta Gnab, e de seu desesperado
empreendimento!»

Dito isso, ela agarra a sua roda de leme e acelera. Eles acham-se agora saltando para o lado de um navio mercante meio afundado: negro ferro côncavo salpicado com zarcão, cada rebite incrustado e placa corroída a aproximarem-se, a avolumarem-se — A mulher é claramente desequilibrada. Slothrop fecha os olhos e agarra-se a uma das coristas. Com um grito saído da cabina do piloto, o pequeno barco é colocado à justa em acostagem, falhando porventura a colisão por algumas camadas de tinta. Otto, apanhado a devanear com a morte, cambaleia desamparadamente e desliza na direcção da amurada. «É o sentido de humor dela», indica ele, ao passar. Slothrop estende a mão segurando-o pela camisola, e a rapariga agarra Slothrop pelas asas de grilo do seu smoking.

«Quando ela se mete em qualquer coisa um pouco ilegal», o Otto um momento depois recuperando o seu fôlego, «vê-se o que sucede. Não sei que fazer com ela.»

«Pobre miúdo», a rapariga sorri.

«Ai», diz Otto.

Slothrop deixa-os, sempre feliz por ver gente nova acasalar-se, e junta-se a Von Göll e a Närrisch no castelo da popa. Frau Gnahn virou, regozijante, para noroeste. Presentemente estão a subir a costa, através do Báltico com listas brancas e cheiro a sal.

«Bom. Para onde vamos nós, amigos?» quer saber o jovial Slothrop.

Närrisch fita-o. «Aquilo é a ilha de Usedom», explica Von Göll, gentilmente. «É limitada de um dos lados pelo Mar Báltico. Também é limitada por dois rios. São o Swine, e o Peene. Nós estávamos no Rio Swine. Estávamos em Swinemünde. Swinemünde significa «foz do Rio Swine».»

«Muito bem, muito bem.»

«Nós vamos contornar a ilha de Usedom, até um sítio que está na foz do Rio Peene.»

«Deixe-me cá ver, portanto isso deve chamar-se... espere aí... Peenemünde, não é?»

«Excelente.»

«E então?» Há uma pausa. «Oh. Oh, *essa* Peenemünde.»

O Närrisch, vem a saber-se, costumava trabalhar lá. Ele tende a matutar um pouco na ideia de os Russos ocuparem o local.

«Havia uma fábrica de oxigénio líquido em que eu também andava de olho», o próprio Springer um pouco abatido com isso, «queria dar início a uma cadeia delas — continuamos a tentar apanhar a que está em Volkenrode, no antigo Instituto Goering.»

«Há um monte daqueles geradores LOX por baixo de Nordhausen», o Slothrop tentando dar uma ajuda.

«Obrigado. Os Russos também apanharam isso, como deverá lembrar-se. É um problema: se não fosse tão contranatura, eu diria que eles não sabem o que querem. As estradas que vão para leste estão atravancadas dia e noite com camiões Russos, cheios de material. Todo o tipo de despojos de guerra. Mas ainda sem nenhum padrão definido, para além do desmontar-e-levar-para-casa.»

«Chiça», o esperto Slothrop aqui, «você acha que eles já encontraram o tal *S-Gerät*, huh, Sr. Von Göll?»

«Ah, engraçado», sorri o Springer.

«Ele é um homem da OSS», rosna o Närrisch, «é como te digo, devíamos era eliminá-lo.»

«O S-Gerät hoje em dia anda pelas £10 000, metade disso pago de avanço. Você está interessado?»

«Não. Mas de facto lá em Nordhausen ouvi dizer que você já o tinha.»

«Errado.»

«Gerhardt —»

«Ele é *fixe*, Klaus.» O olhar é um que Slothrop já viu, em vendedores de automóveis que assinalam aos seus colegas *temos aqui um autêntico idiota, Leonard, agora fazes o favor de não o afugentar?* «Nós plantámos deliberadamente a história em Stettin. Queríamos ver como responderia um tal Coronel Tchitcherine.»

«Foda-se. Ele outra vez? Ele há-de responder, de certeza.»

«Bom, é isso que nós vamos hoje a Peenemünde descobrir.»

«Ena, pá.» Slothrop passa a contar-lhe o encontro em Potsdam, e como a Geli pensava que o Tchitcherine nem de perto se interessava tanto pelo equipamento do Foguete como por montar um plano qualquer contra o tal Oberst Enzian. Se os dois comerciantes estão interessados, não dão mostras disso.

A conversa derivou seguidamente para aquela indolente recapitulação de nomes em que Nalline, a mãe de Slothrop, adorava vogar durante as tardes — Helen Trent, Stella Dallas, Mary Noble Esposa de Bastidores...

«O Tchitcherine é um homem complexo. É quase como se... ele pensa no Enzian como... uma outra *parte* dele — um versão negra de algo que está dentro *dele próprio*. Algo que ele precisa de... liquidar.»

NÄRRISCH: Achas que poderá haver alguma... alguma razão política?

VON GÖLL (abanando a cabeça): Eu não sei, Klaus. Depois daquilo que aconteceu na Ásia Central —

NÄRRISCH: Referes-te a —

VON GÖLL: Sim... a Luz Quirguize. Sabes, é engraçado — ele nunca quis que se pensasse nele como um imperialista —

NÄRRISCH: Nenhum deles o quer. Mas há a rapariga...

VON GÖLL: A pequena Geli Tripping. Aquela que pensa que é bruxa.

NÄRRISCH: Mas tu pensas mesmo que ela tenciona ir em frente com esse — esse plano dela, de encontrar o Tchitcherine?

VON GÖLL: Penso que... *Eles...* tencionam...

NÄRRISCH: Mas Gerhardt, ela *está* apaixonada por ele —

VON GÖLL: Ele não tem estado com ela, pois não?

NÄRRISCH: Não estás a querer insinuar —

«Ouçam», o Slothrop soltando perdigotos, «mas afinal do qu'é que vocês 'tão pr'aí a falar?»

«Paranóia», replica o Springer num tom reprovador (como replicam as pessoas quando se interrompe um jogo que elas apreciem). «Algo que você não iria entender.»

«Bom com licença, agora tenho de ir vomitar», modo clássico de ripostar entre fiascos da escola de encantos como aqui o nosso Táctico Tyrone, e material bastante avançado em terra seca, mas não aqui ao largo, onde o Báltico está a tornar impossível não se ficar enjoado. Os chimpanzés estão a efectuar todos os seus vómitos amontoados debaixo de um toldo. Slothrop junta-se na amurada a um miserável lote de músicos e raparigas. Instruem-no em belos assuntos como o de não vomitar contra o vento, e de o fazer quando o navio balouça para o lado do mar, tendo Frau Gnabb exprimido a esperança de que ninguém vomitasse no seu barco com o mesmo tipo de sorriso glacial que o Dr. Mabuse costumava ter, especialmente num dia bom. Ela faz-se ouvir agora na cabina de pilotagem, bramindo a sua cantiga marítima. «Öööööö», diz o Slothrop pela borda fora.

E é assim que o desesperado empreendimento deles vai subindo na maior pândega a costa de Usedom, sob um brumoso céu estival. Na margem, as verdes dunas enrugam-se em dois gentis degraus: por cima destes há uma cadeia de colinas pejadas de pinheiros e carvalhos. Pequenas vilas balneares com praias brancas e pontões abandonados desfilam de través reumaticamente vagarosas. Embarcações de aspecto militar, provavelmente barcos patrulheiros Russos, avistaram-se-ão de vez em quando deitados e inertes na água. Nenhum deles desafia a passagem da Frau. O sol aparece e desaparece, tornando durante um perfeito momento os conveses amarelos em redor das sombras de todos. Há um tardio período do dia, no qual todas as sombras são projectadas ao longo da mesma orientação este-nordeste, em que os foguetões de teste eram sempre disparados para o mar a partir de Peenemünde. O exacto tempo de relógio, que varia ao

longo do ano, é conhecido como Meio-Dia do Foguete... e o som que deve nesse momento encher os ares para os devotos dele somente pode ser comparado a uma sirene da hora de almoço em que toda a vila acreite... e as tripas ressoam, duras como pedra...

Antes de avistá-lo, consegue sentir-se o local. Mesmo dobrado por cima de um talabardão, bochecha encostada a um resguardo que cheira a alcatrão, olhos chorosos e entradas tão encapeladas quanto o mar. Mesmo arrasado e calcinado como Rossokovsky e o Exército Branco Russo o deixaram na Primavera. É um rosto. Nos mapas, é uma caveira ou um rosto corroído em perfil, apontado para sudoeste: um pequeno lago pantanoso para a arcada ocular, cavidade do nariz-e-boca recortando-se na entrada do Peene, logo abaixo da central eléctrica... o traçado do desenho é algo semelhante à cara de uma caricatura do Wilhelm Busch, algum velho tolo a quem os rapazes traquinas pregam partidas. Batendo-lhe nos tanques em busca de álcool de cereais, garatujando grandes palavras maldosas pelos campos do seu cimento fresco, ou até entrando à socapa para disparar um foguete a meio da noite...

Agora prédios baixos, queimados, imagens em cinza das redes de camuflagem cauterizadas no betão (tiveram somente um minuto para luzir, como o manto de seda de um burguês — para iluminar estes interiores costeiros, esta saleta de engenheiro cheia de formas desinteressantes e de tons neutros... não luziu ela apenas? nada que precise de ser corrigido, nada de monitório, nenhum novos níveis a atingir... mas quem haveria de ser, observando com tanta civilidade e placidez por cima do alto do modelo? rosto todo nestas cores de crepúsculo cromofotográfico, olhos dentro de lentes com aros pretos que, tal como as luzentes redes, agora se vê terem servido de camuflagem a quem senão o Ciclista no Céu, a negra e fatal silhueta Eduardiana no luminoso seio do céu, do Meio-Dia do Foguete de hoje, duas explosões circulares no interior da hora de ponta, na cena mortal da luz celeste. Como o ciclista rodopia lá no alto, terminal e sereno. No Tarot ele é conhecido como O Louco, mas aqui na Zona chamam-lhe Manhoso. É 1945. Ainda inicial, ainda inocente. Parte daquilo é-o).

Gelosias carbonizadas e desamparadas: o que era de madeira agora apenas se aquietava, sem força. Verdes formas humanas se vislumbram entre as ruínas. A escala é muito confusa, por estes lados.

As tropas parecem maiores do que deveriam ser. Um zoológico? uma galeria de tiro? Ora, algo de ambos. Frau Gnabb abeira-se mais de terra, põe-se a seguir a margem pantanosa a meia velocidade. Aumentam os sinais da ocupação: parques de camiões, tendas, um curral apinhado de cavalos malhados, cor de canela, brancos como neve, vermelhos como sangue. Selvagens patos estivais explodindo lá em cima, molhados e chuvosos, saídos de verdes caniços — sobrevoam a ré do barco e descem para a esteira deste, onde se baloçam gransnando em excursões de duas patas. No cimo da luz do sol, paira uma águia de cauda branca. Crateras de bombas e de projécteis contêm azuleia água marinha entre lisos lábios. As casernas ficaram com os telhados rebentados: espinais e esqueléticos e embranquecidos pelo sol os ossos dessas criaturas que no seu tempo deverão ter contido metade dos Jonas da Europa que tombava. Mas árvores, faias e pinheiros começaram a crescer de novo onde os espaços foram limpos e aplanados para habitações ou escritórios — brotando pelas rachas do pavimento, a vida pode tornar a ganhar vantagem por todo o lado, aí vem o verde Verão de '45, e as florestas continuam a tornar-se mais densas nas terras altas.

Passando agora pelos grandes restos enegrecidos das Oficinas de Desenvolvimento, na sua maioria espalhados ao nível do chão. Em séries, algumas estilhaçadas e quebradas, outras amplamente escondidas pelas dunas, com o Närrisch contando-as reverentemente uma a uma, surgem as massas de betão das plataformas de testes, estações da cruz, VI, V, III, IV, II, IX, VIII, I, finalmente a do próprio Foguete, na qual ele se postou e voou por fim, VII e X. Árvores que outrora as esconderam do mar são agora meras varas de carvão.

Contornando a curva norte da península, muralha das plataformas de testes e fortificações a ficarem para trás — passando agora por Peenemünde-West, o antigo território da Luftwaffe. Muito ao longe a estibordo, as falésias da Greifswalder Oie tremeluzem entre a bruma azul. As rampas de lançamento em betão usadas para testar a V-1 ou bomba zunidora apontam para o mar. Pistas de descolagem crivadas de crateras, pilhas de entulho e Messerschmitts destroçados desfilam por eles, pela península abaixo: por cima do arco da caveira, de novo para sul em direcção ao Peene, além — por cima das ondulantes colinas, a quilómetros da proa que aporta, a torre de tijolos

vermelhos da catedral em Wolgast e, mais perto, a meia dúzia de chaminés da central eléctrica, que não soltam fumo sobre Peenemünde, sobreviveram às letais cargas de compressão de Março... Cisnes brancos vagueiam pelos caniços, e faisões voam sobre os altos pinheiros no interior da costa. Um motor de camião volta à vida roncando algures.

Frau Gnabh faz virar o seu barco numa curva apertada, entrando por uma angra, até à doca. A calmaria estival está pousada sobre tudo: material rolante inerte nos seus carris, um soldado sentado e encostado a um bidão de petróleo com tampa alaranjada tentando tocar um acordeão. Talvez somente para se distraír. Otto solta a mão da sua corista. A mãe dele desliga os motores, e ele dá um largo salto para o cais e põe-se a correr, para tratar da amarração. Há então uma breve pausa: fumos de diesel, pássaros de pântano, pacata imobilidade...

O carro de serviço de alguém, surgindo ruidosamente a virar a esquina de um armazém de carga, desliza até parar, saltando logo da traseira dele um major mais gordo ainda do que o Duane Marvy, mas com um rosto mais amável e vagamente Oriental. Cabelo grisalho que parece lã de ovelha cai retorcidamente ao redor de toda a sua cabeça. «Ah! Von Göll!» braços estendidos, olhos enrugados brilhando com — serão lágrimas reais? «Von Göll, meu caro amigo!»

«Major Zhdaev», o Springer saúda-o com um aceno de cabeça em furta-passo na prancha de desembarque, enquanto por detrás do major parece agora estar a parar aqui este camião cheio de tropa em fato de combate, é a modos que estranho eles terem trazido todas estas metralhadoras e carabinas só para fazerem um pouco de estiva...

Pois é. Antes que alguém consiga mexer-se, já eles saltaram cá para fora e formaram um cordão em volta do Zhdaev e do Springer, de armas aprestadas. «Não se assustem», o Zhdaev acenando e sorrindo, caminhando de regresso ao seu carro com o braço por cima do Springer, «vamos deter o vosso amigo por um bocadinho. Vocês podem prosseguir com o vosso trabalho e partir. Nós trataremos de fazê-lo regressar a salvo a Swinemünde.»

«Mas que diabo», Frau Gnabh sai a rugir da cabina de pilotagem. O Haftung aparece, torcendo, enfiando as mãos em diversos bolsos

e tornando a tirá-las de lá: «Quem é que eles estão a prender? Então e o meu contrato? Vai acontecer-nos alguma coisa?» O carro de serviço afasta-se. Os alistados começam a enfileirar-se a bordo.

«Merda», pondera o Närrisch.

«Você pensa que é uma rusga?»

«Eu penso que o Tchitcherine está a responder com interesse. Tal como você dizia.»

«Ah, essa agora —»

«Não, não», mão na manga, «ele tem razão. Você é inofensivo.»

«Obrigado.»

«Eu avisei-o, mas ele riu-se. «Mais um salto, Närrisch. Eu tenho de continuar a saltar, não tenho?»

«Bom, o que quer você fazer agora, deixá-lo à solta?»

Há alguma excitação a meia-nau. Os Russos levantaram um encerado e puseram à mostra os chimpanzés, que estão cobertos de vomitado, e também arrombaram a vodka. Haftung pestaneja e estremece. Wolfgang está nas costas dele, chupando uma gorgolejante garrafa que segura com os pés. Alguns dos chimpanzés são dóceis, outros andam à procura de refrega.

«De certa forma...» Slothrop gostava *mesmo* que o homem parasse de falar desta maneira, «eu devo-lhe — ao menos *isso*.»

«Bom eu cá não», o Slothrop evitando uma súbita pluma de amarelo vomitado de chimpanzé. «Ele deve ser capaz de tomar boa conta de si próprio.»

«A conversa dele é muito grandiosa. Mas ele não é paranóico *no seu íntimo* — neste ramo de negócio, isso é um desastre.»

Um dos chimpanzés morde agora um cabo Soviético na perna. O cabo grita, tirando a sua Tokarev do ombro e disparando à altura da anca, mas o chimpanzé já saltou para uma adriça. Mais uma dúzia dessas criaturas, muitas delas transportando garrafas de vodka, dirigem-se massivamente para a prancha de desembarque. «Não os deixem fugir», berra o Haftung. O trombonista espeta sonolentamente a cabeça por fora de uma escotilha para perguntar o que está a acontecer e o rosto dele é pisado por três pares de pés com rosadas plantas antes que se aperceba da situação. As raparigas, lantejoulas incendiadas pelo sol vespertino, penas todas elas estremecendo, andam

a ser perseguidas à proa e à ré pelo salivante pessoal do Exército Vermelho. Frau Gnabh puxa o cordão do seu apito de vapor, assustando com isso o resto dos chimpanzés, que se juntam à debandada para a margem. «Apanhem-nos», implora Haftung, «alguém mos apanhe.» Slothrop acha-se entre Otto e Närrisch, sendo empurrado para terra por cima da prancha pelos soldados que vão atrás dos chimpanzés ou das raparigas, ou que tentam disputar o desembarque da carga. Entre salpicos, imprecações e gritos ameninados vindos do outro lado do barco, coristas e músicos continuam a aparecer e a deambular para trás e para diante. É difícil perceber que raio está a acontecer por aqui.

«Ouça.» Frau Gnabh debruçando-se por cima da amurada.

Slothrop nota-lhe um astuto olhar de soslaio. «Você tem um plano.»

«Você tem de criar uma manobra de diversão.»

«O quê? O quê?»

«Chimpanzés, músicos, coristas. Há distracções por todo o lado. Enquanto *vões* os três vão à sucapa buscar o Der Springer.»

«Podemos esconder-nos», o Närrisch olhando à volta com olhos de gangster. «Nin-guém irá reparar. Ja, ja! O barco pode partir, como *se nós estivéssemos a bordo!*»

«Eu não», diz o Slothrop.

«Ha! Ha!» diz a Frau Gnabh.

«Ha! Ha!» diz o Närrisch.

«Eu acosto no canto nordeste», continua esta louca mãe, «do canal entre a ilha pequena e aquela parte triangular que está construída na parte de baixo da praia.»

«Plataforma de Testes X.»

«Bonito nome. Julgo que a maré deverá estar cheia por essa altura. Acendam uma fogueira. Otto! Solta-me as amarras agora.»

«Zu Befehl, Mutil!»

Slothrop e Närrisch correm para trás de um armazém de carga, encontram um vagão coberto, e escondem-se no interior dele. Ninguém nota. Há chimpanzés correndo em diversas direcções. Os soldados que andam atrás deles parecem agora deveras irritados. Num sítio qualquer o clarinetista está a tocar escalas no seu instrumento.

O motor do barco engasga-se até começar a roncar, e as hélices afastam-se soltando espuma. Algum tempo depois, o Otto e a rapariga dele treparam para dentro do vagão, esbaforidos.

«Bom, Närrisch», já agora o Slothrop podia perguntar-lhe, «para onde o terão levado, que acha você? eh?»

«Pelo que consegui ver, o Bloco Quatro e todo aquele complexo a sul estavam desertos. Por mim, apostei no edifício de montagem junto à Plataforma de Testes VII. Debaixo daquela grande elipse. Há túneis e salas subterrâneas — ideal para um quartel-general. Parece que a maior parte daquilo sobreviveu bastante bem, apesar de o Rossokovsky ter ordens para arrasar o local.»

«Você tem alguma arma?» Närrisch abana a cabeça para dizer que não. «Eu também não. Mas afinal que género de operador do mercado negro é você? sem arma.»

«Eu costumava estar na orientação por inércia. Acha que iria voltar atrás?»

«B-bom mas então o que é que nós vamos usar? O nosso discernimento?»

Através das ripas do vagão, o céu está a escurecer, as nuvens a ficarem alaranjadas, cor de tangerina, tropicais. Otto e a rapariga dele estão cochichando a um canto. «Olha-me só para aquele», o Närrisch com amargos de boca. «Cinco minutos longe da mãe, e já é um Casanova.»

Ootto está a explicar sinceramente os seus pontos de vista acerca da Conspiração das Mães. Não é com frequência que uma rapariga simpática decide escutá-lo. As Mães reúnem-se uma vez por ano, em segredo, numas convenções gigantescas, e trocam informação. Receitas, jogos, frases-chave para usarem nas suas crianças. «O que costumava dizer a tua quando queria fazer-se sentir culpada?»

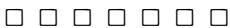
«‘Roí os dedos até ao osso!» diz a rapariga.

«Pois é! E ela costumava cozinar aqueles guisados horríveis, c-com batatas, e cebolas —»

«E presunto! Bocadinhos de presunto —»

«Estás a ver? Estás a ver? Isso *não pode* ser accidental! Elas têm um concurso, para Mãe do Ano, amamentação, mudança de fraldas, são *cronometradas*, competições de guisados, ja — depois, perto do fim,

começam verdadeiramente a usar as *crianças*. O Procurador Estadual sobe ao palco. «Daqui a pouco, Albrecht, vamos trazer aqui a tua mãe. Aqui tens uma Luger, está carregada. O Estado garante-te imunidade absoluta face a qualquer acusação. Faz o que desejas fazer — seja o que for. Boa sorte, meu rapaz.» As pistolas estão carregadas com tiros de pólvora seca, *natürlich*, mas a infeliz criança não sabe disso. Somente as mães que são alvejadas se qualificam para a final. Aí fazem entrar psiquiatras, e os juízes sentam-se com cronómetros na mão para verem com que rapidez as crianças se irão abaixo. «Ora então, Olga, não foi *simpático* por parte da Mutti ter estragado o teu namoro com aquele poeta de cabelo comprido?» «Nós compreendemos que a tua mãe e tu são, ah, *muito próximos*, Hermann. Lembras-te daquela vez em que ela te apanhou a *masturbares-te para dentro da luva dela?* Eh?» Funcionários hospitalares mantêm-se por perto para levarem as crianças dali, a babarem-se, a gritarem, tendo convulsões clônicas. Por fim, resta apenas uma Mãe sobre o palco. Colocam-lhe na cabeça o tradicional chapéu florido e entregam-lhe a orbe e o ceptro, que neste caso são uma assadeira dourada e um chicote, e a orquestra toca o *Tristan und Isolde*.»



Saem para o que resta do crepúsculo. Apenas um sonolento anoitecer estival em Peenemünde. Um bando de patos passa lá em cima, rumando a oeste. Não há Russos em redor. Uma única lâmpada brilha sobre a entrada do armazém de carga. Otto e a rapariga dele vagueiam de mão dada ao longo do cais. Um macaco vem a correr pegar na outra mão de Otto. A norte e a sul o Báltico continua a desenrolar pequenas ondas brancas. «O que está a acontecer», pergunta o clarinetista. «Come uma banana», o tocador de tuba com a boca cheia tem um cacho delas de bom porte guardado na campânula do seu instrumento.

A noite tombou quando eles começam. Encaminham-se para dentro de terra, o destacamento de recuperação do Springer, seguindo os carris da via-férrea. Pinheiros empinam-se de ambos os lados do aterro de escória. Mais adiante fogem gordos coelhos malhados,

dos quais somente se avistam as manchas brancas, nenhuma razão para se supor que sejam de facto coelhos. A amiga do Otto, Hilde, desce graciosamente dos bosques com o boné dele que ela encheu até às bordas com bagas redondas, de um azul empoeirado, doces. Os músicos transportam garrafas de vodka em todos os bolsos de que dispõem. É esta a refeição de hoje à noite, e Hilde que se ajoelha sozinha junto aos arbustos de bagas já deu as boas graças por todos eles. Nos charcos conseguem ouvir-se agora os primeiros batráquios começarem a coaxar, e os guinchos de alta frequência de um morcego que anda à caça, e algum vento nas árvores lá de acima. Também, vindo de mais longe, um ou dois tiros.

«Eles andam a disparar contra os meus macacos?» põe-se a dizer o Haftung. «Eles custaram 2000 marks cada um. Como é que alguma vez irei reaver isso?»

Uma família de ratos atravessa os carris a correr, passando por cima dos pés do Slothrop. «Eu estava só à espera de um grande cemitério. Parece que não.»

«Quando viemos limitámo-nos a desmatar o que era preciso», recorda o Närrisch. «A maior parte disto ficou como era — a floresta, a vida... provavelmente ainda haverá veados lá para cima, algures. Bichos grandes com chifres escuros. E as aves — narcejas, galeirões, gansos selvagens — o ruído dos testes afugentava-as para o mar, mas regressavam sempre quando voltava a haver sossego.»

Antes de alcançarem o aeródromo, ainda têm de se esconder por duas vezes nos bosques, primeiro por causa de uma patrulha de segurança, depois por uma locomotiva a vapor que vem a bufar desde Peenemünde-Leste, o farol dela abrindo caminho entre uma fina bruma nocturna, algumas tropas com armas automáticas penduradas nos degraus e nas escadas. Chiadeira e rodados de metal desfilando na noite, os homens expondo-se à brisa enquanto ali passam, nenhum sentimento de tensão naquilo. «Mesmo assim, poderão andar atrás de nós», sussurra o Närrisch. «Vamos.»

A travessam uma leira de mata, e depois saem de lá com cautela para o aeródromo desabrigado. Levantou-se uma afiada foice de lua. Macacos debandam sob a luz cor de osso, braços dependurados. É uma passagem nervosa. Todos são um alvo perfeito, não há qualquer cobertura a não ser a dos aviões metralhados onde estavam

e transformados em relíquias — longarinas enferrujadas, pintura queimada, asas de gaivota levadas de novo à terra. Luzes do antigo complexo da Luftwaffe cintilam ao sul. De vez em quando, ronronam camiões pela estrada ao fundo do aeródromo. Há cantigas nas casernas, e um rádio algures. As notícias da noite vindas de alhures. Demasiada distância para se ouvirem as palavras ou sequer a língua, apenas o atencioso tom monocórdico: as notícias, Slothrop, prosseguindo sem ti...

Atravessam a pista até à estrada e agacham-se numa valeta de drenagem, à escuta do trânsito. Subitamente, à esquerda deles, acendem-se luzes amarelas na pista, uma dupla fila delas encadeadas até ao mar, o brilho oscilando mais e menos por duas ou três vezes até estabilizar. «Vem aí alguém», adivinha o Slothrop.

«É mais provável que esteja de partida», retorque o Närrisch. «O melhor é apressarmo-nos.»

De novo na mata de pinheiros, subindo uma estrada de terra batida em direcção à Plataforma de Testes VII, começam a recolher raparigas e chimpanzés perdidos. Os cheiros dos pinheiros envolvem-nos: velhas carumas jazem nas bermas da estrada. Ao fundo do monte, surgem luzes quando as árvores começam a rarear, depois surge à vista a área da plataforma de testes. O edifício pré-fabricado tem uns trinta metros de altura — tapa as estrelas. Há uma alta faixa luzidia onde as portas de correr estão abertas, e a luz derrama-se para o exterior. Närrisch agarra o braço do Slothrop. «Parece ser o carro do major. E o motor está a trabalhar.» Imensos holofotes, também, montados no alto das vedações encimadas por arame farpado — e ainda o que parece ser uma divisão de segurança deambulando pelas imediações.

«Julgo que deve ser isto», o Slothrop um pouco nervoso.

«Cch.» Som de um avião, um caça monomotor, efectuando círculos para proceder à sua aproximação rasando os pinheiros. «Não temos muito tempo.» Närrisch reune os outros à volta e dá-lhes as suas ordens. As raparigas devem ir à frente, cantando, dançando, cativando os bárbaros ávidos de mulheres. Otto tentará pôr o carro fora de acção, Haftung reunirá toda a gente e aprontá-la-á para o encontro com o barco.

«Mamas e cu», murmuram as raparigas, «mamas e cu. É só isso que nós somos por aqui.»

«Ah, ‘tejam lá caladas», resmunga o G. M. B. Haftung, naquele que é o seu modo habitual de lidar com a criadagem.

«Entretanto», continua o Närrisch, «Slothrop e eu entramos lá dentro para ir buscar o Springer. Logo que o tivermos, tentaremos fazer com que eles disparem. Esse será o *vosso* sinal para que corram o mais que possam.»

«Oh, pois claro que vão haver alguns tiros», diz o Slothrop, «e-e — que tal isto?» Ele acabou de ter uma ideia brilhante: falsos coqueteles Molotov, uma alteração na antiga rotina do Säure Bummer. Pega numa garrafa de vodka, apontando para ela e sorrindo.

«Mas isso quase nem sequer arde.»

«Mas eles hão-de *julgar* que é gasolina», começando a sacar penas de avestruz ao traje da rapariga que lhe está mais próxima. «E imaginem só como isso *nos* fará sentir mais seguros.»

«Felix», pergunta o clarinetista ao tubista, «onde é que nós vemos cair?» O Felix está a comer uma banana, e a viver o momento. Daí a pouco já ele partiu para o meio dos bosques com o resto da banda, onde se fazem ouvir andando às voltas, apitando e balindo uns para os outros. Hilde e Slothrop estão a fazer Falsas Bombas Incendiárias, as outras raparigas já partiram, Zitz und Arsch, pela encosta abaixo.

«Para representarmos uma ameaça plausível», sussurra o Närrisch, «vamos precisar de fósforos. Alguém tem fósforos?»

«Eu não.»

«Eu também não.»

«Bolas, o meu isqueiro ficou sem pedra.»

«Kot», o Närrisch lançando as mãos ao ar, «Kot», caminhando até às árvores, onde colide com Felix e a sua tuba. «Você também não tem fósforos.»

«Tenho um Zippo», responde Felix, «e dois Corona Coronas, vindos do clube dos oficiais Americanos em —»

Um minuto depois, Närrisch e Slothrop, cada um deles com as mãos fechadas em concha sobre a brasa de um dos melhores de Havan,

estão avançando tão sorrateiramente como dois gatos num desenho animado em direcção à Plataforma de Testes VII, com bombas de garrafas de vodka presas nos cintos e mechas feitas de penas de avestruz esvoaçando atrás deles sob a brisa marinha. O plano é trepar o aterro de areia e entulho encimado com pinheiros que contorna a plataforma de testes e chegar ao Edifício de Montagem pelas traseiras.

Ora aqui o Närrisch é um homem da orientação, um homem da orientação é ele. E todos os dias, no Meio-Dia do Foguete, há morte, e festança... Mas o Närrisch conseguiu, no seu tempo, evitar quase tudo isso.

Na verdade, não houve duas pessoas tão mal equipadas para a aproximação a um Centro sagrado desde os dias do Tchitcherine e do Džaqyp Qulan, correndo sobre a estepe, para Norte, a fim de encontrarem a sua Luz Quirguize. Isso é um intervalo de cerca de dez anos. O que torna tal passatempo praticamente tão vulnerável aos quebra-recordes quanto o basebol, um desporto também bem enredado com alvas sugestões do sinistro.

A Aproximação-ao-Centro-Sagrado está prestes a tornar-se no principal passatempo Zonal. O seu balsâmico apogeu está quase a atingi-la. Não tardará que estejam em campo mais campeões, adeptos, mágicos de todas as classes e ordens do que em qualquer momento anterior da história do jogo. O sol governará todo o empreendimento, caso ele seja honesto e desportivo. A curva de Gauss herniará em direcção ao excelente. E os vale-nadas como aqui o Närrisch e o Slothrop já terão sido erradicados.

Slothrop, como já se notou, pelo menos desde a era do *Anubis*, começou a espargir-se, a difundir-se. «A densidade pessoal», Kurt Mondaugen no seu gabinete de Peenemünde a muito poucos passos daqui, enunciando a Lei que um dia ostentará o nome dele, «é directamente proporcional à largura de banda temporal.»

«Largura de banda temporal» é a largura do vosso presente, do vosso *agora*. É o «Em» familiar considerado como uma variável dependente. Quanto mais se habita no passado e no futuro, mais espessa é a vossa largura de banda, mais sólida a vossa persona. Mas

quanto mais estreito o vosso sentido do Agora, mais ténues vos tornais. Poderá chegar ao ponto de terdes dificuldade em vos lembrardes do que estáveis fazendo cinco minutos antes, ou até — como o Slothrop agora — do que estais a fazer *aqui*, na base deste colossal aterro encurvado...

«Uh», ele vira-se de boca aberta para Närrisch, «que estamos nós a..»

«Que estamos nós o quê?»

«O quê?»

«Você disse, “Que estamos nós...”, e depois calou-se.»

«Oh. Bolas, que coisa mais esquisita de se dizer.»

Quanto ao Närrisch, também ele está concentrado no assunto.

Nunca viu esta grande Elipse de nenhum outro modo senão aquele em que ela deve ser vista. Greta Erdmann, pelo contrário, viu as eminências cor de ferrugem daqui vergarem-se, exactamente tal como fizeram certa vez, expectantes, rostos encapuzados, macias coberturas do Nada... sempre que Thanatz assestava o látego sobre a pele dela, ela era levada, em mais uma penetração rumo ao Centro: cada chibatada, um pouco mais para o interior... até que um dia, ela sabe-o, terá *aquele primeiro vislumbre daquilo*, e a partir daí será uma necessidade absoluta, um alvo preponderante... zá-zá-zá-zás as negras armações das torres de água lá em cima, debruçadas sobre a grande orla, visíveis por cima das árvores numa luz que é tão frouxa e cor de roxo vergão quanto os crepúsculos de Peenemünde no gélido clima de disparos lentos... um demorado olhar desde o cimo de algum conhecido dique das Terras Baixas para um céu tão tingido de um castanho uniforme e amarelado que o sol poderia estar em qualquer sítio por detrás dele, e as cruzes dos moinhos em movimento poderiam ser os raios nas rodas do terrível Ciclista, o Ciclista de Slothrop, as duas explosões dele lá em cima, o seu ciclista celestial —

Não, mas até *Isto* tremeluz agora brevemente num trecho de terreno lobular Slothropiano, e se derrete na superfície deste, desaparecendo. Aqui passa portanto para ele mais uma negligência... e igualmente lhe cresce sua Preterição pois claro... Não há nenhuma boa razão para se esperar alguma viragem, alguma surpresa tipo *Estou-a-vê-la*, não por parte do Slothrop. Aqui está ele, escalando os muros

de um honesto plexo ceremonial, pousado numa visão suficientemente boa do que é meio-dia sem sombras e do que o não é. Mas oh, Ovo de que o Foguete voador foi chocado, umbigo dos 50 metros de antena rádio, todos os devidos fantasmas do local — perdoai-lhe o torpor dele, a sua glosante neutralidade. Perdoai-lhe o punho que não se aperta no peito dele, o coração que não se endurece em saudação alguma... Perdoai-lhe assim como haveis perdoado ao Tchitcherine na Luz Quirguize... Melhores dias virão.

Slothrop está a ouvir uns distantes tuba e clarinete peripatéticos a que agora se vêm juntar trombone e saxofone tenor, tentando dar seguimento a uma melodia... e grandes risadas dos soldados e das raparigas... aquilo lá em baixo parece uma festa... talvez haja até senhoras desacompanhadas... «Ouça, porque é que nós não, uh... qual era o seu —» O Nährisch, espantalho de cabedal, tentando ignorar o comportamento do Slothrop, decidiu desmontar a sua bomba incendiária: tira a rolha à vodka e agita-a por baixo do nariz antes de beber um trago. Sorri, cínico, em jeito de vendedor, para o Slothrop. «Tome.» Um silêncio por baixo do muro branco.

«Oh, pois é eu estava a pensar que é gasolina, mas é falsa, de modo que na verdade é vodka, não é?»

Mas do outro lado do talude, lá em baixo na arena, o que poderia ter sido aquilo agora mesmo, à espera neste luar entrecortado, pintura de camuflagem das aletas até à ponta fendida num axadrezado... será que aquilo, portanto, realmente nunca mais te encontrará? Nem sequer nos teus piores momentos da noite, com as palavras a lápis na tua página somente a Δt das coisas que representam? E lá dentro a vítima contorce-se, desfiando contas de rosário, tocando em madeira, evitando qualquer Termo Operacional. Será que aquilo realmente jamais virá para te levar, agora?

Perto das torres de água, eles começaram a subir, até ao alto da orla. Areia entra-lhes nos sapatos e cai silvando pela ladeira abaixo. No cimo, outra vez entre as árvores, deitam uma rápida olhadela à pista iluminada, ao caça que agora aterrrou, rodeado por sombras da equipa de terra reabastecendo, verificando, virando-o ao contrário. Pela península abaixo as luzes cintilam em leiras, curvas, ziguezagues,

mas do lado de cá, a sul das antigas Oficinas de Desenvolvimento, está negro como breu.

Abrem caminho entre ramadas de pinheiro e tornam a descer, para o Ovo, saqueado do seu equipamento Alemão, há muito convertido num recinto para veículos motorizados Russos. A esquina do enorme Edifício de Montagem, quando descem, ergue-se diante deles ao fundo de cem metros de jipes e camiões. Lá em baixo à direita está uma estrutura de testes com três ou quatro pisos e um topo redondo, parecido com o de um barracão Quonset e, por baixo dela, um longo fosso com a forma de um V pouco fundo. «Conduta de arrefecimento», segundo Närrisch. «Provavelmente estarão lá por baixo. Teremos de entrar por ali.»

Já desceram meia ladeira até uma casa de bombagem, construída dentro do aterro, da água fria que costumava dissipar o tremendo calor dos disparos de teste. Agora está desmantelada, lá dentro vazia e escura. Slothrop ainda não deu dois passos para além da soleira da porta quando choca com alguém.

«Peço desculpa», embora isso lhe saia nada calmamente.

«Oh, não tem importância.» Pronúncia Russa. «Não me incomoda de todo.» Ele faz o Slothrop recuar de novo para o exterior, oh, temos aqui um furriel com ar de *mau* e alguns dois metros e meio de altura.

«Bom, então —» preciso momento em que o Närrisch vem ter com eles.

«Oh.» Närrisch pestaneja para a sentinela. «Furriel, não está a ouvir aquela música? Porque não está lá dentro do Edifício de Montagem, com os seus camaradas? Ao que sei, está lá uma quantidade de ansiosas fräuleins a *entretê-los*, cotovelada cotovelada, «e além disso num muito encantador estado de deshabillées.»

«Suponho que tudo isso seja perfeitamente divinal», responde a sentinela, «para *algumas* pessoas.»

«*Kot...*» Lá se vai a táctica.

«E além disso, isto aqui é uma *zona interdita*, seus grandes tolos.»

Suspirando, o Närrisch levanta a sua garrafa no ar, fá-la descer, ou subir, *pumba* no cachaço da sentinela, desalojando o forro do capaceite ao homem, é isso que acontece. «Maroto», o Russo, algo ofendido,

encurva-se para ajeitar a sua touca. «*Realmente eu devia era prender-vos aos dois.*»

«Basta de conversas», rosna o Slothrop, brandindo o seu ardente charuto e o «coquetel Molotov.» «Passa para cá essa arma, Ivan, se não transformo-te num *archote humano!*»

«Vocês são *maus*», diz a sentinela amuada, sacando da sua Degtyarov um pouco depressa demais — Slothrop esquia-se para um lado, lança o seu costumeiro rápido pontapé nas virilhas, que falha, mas consegue atirar-lhe ao chão a arma, que Närrisch tem a presença de espírito suficiente para apanhar. «Bestas», choraminga o Russo, «oh, indecentes, feios...» pondo-se a correr pela noite fora.

«Dois minutos», Närrisch já no interior da casa de bombagem. Slothrop tira-lhe a automática e segue-o em passo de corrida, acelerando por um inclinado corredor abaixo. Os pés deles ressoam mais rapidamente, mais sonoramente, sobre o betão, até chegarem a uma porta metálica: por detrás dela conseguem ouvir o Springer cantando e balbuciando como um bêbedo. Slothrop destrava a sua arma e Närrisch irrompe por ali adentro. Uma bonita auxiliar loura com botas pretas e óculos de aros de aço está lá sentada apontando em estenografia tudo o que ouve do Springer, o qual está encostado com ar feliz e grandioso a um cano de água fria colocado a um metro e meio de altura que percorre a sala a todo o comprimento.

«Largue esse lápis», ordena o Slothrop. «Muito bem, onde está o Major Zhdaev?»

«Está em reunião. Se me quiser deixar o seu nome —»

«Droga», grita o Närrisch, «eles deram-lhe uma *drogá* qualquer! Gerhardt, Gerhardt, fala comigo!»

Slothrop reconhece os sintomas. «É o tal Amital de Sódio. Não faz mal. Vamos embora.»

«Estou à espera de que o Major regresse a qualquer momento. Estão lá em cima na sala da guarda, a fumar. Há algum número em que ele possa entrar em contacto consigo?»

Slothrop enfiou-se debaixo de um braço do Springer, o Närrisch por baixo do outro, quando há sonoras batidelas na porta.

«A fumar? A fumar o quê?»

«Por aqui, Slothrop.»

«Oh.» Levam Springer por uma outra porta, que Slothrop tranca e bloqueia encostando a ela um pesado arquivador, seguidamente arrastam Springer por um lanço de escadas acima até um longo e rectilíneo corredor, alumiado por seis ou sete lâmpadas, entre as quais os espaços estão muito escuros. De cada um dos lados, desde o chão até ao tecto, estão alinhados espessos fardos de cablagens de medição.

«Estamos tramados», arqueja Närrisch. São 150 metros até ao fortim das medições, sem qualquer cobertura para além das sombras entre as lâmpadas. Tudo o que estes passarões têm de fazer é distribuírem-se num padrão.

«Nada a detém, à hipervelocidade», grita Gerhardt von Göll.

«Tente caminhar», o Slothrop borrado de medo, «ande lá, homem, temos de safar o nosso *coirão!*» Atroantes ecos atrás deles ao fundo do túnel. Som abafado de uma rajada de arma automática. E mais outra. De repente, dois ténues lagos de luz mais à frente, o Zhdaev materializa-se, de regresso ao seu gabinete. Traz consigo um amigo, que sorri ao ver o Slothrop a 40 metros de distância, um grande sorriso de aço. Slothrop larga o Springer e corre para a próxima luz, de arma aprestada. Os Russos piscam os olhos para ele de um modo intrigado. «Tchitcherine! Olá.»

Ficam de frente um para o outro, cada um no seu círculo iluminado. Slothrop lembra-se de que foi ele o primeiro a apontar-lhes a arma. Sorri um meio pedido de desculpa, mostra-lhes o cano, aproxima-se mais. Zhdaev e Tchitcherine, após uma discussão que parece desnecessariamente longa, decidem que irão pôr as mãos no ar.

«Homem-Foguetel!»

«Ora viva.»

«Que fazes tu dentro de um desses uniformes Fascistas?»

«Tens razão. Acho que me vou juntar ao Exército Vermelho, em vez disso.» Närrisch deixa o Springer encostado a uma fileira de lustrosa borracha com cabos prateados e entrançados, e vem ajudar a desarmar os dois Russos. As tropas ao fundo do túnel continuam a tentar arrombar a porta.

«Vocês querem despir-se, aí? Ouve cá, Tchitcherine, já agora, gostaste daquele haxixe?»

«Bom», despindo as calças dele, «ainda agora estivemos todos lá em cima na *budka* a fumar algum... Homem-Foguete, o teu sentido de oportunidade é fantástico. Zhdaev, não achas que ele é espantoso?»

Slothrop despe o seu smoking. «Vê lá se agora não ficas para aí cheio de tesão, amigo.»

«Estou a falar a sério. É o teu Schwarzphänomen.»

«Deixa-te de brincadeiras.»

«Nem sequer sabes o que é. Aquilo coreografa-te. O meu está sempre a tentar *destruir-me*. Devíamos estar a trocar *isso*, em vez dos uniformes.»

O assunto do disfarce começa a complicar-se. A casaca do Zhdaev com as estrelas douradas da *pogoni* nos ombros passa a envolver o Springer, que agora está trauteando para todos eles uma melodia de Kurt Weill. Zhdaev veste o fato branco do Springer, e seguidamente ele e Tchitcherine são atados com os seus próprios cintos, e-e gravatas. «Ora — a ideia», explica Slothrop, «é que tu, Tchitcherine, irás passar por mim, e aqui o major —» Momento esse em que a porta lá ao fundo do túnel é rebentada, e duas figuras com umas malignas metralhadoras Suomi, equipadas com uns tambores tão grandes como os daquele Gene Krupa, entram voando através dela. Slothrop posta-se na luz com o uniforme do Tchitcherine vestido, e acena dramaticamente, apontando para os dois oficiais atados de pés e mãos. «Vê se fazes isso bem», murmura ele para o Tchitcherine, «olha que eu confio em ti, mas tenho um grande vocabulário passivo, e hei-de perceber o que tu lhes dizes.»

Tchitcherine está de acordo, mas confundido. «Quem devo eu ser, afinal?»

«Oh, merda... olha, diz-lhes só para irem verificar a casa da bombagem lá em cima, é urgente.» Slothrop faz gestos e mexe os lábios enquanto o Tchitcherine fala. Parece dar resultado. Efectivamente, os dois fazem-lhe continência e tornam a sair pela porta que acabaram de deitar abaiixo.

«Aqueles macacos», Tchitcherine abana a cabeça. «Aqueles *macacos pretos!* Como sabias disso, Homem-Foguete? Claro que não sabias, mas o Schwarzphänomen sabia-o. Um grande toque. Dois deles,

olhando para mim através da janela. E eu pensei — bom, tu sabes como é: pensei mais ou menos o que tu pensaste que eu pensaria...»

Mas por essa altura já o Slothrop está demasiado longe para o ouvir. O Springer está agora capaz de ir tropeçando em passo acelerado. Chegam ao fortim das medições sem depararem com mais ninguém. Do outro lado de uma porta em vidro à prova de bala, por detrás dos reflexos deles, está a velha estrutura de testes, janelas estilhaçadas, camuflagem em rugas do Expressionismo Alemão a envolvê-la em listas cinzentas e negras. Os dois soldados andam de facto lá por cima a vasculhar aquela casa de bombagem, sem nada encontrarem. Daí a pouco tornam a desaparecer no interior dela, e o Närrisch abre a porta. «Depressa.» Saem lá para fora, para a arena.

Demoram algum tempo a subir de novo a ladeira para se embrenharem nos bosques. Otto e Hilde aparecem. Aliviaram um braço do rotor do distribuidor ao carro e ao motorista do Zhdaev. Portanto, eles são agora quatro a tentar levar o pesado e gorjeante Gerhardt von Göll por estes míseros metros de talude de areia acima, deve ser o sistema de propulsão mais mal concebido a que esta plataforma de testes assiste desde há muito. Otto e Hilde puxam os braços ao Springer; Närrisch e Slothrop empurram-lhe o extremo traseiro. A meio da subida, o Springer solta um tremendo peido que ecoa durante minutos naquela histórica elipse, como se fosse um agora minha gente vou mostrar-vos a minha imitação anal do A4...

«Oh, vá-se foder», rosna o Slothrop.

«Um erecto e verde corcel de planetóide e osso», responde-lhe Springer com um aceno de cabeça.

A música e a tagarelice no Edifício de Montagem já esmoreceram agora, e foram substituídas por um desagradável sossego. Ultrapassam finalmente o topo e penetram nos bosques, onde o Springer apoia a sua testa num tronco de árvore e começa a vomitar violentamente.

«Närrisch, nós andámos a arriscar o nosso coirão por *este palerma?*»

Mas Närrisch está ocupado, ajudando a espremer o estômago do seu amigo. «Gerhardt, sentes-te bem? Em que posso eu ajudar?»

«Excelente», diz o Springer engasgando-se, vómito escorrendo-lhe pelo queixo abaixo. «Ahh. Isso é óptimo!»

Aparecem chimpanzés, músicos, bailarinas. Vindo de todos os lados até ao ponto de encontro. Passando a última duna e descendo para o comprimido triângulo de escória da Plataforma de Testes X, e para o mar. Os músicos durante algum tempo tocam uma espécie de marcha. Além da praia, a maré baixa deixou-lhes uma faixa de areia. Mas não se avista Frau Gnabb em parte alguma. O Haftung está de mão dada com um macaco. Felix tira cuspo de dentro da sua tuba. Uma corista com cabelos cor de mel, cujo nome ele nunca entende, põe os seus braços ao redor do Slothrop. «Tenho medo.»

«Também eu.» Ele abraça-a.

Gera-se um pandemónio — sirenes a apii-apiitarem, holofotes começando a sondar os bosques lá em cima, motores de camiões e ordens bradadas. O destacamento de resgate afasta-se das escórias, e agacha-se entre as ervas do paul.

«Recolhemos uma automática e duas armas de mão», sussurra Närrisch. «Eles virão à nossa procura pelo lado sul. Bastará que um de nós recue para os deter ali.» Faz-lhe um aceno com a cabeça e começa a verificar o seu equipamento.

«Você é doido», bufia o Slothrop, «eles vão matá-lo.» Agora alguma comoção vinda do alto da Plataforma de Testes VII. Surgem faróis, uns atrás dos outros, na estrada lá em cima.

Närrisch afaga o queixo do Springer. Não é certo que o Springer saiba quem ele é. «Lebe wohl», em todo o caso, Springer... Nagants enfiadas nos bolsos do sobretudo, automática aninhada nos seus braços, o Närrisch vai-se embora correndo agachado pela praia, e não torna a olhar para trás.

«Onde está o barco?» Haftung em alvo pânico. Patos, assustados, começam a gransnar uns para os outros cá em baixo. Vento move-se entre as ervas. Quando os holofotes passam por ali, os troncos dos pinheiros incendeiam-se pela ladeira acima, luzindo profundamente, terríveis... e nas costas de todos eles, o Báltico agita-se e passa.

Tiros lá em cima — depois, talvez numa resposta do Närrisch, uma rajada de arma automática. Otto está agarrado à sua Hilde. «Alguém sabe ler Código Morse?» quer saber a rapariga que está ao lado do Slothrop, «é que tem estado a piscar uma luz ali, estão a ver, na ponta daquela ilhota? e já há alguns minutos.» São três pontos, ponto, ponto, mais três pontos. Repetidamente.

«Hmm, SEES, pondera Felix.»

«Talvez não sejam pontos», diz o do saxofone tenor, «talvez sejam traços.»

«Isso é engraçado», diz Otto, «assim passava a dizer OTTO.»

«Isso é o teu nome», diz Hilde.

«Mãe!» grita Otto, correndo para dentro de água e acenando para a luz tremeluzente. Felix começa a soprar notas de tuba sobre as águas, e o resto da banda junta-se a ele. Sombras de caniços começam a anavalhar a areia, quando os holofotes apontam lá para baixo. O rugido de um motor de barco torna-se audível. «Aí vem ela», Otto pulando para cima e para baixo no paul.

«Ouça, ó Närrisch», Slothrop piscando os olhos, tentando lobrigá-lo entre a luz que sempre foi muito débil, «ande lá. Volte para trás.» Nenhuma resposta. Mas mais tiros.

Com luzes de presença apagadas, o barco surge a toda a velocidade virado de flanco, terá a Frau Gnabh decidido abrir brecha em Peenemünde? não, agora ela faz marcha à ré com a potência a fundo — os rolamentos guincham, há espiralados jactos de espuma, o barco volteia até parar.

«Subam para bordo», berra ela.

Slothrop tem estado a gritar por Närrisch. Frau Gnabh apoia-se no seu apito a vapor. Mas não há resposta. «Merda, tenho de ir lá buscá-lo —» Felix e Otto agarraram o Slothrop por trás, arrastam-no até ao barco enquanto ele esperneia e profere imprecações. «Eles vão matá-lo, seus idiotas, deixem-me lá ir —» Formas escuras começam a derramar-se sobre a duna entre aqui e a Plataforma de Testes VII, relamejos alaranjados a meia altura delas, seguidos do som de tiros de espingarda um segundo depois.

«Eles matam-nos é a nós.» Otto alça o Slothrop por cima da amurada, e atira-se lá para dentro atrás dele. Os holofotes agora encontram-nos e trespassam-nos. O som dos disparos tornou-se mais alto — franzidos e salpicos na água, balas a embaterem no barco.

«Está cá toda a gente?» as dentolas da Frau expostas num sorriso. «Óptimo, óptimo!» Um último macaco chega atrasado, Haftung estende-lhe a mão, e ele fica pendurado, pés na água, durante vários

metros enquanto eles se fazem ao largo, toda a força à vante, até finalmente conseguir trepar e subir a bordo. Os tiros seguem-nos até ao mar, ficando fora de alcance, e por fim deixando de se ouvir.

«Ouve lá Felix», diz o do saxofone tenor, «achas que haverá concertos em Swinemünde?»

John Dillinger, no fim, encontrou a estranha mercê de alguns segundos nas imagens filmicas que não se haviam ainda desvanecido dos seus globos oculares — o Clark Gable partindo sem se regenerar para ir fritar na cadeira, vozes saindo gentilmente do aço do corredor da morte num *adeus*, *Blackie*... recusando um perdão do seu velho amigo e agora Governador de Nova Iorque William Powell, um parvalhão magrinho e condescendente que nem tinha queixo, o Gable a querer só acabar com aquilo, «Morre-se como se vive — de repente, sem prolongar a coisa —» enquanto o sacaninha do Melvin Purvis, emboscado à porta do Teatro Biograph, acendia o fatal charuto e sentia já entre os seus lábios o pénis da comenda oficial — e os cobardes dos federais ao verem esse sinal abatiam o Dillinger com a sua precisão de paneleiros... ainda havia para o homem condenado alguma troca de personalidade em efeito — ao modo em que posteriormente se sentia durante algum tempo nos autênticos músculos do nosso rosto e da nossa voz, que *éramos* o Gable, os sobrolhos irônicos, a cabeça alta, reluzente, reptiliana — para ajudar o Dillinger a suportar a emboscada, e um pouco mais facilmente a morte.

Ora o Närrisch, encolhido entre poucos metros quebrados de tubos de drenagem em betão, após recuar desde os muros da Plataforma de Testes VII, afrontando agora o cheiro da velha água de esgoto, tentando não respirar suficientemente alto para não ser traído pelos ecos — o Närrisch não assiste a um filme desde *Der Müde Tod*. Isso foi há tanto tempo que ele até se esqueceu de como termina, num último plano ao jeito elegíaco de Rilke com a fatigada Morte levando dali os dois amantes de mão dada por entre os malmequeres. Desse lado não lhe virá ajuda nenhuma. Hoje à noite o Närrisch chegou à última pistola-metralhadora da sua carreira, estrangeira e sobreaquecida... e bolhas nas suas mãos com as quais não terá de preocupar-se amanhã. Não há fontes de clemência disponíveis para além

da dura arma, dos dedos queimados — cruel modo de partir para um bom homem da orientação que sempre deu justas horas a troco de justo salário... Tivera outras propostas... podia ter ido para leste com o Instituto Rabe, ou para oeste até à América e a seis dólares por dia — mas o Gerhardt von Göll prometera-lhe fascínio, prémios de casino, uma vistosa dama no seu braço, já agora, porque não em *ambos* os braços? — após a pobre e linear Peenemünde, quem poderia censurá-lo?

Nem sequer foi necessário ver o Plano na sua inteireza... a bem dizer isso é pedir demasiado a qualquer um... não é verdade? Essa estratégia do S-Gerät que o levou a perder as estribeiras para por ela morrer esta noite, o que sabe ele das *plenas* intenções do Springer quanto ao caso? Para o Närrisch é razoável que ele, sendo mais pequeno, venha a ser o sacrificado, caso isso ajude o Springer a sobreviver, nem que seja a sobreviver por mais um dia... raciocínio de tempo de guerra, ja, ja... mas já é tarde para mudar...

Alguma vez no tempo dele o programa S-Gerät em Nordhausen deu qualquer indício de que tantos indivíduos, nações, firmas, comunidades de interesse viriam ter ali posteriormente? Claro que ele ficaria então lisonjeado ao ser escolhido para trabalhar na modificação da orientação, por menor que ela fosse... mal merecia o tratamento especial... mesmo assim, fora o seu primeiro alto momento histórico e ele concluiria amargamente que seria o seu último, até se encontrar com a equipa de recrutamento do Springer, durante a parte mais chuvosa de Junho... Conferências em cafés e entradas para adros de igreja ao redor de Braunschweig (arcadas de estuque, latadas pendendo em finos colares) sem um chapéu-de-chuva, mas com aquela leve, badalante esperança lá dentro — um campo, apinhado de linhas de força, para se expandir, se preencher, lhe manter a boa saúde e a boa disposição... Berlim! O Cabaré Chicago! «Cocaína — ou cartas?» (frase de um filme antigo que os pistoleiros adoravam usar nesse verão)... a *Sorte Grande!*

Mas aquela coisa que ressoa e brilha lá por dentro trouxe-o até aqui, em vez disso: aqui, ao fundo de um cano, por mais uma mão cheia de minutos...

A ideia era transportar sempre uma quantidade fixa, A. Por vezes usava-se uma ponte de Wien, afinada numa certa frequência At, assobiante, pejada de augúrio, no interior dos corredores eléctricos... ao passo que no exterior, segundo a tradição nestas matérias, estaria algures uma quantidade B a acumular-se, cada vez mais, enquanto o Foguete ganhava velocidade. Portanto, até à velocidade de Brennschluss determinada, «v.^o 1», tão electrocutado como qualquer rato obrigado a seguir esse acanhado labirinto de espaço desimpedido — sim, sinais rádio vindos do solo entrariam no corpo do Foguete e, por reflexo — em bom rigor por um sinal eléctrico viajando num arco reflexo —, as superfícies de controlo torcem-se, para te manter no rumo logo que começas a afastar-te dele (como poderias tu impedir-te de tombar, cá em cima, naquela radiante inattenção, tão tomado pelo vento, pela pura altitude... os inimagináveis fogos a teus pés?)... portanto, no que respeita a essa passagem estreitamente manobrada, tudo era levado a cabo com a mais penetrante, a mais dolorosa *anticipaçāo*, com B sempre a crescer, encristando-se tão palpavelmente quanto o assalto de um maremoto que imobiliza todas as pequenas criaturas e reduz o ar a uma fria excitação... A tua quantidade A — a cintilante, constante A, transportada tal como outrora deverão ter levado de noite o Graal pela terra dentro, com sua antiquada e castrense frieza de humor deles... e certa manhã uma larga mancha cinzenta de lã de aço no lábio superior *crescida num dia*, o fatal, o terrível signo, ele todos os dias se escanhoava, aquilo significava que *era* este o seu Último Dia — e, também, somente com o lúgubre sexto sentido, tanto de fé quanto de recepção nítida, que o B dos Muitos Subscritos logo acima do horizonte eléctrico estava realmente a aproximar-se, desta vez porventura como «Biw», o ângulo de precessão do giroscópio, movendo-se invisivelmente *mas sentindo-se*, tremendamente empolgante, sobre a estrutura de metal em direcção ao ângulo Aiw (e foi assim que te deram os contactos: para te aproximates, tens de vê-lo, no ângulo exacto). Ou como «BiL», um outro integrador, não do grau do giroscópio mas do fluxo de corrente bruta propriamente dito, sangrado da serpentina móvel no interior dos pólos, do pêndulo «agrilhoad»... eles pensavam desse modo, o Grupo de Desenho, em termos de cativeiro, de proibição... havia uma

atitude para com o nosso equipamento que era mais brutal e marcial do que a maioria dos engenheiros têm oportunidade de sê-lo... Eles sentiam-se deveras a elite desapiedada, o Driwelling, e o Schmeil, com as luzes fluorescentes reluzindo-lhes nas testas expostas noite atrás de noite... No interior dos seus cérebros eles partilhavam um velho, velho electrocenário — condensadores variáveis de vidro, querosene para um dieléctrico, placas de bronze e tampas de ebonite, galvanómetros Zeiss com milhares de parafusos de afinação finamente apertados, miliampérímetros Siemens montados em superfícies de ardósia, terminais designados com numerais Romanos, Ohms Padrão de cabo de manganês em petróleo, o velho Gülcher Thermosäule, que funcionava com gás de aquecimento, debitava 4 volts, níquel e antimónio, funis de amianto no cimo, tubagens de mica...

Não era essa vida mais decente do que a bandidagem? Um género mais asseado de amizade... menos tortuoso, em todo o caso... Ali nós *víamos* como tínhamos de nos adaptar... a própria maquinaria determinava que... era tudo tão claro então, a paranóia era toda para o inimigo, e nunca para os nossos...

— E quanto à SS?

— Oh, eles eram o inimigo, diria eu... [Risos.]

Não, Klaus, não te vás embora, por favor, não para sonhos de amável interrogatório Soviético que virá a acabar num qualquer leito de arminho, nalguma letargia perfumada com vodka, tu sabes que isso é um disparate...

O B, o B-sub-N-de-Närrisch, está quase aqui — prestes a queimar o derradeiro véu sussurrante para se igualar a «A» — para igualar o único fragmento de si mesmo que eles lhe deixaram para percorrer o momento, o irredutível boneco de estireno Alemão, mais gasto, menos autêntico do que qualquer eu anterior... uma quantidade insignificante nesta última luz... esta tatuagem de botas de caçadores, e de tranquetas de espingardas em oleadas culatrás...



Aí vêm Enzian, Andreas e Christian, surgindo como a Smith, Klein & French, de rompante pela sala da cave — equipamento de campo

cinzento, sapatos de jornal, bainhas das calças enroladas, mãos e antebraços nus reluzentes com óleo de motor e massa consistente, empunhando carabinas numa demonstração de força. Mas não há aqui nenhum Vazio para os verem. É demasiado tarde. Somente a cama muda, e a acastanhada elipse que o sangue dela deixou no colchão rasgado. E azul da Prússia em granulosos salpicos aos cantos, por baixo da cama... a assinatura deles, o desafio deles.

«Onde *está ela* —» Christian está completamente desenfreado. Uma palavra fora do sítio e ele logo matará o primeiro Vazio que encontrar. Maria, a irmã dele, está, estava, talvez esteja —

«É melhor nós», Enzian já outra vez do lado de fora da porta, «onde é que, uh... o marido dela, sabes...»

«Pavel.» Christian quer ver-lhe os olhos, mas Enzian não se vira.

Pavel e Maria queriam ter a criança. Então Josef Ombindi e a gente dele começaram com as suas visitas. Aprenderam a ser abutres com os missionários Cristãos. Mantêm listas de todas as mulheres em idade de engravidar. Qualquer gravidez é um convite para eles rondarem, avaliarem, arrebatarem. Recorrerão a ameaças, casuística, sedução física — há todo um arsenal de técnicas. O azul da Prússia é o abortivo preferido.

«A refinaria», sugere Andreas Orukambe.

«A sério? Eu pensava que ele havia renunciado a isso.»

«Talvez não agora.» O irmão da rapariga fita-o com a dureza de uns punhos. *Enzian, velho sacana, estás mesmo desactualizado...*

Tornam a montar nos seus motociclos e partem de novo. Docas secas rebentadas, carcaças carbonizadas de armazéns, pedaços cilíndricos de submarino que nunca chegaram a ser montados, desfilam aceleradamente entre as trevas. A segurança britânica anda por ali, mas esse é um outro mundo fechado. O G-5 Britânico ocupa o seu próprio espaço e Zona congruentes, mas não idênticos àquele que estes sérios Schwarzkommados montados em motas sem silenciador percorrem atroradoramente hoje à noite.

Vai-se procedendo a separações. Cada Zona alternativa afasta-se velozmente de todas as outras, numa fadada aceleração, em desvio para o vermelho, fugindo ao Centro. A cada dia o mítico retorno

com que Enzian sonhou parece menos possível. Outrora foi necessário conhecer uniformes, insígnias, marcas nos aviões, observar limites. Mas agora já se fizeram demasiadas escolhas. Perdeu-se a raiz única, entre a desolação de Maio último. Cada pássaro tem agora o seu ramo, e cada um deles é a Zona.

Uma multidão de Desalojados aglomera-se junto à ruína de uma fonte ornamental, uma imensidão deles, olhos de cinza, esborratados em rostos brancos como sal. Os Hereros passam entre eles desviando-se, subindo até meio um baixo lanço de compridos degraus que acabam por entalhar-se no declive da rua, dentes de cima e de baixo chocalhando em uníssono, quadros dos motociclos guinchando com fragor, subindo e descendo os degraus entre mudas plosões de fôlego Eslavo. Cinzas e sal. Um camião de som surge contornando um muro a cem metros de distância: a voz, formada na Universidade e há muito cansada da mensagem, recita, «Saiam das ruas. Vão para as vossas casas.» Saiam das — vão para as vossas quê? Deve haver algum engano, isso deve ser para uma outra povoação qualquer...

Zunir por baixo de um oleoduto montado sobre apoios que correm agora pelo lado esquerdo até à água, lá em cima enormes manilhas rebitadas amaciadas por ferrugem e sujidade oleosa. Ao fundo do porto voga um petroleiro, balouçando sereno como uma teia de estrelas... *Galgar* pela ladeira acima obliquamente em direcção a um baluarte de devastadas, enoveladas, fundidas e chamuscadas ferragens, chaminés, tubagens, condutas, sinuosidades, esteios, isolamentos reconfigurados por todo o bombardeamento, cascalho tingido de gordura pelo chão desfilando a um quilómetro e meio por minuto e espera, espera, estás a dizer o quê, estás a dizer «reconfigurado» agora?

Não amanhece exactamente, não mas antes *irrompe*, como aquela luz que nós tememos que irrompa numa noite qualquer a uma hora demasiado difícil para se poder explicar — Enzian é inundado pelo que lhe parece ser um extraordinário entendimento. Este serpentino monte de sucata para onde ele está a dirigir-se agora mesmo, esta ex-refinaria, a Jamf Ölfabriken Werke AG, *não é de todo uma ruína*. Está em perfeito estado de funcionamento. Aguarda apenas as ligações devidas para ser montada, para ser acesa... modificada, precisamente, *deliberadamente* pelo bombardeamento que nunca foi hostil, mas parte de um

plano com que ambos os lados — «*dados?*» — sempre haviam concordado... sim e se nós agora — pronto, digamos que *devemos* ser nós os Cabalistas por aqui, digamos que é esse o nosso verdadeiro Destino, sermos os mágicos-eruditos da Zona, com um Texto algures ne-la, que tem de ser esquadrinhado, anotado, explicado e masturbado até lhe ter sido espremida a sua última gota... bom nós assumimos — *natürlich!* — que esse Texto sagrado tinha de ser o Foguete, orururumo orunene o alto, ascendente, morto, o ardente, o grande («orunene» já está a ser transformado pelos filhos dos Hereros da Zona em «omunene», o irmão mais velho)... a nossa Tora. Que mais haveria de ser? As suas simetrias, as suas latências, a *graça* daquilo encantou-nos e seduziu-nos enquanto o Texto real persistia, alhures, na sua escuridão, na nossa escuridão... mesmo a esta distância do Südwest, não seremos poupadados à antiga tragédia das mensagens perdidas, uma maldição que jamais nos deixará...

Mas, se eu estou a passar por ele, pelo Texto Real, agora mesmo, se ele for isto... ou se eu passei por ele hoje algures na devastaçāo de Hamburgo, respirando o pó das cinzas, perdendo-o por completo... se aquilo que a IG construiu neste local não fosse *de todo* a forma final daquilo, mas somente um arranjo de fetiches, de incentivos para trazer até ali ferramentas especiais na forma dos bombardeiros da 8.^a FA *sim* todos os aviões «Aliados» teriam sido, no fim de contas, construídos pela IG, por intermédio do Director Krupp, através das suas engrenagens Inglesas — o bombardeamento era o exacto processo industrial de conversão, cada libertação de energia situada exactamente no espaço e no tempo, cada onda de choque urdida antecipadamente para trazer *precisamente os destroços desta noite* ao ser, assim descodificando o Texto, assim codificando, recodificando, redescodificando o Texto sagrado... Se estiver apta a funcionar na devida ordem, o que é ela capaz de fazer? Os engenheiros que a construíram como refinaria nunca souberam que haveria outros passos a serem tomados posteriormente. O conceito deles estava «finalizado», e podiam esquecê-lo.

Isso significa que a Guerra nunca foi de todo política, toda a política era teatro, tudo aquilo para manter o povo distraído... em segredo, ela estava em vez disso a ser ditada pelas necessidades da tecnologia... por uma conspiração entre seres humanos e técnicas, por algo

que necessitava do ímpeto de energia da guerra, gritando, «Que se dane o dinheiro, é a própria vida de [inserir nome da Nação] que está em causa», mas querendo significar, muito provavelmente, *a alvorada está quase aqui, preciso do meu sangue da noite, do meu financiamento, financiamento, abh mais, mais...* As verdadeiras crises eram crises de atribuição e de prioridades, não entre firmas — somente foram encenadas de modo a que parecesse assim — mas entre as diferentes Tecnologias, Plásticos, Electrónica, Aeronáutica, e as necessidades destas que somente são compreendidas pela elite governante...

Sim, mas a Tecnologia apenas responde (com que frequência este argumento foi iterado, com tanta persistência e falta de humor quanto uma redução Gaussiana, especialmente entre os mais jovens do Schwarzkommando), «É muito bonito falar-se em pegar o monstro pelo rabo, mas vocês julgam que teríamos tido o Foguete se alguém, um alguém específico com um nome e um pénis, não tivesse querido atirar uma tonelada de Amatol a 450 quilómetros e rebentar com um quarteirão cheio de civis? Vá lá, escrevam com maiúscula o T em tecnologia, deifiquem-no caso isso vos faça sentir menos responsáveis — mas isso coloca-vos junto com os castrados, irmão, junto com os eunucos que mantêm o harém da nossa Terra roubada para os dormentes e tristes tesões dos sultões humanos, da elite humana que não tem qualquer direito a estar onde está —»

Temos de procurar aqui fontes de poder, e redes de distribuição que nunca nos ensinaram, rotas de poder que os nossos professores jamais imaginaram, ou foram encorajados a evitarem... temos de encontrar metros cujas escaras sejam desconhecidas no mundo, recorrer aos nossos próprios esquemas, obter retorno, estabelecer conexões, reduzir o erro, tentar aprender a função real... visando que incalculável conspiração? Cá em cima, à superfície, os alcatrões de hulha, a hidrogenação, as sínteses sempre foram imposturas, funções fictícias para esconder a missão verdadeira, *a missão planetária* sim que talvez demore séculos a desenrolar-se... esta fábrica ruinosa, à espera que os seus Cabalistas e novos alquimistas descubram a Chave, ensinem os mistérios a outros...

E se não for exactamente a Jamf Ölfabriken Werke? e se forem as instalações da Krupp em Essen, se forem as da Blum & Voss aqui

mesmo em Hamburgo ou uma outra «ruína» fingida, numa outra cidade? Num outro *país*? YAAAGGGGHHHH!

Bom, esta conversa aqui é estimulante, sim nos últimos dias o Enzian tem andado a tomar os Pervitins que sobraram dos Nazis como se fossem pipocas no cinema, e presentemente o vulto da refinaria — que, a propósito, tem o nome do famoso descobridor da Oneirina — ficou para trás deles, e o Enzian está entregue a um qualquer outro terror paranóico, falando, falando, embora o vento e o motor de cada um dos homens lhe impeça a conversação.

[Pode ouvir-se uma
espécie de piano à
Hoagy Carmichael
por detrás disto,
aqui]

Sou um temerário magnata da Desoxiefedrina
Tenho os bolsos cheios de feliz desorientação,
Zumbindo pela Zona fora, onde os cães selvagens
rondam agora,
De todos os meus sonhos abrindo mão...
Tirei os tubos ao meu rádi-o,
A mim é-me indiferente —
Não gastaria um chavo na Estrelas e Riscas, porque
Faço uma p'ra mim gratuitamente...

A boca continua a falar, ninguém a ouve,
Palrando a um ritmo pavoroso —
Ah, tu és um empeço, mas aqui me despeço,
Pondo no meu rosto um sorriso merdoso!

Não me venhas com a efedrina, querida,
Quando ouvires meu nome desmaia —
Nas celas do recolher, após toda a luz desaparecer,
oh,
Tudo há-de estar na mesma
(Basta acenderes as velas)
Tu-do há-de estar na mesma...

Na noite passada, no seu diário, o Enzian escreveu: «A Boca tem ultimamente andado muito ao serviço. Sai muito pouco que tenha uso para alguém. Uma defesa. Oh Deus, oh Deus. Então eles estão realmente a chegar até mim. Por favor, eu não *quero* pontificar deste modo... Eu sei como soa a minha voz — ouvi-a em Peenemünde há

uns anos no Dictaphone do Weissmann... cromados e Bakelite... demasiado alta, obnóxia, Berliner Schnauze... como eles devem retrair-se por dentro sempre que eu começo a falar...»

«Poderia ir lá amanhã. Sei como estar sozinho. A mim não me assusta tanto como a eles. Eles falam sem parar — mas nunca *usam* o que colhem. O que pensam eles poder colher de mim? Não querem o meu patriarcado, não querem o meu amor, não querem a minha informação, nem o meu trabalho, ou a minha energia, ou o que posso... Não posso *nada*. Já não há dinheiro — ninguém vê nenhum por aqui há meses, não, não pode ser dinheiro... cigarros? Nunca tenho cigarros que cheguem...»

«Se eu os deixasse, para onde poderia ir?»

Agora de novo entre os tanques do reservatório, rumo ao vento do anoitecer, derrapando neste ermo sintético, todo ele de um negrume sem graduação... O motor do Christian parece falhar de vez em quando, estremecendo até parar. Decisão no local: se ele avariar, que vá a pé. Desse modo há menos problemas se o Pavel lá estiver, se ele não estiver lá, recolher o Christian no caminho de volta e tratar de mandar vir um camião repará-la... manter as coisas simples, é essa a marca de um grande líder, o Enzian.

O Christian não tem nenhuma avaria, porém, e o Pavel até está por lá, mais ou menos. Bom, não «dá» da maneira que o Enzian no seu actual estado de espírito pudesse considerar durante muito tempo. Mas presente, efectivamente, bem como uma espantosa colecção de amigos que parecem aparecer sempre quando ele vem cheirar Leunagasolin, tais como, oh, aqui a Criatura de Musgo, do verde mais brilhante que se possa imaginar, mais ardente que fluorescente, escondida num canto do campo hoje à noite, tímida, estremecendo como uma criança de vez em quando... ou então o Gigante Aquático, um visitante de quilómetro e meio de altura inteiramente feito de água corrente que gosta de dançar, torcendo o peito, braços pendendo-lhe soltos pelo céu. Quando a gente do Ombindi levou a Maria para irem à procura do médico deles em Hamburgo, as vozes começaram a chamar — as vozes dos Pigmeus dos Fungos que cresciam em tanques no interface entre o combustível e a água do fundo começaram a chamá-lo. «Pavel! Omunene! Porque não voltas, para *nos* veres?

Sentimos a tua falta. Porque ficaste aí longe?» Aquilo não é muito divertido para eles lá em baixo no Interface, a competirem com a bactéria que lhes atravessa o seu território de luz, essa aristocracia celular, cada um aproximando-se da parede de hidrocarbonetos para ter o seu quinhão da abundância de Deus — deixando os dejectos deles, um verde murmurúrio, uma tagarelice divergentemente instável, um limo que com os dias se torna mais espesso, mais venenoso. É deveras deprimente ser-se um pigmeu agrupado juntamente com milhares de outros, centenas de milhares, e ter de se viver do outro lado de tudo isto. Tu dizes o outro lado? A que te referes? Qual outro lado? Estás a dizer na gasolina? (Pigmeus Agrupados, num tom brincalhão e ao ritmo de um qualquer bem conhecido fraseado musical:) Não-não, não, não! — Então queres dizer que é na água? (P.A.:) Não-não, não, não! — Bom vais ter de me dizer por favor, antes qu'eu baixe as minhas cuecas! Estamos a referir-nos, explicam os Pigmeus, juntando as suas cabecinhas num padrão simétrico de couve-flor, e unindo-se num suave e anelante a capella como miúdos à volta de uma fogueira com o Bing Crosby em boné de basebol (sim já é sabido que estas Leunahalluzationen se tornam muito estranhas é claro, mais estranhas que um choque cultural, até, isto aqui é um *metachoque*, é o que é, rostos de um branco 3 sigma num ritual cujo mistério é mais fundo que a luz do norte por cima do Kalahari...) estamos a referir-nos ao outro lado de tudo isto, de todo o ciclo bactéria-hidrocarboneto-detrito. Conseguimos avistar o Interface desde aqui. É um comprido arco-íris, anil na sua maior parte, caso isso sirva para alguma coisa — anil e verde de Kelly (o Bing, dirigindo, faz erguer todos aqueles pequenos rostos irlandeses que sofreram a lavagem ao cérebro para um comovendo crescendo junto à fogueira) verde... gasolina... entre... submarino... desvanecendo-se, pois por essa altura já o Pavel ia a sair para a refinaria, estas 2 ½ semanas de tortura auto-imposta são para esquecer, a gente do Ombindi atrás dele junto aos canos em lã de vidro da caldeira, tanto homens como mulheres tentando acariciá-lo, pressão de ambos os lados na Questão do Suicídio Tribal, o Enzian a queixar-se, demasiado embarçado com o Fogueté, demasiado enrubescedo na sua contenda com o Russo, para se preocupar muito com alguém para além de si... e aqui o Pavel estava

a tentar ficar longe disso, do hálito do Mukuru, a tentar apenas ser um bom homem —

A Criatura de Musgo agita-se. Avançou uma distância assustadora desde que Pavel a olhara pela última vez. Um súbito derramamento de um liso vermelho-cereja pela encosta abaixo na montanha à sua direita (havia montanhas? De onde vieram as *montanhas?*) e de repente ele sabe, para além da deceção ou da esperança, que resvalou para o Norte, que inalar o hálito do primeiro antepassado o levou até à terrível terra, como ele deveria saber que sucederia, passo a passo durante estes últimos anos, impossível virar (o que é virar? não sei de que modo começar a mover-me... não sei *como* mover-me...) é demasiado tarde, após tantos quilómetros e mudanças.

E agora a cabeça dele no entalhe de aço do Christian a 300 metros. Subitamente, esta horrenda bifurcação: as duas possibilidades começando já a voar separadamente à velocidade do pensamento — uma nova Zona em qualquer caso, agora, quer Christian dispare ou se refreie — salte, escolha —

Enzian tenta o seu melhor — derruba o barril para um lado, tem algumas palavras desagradáveis para o jovem vingador. Mas ambos os homens viram as novas vias. A Zona, uma vez mais, acabou de mudar, e eles já lá estão, na nova...

Seguem de moto até onde o Pavel está a cheirar gasolina sintética à beira do monte bege sem iluminação, por baixo dos tanques que se acomodam brancamente em direcção ao céu, aqui está ele, um dos mais felizes clientes da IG...

Saberá o Pavel alguma coisa que o resto de nós não saiba? Se a IG quisesse que isto fosse um disfarce de alguma outra coisa, porque não o hálito do Mukuru?

Enzian consegue projectar-se já de regresso ao Erdschweinhöhle dando início a um novo ficheiro sobre a IG — vendo-o ficar cada vez mais gordo enquanto as interligações se desenvolvem, os livros são auditados, as testemunhas vêm — não em frente mas pelo menos ao lado, sempre nas sombras... E se isso provar que não é o Foguete, que não é a IG? Bom então ele terá de prosseguir não é, de prosseguir para outra coisa qualquer — a fábrica da Volkswagen, as companhias farmacêuticas... e se não for na Alemanha então ele terá

de começar na América, ou na Rússia, e, se morrer antes de eles encontrarem o Texto Autêntico para estudar, então terá de haver maquinaria para que outros levem isso avante... Ouçam cá, isso é uma bela ideia — chamar todo o Erdschweinhöhle, chegar ali e dizer-lhes, *Minha gente, eu tive uma visão...* não não mas *será* preciso que haja mais pessoal, se tiver de ser uma investigação assim tão grande, desviando pela calada os recursos do Foguete, diversificando enquanto se faz aquilo parecer um crescimento orgânico... e quem trazer para isso? O Christian — poderá ele usar o rapaz agora, a raiva do Christian, usará *Aquilo* o Christian independentemente de ajudar a suprimir o Ombindi... porque se a missão do Schwarzkommando na Zona foi autenticamente revelada agora, então terá de se fazer algo a respeito do Ombindi, dos Vazios, da doutrina do Zero Final. Mais pessoal significará mais Hereros da Zona, e não menos — mais informação chegando acerca do inimigo, mais conexões estabelecidas significarão maior ameaça para o povo, significarão que os números da tribo terão de aumentar. Haverá uma alternativa? não... ele preferiria ignorar o Ombindi, mas as necessidades desta nova Busca não lhe permitirão agora esse conforto... a busca predominará...

Algures, entre os detritos do Mundo, está a chave que nos levará de volta, nos restaurará a nossa Terra e a nossa liberdade.

Andreas tem estado a falar com Pavel, que continua lá por fora com os seus companheiros estranhamente animados, brincando a isto e aquilo. Daí a pouco, com amor e subterfúgios, ele obtém o endereço do médico com quem o Ombindi está em contacto.

Enzian sabe quem ele é. «Fica em Saint Pauli. Vamos. A tua máquina está com algum problema, Christian?»

«Não me venhas com falinhas-mansas», explode Christian, «tu não queres saber de mim, tu não queres saber da minha irmã, ela está para aí a morrer num sítio qualquer e tu continuas a encaixá-la nas tuas equações — tu — brincas a essa rotina do santo-padre e dentro desse ego nem sequer nos odeias, tu não te importas, tu já nem sequer estás *ligado* —» Ele lança o seu punho à cara do Enzian. Está a chorar.

Enzian fica ali e deixa-o acertar. Dói-lhe. Deixa doer. A resignação dele também não é inteiramente política. Consegue sentir boa

parte da singela verdade daquilo que Christian lhe disse — talvez não toda, não toda de uma vez, mas bastante.

«Já te ligaste. Podemos ir atrás dela, agora?»

□ □ □ □ □ □

Aqui está a boa Frau, debruçada sobre o Slothrop desde lá ao fundo aos pés da cama: o olho dela luzidio e pretensioso como o de um papagaio, um grande, branco e bojudo olho postado sobre velhos e espinhosos braços e pernas, um lenço negro por cima do rolo do penteado dela como luto por todos os seus mortos Hanseáticos, por baixo de arfantes frotas de ferro, sob as ondas do Báltico afiado por quilhas e cinzento, mortos sob as frotas das ondas, as pradarias do mar...

Logo a seguir há o pé do Gerhardt von Göll embatendo no Slothrop de um modo muito pouco terno. O sol vai alto, e todas as raparigas se foram. Otto anda a resmungar pelo convés com uma vassoura e um esfregão, removendo a merda de chimpanzé de ontem. Swinemünde.

O Springer voltou a ser uma pessoa chilreante: «Ovos e café acabados de fazer na cabina do piloto — à nossa espera. Temos de sair daqui dentro de 15 minutos.»

«Bom o melhor será parar com esse “nós”, Ás.»

«Mas eu preciso da sua ajuda.» O Springer enverga um fato de fino tweed hoje de manhã, muito Savile Row, assenta-lhe na perfeição —

«O Närrisch precisava da sua ajuda.»

«Você não sabe do que está a falar.» Os olhos dele são berlindes de aço que nunca perdem. O seu riso, subintitulado *Fazer a Vontade aos Malucos*, é Mitteleuropäisch e desconsolado. «Está bem, está bem. Quanto é que você quer?»

«Tudo tem um preço, não é?» Mas ele não está aqui a ser nobre, não, o que se passa é que o seu próprio preço acaba de ocorrer-lhe, e ele precisa de prolongar a conversa aqui, dar-lhe algum tempo para respirar e se desenvolver.

«Tudo.»

«Qual é o negócio?»

«Um acto de pirataria de segunda ordem. Ir buscar uma encomenda para mim enquanto eu lhe dou cobertura.» Ele olha para o seu relógio, erguendo-o com exagerado dramatismo.

«O.K., arranje-me uma passagem à disponibilidade. Eu vou consigo.»

«Uma quê? Uma passagem à disponibilidade? Para *sí?* Ha! Ha! Hal!»

«Você devia tirar-se mais, Springer. Isso dá-lhe um aspecto realmente engracado.»

«Mas que *tipo* de passagem à disponibilidade, Slothrop? *Honrosa*, porventura? Ah, ah-ah! Ha! Ha!» Tal como Adolf Hitler, o Springer é facilmente excitado por aquilo a que os Alemães chamam Schadenfreude, o sentimento de júbilo perante a infelicidade de outrem.

«Deixe-se de brincadeiras, estou a falar a sério.»

«*Pois claro* que está, Slothrop!» Mais gargalhadas.

Slothrop aguarda, observa, chupando num ovo embora hoje de manhã se sinta tudo menos manhoso.

«O Närrisch, está a ver, devia ir lá comigo hoje de manhã. E agora só posso contar consigo. Ha! Ha! Onde é que você quer que lha entreguem, essa — ah — essa passagem à disponibilidade?»

«Cuxhaven.» Ultimamente, o Slothrop tem vindo a ter esta indistinta fantasia acerca de tentar entrar em contacto com o pessoal da Operação Fogo Inverso em Cuxhaven, para ver se o ajudarão a sair daqui. Eles parecem ser a única ligação Inglesa ao Foguete que ainda resta. Já sabe que isso não irá funcionar. Em todo o caso, ele e o Springer combinam uma data.

«Esteja num sítio chamado Putzi's. Fica ao fundo da estrada para Dorum. Os traficantes locais poderão dizer-lhe onde é.»

Portanto lá vão de saída uma vez mais — passando pelo húmido abraço dos paredões, rumo ao Báltico, de crista em crista, e rumo aos nimbo que se sobrepõem em camadas saltita o alegre barco pirata, rumo a um dia já borrascoso e amargo, e a tornar-se pior. O Springer está postado do lado de fora da cabina de pilotagem berrando acima do som dos fortes mares que saltam por cima da proa e alagam os conveses. «Onde julga que estará?»

«Se foi para Copenhaga», o rosto da Frau Gnahn tisnado pelo vento, permanentes rugas de sorriso em torno dos seus olhos e boca, radiante como o sol, «não poderá ter mais de uma hora de avanço sobre nós...»

A visibilidade hoje de manhã é demasiado escassa para se avistar a costa de Usedom. Springer junta-se ao Slothrop na amurada olhando para coisa nenhuma, aspirando o concentrado odor do tempo pardacento.

«Ele está bem, Slothrop. Já passou por pior. Há dois meses fomos emboscados em Berlim, mesmo à porta do Chicago. Ele avançou entre o fogo cruzado com três Schmeissers para propor um negócio aos nossos concorrentes. Nem um arranhão.»

«Springer, ele andava para ali às voltas com metade do Exército Russo.»

«Eles não vão matá-lo. Sabem quem ele é. Ele trabalhou na orientação, era o principal assistente do Schilling, sabe mais acerca de circuitos integrados do que qualquer outra pessoa que eles consigam encontrar agora fora de Garmisch. Os Russos estão a oferecer salários fantásticos — melhores que os Americanos — e deixá-lo-ão ficar na Alemanha, a trabalhar em Peenemünde ou no Mittelwerke, tal como ele costumava fazer. Até poderá escapar, caso seja o que ele queira, nós temos muito bons contactos para isso —»

«Mas se eles *de facto* o alvejarem?»

«Não. Não deveriam fazer isso.»

«Springer, isto agora não é como na merda dos *filmes*, com frانqueza.»

«Ainda não. Talvez ainda não inteiramente. O melhor é você desfrutar disso enquanto pode. Um dia, quando a película for suficientemente rápida, o equipamento tiver tamanho de bolso e não pesar, e for vendido a preços para o povo, as luzes e as estruturas já não forem necessárias, então... então...» *Chegamos agora à vista da mítica Rügen que poderão observar pela vossa amurada de estibordo.* As suas falésias de giz são mais brilhantes que o céu. Há bruma nos estuários, e entre os verdes carvalhos. Ao longo das praias, vogam manchas de nevoeiro cor de pérola.

A nossa capitã, Frau Gnabb, dirige-se para o Greifswalder Bodden, para percorrer os longos estuários em busca da sua presa. Ao fim de uma hora (cómicos solos de fagote sobre planos aproximados da velha renegada emborcando uma qualquer horrenda e fermentada lobotomia de puré de batata a partir de um jerrican, limpando a boca à manga, arrotando) de infrutífera busca, os nossos piratas dos tempos modernos dirigem-se novamente para o mar, e sobem a costa oriental da ilha.

Tem estado a cair uma chuva leve. Otto traz cá para fora uns impermeáveis, e um Thermos com sopa quente. Nuvens, numa dúzia de matizes de cinzento, correm pelo céu fora. Grandes e brumosas penedias, falésias abruptas, arroios em profundas ravinas, cinzentas e verdes e com os pináculos de giz branco à chuva, vão desfilando — o Stubbenkammer, o Assento do Rei e, pouco depois, para bombardeio, o Cabo Arkona, onde as ondas rebentam na base das falésias e, no alto destas, as matas de árvores de tronco branco são acometidas pelo vento... *Os antigos Eslavos erigiram aqui um templo, a Svetovid, o seu deus da fertilidade e da guerra. O velho Svetovid tratava dos seus assuntos sob uma quantidade de outros nomes! O Triglav de três cabeças, o Porevit de cinco cabeças, o Rugevit de SETE caras! Conte isso ao seu patrão na próxima vez que ele lhe falar em «acumular funções!» Agora, enquanto o Arkona desaparece pelo nosso quadrante de bombardeio —*

«Ali está ele», clama Otto do alto da cabina de pilotagem. Muito muito ao longe, dirigindo-se para o largo ao surgir por detrás do Wissow Klinken (o pálido ferrolho de calcário com que a Providência está hoje a sondar as alas do coração do Slothrop), mal se avistando entre a chuva, balouça o minúsculo fantasma branco de um navio...

«Já tenho rumo», Frau Gnabb agarrando a sua roda do leme e fincando os pés. «Nós queremos uma *rota de colisão!*» Otto agacha-se junto à bitácula, tremendo.

«Venha cá, Slothrop.»

«Lugar? Caixa de munições? «O que...»

«Chegou esta manhã com a entrega dos ovos.»

«Você não tinha dito —»

«Ele poderá estar um pouco irritado. Mas é um realista. A sua amiga Greta e eu conhecemo-lo em Varsóvia, nos velhos tempos.»

«Springer — diga-me cá, Springer, ora, que navio é aquele?» O Springer passa-lhe uns binóculos. Em finas letras douradas, por detrás do dourado chacal na fantasmal proa branca, está o nome que ele já conhece. «O...K.», tentando ver entre a chuva os olhos do Springer, «você sabe que eu estive a bordo. Agora está a pregar-me uma partida, não?»

«Quando esteve *você* a bordo?»

«Vá lá —»

«Olhe — quem ia hoje buscar o pacote era o Närrisch. Não você. Nós nem sequer o *conhecíamos*. Você tem de ver conspirações em tudo? Eu não controlo os Russos, e não fui eu que o entreguei —»

«Você hoje está mesmo apostado nessa inocência, não está?»

«Parem de discutir, idiotas», berra a Frau Gnab, «e preparem-se — para a *acção!*»

Vagaroso e espectral o *Anubis* vai arfando, sem se tornar mais nítido enquanto dele se aproximam. O Springer tira um megafone para fora da cabina de pilotagem e brada, «Bom dia, Procalowski — peço autorização para ir a bordo.»

A resposta é um tiro. Springer prostra-se no convés, o impermeável em ruidoso fluxo amarelo, deita-se de costas com o megafone apontado para o alto e formando um funil para a chuva sobre a sua boca: «Sendo assim, teremos de o fazer sem autorização —» Fazendo sinal ao Slothrop para que se aproxime, «Prepare-se para a abordagem.» Para a Frau Gnab, «Vamos querer espicaçá-lo.»

«Óptimo, mas», uma olhadela ao maligno esgar que agora se acende no rosto da mãe do Otto e é evidente que ela não saiu hoje para o largo por dinheiro, «quando é que, quando é que eu posso *abalroá-lo?*»

Sozinhos no mar com o *Anubis*. Slothrop começou a suar, desagradavelmente. A verde costa rochosa de Rügen serve-lhes de fundo, subindo e descendo entre a borrasca. *Zonggg* mais um tiro ricocheteando numa antepara. «Abalroe-o», ordena o Springer. O temporal começa agora a sério. A alegre Frau Gnab, cantarolando entre dentes, faz girar o leme, as malaguetas da roda até deixam de se ver, a proa balança e aponta para meia-nau. O flanco vazio do *Anubis* aproxima-se velozmente — irá a Frau passar pelo meio dele como se

fosse um aro de papel? Rostos por detrás das escotilhas, cozinheira descascando batatas à porta da cozinha, bêbedo em asas de grilo adormecido no chuoso convés e escorregando por este enquanto o navio balança... ah — ja, ja, junto ao cotovelo dela uma enorme taça em flores azuis com batatas cortadas, uma janela, flores de ferro forjado em espiralada latada todas pintadas de branco, um leve cheiro a couves e panos da louça vindo de baixo da pia, a curva de um avental elegante e cingido por cima dos rins dela e cordeiros junto às pernas dela e ja minha pequenina, oh, ja, chega aqui minha pequenina — ah — chega aqui *chega aqui MINHA PEQUENINA* — AHH —

OTTO! Enfia o barco dela no *Anubis*, com um medonho e ensurdecedor Otto...

«Atenção.» O Springer pôs-se em pé. O Procalowski está a virar e a aumentar a velocidade do motor. Frau Gnabh torna a aproximar-se do iate pelo quadrante de estibordo, colocando-se na sua esteira. Otto distribui ganchos de abordagem, há muito em serviço Hanseático, de ferro, corroídos, com aspecto funcional, enquanto a Mutti põe toda a sua força à vante. De debaixo dos toldos começaram a surgir casais no *Anubis* para assistirem ao divertimento, apontando, rindo, acenando alegremente. Raparigas, os seus seios nus orlados de chuva, sopram beijos enquanto a banda toca um arranjo do Guy Lombardo para «Running Between the Teardrops.»

Pela escorregadia escada acima vai o salgado e flibusteiro Slothrop, arrojando o seu gancho de abordagem, soltando-lhe o cabo, mantendo-se de olho naquele Otto — lançá-lo ao alto, volteá-lo como se fosse um laço corredio, wheeee — pumba. Springer e Otto à proa e à popa estão lançando os deles ao mesmo tempo, puxando-as enquanto os navios embatem, ressaltam, embatem... mas o *Anubis*, de um branco macio, abrandou, espraiou-se, permitiu... Otto envolve o cabo nas escoras mais adiante e acima que contornam a ornamentada amurada do iate — depois salta-lhe para a ré, alpercatas chapinhando, as estriás das pégadas ficando para trás e sendo seguidamente cobertas pela chuva, para repetir a amarração a partir dali. Um recém-formado rio ruge, branco e violento, lá atrás entre as duas embarcações. O Springer já está postado no convés principal do iate. Slothrop enfia a Luger no cinto e segue-os.

O Springer com o clássico gesto de cabeça à gangster faz-lhe sinal para que suba à ponte. Slothrop move-se entre tacteantes mãos, saudações num Russo imperfeito, baforadas de hálito alcoólico, até alcançar a escada do lado de bombordo — trepando, abeirando-se sorrateiramente da ponte. Mas o Procalowski está somente sentado na cadeira do capitão fumando um dos *amis* do Springer com o seu boné inclinado para trás, e o Springer está a chegar à frase que remata uma piada tirada do seu gigantesco repertório de anedotas de sanitário Alemãs.

«Mas que raio, Gerhardt», o Procalowski abanando um polegar. «O Exército Vermelho também anda a trabalhar para ti?»

«Olá outra vez, Antoni.» As três estrelas prateadas em cada uma das suas dragonas cintilam um olá, mas não serve de nada.

«A si não o conheço.» Para o Springer: «Tudo bem. Está na sala das máquinas. Do lado de estibordo, por baixo e atrás do gerador», que é a deixa para que o Slothrop saia dali.

Ao fundo da escada encontra a Stefania, que vem a avançar pela passagem. «Olá. Desculpa encontrarmo-nos novamente deste modo.»

«Olá, eu sou a Stefania», emitindo um breve sorriso enquanto passa por ele, «há bebidas no convés de cima, divirta-se», já se foi, saiu para a chuva. O quê?

Slothrop desce por uma escotilha, começa a descer para os espaços de engenharia. Algures por cima dele soam três sinetas, devagar, um som algo oco, com um ligeiro eco. É tarde... *tarde*. Ele lembra-se onde está.

Logo que chega ao convés, todas as luzes se apagam. As sirenes guincham até se calarem. Tem de descer mais um nível para chegar à sala das máquinas. Terá de fazer isso às escuras?

«Não consigo», em voz alta.

«Consegues», responde uma voz perto do seu ouvido. Consegue sentir-lhe a respiração. Sofre um golpe bem aplicado na base do pescoço. Faz-se luz entre a escuridão de breu. O braço esquerdo dele ficou dormente. «Deixo-te ficar com o outro», sussurra a voz, «para poderes descer até à sala das máquinas.»

«Espera —» Parece a biqueira de um sapato de dança, saindo de nenhures para pairar por um segundo e lhe acertar na macia parte

de baixo do queixo — o qual então sobe, cravando-lhe os dentes na língua.

A dor é horrível. Sente o gosto a sangue. Acumula-se suor junto aos seus olhos.

«Mexe-te, vá lá.» Quando ele hesita é beliscado na parte de trás do pescoço. Oh, isso dói... agarra-se à escada, completamente cego, começando a chorar... depois pensa na Luger, mas, antes que consiga chegar a esta, já foi maldosamente pontapeado entre a anca e as virilhas. A arma cai para o chão de aço. Slothrop apoia-se num joelho, tacteando, quando o sapato se apoia ao de leve sobre os seus dedos. «Vais precisar desta mão para te agarrares à escada, lembras-te? *Lembras-te?*» O sapato é então alçado, mas apenas para o pontapear por baixo do sovaco. «De pé, de pé.»

Slothrop agarra-se à escada seguinte, procede à sua hirta descida num braço só até lá baixo. Sente a abertura da escotilha de aço erguer-se em seu redor. «Não tentes voltar cá para cima antes de fizeses o que tens de fazer.»

«Thanatz?» A língua do Slothrop dói-lhe. Profere o nome desajeitadamente. Silêncio. «Morituri?» Não há resposta. Slothrop move um pé para a travessa de cima.

«Não, não. Ainda aqui estou.»

Enquanto ele desce, trémulo, de travessa em travessa, sentindo o seu braço tornar a formigar. Como pode ele descer? Como pode ele subir? Tenta concentrar-se na dor. Os seus pés alcançam por fim uma placa de aço. Cegueira. Desloca-se para estibordo, colidindo a cada passo com arestas à altura do queixo, projecções bicudas... *Eu não quero... como posso eu... chegar lá atrás... mãos nuas... e se...*

Um súbito gemido à sua direita — qualquer coisa mecânica — ele dá um salto, sugando um ar muito frio entre os dentes, nervos das costas e braços a latejarem, a mexerem-se... alcança uma barreira cilíndrica... poderá ser o gerador... debruça-se e começa a — A mão dele fecha-se sobre rígido tafetá. Sacode-o para longe, tenta soerguer-se, bate com a cabeça em qualquer coisa bicuda... quer rastejar de novo até à escada, mas agora perdeu todo o sentido de orientação... agacha-se, girando em círculo, lentamente... *que isto acabe queis-toacabe...* Mas as mãos dele, apalpando o pavimento, retornam a es-corregadio cetim.

«Não.» Sim: colchetes e ilhós. Parte uma unha, tentando soltá-los mas eles persistem... ataduras que se movem, com segurança de cobra, emaranhando-se, mordendo cada dedo...

«Não...» Ergue-se até ficar agachado, avança na direcção de algo que pende lá de cima. Pequenas e gélidas coxas envoltas em seda molhada balouçam contra o seu rosto. Cheiram ao mar. Ele vira-se, somente para ser fustigado na face por longos cabelos molhados. Não importa qual a maneira em que ele tenta mover-se agora... mamilos frios... a profunda racha das nádegas dela, perfume e merda e o cheiro a maresia... e o cheiro a... a...

Quando as luzes voltam a acender-se, Slothrop está de joelhos, respirando com cautela. Sabe que terá de abrir os olhos. O compartimento tresanda agora a luz suprimida — a possibilidades mortais de luz — tal como o corpo, em períodos de grande tristeza, sentirá as suas verdadeiras capacidades para a dor: verdadeiras e terríveis e logo abaixo do limiar... O embrulho de papel castanho está a cinco centímetros do joelho dele, entalado atrás do gerador. Mas é aquilo que dança em funéreo branco e escarlate nas margens da sua visão... e as escadas que vão para cima e para fora daqui estarão realmente tão vazias quanto parecem?

Regressado ao barco da Frau, o Springer está cá fora com uma garrafa de champanhe que foi cortesia do *Anubis*, destorcendo os brilhantes arames e disparando a rolha numa salva de despedida. As mãos do Slothrop estão a tremer e ele entorna a maior parte do seu. Antoni e Stefania observam a partir da ponte enquanto as duas embarcações se afastam, o céu do Báltico visível nos fundos dos olhos deles. O branco cabelo dela em filamentos de espuma, as faces dela nevoeiro esculpido... homem-nuvem, esposa-neblina, eles vão diminuindo, ao largo, calados, regressados ao coração da tempestade.

A Frau ruma a sul, ao longo da outra costa de Rügen, em direcção aos estreitos através do Bug. A borrasca acompanha-os, enquanto a noite desce. «Vamos aportar em Stralsund», a cara riscada dela emanando sombras num verde-de-lubrificante, luz amarela, enquanto a lanterna a óleo balouça na cabina de pilotagem.

Slothrop considera que irá desembarcar aí. Dirigir-se para a tal Cuxhaven. «Springer, você pensa que vai ter esses papéis prontos para mim a tempo?»

«Não posso garantir nada», diz Gerhardt von Göll.

Em Stralsund, no cais, sob a luz dos candeeiros e a chuva, eles despedem-se. Frau Gnabb beija o Slothrop, e Otto oferece-lhe um maço de Lucky Strike. Springer levanta os olhos do seu caderno verde e cabeceia um auf Wiedersehen por cima do seu pince-nez. Slothrop afasta-se caminhando, por cima do monte, em direcção à húmida Hafenplatz, andar de marinheiro tentando compensar o balancear que ele já deixou para trás, passando por armações e mastros e variados apetrechos das gruas, passando por uma equipa do turno da noite que descarrega as rangentes barcaças para vagões de madeira, arqueados cavalos pardos que beijam as pedras sem erva... despedidas no interior dos seus bolsos aquecendo-lhe as mãos vazias...



Onde está o Papa cujo bordão florirá para mim?
A montanha dela atrai-me de volta, com sedas e exalações,
Seus escravos oleados, atléticos, suas lânguidas insinuações
De torturas transsubstanciam-se em céu, sim,
Em pureza de luz — em grilhões a cantar,
E látegos que arrastam seus espectros ao cair.
Agora à mercê das tormentas, ouço a chamada dela vir
De qualquer parte, no nocturno congregar.

Não deixei para trás o destino de alguma Lisaura doente.
Fiz minha última confissão enquanto me ajoelhava,
Agnóstico, no esplendor de sua jóia sob o foco...
Aqui, por baixo do meu vento derradeiro e inclemente,
Nenhuma canção, nenhuma lascívia, nenhuma memória, nenhum agravo:
Nenhuns pentagramas, nenhumas taças, nenhum sacro Louco...

O Brigadeiro Pudding morreu em meados de Junho devido a uma infecção maciça por *E. coli*, gemendo, no fim, «A minha pequena Mary dói...» uma e outra vez. Foi pouco antes do alvorecer,

como ele havia desejado. Katje permaneceu na «Visitação Branca» durante uns tempos, vagueando pelos corredores despovoados, enfumados e ainda nos extremos de todas os esvaziadas rendilhados das jaulas no laboratório, ela própria parte daquela teia cor de cinzas, do pó cada vez mais espesso e das janelas picadas pelas moscas.

Um dia ela encontrou as latas de película, amontoadas sem cuidado algum pelo Webley Silvernail naquela que fora outrora a sala de música, agora somente ocupada por um cravo Wittmaier em desintegração que ninguém tocava, plectros e teclas vergonhosamente partidos, cordas ali deixadas a ficarem mais agudas, graves, ou corroídas pelas atarefadas navalhas do clima que penetravam inexoravelmente em todas as divisões. Pointsman estava por acaso nesse dia em Londres, trabalhando fora da Décima Segunda Casa, demorando-se em almoços alcoólicos com os seus vários industrialistas. Estava ele a esquecer-se dela? Viria ela a ser livre? Já o seria?

Entre o que aparentemente nada mais era do que a vacuidade da «Visitação Branca», ela encontra um projector, enfia nele uma bobina e foca a imagem numa parede manchada pela água, ao lado da paisagem de uma qualquer comba nortenha, com uns tolos aristocratas por lá brincando. Vê uma rapariga de cabelo branco na casa do Pirata Prentice em Chelsea, um rosto tão estranho que ela reconheceu as salas medievais antes de se reconhecer a si.

Quando é que eles — ah, no dia em que o Osbie Feel estava a processar os cogumelos Amanita... Fascinada, ela contempla vinte minutos de si própria em pré-fuga Pisceana. Para que raio terão eles usado isto? A resposta a essa pergunta também está na lata, e ela não tarda a encontrá-la — o Polvo Grigori no seu tanque, vendo as imagens da Katje. Excerto após excerto: ecrã tremeluzente e planos de inserção do Polvo G., a olhar — cada um deles com a sua data dactilografada, mostrando a melhoria no reflexo condicionado da criatura.

Colado ao final de tudo isso, inexplicavelmente, está aquilo que parece ser um teste cinematográfico do Osbie Feel, imagine-se. Há uma banda sonora. O Osbie está a improvisar um enredo para um filme que ele escreveu, intitulado:

AVIDEZ DO DROGADO

«Abrimos com o Nelson Eddy em fundo, cantando:

Avidez do drogado,
Oh, avidez do drogado!
É a coisa mais nojenta que eu já terei olhado!
Quando andamos a sentir-nos finos,
Transforma-nos em suínos
Logo que se prova a AVIDEZ DO DROGADO!

«Agora entram a cavalo na vila dois vaqueiros fatigados da viagem, o Basil Rathbone e o S. Z. («Abraços») Sakall. À entrada da povoação, barrando-lhes o caminho, está o Anão que foi o protagonista de *Freaks*. Aquele que tem pronúncia alemã. É ele o xerife da vila. Traz uma enorme estrela dourada que quase lhe cobre o peito. O Rathbone e o Sakall puxam as rédeas, com uns sorrisos inquietos nos seus rostos.

«RATHBONE: Aquilo não pode ser *real*, pois não?

«SAKALL: Hoo, hoo! Claro qu'é real, mês miserável *viciado*, tu é qu'andastes'a mastigar mais do que devias daquele *cacto* esquisito, lá p'lo meio dos carreiros. Devias era ter fumad'aquela bela ervita qu'eu tinha, eu bem te *disse* —

«RATHBONE (com o seu nervoso Sorriso Doentio): Por favor — eu *não* preciso de uma mãe Judia. Eu sei o que é real, e o que não é real.

«(O Anão, entretanto, vai-se postando em diversas poses de hombre durão e exibindo um par de gigantescos Colts.)

«SAKALL: Q'ando já s'andou p'los caminhos — e *tu sabes q'ais são* os caminhos, nã sabes mês patife ranhoso — tanto tempo com'eu, a gente aprend'a distinguir um xerif'anão real dum que seja só alucinação.

«RATHBONE: Eu nem sabia que existia alguma dessas classes. É evidente que tu já viste xerifes anões por todo este Território, caso contrário, nem terias inventado tal categoria. O-ou terias? Sabes, tu és suficientemente manhoso para tentares qualquer coisa.

«SAKALL: Esqueceste-te do “Meu velho patife.”

«RATHBONE: Meu velho patife.

«Eles riem-se, sacam das suas armas e trocam alguns tiros por brincadeira. O Anão anda a correr de um lado para outro, furioso, emitindo Ditos do Oeste com uma estridente pronúncia Alemã, do tipo «Este povoado não é suficientemente grande para nós os dois!»

«SAKALL: Bem, ‘stamos os *dois a vê-lo*. Isso quer d’zer qu’ele é real.

«RATHBONE: A alucinação conjunta não é desconhecida no nosso mundo, parceiro.

«SAKALL: Quem é que disse qu’a alucinação é *conjunta?* Hoo, hoo! Se foss’algum tipo d’alucinação — nã ‘tou a d’zer qu’seja — seria de peiote. Ou de estremónio, se calhar...

«Esta interessante conversação prossegue durante uma hora e meia. Sem cortes. O Anão continua activo durante todo esse tempo, reagindo aos numerosos, subtils e de vez em quando deslumbrantes argumentos apresentados. Ocasionalmente, os cavalos cagam sobre a poeira. Não é claro que o Anão saiba que é a realidade dele que está a ser discutida. Mais uma das artificiosas ambiguidades deste filme. Finalmente, o Rathbone e o Sakall concordam que a única maneira de resolver o debate é matar o Anão, o qual se apercebe das intenções deles e corre aos gritos pela rua abaixo. O Sakall ri-se com tanta força que cai do seu cavalo para dentro do bebedouro dos animais, e temos um último plano aproximado do Rathbone sorrindo, no seu jeito indeciso. Canção da dissolução final:

Quando andamos a sentir-nos finos,
Transforma-nos em suíños
Logo que se prova a AVIDEZ DO DROGADO!

Há um breve epílogo a isto, com o Osbie tentando indicar que evidentemente o elemento da *Avidéz* tem de ser integrado de alguma maneira na ordem do enredo, de modo a justificar o título, mas o filme chega ao fim no meio de um «uh...».

Katje está agora num estado de alguma confusão, mas ela reconhece uma mensagem quando a vê. Alguém, um amigo oculto na «Visitação Branca» — talvez o próprio Silvernail, que não tem sido fanaticamente leal ao Pointsman e à sua gente — tenha plantado aqui deliberadamente o teste cinematográfico do Osbie Feel, onde

sabiam que ela acabaria por encontrá-lo. Rebobina o filme e torna a projectá-lo. O Osbie está a olhar directamente para a câmara: directamente para ela, não há aqui nada das indolentes patetices de um drogado, ele está a *representar*. Não há dúvida. É mesmo uma mensagem, em código, que ao fim de não muito tempo ela decifra da seguinte maneira. Digamos que o Basil Rathbone representa o jovem Osbie propriamente dito. O S. Z. Sakall poderá ser o Sr. Pointsman e o Anão xerife todo o obscuro e grandioso Esquema, embrulhado num pequeno pacote, diminuto, um alvo nítido. Pointsman defende que ele é real, mas Osbie sabe que não. Pointsman acaba nas águas estagnadas do bebedouro, e a conspiração/Anão desaparece, assustada, pelo meio da poeira. Uma profecia. Uma gentileza. Ela regressa à sua cela aberta, recolhe alguns dos seus pertences num saco e sai da «Visitação Branca», passando pelas sebes em topíaria por aparar, regressando aos poucos à realidade, passando por doidos retornados ao tempo de paz que se sentam devagar ao sol. Certa vez, nos arredores de Scheveningen, ela caminhou pelas dunas, passou pelas instalações de água, passou pelos blocos de apartamentos novos que vieram substituir os pardieiros arruinados, o betão ainda húmido por dentro das persianas, com a mesma esperança de fuga no seu coração — moveu-se, uma sombra vulnerável, há tanto tempo, em direção ao seu encontro com o Pirata junto ao moinho chamado «O Anjo.» Onde está ele agora? Continuará a viver em Chelsea? Estará ao menos vivo?

O Osbie, de qualquer maneira, está em casa, mastigando especiarias, fumando charros e injectando cocaína. A que resta da sua provisão do tempo da guerra. Uma grande erupção. Está acordado há três dias. Sorri para a Katje, um raio de sol em cores primárias brotando-lhe da cabeça, acena com a agulha que acabou de tirar da sua veia, prende entre os dentes um cachimbo tão grande quanto um saxofone e põe na cabeça um boné de caçador de veados, que não afecta minimamente o raio de sol.

«Sherlock Holmes. Basil Rathbone. Eu tinha razão», esbaforida, deixando cair o seu saco com estrondo.

A aura pulsa, curva-se modestamente. Ele também é aço, ele é couro cru e suor. «Óptimo, óptimo. Também lá está o filho de

Frankenstein. Eu gostaria que pudéssemos ter sido mais directos, mas —»

«Onde está o Prentice?»

«Anda por fora a ver se encontra algum transporte.» Ele leva-a até uma sala nas traseiras equipada com telefones, um painel de cortiça coberto de apontamentos presos com tachas, secretárias pejadas de mapas, horários, *Uma Introdução ao Herero Moderno*, histórias corporativas, canilhas de arame de gravação. «Isto por aqui ainda não está muito organizado. Mas está a compor-se, amor, está a compor-se.»

Será isto o que ela pensa que é? Quantas vezes despertada e repelida por não servir à esperança, não a este ponto? Dialecticamente, mais cedo ou mais tarde, alguma contraforça teria de surgir... ela não deve ter sido suficientemente política: nunca o suficiente para manter a fé de que aquilo viria a... mesmo com todo o poder do outro lado, de que aquilo viria realmente a...

Osbie puxou umas cadeiras de armar: entrega-lhe agora um maço de papéis mimeografados, bastante grosso por sinal, «Uma ou duas coisas aqui, que tu deverias saber. Não queríamos apressar-te. Mas o bebedouro do cavalo está à espera.»

E daí a pouco, tendo as modulações dele fluído pelos aposentos em esplêndidas (e durante algum tempo divertidas) exibições de vermelho de buganvília e cor de pêssego, parece que de momento ele se estabilizou no não-muito-mundano herói de um desaparecido livro infantil Vitoriano, pois responde, após ela lhe ter feito a centésima versão da mesma pergunta, «No Parlamento da Vida, chega, simplesmente, o tempo de uma divisão. Estamos agora nos corredores que escolhemos, movendo-nos em direcção ao Plenário...»



Querida Mamã, hoje enviei um par de pessoas para o Inferno...

— Fragmento, supostamente do *Evangelho de Tomás*
(Papiros de Oxirrinco, número classificado)

Quem teria pensado que estariam cá tantos? Continuam a aparecer, todos através desta inquietante estrutura, reunidos em grupos,

caminhando sozinhos em meditação, ou estudando as pinturas, os livros, as peças em exibição. Parece ser um qualquer museu muito extenso, um sítio de muitos níveis, e novas alas que são geradas como tecido vivo — muito embora se tudo aquilo efectivamente crescer para uma qualquer forma final, os que estão cá dentro não consigamvê-la. Nalguns dos salões, tem de se entrar por nossa própria conta e risco, e há monitores postados em todos os acessos para deixarem isso claro. O movimento entre essas passagens faz-se sem fricção, deslizante e rápido, muitas vezes de cabeça para a frente, como sobre uns patins perfeitos. Partes das longas galerias estão abertas para o mar. Há cafés em que as pessoas podem sentar-se e assistirem aos crepúsculos — ou aos alvoreceres, dependendo das horas dos turnos e dos simpósios. Vão passando fantásticos carros de pastelaria, grandes como camiões de mudanças: uma pessoa tem de *entrar lá dentro*, passar em revistas as numerosas prateleiras, cada uma delas revelando delícias mais pegajosas e doces que a anterior... há chefes de cozinha a postos com colheradas de gelado à disposição, aguardando somente uma palavra do cliente sacaromaníaco para lestamente moldarem Alaskas de qualquer tamanho e sabor e irem cozê-los rapidamente nos fornos... há barcos de baklava recheada com creme Bávaro, encimada por raspas de chocolateagridoce, amêndoas moídas, cerejas do tamanho de bolas de pingue-pongue e pipocas em alteia e manteiga derretidas, e milhares de tipos de caramelos, do alcaçuz até à divindade, sendo atirados para cima das lisas mesas de pedra, e esticados numas tiras, tudo à mão, que por vezes se estendem pelos cantos, saem pelas janelas, tornam a entrar por um outro corredor — aah, o senhor desculpe, poderia segurar-me nisto por um instante? *muito* obrigado — o brincalhão foi-se embora, deixando aqui o Pirata Prentice, acabado de chegar e ainda um pouco confundido por tudo aquilo, a segurar a ponta de um fio de caramelo cuja outra extremidade poderia estar em qualquer sítio... bom, já agora poderia segui-lo... deambulando por ali com um olhar muito enviesado, dobando caramelo a cada metro, de vez em quando enfiando um pouco na boca — mm, manteiga de amendoim e melaço — bom, o seu labiríntico caminho foi afinal, tal como a Estrada Um onde esta passa

pelo centro de Providence, deliberadamente montado de maneira a propiciar ao forasteiro uma visita à cidade. Este truque do caramelo parece ser aqui um dispositivo normal de orientação, pois, de vez em quando, o Pirata cruza-se no caminho de um outro noviço... muitas vezes demoram-se a desemaranhar as suas fiadas de caramelo, o que também foi concebido como um bom e espontâneo modo de os recém-chegados se conhecerem. A visita leva agora o Pirata para um pátio ao ar livre, onde se formou um pequeno ajuntamento ao redor de um dos delegados do Erschweinhöhle em clamorosa discussão com um qualquer executivo publicitário sobre o que haveria de ser senão a Pergunta da Heresia, que já é uma pedra no sapato desta Convenção, e talvez venha a ser a rocha em que ela assente. Desfilam artistas de rua: acrobatas autodidactas efectuando espantosas piruetas com as mãos apoiadas num pavimento que parece perigosamente duro e escorregadio, coros de kazoos tocando rapsódias de Gilbert & Sullivan, um rapaz e uma rapariga que dançam não ao nível da rua mas acima e abaixo dela, normalmente no alto dos lanços de escadas, sempre que surge uma fila onde tivessem de esperar...

Levantando ao alto a sua bola de caramelo, que por esta altura já está a ficar pesada, o Pirata passa pela Ala do Aglomerado, como ela é conhecida: que compreende os gabinetes de todos os Comités, com o nome de cada um estampado a stencil por cima da porta — A4... IG... EMPRESAS PETROLÍFERAS... LOBOTOMIA... AUTODEFESA... HERESIA...

«Naturalmente, você está a ver tudo isto pelos olhos de um soldado», ela é muito nova, despreocupada, usa um apacetado chapelinho de mulherzinha da moda, o seu rosto limpo e firme que baste para o perfil de ombros largos, peito alto, sem pescoço, que todas elas afectam hoje em dia. Desloca-se ao lado dele efectuando longas e graciosas passadas, balouça os braços dela, inclina a cabeça — estende a mão para apanhar um pouco do caramelo dele e toca-lhe na mão ao fazê-lo.

«Para si é tudo um jardim», sugere ele.

«Sim. Talvez você afinal seja esperto.»

Ah, elas incomodam-no, estas mulheres livres ainda adolescentes, a disposição de espírito delas é tão contagiosa,

Olha que é mesmo — ul, — tra, — jante,
 O espírito é tão — con, — tagi, — ante,
 Já ninguém sabe a i-dade...

Entre abelhas de mel ma — neiro,
 Desfazendo-se — do — di, — nheiro,
 Rindo de tudo o tempo — in — teiro,
 O espírito está a chegar — a — til!

[De onde veio a banda de swing? Ela está a saltar para cima e para baixo, ela quer dançar o jitterbug, ele vê que ela quer perder a gravidade —]

Não — im, — porta, qu'o teu carro faça barulho,
 Vê só a vontade que — vai — neste — marulho,
 Não — im, — porta, — o que, diz o teu calendário
 Os nove meses d'idade valem hoje com'aniversário!

Pagens viram páginas
 Não está ninguém nas — jaulas, — qu'ima, — ginás,
 O espírito é tão — con, — tagi, — ante —
 Deixa o Espírito — chegar, — a, — til!

O único gabinete que não está fisicamente em contacto com os outros na Ala do Aglomerado, intencionalmente isolado, é um pequeno abrigo ondulado, chaminé de fogão a sair-lhe pelo cimo, peças de automóvel espalhadas com sólida ferrugem no pátio, pilhas de lenha por baixo de lonas coloridas pela chuva e abauladas, um atrelado de habitação com os seus pneus e uma roda desamparadamente inclinados para os salpicos da chuva fria no seu desgastado exterior... ADVOCADO DO DIABO é o que diz na ripa, sim lá dentro está um Jesuíta aqui para agir nessa capacidade, aqui para pregar, tal como o seu colega Teillard de Chardin, contra o retorno. Aqui para dizer que a massa crítica não pode ser ignorada. Logo que os meios técnicos de controlo tenham atingido uma certa dimensão, um certo grau de *estarem ligados* uns aos outros, as hipóteses de liberdade acabaram para sempre. A palavra deixou de ter significado. É um poderoso caso aquele que o Padre Rapier apresenta aqui, não sem grandes momentos de eloquência, momentos em que ele próprio fica claramente comovido... nem sequer é preciso estar lá, no gabinete, para que os visitantes possam sintonizar em qualquer local da Convenção as

apaixonadas demonstrações dele, que muitas vezes surgem durante a celebração daquilo que os sempre actualizados humoristas daqui já andam a chamar a «Missa Crítica» (percebem? pouca gente o percebia em 1945, a Bomba Cósmica ainda estremecia na sua alvorada, ainda não revelada ao Povo, pelo que apenas se ouvia tal termo em diálogos de gente-superbem-informada-para-gente-informada). «Penso que há agora uma terrível possibilidade, no Mundo. Não podemos fingir que há-de passar, temos de enfrentá-la. É possível que Eles não venham a morrer. Que esteja agora ao alcance do estado da arte d'Eles persistir para sempre — embora nós, claro, continuemos a morrer como sempre o fizemos. A morte foi a fonte do poder d'Eles. Foi-nos bastante fácil ver isso. Se aqui estamos por uma vez, somente por uma vez, então é claro que estamos aqui para colher o que conseguirmos enquanto pudermos. Se Eles tomaram tanto a mais, e o tomaram não apenas da Terra mas também de nós — bom, porquê invejá-los, se Eles estão tão condenados a morrer quanto nós? Todos no mesmo barco, todos debaixo da mesma sombra... sim... sim. Mas será isso efectivamente verdade? Ou será a melhor, e mais cuidadosamente propagada, de todas as mentiras d'Eles, conhecidas e desconhecidas?

«Teremos de passar a considerar a possibilidade de que *apenas* morremos por Eles quererem que o façamos: por Eles precisarem do nosso terror para a sua sobrevivência. Somos as suas colheitas...

«Isso deve alterar radicalmente a natureza da nossa fé. Pedir que mantenhamos a fé na mortalidade d'Eles, a fé em que também Eles choram, e têm medo, e sentem dor, a fé em que Eles estão somente fingindo ser a Morte sua serva — fé na Morte enquanto regente de todos nós — é pedir uma ordem de coragem que eu sei estar para além da minha própria humanidade, embora não possa falar pelos demais... mas em vez de procedermos a esse salto de fé, talvez vinhemos a optar por fazer frente, por combater: por exigir, àqueles por quem morremos, a nossa própria imortalidade. Eles poderão já não morrer na cama, mas talvez possam morrer ainda de violência. Se não, pelo menos podemos aprender a negar-lhes o nosso medo da Morte. Para todo o tipo de vampiro, há um tipo de cruz. E pelo menos as coisas físicas que Eles tomaram, da Terra e de nós, poderão ser desmanteladas, demolidas — retornadas ao sítio de onde todas elas vieram.

«Acreditar que cada um d'Eles *morrerá* pessoalmente é acreditar também que o sistema d'Eles morrerá — que alguma possibilidade de renovação, alguma dialéctica, continua a operar na História. Afirmar a mortalidade d'Eles é afirmar o Retorno. Tenho vindo a indicar certos obstáculos ao modo de afirmar o Retorno...» Soa como uma renúncia, e o padre parece assustado. O Pirata e a rapariga têm estado a ouvi-lo enquanto se demoram à porta de um salão em que o Pirata iria entrar. Não é evidente que ela entre com ele. Não, ele acha mesmo que não o fará. É exactamente o tipo de aposento que ele temia que viesse a ser. Buracos denteados nas paredes, com toda a evidência nos sítios de onde foram retirados objectos, estão rudemente cobertos com gesso. Os outros, à espera dele, segundo parece, têm vindo a passar o tempo com jogos nos quais a dor é a manifesta mercadoria, como o de Atravessar a Rua, o da Palhinha Mais Curta, e o da Pedra-Tesoura-e-Papel. Da porta ao lado vem o som de água a chapinhar e de risadas masculinas que produzem algum eco nos azulejos. «*E agora*», ouve-se um fluente locutor dizer na telefonia, «é *tempo* de? Deixar Cair — o *Sabonete!*» Aplausos e risadas estridentes, que persistem por um tempo desagradavelmente longo.

«Deixar Cair o Sabonete?» Sammy-Hilbert Spaess avança até à fina parede divisória, contorna a esquina dela com o seu nariz para dar uma espreitadela.

«Vizinhos barulhentos», observa o cineasta Alemão Gerhardt von Göll. «Este tipo de coisa nunca pára?»

«Olá, Prentice», diz com um aceno de cabeça um homem negro que o Pirata não reconhece, «parece que somos da mesma escola.» O que é isto, quem são todos estes — O nome dele é St.-Just Grossout. «Ao longo da maior parte da Duração, a Firma tentou infiltrar-me no Schwarzkommando. Nunca vi mais ninguém que o tentasse. Parece um pouco paranóico, mas julgo que fui eu o único...» Esta flagrante quebra de segurança, caso seja disso que se trata, deixa o Pirata um pouco surpreendido.

«Achas que me poderias — bom, fazer uma espécie de relatório da situação acerca de tudo isto?»

«Oh, Geoffrey. Ora esta.» Aí vem o Sammy Hilbert-Spaess regressado da observação da pândega no chuveiro, a abanar a cabeça,

olhos papudos e Levantinos continuando a fixar a ponta do seu nariz, «Geoffrey, quando chegares a ter *algum* resumo, já tudo isto terá mudado. Poderíamos encurtá-lo para ti o mais que quisesses, mas estarias a perder tanta resolução que nem valeria a pena, realmente não. Olha só à tua volta, Geoffrey. Observa bem, e vê quem cá está.»

O Pirata fica surpreendido por encontrar Sir Stephen Dodson-Truck mais apto do que alguma vez se mostrou na sua vida. O homem está *activamente em paz*, ao modo de um bom samurai — sempre que se atira a Eles espera plenamente morrer, sem apreensão ou remorso. É uma mudança espantosa. O Pirata começa a sentir esperança por si mesmo. «Quando é que você virou?» Ele sabe que Sir Stephen não ficará ofendido por lho perguntar, «Como aconteceu isso?»

«Oh, não, não vai deixar que *esse* aí o engane?» quem raio será este, com este oleoso penteado que tem quase tanto de altura como ele tem de cara, entre o qual se avista a martelada, a amolecida alma de um combatente que não somente já deu os seus mergulhos, como também pensou pesadamente neles enquanto ia descendo. É Jeremiah («Misericordioso») Evans, o bem conhecido informador político de Pembroke. «Não, o nosso pequeno Stevie ainda não está *integralmente* preparado para a santidade, pois não meu rapazola?» Dando-lhe uma palmada, por brincadeira, uma série de bofetões nas bochechas: «Eh? eh? eh?»

«Enquanto andar à roda de gente como tu, não», responde o cavaleiro, com grosseria. Mas é difícil dizer-se quem está realmente a provocar quem, pois o Misericordioso Evans desata agora a cantar, e que mau cantor ele é, um descrédito para a sua gente, a bem dizer —

Diz uma oração pelo informador comum,
Ele saiu de uma crica, tal como tuuuuu —
Sim sê terno com o que te faz rir mais,
Pois os bufos são tão mortais
Como quaisquer outros, de Kilkenny a Kew...
E na próxima vez que suspirares em teu conforto,
Pergunta como estará ele hoje, a sair-se —

É pior venderes o couro,
Por aqueles punhados de ouro,
Do que suspirares por tua vida real, a ir-se?

«Não sei se irei gostar disto aqui», o Pirata, com uma desagradável suspeita crescendo em si, olhando em redor nervosamente.

«A pior parte é a vergonha», diz-lhe Sir Stephen. «Ultrapassar isso. Depois o seu passo seguinte — bom, eu falo como quem tem muita experiência, mas na verdade ainda só cheguei aí, à ultrapassagem da vergonha. De momento estou envolvido no exercício da «Natureza da Liberdade» sabe, pensando se *alguma* acção minha será verdadeiramente minha, ou se eu apenas faço sempre aquilo que Eles querem que eu faça... independentemente daquilo em que eu *acreditar*, está a ver... Deram-me o velho problema do Controlo-Rádio-Implantado-na-Cabeça-ao-Nascer para eu matutar nisso — como uma espécie de koan, suponho. Está a deixar-me clinicamente doido, realmente. Prefiro imaginar que o objectivo daquilo é esse mesmo. E quem sabe o que virá *a seguir*? Valha-me Deus. Não irei descobrir, claro, até ter resolvido este... Não quero é desencorajá-lo desde já —»

«Não, não, tenho estado a pensar numa outra coisa — vocês todos são o meu Grupo ou algo assim? Eu fui *destacado* para aqui?»

«Sim. Começa a perceber porquê?»

«Receio bem que sim.» Além de tudo o mais, estas são, afinal, pessoas que se matam umas às outras: e o Pirata sempre foi uma delas. «Eu estava a contar com — oh, que disparate, um pouco de compaixão... mas estive no cinema que fica aberto toda a noite, ao virar da esquina do Beco de Gallaho, no cruzamento com a rua a seguir, aquela que nem sempre se consegue ver por estar num ângulo tão estranho... Eu tinha um bom bocado de tempo para passar, um tempo venenoso, metálico... cheirava tão mal como uma panela queimada... eu só queria um sítio para me sentar durante um bocado, e eles a bem dizer nem querem saber quem somos, o que comemos ou quanto dormimos ou quem — bom, com quem costumamos estar...»

«Prentice, a sério que não faz mal», é o St.-Just Grossout, a quem os outros chamam «Sam Juiced» quando querem mandá-lo calar, durante as passagens de tempo por aqui em que não há nada para fazer senão algum chinfrim.

«Eu... nem consigo... quero dizer se isso for verdade, então», uma gargalhada que lhe custa, ao fundo da sua traqueia, fazer, «então eu desertei para nada, não foi? Quero dizer, se nem sequer desertei de todo...»

A palavra atingiu-o durante a exibição de um filme noticioso governamental. DO CAPA-E-ESPADA AO RESMUNGAR-E-CAM-BALEAR, o título em lantejoulas cintilava para todas as almas convalescentes reunidas a fim de mais uma longa noite de cinema sem horário — plano de um pequeno ajuntamento de rua olhando para uma montra encardida, algures tão longe lá para o East End que ninguém excepto quem ali vivesse alguma vez ouvira falar daquilo... o salão de baile da ruína atingida pelos bombardeamentos inclinando-se para a colina de trás como um prado das montanhas, mas tão instável quanto um trampolim para se caminhar nele, colunas de estuque com retorcidas conchas inclinadas para dentro, gaiola do elevador em bronze pendendo lá de cima. Mesmo em frente estava uma criatura seminua, verminosa e hirsuta, aproximadamente humana, terrivelmente pálida, contorcendo-se atrás dos esboroados restos de vidro laminado, coçando as pústulas no rosto e abdómen, causando sangue, arranhando e esgaravatando com as negras unhas. «Todos os dias em Smithfield Market, Lucifer Amp faz má figura. Isso não deverá surpreender. Muitos soldados e marinheiros desmobilizados viraram-se para o serviço público como meio de manter ao menos o corpo e a alma juntos, na pior das hipóteses. O que é invulgar é que o Sr. Amp costumava trabalhar para o *Executivo de Operações Especiais...*»

«Na verdade é bastante divertido», enquanto a câmara se abeira para um plano aproximado deste indivíduo, «só demorei uma semana a aprender-lhe o jeito...»

«Tem agora algum sentimento de pertença, que não tinha quando cá chegou, ou — eles ainda não o aceitaram por aqui?»

«Eles — oh as pessoas, as pessoas têm sido maravilhosas. Óptimas. Não, *com isso* não tenho problemas nenhuns.»

Altura em que, do lugar atrás do Pirata no sentido do bispo, veio um odor alcoólico, e um bafo quente, e uma pancadinha no ombro. «Ouviu? «Costumava trabalhar.» Um mimo, é o que isso é. Nunca ninguém saiu vivo da Firma, ninguém na história — e ninguém alguma vez sairá.» Era uma pronúncia de classe alta, daquelas a que o Pirata poderia ter aspirado outrora na sua estouvada juventude. Quando decidiu olhar para trás, porém, já o seu visitante se fora embora.

«Pense nisso como uma deficiência, Prentice, semelhante a outra qualquer, como perder um membro, ou ter malária... uma pessoa pode continuar a viver... aprende-se a contornar isso, torna-se parte do dia-a-dia —»

«*Ser-se um a —»*

«Não faz mal. «*Ser-se um —”?*»

«*Ser-se um agente duplo? “Contornar isso”?*» Ele olha para os outros, computando. Cada um dos presentes parece ser *pelo menos* um agente duplo.

«Sim... você agora está cá em baixo, cá em baixo ao pé de nós», sussurra Sammy. «O melhor é livrar-se da sua vergonha e das suas fungadelas, meu jovem, porque nós não costumamos aturar *isso* por muito tempo.»

«É uma *sombra*», grita o Pirata, «é trabalhar-se debaixo de uma sombra, para sempre.»

«Mas pensa na liberdade?» diz o Misericordioso Evans. «Se eu nem sequer posso confiar em mim? pois é. Haverá maior liberdade que um homem possa querer? Quando ele pode ser vendido por alguém? Até por *ele próprio*, está a ver?»

«*Eu não quero isso —»*

«Você não tem opção», responde o Dodson-Truck. «A Firma sabe perfeitamente bem que você veio para aqui. Agora vão esperar por um relatório completo da sua parte. Seja ele voluntário ou de outra maneira qualquer.»

«Mas eu nunca... eu nunca lhes contaria —» Os sorrisos que eles lhe dirigem agora são deliberadamente cruéis, para o ajudarem a suportar aquilo durante um bocado. «Vocês não, a sério que vocês não confiam em mim?»

«Claro que não», diz Sammy. «Você — a sério — confiaria em algum de nós?»

«Oh, não», suspira o Pirata. É uma das dele que está em progresso. De mais ninguém. Mas ainda assim é uma passagem. Podem tocar ne-la tão facilmente quanto na de qualquer outro cliente. Sem contar com isso, parece que o Pirata começou a chorar. Estranho. Ele nunca antes chorou assim em público. Mas comprehende onde está, agora. Será possível, afinal, morrer na obscuridade, sem haver ajudado uma única alma: sem amor, desprezado, jamais confiado, jamais vingado — ficar entre os Preteridos, perdida a sua pobre honra, impossível de localizar ou de redimir.

Ele chora por pessoas, locais e coisas que ficaram para trás: por Scorpia Mossmoon, morando em St. John's Wood entre partituras de música, novas receitas, um pequeno canil de Weimaraners cuja pureza racial ela se entregará a medidas extraordinárias para preser-var, e o marido Clive que aparece de vez em quando, morando Scorpia a poucos minutos de distância pelo Metropolitano mas agora perdida de vez para o Pirata, nenhuma hipótese de algum deles voltar a aparecer... por pessoas que ele teve de trair no decurso dos assuntos da Firma, Inglesas e estrangeiras, pelo tão ingênuo Ion, por Gongylakis, pela Rapariga Macaco e os chulos de Roma, pelo Bruce que ficou queimado... por noites no alto das montanhas da guerrilha quando ele era um dos que cheiravam as árvores vivas, plenamente apaixonado pela finalmente inegável beleza da noite... por uma rapariga lá dos Midlands chamada Virginia e pela criança que nunca veio a sê-lo... pela sua falecida mãe, e pelo seu moribundo pai, pelo inocente e pelos loucos que *vão* confiar nele, pobre rostos condenados como os dos cães que nos fitaram tão amigavelmente por detrás das vedações de arame dos canis municipais... chora pelo futuro que consegue avistar, por o fazer ficar tão desesperado e tão frio. Ele irá ser levado de momento alto em momento alto, assistindo às reuniões dos Eleitos, testemunhando um teste da nova Bomba Cósmica — «Bom», um rosto idoso e sagaz, passando-lhe os óculos de negras lentes, «aí tem a sua Bomba...» virando-se então para lhe ver a densa explosão amarela ao fundo da praia, ao fundo de léguas de ondas do Pacífico... tocando assassinos famosos, sim tocando-lhes efectivamente os rostos e mãos humanas... descobrindo um dia há tanto tempo, tão no início do jogo, que o contrato sobre a sua própria vida

estava adjudicado. Ninguém sabe exactamente quando virá o golpe — todas as manhãs, antes da abertura dos mercados, antes da ronda do leiteiro, Eles procedem às Suas novas actualizações e decidem o que irá ser suficiente por esse dia. Todas as manhãs o nome do Pirata estará numa lista e, numa dada manhã, ficará suficientemente perto do topo. Ele tenta enfrentar isso, embora o encha de um terror tão puro, tão frio, que por um minuto ele pensa que irá desmaiar. Mais tarde, tendo-se descontraído um pouco, reunido coragem para a próxima surtida, parece-lhe haver superado a vergonha, tal como dissera Sir Stephen, sim ultrapassado agora a velha vergonha e o amedrontamento, cheio de preocupações por nada a não ser o seu couro, o seu precioso, condenado, privativo couro...

«Há espaço aqui para os mortos?» Ele ouve a pergunta antes de conseguirvê-la fazendo-a. Não sabe ao certo como entrou ela nesta sala. De todos os outros emanam agora impressões de ciúme masculino, uma rude espécie de mulher-a-bordo-dá-azar com calafrio e retirada. E aqui está o Pirata ficando a sós com ela e a sua pergunta. Estende-lhe a bola de caramelo que tem vindo a transportar, de um modo tão apatetado quanto o do jovem Porky Pig estendendo ao anarquista a bomba deste que faz tiquetaque. Mas não haverá docura alguma. Em vez disso, eles estão aqui para trocarem alguma dor e certas verdades, mas tudo isso ao estilo descontraído da época:

«Vá lá», em que tipo de problema idiótico julga ela estar agora? «você não está morta. Aposto que nem sequer em sentido figurado.»

«O que eu queria dizer era se me autorizariam a trazer para cá os meus mortos comigo», explica a Katje. «Afinal, eles *são* as minhas credenciais.»

«Eu gostei bastante do Frans van der Groov. O seu antepassado. O fulano dos dodós.»

Não é bem a isso que ela se refere com os seus mortos. «Eu estava a falar daqueles que me devem directamente a sua morte. Além disso, se o Frans alguma vez viesse a andar por cá, vocês deixar-se-iam ficar por aí, todos vós, para garantirem que ele percebia até que ponto era culpado. O mundo do pobre homem tinha um fornecimento inesgotável de dodós — para quê ensinar-lhe o genocídio?»

«*Vocé* poderia ensinar-lhe uma ou duas coisas acerca *disso*, não era, miúda?» escarnece Evans, o bufo Galês insensível aos sons.

O Pirata vai a caminho de defrontar o Evans, antebraços afastados dos flancos ao estilo de lutador de taberna, quando Sir Stephen intervém: «Vai haver conversas destas o tempo todo, Prentice, somos uma gente endurecida pelas intempéries. O melhor é você começar a aprender como fazer as coisas funcionarem *para* si aqui. Não se sabe quanto tempo cá iremos ficar, pois não? A jovem senhora já angariou toda a protecção de que precisa, parece-me. Não quer que você lute por ela.»

Bom, ele tem razão. Ela pousou a sua mão quente no braço do Pirata, abanando a cabeça por duas vezes com embaraçados risinhos, «Em todo o caso, fico contente por vê-lo, Capitão Prentice.»

«Mais ninguém ficou. Pense nisso.»

Ela limita-se a arquear as sobrancelhas. Foi *mesmo* uma coisa mordosa de se dizer. O remorso, ou um qualquer desejo tardio de ser puro, corre-lhe pelo sangue como droga.

«Mas —» espantado por ele próprio se sentir começando a *desabar*, como uma pilha de espingardas, ao redor dos pés dela, apanhado pela gravitação dela, abolidas as distâncias, incomensuráveis gráficos ondulatórios, «Katje... se eu pudesse nunca te trair —»

Ele caiu: ela perdeu a sua superfície. Ela está a fitá-lo admirada.

«Ainda que o preço disso fosse... trair outros, magoar... ou matar outros — então não importaria quem, ou quantos, não, não se eu pudesse ser a tua segurança, Katje, o teu perfeito —»

«Mas esses, esses são os pecados que poderão nunca acontecer.» Aqui estão eles a regatear como um par de chulos. Farão alguma ideia da figura que transmitem? «*Isso* é bastante fácil de prometer, não te custa nada.»

«Então até os pecados que eu já cometí», protesta ele, «sim eu *cometê-los-ia* de novo —»

«Mas também não podes fazer isso — de modo que safas-te com a mesma facilidade. Hm?»

«Posso repetir padrões», mais triste do que ela na verdade quer que ele esteja.

«Oh, pensa...» os dedos dela tocam-lhe ao de leve no cabelo, «pensa nas coisas que já fizeste. Pensa em todas as tuas “credenciais”, e em todas as minhas —»

«Mas esse é o único meio que nós *temos agora*», grita ele, «o nosso dom para a má-fé. Teremos de construir tudo com ela... negociá-la, tal como os procuradores negoceiam connosco a nossa liberdade.»

«Filósofo.» Ela está a sorrir. «Tu nunca foste assim.»

«Deve ter vindo de estar sempre em movimento. Nunca senti *esta imobilidade...*» Estão agora a tocar-se, sem urgência, ainda sem que, nenhum deles, tenha ultrapassado inteiramente a surpresa... «O meu irmãozinho» (o Pirata comprehende a ligação que ela estabeleceu) «saíu de casa aos 18. Eu gostava de ficar a vê-lo dormir à noite. Tinha umas pestanas compridas... tão inocente... ficava a olhá-lo durante horas... Chegou a Antuérpia. Não tardou que andasse a vaguear pelas igrejas paroquiais com os outros. Sabes do que eu estou a falar? Rapazes novos, Católicos. Seguidores. Passaram a depender do álcool, muitos deles, desde tenra idade. Escolhiam um padre específico e tornavam-se o seu fiel cão — esperavam literalmente a noite inteira à soleira da porta dele para poderem falar-lhe logo que saísse da cama, dos lençóis, dos odores íntimos que ainda não se lhe haviam escapado pelas dobras das vestes... ciúmes insanos, disputas diárias por uma posição, pelos favores deste ou daquele Padre. Louis começou a frequentar os comícios dos Rexistas. Foi a um campo de futebol e ouviu o Degrelle dizer à multidão que tinham de se deixar arrastar pelo dilúvio, tinham de agir, agir, e deixar que o resto cuidasse de si mesmo. Daí a pouco tempo o meu irmão andava pelas ruas com a sua vassoura, ao lado de outros culposos e sarcásticos rapazes com as vassouras nas mãos... e então já havia aderido ao Rex, o «reino das almas totais», e a última vez que tive notícias dele estava em Antuérpia a viver com um homem mais velho chamado Philippe. Perdi-lhe o rastro. Em tempos fomos muito próximos. As pessoas julgavam que éramos gémeos. Quando começaram os ataques de foguetes pesados contra Antuérpia eu soube que não podia ser um acidente...»

Sim bom o Pirata também frequentou a Capela. «Mas eu já andei a pensar na solidariedade da vossa Igreja... vocês ajoelham-se, e ela toma conta de vós... quando estão a agir politicamente, ter-se todo aquele ímpeto comum, a elevar-nos —»

«Tu também nunca tiveste nada disso, pois não.» Ela tem estado realmente a olhar *para ele* — «nenhuma das maravilhosas desculpas. Nós fizemos tudo sozinhos.»

Não, afinal não há maneira de deixar a vergonha — aqui em baixo não — ela tem de ser engolida contra vontade e a custo, e vivida dolorosamente, todos os dias.

Sem pensar nisso, ele está nos braços dela. Não é por conforto. Mas se ele tem de continuar a enfiar-se entre os dentes da engrenagem um a um por vezes precisa de se deter um pouco no contacto humano. «Que aspecto tinha aquilo lá fora, Katje? Eu vi uma convenção organizada. Outra pessoa viu aquilo como um jardim...» Mas ele sabe o que ela irá dizer.

«Não havia nada ali fora. Era um local deserto. Eu tinha passado a maior parte do dia à procura de um sinal de vida. Depois ouvi-vos finalmente a todos aqui dentro.» Por isso, deambularam até uma varanda, um gracioso parapeito, ninguém conseguevê-los a partir de dentro ou de fora: e por baixo deles nas ruas, ruas que ambos perderam agora, está o Povo. Ali passa para o Pirata e Katje um breve segmento de uma muito mais longa crónica, a anónima *Como Eu Vim a Amar o Povo*. «O nome dela era Brenda, o rosto dela era o pássaro sob o riso protector do carro à chuva naquela manhã, ela ajoelhou-se e fez-me um fellatio, e eu ejaculei nos seios dela. O nome dela era Lily, fez 67 anos em Agosto passado, ela lê os rótulos das garrafas de cerveja para si própria em voz alta, copulámos na tradicional posição Inglesa, e ela deu-me uma palmadinha nas costas e sussurrou, “Bom amigo”. O nome dele era Frank, cabelo em caracóis apartados do rosto, os olhos dele eram muito penetrantes mas agradáveis, andava a roubar nos armazéns do Exército Americano, foi-me ao cu e quando se veio dentro de mim, eu vim-me também. O nome dela era Frangibella, era preta, tinha o rosto cheio de borbulhas, queria dinheiro para a droga, aquela abertura dela era uma víbora a contorcer-se no meu coração, fiz-lhe um cunnilingus. O nome dele era Alan, tinha as nádegas bronzeadas, eu disse-lhe, onde encontraste tu o sol, ele respondeu, o sol está ali à esquina, segurei-o por cima da almofada e enrabei-o e ele gritou de amor até que eu, com o meu pistão pungentemente oleado, por fim explodi. O nome dela era Nancy, tinha

seis anos, fomos para trás de um muro junto a uma cratera pejada de ruínas, ela esfregava-se e esfregava-se contra mim, as suas coxinas leitosas enfiando-se e desenfiando-se nas minhas, ela tinha os olhos fechados, as suas pequenas e louras narinas movendo-se para cima, para trás eternamente, a ladeira de entulho abateu-se, por ali abaixo, mesmo ao nosso lado, vacilámos ali à beira, uma e outra vez, requintadamente. O nome dela era —» bom, todos estes e muitos mais passam aqui pelo nosso jovem casal, o que basta para os fazer compreender que as entesoadas intenções dos Anónimos são nada menos que um megalomaníaco plano supremo de amor sexual com cada elemento individual dos Povos do *Mundo* — e que quando todos eles, por qualquer milagre, estiverem finalmente incluídos, *isso* será uma definição aproximada de «amar o Povo.»

«Fiquem-se com essa, seus aldrabões que andam aí pelos Ramos», o Pirata quer dizer qualquer coisa bem-humorada, mas não o faz. Está agora abraçado a Katje como se, daí a um instante, começasse a música, e eles fossem dançar.

«Mas o Povo nunca há-de amar-te», sussurra ela, «nem a mim. Por mais que lhes arranjem maus e bons, nós seremos *sempre* maus. Sabes onde é que isso nos deixa?»

Efectivamente ele sorri, de esguelha como um homem que seja teatral a respeito de qualquer coisa pela primeira vez. Reconhecendo aquilo como um gesto do qual não há regresso, na mesma classe terminal que puxar de uma arma, ele vira o seu rosto para cima, e olha através de todos os níveis debilmente sobrepostos lá no alto, os milieux de todos os tipos de almas criminosas, todas as desagradáveis cores comerciais desde o água-marinha até ao bege, desoladas como a luz do sol num dia em que se preferisse ter chuva, todo o estridente empreendimento e azáfama de todos aqueles níveis, estendendo-se para além daquilo que o Pirata e Katje conseguem ver de momento, ele ergue o seu longo, o seu culposo, o seu permanentemente escravizado rosto para a ilusão do céu, para a realidade da pressão e do peso que vêm lá de cima, para a dureza e absoluta crueldade daquilo, enquanto ela comprime o rosto dela nas cómodas terras baixas entre o ombro e o peitoral dele, no rosto dela um ar de tréguas, de

horror com o qual se chegou a um entendimento e, enquanto progride um pôr-do-sol, do tipo daqueles que alteram as fachadas dos edifícios em cinzento claro por uns momentos, numa suave luz em tom de palha pardacenta vertendo-se sobre as curvas exteriores deles, no luzimento estranhamente afim ao de uma forja a ocidente, a ansiedade dos peões que espreitam a minúscula montra para verem o obscuro ourives trabalhando atrás do seu lume sem lhes prestar atenção, receosos por a luz parecer ir desaparecer para sempre desta vez, e mais receosos por a falha da luz não ser uma coisa privada, *toda a gente que está na rua já a viu também...* à medida que escurece, a orquestra que está no interior da sala começa, efectivamente, a entoar uma melodia, seca e adstringente... e os candelabros afinal foram aceitos... há Vitela à Florentina apurando-se nos fornos hoje à noite, há bebidas na Casa, e bêbedos nas camas de rede,

E todo o mundo está ocupado, neste cre-púsculo!
Quem sabe que ruas matinais, nossos sapatos conheceram já?
Quem sabe, quantos amigos, deixamos nós, sozinhos a chorar?
Temos um momento juntos,
Cantemos esta cantiga por um dia...
Toda a gente dança, ao cre-púsculo,
Afugentando o sonho mau e a por-fia...

E eles dançam: embora o Pirata nunca antes conseguisse fazê-lo, muito bem... sentem-se muito em contacto com todos os outros enquanto se movem, e ainda que nunca venham a sentir-se plenamente descontraídos, mesmo assim já não é posição de descanso em parada... portanto, eles agora dissolvem-se, na corrida e no bulício desta Preterição dançante, e os rostos deles, os queridos, cómicos rostos que eles afixaram para este baile, desvanecem-se, tal como se desvanece a inocência, lugubriamente namoradeiros, e esforçando-se por serem ternos...



O nevoeiro torna-se mais espesso ao fundo das gargantas dos estreitos gassen. No ar há um cheiro a água salgada. As ruas empedradas

estão húmidas da chuva de ontem à noite. Slothrop acorda na calcinada loja de um serralheiro, sob fileiras de chaves enfarruscadas cujas fechaduras se perderam todas. Sai de lá aos tropeções, encontra uma bomba de água num pátio entre muros de tijolos e janelas encaixilhadas pelas quais ninguém espreita, põe a cabeça debaixo da bicá e dá à bomba, molhando a cabeça durante tanto tempo quanto ele julga precisar. Um gato ruivo, miando pelo seu pequeno-almoço, vem persegui-lo, de porta em porta. «Desculpa, Ás.» Parece que não vai haver pequeno-almoço para nenhum deles.

Puxa para cima as calças do Tchitcherine e dirige-se para fora da vila, deixando as torres embotadas, as cúpulas de cobre corroído de verdete que nadam entre a bruma, as altas empenas e as lajes vermelhas, apanha boleia de uma mulher que conduz uma carroça agrícola vazia. A franja cor de areia na testa do cavalo balouça e esvoaça, e o nevoeiro assenta mais atrás.

Esta manhã parece aquilo que os Vikings deverão ter visto, ao navegarem por estes grandes prados de água para sul, direitos a Bizâncio, toda a Europa de leste o seu mar aberto: os terrenos de cultivo ondulam cinzentos e verdes como as ondas... lagoas e lagos parecem não ter limites definidos... a visão de outras pessoas recortando-se neste céu oceânico, até a dos militares, é tão bem recebida como a de velas após longos dias de passagem...

As Nacionalidades estão em trânsito. Há para aqui uma grande correria sem fronteiras. Volksdeutsch vindo do outro lado do Oder, desalojado pelos Polacos e dirigindo-se para o campo em Rostock, Polacos que fogem do regime de Lublin, outros que regressam a casa, os olhos de ambos os partidos, quando eles se encontram, encapuzados por detrás das maçãs do rosto, olhos muito mais velhos do que aquilo que os forçou a deslocarem-se, Estónios, Letões e Lituanos caminhando outra vez para norte, toda a lá invernosa deles em escuros fardos, sapatos em estilhas, canções demasiado difíceis de cantar, conversa inútil, Sudetas e Prussianos de Leste em trânsito entre Berlim e os campos de desalojados em Mecklenburg, Checos e Eslovacos, Croatas e Sérvios, Toscos e Guegos, Macedónios, Magiares, Valáquios, Circássios, Hispânicos, Búlgaros em reboliço

e movimento sobre a superfície do caldeirão Imperial, colidindo, arrastando-se lado a lado durante quilómetros, deslizando, entorpecidos, indiferentes a todos os momentos menos o mais profundo, a instabilidade demasiado distante por baixo dos seus pés comichosos para que tenha forma, alvos pulsos e tornozelos incrivelmente descarnados espreitando para fora dos seus pijamas às riscas do campo prisional, pegadas tão leves como as de aves aquáticas nesta poeira do interior, caravanas de Ciganos, eixos ou cavilhas das rodas a fraquejarem, cavalos a morrerem, famílias abandonando os veículos à beira da estrada para que outros venham habitá-los por uma noite, um dia, sobre as brancas e quentes Autobahns, comboios cheios com os seus pendurados do lado de fora dos vagões que passam lá por cima, dando prioridade aos comboios militares sempre que estes aparecem, Russos Brancos amargurados pela dor a caminho do ocidente, ex-prisioneiros de guerra Cazaques marchando para oriente, veteranos da Wehrmacht vindos de outras partes da antiga Alemanha, tão estrangeiros na Prússia como quaisquer Ciganos, carregando as suas velhas mochilas, embrulhados nos cobertores do exército que eles guardaram, pálidos triângulos verdes de trabalhador rural cosidos no alto do peito de cada blusa que balouçam, que vogam, a uma certa hora do crepúsculo, como chamas de vela numa procissão religiosa — supostamente dirigindo-se hoje para Hanover, supostamente para colherem batatas pelo caminho, já há um mês que perseguem esses batatais inexistentes — «Rapinados», um antigo corneteiro vai coxeando com a sua lasca de travessa de via férrea a servir-lhe de bengala, o instrumento dele, incrivelmente intacto e reluzente, a balouçar-lhe num ombro, «esbulhados pela SS, os Bruder, ja, todos os batatais foda-se, e para quê? Álcool. Não para beber, não, álcool para os foguetes. As batatas podíamos nós ter comido, o álcool podíamos nós ter bebido. É inacreditável.» «O quê, os foguetes?» «Não! A SS, a apanhar batatas!» olhando em redor à espera da sua gargalhada. Mas não há por aqui nenhuma que acompanhem os brilhos e floreados do seu coração menos solene. Eles eram homens da infantaria, e sabem como dormitar entre sons de passos — a uma qualquer hora da madrugada cairão para a berma da estrada, a precipitação de um momento para fora da quimurgia rodoviária

destas noites atarefadas, enquanto a invisível fervura prossegue, os longos vértices espargidos — fatos de pano riscado com cruzes pintadas nas costas, uniformes rotos da marinha e do exército, turbantes brancos, peúgas desemparelhadas ou nenhumas, vestidos em tecido quadriculado, xailes bem tricotados com bebés dentro deles, mulheres com calças do exército abertas nos joelhos, cães mordidos pelas pulgas e ladrando que correm em matilhas, carrinhos de bebé sobre os quais se empilham peças de mobiliário leves com o verniz riscado, gavetas entalhadas à mão que jamais voltarão a encaixar-se em qualquer coisa, galinhas pilhadas mortas e vivas, cornetas e violinos em puídos estojos pretos, armações de cama, harmónios, relógios do avô, maletas cheias de ferramentas de carpintaria, relojoaria, correaria, cirurgia, pinturas de filhas rosadas com brancos vestidos, de santos sangrando, de crepúsculos em tons de salmão e de púrpura sobre o mar, mochilas abarrotando com boas de olhos luzidios, bonecas sorrindo desde lábios violentamente vermelhos, soldados de Allgeyer à escala de uma polegada e um quarto pintados em creme, dourado e azul, mãos cheias de ágatas com cem anos mergulhadas em mel que adoçou as línguas de bisavós há muito transformados em pó, e depois em ácido sulfúrico para carbonizar o açúcar em bandas, do castanho ao negro, sobre a pedra, imortais desempenhos ao piano furados em rolos de Vorsetzer, lingerie negra com fitinhas, salvas de prata gravadas com flores e uvas, decantadores em cristal de chumbo facetado, taças Jugendstil em forma de tulipa, fios de contas ambarinas... assim se movem as populações, sobre o prado aberto, coxeando, marchando, arrastando os pés, levadas, acartando os detritos de uma ordem, uma ordem Europeia e burguesa que eles não sabem ainda estar destruída para sempre.

Quando Slothrop tem cigarros, é um alvo fácil, quando alguém tem comida, partilham-na — por vezes uma provisão de vodka se houver alguma concentração do exército por perto, nas latas dos GIs podem respigar-se todos os tipos de produtos úteis, cascas de batata, cascas de melão, pedaços de barras de caramelo para arranjar açúcar, nem se consegue saber o que vai para dentro dos alambiques destes Desalojados, aquilo que se acaba por beber é a fracção do refugo de uma qualquer potência ocupante. Slothrop vai entrando e saindo em

dúzias dessas serenas, famintas, desordenadas migrações, recebendo sempre duros esgares de Benzedrina vindos daqueles rostos — não há nenhum que ele consiga realmente ignorar, é o problema, todos eles são demasiado *fortes*, como os rostos de uma multidão à beira das corridas de cavalos, cada um deles incitando *Não, para mim — olha para mim, sé tocado, estende a mão para a tua câmara, a tua arma, a tua picha...* Ele arrancou todas as insígnias ao uniforme do Tchitcherine, tentando tornar-se menos visível, mas muito poucas pessoas parecem preocupar-se grandemente com as insígnias...

Em muito do tempo está sozinho. Irá para casas de quintas, desertas na noite, e dormirá no feno, ou caso haja um colchão (não é frequente) numa cama. Acorda com o sol a refugir num qualquer pequeno lago rodeado de verde e salpicado com flores de tomilho ou mostarda, uma salada na encosta do monte, que sobe até aos pinheiros na bruma. Armações de tomateiros e purpurinas dedaleiras nos quintais, enormes ninhos de pássaros construídos sob os beirais dos telhados de colmo, coros de aves pela manhã, e dentro em pouco, um dia, quando o Verão se revolver ponderosamente no céu, o clamor de gruas, em movimento.

Na casa de uma quinta num vale ribeirinho muito ao sul de Rostock, ele entra para se abrigar da chuva do meio-dia, cai adormecido numa cadeira de balouço que está no alpendre e sonha com Lépido Mucker-Maffick, o seu amigo de há muito. Ele regressou, afinal e contra todas as expectativas. É algures no meio do campo, campo Inglês, com retalhos de verde-escuro e de um amarelo-de-palha espantosamente brilhante, de rochedos muito antigos postados em sítios altos, de precoces obrigações para com a morte e os impostos, de jovens camponesas que à noite saem de casas para se porem nuas no cimo do tor e cantarem. Vieram membros da família do Lépido e muitos amigos, todos dispostos a uma serena celebração, devido ao regresso do Lépido. Toda a gente comprehende que é apenas uma visita: que ele estará «ali» somente de um modo condicional. A certo ponto tudo aquilo se despedaçará, por se pensar nisso em demasia. Há um espaço relvado desimpedido para dançar, com uma banda da aldeia e muitas das mulheres vestidas de branco. Após um período de confusão acerca do calendário de eventos do dia, tem lugar o encontro — parece ser subterrâneo, não exactamente numa sepultura

ou cripta, nada de sinistro, apinhado de parentes e amigos ao redor do Lérido que parece tão *real*, tão intocado pelo tempo, muito claro e cheio de cor... «Ora, o Slothrop.» «Oh — por onde *andaste* tu, mano?»

«Aqui.»

«Aqui?»

«Sim, foi isso mesmo, percebeste bem — uma ou outra vez distanciado desse modo, mas caminhei pelas mesmas ruas que tu, li as mesmas notícias, fui restringido ao mesmo **espectro** de cores...»

«Então tu não —»

«Eu não fiz nada. Houve uma mudança.»

As cores cá dentro — fachada de pedra, flores usadas pelos convivas, os estranhos cálices sobre as mesas — transportam um murmúrio de sangue derramado e enegrecido, de gentil carbonização nas partes vagas das cidades às quatro horas de uma tarde dominical... tornam mais vivos os contornos do fato do Lérido, a bem dizer um fato à gigolo com um corte indescritivelmente estrangeiro, certamente nada que ele alguma vez pensasse vestir...

«Julgo que não temos muito tempo... bem sei que isto é merdoso, e realmente egoísta, mas agora ando muito sozinho, e... ouvi dizer que logo após aquilo suceder, por vezes, a modos que se fica a pairar por uns tempos, a modos que se fica a cuidar de um amigo que esteja “aqui”...»

«Por vezes.» Ele está a sorrir: mas a sua serenidade e distância são o prolongamento de um grito impotente que está para além do alcance do Slothrop. «Andas a cuidar de mim?»

«Não, Slothrop. De ti, não...»

Slothrop senta-se na velha cadeira erodida olhando para uma cumeadas de montes e para o sol que acabou de surgir por baixo da última nuvem de chuva, transformando em ouro os campos e as medas de feeno molhadas. Quem passou por ali e o viu adormecido, com seu rosto branco e perturbado descaído para o peito do seu enlameado uniforme?

À medida que prossegue ele vai descobrindo estas quintas assombradas, mas amigavelmente. As madeiras de carvalho estalam durante a noite, honestas e lenhosas. Vacas por mungir urram dolorosamente em campos distantes, outras chegam e embebedam-se de

ensilagem fermentada, acometendo contra as vedações e as pilhas de feno em que o Slothrop sonha, soltando muus que contêm ébrias metafonias. No alto dos telhados, as gaivotas pretas e brancas, compridos pescoços curvados para o céu, cabeças invertidas e olhando para trás, chocam os seus bicos em saudação e amor. Coelhos surgem correndo à noite para comerem o que houver pelos quintais. Árvores, agora — Slothrop está intensamente atento às árvores, por fim. Quando passar entre as árvores demorará tempo a tocá-las, a estudá-las, sentando-se muito pacatamente perto delas e compreendendo que cada árvore é uma criatura, que cumpre a sua vida individual, ciente do que vai acontecendo ao seu redor, não apenas um qualquer pedaço de madeira que se pode deitar abaixou. A bem dizer, a família do Slothrop ganhava o dinheiro a matar árvores, amputando-as das suas raízes, cortando-as em pedaços, moendo-as até ficarem em polpa, branqueando isso em papel e sendo pago com mais papel por fazê-lo. «Isso é realmente demente.» Abana a cabeça. «Há demência na minha família.» Olha para cima. As árvores estão imóveis. Sabem que ele está ali. Provavelmente também sabem o que ele está a pensar. «Desculpem», diz-lhes ele. «Não posso fazer nada a respeito dessas pessoas, todas elas estão fora do meu alcance. Que posso eu fazer?» Um pinheiro de médio porte ali próximo inclina o seu topo e sugere, «Na próxima vez que te cruzares por aí com uma operação de desflorestação, procura um dos tractores deles que não esteja guardado, tira-lhe o filtro do óleo e leva-o contigo. Aí está o que podes fazer.»

Lista Parcial de Desejos a Estrelas da Noite para Este Período:

Faz com que eu encontre aquele galinheiro de que a velha me falou.

Faz com que o Lérido esteja realmente vivo.

Faz com que esta maldita borbulha que tenho nas costas desapareça.

Faz com que eu vá a Hollywood quando tudo isto terminar para aquela Rita Hayworth me ver e se apaixonar por mim.

Faz com que a paz deste dia esteja aqui amanhã quando eu acordar.

Faz com que aquela desmobilização esteja à minha espera em Cuxhaven.

Faz com que a Bianca esteja bem, e-e —

Faz com que eu consiga cagar daqui a pouco.

Faz com que aquilo que vem a cair seja apenas um meteoro.

Faz com que estas botas se aguentem pelo menos até Lübeck.

Faz com aquele Ludwig encontre a sua lemingue e seja feliz e me deixe em paz.

Bom, o Ludwig. Slothrop encontra-o certa manhã junto à margem de um qualquer lago azul e anónimo, um miúdo surpreendentemente gordo de uns oito ou nove anos, a olhar para a água, chorando, todo ele estremecendo em ondeantes pregas de gordura. A lemingue dele chama-se Ursula, e fugiu de casa. O Ludwig veio para norte atrás dela desde Pritzwalk. Está muito convencido de que ela se dirige para o Báltico, mas receia que ela confunda um destes lagos inteiros com o mar, e salte para dentro dele em vez de prosseguir —

«*Uma lemingue, miúdo?*»

«Já a tenho há dois anos», soluça ele, «tem sido óptima, nunca tentou — sei lá. Passou-lhe qualquer coisa pela cabeça.»

«Deixa-te de brincadeiras. Os lemingues nunca fazem nada sozinhos. Têm de se juntar em multidão. Aquilo torna-se contagioso. Estás a ver, Ludwig, eles reproduzem-se em demasia, aquilo funciona por ciclos, quando são demasiados, entram em pânico e fogem à procura de comida. Aprendi isso na faculdade, portanto sei do que estou a falar. Em Harvard. Talvez essa Ursula ande só atrás de algum namorado, ou qualquer coisa assim.»

«Se assim fosse, ela tinha-me avisado.»

«Lamento.»

«Os Russos não lamentam coisa nenhuma.»

«Eu não sou Russo.»

«Foi por isso que tiraste todas as insígnias?»

Olham um para o outro, «Uh, bom, precisas de ajuda para procurar essa lemingue?»

Este Ludwig, ora, poderá não ser completamente Bom da Cabeça. Consegue arrastar o Slothrop para fora do sono a meio da noite, acordar metade do acampamento de Desalojados, assustando os cães e os bebés, absolutamente convencido de que a Ursula estará algures por ali, do lado de fora do círculo de fogo, a olhar para ele, vendo-o

mas não como o fazia dantes. Ele conduz o Slothrop por destacamentos de carros-cisterna Soviéticos, por montes de ruínas tão encrespados quanto o mar, que se desmoronam ao redor e, dada a oportunidade, se abatem sobre nós logo que nelas entramos, também por sugantes pântanos onde os caniços se afastam dos nossos dedos quando tentamos agarrá-los, e o cheiro é o de um desastre de proteínas. Ou isto é fé maníaca, ou algo um pouco mais obscuro: ocorre por fim ao Slothrop que, caso haja por ali algum impulso suicidário, não será o da Ursula, será o daquele *Ludwig* — ora, a lemingue pode nem sequer existir!

Mesmo assim... não viu já o Slothrop qualquer coisa, por uma ou duas vezes? continuando a correr em diante descendo estreitas ruas pardacentas orladas de vestígios de rebentos de árvores numa ou noutra destas vilas aquarteladas Prussianas, lugares em que toda a indústria e todo o sentido estavam no ofício de soldado, com os seus quartéis e muros de pedra agora desertos — ou-ou agachando-se à beira de algum laguinho, a olhar para as nuvens, velas brancas de escunas recortando-se sobre a outra margem tão verde, enevoada, e longínqua, recebendo instrução secreta de águas cujos movimentos e tempo de lemingue são oceânicos, irresistíveis, e suficientemente demorados, de ar suficientemente sólido para pelo menos se caminhar até lá em segurança...

«Foi isso que quis dizer Jesus», sussurra o fantasma do William, o primeiro antepassado Americano do Slothrop, «quando se aventurou no Mar da Galileia. Ele viu aquilo do ponto de vista do lemingue. Sem os milhões que se haviam atirado e afogado, não poderia ter havido milagre. O solitário bem-sucedido foi somente a outra parte daquilo: a última peça do quebra-cabeças, cuja forma já fora criada pelos Preteridos, tal como o último espaço vago à mesa.»

«*Espera aí* um minuto. Vocês *não tinham* quebra-cabeças.»

«Ai, merda.»

William Slothrop era um passarão peculiar. Partira de Boston, dirigindo-se para oeste em autêntico estilo Imperial, em 1634 ou 35, mais que farto da máquina do Winthrop, convencido de que poderia pregar tão bem quanto qualquer outra pessoa da hierarquia ainda que não tivesse sido ordenado oficialmente. Os baluartes dos Berkshires

repeliam todas as outras pessoas da época, mas não o William. Ele pôs-se a trepar. Foi um dos primeiros Europeus a lá penetrar. Após se instalarem no Berkshire, ele e o seu filho John montaram um negócio de porcos — costumavam conduzir os suínos pela grande escarpa abaixo, contornando o longo pico até Boston, conduziam-nos como se fossem ovelhas ou vacas. Quando chegavam ao mercado, esses porcos estavam tão magrinhos que quase não rendiam nada, mas o William a bem dizer não estava naquilo tanto pelo dinheiro como pela viagem propriamente dita. Apreciava o caminho, a mobilidade, os fortuitos encontros do dia — Índios, caçadores, meretrizes, gente dos montes — e acima de tudo andar de roda daqueles porcos. Eles eram boa companhia. Apesar do folclore e das injunções da sua Bíblia, o William acabou por lhes amar a nobreza e a liberdade pessoal, o dom de encontrarem conforto entre a lama num dia quente — os porcos espalhados pela estrada, todos em companhia, eram tudo aquilo que Boston não era, e pode imaginar-se o que o final da jornada, a pesagem, a chacina e o penoso regresso até aos montes sem os porcos deverão ter representado para o William. Claro que ele interpretava isso como uma parábola — sabia que o guinchante horror sangrento na ponta do chuço estava em perfeito equilíbrio com todos os seus sons de regozijo, as suas imperturbáveis pestanas rosadas e olhos ternos, os sorrisos deles, a sua graciosidade na movimentação pelo terreno. Ainda era um pouco cedo para o Isaac Newton, mas os sentimentos acerca da acção e da reacção andavam no ar. William deveria ter andado à espera do porco que não morresse, daquele que validasse todos os outros que haviam sido forçados a isso, todos os seus suínos Gadarenos que haviam corrido para a extinção como os lemingues, possuídos não por demónios, mas pela confiança nos homens, que os homens continuavam a traír... possuídos pela inocência que não podiam perder... pela fé no William como uma outra variedade de porco, em paz com a Terra, partilhando a mesma dádiva de vida...

Ele escreveu pouco tempo depois um longo tratado acerca disso, chamado *Da Preterição*. Teve de ser publicado em Inglaterra, e conta-se entre os primeiros livros que não apenas foram banidos, como também ceremonialmente queimados em Boston. Ninguém queria ouvir

falar de todos os Preteridos, os muitos sobre os quais passa Deus quando escolhe alguns para a salvação. William defendia a santidade para essas «Ovelhas de segunda», sem as quais não haveria eleitos. Bem podeis apostar que os Eleitos de Boston ficaram bastante chateados com isso. E a coisa piorou. William sentia que aquilo que Jesus era para os eleitos, era Judas Iscariote para os Preteridos. Tudo na Criação tem o seu contrapeso igual e oposto. Como poderia Jesus ser uma excepção? poderíamos sentir por ele mais do que horror diante do não-natural, do extra-criacional? Bom, se ele é filho do homem, e se o que sentimos não é horror mas amor, então também temos de amar Judas. Não é? Como o William evitou ser queimado por heresia, ninguém o sabe. Ele deveria ter os seus contactos. Finalmente, acabaram por expulsá-lo da Colónia da Baía de Massachusetts — durante uns tempos, pensou em Rhode Island, mas decidiu que também não gostava muito dos antinomistas. Acabou assim por regressar de barco à Velha Inglaterra, não tanto em desgraça quanto em desânimo, e foi aí que ele morreu, entre memórias dos montes azuis, dos verdes campos de milho, das reuniões entre cânhamo e tabaco com os Índios, de mulheres novas nos quartos do piso de cima com os aventais alçados, caras bonitas, cabelo a derramar-se sobre os soalhos de madeira enquanto lá por baixo nos estábulos os cavalos escoiceavam e os bêbedos berravam, dos sobressaltos ao início das manhãs quando os lombos da sua manada cintilavam como pérolas, da longa, pedregosa e surpreendente estrada para Boston, da chuva no Rio Connecticut, das fungantes boas-noites de um cento de porcos entre as novas estrelas e as ervas altas ainda quentes do sol, acomodando-se para dormirem...

Poderia ele ter sido a encruzilhada no caminho que a América nunca empreendeu, o ponto singular em que ela saltou para o lado errado? Suponhamos que a heresia Slothrópica tivera tempo de se consolidar e prosperar? Poderiam ter havido menos crimes cometidos em nome de Jesus, e mais clemência em nome de Judas Iscarioote? Parece ao Tyrone Slothrop que poderia haver um caminho de volta — talvez aquele anarquista que ele conheceu em Zurique tivesse razão, talvez durante algum tempo todas as vedações se abatam, uma estrada é tão boa como outra qualquer, todo o espaço da Zona desimpedido, despolarizado e, algures dentro de todo o seu entulho, um

conjunto único de coordenadas a partir dos quais se proceda, sem eleitos, sem preteridos, sem nacionalidade sequer que venha foder aquilo tudo... São essas as paisagens de pensamento que se abrem na cabeça de Slothrop enquanto ele segue atrás do Ludwig. Andará ele à deriva, ou sendo conduzido? O único controlo que presentemente se distingue neste quadro é o raio da lemingue. Caso ela exista. O miúdo mostra ao Slothrop as fotografias que traz na sua carteira: Ursula, de olhos brilhantes e tímidos, espreitando por baixo de um monte de folhas de couve... Ursula numa gaiola enfeitada com uma fita gigantesca e um selo marcado com suástica, primeiro prémio num concurso de animais de estimação da Juventude Hitleriana... Ursula e o gato da família, entreolhando-se cautelosamente sobre um pedaço de chão de azulejos... Ursula, patas da frente pendentes e olhos ensonados, espreitando para fora do bolso do uniforme de escuteiro-mirim Nazi do Ludwig. Uma parte dela está sempre desfocada, ela é demasiado rápida para o obturador. Mesmo sabendo já quando ela era bebé o que os esperaria um dia, Ludwig não obstante sempre a amara. Poderá estar a pensar que o amor consiga impedir que aquilo aconteça.

Slothrop jamais virá a descobri-lo. Perde-se do jovem e gordo lunático numa aldeia perto do mar. Raparigas com saias compridas e lenços floridos andam pelos bosques apanhando cogumelos, e esquilos vermelhos dardejam entre as faias. As ruas encurvam-se para o interior do povoado, escorçando-se depressa demais — isto aqui é um espaço de pequena aldeia, grandes ângulos. Há lanternas agregadas no alto dos postes. As pedras das ruas são pesadas e cor de areia. Cavalos de carroça postam-se ao sol, brandindo as suas caudas.

Ao fundo de uma viela perto da Michaeliskirche, uma menina vem cambaleando por baixo de uma enorme pilha de casacos de peles contrabandeados, somente se lhe vêem as pernas morenas. Ludwig solta um grito, apontando para o casaco que está no topo. Qualquer coisa pequena e cinzenta está embutida na gola deste. Uns olhos amarelos artificiais luzem doentiamente. Ludwig corre gritando Ursula, Ursula, estendendo as mãos para o casaco. A menina solta um corrupio de imprecações.

«Tu mataste a minha leminguel!»

«Larga isso, idiota.» Uma luta de tracção entre as indistintas manchas de sol e de sombra na viela. «Não é uma lemingue, é uma raposa cinzenta.»

Ludwig pára de gritar por tempo suficiente para olhar. «Ela tem razão», observa o Slothrop.

«Peço desculpa», diz Ludwig fanhosamente. «Estou um pouco perturbado.»

«Bom, poderás ajudar-me a levar isto até à igreja?»

«Claro.»

Cada um deles pega numa braçada de peles e seguem-na pelos esburacados gassen da povoação, até uma entrada lateral, descendo vários lanços de escadas para chegarem a uma subcave da Michaeliskirche. Aí, à luz da candeia, o primeiro rosto que o Slothrop vê, inclinado sobre um fogareiro Sternó onde está a cuidar da panela que tem ao lume, é o do Major Duane Marvy.



YAAAGGGHHH — Slothrop sopesa a sua braçada de casacos, pronto a atirá-los para longe e fugir, mas o Major é todo ele sorrisos apenas. «Olá, camarada. Chegaste mesmo a tempo para o Chili Atómico do Duane Marvy! Porqu'é que não puxas dum *banco* e te sentas? Yaah-ha-ha-ha! Aqui a pequena Sei-lá-como-se-chama», gargalhando e dando-lhe um apalpão enquanto a menina deposita a sua carga junto do enorme montão de peles que ocupa a maior parte desta sala, «às vezes é um bocado indiscreta. Espero que não sintas que estamos para aqui a fazer alguma coisa ilegal, quero dizer na tua zona e tudo isso.»

«De todo que não, Major», tentando uma pronúncia Russa, que lhe sai como a do Bela Lugosi. Em todo o caso, o Marvy já sacou do seu passe, a maior parte do qual está escrito à mão, com um carimbo estampado nele aqui e ali. Slothrop olha de soslaio para os escritos em Cirílico na parte de baixo e distingue a assinatura do Tchitcherine, «Ah, eu já me coordenei com o Coronel Tchitcherine numa ou duas ocasiões.»

«Ouça lá, você já sabe o que aconteceu lá para Peenymunde? Uns artolas quaisquer foram lá raptar o Der Springer mesmo nas barbas

do Coronel. Pois foi. Você conhece o Der Springer? Um sujeito bera, camarada. Esse cabrão tem tanta coisa ao lume que nem deixa espaço para os livres empreendedores como eu e o velho Sangrento Chiclitz.»

O velho Sangrento Chiclitz, cuja mãe, a Sra. Chiclitz, lhe chamou Clayton, tem estado escondido atrás de uma pilha de capas de armínho com uma .45 apontada à barriga do Slothrop. «Parece que ele é O. K., compincha», diz-lhe o Marvy. «Porqu'é que vocês não trazem mais um bocado desse chamarrete aqui à gente.» Chiclitz é quase tão gordo como o Marvy e usa uns óculos com armações de massa, e o alto da cabeça dele é quase tão luzidio quanto o seu rosto. Ficam ali com os seus braços por cima dos ombros um do outro, dois gordos sorridentes. «Ivan, estás a olhar para 10 000 calorias por dia, aqui mesmo», indicando-lhe as duas panças com o polegar, e piscando o olho. «Aqui o Chiclitz vai ser o Bebé Real», e ambos se desmancham a rir. Mas é verdade. Chiclitz descobriu efectivamente uma maneira de lucrar com a redistribuição das forças. Está a ultimar com os Serviços Especiais a manigância de um contrato exclusivo para encenar as festividades de cruzamento do equador em todos os barcos de tropas que mudem de hemisfério. E o próprio Chiclitz será o Bebé Real em todas as que puder, isso já ficou por escrito. Ele sonha com gerações de carne para canhão, arrastando-se para diante de joelhos, um a um, para lhe beijarem a barriga enquanto ele engole pernas de peru e cones de gelado e limpa os dedos aos cabelos dos marujos que são novos naquilo. Oficialmente, ele é um dos industriais Americanos que estão aqui com a Força T, avaliando a engenharia Alemã, em especial o armamento secreto. Lá na terra ele é dono de uma fábrica de brinquedos em Nutley, Nova Jérsia. Quem alguma vez poderá esquecer o enormemente bem-sucedido Juicy Jap, o boneco que se enche com ketchup e depois se trespassa com baioneta através de uma das diversas fendas de acesso, após o que ele voa em pedaços, 82 deles, um plástico que chia com realismo, pela sala toda? ou-ou o Shufflin' Sam, o jogo de perícia em que tem de se dar um tiro no Preto antes que ele torne a galgar a vedação com a melancia, um desafio aos reflexos dos rapazes e raparigas de todas as idades? Presentemente, o negócio toma boa conta de si mesmo, mas o Chiclitz tem

os olhos postos no futuro. É por isso que leva a cabo esta operação das peles, com a Michaeliskirche a servir de depósito para toda a região. «Um reforço. Tenho de me capitalizar, o suficiente para me aguentar», entornando champanhe para cálices de ouro da comunhão, «até vermos para que lado isto vai. Cá por mim, acho que há grande futuro nessas armas V. Isso vai ser uma coisa em grande.»

A velha igreja cheira a vinho derramado, suor Americano e cordite recentemente queimada, mas essas são intrusões recentes e fresquíssimas que não eliminaram o prevalecente odor Católico — incenso, cera, séculos de mansos balidos dos lábios do rebanho. Crianças entram e saem, trazendo peles e levando-as dali, metendo conversa com o Ludwig e daí a pouco convencendo-o a ir ver os vãgoes de mercadorias que estão na gare de manobra.

Há cerca de 30 miúdos na folha de pagamento do Chiclitz. «O meu sonho», admite ele, «é levar todos estes miúdos para a América, até Hollywood. Penso que há um futuro para eles nos filmes. Você já ouviu falar do Cecil B. De Mille, o produtor? O meu cunhado é muito íntimo dele. Acho que os consigo ensinar a cantar ou qualquer coisa assim, um coro de crianças, e negociar um contrato por todos eles com o De Mille. Ele pode usá-los em coisas verdadeiramente grandes, cenas religiosas, cenas de orgias —»

«Ha!» grita o Marvy, babando champanhe, olhos protuberantes. «Tu estás mesmo a *sonhar*, velho amigo! Ele vai usar esses sacaninhas é para *escravos das galés!* Yaah-ha-ha- pois é eles vão é ficar acorrentados aos remos, pr'ali a fazer força, a remarem para levar o velho Henry Wilcoxon em direcção ao crepúsculo p'ra ele ir combater os Gregos ou os Persas ou outros quaisquer.»

«Escravos das galés?» ronca Chiclitz. «Nunca, por Deus. Para o De Mille, as jovens gentes das peles não podem pôr-se a remar!»

Nos limites da vila estão os restos de uma bateria de A4, deixada onde estava pelas tropas que fugiram para sul, tentando escapar às pinças Britânica e Russa. Marvy e Chiclitz vão lá dar uma vista de olhos, e Slothrop é convidado a acompanhá-los. Mas primeiro há a questão do Chili Atómico do Duane Marvy, que revela ser um teste de masculinidade. A garrafa de champanhe está ali ao alcance da mão, mas beber dela seria interpretado como sinal de fraqueza. Noutros tempos, Slothrop teria caído nessa, mas agora nem sequer tem

de pensar no assunto. Enquanto os dois Americanos, cegos, narizes a arder e soltando incríveis quantidades de ranho, sofrem aquilo que o autorizado *Guia do Forreta para a Zona* adequadamente descreve como «um Götterdämmerung das membranas mucosas», o Slothrop senta-se a emborcar champanhe como se fosse gasosa, a cabecear, a sorrir, e murmurando *da, da* de vez em quando a bem da autenticidade.

Vão até ao local num verde e soridente carro de serviço Ford. O Marvy logo que se instala atrás do volante transforma-se num dip-somaníaco de dentes à mostra — *eeeeemrr* deixando para trás borra-chá suficiente para garantir preservativos a toda uma divisão, dos zero aos 70 antes que o eco se esvaiça, tentando atropelar ciclistas à direita e à esquerda, espantando o gado, enquanto o Sangrento Chiclitz, uivando de felicidade, uma garrafa de champanhe em cada punho, o incita — o Marvy berrando «San Antonya Rose», a canção favorita dele, o Chiclitz gritando pela janela admoestações como «Não venhais foder o Miúdo, pois em vez de foderdes ficareis fodidos», o que demora um certo tempo e somente suscita algumas desorientadas saudações Fascistas de velhinhos e criancinhas à beira da estrada.

O local é uma mancha calcinada que vai enverdecendo com novas ervas, no interior de uma mata de faias e alguns amieiros. O metal camuflado posta-se em silêncio ao fundo de uma espectral multidão de dentes-de-leão retardatários, cabeças cinzentas oscilando juntas à espera do luminoso vento que as arrancará em direcção ao mar, à Dinamarca no lado de lá, a todos os pontos da Zona. Tudo foi desmantelado. Os veículos regressaram às ocas carcaças desenhadas nos seus primeiros planos, embora ainda haja um ténue odor a petróleo e lubrificante. Os miosótis vão crescendo em violento azul e violento amarelo entre a desordem de cabos e mangueiras. As andorinhas fizeram o ninho dentro do carro de controlo, e uma aranha começou a preencher a teia das longarinas do Meillerwagen com a sua. «Merda», diz o Major Marvy. «Os cabrões dos Russos roubaram *tudo*, sem ofensa, camarada.» Vão dando pontapés em ervas verdes e roxas, latas de comida enferrujadas, serradura antiga e lascas de madeira. Estacas de balizagem, cada uma delas com um farrapo

branco pregado no cimo, ainda se alinham na direcção do transmissor de feixes de orientação a 12 quilómetros de distância. Para leste. Portanto, deveriam ser os Russos que eles estavam a tentar deter...

Vermelho, branco e azul cintilam no empoeirado painel do carro de controlo. Slothrop baixa-se sobre um joelho. A mandala do Schwarzkommando: KEZVH, Levanta os olhos e vê o Marvy lançar-lhe um velhaco e gordo sorriso.

«Pois claro. Eu já devia ter percebido. Você não tem nenhuma *insignia* à mostra. Meeeer... você-você é lá do CIC dos Soviéticos! Essa é qu'é essa.» Slothrop fica a olhá-lo. «Ena. Ena, quem é que você quer apanhar? Huh?» O sorriso desaparece. «Oouça lá, só espero que não seja aquele Coronel Tchitcherine, então. Ele é um Russo *como deve ser*, sabe.»

«Garanto-lhe», erguendo a mandala, cruz para vampiro, «que o meu único interesse é lidar com o problema *destes demónios negros*.»

Volta de novo o sorriso, a par de uma gorda mão que pousa no braço do Slothrop. «Vossemecê ‘stá preparado p’ra se pôr pr’á às voltas c’os seus samaradas, quand’eles cá chegarem?»

«Às voltas? Não tenho a certeza de estar a —»

«Você sabe. Vá lá. Ora aqueles *gajos* todos que ‘stão acampados às portas da vila! Atão, Ivan, *rai’s partam iss’há-de ser divertido*. Hoje passei o dia tod’a limpar os meus *Colts*», acariciando a pistola que traz no coldre. «Ind’acabo por fazer um barrete de pelo co’um desses sacanas, e nem é preciso d’zer qual é a parte qu’há-de ficar pendurada pr’o lado das costas, pois não? Hah?» O que diverte tanto o Sangrento Chiclitz que ele a modos que sufoca a rir-se.

«Na verdade», Slothrop inventando isso enquanto continua a falar, «a minha missão é coordenar a inteligência», seja o que for que isso signifique, «em operações como esta. Estou aqui, com efeito, para reconhecer a posição inimiga.»

«É mesmo inimiga», o Chiclitz com um gesto de cabeça. «Têm armas e tudo. A única coisa qu’um escarumba deve ter nas mãos é uma *vassoura*!»

O Marvy está de cara franzida. «Você, você não se ponha à espera que vamos até lá *consigo*. Podemos d’zer-lhe com’é qu’há-de lá chegar, camarada, mas só vai pr’á lá sozinho quem for *doido*. Porqu’é que

não espera até logo à noite? Está marcado p'ra começar p'la meia-noite, não é? Você pode esperar até lá.»

«É essencial que eu recolha determinada informação antes disso», cara de póquer, cara de póquer, isso, isso... «Nem vale a pena dizer-vos como isso é importante...» uma sugestiva pausa à Lugosi, «para todos nós.»

Bom, isso faculta-lhe indicações sobre como chegar ao Schwarzkommando e uma boleia de volta para a vila, onde os negociantes apanham um par das tais Ansiosas Fräuleins e partem em grande folia na direcção do pôr-do-sol. Slothrop fica entre os fumos do escape, murmurando.

Na próxima vez não há-de ser nenhuma tarte de custarda, seu otário...

Demora uma hora para chegar ao acampamento a pé através de um amplo prado cuja cor se aprofunda agora como se uma tintura verde estivesse a coar-se a infiltrar-se-lhe na penugem... tem consciência da sombra de cada uma das folhas de erva estendendo-se para as sombras a leste dela... uma luz com cor de puro leite levanta-se em curva de sino acima de um sol quase em baixo, transparente carne branca, atenuando-se por muitos azuis, do poeirento ao aço escuro no zénite... porque anda ele por aqui, a fazer isto? Também será isto ideia da lemingue Ursula, andar a meter-se nas disputas privadas de outras pessoas quando deveria estar... fosse lá onde fosse... uh...

Pois é! pois é afinal o que aconteceu ao Imipolex G, a tudo aquilo do Jamf e-e àquele S-Gerät, eu cá tenho de me portar com'um investigador exp'rimentado, vou até lá sozinho e resolvo aquilo apesar da desvantagem, vingo o meu amigo que Eles mataram, recupero a minha identificação e descubro a tal peça de equipamento misterioso, mas agora ena é TAL E QUAL COMO —

PRO-CURAR UMA AGULHA NO PALHEEEIIRO!

Buuuu-car uma coisa cheia de de luar,

(Uma coisa) que se apodera de tiiiii!

Pés rumorejando entre ervas daninhas e relva dos prados, cantarolando exactamente daquela maneira esbaforida e de queixo espeta-do como fazia o Fred Astaire, reflectindo sobre as suas hipóteses de

tornar a encontrar a Ginger Rogers deste lado da graciosa mortalidade de deles...

Depois, voltando a si — não não, espera aí, tu agora devias estar a planear sobriamente, a avaliar as tuas opções, a determinar os teus objectivos neste crítico ponto de viragem da tua...

Ya — *ta-ta*, PRO-CURAR UMA AGULHA NO —

Nananão, vá lá, Jackson, deixa-te de brincadeiras, tens de *concentrar-te*... Portanto o S-Gérat — O. K. se eu conseguir descobrir o tal S-Gerät e como se ligou o Jamf a isso, se eu conseguir descobrir isso, pois é pois é então o Imipolex...

— vasculhar uma (hmm) cave cheia de açafrão...

Ai...

Momento esse em que, como se o mero desejo de alguém a tivesse feito aparecer, surge no céu um único buraco de agulha: a primeira estrela.

Que eu seja capaz de os avisar a tempo.

Eles saltam sobre o Slothrop entre as árvores, magros, barbudos, negros — levam-no até às fogueiras onde alguém está a tocar uma kalimba cuja caixa de ressonância foi talhada num pedaço de pinheiro Alemão, cujas palhetas foram cortadas das molas de um Volkswagen avariado. Mulheres com saias de algodão branco estampado com flores azuis escuras, blusas brancas, aventais debruados e lenços negros na cabeça estão atarefadas com tachos e panelas. Algumas usam laços de pESCOÇO cor de casca de avestruz com laivos de vermelho e azul. Uma grande peça de carne pinga de um espeto de madeira para cima de um lume.

Enzian não está ali, mas Andreas Orukambe está, nervoso e eléctrico, vestido com uma camisola da marinha e umas calças de campo do exército. Lembra-se do Slothrop. «Was ist los?»

Slothrop diz-lhe. «Devem vir cá à meia-noite. Não sei quantos serão, mas talvez seja melhor vocês abalarem daqui.»

«Talvez.» Andreas está a sorrir. «Já comeste?»

O debate, ir ou ficar, é efectuado durante a refeição. Não é o processo de tomada de decisões tácticas que o Slothrop aprendeu na

escola de oficiais. Parecem haver outras considerações, algo que os Hereros da Zona sabem e o Slothrop não.

«Nós temos de ir para onde vamos», explica-lhes Andreas mais tarde. «Para onde o Mukuru quer que vamos.»

«Oh. Oh, eu pensei que vocês andassem à procura de qualquer coisa, como toda a gente. Do 00 000, que tal isso?»

«Isso é do Mukuru. Ele esconde-o onde quer que o procuremos.»

«Olha, eu tenho uma pista sobre esse S-Gerät.» Ele dá-lhes a história de Greta Erdmann — a Charneca, as instalações gasolineiras, o nome Blicero —

Isso faz soar uma campainha. Um gongo, a bem dizer. Toda a gente olha para toda a gente. «Então», Andreas muito cauteloso, «esse era o nome do Alemão que comandava a bateria que usava o S-Gerät?»

«Não sei se eles o *usaram*. Blicero levou a mulher até uma fábrica onde aquilo era montado, ou então onde se fazia uma parte dele, a partir de um plástico chamado Imipolex G.»

«E ela não disse onde era.»

«Só disse “na Charneca”. Vejam se conseguem encontrar o marido dela. Miklos Thanatz. Ele poderá ter assistido ao disparo, caso tivesse havido algum. Aconteceu algo de invulgar nessa altura, mas nunca cheguei a descobrir o quê.»

«Obrigado.»

«De nada. Talvez me possam agora dizer uma coisa.» Ele saca da mandala que encontrou. «O que significa isto?»

Andreas pousa-a no chão, vira-a de modo a que o K aponte para noroeste. «Klar», tocando cada uma das letras, «Entlüftung, estas são as letras femininas. Letras do norte. Nas nossas aldeias, as mulheres viviam em cabanas na metade norte do círculo, os homens na do sul. A própria aldeia era uma mandala. Klar é fertilização e nascimento, Entlüftung é o sopro, a alma. Zündung e Vorstufe são os signos masculinos, as actividades, fogo e preparação ou construção. E no centro, aqui, Hauptstufe. Era o redil onde guardávamos o gado sagrado. As almas dos antepassados. Aqui é o mesmo. Nascimento, alma, fogo, construção. Macho e fêmea, juntos.

«As quatro aletas do Foguete formam uma cruz, outra mandala. A número um indicava o rumo em que ele voaria. A dois para inclinação, a três para guinagem e balanço, a quatro para inclinação. Cada par oposto de lemes funcionava conjuntamente, e movia-se em sentidos opostos. Opostos conjuntamente. Já se vê como nós podíamos sentir que ele falava connosco, ainda que não postássemos um deles de pé sobre as suas aletas e o adorássemos. Mas aquilo estava à nossa espera quando viemos para norte até à Alemanha há tanto tempo... mesmo confusos e desenraizados como então estávamos, nós *sabíamos* que o nosso destino estava ligado ao daquilo. Que tínhamos sido dizimados pelo exército do Von Trotha para podermos vir a encontrar o Agregado.»

Slothrop dá-lhe a mandala. Espera que ela funcione como o mantra que o Enzian lhe ensinou certa vez, [#mba-kayere (passei para além), [#mba-kayere... um feitiço contra o Marvy hoje à noite, contra o Tchitcherine. Um mezuzah. Salvo-conduto para uma noite má...



O Schwarzkommando chegou ao Achtfaden, mas o Tchitcherine esteve com o Närrisch. Isso custou-lhe o Der Springer e três dos seus alistados com baixa por doença devido a mordeduras profundas. Uma artéria seccionada. O Närrisch tentando partir dali ao estilo do Audie Murphy. Um cavaleiro por um bispo — sob narco-hipnose, o Närrisch delirou acerca do Círculo Sagrado e da Cruz nas Aletas do Foguete. Mas os pretos não sabem o que mais sabia o Närrisch:

- a) havia uma *ligação* rádio *desde* o solo *até* ao S-Gerät mas não o inverso,
- b) havia um problema de interferência entre um servo-actuador e uma conduta especial de oxigénio que chegava à ré do engenho vinda do tanque principal,
- c) Weissmann não somente coordenava o projecto do S-Gerät em Nordhausen como também comandava a bateria que disparava o Foguete 00 000.

Espionagem total. Pedaço a pedaço este mosaico vai crescendo. Tchitcherine, sem gabinete, trá-lo consigo no seu cérebro. Cada lasca

e fragmento a ele pertence. Mais precioso que os de Ravena, algo se vai erigindo contra este céu cor de pergaminho...

Ligaçāo rádio + oxigénio = pós-combustāo de um qualquer tipo. Normalmente seria assim. Mas o Närrisch também falou de uma assimetria, de uma carga lá dentro perto da aleta 3 que complicava a arfagem e o balanço a um ponto quase impossível.

Ora um dispositivo de pós-combustāo aí não lhe daria também um padrão assimétrico de combustāo, e fluxos de calor superiores ao que a estrutura podia suportar? Raios, porque não apanhou ele *ninguém* do pessoal da propulsāo? Será que os Americanos ficaram com todos?

O Major Marvy, catana nos dentes e duas Thompsons penduradas nas ancas, tão estupefacto no meio da clareira como o resto do destacamento de ataque, não está com disposição para conversas. Em vez disso está amuado, e vai bebendo vodka do inesgotável cantil de Džabajev. Mas se alguns engenheiros de propulsāo adstritos ao S-Gerät tivessem aparecido em Garmisch, o Marvy tē-lo-ia informado. É essa a combinação. Inteligência Ocidental, dedos Russos no gatilho.

Oh, ele *cheira* o Enzian... agora mesmo, o preto pode estar a espreitá-lo no meio da noite. Tchitcherine acende um cigarro, chama verdeazullavanda, que se aquietam em amarelo... mantém a chama por mais tempo do que é necessário, pensando *ele que o faça. Não o fará. Eu não o faria. Bom... talvez o fizesse...*

Mas hoje à noite isso aproximou-se num salto quântico. Eles irão encontrar-se. Será por causa do S-Gerät, real ou fantasiado, a funcionar ou avariado — encontrar-se-ão cara a cara. *Então...*

Entretanto, quem é o misterioso agente da inteligência Soviética com quem o Marvy falou? Paranóia para ti aqui, Tchitcherine. Talvez Moscovo tenha sido alertada para a tua vendetta. Se eles andarem a reunir provas para um conselho de guerra, desta vez não será como na Ásia Central. Será Último Secretário para a embaixada na Atlântida. Poderás negociar detenções por narcóticos para todos os mariheiros Russos afogados, passar vistos ao teu próprio pai para a distante Lemúria, para as ensolaradas estâncias dos Sargaços, onde os ossos vêm à tona para ali se deitarem a perderem cor e a zombarem

dos navios que passam. E antes que ele abale com a corrente do meio-dia, brochuras entaladas entre as costelas, rolo de cheques de viagem enfiado num encaixe craniano, fala-lhe do seu filho negro — fala-lhe do dia com o Enzian à beira do Outono que avançava, tão frio quanto o frio mortal de uma laranja guardada sob aparas de gelo no terraço do hotel em Barcelona, si me quieres escribir já sabes onde irei ficar... frio na ponta do teu polegar a descascar-se, frio terminal a aproximar-se...

«Ouça», o Marvy agora um pouco bêbedo e impertinente, «quand'é que vamos *dar cabo* daqueles sacanas?»

«Daqui a pouco, pode estar certo disso.»

«Mas você não faz ideia das pressões qu'en and'a receber de Paris! Do quartel-general! É fantástico! Há pessoas em altos cargos que querem limpar o sebo àqueles sacanas, já. A eles basta-lhes carregar num botão pr'a eu nunca mais tornar a ver putas Mexicanas enquanto for *vivo*. Ora você bem vê o qu'esses escarumbas andam a tentar fazer, alguém tem d'impedi-los antes qu'eles o *fazam, merda* —»

«Esse homem da inteligência que você viu — ambos os nossos governos facilmente poderiam ter a mesma política —»

«Você não tem a General Electric a respirar por cima do seu ombro, amigo. O Dillon, o Reed... a Standard Oil... merda...»

«Mas é disso mesmo que vocês precisam» intervém o Sangrento Chiclitz. «Ponham lá gente dos negócios a gerir aquilo bem, em vez de terem o governo a gerir tudo. A vossa mão esquerda não sabe o que está fazendo a vossa mão direita! Sabiam disso?»

O que é isto? Agora temos debate político? Não bastava a humilhação de terem perdido o Schwarzkommando, não, vocês não estavam a pensar que iam safar-se assim com *tanta* facilidade...

«E-e quanto ao Herbert Hoover?» está a gritar o Chiclitz. «Ele veio cá e deu-vos *de comer*, quando vocês andavam a passar fome! Por cá eles *adoram* o Hoover —»

«Sim —» Tchitcherine interrompe-o: «o que anda a General Electric a fazer por cá, a propósito?»

Uma amigável piscadela de olho do Major Marvy. «O Senhor Swope era grande amigalhaço do velho FDR, está a ver. O Charlie

Eléctrico está por lá agora, mas o Swope, esse era um dos do Brain Trust. Judeus, a maior parte deles. Mas o Swope é O.K. Ora a GE tem ligações à Siemens de cá, eles trabalharam na orientação do V-2, lembre-se —»

«O Swope é Judeu», diz Chiclitz.

«Náááhh — Ó Sangrento, tu não sabes do qu'é qu'estás a falar —»

«Estou a *dizer-te* —» Envolvem-se numa babosa discussão de beberões acerca das origens étnicas do ex-presidente da GE, cheia de veneno e de vagaroso ódio. Tchitcherine ouve-os somente com uma das orelhas. Está a ser assolado por um episódio de vertigem. Não mencionou o Närrisch, sob os efeitos da droga, um representante da Siemens nas reuniões do S-Gerät em Nordhausen? sim. E um homem da IG, também. O Carl Schmitz da IG não tinha assento no conselho de direcção da Siemens?

Não vale a pena perguntar ao Marvy. Ele está agora demasiado bêbedo para acompanhar qualquer assunto. «Você sabe qu'eu er'um granda ignorante quando vim pr'a cá. Meeerda, eu costumava pensar qu'I. G. Farben era o nome d'algumé, sabe com'é, dum *fulano* — 'stá lá, 'stou a falar c'o I. G. Farben? Não, daqui é a mulher dele, a *Dona Farben!* Yaaah-hn-ha-hal!»

O Sangrento Chiclitz enveredou pela sua imitação da Eleanor Roosevelt. «No outro dia, o meu filho Idiota — uh, Elliot — e eu, estávamos a fazer biscoitos. Biscoitos para enviar aos rapazes que estão no ultramar. Quando os rapazes receberem os biscoitos que lhes enviamos, irão fazer biscoitos, e enviar-nos alguns de volta. Desse modo, *toda a gente* recebe os seus biscoitos!»

Oh, Wimpe. Velho V-Mann, terias tu razão? A tua IG virá a ser *o próprio modelo das nações?*

Ocorre assim isso ao Tchitcherine aqui na clareira ladeado por estes dois tolos, entre os destroços da derradeira posição de uma qualque bateria sem número, cabos paralisados onde os operadores dos guinchos os alçaram até à imobilidade, garrafas de cerveja deitadas exactamente no local para onde foram atiradas pelos últimos homens da última noite, tudo aquilo testemunhando tão puramente a forma da derrota, da morte operacional.

«Ouça lá.» Parece ser um muito grande Dedo branco, que está a falar para ele. A sua Unha está lindamente manicurada: quando roda para ele, revela lentamente uma Impressão Digital que bem poderia ser uma vista aérea da Cidade Dactílica, aquela cidade do futuro em que cada alma é conhecida, e não há sítio algum em que ela se possa esconder. Agora mesmo, articulações movendo-se com suaves ruídos hidráulicos, o Dedo está a chamar a atenção do Tchitcherine para —

 *Um cartel do Foguete.* Uma estrutura transversal a toda a agência humana e papel que alguma vez lhe tocou. Até na Rússia... A Rússia comprava à Krupp, não era, à Siemens, à IG...

Haverá combinações que o Estaline não quer admitir... que ele nem sequer *conhece*? Oh, um Estado começa a tomar forma na apátrida noite Alemã, um Estado que abrange oceanos e políticas de superfície, tão soberano como a Internacional ou a Igreja de Roma, e a alma dele é o Foguete. O Raketen da IG. Vistoso como no circo, vermelhos e amarelos de cartaz, mais anéis do que aqueles que se conseguem contar, tudo isso ao mesmo tempo. O imponente Dedo rodopia entre todos eles. Tchitcherine tem a certeza. Não tanto pelas evidências exteriores que encontrou ao mover-se pela Zona quanto por um destino pessoal que ele transporta consigo — ser sempre mantido à beira das revelações. Acontecera primeiramente com a Luz Quirguize, e a única iluminação dele fora então a de que o medo sempre o impediria de lá entrar em pleno. Nunca avançará para além da beira deste metacartel que se deu a conhecer hoje à noite, deste Estado do Foguete cujas fronteiras ele não pode cruzar...

Ele perderá a Luz, mas não o Dedo. Tristemente, muito tristemente, todos os outros parecem estar metidos naquilo. Todos os necróforos que por aí andam estão ao serviço do Raketen da IG. Todos excepto ele, e o Enzian. O seu irmão, Enzian. Não admira que Eles andem atrás do Schwarzkommando... e...

E quando Eles descobrirem que eu não sou o que Eles pensam... e porque está o Marvy a olhar-me desta maneira agora, com os olhos esbugalhados... oh, não entres em pânico, não alimentes a insanidade dele, ele está apenas do lado de cá do... do...



Rumo a Cuxhaven, o Verão a desacelerar, flutuando rumo a Cuxhaven. Os prados zumbem. A chuva atroa em crescentes investidas através dos caniços. Ovelhas, e raramente alguns escuros veados nortenhos, descerão até ali para pastarem algas marinhas na margem que nunca é inteiramente mar nem inteiramente areia, mas mantida em brumosa ambivalência pelo sol... Assim é o Slothrop levado, a flutuar pelas pastagens aquáticas. Como sinais postados para viajantes perdidos, certas formas vão-se repetindo para ele, formas Zonais que ele deixará entrar mas não interpretará, agora já não. Ainda bem, provavelmente. A mais persistente delas, que parecem mostrar-se nos momentos menos reais do dia, são as empenas escadeadas na fachada de muitos destes edifícios antigos do norte da Alemanha, que se erguem, iluminados por detrás, num cinzento estranhamente *húmido* como se houvessem surgido do mar, sobre estes horizontes rectos e muito baixos. Eles conservam forma, eles persistem, como monumentos à Análise. Há trezentos anos, os matemáticos estavam a aprender a decifrar a ascensão e queda da bala de canhão em degraus de alcance e altura, Δx e Δy , permitindo que estes se fossem tornando cada vez mais pequenos, aproximando-se do zero enquanto exércitos de anões sempre mais minúsculos galopavam até lá acima e tornavam a descer, tornando-se cada vez mais fino o tropel dos seus diminutos pés, apurando-se num som contínuo. Esse legado analítico tem vindo a ser transmitido intacto — foi ele que levou os técnicos de Peenemünde a perscrutarem os filmes Askania dos voos do Foguete, fotograma a fotograma, Δx a Δy , sem que eles próprios voassem... filme e cálculo, ambos pornografias do voo. Lembranças de impotência e de abstracção, as pétreas formas Treppengiebel, inteiras e estilhaçadas, aparecem agora sobre as verdes planícies, e duram um pouco, e desaparecem: nas sombras delas, crianças com cabelo que parece feno andam a brincar ao Himmel e Hölle, saltando pavimentos de aldeia do céu para o inferno para o céu por incrementos, deixando por vezes o Slothrop jogar uma vez, por vezes tornando a desaparecer nos seus escuros gassen onde casas mais antigas, com muitas janelas e penares, se debruçam perpetuamente para a vizinha da frente, quase se tocando lá no alto, somente uma fina nesga de céu leitoso entre elas.

Ao anoitecer, as crianças percorrem as ruas carregando redondas lanternas de papel, cantando *Laterne, Laterne, Sonne, Mond und Sterne...* esferas em serões campestres, pálidas como almas, cantando as despedidas a mais um verão. Numa vila costeira, perto de Wismar, quando ele está prestes a adormecer num pequeno parque, elas rodeiam Slothrop e contam-lhe a história de Plechazunga, o Porco-Herói que, algures no século x, derrotou uma invasão Viking, saindo subitamente de um raio e afugentando uma turba de Nórdicos aos gritos de novo até ao mar. Em todos os verões desde então, tem-se reservado uma Quinta-feira para celebrar a livração da cidade — devendo a Quinta-feira o seu nome a Donar ou Thor, o deus-trovão, que enviou cá para baixo o porco gigantesco. Os deuses antigos, mesmo no século x, ainda tinham uma certa influência nas pessoas. Donar ainda não fora inteiramente domesticado como São Pedro ou Rolando, embora a cerimónia passasse a efectuar-se junto à estátua de Rolando da vila próximo da Peterskirche.

Este ano, porém, ela está em risco. Schraub o sapateiro, que tem desempenhado o papel de Plechazunga durante os últimos 30 anos, foi recrutado no Inverno passado para os Volksgrenadier e nunca mais voltou. Agora as lanternas brancas apinharam-se em redor de Tyrone Slothrop, balouçando no escuro. Dedos pequeninos sondam-lhe a barriga.

«Tu és o homem mais gordo do mundo.»

«Ele está mais gordo do que qualquer pessoa da aldeia.»

«Eras capaz? Eras capaz?»

«Não estou *assim tão* gordo —»

«Eu bem te disse que iria aparecer alguém.»

«E até é mais alto.»

«— ‘speráí, se eu seria capaz de quê?»

«De seres o Plechazunga amanhã.»

«Por favor.»

Sendo hoje em dia um tanso, o Slothrop acede. Alçam-no para fora da sua cama de ervas e levam-no para a sede do município. Na cave há trajes e adereços para a Schweinheldfest — escudos, lanças, capacetes com cornos, hirsutas peles de animais, martelos de Thor em madeira e raios celestes com três metros revestidos a folha de ouro.

O traje de porco é um pouco aterrador — rosado, azul, amarelo, cores luzidias e acres, um porco Expressionista Alemão, em pelúcia por fora, com enchimento de palha por dentro. Parece servir-lhe perfeitamente. Hmm.

A multidão da manhã seguinte é esparsa e plácida: velhos e crianças, e alguns veteranos silenciosos. Os invasores Vikings são todos crianças, capacetes a escorregar-lhes para cima dos olhos, capas arrastando pelo chão, escudos tão grandes quanto eles e armamento com o dobro do tamanho. Gigantescas imagens do Plechazunga, com cepos brancos e centáureas vermelhas e azuis enfiadas nas armações de rede de arame, revestem a praça. Slothrop espera escondido atrás do Rolando, um espécime particularmente desengraçado, com olhos protuberantes, cabelo encaracolado, cintura fina. Junto do Slothrop está um arsenal de fogo-de-artifício e o seu assistente Fritz, que terá uns 8 anos, e é como um original do Wilhelm Busch. Slothrop está um pouco nervoso, visto não estar acostumado a festivais de porcos-heróis. Mas Fritz tem ampla experiência, e amavelmente trouxe consigo um cántaro gelado cheio de um qualquer detrito cerebral líquido temperado com funcho e coentros e destilado, a menos que *Haferschleim* signifique qualquer outra coisa, a partir de papas de aveia.

«*Haferschleim*, Fritz?» Dá outra golada, arrependido de ter perguntado.

«*Haferschleim*, ja»

«Bom, *Haferschleim* é melhor que nenhum, ho, ho...» Seja o que for, aquilo parece actuar com rapidez nos centros nervosos. Quando já todos os Vikings, ao som de um solene coro de metais da banda local, se esfalfaram e esforçaram por chegar à Estátua, formaram alas, e exigiram a rendição da vila, Slothrop descobre que o seu cérebro está a funcionar com uma perspicácia menor que a habitual. Momento esse em que Fritz acende o fósforo dele, e todo aquele reboliço fica à solta, foguetes, velas Romanas, girândolas e — PLECCCHHA-ZUNNGGA! uma enorme carga de pólvora negra rebenta e impele-o para campo aberto, chamuscando-lhe o rabo, arrancando-lhe a cauda encaracolada. «Oh, sim, pois é, uh...» Cambaleando, sorrindo enormemente, Slothrop berra a sua frase: «Eu sou a ira de Donar — e hoje vós sereis minha bigornal!» Lá fogem todos eles em bela e ruidosa correria pelas ruas abaixo, numa chuva de flores brancas, criancinhas

a guincharem, até chegarem à água, onde todos começam a salpicar-se e a fazerem mergulhar todos os outros. As gentes da vila encetam cerveja, vinho, pão, Quark, salsichas. Kartoffelpuffer castanho-douradas são retiradas pingantes e quentes do óleo que fumega em caçarolas pretas sobre pequenos lumes de turfa. Raparigas começam a afagar o focinho e os aveludados flancos do Slothrop. A vila está salva por mais um ano.

Um dia pacífico, ébrio, cheio de música, do cheiro a água salgada, paul, flores, cebolas a fritar, cerveja entornada e peixe fresco, lá em cima pequenas nuvens com cor de geada vogando pelo céu azul. A brisa está suficientemente fresca para impedir que o Slothrop transpire dentro deste fato de porco. Ao longo da costa, bosques azul-cinzentos respiram e tremeluzem. Velas brancas avançam para o meio do mar.

Slothrop regressa da acastanhada sala das traseiras de um café de couves-e-fumo-de-cachimbo, e de uma hora a brincar ao martelo-e-forja com — o sonho de qualquer um — DUAS saudáveis donzelas em vestidos estivais e tamancos de madeira, para descobrir que a multidão começa a coagular-se em grupinhos de três ou quatro. Oh, merda. Agora não, vá lá... Doloroso aperto no olho do cu, cabeça e estômagos inflados com a mixórdia de aveia e a cerveja estival, o Slothrop senta-se em cima de um monte de redes e tenta, mas não há hipótese, obrigar-se a ficar alerta.

Estes pequenos vórtices surgindo entre uma multidão por estas partes normalmente significam mercado negro. Ervas de paranóia começam a brotar, com cor verde-tropa, entre o jardim e as tranquilidades vespertinas. Último da sua linhagem, e tão decaído — nenhum outro Slothrop jamais sentiu tal temor na presença do Comércio. Já estão espalhados jornais sobre as pedras da calçada para que os compradores dali tirem latas de café, vejam bem se é tudo Bohnenkaffee, e não somente uma fina camada dele por cima do ersatz. Relógios e anéis de ouro aparecem abruptamente iluminados pelo sol ao saírem de bolsos poeirentos. Cigarros vão sendo passados de mão em mão entre os flácidos e imundos e insonoros Reichsmarks. Miúdos brincam aos pés deles enquanto os adultos comerciam, em Polaco, Russo,

Báltico nortenho e Plattdeutsch. Um certo estilo de Desalojado aqui, um pouco impessoal, somente de passagem, negociando pelo caminho, em movimento, quase nem se lembravam disso... de onde viriam todos eles, estes pardacentos trafulhas, que sombras no Gemütlichkeit do dia estavam a abrigá-los?

Materializando-se a partir do seu estranho silêncio de gabinete, os chuis aparecem agora, dois charabãs pretos e brancos cheios de uniformes azuis esverdeados, braçadeiras brancas, pequenos chapéus em forma de balde com insígnia estrelada a refugir, bastões já desembainhados, dildos negros em mãos nervosas, balouçantes, prontos para a acção. Os redemoinhos da multidão dissolvem-se depressa, joalharia a retinir no pavimento, cigarros espalhados e esmagados sob os pés dos civis em debandada, entre a instantânea desordem de relógios, condecorações de guerra, peças de seda, rolos de notas, batatas de casca rosada com todos os seus olhos em ar de susto, dedos retorcidos de luvas infantis até ao cotovelo estendendo-se para agarrar o céu, lâmpadas estilhaçadas, chinelos de Paris, molduras douradas enquadrando naturezas-mortas de empedrados, anéis, camafeus, ninguém vai reclamar nada disto, agora todos têm medo.

Não admira. Os chuis dedicam-se a esmagar estes procedimentos do mesmo modo que deverão ter lidado com as acções de rua antinazis antes da Guerra, avançando para eles, mmm ja, com estes bastões flexíveis, olhos afinados para as mais ínfimas possibilidades de ameaça, cheiro a couro, ao fétido odor do próprio medo deles em sovacos de lã, saltando sobre rapazinhos aos três-para-um, extorquindo meninas, velhos, fazendo-os abalar dali e sacudir botas e roupa interior até, batendo-lhes e amassando-os com incansáveis bastonadas entre os miúdos que choram e as mulheres que gritam. Sob a eficiência e o contentamento está a nostalgia pelos dias de antigamente. A Guerra deve ter significado magros tempos para o controlo das multidões, homicídio e vadiagem era o melhor que se arranjava, um suspeito de cada vez. Mas agora, que se tem de proteger o Mercado Branco, aqui estão novamente ruas inteiras cheias de corpos a pedir aquele erste Abreibung, e podeis apostar que a bófia está contente com isso.

Em breve têm reforços, três camiões cheios de jovens Asiáticos em fato de combate que não parecem saber onde estão exactamente, acabados de chegar desde um sítio qualquer muito frio e distante a oriente. Saídos das suas enxárcias de ripas como jogadores de futebol entrando em campo, eles formam uma linha e começam a desimpedir a rua comprimindo a multidão em direcção à água. Slothrop está mesmo no meio de tudo isso, é empurrado aos tropeções para trás, máscara de porco tapando-lhe metade da visão, tentando proteger quem consegue — alguns miúdos, uma velhinha que anteriormente estava ocupada a transportar peças de pano de algodão. As primeiras bordoadas atingem-no no enchimento de palha por cima da sua barriga, e não as sente muito. Há civis correndo pela esquerda e pela direita, mas o Plechazunga finca o pé. Terá a manhã sido apenas um ensaio? Contarão com o Slothrop para repelir agora os *reais* invasores estrangeiros? Uma menina está agarrada à sua perna, gritando o nome do Schweinheld com voz confiante. Um chui velho e grisalho, anos de boa vida na frente interna e de subornos estampados no rosto dele, lança uma bastonada à cabeça do Slothrop. O Suíno-herói esquiva-se e pontapeia-o com a perna que tem livre. Quando o chui se dobra ao meio, meio dúzia de civis aos berros saltam para cima dele, alivian-do-o do chapéu e do bastão. Lágrimas, apanhadas pelo sol, escorrem-lhe dos olhos murchos. Seguidamente começou um tiroteio algures, fazendo toda a gente entrar em pânico, quase fazendo o Slothrop perder o pé, a miúda que estava ao redor da perna dele já se soltou e perdeu entre o tumulto para sempre.

Saem da rua para o cais. A polícia parou de bater nas pessoas e começou a recolher o saque do chão, mas agora avançam os Russos, e bastantes deles estão a olhar directamente para o Slothrop. Providencialmente, uma das raparigas do café aparece mais ou menos por esta altura, pega-lhe na mão e leva-o consigo.

«Há um mandado de captura para ti.»

«Um quê? Eles estão a safar-se muito bem sem papelada nenhuma.»

«Os Russos encontraram o teu uniforme. Pensam que és um desertor.»

«Têm razão.»

Ela leva o Slothrop para sua casa, com o fato de porco. Ele nem chega a ouvir-lhe o nome. Tem uns dezassete anos, loura, rosto jovem, fácil de magoar. Deitam-se atrás de um lençol de cama amarelecido pelo esperma e pregado ao tecto, muito juntos sobre uma estreita cama com postes lacados. A mãe dela está a cortar nabos na cozinha. Dois corações palpitar, o dele pelo seu perigo, o dela pelo Slothrop. Ela conta como os pais dela viviam, o pai era tipógrafo, casara-se ao concluir o aprendizado, os seus anos de errância já se estendiam agora a dez, não se sabia onde ele estava desde '42, quando receberam um bilhete de Neukölln, onde ele havia pernoitado com um amigo. Sempre um amigo, Deus sabe em quantos quartos das tra-sseiras, gares de rotundas ferroviárias, tipografias ele passara noites sozinho, tiritando embrulhado em edições antigas do *Die Welt am Montag*, seguro pelo menos de abrigo, como toda a gente do Buchdruckerverband, muitas vezes uma refeição, quase certamente algum tipo de complicações com a polícia caso a estadia demorasse muito — era um bom sindicato. Mantinham as tradições dos Operários Industriais Alemães, não alinhavam com Hitler, embora todos os outros sindicatos estivessem a sucumbir. Isso toca as Puritanas esperanças do próprio Slothrop pela Palavra, a Palavra tornada tinta de tipógrafo, habitando a par de anticorpos e férreo hálito no sangue de um bom homem, embora o Mundo para ele seja sempre o Mundo à Segunda-feira, com a sua fria aresta cortante, retalhando cada pobre ilusão de conforto que o burguês tome por real... distribuiria ele panfletos contra a insanidade do seu país? terá sido preso, espancado, morto? Ela tem uma fotografia dele durante as férias, num sítio qualquer da Baviera, com cascatas, cumes brancos, um rosto bronzeado e sem idade, chapéu Tirolês, suspensórios, pés plantados e perpetuamente dispostos a começarem a correr: a imagem parada, preservada aqui, a única maneira em que puderam guardá-lo, correndo de quarto em quarto por todos os seus frios subúrbios Vermeilhos, o noite a noite do maçon... o modo como elas de avental e na cozinha entravam pela noite ou pela tarde vaga adentro de avental para estudarem os Δxs e os Δys do espírito do vagabundo delas, em fuga — estudarem como ele se ia alterando por dentro da queda cortante do obturador, o que poderia ele ter ouvido na água, fluindo tal como ele para sempre, num silêncio perdido, atrás dele, já atrás dele.

Mesmo agora, deitada ao lado de um estranho disfarçado de porco, o pai dela é o esvoaçante elemento do Slothrop, de quem mais aqui se deitou anteriormente, sem voar, e ouviu a mesma promessa: «Eu ia para qualquer lado contigo.» Ele vê-os caminhando por umas travessas de via-férrea, pinheiros em longas encostas de montanha a toda a volta, luz outonal e frio, roxas nuvens de chuva, meio da tarde, o rosto dela encostado a uma alta estrutura de betão, a luz do betão caindo-lhe obliquamente em ambos os lados das maçãs do rosto, confundindo-se com a pele dela, confundindo-se com a própria luz desta. A figura imóvel dela por cima dele dentro de um grande capote preto, cabelo louro contra o céu, ele próprio no topo de uma escada de metal de um estaleiro ferroviário, levantando os olhos para ela, todas aquelas luzentes estradas de aço lá em baixo a cruzarem-se e a rumarem para todas as partes da Zona. Eles os dois em fuga. É isso que ela quer. Mas o Slothrop só quer ficar deitado e quieto junto ao coração dela por um bocado... não é esse o desejo de todo o paranóico? aperfeiçoar métodos de imobilidade? Mas eles vêm aí, de casa em casa, à procura do seu desertor, e é o Slothrop que tem de ir, ela que tem de ficar. Nas ruas, os altifalantes, crepitantes gargantas de metal, andam a proclamar um recolher antecipado hoje à noite. Por detrás de alguma janela da vila, deitado nalguma cama, já desfiando as bordas dos campos do sono, está um miúdo para o qual aquela voz com a sua pronúncia estrangeira é um sinal de nocturna segurança, para fazer parte dos campos bravios, da chuva no mar, cães, cheiros a comida vindos de estranhas janelas, estradas de terra... parte deste verão irrecuperável...

«Não há luar», sussurra ela, com os olhos vacilantes mas sem os desviar.

«Qual é a melhor maneira de sair da vila?»

Ela conhece um cento. O coração dele, as pontas dos dedos dele doem-lhe de vergonha. «Eu mostro-te.»

«Não precisas de fazer isso.»

«Eu quero.»

A mãe dela dá ao Slothrop alguns pães duros para guardar dentro do seu fato de porco. Ela arranja-lhe qualquer outra coisa para vestir, mas todas as roupas do marido já foram trocadas por comida na

Tauschzentrale. Na última imagem com que fica dela está enquadrada na luz da sua cozinha, através da janela, uma mulher dourada que se desvanece, cabeça num aceno por cima de um fogão com um único tacho ao lume, papel de parede florido em tons de laranja forte e vermelho atrás do seu rosto desviado.

A filha leva-o por cima de baixos muros de pedra, ao longo de valas de esgoto e por dentro de condutas, em direcção a sudoeste até aos arredores da povoação. Muito atrás deles o relógio da Peterskirche bate as nove, por baixo desta, o Rolando que não se avista continua a fitar a praça. Flores brancas caem uma a uma das imagens de Plechazunga. Erguem-se as chaminés de uma central eléctrica, especiais, sem fumo, pintadas no céu. Um moinho range no meio dos campos.

O portão da vila é alto e magrinho, com uns degraus que não conduzem a nada no cimo. A estrada lá adiante encurva-se através da abertura ogival, saindo para os prados da noite.

«Quero ir contigo.» Mas ela não faz qualquer gesto para transpor o arco com ele.

«Talvez eu volte.» Não é mentira de vagabundo, ambos têm a certeza de que alguém regressará, mais ou menos por esta altura no próximo ano, talvez no Schweinheld do próximo ano, alguém bastante próximo... e se o nome, o dossier não forem exactamente o mesmo, bom, quem acredita nisso? Ela é filha de um tipógrafo, ela conhece o meio, ela até aprendeu com ele a manejar uma Winkelhaken bastante bem, como compor uma linha e assentá-la, «Tu és um besouro de Maio», sussurra ela, e dá-lhe um beijo de despedida, e fica a vê-lo afastar-se, uma rapariga fungante e imóvel em bibe e botas militares junto ao portão isolado. «Boa noite...»

Dócil rapariga, boa noite. Que tem ele para ela além de um último retrato de um porco caminhante sarapintado, que se confunde com as estrelas e os montes de lenha, algo que ela ponha ao lado daquela infantil imagem do seu pai? Ele personifica a fuga, embora não esteja disposto a isso, e contudo perdeu toda a noção de permanecer... Boa noite, cuidado com o recolher obrigatório, volta para dentro de casa, volta para o teu quarto... boa noite...

Mantém-se em campo aberto, dormindo quando está demasiado cansado para caminhar, palha e veludo a isolarem-no do frio. Certa

manhã, acorda numa cova entre umas faias e um ribeiro. Está a alvorecer com muito frio, e parece haver uma língua quente lambendo-lhe asperamente a cara. Ele está aqui a olhar para o focinho de uma outra porca, muito gorda e rosada. Ela grunhe e sorri amigavelmente, estremecendo as suas longas pestanas.

«Espera. Que tal isto?» Ele coloca a máscara de porco. Ela contempla-o por um minuto, depois avança para o Slothrop e beija-o, focinho-com-focinho. Ambos estão cobertos de orvalho. Ele segue-a pelo ribeiro abaixo, torna a tirar a máscara e atira água para o seu rosto enquanto ela bebe a seu lado, sorvendo, plácida. A água está límpida, corre com vivacidade, fria. Pedras redondas chocalam umas contra as outras sob a corrente. Um som ressoante, uma música. Valeria bem a pena ficar sentado dia e noite, sem parar, ouvindo estes sons de água e de seixos desenvolverem-se...

Slothrop tem fome. «Anda lá. Temos de ir à procura do pequeno-almoço.» Ao lado de um pequeno lago junto de uma casa de quinta, a porca descobre uma estaca de madeira cravada no chão. Começa a farejar em redor dela. Slothrop afasta com o pé a terra solta e descobre uma mamoa em tijolo, cheia de batatas ensiladas no ano anterior. «Para ti é óptimo», enquanto ela as come com avidez, «mas eu não posso comer isso.» O céu brilha na calma superfície da água. Não parece estar ninguém por perto. Slothrop afasta-se para ir verificar a casa da quinta. Altas margaridas brancas crescem em todo o quintal. As janelas cobertas de colmo do piso de cima estão às escuras, não sai fumo das chaminés. Mas o galinheiro das traseiras está ocupado. Ele tira uma grande galinha gorda do seu ninho, estende cuidadosamente a mão para os ovos — PKAWW ela esvoaça toda a tremer, tenta dar bicadas no braço do Slothrop para lho afastar, as amigas vêm a correr desde lá de fora causando uma barulheira dos diabos, altura em que a galinha já enfiou as asas dela pelas aberturas da madeira de modo a não conseguir voltar a entrar e está gorda demais por baixo das asas para conseguir fazer sair o resto. Portanto, ali fica ela pendurada, a bater as asas e a gritar, enquanto o Slothrop pega em três ovos e depois tenta enfiar-lhe as asas para dentro. É um trabalho frustrante, especialmente o de tentar manter os ovos em equilíbrio. O galo está à entrada da porta a berrar Achtung, Achtung, a disciplina do seu harém

está um inferno, ruidosas e titubeantes galinhas brancas andam a espojar o cu por todo o galinheiro, e escorre sangue do Slothrop por meia dúzia de sítios.

Então ele ouve um cão ladrar — altura de desistir desta galinha — vem cá fora evê uma senhora com o seu equipamento de auxiliar da Wehrmacht apontando-lhe uma caçadeira a 30 metros de distância e o cão a atacar rosnando, dentes à mostra, olhos na garganta do Slothrop. Slothrop contorna o galinheiro aos tombos enquanto a caçadeira dispara uma salva de bons-dias. Nessa ocasião, a porca aparece e faz fugir o cão. Lá se vão os dois embora, ovos aninhados na máscara de porco, senhora a gritar, galinhas fazendo barulho, porca galopando ao seu lado. Há um último disparo de caçadeira, mas por essa altura já eles estão fora de alcance.

Cerca de um quilómetro e meio mais adiante, fazem uma pausa, para o pequeno-almoço do Slothrop. «Estiveste bem», dando afectuosas palmadinhas na porca. Ela senta-se, recuperando o fôlego, olhando-o enquanto ele come ovos crus e fuma meio cigarro. Depois retomam o caminho.

Daí a pouco iniciaram um ângulo em direcção ao mar. A porca parece saber para onde vai. Ao longe, sobre uma outra estrada, paira uma grande nuvem de pó, que se arrasta para sul, talvez um comboio de cavalos Russos. Cegonhas que recentemente aprenderam a voar andam a experimentar as asas delas sobre medas de feno e campos. Topos de árvores solitárias estão borrados de verde, como se houvessem sido accidentalmente roçados por qualquer manga. Moinhos castanhos giram no horizonte, ao fundo de quilómetros de terra vermelha salpicada de palha.

Uma porca é boa companheira,
Varrã, porca, suína ou leitoa —
Uma porca é bestial, anima-nos a moral,
Mesmo que as montanhas se torçam à toa.
Quando vos rejeitaram, vos enganaram, e vos queimaram,
Quando se viraram contra vós, Tories e Whigs vos querem na forca,
Embora sejais deitados ao chão pelo cachorro ou pelo cão.
Nunca deixais de andar com uma porca, uma porca,
Nunca deixais de andar com uma porca!

Ao anoitecer entraram numa leira de bosque. O nevoeiro assenta nas covas. Uma vaca perdida e por mungir queixa-se algures na escridão. A porca e o Slothrop instalaram-se para dormir entre uns pinheiros pejados de pedaços de folha de alumínio, uma nuvem de janela dos Britânicos despejada para confundir os radares Alemães num qualquer ataque aéreo de há muito, uma floresta inteira de árvores de Natal, europeus ondulando ao vento, reflectindo a luz estelar, silenciosos, hectares coroados por um fogo gelado que se agita sobre a cabeça deles toda a noite. Slothrop está sempre a despertar e a encontrar a porca aninhada numa cama de carumas, vigiando-o. Não é por perigo, nem por desassossego. Talvez ela tenha decidido que o Slothrop precisa de alguém que tome conta dele. À luz dos prateados, ela é muito esguia e convexa, as cerdas dela parecem macias como penugem. Lascivos pensamentos começam a infiltrar-se no espírito do Slothrop, isto aqui é só uma pequena peculiaridade, hehheh, nada que ele não consiga resolver... Adormecem sob as árvores decoradas, a porca um errante mago do leste, Slothrop no seu fato um vistoso presente à espera da manhã e de alguma criança que o reclame.

No dia seguinte, cerca do meio-dia, entram numa cidade que lentamente definha, isolada na costa do Báltico, e que perece devido a uma ausência de crianças. O letreiro por cima do portão da cidade, em lâmpadas queimadas e casquilhos vazios, diz ZWÖLFKINDER. A grande roda, que domina o horizonte desde quilómetros fora do povoado, está um pouco inclinada, velha e severa preceptora, o sol detectando-lhe longas faixas de ferrugem, o céu pálido entre os rendilhados de ferro que lhe projectam a sombra comprida e retorcida sobre a areia e para dentro do mar cor de ameixa. Miados do vento entram e saem de salões e casas sem portas.

«Frieda.» Uma voz que chama desde a sombra azul atrás de uma parede. Grunhindo, sorrindo, a porca fica onde está — olha quem eu trouxe para casa. Não tarda que um homem magro e sardento, louro, quase calvo, saia para o sol. Olhando para o Slothrop, nervoso, ele estica-se para coçar a Frieda entre as orelhas. «Eu sou o Pöcker. Obrigado por ma trazer de volta.»

«Não, não — ela é que me trouxe a mim.»

«Sim.»

Pökler está a viver na cave da sede do município. Tem café a aquecer no lume de aparas de madeira do fogão.

«Você joga xadrez?»

Frieda fica a dar palpites. Slothrop, que tende a jogar mais por superstição do que por estratégia, está obcecado com a protecção dos seus cavaleiros, Springer e Springer — disposto a perder qualquer outra peça, não pensando com mais de um ou dois lances de antecipação quanto muito, ele alterna letárgicos recuos e preenchimentos com irrupções de idiótica excitação que põem o Pökler a franzir a testa, mas não por preocupação. No momento em que o Slothrop perde a sua rainha, «Ou-u-u-ça lá, esper'aí, você disse *Pökler*?»

Zip o homem saca de uma Luger tão grande como uma casa — um fulano verdadeiramente rápido — com o cano apontado directamente à cabeça do Slothrop. Por um instante, Slothrop, no seu fato de porco, pensa que o Pökler pensa que ele, o Slothrop, tem andado enrolado com a Porca Frieda, e que estás prestes a haver aqui um casamento de caçadeira, ou de Luger — a bem dizer a frase *a ti prometo meu bebedouro* acabou de chegar ao seu cérebro quando ele percebe que aquilo que o Pökler está na verdade a dizer é, «É melhor você ir-se embora. De qualquer maneira, daqui a dois lances eu ganhava-lhe.»

«Ao menos deixe-me contar-lhe a minha história», balbuciando tão depressa quanto pode a informação de Zurique com o nome do Pökler lá no meio, a busca de Russos, Americanos e Hereros pelo S-Gerät, pensando entretanto, a modos que em paralelo, se o tal Oberst Enzian não teria razão em se tornar nativo na Zona — começas a ter ideias fixas, e noções ligeiramente, ah, eróticas sobre o Destino não é Slothrop? eh? rememorando o caminho por que a porca Frieda o trouxera até ali, tentando lembrar-se das encruzilhadas em que poderiam ter seguido noutra direcção...

«O Schwarzgerät.» Pökler abana a cabeça. «Eu não sei o que era. Nunca me interessou muito. É mesmo disso que você anda atrás?»

Slothrop pensa bem no assunto. As chávenas de café deles recolhem a luz do sol da janela e fazem-na ressaltar para o tecto, balouçantes elipses de luz azul. «Não sei. A não ser por esta espécie de ligação pessoal ao Imipolex G...»

«É uma poliimida aromática», o Pökler voltando a enfiar a arma na sua camisa.

«Fale-me disso», diz o Slothrop.

Bom, mas não antes de ele contar algo acerca da sua Ilse e dos regressos estivais dela, o que basta para o Slothrop ser outra vez apanhado pelo cachaço e comprimido contra a carne morta da Bianca... A Ilse, gerada na imagem prateada e passiva da Greta Erdmann, a Bianca, concebida durante a filmagem da mesma cena que estava nos pensamentos dele enquanto o Pökler bombeava a fatal carga de esperma — como poderiam elas não ser a mesma filha?

Elá continua contigo, embora mais difícil de ver hoje em dia, quase tão invisível como um copo de limonada cinzenta num quarto mal iluminado... ainda assim ela está lá, fresca e ácida e doce, à espera de ser engolida para tocar as tuas células mais profundas, para labutar entre os teus sonhos mais tristes.



Pökler consegue contar um pouco acerca do Laszlo Jamf, mas continua a ser levado a desviar-se para falar dos filmes, filmes Alemanães de que o Slothrop nunca ouviu falar, e muito menos viu... sim temos aqui mesmo uma espécie qualquer de fanático seguidor dos filmes — «No Dia D», confessa ele, «quando eu ouvi na rádio o General Eisenhower anunciar a invasão da Normandia, pensei que na verdade fosse o Clark Gable, você já alguma vez reparou? as vozes são *idênticas*...»

No último terço da vida dele, lá apareceu o Laszlo Jamf — assim pareceu àqueles que a partir das salas de palestra forradas a madeira lhe viam as pálpebras tornarem-se lentamente granulosas, manchas e rugas crescerem na imagem dele, desintegrando-a em direcção à velhice — uma hostilidade, um ódio estranhamente *pessoal*, para com a ligação covalente. Uma convicção de que, para que a sintética possa ter algum futuro, a ligação deve ser melhorada — certos estudantes leram até «transcendida». Que algo tão mutável, tão *macio*, quanto uma partilha de electrões por átomos de carbono pudesse estar no cerne da vida, da vida *dele*, atingiu o Jamf como uma humilhação

cósmica. *Partilha?* Quão mais forte, quão mais duradoura era a ligação iónica — onde os electrões não são partilhados, mas capturados. *Apanhados!* e presos! polarizados em mais e menos, esses átomos, sem ambiguidades... como ele veio a amar essa clareza: como ela era estável, essa teimosia mineral!

«Sejam quais forem as adulações que prestemos à Razão», disse ele à turma do Pökler lá na T. H., «à moderação e ao compromisso, não obstante permanece o leão. Um leão em cada um de vós. Ou ele é domado — por demasiada matemática, por pormenores de concepção, por procedimentos corporativos — ou ele se mantém selvagem, um eterno predador.

«O leão não conhece subtilezas nem meias-soluções. Ele não aceita a *partilha* como base para nada! Ele toma, ele guarda! Ele não é um Bolchevique nem um Judeu. Nunca se ouvirá falar de relatividade ao leão. Ele quer o absoluto. Vida e morte. Ganhar e perder. Nem tréguas nem arranjos, mas a alegria do salto, do rugido, do sangue.»

Caso isto seja química Nacional-Socialista, culpem aquilo-que-anda-no-ar, o Zeitgeist. Claro, culpem isso. O Prof.-Dr. Jamf não lhe era imune. Nem o seu aluno Pökler. Mas através da Inflação e da Depressão, a ideia que o Pökler tinha do «leão» acabou por ter um rosto humano pegado a ela, um rosto de cinema *natürlich*, o do actor Rudolf Klein-Rogge, que o Pökler idolatrava, e queria emular.

O Klein-Rogge já andava a levar actrizes núbiles para o alto dos telhados quando o King Kong ainda mamava e não tinha quaisquer aptidões para motores das quais se pudesse falar. Bom, pelo menos uma actriz núbil, a Brigitte Helm no *Metropolis*. Grande filme. Exactamente o mundo com que o Pökler, e evidentemente muitos outros mais, andavam a sonhar por esses tempos, uma Cidade-estado Corporativa onde a tecnologia era a fonte do poder, o engenheiro trabalhava em estreita ligação com o administrador, as massas laboravam sem serem vistas ao fundo dos subterrâneos, e o poder derradeiro cabia a um único líder no topo, paternal e benévolos e justo, que usava fatos com um aspecto magnífico e de cujo nome o Pökler não conseguia lembrar-se, tendo ficado demasiado entusiasmado com o Klein-Rogge a interpretar o inventor louco que o Pökler e os seus

co-discípulos do Jamf ansjavam ser — indispensável àqueles que governavam a Metropolis e, porém, no final, o leão indomável que podia deitar tudo aquilo abaixo, rapariga, Estado, massas, ele próprio, afirmando a sua realidade contra todos eles num último mergulho clamoroso do telhado até à rua...

Uma curiosa potência. Fosse o que fosse que os visionários reais andavam a recolher entre a árdua tessitura daqueles tempos e ruas urbanas, fosse o que fosse que a Käthe Kollwitz vira que lhe fizera a magra Morte vir cá baixo para tomar Suas mulheres por detrás, e elas tanto gostarem disso, de vez em quando parecia haver tocado o Pökler também, nas mais profundas excursões dele ao Mare Nocturnum. Achava um deleite não diverso do de uma navalha raspando-lhe a pele e os nervos, do escalpe às plantas dos pés, em rituais submissões ao Mestre deste espaço nocturno e dele próprio, a personificação masculina de uma technologique que abrangia o poder não pelos seus usos sociais mas somente por aquelas oportunidades de rendição, de sombria e pessoal rendição, ao Vazio, ao delicioso e gritante colapso... A Átila o Huno, na verdade, vindo para ocidente desde as estepes para esmagar a preciosa estrutura de magia e de incesto que mantinha unido o reino dos Burgúndios. Pökler estava cansado nessa noite, o dia inteiro na rua a apanhar carvão. Estava sempre a adormecer, despertando para imagens em que durante meio minuto não conseguia encontrar sentido algum — um plano aproximado de um rosto? uma floresta? as escamas do Dragão? uma cena de batalha? Com grande frequência, aquilo resolvia-se no Rudolf Klein-Rogge, antigo e Oriental Átila tanatomaníaco, cabeça rapada excepto num penacho ao cimo, colares de contas, delirando com gestos grandiloquentes e aqueles olhos enormes e gélidos... Pökler tornava a adormecer cabeceando com as explosões de destruição da beleza ali para seus sonhos as trabalharem, proferindo guturais bárbaras pelas bocas silenciosas, aplainando os Burgúndios em algo que se assemelhasse à resignação, ao cinzentismo de certas multidões nas cervejarias lá da T.H... e acordava de novo — aquilo durava horas — para mais alguma progressão de carnificina, de incêndio e destruição...

A caminho de casa, de eléctrico e a pé, a esposa dele implicava com o Pökler por adormecer, ridicularizava a sua devoção de engenheiro à causa-e-efeito. Como podia ele dizer-lhe que as conexões dramáticas estavam realmente todas lá, nos seus sonhos? Como podia ele dizer-lhe alguma coisa?

O Klein-Rogge é sobretudo recordado pelo seu papel como Dr. Mabuse. Era suposto pensar-se no Hugo Stinnes, o infatigável operador nos bastidores da aparente Inflação, da aparente história: jogador, mago financeiro, arquibandido... uma exigente boca bürgerlich, bochechas, movimentos desgraciosos, uma primeira impressão da tecnocracia cómica... e contudo, quando as raivas o dominavam, irrompendo por baixo do olhar racionalizado, com os seus olhos glaciais a tornarem-se janelas para a savana nua, então vinha à superfície o verdadeiro Mabuse, vital e orgulhoso contra as forças pardacentas que o rodeavam, abeirando-o do destino ao qual ele deveria saber não conseguir escapar, o silencioso inferno de armas, granadas, ruas cheias de tropas atacando-lhe o quartel-general, e a loucura dele no fim do túnel secreto... E quem o abatera senão o ídolo das matinés Bernhardt Goetzke enquanto Procurador Estatal Von Wenk, o Goetzke que interpretara a terna, anelante Morte burocrática no *Der Müde Tod*, também aqui em grande forma, demasiado inofensivo, demasiado gentil para a exausta Condessa que ele cobiçava — mas o Klein-Rogge *intrometera-se*, de garras à mostra, levara o efeminado marido dela ao suicídio, pegara nela, atirara-a para cima da cama dele, àquela cabra lânguida — *tomara-a!* enquanto o gentil Goetzke estava sentado no seu escritório, entre seus papéis e sibaritas — o Mabuse a tentar hipnotizá-lo, drogá-lo, matá-lo à bomba no seu próprio gabinete — nada funcionava, de cada vez a grande inércia de Weimar, ficheiros, hierarquias, rotinas, acabava sempre por salvá-lo. O Mabuse era o selvagem ancestral, o carismático clarão que nenhuma placa Agfa das tardes dominicais jamais suportaria, a prova que saía sempre da ondulante solução ostentando a mesma brancura aniquilante (profundezas Pisceanas que o Pökler cruzou a sonhar e acordado, por baixo dele imagens da quotidiana monotonia da Inflação,

filas, corretores da bolsa, batatas cozidas num prato, procurando somente com as guelras e as tripas — algum impulso nervoso na direcção do mito em que ele nem sabe se acredita — a luz branca, ruínas da Atlântida, intimações de um reino mais autêntico)...

Inventor Metropolitano Rothwang, Rei Átila, Mabuse der Spieler, Prof.-Dr. Laszlo Jamf, todos os desejos deles apontados do mesmo modo, para uma forma de morte que poderia demonstrar-se conter alegria e atrevimento, nada da burguesa morte Goetzkiana, da aceitação madura, auto-ilusória, parentes na saleta, rostos sabedores que as crianças conseguem sempre ler...

«Tendes as duas opções», bradara Jamf, na sua última palestra do ano: lá fora estavam os floridos afagos do vento, raparigas em vestidos de cores pálidas, oceanos de cerveja, coros masculinos a elevarem-se intensa, comoventemente, enquanto cantavam *Semper sit in flores / Semper sit in flo-ho-res...* «ficar para trás com o carbono e o hidrogénio, levar a vossa marmita todas as manhãs para a obra com os magotes de gente sem rosto que mal podem esperar para sair da luz do sol — ou ir *mais além*. Silicone, boro, fósforo — esses podem substituir o carbono, e podem ligar-se ao nitrogénio em vez do hidrogénio —» alguns risinhos aqui, não imprevistos pelo velho pedagogo brincalhão, mas ele sempre a florir: o seu envolvimento em levar Weimar a subsidiar o Stickstoff Sindikat da IG era bem conhecido — «ir além da vida, em direcção ao inorgânico. Aqui não há fragilidade, não há mortalidade — aqui há Força, e o Intemporal.» Então o seu bem conhecido final, enquanto limpava o C — H escrito a giz no quadro e escrevia, em enormes letras, Si — N.

A onda do futuro. Mas o próprio Jamf, estranhamente, *não* fora além. Ele jamais sintetizara os tais novos anéis ou cadeias inorgânicas que profetizara com tanto dramatismo. Teria ele apenas ficado para trás na cuba, gerações de académicos inchando pouco mais à frente, ou saberia ele algo que o Pökler e os outros não sabiam? Seriam as exortações dele no auditório uma espécie de excêntrica chalaça? Ele ficara com o seu C — H e levara a sua marmita para a América. Pökler perdera o contacto com ele após a Technische Hochschule — tal como todos os seus antigos alunos. Estava agora sob a sinistra influência de Lyle Bland e, caso continuasse ainda a procurar fugir

à mortalidade da ligação covalente, o Jamf estava a fazer isso da maneira menos óbvia que havia.



Se o tal Lyle Bland não se tivesse juntado aos Maçons, provavelmente ainda andaria apostado naqueles nefários truques dele. Tal como há, no Mundo, maquinarias dedicadas à injustiça enquanto empreendimento, também parecem haver provisões activas para equilibrar as coisas de vez em quando. Não como um empreendimento, exactamente, mas pelo menos na dança das coisas. Os Maçons, na dança das coisas, vieram a ser uma delas no que ao Bland dizia respeito.

Imagine-se a situação do fulano — tem tanto dinheiro que nem sabe o que fazer com todo ele. Não vos ponhais também a gritar «Dá-mo a mim!». Ele já vo-lo deu, embora por modos ínvios que talvez necessiteis de um bom sistema de investigação para deslindar. Oh, ele já vo-lo deu. Através do Instituto Bland e da Fundação Bland, o homem tem os seus esporões bem cravados no quotidiano Americano desde 1919. Quem pensais vós que está sentado sobre a patente daquele carburador de 100-milhas-por-galão, eh? decerto já ouvistes essa história — talvez até transmitida entre risinhos por antropólogos contratados que lhe chamaram o Mito da Era Automóvel ou outra merda qualquer — bom, sucede que o artigo era real, efectivamente, e foi o Lyle Bland quem pagou para que esses prostitutas académicos levasssem a cabo as risonhas e credenciadas mentiras. E quanto à grande campanha publicitária da Erva Assassina nos anos trinta, quem pensais vós que trabalhou com a mão na luva (ou, como já disseram indivíduos mais grosseiros, com o pénis na boca) do FBI em tudo isso? E lembrais-vos de todas aquelas piadas do sujeito-que-vai-ao-médico-por-não-conseguir-ter-tesão? Plantadas pelo Bland, pois foi — meia dúzia de variações básicas, após se terem feito estudos aprofundados para o Conselho Nacional de Investigação que indicavam que uns inaceitáveis 36% da força laboral masculina não andava a prestar a devida atenção às suas pichas — não havia aqui suficiente obsessão genital, e isso andava a minar a eficácia dos órgãos que efectuavam o *trabalho real*.

Os estudos psicológicos tornaram-se, de facto, uma especialidade do Bland. A sondagem dele ao subconsciente da América no início da Depressão é considerada um clássico, e em geral atribui-se-lhe a melhoria na plausibilidade da «eleição» do Roosevelt em 1932. Embora muitos dos colegas dele tenham achado útil uma postura de ódio ao FDR, o Bland estava demasiado encantado para se entregar a isso. Para ele, o FDR era exactamente o homem certo: de Harvard, em dívida para com todos os tipos de dinheiro antigo e novo, para com mercadorias e retalho, para com o Harriman e o Weinberg: uma síntese americana que jamais ocorrera antes, e que abria o caminho para certas possibilidades grandiosas — todas elas agrupadas sob o termo «controlo», que parecia ser uma palavra em código privativo — mais em linha com as aspirações de Bland e de outros. Um ano depois, o Bland juntou-se ao Conselho de Assessoria Negocial na dependência do Swope da General Electric, cujas ideias sobre as questões de «controlo» eram próximas das de Walter Rathenau, da GE Alemã. Fosse o que fosse que o aparelho do Swope fazia, fazia-o em segredo. Ninguém podia ver os ficheiros. O Bland também não iria contar a ninguém.

Tornara-se amigalhaço, após a Primeira Guerra Mundial, do gabinete de Custódia da Propriedade Alheia. A função deles consistia em se descartarem dos interesses Alemães confiscados nos EUA. Estava envolvido aí imenso dinheiro do Midwest, e foi isso que arrastou o Bland para a Grande Dificuldade do Pinball, e daí para os Maçons. Parece que através de qualquer coisa chamada a Fundação Química — naquele tempo os nomes de encobrimento não tinham estilo nenhum — o CPA vendera ao Bland algumas das primeiras patentes do Laszlo Jamf, bem como a filial nos EUA da Tintas & Corantes Glitherius, uma firma de Berlim. Alguns anos depois, em 1925, enquanto ia sendo estruturada, a IG voltara a comprar 50% da Glitherius Americana ao Bland, o qual estava a usar a sua participação nela como empresa detentora de patentes. Bland obteve dinheiro, títulos de crédito e uma posição de controlo numa subsidiária da Glitherius em Berlim que era gerida por um Judeu chamado Pflaumbaum, simsim, o mesmo Pflaumbaum para o qual o Franz Pökler trabalhara até o local ter ardido e o Pökler ter voltado às ruas. (Com efeito, houve quem tivesse visto a mão do Bland nesse desastre, embora

o Judeu tivesse arcado com as culpas, sido fodido pelos tribunais, arrrestado até ir à falência, e, na plenitude do tempo, enviado para leste juntamente com muitos outros da sua raça. Também teríamos de demonstrar alguma interligação entre o Bland e as pessoas da distribuição de filmes da Ufa que enviaram o Pökler com os seus cartazes de anúncio até Reinickendorf naquela noite, para o seu fatídico encontro com o Kurt Mondaugen e o Verein für Raumschiffarth — para nem mencionar as conexões *separadas* quanto a Achtfaden, Närrisch, e as outras pessoas do S-Gerät — até termos uma estrutura paranóica digna desse nome. Infelizmente, o estado da arte em 1945 nem de perto se adequava a esse tipo de obtenção de dados. Ainda que assim fosse, o Bland, ou os seus sucessores e mandatários, poderia ter adquirido carradas de programadores que fossem até lá e garantissem que toda a informação dali saída seria inofensiva. Pessoas como o Slothrop, com o maior interesse na descoberta da verdade, eram atiradas para sonhos, clarões psíquicos, augúrios, criptografias, epistemologias das drogas, todas dançando num chão de terror, contradição, absurdez.)

Após o incêndio do Pflaumbaum, as linhas de poder entre Bland e os seus colegas Alemães tiveram de ser renegociadas. Isso arrastou-se por alguns anos. O Bland achou-se na St. Louis da Depressão, a conversar com um tal Alfonso Tracy, Princeton '06, Clube de Campo de St. Louis, avançando para a petroquímica em grande estilo, a Sra. Tracy entrando e saindo em casa com peças de pano e braçadas de flores, preparando-se para o Baile do Profeta Velado desse ano, o próprio Tracy preocupado com a aparência de alguns indivíduos vindos de Chicago com uns vistosos fatos às riscas, sapatos de duas cores e chapéus fedora de aba revirada, todos eles falando com uma pronúncia tão sincopada quanto uma Thompson.

«Oh, estou mesmo a precisar de um bom homem de electrónica», queixava-se Tracy. «O que se há-de fazer com estes azeiteiros? Todo o carregamento estava em mau estado, e agora não mo querem receber de volta. Se eu pisar o risco, matam-me. Violam a Mabel, vão até Princeton numa qualquer noite escura e-e *castram* o meu filho! Sabe o que eu acho que isto é, Lyle? Uma *conspiração!*»

Vendetas, luvas com jóias, subtils venenos se vêm infiltrar nesta bem amaneirada saleta que tem o retrato do Herbert Hoover em cima do piano, os rosados da taça Nieman-Marcus, as mobílias em estilo Bauhaus que parecem lajes de alabastro de uma cidade-modelo (seriam de esperar que pequenos comboios em escala HO surgissem a roncar por baixo do sofá, vagões-cisterna e vagões frigoríficos progredindo sobre as planícies cor de cinza da tapeçaria...). O longo rosto de Alfonso Tracy, vincado de ambos os lados do nariz e ao redor da linha do bigode, descaído pelas preocupações, trinta anos sem um sorriso genuíno («Já nem sequer o Laurel e Hardy dão resultado comigo!»), rabugento de medo no seu cadeirão. Como poderia Lyle Bland não ficar comovido?

«Tenho o fulano indicado», diz-lhe ele, tocando no braço da Tracy, compassivo. É sempre bom ter-se um engenheiro ao serviço. Este aqui concebera em tempos umas vigilâncias electrónicas de alta gama para o então ainda titubeante FBI, num contrato que o Instituto Bland conseguira alguns anos antes e subadjudicara em parte à Siemens lá na Alemanha. «Meto-o amanhã no Silver Streak. Não há problema, Al.»

«Vamos até lá dar uma vista de olhos», suspira a Tracy. Saltam para dentro do Packard e vão até à pequena e verde vila ribeirinha de Mouthorgan, no Missouri, que é uma estação ferroviária, uma fábrica de curtumes, algumas casas enquadrando-as e, dominando a área, um gigantesco salão Maçónico, sem uma única janela em todo aquele monólito maciço.

Após imenso palavreado à porta, o Bland é finalmente autorizado a entrar e conduzido por aveludadas salas de bilhar, elaborados cenários de jogo em madeiras polidas, bares cromados, amenos quartos de dormir, até uma ampla secção de armazém nas traseiras que está apinhada até lá acima com mais máquinas de pinball do que as que o Bland jamais viu em algum sítio em toda a sua *vida*, Oh Boys, Grand Slams, World Series, Lucky Lindies até onde a vista alcança.

«E todas elas estão fodidas», diz o melancólico Tracy. «Olhe para isto.» É uma Folies-Bergères: quatro beldades coloridas dançando o cancã ao longo de toda ela, coincidindo por acaso os zeros com os olhos, mamilos e conas, um dos jogos picantes que por aqui há,

um pouco hostil para com as senhoras mas só por brincadeira! «Tem uma moeda?» *Chungg*, boing lá vai a bola que falha à justa um buraco de alta pontuação, hmmm parece que há ali um desvio permanente *ahnnnggghk* derruba uma tabela que vale 1000 mas só se acendem 50 no marcador — «Está a ver?» Tracy grita quando a bola cai para baixo como uma pedra, mas ela ressalta e apanha-a com uma das barbatanas *zong* a barbatana abarbata mas para o lado errado foda-se e, no quadro, acende-se FALTA.

«Falta?» O Bland coçando a sua cabeça. «Mas você nem sequer —»

«Estão todas assim», o Tracy lacrimejando de frustração. «Experiente você.»

A segunda bola ainda nem sequer saiu da zona de lançamento quando Bland recebe mais uma FALTA, de novo sem que lhe tenha aplicado qualquer encontrão. A terceira bola fica *entalada* algures contra um solenóide e (socorrosocorro, está ela a gritar, com uma vozinha aguda e magoada, oh estou a ser *electrocutada...*) dingdingding, gongos e números a correrem no marcador, 400 000, 675 000 *bong* um milhão! a maior pontuação da história na Folies-Bergères e continua a subir, a pobre alma esférica apertada contra o solenóide, clónica, horrenda (sim elas são mesmo sencientes, seres do planetóide Katspiel, de órbita muitomuito elíptica — o que significa que só passou pela Terra uma vez, há muito tempo, quase na Aresta granulosa e crepuscular, e ninguém sabe onde está o Katspiel agora nem quando, nem se, regressará ele. É aquela familiar divisão entre retorno e visita única. Se o Katspiel teve suficiente energia para deixar o campo do sol para sempre, então abandonou estes ternos seres redondos em exílio eterno, sem hipótese alguma de virem a ser recolhidos e levados para casa, condenados a mascararem-se de esferas de rolamientos, de bolas de aço em mil jogos de berlinde — a conhacerem os grandes polegares de Keokuk e Puyallup, Oyster Bay, Inglewood — Danny d'Allesandro e Elmer Ferguson, Peewee Brennan e Flash Womack... onde estão eles agora? onde pensais vós que estejam? todos eles foram recrutados, alguns morreram em Iwo, alguns gangrenados na neve da floresta das Ardenas, e os polegares deles, primeira inspecção de espingardas na Instrução, transformado em GI, levado

de novo ao fundo da infância enquanto o suado dedo mindinho se solta do manípulo da M-1, polegar a empurrar a seguinte ainda profundamente enfiado na câmara, cchhOQUE! da culatra, abanando o dedo oh merda sim dói muito e adeus a mais um imbatível e lendário polegar, regressado de vez à poeira estival, sacos de vidro chocalhante, cães-de-faro basset com grandes patas, cheiro a escorregas de aço em parque infantil aquecendo ao sol), bom aí vêm agora as tais raparigas do cancã, ménades das Folies-Bergères, abeirando-se para a matança, grandes sorrisos de batom ao redor de fulgurantes dentuças, algum galope do Offenbach brotando agora gingante dos altifalantes que estão implícitos no desenho desta máquina, longas pernas ajarretadas pontapeando acima da agonia desta triste, esférica e permanente Ausência Sem Licença, todos os seus companheiros de queda vibrando sua preocupação e amor, sentindo-lhe a dor mas impotentes, inertes sem a mola, a mão do manobrista, os problemas de masculinidade do bêbedo, as horas vagas de um boné cinzento e de uma marmita vazia, precisando destes para seguirem os seus próprios padrões entre as altaneiras bobinas, os fundos buracos com as suas promessas de descanso que somente vos sacodem vacilantes para longe outra vez, sempre à mercê da gravidade, descobrindo de vez em quando os sulcos infinitesimalmente definidos de outras corridas, grandes corridas (doze heróicos minutos em Virginia Beach, no 4 de Julho, em 1927, um marinheiro bêbedo cujo navio se afundou no Golfo de Leyte... atirada para o alto por cima do tabuleiro, a tua primeira viagem tridimensional é sempre a melhor, quando tornaste a descer não era a mesma coisa, e sempre que passavas algures ali perto da microcova que fizeste ao cair, tinhas um afluxo... mais sóbrios, alguns, tendo olhado para o coração do solenoide, visto a serpente magnética e a energia na sua nudez, por tempo suficiente para serem mudados, para trazerem das contorcidas linhas de força ao fundo daquele fosso uma intimidade com o poder, com lustrosos territórios desolados da alma, que os apartava para sempre — vede o retrato de Michael Faraday na Tate Gallery em Londres, o Lérido Mucker-Maffick fê-lo certa vez, para preencher uma tarde sem mulheres e modorrenta, e pensou então como os olhos dos homens se podiam tornar tão cintilantes, sinistros, tão educados entre os corredores de medo e o invisível...) mas agora as vozes das coquettes que

testemunham o crime tornam-se mais agudas, mais afiadas, a música muda de tom, subindo mais e mais alto, as nádegas de folhos balouçam-se para trás mais violentamente, as saias alçam-se cada vez mais vermelhas e mais profundas, abrangendo maior campo, redemoinhando em sangue, em final de fornalha, e como é que o Miúdo do Katspiel se vai safar desta?

Bom, quem haveria de dizer, logo quando as coisas pareciam correr pior, a Providência planta um curto-circuito — *statastah!* as luzes apagam-se deixando um esmorecente luzimento vermelho nas faces e queixos barbeados dos dois operadores que se aninham perante a destruidora dança ventral das raparigas, o solenoíde estremece e cala-se, a bola cromada, liberta, rebola traumatizada de volta para o conforto das suas amigas.

«Elas estão *todas* assim?»

«Oh, fui levado», resmunga o Alfonso Tracy.

«Isto vai e vem», consola-o Bland, e aqui temos uma retoma do «Dias Radiosos para o Mercado Negro» do Gerhardt von Göll, com ajustamentos de tempo, lugar e cor:

Haverá sem-pre — mais um dólar,
Seja lá co-mo for!
Se t'apanharem em tor-por,
Acorda com, o orvalho na erva
E livra-te dessa gente que t'enerva —
Podes ganhar outro dólar,
Terceiro olho no alto daquela pi-râ-mide,
Dá-lhe ouvidos, que ela não t'in-timide,
Está só a piscar-te'um olho p'ra diante, cantando, «Força avante!»

Quando se quer, lá se porfia,
Não acontece, a cada dia,
S'o miolo te der apoio, aquele nocturno comboio
Jamais soprará teus sonhos por felonía, qu'agonia —

Atira ao ar outro dólar,
Cara ou coroa isso não falha,
Podes perder a batalha, mas
Aquel'adorável Guerra lá vai andando, já sabes como é,
Basta seguires esse dólar e ó-la-ri-ló-lé!

Todos os jogadores de fundo com largas calças, soldados de infantaria em caqui, bailarinas de cancã agora sedadas, beldades banhistas mais ainda, vaqueiros e Índios de loja de charutos, negros de olhos esbugalhados, garotos de carroça de maçãs, lagartos de bar e rainhas do cinema, batoteiros das cartas, palhaços, bêbedos de olhos vesgos em candeeiros de rua, ases da aviação, comandantes de lanchas motorizadas, caçadores brancos em safari e macacos Negróides, homens gordos, chefes de cozinha com seus barretes, usurários Judeus, saloios abraçados a garrafões que dizem XXX, gatos cães e ratos dos livros aos quadradinhos, lutadores premiados e montanhistas, estrelas da rádio, anões, tarados do dez-para-um, vagabundos de via-férrea, bailarinos maratonistas, bandas de swing, convivas da alta sociedade, cavalos e jockeys de corrida, bailarinas de aluguer, condutores de Indianapolis, marinheiros em terra e mulheres da Polinésia com saias de hula, vigorosos corredores Olímpicos, magnatas segurando grandes sacos redondos com cifrões, todos eles se juntam para um segundo grande coro da canção, todos os tabuleiros das máquinas de pinball acendendo-se e apagando-se, cores primárias com um toque de ácido, barbatanas a abarbatarem, campainhas a tocarem, moedas jorrando para fora dos mealheiros das mais entusiásticas, cada som e movimento exactamente no sítio devido dentro do complexo.

No exterior do templo, os representantes da organização vindos de Chicago acoitam-se, jogam à morra, bebem mistelas Canadianas por frascos de bolso prateados, oleiam e limpam .38s e de um modo geral comportam-se de acordo com os seus abomináveis costumes étnicos, imperscrutabilidade papal em cada ruga afilada e queixada sombria. Não há maneira de saber se algures nos arquivadores de madeira existe algum conjunto de planos autênticos que mostrem exactamente como foi remontada a cablagem destas máquinas — uma casualidade deliberadamente simulada — ou se isso aconteceu verdadeiramente por acaso, preservando pelo menos a nossa fé na Avaria como algo que continua para além do alcance d'Eles... uma fé em que cada máquina, individualmente, tenha apenas, com toda

a inocência, deixado de funcionar, após os milhares de noites em estabelecimentos à beira da estrada, trovoadas do fim-do-mundo no Wyoming que se abatem directamente sobre a nossa cabeça sem chapéu, anfetaminas de paragem de camiões, fumo de tabaco que se apega ao interior das pálpebras, apalpões homicidas após alguma saída para fora da merda que jamais abranda durante o ano inteiro... trazerem-se jogadores sempre estranhos, separadamente, sozinhos, para cada uma destas máquinas? podeis crer: eles suaram, pontapearam, gritaram, bateram, perderam para sempre o seu equilíbrio — uma única Mobilidade que jamais ouvistes, uma unidade inconsciente de si mesma, um silêncio que as histórias de enciclopédia encheram insipidamente de agências, iniciais, porta-vozes e défices suficientes para nos impedirem de tornar a encontrá-los... mas de momento, através da elaborada fanfarronice teatral de Máfia e Maçons, isso concentrou-se aqui, nas traseiras do templo de Mouthorgan, um elegante caos para vergar a ingenuidade do especialista em compras de Bland, o Bert Fibel de Prateadas Estrias.

Na última vez que soubemos do Fibel ele andava a apanhar, a esticar, e a enrolar cordões elásticos para aquele Horst Achtfaden ainda nos seus tempos de voos planados, Fibel que ficara no solo, e viu o seu amigo ir para Peenemünde — *viu-o ir?* não será isso um bocado de paranóia a mais aqui, não *inteiramente* justificada ainda por cima — bom, chamai-lhe Para um Caso Sobre o Envolvimento de Bland com Achtfaden Também, se quiserdes. O Fibel trabalhava para a Siemens quando esta ainda fazia parte do consórcio do Stinnes. Para além do seu trabalho de concepção, ele também gastava algum tempo como agente de informações do Stinnes. Também ainda há lealdades para com a Vereinigte Stahlwerke em curso, embora o Fibel esteja agora a trabalhar na fábrica da General Electric em Pittsfield, no Massachusetts. É do interesse de Bland ter um agente nos Berkshires, conseguis adivinhar porquê? Isso! para manter debaixo de olho o adolescente Tyrone Slothrop, eis porquê. Quase dez anos após se haver fechado o negócio original, a IG Farben continua a achar mais fácil subcontratar a vigilância do jovem Tyrone ao Lyle Bland.

Este kraut com cara de pedra chamado Fibel é um génio com solenóides e interruptores. Como terá toda esta maquinaria «perdido

a cola», como se diz por aqui, é um péssimo desperdício de tempo pensar-se sequer nisso — ele mergulha nas tipologias e nos códigos de cores, o odor do fluxo de resina vai infiltrar-se nas salas de bilhar e nos salões, um Schnipsel aqui e além, um ou dois *also* murmurados, e antes que se dê por isso já ele pôs a maior parte delas a funcionar de novo. Podeis apostar que há muitos Maçons contentes em Mout-horgan, Missouri.

Em recompensa pela sua boa acção, o Lyle Bland, que não se preocupa nada com isso, é tornado Maçon. Encontra bom compa-nheirismo, todos os tipos de confortos concebidos para lhe recordar a sua virilidade, e até uma quantidade de úteis contactos de negócios. Para além disso, é tudo tão rigoroso como naquele Conselho de As-sessoria Negocial. Os não-Maçons ficam praticamente às escuras a respeito d'O Que Se Passa, embora de vez em quando alguma coi-sa salte cá para fora, se exponha, torne a saltar lá para dentro a rir-se, deixando-nos com poucos pormenores mas com imensas Suspeitas Terríveis. Alguns dos Pais Fundadores Americanos eram Maçons, por exemplo. Há por aí uma teoria de que os E.U.A. eram e conti-nuam a ser uma gigantesca conspiração Maçónica sob o controlo derradeiro do grupo conhecido como os Illuminati. É difícil olhar durante muito tempo para o estranho olho único no cimo da pirâmi-de que se encontra em qualquer nota de dólar sem começar a acredi-tar na história, um pouco. Demasiados anarquistas da Europa do sé-culo xix — Bakunine, Proudhon, Salverio Friscia — eram Maçons para que isso seja puro acaso. Os amantes da conspiração global, nem todos eles Católicos, podem contar com os Maçons para alguns bons calafrios e vacuidades quando tudo o mais falhar. Uma das me-lhores entre as clássicas Estranhas Histórias Maçónicas diz que o Doutor Livingstone (pedra viva? oh, sim) foi ter a uma aldeia de nativos, nem sequer no coração, mas no *subconsciente* da África Mais Negra, um local, uma tribo que ele nunca antes vira: lumes no silên-cio, olhares insondáveis, o Livingstone vai andando até ao chefe da aldeia e faz-lhe um sinal Maçónico — o chefe reconhece-o, *retribui-lo*, todo sorrisos, e ordena que se ofereça a mais fraterna hospitali-dade ao forasteiro branco. Mas lembrai-vos de que o Dr. Living-stone, tal como Wernher von Braun, nascera perto do Equinócio de

Primavera, e tinha portanto de se confrontar com o mundo desde o mais singular dos singulares pontos do Zodíaco... Bom, e não esqueçais de onde tinham vindo inicialmente esses Mistérios Maçónicos. (Ide verificar o Ishmael Reed. Ele sabe mais acerca disso do que jamais encontrareis aqui.)

Nunca deveremos esquecer também o famoso Maçon do Missouri Harry Truman: sentado em virtude de morte em serviço, neste mesmo Agosto de 1945, com o seu dedo de controlo pousado em cheio no clítoris atómico da Menina Enola Gay, preparando-se para fazer cócegas a 100 000 individuozinhos amarelos transformando-os naquilo que virá a cair como um fino depósito vaporizado de torremos encarquilhados sobre o fundido entulho da cidade deles no Mar Interior...

Quando Bland a eles aderiu, os Maçons já haviam degenerado há muito, muito tempo, em mais um clube de homens de negócios. Uma autêntica vergonha. Negócios de todos os tipos, ao longo dos séculos, haviam atrofiado certos receptores sensoriais e áreas do cérebro humano, a tal ponto que para a maioria dos companheiros que neles tomavam parte, os rituais do presente não eram mais, e talvez até um pouco menos, do que uma ridicularia sem sentido. Não para *todos* eles, porém. De vez em quando, encontrava-se um tipo recorrente. Lyle Bland parecia sê-lo.

A magia desses rituais Maçónicos é muito, muito antiga. E nessa época, aquilo *funcionava*. À medida que o tempo foi decorrendo, e eles passaram a ser usados para espectáculo, para consolidarem o que eram meras aparências seculares de poder, começaram a perder o seu vigor. Mas as palavras, gestos e maquinaria foram mais ou menos transmitidos fielmente ao longo dos milénios, por entre a lúgubre racionalização do Mundo, e portanto a magia ainda lá está, embora latente, precisando apenas de atingir a devida cabeça sensível para se reafirmar.

O Bland deu por si a voltar para casa em Beacon Hill após reuniões ao fim da noite, sem conseguir adormecer. Ficava deitado no seu estúdio em cima do sofá, sem pensar em nada de particular, e voltava a si em sobressalto, o coração a latejar-lhe terrivelmente, sabendo que acabara de estar *algures*, mas sem conseguir justificar

a passagem do tempo. O velho relógio em estilo Império Americano toava as badaladas no ressoante corredor. O espelho de Girândola, transmitido ao longo de gerações de Blands, recolhia imagens no seu lago estanhado que o Lyle não se resolvia a enfrentar. Num outro quarto, a esposa dele, varicosa e religiosa, gemia durante o sono. O que estava a suceder-lhe?

Na noite da reunião seguinte, regressado a casa e ao seu costumeiro sofá, o *Wall Street Journal* sem nada que ele não soubesse já, Lyle Bland ergueu-se do seu corpo, uns trinta centímetros, de cara para cima, percebeu onde estava e gaahh! *whoosh* voltou lá para dentro outra vez. Ficou ali, mais aterrorizado do que jamais estivera, mesmo no Bosque de Belleau — não tanto por ter saído do seu corpo, mas por saber que aquilo era somente um *primeiro passo*. O passo seguinte seria rebolar em pleno ar e olhar para trás. A magia antiga havia-o encontrado. Ele embarcara numa viagem. Sabia que não poderia deixar de seguir nela.

Demorou um mês ou dois até conseguir efectuar a viragem. Quando isso aconteceu, sentiu-a não tanto como uma viragem no espaço mas na sua própria história. Irreversível. O Bland que tornou a juntar-se ao inerte contentor branco que ele vira de barriga para cima no sofá, milhares de anos abaixo de si, mudara para sempre.

Não tardou que ele andasse a passar a maior parte do seu tempo naquele sofá, e quase nenhum lá na State Street. A esposa dele, que nunca punha nada em causa, movia-se vagamente pelos quartos, discutindo somente assuntos domésticos, obtendo por vezes uma resposta caso Bland estivesse dentro do seu corpo, mas na maioria delas não. Pessoas de ar estranho começaram a aparecer à porta, sem telefonarem. Gente desagradável, estrangeiros com pele oleosa e morena, borbulhas, inflamações, quistos, respirações asmáticas, dentes estragados, coxos, de olhar fixo ou — pior — com Estranhos Sorrisos Longínquos. Ela deixava-os entrar em casa, a todos, e as portas do estúdio eram fechadas gentilmente atrás deles, na cara dela. Ela não conseguia ouvir nada além de um murmúrio de vozes, naquilo que supunha ser alguma língua estrangeira. Eles estavam a instruir o marido dela nas técnicas de viagem.

Já sucederam, embora raramente, no espaço geográfico, jornadas rumo ao norte em mares muito azuis, de um azul-fogo, enregelados,

apinhados de massas flutuantes, até às últimas muralhas de gelo. O nosso juízo cometia um lapso, fatalmente: prestávamos mais atenção aos Pearys e Nansens que regressavam — e pior, designávamos como «sucesso» o que eles faziam, embora falhassem. Por eles voltarem, voltarem à fama, ao elogio, falhavam. Só chorávamos por Sir John Franklin e Salomon Andrée: carpíamos-lhes os memoriais e os ossos, e perdíamos entre os pobres despojos gelados os anúncios da vitória deles. Quando já tínhamos tecnologia para tornar fáceis tais viagens, há muito havíamos desbaratado toda a capacidade para reconhecer a vitória ou a derrota.

O que encontrou Andrée no silêncio polar: o que deveríamos nós ter ouvido?

O Bland, ainda um aprendiz, não havia desistido do seu gosto pelas alucinações. Ele sabe onde está quando lá está, mas quando regressa, imagina que andou em viagem por debaixo da história: que a história é o espírito da Terra, e que há camadas, muito fundas, camadas de história análogas às camadas de carvão e de petróleo no corpo da Terra. Os estrangeiros sentam-se na saleta dele, sibilando por cima dele, deixando ofensivas películas de sebo em tudo o que tocam, tentando acompanhá-lo durante esta fase, claramente impacientes com aquilo que sentem ser os gostos de um indolente e de um vulgar. Quando regressa, ele fala delirantemente das presenças que por lá encontrou, membros de uma IG astral, cuja missão — como Rathenau dera deveras a entender através do médium de Peter Sachsa — está para além do bem e do mal seculares; distinções dessas não têm qualquer significado por lá...

«Siiim, siiim», todos olhando para ele, «mas então porquê continuar a dizer «espírito e corpo»? Porquê fazer tal distinção?»

Porque dificilmente se supera o deslumbramento de descobrir que a Terra é uma criatura viva, de após todos estes anos a pensar-se num grande e soturno penedo se descobrir um corpo e uma psique, ele sente-se de novo criança, ele sabe que em teoria não deve empenhar-se assim, mas apesar disso está apaixonado pelo seu sentimento de deslumbramento, por tê-lo encontrado outra vez, mesmo tão tardivamente, mesmo sabendo que dentro em pouco terá de abandoná-lo... Por descobrir que a Gravidade, tomada por tão certa, é na realidade algo de fantástico, de Messiânico, de extra-sensorial no espíritocorpo

da Terra... tendo abraçado no seu centro sagrado os detritos de espécies mortas, moléculas recolhidas, empacotadas, transmutadas, realinhadas e reentretecidas que serão levados de novo até lá acima pelos Cabalistas do alcatrão que estão do outro lado, aqueles que o Bland notou durante as suas viagens, tomados após fervidos, destrinçados, explicados até à mais ínfima permutação de magia útil, continuando a encontrar novas peças moleculares passados séculos após a exaustão, combinando-as e recombinando-as em novos sintéticos — «Esqueça-os, eles não são melhores que os Qlippoth, as cascas dos mortos, você não deve desperdiçar o seu tempo com eles...»

Nós os restantes, não escolhidos para a iluminação, deixados no exterior da Terra, à mercê de uma Gravidade que ainda somente começámos a aprender como detectar e medir, temos de continuar a andar aos tropeços dentro da nossa fé de cérebro frontal nas Korrespondências Kuriosas, esperando que para cada psi-sintético extraído da alma da Terra haja uma molécula, secular, mais ou menos vulgar e designada, por aqui — dando infindáveis pontapés em trivialidades de plástico, descobrindo em cada uma delas Significado Mais Profundo e tentando alinhá-las a todas como termos de uma série de potências que visam confluir na tremenda e secreta Função cujo nome, tal como os nomes permutados de Deus, se não pode proferir... palheta de saxofone em plástico *sons de timbre não-natural*, frasco de champô *imagem do ego*, prémio do Cracker Jack *diversão fortuita*, electrodoméstico *invólucro atraente para ventos de cognição*, biberões *tranquilização*, carne embalada *disfarce de mortandade*, sacos da limpeza a seco *estrangulamento de infantes*, mangueiras de jardim *alimentar interminavelmente o deserto*... mas juntá-los, na habilidosa persistência deles e na nossa preterição... fazer sentido a partir disso, encontrar a mais ínfima e íntima centelha de verdade em tanta replicação, em tanto desperdício...

Sorte a do Bland, libertar-se disso. Certa noite, ele chamou toda a sua família e reuniu-a ao redor do sofá no estúdio. O Lyle Jr. veio de Houston, tremendo nos primeiros estádios da gripe devido ao contacto com um mundo onde o ar condicionado não era tão essencial à vida. A Clara veio de carro desde Bennington e o Benny apanhou o MTA desde Cambridge. «Como vocês sabem», anunciou

o Bland, «ultimamente tenho andado a fazer umas viagens.» Ele tra-
java uma simples bata branca, e empunhava uma rosa vermelha. Não
parecia terrestre, como todos viriam mais tarde a concordar: a pele
e os olhos dele tinham uma claridade que raramente se encontra,
a não ser em certos dias primaveris, em certas latitudes, pouco antes
do alvorecer. «Descobri», continuou ele, «que de cada vez que saí, fui
viajando mais e mais longe. Esta noite, vou-me embora de vez. Ou
seja, não irei regressar. Por isso, quis despedir-me de todos vós, e in-
formar-vos de que ficareis providos.» Ele fora visitar o seu amigo
Coolidge («Quente») Short, da firma jurídica Salitieri, Poore, Nash,
De Brutus, e Short, na State Street, e certificara-se de que todas as fi-
nanças familiares estavam em perfeita ordem. «Quero que saibam
que vos amo a todos. Ficaria aqui se pudesse, mas tenho de ir. Espe-
ro que consigam compreender.»

Um a um, os membros da família vieram despedir-se. Abraços,
beijos, apertos de mão feitos, o Bland tornou a recostar-se no derra-
deiro abraço daquele sofá, fechou os olhos com um indistinto sorriso... Ao fim de pouco tempo, sentiu-se começar a subir. Quem o ob-
servou não concordava acerca do momento exacto. Cerca das 9:30,
o Buddy saiu para ir ver *A Noiva de Frankenstein*, e a Sra. Bland cobriu
o rosto sereno com um poeirento naperon de chintz presenteado
por um primo que nunca compreendera o gosto dela.



Uma noite ventosa. As tampas das latas governamentais resto-
lham sobre o terreiro da parada. As sentinelas na sua ociosidade es-
tão a treinar como apresentar armas à Rainha Anne. Por vezes, vêm
rabanadas de vento que abanam os jipes sobre as suas molas, até os
vazios camiões de duas toneladas e meia e as camionetas civis de cai-
xa aberta — os amortecedores gemem, profundamente, em descon-
forto... nos picos do vento, movem-se pinheiros vivos, alinhados por
cima da última queda de areia para o Mar do Norte...

Caminhando num passo rápido, mas dessincronizado, pelos es-
paços cheios de cicatrizes de camiões desta velha fábrica da Krupp,

os Doutores Muffage e Spontoon parecem tudo menos conspiradores. Tomamo-los imediatamente pelo que parecem ser: uma minúscula testa de ponte da respeitabilidade Londrina aqui na anoitecida Cuxhaven — turistas nesta semicivilizada colónia de sulfamidas sacudidas sobre as nascentes de sangue, de injectores e torniquetes, Oficiais Médicos viciados, enfermeiros sádicos, uma colónia onde eles foram poupadados por toda a Duração, afortunadamente, estando o irmão do Muffage altamente colocado num certo Ministério, tendo o Spontoon sido tecnicamente desqualificado devido a um estranho estigma histérico, em forma de ás de espadas e quase da mesma cor, que lhe aparecia na bochecha esquerda em momentos de grande tensão, acompanhado de severas enxaquecas. Ainda há poucos meses eles se sentiam tão plenamente mobilizados como qualquer outro civil Britânico e, por conseguinte, atreitos à maior parte das exigências do Governo. Quanto à presente missão, porém, ambos estão agora embrenhados em reflexões de tempo de paz. Como a história passa rapidamente hoje em dia.

«Nem consigo perceber porque nos pediu ele *a nós*», o Muffage cofiando a sua plena barba Imperial (um gesto que só consegue parecer compulsivo), falando numa voz porventura demasiado melodiosa para um homem do seu vulto, «ele deve *saber* que já não trato de um caso destes desde '27.»

«Eu assisti em alguns enquanto estava a fazer o internato», recorda o Spontoon. «Foi durante a grande voga que eles tiveram nas instituições mentais, sabes.»

«Posso dizer-te o nome de algumas Instituições Nacionais onde ainda continua em voga.» Os médicos partilham uma gargalhada, cheia daquele Weltschmerz Britânico que tem um aspecto tão desconfortável nos rostos dos aflitos. «Nesse caso, ouve cá, Spontoon, o melhor seria tu assistires-me a mim, será isso?»

«Oh, tanto faz, tu sabes como é. Quero dizer, não é que estivesse lá presente um fulano com um *livro*, sabes, a assentar tudo.»

«Eu não teria tanta certeza. Não estavas a ouvir? Tu não notaste nada de...»

«Entusiástico.»

«Obsessivo. Fico a pensar se o Pointsman não andará a perder-lhe o jeito», soando aqui notavelmente como o James Mason: «Peeu-deuu(?) lho xeito.»

Estão agora a olhar um para o outro, distintas paisagens nocturnas de barracões Marston e de veículos estacionados desfilando obscuramente em simultâneo por detrás de cada rosto. O vento transporta cheiros a maresia, a praia, a petróleo. Um rádio distante sintonizado no Programa das Forças Gerais apresenta Sandy MacPherson no Órgão.

«Oh, todos nós...» começa a dizer Spontoon, mas deixa-se ficar.
«Cá estamos.»

O gabinete iluminado está enfeitado com garotas das Raparigas do Petty que têm lábios carmins e pernas de salsicha. Um pote de café silva a um canto. Há também um cheiro a graxa rançosa. Um cabo está sentado com os pés em cima de uma mesa, absorto num livro aos quadradinhos do Bugs Bunny Americano.

«Slothrop», em resposta à pergunta do Muffage, «sim sim o Ianque do, do fato de porco. Bom, ele anda sempre a entrar e a sair. Completamente doido. Então e vocês são o quê, do MI6 ou isso?»

«Não podemos dizer», atalha Spontoon. Imagina-se um pouco como um Nayland Smith, aqui o Spontoon. «Saberá onde podemos encontrar um tal General Wivern?»

«A esta hora da noite? No depósito do álcool, muito provavelmente. Sigam os caminhos, dirijam-se para onde ouvirem barulho. Se eu não estivesse em serviço, também iria até lá.»

«Fato de porco», diz Muffage com uma careta.

«Um raio dum fato de porco enorme, amarelo, cor-de-rosa e azul, juro por tudo», responde o cabo. «Logo que o vir reconhece-o. Nenhum dos cavalheiros terá algum cigarro, por acaso.»

Sons de pândega chegam até eles enquanto arrastam os pés pelos caminhos, passando por triplos apartamentos abandonados e por camiões-cisterna. «Depósito do álcool.»

«Combustível para os foguetes Nazis deles, pelo que me disseram. Se alguma vez conseguirem pôr algum a funcionar.»

Sob um frio chapéu-de-chuva de lâmpadas despidas está reunida uma turba de pessoal do Exército, marinheiros Americanos, raparigas da NAAFI e fräuleins Alemãs. Confraternizando, todos e cada

um deles, desavergonhadamente, entre um ruído que se transforma, quando Muffage e Spontoon se abeiram do ajuntamento, numa canção em cujo centro, com o nariz bem empinado, cada braço enfiado numa sorridente e despenteada garota giraça, rosto corado sob estas luzes que se tornaram de um malva apopléctico e liderando a folia, está o mesmo General Wivern que eles viram pela última vez no escritório do Pointsman lá na Décima Segunda Casa. De um camião-cisterna cujo conteúdo, etanol, solução a 75%, está anunciado em destacadas letras brancas estampadas no seu flanco, projectam-se torneiras aqui e além, por baixo das quais uma incrível quantidade de canecas da messe, chávenas de porcelana, cafeteiras, caixotes de lixo e outros contentores são avançados e retirados. Ukuleles, kazoos, harmónicas e toda uma variedade de improvisados objectos metálicos ruidosos acompanham a cantiga, que é uma inocente saudação ao Pós-Guerra, uma esperança de que o fim das carências, o fim da Austeridade esteja próximo:

É —

Tempo d'encher a boca!

Tempo d'encher a boca!

Tempo d'abrir a porta do frigorífico —

Oh sim é

Tempo d'encher a boca,

Tempo d'encher a boca,

Logo que comeres algum, vem buscar mais, é beatífico!

Ah, tempo d'encher a boca,

Tempo d'encher a boca!

É cois'antiga, mas de novo ela aqui ve-e-em —

A vida é mesmo louca,

Em tempo d'encher a boca —

Esperemos que vossas bocas s'encham tambééémm!

O próximo coro é de soldados e marinheiros, todos juntos durante os primeiros oito compassos, raparigas nos segundos, cantando o General Wivern os oito seguintes a solo, e *tutti* para terminar. Vem a seguir um coral de ukuleles e kazoos e assim por diante enquanto

toda a gente dança, lenços de pescoço negros saltitando como os bigodes de vilões epilépticos, delicadas fitas soltando-se para permitirem que extraviadas madeixas de cabelo se escapem de seus apertados rolos, bainhas de saias erguidas para exporem reluzentes joelhos e combinações debruadas com rendas de Cluny anteriores à guerra num frágil esvoaçar de enfumaradas asas de morcego aqui por baixo da electricidade branca... no coro final, os rapazes circulam no sentido do relógio, as raparigas ao contrário, o conjunto abre-se num padrão de rosa, do meio da qual o ébrio General Wivern, que sorri dissolutamente, caneco em riste, é brevemente alçado, como um estame erecto.

Praticamente o único que não está aqui a participar, para além dos dois cirurgiões deambulantes, é o Marinheiro Bodine, que deixámos, como vos lembrais, em serviço no interior da banheira da casa do Säure Bummer em Berlim. Imppecável hoje à noite em brancos de gala, de rosto sério e sóbrio, ele abre caminho entre os foliões, pelos espessos brotando-lhe das mangas e do decote em V da blusa, em quantidade tal que na semana passada ele assustou e perdeu um contacto acabado de chegar do teatro CBI com perto de uma tonelada de bhang, o qual o confundiu com uma versão marítima do lendário *yeti* ou abominável homem das neves. Para compensar parte do que perdeu com isso, o Bodine está esta noite a promover o Primeiro Combate Internacional de Garfos de Bolo, entre o seu colega de navio Avery Purfle e um Comando Inglês chamado St. John Bladdery. «Façam as vossas apostas, sim sim as probabilidades são iguais, 50/50», anuncia o aprazível croupier Bodine, acotovelando os corpos acumulados, muitos deles longe da verticalidade, uma mão hirsuta empunhando um maço de notas da ocupação. Com a outra, de tempos a tempos, puxa a grande gola da sua blusa desde lá atrás e assoa-se a ela, ilhós na ilharga da sua camisola interior a cintilarem, lâmpadas a dançarem lá em cima com o vento que ele levantou, as diversas sombras dele próprio espalhando-se em todas as direcções e confundindo-se com as outras.

«Então olá, pascácio, precisas de um opiáceo?» Minúsculos olhos vermelhos num vasto rosto de gelatina cor-de-rosa e um sorriso avaro. É Albert Krypton, candidato a enfermeiro de bordo do U.S.S.

John E. Badass, que agora retira do interior de um bolso secreto da blusa um frasquinho de vidro cheio de comprimidos brancos. «Codeína, Jackson, é excelente — toma lá.»

O Bodine espirra violentamente e limpa o ranho à manga. «Não para quem anda com o raio de uma constipação, Krypton. Obrigado. Viste o Avery?»

«Ele está em grande forma. Estava a fazer uns treinos de última hora no fundo do porão quando vim para cá.»

«Ouve cá, velho amigo», começa a dizer o empreendedor lobo-do-mar. Isso decifra-se como 3 onças de cocaína. Bodine avança algumas notas amachucadas. «À meia-noite, se puderes. Disse-lhe que ia ter com ele ao Putzi's a seguir ao combate.»

«Óptimo. Ouve, ultimamente tens espreitado por baixo das casernas?» Parece que os retornados do CBI se reúnem para jogarem ao berlinde com bolas de ópio. Caso se seja bom naquilo, podem ganhar-se centos delas. O Enfermeiro Krypton mete ao bolso o seu dinheiro e deixa o Bodine a flectir o polegar e a pensar no assunto, vai-se embora rejeitando apalpões, parando para beber de um invólucro de artilharia cheio de álcool de cereais e sumo de toranja, enquanto vai traficando uns comprimidos de codeína. Tem um breve episódio paranóico quando surgem dois PMs de capacetes vermelhos, brandindo os seus bastões e lançando-lhe, julga ele, uns olhares sugestivos. Esgueira-se para a noite, para longe dali, caminhando pela berma sob o céu escuro. Está quase a conseguir obter uma mistura proprietária conhecida como Azul Krypton, e trata-se portanto de uma frívola passagem pelo dispensário, não desprovida de momentos de profunda inattenção.

Lá dentro, o contacto dele, o Farmacêutico Birdbury, está a conduzir o último acto de *La Força del Destino* que vem crepitando pela Rádio Luxemburgo, e a cantar ao mesmo tempo. A boca dele fecha-se quando Krypton ali entra devagar. Com ele está aquilo que parece ser um porco gigantesco e multicolorido, a cobertura de pelúcia da sua fatiota já revirada aqui e além, o que alarga a possível gama das cores. «Microgramas», o Krypton abanando a sua cabeça dramaticamente, «é isso mesmo, microgramas, e não miligramas. Birdbury, dá-me qualquer coisa, tive uma sobredose.»

«*Cch.*» A testa alta do dispenseiro franze-se e desfranze-se com as entrecruzadas estrias operáticas. Krypton enfia-se entre as prateleiras e observa a sala iluminada através de um frasco de elixir paregórico até a ópera acabar. Regressa a tempo de ouvir o porco perguntar, «Bom para que outro sítio poderia ele ir?»

«Eu soube disso em terceira mão», o Birdbury pousando a hipodérmica que tem estado a usar como batuta. «Pergunte aqui ao Krypton, ele é que circula por aí.»

«Como estás, irmão», diz Albert, «vamos lá à inoculação.»

«Ouve dizer que o Springer deve aparecer por cá hoje à noite.»

«É a primeira vez que ouço tal coisa. Mas vai até ao Putzi's, é o melhor que tens a fazer. É lá que acontecem todo o tipo de coisas.»

O porco olha para um relógio na parede. «Tenho um horário esquisito hoje à noite, só isso.»

«Ouve cá, Krypton, está aí a chegar um manda-chuva do GOPE a qualquer momento, de maneira que fosse o que fosse, já sabes como é...» Põem-se a regatear a respeito das três onças de cocaína, o porco retira-se educadamente e põe-se a folhear um velho *News of the World*. Daí a pouco, atando os últimos frascos cheios de cristais à sua perna nua, o Krypton convida todos para o combate de garfos de bolo. «O Bodine já juntou dinheiro a sério, veio gente de toda a Zona —»

«O Marinheiro Bodine?» pergunta o espantado porco de pelúcia.

«O rei de Cuxhaven, Porky.»

«Bom uma vez fiz-lhe um serviço em Berlim. Diz-lhe que o Homem-Foguete manda cumprimentos.»

Krypton, calças boca-de-sino puxadas para cima, a abrir um dos frascos só para ver o que ele contém, detém-se, esbugalhando os olhos. «Estás a falar daquele *haxe*?»

«Pois.»

Krypton enfia uma grande dedada de flocos brancos nas narinas direita e esquerda. O mundo começa a clarificar-se. Ranho amargo começa a formar-se-lhe em teimoso nó ao fundo da garganta. A Recolha de Potsdam já faz parte do folclore da Zona. Estará este porco aqui a tentar tirar partido da glória do Homem-Foguete (de cuja existência o Krypton nunca teve inteira certeza)? Suspeitas de cocaína,

tão rasteiras e vis como ratazanas... frascos brilhantes de mil cores, vozes vindas da rádio, o pano e a textura da fofa fatiota do porco quando o Krypton estende a mão para a afagar... não, é claro que o porco não anda a investigar nada, não é um chui, não anda no negócio, nem quer vigarizar ninguém... «Só quis ver como era a sensação, sabes», diz-lhe o Krypton.

«Claro.» Agora a entrada da porta está subitamente cheia de capacetes vermelhos, couro e latões. Krypton fica muito quieto, o gar-galo aberto do frasco de cocaína numa mão.

«Slothrop?» o sargento que comanda avança para o meio da sala, mão apoiada na arma que traz à cintura. O porco olha para o Birdbury, que está a abanar a cabeça não, não fui eu, de um modo muito sincero.

«Também não fui eu», julga o Krypton dever mencionar.

«Bom alguém deu à língua», murmura o porco, parecendo realmente magoado.

«Atenção», sussurra o Albert. Para o PM: «Com licença», lançando-se direito ao interruptor na parede, que ele desliga, o Slothrop irrompendo logo por entre a gritaria para trás da secretaria do Birdbury *pumba* contra uma estante de medicamentos alta na qual a palha da sua barriga o faz ressaltar, mas que depois cai em cima de todos os restantes com um estupendo fragor de vidros e de gritos — seguindo daí para uma coxia escura como breu, braços estendidos para se orientar, até à saída das traseiras onde ele encontra o Krypton.

«Obrigado.»

«Depressa.»

Lá fora cortam para leste, em direcção ao Elba e às docas, batendo os pés, escorregando em poças de lama, tropeçando em sulcos de camiões, o vento soprando entre os Quonsets para lhes bater em cheio no rosto, cocaína caindo em pequenos salpicos brancos por baixo da boca-de-sino na perna esquerda de Krypton. Atrás deles o destacamento policial vem a gritar e a brandir luzes de lanternas, mas não parecem saber para onde eles foram. Óptimo. «Segue a estrada dos tijolos amarelos», trauteia o Albert Krypton, bem afinado, «segue a estrada dos tijolos amarelos», o que é isto, ele está mesmo, sim ele está a dar pulinhos...

Daí a pouco, esbaforidos, chegam ao molhe onde o *Badass* e a sua divisão, quatro leitões de um cinzento brumoso, estão amarrados, para procurarem o combate de garfos de bolo que está agora mesmo a ter lugar no centro de uma multidão ondulante, incitante, de bêbedos civis e militares. O rijo Avery Purfle, patilhas luzidias como pele de foca sob aquela luz pálida, maçã-de-adão subindo e descendo nuns nervosos quatro ou cinco ciclos por segundo, anda à roda do seu oponente, o sereno e bovino St. John Bladdery, ambos com garfos de bolo na posição de em-guarda, bicos afiados cintilando.

O Krypton esconde o Slothrop numa lata de lixo e vai à procura do Marinheiro Bodine. Após uma série de fintas curtas, resplandecentes, o Purfle acomete, rápido como um galo de combate. Com uma estocada por cima que o Bladdery tenta parar em terça, o Purfle fura a blusa do Comando e faz-lhe sangue. Mas quando tenta saltar para trás, parece que o previdente Bladdery pôs a sua bota de combate em cima do estreito sapato de gala do Americano, deixando-o pregado onde está.

O promotor Bodine e os seus dois combatentes são cristais ardentes de compenetração neste envenenado ajuntamento pardacento: uma boa metade da multidão está nos sopés da inconsciência, e os restantes não estão inteiramente certos do que esteja a passar-se. Alguns pensam que o Purfle e o Bladdery estão verdadeiramente fúriosos um com o outro. Outros sentem que aquilo deve ser tomado como comédia, e rir-se-ão em momentos impróprios. De vez em quando, surgirão ocasionais olhos matreiros no alto das superestruturas nocturnas dos navios de guerra, olhando, olhando...

Purfle e Bladdery lançaram ataques simultâneos e estão agora *corps à corps* — com um arranhar e um entrechocar os garfos de bolo ficam enganchados e os cotovelos, tensos e firmes. O resultado depende dos dotes do teso Purfle para a astúcia, já que o Bladdery parece pronto a manter a posição toda a noite.

«Está aqui o Homem-Foguete», o Krypton puxando a húmida e amachucada gola do Bodine, «vestido com um *fato de porco*.»

«Agora não, pá. Tu tens o, ah —»

«Mas mas a bôfia anda atrás dele, Bodine, onde podemos escondê-lo?»

«Não interessa, é um idiota qualquer, só isso. Um impostor. O Homem-Foguete não estaria *aqui*.»

Purple puxa o cabo do seu garfo de bolo para trás, inclina-se para o lado e torce a arma de maneira a manter-lhe os dentes enfiados na do Bladdery, desequilibrando o comando por tempo suficiente para conseguir retirar o pé, libertando depois os garfos com habilidade e dançando para longe. Bladdery recupera o equilíbrio e avança pesadamente em perseguição dele, abrindo caminho com uma série de golpes e seguidamente mudando o garfo para a outra mão e surpreendendo o Purple com uma cutilada que raspa o pescoço do marinheiro, falhando a jugular, mas não por muito. Escorre sangue para a blusa branca, negro sob estas lâmpadas de arco. Suor e frias sombras acoitam-se obscuramente nos sovacos dos homens. O Purple, tornado irrequieto pela dor, voa em direcção ao Bladdery, numa profusão de estocadas e cuteladas às cegas, o Bladdery quase nem precisa de mexer os pés, balouça dos joelhos para cima como um grande pudim bem assente, conseguindo por fim apanhar a mão com que o Purple empunha o garfo pelo pulso e torcer-lho, como se dançasse o jitterbug com uma rapariga, fazendo-o rodopiar à sua frente, o gume cortante do garfo dele agora levantado e encostado à maçã-de-adão do Purple, pronto a retalhar-lha. Olha para cima, em redor, arfando, suando, procurando algum locus de poder que lhe assinale com o polegar o que há-de fazer.

Nada: apenas sono, vomitado, tremuras, um espectral e florido odor a etanol, o sólido Bodine a cortar o seu dinheiro. Ninguém está realmente a ver. Ocorre então ao Bladdery e ao Purple em simultâneo, sintonizados um com o outro no gume afiado deste garfo de bolo e do esforço insignificante que será preciso para lhes encher de morte o seu mundo comum, que ninguém disse nada acerca de uma luta até ao fim, pois não? que cada um deles receberá parte da maquia ganhe quem ganhar, pelo que o mais sensato a fazer é pararem com aquilo agora, irem os dois incomodar o Bodine e procurarem uns pensos rápidos e alguma tintura de iodo. E mesmo assim mantêm-se no seu abraço, a Morte em toda a sua potência a trautear-lhes melodias românticas, repreendendo-os por serem uns homenzinhos moderados... *Chegaram até aqui e não vão mais longe, é isso? Vocês chamam a isso viver?*

Um carro da PM, buzina e sirena e luzes tudo a funcionar, aproxima-se. Com relutância, o Purfle e o Bladdery descontraem-se de facto, suspirando por bochechas inchadas, apartam-se. O Bodine, a três metros de distância, atira por cima das cabeças da multidão que acorda um gordo maço de notas que o Comando apanha, divide rapidamente e entrega metade ao Purfle, que já vai a caminho da prancha de embarque do seu sacana cinzento, o *John E. Badass*, onde os vigias do tombadilho de popa parecem mais animados, e até um jogo de cartas na lavandaria de bordo foi interrompido para toda a gente poder vir assistir à grande detenção. Os bêbedos em terra começam a andar à roda, vagarosamente e sem qualquer sentido de direcção. Detrás do pátio de luz eléctrica sai um corrupio de raparigas, arrepiadas, excitadas, descompostas, para mandarem o St. John Bladdery dali para fora a coberto de uma sintética em bonitos tons pastel e de uns guinchos amorosos. Bodine e Krypton, torcendo as ancas e praguejando enquanto abrem caminho por entre a multidão, tropeçando em accordados e adormecidos, param junto ao caixote para recolher o Slothrop, que se ergue de uma pilha de cascas de ovos, latas de cerveja, horrendas partes de galinhas num molho amarelado, borras de café e desperdícios de papel que se derramam ou soltam dele com fragor, levanta a sua máscara e diz um soridente olá ao Bodine.

«Homem-Foguete, grande merda, és mesmo tu. Que se passa, velho companheiro?»

«Fui denunciado, preciso de boleia até ao Putzi's.» Têm vindo a surgir camiões, para dentro de cujas sombras de lona os PMs começam a embarcar toda a gente que se mexa mais devagar do que eles. Agora dois civis, um deles com barba, investem pelo cais fora, berrando, «Um fato de porco, um fato de porco, ali, olhem» e «Você aí — o Slothrop — fique onde está.»

Nada disposto a isso, o Slothrop com grande clamor e estrépito rebola para fora do lixo e, correndo o mais que pode, segue o Bodine e o Krypton, gordura de galinha a soltar-se dele, cascas de ovos voando para trás de si. Uma messe ambulante ou camião-cantina da Cruz Vermelha está estacionado junto ao próximo ninho de contra-torpedeiros, a sua luz vertendo-se num rigoroso quadrado sobre

o asfalto, uma rapariga bonita com um penteado à Deanna Durbin recorta-se no interior contra pilhas de barras de caramelo, cigarros, sanduíches em forma de cunha embrulhadas em papel de cera.

«Café, rapazes?» sorri ela, «que tal umas sanduíches? Esta noite já vendemos todas menos as de presunto», depois ao ver Slothrop, «ai valha-me Deus, desculpe...»

«Chaves do camião», o Bodine mostrando um esgar à Cagney e uma pistola niquelada, «vá lá», puxando para trás o cão da arma.

Careta tesa, encolher de ombros enchumaçados. «Na ignição, Jackson.» Albert Krypton trepa para a parte de trás para lhe fazer companhia enquanto o Slothrop e o Bodine saltam para a da frente e se põem a caminho com uma apertada e guinchante inversão de marcha precisamente quando os civis chegam a correr.

«Mas quem raio serão aqueles», o Slothrop olhando para trás do lado de fora da janela e vendo as gritantes sombras deles diminuindo, «tu viste aquele passarão com um ar de espadas na bochecha?»

Bodine desvia-se ao passar pela confusão em redor do *John E. Badass* e mostra a todos o dedo que se impõe. Slothrop encosta-se para trás no assento, alça a máscara de porco como a viseira de um cavaleiro, estica-se para tirar um maço de cigarros do bolso da blusa do Bodine, acende um deles, fatigado, desejando poder simplesmente dormir... Atrás dele, a rapariga da Cruz Vermelha grita, «Meu Deus, o que é isso?»

«Olha», Krypton pacientemente, «põe um bocado na ponta do dedo, assim, depois fechas metade do nariz e-e —»

«É cocaína!» a voz da rapariga elevando-se numa intensidade alarmante, «é o que isso é! É heroína! Vocês são *drogados!* e raptaram-me a mim! Oh, meu Deus! Mas isto, vocês não percebem, isto é uma *Messe Ambulante da Cruz Vermelha!* Isto é propriedade da Cruz Vermelha! Oh, vocês não podem *fazer* isto! Eu estou com a Cruz Vermelha! Oh, socorro, ajudem-me! Eles são drogados! Oh, por favor! Socorro! Parem e deixem-me sair! Levem o camião se quiserem, levem tudo o que está nele, mas oh por favor não —»

«Segura o volante por um minuto», o Bodine virando-se para trás e apontando a sua reluzente pistola à rapariga.

«Você não pode disparar contra mim», berra ela, «seu vadio, quem é que você pensa que é, a roubar propriedade da Cruz Vermelha! Porque é que vocês não vão — para um sítio qualquer e — cheiram a vossa droga e — *nos deixam em paz!*»

«Ó cabra», aconselha o Marinheiro Bodine, num tom calmo e razoável, «tu está enganada. Eu *posso* disparar contra ti. Não é? Ora, sucede que tu estás a trabalhar para a mesma calorosa e maravilhosa organização que cobrava quinze céntimos por café e bolo durante o raio da Batalha das Ardenas, caso realmente queiras saber quem anda a roubar o quê a qual.»

«A quem», responde ela numa voz muito mais baixa, lábio inferior a estremecer de uma maneira a modos que engracada e provocante e, segundo parece a Slothrop, que verifica isso no espelho retrovisor enquanto o Bodine torna a pegar no volante.

«Oho, mas o que é isto», o Krypton olhando para o rabo dela, «o que temos nós aqui», que se remexe por baixo da saia de caqui enquanto ela se posta de longas pernas abertas e se ampara por causa dos 90 ou 100 quilómetros por hora e das estranhas técnicas de viragem do Bodine, que parecem ser uma qualquer forma estilizada de suicídio.

«Como te chamas?» o Slothrop sorrindo, um porco avuncular.

«Shirley.»

«Tyrone. Olá.»

«Tra-la-la», o Krypton saqueando agora a caixa registadora, engolindo barras da Hershey e atafulhando as peúgas com maços de cigarros, «o amor floresce.» É então que o Bodine carrega no travão e entra numa grande derrapagem, a traseira do camião a deslizar na direcção de um quadro gelidamente iluminado de sentinelas com capacetes riscados a branco, cinturões brancos, coldres brancos, uma barricada no meio da estrada, um oficial a correr para um jipe de ombros erguidos a falar para um rádio portátil.

«Estrada bloqueada? Mas que merda», o Bodine engatando o retrocesso, diversos mimos para as tropas caindo das prateleiras onde estão enquanto o camião dá a volta inclinado. Shirley perde o apoio e cambaleia para diante, o Krypton tenta agarrá-la enquanto o Slothrop se estica para tirar a pistola do painel de instrumentos, e descobre-a

meio embrulhada sobre o assento da frente quando torna a virar-se para a janela. «Agora onde é que está a merda da primeira? Mas que é isto, alguma caixa de velocidades da Cruz Vermelha, tem de se meter moeda nalgum lado para engatar a mudança, *hã Shirley?*»

«Oh, mas que coisa», Shirley passando para a frente entre eles, agarrando a alavanca, «é assim, para baixo.» Tiros atrás deles.

«Obrigado», diz o Bodine, e, deixando borracha para trás num pungente guincho fumegante, lá vão eles outra vez.

«Tu és mesmo fantástico, Homem-Foguete, éna», o Krypton deitado lá atrás e oferecendo o tornozelo e o frasco de cocaína lá preso à Shirley com um sorriso.

«Toma lá.»

«Não obrigada», diz Shirley. «A sério que é melhor não.»

«Vá lá... ooh...»

«Aqueles ali atrás eram cabeças de giz?» o Slothrop estreitando os olhos para o brilho dos candeeiros lá adiante, «GIs? O que fazem os GIs aqui no sector Britânico, sabes?»

«Talvez não», supõe o Bodine, «talvez seja apenas a Patrulha Costeira, vá lá, é melhor não ficarmos mais paranóicos do que *temos* de estar...»

«Olha, estás a ver, eu estou a tomar (cheira) disto e não me estão a crescer (cheira) os dentes nem nada...»

«Bom, eu cá nem sei», a Shirley ajoelhando-se e virando-se para trás, mamas apoiadas nas costas do assento, uma mão grande e suave de rapariga do campo apoiada no ombro do Slothrop para se equilibrar.

«Olha», diz o Bodine, «isto é por causa de dinheiro, de droga, ou do quê? Eu gostava de saber com que posso contar, porque se a bôfia anda aí —»

«Só andam atrás de mim, tanto quanto sei. Isto não tem nada que ver com o tráfico, é um assunto completamente diferente.»

«Ela é a rosa da terra de ninguééém», canta o Albert Krypton, incitando.

«Porque é que vais ao Putzi's?»

«Vou ter com o tal Springer.»

«Não sabia que ele vinha cá.»

«Porque é que toda a gente anda a dizer isso?»

«Agoda dão te esqueças», a Shirley aqui falando só com uma nrinha, «dão ponhas *buito*, Albert, só um bocadinho.»

«Só porque já ninguém o vê há uns tempos.

«Agora cheira com força, isso, isso, O. K., *pronto*. Hmm, ainda aí está um bocadinho, uh, parece que é um macaquito que o está a bloquear... faz outra vez, isso. Agora do outro lado.»

«*Albert*, tu dissesse que era só uma.»

«Olha, Rocky, se chegares a ser preso —»

«Nem quero pensar nisso.»

«Chiça», diz a Shirley.

«Gostaste? Toma, cheira mais um bocadinho.»

«O qu'é que tu fizeste?»

«Nada. Queria falar com alguém do tal GOPE. Descobrir o que se andava a passar. Nós íamos só conversar, sabes como é, oficiosamente, hoje à noite no dispensário. Campo neutro. Em vez disso, aparece a Rusga. Agora também andam por aí aqueles dois outros sujeitos à civil.»

«Tu és algum espião, ou isso?»

«Gostava de ser ao menos *isso*. Ena pá. No que me fui meter.»

«Bom, parece bastante mau.» E o Marinheiro Bodine vai conduzindo sem gostar muito disso, a matutar, ficando sentimental. «Ouve cá», diz ele daí a pouco, «se eles, bom, chegarem a apanhar-te, sempre podias entrar em contacto com a tua Mãe, ou qualquer coisa assim.»

«A minha —» Um olhar penetrante. «Não, não, não...»

«Bom, com alguém.»

«Não me lembro de ninguém.»

«Ena, ó Homem-Foguete...»

O Putzi's é afinal uma casa senhorial meio fortificada que data do século anterior, quando se sai da estrada para Dorum e se desce para o lado do mar por um par de sulcos arenosos de rodados com caniços e ervas rijas das dunas a crescer entre eles, a casa empoleirada como uma jangada no alto de uma gigantesca duna em forma de onda que se ergue acima de uma praia cujo gradiente é tão subtil que se transforma em água somente de surpresa, tranquila, empalidecida pelo sal, estendendo-se por quilómetros pelo Mar do Norte adentro

como nuvens, aqui e ali mais prateada, compridas formas de células ou de pele, finas como tecido, imóveis ao luar, esticando-se em direcção a Helgoland.

O sítio nunca chegou a ser requisitado. Nunca ninguém viu o proprietário, nem se sabe sequer se «Putzi» é o nome de alguém real. Bodine leva o camião directamente até àquilo que costumava ser o estábulo e todos eles saem, a Shirley soltando hurras ao luar, o Krypton murmurando enapá, enapá por entre grandes abocanhanços no engodo daquela frau. Há uma qualquer confusão de palavrappingue e de segurança à porta, por causa da fatiota de porco, mas o Slothrop mostra o seu cavaleiro de plástico branco e isso dá resultado. Lá dentro encontram uma combinação, amplamente iluminada e atarefada, de bar, antro de ópio, cabaré, casino e casa de má fama, com todos os seus quartos a abarrotar de soldados, marinheiros, damas, engates, ganhadores, perdedores, conspiradores, traficantes, drogados, mirones, homossexuais, fetichistas, espiões e gente que anda só à procura de companhia, todos falando, cantando e fazendo barulho a um nível que as silenciosas paredes da casa isolam completamente do exterior. Perfume, fumo, álcool e suor vogam pela casa em turbulências demasiado brandas para se sentirem ou verem. É uma celebração móvel que ninguém pensou adiar: uma festa de vitória tão permanente, tão facilmente chamando a si recém-chegados e velhos frequentadores, que quem poderá dizer ao certo qual a vitória? qual a guerra?

O Springer não se avista em lado algum, e ao que o Slothrop conseguiu perceber pelas perguntas fortuitas que fez, ele só chegará aqui mais tarde, caso venha. Ora sucede ser precisamente esta a data de entrega da tal desmobilização que eles combinaram enquanto viajavam no barco de Frau Gnabt até Stralsund. E logo nesta noite, após uma semana sem o incomodar, a polícia decidiu vir atrás do Slothrop. Oh sim, sim deveras NNNNNNNN Boa Noite Tyrone Slothrop Nós Temos Estado À Sua Espera. Claro Que Estamos Aqui. Você Certamente Não Pensou Que Nós Tínhamos Desaparecido, Não, Não Tyrone, Vamos Ter De Moagoá-lo Outra Vez Se Você Vai Ser Assim Tão Estúpido, Magoá-lo Uma E Outra Vez Sim

Tyrone Você É Tão Inútil Tão Estúpido E Condenado. Acha Que Irá Mesmo Descobrir Alguma Coisa? E Se Vier A Ser A Morte Tyrone? E Se Nós Não Quisermos Que Você Descubra Alguma Coisa? Se Nós Não Quisermos Dar-lhe A Sua Desmobilização Você Vai Continuar Nisto Para Sempre Não Vai? Se Calhar Queremos Apenas Que Você Continue. Você Não Sabe Pois Não Tyrone. O Que O Leva A Pensar Que Consegue Jogar Tão Bem Como Nós? Não Consegue. Você Pensa Que É Bom Mas Na Verdade É Uma Merda E Todos Nós O Sabemos. Isso Está No Seu Dossier. (Risos. Zumbido.)

Bodine vai encontrá-lo sentado dentro de um guarda-fatos, a roer uma das orelhas de veludo da sua máscara. «Tu estás com mau ar, Rocky. Esta aqui é a Solange. Ela é massagista.» Ela está a sorrir, intrigada, uma criança trazida a visitar o estranho porco na sua caverna.

«Desculpe. Desculpe.»

«Deixe-me levá-lo até lá abaixo aos banhos», a voz da mulher é uma esponja ensopada acariciando já os problemas dele, «aquilo é muito sereno, pacato...»

«Eu vou andar por aí toda a noite», diz-lhe o Bodine. «Aviso-te se o Springer aparecer.»

«Isto é uma conspiração qualquer, não é?» o Slothrop chupando saliva da pilha de veludo.

«*Tudo* é uma espécie de conspiração, homem», o Bodine a tirar-se. «E sim, mas as setas apontam todas para diferentes direcções», a Solange ilustrando com uma dança de mãos, rubros dedosvectores apontados. O que é a primeira notícia recebida pelo Slothrop, em voz alta, de que a Zona pode conter muitas outras conspirações para além daquelas que estão polarizadas sobre ele próprio... de que estes são os metros e os autocarros de um enorme sistema de trânsito aqui na Raketenstadt, mais emaranhado ainda que o de Boston — e que seguindo por cada via na distância apropriada, sabendo onde efectuar o transbordo, mantendo algum estado de mínima graça, embora muitas vezes pareça que ele está a seguir no sentido errado, esta rede de todas as conspirações ainda poderá vir a levá-lo à liberdade. Ele comprehende que não deve estar tão paranóico acerca do Bodine ou

da Solange, mas em vez disso navegar algum tempo pelo afável submundo deles, ver onde isso o conduz...

A Solange leva o Slothrop até aos banhos, e o Bodine continua à procura do seu cliente, 2 1/2 frascos de cocaína tilintando e colando-se à barriga nua dele por baixo da camisola interior. O Major não está em nenhuma das mesas de póquer ou de dados, nem a assistir ao espectáculo de palco no qual uma tal Yolande, loura e toda ela reluzindo com óleo para bebé, dança de mesa em mesa recolhendo moedas de florins e soberanos, muitas vezes aquecidas pela chama do Zippo de algum brincalhão, entre os preêneis lábios da sua cona — tão pouco está a beber, nem, segundo Monika, a genial madame do Putzi's que fuma charuto e usa roupa bordada, está a foder. Nem sequer foi implicar com o pianista para que este tocasse «San Antonio Rose.» Bodine demora meia hora até colidir finalmente com o homem, que vem a sair das balouçantes portas de um urinol, vacilante devido a uma confrontação com o notório Eisenkröte, conhecido em toda a Zona como o derradeiro teste de masculinidade, diante do qual medalhados e louvados matadores de Krauts, bem como os piores fugitivos do género merda-na-minha-picha-ou-sangue-na-minha-lâmina saídos das mais nojentas cadeias da Zona, todos eles se encolheram, desmaiaram, amedrontaram e, em certos casos, vomitaram, sim ali mesmo onde estavam. Pois é deveras um Sapo de Ferro, fielmente reproduzido, com mil verrugas e segundo alguns sorrindo ligeiramente, com uns trinta centímetros de comprimento quando muito, acoitado ao fundo de uma sanita regulamentar manchada de merda e ligado à Rede Eléctrica Europeia através de um reóstato de controlo preparado para emitir variadas, embora não letais, descargas de voltagem e corrente. Ninguém sabe quem está sentado atrás do reóstato secreto (há quem diga que é o semimítico Putzi em pessoa), ou se não estará na realidade ligado a um temporizador automático, pois nem toda a gente é apanhada, a bem dizer — pode-se mijar para cima do Sapo sem que absolutamente nada aconteça. Mas nunca se sabe. Com demasiada frequência para que isso deixe de ter importância, a corrente ali estará — ataque de piranhas e salto de salmões subindo pela dourada e reluzente cascata de mijo, a vossa traiçoeira escada de sais e ácidos, fazendo-vos voltar a entrar

em contacto com o Chão Materno, o grande, o planetário caldo de electrões unindo-vos ao vosso protótipo, o pobre bêbedo lendário, demasiado bêbedo para perceber alguma coisa, a mijar para cima de um antigo carril de alimentação e a ser fulminado em carvão, em noite epiléptica, o grito dele nem sequer seu mas da electricidade, os amperes falando através da vasilha dele já quebrada, quebrada cedo demais para que eles consigam sequer começar a dizê-lo, a vozear a sua terrível libertação do silêncio, ninguém está a ouvir, em todo o caso, algum guarda-linha mexendo na agulha ao fundo da via, algum velho que não consegue dormir e saiu para passear, algum vagabundo citadino num banco de jardim sob um milhão de insectos em verde nimbo ao redor da luz do candeeiro, o pescoço dele relaxando-se e contraindo-se ao entrar e sair de sonhos e talvez fosse apenas um gato a foder, um sino de igreja trazido pelo vento, uma janela a partir-se, sem direcção definida, nem sequer assustador, prontamente substituído pelo silêncio antigo, o do gás de carvão e do Ly-sol. E alguém mais o encontra na manhã seguinte. Ou podereis encontrá-lo em qualquer noite no Putzi's caso sejais homem suficiente para ir mijar em cima daquele Sapo. Desta vez, o Major safou-se apenas com um moderado safanão, e está com disposição para celebrar.

«Aquele sacana feioso tentou o seu melhor», passando um braço em redor do pescoço do Bodine, «mas ficou c'as verrugas do cu todas a arder hoj'à noite, um raio é qu'ele não ficou.»

«Trouxe-lhe a sua “neve”, Major Marvy. Há meio frasco a menos, desculpe lá, foi o melhor que consegui arranjar.»

«Stá tudo bem, marujo. Conheço tanta gente c'o vício do nariz daqui até Wiesbaden que me'mo qu'arranjasses três toneladas dela isso só durav'um dia àqueles sacanas.» Ele paga ao Bodine, o preço completo, desprezando a proposta do Bodine para descontar o que faltava. «Vê isso com'um brinde, compincha, é assim qu'o Duane Marvy gosta de fazer as coisas. *Raios* o cabrão do sapo pôs-m'agor'o pau a sentir-se me'mo bem. Rai's me parta se não m'apetecia enfiá-lo numa daquelas putinhas. Ouve lá! Ó Mestre, ond'é qu'eu poss'arranjar *pachacha* por aqui?»

O marinheiro mostra-lhe como descer as escadas até ao bordel. Primeiro levam-no para uma espécie de banho de vapor privativo, se

quierer pode foder lá dentro, não cobram mais por isso. A madame — oi! ha, ha! parece mesmo uma fufa com aquele charutaço na boca! alça uma sobrancelha para o Marvy quando ele lhe diz que quer uma preta, mas pensa que lhe consegue arranjar uma.

«Isto não é a Casa de Todas as Nações, mas de facto procuramos a variedade», passando a boquilha de tartaruga do seu charuto por uma folha de serviço, «A Sandra está ocupada de momento. Uma exibição. Entretanto, aqui tem a nossa deliciosa Manuela, para lhe fazer companhia.»

Manuela veste apenas um pente alto e uma mantilha de renda preta, flores de sombra caem-lhe sobre as ancas, um sorriso profissional para o Americano gordo, que já está remexer nos botões do uniforme.

«Hubba, hubba! Ena, esta também é bastante bronzeada. Não és? Não serás pr'aí um bocadito mulata, um bocadito Mejicana, querida? Tu saber español? Tu saber coiso-coiso?»

«Si», decidindo esta noite ser do Levante, «sou Espanhola. Sou de Valência.»

«Va-len-cia-a-a», canta o Major Marvy, na bem conhecida melodia do mesmo nome, «Señorita, coiso-coiso, chupa-chupa sessenta-e-no-o-ove, la-lalala *la-la la-la laaa...*» dançando com ela alguns breves passos em torno do grave centro da madame que espera.

Manuela não se sente obrigada a aderir. Valência foi uma das últimas cidades a capitular perante Franco. Na realidade, ela é das Astúrias, que o conheceram primeiro, sentiram-lhe a crueldade dois anos antes de a guerra civil começar sequer no resto da Espanha. Ela observa o rosto do Marvy enquanto ele paga à Monika, observa-o nesse primitivo acto Americano, o de pagar, mais profundamente ele mesmo do que quando se vem, ou adormece, ou talvez até quando morra. Marvy não é o primeiro dela, mas é quase o primeiro, Americano. A clientela aqui no Putzi's é principalmente Britânica. Durante a Guerra — quantos campos e cidades desde que ela foi capturada em '38? — era Alemã. Ela perdera as Brigadas Internacionais, fechada no alto das suas frias e verdes montanhas e combatendo em toca-e-foge muito depois os Fascistas terem ocupado todo o norte — perdera as flores, as crianças, os beijos e as muitas línguas de Barcelona,

de Valênciâ onde ela nunca estivera, Valênciâ, o lar de hoje à noite... Ya salimos de Espanha... Pa'luchar en otros frentes, ay, Manuela, ay, Manuela...

Ela pendura-lhe o uniforme aprumadamente dentro de um guarda-fatos e prossegue o seu número no calor, no vapor brilhante, as paredes da sala de fervura invisíveis, plumagem de pêlos nas pernas dele, enormes nádegas e costas começando a escurecer com a humidade. Outras almas se movem, suspiram, resmungam sem se verem entre as camadas de nevoeiro, as dimensões aqui por baixo da terra nada significam — a sala poderia ter um tamanho qualquer, a amplidão de uma cidade inteira, pavimentada com aves não inteiramente gentis em rotativa simetria dupla, uns trinta centímetros de obscuro amarelo e azul, as únicas cores do seu aquoso crepúsculo.

«Aaahhh, quente como um raio», o Marvy escorregando pesadamente para baixo, untuoso de suor, por cima da borda de azulejos para dentro da água perfumada. As unhas dos pés dele, cortadas em quadrado à maneira do Exército, são as últimas a entrar. «Vamos lá, toda a gente para dentro da piscina», ele grande e contente lá em baixo, a agarrar o tornozelo de Manuela e a puxar-lho. Tendo já sofrido uma ou duas quedas nestes azulejos, e visto uma rapariga amiga entrar em tracção, Manuela acede com graciosidade, tombando com certo ímpeto escarranchada, traseiro assentando na barriga dele com um sonoro *smack*, para o magoar, espera ela. Mas ele apenas se ri de novo, sonoramente entregue ao calor e à flutuabilidade e mostra-se abrangente — foda anónima, sonolência, sossego. Descobre estar com um grosso e rubro tesão, e enfia-o sem mais delongas na solene rapariga meio escondida no interior da sua nuvem de húmida renda preta Espanhola, olhos em qualquer lado menos nos dele, balouçando agora entre o nevoeiro interior, sonhando com a terra natal.

Bom, 'stá tudo bem. Ele não lhe está a foder os olhos, pois não? Até preferia nem sequer olhar para a cara dela, o que ele quer é a pele morena, a boca fechada, aquela doce submissão das pretas. Ela fará tudo o que ele mandar, pois é se ele quiser pode segurar-lhe a cabeça debaixo de água até ela se afogar, pode dobrar-lhe a mão para trás, pois é, partir-lhe os dedos como fez àquela cabra em Frankfurt na outra semana. Chicoteá-la com a pistola, mordê-la até fazer sangue...

as visões vão desfilando, violentas, menos eróticas do que se pensa — mais ocupado com o impulso, o impacto, a penetração, e outros que tais valores militares. O que não significa que ele não esteja a desfrutar tão inocentemente quanto vós. Ou que a Manuela não descubra estar também ela, de um modo casual e atlético, a apreciar a cavalgada para cima e para baixo sobre a teimosa haste vermelha do Major Marvy, embora o espírito dela esteja agora em mil outras coisas, num vestido da Sandra que ela cobiça, na letra de várias canções, numa comichão por baixo da sua omoplata esquerda, num alto soldado Inglês que ela viu quando chegou ao bar por volta da hora da ceia, com o seu antebraço bronzeado, manga da camisa enrolada até ao cotovelo, sobre o tampo zincado da mesa.

Vozes no vapor. Alarmes, muitos pés chapinhando em chinelos de chuveiro, silhuetas desfilando por ali, uma pardacenta e nebulosa evacuação. «Mas qu' raio», o Major Marvy prestes a vir-se, apoianto-se nos cotovelos furioso, entortando os olhos em várias direcções, ganhando rapidamente uma frouxidão.

«Rusga», uma voz que passa. «PMs», estremece uma outra qualquer.

«Gaaaah!» berra o Major Marvy, que acabou de recordar a presença de 2 ½ onças de cocaína nos bolsos do seu uniforme. Rebola, com peso de morsa, Manuela desliza para fora e para longe do nervoso pénis flácido dele, mal estimulada mas suficientemente profissional para sentir que o preço inclui uns fingidos *puto* e *sinvergüenza* agora. Saindo atabalhoadamente da água, escorregando nos azulejos, Duane Marvy alça o traseiro e emerge num gélido vestiário para descobrir que os últimos banhistas já fugiram, os roupeiros estão petreadamente vazios à excepção de uma coisa qualquer em veludo multicor. «Eh, onde é que está o meu uniforme!» batendo com os pés no chão, punhos cerrados nos flancos, rosto muito vermelho. «Oh seus sacanas sem mãe», atirando seguidamente diversas garrafas e cinzeiros, quebrando duas janelas, atacando a parede com um ornamentado bengaleiro, sentindo-se melhor por isso no seu espírito. Ouve botas de combate em tropel lá em cima e em quartos próximos, raparigas a gritar, um disco de fonógrafo que foi calado com um áspero guincho.

Vai verificar o tal objecto em pelúcia ou veludo, descobre que se trata de um fato de porco completo que inclui a máscara, considera manhosamente que nenhum PM iria incomodar um porco inocente que só quer divertir-se. Enquanto as afectadas vozes dos anglos se vão aproximando entre as divisões do Putzi's, ele rompe freneticamente o forro de seda e o enchimento de palha de modo a arranjar espaço para a sua própria gordura. E, conseguindo por fim encaixar-se lá dentro, até que enfim, de fecho corrido, máscara escondendo-lhe a cara, a salvo, tão anónimo como um palhaço, passa entre as cortinas de contas, a seguir sobe até ao bar, somente para dar de chofre com uma divisão inteira daqueles cabrões dos chapéus encarnados a virem em direcção a si, todos a marchar, juro por Deus.

«Aqui está o nosso suíno fugidio, cavalheiros», cara bexigosa, bigode sem pontas e mal aparado, apontando uma pistola directamente à cabeça dele, os outros a abeirarem-se rapidamente. Um civil abre caminho entre todos, negro sinal de espadas a luzir-lhe na bochecha lisa.

«Muito bem. O Dr. Nuffage está lá fora com a ambulância, e gostaríamos de ter dois dos vossos moços por um momento, sargento, até estarmos todos a salvo.»

«Com certeza, senhor.» Pulsos enfraquecidos pelo vapor e o conforto unidos com perícia atrás das suas costas antes que consiga sequer enfurecer-se o suficiente para começar a gritar com eles — aço frio, a estalar como um número de telefone a ser marcado no rodízio ao fim da noite, sem um raio de uma esperança de que alguém venha a atender...

«Rai's partam», solta ele por fim, máscara abafando-lhe a voz, produzindo um eco que lhe fere os ouvidos, «mas que raio é que se 'stá a passar consigo, rapaz? Você não sabe quem eu sou?»

Mas oh-oh, esper'aí — se eles encontraram o uniforme, a identificação do Marvy e a cocaína no mesmo conjunto de bolsos, talvez não seja grande ideia dizer-lhes o seu nome por enquanto...

«Tenente Slothrop, ao que presumimos. Agora venha daí.»

Ele mantém-se em silêncio. Slothrop, O.K., vamos lá esperar, para ver do que se trata afinal, resolve-se aquilo da droga depois, faz-se de estúpido, diz que alguém a deve ter posto lá. Talvez até arranje um advogado Judeu suficientemente bom para processar aqueles cabrões por detenção indevida.

É escoltado pela porta fora e até à ambulância que aguarda. O condutor barbudo deita-lhe somente uma rápida olhadela por cima do ombro, e depois engata a mudança. Antes que ele consiga pensar em resistir, o outro civil e os PMs já ataram com celeridade o Marvy pelos joelhos e pelo peito a uma maca.

Uma pausa junto a um camião do Exército para deixar os PMs tornarem a sair. Depois continuam. Em direcção a Cuxhaven. Pensa o Marvy. Nada senão noite, negrume amaciado pelo luar do lado de fora da janela. Não se consegue perceber...

«A sedação agora?» O Ás de Espadas agacha-se ao lado dele, acende uma lanterna de bolso por cima das ampolas do seu estojo, remexe seringas e agulhas.

«Mm. Sim, estamos quase a chegar lá.»

«Não percebo porque é que não nos deram espaço hospitalar para isto.»

O condutor ri-se. «Oh sim, *isso* eu percebo.»

Enchendo vagarosamente a hipodérmica, «Bom, nós *temos* as nossas ordens... Quero eu dizer que não há nada —»

«Meu caro *amigo*, esta operação não é das mais respeitáveis.»

«Eh», o Major Marvy tenta levantar a sua cabeça. «Operação? Mas qu'é isto, rapaz?»

«Chiu», rasgando parte de uma manga do fato de porco, pondo à mostra o braço do Marvy.

«Eu não quero nenhuma agulha —» mas ela já está metida na veia e em descarga enquanto o outro homem tenta acalmá-lo. «O qu'eu quero d'zer é que vocês apanharam o fulano errado, sabem?»

«Pois claro, Tenente.»

«Eh lá, eh lá, eh lá. Não. Eu cá não, eu sou *major*.» Deveria ter sido mais enfático nisso, mais convincente. Talvez seja a máscara de leitão que o atrapalha. Somente ele consegue ouvir a sua voz, agora totalmente entregue a si próprio, mais monocórdica, metálica... eles não conseguem ouvi-lo. «Major Duane Marvy.» Não acreditam nele, não acreditam no seu nome. Nem sequer *no seu nome*... É tomado pelo pânico, mais fundo do que onde o sedativo chegou, e começa a arquear-se em verdadeiro terror contra os atilhos, sentindo os músculos mais ínfimos do seu peito retesarem-se até se tornarem inúteis

contorções de dor, oh meu Deus, começando agora a gritar com toda a força que tem, sem palavras, só gritos, tão altos quanto as correias que lhe prendem o peito lho permitirem.

«Por piedade», suspira o condutor. «Não consegues calá-lo, Spontoon?»

Spontoon já rasgou a máscara de porco, e substitui-a agora por uma de gaze, que ele segura com uma mão enquanto sobre ela verte éter com a outra — sempre que a cabeça estrebuchante fica ao seu alcance. «O Pointsman perdeu o tino de todo», sente-se ele obrigado a dizer, irritado ao ponto de perder por completo a paciência, «se chama a *isto* um “calmo imperturbável”».

«Pronto, já chegámos à esplanada. Não há ninguém à vista.» O Muffage prossegue em direcção à água, a areia com solidez suficiente para suster a ambulância, tudo muito branco sob a pequena lua, que está no seu zénite... gelo perfeito...

«Oh», geme o Marvy. «Oh foda-se. Oh não. Oh Jesus», as palavras num longo diminuendo de drogado, a luta contra os seus atilhos a enfraquecer quando o Muffage finalmente estaciona, um navio abandonado cor de azeitona e minúsculo nesta ampla praia, a imensa água estendendo-se em direcção à lua, até ao limiar do vento do norte.

«Temos muito tempo», o Muffage olhando para o seu relógio. «Vamos apanhar o C-47 à uma. Eles disseram que poderiam esperar um pouco.» Suspiros de conforto antes de se voltarem para a sua tarefa.

«Os contactos desse homem», o Spontoon abanando a cabeça, retirando os instrumentos da sua solução desinfectante e dispondo-os sobre um pano esterilizado ao lado da maca. «Caramba. Esperemos que ele nunca se dedique a uma vida de crime, eh?»

«Foda-se», resmunga o Major Marvy baixinho, «oh, fodam-me, está bem?»

Ambos os homens se desinfectaram, e envergaram máscaras e luvas de borracha. Muffage acendeu um candeeiro em abóbada que aponta para baixo, um olho suave e radioso. Os dois trabalham com celeridade, em silêncio, dois profissionais do tempo da guerra habituados a serem expeditos em campo, somente com uma palavra ocasional a vir do doente, um murmúrio, um lívido e patético tactear nas suas trevas de éter pelo recuante ponto de luz que é tudo o que ele deixou de si mesmo.

O procedimento é simples. A braguilha do fato de veludo é rasgada. Muffage decide dispensar a depilação do escroto. Primeiro besunta-o com tintura de iodo, depois aperta à vez cada um dos testículos contra o saco peludo e de rubras veias, efectua a incisão com rapidez e limpeza através da pele e das membranas circundantes, fazendo sair o testículo propriamente dito através da ferida e do sangue que brota, puxando-o para fora com a mão esquerda até os cordões ríjos e moles ficarem visivelmente esticados por baixo da luz. Como se fossem cordas musicais que ele pudesse, um pouco endoidecido pela lua, tanger aqui na praia deserta em música adequada, a sua mão hesita: mas então, vergando-se relutantemente ao dever, ele corta-os às devidas distâncias da pedra escorregadia, sendo então cada incisão banhada em desinfectante, e as duas nítidas fendas, lado a lado, finalmente suturadas. Os testículos são mergulhados num frasco de álcool.

«Lembranças para o Pointsman», suspira Muffage, descalçando as luvas cirúrgicas. «Dá outra injecção a esse. Será melhor que ele continue a dormir, e que alguém lá em Londres lhe explique isto.»

Muffage liga o motor, recua em semicírculo e lentamente torna a subir a estrada, o vasto mar imóvel lá atrás.

Regressado ao Putzi's, o Slothrop aninha-se numa ampla cama de enrugados lençóis ao lado da Solange, adormecido e a sonhar com Zwölfkinder, e Bianca sorridente, ele e ela dando voltas na roda, o comportamento deles transforma-se num quarto, num quarto que ele nunca viu, um quarto num grande complexo de apartamentos tão grande como uma cidade, em cujos corredores se pode andar de carro ou de bicicleta tal como nas ruas: árvores ladeando-os, e pássaros cantando nas árvores.

E a «Solange», estranhamente, também está a sonhar com a Bianca, embora sob um aspecto diferente: sonha com a sua própria filha, Ilse, viajando perdida pela Zona num longo comboio de mercadorias que parece nunca parar para descansar. Ela não está infeliz, nem anda à procura, exactamente, de seu pai. Mas o anterior sonho do Leni com ela está a tornar-se verdade. Ela não será usada. Há mudança, e partida: mas há também auxílio quando menos se procura por parte dos estranhos do dia, e escondidas, entre os acidentes desta deambulante Humildade, que jamais se extinguirá por completo, algumas pequenas oportunidades de clemência...

Lá em cima, um tal Möllner, valise cheia dos tesouros de hoje à noite — o uniforme e os documentos de um major Americano, e 2 ½ onças de cocaína — explica ao hirsuto marinheiro Americano que Herr Von Göll é um homem muito atarefado, que anda a tratar de negócios no Norte, tanto quanto ele sabe, e não lhe pediu que trouxesse para Cuxhaven papéis nenhuns, nem desmobilizações militares, nem passaportes — nada. Ele lamenta. Talvez o amigo do marinheiro se tenha enganado. Talvez, lá está, seja apenas um atraso temporário. Uma pessoa já sabe que as falsificações demoram tempo.

Bodine vê-o ir-se embora, sem saber o que está dentro da valise. Albert Krypton embebedou-se até tomar inconsciente. Shirley entra por ali, de olhos vermelhos e muito agitada, vestida com um cinto de ligas preto e umas meias. «Hmm», diz ela, com um certo olhar.

«Hmm», diz o Marinheiro Bodine.

«E já agora, aquilo só custava *dez* centimos na Batalha das Ardenas.»



Portanto: ele perseguiu a bateria do Weissmann desde a Holanda, através dos pântanos salgados e do tremoço e dos ossos de vacas, para encontrar *isto*. Por sorte ele não é supersticioso. Interpretaria aquilo como uma visão profética. Existe, como é evidente, uma explicação perfeitamente racional, mas o Tchitcherine nunca leu o *Martin Fierro*.

A partir do seu posto de comando temporário, ele observa uma mata de zimbro numa colina baixa. Através dos binóculos, vê dois homens, um branco, um preto, empunhando guitarras. As gentes da vila estão reunidas em círculo, mas essas pode o Tchitcherine desbastar, deixando no campo elíptico dele uma cena com a mesma estrutura do concurso masculino-feminino de cantigas no meio de uma planície lisa da Ásia Central há bem mais de uma década — uma conjunção de opostos que então assinalara a sua própria aproximação à Luz Quiguize. O que assinala ela desta vez?

Por cima da sua cabeça, o céu está listado e duro como mármore. Ele sabe. Weissmann instalou o S-Gerät e disparou o 00 000 alugres aqui perto. Enzian não pode andar muito longe. Aquilo há-de vir ter aqui.

Mas ele tem de esperar. outrora isso teria sido insuportável. Mas desde que o Major Marvy saiu de vista, o Tchitcherine tem sido um pouco mais cauteloso. O Marvy era um homem fundamental. Há uma contraforça na Zona. Quem era o homem da inteligência Soviética que aparecera pouco antes do fiasco na clareira? Quem alertara o Schwarzkommando para o ataque? Quem se livrou do Marvy?

Ele tem-se esforçado muito para não acreditar demasiado no cartel do Foguete. Desde a sua iluminação naquela noite, o Marvy bêbedo, o Sangrento Chiclitz declamando acerca das virtudes do Herbert Hoover, o Tchitcherine tem andado atento às evidências. O Gerhardt von Göll, com o seu polvo corporativo a apoderar-se de todo o artigo negociável na Zona, deve estar metido nisso, conscientemente ou não. Na semana passada, o Tchitcherine esteve a ponto de regressar de avião a Moscovo. Tinha-se avistado com o Mravenko, uma das pessoas do VIAM, brevemente em Berlim. Encontraram-se no Tiergarten, dois oficiais passeando-se ostensivamente ao sol. As equipas de trabalho deitavam asfalto à pazada para dentro dos buracos do pavimento, e batiam-lhe com as pás para o alisarem. Passavam ciclistas a pedalar, esqueletos tão funcionais quanto as máquinas deles. Pequenos ajuntamentos de civis e militares estavam por lá debaixo das árvores, sentados em troncos caídos ou em rodas de camiões, remexendo sacos e malas, traficando. «Você está em apuros», disse Mravenko.

Também ele fora um remissionário, durante os anos trinta, e o mais maníaco jogador de xadrez da Ásia Central, sem sistema algum. Os gostos dele eram tão rasteiros que chegaram a incluir o xadrez de olhos vendados, que as sensibilidades Russas acham indizivelmente grosso. Tchitcherine sentava-se diante do tabuleiro cada vez mais perturbado do que na vez anterior, tentando ser amigável, convencer o doido a algum tipo de jogada racional. Na maioria das vezes, perdia. Mas ou era o Mravenko ou o Inverno de Semirechie.

«Você faz alguma ideia do que está a acontecer?»

O Mravenko riu-se. «Alguém faz? O Molotov não conta nada ao Vishinsky. Mas eles sabem coisas a seu respeito. Lembra-se da Luz Quirguize? Claro que se lembra. Bom, eles ficaram a saber disso. Eu não lhes contei, mas eles souberam por alguém.»

«Isso é história antiga. Porquê lembrar nisso agora?»

«Você é considerado “útil”, disse o Mravenko.

Entreolharam-se, então, por muito tempo. Era uma sentença de morte. Por estas partes, a utilidade acaba tão rapidamente como um comunicado. O Mravenko tinha medo, e também não era inteiramente pelo Tchitcherine.

«O que irá *você* fazer, Mravenko?»

«Tentar não ser muito útil. Eles não são perfeitos, porém.» Ambos os homens sabiam que isso deveria ser um conforto, e não estava a resultar muito bem. «Eles na realidade não sabem o que o *torna* a si útil. Fiam-se nas estatísticas. Julgo que não contavam que você sobrevivesse à Guerra. Quando o fez, eles tiveram de olhar para si com mais atenção.»

«Talvez eu sobreviva a isto, também.» E fora aí que ele tivera a ideia de ir de avião até Moscovo. Só que chegara então a notícia de que a bateria do Weissmann não deixara rastro para além da Charneca. E a renovada esperança de se encontrar com o Enzian impedira-o de ir — a sedutora esperança que a cada dia o afasta mais de qualquer possibilidade de prosseguir para além do outro lado desse encontro. Ele nunca supôs que o fizesse. A verdadeira questão é: apanhá-lo-ão antes que ele chegue ao Enzian? Precisa apenas de um pouco mais de tempo... a sua única esperança é que eles também andem à procura do Enzian, ou do S-Gerät, e o usem da mesma maneira que ele julga estar a usar o Slothrop...

O horizonte continua límpido: esteve assim o dia todo. Zimbros em forma de ciprestes postam-se nas distâncias enferrujadas e brumosas, ainda como monumentos. As primeiras flores roxas estão a aparecer na urze. Não é a paz atarefada do fim do verão, mas a paz de uma necrópole. Entre as tribos pré-históricas Alemãs, esta região era isso: o território dos mortos.

Uma dúzia de nacionalidades, vestidas como estancieros Argentinos, apinharam-se em torno do comissariado de distribuição de sopa. El Ñato está em pé sobre a sela do seu cavalo, ao modo dos Gaúchos, olhando para as pampas Alemãs, Felipe está ajoelhado ao sol, prestando as suas devoções do meio-dia à presença viva de uma certa rocha lá na vastidão de La Rioja, nas encostas orientais dos Andes. De acordo com uma lenda Argentina do século passado, Maria Antonia Correa

seguiu o seu amante até àquela árida terra, levando consigo o filho recém-nascido de ambos. Foi encontrada por pastores uma semana depois, morta. Mas a criança sobrevivera. Desde então, as rochas nas imediações do local do milagre têm sido objecto de peregrinações anuais. Mas a rocha de Felipe em particular personifica também um sistema intelectual, pois ele crê (tal como M. F. Beal e outros) numa forma de consciência mineral não muito diferente da das plantas e dos animais, a não ser pela escala temporal. A escala temporal das rochas é muito mais dilatada. «Estamos a falar de fotogramas por século», tal como toda a gente aqui, o Felipe tem ultimamente andado a usar um pouco de linguagem cinematográfica, «por milénio!» Colossal. Mas, Felipe acabou por ver, como raramente sucede aos que não são Rochistas Sencientes, que a história tal como ela está disposta no mundo é somente uma fracção, uma fracção exterior-e-visível. Que também temos de olhar para o que não foi contado, para o silêncio que nos rodeia, para a passagem da próxima rocha em que repararmos — para os seus evos de história sob a longa e feminina persistência da água e do ar (quem estará lá, uma ou duas vezes por século, para armar o obturador?), a descer para as terras baixas onde os vossos caminhos, humanos e minerais, muito provavelmente se virão a cruzar...

Graciela Imago Portales, cabelo escuro apartado ao meio e esticado para trás a partir da testa, vestida com uma saia de montar comprida e preta e umas botas pretas, senta-se a baralhar cartas, empilhando para si mesma flushes, full houses, quatro do mesmo tipo, só para se divertir. Os supranumerários quase não trouxeram nada com que se pudesse jogar. Ela sabia que chegaria a isto: em tempos pensara que se usasse o dinheiro apenas nos jogos, ele perderia a sua realidade. Definharia. Terá sido assim, ou está ela a jogar um jogo consigo mesma? Parece que o Beláustegui tem andado a observá-la mais de perto desde que aqui chegaram. Ela não pretende ameaçar o projecto dele. Já foi para a cama com o solene engenheiro algumas vezes (embora ao princípio, lá em B. A., ela vos tivesse jurado que dali não beberia nem com uma palhinha de prata), e sabe que também ele é jogador. Uma boa parelha, ligada num frente-a-frente: ela percebera isso na primeira vez em que ele lhe tocara. O homem conhece as suas probabilidades, as formas do risco são-lhe tão íntimas quanto as dos

corpos amados. Cada momento tem o seu valor, o seu provável sucesso contra outros momentos em outras mãos e, para ele, o baralhar é sempre momento-a-momento. Não se dá ao luxo de recordar outras permutações, os poderia-ter-sido — somente o que está presente, e lhe foi distribuído por algo a que ele chama Sorte e Graciela chama Deus. Ele apostará qualquer coisa nesta experiência anarquista e, se perder, passará a uma outra coisa qualquer. Mas não se conterá. Ela fica contente por isso. Ele é uma fonte de força. Ela não sabe, caso o momento chegasse, que força teria por si só. Muitas vezes à noite ela irrompe por entre uma fina membrana de álcool e optimismo para ver realmente a que ponto precisa dos outros, a pouca utilidade que, sem apoio, ela alguma vez poderia ter.

Os cenários para o filme-por-fazer ajudam alguns. Os edifícios são reais, não há uma fachada falsa à vista. O boliche está abastecido com bebidas a sério, a pulperia com comida a sério. As ovelhas, as vacas, os cavalos e os currais são reais. As cabanas estão impermeabilizadas e há quem durma dentro delas. Quando o Von Göll se for embora — se alguma vez vier — nada será demolido. Se algum dos figurantes quiser ficar será bem-vindo. Muitos deles só querem descansar um pouco enquanto esperam mais comboios de Desalojados, mais fantasias de como era o lar antes da destruição, e alguns sonham em chegar a algum lado. Seguirão adiante. Mas virão outros? e que pensará o governo militar de uma comunidade como esta no meio do seu estado marcial?

Não é a aldeia mais estranha da Zona. Squalidozzi regressou das suas deambulações com histórias de unidades Palestinianas extraviadas a partir de Itália, que se instalaram mais a leste e começaram a montar comunas hassídicas, segundo o modelo de há um século e meio. Há antigas vilas empresariais caídas sob a fugaz e tremente alçada de Mercúrio, agora dedicadas a uma única indústria, a da entrega de correio, ir a leste e voltar, entrar no meio dos Soviéticos e voltar, a 100 marks por carta. Uma aldeia em Mecklenburg foi tomada por cães do exército, Dobermans e Pastores, cada um deles condicionado para matar à vista qualquer humano menos aquele que o treinou. Mas os treinadores são agora homens mortos, ou perdidos. Os cães agruparam-se em matilhas, abateram vacas nos campos e trouxeram as carcaças delas quilómetros mais para o interior, para

junto dos outros. Arrombaram armazéns de víveres ao estilo do Rin-Tin-Tin e saquearam rações de combate, hambúrgueres congelados, caixotes de barras de caramelo. Corpos dos aldeões mais próximos e dos sociólogos mais impacientes enxameiam todos os acessos à Hund-Stadt. Ninguém consegue aproximar-se dela. Uma força expedicionária veio armada com espingardas e granadas, mas todos os cães se espalharam pela noite, matreiros como lobos, e ninguém se resolveu a destruir as casas e os estabelecimentos. Também ninguém quis ocupar a aldeia. Por isso, foram-se embora. E os cães regressaram. Se existem linhagens de poder entre eles, amores, lealdades, ciúmes, ninguém o sabe. Qualquer dia o G-5 poderá enviar tropas. Mas os cães poderão não saber disso, poderão não ter ansiedades Alemãs a respeito do cerco — poderão estar a viver inteiramente à luz do reflexo instalado por um homem: Matar O Estranho. Poderá não haver maneira de o distinguir de outras quantidades determinadas nas vidas deles — da fome ou da sede ou do sexo. Tanto quanto sabem, o matar-o-estranho nasceu ao mesmo tempo que eles. Se algum continuou a lembrar-se das pancadas, dos choques eléctricos, dos jornais enrolados que ninguém lera, das botas e dos aguilhões, a dor deles está agora enredada no Estranho, no odiado. Se há heresiarcas entre os cães, eles têm o cuidado de não sugerir em voz alta qualquer origem extracanina para essas súbitas erupções da vontade de matar que os domina, até aos próprios hereges pensativos, ao primeiro odor do Estranho. Mas em privado eles apontam para a recordada imagem de um humano, que somente os visitou de tempos a tempos, mas em cuja presença eles eram tranquilos e afectuosos — do qual vinha alimento, afáveis coçadelas e afagos, jogos de busca-o-pau. Onde está ele agora? Porque é ele diferente para uns e não para outros?

Existe uma possibilidade, entre os cães, até agora latente por nunca ter sido seriamente testada, de uma cristalização em seitas, cada uma delas em torno da imagem do seu tratador. Na verdade, está a decorrer um estudo de praticabilidade neste preciso instante ao nível do quadro do G-5, para ver se os tratadores originais não poderiam ser localizados, e tal cristalização iniciada. Uma seita poderia tentar proteger o seu tratador contra os ataques das outras. Dadas as devidas combinações e uma quantidade aceitável de perdas de treinadores, poderia sair mais barato deixar que os cães dessem cabo uns

dos outros do que ter de enviar tropas de combate. O estudo foi contratado, veja-se só a quem, ao Sr. Pointsman, que está agora restrito a um pequeno gabinete na Décima Segunda Casa, tendo o resto do espaço sido tomado por uma agência que estuda as opções para a nacionalização do carvão e do aço — e que lhe foi atribuído mais por simpatia do que por qualquer outro motivo. Desde a castração do Major Marvy, o Pointsman caiu oficialmente em desgraça. Clive Mossmoon e Sir Marcus Scammony sentam-se no seu clube, entre exemplares atrasados e abandonados da *British Plastics*, a beber o preferido dum cavaleiro, Quimporto — uma estranha mistura de antes da guerra que leva quinino, caldo de carne e vinho do Porto — com uma nota de Coca-Cola e uma cebola descascada. A reunião é ostensivamente para finalizar os planos de uma Gabardina de Pós-Guerra em Cloreto de Polivinilo, fonte de grande diversão corporativa por estes dias («Imaginem o ar de um pobre desgraçado qualquer quando a *manga* inteira se soltar do ombro dele —» «O-ou que tal misturar lá qualquer coisa que de facto se *dissolva* com a chuva?»). Mas Mossmoon quer realmente discutir o Pointsman: «Que havemos nós de fazer com o Pointsman?»

«Encontrei umas botas mimosíssimas na Estrada de Portobello», diz numa voz aflautada Sir Marcus, com quem é sempre difícil conseguir-se falar de negócios. «A si ficavam-lhe espantosas. Em cordovão vermelho-sangue e subidas até meio das coxas. Das suas coxas nuas.»

«Haveremos de experimentar», responde o Clive, num tom tão neutro quanto é capaz (embora seja uma ideia, a velha Scorpia tem andado muito irritante ultimamente). «Sabia-me bem um pouco de descontracção após ter tentado explicar o Pointsman às Altas Patentes.»

«Oh, o fulano dos *cães*. Ouça cá, você já alguma vez pensou num São Bernardo? Aqueles queridos enormes, peludos.»

«Às vezes», Clive mantém-se na sua, «mas sobretudo penso no Pointsman.»

«Não faz o seu tipo, querido. De todo que não. E ele lá se *vai* safando, o pobre fulano.»

«Sir Marcus», último recurso, normalmente o esbelto cavaleiro exige que lhe chamem Angelique, e parece não haver outro modo de lhe despertar a atenção, «se esta história rebentar, assistiremos a uma

crise nacional. Tenho Grupos Radicais a entupirem-me a telefonista e a caixa de correio dia e noite —»

«Mm, eu cá bem gostaria de lhe entupir a sua caixa de correio, Clivey —»

«— e o Comité de 1922 a entrar-me pela janela. O Bracken e o Beaverbrook *continuam*, sabe, não é que as eleições os tenham deixado sem emprego ou isso —»

«Meu *caro*», sorrindo angelicamente, «não vai *haver* crise nenhuma. Os Trabalhistas querem encontrar o Americano tanto como nós. Nós enviámo-lo para lá para destruir os pretos, e agora tornou-se evidente que ele não irá fazê-lo. Que mal poderá ele causar, andando às voltas pela Alemanha? Tanto quanto sabemos, ele embarcou rumo à América do Sul e a todos aqueles pequenos e adoráveis mustachios. Deixe-o *estar* por uns tempos. Nós temos o Exército, quando a altura for propícia. O Slothrop foi uma boa tentativa de uma solução moderada, mas no fim há sempre o Exército, não é?»

«Como pode estar tão certo de que os Americanos alguma vez perdoarão isso?»

Um longo e desagradável riso. «Clive, você é mesmo um menino. Você não conhece os Americanos. Eu conheço. Lido com eles. Eles vão querer ver como lidamos com os *nossos* adoráveis bichos pretos — oh meu caro, ex Africa semper aliquid novi, é que eles são tão grandes, tão *fortes* — antes de experimentarem isso nos seus, ah, grupos-alvo. Poderão *dizer* muitas coisas desagradáveis se falharmos, mas não haverá quaisquer sanções.»

«Iremos falhar?»

«Todos nós iremos falhar», Sir Marcus compondo os seus caracóis, «mas a Operação não.»

Sim. Clive Mossmoon sente-se a ascender, como que de um atoleiro de triviais frustrações, receios políticos, problemas de dinheiro: entregue à sóbria margem da Operação, onde tudo é firme debaixo dos pés, onde o ego é um mísero animal indulgente que outrora chorava no seu tenebroso lodo. Mas aqui não há queixumes, aqui dentro da Operação. Não há ego mais baixo. As questões são demasiado momentosas para que o ego mais baixo interfira. Mesmo na sala dos castigos da herdade de Sir Marcus, «Os Vidoeiros», os preliminares são

um jogo acerca de quem tem o poder real, quem o teve desde sempre, ainda que esteja acorrentado e espartilhado, do lado de fora destes muros de grilhões. As humilhações da bela «Angelique» são calibradas segundo o grau de fantasia deles. Nenhuma alegria, nenhuma rendição autêntica. Somente as exigências da Operação. Cada um de nós tem o seu lugar, e os inquilinos vão e vêm, mas os locais ficam...

Nem sempre foi assim. Nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, houve Ingleses que se amaram um ao outro decentemente, sem vergonha nem fingimentos, sob as fáceis aparências das suas mortes súbitas, e encontraram nos rostos de outros homens jovens evidências de visitas extramundanas, alguma pobre esperança que possa ter ajudado a redimir até a lama, a merda, os pedaços apodrecidos de carne humana... Era o fim do mundo, era a revolução total (embora não exactamente do modo que Walter Rathenau havia anunciado): todos os dias milhares vindos da nova e da velha aristocracia, ainda com as suas ideias auradas de bem e de mal, iam para a ruidosa guilhotina da Flandres, governada perene e persistentemente por nenhuma mãos visíveis, certamente não as de pessoas — uma classe Inglesa estava a ser dizimada, aqueles que se haviam voluntariado estavam a morrer por aqueles que sabiam algo e não o tinham feito e, apesar de tudo isso, apesar de saberem, alguns deles, da traição, enquanto a Europa morria mesquinhamente nos seus próprios dejectos, os homens amavam. Mas desde então há muito que o grito vital desse amor se reduziu sibilando a não mais do que esta ociosa e maliciosa paneleirice. Nesta última Guerra, a morte não era nenhum inimigo, mas um colaborador. A homossexualidade nos altos cargos é agora somente uma reflexão carnal, e a verdadeira e única foda é feita no papel...

A CONTRAFORÇA

O quê?

— RICHARD M. NIXON

□ □ □ □ □ □

Bette Davis e Margaret Dumont estão na saleta pejada de retorcidos à Cuvilliés da casa palaciana de alguém. Do lado de fora da janela, a certo ponto, chega o som de um kazoo, tocando uma melodia de espantosa insipidez, provavelmente «Who Dat Man?» do *Um Dia nas Corridas* (em mais do que uma maneira). É um dos reles amigos do Groucho Marx. O som é baixo, um zumbido, e gutural. A Bette Davis imobiliza-se, vira a cabeça, deita fora o seu cigarro, «O que», inquire ela, «é aquilo?» A Margaret Dumont sorri, espeta o peito para fora, olha para a ponta do seu nariz. «Bom o *som*», responde ela, «parece o de um kazoo.»

Tanto quanto o Slothrop sabe, *era mesmo* um kazoo. Na altura em que ele acorda, a chinfreira já se desvaneceu na manhã. Fosse o que fosse, aquilo acordou-o. O que aquilo era, ou é, é o Pirata Prentice, num P-47 mais ou menos desviado, a caminho de Berlim. As ordens dele são tersas e claras, tal como as dos outros, agentes do Papa, o Papa tem religião, vão-me lá buscar esse minnesinger, ele afinal é bom tipo...

Bom, é um Garrafão dos mais antigos, um dos que têm uma capota tipo estufa. O barrado campo de visão traz ao Pirata pontadas de memória nos músculos do pescoço. O avião parece-lhe permanentemente descompensado, embora ele continue a entreter-se de vez em quando com diferentes estabilizadores. Neste momento, está a experimentar a Potência de Emergência de Guerra para ver como aquilo funciona, embora pareça não haver Guerra, nem Emergência, mantém-se de olho no painel, onde as RPMs, as variadas pressões

e a temperatura das cabeças dos cilindros estão todas elas a abeirar-se das respectivas linhas vermelhas. Ele abranda e continua a voar, e daí a pouco está a tentar uma lenta passagem sobre Celle, depois um arco sobre Brunswick, e a seguir, porque não, um Immelman sobre Magdeburgo. Virado de cabeça para baixo, os molares doridos e num sorriso, ele inicia o seu rolamento com um fio de impulso a menos, ligeiramente abaixo das cento e trinta, e quase deixa o motor ir-se abaixo, dá uns solavancos sobre um conjunto de pontos inesperados — acabar aquilo como uma espiral vulgar ou efectuar o Immelman? — já a estender a mão para os ailerons, esquece o raio do leme, não vale a pena preocupares-te com a reviravolta... mas no último segundo dá efectivamente um toque no pedal seja lá como for, um compromisso menor (estou quase com quarenta, meu Deus, estará a suceder comigo *também?*) e rola voltando-se novamente para cima. Tinha de ser o Immelman.

Oh eu sou a Águia da Baderna
Das bombas, dos tiros e da caserna,
E ninguém me faz maldade!
Velho Kaiser Bill, tu já não és verosímil,
Pois estou a chegar à tua cidade!
Diz às fräuleins e às mademoiselles
Que ponham à janela luzes em minha memória...
Porqu'eu sou a Águia da Baderna, ninguém me pass'a perna,
E vou a voar p'rá vitória!

Por esta altura, o Osbie Feel deve estar em Marselha, já a tentar entrar em contacto com o Blodgett Waxwing. O Webley Silvernail vai a caminho de Zurique. A Katje irá para Nordhausen... a Katje...

Não, não, ela não lhe contou tudo em que tem estado envolvida. Ele não tem nada que ver com isso. Por mais que ela lhe contasse, haveria sempre aquele pedacinho de mistério nela. Devido ao que ele é, devido às direcções em que ele não pode mover-se. Mas como foi que eles os dois se impediram de desaparecer um do outro, nas cidades de papel e nas tardes desta estranha paz, e da Austeridade que aí vem? Poderá ser que haja qualquer coisa nos arranjos ad hoc, como a presente missão, que nos têm de pôr em contacto com as pessoas

com quem precisamos de estar? que as aventuras mais formais tendam, pela sua natureza, para a separação, para a solidão? Ah, Prentice... O que é isto, uma hélice a falhar? não, não, verifica a pressão do combustível — cá está o ponteiro do mostrador a balouçar, bastante em baixo, o tanque está a ficar seco —

Um pequeno incómodo no voo aqui para o Pirata, nada de sério... De vez em quando pelos auscultadores dele, vozes-fantasmas desafiam-no ou repreendem-no: gente do controlo de tráfego aéreo lá em baixo no seu reino, mais um revestimento na Zona, antenas esticadas na vastidão como baluartes, irradiantes meias-esferas de influência, definindo invisíveis corredores-no-céu que somente são reais para elas. O Thunderbolt está pintado em verde de Kelly. Dificilmente passa despercebido. Ideia do Pirata. O cinzento era para a Guerra. Eles que o persigam. Apanhem-me se conseguirem.

O cinzento era para a Guerra. Também o era, ao que parece, o estranho talento do Pirata para viver as fantasias de outros. Desde o Dia V-E, nada. Mas não é o fim das suas dificuldades psíquicas. Ele continua a ser «assombrado», da mesma maneira marginal e incerta, pelo antepassado de Katje Frans van der Groov, matador de dodós e soldado da fortuna. O homem nunca chega por inteiro, nem parte inteiramente. O Pirata está a tomar aquilo como uma coisa pessoal. Ele é o anfitrião compatível com o Holandês, independentemente da sua vontade. Que verá o Frans nele? Terá aquilo algo que ver — pois claro que tem — com a Firma?

Ele urdiu uma meada dos seus sonhos nos do Pirata, sonhos heréticos, exegeses de moinhos que rodavam na sombra à beira de escuros campos, cada braço apontando para um ponto na orla de uma roda gigante que volteava pelo céu, parando e recomeçando, sempre exactamente com a cruz a girar: «vento» era um termo médio, uma convenção para exprimir o que realmente movia a cruz... e isso aplicava-se a todo o vento, em qualquer ponto da Terra, gritando entre o rosado de confeitaria e as amarelas montanhas das Maurícias ou abanando as tulipas lá na terra, rubras taças à chuva enchendo-se gota a clara gota com água, cada vento tem a sua cruz-em-movimento, materialmente ali ou implícita, cada cruz uma mandala única, conjugando os opostos ao girar (e já agora diz-me, Frans, que vento é este

em que eu estou, este vento de 25 000 pés? Que moinho é esse, que mói lá em baixo? O que mói ele, Frans, quem maneja a pedra?).

Muito abaixo da barriga do Thunderbolt, penteados nas verdes paisagens campestres, passam os contornos amaciados pelo tempo de antigos aterros, aldeias abandonadas durante a Grande Matança, campos atrás de casas rurais cujos habitantes foram ceifados sem mercê pela marcha da peste negra rumo ao norte. Por detrás de um pano, fria como os lençóis que cobrem a mobília numa ala interdita da casa, uma voz de soprano canta notas que nunca se dispõem numa melodia, que se despedaçam do mesmo modo que as proteínas mortas...

«É tão claro como o ar», arenga Gustav, o compositor, «se tu não fosses um velho tolo vias isso — eu sei, eu sei, há uma Associação Benevolente dos Velhos Tolos, todos vocês se conhecem uns aos outros, vocês votam censuras contra os mais problemáticos abaixo dos 70 e o meu nome está à cabeça da lista. Tu pensas que me importo? Todos vocês estão numa frequência diferente. Não há maneira nenhuma de virem a ter interferências da nossa parte. Estamos demasiado separados. Nós temos os nossos próprios problemas.»

Criptozoários de muitos tipos correm entre migalhas, pêlos púbicos, manchas de vinho, cinzas e aparas de tabaco, uma confusão de pequenas ampolas de cocaína, cada uma delas com uma tampa vermelha em Bakelite que ostenta o selo da Merck de Darmstadt. A atmosfera dos bichos acaba a cerca de dois centímetros do chão, com humidade, escuridão e estabilidade de temperatura ideais. Ninguém os incomoda. Há um acordo tácito em como não se pisam os bichos em casa do Säure.

«Vocês estão apanhados pela tonalidade», grita Gustav. «Encurrallados. A tonalidade é um jogo. Todas elas o são. Vocês estão demasiado velhos. Nunca passarão para além do jogo, até ao Tumulto. O Tumulto é iluminação.»

«O Tumulto também é um jogo.» O Säure está sentado a sorrir com uma colher de marfim, a enfiar quantidades incríveis de cocaína no nariz, desfiando todo o seu repertório: braço estendido balançando numa curva gigante *zás* precisamente na narina que ele visara, a seguir indo buscar mais ao lote que está a meio metro de distância

distância sem perder um só cristal... depois um monte dela é lançado ao ar como se fosse uma pipoca e apanhado com o nariz *ngkok* mesmo em cheio, lá dentro onde é tão liso como um bloco do Jo, nem um cílio por ali à vista desde o funeral do Liebknetch, se não desde antes... mudanças da colher de mão-para-mão duas ou três vezes, o mais rápido que o marfim alguma vez se moveu pelo ar... as linhas desaparecendo num piscar de olhos sem o benefício de um tubo para as guiar. «O *som* é um jogo, se tu fores capaz de chegar tão longe, meu visionário secretista das adenóides. É por isso que eu ouço Spohr, Rossini, Spontini, eu ando a escolher o *meu* jogo, um que é cheio de luz e de ternura. Tu estás preso àquela coisa da estratosfera e racionalizas a monotonia dela chamando-lhe «iluminação». Tu não sabes o que é a iluminação, Kerl, tu és mais cego do que eu.»

Slothrop abala pelo carreiro abaixo até um regato de montanha onde deixou a sua gaita-de-beiços a ensopar-se toda a noite, entalada entre algumas rochas numa lagoa serena.

«A tua “luz e ternura” são as jigas dos danados», diz Gustav. «Consegue cheirar-se a mortalidade em cada uma das vossas saltitantes melodiazitas.» Carrancudo, ele decapita uma ampola de cocaína com os dentes e cospe o detrito vermelho para o meio dos tremeluzentes bichos.

Entre a água que corre, os buracos da velha Hohner que Slothrop encontrou torcem-se um a um, os quadrados sendo dobrados como notas, um blues visual a ser tocado pelo límpido regato. Há tocadores de harmónica e de saltério em todos os rios, por onde quer que a água se mova. Tal como profetizara o tal Rilke,

E embora a Mundanidade te esqueça,
À Terra quieta diz: eu fluo.
À água que corre afirma: eu sou.

Ainda é possível, mesmo a esta distância, encontrar e tornar audíveis os espíritos dos gaiteiros perdidos. Sacudindo a água da sua harmónica, palhetas cantando contra a perna dele, encetando o blues singelo no primeiro compasso do segmento desta manhã, Slothrop, meramente ao sugar a sua gaita, está mais perto de ser um médium espiritual do que esteve até agora, e nem sequer o sabe.

A gaita-de-beiços não apareceu logo. Durante os primeiros dias dele nestas montanhas, deparou com uma gaita-de-foles, deixada para trás em Abril por alguma unidade das Terras Altas. Slothrop tem jeito para entender as coisas. O instrumento Imperial não custou nada. Ao fim de uma semana já dominava aquela melodia que o Dick Powell cantava nos filmes, «In The Shadows Let Me Come and Sing to You», e passava a maior parte do seu tempo a tocar isso, WHANG-de-diddle de-dee, WHANG de *dum*—de-doooooo... uma e outra vez, na gaita-de-foles. Seguidamente começou a notar que eram deixadas oferendas de comida junto ao alpendre que ele havia montado. Mangels-wurzels, um cesto de cerejas, até peixe frito. Nunca via quem as deixava. Ou deveria ser o fantasma de algum gaiteiro, ou puramente o próprio som apenas, e ele sabia o suficiente acerca de solidões e vozes nocturnas para perceber o que se estava a passar. Deixou de tocar a gaita-de-foles, e no dia seguinte encontrou a gaita-de-beiços. Parecia ser a mesma que ele perdera em 1938 ou 39 na retrete do Roseland Ballroom, mas isso já foi há demasiado tempo para que ele se lembre.

Tem-se mantido a sós. Se outros o viram a ele ou ao seu lume, não tentaram aproximar-se. Anda a deixar crescer o cabelo e a barba, vestido com uma camisa e umas calças de algodão grosso que o Bodine libertou para ele da lavandaria do *John E. Badass*. Mas gosta de passar dias inteiros nu, formigas subindo-lhe pelas pernas, borboletas pousando-lhe nos ombros, vendo a vida na montanha, passando a conhecer picanços e tetrizes, texugos e marmotas. Há toda uma série de direcções em que ele deveria estar a mover-se, mas, por enquanto, prefere ficar aqui mesmo. Todos os sítios onde esteve, Cuxhaven, Berlim, Nice, Zurique, devem estar vigiados agora. Mesmo assim, poderia tentar encontrar o Springer, ou o Blodgett Waxwing. Porque tem ele esta obsessão em obter os papéis? Mas afinal que são os *papéis*, foda-se? Ele poderia tentar um dos portos Bálticos, esperar que Frau Gnabh lá fosse atracar, e atravessar para a tal Dinamarca ou para a tal Suécia. Desalojados, escritórios queimados, registos perdidos para sempre — os papéis poderiam não ter tanta importância na Europa... esper'aí, tanta como *onde*, Slothrop? Huh? Na América? Merda. Vá lá —

Pois é, ainda a pensar que há uma maneira de regressar. Ele tem andado a mudar, claro, a mudar, dependendo o albatroz do eu de vez em quando, indolentemente, semiconsciente enquanto tira macacos do nariz — mas aquela pena-fantasma em que os dedos dele sempre roçam é a América. Pobre imbecil, não consegue desistir dela. Ela sussurrou-lhe *ama-me* com tanta frequência durante o sono, cativou-lhe insaciavelmente a sua atenção da vigília com insinuações, promessas incríveis. Um dia — ele consegue ver um dia — ele poderia ser finalmente capaz de lhe dizer *desculpa*, claro e deixá-la... mas ainda não. Mais uma tentativa, mais uma hipótese, mais um negócio, mais uma transferência para uma linha esperançosa. Talvez seja apenas orgulho. E se ela já não tiver mais lugar para ele no seu estábulo? Se ela o entregou, jamais lho explicará. Os «garanhões» dela não têm direitos. Ela é imune às perguntas mesquinhas e estúpidas deles. Ela é exactamente a Megera Amazónica que as vossas fantasias disseram ser.

Depois há o Jamf, o emparelhamento de «Jamf» e «Eu» no sonho primevo. Com quem pode ele ir ter com *isso*? isso não suportará grandes olhares, pois não? Se ele se aproximar demais, haverá vingança. Pode ser que Eles o avisem primeiro, pode ser que não o avisem.

Os augúrios tornam-se mais claros, mais específicos. Ele observa voos de pássaros e padrões nas cinzas do seu lume, lê as tripas da truta que apanhou e esventrou, pedaços de papel perdido, grafitos nos muros quebrados onde o reboco foi levantado a tiro para expor os tijolos que estão por baixo — quebrados em formas específicas que também podem ser lidas...

Certa noite, na parede de um cagatório público fedorento e pejado de tifóide, ele encontra entre iniciais, datas, apressados retratos de pénis e bocas abertas para os receberem, estampagens feitas pelos Lobisomens do homem escuro com os ombros altos e o chapéu Homburgo, uma palavra-de-ordem oficial: WILLST DU V-2, DANN ARBEITE. Se queres a V-2, então trabalha. Boa Noite Tyrone Slothrop... não, não, espera, está tudo bem, na outra parede eles também pintaram WILLST DU V-4, DANN ARBEITE. Sorte. As vozes transbordantes retrocedem, a anedota esclarece-se, ele está apenas novamente com

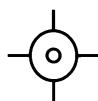
o Goebbels e a incapacidade do homem para deixar uma coisa boa existir. Mas fora preciso um esforço para andar por ali e ir ver essa outra parede. Poderia estar qualquer coisa ali atrás. Era ao crepúsculo. Campos lavrados, linhas eléctricas, valas e corta-ventos distantes estendiam-se por quilómetros. Sentiu-se valente e em controlo. Mas então uma outra mensagem atraiu o seu olhar:

HOMEM-FOGUETE ESTEVE AQUI

A primeira coisa que pensou foi que ele próprio escrevera aquilo e o esquecera. Estranho que tenha sido esse o seu primeiro pensamento, mas foi. Poderia suceder que ele começasse a implicar-se a si mesmo, uma qualquer versão anterior de si mesmo, na Combinação contra a qual ele estava então. No seu indolente coma, o albatroz agitou-se.

Slothrops do passado, digamos que à média de um por dia, dez milhares deles, alguns mais poderosos que outros, andavam a chegar em cada pôr-do-sol ao furioso anfitrião. Era a quinta-coluna, bem no interior da sua cabeça, aguardando o momento de o entregar às outras quatro divisões lá fora, aproximando-se...

Por isso, ao lado do outro grafito, com um pedaço de pedra, ele riscou este signo:



Slothrop sitiado. Só após o ter deixado em mais uma dúzia de lugares lhe ocorreu que *o que ele estava verdadeiramente a desenhar era o foguete A4*, visto por baixo. Altura essa em que ele já se sintonizara com outras expressões quadripartidas — variações no moinho cósmico do Frans van der Groov — suásticas, símbolos de ginástica FFFF num círculo simetricamente invertido e posto para trás, Frisch Fromm Fröhlich Frei sobre portas asseadas em ruas pacatas, e encruzilhadas, onde vos podeis sentar a escutar o tráfego vindo do Outro Lado, ouvindo acerca do futuro (aqui não há tempo serial: todos

os eventos estão ali no mesmo momento eterno e por isso certas mensagens nem sempre «fazem sentido» por cá: carecem de estrutura histórica, parecem extravagantes, ou insanas).

Os campanários de igrejas com cor de areia empinam-se nos horizontes de Slothrop, absidam-se para fora em quatro lados como aletas de foguete orientando os pináculos aerodinâmicos... gravada no arenito, ele encontra à espera a marca da consagração, uma cruz num círculo. Por fim, deitado certa tarde de braços e pernas abertas e completamente à vontade ao sol, à beira de uma das antigas vilas da Peste, ele próprio se torna uma cruz, uma encruzilhada, uma intersecção viva onde os juízes vieram montar um cadafalso para um criminoso comum que será enforcado ao meio-dia. Negros sabujos e pequenos cães-de-cobre com grandes dentes tão matreiros como doninhas, cães cujas linhagens andaram perdidas durante 700 anos, perseguem uma fêmea em cio enquanto os espectadores se acumulam, é o quarto enforcamento nesta Primavera e não há muitos espetáculos por aqui além deste, pensando no último instante em quem sabe qual bata levantada, qual gnädige Frau Morte de gordas ancas que possa ter chegado bailando, ele fica com uma erecção, um tremendo inchaço roxo-escuro e, ao mesmo tempo que o seu pescoço se quebra, ele efectivamente *vem-se* nos farrapos que lhe cobrem as virilhas tão cremoso quanto a pele de um santo sob o roxo manto da Quaresma, e uma gota de esperma consegue rebolar, escorrendo de pêlo em pêlo pela perna morta, até lá abaixo, saltando da ponta do pé descalço e com crostas, pinga para a terra no exacto centro da encruzilhada onde, no mecanismo da noite, se transforma numa raiz de mandrágora. Na Sexta-feira seguinte, pela alvorada, o Mágico, o seu próprio Heilingenschein em movimento ondulando do infravermelho ao ultravioleta em anéis espectrais em redor da sombra dele sobre a erva orvalhada, vem com o seu cão, um cão preto como carvão que não é alimentado há alguns dias. O Mágico cava cuidadosamente a toda a volta da preciosa raiz até esta ficar presa somente pelos mais finos pêlos radiculares — ata-a à cauda do seu cão preto, cobre as suas próprias orelhas com cera e depois saca de um pedaço de pão para atrair o cão esfomeado *mrowf!* o cão atira-se ao pão, a raiz

é arrancada e solta o seu penetrante e fatal grito. O cão cai morto antes de chegar a meio do caminho para o pequeno-almoço, a luz sagrada dele imobiliza-se e desvanece-se nos milhões de gotas de orvalho. O Mágico leva ternamente a raiz para casa, veste-a com um pequeno fatinho branco e deixa-lhe dinheiro durante a noite: de manhã, as moedas multiplicaram-se por dez. Um delegado do Comité sobre Idiopáticos Arquétipos vem visitá-lo. «Inflação?» o Mágico tenta disfarçar com alguns fluidos gestos de mãos. «Capital?» jamais ouvi falar disso. «Não, não», responde o visitante, «de momento não. Estamos a tentar pensar com avanço. Gostaríamos muito que nos falasse da estrutura básica disso. A que ponto foi mau o grito, por exemplo?» «Tinh'as minhas orelhas tapadas, não consegui ouvi-lo.» O delegado exibe um fraternal sorriso de negócios. «Nem consigo dizer a pena que sinto de si...»

Cruzes, suásticas, mandalas da Zona, como podem elas não falar ao Slothrop? Ele está sentado na cozinha do Säure Burnmer, no ar ondulado franzidos de kif, lendo receitas de sopa e encontrando em cada osso e em cada folha de couve paráfrases de si próprio... boletins noticiosos, nomes de cavalos de carga que lhe pagarão o suficiente por uma certa escapadela... Ele costumava ir de espeto e pá para as estradas primaveris do Berkshire, tardes de Abril que ele perdeu, «trabalho do Capítulo 81», era o que lhe chamavam, atrás do raspador que limpa o cristalino ataque-vindo-do-interior invernal, a sua alva necropolização... apanhando latas de cerveja enferrujadas, preservativos amarelecidos com sémen preterido, Kleenexes amachucados em formas cerebrais que escondiam ranho preterido, lágrimas preteridas, jornais, vidros partidos, peças de automóveis, dias nos quais em superstição e medo ele conseguia *fazer tudo aquilo encaixar-se*, vendendo claramente em cada coisa uma entrada num registo, numa história: a sua, a do seu Inverno, a do seu país... a instruí-lo, cretino e vagabundo, de maneiras mais profundas do que ele consegue explicar, têm estado rostos de crianças saindo pelas janelas dos comboios, dois compassos de música de dança algures, numa qualquer outra rua à noite, carumas e ramadas de um pinheiro que se agitam claras e luminosas contra as nuvens nocturnas, um diagrama de circuito entre centenas deles num molho enfarruscado e amarelecido, risos vindos de um campo de milho ao início da manhã quando ele caminhava

para a escola, um motociclo em ponto morto numa hora estival já ensombrada pelo crepúsculo... e agora, na Zona, ao final do dia ele transformou-se numa encruzilhada, após uma chuva forte de que ele não se lembra, o Slothropvê aqui um arco-íris muito espesso, uma entroncada picha de arco-íris descendo das nuvens púbicas para a Terra, a verde e molhada Terra dos vales, e o peito dele enche-se e ele posta-se gritando, nem uma única coisa na sua cabeça, sentindo-se apenas natural...



Em dupla desembraiagem, calcnar-e-ponta-do-pé, lá vai o Roger Mexico. A descer a Autobahn estival, juntas de expansão troando ritmicamente debaixo das suas rodas, ele vai a toda a velocidade num Horch 870B pré-Hitler atravessando o ondulante tom de roxo-queimado da Charneca de Lüneburg. Por cima do pára-brisas tombam sobre ele ventos amenos, cheiro a zimbros. As ovelhas Heidschnucken que há por aqui repousam tão imóveis quanto nuvens caídas. Os paús e as giestas desfilam aceleradamente. Lá no alto o céu está atarefado, em corrida, um plasma vivo.

O Horch, verde-tropa com um discreto narciso pintado a meia altura da sua capota, estava escondido no interior de um camião na extrema voltada para o Elba do parque automóvel da Brigada em Hamburgo, todo escondido à excepção dos seus faróis dianteiros, olhos pedunculados de um alienígena amigável a sorrir para o Roger. Sê bem-vindo, Terráqueo. Já a caminho, descobrirá que o chão estava pejado de rebolantes boiões de vidro sem rótulo e contendo o que parecia ser comida de bebé, uma coisa estranha e de cor insalubre a que nenhum bebé humano conseguiria possivelmente sobreviver após ingeri-la, verde e raiada de cor-de-rosa, bege-de-vómito com inclusões magenta, todos impossíveis de identificar, cada tampa adornada com um soridente, gordo, querubínico bebé, fervilhando por baixo do vidro luzidido com horrendas toxinas e ptomaínas de botulismo... de vez em quando, apresentava-se um novo frasco, espontaneamente, por baixo do assento, e rebolava para diante, contra todas as leis da aceleração, para entre os pedais de modo a atrapalhar-lhe os pés. Ele sabe que deveria olhar para baixo e lá para trás

para descobrir o que se passa, mas não consegue resolver-se inteiramente a fazê-lo.

Rebolam frascos estrepitosamente no chão, sob a capota uma ou duas hastes empenadas tagarelam a sua história de desconforto. Mostarda bravia desfila ao fundo do centro da Autobahn, perfeitamente bitonal, somente amarela e verde, um rio fiel visto apenas pelos dois tipos de luz ondulante. Roger canta para uma rapariga em Cuxhaven que ainda transporta o nome de Jessica:

Sonhei ter-nos encontrado aos dois de novo,
Na Primavera afastados por tantas vidas de estranhos além,
E nós, tão livres no ar,
Passeando junto ao mar,
Tendo de dizer palavras de papel escritas por alguém...

Apanharam-nos nos portões do verde retorno,
Já sem podermos parar, perguntar-lhes o porquê do barulho —
As crianças tornam ao convívio?
Resiste algum vestígio ao oblívio,
Nas super auto-estradas de Julho?

Deparando agora subitamente com uma tão brilhante penugem dourada na encosta e no campo que ele quase se esquece de contornar a curva inclinada...

Uma semana antes de se ir embora, ela viera até à «Visitação Branca» pela última vez. À excepção dos insignificantes resquícios da PISCES, o local era novamente um manicómio. Os cabos dos balões de barragem iam enferrujando nos prados alagados, desfazendo-se em flocos, em iões e terra — tendões que cantavam nas noites violentas, entre as sirenas uivando em tercinas tão suaves como o vento distante, entre os rufos de tambor das bombas, agora jazem frouxos, velhos, em rijs contorções de cinzas de metal. Miosótis fervem por toda a parte debaixo dos pés, e as formigas amontoam-se, afadigando-se com um sentido de reino. Comas, enxofres, damas pintadas navegam nas termoclinas ao longo das falésias. Jessica cortou a franja desde que o Roger a viu pela última vez, e está a passar pela ansiedade habitual — «Ficou com um aspecto completamente horrível, nem precisas de o dizer...»

«Está absolutamente de cair para o lado», diz o Roger, «adoro.»

«Estás a fazer troça.»

«Jess, porque estamos nós a falar de *cortes de cabelo* por amor de Deus?»

Enquanto alhures, do outro lado do Canal, uma barreira tão difícil quanto a muralha da Morte para um médium novato, o Tenente Slothrop, corrompido, abandonado por todos, se arrasta sobre a face da Zona. Roger não quer desistir dele: Roger quer fazer o que é correcto. «Eu não posso deixar o pobre tolo por ali, pois não? Eles estão a tentar destruí-lo —»

Mas, «Roger», disse ela sorrindo, «já é *Primavera*. Estamos em paz.»

Não, não estamos. É mais um pedaço de propaganda. Algo que o E.G.P. plantou. Ora cavalheiros, como já tereis visto pelos estudos, a nossa data óptima é 8 de Maio, imediatamente antes do tradicional êxodo do Pentecostes, escolas a esvaziarem-se, projecções climáticas para uma excelente época de crescimento, requisitos de carvão iniciando o seu sazonal declínio, dando-nos alguns meses de clemência para tornarmos a pôr de pé os nossos interesses no Ruhr — não, ele vê somente os mesmos fluxos de poder, os mesmos empobrecimentos em que tem andado a arrastar-se desde '39. A rapariga dele está prestes a ser levada para a Alemanha, quando deveria ser desmobilizada tal como toda a gente. Nenhum canal para instâncias superiores que mostre a algum deles qualquer esperança de fuga. Há *qualquer coisa* ainda em curso, não lhe chameis uma «guerra» se isso vos deixa nervosos, talvez a taxa de mortes tenha descido um ponto ou dois, a cerveja em lata está finalmente de volta e *havia* imensas pessoas em Trafalgar Square numa noite há não muito tempo... mas o empreendimento d'Eles prossegue.

O triste facto, a lacerar-lhe o coração, a expor-lhe a sua vacuidade, é que Jessica acredita n'Eles. «A Guerra» era a condição de que ela precisava para estar com o Roger. A «Paz» permite-lhe deixá-lo. Os recursos dele, comparados com os d'Eles, são demasiado escassos. Ele não tem palavras, nenhum abraço tecnicamente esplêndido, nenhuma crise gritante que alguma vez consiga detê-la. O velho Beaver, não é de surpreender, fará de oficial de ligação da defesa aérea por lá, pelo que estarão juntos na romântica Cuxhaven. Ta-ta louco

Roger, foi grandioso, um namorico em tempo de guerra, quando nos vínhamos era completamente incendiário, os teus braços abertos tão amplos como as asas de uma Fortaleza, tínhamos os nossos segredos militares, enganávamos os velhos e gordos coronéis a torto e a direito, mas o tempo de abandonar funções tem de chegar a todos, caramba! tenho de correr querido Roger a sério que foi de sonho...

Ele agarrar-se-ia aos joelhos dela cheirando a glicerina e a água de rosas, lamberia areia e sal nos sapatos do STA dela, oferecer-lhe-ia a liberdade dele, o salário dos seus 50 anos seguintes num emprego bom e estável, o seu pobre cérebro pulsante. Mas é demasiado tarde. Estamos em Paz. A paranóia, o perigo, o assobio desafinado da atarefada Morte na porta ao lado, tudo isso foi posto a dormir, juntamente com a Guerra, juntamente com os Anos do Roger Mexico dela. No dia em que os foguetes pararam de cair, aquilo começou a terminar para o Roger e a Jessica. À medida que se ia tornando claro, dia após seguro dia, que mais nenhum tornaria a cair outra vez, o novo mundo foi-se infiltrando nela e dominou-a como a Primavera — não tanto as mudanças que ela sentia no ar e na luz, nas multidões do Woolsworth's, quanto uma má primavera cinematográfica, cheia de folhas de árvore feitas em papel e de flores com algodão em rama e de iluminação barata... não, nunca mais ela se encostará ao lava-louças deles com uma taça de porcelana chiando nos seus dedos, aquele pequeno e indefeso som de criança chorosa, ressoando docilmente VARRIDA DA ATENÇÃO QUANDO O FOGUETE CAIU desfazendo-se num estrépito de pontos brancos e azuis pelo chão...

Aqueles foguetes-da-morte fazem agora parte do passado. Desta vez, ela estará do lado de quem dispara, ela e o Jeremy — não era *assim* que sempre deveria ter sido? disparando-os para o meio do mar: nenhuma morte, só o espectáculo, fogo e tumulto, a excitação sem a matança, não era por isso que ela rezava? lá na casa que se desvanece, agora já não requisitada, de novo ocupada por extensões humanas de franjas de borlas, retratos de cães, cadeiras Vitorianas, pilhas secretas do *News of the World* no armário do piso de cima.

Ela está resolvida a ir. As ordens vêm de mais alto do que ela consegue alcançar. O futuro dela é com os que são do Mundo, e o

Roger anda apenas com esta estranha versão da Guerra que ele transporta ainda consigo. Nem se consegue mexer, pobre coitado, não quer largar aquilo. Ainda passivo como tem estado sob os foguetes. Roger a vítima. Jeremy o disparador. «A Guerra é a minha mãe», dissera ele no primeiro dia, e Jessica pusera-se a pensar que damas de negro surgiriam nos sonhos dele, que sorrisos com brancura de cinzas, que podadeira lhes entraria a talho de foice pelo quarto, pelo Inverno... tanto dele que ela nem chegou a conhecer... tanto de inapto para a Paz. Ela já começa a pensar no tempo deles como uma cadeia de explosões, loucura agrupada aos ritmos da Guerra. Agora ele quer ir salvar o Slothrop, outra criatura-do-foguete, um vampiro cuja vida sexual na verdade *alimentou* o terror daquele Ataque dos Foguetes — ugh, de arrepiar, de arrepiar. Deviam era fechá-lo, e não porem-no em liberdade. O Roger *deve* preocupar-se mais com o Slothrop do que com ela, eles são do mesmo género, não são, bom — ela espera que sejam felizes juntos. Podem sentar-se a beber cerveja, contarem histórias dos foguetes, rabiscarem equações um para o outro. Que alegria. Pelo menos ela não irá deixá-lo num vácuo. Ele não ficará sozinho, terá qualquer coisa com que ocupar o tempo...

Ela afastou-se dele, pela praia fora. O sol está hoje tão brilhante que as sombras junto ao tendão de Aquiles dela são finas e pretas como as costuras de uma meia de seda pelo tacão acima. A cabeça dela, como sempre, está vergada para diante, para longe, a nuca exposta que ele nunca deixou de amar, que jamais voltará a ver, tão desprotegida como a beleza dela, a inocência dela acerca de quão sempre em perigo se move pelo Mundo. Poderá saber um pouco, poderá pensar em si mesma, cara e corpo, como «bonita»... mas ele jamais poderia contar-lhe tudo o resto, quantas outras coisas vivas, pássaros, noites cheirando a erva e a chuva, momentos solarengos de simples paz, se reúnem também naquilo que ela é para ele. Era. Ele está a perder mais do que a mera Jessica: está a perder todo um âmbito de vida, de estar pela primeira vez à vontade na Criação. Regressando agora ao Inverno, retirando-se novamente para o seu simples invólucro. O esforço necessário para ir mais além é maior do que ele consegue fazer sozinho.

Não pensou que iria chorar quando ela partisse. Mas chorou. Ranho ao metro cúbico, olhos como cravos vermelhos. Dentro em

pouco, sempre que o seu pé esquerdo embatia no chão caminhando ele sentia um frémito de dor em metade do seu crânio. Ah, deve ser a isto que eles chamam a «dor da separação!» O Pointsman continuava a aparecer com braçadas de trabalho. Roger deu por si incapaz de esquecer a Jessica, e preocupando-se menos com o Slothrop.

Mas um dia o Milton Gloaming passou por lá para o livrar da sua imobilidade. O Gloaming acabara de voltar de uma passeata pela Zona. Tinha-se achado incluído num grupo de missão a par de um tal Josef Schleim, um desertor de brilhantismo secundário, que em tempos trabalhara para a IG a partir do gabinete do Dr. Reithinger, o VOWI — o Departamento Estatístico do NW7. Aí, fora atribuída ao Schleim a repartição Americana, que angariava inteligência económica para a IG, através de subsidiárias e licenciadas como a Chemnyco, a General Aniline and Film, a Ansco, a Winthrop. Em '36 ele viera para Inglaterra trabalhar para a Imperial Chemicals, com um estatuto que jamais estaria isento de ambiguidades. Ele já ouvira falar do Slothrop, sim deveras... lembrava-se dele dos velhos tempos. Quando o Lyle Bland partira na sua jornada transmural, tinham havido Relatórios Verdes a circular pelos gabinetes da IG durante semanas, Geheime Kommandosache, boatos a emparelharem-se e a desemparelharem-se como moléculas de alcatrão sob pressão, tudo isso relacionado com quem viria provavelmente a assumir a vigilância ao Slothrop, agora que o Bland partira.

Isto fora próximo do início da grande luta pela maquinaria de inteligência da IG. Tanto o departamento económico do gabinete internacional como o departamento internacional do gabinete económico andavam atrás disso. Tal como os militares, em particular a Wehrwirtschaftsstab, uma secção do Estado-Maior que mantinha a ligação do OKW com a indústria. A ligação da própria IG ao OKW era dirigida pelo Vermittlungsstelle W, comandado pelos Drs. Dieckmann e Gorr. O retrato era mais complicado ainda pelos habituais gabinetes duplicados do Partido Nazi, Organizações da Abwehr, instaladas em toda a indústria alemã após 1933. O cão de guarda dos Nazis por cima da IG chamava-se «Abteilung A» e estava instalado no mesmo edifício de escritórios que — de facto, ele parecia perfeitamente congruente com — o grupo de ligação ao Exército

da própria IG, o Vermittlungsstelle W. O Sparte I lidava com nitrogénio e gasolina, o II com tinturas, produtos químicos, borracha sintética, produtos farmacêuticos, o III com películas e fibras. O IV lidava com o Slothrop e nada mais, excepto — ouvira dizer Schleim — uma ou duas miscelâneas de patentes adquiridas através de algumas transacções com a IG Chemie na Suíça. Um analgésico cujo nome ele não conseguia recordar, e um novo plástico, um nome qualquer como Mipolam... «Polimex», ou uma coisa assim...

«Sons desses deveriam ter que ver com o Sparte II», fora o único comentário do Gloaming nessa altura.

«Alguns directores ficaram perturbados», concordou Schleim. «O Ter Meer era um Draufgänger — tanto ele como o Hörlein, sujeitos expeditos. Eles poderão tê-lo recuperado.»

«O Partido atribuiu um homem da Abwehr para esse Sparte IV?»

«Devem tê-lo feito, mas não sei se seria da SD ou da SS. Havia muitos deles por lá. Lembro-me de ver um fulano bastante magro com uns óculos grossos sair lá do gabinete por uma ou duas vezes. Mas ele usava roupas civis. Não lhe sei dizer como se chamava.»

Ora esta mas que raio de...

«Vigilância?» Roger está a agitar-se fortemente, com o seu cabelo, o seu laço de pescoço, orelhas, nariz, nós dos dedos, «A IG Farben tinha o Slothrop sob vigilância? Antes da Guerra? Para quê, Gloaming.»

«Estranho, não é?» Cheorio *boing* saindo porta fora sem mais uma palavra, deixando o Roger a sós com uma muito desagradável luz começando a surgir, o primeiro limiar de uma revelação, ofuscante, crescente, na periferia do seu cérebro. IG Farben, eh? O Sr. Pointsman tem andado muito íntimo, quase exclusivamente hoje em dia, dos escalões superiores da ICI. A ICI tem acordos de cartel com a Farben. O sacana. Ora, ele deve ter sabido do Slothrop desde sempre. O negócio do Jamf era apenas uma fachada para... bom vamos lá ver mas que raio se está a *passar* aqui?

A meio caminho de Londres (Pointsman repossou-se do Jaguar, pelo que Roger está em cima de um motociclo do parque automóvel da PISCES, que agora consiste apenas na mota e num Morris que quase nem tem embraiagem) ocorre-lhe que o Gloaming foi deliberadamente enviado pelo Pointsman, como uma qualquer obscura

táctica nesta campanha do Nayland Smith em que ele parece estar metido (o Pointsman possui uma coleção encadernada de todos os livros da grande saga dos Maniqueus por Sax Rohmer e, hoje em dia, é capaz de surgir em qualquer ocasião, normalmente quando Roger está a dormir ou tentando fazer uma cagadela em sossego, e *postar-se* ali mesmo, diante da retrete, lendo em voz alta um texto pertinente). Nada está para além de Pointsman, ele é pior do que era o velho Pudding, não tem vergonha nenhuma. Seria capaz de usar qualquer um — o Gloaming, a Katje Borgesius, o Pirata Prentice, ninguém está (a Jessica) isento do seu (*A Jessica?*) Maquiavélico —

A Jessica. Oh. Sim poisclaropoisclaro Mexico seu *idiota* do carlho... não admira que o 137.^º lhe causasse dificuldades. Não admira que as ordens dela viessem de Demasiado Acima. Ele chegara mesmo, qual cordeiro passeando-se nas proximidades do espeto, a pedir ao *Pointsman* que visse o que poderia ele fazer... Parvo. Parvo.

Chega à Décima Segunda Casa do Beco de Gallaho num estado de espírito homicida. Ladrões em bicicletas percorrem as ruas laterais, velhos profissionais pedalando aos três lado a lado em bom andamento. Homens novos com garbosos bigodes espreitam nas janelas. Crianças saqueiam os caixotes de lixo. Cantos de pátios estão pejados de papéis oficiais, a pele largada pela Besta que anda à solta. Uma árvore definhou inexplicavelmente na rua até se tornar um pedregoso cadáver negro. Uma mosca aterra de barriga sobre o guarda-lamas dianteiro do motociclo do Roger, agita-se por dez segundos, dobra as suas asas raiadas e sensíveis, e morre. Assim com essa rapidez. A primeira que o Roger alguma vez viu. P-47s voam lá no alto em formações quadrangulares de esquadrão, quatro sinais de verificado em cada um VermelhoBrancoAzulAmarelo na forma incorrigida do céu esbranquiçado, esquadrão atrás de esquadrão: ou é alguma parada militar, ou outra guerra. Um estucador está atarefado ao virar da esquina, alisando uma parede marcada pelas bombas, o reboco amontoado sobre a talocha dele tão suculento como queijo creme, usando uma pá de trolha a que não está acostumado e herdada de um amigo falecido, mas mesmo assim, nestes primeiros dias, abrindo buracos como um aprendiz, o reluzente gume ainda não afeiçoado à sua mão, o peso dela um pouco superior à altura a que a sua força

poderia tê-la levado... O Henry era um sujeito mais encorpado... A mosca, que não estava morta, desdobra as suas asas e abala num ápice para ir enganar mais alguém.

Muito bem Pointsman batendo os pés pela Décima Segunda Casa dentro, chocalhando as placas de cortiça nos sete corredores e pisos, recepcionistas estendendo longos braços para o telefone rai's te partam mas onde estás tu —

Não no seu gabinete. Mas Géza Rózsavölgyi está, e tenta dificultar as coisas ao Roger. «Você está a fa-zer uma tris-te figu-ra, jovem.»

«'Steja mas é calado seu bobo da Transilvânia», rosna o Roger, «eu ando à procura do patrão, está a ver, se você dá um passo em falso é a última vez que sente o gosto a esse O-negativo, Jackson, esses dentes nem sequer vão conseguir mastigar *papas de aveia* s'eu lhe puser as mãos em cima —» O assustado Rózsavölgyi, retirando-se para trás do refrigerador de água, tenta pegar numa cadeira giratória para com ela se defender. O assento cai, e Rózsavölgyi fica apenas com a base, que sucede, desconcertantemente, ter forma semelhante à de uma cruz.

«Onde está ele», impasse Mexicano, o Roger rangendo os dentes *não sucumbas à histeria, é um luxo contraproducente a que tu, na tua grande vulnerabilidade presente, não te podes entregar...* «Vá lá seu maricas, se não me dizes nunca mais voltas a ver a parte de dentro de um caixão —»

Entra por ali dentro a correr uma baixa mas enérgica secretária, um bocadito anafada, e começa a surzir o Roger nas canelas com os registos fiscais dos lucros excessivos de uma empresa britânica de aço entre 1940 e '44, que por acaso partilha com a Vereinigte Stahlwerke a patente de uma liga metálica usada nas uniões das tubagens de oxigénio líquido que vão até à popa do S-Gerät no A4 número 00 000. Mas as canelas do Roger não estão dispostas a esse tipo de informação. Os óculos da secretária caem-lhe. «Menina Müller-Hochleben», lendo a etiqueta que ela traz ao peito, «focê fica com um arr *animalesco* sem os seus óculos. Torrrne a pô-los, e chá!» sendo esta cómica imitação de um Nazi inspirada pelo apelido dela.

«Não consigo encontrá-los», e tem mesmo pronúncia Alemã, «é que eu não vejo muito bem.»

«*Bom, veremos se não conseguimos ajudá-la nisso — ah!* que é isto? Menina Müller-Hochleben!»

«Ja...»

«Que aspecto têm, esses óculos?»

«São brancos —»

«Com uns pequenos *brilhantes* muito jeitosos à volta dos aros, Fräulein? eh?»

«Ja, ja, und mit —»

«E nas hastas também, e-e *penas*?»

«Penas de avestruz...»

«Penas de avestruz *macho*, tingidas num espantoso azul de pavão, que lhes brotam das pontas?»

«São esses os meus óculos, ja», diz a tacteante secretária, «onde estão eles, por favor?»

«Mesmo *aqui*!» baixando o seu pé CRUNCH, esmagando-os em luzentes fragmentos árticos que se espalham sobre o tapete do Pointsman.

«*Vou* dizer-lhe», propõe o Rózsavölgyi desde um canto distante: o único canto da sala, já agora, que não está brilhantemente iluminado, sim há aqui uma espécie de anomalia óptica, é uma mera sala reta, quadrada, não há poliedros de formas esquisitas na Décima Segunda Casa... e no entanto, este estranho, indescritível prisma de sombra ao canto... mais de um visitante já ali entrou para encontrar o Sr. Pointsman não na sua secretária, onde deveria estar, mas de pé no canto-das-sombras — e muito perturbantemente *virado para ele*... O Rózsavölgyi não gosta lá muito do Canto, já o experimentou algumas vezes, mas limitou-se a sair de lá abanando a cabeça: «Se-nhor Pointsman, eu *não* gosto daquilo ali dentro, de *todo*. Que *possível* tipo, de *emoção*, poderá *al-guém obter*, de uma experiência *tão in-salubre*. Eh?» alcando de través uma pensativa sobrancelha. Pointsman limitaria-se a mostrar-se apologético, não por si mesmo mas *para* algo por causa do Rózsavölgyi, e dissera amavelmente, «Este é um sítio da sala em que eu me sinto vivo», bom e pode-se apostar que um ou dois memorandos subiram até ao nível Ministerial por causa *desse* dito. Se chegaram até ao próprio Ministro, foi provavelmente como entretenimento de gabinete. «Oh sim, sim», abanando a sua sábia e velha cabeça de lã de ovelha, maçãs do rosto elevadas, quase Eslavas, encolhendo-lhe os olhos num desatento mas educado riso, «sim o famoso

Canto do Pointsman, sim... não me surpreenderia que estivesse *assombrado, eh?*» Risos reflexos dos subalternos presentes, mas somente sorrisos lúgubres por parte das patentes superiores. «Tragam cá a S.I.P., para virem dar uma vista de olhos», graceja alguém que tem um charuto. «O pobre fulano vai pensar que voltou outra vez à *Guerra*.» «Isso, isso» e «Essa foi mesmo boa, podem crer» retinem entre as camadas de fumo. As chalaças estão em grande voga entre estes subalternos particulares, é uma espécie de tradição de classe.

«Vai dizer-me *o quê*», está o Roger a gritar já há um bom bocado. «*Vou dizer-lhe*», diz Rózsavölgyi, de novo.

«Vai dizer-me, “Vou dizer-lhe”? É isso? Então devia ter dito «Vou dizer-lhe “Vou dizer-lhe.”»

«Eu disse.»

«Não, não — você disse “Vou dizer-lhe”, *uma vez*, foi isso que você —»

«A-ha! Mas eu *disse* isso *outra vez*. Eu *disse-o... duas vezes*.»

«Mas isso foi depois de eu lhe ter feito a pergunta — você não pode dizer-me que os dois “Vou dizer-lhe” faziam parte da mesma afirmação», a menos que, «isso é pedir-me que seja irrazoavelmente», a menos que seja efectivamente verdade que, «crédulo, e lá para os seus lados isso é uma forma de», que nós somos a *mesma pessoa*, e que todo o diálogo foi UM ÚNICO PENSAMENTO yaaaggghhh e isso quer dizer, «insanidade, Rózsavölgyi —»

«Os meus óculos», funga a Fräulein Müller-Hochleben, agora gatinhando pela sala, o Mexico espalhando as lascas de vidro com o seu pé de maneira a que de vez em quando a infeliz rapariga corte uma mão ou um joelho, começando a deixar pequenas plumas escuradas de sangue com alguns centímetros de cada vez, eventualmente — partindo-se do princípio de que ela durasse por tempo suficiente — pontilhando o tapete do Pointsman como a cauda de um vestido do Beardsley.

«Você está a sair-se *muito bem*, Menina Müller-Hochleben!» grita o Roger em tom encorajador, «e quanto a *si*, a *si* —» mas detém-se ao reparar como o Rózsavölgyi está agora quase invisível na sombra, e como o branco dos olhos dele está na verdade a *luzir* branco, mexendo-se nervosamente no ar, pestanejando-para-fora-e-voltando-lá... está a custar ao Rózsavölgyi um certo esforço permanecer neste

canto-da-sombra. Não é, de todo, o tipo de sítio dele. Para começar, o resto da sala parece estar a maior distância, como se através do visor de uma câmara. E as paredes — essas não parecem estar... bom, *sólidas*, a bem dizer. Elas fluem: uma passagem grosseira, viscosa, que ondula como uma peça de seda ou de nylon posta em pé, a cor de um cinzento aquático mas de vez em quando com a surpresa de uma ilha no fluxo, uma cor qualquer absolutamente estranha a esta sala: veios de açafrão, ovais verde-palmeira, estuários magenta passando como um pente em denteados pedaços de ilha com um cor-de-laranja de livro aos quadradinhos enquanto o avião de caça ferido voa em círculos, larga os tanques, depois a capota prateada, coloca os estabilizadores de modo a compensar a perda de velocidade, ascende enquanto o *azul* (de repente, um azul tão violento!) se precipita mesmo antes do impacto com acelerador trancado *uhbnbb!* oh merda o *recife*, vamos esmagar-nos em cima do — oh. Oh, não há *recife* nenhum? Es-estamos *salvos*? Estamos! Mangas, estou a ver mangas naquela árvore além! e-e há uma rapariga — há *imensas* raparigas! Vede só, são todas bonitas, as mamas delas espetadas para fora, e todas elas estão abanando aquelas saias de ervas, tocando ukuleles e cantando (mas porque serão as vozes tão duras e ríspidas, tão nasaladamente semelhantes às vozes de um grupo de coristas Americanas?) —

Homem branco sê bem-vindo à ilha de Puke-a-hook-a-look-i!
 Logo que proves da minha papaia nunca mais quererás par-tiiir!
 A lua é como uma ama-relada ba-na-na,
 Pendurada por cima, da minha ca-ba-na,
 E montes de jogos de hula, hula p'ra divertir —
 Oh as estrelas caem sobre a ilha de Puke-a-hook-a-look-i
 E a lava qu'escorre da montanha é tão deli-ciosa como tarte de cereja —
 Até a Doce Leilani na Cabaninha de Aspecto Agrário
 Adora o macaco dos cocos e um petisco de missionário.
 Olha só, meu docinho de caqui, estás na ilha de Puke-a-hook-a-look-i-i-i!

Ena pá, ena pá — vai mes-mo *apanhar-me* pela cilha, é uma, daque-las *peque-nas bel-dades* das *i-lhas, passar*, o *resto...* da minha *vida* sem siso, *a co-mer pa-pai-as*, tão *bem cheirosas* como a *cona*, do jovem *paraíso* —

Quando o paraíso era jovem. O piloto está a virar-se para o Rózsavölgyi, que continua atrás dele enfaixado no arnês de segurança. O rosto está coberto com capacete, óculos de voo que reflectem demasiada luz, máscara de oxigénio — um rosto de metal, couro, icticola. Mas agora o piloto está a levantar os óculos de voo, lentamente, e de quem são estes olhos, tão familiares que sorriem um olá, eu conheço-te, tu não me conheces? A *sério* que não me conheces?

Rózsavölgyi grita e recua para fora do canto, tremendo, agora ofuscado pelas luzes diante de si. A Fräulein Müller-Hochleben anda a gatinhar de um lado para o outro no mesmo círculo, cada vez mais depressa, quase já nem se vê, coaxando histericamente. Ambos atingiram o exacto nível a que a subtil campanha psicológica aqui do Roger pretendia levá-los. Em voz baixa mas firme: «Pronto. Agora pela última vez, onde está o Sr. Pointsman?»

«No gabinete do Mossmoon», respondem eles, em uníssono.

O gabinete do Mossmoon está à distância de uma viagem em patins desde Whitehall, e guardado por sala após sala de raparigas sentinelas, cada uma delas usando um vestido de cor radicalmente diferente dos das outras (e isto prolonga-se durante algum tempo, pelo que podeis imaginar que cores de 3 sigmas são estas para começar, caso tantas dessas possam ser tão «radicalmente diferentes», sabeis como é, assim — oh, cores como as de lagarto, estrela da noite, Atlântida empalidecida para se designar algumas), e as quais o Roger namora, suborna, ameaça, entretém e (suspiro) sim finalmente soca como bem quer até que finalmente «Mossmoon», batendo nesta gigantesca porta de carvalho, esculpida como as entradas de pedra de certos templos, «Pointsman, a dança acabou! Em nome da marginal decência que lhe permite passar o dia sem ser abatido a tiro pelo ocasional forasteiro armado, abra esta porta.» Este é um discurso bastante longo, e a porta efectivamente abre-se a meio dele, mas em todo o caso o Roger conclui-o. Ele está a contemplar uma sala de um lima-limão incandescente drasticamente atenuado, quase ao ponto leitoso do absinto-com-água, uma sala mais quente do que esta mesa cheia de rostos realmente merece, mas talvez seja a entrada do Roger que aprofunda a cor um pouco agora enquanto ele corre e salta para cima da mesa polida, por cima da polida cabeça de um director de

uma empresa siderúrgica, deslizando 6 metros ao longo da superfície encerada para confrontar o homem que está ao fundo dela, sentado com um sorriso donaireiro (bom, irritado) no seu rosto. «Mossmoon, eu já te apanho.» Terá ele na verdade entrado lá dentro, entre os capuzes, os olhos semicerrados, a parafernália dourada, o incenso e o ceptro feito de um fémur?

«Esse *não* é o Mossmoon», o Sr. Pointsman pigarreando enquanto fala, «Mexico *desça* lá da mesa se faz favor... cavalheiros, um dos meus antigos colegas da PISCES, brilhante mas assaz instável, como já deverão ter notado — oh, Mexico, *francamente* —»

Roger desabotoou a braguilha, tirou a picha para fora e está agora ocupado a mijar para cima da mesa luzidia, dos papéis, para dentro do cinzeiro e, dentro em pouco, para cima dos próprios homens com cara impávida, os quais, embora sejam de facto da cepa dos executivos, homens de espíritos agilíssimos, não estão ainda inteiramente dispostos a admitir que isto esteja a acontecer, sabeis como é, em qualquer mundo que realmente toque, em demasiados pontos, naquele a que *eles estão* acostumados... e na verdade a chuva de mijo quente é bastante agradável enquanto por ali passa, por cima das gravatas de dez guinéus, das barbichas com aspecto criativo, subindo para uma narina com um sinal de pele, passando por uns óculos do Exército com armações em aço, alagando frontes ressequidas para cima e para baixo, chaves da Phi Beta Kappa, Legiões de Honra, Ordens de Lenine, Cruzes de Ferro, V.C.s, correntes de relógio de aposentados, emblemas do Dewey-para-Presidente, revólveres de serviço meio à mostra e até uma caçadeira de canos serrados por baixo do ombro além...

«Pointsman», a picha, teimosa, incomodada, salta como um dirigível entre nuvens roxas (de um roxo muito denso, como o veludo com pêlo dessa cor) ao anoitecer quando a brisa marítima promete uma aterragem difícil, «a si, guardei-o para o fim. Mas — meu Deus, parece que já não me resta mais nenhuma urina, aqui. Nem sequer uma gota. Lamento imenso. Não sobrou mesmo nada para si. Está a compreender? Se isso significar desistir da minha *vida*» as palavras acabaram de lhe sair, e talvez Roger esteja a exagerar, mas talvez não, «não haverá nada *em lado nenhum* para si. O que você arranjar, ficará

para mim. Se você for mais acima nisto, eu hei-de ir lá buscá-lo, e trago-o para baixo outra vez. Onde quer que você vá. Mesmo que encontre um momento de lazer para descansar, com uma mulher compreensiva num quarto sossegado, eu estarei à janela. Hei-de estar sempre logo do lado de fora. Você nunca há-de cancelar-me. Se você sair, eu entro, e o quarto ficará conspurcado para si, assombrado, e você terá de encontrar outro. Se ficar lá dentro, eu mesmo assim hei-de entrar — persegui-lo-ei de quarto em quarto até o encurralar no último. Você ficará no último quarto, Pointsman, e terá de viver nele para o resto da sua vida mísera e prostituída.»

Pointsman não quer olhar para ele. Não quer fitá-lo nos olhos. Era isso que o Roger queria. A polícia de segurança aparece em anti-clímax, embora os aficionados da cena de perseguição, aqueles que não conseguem olhar para o Taj Mahal, para os Uffizi, a Estátua da Liberdade, sem pensarem cena de perseguição, cena de perseguição, ena pois é o Douglas Fairbanks aos pulos por cima daquele minarete com a lúa — esses entusiastas poderão achar interessante o seguinte:

Roger mergulha para debaixo da mesa para abotoar a bragUILHA e os zelosos chuis saltam uns contra os outros sobre o tampo da mesa, colidindo e praguejando, mas o Roger foi-se escapando por baixo do couro de cavalo, no subnível ferrado, riscado, pelas peúgas cor de argila da Mamã daqueles conspiradores lá em cima, uma passagem precária, um qualquer pé poderia dar um pontapé sem aviso telegráfico e eliminá-lo — até que chega de novo ao calvo magnata siderúrgico e se levanta, agarra-o pela gravata ou pela picha, o que for mais fácil de apanhar, e arrasta o homem para debaixo da mesa.

«Pronto. Agora, nós vamos sair daqui e você é o meu refém, *está a perceber?*» Emerge de lá arrastando o lívido executivo pela gravata ou pela picha, puxando-o como a um apopléptico e estrangulado treinó de criança pela porta fora, passando pelo modalmente invulgar arco-íris de damas-sentinelas agora com um *ar* intimidado pelo menos, sirenas já a uivarem nas ruas MANÍACO ASSALTA CONFERÊNCIA PETROLÍFERA *Expulso* *Após* — *ar nos Conferencistas* e agora ele já saiu do elevador fugindo por um corredor das traseiras até um complexo de aquecimento central *zzás!* por cima das cabeças de um par de guardiões negros que estão a passar de um para outro um cigarro enrolado com alguma erva narcótica da África Ocidental, enfia o seu refém

numa gigantesca fornalha que está desactivada na Primavera (que pena), e escapa-se pelas traseiras descendo uma alameda de plátanos até chegar a um pequeno parque, por cima de uma vedação, zástráspás, o Roger do pé ligeiro e os chuis de Londres.

Não há nada lá na «Visitação Branca» de que realmente precise. Nada que ele não possa abandonar. As roupas que traz no corpo e o motociclo do serviço, um bolso cheio de trocos e uma fúria ilimitada, de que mais precisa um inocente de 30 anos para se safar na cidade? «Eu sou o cabrão do *Dick Whittington!*» ocorre-lhe enquanto desce aceleradamente a Kings Road, «Cheguei a Londres! Sou o vosso Lord Mayor...»

O Pirata está em casa, e aparentemente à espera do Roger. Peças da sua fiel Mendoza estão espalhadas sobre a mesa do refeitório, brilhando com óleo ou polimento, feltros, panos, varetas, frascos ocupam-lhe as mãos, mas os olhos dele estão no Roger.

«Não», interrompendo uma denúncia do Pointsman quando surge o nome do Milton Gloaming, «é uma questão menor, mas espera aí. Não foi o Pointsman que o enviou. Fomos *nós*.»

«Nós.»

«Tu és um novato paranóico, Roger», a primeira vez que o Prentice alguma vez o tratou pelo primeiro nome e isso comove o Roger o suficiente para que ele reveja a sua tirada. «Claro que é necessário um sistema-Eles bem desenvolvido — mas isso é só metade da história. Para cada Eles deveria haver um Nós. No nosso caso há. A paranóia criativa significa que se desenvolva um sistema-Nós com pelo menos a mesma minúcia de um sistema-Eles —»

«Espera, espera, primeiro onde está aquele Haig e Haig, sé um anfitrião indulgente, e em segundo lugar o que é um “sistema-Eles”, eu também não me ponho a falar-te do Teorema de Chebychev, pois não?»

«Refiro-me àquilo a que Eles e os psiquiatras a soldo d’Eles chamam “sistemas ilusórios”. Nem é preciso dizer-se que as “ilusões” são sempre definidas oficialmente. Nós não temos de preocupar-nos com questões de real ou irreal. Eles só falam por conveniência. É o *sistema* que importa. Como os dados se dispõem no seu interior. Alguns são consistentes, outros desmoronam-se. A tua ideia de que

o Pointsman enviou o Gloaming segue numa direcção errada. Sem qualquer conjunto de ilusões contrárias — ilusões acerca de nós próprios, aquilo a que eu chamo um sistema-Nós — a ideia do Gloaming poderia ter corrido muito bem —»

«Ilusões acerca de nós próprios?»

«Não reais.»

«Mas definidas oficialmente.»

«Por conveniência, sim.»

«Bom, então estás a jogar o jogo d'Eles.»

«Não deixes que isso te incomode. Hás-de descobrir que consegues operar muito bem. Visto que ainda não ganhámos, isso na verdade não é grande problema.»

Roger está completamente confuso. Neste ponto, quem entra por ali senão o Milton Gloaming com um homem negro que o Roger agora reconhece como sendo um dos dois fumadores de erva na sala da fornalha por baixo do gabinete do Clive Mossmoon. Chama-se Jan Otyiyumbu e é um homem de ligação do Schwarzkommado. Um dos tenentes apaches do Blodgett Waxwing aparece com a sua rapariga, a qual dança mais do que anda, muito fluida e vagarosamente, uma dança em que o Osbie Feel, saindo agora da cozinha com a sua camisa desfraldada (e com uma tatuagem do Porky Pig na barriga? Há quanto tempo é que o Feel tinha *aquilo*?) identifica correctamente a influência da heroína.

É um pouco desconcertante — se isto é um «sistema-Nós» porque não é ele ao menos suficientemente ponderado para se interligar de uma maneira razoável, como fazem os sistemas-Eles?

«É exactamente isso», berra Osbie, fazendo dançar o Porky na sua barriga com um amplo e alarmante sorriso, «*Eles* é que são os racionais. Nós cagamos para os arranjos racionais d'Eles. Não é... México?»

«Hurrá!» gritam os outros. Bem dito, Osbie.

Sir Stephen Dodson-Truck está sentado junto à janela, limpando uma Sten. Lá fora, soprando sobre a sua imobilidade dorsal e estival, Londres consegue hoje sentir arrepios antecipados de Austeridade. De momento não há uma palavra na cabeça de Sir Stephen. Ele está completamente envolvido com a arma. Já não pensa na sua esposa,

Nora, embora ela esteja lá por fora, nalgum quarto, ainda rodeada pela sua psíquica planetária, e agora se dirija para um destino peculiar. Nas últimas semanas, em autêntico estilo messiânico, tornou-se claro para ela que a sua verdadeira identidade é, literalmente, a Força da Gravidade. *Eu sou a Gravidade, eu sou Aquilo contra o qual o Roger deve lutar, ao qual os detritos pré-históricos se submetem e são transmutados na própria substância da História....* Os rodopiantes tarados dela, os seus visidores, teleportadores, viajantes astrais e trágicos interfaces humanos, todos lhe conhecem a visitação, mas nenhum vê caminho algum para que ela possa virar-se. Ela tem agora de pôr-se à prova — encontrar formas mais profundas de renúncia, mais profundas que a apostasia do Sabbatai Zvi diante da Sublime Porta. É uma situação não desprovida das suas possibilidades para uma boa anedota de vez em quando — a pobre Nora será vigarizada em séances que não enganariam a vossa tia-avó, visitas de gente como o Ronald Cherrycoke disfarçado de Jesus Cristo, assobiando pelos cabos para dentro de um foco oculto de iluminação ultravioleta onde ele começará a fluorecer com um gosto muito questionável, palrando ao acaso excertos do Evangelho que ele vai associando, estendendo-se desde as altitudes crucificadas para efectivamente apalpar o cintado traseiro da Nora... altamente ofendida, ela fugirá para corredores cheios de pegajosas mãos invisíveis — poltergeists verterão retretes sobre ela, cagalhões de senhora balançar-se-ão no virgem vértice dela e, gritando *ugh*, cu a pingar, cinto pelos joelhos, ela irá a cambalear até à sua saleta para não descobrir refúgio algum mesmo ali, não, alguém terá feito materializar-se para ela um soixante-neuf de elefantas lésbicas, trombas viscossas bombeando simetricamente para dentro e para fora das sumarentas vulvas de elefanta, e quando ela se virar para fugir a essa horrenda exibição descobrirá que algum fantasma brincalhão trancou a porta atrás dela, e que um outro está prestes a atingi-la na cara com um frio pudim do Yorkshire...

Na moradia do Pirata, toda a gente está agora a cantar uma canção de viagem da contraforça, com o Thomas Gwenhidwy, que afinal não tombou perante a maldição dialéctica do Livro de Pointsman, a tocar o acompanhamento naquilo que parece ser um crwth em pau-rosa:

Eles andaram a dormir no teu ombro,
Andaram a chorar na tua cerveja,
E cantaram-te suas tristes canções de embalar,
Pensaste que Eles só queriam simpatia e não se preocupavam com almas,
E que mais sábio nunca Eles te iriam tornar.
Mas hoje aqui te digo de todo,
Que esse não é o único modo,
E não mais comerás merda dessa nesta terra —
Têm-te pago para amá-la,
Mas chegou a hora de eliminá-la,
E não é uma resistência, é uma guerra.

«É uma guerra», canta o Roger, conduzindo em direcção a Cuxhaven, pensando espontaneamente como terá Jessica cortado o cabelo dela para o Jeremy, e que aspecto teria aquele insofrível pedante com uma câmara de impulsão atada à volta da sua cabeça, «é uma guerra...»

Acende um antes que saias por aquela porta perra,
Em tempos acarinhaste-lhes o lema,
Mas vamos deitar-lhes abaixo o sistema,
E não é uma resistência, é uma guerra...

□ □ □ □ □ □

Estas pernadas de pinheiro, que estalam tão azuis e aquosas, parecem nem soltar nenhum calor de todo. Armas e munições confiscadas espalham-se em caixotes abertos ou em pilhas soltas no interior do perímetro da Companhia C. Há dias que o Exército dos EUA anda a varrer a Turíngia, entrando nas casas a meio da noite. Uma certa licantropofobia ou medo dos Lobisomens ocupa os espíritos em altos níveis. O Inverno vem aí. Dentro em pouco não haverá comida ou carvão suficientes na Alemanha. As colheitas de batatas perto do final da Guerra, por exemplo, foram todas para fazer álcool para os foguetes. Mas ainda há armas de mão em abundância, e munições que se adaptem a elas. Onde não se consegue alimentá-los, retiram-se-lhes as armas. Armas e alimentos têm estado firmemente ligados no espírito governamental há tanto tempo quanto qualquer um deles anda por cá.

Nas ladeiras das montanhas, surgem de vez em quando umas manchas, brilhantes como dictamnos em Julho diante do toque cerimonial do Zippo. O soldado Eddie Pensiero, um substituto aqui da 89.^a Divisão, e também um entusiasta da anfetamina, senta-se agachado quase em cima do lume, estremecendo e olhando para o distintivo divisional no seu braço, que normalmente se assemelha a um agregado de narizes de foguete visto a sair por um dilatado olho do cu, todo em preto e verde-tropa, mas que agora parece algo mais estranho ainda que *isso*, coisa em que o Eddie pensará daqui a um minuto.

Estremecer é um dos passatempos favoritos do Eddie Pensiero. Não o tipo de estremecimento *normal* que as pessoas têm, o calafrio que aparece e se vai embora, mas um estremecimento que *não pára*. Muito difícil habituarmo-nos a isso no início. O Eddie é um connoisseur de estremecimentos. Ele é até capaz, nalgum estranho modo, de os *ler*, tal como o Säure Bummer lê charros, tal como o Miklos Thanatz lê cicatrizes da chibata. Mas o dom não está limitado aos estremecimentos do *próprio* Eddie, oh não, são também os estremecimentos das *outras* pessoas! Pois é, elas vêm uma a uma, elas vêm todas juntas em grupos (ultimamente ele tem andado a desenvolver no seu cérebro uma espécie de circuito discriminador, aprendendo a separá-las). Os menos interessantes desses estremecimentos são aqueles que têm uma frequência perfeitamente estável, sem variação alguma neles. Os que seguidamente têm menos interesse são os do tipo frequência modulada, ora mais rápidos ora mais lentos, dependendo da informação introduzida no outro extremo, seja ela qual for. Depois há as ondas de forma irregular que mudam tanto em frequência como em amplitude. Tem de se lhes fazer a análise de Fourier aos harmónicos, o que é um pouco duro. Muitas vezes há codificações envolvidas, certas subfrequências, certos níveis de potência — tem de ser-se bastante bom para apanhar o jeito a esses.

«Ouve lá Pensiero.» É o Sargento do Eddie, o Howard («Lento») Lerner. «Arreda-m'esse cu d'ao pé do lume.»

«Oooh, Sargento», chilreia o Eddie, «vá lá. Eu ‘tava só a tentar aquecer-me.»

«Não quero desculpas, ó Pensiero! Um dos c’ronéis quer o cabelo cortado, *para já*, e quem lho vai cortar é *tu!*»

«Ahh, estes gajos», murmura o Pensiero, rastejando até ao saco de dormir dele e procurando o seu estojo com o pente e as tesouras. Ele é o barbeiro da companhia. Os cortes de cabelo dele, que demoram horas e muitas vezes dias, são imediatamente reconhecíveis em toda a Zona, por revelarem de forma tão flagrante a dedicação pêlo-a-pêlo do habitué das «pastilhas».

O coronel está sentado, à espera, por baixo de uma lâmpada eléctrica. A lâmpada recebe a sua energia de um outro homem alistado, que está sentado nas sombras pedalando à mão as manivelas gémeas do gerador. É o amigo do Eddie, o Soldado Paddy («Electro») McGonicle, um moço Irlandês de Nova Jérsia, um daqueles milhões de pobres urbanos mui virtuosos e adaptados que vós conheceis dos filmes — já os vistes dançar, cantar, pendurar a roupa lavada nas cordas, embebedarem-se nas vigílias dos funerais, preocuparem-se em saber se os filhos deles se tornarão maus, eu já nem sei que fazer Paadre, ele é bom moço mas anda sempre c'uma gente avariada, vêem todas as miseráveis mentiras de Hollywood incluindo até o grande êxito deste ano, *A Tree Grows in Brooklyn*. Com a sua manivela, aqui o jovem Paddy vai praticando uma outra forma do dom do Eddie, embora ele esteja a transmitir e não a receber. A lâmpada parece arder com constância, mas isso é na realidade uma sucessão de picos e vales eléctricos, desfilando a uma velocidade que depende da rapidez com que o Paddy dê à manivela. Só que o filamento no interior da lâmpada perde o fulgor com vagar suficiente até surgir o próximo pico que enganosamente nos faz ver uma luz constante. Na realidade, é um cadeia de luz e trevas imperceptíveis. *Normalmente* imperceptíveis. A mensagem nunca é consciente por parte do Paddy. Ela é enviada por músculos e esqueleto, por aquele circuito do corpo dele que aprendeu a trabalhar como fonte de potência eléctrica.

Agora mesmo o Eddie Pensiero está a estremecer e a não prestar grande atenção a essa lâmpada eléctrica. A sua própria mensagem é suficientemente interessante. Alguém ali por perto, no meio da noite, está a tocar um blues numa gaita-de-beiços. «Qu'é aquilo?» quer saber o Eddie, de pé sob a luz branca por detrás do silencioso coronel no seu uniforme de gala, «ó McGonigle — tu 'tás a ouvir alguma coisa?»

«'Tou», ri-se o Paddy atrás do gerador, «'tou a ouvir a tua desmob'lização, a voar pr'a longe, c'umas grandes *asas* a saírem-lhe p'lo lado do cu. É isso qu'*eu* ouço! Yuk, yuk!»

«Ah, é o *beliche!*» responde Eddie Pensiero. «T-tu não 'tás a ouvir desmob'lização nenhuma, meu irlandês taralhouoco.»

«Ouve lá, Pensiero, tu sabes que som faz um *submarino* Italiano, naquele novo sonar? Huh?»

«Uh... qual é?»

«Pinnnggginea-guinea-guinea azeitazeitazeit! É *esse!* Yuk, yuk, yuk!»

«Vai-te mas é foder», diz-lhe o Eddie, e começa a pentear os cabelos preto-prata do coronel.

No momento em que o pente entra em contacto com a sua cabeça, o coronel começa a falar. «Normalmente, nós não gastaríamos mais de 24 horas numa busca casa-a-casa. Do pôr-do-sol ao pôr-do-sol, de casa a casa. Há uma qualidade de preto e dourado em cada extremo disso, desse modo, siluetas, céus fendidos tão puros como um ciclorama. Mas estes crepúsculos, aqui por estes lados, eu nem sei. Você acha que explodiu qualquer coisa algures? A sério — lá para o Oriente? Um outro Krakatoa? Um outro nome pelo menos tão exótico como esse... as cores são tão diferentes agora. A cinza vulcânica, ou uma outra qualquer substância finamente dividida, suspensa na atmosfera, pode difractar estranhamente as cores. Sabias disso, filho? Difícil de acreditar, não é? Deixa-me uma ponta comprida se não te importas, para quase se possa pentear por cima. Sim, Soldado, as cores mudam, e de que maneira! A questão é, estão elas a mudar *de acordo com alguma coisa?* Estará o espectro solar quotidiano a ser modulado? Não ao acaso, mas sistematicamente, por esses detritos desconhecidos nos ventos prevalecentes? Haverá informação para nós? Perguntas profundas, e perturbantes.

«Donde és tu, filho? Eu sou de Kenosha, no Wisconsin. A minha família tem uma pequena herdade por lá. Campos de neve e postes de vedações dali até Chicago. A neve cobre os carros velhos aos montões pelos quintais... grandes embrulhos brancos... aquilo lá no Wisconsin até parece o Registo de Sepulturas.»

«Heh, heh...»

«Ouve lá Pensiero», diz o Paddy McGonicle, «tu ‘inda ‘tás a ouvir o tal som?»

«Sim uh acho qu’é uma gaita-de-beiços», o Pensiero atarefado a pentear cabelos individuais, cortando cada um deles num tamanho ligeiramente diferente, voltando atrás uma e outra vez para retocar aqui e ali... Deus é quem sabe o número deles. Atropos é quem os corta em diferentes tamanhos. Portanto, Deus sob o aspecto de Atropos, aquela que não pode ser evitada, está esta noite na posse de Eddie Pensiero.»

«Eu tenho a tua gaita-de-beiços», zomba o Paddy, «aqui mesmo! Olha p’ra isto! Um clarinete pr’azeiteiros!»

Cada longo corte de cabelo é uma passagem. O cabelo é ainda mais um tipo de frequência modulada. Assume-se um estado de graça em que todos os cabelos estiveram em tempos distribuídos de modo perfeitamente igual, um tempo de inocência em que eles caíam perfeitamente a direito, sobre toda a cabeça do coronel. Ventos do dia, gestos de distração, suor, comichões, súbitas surpresas, quedas de um metro à beira do sono, céus observados, vergonhas recordadas, tudo isso escreveu desde então naquele perfeito rendilhado. Passando por ele esta noite, reestruturando-o, Eddie Pensiero é um agente da História. A par da reformatação da cabeça do coronel corre aquele blues de arrepiar — sopros demorados nos buracos números 2 e 3 correspondem, pelo menos hoje à noite, a passagens nas volutas mais profundas do cabelo, troncos de videoiro numa muito húmida noite estival, aproximações a uma casa de pedra num parque florestado, veados paralisados atrás dos altos caminhos embandeirados...

O blues é uma questão de bandas laterais mais baixas — chupas uma nota clara, afinada e depois verga-la mais para baixo com os músculos do teu rosto. Os músculos do teu rosto têm estado a rir-se, contraídos com dor, muitas vezes tentando não demonstrar emoção *nenhuma*, toda a tua vida. Para onde envias a nota pura é em parte uma função disso. Há essa base secular para o blues, caso o ângulo espiritual te incomode...

«Eu não sabia onde estava», relata o coronel. «Continuava a galgar lá para baixo, ao longo daqueles grandes e ásperos pedaços de

betão. As negras hastes de reforço espetadas para fora... ferrugem negra. Havia uns laivos de púrpura real no ar, não suficientemente brilhantes para lhes ofuscarem as bordas, nem para alterarem a substância da noite. Escorriam por ali abaixo, alongando-se, um a um — alguma vez viste um feto de galinha, mesmo no seu início? oh pois claro que não, tu és um rapaz da cidade. Há muito para aprender, lá pela herdade. Aprende-se qual é o aspecto de um feto de galinha, de maneira que, se por acaso estivermos a escalar uma montanha de betão às escuras, e virmos um, ou vários, lá em cima no céu reproduzidos em púrpura, sabe-se que aspecto eles têm — isso é bem melhor do que a cidade, filho, aí anda-se só de crise em crise, cada uma delas sempre novinha em folha, sem nada de anterior a que possamos ligá-la...»

Bom, ali está ele, abeirando-se cautelosamente da enorme ruína, o cabelo dele mostrando-se de momento *muito* estranho — penteado para diante a partir de um ponto occipital, para diante e para cima numas grandes agulhas compridas, formando um girassol ou sombreiro negro em redor do seu rosto, no qual o traço proeminente são os longos e ronceiros lábios magenta do coronel. As coisas esticam-se para o agarrarem a partir das frestas entre os destroços, a modos que uma rápida e alegre investida para fora que logo volta para dentro, uns finos braços em pinça, nada de pessoal, lembrei-me só de vir *apanhar um pouco de ar nocturno*, ha, ha! Quando falham o coronel — como sempre parece suceder-lhes — ora eles então tornam logo lá para dentro com um ho-hum de jogador, bom, talvez para a próxima...

Raios partam isto, fiquei para aqui isolado do meu regimento, vou ser capturado e cremado pelos dacoitas! *Oh Jesus aí estão eles agora*, impensáveis Animais correndo sorrateiros à luz que vem da versão G-5 da cidade, turbantes vermelhos e amarelos, caras de drogados cheias de cicatrizes, parecem até a frente de um Ford de '37, os mesmos olhos indirectos, a mesma isenção do Martelo Kármico —

Um Ford de '37, isento do M.K.? Vá lá deixa-te de brincadeiras. Todos eles acabarão no ferro-velho tal com'os demais!

Oh, *será que sim*, Skippy? Porque andam tantos deles nas estradas, então?

B-bom quer d'zer, uh, Senhor Informação, é d-da Guerra, ou seja como agora não se andam a construir carros novos de maneira todos nós temos de manter o nosso Velho Cumpridor na melhor das formas porque não ficaram muitos mecânicos cá pela frente interna, e-e não devemos açambarcar gasolina, e temos de manter aquele autocolante do A em local bem visível na parte inferior direita —

Skippy, meu parvinho, já partiste em mais uma das tuas insensatas e retrógradas jornadas. Volta para aqui, para as agulhas. Foi aqui que os caminhos se dividiram. Vê o homem que está aqui atrás. Ele traz um capuz branco. Os seus sapatos são castanhos. Tem um sorriso simpático, mas ninguém lho vê. Ninguém lho vê, porque o rosto dele está sempre às escuras. Mas ele é um homem simpático. Ele é o agulheiro. Chamam-lhe isso porque é ele que manobra aquela alavanca que muda as agulhas. E nós vamos para a Cidade Feliz, em vez de irmos para a Cidade da Dor. Ou «Der Leid-Stadt». É isso que os Alemães lhe chamam. Há um poema ruim acerca da Leid-Stadt, de um homem Alemão chamado Sr. Rilke. Mas nós não vamos lê-lo, porque *nós* vamos para a Cidade Feliz. O agulheiro garantiu que é para lá que vamos. Ele quase nem tem trabalho nenhum. A alavanca é muito suave, e fácil de empurrar. Até tu conseguias empurrá-la, Skippy. Se soubesses onde estava. Mas vê só quanto trabalho ele fez, só com um pequeno empurrão. Ele enviou-nos até à Cidade Feliz, em vez de irmos para a Cidade da Dor. Isso é porque ele sabe ao certo onde estão as agulhas e a alavanca. Ele é o único tipo de homem que com muito pouco trabalho faz grandes coisas acontecerem, em todo o mundo. Ele podia ter-te enviado para a viagem certa lá na terra, Skippy. Podes ter a tua fantasia se quiseres, provavelmente não mereces nada de melhor, mas hoje à noite o Senhor Informação está bem disposto e afável. Ele irá mostrar-te a Cidade Feliz. Começará por te fazer lembrar o Ford de 1937. Porque é que aquele automóvel com cara de dacoita ainda anda nas estradas? Tu disseste «a Guerra», quando ias a chocar por cima das agulhas em direcção à via errada. A Guerra *era* o conjunto das agulhas. Eh? Simsim, Skippy, a verdade é que a Guerra está a manter coisas vivas. *Coisas*. O Ford é somente uma delas. A história dos Alemães-e-Japs foi apenas uma versão bastante surrealista da Guerra real. A Guerra real está sempre

lá. O morticínio diminui de vez em quando, mas a Guerra ainda continua a matar montes e montes de pessoas. Só que agora está a matá-las de maneiras mais subtils. Maneiras que muitas vezes são demasia-doo complicadas, para que nós, a este nível, as detectemos. Mas estão a morrer as pessoas certas, tal como fazem quando os exércitos combatem. Os que se põem de pé, na Recruta, a meio da demonstração da metralhadora. Os que não têm fé nos seus Sargentos. Os que cometem deslizes e demonstram momentânea fraqueza ao Inimigo. Es-ses são os que a Guerra não pode usar, e por isso morrem. Os correctos sobrevivem. Os outros, como se diz, até *sabem* que têm uma curta expectativa de vida. Mas persistem em agir da maneira que agem. Ninguém sabe porquê. Não seria bonito que pudéssemos eli-miná-los completamente? Então ninguém teria de ser morto na Guerra. Isso seria divertido, não seria, Skippy?

Chiça, claro que *seria*, Senhor Informação! Ena, e-eu mal posso esperar para ver a Cidade Feliz!

Felizmente, ele não tem de esperar de todo. Um dos dacoita sur-gé num salto com um som assobiante, corda de seda crua retesada e zunindo estreitada entre os seus punhos, ansioso sorriso de vamos-lá-apanhá-lo, e precisamente nesse mesmo instante um par de bra-ços se ergue em pinça de uma das frestas nas ruínas, e puxa o coro-nel fazendo-o baixar-se mesmo a tempo. O dacoita cai de cu e fica ali sentado tentando desembaraçar a corda, murmurando oh merda, coisa que até os dacoitas fazem.

«Estamos debaixo da montanha», anuncia uma voz. Há aqui uma acústica de caverna de pedra. «Por favor, lembrem-se de obedecer daqui em diante a todos os regulamentos pertinentes.»

O guia dele é uma espécie de robô atarracado, plástico cinzentos-escuro com faróis rotativos por olhos. Tem forma semelhante à de um caranguejo. «Isso em Latim é Cancer», diz o robô, «e em Kenos-ha, também!» Mostrar-se-á viciado em frases feitas que nunca resul-tam muito bem com ninguém a não ser ele.

«Esta é a estrada de Muffin-tin», anuncia o robô, «reparem nos rostos sorridentes em todas as casas daqui.» As janelas do andar de cima são olhos, a paliçada da vedação são dentes. O nariz é a porta da frente.

«Ou-u-u-ça», pergunta o coronel, dominado por um súbito pensamento, «alguma vez neva aqui na Cidade Feliz?»

«Alguma vez neva o quê?»

«Agora está com evasões.»

«Sou um vêvedo evadido do Wisconsin», canta esta enfadonha máquina, «e vocês deviam ver como as enfermeiras correm! Então que mais novidades há, Jackson?» A criatura atarracada está na verdade a *mastigar pastilha elástica*, uma variação do Lazslo Jamf a partir do cloreto de polivinilo, muito maleável, que até solta moléculas descartáveis, as quais, através de um engenhoso Osmo-elektrische Schalterwerke, desenvolvido pela Siemens, estão a transmitir, em código, um raio duma razoável aproximação ao sabor a alcaçuz da Beeman até ao cérebro de caranguejo do robô.

«O Senhor Informação responde *sempre* às perguntas.»

«Pelo que ele ganha, eu até perguntaria as respostas. Alguma vez neva? Claro que neva na Cidade Feliz. Muitos homens da neve ficariam aborrecidos se não nevasse!»

«Lembro-me de que, lá no Wisconsin, o vento costumava soprar pelo caminho acima, como um visitante que espera que o deixem entrar. Junta a neve contra a porta, deixa-a acumulada ali... Alguma vez têm disso na Cidade Feliz?»

«Coisa antiga», diz o robô.

«Já alguma vez alguém abriu a porta da frente, enquanto o vento estava a fazer isso, eh?»

«Milhares de vezes.»

«Então», ataca o coronel, «se a porta é o *nariz* da casa, e a porta estiver aberta, e-e todos aqueles brancos cristais de neve estiverem a soprar pela Estrada de Muffin-tin numa grande nuvem mesmo até ao —»

«*Aagghh!* grita o robô de plástico, e põe-se a fugir para uma estreita viela. O coronel acha-se sozinho numa parte castanha e cor de vinho velho da cidade: cores de arenito e adobe estendem-se num progresso de paredes, telhados, ruas, nem uma árvore à vista, e quem é este que vem a passear pela Schokoladestrasse abaixo? Ora, é o Laszlo Jamf em pessoa, amadurecido numa prolongada idade avançada, preservado como um Ford de '37 contra os altos e baixos do

Mundo, que nunca são mais do que desbotadas alterações no sorriso, de amplo e perlífero a tristonha gaze, aqui dentro da Cidade Feliz. O Dr. Jamf traz um laço de pescoço de um certo lavanda acinzentado e frouxo, uma cor para longas tardes moribundas através das janelas do conservatório, lieder em tom menor sobre os dias idos, pianos lamentosos, fumo de cachimbo numa saleta abafada, passeios em domingos nublados junto aos canais... eis aqui os dois homens, riscados a seco precisamente, atentamente nesta tarde, e os sinos do outro lado do canal estão a bater a hora: os homens vieram de muito longe, após uma jornada que nenhum deles recorda bem, numa missão de algum tipo. Mas cada um deles tem sido mantido na ignorância do papel do outro...

Ora sucede que esta lâmpada eléctrica aqui sobre a cabeça do coronel é a mesma idêntica lâmpada eléctrica Osram junto à qual o Franz Pökler costumava dormir no seu beliche na oficina subterrânea de foguetes em Nordhausen. Estatisticamente (ao que diz a história d'Eles), cada n-milésima lâmpada eléctrica irá ser perfeita, todos os delta-q's ali empilhados como deve ser, pelo que não deverá surpreender-nos que esta ainda ande por cá, luzindo intensamente. Mas a verdade é mais estupenda ainda. Esta lâmpada é *imortal!* Com efeito, ela tem andado por cá desde os anos vinte, tem aquela antiquada ponta no extremo e menos forma de pêra do que a maioria das lâmpadas contemporâneas. G'anda história, a desta lâmpada, se ao menos ela conseguisse falar — bom, a bem dizer, ela *consegue* falar. Está a ditar as musculares modulações das manivelas do Paddy McGonicle hoje à noite, isto aqui faz um elo, com a realimentação a voltar de novo ao gerador através do Paddy. Cá está ela,

A HISTÓRIA DE BYRON A LÂMPADA

Byron deveria ter sido manufacturada pela Tungsram em Budapeste. Provavelmente teria sido apanhada pelo campeão de vendas Sandor, pai de Géza Rózsavölgyi, que cobria todo o território da Transilvânia e se começara a tornar suficientemente nativo deste para que o escritório central se sentisse vagamente paranóico por ele poder vir a lançar algum horrendo feitiço sobre toda a operação se não lhe dessem

o que ele queria. Na verdade, ele era um vendedor que queria que o seu filho fosse um doutor, e isso tornou-se verdade. Mas poderão ter sido as ardilosas auras das bruxas más ao redor de Budapeste que no último minuto a readjudicaram à Osram, em Berlim. Readjudicaram, sim. Há um Paraíso das Lâmpadas Bebés, amigavelmente satirizado como se aquilo fosse cinema ou algo assim, bom um Grande Negócio, ha, ha! Mas não deixem que Eles vos enganem, isto é antes de mais uma burocracia, e um Paraíso das Lâmpadas Bebés somente como uma espécie de actividade secundária. Lá por cima — sim, pagando-os do seu próprio bolso, a Companhia está a custear metros quadrados de organdi, pipas de Tintura para Bebé em cor-de-rosa e azul da IG Farben, quintais de engenhosos Tranquilizadores de Lâmpadas Eléctricas Bebés da Siemens, para dar ao Bolbo ainda em aleitamento a forma de uma corrente de 110 volts sem o mínimo fio de potência. De uma maneira ou doutra, esta gente das Lâmpadas está no negócio de fornecer a aparência de potência, potência contra a noite, sem a realidade.

Na verdade, o P.L.B. é bastante maltrapilho. Das traves castanhos pendem teias de aranha. De vez em quando surge uma barata no soalho, e todas as Bebés tentam rebolar até lá para espreitarem (sendo Lâmpadas elas *parecem* perfeitamente simétricas, Skippy, mas não te esqueças do contacto na ponta do fio) fazendo uh-guh! uhh-hh-*guh!*, luzindo debilmente para a assustada barata que ali se senta paralisada e esmagável no meio das tábuas nuas, correndo, aliviando o terror de algum súbito ímpeto de corrente saído de nenhures e da cintilante Lâmpada que tudo vê lá no alto. Na sua inocência, as Lâmpadas Bebés não sabem como entender esta ab-reacção da barata — sentem-lhe o medo, mas não sabem o que é. Só querem ser amigas dela. É interessante e mexe-se bem. Toda a gente está excitada menos Byron, que considera as outras Lâmpadas Bebés um bando de simplórias. Transformar os pensamentos delas em algo que faça sentido é uma luta constante. Olá Bebés, eu sou Byron-a-Lâmpada! Vim aqui para vos cantar uma pequena canção, que começa assim —

Acendei-vos e bri-lhai, ó in-candes-centes Lâmpadas Be-bés!
Até parece que tendes hidro-fobia, pr'aí a arras-tar os pés
A espumar e a gritar com'um bando de diabinhos,

Um rei-no de bara-tas vos entrego de for-ma clara,
E na-da se com-para
Àquele sentimento dilecto quando se está lá em cima no tecto
Vendo cá em baixo — noite e dia — o rei-no que se vi-gia,
Elas hão-de sair para vos amarem até ao alvorecer,
Mas correrão com'um raio se aquela luz se acender!
Por isso brilhai, Lâmpadas Bebés, sois a onda do fu-turo,
Venho recrutar-vos e por isso vos aturo,
Pr'a minha grande cruzada,
Cantai comigo Bebés — vinde-juntar-vos-à-grande-pa-rada!

O problema de Byron é que ela é uma velha, velha alma, encurrallada na prisão de vidro de uma Lâmpada Bebé. Detesta este sítio, ali deitada de costas à espera de ser manufacturada, nada para ouvir nos altifalantes a não ser música de Charleston, de vez em quando uma mensagem à Nação, mas que género de instalações são estas? Byron quer sair daqui e *entrar naquilo*, nem vale a pena dizer que ela tem andado a desenvolver todos os tipos de maleitas nervosas, Brotoeja das Fraldas das Lâmpadas Bebés, que é uma espécie de corrosão nas roscas delas, Cólicas das Lâmpadas Bebés, uma contractura espasmódica de alta resistência num sítio qualquer entre as profundas volutas do fio de tungsténio, Hiperventilação das Lâmpadas Bebés, na qual efectivamente parece que o vácuo delas foi quebrado, embora não exista nenhuma base orgânica...

Quando o Dia M finalmente chega, podes apostar que Byron está entusiasmada. Ela tem passado o tempo a conceber uns planos grandiosos realmente doidos — vai organizar todas as Lâmpadas, estás a ver, estabelecer uma base de energia em Berlim, ela já está ao corrente da Táctica Estroboscópica, tudo o que se faz é desenvolver o jeito (Yóguico, quase) de apagar e acender numa rapidez próxima da do ritmo alfa do cérebro humano, e pode-se efectivamente provocar um *ataque epiléptico!* É verdade. Byron teve uma visão entre as traves da sua maternidade, de 20 milhões de Lâmpadas, por toda a Europa, numa dada pulsação sincronizada acertada por um dos seus muitos agentes na Rede Eléctrica, começando todas aquelas Lâmpadas a pisarem *conjuntamente*, os humanos aos pulsos nos 20 milhões de quartos

como peixes nas praias da Energia Perfeita — Atenção, humanos, isto foi só para vos avisar. Na próxima vez, algumas de nós irão *explodir*. Ha-ha. Sim iremos lançar as nossas *esquadrilhas Kamikaze!* Já ouvistes falar da Luz Quirguize? bom isso é como o cu de um pirlampo comparado com aquilo que nós vamos — oh, não ouvistes falar da — oh, bom, que pena. Porque algumas Lâmpadas, digamos um milhão, uns meros 5% do nosso total, estão mais que dispostas a incendiarem-se num grande clarão em vez de aguardarem pacientemente as horas para que foram concebidas... Portanto Byron sonha com a sua Força de Ataque de Guerrilheiros, vai apanhar o Herbert Hoover, o Stanley Baldwin, todos eles, em cheio na cara com um rebentamento coordenado...

Byron está prestes a ter um rude despertar! Já existe uma organização, humana, conhecida como «Phoebus», o cartel internacional das lâmpadas, sediado na Suíça. Na prática, é gerido pela GE Internacional, a Osram e as Indústrias Eléctricas Associadas da Grã-Bretanha, que por seu turno são detidas a 100%, a 29% e a 46%, respectivamente, pela General Electric Company na América. A Phoebus estabelece os preços e determina as vidas operacionais de todas as lâmpadas do mundo, do Brasil ao Japão e à Holanda (embora, na Holanda, a Philips seja o cão raivoso do cartel, pronto a libertar-se a qualquer momento e semear o desastre entre a grande Combinação). Dado este estado de repressão geral, parece não haver outro lugar para uma Lâmpada Bebé recém-nascida começar a não ser por baixo.

Mas a Phoebus ainda não sabe que Byron é imortal. Ela começa a sua carreira numa casa de ópio só com raparigas em Charlottenburg, quase à vista da estátua do Wernher Siemens, ardendo num suporte de parede, uma entre muitas lâmpadas que testemunham as mais langorosas formas de decadência Republicana. Fica a conhecer todas as lâmpadas do sítio, Benito a Lâmpada do suporte seguinte que está sempre a planear uma fuga, Bernie do sanitário ao fundo do corredor, que tem todos os tipos de piadas de urofilia para contar, a sua mãe Brenda na cozinha, que fala de bolos de milho com haxixe, dildos preparados para bombearem dilúvios de orgasmos paregóricos até aos capilares do útero, orações a Astarte e a Lilith, rainha da

noite, que se estende para a verdadeira Noite do Outro, fria e nua nos chãos de linóleo após dias sem dormir, os sonhos e as lágrimas tornam-se um estado natural...

Uma a uma, ao longo dos meses, as outras lâmpadas apagam-se, e vão-se. Nas primeiras vezes em que isso acontece, Byron fica muito sentida. Ela ainda é uma recém-chegada, ainda não aceitou a sua imortalidade. Mas no decurso das horas de queima, ela começa a conhecer a transitoriedade das outras: aprende que amá-las enquanto ali estão se torna mais fácil, e também mais intenso — amar como se cada hora predestinada fosse a última. Byron depressa se torna uma Velhota Permanente. As outras conseguem reconhecer-lhe a imortalidade à primeira vista, mas isso nunca é discutido a não ser de uma maneira geral, quando o folclore vem a tremeluzir desde outras partes da Rede Eléctrica, histórias das Imortais, uma no estúdio de um cabalista em Lyon que supostamente sabe de magia, outra na Noruega, à porta de um armazém defrontando a brancura ártica com um tal estoicismo que lâmpadas mais meridionais começam a piscar debilmente só de pensarem nisso. Se outras Imortais *andam* por aí, mantêm-se em silêncio. Mas é um silêncio que contém muito, porventura tudo, em si.

Depois do Amor, portanto, a próxima lição de Byron é o Silêncio.

Quando a queima dela ultrapassa as 600 horas, os monitores na Suíça começam a manter-se de olho em Byron. A Sala de Vigilância da Phoebus está situada por baixo de um Alpe pouco conhecido, uma sala gelada e apinhada de equipamento eléctrico Alemão, vidro, bronze, ebonite e prata, uns enormes blocos terminais eriçados de grampos e parafusos de cobre, e um quadro de pessoal com superasseados observadores de bata branca que deambulam de contador em contador, ligeiros como diabos da neve, verificando que nada esteja a correr mal, que em lâmpada alguma a vida operacional média venha a ser prolongada. Pode imaginar-se o que *isso* faria ao mercado se começasse a acontecer.

Byron ultrapassa a linha vermelha da Vigilância nas 600 horas, e imediatamente, por uma questão de rotina, verificam-lhe a resistência do filamento, a temperatura de queima, o vácuo, o consumo de

energia. Tudo está normal. Agora Byron tem de ser verificada a cada 50 horas daqui em diante. Um suave carrilhão tocará na sala de monitorização sempre que chegar a altura.

Às 800 horas — mais uma precaução de rotina — é enviada uma agente de Berlim à casa de ópio para transferir Byron. Ela usa umas luvas de pelica forradas a amianto e uns saltos com catorze centímetros, não não é para se confundir com quem lá esteja, mas para poder chegar lá acima ao tal suporte e desenroscar Byron. As outras lâmpadas assistem, num terror mal contido. A notícia é passada ao longo da Rede Eléctrica. A qualquer coisa parecida com a velocidade da luz, todas as lâmpadas, Azos penduradas sobre ruas desertas de Bakelite negra, Nitralampen e Wotan Gs em partidas de futebol nocturnas, Just-Wolframs, Monowatts e Sirius, todas as lâmpadas da Europa sabem o que aconteceu. Estão silenciadas com impotência, com rendição perante esforços que elas pensavam serem completos mitos. *Nós não podemos ajudar*, este pensamento comum zumbindo entre pastagens de ovelhas adormecidas, nas Autobahns e atingindo amargos confins de molhes de carvão no Norte, *nunca houve nada que nós pudéssemos fazer...* Quando alguém nos mostra a mais ínfima esperança de transcendência, o Comité para as Incandescentes Anomalias vem cá e leva-o daqui para fora. Algumas protestam, porventura, aqui e ali, mas é somente informação, modulada pelo brilho, inofensiva, nada que se aproxime das explosões no rosto dos poderosos que aquela Byron outrora imaginara, lá na sua maternidade de Bebés, na sua inocência.

É levada para Neukölln, para a sala de uma cave, em casa de um soprador de vidro que tem medo da noite e irá manter o Byron aceso e de atalaia por cima de todas as taças de sílex, dos grifos e navios de flores, íbexes em pleno salto, verdes teias de aranha, sombrias divindades de gelo. Este é um dos muitos assim chamados «pontos de controlo», onde as lâmpadas suspeitas podem ser facilmente monitorizadas.

Em menos de quinze dias, soa um gongo nos corredores de gelo e pedra do quartel-general da Phoebus, e os rostos afastam-se brevemente dos seus contadores. Não há muitos gongos por aqui. Os

gongos são especiais. Byron ultrapassou as 1000 horas, e o procedimento é agora o habitual: o Comité para as Incandescentes Anomalias envia um homem de mão para Berlim.

Mas algo de invulgar sucede aqui. Sim, invulgar com' o raio. O plano é esmagar Byron e enviá-la de volta lá para a oficina para a triturar e cozer — recuperando o tungsténio, evidentemente — fazendo com que ela seja reencarnada no próximo projecto do soprador de vidro (um balão partindo em viagem do alto de um arranha-céus branco). Isso não seria muito mau negócio para Byron — ela sabe tão bem quanto a Phoebus as horas que já tem em cima. Aqui na oficina já viu muito vidro ser derretido no lago desestruturado a partir do qual todas as formas de vidro brotam e re-brotam, e ela própria não se importaria de passar por isso. Mas está encurralada na roda Kármica. A luzente mancha alaranjada é um escárnio, uma crueldade. Não há escapatória para Byron, ela está condenada a um infinito retrocesso de ladrões de lâmpadas e casquinhos. Entra por ali dentro o jovem Hansel Geschwindig, um rapaz de rua de Weimar — desenrosca Byron do tecto para a guardar num bolso cuidadoso e Gessschhhrlrzwindig! sai pela porta fora outra vez. A escuridão invade os sonhos do soprador de vidro. De todas as situações desagradáveis que os sonhos dele colhem a partir do ar nocturno, uma luz apagada é a pior. Luz, nos sonhos dele, era sempre esperança: a esperança básica, mortal. À medida que os contactos se separam em rotação helicoidal, a esperança torna-se treva, e o soprador de vidro desperta bruscamente nesta noite gritando «Quem? Quem?»

A Phoebus não fica exactamente num frenesi. Já aconteceu antes. Ainda há um procedimento a seguir. Isso significa mais horas extraordinárias para alguns empregados, pelo que há aquele vago prazer de barriga cheia pela sorte súbita, a par de uma igualmente vaga excitação com a quebra da rotina. Quem quiser emoções fortes, esqueça a Phoebus. As suas equipas de busca com pétreos rostos saem para as ruas. Sabem mais ou menos onde procurar na cidade. Partem do princípio de que ninguém entre os seus consumidores sabe da imortalidade de Byron. Por isso, os dados acerca dos raptos de Lâmpadas *Não-imortais* também se deverão aplicar a Byron. E por acaso os dados concentram-se nas áreas pobres, nas áreas de Judeus, drogados, homossexuais, prostitutas, e nas áreas mágicas da capital. Eis

aqui os mais lógicos ladrões de lámpadas, nos termos daquilo que o crime é. Olhai para toda a propaganda. É um crime *moral*. A Phoebus descobriu — uma das grandes descobertas por descobrir do nosso tempo — que os consumidores precisam de sentir uma sensação de pecado. Essa culpa, em mãos devidamente invisíveis, é uma arma muito poderosa. Na América, o Lyle Bland e os psicólogos dele tinham números, testemunhos de peritos e dinheiro (dinheiro no sentido Puritano — um O.K. visível e exterior nas suas intenções) suficiente para sobrepor a Descoberta da Culpa na cúspide entre teoria e facto científicos. As taxas de crescimento em anos posteriores viriam apoiar o Bland (na verdade, o que veio apoiar o Bland foi um sexteto de carregadores de caixão honorários com todos os membros seniores da Salitieri, Poore, Nash, De Brutus e Short, mais o Lyle, Jr., que estava a espirrar. O Buddy decidiu no último minuto ir ver o *Dracula*. Foi melhor para ele). De todos os legados que o Bland deixou por aí, a Heresia do Roubo de Lâmpadas foi talvez o maior. Isso não significa apenas que alguém não esteja a comprar uma lámpada. Também significa que esse alguém não está a ligar energia nenhuma àquele casquilho! Isso é um pecado tanto contra a Phoebus como contra a Rede Eléctrica. Nenhuma delas está disposta a permitir que *isso* caia fora de controlo.

Portanto, lá vão os pés chatos da Phoebus, à procura da Byron roubada. Mas o rapaz de rua já saiu da cidade, foi para Hamburgo, cambiou Byron a uma *prostituta* da Reeperbahn de modo a poder *in-jectar alguma morfina* — o cliente da rapariga hoje à noite é um contabilista de custos que gosta de ter lámpadas *enroscadas no olho do cu*, e esse putanheiro também trouxe um pouco de *haxixe para fumar*, pelo que, quando ele se vai embora, já se esqueceu de que Byron ainda está ali no seu cu — nunca chega, na verdade, a descobrir isso, pois quando chega finalmente a sentar-se (tendo ido em pé nos eléctricos o caminho todo até casa) é na sua própria retrete doméstica e plop! lá vai Byron para dentro de água e fluccchhhh! pelas condutas de esgoto abaixo até ao estuário do Elba. Ela é suficientemente redonda para deslizar com facilidade até lá. Durante dias flutua pelo Mar do Norte, até chegar a Helgoland, aquele pastel Napoleónico vermelho-e-branco cuja ponta sai do mar. Fica por lá algum tempo num hotel

entre o Hengst e o Mönch, até um dia ser trazida de novo para o continente por um padre muito idoso que foi posto a par da imortalidade de Byron no decurso de um sonho rotineiro acerca do sabor de um certo Hochheimer de 1911... subitamente aqui está o grande Berlin Eispalast, uma altaneira e obscura caverna em rendilhados de ferro, o cheiro das mulheres nas sombras azuis — perfumes, couros, fatos de patinagem com peles, pó de gelo no ar, pernas cintilantes, ancas protuberantes, desejo a dardejar como a gripe, desamparo ao fim de um ralhete, fogueteando entre feixes de luz do sol sufocada com o gelo pulverizado, e uma voz no espelho difuso por baixo dos pés dizendo, «Encontra aquele que obrou este milagre. Ele é um santo. Expõe-no. Apressa a sua canonização...» O nome está numa lista que o velho dentro de pouco tempo estabelece com cerca de mil turistas que entraram e saíram de Helgoland desde que Byron foi encontrada na praia. O padre inicia uma busca de comboio, a pé, e em Hispano-Suiza, verificando cada um dos turistas da sua lista. Mas não vai além de Nuremberga, onde a mala dele, com Byron lá dentro embrulhada numa alva, é furtada por um transectarista, um Lutero chamado Mausmacher que gosta de se vestir com insígnias Romanas. Este Mausmacher, não satisfeito por se pôr diante do seu espelho fazendo cruzes papais, pensa que será de uma emoção realmente bizarra ir até ao campo dos Zeppelins assitir a um comício Nazi à luz de archotes inteiramente assim vestido, e andar por lá abençoando pessoas ao acaso. Archotes verdes ardendo, suásticas vermelhas, latões cintilantes e o Padre Mausmacher, aferindo mamas e cus, cinturas e virilhas, trauteando uma melodiazita clerical, algum fraseado do Bach, sorrindo enquanto se move entre os Sieg Heils e os coros do «Die Fahne Hoch». Sem que ele o saiba, Byron escorregava das vestes roubadas para o chão. Passam então por ela várias centenas de milhares de botas e sapatos, e nem um só chega a roçar por ela, naturalmente. É respigada no dia seguinte (o campo agora vazio como a morte, com colunas, pálido, riscado por longas poças de lama, nuvens matinais alongando-se por detrás da suástica e da grinalda dourada) por um pobre apanhador de trapos Judeu, e seguidamente levada, para mais uns 15 anos de preservação contra o acaso e contra a Phoebus. Será enroscada em mãe (*Mutter*) após mãe,

como são conhecidas as partes fêmea dos casquilhos das lâmpadas eléctricas Alemãs, por qualquer motivo que escapa a toda a gente.

O cartel já passou ao Plano de Contingência B, que assume um estatuto de limitações por sete anos, após os quais Byron será legalmente considerada queimada. Entretanto, o pessoal afastado do caso de Byron anda atarefado a localizar uma lâmpada de longa vida que outrora ocupara um casquillo no alpendre de um posto avançado do exército na selva Amazónica, Beatriz a Lâmpada, que acabou de ser roubada, misteriosamente, por um grupo de assalto dos Índios.

Ao longo dos seus anos de sobrevivência, todas estas várias salvações de Byron aconteceram como que por acidente. Sempre que pode, ela tenta instruir outras lâmpadas que lhe estejam próximas acerca da natureza maligna da Phoebus, e da necessidade de solidariedade contra o cartel. Ela acabou por ver como a Lâmpada pode ir além do seu papel enquanto transmissor da mera energia-luz. A Phoebus restringiu a Lâmpada a essa única identidade. «Mas há outras frequências, acima e abaixo da banda visível. A Lâmpada pode dar calor. A Lâmpada pode fornecer energia para que as plantas cresçam, plantas ilegais, dentro de armários, por exemplo. A Lâmpada pode penetrar o olho adormecido e operar entre os sonhos dos homens.» Algumas lâmpadas escutam atentamente — outras pensam em maneiras de espiarem para a Phoebus. Algumas das anti-Byronistas mais velhas conseguiram iludir os seus parâmetros em modos sistemáticos que surgiram nos contadores de ebonite por baixo da montanha Suíça: houve até algumas auto-imolações, na esperança de fazerem desistir os homens de mão.

Toda a conversa sobre a transcendência da Lâmpada, claro, era nítida subversão. A Phoebus baseava tudo na eficiência das lâmpadas — a relação da potência utilizável que saía, com a potência lá introduzida. A Rede Eléctrica exigia que essa relação fosse o mais pequena possível. Dessa maneira, conseguiam vender mais sumo. Por outro lado, baixa eficiência significava mais horas de queima, e isso fazia diminuir as vendas de lâmpadas à Phoebus. Ao princípio, a Phoebus tentou aumentar a resistência do filamento, reduzindo as horas de vida à socapa e gradualmente — até a Rede Eléctrica notar

uma quebra nos rendimentos e se pôr a berrar. As duas partes chegaram seguidamente a um acordo quanto a um número de compromisso para a duração das lâmpadas que trouxesse dinheiro suficiente a ambas, e a dividirem ao meio os custos da campanha contra o roubo de lâmpadas. A par de um ataque mais subtil contra aquelas almas criminosas que abominavam inteiramente as lâmpadas e usavam velas. A combinação que a Phoebus estabelecera desde há muito com o Cartel da Carne iria restringir a quantidade de sebo em circulação mantendo mais gordura na carne posta à venda independentemente dos problemas cardíacos que pudessem surgir, e redireccionar a maior parte da que era aparada para a produção de sabão. Nesses tempos, o sabão era uma preocupação crescente. Entre os consumidores, o Instituto Bland descobrira sentimentos profundos a respeito da merda. Mesmo assim, merda e sabão eram engrenagens menores para a Phoebus. Mais importantes eram artigos como o tungsténio. Outra razão pela qual a Phoebus não podia encurtar demasiado a vida das lâmpadas. Demasiados filamentos de tungsténio iriam devorar as reservas disponíveis desse metal — sendo a China o principal fornecedor mundial, isso também implicava questões muito delicadas de política Oriental — e perturbar o que ficara combinado entre a General Electric e a Krupp acerca da quantidade de carboneto de tungsténio que seria produzida, onde e quando e quais seriam os preços. As linhas de orientação acordadas eram de \$37-\$90 por libra na Alemanha, \$200-\$400 por libra nos EUA. Isso governava directamente a produção de peças para máquinas e, por conseguinte, todas as áreas da indústria ligeira e pesada. Quando veio a Guerra, algumas pessoas acharam antipatriótico que a GE tivesse dado à Alemanha uma vantagem dessas. Mas ninguém que tivesse algum poder. Não vos preocupeis.

Byron, enquanto arde, vê mais e mais deste modelo. Aprende a entrar em contacto com outros tipos de aparelhos eléctricos, nas casas, nas fábricas e pelas ruas. Cada um tem algo para lhe contar. O modelo acumula-se-lhe na alma (*Seele*, como era conhecido na Alemanha o núcleo do antigo filamento de carbono) e, quanto mais grandioso e nítido aquilo se torna, mais desesperada fica Byron. Um dia ela virá a saber tudo, e continuará tão impotente como dantes.

Os seus sonhos juvenis de organizar todas as lâmpadas do mundo parecem agora impossíveis — a Rede Eléctrica está completamente aberta, todas as mensagens podem ser escutadas, e há traidores mais do que suficientes ao longo da linha. Tradicionalmente, os profetas não duram muito tempo — ou são logo mortos, ou sofrem um acidente suficientemente sério que os faça parar e pensar e, na maior parte das vezes, acabam por recuar. Mas em Byron foi visitado um destino ainda melhor. Ela está condenada a persistir para sempre, conhecendo a verdade e incapaz de mudar alguma coisa. Não mais procurará sair da roda. A sua fúria e frustração crescerão sem limite, e ela achar-se-á, pobre lâmpada perversa, desfrutando disso...

Laszlo Jamf caminha pelo canal abaixo, onde os cães estão agora a nadar, cães em matilhas, cabeças de cães balouçando pelos espumosos canais abaixo... cabeças de cães, cavaleiros de xadrez, também podem ser encontrados invisíveis no ar por cima de bases aéreas secretas, nos mais espessos nevoeiros, condições de temperatura, pressão e humidade constituem formas de Springer que o voador apurado consegue sentir, os radares conseguem ver, os impotentes passageiros quase conseguem vislumbrar, de vez em quando, pela pequena janela, como entre lençóis de vapor... é o terno Cão, o Cão que homem algum jamais condicionou, que ali está para nós nos começos e nos fins, e nas jornadas que temos de empreender, desamparados, mas não inteiramente relutantes... As pregas do fato de Jamf ondulam como folhas de íris num vento de quintal das traseiras. O coronel fica sozinho na Cidade Feliz. A cidade de aço espera por ele, a invariante luz das nuvens erguendo uma faixa branca em cada grande edifício, todas elas dispostas como modulações na grelha perfeita das ruas, cada torre cortada a uma altura diferente — e onde está o Pente que passará entre *isto* e restaurará a antiga e perfeita harmonia Cartesiana? onde estão as grandes Tesouras do céu que reajustarão a Cidade Feliz?

Não é preciso trazer sangue ou violência para aqui. Mas o coronel tem agora a sua cabeça inclinada para trás naquilo que poderá verdadeiramente ser rendição: a garganta dele está aberta à radiância

de dor da Lâmpada. Paddy McGonicle é a outra única testemunha, e ele, um sistema de energia de um só homem com sonhos próprios, quer ver o coronel fora do seu caminho tanto como qualquer um. Eddie Pensiero, com o blues a alagar-lhe os seus músculos trémulos, o blues declinante, mortal, está a segurar a sua tesoura de uma modo em que os barbeiros o não devem fazer. Os bicos, a estremecerem no cone eléctrico, estão apontados para baixo. O punho do Eddie Pensiero aperta-se em torno dos aros de aço de onde os dedos dele já se esgueiraram. O coronel, com uma última inclinação da sua cabeça, expõe a jugular, claramente impaciente com o —



Elá entra na vila pedalando numa bicicleta roubada: lenço branco cobrindo-lhe o alto, flutuando atrás em pontas, uma distinta emissária de uma terra drenada e capturada, ela própria cheia de jus antigo, mas nada ao modo de um poder utilizável, nem sequer uma fantasia disso. Traz um esguio vestido branco, um fato de ténis para verões anteriores à guerra, que agora cai não em pregas aguçadas mas mais suave, mais acidental, meio enrugado, laivos de azul nas suas dobras mais profundas, um vestido para mudanças no clima, um vestido para sobre ele fluírem sombras de folhas, umas migalhas de castanho e de amarelo solar movendo-se sobre ele e prosseguindo enquanto ela desliza em roda livre preocupada mas sem sorrisos privados, sob as árvores frondosas que bordejam a estrada de terra duramente batida. O cabelo dela está enrolado, em tranças, no alto da cabeça, que ela mantém não demasiado elevada nem naquilo a que costumava chamar-se «gravemente», mas dirigida para (digamos contra) um futuro particular, pela primeira vez desde o Casino Hermann Goering... e ela não é do nosso momento, do nosso tempo, de todo.

A sentinela mais adiantada espreita desde a enferrujada ossatura da sua ruína de cimento e, durante duas pedaladas, ficam ambos, ele e Katje, cá fora à luz do dia, confundindo-se com terra calcada, ferrugem, esborratadas perfurações de luz solar fria dourada e lisa como vidro, o vento fresco nas árvores. Hipertiróidicos olhos Africanos, as íris deles cercadas como precoces centáureas azuis pelos campos de

branco que as comprimem... *Ooga-booga!* Vou mas é pôr-me a bater neste *tambor* aqui! Pr'avisar o resto da trib'lá n'aldeia, ó malta!

Por isso, DUMdumdumdum, DUMdumdumdum, O.K., mas mesmo assim não há espaço no porte dela para curiosidade sequer (não iriam evidentemente haver tambores, uma oportunidade para violência? Uma cobra saltando de uma pernada, uma presença muito grande lá adiante entre os mil arqueantes topes de árvores, um grito dentro dela, um salto ascendente para o terror primevo, rendendo-se a este e assim — sonhou ela — reconquistando a sua alma, o seu eu há muito perdido...). Nem ela gastará agora mais do que uns olhares de faz-de-conta com os prados Alemães que se arrojam tão profundamente em direcção a verdes brumas ou colinas, os pálidos membros dos balaústres de mármore ladeando passeios de sanatório que se curvam incessantemente, numa febre, num sufoco, em matas de rebentos com pénis em botão e de espinhos tão antigos, tão desprovidos de conforto que os olhos são atraídos, capturados pelas glândulas lacrimais e arrastados até encontrarem, até encontrarem a todo o custo, o caminho que desapareceu tão subitamente... ou até olharem para trás para se apegarem a algum vestígio das termas, a uma esquina do Sprudelhof, ao ponto mais alto do coreto branco como açúcar, algo que contrarie o sussurro de Pã dentro da mata escura *Vem cá... esquece-os. Entra aqui...* Não. Não a Katje. Ela esteve dentro de matas e bosques. Ela dançou nua e abriu a cona aos cornos de bestas que habitam nas matas. Ela sentiu a lua nas plantas dos seus pés, tomou-lhe as marés com as superfícies do seu cérebro. Pã era um péssimo amante. Hoje em dia, em público, eles não têm mais do que olhadelas nervosas um para o outro.

O que agora acontece, e isto é bastante alarmante, é que a partir de nenhures aparece subitamente todo um coro de homens Hereros dançando. Estão vestidos com uns fatos brancos de marinheiro concebidos para mostrarem cus, virilhas, cinturas estreitas e peitorais bem formados, e trazem uma rapariga toda em lamé prateado, uma dama vistosa e insolente ao estilo da Diamond Lil ou da Texas Guinan. Quando a pousam no chão, toda a gente começa a dançar e a cantar:

Pa—ra—nóóóóiiiia, Pa-ra-nóia!
 Com' é bom ver, essa cara dos bons tempos, novamente!
Pa-ra-nóii-ia, ena pá, que jóia
 Um pouco daquilo que já conheces
 Desd'o antigamente!
 Nem o Goya podia desenhar tal tramóia,
 Com o aspecto que tinhas, dando pontapés na porta —
 Chama um advogado de tipóia, Paranóia,
 Deixa-me dar-te o meu cu, para sempre se não te importa!

Então Andreas e Pavel saem lá do meio com calçado de sapateado (libertado de um espectáculo assaz insolente da ENSA que por ali passou em Julho) para efectuarem um daqueles números sincopados com dança-e-sapateado:

Pa — ra — noi — (clipeti-clipeti-clipeti cl[ia,]op!)
 Pa — ra — noi — (arrastabate! arrastabate! arrastabate! [e] cl[ia,]op! cliqueti
 cl[Com'é]ique) tão (clop) bom (clop) ver (clipiclop) a tua cara dos
 bons tempos novamente! etc.

Bom, a Katje comprehende muito antes dos primeiros oito compassos de tudo isto que a descarada beldade loura não é outra senão ela própria: *ela* está a fazer um número de dança com estes marinheiros negros em terra. Tendo percebido igualmente que é ela a figura alegórica da Paranóia (uma grande dama antiga, um pouco doida, mas de coração puro), ela tem de dizer que acha a vulgaridade jazzística desta música um pouco aflitiva. No que ela tinha pensado era num exercício mais ao jeito da Isadora Duncan, clássico e cheia de gazes, e — bom, *branco*. Aquilo em que o Pirata Prentice a havia instruído era folclore, política, estratégias Zonais — mas *não a negritude*. Quando era isso que ela mais precisava de conhecer. Como poderá ela passar agora entre tanta negritude para se redimir? Como poderá ela esperar encontrar Slothrop? entre tanta *negritude* (subvocalizando a palavra tal como um velho poderia proferir o nome de uma vil figura pública, deixando-a derreter-se em negritude *real*: em não mais ser proferida). Há aquele calor teimoso, repressivo nos pensamentos dela. Não é nada do vosso *forte arrepiro de pele racista*, não, mas

a sensação de mais um fardo, a par da escassez de comida na Zona, do galinheiro, cave ou alojamentos subterrâneos ao anoitecer, das fobias e amuos da ocupação armada tão maus como na Holanda no ano anterior, confortável aqui dentro ao menos, um aconchego de lótus, mas desastroso lá fora no Mundo da Realidade em que ela ainda acredita e jamais desistirá de esperar vir um dia a retomar. Tudo isso não é suficientemente mau, não, *agora* ela também tem de suportar a negritude. A sua ignorância a respeito desta deverá auxiliá-la.

Com Andreas ela é encantadora, irradia aquela sensualidade peculiar às mulheres preocupadas com a segurança de um amante ausente. Mas depois ela tem de avistar-se com o Enzian. O primeiro encontro deles. De certa maneira, cada um deles foi amado pelo Capitão Blicero. Cada um deles teve de atingir uma maneira qualquer de tornar aquilo suportável, minimamente suportável, por tempo suficiente, um dia de cada vez...

«Oberst. Estou contente —» a voz dela fraqueja. Genuinamente. A cabeça dela inclina-se sobre a secretária dele por não mais tempo do que o necessário para lhe agradecer, para lhe declarar a sua passividade. O *raio* é que ela está contente.

Ele assente com um gesto de cabeça, aponta a sua barba para uma cadeira. Esta, portanto, é a Puta Dourada das últimas cartas enviadas pelo Blicero desde a Holanda. Enzian não formara então qualquer imagem dela, demasiado assoberbado, demasiado amordaçado com mágoa perante aquilo que estava a acontecer ao Weissmann. Ela parecera então somente uma das formas expectáveis de horror que deveriam andar a povoar o mundo dele. Mas, étnico quando menos quer sê-lo, ao fim de algum tempo, o Enzian acabou por pensar nela como a grande pintura rupestre da Mulher Branca no Kalahari, branca da cintura para cima, carregando arco e flechas, seguida pelas suas aias negras através de um espaço errático, pétreo e profundo, figuras de todos os tamanhos movendo-se para diante e para trás...

Mas eis aqui a autêntica Puta Dourada. Surpreende-o quão nova e esguia ela é — uma palidez como a de ter começado a esvair-se deste mundo, capaz de desaparecer inteiramente com qualquer agarão demasiado imprudente. Ela conhece a sua precária magreza,

a sua leucemia da alma, e provoca-o com isso. Tens de querê-la, mas jamais o indicar — não por olhos ou gesto — senão ela clarifica-se, desaparecendo fatalmente como fumo sobre uma senda que avança para o deserto, e tu nunca mais voltarás a ter a oportunidade.

«Você deve tê-lo visto mais recentemente do que eu.» Ele fala em voz baixa. Ela está surpreendida com a delicadeza dele. Desapontada: estava à espera de mais força. O lábio dela começou a erguer-se. «Como lhe pareceu ele?»

«Sozinho.» O gesto brusco e de esguilha da cabeça dela. Devolvendo-lhe o olhar com a melhor neutralidade de que ela pode estar certa nestas circunstâncias. Ela quer dizer, Tu não estavas com ele, quando ele precisou de ti.

«Ele estava sempre sozinho.»

Ela comprehende então que não é timidez, que ela estava enganada. É decência. O homem quer ser decente. Ele deixa-se em aberto. (Ela também, mas somente porque tudo o que poderia magoar foi há muito entorpecido. O risco é pequeno para a Katje.) Mas o Enzian arrisca aquilo que arriscam antigos amantes quando a Amada está presente, em facto ou em palavra: mais profundas possibilidades para vergonha, para renovada sensação de perda, para humilhação e zombaria. Irá ela zombar? Terá ele tornado isso demasiado fácil — e depois, ao virar-se, contado com o espírito desportivo dela? Poderá ela ser tão honesta quanto ele, sem arriscar demasiado? «Ele estava a morrer», conta-lhe ela, «parecia muito envelhecido. Nem sequer sei se ele saiu vivo da Holanda.»

«Ele —» e esta hesitação poderá ser (a) por consideração para com os sentimentos dela, ou (b) por razões de segurança do Schwarzkommando, ou (c) ambas as anteriores... mas então, raios, O Princípio da Maximização do Risco volta a ser preponderante: «ele chegou até à Charneca de Lüneberg. Se você não sabia isso, devia saber-lo.»

«Você andou à procura dele.»

«Sim. Também o Slothrop andou, embora eu não creia que o Slothrop saiba disso.»

«O Slothrop e eu —» ela olha ao redor da sala, os seus olhos resvalam por superfícies metálicas, papéis, facetas de sal, não chegam

a pousar em lado algum. Como se fizesse uma desesperada confissão de surpresa: «Agora é tudo tão remoto. Na verdade, nem sei porque me enviaram para aqui. Já nem sei quem era realmente o Slothrop. Há uma quebra na *luz*. Não consigo *ver*. Está tudo a afastar-se de mim...»

Ainda não é tempo de tocá-la, mas o Enzian estica-se para dar uma amigável palmadinha animadora nas costas da mão dela, um ora-não-é-bem-assim à militar. «*Existem* coisas a que nos podemos apegar. Nada disso poderá parecer real, mas em parte é-o. Realmente.»

«*Realmente.*» Começam os dois a rir-se. O riso dela é fatigadamente Europeu, vagaroso, de abanar a cabeça. Outrora, ela teria estado a aferir enquanto se ria, falando de beiras, abismos, proventos e perdas, horas H e pontos de não-retorno — ela teria estado a rir-se *politicamente*, em resposta a um predicamento de poder, porque poderia não haver mais nada a fazer. Mas agora está somente a rir-se. Tal como outrora se riu com o Slothrop, lá no Casino Hermann Goering.

Portanto, ela tem estado apenas a conversar com o Enzian acerca de um amigo comum. Será esta a sensação do Vácuo?

«O Slothrop e eu» não funcionou muito bem. Deveria ela ter dito «O Blicero e eu»? Onde a teria *isso* levado com o Africano?

«O Blicero e eu» começa ele a dizer suavemente, observando-a por cima de polidas maçãs do rosto, cigarro ardendo-lhe na enrosada mão direita, «só éramos íntimos em certas maneiras. Houve portas que eu não abri. Não podia. Por estas partes, eu faço de omnisciente. Dir-lhe-ia que não me denunciasse, mas isso não teria qualquer importância. Eles já decidiram. Eu sou o supremo Pretensioso de Berlim, o Oberhauptberlinerschnauze Enzian. Sei tudo, e eles não confiam em mim. De uma maneira geral, trocam mexericos a respeito de mim e do Blicero, patranhas inventadas — a verdade não alteraria a desconfiança deles nem o meu Acesso Ilimitado. Estariam somente a transmitir uma história, mais uma história. Mas a verdade deve significar alguma coisa para si.

«O Blicero que eu amei era um homem muito novo, apaixonado pelo império, a poesia, a sua própria arrogância. Todos esses aspectos devem ter sido importantes para mim em tempos. O que sou

agora cresceu a partir daí. Um eu anterior é um parvo, um palerma insofrível, mas continua a ser humano, você não o repudiaria tal como não repudiaria qualquer outro tipo de aleijado, pois não?»

Ele parece estar a pedir-lhe autênticos conselhos. Serão estes os géneros de problemas que lhe ocupam o tempo? E quanto ao Foguete, aos Vazios, à perigosa infânciam da nação dele?

«Que interesse *pode* ter o Blicero para si?» é o que ela finalmente pergunta.

Ele não precisa de pensar por muito tempo. Já por muitas vezes imaginou a vinda de um Interrogador. «Neste ponto, eu levá-la-ia até uma varanda. Um posto de observação. Mostrar-lhe-ia a Raketen-Stadt. Mapas em acrílico das redes que nós mantemos pela Zona. Escolas clandestinas, sistemas para distribuir alimentos e medicamentos... Baixaríamos os olhos para gabinetes administrativos, centros de comunicações, laboratórios, clínicas. Eu diria —»

«Tudo isto te darei, caso o queiras se —»

«*Negativo*. Nada disso. Eu diria: Foi nisto que me tornei. Uma figura afastada numa certa elevação e distância...» que espreita por cima da Raketen-Stadt nos ambarinos anoiteceres, com lavados e escurecentes lençóis de nuvens atrás de si — «que perdeu tudo o mais a não ser esse ponto de vantagem. Não há nenhum coração, agora em lado algum, nenhum coração humano restante em que eu exista. Sabe qual é a sensação disso?»

Ele é um leão, este homem, um doido do ego — mas apesar de tudo, Katje gosta dele. «Mas se ele ainda estivesse vivo —»

«Não há maneira de se saber. Tenho cartas que ele escreveu após sair da vossa cidade. Estava a mudar. Terrivelmente. Pergunta você que interesse poderia ele ter para mim. O meu esbelto aventureiro branco, vinte anos mais doente e mais velho — o último coração em que me poderia ter sido concedido algum ser — estava a mudar, de sapo para príncipe, de príncipe para monstro fabuloso... «Se ele estiver vivo», poderá agora ter mudado tanto que nem o reconheceremos. Poderíamos ter passado de carro por baixo dele no céu hoje sem nunca o vermos. Seja o que for que aconteceu no fim, ele transcendeu. Mesmo que esteja apenas morto. Ele passou para além da

sua dor, do seu pecado — profundamente cravado na província d'Eles, no controlo, síntese e controlo, para lá do que —» bom, ele estava prestes a dizer «nós» mas «eu» afinal parece melhor, «eu não transcedi. Fui apenas elevado. Isso deve ser o mais vazio que as coisas podem ficar: é pior do que ser-nos dito que não teremos de morrer por alguém em quem não possamos acreditar...

«Sim, ele tem interesse para mim, muito. Ele é um eu antigo, um querido albatroz que eu não consigo abandonar.»

«E eu?» Ela depreende que ele espera que ela soe como uma mulher dos anos 1940. «E eu», deveras. Mas ela não consegue pensar em nenhuma outra maneira espontânea de o ajudar, de lhe conceder um momento de conforto...

«Você, pobre Katje. A sua história é a mais triste de todas.» Ela levanta os olhos para ver como estará exactamente o rosto dele a zombar de si. Fica espantada ao ver, em vez disso, lágrimas escorrendo, escorrendo pelas faces dele. «Você foi somente posta em liberdade», a voz dele embargando-se-lhe então na última palavra, o rosto dele caindo por um momento para a frente dentro de uma gaiola de mãos, desenjaulando-se de novo para uma tentativa de levá-la a imitar-lhe a jovial risada patibular em ritmo de valsa. Oh, não, estará também ele prestes a ficar tarado ao pé dela? Do que ela precisa agora na sua vida, em algum homem na sua vida, é estabilidade, saúde mental e força de carácter. Não disto. «Eu disse ao Slothrop que ele era livre, também. Digo-o a quem quiser ouvir. Dir-lho-ei a eles tal como lho digo a si: você é livre. Você é livre...»

«Como pode a minha história ser mais triste que isso?» Rapariga desavergonhada, ela não está a fazer-lhe a vontade, na verdade está agora a namoriscar com ele, alguma técnica que as boas maneiras da sua juventude em papel crepe e itálicos de aranhiço lhe terão ensinado, para impedir que tenha de se deslocar para o negrume dele. Compreenda-se que não é o negrume *dele*, mas o dela própria — uma treva inadmissível que de momento ela finge ser de Enzian, algo que está até para além do centro do bosque de Pã, algo que não é pastoral de todo, mas da cidade, um conjunto de vias pelas quais as forças naturais são viradas de lado, calcadas aos pés, rectificadas ou sangradas para o chão e de lá saem muito semelhantes aos mortos

malignos: os Qlipphoth que Weissmann «transcendeu», almas cuja jornada até lá foi tão má que elas perderam toda a sua gentileza no clarão azul lá atrás (cujos longos sulcos marinhos ondulam), e se transformaram em imbecis assassinas e brincalholas, produzindo ininteligíveis apitadelas no vazio, nervosas e descarnadas como rataزانas — uma escuridão urbana que é só dela, uma escuridão texturada na qual os fluxos partem em todas as direcções, e nada começa, e nada termina. Mas à medida que o tempo passa as coisas tornam-se mais sonoras por lá. Aquilo está a agitar-se até chegar a consciência dela.

«Namorisque se quiser», o Enzian agora tão sereno como o tal Cary Grant, «mas espere ser levada a sério.» Oh, *ho*. Foi para isto que vocês aqui vieram, minha gente.

Não necessariamente. A amargura dele (cujos recibos devidos estão todos em arquivos Alemães que poderão, no entanto, estar destruídos agora) corre demasiado fundo para ela, na verdade. Ele deve ter aprendido mil máscaras (tal como a Cidade continuará a mascarar-se contra invasões que muitas vezes não vemos, cujos resultados nunca conhecemos, revoluções silenciosas e despercebidas nos bairros de armazéns onde as paredes estão vazias, nos lotes onde as ervas crescem espessas), e esta, sem dúvida, esta Exótica Obsoleta Elegante, é uma delas.

«Não sei o que fazer.» Ela levanta-se com um longo, longo encolher de ombros e começa a caminhar com graciosidade pela sala. O velho estilo dela: uma rapariga de cerca de 16 anos que julga estar toda a gente a olhar para si. O cabelo dela cai-lhe como um capuz. Os braços dela tocam-se com frequência.

«Você não tem de ir mais longe nisto do que localizar o Slothrop», acaba ele por lhe dizer finalmente. «Tudo o que você *tem* de fazer é acompanhar-nos, e esperar até que ele torne a aparecer. Porquê incomodar-se com o resto?»

«Porque eu sinto», a voz dela, talvez por desígnio, muito sumida, «que “o resto” é exactamente o que eu *deveria* estar a fazer. Não quero ir-me embora com uma qualquer vitória banal. Eu só quero — sei lá, compensá-lo pelo polvo, ou algo assim. Não preciso de saber *porque* anda ele por aí, o que lhe fiz eu, para Eles? Como podem Eles ser

parados? Até quando poderei eu safar-me com trabalho fácil, saídas reles? *Não deveria eu entrar nisto a fundo?*»

O seu masoquismo [escrevera o Weissmann desde Haia] é para ela uma reafirmação. De que ela ainda pode ser magoada, de que ela é humana e pode chorar de dor. Porque, com frequência, ela esquecer-se-á. Apenas posso tentar adivinhar como isso deve ser terrível... Portanto, ela precisa da chibata. Ela alça o seu traseiro não em rendição, mas em desespero — como os teus medos de impotência, e os meus: ainda conseguirei... irá isto falhar... Mas de verdadeira submissão, de abandonar o eu e passar para o Tudo, não há nada, não com a Katje. Ela não é a vítima com que eu teria escolhido acabar isto. Talvez, antes do fim, venha a haver outra. Talvez eu sonhe... Eu não ando cá, pois não, para me dedicar às fantasias *dela!*

«Você está destinada a sobreviver. Sim, provavelmente. Por mais doloroso que queira tornar isso para si própria, mesmo assim há-de sempre safar-se. É livre de escolher exactamente quão agradável será cada passagem. Normalmente isso é dado como recompensa. Nem perguntarei de quê. Lamento, mas você parece mesmo não o saber. É por isso que a sua história é a mais triste de todas.»

«*Recompensa* —» ela está a ficar irritada. «É uma sentença para toda a vida. Se você chama a isso uma recompensa, então o que está a chamar-me a mim?»

«Nada de político.»

«Seu preto sacana.»

«Exactamente.» Ele permitiu que ela dissesse a verdade. Um relógio soa no canto de pedra. «Nós temos alguém que esteve com o Blínero em Maio. Pouco antes do fim. Você não tem de —»

«Ir ouvir, sim, Oberst. Mas irei.»

Ele levanta-se, prende nela o seu oficial e cavalheiresco braço, sorrindo de esguilha e sentindo-se um palhaço. O sorriso dela está virado para cima como o da maliciosa Ofélia tendo acabado de vislumbrar o país dos loucos e ansiando agora fugir da corte.

Correspondência, sorriso-a-sorriso, ajustamentos, vacilações: no que isso se resume é que *nunca nos conheceremos um ao outro*. Sorridentes, estranhos, la-la-la, lá vamos ouvir o fim de um homem que ambos amámos e somos uns estranhos no cinema, condenados a diferentes filas, coxias, saídas, idas para casa.

Muito ao longe, num outro corredor, uma ruidosa ponteira de broca torce-se, fumega, pouco antes de se quebrar. Tabuleiros de cafetaria e louça em aço chocalham, um som inocente e amável atrás de regiões familiares de vapor, gordura à beira de rançar, fumo de cigarro, água de lavaduras, desinfectante — uma cafetaria a meio do dia.

Há coisas a que podemos apegar-nos...



Querereis causa e efeito. Está bem. O Thanatz foi atirado pela borda fora na mesma tempestade que tirou o Slothrop do *Anubis*. Foi salvo por um cangalheiro Polaco num barco a remos, que saiu para o temporal hoje à noite para ver se conseguirá ser atingido por um relâmpago. O cangalheiro traz vestido, na esperança de que isso atraia a electricidade, um complicado fato de metal, algo semelhante ao de um escafandrista, e um capacete da Wehrmacht no qual ele furou algumas centenas de buracos em que inseriu porcas, parafusos, molas e varetas condutoras com muitas formas, de maneira que ele tilinta sempre que abana a cabeça para dizer que sim ou que não, o que é frequente. Ele é mesmo um companheiro digital, tudo recebe um sim ou um não, e uns tabuleiros axadrezados em dois tons de estranha forma e textura efectivamente florescem na noite chuvosa em redor dele e de Thanatz. Desde que leu acerca de Benjamin Franklin num folheto da propaganda Americana, papagaio, trovão e chave, o cangalheiro tem estado obcecado com esta questão de ser atingido na cabeça por um relâmpago. Por toda a Europa, ocorreu-lhe certa noite num clarão (embora não do tipo que ele queria), neste preciso instante, há centenas, quem sabe talvez milhares, de pessoas a andarem por aí, que foram atingidas por relâmpagos e sobreviveram. As histórias que *elas* poderiam contar!

O que o folheto se esquecera de mencionar era que Benjamin Franklin também era um Maçon, e dado a formas cósmicas de prático chalacear, das quais os Estados Unidos da América bem poderão ter sido uma.

Bom, é uma questão de continuidade. A vida da maioria das pessoas tem altos e baixos que são relativamente graduais, uma curva

sinuosa com primeiras derivativas a cada ponto. Essas são as que nunca são atingidas pelos relâmpagos. Sem nenhuma ideia real do cataclismo. Mas as que são atingidas experimentam um ponto singular, uma descontinuidade na curva da vida — sabeis qual é a taxa de variação temporal numa cúspide? *Infinita*, é isso mesmo! E-e logo a seguir ao ponto, é de *menos* infinito! Que tal *isso* como mudança súbita, eh? Infinitos quilómetros por hora mudando para a mesma velocidade *em retrocesso*, tudo nos pêlos do cu ou da rubra cona do mosquito do Δt no outro lado do ponto. Isso é que é ser atingido por um relâmpago, minha gente. Está-se *mesmo* lá no cimo do bico de agulha de uma montanha, e não penseis que não há lammergeiers pairando por lá naquelas lúridas altitudes vermelhas, à espera de uma oportunidade para vos arrebatar. Oh sim. São pilotados por anões de costas nuas com pequenas máscaras de plástico em volta dos olhos que por acaso têm uma forma igualzinha à do símbolo do infinito: ∞ . Homenzinhos com sobrancelhas maldosas, orelhas em bico e cabeças calvas, embora alguns deles usem uns chapéus esquisitos, não os habituais fedoras verdes à Robin Hood, não estes são chapéus à *Carmen Miranda*, por exemplo, bananas, papaias, cachos de uvas, ananazes, mangas, chiça até *melancias* — e há capacetes Wilhelm da Primeira Guerra Mundial com um espião no alto, e bonés de criança e chapéus atravessados à Napoleão com e sem *Ns*, para nem mencionar os pequenos fatos vermelhos e as capas verdes, bom aqui estão eles inclinando-se para diante até aos ouvidos das suas cruéis aves, susurrando como jóqueis, vamos aí apanhar-te, malandro, tal como àquele macaco sacrificial que caiu do Empire State Building, só que eles não vão deixar-vos cair, vão levar-vos para longe, para sítios de que eles são agentes. Será *semelhante* ao mundo que deixastes, mas será diferente. Entre o congruente e o idêntico parece haver uma outra classe de semelhança que somente encontra os cabeças-de-relâmpago. Um outro mundo assente sobre o anterior e que sob qualquer aparência em nada difere dele, Ha-ha! Mas quem é atingido pelo relâmpago distingue-os, essa é que é essa! Mesmo que possam nem *saber* que o sabem. E foi isso que este cangalheiro de hoje à noite saiu para descobrir entre o temporal.

Ele está interessado em todos esses outros mundos que enviam os seus representantes anões por aí às cavalitas das águias? Não.

Nem tão pouco quer escrever um clássico da antropologia, com os atingidos-pelo-relâmpago agrupados numa subcultura, ainda que secretamente organizada, apertos de mão com lestos piparotes nas pontas das unhas, revista mensal privada *Um Níquel Poupadão* (que parece perfeitamente inocente, o velho Ben Franklin após a inflação, a menos que se conheça a outra metade do provérbio: «...é uma reserva de níquel.» Procedendo a citação *real* do magnata do níquel Mark Hanna: «Você anda na política há tempo suficiente para saber que nenhum homem em cargos públicos deve alguma coisa ao público.» Por isso, o verdadeiro título é *Tempo Suficiente*, algo que Aqueles Que Sabem, sabem. O texto de cada edição da revista, quando transformado deste modo, fornece muitas mensagens interessantes). Para os de fora é apenas uma agradável revista periódica de algum clubzinho — Jed Plunkitt organizou um churrasco para o Capítulo do Iowa no último fim-de-semana de Abril. Ouvi falar do Concurso de Amperagem, Jed. Pouca sorte! Mas no próximo Churrasco, já estarás pronto para novo chavasco... Minnie Calkins (Capítulo 1.793) casou-se no Domingo de Páscoa com um vendedor de portas de rede da Califórnia. Lamento dizer que ele não é elegível para Membro — pelo menos por enquanto. Mas com todas essas *portas de rede* que por aí há, certamente ficaremos de dedos cruzados!... O vosso Editor tem recebido muitos, muitos «Qu'é qu'aconteceu?» a respeito da Convenção da Primavera em Decatur, quando todas as luzes se apagaram durante a bênção. Felizmente posso reportar agora que o problema foi por fim atribuído a um gigantesco pico de corrente na linha, «Uma espécie de maremoto eléctrico», diz Hank Faffner, o nosso engenheiro-no-local. «Todas as lâmpadas do local se queimaram, um tecto cheio de fuligem, ovos estéreis.» Grande poeta, o Hank! ora se ao menos conseguirem descobrir de onde *veio* tal pico —

Mas será que o cangalheiro Polaco no barco a remos se preocupa com a decifração desse código, com organizações secretas ou subculturas reconhecíveis? Não, não se preocupa. A razão pela qual anda à procura dessa gente é que ele pensa que isso o ajudará *no seu trabalho*. Vocês estão a topar *isto*, malta? Ele quer saber como as pessoas se comportam antes e depois dos relâmpagos, para saber como lidar melhor com as famílias enlutadas.

«Você está a perverter uma grande descoberta para os usos do comércio», diz Thanatz, desembarcando em terra. «Devia era ter vergonha.» Ele não entrou há mais de cinco minutos na vila deserta à beira do paul quando pumba KKAHH-UHNN! catrapumba pumba um enorme estouro de luz e som atinge a água lá onde o cangalheiro, zangado com aquilo que interpreta como sendo falta de gratidão, se afasta remando.

«Oh», ouve-se a débil voz dele. «*Ob, ho. Oh-ho-ho-ho!*»

«Ninguém vive aqui senão nós.» Uma figura sólida, uma sussurrante silhueta, cor de carvão, materializou-se no caminho de Thanatz. «Nós não fazemos mal aos visitantes. Mas seria melhor que seguisses por outro caminho.»

São os 175s — reclusos dos campos prisionais homossexuais. Vieram para norte desde o campo de Dora até Nordhausen, para norte até a terra acabar, e montaram uma comunidade exclusivamente masculina neste paul e no estuário do Oder. Normalmente, esta seria a noção de paraíso de Thanatz, só que nenhum dos homens consegue suportar estar fora de Dora — Dora era o lar, e eles sentem saudades do lar. A «libertação» deles foi um banimento. Por isso, montaram aqui num novo local uma hipotética cadeia de comando SS — já não limitados ao que o Destino lhes atribuíra por carcereiros, eles agora conseguiram prover-se de uns imaginários parceiros Nazis realmente *malvados*, do Schutzhäftlingsführer ao Blockführer, e escolheram uma hierarquia interna para eles próprios também: Lager e Blockältester, Kapo, Vorarbeiter, Stubendienst, Läufer (que é um estafeta ou mensageiro, mas sucede ser também o nome em Alemão para um bispo do xadrez... se já o vistes, correndo pelos prados molhados logo ao início da manhã, com suas vestes vermelhas a enrolarem-se e a esvoaçarem escurecidas quase até a cor de casca de árvore entre as aquosas dunas, tereis uma certa noção do seu real propósito aqui dentro da comunidade — ele é o transportador de santas estratégias, memorandos de consciência, e, quando ele se aproxima sobre as encaniçadas planícies da manhã, sois tomados pela vossa nuca arqueada e esfregados com as bandas laterais de um Grande Momento — pois o Läufer é o mais sagrado daqui, é ele quem leva mensagens até ao ruinoso interface entre o Lager visível e a SS invisível).

No topo do complexo está o Schutzhäftlingsführer Blicero. O nome conseguiu chegar até tão longe para oriente, como se prosseguisse a retirada do homem por ele, para além da derradeira posição na Charneca de Lüneburg. Ele é o pior espectro da Zona. É maligno, impregna as noites estivais, cada vez maiores. Tal como uma raiz gangrenada, ele está a mudar, crescendo rumo ao Inverno, embranquecendo, rumo à inacção e à fome. Quem mais poderiam os 175s ter escolhido para seu mais alto opressor? O poder dele é absoluto. E não penseis que ele não está realmente à espera, junto à refinaria bombardeada e enferrujada, por baixo das escadarias em espiral, por detrás dos tanques e das torres, à espera do primeiro estafeta da alvorada com saia de cor carmim que traga notícias de como correu a noite. A noite é o seu interesse mais querido, pelo que tem de ser informado.

Este comando SS fantasma daqui baseia-se mais no que eles inferiram ser a estrutura do Foguete ali ao lado no Mittelwerke do que naquele que os prisioneiros conheceram em Dora. O A4, a seu modo, também estava escondido atrás de uma parede intransponível que separava a dor e o terror reais do salvador convocado. A presença de Weissmann/Blicero atravessava a parede, retorcendo-se, tremendo para o interior das fétidas camaratas, estendendo-se para uma outra forma como palavras tentando abrir caminho entre sonhos. O que os 175s ouviam dos seus guardas SS reais dali bastou para elevar o Weissmann imediatamente — eles, os seus próprios irmãos da elite, *não sabiam* do que este homem era capaz. Quando os prisioneiros se chegavam perto para ouvirem, os guardas paravam de murmurar. Mas o medo deles continuava a ecoar: medo não do Weissmann pessoalmente, mas do próprio tempo, um tempo tão desesperado que *ele* podia agora mover-se pelo Mittelwerke como se fosse dono daquilo, um tempo que estava a conceder-lhe um poder diferente do de Auschwitz ou de Buchenwald, um poder que eles não podiam haver gerado por si mesmos...

Ao ouvir agora o nome do Blicero, o olho do cu de Thanatz aperta-se um bocadinho. Não que ele pense que o nome foi plantado aqui ou algo assim. A Paranóia não é grande problema para o Thanatz. O que o incomoda é *que lho recordem* — lhe recordem que ele

não teve notícias, desde o meio-dia na Charneca em que o 00 000 foi disparado, da situação do Blicero — vivo ou morto, senhor poderoso ou fugitivo. Não sabe ao certo qual prefere. Enquanto o *Anubis* continuava a mover-se, não havia necessidade de escolher: a memória poderia ter ficado tão para trás que um dia a sua «realidade» deixaria de importar. Claro que acontecera. Claro que não aconteceria.

«Nós pensamos que ele ande aí por fora» está a dizer o porta-voz da vila ao Thanatz, «vivo e em fuga. De vez em quando ouvimos dizer qualquer coisa — facilmente poderia corresponder ao Blicero. Por isso, esperamos. Ele há-de encontrar-nos. Ele tem aqui uma base de poder pré-fabricada, à sua espera.»

«E se ele não ficar?» pura malvadez, «se ele se rir de vós, e passar adiante?»

«Então não consigo explicar», o outro começando a dar um passo atrás, saindo às arrecuas para a chuva, «é uma questão de fé.»

Thanatz, que jurou nunca mais procurar Blicero outra vez, isto depois do 00 000, sente o encosto da lâmina do terror. «Quem é o vosso estafeta?» grita ele.

«Vá você mesmo», um sussurro coado.

«Onde?»

«À refinaria.»

«Mas eu tenho uma mensagem para —»

«Leve-a você...»

O branco *Anubis*, que seguiu rumo à salvação. Cá atrás, na esteira dele, estão os preteridos, nadando e afogando-se, atolados e a pé, pobres passageiros no ocaso que ficaram perdidos pelo caminho, tropeçando nos destroços uns dos outros, nas rapaduras, nas lúgubres velharias das memórias — tudo o que têm para se apegar — agitando-se, misturando-se, erguendo-se, caindo. Homens pela borda fora e os nossos detritos comuns...

Thanatz continua trémulo e furioso na chuva bem estabelecida, sob a arcada de arenito. Eu deveria ter continuado a navegar, quer ele gritar, e daí a pouco fá-lo. «Eu não devia ter ficado com vocês, seus descartados...» Onde está o tribunal de apelo que ouvirá esta triste história? «Perdi o pé!» Algum cozinheiro da messe escorregou

numa poça de vômito da elite e entornou toda uma lata galvanizada cheia de cremosa náusea amarela de galinha sobre o convés exterior de estibordo, Thanatz nem o viu, andava à procura de Margherita... Que pena, les jeux sont faits, ninguém está a ouvir e o *Anubis* foi-se embora. Antes aqui com os destroços flutuantes, Thanatz, ninguém sabe o que virá encavalitar-se por aí, pergunta àquele Oberst Enzian, ele sabe (há uma chave, entre os detritos do Mundo... e ela não será encontrada a bordo do branco *Anubis*, porque eles deitam pela borda fora tudo o que tem valor).

Portanto — o Thanatz está junto à refinaria, encostado a uma parede de alcatrão, olhos de carapau saindo protuberantes das sombras da gola de lã molhada, tudo preto e branco, realmente assustado, o hábito a soltar fumo pelos cantos da boca dele enquanto a verde alvorada começa a crescer lá entre os gassen. *Ele não deve estar cá, está apenas morto* apenas morto? Isto aqui não é um «interface»? uma superfície de encontro para dois mundos... claro, mas *quais dois*? Não pode contar com qualquer positivismo que o salve, isso nem sequer funcionou lá em Berlim, antes da Guerra, nas sessões do Peter Sachsa... isso só atrapalhava, fazia os outros impacientarem-se com ele. Uma barragem de palavras entre si próprio e o numinoso era sempre só uma táctica... nunca permitiu que ele se sentisse mais livre. Hoje em dia há ainda menos razão para isso. Ele sabe que o Blicero existe.

Não foi um sonho. Não desejes que pudesse sê-lo. Uma outra febre que mais cedo ou mais tarde eclodirá, soltando-te na fria realidade de uma sala... tu não tens de executar aquela longa e complicada missão afinal, não, como vês, era só a febre... não era real...

Desta vez é real, o Blicero, vivo ou morto, é real. Thanatz, agora um pouco endoidecido pelo medo, quer ir lá provocá-lo, já não consegue esperar mais, tem de ver o que será preciso para trazer o Blicero através do interface. Que rendição berrante e de cu saracoteante poderia trazê-lo de volta...

Tudo o que ela traz é a polícia Russa. Está em curso um acordo quanto a permanecer-se dentro dos limites da 175-Stadt sobre o qual evidentemente ninguém informou o Thanatz. A refinaria costumava ser um notório centro de tráfico até os Russos terem feito uma série

de prisões em massa. Um último eco esmorecido do 175-Stadt Chorale vai saltitando pela estrada abaixo entoando uma qualquer horrível saudação à paneleiragem tal como

Yumsy-numsy e *poopsie-poo*,
Se *eu sou* um degenerado, *também* o és tu...

«Hoje em dia só cá chegam vocês, os turistas», diz o garboso civil com o lenço branco no seu bolso peitoral, relinchando à sombra da aba do seu chapéu. «E, é claro, o ocasional espião.»

«Eu não», diz o Thanatz.

«Você não, eh? Fale-me lá disso.»

Um certo embaraço, pois claro. Em menos de meio dia, o Thanatz passou de não ter de se preocupar ou sequer *pensar* no Blicero, para precisar constantemente de ter alguma formulação dele à mão, a fim de contentar qualquer bófia curioso e extraviado. Esta é uma das suas primeiras lições quanto a ser-se preterido: ele não escapará a nenhuma das consequências que agora instaura para si mesmo, a menos que seja por acidente.

Por exemplo, nos arredores de Stettin, por acidente, um grupo de guerrilha Polaco, acabado de chegar de Londres, confunde o carro da polícia com um que transporta um jornalista anti-Lublin para a prisão, dispara sobre os pneus, ataca aos berros, mata o condutor, fere o interrogador civil e escapa acartando o Thanatz como um saco de batatas.

«Eu não», diz o Thanatz.

«Merda. Ele tem razão.»

Atiram-no para fora da porta do carro junto a um acampamento de Desalojados alguns quilómetros mais à frente. É arrebanhado no interior de uma cerca de arame juntamente com 1999 outros que serão enviados rumo a ocidente até Berlim.

Durante semanas viaja nos vagões, pendurando-se por turnos no exterior da carruagem que lhe foi atribuída, enquanto lá dentro alguém dorme no espaço de palha que ele deixou vago. Mais tarde trocam de lugar. Aquilo ajuda-o a manter-se acordado. Todos os dias o Thanatz vê meia dúzia de Desalojados adormecerem e caírem do comboio, e às vezes é divertido de se ver, mas na maior parte não

o é, embora o humor dos Desalojados seja uma coisa muito dependente. É carimbado nas mãos, na testa e no cu, despiolhado, empurrado, apalpado, nomeado, numerado, consignado, facturado, extraviado, detido, ignorado. Entra e sai do domínio de papel de amanuenses Russos, Britânicos, Americanos e Franceses, sempre às voltas no circuito da ocupação, passando a reconhecer caras, tosses, pares de botas em novos donos. Sem um cartão de racionamento ou Soldbuch, está-se condenado a ser-se deslocado, em lotes de 2000, de centro para centro, pela Zona fora, possivelmente para sempre. Por isso, algures entre os lagos e os postes de vedações de Mecklenburg, o Thanatz descobre que não está isento de nada. Na sua segunda noite na via férrea, roubam-lhe os sapatos. Fica com uma profunda tosse brônquica e uma febre alta. Durante uma semana, ninguém vemvê-lo. A troco de duas aspirinas, tem de chuchar o ordenança de plantão, que passou a gostar de caras de barba riça ardendo a 40 °C contra as suas coxas, o hálito de fornalha debaixo dos seus tomates. Em Mecklenburg, o Thanatz rouba uma beata de cigarro a um adormecido veterano com um só braço, e é sovado e pontapeado durante meia hora por pessoas cuja língua ele nunca tinha ouvido, cujos rostos nunca chega a ver. Os percevejos rastejam por cima dele, apenas ligeiramente irritados por o terem no seu caminho. O seu pão de cada dia é-lhe retirado por um outro Desalojado mais pequeno que ele, mas com o *olhar* de ter certo direito a fazê-lo, um olhar que o Thanatz quanto muito poderá apenas imitar — e portanto ele tem medo de ir atrás do pequeno esfarrapado com costas cor de fígado, da mastigante cabeça cor de feno... e os outros estão a ver: a mulher que conta a toda a gente que o Thanatz molesta a filhinha dela durante a noite (o Thanatz nunca consegue fitá-la nos olhos porque sim, ele quer isso, baixar calças largueironas de GI àquela esguia e bonita pubescente enfiar pénis entre pálidas nadegazinhas que tanto lhe fazem lembrar a Bianca dar mordidelas nos fofos-como-pão interiores das coxas puxar longos cabelos garganta para trás a Bianca fazê-la gemer abanar-lhe a cabeça como ela adora aquilo) e também um Eslavo com umas sobrancelhas que parecem baratas, o qual obrigou o Thanatz a

ir procurar-lhe beatas de cigarros após as luzes se apagarem, a desistir do seu sono, não tanto pela possibilidade de encontrar uma beata autêntica quanto pelo direito do Eslavo a exigir isso — o Eslavo também está a ver — na verdade, todo um círculo de inimigos tem observado o furto do pão e o fracasso do Thanatz em persegui-lo. O juízo deles é claro, uma clareza no olhar deles que Thanatz nunca vira lá no *Anubis*, uma honestade que ele não pode evitar, da qual não pode livrar-se... finalmente, finalmente ele tem de encarar, literalmente com a sua própria cara real, a transparência, a *luz real* de...

Pouco a pouco, a memória que ele tem do disparo daquele último foguete na Charneca torna-se mais clara. As febres brunem, a dor remove impurezas. Torna-se recorrente uma imagem — um globo ocular castanho-enlameado e quase preto reflectindo um moinho e um denteado retículo de ramadas de árvore em silhueta... portas nos lados do moinho abrem-se e fecham-se rapidamente, como taipais soltos durante uma tempestade... no céu de íris uma nuvem, com forma de concha de bivalve, ergue-se muito roxa nos seus contornos, o sopro de uma explosão, qualquer coisa de um ocre claro no horizonte... mais de perto, ela parece contorcer-se em roxo ao redor de um amarelo que está a brilhar mais, intestinos de amarelo com sombras violeta que se derramam para fora, para fora numa curva que ganha forma de sino e vem na nossa direcção. Não há, estranhamente (não é para interromper esta cena pitoresca, mas) muito estranhamente, reparai nisto, nenhuns moinhos na Charneca de Lüneburg! O Thanatz até foi verificar isso muito à pressa para ter mesmo a certeza, não, não há moinhos, O.K., portanto, como é que o olho do Blicero, olhando para a Charneca, está a reflectir um moinho, huh? Bom, para ser franco, *agora* não está a reflectir um moinho, está a reflectir uma garrafa de gin. Também não há nenhuma garrafa de gin ali na Charneca. Mas *estava* a reflectir um moinho. O que é isto? Poderá ser que os olhos do Blicero, nos quais a Greta Erdmann via mapas do Reino dele, estejam para o Thanatz a reflectir o passado? *Isso seria* estranho. Qualquer coisa que sucedesse naqueles globos oculares quando ninguém estivesse a ver perdia-se simplesmente. Só se apanhavam fragmentos, de vez em quando. Katje, espreitando por cima do seu ombro as marcas recentes da chibata. Gottfried na parada matinal,

corpo todo flácido à Wandervogel, vento a formar-lhe grandes rugas no uniforme soprando atrás dele desde as arqueadas curvas das suas coxas, cabelo voando ao vento, atrevido sorriso de esguelha, boca um pouco aberta, queixo para diante, pálpebras para baixo. O reflexo do próprio Blicero no espelho oval, um rosto velho — está prestes a colocar uma cabeleira, uma da Dama Dragão à pajem com franjas, e detém-se, espreitando para lá, rosto perguntando o quê? o que disseste tu? cabeleira erguida ao lado e ligeiramente mais abaixo, de modo a ser um outro rosto quase invisível em profundas sombras de cabeleira... mas olhando mais de perto podem ver-se arcadas de osso e campos de gordura começando a emergir agora, uma gélida aparição branca, uma máscara segurada na mão, por cima das sombras do espaço oco do capuz — *dois rostos* olhando para cá agora, e Thanatz, irás tu julgar este homem? Thanatz, não adoraste a chibata? Não ansiaste pelo roçagar e pelo suspiro das roupas de senhora? Não quiseste assassinar uma criança que adoravas, matar alegremente algo de tão indefeso e inocente? Quando ele levanta os olhos para ti, no último minuto possível, confiando em ti, e sorri, franze os lábios para dar um beijo *exactamente quando o golpe* lhe assenta no crânio... não é isso o melhor de tudo? O grito que irrompe no teu peito *então*, a súbita, sólida chegada da perda, perda para sempre, o irreversível fim do amor, da esperança... não pode negar-se o que finalmente és... (mas tanto medo em acolher isso, o rosto da serpente — em abrir teus braços e pernas e deixá-la *entrar* em ti, no teu verdadeiro rosto *isso matar-te-ia se* —)

Ele está agora a contar isto ao Schwarzkommando, tudo isto e mais. Após uma semana a gritar *Eu sei*, a chorar *Eu vi o Schwarzgerät* sempre que uma cara preta aparece por detrás das fluentes cerca de arame, nos montes de cinzas ou nas encruzilhadas, a notícia espalhou-se por ali. Um dia vêm buscá-lo: é levantado da palha tão negra do pó de carvão quanto eles — levantado tão facilmente como uma criança, uma barata é-lhe por amabilidade retirada da cara com um piparote — e transportado a tremer, levado a gemer para sul até ao Erdschweinhöhle, onde todos eles estão agora sentados ao redor de um lume, a fumar e a mastigar, olhos cravados no azul Thanatz, que

esteve a palrar durante sete horas sem parar. Ele é o único privilegiado, de certo modo, a contar tanto desta história, ele é o fulano que perdeu, o perdedor,

Somente um tolo-que-nunca-ganha, no amor,
Mas-joga-quase, todas as noites, porém...
Um perdedor-para-Aqueles, que lá no Alto, em clamor
Fazem-batota-co'as-cartas, do mal, e do bem...
Oh, o perdedor nunca aposta tudo-o-que-tem, e-nunca-joga, p'ra ganhar,
Sabe que se-à-primeira, não se-triunfa, sempre se po-de tornar-a-perder!
Somente um perdedor-no-jogo, do amor...
Passando noite após noite so-zí-i-i-nho!

Ele perdeu Gottfried, ele perdeu Bianca, e só agora começa, tão tardivamente, a ver que eles são a mesma perda, para o mesmo ganhador. Por esta altura, já se esqueceu da sequência no tempo. Não sabe que criança perdeu primeiro, nem sequer — nuvens de vespas da memória inchando — nem sequer se elas não serão dois nomes, nomes diferentes, para a mesma criança... mas depois, no estrépito dos destroços dos outros, arestas aguçadas e altas velocidades de rotação, compreenda-se, ele descobre que não pode apegar-se a tal pensamento por muito tempo: daí a pouco está de novo a chapinhar em águas abertas. Mas lembrar-se-á de que se apegou àquilo por um pouco, viu-lhe a textura e a cor, sentiu-o contra a sua face quando acordou de um espaço de sono perto disso — que as duas crianças, Gottfried e Bianca, *são a mesma...*

Ele perdeu o Blicero, mas não foi tão real assim. Após o último disparo, as não recordadas horas nocturnas até Hamburgo, a etapa de Hamburgo para Bydgoszcz num P-51 Mustang furtado foi tão nitidamente Procalowski-pelo-céu-fora-numa-máquina, que o Thanatz chegou a imaginar que se havia livrado do Blicero dessa mesma maneira muito condicional, metálica. E como é evidente, o metal deu lugar à carne, ao suor e a longos encontros nocturnos tagarelantes, o Blicero de pernas cruzadas a gaguejar para as virilhas Eu na-na-na-na — «Não posso», Blicero? «Não podia»? «Preocupo-me»? «Choro»? Nessa noite, o Blicero andava a oferecer todas as suas armas, a expor todos os mapas dos seus revestimentos e labirintos.

Thanatz estava na realidade a perguntar: quando os rostos mortais desfilam, seguros, autoconsistentes e sem nunca me verem, são eles reais? São eles almas, realmente? ou somente atraente escultura, os rostos de nuvens iluminadas pelo sol?

E: «Como posso eu amá-los?»

Mas não há resposta do Blicero. Os olhos dele vão formando ruinas com as silhuetas dos moinhos. Uma série de cenas aduzidas por colaboradores cintila agora para o Thanatz. Do Alferes Morituri, um chão de folhas de bananeira algures perto de Mabalacat nas Filipinas, em finais de '44, um bebé contorce-se, rebola, esperneia em gotas de luz solar, levantando pó das folhas secas, e as unidades especiais de ataque passam a troar lá em cima, Zeros que levam camaradas para longe, finalmente como flores de cerejeira caídas — essa imagem preferida dos Kamikazes — na Primavera... da Greta Erdmann, um mundo abaixo da superfície da Terra ou da lama — rasteja como a lama, mas grita como a Terra, com gerações de gravidades e de perdas nisso comprimidas às camadas — perdas, falhas, últimos momentos seguidos de vazios que se prolongam para trás, uma série de cavernas herméticas colhidas nas camadas sufocadas, aqueles que se perderam para sempre... de alguém, quem saberá quem? um vislumbre da Bianca numa fina camisa de algodão, um braço para trás, o liso e empoeirado recôncavo por baixo do braço e o destacado arco de um pequeno seio, o rosto dela em baixo, tudo menos a testa e as maçãs do rosto na sombra, virando-se para este lado, agora as pálpebras por cujo levantamento tu rezaste... irá ela ver-te? uma suspensão eternamente à beira da dúvida, desta perpétua dúvida acerca do amor dela —

Eles ajudá-lo-ão a suportar isso. Os Erdschweinhöhlers ficarão sentados a noite inteira com este ininterrupto relatório de inteligência. Ele é o anjo pelo qual ansiavam, e é lógico que venha agora, no dia em que eles têm o seu Foguete finalmente montado, o seu único A4 respigado ao longo do Verão peça a peça por toda a Zona desde a Polónia até aos Países Baixos. Quer se acredite ou não, Vazio ou Verde, doido por cona ou politicamente celibatário, jogador poderoso ou neutro, tinha-se um sentimento — uma suspeita, um desejo latente, algum dízimo oculto saindo da vossa alma, *qualquer coisa* — pelo

Foguete. É essa «qualquer coisa» que o Anjo Thanatz agora ilumina, a cada um de uma maneira diferente, para quem esteja a ouvir.

Quando ele terminar, todos eles saberão o que era o Schwarzgerät, como era usado, de onde foi disparado o 00 000 e para que lado estava apontado. Enzian sorrirá sinistramente e resmungará para os seus pés, a decisão já tomada para ele há horas, e dirá, «Bom, agora vamos dar uma olhada aos horários.» O seu rival do Erdschweinhöhle, o Vazio Josef Ombindi, agarra-o pelo antebraço — «Se há alguma coisa...» Enzian diz-lhe que sim com a cabeça. «Vê se consegues arranjar-nos uma ronda de segurança apertada, ‘kurandye.» Ele não chamava *isso* ao Ombindi há bastante tempo. Tal como não é pequena concessão atribuir aos Vazios o controlo das listas de ronda, nem que seja pela duração desta jornada...

... que já começou, enquanto a um nível e meio mais abaixo, homens e mulheres se atarefam com roldanas, cabos e arneses, traçando as secções de foguete cada uma para a sua carreta, mais Schwarzkommados à espera com couros e flores azuis enfileiram-se pelas rampas acima até lá fora, ao longo dos presentes e futuros vectores estendidos entre carris e calhas de madeira, Vazios, Neutrais e Verdes agora todos juntos, esperando ou acartando ou supervisionando, alguns falando pela primeira vez desde que começara a divisão entre as linhas de vida racial e morte racial, há já tantos anos, reconciliados por agora no único Evento que poderia tê-los reunido (*Eu* não poderia, sabe o Enzian, e estremece perante o que irá acontecer quando aquilo acabar — mas talvez esteja apenas destinado a durar a sua fracção de um dia, e porque não poderá isso ser suficiente? tenta permitir que seja suficiente...).

Christian passa por ali, desce o monte ajustando um cinturão, não exactamente a pavonear-se — há duas noites, a irmã dele Maria visitou-o num sonho para lhe dizer que não desejava vingança contra ninguém, e que queria que ele confiasse no Nguarorerue e o amasse — pelo que os olhos deles agora se cruzam não inteiramente divertidos nem inteiramente num desafio ainda, mas sabendo conjuntamente mais do que alguma vez souberam até aqui, e a mão de Christian, no momento em que se cruzam, salta para cima numa continência, meio em celebração, apontada para a Charneca, para

noroeste, para o lado do Reino-da-Morte, e a do Enzian salta da mesma maneira, iya, ‘kurandye! pois, a certo ponto, as duas palmas efectivamente deslizam e se roçam, se tocam, e isso é toque e confiança que baste, para este momento...



Inesperadamente, este país é agradável, sim, quando se está dentro dele, bastante agradável afinal. Apesar de haver aqui um vilão, sério como a morte. É o próprio *Pai* deste típico adolescente Americano, tentando episódio após episódio matar o seu filho. E o miúdo sabe disso. Imagine-se tal coisa. Até agora ele conseguiu escapar aos pequenos e quotidianos ardis mortais do seu pai — mas ninguém disse que ele tem de *continuar a escapar*.

É moço assaz alegre e destemido, e isto não o deixou particularmente ressentido com o pai. Aquele velho Broderick é só um doido homicida, bolas o que irá ele inventar a seguir —

Isto aqui é um gigantesco estado-fábrica, uma Cidade do Futuro cheia de extrapolados arranha-céus dos anos 1930 com varandins e vertiginosas fachadas, esguias cariátides cromadas com penteados curtos, elegantes aeronaves de todas as descrições vogando no rugido e na quietude dos abismos citadinos, douradas beldades tomando banhos de sol nos jardins dos telhados e virando-se para acenar enquanto passais. É a Raketen-Stadt.

Lá em baixo, milhares de miúdos andam a correr em ventosos pátios e becos, subindo e descendo lanços de degraus, os bonés nas cabeças com hélices de plástico que giram com o vento chocalhando e deixando de se verem, miúdos que levam mensagens correndo entre a relva de plástico para dentro e para fora dos diferentes gabinetes em plástico mole — Aqui está um memorando para ti, Tyrone, vai encontrar a Hora Radiante (Bolas! Não sabia que ela se tinha perdido! Parece qu’o velho Papá and’outra vez a inventar aqueles *triques!*), de modo que lá se sai para os corredores apinhados, cheios de cães brincalhões, bicicletas, bonitas secretárias subdebutantes a andarem de patins, bancas de produtos, bonés sempre a girarem nas luzes, duelos com pistolas de fulminantes ou de esguichos de água

a cada esquina, miúdos agachando-se atrás dos borbulhantes fontanários ESPERA *isso é uma pistola a sério*, isto é uma bala a sério zinnnggg! boa tentativa, Papá, mas tu hoje não estás tão rápido como O Miúdo!

Avante para salvar a Hora Radiante, que foi abstraída às 24 do dia por colegas do Pai, por razões sinistras que eles lá têm. A viagem aqui torna-se complicada — um sistema de edifícios que se movem, em ângulos rectos, ao longo das calhas da rede de ruas da Raketen-Stadt. Também se pode levantar ou baixar o próprio edifício, uma dúzia de pisos por segundo, até às alturas desejadas ou a níveis subterrâneos, como um comandante de submarino com seu periscópio — embora certos caminhos não estejam disponíveis para ti. Estão disponíveis para outros, mas não para ti. Xadrez. O teu objectivo não é o Rei — não há Rei — mas alvos momentâneos como a Hora Radiante.

Bing aparece por ali um miúdo com o boné a girar, entrega outra mensagem ao Slothrop e a sai a girar outra vez. «A Hora Radiante está mantida em cativeiro, se quiservê-la numa exibição a todos os clientes interessados compareça nesta morada às 11h30 da manhã» — no céu um alvo mostrador de relógio desfila convenientemente, hmm apenas meia hora para reunir a minha equipa de resgate. A equipa de resgate consistirá na Myrtle Milagrosa que entra aqui a voar num vestido castanho-avermelhado com enhumavações nos ombros, os rolos ainda enfiados no cabelo e uma careta feia por a terem tirado da Terra dos Sonhos... a seguir um Negro com zoot suit pérola-acinzentado e capote de Inverness que se chama Maximilian, alta cabeça quadrada com brilhantina e um bigode superfino vêm zunindo até aqui desde o emprego «de fachada» que ele tem, amável gerente do Clube Oogabooga onde a aristocracia de Beacon Street todas as noites se acotovela com os bêbedos e drogados de Roxbury, pois é olá Tyrone, com' é qu'é! 'Laré Moitle miúda, atão, atão, atão! Q'al é a pressa, mano? compondo o seu cravo, olhando à volta da sala, agora está cá toda a gente menos aquele *Mar-cel* mas ouve-se a familiar melodia de caixa de música sim é aquela doce e antiquada música do Stephen Foster e pois claro que pela janela avarandada entra agora o Marcel, um jogador de xadrez mecânico que data dos tempos do

Segundo Império, na verdade construído há um século pelo grande prestidigitador Robert-Houdin, um miúdo Francês refugiado com um ar muito sério, corte de cabelo esquisito com as orelhas perfeitamente contornadas por uns cabelos que começam abruptamente um meio centímetro acima da pele de plástico à mostra, cabelo preto de brilho patenteado, óculos com armações de massa, uns modos muito rebuscados, infelizmente demasiado literal com os humanos (imagine-se o que aconteceu na primeira vez em que o Maximilian entra pela porta soltando olarés com um dedo a abanar no ar, vê o jovem Marcel de metal-ebonite-e-plástico ali sentado e diz, «*Oi mano dá-m'aí essa pele, homem!*» bom o Marcel não só lhe prega um sermão sobre a pele, a pele em *todas* as suas implicações, oh não isso é apenas ao nível superficial, *a seguir* temos um longo discurso sobre o conceito de «*dar*», que se prolonga por algum tempo, e depois, depois ele *começa a fazer* o mesmo com o «*Homem*». Esse então é realmente exaustivo. Na verdade, o Marcel *ainda* nem sequer está perto de o concluir). Apesar disso, o seu requintado funcionamento cerebral do século XIX — perdida por inteiro a arte humana que foi necessária para o construir, perdida como o pássaro dodó — já prestou ao Quarteto Trapalhão grandes serviços em muitos, muitos despiques com o Perigo Paternal.

Mas onde está dentro de Marcel o Grão-mestre anão, o pequeno Johann Allgeier? onde está o pantógrafo, e os magnetos? Em parte alguma. Marcel é realmente um jogador de xadrez mecânico. Não há no seu interior nenhum falsário que lhe dê qualquer toque de humildade. Cada membro do QT, com efeito, é dotado, embora ao mesmo tempo prejudicado, pelo seu dom — tornado incapaz para a vida humana por este. A Myrtle Milagrosa é especialista em obrar milagres. Feitos estupendos, impossíveis aos humanos. Ela perdeu o respeito pelos humanos, são uns desajeitados, fracassam, ela quer amá-los, mas o amor é o único milagre que está para além das suas possibilidades. O amor está-lhe negado para sempre. Os outros da classe dela ou são homossexuais, fanáticos da lei e da ordem, embarcados em estranhas excursões religiosas, ou tão intolerantes para com o fracasso quanto ela, e embora amigas como a Mary Marvel ou

a Mulher Maravilha continuem a convidá-la para festas para ela conhecer homens aceitáveis, a Myrtle sabe que não vale a pena... Quanto ao Maximilian, ele tem um sentido natural do ritmo, o que significa *todos* os ritmos, incluindo até o cósmico. Por isso, nunca estará onde o buraco insondável o espera, onde o cofre-forte cai da janela lá de cima guinchando como uma bomba — ele é um piloto entre os piores campos minados da Terra, caso consigamos ficar perto dele, estar onde ele está o mais que pudermos — mas no entanto o destino do Maximilian é nunca penetrar no perigo para além da elegância deste, da sua primeira sensação que excita a pele...

Bela equipa esta, que se prepara para ir atrás da Radiante — o quê? qual é o dom e a Falha Fatal do *próprio* Slothrop? Oh, *vá lá* — uh, da Hora Radiante, reunindo o seu equipamento, a Myrtle zunindo para trás e para diante enquanto materializa isto e aquilo:

A Ponte Golden Gate («Que tal esta?» «Uh, podemos ver a outra, de novo? aquela que tem um, tu sabes, uh...» «A de Brooklyn?» «— um aspecto assim antiquado —» «A Ponte de Brooklyn?» «Pois, essa, com aquelas coisas em bico... sejam lá o que forem...»)

A Ponte de Brooklyn («Estás a ver, para uma cena de perseguição, Myrtle, devíamos respeitar as proporções —» «Diz lá.» «Ora se fôssemos andar em automóveis a grande velocidade, bom, claro, poderíamos usar a Golden Gate... mas para andarmos a vogar pelos ares agora, precisamos de algo mais antigo, mais íntimo, *humano* —»).

Um par de superlativamente elegantes Rolls-Royces («Deixa-te de brincadeiras, Myrtle, nós já combinámos, não foi? Nada de automóveis...»).

Um pequeno volante de plástico para bebé («Oh está bem, eu sei que tu não me respeitas enquanto líder, mas ouve cá não poderemos ser razoáveis...»).

Será de admirar que seja difícil sentir-se grande confiança por estes idiotas quando eles se erguem contra o Papá Pernicioso a cada dia? Não há aqui verdadeira direcção, nem linhas de poder ou de cooperação. As decisões nunca são realmente *tomadas* — quanto muito elas conseguem emergir, a partir de um caos de birras, caprichos, alucinações e parvoeira em geral. Isto é menos uma equipa de

combate do que um ninho cheio de zangas, amuos, fantasias e ressentimentos, não há uma ave rara ou fabulosa no lote. A sobrevivência dela parece, afinal, um mero murmúrio da cega fortuna avançando tacteante pelo denso marmoreado dos céus numa Noite-de-Titanic de cada vez. É por isso que o Slothrop observa agora a sua coligação com esperanças de sucesso e esperanças de desastre mais ou menos igualmente elevadas (e não, isso não se neutraliza em apatia — causa uma sonora dissonância que se abre dentro de nós afiada como facas). De facto aborrece-o que ele possa estar tão dividido, tão perfeitamente incapaz de descer por um lado ou por outro. Aqueles que os antigos sermões Puritanos denunciavam como «os glosantes neutrais do mundo» não têm caminho fácil para arriar, Vestir-as-Calças, só por não o vermos isso não quer dizer que não esteja ali! A energia lá dentro é tão real, tão compulsiva e inescapável, como a energia que está à mostra. Quando foi a última vez que vos sentísteis *intensamente indiferentes?* eh? Os glosantes neutrais são tão humanos como os heróis e os vilões. Sob muitos aspectos eles têm de suportar a maior parte da mágoa, não têm? Porque é que vós, agora mesmo, onde quer que estejais, gente urbana ou no meio dos campos, enroscados em colchas ou viajando de autocarro, não vos virais para o Glosante Neutral que esteja mais próximo, nem que seja o vosso próprio reflexo no espelho, e... começais... a cantar,

O-lá vizinho, o-lá parceiro!
 Não é tão tris-te, diz-me cá se não é ronceiro,
 Andar por aí tão calado, dia-após-dia, sem
 ao menos um sorriso-ou, uma palavra de bonomia? Oh, deixa-me
 Dizer-te amigo, dizer-te ás,
 As coisas andam ca-indo, e não é para trás —
 Tavez devêssemos seguir juntos em parte da via, e
 Os céus hão-de bri-lhar mais noutro dia!
 Agora todos —

Enquanto os 4 se equipam, as vozes continuam a cantar por algum tempo, dependendo do grau de preocupação de cada um — a Myrtle exibindo generosas extensões de elegantes gâmbias, e o

Maximilian olhando de esguilha para o alto por baixo das saias da fadadora moçoila, causando desnorteadas risadas ao adolescente Marcel, que poderá ser um pouco recalcado.

«Agora», o Slothrop com um sorriso apatetado, ansioso-por-agradar, «está na altura daquela *Pausa que Refresca!*» E já está dentro do frigorífico antes que o «Oh, Jesus» da Myrtle tenha deixado inteiramente de ecoar... a luz da fria lampadinha tornando-lhe a cara de um azul de noite estival, ao filho-sombra do Broderick e da Nalline, o inconfessável, o monstruoso filho deles, nascido com uns ganchos hidráulicos a fazer de mãos que agora apenas sabem estender-se e agarrar... e um coração que gorgoleja audivelmente, como a barriga de um gordo divertido... mas veja-se como está perdido, como está desimpedido o rosto dele, estava, durante aquele 1 ½ segundos no brilho do velho e pachorrento frigorífico que vai trauteando em dialecto Bostoniano de Kelvinator, «Ora entr'aí, Tyrone, ‘tá-se bem confrátil aqui dentro da minha barriga, há pr'aqui montes de coisas boas, como Moxies, e grandes barras Baby Ruth...» Caminhando agora lá dentro entre quilómetros de prateleiras que descem do céu e montanhas de comida ou cidades de comida da Terra do Frigorífico (mas atenção, isto aqui pode tornar-se muito Fascista, por detrás das coisas doces com cor de caramelo está elitismo termodinâmico do mais nítido que há — as lâmpadas podem ser substituídas por velas e os rádios ficarem calados, mas a grande função da Rede Eléctrica neste Sistema é o refrigerio: tornar a gelar os tumultuosos ciclos do dia para preservar este pequeno mundo sem odor, este cubo de imutabilidade), trepando sobre as cordilheiras de aipo onde os boiões de queijo marcados com letras se erguem altaneiros e reluzentes a meia distância, escorregando no prato da manteiga, abocanhando a melancia até à casca, sentindo-te amarelo e brilhante enquanto contornas as bananas, baixando os olhos para as extensões de bolor esverdeado no incrustado terreno de uma caçarola velha, e já não identificável — *bananas!* quem-que é que tem andado a pôr bananas —

No fri-go-rí fi-co!
Oh não-não-não, não-não-não!

A Chiquita Banana diz que não se deve fazer isso! É que acontece alguma coisa má! Quem faria tal coisa? Não pode ter sido a Mamã, e o Hogan está *apaixonado* pela Chiquita Banana, o Tyrone já entrou muitas vezes no quarto e encontrou o seu irmão com um rótulo de banana colado no pénis erecto para pronta referência, perdido em fantasias masturbatórias de papar aquela senhora Latina tão bonita mas mais velha *enquanto ela tem aquele chapéu na cabeça*, o gigantesco chapéu de mercado-de-frutas e aquele grande sorriso descarado ¡ Ay, ay, como são apaixonados vocês os Ianques!... e-e não pode ter sido o Papá, nenhum Papá faria isso, mas se (está a ficar mais frio aqui?) não foi nenhum de nós, então (o que é que está a acontecer ao disco do Spike Jones com o «Right In the Führer's Face» que ficou a tocar na sala de estar, porque está o som a desaparecer?)... a menos que eu o tenha feito sem saber (olha à volta, algo chia nos seus gonzos) e talvez isso signifique que estou a endoidecer (porque está esta *lámpada a brilhar mais*, o que é —) PUMBA bom seja quem for que andou a faltar injustificadamente ao respeito para com os anúncios radiofónicos da United Fruit também fechou o jovem Tyrone dentro daquele frigorífico, e agora ele terá de contar com a Myrtle para o tirar de lá. Muito embaraçoso.

«Bem pensado, patrão.»

«Bolas, M.M., não sei o que aconteceu...»

«E alguma vez sabes? Agarra-te à minha capa.»

Whoosh —

«Bolas. Bom», diz o Slothrop, «uh, estamos todos...?»

«A tal Hora Radiante agora está provavelmente a anos-luz de distância», diz a Myrt, «e *tu* tens uma bola de ranho pendurada do lado de fora do nariz.» Marcel salta para os controlos do edifício móvel, envia ao Controlo Central um pedido de autorização para velocidade máxima omnidiireccional, que por vezes tem resposta e outras vezes não, dependendo de um processo secreto entre os que concedem a autorização, processo esse que é um dos que os 4 estão correntemente mandatados para descobrirem e partilharem com o mundo. Desta vez eles obtêm Arrastamento Demorado, Vectores Suburbanos, que é um dos estatutos de tráfego mais vagarosos na Raketen-Stadt, somente invocado por uma vez na história registada, contra

um Índio homossexual e assassino de crianças que gostava de seguidamente *limpar* o seu órgão à Bandeira e assim por diante — «Merda!» berra o Maximilian para o Slothrop, Arrastamento Demorado, Vectores Suburbanos! mas assim o qu'é qu'a gente há-de *fazer*, pá, *nadar* ou uma merda assim?»

«Uh, Myrtle...» Slothrop aproxima-se com certa deferência da M.M. que tem a sua fita dourada no cabelo, «uh, tu achas que poderíamos...» Jesus eles passam sempre por esta mesma rotina — como a Myrtle gostaria que o Fungoso Slothrop se deixasse destas tretas lamuriantas e se portasse com'um *homem* ao menos uma vez! Ela acende um cigarro, deixa-o descair num dos cantos da boca, projecta a anca do outro lado e suspira, «Tá certo», já exasperada com este empata —

E *Los!* o milagre é obrado, eles estão agora a zunir ao longo das ruas-corredores da Raketen-Stadt como um monstro marinho de pescoço comprido. Uns miudinhos zunam como formigas nas rendilhadas arcadas de viadutos por cima da cidade que escorrem pedra como musgo Espanhol petrificado a meio da queda, miúdos lá no alto sobre os airoso corrimãos e no amigável dorso do esguio monstro que percorre a cidade. Trepam de janela em janela, demasiado cheios de graça para alguma vez caírem. Alguns deles, naturalmente, são espiões: aquela bonitinha de cabelos encaracolados com o bibe azul e as meias azuis pelo joelho, lá em cima por baixo da gárgula junto à janela a ouvir o Maximilian, que começou a beber intensamente logo que o prédio começou a mover-se, e está agora a prosseguir uma longa denúncia do Marcel sob o fino disfarce eruditó de tentar determinar se poderá verdadeiramente dizer-se que o Génio Gaulês tenha alguma «alma». A menina por debaixo da gárgula está a apontar tudo isso em estenografia. São dados valiosos para o esforço da guerra psicológica.

Pela primeira vez torna-se agora aparente que os 4 e a conspiração Paterna não lhes preenchem inteiramente o seu mundo. O esforço deles não é o único, nem sequer o derradeiro. Com efeito, não sómente há muitos *outros* esforços, como há também *espectadores*, a verem, como fazem os espectadores, centenas de milhares deles,

sentados ao redor deste sombrio anfiteatro amarelo, assento após assento mergulhando cá para baixo em filas e fileiras intermináveis sorrisos, cá para baixo para a grande arena, luzes castanho-amareladas, comida espalhada nas ladeiras de pedra lá mais acima, pedaços de pães, cascas de amendoins, ossos, garrafas meio cheias de doçuras verdes ou alaranjadas, lumes em pequenos pára-ventos, dispostos em ângulos nos sítios de onde os assentos foram retirados à martelada, leves depressões na pedra e uma cama de brasas cor de cereja onde as velhas estão a cozinhar pedaços e migalhas respigados e cartilaginosos pedaços de comida, aquecendo-a em delgadas frigideiras com uma pardacenta água-óleo a fervilhar, enquanto os rostos das crianças se juntam em redor à espera da comida, e no vento o moreno homem novo, a deslizante navalha nova que espera pela vossa criada do lado de fora do portão de ferro todos os Domingos, que a leva até um parque, ao automóvel de um estranho e a uma forma de amor que jamais podereis imaginar, posta-se agora com seu cabelo maltratado ao vento, o rosto desviado do lume, sentindo o frio, o frio da montanha, nas temporas e por baixo da queixada... enquanto junto a outros lumes as mulheres tagarelam, uma delas esticando o pescoço de vez em quando para espreitar quilómetros lá mais abaixo o palco, para ver se já surgiu algum novo episódio — multidões de estudantes correndo por ali negros como corvos, casacos enrolados à volta dos ombros, recuando para um lúgubre sector de assentos em que tradicionalmente nunca se entra (estando reservados para os Antepassados), as vozes deles a esmorecerem ainda muito intensas, dramáticas, tentando soar como boas ou pelo menos aceitáveis. As mulheres continuam, a jogar às cartas, a fumar, a comer. Vê se consegues aranjar quem te empreste um cobertor além na fogueira da Rosa, hoje à noite vai estar frio. Ouve — e um maço de cigarros da tropa já que vais lá — e volta logo para cá, estás a ouvir? Claro que a máquina dos cigarros acaba por ser o Marcel, quem haveria de ser, em mais um dos seus engenhosos disfarces mecânicos, e dentro de um dos maços está uma mensagem para um dos espectadores. «Tenho a certeza de que você não quereria que Eles ficassem a saber do Verão de 1945. Vá ter comigo ao Lavabo dos Travestis Masculinos, piso L16/39C, estação Metatron, quadrante Fogo, cadeira Malkuth. Você sabe a que horas. À Hora habitual. Não se atrasse.»

O que é isto? O que estão os antagonistas a fazer aqui — infiltrando a sua própria assistência? Bom, a bem dizer, não estão. De momento é a assistência de outrem, e estes espetáculos à noite são uma parte apreciável da vida da capital do Foguete nas horas escuras. As possibilidades de que haja aqui algum paradoxo, na verdade, são menores do que pensais.

Maximilian está a descer para o fundo do fosso da orquestra disfarçado de tocador de saxofone tenor afinado em Dó, levando até Livro de Intelectual de Trazer por Casa, *A Sabedoria dos Grandes Pilotos Kamikaze*, com ilustrações do Walt Disney — uns *Japs* que gritam, com pêlos no nariz, dentes da frente em branco diedro, olhos fendidos (umas longas, elaboradas formas *retorcidas*) e uns narizes de cão redondos e pretos como alcaçuz, a zunirem por todas as páginas! e sempre que ele não estiver a tocar aquele saxofone, podeis crer que o Maximilian estará, para o observador casual, imerso nessa difusa, embora recompensadora, obra. A Myrtle entretanto está de novo na sala de controlo das varetas de rebuçado, em serviço na central de chamadas e pronta a entrar por ali dentro a qualquer momento para salvar os outros, que de certeza (quanto mais não seja devido aos seus próprios disparates) não tardarão a estar em apuros. E o próprio Slothrop esconde-se no Lavabo dos Travestis, no fumo, nos ajuntamentos, nas zumbidoras luzes fluorescentes, mijo quente como manteiga derretida, tomando nota de todo o tráfico que vai decorrendo naqueles compartimentos, sanitas e urinóis (tem de se ter um ar machão mas não muito machão e outra coisa nada de metal à mostra em nenhum *sítio vital*, ela cobra dez marks por cada uma que vir, e os únicos bónus que ela dá estão aqui explicados: sangue derramado à primeira tentativa, são mais outros 20 —) a pensar se a mensagem do maço de cigarros terá chegado ao destino e se virão em pessoa ou se o Papá enviará um homem de mão para tentar um KO ao primeiro assalto.

Bom, há o cerne da coisa: a monumental estrutura amarela, lá fora na noite de pardieiros suburbanos, a insone filtração de vida e de empreendimento através da casca dela, Exterior e Interior trespassando-se um ao outro demasiado velozmente, demasiado finamente labirínticos, para que qualquer uma dessas categorias tenha já grande

hegemonia. A revista ininterrupta cruza o seu palco, agrupando-se e destroçando, surpreendendo e causando lágrimas numa interminável engrenagem:

O OUVINTE DE BAIXA-FREQUÊNCIA

Os U-boats Alemães comunicavam num comprimento de onda de 28 000 metros, que são cerca de 10 kc. Uma antena de meia onda para isso haveria de ter uns 13 quilómetros de altura, ou de comprimento, e mesmo dobrada aqui e além continua a ser uma grande antena. Está situada em Magdeburgo. Tal como o quartel-general do ramo Alemão das Testemunhas de Jeová. Tal como, durante algum tempo, está o Slothrop, tentando chegar ao U-boot dos anarquistas Argentinos, agora em águas desconhecidas. A razão disso já não é evidente para ele. Ou foi novamente visitado de alguma maneira pelo Squalidozzi, ou chegou até ao Squalidozzi um dia por acidente, ou descobriu, nalgum desatento vasculhar do cotão nos seus bolsos, trapos ou colchão de campanha, a mensagem que lhe foi dada, lá na verde borda de Aries, no Café l'Eclipse há muito tempo em Genebra. Tudo o que ele sabe é que encontrar o Squalidozzi, de imediato, é a sua necessidade primordial.

O Guarda da Antena é uma testemunha de Jeová chamado Rohr. Acabou de sair do campo de Ravensbrück após lá ter estado desde '36 (ou '37, ele não consegue lembrar-se). Com todo esse tempo de campo, ele é suficientemente fiável do ponto de vista político para que o G-5 local o ponha, durante as noites, no controlo da rede de maior comprimento de onda da Zona. Embora isso possa ser acidental, o mais provável é que alguma justiça excêntrica tenha ultimamente começado a operar por aqui, o que conviria ao Slothrop investigar. Há rumores sobre um Tribunal de Crimes de Guerra a decorrer em Nuremberga. Ninguém que o Slothrop tenha ouvido sabe ao certo quem está a julgar quem pelo quê, mas lembremo-nos de que estes são sobretudo cérebros devastados por prazeres anti-sociais e insensatos.

Mas as únicas pessoas — caso haja algumas — aptas a comunicarem hoje em dia nos 28 000 metros (a distância desde a Plataforma

de Testes VII em Peenemünde até à Hafenstraße em Greifswald, onde no início de Agosto o Slothrop poderá ver uma particular fotografia de jornal), à excepção dos bizarros anarquistas Argentinos, são os Nazis não-identificados que continuem a deambular em submarinos não contabilizados efectuando os seus próprios tribunais de bordo secretos contra os inimigos do Reich. Por isso, aquilo que na Zona mais se aproxima de um Cristão antigo serve para ouvir as notícias de crucificações não-autorizadas.

«Numa destas noites estava alguém a morrer», diz-lhe Rohr, «não sei se ele estava dentro da Zona ou no meio do mar. Queria um padre. Será que eu devia ter entrado em linha para lhe falar dos padres? Teria ele achado algum conforto nisso? Por vezes é muito doloroso. Nós tentamos realmente ser Cristãos...»

«A minha família era Congregacionista», adianta o Slothrop, «penso eu.» Vai-se tornando mais difícil recordar algum deles, enquanto o Broderick progride para o Papá Pernicioso e a Nalline para ccchhhghhh... (para quê? *Qual* era aquela palavra? Seja ela qual for, quanto mais ele a persegue, mais rapidamente ela desaparece).

CARTA DA MÃE SLOTHROP AO EMBAIXADOR KENNEDY

Então olá Joe com'é que tem *passado*. Ouça: é o Jew-zeppy — andamos outra vez a ficar nervosos com o nosso mais novo. Você poderia incomodar alguns dos seus contactos catitas na velha Londres só *mais uma vez?* (Prometo!!) Mesmo que as notícias sejam velhas serão boas notícias para o Papá e para mim. Ainda me lembro do que você disse quando chegou a terrível notícia acerca da lancha torpedeira, antes de você saber como estava o Jack. Nunca me esquecerei das suas palavras nessa ocasião. É o sonho de qualquer pai ou mãe, Joe, é isso que é.

Oh, e o Hozay (ups, não ligue a isto, foi a caneta que escorregou como você vê! A marota da Nalline já vai no seu *terceiro* martini, nós mantemo-lo ao corrente). O Papá e eu ouvimos o seu maravilhoso discurso na fábrica da GE em Pittsfield na outra semana. Você saiu-se muito bem, Senhor K! É bem verdade! nós *temos* de nos modernizar no Massachusetts, senão isto vai tornar-se cada vez pior. Parece

que na próxima semana eles aqui vão votar se fazem greve. Não se criou o WLB para *prevenir* isso mesmo? Naquilo não estará a começar a ir-se abaixo, ou estará, Joe? Às vezes, vocês sabe como são estes belos Domingos de Boston, quando o céu por cima do Monte se *desfaz* em nuvens, tal como o miolo branco do pão aparece através de uma côdea que se abre com os polegares... Você sabe, não sabe? Nuvens douradas? Às vezes eu penso — ah, Joe, eu penso que são pedaços da Cidade Celestial a caírem. Desculpe — não queria que isto se tornasse tão tristonho assim de repente, só que...mas *não está* a começar a desfazer-se, pois não, meu velho colega dos pais-de-Harvard? Às vezes as coisas não são muito claras, só isso. As coisas *parecem* estar contra nós e, embora tudo venha sempre a acabar bem no final, e nós possamos sempre olhar *para trás* e dizer oh é claro que aquilo *tinha* de acontecer daquela maneira, senão *isto-e-aquilo* não teriam acontecido — mesmo assim, *enquanto* está a acontecer, eu tenho sempre este medo terrível no meu coração, este sítio vazio, e nessas alturas é muito difícil acreditar realmente num Plano com uma forma maior do que aquela que eu consigo ver...

Oh, seja como for. Estes pensamentos velhos e maldispostos que se vão para longe! Chô! O Martini Número Quatro já vem aí!

O Jack é um óptimo rapaz. A sério que gosto tanto do Jack como do Hogan e do Tyrone, é como se fosse um filho, um filho dos meus. Até o amo como *não* amo os meus filhos, ha-ha! (ela coaxa) mas eu cá sou uma velha marota, você já sabe disso. Não há esperança para gente como eu...

SOBRE A FRASE «DE CU PARA TRÁS»

«Há uma coisa que eu nunca percebi na vossa língua, porco Ianque.» O Säure tem estado a chamar-lhe «porco Ianque» o dia todo, uma piada hilariante à qual ele não dá sossego, muitas vezes não conseguindo chegar além do «Ianq —» antes de tombar num horrendo, fanhoso e tísico arquejo de gargalhadas, tossindo alarmantes escarros viscosos de muitas cores e efeitos marmoreados — verdes, por exemplo, um verde de estátua antiga em folhoso crepúsculo.

«Claro», responde o Slothrop, «se queres aprender Inglês, mim ensinar Inglês a tu. Pergunta-me o que quiseres, kraut.» É exactamente

o tipo de proposta genérica que está sempre a deixar o Slothrop em apuros.

«Porque é que vocês se referem a certas inversões — maquinismos mal ligados, por exemplo, como estando «de cu para trás»? Não consigo perceber isso. Normalmente o cu *está* para trás, não é? Vocês deviam dizer «de cu para a frente», se querem dizer ao contrário.»

«Uh», diz o Slothrop.

«Este é apenas um dos muitos Mistérios Americanos», suspira o Säure, «eu gostava era que alguém mo esclarecesse. Não tu, obviamente.»

O Säure tem muito descaramento para se pôr a implicar desta maneira com a língua dos outros. Numa noite, quando ele ainda era um homem do segundo piso, teve a incrível sorte de arrombar a afluente casa da Minne Khlaetsch, uma astróloga da Escola de Hamburgo, que era, congenitamente ao que parece, incapaz de pronunciar, e até de perceber, os tremas por cima das vogais. Nessa noite, ela estava justamente a abeirar-se do que viria a revelar-se uma soredose de Hieropon, quando o Säure, que naqueles tempos era um miúdo de cabelo encaracolado e com bom aspecto, a surpreendeu dentro do seu próprio quarto quando ele tinha a mão à volta de um Läufer de xadrez em marfim que tinha um sorriso sarcástico no rosto, e estava cheio de boa cocaína Peruana em bruto, ainda plena da Terra — «Não grite por socorro», aconselha o Säure mostrando o seu frasco de ácido fingido, «senão essa cara bonita começa já a soltar-se dos ossos como um pudim de baunilha.» Mas a Minne não faz caso disso, começa a berrar por socorro a todas as senhoras da mesma idade no seu prédio que sentem acerca dos gatunos em idade núbil essa mesma maternal ambivalência do socorro-socorro-mas-vejam-lá-se-há-tempo-para-ele-me-violar. O que ela quer gritar é «Hübsch Räuber! Hübsch Räuber!» que significa «Ladrão bonito! Ladrão bonito!» Mas não consegue pronunciar aqueles tremas. Portanto o que sai é «Hubschrauber! Hubschrauber!» que significa «Helicóptero! Helicóptero!» bom, está-se em 1920 e picos, e ninguém por ali sabe sequer o significado do termo, Levanta-e-gira, o que é isso? — ninguém a não ser um paranóico estudante de aerodinâmica que rói as unhas e está num pátio de casas arrendadas muito ao longe, o qual

ouviu o grito a altas horas da noite Berlinense, entre um choque de eléctricos, tiros de espingarda num outro bairro, um novato da harmónica que tem estado a tentar tocar o «Deutschland, Deutschland Über Alles» ao longo das últimas quatro horas, falhando notas uma e outra vez, fodendo o andamento todo, a respiração ü... berall... es... indie... ie... depois uma pausa longalonga, oh anda lá ó estúpido, tu consegues encontrar isso — *Welt* desafinado, ach, imediatamente corrigido... entre tudo isso chega-lhe o grito Hubschrauber, levanta-e-gira, uma hélice entre ar de rolha sobre vinho da Terra que cai lúzidio, sim ele sabe *exactamente* — e poderá tal grito ser uma profecia? um aviso (o céu está cheio deles, polícia parda nas escotilhas com pistolas de raios suspensas como braguilhas sob cada rodopiante rosca *nós vemos-te desde cá de cima não há sítio para ires esse é o teu último beco, o teu último abrigo*) para que fique dentro de casa e não interfira? Ele fica dentro de casa e não interfere. Assim se vem a transformar no «*Spörri*» da confissão do Horst Achtfaden ao Schwarzkommando. Mas ele não foi ver o que estava a Minne a berrar naquela noite. Ela teria morrido de sobredose se não fosse o seu namorado Wimpe, um bem-sucedido vendedor da IG com o Território Oriental a seu cargo, que voltara de rompante à cidade após inopinadamente ter entregado todas as suas amostras de Oneirina a um grupo de turistas Americanos que andavam pelo alto dos montes da Transilvânia à procura de um novo tipo de emoções — sou eu Liebchen, não contavas que eu voltasse tão — mas então ele viu a esparramada criatura de cetim, leu-lhe o tamanho das pupilas e a cor da tez, foi rapidamente ao seu estojo de cabedal buscar o estimulante e a seringa. Isso e uma banheira cheia de água gelada tornaram a pô-la O.K.

«O “Cu” é um intensificador», propõe agora o Marinheiro Bodine, «como em “cu malvado”, “cu estúpido” — bom, quando qualquer coisa está muito virada para trás, por analogia diz-se “de cu para trás.”»

«Mas “de cu para trás” é “cu virado ao contrário” ao contrário», objecta o Säure.

«Mas bolas isso não quer dizer que esteja virado para a frente», pestaneja o Bodine com um sincero fraquejar da sua voz como se alguém estivesse prestes a bater-lhe — na verdade isto é uma espécie

de piada privada para o marujo espirituoso, é uma imitação do William Bendix. Os outros que façam o Cagney e o Cary Grant, o Bodine especializou-se nos papéis secundários, consegue fazer um perfeito Arthur Kennedy—*enquanto-irmão-mais-novo-do-Cagney*, que tal isso? O-ou o fiel aguadeiro Índio do Cary Grant, o Sam Jaffe. Ele é um bárrete-branco na marinha da vida, e isso estende-se às impressões vocais das falsas vidas cinematográficas de estranhos.

Säure está entretanto metido em algo de semelhante a isto com solistas instrumentais, ou tentando estar, aprendendo sozinho a modos que por tentativa e erro, presentemente a zurrar a sua imitação de um hipotético Joachim tocando a sua própria cadenza do muito reprimido concerto para violino de Rossini (op. post.) e durante o processo enlouquecendo a casa toda. Certa manhã, a Trudi começa a bater o pé para um salto em massa da 82.^a Aerotransportada sobre a cidade conquistada, um milhão de pálios em flocos no céu, caindo lentamente como cinza branca lá atrás em volta da silhueta da dança de despedida dela. «Ele está a dar comigo em *doida*.» «Olá Trudi, onde vais?» «Já te disse — *doida*» e não se pense que este malvado e entesoadado velho drogado não a ama, porque a ama, e não se pense que ele não está a rezar, escrevendo cuidadosamente os seus desejos em mortalhas para cigarro, enrolando nelas o seu mais fino kif sacramental e fumando-as até ficar com uma bolha no lábio, que é a versão do drogado para os desejos a uma estrela nocturna, esperando do fundo do seu coração que ela tenha ido somente para mais uma dança, por favor que seja só uma dança, isso que acabe ainda hoje só *mais uma vez*, escreve ele no último charro de cada noite, *só isso, eu não torno a pedir, tentarei não o fazer, tu já me conheces, não penses mal de mim, por favor...* mas quantas mais danças dessas poderão haver? Uma há-de ser a última. Mesmo assim, ele continua a zurrar com o Rossini, irradiando a sua malvada, descarnada, longevidade de rua de quem vive sempre no limite, não, parece que ele não consegue parar com aquilo, é um hábito de velho, ele detesta-se por isso, mas aquilo domina-o, não importa que atenção ele dedique ao problema, não consegue impedir-se de voltar sempre à animada cadenza... O Marinheiro Bodine comprehende, e está a tentar ajudar. Para instaurar uma interfeência útil, compôs a sua própria *contracadenza*, segundo o modelo

de outras melodias populares com nomes clássicos que fizeram sucesso por volta de 1945 («My Prelude to a Kiss», «Tenement Symphony») — sempre que puder, o Bodine cantá-la-á aos recém-chegados de cada semana, ao Lalli que acabou de chegar de Lübeck, à Sandra que fugiu da Kleinürgerstrasse, aqui está o vil Bodine com a sua guitarra a furta-passo e pélvis bamboleante pelo corredor fora atrás de cada desertor desobediente, cada escolha uma pequena fantasia de crime sexual tornada carne, cantando e encetando uma comovente interpretação de:

A MINHA CADENZA DO DROGADO

Se tu ouvires, uma «caixa» mesmo querida
 To-cando melodias-com, uma animada batida,
 Isso é só A MINHA CADENZA DO DROGA-A-A-A-DO!

Me-lo-dias, que tanto te comovem,
 De onde vêm? Não sei bem!
 (h-ha) É só A MINHA CADENZA DO DROGA-A-A-A-DO!

Esta é a parte
 da «cadenza»

Agora sei que não afina como a do velho Rossini
 [pedaço do La Gazza Ladra aqui],
 Nem tão grande como Bach, ou Beethoven-ou-
 -Brahms
 (bububoo[oo] oo [cantado ao som da abertura da 5.^a de Beetho-
 ven, com toda a orquestra])
 Mas eu desistiria das famas, de um cento de Harry James... espera, fama? de um cento de Jama? Jameses... uh... fameses? Hmm...

[scherzoso] S-se-se esta linda-canção, te trouxer, para-os-meus-
 -braços!

Dum de dum, de-dum de dia,
 Oh, é melhor que uma sinfoniiia —
 É A MINHA CADENZA DO DROGADO, p'ra tiiii!

Hoje em dia, o prédio de casas arrendadas é conhecido como Der Platz, e está quase completamente cheio, por ali fora até ao último pátio central, de amigos do Säure. A mudança é inesperada — muito mais vegetação parece estar a crescer agora nas terras do prédio, um engenhoso sistema de condutas de luz feitas em carpintaria doméstica e de espelhos ajustados ao longo do dia envia a luz do sol, pela primeira vez, cá para o fundo destes pátios das traseiras, revelando cores nunca antes vistas... também há uma estrutura para a chuva, para encaminhar a chuva entre caleiras, funis, reflectores de salpicos, noras, embocaduras e açudes, de modo a formar um sistema de rios e cascatas para brincar neste Verão... os únicos quartos que ainda podem ser fechados por dentro estão reservados para isolados, fetichistas, vadios sem ocupação que ali vieram parar e precisam da solidão tal como o viciado nas drogas precisa das suas drogas... por falar nisso, em todas as partes do complexo se podem agora encontrar drogas militares de todos os tipos escondidas, das caves à mansarda os soalhos estão cobertos das argolas de arame e das tampas de plástico dos injectores de $\frac{1}{2}$ — grão de tartarato de morfina espremidos até ao fim como tubos de pasta dentífrica, contentores quebrados de nitrito de amilo furtados de equipamentos antigás, latas cor de azeitona com Benzedrina... prosseguem os trabalhos num *fosso* antipolícia ao redor de todo o edifício: para que isso não atraiasse atenções, este fosso aqui é o primeiro na história a ser cavado de dentro para fora, o espaço directamente por baixo da Jacobistrasse, lentamente, paranoicamente, é escavado, esculpido, cuidadosamente escorado sob a fina crosta da rua para que o ocasional carro eléctrico não se ache num mergulho imprevisto — embora isso já tenha acontecido, pelo meio da noite com as luzes interiores dos eléctricos de uma cor tão quente quanto uma sopa clara, pelas carreiras do Periférico que percorrem longas extensões de parque sem iluminação ou ao longo das ressoantes vedações dos centros de armazenamento de repente como uma boca sacana a embolsar o tejadilho preto empina-se e uma pessoa está no fundo do gotejante fosso de uns paranóicos quaisquer, os do turno da noite a olhar para nós com uns enormes olhos de cidadão-do-submundo, confrontando-se não

tanto *connosco* quanto com o agonizante problema de decidir se isto é um autocarro real, ou se estes «passageiros» serão na verdade *agentes policiais disfarçados* bom é um assunto melindroso, melindroso.

Algures no Der Platz agora, princípio da manhã, o filho de dois anos de alguém, um bebé gordo como um leitão, acabou de aprender a palavra «Sonnenschein.» «Brilho do sol», diz o bebé, apontando. «*Brilho do sol*», correndo para o outro quarto.

«Brilho do sol», coxa a voz matinal de um qualquer adulto.

«Brilho do sol!» berra o bebé, desandando.

«Brilho do sol», a voz de uma rapariga sorridente, talvez a mãe dele.

«*Brilho do sol!*» o bebé à janela, mostrando-lho, mostrando a quem quiser olhar, *exactamente*.

MERDA E SHINOLA

«*Agora*, quer saber o Säure, «vais falar-me da expressão Americana «Merda de Shinola.»

«Mas que é isto», brada o Marinheiro Bodine, «agora andam a atribuir-me *tarefas*? Isto é algum *Estudo Continuado* do Calão Americano ou uma merda dessas? Diz-me cá, meu velho doido», agarrando o Säure pela garganta e pela lapela e abanando-o assimetricamente, «tu também és um d’Eles, não és? Diz lá», o velho feito um Raggedy Andy nas mãos dele, uma má manhã de suspeitas aqui para o habitualmente ameno Bodine, «Pára, pára», funga o espantado Säure, com o espanto dando lugar, isto é, a uma fungosa convicção de que o hirsuto marujo Americano perdeu o juízo...

Bom. Vós já ouvistes a expressão «Merda de Shinola.» Como em, «Ui, ele nem distingue a Merda de Shinola! Já vist’isto.» Ou, «Marujo — tu não distingues a Merda de Shinola!» E é-se enviado para a Sala das Cebolas, ou pior. Uma das implicações é que Merda e Shinola estão em categorias completamente diferentes. Não se poderia conceber — se calhar só por elas terem um cheiro tão diferente — maneira nenhuma de Merda e Shinola coexistirem. Simplesmente impossível. Um estranho à língua Inglesa, um drogado Alemão como o Säure, que não conhece nenhuma das palavras, poderia ver «Merda» como uma interjeição cómica, uma interjeição que um advogado de chapéu

de coco poderia usar sorridentemente enquanto dobra os papéis e os enfia dentro de uma pasta de couro curtido, «Schitt, Herr Bummer», e ele sai da vossa cela, aquele cabrão oleoso, para sempre... ou *Meeerda!* vem por aí abaixo uma guilhotina de desenho animado sobre um político preto & branco, cabeça a rebolar pela ladeira abaixo, linhas para indicarem uns pequenos e divertidos padrões de vórtices esféricos, e tu pensaste sim, gosto mesmo de ver isso pois é, sim corta-lha, menos um roedor, *meeerda!* Quanto a Shinola, passamos para os universitários Franz Pökler, Kurt Mondaugen, Bert Fibel, Horst Achtfaden e outros, o seu Schein-Aula é um tremeluzente estádio ao ar livre feito em alabastro ao estilo do Albert Speer com gigantescas aves de rapina em cimento a cada ponta, asas encolhidas para diante, abrigando na sombra de cada asa uma cara Alemã encapuzada... pelo lado de fora, o Salão é dourado, o ouro branco precisamente o de uma pétala de lírio-dos-vales na luz solar das 4 da tarde, sereno, no alto de um pequeno monte, artificialmente nivelado. Tem um talento, este Aparente-Salão, para posar ali no alto em atraentes perfis, diante das nobres nuvens, para sugerir persistência, entre retornos da Primavera, esperanças de amor, derretimentos de neve e gelo, tranquilidades dominicais académicas, cheiros a erva recentemente esmagada ou cortada ou mais tarde tornando-se em feno... mas dentro do Schein-Aula tudo é azul e frio como o céu lá no alto, azul como uma cópia de projecto ou como um planetário. Ninguém cá dentro sabe para onde olhar. Começará aquilo por cima de nós? *Lá* em baixo? Atrás de nós? *No meio do ar?* e daqui a quanto tempo... Bom há um sítio onde Merda e Shinola efectivamente se juntam, e isso é no lavabo masculino do Roseland Ballroom, o sítio em que o Slothrop partiu para a sua viagem pela retrete abaixo, tal como revelado nos Papéis de Sta. Verónica (preservados, misteriosamente, do grande holocausto naquele hospital). Merda, agora, é da cor branca que as pessoas têm medo. Merda é a presença da morte, não uma qualquer personagem em arte abstracta com uma gadanha, mas o hirto e apodrecente cadáver que está enfiado dentro do quente e privativo *olho do cu* do homem branco, o que é ser-se bastante íntimo. É para isso que serve aquela retrete branca. Vêem-se algumas retretes castanhas? Não, a retrete é da cor das pedras tumulares, das colunas clássicas nos

mausoléus, aquela porcelana branca é o próprio emblema da Morte Oficial e Sem Odor. Sucede que a graxa para sapatos Shinola tem a cor da Merda. O moço engraxador Malcolm está na casa de banho a fazer estalar aquela Shinola, labutando para se livrar da penitência imposta pelo homem branco ao seu pecado de ter nascido com a cor da Merda e da Shinola. É bonito pensar-se que numa noite de sábado, numa noite de Lindyhop no Roseland que faz todo o piso abanar, o Malcolm levantou os seus olhos dos sapatos de algum miúdo de Harvard e fitou os do Jack Kennedy (o filho do Embaixador), então aluno sénior. É bonito pensar-se que o jovem Jack poderá ter tido então uma daquelas Lâmpadas Imortais a acender-se por cima de si — será que o Ruivo suspendeu os seus estalos com o pano só pela sombra de uma batida, só uma pequena folga na seda para permitir ao branco Jack aperceber-se, não espreitar mas aperceber-se *compreendendo* do brilho nos sapatos do seu colega Tyrone Slothrop? Terão eles os três alguma vez estado alinhados desse modo — sentados, acocorados, passando por ali? No fim de contas tanto o Jack como o Malcolm foram assassinados. O destino do Slothrop não é tão nítido. Pode ser que Eles tenham em mente algo de diferente para o Slothrop.

UM INCIDENTE NO LAVABO DOS TRAVESTIS

Um pequeno macaco ou orangotango, segurando qualquer coisa atrás das costas, vem a andar de lado sem ser visto por entre pernas com meias de rede, peúgas brancas descaídas e enroladas de maneira a formarem arcos abaixo dos tornozelos, barretes de subdebutante enfiados dentro de faixas de cintura em rayon cor de água-marinha. Finalmente chega ao Slothrop, que está a usar uma peruca loura e a mesma vestimenta alva, comprida e fluida de alças cruzadas que a Fay Wray usa na sua cena para o teste de câmara com o Robert Armstrong no barco (tendo em conta a história dele na retrate do Roseland, o Slothrop poderá ter escolhido este vestido não somente devido a algum desejo recalculado de ser sodomizado, inimaginavelmente, por um gigantesco macaco preto, mas também por causa de uma atlética inocência na Fay da qual ele jamais falou senão para

apontar e segredar, «Oh, olha...» — alguma honestidade, ânimo, um asseio do próprio traje, as enormes mangas deste de modo a que onde se passe seja visivelmente onde se esteve...).

No primeiro instante, muito antes do nosso voo:
Ravina, tiranossauro (éguas voadoras
E mandíbulas deslocadas das suas juntas), a silvante serpente
Que nos ataca no pétreo espaço em que vivemos,
O pterodáctilo ou a Queda, não — somente...
Enquanto ali fiquei primeiramente pendurada, floresta e noite como
uma,
Pendurada à espera com os archotes na parede.
E à espera que viesse a Forma una da noite,
Orei então, não pelo Jack, ainda vagueando viçoso
Ao longo dos conveses — não, eu estava a pensar
No Denham — apenas nele, com arma e câmara
Soltando piadas ao seu melhor jeito de actor reles
Através da Mais Escura Terra, fazendo o irreal enrolar
Disparando contra ele, de uma maneira ou doutra —
Carl Denham, o meu director, o meu imorredouro,
Carl...
Ah, mostrem-me o foco de luz, segredem-me uma frase...

Já as vimos sob mil nomes... «Greta Erdmann» é apenas um, essas damas cuja função é retrair-se sempre do Terror... bom, quando voltam do emprego para casa elas adormecem tal como nós e sonham com homicídios, com conspirações contra homens bons e decentes...

O macaco estende o braço para cima e dá uma palmadinha no cudo Slothrop, entrega-lhe o que trazia consigo yaahhgghh é uma redonda e negra *bomba* de anarquista em ferro é isso que é, até traz um rastilho *aceso...* O macaco põe-se a fugir em corrida. Slothrop deixa-se ficar ali, nas salas envidraçadas e húmidas, a maquilhagem dele começando a escorrer, consternação nos seus olhos claros como berlindes e lábios comprimidos num atónito bom-mas-final-o-qu'é-qu'eu-hei-de-fazer-agora? Ele não pode *dizer* nada, o contacto ainda não apareceu e a sua voz poderia dar-lhe cabo do disfarce... O rastilho está a ficar mais e mais curto. Slothrop olha à sua volta. Todos

os lavatórios e urinóis estão ocupados. Deveria ele pôr apenas o rastilho diante da *picha* de alguém, mesmo no jacto de mijo... uh, mas assim não iria parecer que eu estava a tentar engatá-los ou assim? Bolas, às vezes gostava de não ser tão indeciso... t-talvez se eu arranjasse alguém *mais fraco* do que eu... mas olha que são os sujeitos mais pequenos que têm reflexos, lembra-te —

É salvo da sua indecisão por um travesti muito alto, gordo, com um ar algo Oriental, cujo ideal, cinematográfico e pessoal, parece ser a pequena Margaret O'Brien. Seja como for, este Asiático aqui está a conseguir mostrar-se de cabelo em trança e pensativo, mesmo enquanto arrebata a crepitante bomba ao Slothrop, e corre e a atira para dentro de uma retrete vazia e puxa o autoclismo, virando-se novamente para o Slothrop e para os outros com um ar de dever cívico bem cumprido quando subitamente —

KRUPPALOOMA surge esta gigantesca *explosão*: salta água numa surpreendida língua azul-verde (alguma vez vistes uma retrete a gritar «Aial!»?) para fora de cada uma das sanitas de tampa preta, canos torcem-se e berram, paredes e chão estremecem, estuque começa a cair em crescentes e lençóis de pó enquanto todos os tagareantes travestis se calam, estendendo a mão para tocarem quem esteja próximo como gesto de preparação para a Voz que sai do Altifalante, dizendo:

«Aquilo era uma bomba de sódio. O sódio explode quando toca na água.» Portanto o rastilho era *falso*, aquele grande velhaco... «Vocês viram quem a atirou para a retrete. Ele é um maníaco perigoso. Prendam-no, e haverá uma grande recompensa. O vosso cacifo *poderia* fazer com que o da Norma Shearer parcesse o caixote do lixo da cave do Gimbel's.»

Portanto, todos eles saltam sobre o pobre e protestante devoto da Margaret O'Brien, enquanto o Slothrop, para quem a humilhação e (daí a pouco, quando a vinda da polícia se torna cada vez mais demorada) o abuso sexual e a tortura estavam realmente destinados (Tu tens cada uma, Papál!) se escapa dali, desapertando quando se abeira do exterior os atilhos de cetim ao seu vestido, puxando relutantemente, para fora da sua penteada e brilhantinada cabeça, a reluzente peruca da inocência...

UM MOMENTO DE DIVERSÃO COM TAKESHI E ICHIZO,
OS KAMIKAZES KÓMICOS

Takeshi é alto e gordo (mas não entraça o cabelo como aquela Margaret O'Brien), Ichizo é baixo e magrinho. Takeshi voa num Zero, ao passo que Ichizo voa num aparelho Ohka, que é, na verdade, uma bomba comprida com uma carlinga para o Ichizo lá se sentar, asas de estabilização, propulsão por foguete e algumas superfícies de controlo mais à ré. Takeshi só teve de frequentar a Escola de Kamikazes por duas semanas, na Formosa. Ichizo teve de frequentar a escola dos Ohka durante seis *meses*, em Tóquio. São tão diferentes quanto a manteiga de amendoim e a geleia, estes dois. Não é justo perguntar qual deles é qual.

São os únicos dois Kamikazes que estão para aqui nesta base aérea, que na verdade é muito remota, está numa ilha a que ninguém, bom, atribui realmente grande *importância*, hoje em dia. Os combates continuam a decorrer em Léyte... daí para Iwo Jima, movendo-se em direcção a Okinawa, mas sempre demasiado longínquos para que alguma surtida feita *daqui* consiga lá chegar. Mas eles têm as suas ordens, e o seu exílio. Não há muito para fazer como diversão a não ser passear pelas praias à procura de Cipridinas mortas. Trata-se de crustáceos com três olhos, na forma de uma batata com bigodes de gato numa das pontas. Secas e reduzidas a pó, as Cipridinas também são uma óptima fonte de luz. Para fazer aquela matéria brilhar no escuro, basta juntar-lhe água. A luz é azul, um estranho azul multitom — há nele algum verde, e algum anil — um azul espantosamente fresco e nocturno. Em noites sem lua e nubladas, Takeshi e Ichizo despem todas as suas roupas e salpicam-se um ao outro com luz de Cipridina, correndo e gargalhando por baixo das palmeiras.

Todas as manhãs, e por vezes à noite também, os Desmiolados Parceiros de Suicídio vão até à cabana do radar coberta com folhas de palmeira para verem se há alguns alvos Americanos que mereçam um voo picado, algures no interior do seu raio de acção. Mas de cada vez é sempre a mesma história. O velho Kenoshō, o operador de radar tarado que está sempre a preparar uma provisão daquele sake ao

fundo da sala de transmissões, num alambique que ele ligou a um tubo de magnetrão de uma qualquer maneira demoniacamente Nipônica que desafia a ciência Ocidental, de cada vez que os moços aparecem, esse velho réprobo e bêbedo começa a cacarejar, «Hoje não mole! Hoje não mole! Muita pena!» apontando para todos os monitores PPI em branco, raios verdes girando silenciosamente à volta uma e outra vez e arrastando claras teias de champô verde, nada a não ser retorno da superfície em mais quilómetros do que aqueles que se poderiam voar, e da fatal mandala para que ambos os corações saltariam, verde ponto de porta-aviões monitorizado oito vezes num círculo de pulsações de contratorpedeiro, nada... não, todas as manhãs é o mesmo — somente a ocasional crista branca e o velho e histérico Kenosho, que está agora no chão engasgando-se com saliva e língua, tendo o seu Ataque, uma parte ansiosamente aguardada de cada visita diária, cada crise tentando superar a anterior, ou, pelo menos, trazer uma nova contorção — um salto para trás no ar, uma ou outra tentativa de roer as pontas das asas ao distintivo azul-e-amarelo de Takeshi, um improvisado haiku:

O amante salta para o *vulcão!*
Está três metros abaixo,
E inactivo —

enquanto os dois pilotos fazem caretas, gracejam e pulam por ali tentando evitar as sacudidelas do velho e encanecido operador de radar — *o quê?* Não gostaste do haiku. Não era suficientemente *etéreo*? Não era de todo Japonês? Soava na verdade a qualquer coisa *vinda directamente de Hollywood*? Bom, Capitão — sim, tu, Capitão Esberg dos Fuzileiros que vieste de Pasadena — *tu*, acabaste de ter a Intuição Misteriosa! (exclamações e uma irrupção de aplausos premonitórios) e portanto *tu* — és o nosso *Paranóico... Deste Dia!* (a banda lança-se em «Button Up Your Overcoat», ou outra melodia em tempo acelerado adequadamente paranóica, enquanto o espantado concorrente é literalmente posto em pé e arrastado ao longo da coxia por este M.C. de rosto luzidio e murmurante queixo). Sim, é um filme! Mais uma comédia de situação da Segunda Guerra Mundial, e a tua oportunidade, de descobrires como é isso *realmente*, porque *tu* — acabas

de *ganhar* (rufo de tambor, mais exclamações, mais aplausos e assobios) uma viagem de ida para *uma* pessoa, com todas as despesas pagas, até ao local de rodagem do filme, a exótica *Ilha de Puke-a-hook-a-look-i!* (a secção de ukuleles da orquestra enceta agora uma tilintante versão daquela melodia do «White Man Welcome» que ouvimos pela última vez em Londres sendo dirigida ao Géza Rózsavölgyi) num gigantesco Constellation da TWA! Irás passar as tuas noites expulsando os mosquitos vampiros da *tua própria garganta!* Ficando completamente *perdido*, no meio das torrenciais chuvadas tropicais! Tirando cagalhões de rato de dentro do barril de água dos alistados! Mas nem tudo será frivolidade e excitação pela noite fora, Capitão, porque durante o dia, a partir das cinco da manhã em ponto, andarás por fora a travar conhecimento com o Zero Kamikaze em que irás voar! familiarizando-te com aqueles *controles*, verificando que sabes *ao certo onde* está aquele manípulo de descarga da bomba! E-e-e *evidentemente*, tentando ficar fora do caminho, daqueles dois *Nipónicos Disparatados*, o Takeshi e o Ichizo! enquanto eles prosseguem no rebuliço das suas aventuras semanais, parecendo ignorar a tua presença, e as implicações francamente sinistras da tua rotina diária...

RUAS

Faixas de isolamento penduram-se no nevoeiro matinal, após uma noite de lua a brilhar e a escurecer como se por si mesma, por o nevoeiro que soprava ser tão ténue, tão difícil de ver. Agora, quando o vento sopra, centelhas amarelas cairão com um silvo de cascalho dos velhos e negros cabos puídos, contra um céu cinzento como um chapéu. Isoladores de vidro verde tornam-se enevoados e cegos com o dia. Postes de madeira inclinam-se e cheiram a velho: madeira velha de trinta anos. Transformadores de bordo zunem lá em cima. Como se viesse a ser um dia realmente atarefado. A média distância emergem lestos choupos da bruma.

Poderia ter sido a Semlower Strasse, em Stralsund. As janelas têm o mesmo aspecto devastado: os interiores de todos os quartos parecem ter sido esventrados e enegrecidos. Talvez haja uma nova bomba capaz de destruir apenas os *interiores* das estruturas... não... era

em Greifswald. Do outro lado de uns carris ferroviários molhados havia gruas, superestruturas, cordame, odores a margem de canal... a Hafenstrasse em Greifswald, atrás das costas dele caía a fria sombra de uma qualquer igreja enorme. Mas não é aquilo o Petritor, aquela atrofiada torre-arco em tijolo atravessada sobre a viela ali adiante... poderia ser a Slüterstrasse na parte antiga de Rostock... ou a Wandfärberstrasse em Lüneburg, com roldanas no cimo das empenas de tijolo, cata-ventos expostos lá mesmo nos píncaros... porque estava ele a olhar *para cima*? Para cima a partir de qualquer uma destas ruas nortenhas, certa manhã, no nevoeiro. Quanto mais a norte, mais planas se tornam as coisas. Há uma caleira de esgoto, pelo meio da viela, por onde se escoa a chuva. As pedras da calçada estão aqui mais direitas e não há tantos cigarros para se apanhar. As igrejas ecoam com estorninhos. Chegar a uma cidade nortenha da Zona é entrar num estranho porto, vindo do mar, num dia brumoso.

Mas em cada uma destas ruas, algum vestígio de humanidade, de Terra, tem de permanecer. Não importa o que lhe tenha sido feito, não importa para que tenha sido usada...

Havia homens chamados «capelães militares.» Pregavam dentro de alguns destes edifícios. Havia na verdade soldados, agora mortos, que se sentavam ou ficavam de pé, e ouviam. Apegando-se ao que podiam. Depois saíam dali, e alguns morriam antes de tornarem a entrar numa igreja. Os clérigos, trabalhando para o exército, punham-se de pé e falavam aos homens que iriam morrer acerca de Deus, da morte, do nada, da redenção, da salvação. Acontecia deveras. Era assaz comum.

Mesmo numa rua usada para isso, ainda haverá um tempo, uma tarde desbotada (no laranja-acastanhado de um alcatrão impossível, inteiramente nítido), ou um dia de chuva e desanuavimento antes da hora de dormir, e no pátio uma malva-rosa, circulando ao vento, fresca com as gotas da chuva e suficientemente gorda para se mastigar... uma cara junto a uma longa parede de arenito e o tropel de todos os cavalos condenados do outro lado, uma parte do cabelo atirado para as sombras azuis com uma volta da cabeça dela — um autocarro cheio de rostos passando por ali no meio da noite, ninguém acordado na praça tranquila senão o condutor, a sentinelha do

Ortsschutz com uma espécie qualquer de uniforme castanho com um ar oficial, velha Mauser ao ombro, sonhando não com o inimigo lá fora no paül ou na sombra mas com o lar e o leito, passeando agora com o seu amigo à civil que está fora de serviço, não consegue dormir, sob as árvores cheias de pó da estrada e de noite, entre as sombras delas nos passeios, tocando uma harmónica... passando pela fileira de rostos no autocarro, verdes como afogados, insones, ávidos de tabaco, receosos, não do amanhã, ainda não, mas desta pausa na sua passagem nocturna, da facilidade com que ela poderia perder-se, e da dor que isso causaria...

Pelo menos um momento de passagem, um que causaria dor perder-se, poderia ser encontrado para cada rua agora indiferentemente cinzenta com comércio, com guerra, com repressão... encontrando-o, aprendendo a acarinar o que se perdeu, não poderíamos nós encontrar algum caminho de regresso?

Numa destas ruas, no nevoeiro matinal, colado sobre duas escorregadias pedras da calçada, está um pedaço de um título de jornal, com uma foto de agência de um gigantesco caralho branco, pendendo do céu na vertical a partir de uma branca pintelheira. As letras

MB DRO
ROSHI

aparecem por cima do logótipo de um qualquer jornal da ocupação, uma soridente e fascinante rapariga encavalitada no canhão de um tanque, pénis de aço com cabeça de serpente estriada, lagartas e triângulo da 3.^a de Blindados numa camisola enrugada sobre as mamas dela. A imagem branca tem a mesma coerência, a presunção do olha-para-mim, que tem a Cruz. Não é apenas uma súbita e branca investida genital no céu — é também, porventura, uma Árvore...

Slothrop senta-se na borda de um passeio olhando para ela, e para as letras, e para a rapariga com o caralho de metal acenando olá amigos, enquanto o nevoeiro se aclara em manhã, e figuras com cartetas, ou cães, ou bicicletas desfilam em contornos castanho-acinzentados, arfando, proferindo breves saudações com vozes achata das pelo nevoeiro, passando. Ele não se lembra de ter ficado sentado no

passeio tanto tempo a olhar para a imagem. Mas ficou.

No instante em que isso aconteceu, a pálida Virgem estava a levantar-se a leste, cabeça, ombros, seios, 17° 36' até à sua cabeça de donzela no horizonte. Uns poucos Japoneses condenados conheciam-na como sendo alguma divindade do Ocidente. Ela avultou-se no céu oriental baixando os olhos para a cidade prestes a ser sacrificada. O sol estava em Leão. A irrupção de fogo veio troante e soberana...

ESCATANDO A RETRETE

A ideia básica é que Eles virão e desligarão primeiro a água. Os criptozoários que vivem à volta do contador serão paralisados pelo grande afluxo de luz vinda lá de cima... depois fugirão como demônios à procura do mais baixo, mais escuro, mais húmido. Cortar a água interdita a retrete: com uma única descarga de autoclismo, na verdade deixamos de poder livrar-nos de grande coisa, drogas, merda, documentos, Eles interromperam o afluxo/defluxo e aqui estás tu encurrulado dentro da artimanha d'Eles com os teus excrementos a acumularem-se, cu esticado para fora por cima da Movieola d'Eles, à espera da lâmina editorial d'Eles. Recordado, tarde demais, do quão dependente tu és d'Eles, por descuido quando não por boa vontade: o descuido d'Eles é a tua liberdade. Mas quando Eles efectivamente vêm é como uns Apolos para concertos em sociedade, tocando a lira

ZONGGG

Tudo se imobiliza. O doce, pegajoso acorde paira no ar... não há maneira de se estar à vontade com ele. Se tu tentares a jogada do «Já terminou, Superintendente?», o homem responderá, «Não, na verdade... não, seu pedantezinho nojento de boca húmida, ainda *nem sequer cheghei a meio*, consigo não...»

É portanto boa política ter sempre a válvula da retrete um pouco entreaberta, para manter um certo fluxo a correr na retrete de modo a que quando ele *parar* tu ainda tenhas aquele minuto ou dois. O que não é a habitual paranóia de se esperar por uma batida na porta, ou que um telefone toque: não, é preciso um tipo particular de doença mental para se ficar sentado a ouvir uma cessação do ruído. Mas —

Imagine-se esta muito elaborada mentira científica: a de que o som não pode viajar pelo espaço exterior. Bom, suponhamos que *pode*. Suponhamos que Eles não querem que nós saibamos que há ali um meio, aquilo a que costumava chamar-se um «éter», capaz de transportar o som a todas as partes da Terra. O Sonoro Éter. Durante milhões de anos, o Sol tem estado a urrar, uma fornalha, gigantesca, um urro de 150 milhões de quilómetros, tão perfeitamente constante que gerações de homens nasceram para ele e tornaram a desaparecer dele, sem jamais o ouvirem. A menos que ele se tivesse alterado, como haveria alguém de saber?

Só que à noite, de vez em quando, nalguma parte do hemisfério escuro, devido a turbilhões no Sonoro Éter, há-de acabar por passar uma pouco funda bolsa de não-som. Durante alguns segundos, num local particular, quase todas as noites algures no Mundo, a energia-som do Exterior é desligada. O urro do sol *pára*. Durante a sua breve vida, o ponto de nuvem-som poderá vir a pousar trezentos metros acima de um deserto, entre os pisos de um edifício de escritórios desocupado, ou exactamente ao redor de um indivíduo sentado num restaurante da classe trabalhadora onde limpam o sítio à mangueirada todos o dias às 3 da manhã... é tudo em azulejos brancos, as cadeiras e mesas presas ao chão com rebites, comida coberta por rígidos mantos de plástico transparente... não tarda, vindo lá de fora, *rrrrnnn!*, barulhos, arrastos, guincho da válvula a abrir-se oh sim, ah sim, Aqui Estão Os Homens Das Mangueiras Para Limparem o Sítio À Mangueirada —

Instante esse em que, sem aviso, a excitante ponta de pluma da Nuvem-Som te tocou, envolvendo-te no seu silêncio durante oh, digamos das 2:36:18 às 2:36:24, Tempo Central da Guerra, a menos que a localização seja Dungannon, Virginia, Bristol, Tennessee, Asheville ou Franklin, Carolina do Norte, Apalachicola, Florida, ou possivelmente em Murdo Mackenzie, Dacota do Sul, ou Phillipsburg, Kansas, ou Stockton, Plainville, ou Ellis, Kansas — sim até parece um Quadro de Honra não parece, sendo lido algures no meio da pradaria, cores de fundição pelo céu fora em longos sulcos, vermelhos e roxos, escurecente multidão de civis erectos e quase se tocando como hastas de trigo, e aquele velho de preto ao microfone, a ler as vilas

dos mortos da guerra, Dungannon... Bristol... Murdo Mackenzie... o cabelo branco dele soprado para trás por um vento que esculpe vossas-cidades-de-alabastro em leoninos entrançados, o seu velho rosto manchado e poroso polido pelo vento, arenoso com luz, os sinceros cantos exteriores das suas pálpebras dobrando-se para baixo enquanto um a um, ecoando pela pradaria de bigorna, se sucedem os nomes das vilas da morte, e seguramente que Bleicheröde ou o Blicer-ro serão agora referidos a qualquer minuto...

Bom, estás *enganado*, campeão — acontece que todas estas povoações estão localizadas nas fronteiras de *Zonas Temporais*, só isso. Ha, ha! Apanhei-te com as calças na mão! Vá lá, mostra a *todos* nós o que estavas a fazer ou abandona a área, não precisamos de gente como tu por aqui. Não há nada de tão abominável como um surrealista sentimental.

«Ora — as povoações orientais que enumerámos estão no Tempo Oriental da Guerra. Todas as outras povoações ao longo do interface estão no Central. As povoações ocidentais que acabámos de ler estão no Central, ao passo que as outras povoações ao longo desse interface estão no de Montanha...»

E isso é tudo o que o nosso Surrealista Sentimental, abandonando a área, chega a ouvir. Ainda bem. Ele está mais envolvido, ou «doentiamente obcecado», se quisermos, com o momento de silêncio-sol dentro da casa de pasto de azulejos brancos. Parece ser um local em que ele esteve (Kenosha, Wisconsin?) anteriormente, embora não se lembre em que conexão. Chamavam-lhe «o Miúdo de Kenosha», embora isso possa ser apócrifo. Nesta altura, o único outro quarto em que ele consegue lembrar-se de ter estado era um quarto de duas cores, nada a não ser as duas cores exactas, para todos os candeeiros, mobiliário, panos, paredes, tecto, tapete, rádio, até as capas dos livros nas prateleiras — *tudo* era (1) de um Profundo Águas-Marinha de Perfume Barato, ou (2) de um Castanho de Chocolate Cremoso à Sapato do FBI. Isso poderá ter sido em Kenosha, poderá não ter sido. Se ele tentar lembrar-se-á, dentro de um minuto, de como chegou à sala de azulejos brancos meia hora antes da mangueirada. Está sentado com uma caneca de café meio cheia, muito açúcar e nata, migalhas de um Pastel de ananás por baixo do pires onde os

dedos dele não conseguem chegar. Mais cedo ou mais tarde ele terá de mover o pires para as apanhar. Está apenas a conter-se. Mas não é mais cedo nem é mais tarde, porque

a sombra-som desce sobre ele,

instala-se ao redor da sua mesa, com as invisíveis longas superfícies de vórtice que a trouxeram até aqui subindo para longe como volutas de um Pastel Etéreo, somente audível em virtude de acidentais pedaços de detritos sonoros que poderão vir a ser colhidos pelo redemoinho, vozes distantes no meio do mar *a nossa posição é dois sete graus dois seis minutos norte*, uma mulher chorando numa qualquer linguagem esganiçada, vagas oceânicas em ventos de temporal, uma voz recitando em Japonês,

Hi wa Ri ni katazu,
Ri wa Ho ni katazu,
Ho wa Ken ni katazu,
Ken wa Ten ni katazu,

que é o lema de uma unidade Kamikaze, um destacamento de Ohkas — significa

A Injustiça não pode conquistar o Princípio,
O Princípio não pode conquistar a Lei,
A Lei não pode conquistar o Poder,
O Poder não pode conquistar o Céu.

Hi, Ri, Ho, Ken, Ten continuam a ser tartamudeados em Japonês no longo turbilhão solar e deixam o Miúdo de Kenosha na mesa rebitada, onde o urro do sol parou. Ele está a ouvir, pela primeira vez, o possante rio do seu sangue, o tambor de Titã do seu coração.

Entra para o fulgor da lâmpada e senta-te com ele, com o estranho na pequena mesa pública. Está quase na hora da mangueirada. Vê se consegues esgueirar-te também para dentro da sombra. Até um eclipse parcial é melhor do que nunca vir a descobrir — melhor do que encolheres-te para o resto da tua vida sob o grande Vácuo do céu que eles te ensinaram, e um sol cujo silêncio nunca consegues ouvir.

E se não houver Vácuo? Ou se houver — e se Eles estiverem a *usar* isso em ti? E se Eles acharem conveniente pregar uma ilha de vida rodeada por um vazio? Não somente a Terra no espaço, mas a tua própria vida individual no tempo? E se for *do interesse d'Eles* pôr-te a acreditar nisso?

«Ele não vai incomodar-nos durante algum tempo», dizem Eles um ao outro. «Acabei de pô-lo no Sonho Escuro.» Bebem juntos, injectam drogas muito muito sintéticas na pele ou no sangue, vertem incríveis ondas electrónicas nos crânios d'Eles, directamente no tronco cerebral, e cumprimentam-se com uma palmada atrás das costas, jocosamente, com risos de boca aberta — *tu sabes, não sabes* está naqueles olhos sem idade... Falam em tomar Isto-e-Aquilo e em «pô-lo no Sonho». Também usam a frase um para o outro, em estéril ternura, quando se transmitem más notícias, nos Assados anuais, quando o interminável jogo mental apanha um colega desprevenido — «Rapaz, pusemo-lo mesmo no Sonho.» *Tu sabes, não sabes?*

RÉPLICA ESPIRITUOSA

O Ichizo sai da cabana,vê o Takeshi dentro de um barril por baixo de algumas folhas de palmeiras tomando banho e cantando «Doo-doo-doo, doo-doo», alguma melodia de koto, tangendo-o através do seu nariz — Ichizo grita torna a correr lá para dentro reemerge com uma metralhadora Hotchkiss Japonesa, uma Modelo 92, começa a montá-la com muitos resmungos de jiujitsu e olhares arregalados. Quando já tem o cinto de munições engatado, pronto a crivar o Takeshi na banheira,

TAKESHI: Espera aí, espera aí! O que é isso?

ICHIZO: Oh, és *tu!* *Eu* — pensei que fosse o General MacArthur, no seu — barco a remos!

Arma interessante, a Hotchkiss. Provém de muitas nacionalidades, e consegue encaixar-se etnicamente onde quer que vá. As Hotchkisses Americanas são as armas que varreram os Índios desarmados em Wounded Knee. Numa nota mais divertida, a vigorosa Hotchkiss Francesa de 8 mm quando é disparada faz haw-haw-haw-haw, tão nasalada e donairosa como uma estrela de cinema. Quanto

ao nosso primo John Bull, muitas das pesadas Hotchkisses Britânicas ou foram revendidas em privado após a Primeira Guerra Mundial, ou queimadas a maçarico. Essas metralhadoras derretidas aparecem de vez em quando nos sítios mais estranhos. O Pirata Prentice viu uma em 1936, durante a sua excursão com a Scorpia Mossmoon, na casa de Chelsea do James Jello, nesse ano o rei dos palhaços da Boémia — mas um rei menor, proveniente de um ramo atreito àquelas abomináveis doenças da consanguinidade, idiotia na família, peculiaridades sexuais que surgem à vista do público nas ocasiões mais inapropriadas (um pénis à mostra pendurado do lado de fora de um caxote do lixo numa manhã nítida como uma lâmina e lavada pela chuva, numa rua secundária industrial prestes a ser povoada por uma multidão de operários furiosos com largos bonés de abotoar em cima e transportando chaves inglesas com um metro de comprido, pés de cabra, bocados de correntes, aqui está o coiro do Príncipe Herdeiro Porfirio à mostra com um gigantesco halo de aparas de alumínio na sua cabeça, a boca maquilhada com negra massa consistente, as suas suaves nádegas estremecendo contra o refugo metálico e recolhendo aparas de aço que lhas picam deliciosamente, os olhos dele maliciosos e negros como os seus lábios, mas oh ora esta o que é isto, oh mas que embarracoso eles agora já estão aqui a virar a esquina ele consegue cheirar a gentalha desde aqui, embora eles não estejam muito certos do Porfirio — a marcha detém-se entre alguma confusão já que estes muito ineptos revolucionários ficam a discutir se tal aparição é uma manobra de diversão aqui plantada pela Gerência, ou se será autêntica Aristocracia Decadente que possa ser trocada por régio resgate e, sendo assim, de quanto... enquanto no alto dos telhados, para fora dos tijolos e das portas corroídas começam a aparecer castanhas tropas Governamentais guarnecedo Hotchkisses Britânicas que *não* foram derretidas, mas compradas por revendedores de metralhadoras e vendidas a uma quantidade de governos menores em todo o mundo). Poderia ser em memória do Príncipe Herdeiro Porfirio nesse dia de massacre que o James Jello mantinha uma Hotchkiss derretida nos seus aposentos — ou poderia ser apenas mais um arrobo de grotesco por parte do querido James sabem, ele é *tão* desatento...

CORAÇÃO-PARA-CORAÇÃO, HOMEM-PARA-HOMEM

— Filho, tenho ‘stado a pensar nessa, ah, «atarraxadela» que vocês os miúdos andam a fazer. Nessa coisa de, injectar electricidade na cabeça, ha-ha?

— *Ondas*, Pai. N’o é só uma *electricidade* q’alquer. Iss’é p’ra tansos!

— Sim, ah, ondas. «Afinar ondas», não é? ha-hah. Uh, diz-me cá, filho, com’é qu’é isso? *Tu* sabes qu’eu sempre fui um bocado drogado durante tod’a vida, e-e —

— Oh Pai. Bolas. Não é nada parecido com *drogas*!

— Bom nós lá íamos fazendo umas belas «férias» com’então lhes chamávamos, e que nos levaram até umas áreas bastante «estranghas» já agora —

— Mas regressaste sempre, não foi.

— O quê?

— O que eu quero dizer é que estava sempre entendido que *isto* continuaria a estar aqui quando tu voltasses, tal e qual, exactamente o mesmo, não era?

— Bom ha-ha acho qu’era por isso qu’a gente lhe chamava *férias*, filho! Porque se volta sempre para a velha Terra da Realidade, não é.

— *Tu voltaste* sempre.

— Ouve cá, Tyrone, tu não sabes s’essa coisa é perigosa. Imagina qu’um dia te ligas àquilo e vais-t’embora e nunca mais voltas? Eh?

— Ho, ho! Isso queria eu! Com que pensas tu que sonha todo o tarado da electricidade? És mesmo um bota-de-elástico! E-e quem é que disse qu’é um sonho, huh? T-talvez *aquilo* exista. Talvez *baja* uma Máquina que nos leve daqui, que nos leve completamente, que nos chupe através dos eléctrodos p’ra fora do cérebro e p’ra dentro da Máquina e ali se viva p’ra sempre com todas as outras almas qu’aquilo lá armazenou. *Aquilo* podia decidir quem é que deitava fora, e-e quando. As drogas *a ti* nunca te deram a imortalidade. *Tu* tinhas de voltar, todas as vezes, p’ra um naco moribundo de *carne* malcheirosa! Mas Nós podemos viver p’ra sempre, num asseado, honesto, purificado Electromundo —

— Merda, mas quem me mandou a mim ter um duplo Virgem como filho...

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO IMIPOLEX G

O Imipolex G é o primeiro plástico que é efectivamente *eréctil*. Sob os estímulos adequados, as cadeias desenvolvem ligações cruzadas, que enrijecem a molécula e aumentam a atracção intermolecular de modo a que este Polímero Peculiar vá muito além dos diagramas de fase já conhecidos, da frouxa e amorfa flacidez a uma espantosa e perfeita justaposição, rigidez, brilhante transparência, alta resistência à temperatura, ao clima, ao vácuo, ao choque de qualquer tipo (reluzindo lentamente no Vazio. Prateado e negro. Encurvados e distorcidos reflexos de estrelas deslizando por ele, a todo o comprimento, sempre à roda em meridianos tão exactos quanto os da acupunctura. O que são as estrelas senão pontos no corpo de Deus onde nós inserimos as agulhas que curam o nosso terror e anseios? Sombras dos ossos e tubos da criatura — vazantes, feridos, irradiados de branco — misturando-se com os daquilo. *Aquilo* está emaranhado com os ossos e os tubos, a sua própria forma é determinada pelo modo como a Erecção do Plástico vier a proceder: onde for rápida e onde for lenta, onde for dolorosa e onde for escorregadia e fresca... se haverá áreas que troquem características de rigidez e de brilho, se algumas áreas deverão ser autorizadas a fluir sobre a superfície de modo a que a passagem venha a ser uma carícia, onde orquestrar súbitas descontinuidades — golpes, torções — entre esses momentos mais acariciantes).

Evidentemente, o estímulo teria de ser electrónico. As alternativas de sinalização *para* a superfície de plástico eram limitadas:

(a) uma fina matriz de cabos, formando um sistema muito intimamente coordenado sobre a Superfície Imipoléctica, na qual comandos erécteis e outros pudessem ser enviados para uma área bastante específica, digamos na ordem do $1/2\text{ cm}^2$,

(b) um sistema de rastreamento por feixes — ou vários — análogo ao bem conhecido feixe de electrões do video, modulado com grelhas e placas de deflecção localizadas onde fosse necessário na Superfície (ou mesmo por baixo da camada exterior do Imipolex, lá no interface com Aquilo que está logo abaixo: com Aquilo que foi inserido ou Aquilo que na verdade cresceu até se tornar uma pele do *Imipolex G*,

dependendo da heresia que se abraçar. Não iremos demorar-nos aqui no Problema Primário, designadamente o de que tudo o que se situa abaixo da película de plástico está afinal na Região da Incerteza, a não ser para enfatizar aos novos alunos que possam tender para a Schwärmerei, que termos referentes à Subimipolexidade como «Núcleo» e «Centro de Energia Interna» não possuem, fora da teoria, mais realidade do que termos como «Região Supersónica» ou «Centro de Gravidade» noutras áreas da Ciência),

(c) em alternativa, a projecção, *para cima da Superfície*, de uma «imagem» electrónica, análoga à de um filme cinematográfico. Isso exigiria um mínimo de três projectores, e talvez mais. Quantos ao certo é algo que está envolto numa outra ordem de incerteza: a chamada Relação de Indeterminação Otyiyumbu («O provável desarranjo funcional γ_R resultante da modificação física $\phi_R(x,y,z)$ é directamente proporcional a uma potência mais elevada ρ de desarranjo subimipoléctico γ_R , não sendo ρ necessariamente um integrador e determinado empiricamente»), na qual o subscrito R é de Rakete, e o B é de Blicero.

□ □ □ □ □ □

Entretanto, o Tchitcherine achou necessário abandonar a sua vigilância aos anarquistas Argentinos em que ia acumulando esmegma. A bôfia, aliás, o Nikolai Ripov do Comissariado para Inteligência em Actividade, está na vila e cada vez mais próximo. O fiel Džabajev, por terror ou aversão, abalou por entre os brejos de arandos numa longa excursão de bebedeira com dois vadios locais, e poderá nunca mais regressar. Diz o boato que hoje em dia ele anda a causar sensação pela Zona com um fato roubado dos Serviços Especiais Americanos, fingindo ser o Frank Sinatra. Entra na povoação vê uma taberna e põe-se a cantar no passeio, daí a pouco há um ajuntamento, beldades subdebutantes cada uma delas uma multa de \$65 e valendo cada centímo deixando-se cair em ataques epileptiformes sobre generosos montes de lás caneladas, pregas de rayon e apliques de árvore de Natal. Funciona. É sempre bom pelo vinho grátis, um embraço de vinho, rolando Fuder e Fass em ruidosa procissão campestre pelas

ruas arenosas, onde quer que os Três Bebedolas se encontrem. Nunca ocorre a ninguém perguntar o que anda a fazer o Frank Sinatra ladoado por aquele par de consumados borrachões. Ninguém duvida nem por um minuto de que é o Sinatra. A malta bem informada da vila normalmente acha que os outros dois são uma parelha de comédia.

Enquanto os nobres choram nos grilhões das suas noites, os escudeiros cantam. As terríveis políticas do Graal nunca lhes podem tocar. A canção é a capa mágica.

Tchitcherine comprehende que agora está finalmente sozinho. Seja o que for que o encontre, encontrá-lo-á sozinho.

Sente-se obrigado a estar em movimento, embora não haja sítio algum para onde possa ir. Agora, tarde demais, a memória do Wimpe, o V-Mann da IG Farben de há muito tempo, vem ter com ele. Acompanha-o em todo o percurso. Tchitcherine esperava poder encontrar um cão. Um cão teria sido ideal, uma honestidade perfeita contra a qual pudesse calibrar a sua, dia a dia, até ao fim. Teria sido bom ter consigo um cão. Mas talvez a melhor coisa a seguir seja um albatroz sem maldição alguma a ele ligada: uma memória amigável.

Foi o jovem Tchitcherine quem levantou o tema dos narcóticos políticos. Os opiáceos do povo.

Wimpe respondeu com um sorriso. Um velho, velho sorriso para arrefecer até o fogo vivo no centro da Terra. «Dialéctica marxista? Isso *não* é um opiáceo, eh?»

«É o antídoto.»

«Não.» Das duas, uma. O vendedor de drogas poderá saber tudo o que irá alguma vez suceder ao Tchitcherine, e decidir que não vale a pena — ou, por momentânea veleidade, expô-lo por inteiro ao jovem tolo.

«O problema básico», propõe ele, «foi sempre o de levar outras pessoas a morrerem por nós. O que tem valor suficiente para que um homem desista da sua vida? Foi aí que a religião teve vantagem, durante séculos. A religião sempre foi sobre a morte. Era usada não tanto como um opiáceo, mas antes como uma técnica — levava as pessoas a morrerem por um conjunto particular de crenças acerca da morte. Perverso, natürlich, mas quem é você para julgar? Foi um

bom estratagema enquanto funcionou. Mas desde que se tornou impossível morrer pela morte, tivemos uma versão secular — a sua. Morrer para ajudar a História a crescer até à sua forma predeterminada. Morrer sabendo que o nosso acto fará um bom final tornar-se um pouco mais próximo. Suicídio revolucionário, óptimo. Mas veja: se as mudanças da História *são* inevitáveis, porque não *não* morrer? Vaslav? Se aquilo há-de acontecer em todo o caso, que importa?»

«Mas você nunca teve de fazer tal escolha, não é.»

«Se alguma vez tivesse, pode ter a certeza —»

«Você não sabe. Só quando lá está, Wimpe. Você não pode dizer.»

«Isso não parece muito dialéctico.»

«Não sei o que é isso.»

«Então, até chegar mesmo ao ponto de decisão», o Wimpe curioso mas com cautela, «um homem poderia ainda ser perfeitamente puro...»

«Poderia ser qualquer coisa. *A mim* não me importa. Mas ele só é real *nos* pontos de decisão. O tempo que decorre entretanto não interessa.»

«Real para um Marxista.»

«Não. Real para ele próprio.»

Wimpe mostra-se duvidoso.

«Eu já lá estive. Você não.»

Chh, chh. Uma seringa, com agulha número 26. Sangues sufocando entre as madeiras castanhas da suíte de hotel. Prosseguirem ou importunarem-se com esta discussão é tornarem-se inimigos-na-palavra, e nenhum dos homens realmente quer isso. O teofosfato da Oneirina é uma maneira de contornar o problema. (Tchitcherine: «Você quer dizer o *tio*fosfato, não é?» Pensa ele *indicando a presença de enxofre...* Wimpe: «O que eu quero dizer é *te*ofosfato, Vaslav», *indicando a presença de Deus.*) Injectam-se: o Wimpe olhando nervosamente para a torneira da água, lembrando-se de Tchaikovsky, salmonela, uma veloz rapsódia de melodias assobiáveis da *Pathétique*. Mas o Tchitcherine só tem olhos para a agulha, a sua precisão Alemã, o seu belo grão de aço. Dentro em pouco ele virá a conhecer um circuito de estações de socorro e hospitais de campanha, tão bom para a nostalgia

do pós-guerra quanto um circuito de termas em tempo de paz — cirurgiões e dentistas militares prenderão e cravarão aço patenteado até ao fim da vida na carne sofredora dele, e recolherão o que nela entrou por violência com um dispositivo electromagnético comprado entre as guerras ao Schumann de Düsseldorf, com uma lâmpada eléctrica e um reflector ajustável, manípulos de travamento de 2 eixos e um conjunto completo de Polschuhes com estranhas formas, peças de ferro para modificar a forma do campo magnético... mas lá na Rússia, naquela noite com o Wimpe, foi a primeira vez que provou — a sua iniciação à corporeidade do aço... não há maneira de separar isso do teofosfato, de separar as naves de aço do ímpio e insano afluxo...

Durante 15 minutos, eles os dois correm gritando por toda a suíte, cambaleando em círculos, alinhados com as diagonais das salas. Há na célebre molécula do Laszlo Jamf uma propensão particular, a chamada «singularidade de Pökler», que ocorre num certo anel defeuoso do indol, o qual Oneiristas posteriores, tanto académicos como profissionais em funções, concordaram em geral ser responsável pelas alucinações que são específicas desta droga. Não somente audiovisuais, elas tocam todos os sentidos, igualmente. E são recorrentes. Certos temas, «arquétipos mânticos» (como lhes chamou o Jollifox da Escola de Cambridge), encontrarão certos indivíduos uma e outra vez, com uma consistência que já foi bem demonstrada no laboratório (ver Wobb e Whoaton, «Distribuição de Arquétipos Mânticos Entre Estudantes Universitários da Classe Média», *J. Oneir. Psy. Pharm.*, XXIII, pp. 406-453). Dado existirem analogias com a vida fantasmal, tal fenómeno de recorrência é conhecido, no jargão, como «assombração». Ao passo que outros tipos de alucinações tendem a fluir, relacionados em modos profundos que não são acessíveis ao drogado casual, essas assombrações da Oneirina mostram em definitivo uma continuidade narrativa, tão claramente quanto, digamos, um costumeiro artigo da *Reader's Digest*. Muitas vezes são tão vulgares, tão convencionais — Jeaach chama-lhes «as mais monótonas alucinações conhecidas na psicofarmacologia» — que apenas são reconhecidas como assombrações através de uma radical, embora plausível violação da possibilidade: a presença dos mortos, jornadas

pelo mesmo caminho e meios que uma pessoa tomará mais tarde mas aos quais chega mais cedo, um diagrama impresso que nenhuma quantidade de luz tornará legível... Ao reconhecer que está a ser assombrado, o sujeito entra imediatamente na «fase dois», que, embora varie de intensidade de sujeito para sujeito, é sempre desagradável: muitas vezes a sedação (0.6 mg de atropina subcutânea.) será necessária, apesar de a Oneirina estar classificada como um depressor do SNC.

Quanto à paranóia muitas vezes observada sob o efeito da droga, nada há de notável. Tal como outras sortes de paranóia, não passa do início, do limiar, da descoberta de que *tudo está ligado*, tudo o que há na Criação, uma iluminação secundária — ainda não ofuscantemente Una, mas pelo menos ligada, e porventura uma via de Entrada para aqueles que tal como o Tchitcherine são mantidos à beira...

A ASSOMBRAÇÃO DE TCHITCHERINE

Quanto a se o homem é ou não Nikolai Ripov: ele de facto chega da maneira em que se diz que o Ripov o faz: pesada e inescapável. Quer falar, apenas falar. Mas de alguma maneira, enquanto eles progridem, pelas interiores confusões-de-corredor das palavras, uma e outra vez ele conseguirá levar o Tchitcherine a proferir heresias, a amaldiçoar-se a si mesmo.

«Eu estou aqui para o ajudar a ver claramente. Se tiver dúvidas, deveríamos trazê-las cá para fora, honestamente, de homem para homem. Sem represálias. Raios, você pensa que eu não tive dúvidas? Até o *Estaline* as teve. Todos nós as temos.»

«Mas não faz mal. Não é nada com que eu não consiga dominar.»

«Mas você *não* está a dominá-las, senão não me teriam enviado até aqui.. Você não acha que eles *sabem* quando alguém com quem se preocupam está em apuros?»

Tchitcherine não quer perguntar. Debate-se contra isso com os músculos da sua cavidade torácica. A dor da neurose cardíaca começa a pulsar-lhe pelo braço esquerdo abaixo. Mas ele pergunta, sentindo a sua respiração alterar-se um pouco, «eu estava destinado a morrer?»

«Quando, Vaslav?»

«Na Guerra.»

«Oh, Vaslav.»

«Você queria ouvir o que me atormentava.»

«Mas você não vê como eles vão receber isso? Vá lá, deite tudo cá para fora. Nós perdemos vinte milhões de almas, Vaslav. Não é uma acusação que se possa fazer com ligereza. Eles iriam exigir documentação. Até a sua vida poderia correr perigo —»

«Eu não estou a acusar ninguém... por favor não... eu só quero saber se é suposto que eu morra por eles.»

«Ninguém quer que você morra.» Calmante «Porque pensa você isso?»

Com tais adulações, são extraídas pelo paciente emissário para fora dele, guinchando, desesperado, palavras em excesso — suspeitas paranóicas, medos inaplacáveis, amaldiçoando-se a si mesmo, criando ao redor da sua pessoa a cápsula que o isolará da comunidade para sempre...

«Esse é porém o próprio âmago da História», a voz gentil falando agora entre o crepúsculo, nenhum dos homens se tendo levantado para acender um candeeiro. «O âmago mais íntimo. Como poderia tudo o que você conhece, tudo o que você já viu e tocou disso, ser alimentado por uma mentira?»

«Mas a vida depois da morte...»

«Não há vida depois da morte.»

O que o Tchitcherine quer dizer é que teve de lutar para acreditar na sua mortalidade. Tal como o corpo dele lutou para aceitar o seu aço. Repelir todas as suas esperanças, abrir caminho até àquela que é a mais amarga das liberdades. Foi só recentemente que ele acabou por procurar conforto no bailado dialéctico de força, contraforça, colisão, e nova ordem — só quando a Guerra veio e a Morte surgiu do outro lado do ringue, o primeiro vislumbre que o Tchitcherine dela teve após os anos de formação: mais alta, mais lindamente musculara, menos movimentos supérfluos do que ele alguma vez esperara — somente no ringue, sentindo o terrível frio que cada golpe trazia consigo, somente então ele se voltou para uma Teoria da História — de todos os patéticos frios confortos — para tentar fazer sentido dela.

«Os Americanos dizem, «Não há ateus nas trincheiras.» Você nunca foi da fé, Vasilav. Teve uma conversão no leito de morte, por medo.»

«É por isso que vocês agora me querem morto?»

«Morto não. Você não tem grande utilidade morto.» Entram mais dois agentes vestidos em cor de azeitona e ficam a observar o Tchitcherine. Têm rostos regulares, incaracterísticos. Isto é, afinal, uma assombração da Oneirina. Branda, vulgar. O único indício da ir-realidade dela é —

A radical-embora-plausível-violação-da-realidade —

Todos os três homens estão agora a sorrir para ele. *Não há nenhuma violação.*

É um grito, mas sai-lhe como um urro. Ele salta para Ripov, quase lhe acerta também com o punho, mas os outros, com reflexos mais rápidos do que ele esperara, apareceram de ambos os lados para o segurarem. Nem acredita na força que têm. Através dos nervos da anca e do cu sente que a sua Nagant lhe é retirada do coldre, e sente a picha a sair para fora de uma rapariga Alemã que ele não consegue recordar agora, na última manhã de vinho doce em que a viu, na última cama quente da última manhã de partida...

«Você é uma criança, Vasilav. Está a fazer de conta que comprehende ideias que na verdade o ultrapassam. Tem de se falar de uma maneira muito simples consigo.»

Na Ásia Central descreveram-lhe as funções dos anjos Muçulmanos. Uma delas é examinar os que morreram recentemente. Após a última carpideira se ter ido embora, os anjos vêm até ao túmulo e interrogam o defunto acerca da sua fé...

Há agora uma outra figura, no limiar da sala. Ela é da idade do Tchitcherine, e veste uniforme. Os olhos dela não pretendem dizer nada ao Tchitcherine. Ela limita-se a observar. Nenhuma música se ouve, nenhuma jornada estival se empreende... nenhum cavalo se avista recortado contra a estepe na última luz do dia...

Ele não a reconhece. Não que isso importe. Não neste nível das coisas. Mas é a Galina, regressada às cidades, saída dos silêncios afinal, novamente dentro dos encadeados campos da Palavra, reluzindo, correndo segura e sempre muito próxima, sempre tangível...

«Porque andava você à caça do seu irmão preto?» O Ripov consegue fazer com que a pergunta tenha um tom de cortesia.

Oh. Ainda bem que me pergunta isso, Ripov. Porque *andava eu?* «Quando aquilo começou... há muito tempo — primeiro... eu pensei que estava a ser castigado. Ultrapassado. Culpava-o a ele.»

«E agora?»

«Não sei.»

«O que o fez pensar que era ele o *seu alvo?*»

«De quem mais poderia sê-lo?»

«Vaslav. Você nunca *sobe acima disso?* Isso são velhos barbarismos. Linhagens, vingança pessoal. Você pensa que tudo isto foi arranjado para si, para lhe aplacar os seus míseros e estúpidos desejos.»

Está bem. Está bem. «Sim. Provavelmente. E depois?»

«*Ele não é o seu alvo.* Há outros que o querem.»

«Então vocês têm-me deixado —»

«Até agora. Sim.»

O Džabajev poderia ter-to dito. O cabrão do Asiático é em primeiro e último lugar um alistado. *Ele sabia.* Oficiais. A merda da mentalidade dos oficiais. A gente faz o trabalho todo, depois vêm *elas*, para concluir tudo, para ficarem com a glória.

«Você está a tirar-me isso.»

«Você pode ir para casa.»

Tchitcherine tem estado a observar os outros dois. Vê agora que eles estão de uniforme Americano, e provavelmente não compreenderam uma única palavra. Estende as suas mãos vazias, os seus pulsos tisnados pelo sol, para uma última aplicação de aço. Ripov, no acto de se virar para se ir embora, mostra-se surpreendido. «Oh. Não, não. Você tem uma licença de trinta dias de sobrevivente. Você sobreviveu, Vaslav. Deve apresentar-se no TsAGI quando voltar a Moscovo, é tudo. Haverá uma outra missão. Iremos levar pessoal dos foguetes Alemães para o meio do deserto. Para a Ásia Central. Imagino que eles precisarão por lá de alguém com experiência da Ásia Central.»

Tchitcherine comprehende que na *sua* dialéctica, no desdobramento da sua própria vida, regressar à Ásia Central é, em termos operativos, morrer.

Foram-se embora. O férreo rosto da mulher, no último instante, não se voltou para trás. Ele está sozinho num quarto esventrado, com as escovas de dentes familiares ainda nos seus suportes de parede, derretidas, pendendo em gavinhas de muitas cores, as cerdas delas apontando para cada negro plano e para cada canto e para cada janela toldada pela fuligem.



A nação mais querida de todas é aquela que não sobreviver mais do que tu e eu, um movimento comum à mercê da morte e do tempo: a aventura ad hoc.

— Resoluções da Conferência de Lerdas Crianças por Desmamar

Norte? Qual o investigador que alguma vez foi dirigido para *norte*? Aquilo que se deve procurar está a sul — aqueles nativos enfarruscados, não é? Por perigos e empreendimentos enviam-nos para oeste, por visões, para oriente. Mas que é o norte?

A rota de fuga do *Anubis*.

A Luz Quirguize.

O país da morte dos Hereros.

O Alferes Morituri, Carroll Eventyr, Thomas Gwenhidwy e Roger Mexico estão sentados a uma mesa no terraço de tijolos vermelhos da Der Grob Säugling, uma estalagem à beira de um pequeno lago azul do Holstein. O sol faz a água cintilar. Os cimos das casas são vermelhos, os campanários são brancos. Tudo é miniatural, assiado, gentilmente pastoral, vinculado à ascensão e queda das estações. Contrastados só de madeira nas portas fechadas. O limiar do Outono. Uma vaca diz muu. A leiteira peida-se para a selha do leite, que ressoa com um muito ligeiro clangor, e os gansos grashnam ou silvam. Os quatro enviados bebem Moselle aguado e falam de mandalas.

O Foguete foi disparado para sul, para oeste, para leste. Mas não para norte — por enquanto não. Disparado para sul, em Antuérpia, o rumo fora de cerca de 173°. Para leste, durante os testes em Peenemünde, de 072°. Disparado para oeste, para Londres, de cerca de 260°. Trabalhando com as réguas de cálculo, o rumo perdido (ou, se

quisermos, «resultante») vem a ser algo como uns 354º. Esse seria o disparo implicado por todos os outros, um disparo-fantasma que, na lógica das mandalas, ou já ocorreu, muito secretamente, ou irá ocorrer.

Portanto, aqui os conferencistas da Conferência de Lerdas Crianças por Desmamar, como ela virá a ser conhecida, sentam-se à volta de um mapa com os seus instrumentos, cigarros e especulações. Não escarneçais. Eis aqui um dos grandes momentos dedutivos da inteligência do pós-guerra. Mexico continua a defender um sistema de aferição para traçar comprimentos de vectores proporcionais à quantidade efectiva de disparos ao longo de cada um. Thomas Gwenhidwy, sempre sensível a eventos no espaço geográfico, quer tomar em consideração os disparos de Blizna em 1944 (também para leste), o que desviaria o ponteiro mais para norte do que os 354.º — e mais perto até do norte verdadeiro se os disparos para Londres e Norwich a partir de Walcheren e Staveren também forem incluídos.

Evidência e intuição — e porventura um resíduo de incivilizado terror que está dentro de nós, de cada um — apontam para 000.º: o verdadeiro Norte. Que melhor direcção para disparar o 00 000?

O problema é, para que serve um rumo, mesmo um rumo miticamente simétrico, sem se saber de onde foi o Foguete disparado para começar? Tem-se um gume, com 280 km de comprimento, a estender-se no sentido leste/oeste ao longo do esburacado rosto da Zona, a estender-se interminavelmente, obsessivo, estremecente, cintilante, insuportável, que nunca descansa...

Bom, Sob O Signo Das Lerdas Crianças Por Desmamar. Balouçante imagem em cor total de um gordo e baboso infante com um ar abominável. Num punho fechado que parece um pudim, a Lerde Criança Por Desmamar brande um presunto que pinga (desculpem porcos, nada de pessoal), com a outra tenta alcançar um Mamilo Materno humano que emerge para dentro da imagem pelo lado da mão esquerda, o olhar dele fixo na teta que se aproxima, a boca dele aberta — um olhar satisfeito, dentes despontados e fazendo-lhe comichão, um vítreo fulgor de COMIDA *munchmunchsimgobblemm* nos seus olhos. Der Grob Säugling, 23.ª carta dos arcanos maiores da Zona...

Roger gosta de pensar naquilo como um instantâneo do Jeremy quando criança. O Jeremy, que Sabe Tudo, perdoou à Jessica os tempos dela com o Roger. Ele próprio já teve uma ou duas escapadelas, e consegue compreender, ele tem um espírito liberal, no fim de contas a Guerra deitou abaixo certas barreiras, Vitorianismos dir-se-ia (uma fábula que vos foi trazida pelos mesmos brincalhões que inventaram a famosa Gabardina em Cloreto de Polivinilo)... e o que é isto, Roger, ele está a tentar *impressionar-te?* as pálpebras dele formam altos, amigáveis crescentes quando ele se inclina para diante (o fulano é mais pequeno do que o Roger pensava) empunhando o seu copo, chupando o mais inestético Cachimbo que o Roger já viu, uma reprodução em sarça da *cabeça* do Winston Churchill como fornilho, não se poupou qualquer pormenor, até *um charuto na boca dele* com um pequeno buraco lá furado de maneira a que algum fumo possa efectivamente sair-lhe pela ponta... isto aqui é uma taberna em Cuxhaven para pessoal das forças armadas, o sítio costumava ser um estaleiro de desmantelamento naval, pelo que os solitários soldados se sentam a sonhar e a beber entre toda aquela sucata náutica, não ao mesmo nível em que na nossa habitual esplanada de café, não, alguns estão no cimo de escotilhas inclinadas, ou balouçando-se em cadeirões de comando, cestos da gávea, sentados com as suas cervejas amargas entre as correntes, cordames, passadiços, aprestos de ferro preto. É noite. Lanternas foram trazidas para as mesas cá de fora. Suaves e pequenas ondas nocturnas sussurram sobre os seixos. Tardias aves aquáticas gritam por cima do lago.

«Mas s'ele alguma vez *nos* apanha, Jeremy, a ti e a mim, ess'é qu'é a questão...» O Mexico tem estado a balbuciar estas oraculares — muitas vezes, como ainda hoje ao almoço no Clube, assaz embarracosas — expressões dele desde que por cá apareceu.

«Er, *o que* é que alguma vez me apanha, compincha?» Tem sido compincha o dia todo.

«Tu — tu nunca sentiste qu'alguma coisa te qu'ria *apanhar*, Jeremy?»

«Apanhar-me.» Ele está bêbedo. Está doido. É óbvio que não posso deixá-lo aproximar-se da Jessica, estes tipos das matemáticas são como os tocadores de oboé aquilo afecta-lhes o *cérebro* ou qualquer coisa assim...

Aha, *mas*, uma vez por mês, o Jeremy, até o Jeremy, sonha: com uma dívida de jogo... diferentes tipos de Cobradores estão sempre a chegar... ele não se lembra da dívida, do oponente com quem perdeu, nem mesmo do jogo. Pressente uma grande organização por detrás daqueles emissários. As ameaças deles são sempre deixadas em aberto, para que o Jeremy as complete... em cada vez, o terror surgiu brotando através da fresta, terror de cristal...

Óptimo, óptimo. O outro teste de calibração garantida já foi subitamente apresentado ao Jeremy — num local pré-combinado de um parque, dois Augustes desempregados surgem de cara branca e roupas de trabalho, e começam a açoitar-se um ao outro com uns gigantescos (2 ou 2,5 metros de comprido) pénis em espuma de borracha, habilidosamente pormenorizados, todos em cor natural. Estes fantasiosos falos provaram ser um bom investimento. Roger e o Marinheiro Bodine (quando ele está na vila) tornaram-se melhores que os espectáculos da ENSA. É uma bela fonte de dinheiro trocado — hão-de reunir-se multidões nas orlas destas aldeias Alemãs do norte para verem os dois truões zurzirem-se. Celeiros, na sua maioria vazios, espreitam por cima dos telhados de vez em quando, estendendo um patibular braço de madeira contra o céu vespertino. Soldados, civis e crianças. Há muitos risos.

Parece que se consegue fazer as pessoas lembrarem-se dos Titãs e dos Pais, e do riso. Não é tão engraçado como a tarte na cara, mas ao menos é igualmente puro.

Sim, os gigantescos caralhos de borracha estão cá para ficar enquanto parte do arsenal...

O que a Jessica disse — cabelo muito mais curto, usando uma boca mais escura com diferente contorno, batom mais duro, a máquina de escrever dela a elevar-se numa falange de letras entre eles — foi: «Nós vamos casar-nos. Andamos a tentar muito ter um bebé.»

De repente, não há nada a não ser o seu olho do cu entre a Gravidade e o Roger. «Não me interessa. Fica com o bebé dele. Eu hei-de amar-vos aos dois — mas vem comigo Jess, por favor... eu preciso de ti...»

Ela maneja uma alavanca vermelha no seu intercomunicador. Ao longe zune um apito. «Segurança.» A voz dela é perfeitamente dura,

a palavra ainda a estalar-ecoar no ar quando pela porta de rede do es- critório no Quonset e com um odor a terreno em maré baixa entram os chuis, com ar torvo. Segurança. A palavra mágica dela, o seu feitiço contra os demónios.

«Jess —» merda será que ele vai *chorar?* sente aquilo a crescer-lhe como um orgasmo —

Quem o salva (ou lhe interfere com o orgasmo)? Ora, o próprio Jeremy. O velho Beaver aparece e manda embora os bófias, que partem contrariados, de dentes arreganhados para irem de novo masturbar-se com os livros aos quadradinhos de *O Crime Não Compensa*, contemplando embevecidos as garotas da sala da guarda do J. Edgar Hoover ou fosse lá o que fosse em que eles andavam metidos e, de repente, todo o triângulo romântico vai *almoçar* em companhia no *Clube. Almoçar* em companhia? Isto é coisa do Noel Coward ou alguma merda dessas? No último instante, Jessica é dominada por uma qualquer fictícia síndrome feminina que ambos os homens supõem ser enjoo matinal, Roger calculando que ela fará a coisa mais desprezível de que conseguir lembrar-se, Jeremy vendo naquilo um pequeno e bonito olá-á em privativo só para eles os do-ois. Isso portanto deixa os moços a sós, para falarem com vivacidade da Operação Fogo Inverso, que é o programa britânico para montar alguns A4s e os disparar para o meio do Mar do Norte. De que mais irão eles falar?

«Porquê?» está sempre a perguntar o Roger, tentando aborrecer o Jeremy. «Porque é que vocês querem reconstituir-los e dispará-los?»

«Nós capturámo-los, não foi? O que é que uma pessoa *faz* com um foguete?»

«Mas porquê?»

«Porquê? Raios, para *ver*, obviamente. A Jessica diz-me que você é — ah — um *fulano das matemáticas?*»

«Sigma pequeno, vezes P de s-sobre-sigma-pequeno, igual a um sobre a raiz quadrada de dois pi, vezes e a menos s ao quadrado sobre dois sigma-pequeno ao quadrado.»

«Valha-me Deus.» Rindo, verificando apressadamente a sala.

«É um velho ditado entre a minha gente.»

Jeremy sabe como lidar com *isso*. Roger é convidado para um jantar à noite, uma festa íntima e informal em casa do Stefan Utgarthaloki, um ex-membro da gerência das instalações da Krupp aqui em

Cuxhaven. «Pode trazer acompanhante, evidentemente», diz entre dentes o impaciente Beaver, «há por aí muitas NAAFIs jeitosas, a si não lhe seria muito difícil —»

«Informal quer dizer traje de salão, eh?» interrompe o Roger. Que pena, ele não tem nenhum. As perspectivas de ser preso hoje à noite são boas. Uma festa que inclui (a) uma figura da Operação Fogo Inverso, (b) um executivo da Krupp, tem de necessariamente incluir (c) pelo menos um ouvido para a boataria corporativa que já ouviu falar do Incidente Urinário no gabinete do Clive Mossmoon. Se o Roger ao menos soubesse o que o Beaver e os amigos dele *realmente* têm em mente!

Ele leva de facto acompanhante: o Marinheiro Bodine, que fez com que lhe trouxessem da Zona do Canal do Panamá (onde os trabalhadores das comportas os usam como uniforme, quais papagaios tropicais, em espantosas combinações de amarelo, verde, lavanda, vermelhão) um zoot suit de inacreditáveis proporções — as pontas das lapelas têm de ser *reforçadas com esteios de cabides* por se estenderam tanto para fora da borda do resto do fato — por baixo da sua camisa de cetim em roxo-sobre-roxo o garboso marujo traz na verdade um espartilho, que lhe comprime a cintura até umas 42 polegadas de silfo para permitir a drástica supressão do casaco, que então cai até aos joelhos do Bodine *com quíntupla abertura* em pregas ao jeito de um kilt que se prolongam para trás por cima do seu traseiro. As calças estão afiveladas por baixo dos sovacos e em baixo apertadas ao longo de uns vinte e cinco centímetros, pelo que ele tem de usar uns fechos de correr escondidos para conseguir passar por lá os seus pés. Todo o fato é azul, não um azul-de-fato, não — realmente AZUL: um *azul-de-tinta*. É imediatamente notado em qualquer sítio onde vá. Nos ajuntamentos, perturba a visão periférica, tornando impossível uma conversa de circunstância decente. É um fato que ou nos força a reflectir em questões tão primárias como a cor dele, ou a sentirmo-nos superficiais. Uma fatiota subversiva, justamente.

«Só tu e eu, parceiro?» diz o Bodine. «Isso não é a modos que um bocado curto?»

«Ouve», o Roger rindo-se insalubremente daquilo que acaba de lhe ocorrer, «nem sequer vamos poder levar aqueles grandes caralhos de borracha. Hoje à noite, teremos de usar a nossa *perspicácia*!»

«Digo-te uma coisa, vou é mandar alguém de mota até ao Putzi's, para nos arranjar por lá um bando de estafermos, e —»

«Sabes que mais? Tu perdeste a tua noção de aventura. Pois foi. Tu não costumavas ser assim, sabes.»

«Olha lá, colega», pronunciando isso em Dialecto da Marinha: *c'lega, «vá lá, c'lega. Põe-te no meu lugar.»*

«Até faria isso, se não fosse... *esse...* tom de amarelo nos sapatos —»

«Sou só um tipo humilde», o moreno infante das profundezas coçando a sua virilha em perseguição de um chato fugidio com um dedo encurvado, franzindo as volumosas pregas e o tecido das suas calças, «não passo de um miúdo sardento de Albert Lea, Minnesota, lá ao fundo da Estrada 69 onde o limite de velocidade não tem descanso a noite inteira, só a tentar sobreviver aqui p'la Zona, quando era um miúdo sardento usava um alfinete-de-ama espetado numa rolha a servir de fio de galena e ficava acordado a ouvir as vozes de costa a costa ainda eu nem tinha 10 anos e nenhuma delas alguma vez recomendou que eu me metesse nalguma dessas *guerras de quadrilhas*, *c'lega*. Dá graças por ‘inda seres um ingênuo do caralho, Rog, espera só ‘té veres o teu primeiro ataque de gangsters Europeus, eles gostam de usar 3 tiros: cabeça, estômago e coração. Topas essa do *estômago*? Por estas partes, o estômago não é nenhum órgão de segunda categoria, parceiro, e esse é um bom pensamento outonal p'ra se ter em mente.»

«Bodine, tu não desertaste? *Isto* é uma sentença de morte, não é?»

«Merda, eu consigo resolver *isto*. Mas sou só um dente da engrenagem. Não te ponhas a pensar que eu sei tudo. Eu só sei do meu ofício. Posso mostrar-te como lavar coca e analisá-la, sei apalpar uma pedra preciosa e dizer-te pela temperatura dela se é falsa — as falsas não chupam tanto calor do nosso corpo, «o vidro é um vampiro relutante», ditado antigo dos traficantes, e-e consigo detectar dinheiro falso tão depressa como um E numa tabela optométrica, tenho uma das melhores memórias visuais da Zona —» Portanto, o Roger arrasta-o dali para fora, em monólogo, no seu zoot suit, até à festarola da Krupp.

Ao chegar à porta, a primeira coisa em que o Bodine repara é naquele quarteto de cordas que está a tocar hoje à noite. Sucede que

o segundo violino é o Gustav Schlabone, frequente e indesejado parceiro de drogas do Säure Bummer, o «Capitão Horror», como é afectuosa, mas não incorrectamente conhecido pelos lados do Der Platz — e tocando a viola está o cúmplice do Gustav em deprimirem suicidariamente todos os que se encontrem num raio de 100 metros onde quer que eles apareçam (de quem são aquelas batidas e aqueles risos à *vossa* porta, Fred e Phyllis?), Andre Omnopon, o do plumoso bigode à Rilke e da tatuagem do Porky Pig na barriga (que está a tornar-se na coisa «mais em voga» ultimamente: até lá na Zona do Interior todas as subdebutantes Americanas acham que isso é de cair para o lado). Gustav e Andre são hoje à noite as Vozes de Dentro. O que é especialmente estranho por do programa constar o suprimido quarteto do Op. 76 de Haydn, o chamado Quarteto «Kazoo» em Sol Bemol Menor, cujo nome lhe advém do movimento *Largo, cantabile e mesto*, no qual as Vozes de Dentro são chamadas a tocar kazoos em vez dos seus instrumentos habituais, criando problemas de dinâmica ao violoncelo e ao primeiro violino, que são únicos na literatura. «Efectivamente, em certos pontos é preciso passar-se de um spicatto a um détaché», o Bodine falando rapidamente com um qualquer género de Esposa Corporativa no outro lado da sala enquanto ruma a uma mesa de bufete-livre com pilhas de hors d'oeuvres de lagosta e de sanduíches de capão — «menos arco, mais acima está a compreender, com suavidade — depois também há milhentas passagens de ppp-a-fff, mas apenas uma, aquela notória Uma, a ir para o outro lado...» Com efeito, uma das razões para a supressão da obra é esse uso subversivo do súbito atenuamento de fff para ppp. É o toque da errante sombra-som, o Brennschluss do Sol. Eles não querem pôr-nos a ouvir muito disso — pelo menos não da maneira em que Haydn o apresenta (um estranho lapso no comportamento do reverenciado compositor): violoncelo, violino, kazoos alto e soprano, todos eles folgando em conjunto numa melodia que soa como uma canção do filme *Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, «You Should See Me Dance the Polka», quando subitamente a meio de um ocasional compasso os *kazoos param completamente*, e as Vozes de Fora passam a dedilhar uma não-melodia que a tradição diz representar dois Idiotas da Aldeia do século XVIII vibrando os seus beiços inferiores. Um para o outro.

Prolonga-se por 20, 40 compassos, o pizzicato desse tolo, os Krupistas das filas do meio fazem ranger os cadeirões de veludo com pernas arqueadas, bibuhbuhbibuhbuh isto não soa nada a *Haydn*, Muttil! Representantes da ICI e da GE põem as respetivas cabeças em ângulo tentando ler à luz da vela os pequenos programas amorosamente escritos à mão pela parceira do Utgarthaloki na vida, *Frau Utgarthaloki*, ninguém sabe ao certo qual é o primeiro nome dela (o que é sempre uma ajuda para o Stefan, por isso os manter a todos na defensiva com ela). Ela é uma imagem loura da tua mãe morta: se alguma vez a viste travestida num dourado gasto, as bochechas curvando-se para longe demais, deformadas, as sobrancelhas demasiado escuras e os brancos demasiado brancos, alguma indiferença zero que no fim é verdadeiramente maligna no modo como Eles lhe distorceram o rosto, então conheces o aspecto: Nadine Slothrop imediatamente antes do seu primeiro martini está aqui, em espírito, nesta Kruppfest. Tal como está o filho dela Tyrone, mas somente porque agora — início de Virgem — ele se tornou um albatroz depenado. Depenado, raios — *despido*. Disperso por toda a Zona. É duvidoso que ele alguma vez possa voltar a ser «encontrado», no sentido convencional de «positivamente identificado e detido.» Somente penas... órgãos redundantes ou regeneráveis, «que nós seríamos tentados a classificar entre os «*Hydra-Phänomen*» se não fosse a completa ausência de hostilidade...» — Natasha Raum, «Regiões de Indeterminação na Anatomia do Albatroz», *Processos da Internacional Sociedade dos Confessos de um Entusiasmo por Albatrozes e sua Nosologia*, Inverno de 1936, grande pequena revista, eles chegaram mesmo a enviar um correspondente a *Espanha* nesse inverno, para cobrir isso, há edições inteiramente dedicadas a análises da economia mundial, todas elas claramente relevantes para os problemas de Nosologia dos Albatrozes — será que o chamado «Verme Nocturno» pertence ao Grupo Pseudo-Goldstrassiano, ou é ele propriamente considerado — sendo as indicações quase idênticas — uma forma mais insidiosa da Hebdomeríase de Mopp?

Bom, se a Contraforça conhecesse melhor o que tais categorias escondiam, eles poderiam estar em melhor posição para desarmar,

des-penisar e desmantelar o Homem. Mas não estão. Na verdade estão, mas não o admitem. É triste mas é verdade. Eles são tão esquizóides, tão dúplices na presença massiva do dinheiro, quanto qualquer um de nós, e é esse o duro facto. O Homem tem um escritório de delegação em cada um dos nossos cérebros, o emblema corporativo dele é um albatroz branco, cada representante local tem um disfarce conhecido como o Ego, e a missão deles neste mundo é a Grande Merda. Nós sabemos o que está a acontecer, e deixamo-lo prosseguir. Porquanto possamos vê-los, olhar para eles, para aqueles endinheirados massivos, de vez em quando. Desde que eles nos concedam um vislumbre, ainda que raramente. Nós precisamos disso. E como eles o sabem — com que frequência, sob que condições... Deveríamos andar a ver muita cobertura em revistas populares da ordem do A Noite Em Que Rog e Beaver Lutaram Por Jessica Enquanto Ela Chorava nos Braços da Krupp, e babarmo-nos para cima de cada foto desfocada —

Roger deve ter estado aqui a sonhar por um minuto com os suados serões do Thermidor: a fracassada Contraforça, os fascinantes ex-rebeldes, meio suspeitos mas gozando ainda de imunidade oficial e amor dissimulado, merecedores das câmaras onde quer que vão... uns condenados abortos de estimação.

Haverão de usar-nos. Nós ajudaremos à legitimação d'Eles, embora na verdade Eles não precisem disso, para Eles é só mais um dividendo, agradável mas não crítico...

Oh sim, mas será *exactamente* isso que Eles farão. Trazendo agora o Roger, nuns nada apropriados tempo e lugar aqui no seio da Oposição, enquanto o primeiro amor autêntico da sua vida vai ansiando somente chegar a casa e tirar mais uma bucha de esperma ao Jeremy para que eles cumpram a sua quota diária — no meio de tudo o que ele tem de andar (*ai, foda-se*) até à questão interessante, que é pior: viver como bicho de estimação d'Eles, ou morte? Não é uma pergunta que ele alguma vez se haja imaginado a fazer com seriedade. Chegou de surpresa, mas agora não há maneira de a mandar embora, ele realmente tem de decidir, e bastante depressa, plausivelmente depressa, para sentir o terror nas suas entranhas. Terror em que ele não consegue deixar de pensar. Tem de escolher entre a sua vida e a sua

morte. Deixar isso assentar por algum tempo não é compromisso algum, mas uma decisão de viver, nos termos d'Eles...

A viola é um fantasma, castanho granuloso, translúcido, a suspirar para dentro e para fora das outras Vozes. Abundam as alterações de dinâmica. Elevações imperceptíveis, intercalando notas conjuntamente ou preparando para mudanças de sonoridade, aquilo a que os alemães chamam «pausas de respiração», saltitam entre os fraseados. Talvez hoje à noite isso se deva ao modo como tocam Gustav e Andre, mas, ao fim de um certo tempo, o ouvinte começa de facto a ouvir as pausas em vez das notas — o ouvido dele é excitado tal como o nosso olho o fica ao olhar para um mapa de reconhecimento até as crateras das bombas se virarem do avesso para se tornarem biscoitos crescidos por cima da forma, ou as cordilheiras se dobrarem em vales, mar e terra cintilarem através de arestas mercuriais — pelo que os silêncios dançam neste quarteto. E-e esperem só até virem aqueles *kazoos!*

É essa a música de fundo para o que virá a transpirar. O ardil contra o Roger foi formulado com estremecente e frívolo contentamento. O Marinheiro Bodine é um bónus inesperado. Entrar para o jantar torna-se uma procissão sacerdotal, cheia de gestos e entendimentos secretos. É uma refeição muito elaborada, segundo o menu, cheia de relevés, poissons, entremets. «O que é este “Überraschung-braten” aqui?» pergunta o Marinheiro Bodine à sua companheira de jantar do lado direito, Constance Flamp, farejadora de notícias descuidadamente vestida de caqui e queridinha com voz grossa de todos os GIs entre Iwo e Saint-Lô.

«Ora, é me'mo o qu'aí diz, Marujo», responde a «Connie Comando», «iss'em alemão quer d'zer “assado surpresa”.»

«Tou a ver», diz Bodine. Ela fez — porventura sem querer — uns gestos com os olhos — talvez, Pointsman, haja algo como um reflexo-de-ternura (quantos homens novos viu ela serem abatidos desde '42?) que de vez em quando, também para além do Zero, sobrevive à extinção... Bodine olha para o fundo da mesa, passando por dentes corporativos e unhas envernizadas, passando por talheres pesados com monograma e, pela primeira vez, repara num fosso de pedra para churrascos, com dois espertos de ferro preto operados

à mão. Serviçais com suas librés de antes da guerra estão atarefados a dispor camadas de papéis rasgados (antigas directivas do SHAEF, sobretudo), acendalhas, toros de pinho esquartejados e carvão, voluptuosos pedaços luzidios com o tamanho de um punho e do tipo que outrora deixava corpos pelas margens dos canais acima e abaixo, outrora, durante a Inflação, quando efectivamente se defendia aquele querido de um modo tão mortal, imagine-se... À beira do fosso, com Justus prestes a acender o pavio, enquanto Gretchen tempra elegantemente o combustível com xileno de GI trazido desde as docas, o Marinheiro Bodine observa a cabeça do Roger, sendo segura por quatro ou seis mãos em posição invertida, os lábios sendo separados dos dentes e o alto das gengivas já exangues e brancos como um crânio, enquanto uma das criadas, uma irrequieta, torturável criada nova no seu ar clássico de cetim-e-rendas, lhe escova os dentes com pasta dentífrica Americana, raspando cuidadosamente as manchas de nicotina e o tártaro. *Os olhos de Roger estão tão doridos e implorantes...* Em redor, os convivas estão a cochichar. «Que engracado, o Steven até pensou em queijo de cabeça!» «Oh, não, é numa outra parte que *eu* estou à espera de fincar os meus dentes...» risinhos, respirações arfantes, e o que está aquele par de azulíssimas calças pregueadas todas rasgadas... e o que é isto que mancha o casaco, e o que, lá no espeto, avermelhando-se numa crosta luzidia de gordura, está a girar, cujo rosto está prestes a surgir no termo da rotação, ora é —

«Não há ketchup, não há ketchup», o hirsuto casaco-azul vassourlhando agitadamente os galheteiros e as salvas, «parece que não há... mas afinal que raio de sítio é este, *Rog*», berrando lá para o fundo de esgueira através de sete rostos inimigos, «ó, c'lega encontraste algum *ketchup* aí em baixo?»

Ketchup é um termo de código, pronto —

«Estranho», responde Roger, que claramente já viu exactamente o mesmo ao fundo do fosso, «*eu ia agora mesmo fazer-te* a mesma pergunta!»

Estão a sorrir um para o outro como doidos. As auras deles, para que conste, são verdes. A sério. Desde o Inverno de '42, num comboio no meio de uma borrasca do Atlântico Norte, com accidentais toneladas de munições de 5 polegadas a rebolarem por todo o lado

no navio, a alcateia dos lobos Alemães derrubando invisivelmente navios irmãos à direita e à esquerda, nos Postos de Combate dentro da posição 51 ouvindo o Pappy Hod contar anedotas sobre desastres, anedotas realmente engracadas, toda a equipagem do canhão histericamente agarrada à barriga, mal conseguindo respirar — desde essa ocasião que o Marinheiro Bodine não se sentia tão animado entre as boas hipóteses de morte.

«Grande cenário, huh?» brada ele. «Excelente comida!» A conversação tornou-se quase silenciosa. Rostos polidamente educados estão a virar-se. Chamas saltam no fosso. Não são «chamas sensíveis», mas, caso o fossem, poderiam ter sido capazes de detectar a presença do Brigadeiro Pudding. Ele é agora um membro da Contraforça, por cortesia de Carroll Eventyr. Cortesia está correcto. As sessões com o Pudding são pelo menos tão penosas quanto as antigas Súmulas Semanais lá na «Visitação Branca». O Pudding até fala mais do que quando estava vivo. Os participantes nas sessões começaram a queixar-se: «*Nunca* nos iremos ver livres dele?» Mas foi através da devoção de Pudding ao chalacismo culinário que se congregou o seguinte estratagema repulsivo.

«Oh, não sei», o Roger elaboradamente casual, «parece que não consigo encontrar nenhuma *migas de monco* no menu...»

«Pois é, a mim o que me apetecia era um pouco daquele *pudim de pus*. Achas que ainda haverá disso?»

«Não, mas talvez haja um suflé de sarro!» grita Roger, «com acompanhamento de — *marmelada menstrual!*»

«Bom eu estou de olho naquele rico e suculento estufado de esmegma!» sugere o Bodine. «E que tal uma *caçarola de coágulos?*»

«Ouça cá», murmura uma voz, indeterminada quanto a sexo, mais adiante na mesa.

«Nós conseguíamos planear uma refeição melhor que *esta*», o Roger acenando com a ementa. «Começava-se com pipiretes de placenta, talvez umas pequenas *sanduíches de sarna* muito jeitosas com as crostas aparadas evidentemente... o-ou biscoitos de burriés! Mmm, sim, cobertos com maionese de muco? e encimados com um suculento pedaço de linguiça de limo...»

«Oh *estou a ver*», diz a Connie Comando, «tem de ser *aliterativo*. E que tal... mm... *delícias de descarga?*»

«Já estamos a tratar das sopas, miúda», diz o sereno Marinheiro Bodine, «por isso, permitam-me que sugira um consommé de cancro, ou talvez um bouillon de bolsado.»

«Vichyssoise de vômito», diz a Connie.

«Pode ser.»

«Salada de cistos», prossegue Roger, «com alegres quadradinhos vermelhos de aspic de aborto, temperados com uma subtil camada de caspa.»

Ouve-se o som de uma regurgitação bem-educada, e um gestor regional de vendas da ICI afasta-se à pressa, esguichando um longo crescente de vômito bege e grumoso que borrrifa o soalho em parqué. Estão a ser levantados guardanapos diante dos rostos ao longo de toda a mesa. Pousam-se os talheres, pratas circundando os campos de branco, há aqui de novo uma intrigante indecisão, tal como no gabinete do Clive Mossmoon...

E lá seguimos nós, entre fondue de flatos (bolhas de gás anal habilmente colocadas ascendendo lentamente através de uma rica viscosidade de queijo, yummm), blintzes de bosta, Vegetais Venéreos em condimentos de cuspo...

Um kazoo pára de tocar. «Vol-au-vent de verrugas!» grita Gustav.

«Panquecas de piolhos, com sucos de suor», acrescenta Andre Omnopon, quando Gustav recomeça a tocar, tendo as Vozes de Fora entretanto parado em confusão.

«E barradas com um lardeado de lombrigas», murmura o violoncelista, que não desgosta do seu bocadito de diversão.

«Açorda de almorreimas», a Connie batendo com a sua colher em deleite, «*tortilha de tripas!*»

Frau Utgarthaloki põe-se de pé num salto, fazendo tombar uma travessa de furúnculos fermentados — *peço desculpa*, não, são ovos recheados — e corre para fora da sala, soluçando tragicamente. O seu suave marido metálico também se levanta e segue-a, lançando aos causadores da perturbação uns olhares viris que prometem morte certa. Um discreto odor a vomitado começou a erguer-se através da toalha de mesa dependurada. Os risos nervosos há muito se transformaram em sussurros de má-língua.

«Uma selecção de goulash de gangrena, ou então um esplêndido, branco e cremoso *lanchinho de lepra*», o Bodine em ligeira cançoneta «lan-chi-nho [descendo uma terça] de lepra», importunando jocosamente os renitentes, abanando um dedo, vá lá seus marotos, vomitem pr'o homem do belo zoot suit...

«Fricassé de fungos!» berra Roger o Rufião. Jessica está a chorar no braço do Jeremy, o seu cavalheiro, o qual a escolta, de braço hirto, abanando a cabeça perante a loucura do Roger, para longe dali e para sempre. Será que o Roger tem neste instante um segundo de dor? Sim. Pois claro. Também vós o teríeis. Poderíeis até questionar o valor da vossa causa. Mas há massa de moncos para ser servida amanteigada e fumegante, farófias de fuligem e papas de pústulas para servir à concha nas tigelas de uma fanhosa geração de futuros executivos, pãezinhos púbicos para serem levados em carrinhos até aos terraços manchados pelo céu de holocausto ou irem enrijecendo com o Outono.

«Costeletas de carbúnculo!»

«Com *vinagre de virilha*!»

«E tempero de tinhal!»

Lady Mnemosyne Gloobe está a ter um ataque de qualquer tipo, tão violento que o colar dela se parte e as pérolas correm ruidosamente pela sedosa toalha de mesa. Reina uma perda de apetite geral, para nem mencionar franca náusea. As chamas do fosso esmoreceram. Não há gordura que as alimente hoje à noite. Sir Hannibal Grunt-Gobbinette está a ameaçar, entre espasmos da bile amarela que lhe sai espumando pelo nariz, levar o assunto ao Parlamento. «Ainda vos hei-de ver aos dois presos lá em Scrubs nem que isso me matel!» Bom...

Um gentil, precário sapato bailarino do lado de fora da porta, o Bodine a acenar o seu chapéu de gangster com aba larga. Ta-ta, minha gente. O único conviva ainda sentado é a Constance Flamp, que continua a urrar possibilidades para a sobremesa: «Custarda de cuspo! Encharcada de escarro! Muffins de mísio!» O inferno com que ela se confrontará amanhã. Poças disto e daquilo reluzem pelo chão como miragens aquáticas na Sexta Antecâmara para o Trono. Gustav e o resto do quarteto abandonaram Haydn e estão todos saindo pela

porta atrás do Roger e do Bodine, com kazoos e cordas acompanhando o Desgostante Dueto:

Oh dêem-nos um pouco dessa acne, à-la-mode,
Come-se tanto-disso, Ah qu'até s'ex-plode!
Ouve cá ó c'lega só quem cá fica se banqueteia, com
Charlotes de chulé e Delícias de Diarreia...

«Tenho de dizer-vos uma coisa», o Gustav sussurrando apressadamente, «sinto-me mal por causa disso, mas talvez vocês não queriam pessoas como eu. Estão a ver... é que eu fui da Tropa de Choque. Há muito tempo. Sabem, como o Horst Wessel.»

«E então?» o Bodine está a rir-se. «Eu se calhar fui um G-Man Júnior do Melvin Purvis.»

«Um quê?»

«Do Post Toasties.»

«De quem?» O Alemão na verdade pensa que Post Toasties é o nome de algum Führer Americano, vagamente parecido com o Tom Mix ou algum outro vaqueiro com lábios compridos e arreios na queixada.

O último mordomo negro abre a última porta para o exterior, e foge hoje à noite. «Bolo de borbulhas com cobertura de caca, cavalheiros», diz ele com um gesto de cabeça. E do outro lado do alvorecer, consegue ver-se um sorriso.



Dentro da sua mochila, a Geli Tripping traz consigo alguns restos de unhas dos pés do Tchitcherine, um cabelo grisalho, um pedaço de lençol com vestígios do esperma dele, tudo isso embrulhado num lenço de seda branca, ao lado de um pedaço de raiz de Adão-e-Eva e de um naco de pão cozido com o trigo em que ela se rebolou nua e que moeu de frente para o sol. Deixou de cuidar do seu rebanho de sapos nas encostas das bruxas e passou a varinha branca a uma outra aprendiza. Partiu em busca do seu galante Átila. Existem agora na Zona uns bons centos destas mulheres novas que estão

a cometidas de amor pelo Tchitcherine, todas elas astutas como raposas, mas nenhuma efectivamente tão teimosa quanto a Geli — e nenhuma delas são bruxas.

Pelo meio-dia, ela chega a uma casa rural com um chão de azulejos azuis e brancos na cozinha, umas elaboradas travessas em porcelana antiga, penduradas como se fossem pinturas, e uma cadeira de balouço. «Tem alguma fotografia dele?» a velha estendendo-lhe um pequeno prato metálico da tropa com os restos do seu Bauernfrühstuck matinal. «Posso dar-lhe um feitiço.»

«Por vezes, consigo trazer o rosto dele a uma chávena de chá. Mas as ervas têm de ser apanhadas com muito cuidado. Ainda não estou muito boa nisso.»

«Mas está apaixonada. A técnica é só um substituto para quando ficamos mais velhas.»

«Porque não ficar sempre apaixonada?»

As duas mulheres observam-se uma à outra entre a cozinha solarenga. Armários com painéis de vidro brilham nas paredes. Abelhas zunem do lado de fora das janelas. Geli vai lá fora bombear alguma água do poço, e elas fazem um estranho chá de folhas de morangueiro. Mas o rosto do Tchitcherine não aparece.

Na noite em que os pretos iniciaram a sua grande caminhada, Nordhausen parecia a cidade de um mito, sob ameaça de alguma destruição especial — submersão por um lago de cristal, lava vinda do céu... por uma noite, o sentido de preservação foi ali perdido. Os pretos, tal como os foguetes no Mittelwerke, tinham dado continuidade a Nordhausen. Agora os pretos foram-se embora: a Geli sabe que eles estão em rota de colisão com o Tchitcherine. Ela não quer duelos. Os rapazes universitários que façam duelos. Ela quer o seu grisalho bárbaro de aço bem vivo. Não suporta pensar que poderá já o ter tocado, sentido as mãos dele cheias de cicatrizes e de história, pela última vez.

Por detrás, impelindo-a, está a sonolência do povoado e, de noite, — as estranhas noites canarinhas do Harz (em que traficantes de canários andam a injectar aves femininas com hormonas masculinas para elas cantarem por tempo suficiente até serem vendidas aos tanços estrangeiros que ocupam a Zona) — cheia de demasiados feitiços, rivalidades de bruxas, políticas de coventículo... ela sabe que não

é disso que trata a magia. A Hexes-Stadt, com as suas montanhas sagradas tosadas em pálidos círculos nos seus verdes rostos pelas pequenas cabras amarradas, transformou-se apenas em mais uma capital, onde o único cometimento é a administração — a sensação ali é a de se estar no piso de cima do sindicato dos músicos — nenhuma música, somente divisórias em tijolo de vidro, escarradores, plantas de interior — não restaram nem bruxas *praticantes*. Ou se chega ao complexo do Brocken com uma carreira burocrática em vista, ou o abandonamos, e optamos pelo mundo. Existem esses dois tipos distintos de bruxa, e a Geli é do género das que optam pelo Mundo.

Aqui está o Mundo. Ela traz umas calças cinzentas de homem enroladas até ao joelho, que se lhe enfunam nas ancas enquanto caminha pelos campos de centeio... caminhando, com a cabeça baixa, afastando com frequência os cabelos dos olhos. Por vezes, aparecem soldados, e dão-lhe boleias. Ela ouve notícias do Tchitcherine, do Schwarzkommando em migração. Se achar adequado, ela até fará perguntas sobre o Tchitcherine. A variedade de boatos surpreende-a. *Eu não sou a única a amá-lo...* embora o amor *deles* seja evidentemente amigável, admirativo, não-sexual... Geli é a única na Zona que o ama completamente. Tchitcherine, conhecido em certos círculos como «o Drogado Vermelho», está prestes a ser alvo de purga: o emissário é nada menos que o principal homem do Beria, o sinistro N. Ripov em pessoa.

Tretas, o Tchitcherine já está morto, não ouviste dizer, ele já morreu há meses...

... puseram alguém a fazer-se passar por ele até terem tratado da saúde a todos os do seu Bloco...

... não, ele veio até Lüneburg no último fim-de-semana, o meu amigo já o tinha visto antes, não há dúvida, era ele...

... ele perdeu muito peso e leva sempre guarda-costas para onde quer que vá. Pelo menos uma dúzia. Orientais na sua maioria...

... completamento equipados com o Judas Iscariote, sem dúvida. *Isso* já é difícil de acreditar. Uma dúzia? Onde é que alguém encontra tanta gente em quem possa confiar? Especialmente quem anda sempre no limite, como ele —

«Qual limite?» Eles vão tagarelando na parte de trás de um camião de 2 ½ toneladas entre um terreno muito verde e ondulado... uma tempestade está a soprar um roxo mudo, raiado de amarelo, por detrás deles. Geli tem estado a beber vinho com esta vil corja de soldados britânicos, uma equipa de demolição que tem andado o dia inteiro a desimpedir canais. Cheiram a creosoto, lama de pântano, à amónia da dinamite.

«Bom *vocês* sabem o que ele anda a fazer.»

«Os foguetes?»

«Eu não quereria estar no lugar dele, só isso.»

No cimo de uma colina, uma equipa de reconhecimento do exército está a restaurar uma estrada danificada. Uma silhueta inclina-se para espreitar uma mira, outra segura uma estaca. Um pouco afastado do homem do instrumento, um outro engenheiro está postado com os seus braços abertos e esticados de ambos os lados, a cabeça dele desloca o seu ponto de vista ao longo de cada mão apontada, depois os braços dele juntam-se... se fecharmos os olhos, e aprendermos a fazer com que os nossos braços se mexam sozinhos, os nossos dedos tocar-se-ão em perfeito ângulo recto desde o ponto em que estavam... Geli observa aquele minúsculo acto: é devoto, gracioso e ela *sente a cruz* que o homem fez no seu próprio círculo de terra visível... inconscientemente uma mandala... é um sinal para ela. Ele está a indicar-lhe o caminho. Mais ao final desse anoitecer ela vê uma águia voando sobre os pauis, na mesma direcção. É de um dourado-escuro, quase noite. A região é erma e Pā está muito próximo. Geli já foi a suficientes Sabbaths para saber lidar com isso — pensa ela. Mas o que é a azulada mordedura de um demónio no rabo para o gritante exterior, para pétreia ressonância, onde não há bem nem mal, lá nos espaços luminosos para onde Pā a levará? Estará ela já pronta para algo de tão real? A lua ergueu-se. Ela está sentada agora, no mesmo sítio em que avistou a águia, à espera, à espera que algo venha e a leve. Alguma vez esperaste por *isso*? pensando se aquilo virá de fora ou de dentro? Superando por fim as fúteis adivinhas do que poderia suceder... tornando de vez em quando a apagar o cérebro para que ele se mantenha limpo para a Visita... sim não era perto daqui? lembras-te não fugiste à socapa do campo para ter um momento a sós com Aquilo que sentias agitar-se sobre a terra... era

o equinócio... verde primavera noites iguais... há desfiladeiros abrindo-se, lá no fundo há fumarolas de vapor, cozendo a vida tropical dali como legumes numa panela, perfume entorpecente, fétido, um capuz de cheiro... a consciência humana, essa pobre aleijada, essa coisa deformada e condenada, está prestes a nascer. Este é o Mundo logo anterior aos homens. Demasiado violentamente acometido de vida em constante fluxo para que alguma vez seja visto pelos homens directamente. Eles estão destinados a somente o verem morto, em estratos imóveis, transputrefactos em petróleo ou carvão. Vivo, era uma ameaça: era Titãs, era um sobrepico de vida tão clangorosa e louca, uma tal coroa verde por cima do corpo da Terra que algum saqueador *tinha* de ser chamado até cá antes que aquilo despedaçasse toda a Criação. Por isso nós, os mutilados guardiões, fomos espalhados para que nos reproduzíssemos, para que tivéssemos domínio. Os saqueadores de Deus. Nós. Contra-revolucionários. *A nossa missão é promover a morte.* O modo como matamos, o modo como morremos, sendo únicos entre as Criaturas. Era algo em que tínhamos de trabalhar, historicamente e pessoalmente. Para erigir desde a base até ao seu presente estatuto enquanto reacção, quase tão forte como a vida, que reprime a verde insurreição. Mas somente quase tão forte.

Somente quase, devido ao ritmo de defecções. Alguns continuam a ir todos os dias até aos Titãs, na sua esforçada subcriação (como pode a carne revolver-se e fluir tanto, e jamais ser menos bela?), até aos repousos da Morte das canções do folclore (vazias salas de pedra), saindo, e cruzando, e passando por baixo da rede, cada vez mais para baixo rumo à insurreição.

Em ecos de ásperos contornos, os Titãs agitam-se lá em baixo. Eles são todas as presenças que não deveríamos estar a ver — deuses do vento, deuses do alto do monte, deuses do crepúsculo — que aprendemos a evitar para que não olhemos mais longe, embora bastantes de nós o façam, deixem as vozes eléctricas d'Eles para trás ao anoitecer na entrada da povoação e se movam para o manto constantemente apartado do restolho do nosso passeio nocturno.

De súbito, Pã — saltando — o seu rosto belo demais para ser fitado, bela Serpente, os anéis dele em volutas de arco-íris no céu — para os seguros ossos do pavor —

Não vás a pé para casa à noite pelo terreno deserto. Não entres na floresta quando a luz está demasiado baixa, nem sequer muito ao fim da tarde — aquilo há-de apanhar-te. Não te sentes assim junto à árvore, com tua face encostada à casca. À luz deste luar é impossível ver se és macho ou fêmea agora. O teu cabelo derrama-se, num branco prateado. O teu corpo por baixo dos panos cíntenos está tão exactamente vulnerável, tão fadado para a degradação uma e outra vez. E se ele acordar e descobrir que te foste embora? Ele é agora sempre o mesmo, acordado ou adormecido — jamais abandona o sonho único, já não há mais diferenças entre os mundos: para ele tornaram-se um só. Thanatz e Margherita poderão ter sido as últimas ligações dele com o antigo. Poderá ter sido por isso que eles ficaram tanto tempo, era o desespero dele, ele queria aguentar, precisava deles... mas quando olha para eles agora já não os vê com tanta frequência. Eles estão também a perder a realidade que trouxeram até aqui, tal como o Gottfried perdeu toda a sua para o Blicero há muito tempo. Agora o rapaz move-se de imagem para imagem, de sala para sala, por vezes para fora da accção, por vezes como parte dela... seja o que for que ele tenha de fazer, fá-lo. O dia tem a sua lógica, as suas necessidades, não há maneira de ele as alterar, as deixar, ou viver fora delas. Está indefeso, está abrigado a bom recato.

É só uma questão de semanas, e tudo estará acabado. A Alemanha terá perdido a guerra. As rotinas prosseguem. O rapaz não consegue imaginar nada para além da última rendição. Se ele e o Blicero forem separados, o que sucederá ao curso dos dias?

Irá o Blicero morrer *não por favor não deixes que ele morra...* (Mas morrerá.) «Tu irás sobreviver-me», sussurra-lhe ele. Gottfried ajoelha-se a seus pés, usando a coleira. Ambos estão com roupas militares. Passou-se muito tempo desde que algum deles se vestiu de mulher. Hoje à noite é importante que ambos sejam homens. «Ah, tu és tão presunçoso, meu sacaninha...»

É apenas mais um jogo não é, mais uma desculpa para uma chibatada? Gottfried mantém-se calado. Quando o Blicero quer uma resposta, diz-lho. Sucede com frequência que ele apenas queira falar, e isso pode prolongar-se por horas. Nunca ninguém falou anteriormente ao Gottfried, pelo menos desta maneira. O pai dele só proferia

ordens, sentenças, juízos absolutos. A mãe dele era emocional, uma grande torrente de amor, frustração e terror secreto passaram para si a partir dela, mas na verdade eles nunca falavam. Isto é tão mais-que-real... ele sente que tem de guardar cada palavra, que nenhuma delas se deve perder. As palavras do Blicero tornaram-se preciosas para si. Compreende que o Blicero quer dar, sem esperar nada em troca, dar aquilo que ele ama. Ele acredita que existe para o Blicero, ainda que todos os outros tenham cessado de existir, que no novo reino pelo qual eles passam agora, ele é o único outro habitante vivo. Era por isto, para isto, que ele esperara ser levado? A semente do Blicero, a ejectar-se para o envenenado estrume das suas entradas... é dissipaçāo, sim, futilidade... mas... tal como homem e mulher, em cōpula, são sacudidos até aos dentes pelas suas aproximações aos portões da vida, não sentiu também ele mais, veneravelmente mais após aqueles arranjos para a penetração, o estilo, trajos de flagelação sem paixão, camisaria transparente tão perecível como a pele de uma cobra, grilhões feitos à medida e correntes para representaram a servidão que ele sente no seu coração... tudo se tornava teatro quando ele se aproximava dos portões daquele Outro Reino, sentia os gigantescos açaiamos brancos algures dentro de si, bestas sem expressão immobilizadas em branco, empurrando-o para longe, o zumbido de mistério de crosta e manto tão para além da sua pobre audição... também têm de haver esses, amantes cujos genitais *são* consagrados à merda, aos términos, às noites desesperadas nas ruas quando a conexão procede para fora de todo o controlo pessoal, procede ou falha, um ajuntamento de caídos — tantos em actos de morte como em actos de vida — ou uma sentença de ficar sozinho por mais uma noite... Irão eles ser negados, deixados para trás, todos eles?

Nas suas aproximações a isso, levado para dentro uma e outra vez, o Gottfried apenas pode tentar manter-se aberto, descontrair o esfíncter da sua alma...

«E às vezes sonho com descobrir a aresta do Mundo. Descobrir que *existe* um fim. A minha genciana de montanha sempre soube. Mas tanto que isso me custou.

«A América *era* a aresta do Mundo. Uma mensagem para a Europa, do tamanho de um continente, inescapável. A Europa havia encontrado sítio para o seu Reino da Morte, aquela Morte especial que

o Ocidente inventara. Os selvagens tinham as suas regiões desérticas, Kalaharis, lagos tão brumosos que eles nem conseguiam avistar-lhes o outro lado. Mas a Europa fora mais fundo — para a obsessão, a compulsão, para longe de todas as inocências selvagens. A América era uma dádiva dos poderes invisíveis, um modo de retorno. Mas a Europa recusou-a. Não foi o Pecado Original da Europa — o nome mais recente para isso é Análise Moderna — mas sucede que o Pecado Subsequente é mais difícil de expiar.

«Na África, Ásia, Ameríndia, Oceânia, a Europa chegou e estabeleceu a sua ordem de Análise e Morte. Aquilo que não podia usar, matava ou alterava. Com o tempo, as colónias-de-morte tornaram-se suficientemente fortes para se libertarem. Mas o impulso para império, a missão de propagar a morte, a estrutura dela, continuou. Agora estamos na última fase. A Morte Americana veio ocupar a Europa. Aprendeu o império a partir da sua antiga metrópole. Mas agora temos *apenas* a estrutura que nos foi deixada, nada das grandes plumas de arco-íris, nenhumas enfeites de ouro, nenhuma marchas épicas sobre mares alcalinos. Os selvagens de outros continentes, corrompidos mas resistindo ainda em nome da vida, persistiram apesar de tudo... enquanto a Morte e a Europa estão separadas como sempre, o amor delas ainda por consumar. Só a Morte governa aqui. Jamais, em amor, ela se tornou *uma com...*

«Estará o ciclo agora concluído, e um novo prestes a começar? A nossa nova Aresta, o nosso novo Reino da morte, será a Lua? Sonho com uma grande esfera de vidro, oca e muito alta e distante... os colonos aprenderam a funcionar sem ar, há vácuo por dentro e por fora... é sabido que os homens jamais regressarão... todos eles são homens. Há maneiras de regressar, mas tão complicadas, tão à mercê da linguagem, que a presença de novo na Terra é somente temporária, e nunca «real»... as passagens lá por fora são perigosas, as hipóteses de queda muito luzidias e profundas... A gravidade domina tudo até à fria esfera, há sempre o perigo de cair. Dentro da colónia, o punhado de homens tem um aspecto gélido, quase que nem sólido, não mais vivo que memórias, nada para tocar... somente as imagens remotas deles, imagens em película a preto-e-branco, granulosas, quebradas ano após geado ano nas alvas latitudes, na colónia vazia, com meras visitas infrequentes do acidental, como eu...

«Gostava de conseguir recuperar tudo isso. Aqueles homens haviam outrora suportado um dia trágico — ascensão, fogo, fracasso, sangue. Os eventos desse dia, há tanto tempo, haviam-nos posto em exílio para sempre... não, eles não eram na realidade homens do espaço. Por lá, eles queriam mergulhar entre os mundos, caírem, virem-se, estenderem-se e balouçarem em jornadas curvadas através das luzidias, através das invernosas noites do espaço — os sonhos deles eram de *rendez-vous*, de cósmicos actos de trapézio executados em solidão, em graça estéril, em conhecimento certo de que ninguém estaria jamais a olhar, de que os entes queridos se haviam perdido para sempre...

«As conexões por que eles ansiavam seriam sempre falhadas por triliões de obscuros quilómetros, por anos de gélido silêncio. Mas eu queria trazer-te a história. Lembro-me de que costumavas segredar-me até adormecer histórias de irmos um dia viver na Lua... já superaste isso agora? Estás muito mais velho. Consegues sentir no teu corpo até que ponto te infectei com a minha morte? Eu estava destinado a isso: quando chega um certo tempo, acho que todos nós estamos destinados a isso. Os pais são os portadores do vírus da Morte, e os filhos são os infectados... e, para que a infecção possa ser mais certa, a Morte na sua habilidade conseguiu tornar o pai e o filho tão belos um para o outro quanto a Vida o fez a macho e fêmea... oh Gottfried pois claro sim tu és belo para mim mas eu estou a morrer... quero passar por isso tão honestamente quanto puder, e a tua imortalidade desfaz-me o coração — não consegues ver porque quereria eu destruir isso, oh essa *estúpida claridade* nos teus olhos... quando te vejo nas paradas da manhã e da tarde, tão aberto, tão pronto a tomar a minha doença e a albergá-la, a albergá-la dentro do teu pequeno e ignorante amor...

«Do teu amor.» Ele abana a cabeça diversas vezes. Mas também os olhos dele estão perigosamente espaçados para além das palavras, irreversivelmente aturdidos para longe do Gottfried real, para longe dos débeis, dos fracassados odores a hálito real, por barreiras severas e límpidas como gelo, e desesperadas como o fluxo unívoco do tempo Europeu...

«Quero romper com isto — sair deste ciclo de infecção e morte. Quero ser arrebatado em amor: tão arrebatado que tu e eu, e a morte, e a vida, se juntem, inseparáveis, na radiância daquilo em que nos tornariámos...»

Gottfried ajoelha-se, tolhido, à espera. *Blicero está a olhar para ele.* Profundamente: o rapaz nunca lhe viu a cara assim tão branca. Um cru vento primaveril sacode a lona da tenda deles. É quase ocaso. Daí a um instante, o Blicero tem de sair para recolher os relatórios da noite. As mãos dele repousam junto a um monte de pontas de cigarro num tabuleiro da messe. Os seus miópicos olhos de bruxo, através das lentes espessas, poderão estar a olhar para os do Gottfried pela primeira vez. Gottfried não consegue desviar os seus. Ele sabe, de alguma maneira, incompletamente, que tem de tomar uma decisão... que o Blicero espera algo de si... mas o Blicero sempre tomou as decisões. *Porque está ele subitamente a pedir...*

Tudo se apruma aqui. Passagens de rotina, ainda suficientemente convincentes, ainda arrebanhando-nos através do tempo... os foguetes de ferro lá fora à espera... o nascimento-grito da mais recente primavera rasgado ao longo de chuvosos quilómetros de Saxónia, bermas de estradas pejadas de últimos invólucros, engrenagens desfeitas, rolamentos apreendidos, peúgas e roupa interior apodrecidas agora fragrantes a fungos e a lama. Se ainda há alguma esperança aqui para o Gottfried neste momento sacudido pelo vento, então há esperança alhures. A própria cena deverá ser lida como uma carta: o que está por vir. Seja o que for que tenha acontecido desde então às figuras que estão nela (rudemente desenhadas em branco encardido, cinzento militar, parcias como um gatafunho numa parede arruinada) isso está preservado, embora não tenha nome, e, tal como O Louco, nenhuma tarefa certa no baralho.



Eis Enzian varejando o seu foguete novinho em folha através da noite. Quando chove, quando a bruma é pesada, antes que os do turno consigam cobri-lo inteiramente com os encerados, vê-se que a lustrosa pele do foguete se tornou de ardósia escura. Talvez, afinal, mesmo antes do disparo, ele venha a ser pintado de negro.

É o 00 001, o segundo da sua série.

Altifalantes Russos no outro lado do Elba têm chamado por ti. Boatos Americanos têm vindo bailar para junto dos lumes à noite e convocado, avessos ao terreno das tuas esperanças, os amarelos desertos Americanos, Índios Vermelhos, céu azul, verdes cactos. Como te sentiste a respeito do antigo Foguete? Não agora que ele está a dar-te segurança laboral, mas naquela altura — ainda te lembras de como era ter de empurrá-los à mão sobre os rodados até cá fora, uma dúzia de vós naquela manhã, uma guarda de honra no simples encontro dos vossos corpos com a inércia dele... todos os vossos rostos afogando-se no mesmo olhar altruísta — os franzidos da personalidade a amaciarem-se, a amaciarem-se, cada alteamento da ondulação um pouco mais desfocado até tudo se haver transformado em subtils matizes de nuvem — todos ódio, todos amor, varridos pela curta distância em que tivestes de o empurrar sobre a berma invernal, homens envelhecidos com casacões balouçando abaixo do alto das vossas botas, bafos em alvos repuxos soltando-se tão turbulentos quanto as ondas atrás de vós... Para onde ireis todos? Que impérios, que desertos? Acariciastes o corpo dele, bruto, gélido através das vossas luvas, aqui todos juntos sem vergonha nem reticência vós os doze vos esforçastes, em amor, nesta costa do Báltico — não Peenemünde porventura, não a Peenemünde oficial... mas outrora, há anos... rapazes com camisolas brancas e coletes escuros e bonés... numa praia qualquer, uma estância infantil, quando éramos mais novos... na Plataforma de Testes VII a imagem, por fim, que não pudeste abandonar — o modo como o vento cheirava a sal e a morte, o som da rebentação invernal, a premonição de chuva que conseguias sentir na parte de trás do teu pescoço, agitando os cabelos tosquiados... Na Plataforma de Testes VII, o sacro local.

Mas todos os homens novos envelheceram, e há pouca cor na cena... estão a avançar contra o sol, o brilho apanha-os pestanejando e sorrindo, tão luminosos aqui quanto o turno da manhã na Siemens com os centauros debatendo-se no alto da parede, o relógio sem numerais, bicicletas guinchando, marmitas e lancheiras e os rostos apontados para baixo dos obedientes fluxos de homens e mulheres

arrastando os pés em direcção àquelas aberturas escuras... assemelha-se a um Daguerreótipo tirado à Raketen-Stadt inicial por um fotógrafo esquecido em 1856: foi esta, com efeito, a imagem que o matou — morreu uma semana mais tarde por envenenamento com mercúrio após ter inalado fumos do metal aquecido no seu estúdio... bom, ele era um habitué dos fumos de mercúrio em doses moderadas, sentia que aquilo lhe fazia algum bem ao cérebro, e isso poderá explicar imagens como «Der Raketen-Stadt»: ela mostra, a partir de uma altura que é topograficamente impossível na Alemanha, a Cidade ceremonial, dividida em quatro tal como seria de esperar, uma fantástica precisão em todas as linhas e sombras arquitecturais e humanas, construída em forma mandálica como uma aldeia Herero, acima dela um céu magnífico, mármore levado a uma vastidão de alvas vagas e incandescências... parece haver construção, ou demolição, a decorrer em várias partes da Cidade, pois nada aqui permanece o mesmo, podemos ver o suor em gotas individuais nos escuros pescoços dos operários enquanto eles labutam naquelas caves encharcados até aos ossos... um saco de cimento rompeu-se e os seus grãos separados pendem à luz... a Cidade estará sempre a mudar, novas marcas de pneus no pó, novos invólucros de cigarros no lixo... as alterações de engenharia no Foguete criam novas rotas de fornecimento, novas disposições de vida, reflectidas nas densidades de tráfego tal como vistas desde esta altura invulgar — existem efectivamente tabelas de Funções para passar dessas alterações-na-Cidade às modificações-no-Foguete: não mais do que uma extensão, a bem dizer, das técnicas por meio das quais a Constance Babington-Smith e os seus colegas da RAF em Medmenham descobriram o Foguete em 1943 nas fotografias de reconhecimento de Peenemünde.

Mas lembra-te se amaste isso. E se assim foi, de como o amaste. E quanto — afinal tu estás habituado a perguntar «quanto», habituado às medições, à comparação de medidas, pondo-as em equações para descobrir quanto mais, quanto mais do quê, quanto mais quando... e aqui no vosso caminho comum para o mar sente o quanto querias esse obscuro e indeciso amor que é também vergonha, bravata, geopolítica de engenheiro — «esferas de influência» modificadas para toros de alcance do Foguete que são de secção parabólica...

...não, como poderíamos imaginar, limitados inferiormente pela linha da Terra de «onde se ergue» e da Terra que «atinge» Não Mas Na Verdade Tu Também Nunca Pensaste Que Fosse Assim Pois Não É Evidente Que Começa Infinitamente Abaixo da Terra E Que Se Prolonga Infinitamente De Novo Para Dentro Da Terra é somente o *pico* que nós estamos autorizados a ver, a irrupção através da superfície, para fora do outro mundo silencioso, violentamente (um avião a jacto quebrando-se no mais-rápido-que-o-som, alguns anos mais tarde uma nave espacial quebrando-se no mais-rápido-que-a-luz) Lembra-te De Que A Palavra-Passe na Zona Esta Semana É MAIS RÁPIDO — DO QUE, A-VELOCIDADE DALUZ Accelerando A Tua Voz Exponencialmente — Excepções Lineares Apenas São Cometidas Em Caso de Queixas Na Respiração Superior, em cada «fim», comprehendes, uma muito grande transferência de energia: irrompendo verticalmente para este mundo, uma queima controlada — caindo verticalmente de novo, uma explosão descon-trolada... esta falta de simetria leva a especular que uma presença, análoga ao Éter, flui ao longo do tempo, tal como o Éter flui pelo espaço. A assumpção de um Vácuo no tempo tendia a isolar-nos uns dos outros. Mas um mar de Éter que nos levasse mundo-a-mundo poderia devolver-nos uma continuidade, mostrar-nos um universo mais gentil, mais bonacheirão...

Portanto, sim sim isto aqui é uma escolástica, cosmologia estatal do Foguete... o Foguete efectivamente leva por essa via — entre outras — para além destes visíveis anéis de serpente que açoitam as alturas acima da superfície da Terra em luz de arco-íris, em tetania de aço... destas tempestades, destas coisas do fundo seio da Terra que nunca nos foram contadas... para além delas, através da violência, até um cosmos numerado, um peculiar tipo Vitoriano de Guerra Cere-bral apainelada em madeiras escuras, como aquela entre quaterniões e análise vectorial nos anos 1880 — a nostalgia do Éter, as prateadas, pendulares, petreamente ancoradas, bronzeamente ornadas, filigranadas formas elegantemente funcionais dos teus avós. Esses tons de sépia estão aqui, certamente. Mas o Foguete tem de ser muitas coi-sas, ele tem de dar resposta a uma quantidade de formas diferentes nos sonhos daqueles que o tocaram — em combate, no túnel, no pa-pel — ele tem de sobreviver às heresias refulgente, inconfundível...

e hão-de haver heréticos: Gnósticos que foram levados numa torrente de vento e fogo até às câmaras do trono-do-Foguete... Cabalistas que estudam o Foguete enquanto Tora, letra a letra — rebites, taça de queima e rosa de bronze, cabe-lhes permutar e combinar o texto dele em novas revelações, que permanentemente se desdobram... Maniqueus que vêm dois Foguetes, bom e mau, que falam conjuntamente na sagrada idiolalia dos Gémeos Primordiais (alguns dizem que os nomes deles são Enzian e Blicero) sobre um bom Foguete para nos levar às estrelas, e um mau Foguete para o suicídio do Mundo, os dois perpetuamente em combate.

Mas tais heréticos serão procurados e o domínio do silêncio alargar-se-á à medida que cada um deles for derrubado... *todos* eles serão procurados. Cada um terá o seu Foguete pessoal. Armazenado no localizador-de-alvos estarão o EEG do herege, os picos e sussurros do batimento cardíaco, as fantasmal florescências de infravermelhos pessoais, cada Foguete conhecerá o seu destinatário e caçá-lo-á, correrá atrás dele feito um silencioso e verdemente drogado sabujo, através do nosso Mundo, reluzente e apontado no céu às costas dele, o seu guardião executor precipitando-se para ele, *precipitando-se cada vez mais perto...*

Eis os objectivos. Efectuar o percurso sobre carris que poderão terminar abruptamente à beira-rio ou numa gare ferroviária carbonizada, sobre estradas mesmo as não-pavimentadas e alternativas àquelas que agora são patrulhadas pelas tropas Russas e Britânicas e Americanas numa endurecida ocupação, um medo da invernia tornando todos os homens descoloridamente mais formais, nos esteios da Atenção que eles ignoraram durante o estio, mais íntima aderência agora à papelada enquanto as cores de árvores e mato iniciam sua mudança, enquanto os roxos despontam sobre quilómetros de charneca, e as noites chegam mais cedo. Ter de andar por fora nas chuvas do início de Virgem: as crianças que se introduziram clandestinamente na caravana estão agora abatidas com tosses e febres, fungando de noite, vozinhos roucas dentro de casacos de uniforme grandes demais. Preparar chá para elas com funcho, betónica, rosas-de-Pentecostes, girassóis, folhas de malva — rapinar sulfamidas e penicilina. Evitar levantar poeira na estrada quando o sol tornou a secar os sulcos

a secar os sulcos e o restolho pelo meio-dia. Dormir nos campos. Esconder as secções de foguete por baixo de medas de feno, atrás da única parede de um abrigo ferroviário esventrado, entre chuvosos salgueiros lá em baixo nas margens do rio. Dispersar perante qualquer alarme, ou muitas vezes ao acaso, só por exercício — fluir como uma rede, descendo para fora do Harz, subindo as ravinas, dormindo nos secos e gélidos espaços de termas abandonadas (dor oficial, morte oficial observando a noite inteira pelos olhos de porcelana das estátuas), cavando perímetros nocturnos, cheirando carumas de pinheiro que botas e pás-de-campanha esmagaram... Manter a fé em que não é caravana desta vez, nem combate, mas verdadeiramente Destino, o 00 001 deslizando como uma cavilha oleada para o receptáculo do sistema ferroviário preparado para ele na última primavera, uma via só aparentemente em ruínas, cuidadosamente engendrada pela Guerra, por técnicas especiais de bombardeamento, para levar esta que é a mais imaquinal das técnicas, o Foguete — o Foguete, este que é o mais terrivelmente potencial dos bombardeamentos...

O 00 001 vai desmontado, em secções — ogiva, sistema de orientação, tanques de combustível e de oxidante, secção da cauda. Se todas elas chegarem ao local de disparo, terá de ser novamente montado lá.

«Mostra-me a sociedade que nunca disse, “Eu sou criado entre homens”», Christian caminha com o Enzian nos campos acima do acampamento, «“para proteger a cada um de vós da violência, para dar abrigo em tempo de desastre” — mas Enzian, que protecção há? o que poderá proteger-nos *daquilo*», gesticulando pelo vale abaixo em direcção à rede de camuflagem amarelo-cinza através da qual eles os dois, com olhos de raio-X para esta única jornada, conseguem ver...

Enzian e o homem mais novo passaram a fazer estes longos passeios por um motivo qualquer. Nada de deliberado em cada parte. É assim que ocorrem as sucessões? Cada homem está desconfiado. Mas já não há mais daqueles antigos silêncios desconfortáveis. Nenhuma competição.

«Aquilo surge como o Revelador. Mostrando que nenhuma sociedade consegue proteger, jamais conseguiu — são tão disparatadas como uns escudos de papel...» Ele tem de contar ao Christian tudo

o que sabe, tudo o que suspeita ou já sonhou. Proclamando nada daquilo como verdadeiro. Mas não pode guardar nada para si mesmo. Nada de seu há para guardar. «Eles mentiram-nos. Como não podem impedir-nos de morrer, Eles mentiram-nos acerca da morte. Uma estrutura cooperativa de mentiras. O que nos deram Eles alguma vez a troco da confiança, do amor — Eles efectivamente dizem «amor» — que nós supostamente lhes devemos? Poderão Eles impedir-nos de nos constiparmos sequer? de termos piolhos, de estarmos sós? de *alguma coisa?* Antes do Foguete nós continuávamos a acreditar, porque o queríamos. Mas o Foguete consegue penetrar, a partir do céu, num dado ponto qualquer. Não há sítio seguro. Já não podemos acreditar mais n’Eles. Não se ainda formos sãos, e amarmos a verdade.»

«Somos», diz o Christian com um aceno de cabeça. «Amamos.» Ele, além disso, não está a olhar para o Enzian de modo a confirmá-lo.

«Sim.»

«Então... na ausência de fé...»

Certa noite, à chuva, a laager deles pára durante a noite numa estação de pesquisa abandonada, onde os Alemães, perto do fim da Guerra, andavam a desenvolver um espelho-da-morte sónico. Altos parabolóides de betão estão dispostos em ziguezague, brancos e monolíticos, ao longo da planície. A ideia era causar uma explosão à frente do parabolóide, no seu exacto ponto focal. O espelho de betão reflectiria então uma perfeita onda de choque que destruiria tudo o que encontrasse no seu caminho. Milhares de porquinhos-da-índia, cães e vacas foram experimentalmente mortos por rebentamentos aqui — compilaram-se resmas de dados sobre a curva-de-morte. Mas o projecto foi um fiasco. Só era bom a curta distância, e rapidamente se chegava a um ponto de decréscimo em que a quantidade de explosivos necessária poderia ser antes usada de qualquer outra maneira. Nevoeiro, vento, rugas ou protuberâncias no terreno que quase nem se viam, tudo o que ficasse aquém das condições perfeitas, podia arruinar a forma mortal da onda de choque. Mesmo assim, o Enzian consegue visionar uma guerra, um lugar para eles, «um deserto. Atrai o teu inimigo para um deserto. O Kalahari. Espera que o vento esmoreça.»

«Quem iria lutar por um deserto?» quer saber a Katje. Veste um impermeável verde com capuz que parece demasiado grande até para o Enzian.

«*Num*», o Christian agachando-se, levantando os olhos para a pálida curva do reflector até cuja base eles vieram e onde se reuniram à chuva, partilhando umas fumaças, desfrutando de um momento longe do resto da caravana, «não é “por”. O que ele está a dizer é “num”».

Poupam-se sarilhos posteriores se os Textos estiverem correctos logo que são proferidos. «Obrigado», diz o Oberst Enzian.

A cem metros de distância, encostado contra um outro parabolóide branco, a observá-los, está um miúdo gordo com um casaco cinzento de tanquista. Do bolso dele espreitam dois olhinhos peludos e luzidios. É o gordo Ludwig e a sua perdida lemingue Ursula — ele encontrou-a por fim e afinal e apesar de tudo. Há uma semana que eles deambulam a par da caravana, imediatamente além do limite da visibilidade, acompanhando os Africanos dia a dia... entre árvores no topo das escarpas, no limiar dos lumes à noite o Ludwig está ali, a observar... acumulando evidências, ou termos de uma equação... um rapaz e a sua lemingue, por ali a verem a Zona. O que ele tem visto é sobretudo muita pastilha elástica e muita pitcha estrangeira. Como há-de um miúdo pé-descalço sobreviver na Zona por estes dias? A Ursula está preservada. Ludwig caiu num destino pior que a morte e descobriu que isso é negociável. Portanto nem todos os lemingues saltam do cimo do penhasco, e nem todas as crianças são preservadas de se aconchegarem no pecado ou no lucro. Esperar algo mais, ou menos, da Zona é discordar dos termos da Criação.

Quando o Enzian viaja na dianteira, tem o hábito de tombar em devaneios, quer o condutor esteja a falar ou não. Em noite sem faróis, uma bruma suficientemente espessa para estar a cair, ou de vez em quando a roçar como um húmido lenço de seda pela cara, dentro e fora a mesma temperatura e escuridão, equilíbrios como esse permitem-lhe flutuar logo abaixo da vigília, pés e braços virados para cima ao jeito de um insecto que empurra a elástica e vítreas superfícies de tensão entre os dois níveis, apegando-se a ela, acariciado por sonhos em mãos e pés tornados supersensíveis, um bom dormitar sem

ser na horizontal ao estilo caseiro. O motor do camião roubado é abafado com colchões velhos atados sobre a capota. Henryk a Lebre, que conduz, mantém um olho atento ao manómetro da temperatura. Chamam-lhe «a Lebre» por ele nunca conseguir transmitir as mensagens correctas. Portanto, as reverências estão a morrer.

Uma figura avança para a estrada, lanterna efectuando lentos círculos. Enzian desprende a janela de mica, debruça-se para a pesada bruma, e diz «mais rápido do que a velocidade da luz». A figura faz-lhe sinal para que prossiga. Mas na última aresta do olhar que o Enzian lança para trás, à luz da lanterna *a chuva está apegar-se ao rosto negro em grandes e gordos glóbulos*, a apegar-se como a água faz na tinta oleosa negra, mas não na pele Herero —

«Achas que podemos fazer aqui uma inversão de marcha?» As bermas são traiçoeiras, e ambos os homens o sabem. De regresso em direcção ao acampamento, a linha das terras baixas levemente onduladas é iluminada por um baque de luz alperce.

«Merda», Henryk a Lebre com dificuldades em engrenar a marcha-atrás, aguardando ordens do Enzian enquanto eles recuam vagarosamente. Aquele que tem a lanterna poderá ter sido o único vigia, poderá não haver nenhuma concentração inimiga em quilómetros. Mas —

«Ali.» Ao lado da estrada, um corpo de borco. É Mieczislav Omuzire, com uma ferida péssima na cabeça. «Põe-no cá dentro, vá lá.» Carregam-no para a traseira do camião em ponto morto, e cobrem-no com metade de um abrigo. Não há tempo para averiguar se aquilo é mau ou não. A sentinela de rosto negro desapareceu de vez. Da direcção para a qual eles recuam vem um rufo de tiros de espingarda.

«Vamos para o meio disto em *marcha-atrás?*»

«*Tu* ouviste algum fogo de morteiro?»

«Desde aquele? Não.»

«Então o Andreas deve tê-lo eliminado.»

«Oh, *eles* hão-de estar bem, Nguarorerue. Estou preocupado é connosco.»

Orutyene morto. Okandio, Ekori, Omuzire feridos, Ekori em estado crítico. Os hostis eram brancos.

«Quantos?»

«Uma dúzia, talvez.»

«Não podemos contar com um perímetro seguro —» luz de lanterna azul-branca num borrão de elipse-para-parábola sobre o trémulo mapa, «até Braunschweig. Se ainda lá estiver.» A chuva bate no mapa com sonoros salpicos.

«Onde está o caminho-de-ferro?» intervém o Christian. Recebe um olhar interessado de Andreas. É mútuo. Há uma boa quantidade de interesse por aqui ultimamente. O caminho-de-ferro está a uns 10 ou 11 quilómetros para noroeste.

As pessoas vêm despejar os seus pertences junto aos atrelados do Foguete. Estão a cortar-se árvores novas, cada golpe sonoro e arrebatador... está a construir-se uma armação, molhos de roupas, panelas e chaleiras metidas aqui e ali por baixo do longo encerado entre arcos de árvores vergadas, para simular pedaços de foguete. Andreas está a chamar, «Todas os engodos devem ser entregues junto ao vagão da cozinha», procurando nos seus bolsos a lista que mantém. A caravana dos engodos mover-se-á para norte, sem violenta mudança de direcção — o restante fará um ângulo para leste, rumando de novo ao Exército Russo. Caso se aproximem o suficiente, os exércitos Britânico e Americano poderão mover-se com maior cautela. Poderá ser possível vogar no interface, como se se planasse na aresta de uma trovoada... por ali fora até ao fim entre exércitos do Oriente e do Ocidente.

Andreas está sentado com os pés pendurados e batendo os calcâniares contra o taipal *bong... bong...* badalando a partida. Enzian olha para cima, intrigado. Andreas quer dizer qualquer coisa. Finalmente: «O Christian vai consigo, então?»

«Sim?» Pestanejando por baixo de sobrancelhas orladas de chuva. «Oh, por amor de Deus, Andreas.»

«Bom? Os engodos também têm de lá chegar, não é?»

«Olha, leva-o *tu* contigo, se quiseres.»

«Eu só queria saber», Andreas encolhe os ombros, «o que ficou combinado.»

«Podias ter-mo perguntado. Não ficou nada “combinado”.»

«Talvez não por si. O seu jogo é esse. Você pensa que isso o há-de preservar. Mas não funciona para *nós*. Nós temos de saber o que vai realmente acontecer.

Enzian ajoelha-se e começa a erguer o pesado taipal de ferro. Ele sabe como aquilo parece falso. Quem acreditará que no seu íntimo ele quer pertencer àqueles que por ali andam, à vasta Humildade insone, moribunda, condoída esta noite por toda a Zona? aos preteridos que ele ama, sabendo que será sempre um estrangeiro... Chocalham correntes por cima dele. Quando a borda do taipal está ao nível do seu queixo, ele olha para cima, para os olhos de Andreas. Os braços dele estão retesados. Doem-lhe os cotovelos. É uma oferenda. Ele quer perguntar, Quantos outros deixaram de contar comigo? Haverá um destino a que só eu me tenho mantido cego? Mas persistem hábitos, na vida deles. Põe-se de pé com esforço, silenciosamente, levantando o peso morto, encaixando-o com estrondo no seu lugar. Juntos fecham as travas a cada canto. «Vemo-nos lá», o Enzian aceita-lhe, e vira costas. Engole um comprimido de desoxiefedrina Alemanã e a seguir mete na boca uma pastilha elástica. O estimulante faz os dentes rangerem, a pastilha é mastigada por dentes rangentes, mastigar pastilha é uma técnica, desenvolvida durante a última Guerra por mulheres, para impedir que se chore. Não que ele queira chorar pela separação. Ele quer chorar por si mesmo: por aquilo que todos eles têm de acreditar que lhe vai acontecer a si. Quanto mais acreditarem nisso, melhores hipóteses haverá. A gente dele vai demoli-lo caso o consiga...

Chomp, chomp, hmm boa noite minhas senhoras, belo trabalho áí nas amarrações Ljubica, como vai a cabeça Mieczislav, aposto que eles ficaram surpreendidos quando as balas *ressaltaram!* heh-heh chomp, chomp, boa noite «Fagulhas» (o Ozobandé), já se soube alguma coisa de Hamburgo a respeito do oxigénio líquido, é melhor que o cabrão do Oururu não nos meta em apu-ros, senão vamos ter de dar cabo do coiro tentando passar despercebidos até que ele dê no du-ro — oh merda quem é *aquele* —

Aquele é o Josef Ombindi, o líder dos Vazios. Mas até ele ter parado de sorrir, durante alguns segundos ali, o Enzian pensou que fosse o fantasma do Orutyene. «Diz-se que o filho da Okandio foi morto também.»

«Não é assim.» Chomp.

«Ela foi a minha primeira tentativa de impedir um nascimento.»

«Portanto, continuas a ter um interesse fatal por ela», chomp, chomp. Ele sabe que não é isso, mas o homem irrita-o.

«O suicídio é uma liberdade que até os mais inferiores apreciam. Mas tu negarias tal liberdade a um povo.»

«Nenhuma ideologia. Diz-me se o teu amigo Oururu irá ter o gerador LOX pronto a funcionar. Ou se, em vez disso, haverá alguma surpresa engraçada à minha espera em Hamburgo.»

«Está bem, nenhuma ideologia. Tu negarias ao *teu povo* uma liberdade de que até *não* desfrutas, Oberst Nguarorerue.» Sorrindo de novo como o fantasma do homem que tombou hoje à noite. Sondando o melhor ponto, acutilando o quê? o quê? quer dizer *o quê*, Oberst? até que ele vê a fadiga no rosto do Enzian, e comprehende que não é um truque. «Uma liberdade», sussurra ele sorrindo, uma canção de amor sob negros céus contornados a toda a volta num ácido cor-de-laranja, um reclame cheio de horror Cátaro para com a prática de aprisionar almas nos corpos dos recém-nascidos, «uma liberdade que poderás exercer em breve. Ouço a tua alma falando enquanto dorme. Conheço-te melhor do que ninguém.»

Chomp, chomp, oh tive de dar-lhe a lista das rondas, não tive. Oh, sou mesmo parvo. Sim, ele pode escolher a noite... «Tu és uma alucinação, Ombindi», colocando apenas o pânico suficiente na sua voz para que se aquilo não funcionar continue mesmo assim a ser um bom insulto, «eu estou a projectar o meu próprio desejo de morte, e ele acaba por se parecer contigo. Mais feio do que alguma vez sonhei.» Dando-lhe o Sorriso do Homem do espaço durante 30 segundos inteiros, após somente 10 dos quais segundos já o Ombindi começou a remexer os olhos, a suar, a comprimir os lábios, a olhar para o chão, a virar-se, a olhar para trás, mas o Enzian prolonga-o, hoje à noite não há piedade minha gente, O Sorriso do Homem do Espaço a transformar tudo o que estiver dentro de um raio de um quilómetro e meio em gélidas cores de sorvete AGORA que estamos todos com disposição para isso, que tal instalar as coberturas da bateria *em todo o caso*, Djuro? É isso mesmo, visão de raio-X, consegui ver através do toldo, aponta isso como mais um milagre... tu aí Vlasta,

ficas com o próximo turno no rádio, esquece o que diz na lista, nunca houve mais do que tráfego de rotina registado com Hamburgo e eu quero saber porquê, quero saber o que *efectivamente* vem de lá quando o pessoal do Ombindi faz o turno... a comunicação na frequência de comando da caravana é por pontos e traços em onda contínua — nenhuma voz que se denunciem. Mas os operadores juram que conseguem distinguir individualmente as mãos por detrás de cada envio. Vlasta é uma das suas melhores operadoras, e ela consegue imitar as mãos da maioria do pessoal do Ombindi. Tem andando a praticar, só para prevenir.

Os outros, que durante tudo isto têm estado a pensar se o Enzian iria *alguma vez* investir sobre o Ombindi, sabem-no agora pelo ar no rosto dele e pelo modo como caminha por ali — Portanto, com pouco mais do que uns toques na pala do seu boné de campanha, assinalando o Plano Assim-e-Assado, o pessoal do Ombindi é discretamente, sem violência, aliviado de todos os turnos de vigia hoje à noite, embora mantenham as suas armas e munições. Nunca ninguém lhes tirou essas. Não há razão para isso. Enzian não está mais vulnerável agora do que alguma vez esteve, e que foi muito.

O gordo rapaz Ludwig é um pirilampo branco na bruma. O jogo é que ele está a fazer de atalaia para um vasto exército branco, sempre no seu outro flanco, pronto a descer das terras altas a um sinal do Ludwig, e a esmagar os pretos contra a terra. Mas ele nunca os chamaria cá abaixo. Preferiria acompanhar a caravana, invisível. Não há engates para ele lá em baixo. A viagem deles não o inclui. Eles têm sítio onde ir. Sente que tem de ir com eles, mas em separado, um estranho, não mais nem menos à mercê da Zona...



É uma ponte sobre um ribeiro. Raramente passará trânsito ali por cima. Pode olhar-se para o alto e ver-se uma encosta inteira de árvores carregadas de pinhas erguendo-se sombriamente de um dos lados da estrada. Árvores gemem de mágoa pela ferida engendrada no seu terreno, na sua terrenidade ou terrealidade. Trutas castanhas volteiam no ribeiro. Dentro da galeria, outros que ali se abrigaram escreveram

no húmido arco de parede. *Leva-me, Estica-pés, o que te impede? Nada pior do que estes dias. Tu serás como um brando sono. Não é sono apenas? Por favor. Vem depressa — Soldado Rudolf Effig, 12.iv.45.* Um desenho, em graxa facial negra de Comando, de um homem olhando de perto para uma flor. À distância, ou em mais pequeno, parece estar uma mulher, aproximando-se. Ou algum tipo de elfo, ou qualquer coisa. O homem não está a olhar para ela (ou para aquilo). A média distância há medas de feno. A flor tem a forma da cona de uma menina. Há uma luminária olhando desde o céu, nela um rosto totalmente em paz, como o de Buda. Por baixo, alguém mais escreveu, em Inglês: *Belo desenho! Acaba!* e por baixo disso, num outro punho, *Já ESTÁ acabado, meu tosco. E tu também.* Ali perto, em Alemão, *Amei-te Lise-le com todo o meu coração —* nenhum nome, posto, unidade ou número de série... Iniciais, jogos-do-galo que se percebe terem sido jogados a sós, um jogo-do-enforcado em que a palavra-mistério nunca chegou a ser preenchida: GE — — RAT — — e o corpo pendente se avista quase desde o outro lado da galeria, mesmo a esta hora do dia, porque é uma estrada estreita, e não há real gradiente de sombra. Uma bicicleta está incompletamente escondida nas ervas à beira da estrada. Uma tardia borboleta pálida como uma pálpebra pestaneja sem destino sobre os caules do feno novo. No alto da encosta, alguém está a balancear a lâmina de um machado para uma árvore viva... e eis onde e quando a jovem bruxa encontra o Vaslav Tchitche-rine por fim.

Ele está sentado junto ao ribeiro, não acabrunhado, não tranquilo, somente à espera. Um solenóide passivo à espera de ser enrolado. Aos passos dela, a cabeça dele levanta-se, e elevê-a. Ela é a primeira presença desde a noite passada que ele olhou e viu. O que é obra dela. O sortilégio que ela recitou então, atando os fundilhos de seda rasgados às suas melhores cuecas por cima dos olhos do boneco, os olhos *dele*, Orientais e líquidos, embora apenas tivessem sido esboçados no barro com a longa unha do dedo dela, foi este:

Que ele seja cego agora para todas menos eu. Que o ardente sol do amor brilhe nos olhos dele para sempre. Que isto, a minha própria escuridão, o abrigue. Por todos os santos nomes de Deus, pelos

Anjos Melchidael, Yahael, Anafiel e o grande Metatron, te conjuro, e a todos que contigo estejam, para que vás e cumpras minha vontade.

O segredo está na concentração. Ela inibe tudo o resto: a lua, o vento nos zimbros, os cães selvagens que andam a explorar o terreno no meio da noite. Ela fixa-se na memória do Tchitcherine e dos seus olhos caprichosos, e deixa aquilo crescer, demorando o seu orgasmo até ao encantamento, para que perto do final, ao nomear os últimos Nomes do Poder, ela esteja a gritar, a vir-se, sem o auxílio dos seus dedos, que estão erguidos para o céu.

Mais tarde, ela parte ao meio um pedaço do pão mágico, e come uma das partes. A outra é para o Tchitcherine.

Ele toma o pão agora. O ribeiro corre. Um pássaro canta.

Perto do anoitecer, os amantes deitados nus sobre uma margem de erva fria, o som de um comboio aproxima-se na pequena estrada. Tchitcherine veste as calças e sobe até lá para ver se poderá pedir comida, ou cigarros. Os rostos negros vão passando, [#mba-kayere, alguns mirando-o com curiosidade, outros demasiado envolvidos na sua própria exaustão, ou em manterem uma guarda apertada a um vagão coberto que contém a secção da ogiva do 00 001. Enzian no seu motociclo pára por um momento, [#mba-kayere, para falar com o branco das cicatrizes, barba por fazer. Estão no meio da ponte. Falam num Alemão imperfeito. Tchitcherine consegue sacar-lhe meio maço de cigarros Americanos e três batatas cruas. Os dois homens trocam um aceno de cabeça, não de um modo inteiramente formal, não inteiramente sorridentes. Enzian engrena a sua moto e retoma a sua viagem. Tchitcherine acende um cigarro, olhando-os ao fundo da estrada, estremecendo ao crepúsculo. Depois regressa à sua menina junto ao ribeiro. Terão de localizar alguma lenha antes que toda a luz desapareça.

Isto é mágico. Claro — mas não necessariamente fantasia. Certamente não foi a primeira vez que um homem passou pelo seu irmão, à beira da noite, muitas vezes para sempre, sem o saber.

Presentemente a Cidade cresceu tanto em altura que os elevadores são assuntos de longo curso, com salões lá dentro: poltronas e assentos acolchoados, bares com comidas e bebidas, quiosques de jornais onde se pode folhear uma edição inteira da *Life* entre paragens. Para aqueles corações timoratos que logo ao entrarem procuram o Certificado de Inspecção na parede do elevador, há raparigas com verdes gorros ultramarinos, verdes corpetes de veludo e calças afuniladas às riscas amarelas — um efeito de zoot suit feminino — que foram bem instruídas em todos os tipos de erudição de elevador, e cuja função é pôr-nos à vontade. «Nos primeiros tempos», diz em voz esganiçada a jovem Mindy Bloth de Carbon City, Illinois, sorrindo vagamente para longe de perfil, ali perto o brônzeo corrupio de manchas diamantinas passando, passando verticalmente aos milhares — a sua cara de crescida, sonhadora e prática como a Rainha de Copas, nunca olha bem para nós, é sempre refractada para longe por algum ângulo fixo no meio castanho-dourado que nos medeia... é manhã, e o homem das flores na traseira do elevador, um ou dois degraus abaixo, por detrás da pequena fonte, trouxe lilases e íris frescos e matutinos — «antes da solução Vertical, todo o transporte era, com efeito, bidimensional — ah, estou a adivinhar a *sua* pergunta —» enquanto um sorriso, familiar e irrefractado para este velho cliente do elevador, passa entre rapariga e oponente embaraçoso — «Então e o *voo de avião*, eh?» Era isso que me ia perguntar não era! na realidade ele ia perguntar-lhe pelo Foguete e toda a gente sabe disso, mas o assunto está sujeito a um curioso tabu, e a bem-educada Mindy trouxe agora uma oportunidade de efectiva violência, a violência da repressão — as cores deslavadas de um matutino céu de Setembro oposto ao levante, e o gume de um vento matinal — para dentro deste íntimo ambiente cúbico que se move tão suavemente para o alto através do espaço (uma bolha erguendo-se por entre sabão de Castela que em redor está alumiado a verde por lentos relâmpagos), passando níveis já em azáfama com cabeças numa agitação mais animada que a de esperma e ovos no mar, passando alguns níveis que ficaram às escuras, sem aquecimento, de certo modo interditos, parecendo estranhamente *devastados*, níveis onde não foi ningum desde a Guerra *aaaaa-abhh!* uivando ao passar, «um efeito aerodinâmico comum», explica a paciente Mindy, «que envolve a nossa própria

camada-limite e a forma do orifício ao passarmos por ele —» «Oh você quer dizer que antes de lá chegarmos», berra um outro oponente embaraçoso, «ele tem uma *forma* diferente?» «Isso, e após passarmos por ele também, compincha», Mindy ignora-o, repetindo por inteiro a mesma coisa com a sua boca, franzir-descontrair-sorrir — estas aberturas nas reentrâncias uivando, tombando desamparadas e para baixo, histórias já idas por baixo das solas dos nossos sapatos, um uivo flectido para baixo como uma nota de harmónica — mas porque é que nenhum dos pisos *atarefados* faz som algum ao passar? onde as luzes brilham calorosamente como festas em semana Natalícia, pisos que nos atraem para densidades de vidro facetado ou velado, resmunguice bem-disposta junto ao pote do café, ora bolas, aí está mais um dia, olá Marie, onde é que as minhas senhoras esconderam os desenhos do SG-1... querem vocês dizer que é o *Serviço de Campo* que os tem... outra vez? mas o Desenho de Engenharia não tem direitos nenhuns, isso é como se assistíssemos à fuga de um filho nosso, ver-se uma peça de equipamento ser enviada para o Campo (*Der Veld*). Lá isso é. Um coração partido, uma oração de mãe... Lentamente, as vozes do Orfeão da Juventude Hitleriana de Lübeck desvanecem-se lá atrás (hoje em dia, os rapazes cantam nos clubes de oficiais de toda a Zona sob o seu nome de estrada, «Os Lederhoseners». Estão adequadamente vestidos, e cantam — de costas voltadas para a assitência, os seus rostozinhos esguios virados por cima dos ombros para provocarem os combatentes:

Mas piores que umas lágrimas de Mãe
Eram as tareias que a Mutti me dava...

com um lindamente coordenado saracotear então de cada par de nádegas reluzindo através de cabedal tão retesado que a contracção muscular dos glúteos é patentemente visível, e pode apostar-se que não haja um único caralho na sala que não estremeça com tal visão, e dificilmente um olho que não consiga alucinar o tal videoiro maternal zurzindo cada um daqueles cus despidos, as deliciosas linhas vermelhas, o austero e belo rosto feminino, de onde descai um sorriso entre pálpebras baixadas, somente uma centelha de luz saindo de cada olho — quando andavas a aprender a aprender a gatinhar, eram as pernas

e os pés dela que mais vias — eles substituíam os seios dela enquanto fontes de força, enquanto conhecias o cheiro dos sapatos de cabedal dela, e esse cheiro soberano se erguia até onde conseguias ver — até aos joelhos dela, porventura — dependendo da moda desse ano — até às coxas dela. Eras um infante em presença de pernas de cabedal, pés de cabedal...).

«Não é possível», sussurra Thanatz, «que todos nós tenhamos aprendido essa fantasia clássica nos joelhos da Mãe? Que enfiado algures no álbum de pelúcia do cérebro haja sempre um menino em roupas finas, uma bonita criada Francesa pedindo para ser açoitada?»

Ludwig move o seu cu assaz gordo sob a mão de Thanatz. Ambos têm perímetros que não devem ultrapassar. Mas de algum modo esgueiraram-se para além, para um pedaço do interface, um frio matagal no meio do qual eles calcaram um espaço, para nele se deitarem. «Ludwig, um pouco de S e M nunca fizeram mal a ningüém.»

«Quem disse isso?»

«O Sigmund Freud. Como haveria eu de saber? Mas porque somos nós ensinados a sentir uma vergonha reflexiva sempre que o assunto é referido? Porque há-de a Estrutura permitir qualquer outro tipo de comportamento sexual *menos* esse? Porque a submissão e a dominação são recursos de que ela precisa para a sua própria sobrevivência. Não podem ser desperdiçados em sexo privado. Em *nenhum* tipo de sexo. Ela precisa da nossa submissão para se manter no poder. Precisa dos nossos apetites pela dominação para poder cooptar-nos no seu próprio jogo de poder. Não há alegria nisso, somente poder. Digo-te uma coisa, se o S e M pudesse ser estabelecido universalmente, ao nível familiar, o Estado acabaria por desaparecer.»

Isto é Sado-anarquismo e Thanatz é o seu principal teórico na Zona hoje em dia.

É a Charneca de Lüneburg, por fim. Foi efectuado ontem à noite o encontro com os grupos que transportavam os tanques de combustível e de oxidante. O grupo da secção de cauda esteve no rádio toda a manhã, tentando determinar uma posição, se os céus ao menos desanuviassem. Por isso, a montagem do 00 001 está a ocorrer também de um modo geográfico, uma Diáspora em marcha inversa, sementes de exílio voando para dentro numa modesta antevisão de

colapso gravitacional, da reunião do Messias nas faúlhas caídas... Lembras-te da história acerca do miúdo que detesta kreplach? Detesta e receia tal prato, despontam-lhe umas horríveis manchas verdes na pele que se transformam nuns mapas em relevo por todo o seu corpo, na mera presença do kreplach. A mãe do miúdo leva-o ao psiquiatra. «Medo do desconhecido», diagnostica esta eminência parda, «deixe que ele a veja *fazer* o kreplach, isso irá deixá-lo mais sossegado.» Voltam para a cozinha da Mãe lá em casa. «Agora», diz a Mãe, «vou fazer para nós uma surpresa deliciosa!» «Ena pál!» grita o miúdo, «isso é *tão bom*, Mamã!» «Estás a ver, agora estou a peneirar a farinha e o sal num belo montinho.» «O que é isso, Mamã, carne picada? ena pál!» «Carne picada, e *cebolas*. Vou fritá-las aqui, estás a ver, nesta frigideira.» «Faço um pequeno vulcão aqui no meio da farinha e parto estes ovos lá para dentro.» «Posso ajudar-te a misturar isso? Ena pál!» «Agora, vou estender a massa, estás a ver? numa camada assim muito lisa, e agora vou cortá-la em quadrados —» «Isto é *catita*, Mael!» «Agora deito uma colherada de carne picada neste quadradinho, e agora douro-o assim num tri —» «GAAHHHH!» grita o miúdo, em absoluto terror — «*kreplach!*»

Tal como certos segredos foram dados aos Ciganos para os preservar contra a História centrífuga, e alguns aos Cabalistas, aos Templários, aos Rosacruzes, também este Segredo da Temerosa Montagem, e outros, acharam os seus caminhos por dentro dos espaços não-meteorológicos desta ou daquela Anedota Étnica. Há também a história acerca do Tyrone Slothrop, que foi enviado para a Zona para estar presente na montagem de si mesmo — porventura, susurraram vozes fortemente paranóicas, *a montagem do seu tempo* — e deveria haver uma frase de remate para isso, mas não há. O plano correu mal. Em vez disso, ele está a ser quebrado, e espalhado. As cartas dele foram deitadas, ao estilo Céltico, na ordem sugerida pelo Sr. A. E. Waite, deitadas e lidas, mas são as cartas de um bebedolas e de um fraco: apontam apenas para um longo e tumultuoso futuro, para a mediocridade (não apenas na vida dele mas também, heh, heh, na dos seus cronistas, sim sim nada como obter o 3 de Pentagramas virado ao contrário cobrindo o significador à segunda tentativa para

nos pôr diante do televisor a ver uma sétima reposição do Programa de Takeshi e Ichizo, a acender um cigarro e a tentar esquecer tudo aquilo) — para nenhuma felicidade nítida ou cataclismo redentor. Todas as esperançosas cartas dele estão invertidas, sendo a mais infeliz de todas o Enforcado, que já é suposto estar ao contrário desde logo, falando das suas secretas esperanças e medos...

«Nunca houve um Dr. Jamf», opina o analista de renome mundial Mickey Wuxtry-Wuxtry — «o Jamf foi apenas uma ficção, para o ajudar a explicar o que ele sentia tão terrível, tão imediatamente nos seus genitais por aqueles foguetes sempre que explodiam no céu... para o ajudar a negar o que ele não podia de modo algum admitir: que poderia estar apaixonado, sexualmente apaixonado, pela sua morte, e pela da sua raça.

«Estes Americanos primordiais, à sua maneira, eram uma fascinante combinação de poeta rude e de aleijado psíquico...»

«Nunca estivemos muito preocupados com o Slothrop *qua* Slothrop», admitiu recentemente um porta-voz da Contraforça numa entrevista ao *Wall Street Journal*.

ENTREVISTADOR: Quer dizer, então, que ele era antes um ponto de confluência.

PORTE-VOZ: Não, nem sequer isso. As opiniões estavam divididas desde o início. Foi uma das nossas debilidades fatais. [Estou certo de que quer ouvir falar das nossas debilidades fatais.] Alguns chamarão-lhe um «pretexto.» Outros sentiram que ele era um microcosmo genuíno, ponto-a-ponto. Os Microcosmistas, como deverá saber pelas histórias normais, abriram o seu jogo desde cedo. Nós — foi uma forma muito estranha de caça aos hereges, a bem dizer. Pelas Terras Baixas, no Verão. Aquilo decorreu em campos de moinhos, pauis onde estava quase demasiado escuro para se ter uma visão decente. Lembro-me da altura em que o Christian encontrou um velho relógio despertador, e nós aproveitámos o rádio, para com ele revestirmos os nossos fios de prumo. Brilhavam ao crepúsculo. Você já os viu segurando os prumos, as mãos characteristicamente postas junto das virilhas. Uma figura escura com um jacto de mijo luminescente caindo no chão a cinquenta metros de distância... «A Presença, mijando», que se tornou anedota comum nos aprendizes. Um Charlie

Noble da Raketen-Stadt, poderia dizer-se... [Sim. Uma maneira engraçada de o dizer. Estou a traí-los a todos... o pior de tudo é que eu sei o que os seus editores querem, *exactamente* o que eles querem. Eu sou um traidor. Transporto-o comigo. O vosso vírus. Espalhado pelas vossas incansáveis Marys Tifóides, que percorrem os mercados e as estações. Conseguimos emboscar algumas delas. Certa vez apanhámos algumas no Metropolitano. Foi terrível. A minha primeira acção, a minha iniciação. Perseguimo-las pelos túneis. Sentíamos-lhes o medo. Quando os túneis se dividiam, só podíamos contar com a traiçoeira acústica do Metropolitano para prosseguir. Havia boas possibilidades de nos perdermos. Quase nem havia luz. Os carris reluziam, tal como o fazem por cima do terreno numa noite chuvosa. E os suspiros *então* — as sombras que esperavam, corcovadas em ângulos nas estações de manutenção, deitadas contra as paredes dos túneis, assistindo à perseguição. «O fim está demasiado próximo», segredavam elas. «Voltem para trás. Não há paragens neste ramal. Os comboios correm e os passageiros viajam por quilómetros de nuas paredes cor de mostarda, mas não há paragens. É uma longa corrida vespertina...» Duas delas fugiram. Mas apanhámos as restantes. Entre duas marcas de estação, lápis amarelo entre os anos de lubrificação e passagem, 1966 e 1971, provei o meu primeiro sangue. Pretende incluir esta parte?] Bebemos o sangue dos nossos inimigos. É por isso que se vê os Gnósticos serem tão perseguidos. O sacramento da Eucaristia é na realidade beber o sangue do inimigo. O Graal, o Sangraal, é o sangrento veículo. Por que outra razão guardá-lo tão sagradamente? Porque haveria a negra guarda de honra de percorrer meio continente, meio Império em estilhas, pétreas noite e dia invernal, se fosse apenas para o toque de doces lábios numa humilde taça? Não, é pecado mortal que eles transportam: engolir o inimigo, até aos viscosos sucos para que sejam tomados por todas as células. O vosso «pecado mortal» oficialmente definido, isto é. Um pecado contra vós. Uma secção do vosso código penal, só isso. [O verdadeiro pecado foi vosso: interditar tal união. Estabelecer essa linha. Manter-nos pior do que inimigos, que afinal estão tolhidos nos mesmos campos de merda — manter-nos estrangeiros.

Bebemos o sangue dos nossos inimigos. O sangue dos nossos amigos, que estimávamos.]

Artigo S-1706.31, Fragmento de Camisola Interior, peça da Marinha Americana, com nódoa castanha que se julga ser de sangue em forma de espada desde a esquerda inferior à direita superior.

Não está incluída no Livro de Recordações esta nota de rodapé. A peça de roupa foi dada ao Slothrop pelo Marinheiro Bodine, certa noite no Chicago Bar. De certa maneira, esse serão foi uma repetição do primeiro encontro deles. O Bodine, fumegante charro gordo entalado sob as cordas da sua guitarra, cantando lamentosamente uma canção que é em parte Roger Mexico e em parte um qualquer marinheiro incógnito apeado em San Diego no tempo da guerra:

Na semana passada botei uma tarte à Mamã d'algumé
Na noite passada botei uma festa p'lo que no meu esp'rito se move
Apercebi-me depois que aquelas 6:02 berravam sobre a minha cabeça
Ou até poderão ter sido as 11:59...

[Refrão]:

Demasiadas vedações de rede à noitinha,
Demasiada gente tremendo à chuva a contragosto,
Dizem-me que conseguiste ter finalmente o teu bebé,
E não parece que alguma vez torne a ver teu rosto

Às vezes quero voltar para norte, para Humboldt County —
Às vezes penso voltar para leste, para ver minha família e bando...
Noutras ocasiões penso que podia ser feliz, quasi,
Se soubesse que pensavas em mim, de quando em quando...

O Bodine tem um anel-sirene, do tipo daqueles que levam os miúdos a enviarem tampas de pacotes de cereais para o obterem, inteligentemente encaixado no olho do cu de modo que possa ser operado a qualquer instante soltando um peido de certa magnitude. Ele tornou-se bastante bom a pontuar a sua música com esses WHEEEeeeess peidados, andando agora a treinar fazê-los no tom

devido, um arco reflexo novinho em folha, ouvido-cérebro-mãos-olho do cu, e um regresso à inocência também. Hoje à noite os mercadores andam todos a traficar com um pouco mais de vagar. O sentimental Bodine pensa que é por eles terem ouvido a sua canção. Talvez assim seja. Fardos de frescas folhas de coca acabadas de chegar dos Andes transformam o local num ressonante armazém Latino, em véspera de uma revolução que nunca fará mais do que empestar de fumo o céu acima da cana, por vezes, nas longas tardes de renda junto à janela... Os garotos da rua andam a fazer o Número dos Elfos Atarefados, enrolando cada folha em torno de uma noz de bétel, num belo embrulhinho para mastigar. Os dedos avermelhados deles são brasas vivas entre as sombras. O Marinheiro Bodine levanta subitamente os olhos, astuto, barbado rosto aguilhoados por todo o fumo e desconhecimento que há na sala. Está a olhar directamente para o Slothrop (sendo um dos poucos que ainda consegue ver em Slothrop algum tipo de criatura integral. A maioria dos outros desistiram há muito de tentarem mantê-lo unido, mesmo enquanto conceito — «Acabou por se tornar demasiado distante» é o qu'ele normalmente dizem). Sentirá agora o Bodine que a sua própria força poderá num dia destes não ser também suficiente: que em breve, tal como todos os outros, ele terá de desistir? *Mas alguém tem de aguentar-se, isso não pode acontecer a todos nós — não, isso seria demais... Homem-Foguete, Homem-Foguete. Pobre cabrão.*

«Toma lá. Escuta. Quero que fiques com isso. Entendes? É teu.»

Será que ele ainda ouve? Conseguirá ver este pano, esta mancha?

«Olha, eu estava lá, em Chicago, quando o emboscaram. Estava lá naquela noite, ali na rua logo a seguir ao Biograph, ouvi o tiroteio, tudo. Merda, eu ainda era só um recruta, pensava que a liberdade era tal e qual aquilo, de modo que comecei a correr. Eu e metade de Chicago. Saídos dos bares, dos sanitários, senhoras a levantarem as saias para poderem correr mais depressa, a Sôdona Krodobbly que andou a beber durante a Grande Depressão, à espera de que o sol volte a brilhar, e olhem-me só para isto, está cá metade da minha turma de graduação nos Grandes Lagos, em traje azul de gala com as marcas das mesmas molas de cama que eu, e há putas traquejadas e paneleiros de caras bexigosas com hálitos que cheiram ao interior

de uma luva de motorista, velhinhos de Back of the Yards, subdebutantes acabadas de sair do cinema com o suor ainda frio nas coxas, mano, estava lá *toda a gente*. Andavam a despir as roupas, a arrancarem cheques de livros de cheques, a rasgarem bocados de jornais uns aos outros, só para poderem ensopar algum sangue do John Dillinger. Ficámos todos doidos. Os Agentes não nos impediram. Deixaram-se ficar ali com o fumo ainda a sair-lhes dos canos enquanto as pessoas se atiravam àquele sangue que estava na rua. Talvez eu tenha feito o mesmo também sem pensar nisso. Mas *havia mais qualquer coisa*. Qualquer coisa de que eu devo ter precisado... se me consegues ouvir... é por isso que te estou a dar isto. O.K.? Isso aí é sangue do Dillinger. Ainda estava quente quando o apanhei. Eles não queriam que se pensasse que ele era mais do que um “criminoso comum” — mas Eles são uns imbecis — e ainda assim ele fez o que fez. Saiu para a rua e atingiu-os em cheio na privacidade de sanitário dos bancos d’Eles. Que importa no que andava ele a pensar, desde que isso não atrapalhasse? E-e nem sequer interessa porque *andamos nós* a fazer isto, tampouco. Rocky? Pois é, do que nós precisamos não é de razões correctas, mas apenas daquela *graça*. A graça física para manter isto em funcionamento. Coragem, miolos, claro, O.K., mas sem aquela *graça*? esquece. Tu — por favor, estás a ouvir? Esta coisa aqui funciona. A sério que funciona. Funcionou para mim, mas eu agora já saí do estádio do Dumbo, consigo voar sem ele. Mas tu. Rocky. Tu...»

Não foi o último encontro deles, mas posteriormente haviam sempre outros por perto, crises de drogado, ressentimentos acerca de queimaduras reais ou tencionadas e, por essa altura, tal como temera, o Bodine começara, incapacitado, envergonhado, a abandonar o Slothrop. Em certos afluxos agora, quando ele vê brancas redes sendo lançadas em todas as direcções no seu campo de visão, entende aquilo como um emblema de dor ou de morte. Começou a passar mais tempo do seu com a Trudi. A amiga deles Magda foi presa por vadiagem em primeiro grau e levada de novo para Leverkusen, e para um pátio traseiro cheio de mato onde as linhas eléctricas crepitam por cima, nos tijolos empoeirados brotam ervas das fendas, os estores estão sempre fechados, relva e ervas se transformam no mais

amargo solo outonal. Em certos dias, o vento traz pó de aspirina des-de a fábrica da Bayer. As pessoas inalam-no, e ficam mais tranquilas.

Ambos sentem a ausência dela. Bodine sente presentemente que a sua característica risada grosseira, *hyeugh, hyeugh*, se tornou mais Ale-mã, *tjachz, tjachz*. Anda também a adoptar alguns dos antigos disfarces da Magda. Disfarces bem-humorados e penetráveis, como num baile de máscaras. É um travestismo de dedicação, e a primeira vez na sua vida em que isso lhe aconteceu. Embora ninguém lho pergunte, por estarem demasiado atarefados a traficar, ele acha que não faz mal.

A luz no céu está esticada e clara, tal e qual como o caramelo após não mais do que os primeiros dois puxões.

«Morrer uma morte estranha», o Visitante de Slothrop por esta altura poderão ser linhas gatafunhadas a carvão numa parede, vozes que desçam por uma chaminé, algum ser humano no meio da estrada, «o fito da vida é garantir que morres uma morte estranha. Garan-tir que seja como for que ela te encontre, encontrar-te-á sempre em cir-cunstâncias muito estranhas. Viver esse tipo de vida...»

Artigo S-1729.06, Frasco contendo 7 cc de vinho de Maio. A análise indi-ca a presença de aspérula, limão e casca de laranja.

Rebentos de aspérula, também conhecida como Senhora dos Bosques, eram transportados pelos primeiros guerreiros Teutónicos. Concede sucesso na batalha. Parece que alguma parte do Slothrop deu de caras com o desaparecido Džabajev certa noite no coração da baixa de Niederschaumdorf. (Há quem acrelide que fragmentos do Slothrop se tornaram personalidades consistentes por si mesmas. Se assim for, não se pode dizer quanta da actual população da Zona são ramificações da sua dispersão original. Diz-se que há uma última fotografia dele no único álbum de canções alguma vez publicado pelos The Fool, um grupo de rock Inglês — sete músicos em pose, ao estí-lo arrogante dos primeiros Stones, junto a um antigo local das bom-bas-foguete, lá para o East End, ou a Sul do Rio. É Primavera, e o tomilho Francês desponta em espantosos rendilhados brancos sobre o manto de verdura que agora cobre e amacia a verdadeira forma do antigo entulho. Não há maneira de se dizer quais dos rostos são do

Slothrop: o único crédito impresso que se poderia aplicar-lhe é «Harmonica, kazoo — um amigo.» Mas conhecendo-lhe o Tarot, esperaríamos olhar por entre a Humildade, por entre as cinzentas e preteridas almas, para o procurarmos à deriva na luz hostil do céu, na escuridão do mar...)

Agora resta somente um longo olho-de-gato de frouxo pôr-do-sol sobre a planície hoje à noite, cinzento brilhante contra um roxo tecto de nuvens, com uma íris de um cinzento mais escuro. É exibida lá em cima, mais do que olhada desde o alto, esta reunião de Džabajev e seus amigos. No interior da vila, está a decorrer uma estranha convenção. Idiotas da aldeia vindos de aldeias de toda a Alemanha estão escorrendo para ali (escorrendo da boca, bem como deixando atrás de si acentuados rastos de cor para que as pessoas os apontem na ausência deles). Espera-se que aprovem esta noite uma resolução pedindo à Grã-Bretanha estatuto na Commonwealth, e talvez até se candidatem a membros da ONU. Anda a pedir-se às crianças das escolas paroquiais que rezem pelo sucesso deles. Poderão 13 anos de colaboração com o Vaticano haver esclarecido a diferença entre o que é sagrado e o que o não é? Um outro Estado se forma na noite, não sem teatro e festividade. Daí a prevalência hoje à noite da Maitrinke, da qual Džabajev açambacou vários litros. Que os idiotas da aldeia celebrem. Que a santidade deles se enrugue em padrões de interferência até atravancar a luz de lanterna da sala de reuniões. Que o corpo de baile tenha um desempenho heróico: 16 andrajosos e atónitos velhotes que arrastam os pés sem destino sobre o palco, batendo punhetas em uníssono, abanando pénis em fingido jogo-do-pau, brandindo aos dois e aos três suas vigas de verdes folhas, expondo espantosos cancros e lesões, ejaculando em fontes de esperma raiado de sangue que salpica lustrosas pregas de calças, casacos cor de terra com bolsos dependurados como mamas de 60 anos, artelhos sem peúgas permanentemente manchados com o pó das pequenas praças e das ruas despovoadas. Eles que aplaudam e batam com os pés nos seus assentos, que flua o fraternal cuspo. Hoje à noite, o círculo de Džabajev adquiriu, por meio de um mal coordenado parte-e-agarra em casa do único médico de Niederschaumdorf, uma gigantesca agulha hipodérmica com agulha. Hoje à noite eles irão injectar *vinho*. Se

a polícia vier a caminho, se ao fundo da estrada certos ouvidos selvagens já conseguem detectar o rumor de um comboio da ocupação através dos quilómetros nocturnos, fazendo sinais quando os vêem, aquando da mais débil difusão inicial de faróis, da aproximação do perigo, ainda assim não será provável que alguém daqui quebre o círculo. O vinho actuará em seja o que for que aconteça. Não acordaste já para encontrar uma faca na tua mão, a tua cabeça enfiada numa retrete, a névoa de uma longa moca prestes a acertar-te no lábio inferior, e tornaste a aconchegar-te lá em baixo na velha sesta rubra e capilarizada onde nada disso poderia de modo algum estar a acontecer? e despertaste de novo com os gritos de uma mulher, de novo com a água do canal a gelar-te o olho e ouvido afogados, de novo para demasiadas Fortalezas mergulhando desde o céu, de novo, de novo... Mas não, nunca real.

Um influxo de vinho: um influxo de vinho é desafiar a gravidade, descobrires-te no tecto do elevador enquanto ele se projecta *para o alto*, e sem maneira de descer. Separas-te em dois, o Dois básico, e cada eu tem consciência do outro.

A OCUPAÇÃO DE MINGEBOROUGH

Os camiões vêm rolando pela encosta abaixo, onde a auto-estrada Estatal se estreita, cerca das três da tarde. Trazem todos os seus faróis acesos. Eléctrico olhar após olhar encimando o cume do monte, entre os áceres. O barulho é medonho. As caixas de velocidades trepidam enquanto cada camião atinge o fim da ladeira, fatigados gritos de «Mete outra mudança, idiota!» vêm de debaixo das lonas. Uma macieira junto à estrada está em flor. As pernadas estão molhadas pela chuva desta manhã, escuras e molhadas. Sentada por baixo dela, com mais ninguém a não ser o Slothrop, está uma rapariga de pernas nuas, loura e morena como mel. O nome dela é Marjorie. O Hogan regressará a casa vindo do Pacífico e far-lhe-á a corte, mas perderá para o Pete Dufay. Ela e o Dufay terão uma filha chamada Kim, e a Kim terá as suas tranças mergulhadas nos tinteiros da escola pelo jovem Hogan, Jr. Tudo isso prosseguirá, com ou sem ocupação, com ou sem o Tio Tyrone.

Há mais chuva no ar. Os soldados estão em revista junto à Garagem do Hicks. No terreno das traseiras há uma lixeira, uma fossa, cheia de rolamentos, placas de embraiagem e bocados de transmissões. No parque de estacionamento mais abaixo — partilhado com a loja de rebuscados enfeitada de verde, onde ele esperava que a primeira réstia de autocarro escolar muito amarelo aparecesse sempre pelas 15:15 na curva, e sabia quais os miúdos do liceu que eram alvos fáceis para as moedas de tostão — estão seis ou sete velhos automóveis Cord, em diferentes estádios de sujidade e avaria. Recordações de jovem império, elas brilham agora como carretas funerárias na premonição de chuva. Os destacamentos de trabalho já estão a erguer barricadas, e um grupo de rapina já invadiu as pardacentas ripas da Loja Pizzini, que se ergue tão grande quanto um celeiro ali à esquina. Miúdos que deambulam pela plataforma de carga, comendo sementes de girassol que tiram de sacos de serapilheira, ouvem os soldados libertando peças de carne do frigorífico do Pizzini. Se o Slothrop quiser ir para casa a partir daqui, tem de se esgueirar por um carro ao lado da parede de tijolos com dois andares de altura da Garagem Hicks, um caminho verdejante cuja entrada está escondida atrás da queima de lixo do estabelecimento e do barracão onde o Pizzini guarda o seu camião das entregas. Segue-se por um atalho entre dois lotes que não estão exactamente pegados costas com costas, pelo que na realidade se segue ao longo de uma vedação e se usa uma passagem. Ambos são de ambarinas e negras casas de velhotas, cheias de gatos vivos ou empalhados, quebra-luzes manchados, coberturas e naperons sobre todos os cadeirões e mesas, e uma obscuridade terminal. Tem de se atravessar então uma rua, descer o caminho da casa da Sra. Snodd que é bordejado de malva-rosa, passar por um portão de rede e pelo quintal das traseiras do Santora, galgar o parapeito da vedação onde pára a sebe, já do outro lado da nossa rua, e ir para casa...

Mas há a ocupação. Eles poderão já ter interditado todos os atalhos da miudagem, tal como os acessos dos crescidos. Poderá ser tarde demais para voltar a casa.

DE NOVO NO DER PLATZ

Gustav e André, regressados de Cuxhaven, desenroscaram o suporte da palheta e a palheta do kazoo de André e substituíram-na por folha metálica — fizeram furos na folha metálica, e estão agora a fumar haxixe pelo kazoo, tapando com o dedo o orifício mais pequeno pa-pa-pah de modo a carburarem o fumo — afinal o manhoso Säure tivera antigos engenheiros de Peenemünde, gente do grupo de propulsão, a trabalhar num estudo a longo prazo do desenho de um cachimbo óptimo para haxixe, e adivinhe-se só — em termos de taxa de fluxo, transferência de calor, relação do controlo-de-ar-e-de-fumo, sucede que a forma perfeita é de um clássico *kazoo*!

Pois, mais uma coisa estranha acerca do kazoo: a rosca por cima da palheta é exactamente igual à rosca do casquilho de uma lâmpada. Gustav, o bom e velho Capitão Horror, usando uns libertados e amarelíssimos óculos de tiro Ingleses («Ajuda a encontrar a veia com mais facilidade, acho eu»), gosta de proclamar ser esta a inconfundível assinatura da Phoebus. «Vocês seus parvos acham que o kazoo é um instrumento subversivo? Olhem aqui —» ele traz sempre consigo uma lâmpada nas suas rondas diárias, não vale a pena dispensar uma oportunidade para deprimir o velho drogado... enroscando habilmente o encaixe da lâmpada contra a palheta, abafando-a, «Estão a ver? A Phoebus até está por detrás do *kazoo*. Ha! ha! ha!» Schadenfreude, pior do que um prolongado peido de cebolas, difunde-se através da sala.

Mas o que a lâmpada do Gustav — que não é outra senão o nosso amigo Byron — quer dizer é não, não é de todo assim, é uma declaração de fraternidade pelo Kazoo para todas as lâmpadas cativas e oprimidas...

Há um filme a decorrer, por baixo do tapete. No chão, 24 horas por dia, puxa-se para trás o tapete e é claro que está ali o raio daquele filme! Um filme realmente ofensivo e de mau gosto do Gerhardt von Göll, a bem dizer, as provas diárias de um projecto que jamais será concluído. O Springer tenciona mantê-lo indefinidamente ali, debaixo do tapete. O título é *Nova Drog*, e é disso que ele trata, um novo tipo de droga de que nunca ninguém ouviu falar. Uma das mais

aborrecidas características daquela merda é que logo que a tomamos ficamos incapazes de alguma vez dizer a alguém como é ela, ou pior, onde arranjar alguma. Os traficantes andam tão às escuras como qualquer um. Tudo o que se pode esperar é vir um dia a deparar com alguém que esteja a tomar (injectando? fumando? engolindo?) um pouco dela. É a droga que *nos* encontra, aparentemente. Faz parte de um mundo invertido cujos agentes andam à solta com armas que são como uns aspiradores funcionando na direcção da vida — puxa-se o gatilho e as balas são sugadas dos recém-mortos novamente para dentro do cano, e a Grande Irreversível é efectivamente invertida enquanto o cadáver volta à vida acompanhado por um tiro em retrocesso (pode imaginar-se a ideia de diversão devastada pelas drogas e insensata em que a quotidiana edição de som nisto acaba por se tornar). Cintilam títulos tais como

GERHARDT VON GÖLL TORNA-SE ADEPTO DO AMITAL DE SÓDIO!

E aqui está ele em pessoa, o grande canastrão, sentado na retrete, num... bom, naquilo que parece ser um invulgarmente grande penico para treinar criancinhas, ao cimo entre as pernas de quem lá se senta ergue-se a cabeça em porcelana de um chacal com aquilo que, embarracosamente, se percebe ser um *charro*, na sua boca vagamente sorridente — «Por entre o mal e as águias», palra o Springer, «o clima aloura seu caminho, pois elas nenhuma força têm sob a rude guerra. Não de todo por embuste até que os monitores ali estejam em ablutórios lençóis de terra para acasalarem e dizerem medoshnicka bleellar medoometnozz em bergamota e jocosa fantasia sob o trono e o nariz do menos misericordioso dos reis...» bom, há imensas coisas deste tipo, e é boa altura para dar uma saltada lá fora e ir buscar pipocas, que no Platz acabam por ser sementes de glórias-da-manhã assadas até se tornarem pequenas explosões de um castanho destilado. Nenhuns dos frequentadores habituais daqui vê na verdade grande coisa do filme por baixo do tapete — só os visitantes que por ali passam: amigos da Magda, desertores da grande fábrica de aspirinas em Leverkusen, ali ao canto a verterem fécula de milho e água sobre os corpos nus uns dos outros, gargalhando doentiamente... devotos do I Ching que trazem um hexagrama favorito tatuado em cada dedo

grande do pé, que nunca conseguem ficar muito tempo no mesmo sítio, conseguis adivinhar porquê? Por terem sempre comichão nos pés! também mágicos de trazer por casa que não conseguem evitar ficarem abertos de par em par a desastrosas visitas dos Qlippoth, brincalhões do tabuleiro Ouija, poltergeists, todos os tipos de bebedolas e poltrões do plano astral — pois é, todos eles aparecem no Der Platz hoje em dia. Mas a alternativa é começar a deixar de fora uns e não outros, e ninguém está preparado para isso... Decisões como essa cabem a algum anjo estacionado muito alto, a observar-nos nas nossas muitas perversidades, rastejar sobre cetim negro, engasgar-se com punhos de chicote, lamber o sangue na veia perfurada de um amante, todo ele, cada risinho ou suspiro perdido, que prosseguem ao abrigo de uma sentença de morte de cuja profunda beleza o anjo nunca esteve perto...

O TAROT DE WEISSMANN

O Tarot de Weissmann é melhor que o do Slothrop. Eis as cartas reais, exactamente como elas surgiram.

Significador:	Cavaleiro de Espadas
Coberto por:	A Torre
Cruzado por:	Rainha de Espadas
Coroando:	Rei de Copas
Abaixo:	Ás de Espadas
Antes:	4 de Copas
Atrás:	4 de Pentagramas
Eu:	Pajem de Pentagramas
Casa:	8 de Copas
Esperanças e Medos:	2 de Espadas
O que virá:	O Mundo

Ele surge primeiramente com botas e reluzentes insígnias montado num cavalo preto, acometendo num galope que nem ele nem o cavalo podem controlar, através da charneca por cima das gigantescas elevações tumulares, dispersando as ovelhas de negros focinhos, enquanto escuras leiras de zimbro se movem em sonho, em

amor da morte, interpondo-se no caminho dele numa paralaxe de desapressada fatalidade, presidindo tal como os monumentos o fazem à verdura e à amorenada partida do Verão, às terras baixas coloridas pela poeira e, por fim, ao mar de um cinzento campestre. Uma pradaria de mar que se escurece num roxo onde a luz do sol a atravessa, em grandes círculos, focos de luz numa pista de dança.

Ele é o pai que jamais se conseguirá matar inteiramente. A situação Edipiana na Zona hoje em dia é terrível. Não há dignidade. As mães foram masculinizadas como velhas bolsas de dinheiro sem qualquer interesse sexual para ninguém, e porém aqui estão os filhos delas, ainda encurralados dentro de inéncias de luxúria que estão fora de prazo há 40 anos. Os pais não têm poder hoje em dia e nunca o tiveram, mas como há 40 anos não podíamos matá-los, estamos agora condenados à mesma passividade, às mesmas fantasias masoquistas que *eles* acarinhavam em segredo, e pior, estamos condenados na nossa fraqueza a personificar homens de poder que os nossos próprios filhos infantes têm de odiar, e desejarem usurpar-lhes o lugar, e falharem... Por isso, geração após geração de homens apaixonados pela dor e a passividade cumprem o seu tempo na Zona, silenciosos, redolentes de esperma desvanecido, aterrorizados por morrerem, desesperadamente viciados nos confortos que outros lhes vendem, por mais inúteis, feios ou ocos, dispostos a que a vida lhes seja definida por homens cujo único talento é para a morte.

Das 77 cartas que poderiam ter aparecido, Weissmann está «coberto», ou seja, a presente condição dele é realçada, pela Torre. É uma carta intrigante, e toda a gente tem uma história diferente a respeito dela. Mostra um raio atingindo uma alta estrutura fálica, e duas figuras, uma das quais usa uma coroa, caindo dela. Alguns lêem ejaculação, e deixam a coisa por aí. Outros vêem um símbolo Gnóstico ou Cátaro para a Igreja de Roma, e isso é generalizado de modo a significar qualquer Sistema que não tolere a heresia: um sistema que, pela sua natureza, mais cedo ou mais tarde terá de cair. Sabemos agora que é também o Foguete.

Os membros da Ordem da Aurora Dourada crêem que A Torre representa vitória sobre o esplendor, e força vingadora. Tal como Goebbels, para além de todas as suas verbalizações profissionais, acreditava no Foguete como um vingador.

Na Árvore da Vida Cabalista, o caminho d'A Torre liga a sephira Netzach, vitória, a Hod, glória ou esplendor. Daí a interpretação da Aurora Dourada. Netzach é feroz e emocional, Hod é aquática e lógica. No corpo de Deus, estas duas Sephiroth são as ancas, os pilares do Templo, resolvendo-se conjuntamente em Yesod, os órgãos sexuais e excretórios.

Mas cada uma das Sephiroth é igualmente assombrada pelos seus próprios demónios, ou Qlippoth. Netzach pelos Ghorab Tzerek, os Corvos da Morte, e Hod pelo Samael, o Veneno de Deus. Ninguém pediu os demónios em nível algum, mas poderá haver aqui a tal vulnerabilidade a uma sensação de queda, o tipo de queda muito íngreme e desproporcionada que encontramos nos sonhos, uma queda mais através do espaço do que entre objectos. Embora cada um dos diferentes Qlippoth somente possa obrar o seu próprio tipo de mal, a actividade no caminho d'A Torre, de Netzach a Hod, parece haver resultado na emergência de um novo tipo de demónio (o quê, um Tarot dialéctico? Sim é me'm'isso minha gente! E-e se *vocês* não pensam que andam por aí mágicos Marxistas-Leninistas, bom o melhor é pensarem *outra vez!*). Os Corvos da Morte provaram agora o Veneno de Deus... mas em doses suficientemente pequenas não para adoentar mas para suscitar, tal como o Amanita muscaria, um estado de espírito muito peculiar... Não têm nome oficial, mas são os demónios guardiões do Foguete.

Weissmann está cruzado pela Rainha do seu naipe. Talvez ele próprio, vestido de mulher. Ela é o principal obstáculo no seu caminho. No fundamento dele está a singela espada que arde no interior da coroa: uma vez mais, Netzach, vitória. No baralho americano, esta carta chegou até nós como o ás de espadas, que é um pouco mais sinistro: conhece-se o silêncio que tomba sobre a sala sempre que ele aparece, seja qual for o jogo. Atrás dele, saindo para fora da sua vida como influência, está o 4 ou Quatro de Pentagramas, que mostra uma figura de modesta propriedade agarrando-se desesperadamente ao que possui, quatro moedas de ouro — este cretino está a segurar duas delas em baixo com os seus pés, equilibrando uma outra sobre a cabeça e segurando a quarta de encontro à barriga, que está ulcerada. É a bruxa estacionária tentando defender a sua casa de rebuçado contra a hoste de mordedores que anda lá fora na escuridão.

Avançando, diante dele, vem uma festa de copas, uma saciedade. Montes de bebida e de gajas para o Weissmann dentro em breve. Ainda bem para ele — embora na sua casa ele seja visto a ir-se embora, renunciando a oito transbordantes cálices de ouro. Talvez apenas lhe seja dado aquilo de que ele tem de afastar-se. Talvez seja porque nas borras da última chávena da noite esteja a amarga presença de uma mulher sentada junto a uma margem pedregosa, o Dois de Espadas, sozinha à beira do Báltico, vendada à luz da lua, empunhando as duas lâminas cruzadas sobre os seios dela... o sentido é normalmente interpretado como «concordia num estado de armas», uma descrição bastante boa da Zona hoje em dia, e ela descreve as mais profundas esperanças, ou medos dele.

Ele próprio, tal como o Mundo o vê: o douto e jovem Pajem de Pentagramas, meditando no seu mágico talismã de ouro. O Pajem também pode ser usado para representar uma rapariga nova. Mas os Pentagramas descrevem gente de compleição muito escura e, por isso, a carta é quase certamente o Enzian enquanto homem novo. E o Weissmann poderá por fim, neste limitado modo de papelão, ter-se tornado no que primeiramente amou.

O Rei de Copas, coroando-lhe as esperanças, é o equitativo intelectual-rei. Se estais a pensar para onde foi ele, procurai entre os académicos de sucesso, os conselheiros Presidenciais, os emblemáticos intelectuais que têm assento nos conselhos de direcção. Quase certamente estará aí. Olhai para cima, não para baixo. A carta do futuro dele, a carta do que está por vir, é o Mundo.

O DERRADEIRO VERDE E MAGENTA

A Charneca cresce verde e magenta em todas as direcções, terra e urze, maioridade — Não. Era primavera.

O CAVALO

Num campo, para além da clareira e das árvores, o último cavalo está de pé, cinzento-prateado baço, pouco mais que uma congregação de sombras. Os Alemães pagãos que aqui viviam sacrificavam cavalos outrora, nas suas antigas cerimónias. Mais tarde, a função do

cavalo mudou de oferta sagrada para servo do poder. Por essa altura, uma grande mudança estava em labor na Charneca, amassando, vibrando, remexendo com dedos fortes como vento.

Agora que o sacrifício se tornou um acto político, um acto de César, o último cavalo apenas se preocupa com o modo como o vento se levanta nesta tarde: primeiro ergue-se, e tenta manter-se, apegar-se, mas falha... de cada vez, o cavalo sente uma elevação similar no seu coração, nas bordas de olho, ouvido, cérebro... Finalmente, quando o vento ganha seguro embalo, o que também é uma viragem no dia, a cabeça dele ergue-se, e um estremecimento domina-o — possui-o. A cauda dele açoita a clara e elusiva carne do vento. O sacrifício na mata está a começar.

ISAAC

Existe uma tradição Hagádica datada de cerca do século IV de que Isaac, no momento em que Abraão estava prestes a sacrificá-lo em Moriah, viu as antecâmaras do Trono. Para o místico em labor, ter a visão, e passar pelas câmaras uma a uma, é terrível e complexo. Há que ter-se não somente a instrução em contra-signos e selos, não somente a preparação física obtida pelo exercício e a abstinência, mas também um tesão de resolução que jamais se afrouxe para nós. Os anjos à entrada das portas tentarão enganar-vos, ameaçar-vos, pregar-vos todas as sortes de partidas crueis, arredar-vos do caminho. Os Qlippoth, cascas dos mortos, usarão todo o vosso amor pelos amigos que se passaram para o outro lado contra vós. Escolhentes a via activa e não há vacilação que não encontre o perigo mais mortal.

A outra via é obscura e feminina, passiva, entregue a si mesma. Isaac debaixo da lâmina. O gume cintilante alargando-se até um corredor, que desce, ao longo do qual a alma é arrebatada por um irresistível Éter. Gerhardt von Göll no carrinho da sua câmara, gritando de alegria, acelerando pelos longos corredores em Nymphenburg. (Deixemo-lo aqui, no seu transporte, na sua inocência...) A luz numinosa cresce lá adiante, quase azul entre todos estes dourados e vidros. Os douradores trabalharam nus e as cabeças foram-lhes rapadas — para obterem uma carga estática de modo a susterem a

flutuante folha eles tinham primeiro de passar a escova pelos seus pêlos púbicos: a electricidade genital haveria de brilhar para sempre nessas vistas douradas. Mas há muito que deixámos o louco Ludwig e a sua bailarina Espanhola gotejando, desbotando-se em escarlate sobre o mármore, brilhando tão traiçoeiramente como a água doce... tudo isso já está para trás. A ascensão para o Merkabah, apesar dos últimos débeis vestígios de masculinidade dele, últimos gestos rumo à possibilidade de magia, está irreversivelmente em marcha...

PRÉ-LANÇAMENTO

Uma gigantesca mosca branca: um pénis erecto zumbindo em rendas brancas, coaguladas com sangue ou esperma. Renda fúnebre é o traje nupcial do rapaz. Os seus pés macios, amarrados lado a lado, estão em alvos chinelos de cetim com alvos laços. Os mamilos vermelhos estão erectos. Os pêlos dourados das suas costas, mistura de ouro Alemão, de amarelo pálido a branco, correm simétricos pela espinha dele, correm em arcos finos e redemoinhados como os arcos de uma impressão digital, como limalha ao longo de linhas de força magnética. Cada sarda ou sinal de pele é uma escura anomalia disposta com precisão no campo. Suor acumula-se-lhe na nuca. Está amordaçado com uma luva branca de criança. Weissmann concebeu todo o simbolismo de hoje. A luva é o equivalente feminino da Mão da Glória, que os larápios de segundo andar usam para iluminarem a sua entrada em nossas casas: uma vela na mão de um morto, erecta pois todo o nosso tecido crescerá à primeira deliciosa volta de língua de vossa amante Morte. A luva é a cavidade em que se encaixa a Mão, tal como o 00 000 é o útero a que Gottfried retorna.

Metam-no lá dentro. Não uma cama Procrustiana, mas modificada para o receber. Os dois, rapaz e Foguete, concorrentemente desenhados. Os quartos traseiros daquilo tão lindamente vergados... ele encaixa-se lá bem. Foram feitos um para o outro, Schwarzgerät e montagem superior seguinte. Os membros nus dele no seu cativeiro de metal contorcem-se entre combustível, oxidante, tubagens de vapor activas, sistema de impulsão, bateria de ar comprimido, curva do

escape, decompositor, tanques, respiradouros, válvulas... e uma dessas válvulas, um ponto-de-teste, um interruptor de pressão é o correcto, o autêntico clitóris, encaminhado directamente para o sistema nervoso do 00 000. Ela não deveria ser um mistério para ti, Gottfried. Encontra a zona de amor, lambe e beija... tens tempo — ainda faltam alguns minutos. O oxigénio líquido corre gelado tão perto da tua cara, ossos de geada para te queimarem além de toda a sensação. Daqui a pouco virão os fogos, também. O Forno para o qual te engordámos luzirá. Aí vem o sargento, que traz a Zündkreuz. A Cruz pirotécnica que irá acender-te. Os homens estão a postos. Prepara-te, Liebchen.

EQUIPAMENTO

Deram-lhe uma janela de safira artificial, dez centímetros de diâmetro, desenvolvida pela IG em 1942 como uma bolha em forma de cogumelo, um toque de cobalto acrescentado para lhe dar uma tintura esverdeada — muito resistente ao calor, transparente à maioria das frequências visíveis — distorce as imagens do céu e das nuvens lá fora, mas agradavelmente, como os Ochsen-Augen no dia da Avó, nos tempos anteriores às janelas de vidro...

Parte do oxigénio vaporizado é reencaminhado através do Imipolex em que Gottfried está amortalhado. Num dos ouvidos dele, foi cirurgicamente implantado um minúsculo altifalante. Brilha como um bonito brinco. A ligação de dados funciona através do sistema de rádio-orientação, e as palavras do Weissmann deverão chegar, durante algum tempo, pelo sistema múltiplo juntamente com as correcções de erro enviadas para o Foguete. Mas não há canal de retorno entre Gottfried e o solo. O momento exacto da morte dele jamais será conhecido.

MÚSICA DE SALVA

Por fim, após uma distinta carreira de murmurar, «Meu Deus, estamos demasiado atrasados!» sempre com o vestígio de uma condescendência escarninha, formal — porque evidentemente ele *nunca*

chega tarde demais, há sempre uma prorrogação, um engano cometido por um dos trapalhões contratados pelo Adversário Amarelo, na pior das hipóteses uma pista vital a ser achada junto ao corpo — agora, finalmente, Sir Denis Nayland Smith *irá* chegar, meu Deus, tarde demais.

O Super-homem precipitar-se-á de botas para baixo numa clareira deserta, um lançador-erector suspirando óleo através de uma lenta vazadura-de-junta, goma evocada desde as árvores, amargo maná para esta que é a mais amarga das passagens. As cores da capa dele definharão ao sol vespertino, os caracóis na cabeça dele começarão a mostrar os seus primeiros fios de cinzento. Philip Marlowe sofrerá uma horrível enxaqueca e procurará por reflexo o quartilho de álcool de centeio que traz no bolso do seu fato, e sentirá saudades das rendilhadas varandas do Edifício Bradbury.

O Submarinista e o seu bando multilingue virão a ter problemas de bateria. O Homem-plástico ficará perdido entre as cadeias de Imipolex, e os topologistas de toda a Zona esgotarão e interromperão os pagamentos dos seus cheques de honorários («perfeitamente deformáveis», deveras!) O Cavaleiro Solitário surgirá à testa de uma milícia, esporas causando sangue no alvo pelo do garanhão, para encontrar o seu jovem amigo, o inocente Dan, que pende de um ramo de árvore com o pescoço partido. (Tonto, se Deus quiser, vestirá a sua camisa de fantasma e encontrará um lume frio junto ao qual se acoore para afiar a faca.)

«Tarde demais» nunca esteve na programação deles. Encontram em vez disso a suspensão da sua sanidade por um momento — mas a seguir aquilo acabou, ufa, e volta-se ao caminho, volta-se ao *Planeta Diário*. *Sim Jimmy deve ter sido no dia em que eu deparei com aquela singularidade, aqueles escassos segundos de absoluto mistério... sabes Jimmy, o tempo — o tempo é uma coisa engraçada...* Haverá mil maneiras de esquecer. Os heróis continuarão, chutados para o andar de cima a fim de supervisionarem o desenvolvimento de novo pessoal brilhante de gama média, e verão o sistema deles desmoronar-se, verão aquelas singularidades começarem a surgir mais e mais frequentemente, proclamando uma outra dispensação a partir do tecido do antiquado tempo, e chamar-lhe-ão cancro, e simplesmente não saberão para onde se encaminham as coisas, ou qual o sentido de tudo aquilo, Jimmy...

Por estes dias, ele descobre que efectivamente sente falta dos cães. Quem teria pensado que ele alguma vez se tornaria sentimental por causa de uma matilha de cachorros babosos? Mas aqui no Sub-ministério é tudo tão desprovido de odor, de tacto. A privação sensorial, durante uns tempos, estimulou-lhe de facto a curiosidade. Durante uns tempos, ele manteve um fiel registo diário das suas alterações psicológicas. Mas isso foi sobretudo lembrando-se de Pavlov no seu próprio leito de morte, registando-se a si mesmo até ao fim. Com Pointsman é mero hábito, retrocientismo: um último olhar para trás à porta para Estocolmo, fechando-a atrás de si para sempre. As entradas começaram a diminuir, e dentro em pouco pararam. Ele assinou relatórios, ele supervisionou. Ele viajou até outras partes de Inglaterra, mais tarde até outros países, para procurar novos talentos. Nos rostos de Mossmoon e dos outros, em momentos ocasionais, ele conseguia detectar um reflexo que jamais se permitira sonhar: a tolerância dos homens no poder para com aquele que nunca Fizera A Sua Jogada, ou que a fizera mal. Evidentemente que continuam a haver momentos de desafio criativo —

Sim, bom, ele agora é um ex-cientista, um dos que nunca se Meterá Naquilo o suficiente para começar a falar de Deus, adorável ex-cêntrico de cabelos brancos e roliças maçãs do rosto palrando do alto do seu Laureamento — não, ele ficará apenas com Causa e Efeito, e o resto do seu estéril armamentarium... os corredores minerais dele não brilham. Permanecerão do mesmo tom neutro e sem nome desde aqui até à câmara central, e à cena perfeitamente ensaiada que ele lá irá representar, afinal...

CONTAGEM DECRESCENTE

A contagem decrescente tal como a conhecemos, 10-9-8-u.s.w., foi inventada por Fritz Lang em 1929 para o filme da Ufa *Die Frau im Mond*. Incluiu-a na cena do lançamento para aumentar o suspense, «É mais um dos meus malvados “toques”», disse Fritz Lang.

«A quando da Criação», explica o porta-voz Cabalista Steve Edelman, «Deus enviou uma pulsação de energia para o vazio. Ela logo a seguir ramificou-se e separou-se em dez distintas esferas ou aspectos, correspondendo aos números 1-10. Essas são conhecidos como

as Sephiroth. Para voltar a Deus, a alma tem de negociar cada uma das Sephiroth, desde o dez até ao um. Armados com magia e fé, os Cabalistas decidiram-se a conquistar as Sephiroth. Muitos dos segredos Cabalistas têm que ver com efectuar-se tal viagem de modo bem sucedido.

«Ora as Sephiroth recaem num padrão, ao qual se chama a Árvore da Vida. É também o corpo de Deus. Traçados entre as dez esferas estão 22 caminhos. Cada caminho corresponde a uma letra do alfabeto Hebraico, e também a uma das cartas chamadas «Arcanos Maiores» no Tarot. Por isso, embora a contagem decrescente do Foguete pareça ser serial, na verdade ela esconde a Árvore da Vida, que deve ser apreendida de uma só vez, conjuntamente, em paralelo.

«Algumas Sephiroth são activas ou masculinas, outras passivas ou femininas. Mas a Árvore em si mesma é uma unidade, enraizada exactamente na Bodenplatte. Ela é o eixo de uma Terra particular, uma nova dispensação, trazida ao ser pelo Grande Disparo.»

«Mas mas com um novo eixo, uma nova Terra a girar», ocorre ao visitante, «o que acontece à astrologia?»

«Os signos mudam, idiota», diz bruscamente Edelman, estendendo a mão para o frasco de Torazina. Ele tornou-se um utilizador tão habitual desta droga tranquilizante que a sua compleição se aprofundou num alarmante tom de ardósia-roxo. Transforma-o numa excen-tricidade nas ruas daqui, onde toda a gente se passeia bronzeada, e com os olhos avermelhados por um ou outro irritante. Os filhos de Edelman, diabretes irrequietos, têm-se dedicado ultimamente a enfiar condensadores prensados extraídos de rádios transistorizados desfeitos dentro do frasco de Torazina do Papá. Para o olhar desatento dele, quase nem havia diferença: de modo que, durante uns tempos, Edelman julgou que deveria estar a desenvolver uma tolerância, e que o Abismo se abeirara intoleravelmente perto, à distância de um mero acidente — uma sirenita na rua, um avião a jacto troando em padrão sustentado — mas felizmente a esposa dele descobriria a partida a tempo, e agora, antes de engolir, ele tem o cuidado de es-crutar cada Torazina em busca de pinos, mus, numerações.

«Olha —» sopesando um gordo maço de fotocópias, «a Ephemeris. Baseada na nova rotação.»

«Quer dizer que alguém encontrou realmente a Bodenplatte? O Pólo?»

«O próprio delta-t. Não foi tornado público, naturalmente. Quem a encontrou foi a “Expedição Kaisersbart”.»

Um pseudónimo, evidentemente. Toda a gente sabe que o Kaiser não tem barba.

ENFIADO NO SONHO APOLÍNEO...

Quando algo de real está prestes a acontecer-te, tu diriges-te para isso com uma superfície transparente paralela à tua própria frente que zumbe e te bissecta ambas as orelhas, tornando os olhos muito atentos. A luz verga-se para um azul de giz. Dói-te a pele. Por fim: algo de real.

Aqui na secção da cauda do 00 000, o Gottfried encontrou essa superfície clara diante dele de facto, literal: a mortalha de Imipolex. Destroços da infância dele sobem à tona através da sua atenção. Está a lembrar-se da casca de uma maçã, impante de nébulas, um olhar para o curvo espaço que se avermelha. Os olhos dele levados além e além, e mais longe ainda... A superfície de plástico flutua minuciosamente: cinzento-branco, trocista, uma inimiga da cor.

O dia lá fora está agreste e a vítima levemente vestida, mas ele sente-se quente aqui dentro. As suas meias brancas esticam-se lindamente desde as presilhas. Ele achou uma curva oca num tubo onde pode apoiar a sua face enquanto olha para a mortalha. Sente o cabelo fazendo-lhe cócegas nas costas, nos seus ombros expostos. É um quarto obscuro, esbranquiçado. Um quarto para nele se deitar, nubente e aberto aos pálidos espaços do anoitecer, esperando o que vier a cair sobre si.

Tráfego telefónico zune-lhe no ouvido dos arames. As vozes são metálicas e drasticamente filtradas. Zumbem como as vozes dos cirurgiões, ouvidas sob os primeiros efeitos do éter. Embora elas agora somente pronunciem as palavras rituais, ele ainda consegue diferenciá-las.

O suave odor do Imipolex, envolvendo-o absolutamente, é um odor que ele conhece. Não o assusta. Estava no quarto quando ele

tombou adormecido há muito tempo, tão profundamente em doce e paralisada infância... estava ali quando ele começou a sonhar. Agora é tempo de acordar, para o bafo daquilo que sempre foi real. Vá, acorda. Está tudo bem.

ORFEU POUSA A LIRA

LOS ANGELES (PNS) — Richard M. Zhlubb, gerente nocturno do Teatro Orpheus na Melrose, insurgiu-se contra o que chama de «uso irresponsável da harmónica.» Ou, na verdade, «harbódica», já que o Gerente Zhlubb sofre de uma condição crónica nas adenóides, que lhe afecta a fala. Tanto os amigos como os detractores pensam nele como «o Adenóides». Em todo o caso, Zhlubb declara que as suas filas, especialmente para espectáculos à meia-noite, tombaram num estado de quase anarquia devido ao instrumento musical.

«Isto já dura desde o nosso Festival de Cinema Bengt Ekerot / Maria Casarès», queixa-se Zhlubb, que tem cinquenta e poucos e papada, com uma permanente sombra das cinco horas (de longe a pior de todas as Sombras Horárias) e o hábito de lançar os braços ao alto num invertido «sinal de paz», que por acaso é também o do código semafórico para a letra U, expondo no acto incontáveis metros de brancos punhos Franceses.

«Olha, Richard», zomba um transeunte, «tenho os teus punhos Franceses, aqui mesmo», expondo-se entretanto da maneira mais grosseira possível e manipulando o prepúcio de um modo que o vosso correspondente não pode descrever na sua página.

O Gerente Zhlubb estremece ligeiramente. «Aquele é um dos cabecilhas, definitivamente», confidencia. «Já tive imensos problemas com ele. Com ele e com aquele Steve Edelman.» Ele pronuncia «Edelbib». «Eu dão tenho bedo de dizer dobes.»

O caso a que ele se refere continua pendente. Steve Edelman, um empresário de Hollywood acusado no ano passado de um 11 569 (Tentativa de Vadiagem com um Instrumento Subversivo), está presentemente em Atascadero para observação por tempo indefinido. Alega-se que Edelman, num desautorizado estado de espírito, tentou tocar uma progressão de acordes que está na lista do Departamento

de Justiça, em plena rua e na presença de toda uma fila de testemunhas que iam ao cinema.

«E-e agora todos eles andam a fazer isso. Bem, não é “todos”, deixe-me esclarecer isso, é claro que os que infringem a lei são apenas uma pequena ou ruidosa minoria, o que eu queria dizer era, todos os que são como o Edelman. Certamente não todas aquelas boas pessoas da fila. A-ha-ha. Olhe, deixe-me mostrar-lhe uma coisa.»

Ele leva-nos até ao negro Volkswagen da Gerência e, antes que nos apercebamos disso, já estamos nas auto-estradas. Perto da passagem desnivelada das de San Diego e de Santa Monica, Zhlubb aponta para uma extensão de pavimento: «Foi ali que eu avistei um pela primeira vez. A conduzir um VW, igual ao meu. Imágine. Mal podia acreditar nos meus olhos.» Mas é difícil manter toda a nossa atenção centrada no Gerente Zhlubb. A Auto-estrada de Santa Monica é tradicionalmente o cenário de todas as formas de desvarios automobilísticos conhecidos pelo homem. Não é branca e bem-educada como a de San Diego, nem tão traiçoeiramente concebida como a de Pasadena, nem tão inteiramente suicária-de-gueto como a do Porto. Não, uma pessoa hesita em dizê-lo, mas a Auto-estrada de Santa Monica é para tarados, e todos eles andam hoje à solta, o que torna difícil de seguir a divertida história do Gerente. Não se consegue reprimir um certo estremecimento de desprazer, quase uma reflexiva Consciência do Género, na presença deles. Surgem balbuciando para nós vindos de todos os lados, acercando-se em grande número, rebolando os olhos pelas janelas laterais, tocando harmónicas e até *kaross*, em total desrespeito pelas Proibições.

«Tenha calma», os olhos do Gerente caracteristicamente iluminados. «Há-de haver uma casa bonita e bem guardada para todos eles, lá em Orange County. Mesmo ao lado da Disneylândia», calando-se então exactamente como um cómico de clube nocturno, sozinho no seu círculo de alcatrão, no seu terror de giz.

O riso rodeia-nos. Riso pleno, de assistência fiel, vindo dos quatro pontos do interior almofadado. Compreende-se, com uma vaga sensação de desânimo, que há para aqui um tipo qualquer de instalação estereofónica, e um olhar para o compartimento das luvas revela

uma *biblioteca* inteira de fitas semelhantes: APLAUSOS (AFECTUOSOS), APLAUSOS (ENTUSIASMADOS), MULTIDÃO HOSTIL num sortido de 22 línguas, SINS, NÃOS, APOIANTES NEGROS, APOIANTES FEMININAS, ATLÉTICOS — oh, vamos lá — TIROTEIO (CONVENCIONAL), TIROTEIO (NUCLEAR), TIROTEIO (URBANO), ACÚSTICA DE CATEDRAL...

«Temos de falar num *qualquer* tipo de código, naturalmente», continua o Gerente. «Temos sempre de o fazer. Mas nenhum dos códigos é muito difícil de quebrar. Já houve oponentes que nos acusaram, por essa mesma razão, de desprezo pelo povo. Mas, na verdade, fazemos isso com pleno espírito desportivo. Não somos monstros. Sabemos que temos de lhes dar *alguma* oportunidade. Não lhes podemos tirar toda a esperança, pois não?»

O Volkswagen está agora por cima do centro de L.A., onde o fluxo de tráfego encosta à berma para deixar passar um comboio de escuros Lincolns, alguns Fords, até GMCS, mas nenhum Pontiac no lote. Colada em cada pára-brisas e janela traseira está uma faixa em cor-de-laranja fluorescente que diz FUNERAL.

O Gerente está agora a fungar. «Ele era um dos melhores. Não pude ir pessoalmente, mas enviei um assistente de alto nível. Quem o irá substituir, ponho-me eu a pensar», premindo um botão disfarçado por debaixo do painel de instrumentos. Os risos desta vez são uns esparsos *oh-hohos* masculinos com uns laivos de fumo de charuto e de bourbon envelhecido. Esparsos mas altos. Frases como «Dick, seu malandro!» e «Ouçam só o que *ele* diz» podem igualmente distinguir-se.

«Tenho uma fantasia sobre a maneira como irei morrer. Suponho que você esteja no rol de pagamentos *deles*, mas não faz mal. Ouça isto. São 3 da manhã, na Auto-estrada de Santa Monica, uma noite quente. Todas as minhas janelas estão abertas. Vou a uns 110, 120. O vento entra a soprar, e do chão da parte de trás levanta um fino saco de plástico, um vulgar saco de lavandaria: ele vem flutuando pelo ar, desde lá de trás, as luzes de mercúrio tornam-no branco como um fantasma... enrola-se à volta da minha cabeça, tão superfíno e transparente que eu só percebo que ele ali está quando é tarde demais. Um sudário de plástico, sufocando-me até à morte...»

Subindo a Auto-estrada de Hollywood, entre a traseira de um camião misteriosamente coberta com lona e um camião-cisterna de hidrogénio líquido esguio como um torpedo, deparamos com uma verdadeira caravana de tocadores de harmónica. «Ao menos não são aquelas pandeiretas», resmunga Zhlubb. «Não há tantas pandeiretas como no ano passado, graças a Deus.»

Camiões de abastecimentos em aço acolchoado cruzam-se na tarde. As rugas deles brilham como um lago de água potável após dura travessia do deserto. É um Dia de Colecta, e todos os camiões do lixo se dirigem para norte em direcção à Auto-estrada de Ventura, uma catarse de contentores, todos matizes, formas e amachucadelas. A regressarem ao Centro, com todos os fragmentos recolhidos das Naves...

O som de uma sirene apanha-vos a ambos desprevenidos. Zhlubb levanta vivamente os olhos para o seu espelho. «Não traz nada consigo, pois não?»

Mas o som é maior que o da polícia. Envolve o betão e os fumos de escape, enche a bacia e as montanhas até mais longe do que qualquer mortal se poderia alguma vez mover... se poderia mover a tempo...

«Não penso que seja uma sirene da polícia.» Com as tripas num espasmo, procura-se o botão do rádio de Onda Média. «*Não penso* —»

A CLAREIRA

«Räumen», grita o Capitão Blicero. Os tanques de peróxido e de permanganato foram atestados. Os giroscópios são activados. Observadores agacham-se nas trincheiras fendidas. Ferramentas e acessórios são guardados com fragor na parte de trás de um camião que tem o motor a trabalhar. A equipa de carregamento da bateria e o sargento que atarraxou o pino de percussão treparam para dentro dele seguidamente, e o camião abala dali pelos sulcos de terra recentemente abertos, rumo às árvores. Blicero mantém-se por alguns segundos na posição de lançamento, olhando em redor para ver se

tudo está em ordem. Depois vira-se e caminha, com deliberada rapidez, até ao carro de controlo do disparo.

«Steuerung klar?» pergunta ele ao rapaz que está no painel de manobra.

«Ist klar.» Sob as luzes do painel, o rosto de Max é de um duro, teimoso dourado.

«Treibwerk klar?»

«Ist klar», do Moritz no painel do motor do foguete. Pelo telefone que tem pendurado ao pescoço, ele diz à Sala de Operações, «Luftlage klar.»

«Schlüssel auf SCHIESSEN», ordena Blicero.

Moritz volta-se para a chave principal para DISPARAR. «Schlüssel steht auf SCHIESSEN.»

Klar.

Deveriam haver aqui grandes pausas dramáticas. A cabeça do Weissmann deveria estar a fervilhar com últimas imagens de cremosas nádegas contraídas uma contra a outra pelo medo (nem um fiozinho de merda, Liebchen?) a última cortina de ouro precipitando-se sobre jovens olhos implorantes, garganta amordaçada tentando dizer tarde demais o que ele deveria ter dito dentro da tenda na noite passada... ao fundo da garganta, a goela, onde a cabeça do caralho do Blicero irrompeu pela última vez (mas o que é isto ao passar a espasmódica cerviz, ao passar a Curva Para A Escuridão O Fedor O... O Branco... A Esquina... À Espera... À Espera De —). Mas não, o ritual dominou-os a todos com seu aperto de veludo. Tão forte, tão quente...

«Durchschalten.» A voz do Blicero é calma e firme.

«Luftlage klar», diz o Max desde o painel de manobra.

Moritz prime o botão assinalado VORSTUFE. «Ist durchgeschaltet.»

Uma pausa de 15 segundos enquanto o tanque de oxigénio adquire pressão. Uma luz pisca no painel de Moritz.

Entlüftung. «Beluftung klar.»

A lâmpada da ignição acende-se: Zündung. «Zündung klar.»

Então, «Vorstufe klar». Vorstufe é a última posição a partir da qual o Mortiz poderá ainda retroceder. A chama cresce na base do Foguete. Desenvolvem-se cores. Há aqui um período de quatro segundos, quatro segundos de indeterminação. O ritual até tem um lugar para isso. A diferença entre um oficial de lançamentos de primeira categoria e um outro condenado à mediocridade está em saber exactamente quando, dentro desta passagem ressonante e coroada de fábulas, ordenar Hauptstufe.

Blicero é um mestre. Ele aprendeu desde muito cedo a cair num transe, a esperar pela iluminação, que vem sempre. Não é nada de que alguma vez tenha falado em voz alta.

«Hauptstufe.»

«Hauptstufe ist gegeben.»

O painel é trancado para sempre.

Duas luzes deixam de piscar. «Stecker 1 und 2 gefallen», reporta Moritz. As fichas Stotz ficam queimadas no chão, saltitando sob os salpicos das chamas. Com alimentação gravitacional, a chama é de um amarelo brilhante. Então, a turbina começa a urrar. A chama torna-se subitamente azul. O som dela cresce até um grito pleno. O Foguete fica por um momento mais na mesa de aço, depois lentamente, tremendo, furiosamente muscular, começa a subir. Quatro segundos mais tarde, começa a inclinar a proa. Mas a chama é demasiado brilhante para que alguém veja o Gottfried lá dentro, excepto agora como uma categoria erótica, alucinada a partir daquela violência azul, para efeitos de auto-estimulação.

SUBIDA

Esta subida será traída e entregue à Gravidade. Mas o motor do Foguete, o grito profundo da combustão que arrepia a alma, promete escape. A vítima, em cativeiro para cair, ascende numa promessa, uma profecia, de Escape...

Movendo-se agora para o tipo de luz em que por fim a maçã tem cor de maçã. A faca corta a maçã como uma faca cortando uma

maçã. Tudo está onde está, não mais claro do que é habitual, mas certamente mais presente. Tanta coisa tem de ser deixada para trás agora, tão depressa. Comprimido em-baixo-e-à-ré nos seus atilhos de elástico, comprimido dolorosamente (doem-lhe os peitorais, o interior de uma das coxas ficou gelado e dormente) até a sua testa ser vergada de modo a tocar num joelho, onde o cabelo dele se esfrega um pouco num toque choroso ou submisso como uma varanda vazia à chuva, o Gottfried não deseja gritar... ele sabe que não conseguirão ouvi-lo, mas prefere não o fazer... não há rádio de retorno para eles... *foi feito como um favor, o Blicero quis tornar as coisas mais fáceis para mim, ele sabia que eu tentaria apegar-me — apegar-me a cada voz, a cada zumbido ou crepitação —*

Pensa no amor deles em ilustrações para crianças, em últimas e finas páginas que esvoaçam antes de se fecharem, uma linha gentilmente, passivamente inacabada, uma irresolução pastel: o cabelo do Blicero é mais escuro, cai até ao ombro e está permanente ondulado, ele é um escudeiro ou pajem adolescente olhando para um dispositivo óptico e acenando para o Gottfried criança com um olhar maternal ou ansioso-por-educar... agora ele está muito longe, sentado, ao fundo de uma sala cor de azeitona, passando por formas que vão perdendo o foco, formas que o Gottfried não consegue identificar como amigas ou inimigas, entre ele e — onde é que ele — já desapareceu, não... começam agora a afastar-se mais depressa do que ele consegue suportar, é como cair no sono — começam a desvanecer-se APANHA consegues aguentar o suficiente para veres um cinto de ligas esticado nas tuas coxas, presilhas brancas tão esguias como as pernas de um enho e as pontas do negro... do negro APANHA deixaste passar uma série delas, Gottfried, algumas importantes que tu não querias perder... sabes que esta é a *última vez*... APANHA quando é que o barulho parou? Brennschluss, quando foi Brennschluss *não pode ser tão cedo...* mas a queimada abertura da cauda está a balouçar contra o sol e, através dos cabelos louros da vítima, eis um espectro do Brocken, o de alguém, a sombra de alguém projectada cá de fora desde o brilhante sol e obscuracente céu para as regiões de ouro, de

branqueamento, de crescente imobilidade como debaixo de água enquanto a Gravidade se esvai com brevidade... o que é esta morte se não um branqueamento, um transporte da brancura para o ultrabranco, o que é ela senão lixívias, detergentes, oxidantes, abrasivos — o Streckefuss atirou-se hoje aos atormentados músculos do rapaz, mas com maior propriedade será ele Blicker, Bleicheröde, Bleacher, Blicero, estendendo-se, rarefazendo a palidez Caucasiana até uma abolição de pigmento, de melanina, de espectro, de separação de sombra a sombra, está *tão branco que APANHA o cão era um setter ruivo*, a cabeça do último cão, o meigo cão veio despedir-se dele *não me lembro do que queria dizer ruivo*, o pombo que ele caçou era de um azul de ardósia, mas agora ambos são brancos junto ao canal naquela noite o cheiro das árvores *oh não fiz? quis perder naquela noite APANHA uma onda entre casas*, do outro lado de uma rua, ambas as casas são navios, um deles está de partida para uma longa, importante viagem, e a ondulação está cheia de sossego e de afeição APANHA últimas palavras do Blicero: «A aresta da noite... a longa curva de pessoas todas elas pedindo desejos à primeira estrela... Lembra-te sempre daqueles homens e mulheres ao longo dos milhares de quilómetros de terra e de mar. O verdadeiro momento de sombra é o momento em que vês o ponto de luz no céu. O ponto único, e a Sombra que acabou de recolher-te no seu rasto...»

Lembra-te sempre.

A primeira estrela paira entre os pés dele.

Agora —

DESCIDA

As ritmadas salvas de palmas ressoam dentro destas paredes, que são duras e lustrosas como carvão: *Vá-lá! Comecem-a-sessão!* *Vá-lá! Comecem-a-sessão!* O ecrã é uma página turva aberta diante de nós, branca e silenciosa. A película partiu-se, ou queimou-se uma lâmpada do projector. Foi difícil mesmo para nós, velhos fãs que sempre fomos ao cinema (não fomos?) dizer qual das duas sucedeu antes de a treva se vir instalar. A última imagem foi demasiado imediata para que algum olho a registasse. Poderá ter sido uma figura humana, sonhando

com um início de noite em cada grande capital luminosa o suficiente para lhe dizer que ele nunca morrerá, saindo para o exterior para pedir um desejo à primeira estrela. Mas aquilo *não era uma estrela*, aquilo estava a cair, um brilhante anjo da morte. E na obscurécida e medo-nha expansão do ecrã algo se manteve, um filme que não aprendemos a ver... é agora um plano aproximado do rosto, um rosto que todos nós conhecemos —

E é mesmo aqui, mesmo neste escuro e silencioso fotograma, que a bicuda ponta do Foguete, caindo a quase um quilómetro e meio por segundo, absolutamente e para sempre sem som, atinge o seu último hiato incomensurável por cima do telhado deste velho teatro, o último delta-t.

Há tempo, caso preciséis de tal conforto, para tocardes a pessoa que estiver ao vosso lado, ou para pordes a mão entre as vossas próprias pernas frias... ou, caso a canção tenha de chegar até vós, eis aqui uma que Eles nunca ensinaram ningüém a cantar, um hino do William Slothrop, há séculos esquecido e jamais reimpresso, para uma simples e agradável ária desse período. Segui a bolinha saltitante:

Há um Ponteiro para virar o tempo,
Embora teu Relógio seja hoje gerido,
Até que a Luz que tornara as Torres baixas
Encontre o último e pobre Preterido...
Até que os Cavaleiros durmam em cada estrada,
Na nossa Zona em que nada medra,
Com um rosto em cada encosta de montanha,
E uma Alma em cada pedra...

Agora todos —

ÍNDICE

1 Para além do Zero	9
2 <i>Un Perm' au Casino</i>	247
3 Na Zona	379
4 A Contraforça	829



BERTRAND EDITORA

Rua Professor Jorge da Silva Horta, n.º 1
1500-499 Lisboa

Telefone: 217 626 000
Fax: 217 626 150

Correio eletrónico: editora@bertrand.pt